UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

DOUTORADO EM FILOSOFIA

João Carlos Salles Pires da Silva

A Gramática das Cores em Wittgenstein

(Volume 1)

Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de Filosofia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, sob a orientação do Prof. Dr. Arley Ramos Moreno.

0912138

- Campinas, 1999 -

CENTRAL

UNIDADE BC
N.º CHAMADA:
V. 01 E.
TOMBO 37876
PROC. 229/99
C D X
PREÇO R$ 11,00
DATA 11/06/99
N.º CPD

CM-00134300-7

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA DO IFCH - UNICAMP

Si 38 g

Silva, João Carlos Salles Pires da
A gramática das cores em Wittgenstein / João Carlos Salles Pires da Silva. - - Campinas, SP : [s.n.], 1999.

Orientador: Arley Ramos Moreno.
Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Wittgenstein, Ludwig, 1889-1951. 2. Goethe, Johann Wolfgang von, 1749-1832. 3. Cores. 4. Necessidade (Filosofia). 5. Fenomenologia. 6. Campo visual. I. Moreno, Arley R. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

João Carlos Salles Pires da Silva

A Gramática das Cores em Wittgenstein

Este exemplar corresponde à redação final do volume 1 da tese submetida à comissão julgadora em ____/____/____.

Banca:

Prof. Dr. Arley Ramos Moreno

Prof. Dr. Bento Prado de Almeida Ferraz Júnior

Prof. Dr. Carlos Alberto Ribeiro de Moura

Prof. Dr. Oswaldo Giacoia Júnior

Prof. Dr. Paulo Roberto Margutti Pinto

a **Pedro,**
com quem aprendo a ver cores.

agradecimentos

Não é difícil registrar o quanto esta tese deve a meu orientador, o Prof. Dr. Arley Ramos Moreno. Como ela abriga um constante esforço por responder a seu exemplo e dedicação, torna-se ela própria uma expressão natural e exata de agradecimento e dívida. Resta-me esperar que tenha logrado uma semelhança de família.

Agradeço também aos membros da banca de qualificação, os Profs. Drs. Carlos Alberto Ribeiro de Moura e Michael Beaumont Wrigley, cuja leitura foi um precioso critério para a identidade deste trabalho final.

Este trabalho não teria sido possível sem a liberação de minhas atividades no Departamento de Filosofia da Universidade Federal da Bahia. Agradeço, portanto, o apoio de meus colegas de departamento (alguns deles ora aposentados, como os amigos Delmar Schneider, Fernando Rego e Ubirajara Rebouças). Tampouco teria sido possível sem o benefício da bolsa concedida por quatro anos pelo PICD-CAPES-UFBa.

SUMÁRIO

Volume 1

Resumo 7
Abstract 9

APRESENTAÇÃO
A gramática das cores na obra de Ludwig Wittgenstein 12

INTRODUÇÃO
O quadrado e o círculo 26
Alguns problemas fenomenológicos 55

PRIMEIRA PARTE
6.3751 73
Cor e exclusão 93
Linguagem e campo visual 124
O octaedro das cores 143

SEGUNDA PARTE
Necessidade e experiência 170
'Ver' e 'ver como' 227

TERCEIRA PARTE
O paradoxo de Goethe 260
O verde avermelhado 284
A transparência do branco 308

CONCLUSÃO
O exemplo e a alegoria 337

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 353

Volume 2 - Apêndices

APÊNDICE I

Bemerkungen über die Farben/Anotações sobre as Cores de Ludwig Wittgenstein 5

1. Apresentação 6

2. *Bemerkungen über die Farben* 19
   - 2.1. *Bemerkungen über die Farben I* 20
   - 2.2. *Bemerkungen über die Farben II* 35
   - 2.3. *Bemerkungen über die Farben III* 38
   - 2.4. *Bemerkungen über die Farben IV* 107

3. *Anotações sobre as Cores* 109
   - 3.1. *Anotações sobre as Cores I* 110
   - 3.2. *Anotações sobre as Cores II* 129
   - 3.3. *Anotações sobre as Cores III* 132
   - 3.4. *Anotações sobre as Cores IV* 203

4. Fotocópias de manuscritos de Wittgenstein 205

APÊNDICE II

Considerações sobre o Texto das *Bemerkungen über die Farben* 218

APÊNDICE III

A Confissão de Hume 237

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 257

resumo

Nosso objeto é a gramática das cores na obra de Ludwig Wittgenstein (1889-1951). Dirigimo-nos, portanto, às relações internas entre cores e não às relações externas entre pigmentos, raios luminosos, processos retinianos, que interessariam precipuamente a físicos, fisiólogos ou psicólogos. Desse modo, enquanto estudo sobre uma investigação filosófico-gramatical, nossa atenção se volta para o uso normativo de palavras descritivas da experiência cromática, perfazendo tal uso uma tarefa característica de uma fenomenologia, na medida em que seu alvo são as condições de sentido e não a verdade da percepção.

O modo original de Wittgenstein de tratar a identidade da cor logra definir-se apenas em um percurso extenso, cujos pólos são, por um lado, a tentativa de resolver, de 1929 a 1932, um impasse contido no *Tractatus* (explicitamente, no aforismo 6.3751) e, por outro, a sofisticada composição final das *Bemerkungen über die Farben*, em 1950. Para enfrentar a tarefa de análise desses momentos, foi necessário o acesso a fontes bem mais extensas que as editadas e mesmo o restabelecimento de parte do corpus wittgensteiniano, mas isso comportou a vantagem de permitir-nos acompanhar o andamento da obra, o movimento de suas teses, recusando, na evidente e abundante reiteração, a rubrica fácil da latência, uma vez que a solução de certas questões (como a de um possível tratamento uniforme da incompatibilidade ampla e da restrita) resulta sobretudo de uma inflexão autoterapêutica da obra, com a introdução concorrente de novos recursos e conceitos, e não de um desdobramento.

Recusamos porém o discurso da latência e a continuidade não se torna por isso menos eloqüente, de modo que talvez nossa aventura com as cores possa ser assim sintetizada. Em resumo, mostramos por que Wittgenstein acreditou enfim necessário explorar o espaço das cores e como ele o fez extensa mas distintamente sobretudo nesses dois

momentos: quando do período inicial de seu retorno a Cambridge e em seus últimos anos de vida. Mas o percurso mesmo e, sobretudo, o detalhe desses seus momentos contrapostos são o fundamental. Assim, a tese evidencia seu modo enfim não fenomenológico de tratar de problemas fenomenológicos, de descrever relações internas dispostas à visão, e o sentido dessa sua negação de uma fenomenologia, cifrada no enunciado do paradoxo de Goethe.

O tema das cores coincide com a trama mais profunda da obra, tendo inclusive servido à maturação ou introdução de conceitos que lhe são essenciais. E, sem dúvida, os resultados específicos dessa investigação gramatical podem iluminar questões centrais da filosofia de Wittgenstein, como a natureza das relações internas e da necessidade, a autonomia da gramática e a relação entre jogos de linguagem e formas de vida. Assim, mais que uma alegoria, a cor é exemplo (e privilegiado) do movimento da obra inteira.

abstract

The object of study of this thesis is the grammar of colours in the work of Ludwig Wittgenstein (1889-1951). Thought is given, therefore, to the internal relationships between colours and not to the external relationships between pigments, light rays, retinian processes, which would be of interest mainly to physicists, physiologists or psychologists. Thus, as this study focuses on a philosophical-grammatical investigation, attention is turned to the normative use of descriptive words of the chromatic experience. Such use makes up a characteristic task of a phenomenology, as it aims at the conditions of the meaning and not of the truth of perception.

Wittgenstein's original way to deal with the identity of colours manages to define itself only along an extensive trajectory, whose poles are, on the one side, the attempt to solve, from 1929 to 1932, an impasse existing in the *Tractatus* (explicitly in the aphorism 6.3751), and, on the other side, in 1950, the final sophisticated composition of the *Bemerkungen über die Farben*. To face the task of analysing those moments, it was necessary to have access to many more extensive sources than to the ones already published. It was even necessary to restore part of the wittgensteinian corpus, but that had the advantage of allowing the reader to follow the progress of the work, the movement of his theses, refusing, in the evident and abundant reiteration, the easy rubric of latency, since the solution to certain issues (like the issue of a possible uniform treatment of the ample and the restrict incompatibility) results, especially, from an autotherapeutic inflexion of the work, with the concurrent introduction of new resources and concepts, and not from an evolution.

However, the discourse of lactence has been refused, but that does not make the continuity less eloquent, so that this adventure with colours might be thus summarised. In short, it has been shown why Wittgenstein

finally believed it necessary to explore the space of colours and how he did it, extensively but distinctively, especially at those two moments: at the early period of his return to Cambridge and in his last years of life. But the trajectory itself and, above all, the detail of those opposed moments of that trajectory are the fundamentals. Thus, this thesis shows his ultimately non-phenomenological way to deal with phenomenological problems (to describe internal relationships exposed to the sight) and it also shows the sense of his negation of a phenomenology, underlying the statement of Goethe's paradox.

The theme of colours coincides with the deepest frame of the work and it has even served to the maturation or introduction of concepts which are essential to it. And, undoubtedly, the specific results of this grammatical investigation may enlighten central issues of the philosophy of Wittgenstein, such as the nature of the internal relationships and the nature of necessity, the grammar autonomy and the relationship between language games and ways of life. Thus, more than an allegory, the colour is an example (and a privileged one) of the movement of the whole work.

APRESENTAÇÃO

a gramática das cores na obra de Ludwig Wittgenstein

> (In gewissem Sinne verlieren alle Dinge ihre Farbe wenn sie / durch die // in der // Sprache eingefangen werden.)
>
> Ludwig Wittgenstein[1]

1.

A palavra 'cor' (como 'número' e 'som') seria bem o título de um dos capítulos de nossa gramática, conquanto não deva ocorrer nele, pois a estrutura da cor apareceria em um tal capítulo resolvida e presente em um sem-número de proposições.[2] Uma tese sobre a cor e sua gramática, com a palavra 'cor' a pervagar todo seu texto, só não se torna assim expressão de absurdo o mais extremo em virtude de um natural deslocamento interpretativo: transformamos em objeto de estudo não exatamente a cor mas aquele movimento de sua obra por que Wittgenstein investiga, primeiro, a estrutura da cor e, depois, pura e simples, a lógica dos conceitos de cor.

O objeto deste trabalho é, por conseguinte, a reflexão de Wittgenstein sobre o uso normativo de palavras para cores, ou seja, sobre as regras

---

[1] *Wiener Ausgabe*, vol. 3, p. 27; MS 109, p. 47. No original das citações dos manuscritos ou de edições dos manuscritos, a singular pontuação (ou ausência de pontuação) de Wittgenstein será respeitada, bem como sua ortografia. Seguimos ainda na transcrição os mesmos critérios descritos na apresentação do texto restabelecido das *Bemerkungen über die Farben*, no segundo volume deste trabalho. O texto de Wittgenstein será, de preferência, apresentado em sua forma original, exceto ao citarmos anotações sobre cores de 1950, uma vez que esta tese está intimamente ligada a uma proposta de restabelecimento e tradução desses manuscritos. Por isso também, salvo indicação em contrário, quando nos referirmos em nota a *Bemerkungen über die Farben*, reportamo-nos à edição desse material em nosso apêndice.

[2] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, 225; MS 108, p. 99.

para o uso dessas palavras em saturação recíproca com o campo visual. A rigor, a gramática não seria da cor, senão de sua correspondente expressão lingüística, mas essa distinção é especiosa e nunca se deixa enunciar a contento, porquanto a gramática tampouco supõe alguma coisa que a expressão lingüística mal deixaria entrever ou adivinhar. De certo modo, portanto, a reflexão gramatical incide sobre coisas que, paradoxalmente, perdem sua cor quando passam a ter cores, ou melhor, quando ter cor é estar determinado por padrões para o uso correto de expressões descritivas de nosso campo visual.

Ao centrar-se sobre um uso normativo, uma gramática das cores não é um subterfúgio de quem pretenda capturar em palavras algo como a experiência ela própria, embora esta tentação (ou a afirmação de sua impossibilidade) seja fonte de embaraços freqüentes.[3] Afinal, nesse campo em que a aparência parece recusar qualquer tradução adequada e ser a fonte última de qualquer possível significação, a própria autonomia da gramática encontra um autêntico desafio. Consoante com fortes imagens, tudo nesse caso extremo parece depender de como é o mundo, sendo decorrente uma geometria cromática de uma pretensa natureza da cor. Procuramos, então, com Wittgenstein, tanto afastar a interferência de ingredientes hipotéticos de diversa ordem como discernir um campo específico para o interesse filosófico, pois uma investigação gramatical sobre cores, não podendo ser satisfeita pela descrição de suas propriedade externas, não pode, também ela, depender do que aprendemos por olhar. Sua investigação comporta antes o problema: Qual a gramática da cor, de sorte que esteja para a cor como a aritmética está para os números?[4]

---

[3] De uma tentação assim não escapou eventualmente sequer o próprio Wittgenstein: "Die Gefahr die darin liegt Dinge einfacher sehen zu wollen als sie in Wirklichkeit sind, wird heute oft überschätzt. Diese Gefahr besteht aber tatsächlich in höchstem Grade in der [phänomenologischen] Untersuchung der Sinneseindrücke. Diese werden immer für *viel* einfacher gehalten als sie (in Wirklichkeit) sind." (Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 233; MS 108, pp. 115-116.)

[4] Cf., por exemplo, Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 233; MS 108, p. 115.

Modelos cromáticos (instrumentos de descrição, cuja arbitrariedade deve ser tomada como um primeiro testemunho em favor de sua autonomia)[5] são analisados por Wittgenstein de forma minudente, porquanto neles encontra uma representação panorâmica de regras gramaticais acerca do emprego dessas expressões que descrevem nossa percepção.[6] Como a essência expressa-se na gramática, as observações gramaticais de Wittgenstein sobre cores (em parte, análise do conjunto de regras que a forma dos modelos exibe) devem especificar o que faz sentido dizer com palavras para cores e, logo, que espécie de objeto uma cor pode ser. Por isso mesmo, Wittgenstein dirá enfim que investiga a lógica dos conceitos de cor, pois, em se tratando de lógica, estão em jogo regras para o uso das palavras e, portanto, "verdades" tão-somente gramaticais, sem que, nessa perspectiva derradeira, se possa necessariamente enfeixar tais regras em uma única gramática.[7]

Se uma linguagem fenomenológica é descrição da percepção sensível imediata sem qualquer ingrediente hipotético,[8] o tratamento gramatical das relações internas entre cores (a exemplo de suas relações de incompatibilidade) herda e perfaz parcialmente o que seria a tarefa fenomenológica de uma outrora almejada linguagem primária.[9] Assim qualificada como gramatical a tarefa "fenomenológica", ela parece contudo envolver alguma redundância e exige um esclarecimento. A redundância está em que, *stricto sensu*, a natureza, digamos, de uma incompatibilidade não pode deixar de ser gramatical. Falar então da natureza gramatical de uma incompatibilidade, ampla ou restrita, é algo como falar da natureza gramatical de certas regras de sintaxe. Mas essa redundância vem a propósito, pois dá-nos a oportunidade de insistir, também com Wittgenstein, em mais um quase truísmo: ao nos referirmos a gramática e incompatibilidade, visamos a cores e não a pigmentos, luzes, processos fisiológicos, operações retinianas, etc. — entre os quais

---

[5] "The relevant sense in which grammar is arbitrary is also the sense in which grammar is autonomous." (Hacker, P. M. S., *Insight and Illusion*, p. 188.)

[6] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 220; MS 108, p. 89.

[7] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Zettel*, § 590.

[8] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 5, p. 133; MS 113, p. 244.

[9] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 5, p. 176; MS 114, p. 27.

só podem viger relações externas.[10] Não importando o quão metafórico ou quão mensurável seja o emprego do termo na descrição de laços empíricos, a "incompatibilidade" que podemos reconhecer entre pigmentos não tem a força de necessidade que interessa à filosofia, devendo ser afastada qualquer consideração causal.

A licitude de ambos os empreendimentos, o filosófico e o científico, não deve delir a diferença radical entre eles. Por sinal, em janeiro de 1930, Friedrich Waismann lembra que alguns psicólogos então submetiam a exame experimental a questão: Podemos ou não ver duas cores no mesmo lugar do campo visual? Também uma tal investigação seria possível — responde Wittgenstein —, mas antes de apresentar uma resposta é preciso saber o que estamos perguntando.[11] E Wittgenstein decerto não procura responder ao que todavia podem legitimamente perguntar físicos, psicólogos ou antropólogos, pois ao filósofo interessa a coloridade, subtraindo ao olhar o que parece originar-se da experiência da visão ou ter nela seu critério.

Wittgenstein cedo percebeu que a gramática perfaria os objetivos de uma fenomenologia, até enfim reconhecer a necessidade de negar uma qualquer fenomenologia, inclusive para melhor enfrentar ou dissolver legítimos problemas fenomenológicos. De outro modo, aliás, não poderia estar certo de atingir a gramática profunda e talvez heterogênea das palavras para cores, a saber, a que se refere às possibilidades combinatórias distintas tendo por critério seu uso geral no interior da linguagem — com o que a atividade filosófica caracteriza-se ainda mais como gramatical, pois não se dirige exatamente aos fenômenos mas antes às possibilidades dos fenômenos. Não se deve esperar que uma consideração gramatical resulte na apreensão de fatos novos, de uma natureza sublime. Se tem um objetivo, não é o de abastecer-nos com novas verdades, com novas explicações. A investigação gramatical apenas afasta os mal-entendidos associados ao uso das palavras;[12] e,

---

[10] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 1, p. 24; MS 105, p. 90.
[11] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Wittgenstein und der Wiener Kreis*, p. 79.
[12] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Philosophische Untersuchungen*, § 90.

preservando o propósito de uma consideração não-hipotética,[13] ela não traz uma nova luz aos problemas submetendo-os a uma explicação mais poderosa ou econômica: "es ist vielmehr für unsere Untersuchung wesentlich, daß wir nichts *Neues* mit ihr lernen wollen. Wir wollen etwas *verstehen*, was schon offen vor unsern Augen liegt. Denn *das* scheinen wir, in irgendeinem Sinne, nicht zu verstehen."[14]

Por conta de sua natureza gramatical e mesmo de seu interesse estratégico para este trabalho, uma vez que seu tratamento nele ocupará um posto central, uma distinção mencionada acima deve ser logo detalhada, qual seja, a distinção entre incompatibilidade ampla e incompatibilidade restrita.[15] Sob o ângulo da incompatibilidade ampla, as cores são consideradas como um sistema unilateral e contínuo, não tendo sentido dizer de um ponto do campo visual que ele seja, ao mesmo tempo, vermelho e verde. Mas, nesse caso, a interdição é ampla, pois a afirmação de que seja vermelha uma mancha exclui todas as outras possibilidades de mesma coordenação cromática. Sendo vermelha de sempre certo e preciso matiz, não pode sequer ser também de um vermelho um pouco mais claro, ou vermelha e rosa. Esclarecedora da natureza da incompatibilidade ampla é a solução que, em certo momento, Wittgenstein lhe oferece, pois escande o problema em exemplos substituíveis por quaisquer outros que envolvam uma gradação:[16] com tais enunciados de descrição completa, uma proposição nunca seria contraposta sozinha à realidade. Acostaríamos à realidade sempre sistemas inteiros; com isso, compreenderíamos uma proposição sobre cores do exato modo com que, ao dizermos de alguém que tenha

---

[13] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Philosophische Untersuchungen*, § 109.

[14] Wittgenstein, Ludwig, *Philosophische Untersuchungen*, § 89.

[15] Este esclarecimento é aqui importante, pois o modo como esses tipos diversos de incompatibilidade encontram enfim um tratamento uniforme é uma das questões centrais da tese, associando-se nesse movimento a uma crítica cada vez mais radical de uma certa fenomenologia. Ambas as questões fornecer-nos-ão uma boa pista acerca da unidade do pensamento de Wittgenstein, se determinada pelo signo da latência ou, conforme acreditamos, dependente dos auspícios de sua perspectiva ulterior, de modo que, ao conformar-se como obra, a casa acabada e inteira esteja a sustentar os alicerces.

[16] Cf., e. g., Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 1, p. 21; MS 105, pp. 78-80.

1,50m de altura, sabemos *ipso facto* que não pode ter 2 metros — e, com esse "não pode", temos em conta relações internas.[17]

É, porém, em outro sentido que dizemos de uma mancha que ela não pode ser verde avermelhada. Há no caso uma incompatibilidade do verde com o vermelho, restrita ao vermelho, significando que estas palavras *não podem* descrever juntas fragmento algum do mundo — como de resto as combinações 'azul amarelado', 'cinza luminoso', 'branco transparente' ou mesmo 'violeta alaranjado'. Entre o verde e o vermelho não há um vazio físico, senão um geométrico.[18] Caso pretendêssemos negá-lo, nossa geometria específica do espaço das cores, nossa representação de sua forma, daquilo que expressa tanto as relações possíveis como a margem de liberdade com que contamos para combinar palavras relativas aos fenômenos, nossa gramática das cores, enfim, seria por completo desrespeitada, com o resultado notável de não enunciarmos por isso sequer proposições falsas. Enunciaríamos apenas expressões desprovidas de sentido.

2.

Wittgenstein ocupou-se do tema das cores por toda sua obra.[19] São freqüentes os exemplos, as associações, as digressões. Entretanto, é excepcionalmente extensa e teoricamente decisiva sua atenção ao tema em dois momentos. A tese pretende expor e confrontar sobretudo essas duas explorações de Wittgenstein em meio ao espaço das cores, posteriores ambas a um impasse no *Tractatus* (em especial, no aforismo 6.3751). Esses momentos (as reflexões realizadas com seu retorno à

---

[17] Cf., e. g., Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, pp. 158-159; MS 108, pp. 52-54.

[18] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Philosophie der Psychologie*, II, § 423.

[19] A obra vindica plenamente nosso recorte temático, pois dá conta das tarefas específicas (necessárias e também suficientes) a uma tese cujo objeto são as cores. Há nela uma reflexão abundante, persistente e consistente sobre cores (considerações sobre círculos cromáticos, cores primárias, etc.), defrontando-se ademais com confusões filosóficas típicas, que labora por superar (como a ligação essencial entre cor e extensão). Para tanto, oferece-nos como fonte primária um farto e nada dócil material de milhares de parágrafos sobre o tema, pouco acessível sem o devido preparo, garimpagem ou retificação — o que redunda em um motivo a mais para nossa escolha.

atividade filosófica em Cambridge, entre 29 e 32, e as bastante refinadas anotações sobre as cores de 1950) têm decerto características em comum. Ambos se dirigem a cores e não a pigmentos, isto é, voltam-se ao fenômeno cromático ele mesmo, e isso por recurso às palavras descritivas de nosso campo visual. Ambos os momentos, portanto, lidam com legítimos problemas fenomenológicos, procurando analisar proposições que expressam propriedades e relações internas às cores, com o cuidado filosófico comum de separá-las de proposições da ciência. Também se torna clara, por volta de 30 como em 50, a preferência de Wittgenstein pelo mesmo modelo cromático (o octaedro) e a recorrência de um elenco comum de questões, a exemplo da definição de uma cor primária e o concomitante esclarecimento da incompatibilidade restrita entre o verde e o vermelho.

Por outro lado, também são claras as diferenças, sendo em decorrência muito diverso até o papel do octaedro das cores. Retomando sua atividade, Wittgenstein primeiro esboça o projeto de uma linguagem fenomenológica, em decorrência de um impasse não resolvido no *Tractatus*. E, com a recusa de uma linguagem primária ainda em 1929, dirige sua atenção para os aspectos gramaticais da linguagem ordinária que poderiam perfazer a exposição das condições de possibilidade de enunciados sobre os dados dos sentidos, constituindo-se na gramática das proposições da física. Em 1950, todavia, Wittgenstein entra em confronto com o próprio projeto de uma qualquer fenomenologia, radicalizando ainda mais sua crítica ao essencialismo do *Tractatus*, inclusive quanto à distinção entre o necessário e o empírico.[20]

Em um jogo de fundo e figura ou em um movimento autoterapêutico, as posições de Wittgenstein no *Tractatus*, em 30 e em 50 tematizam-se mutuamente. Situam-se ademais no mesmo campo de uma crítica da linguagem que nunca é simplesmente uma crítica da insuficiência da linguagem. Apesar disso, seria empobrecer e talvez falsear o sentido de

[20] Não negligenciando a diversa ocorrência, as transformações do tema por toda a obra, o tratamento das cores concomitante ou posterior à demorada redação das *Philosophischen Untersuchungen* foi privilegiado, mas esse privilégio reside apenas em ser este o centro de gravidade da tese, não se traduzindo sequer em um quinhão maior de páginas.

suas proposições (por parecidas que o sejam) colocá-las sob a lei de estrita continuidade — em particular, sob a imagem de uma latência. Melhor, sem dúvida, é considerar nesses momentos a mudança de aspecto. Não negamos com isso que a reiteração de temas e exemplos relativos a cores possa sugerir a idéia de uma latência da obra futura na estrutura mais profunda do *Tractatus*. Entretanto, como veremos, o erro do discurso da latência é não se deixar surpreender jamais, é confundir o que vale para a atitude filosófica correta (a saber, que não precisamos esperar nada, que não haja descobertas em filosofia e, logo, que tudo já esteja presentemente dado no domínio da gramática de nossa linguagem ordinária) com o estado de espírito dogmático do *Tractatus*, para o qual tudo já estava dado mas no modo singular de haver perguntas cujas respostas apareceriam mais cedo ou mais tarde, pois já teríamos o caminho por onde encontrá-las. O discurso da latência faz-se tão íntimo do *Tractatus*, pretende de modo tamanho confundir-se com a tensão intelectual que o produziu, que não mais se lhe pode escapar. E torna assim o espírito que o atravessa em modo de leitura.[21]

A semelhança de família entre os momentos da obra é deveras notável, sendo-lhes ainda comum a concepção de uma atividade filosófica que jamais se realiza pelo enunciado de proposições filosóficas. Entretanto, como resultado das duas diversas explorações do espaço das cores, alguns contrastes se apresentam e serão explorados em detalhe, como (1) o diverso tratamento do campo visual, contexto ineludível de qualquer tratamento da cor, mas que assume enfim a forma de uma análise também gramatical do 'ver' e do 'ver como', (2) a diferente concepção de um convencionalismo, derivada da presença ou não de certos recursos metodológicos, com os quais sua arbitrariedade característica deixa de empecer uma ligação interna entre linguagem e ação, e (3) o contraste entre a procura de uma fenomenologia, no primeiro momento, e sua negação radical, que encontramos cifrada no paradoxo de Goethe. Dadas

[21] Daí o dogmatismo de que se acusa o próprio Wittgenstein, admitindo estar atravessado o *Tractatus* pela "Auffassung, als gäbe es Fragen, auf die man später einmal eine Antwort finden werde. Man hat das Resultat zwar nicht, denkt aber, daß man den Weg habe, auf dem man es finden werde." (Wittgenstein, Ludwig, *Wittgenstein und der Wiener Kreis*, p. 182.)

tais diferenças, mesmo atitudes que se preservam (como a semelhante atenção às relações internas) devem ser matizadas.

A prioridade concedida a esse tema específico é, assim, não só o modo de a tese ter uma identidade e ser útil: é sobretudo o seu modo de ir diretamente ao ponto no contexto ineludível da obra. Não que a tese possa ou queira dar conta da obra inteira; entretanto, através das cores, ela também cuida da inteireza da obra, sendo chamada a depor por seu intermédio sobre questões bem mais amplas, como a natureza de nossos enunciados que envolvem necessidade. Por isso, ao enfocar e contrapor sobretudo dois momentos: aquele em que a gramática perfaz a tarefa de uma linguagem primária, fenomenológica, e aquele em que a investigação gramatical supõe já a negação de uma qualquer fenomenologia, nossa tese sobre cores obriga-se a traduzir (ou inadvertidamente traduz) o inteiro andamento da obra. Desse modo, com o paradoxo de Goethe, podemos flagrar a inflexão que a obra realiza sobre si mesma, permitindo-nos também compreender uma proposição que reflete sobre o específico de um confronto com a fenomenologia de Goethe como uma proposição que traduz o longo percurso terapêutico da obra. E o exemplo coincide com a melhor alegoria.

3.

Além da conclusão, de seus apêndices,[22] da introdução e desta apresentação, a tese se divide em três partes. Esboçemos, pois, um seu brevíssimo roteiro, indicando de modo sumário algumas questões que terão lugar nos capítulos seguintes.

---

[22] Os apêndices I e II encontram extensa e apropriada explicação de sua importância no texto da "apresentação" do apêndice I, volume 2 desta tese. No apêndice III ("A Confissão de Hume"), temos outra abordagem introdutória a embaraços filosóficos típicos com o tema das cores. No caso, através de um exemplo particular da história da filosofia, valioso por ilustrar um problema fenomenológico mesmo fora dos limites naturais de uma fenomenologia, exploramos um provável sintoma de limites do paradigma indiciário do empirismo clássico.

A **"Introdução"**, dividida em dois capítulos, oferece-nos aproximações independentes ao tema, embora inteligíveis de preferência em conjunto. Dada a clara função terapêutica da filosofia do último Wittgenstein, pareceu-nos conveniente começar, em "O Quadrado e o Círculo", espalhando algumas imagens ou confusões freqüentes na abordagem filosófica do tema das cores, ou nossa exposição seria uma engrenagem ociosa. Por outro lado, cabia dar um exemplo de um modelo cromático, destacando em seguida o que neles interessou a Wittgenstein — tal exposição, claramente parcial e algo didática, pode facilitar bastante a leitura de passagens da tese em que proliferam proposições estranhas sobre círculos, primárias, cores mistas, etc. Enfim, lançamos nesse mesmo capítulo um olhar sobre o *corpus* wittgensteiniano relativo às cores e sobre a importância e o sentido de contar com o espólio.

Em quase toda introdução é difícil discernir entre o que prepara a tese e o que dela resulta, pois a introdução em geral compete com a conclusão que antecipa e, por conseguinte, complementa. Se isto é em regra geral assim, é tanto mais evidente em "Alguns Problemas Fenomenológicos", outra abordagem introdutória, na qual refletimos sobre o sentido do termo 'fenomenologia' para Wittgenstein e a permanência de temas fenomenológicos, destacando a não latência mesmo de temas que persistem por toda obra, como as relações internas e o simples. A introdução comporta assim duas partes: em "O Quadrado e o Círculo" temos sobretudo em conta a peculiar posição de Wittgenstein em relação ao tema na história da filosofia, sua persistente e aprofundada recusa em tratar o que é próprio da atividade filosófica com os expedientes da ciência, enquanto em "Alguns Problemas Fenomenológicos", antecipando de maneira imprecisa resultados do confronto entre as explorações do *Farbenraum*, temos em conta a posição da gramática das cores na história de sua obra, mostrando como, em meio a uma motivação comum, à reiteração de alguns temas, a unidade da obra cifra-se de preferência por meio de uma mudança de aspecto.

Na **"Primeira Parte"**, centramo-nos na primeira exploração do espaço das cores. Assim, em "6.3751", é primordial a questão da incompatibilidade ampla; ela de fato tem seu foco nesse aforismo do *Tractatus*, sendo em

vários momentos comentada e revista por Wittgenstein. Um desses momentos, célebre inclusive pelo acaso da publicação, é o texto "Some Remarks on Logical Form", comentado em "Cor e Exclusão". Em "O Octaedro das Cores", finalmente, após o abandono do projeto de uma linguagem primária (analisado em "Linguagem e Campo Visual"), chegamos à afirmação da coincidência entre fenomenologia e gramática. A exploração do espaço das cores é então plena, ou seja, caracteriza-se por não mais poder ser substituída por exemplos outros que apenas envolvam gradação, pois relativa agora ao tema das incompatibilidades restritas.

A **"Segunda Parte"**, sem submeter-se a qualquer encadeamento unilateral, oferece-nos elementos para notar a diferença, para apreciar como a introdução concorrente de novos recursos metódicos prepara e condiciona o derradeiro retorno de Wittgenstein ao tema das cores. Neste sentido, ela alude, de modo sumário, a rubricas fundamentais, como jogos de linguagem, paradigma, regra e aspecto. Com isso, em "Necessidade e Experiência", refletimos sobre uma clara herança da primeira exploração do espaço das cores, qual seja, o estatuto arbitrário da convenção — resultado de uma autonomia gramatical ainda precária, quando falta à arbitrariedade uma forma não-gratuita pela qual linguagem e realidade mantenham um laço íntimo. Refletimos ademais sobre laços internos entre linguagem e realidade, quando, diante de um problema fenomenológico, parecer e ser não se distinguem. Em seguida, encontrar-se-á em jogo o possível tratamento uniforme da incompatibilidade ampla e da restrita, isto é, a relação, tão-só possível segundo esses novos recursos, entre o impasse de 6.3751 e algo como a impossibilidade de um verde avermelhado. Esse percurso será decisivo, pois, oferecendo-nos uma nova apresentação ao problema da necessidade, mediante uma enriquecida abordagem da autonomia da linguagem, Wittgenstein pode superar certas tentativas verificacionistas do círculo de Viena de simples exorcismo do sintético a priori. Desse modo, poderemos considerar mais em detalhe a ligação entre linguagem e experiência (sob o aspecto da necessidade) e o significado desse "convencionalismo" Wittgenstein.

Em "'Ver' e 'Ver Como', ou por que não vemos isto ■ como vermelho", Wittgenstein mostra-se inserido em uma polêmica característica da tradição austro-germânica: o confronto entre nativistas e empiristas, que contrapôs a psicologia da Gestalt à obra de Helmholtz. Como todo discurso sobre a cor parece solicitar ou pressupor um discurso sobre o campo visual e sobre a percepção, não é de estranhar que encontremos, em diversos momentos da obra, a afirmação de algum vínculo. Nesse capítulo, examinamos essa sua forma derradeira, a da gramática das expressões 'ver' e 'ver como'. Situado nesta segunda parte o exame da gramática do ver, ele prepara e condiciona a nova abordagem da cor – devemos pois supor um contraste com a antiga leitura da autonomia do campo visual, tal como apresentada em nossa primeira parte, quando Wittgenstein ainda almejava uma linguagem primária ou, ao menos, uma fenomenologia.

Na **"Terceira Parte"**, centro de nossa tese, tentamos decifrar o sentido específico do paradoxo de Goethe, isto é, do fato de Goethe (também ele pintor e malgrado sua eleição do olhar do pintor como autoridade preferencial para questões fenomenológicas) não ter podido, segundo Wittgenstein, escrever para pintores. Eis o aspecto a ser notado: os manuscritos 172, 173, 176 e 169 do espólio de Wittgenstein, redigidos em 1950 e editados em parte como *Anotações sobre as Cores*, também podem ser iluminados por uma importante relação entre os parágrafos 73 e 53 do manuscrito 176, qual seja, a relação entre não ter Goethe escrito para pintores e não haver uma fenomenologia (apesar dos muitos e legítimos problemas fenomenológicos). A investigação da lógica dos conceitos de cor adquire, nesse momento, uma tonalidade particular, enfrentando com vigor aspectos da incompatibilidade restrita, ora antigos (como a impossibilidade de um verde avermelhado) ora novos (como a negação de um branco transparente). Veremos então que, assim para Wittgenstein como para toda uma extensa tradição de estudos sobre a percepção, o tema das cores constituiu-se em campo onde se decidia a possibilidade mesma de uma fenomenologia, cuja negação, no contexto agora das *Bemerkungen über die Farben*, é mais uma vez enunciada. Com isso, do ponto de inflexão de sua obra derradeira e de um possível tratamento uniforme da incompatibilidade ampla e da restrita, evidencia-se uma

clara ligação entre essa investigação particular e todo o trabalho do filósofo.

Na **"Conclusão"**, o natural e breve cômputo de alguns dos resultados logrados ou malogrados nessa análise da reflexão de Wittgenstein sobre proposições gramaticais (no caso, as relativas ao espaço das cores). Enredado nas muitas obrigações que os considerandos anteriores suscitam, este trabalho pretende ser uma tese sobre a lógica dos conceitos de cor segundo Wittgenstein — uma forma de acesso a sua obra que julgamos privilegiada, pois nela as cores não figuram como o recurso freqüente de Wittgenstein àquela sua analogia entre a linguagem e o jogo de xadrez. Que tenha relevância filosófica o tema das cores, isso também se evidencia por não aparecerem como mero *Gleichnis*. As referências a elas, exceto em raros momentos, não são metafóricas, como se fossem analogias elucidativas. Não se limitam a uma forma de abordagem, sendo antes um problema autêntico. Por esse tema, decide-se acerca da continuidade e da unidade da obra e, por conseguinte, assinala-se o lugar de Wittgenstein em uma tradição bastante extensa. Com efeito, o jogo de xadrez é um *Gleichnis* (e é verdade que um bom *Gleichnis* refresca o entendimento).[23] Bem mais que isso, a cor é exemplo.

[23] "Ein gutes Gleichnis erfrischt den Verstand." (Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 1, p. 183; MS 105, p. 73.)

INTRODUÇÃO

o quadrado e o círculo

Farben regen zum Philosophieren an.

Ludwig Wittgenstein[24]

1.

As cores estimulam o filosofar, mas costumam embaraçar o filósofo. Muitos são os registros de tal embaraço, da resistência dos fenômenos cromáticos a um enquadramento teórico, como se lâmina tão tênue, comum ao território do ser e ao da aparência, pudesse desafiar e sempre confundir quantos a considerem manifestação a mais empírica ou a acreditem expressão de pura necessidade. A princípio, não nos parecem oferecer dificuldade quer sua identidade, quer o próprio fato de atribuirmos cores a objetos, com vários fins; entretanto, breve sentimos alguma resistência à reflexão, como se fora regido por leis severas e tivesse limites precisos um território antes livre e de puro hedonismo. E, nesse deslocamento, que torna enigmático um assunto deveras trivial, residem autênticos problemas filosóficos.[25]

Algumas razões para uma tamanha e constante resistência devem até ser rememoradas, se a ocasião mais natural para o filosofar é sempre alguma "mixture of trivialities and paradoxes".[26] A própria coleção de matizes não se mostra inocente, pois sua inteireza supõe já definido, ao lado da cor, algum estatuto para a coloridade, algum índice de semelhança entre fenômenos que a razão teima por vezes em considerar discretos. Nomear cores não é algo que se processe por um adicionar aleatório de elementos,

---

[24] *Vermischte Bemerkungen*, p. 544.

[25] Cf., por exemplo, no segundo volume desta tese, "A Confissão de Hume".

[26] Wittgenstein, Ludwig, *Philosophical Occasions: 1912-1951*, p. 450.

como se incorporássemos a um catálogo plantas novas, oriundas de um continente outrora desconhecido. Tampouco as batizamos como a objetos quaisquer, sem ordem e sem correlações, ou seja, para serem dessa ou daquela cor as coisas, parece preciso que, pelo menos, "centros de distorção" se constituam, planos de tradução estejam disponíveis e padrões tenham sido selecionados. Só assim podemos dizer azul uma cortina que vemos verde através de óculos amarelos, ou azul escuro um vestido que vemos negro em uma iluminação menos privilegiada. E, porque constituídos tais centros de distorção, certas cores indicariam menos um fragmento único do mundo e mais uma coordenada, ou jamais diríamos branca e limpa uma parede representada em um quadro por diversos tons acinzentados.[27]

Dispostas apenas à visão, as cores desafiam ainda a consideração filosófica por cifrarem uma experiência incomunicável. Com elas, a verdade da aparência, sem qualquer imaginável subterfúgio, seria colhida apenas em confronto com outra aparência, sendo ilícita a pretensão de fazer resultar alguma objetividade maior ou superior da confluência concordante de mais de um sentido. Desse modo, é delas inclusive subtraído o tradicional critério da preeminência do tato. Logo, se qualquer abstração já envolve dificuldades notáveis, a idéia abstrata de uma cor, que não seja uma cor qualquer, parece duplamente inconcebível, pois, sobretudo em seu caso, a imagem seria essencial à idéia. A suposição de uma dupla semântica está assim presente em quase toda consideração da cor. Os conceitos de cor, conquanto públicos, conservariam sempre uma face íntima, incomunicável, como sendo esse seu núcleo o mais essencial. Com a palavra 'azul' apreciaríamos em

---

[27] Cf. Price, H. H., *Perception;* em especial, o capítulo sobre as relações entre os *sense-data.* Aliás, esse livro de 1932, com toda sua deferência a Russell, Moore e Broad, deve interessar a quem pretenda investigar o vocabulário e os problemas para a abordagem da percepção típicos do *Trinity College.* Podemos bem reconhecer um ar de família, em contraposição aos problemas e métodos da tradição austro-germânica. Wittgenstein consegue, todavia, fazer figura de cidadão pleno mesmo em universos tão dessemelhantes. E, apesar das diferenças, não é estranho que, em 3/12/1946, tenha apreciado uma exposição de Price (então professor em Oxford), como o registra em carta a Moore: "Price at the last Mor[al] Sc[iences] Cl[ub] meeting was *by far* better than Austin had been. Price was willing to discuss important points." (Wittgenstein, Ludwig, *Briefwechsel mit B. Russell, G. E. Moore, J. M. Keynes, F. P. Ramsey, W. Eccles, P. Engelmann und L. von Ficker,* p. 288.)

conjunto um mesmo céu, embora nos alimentemos de uma sensação intransferível, da qual nenhum cálculo poderia prescindir e tampouco garantir a identidade. Quem fala sobre cores entraria pois em constante acordo sobre o que não pode comunicar, compartilharia aquilo cujo acesso é único, alienaria o inalienável.

Outra fonte do embaraço pode ser destacada: a relação indissolúvel entre propriedades da cor e propriedades da extensão. Sob esse aspecto, o tema das cores pode inclusive ser facilmente reconhecido como afim a problema filosófico genuíno e clássico, a saber, o atinente à distinção entre proposições da lógica e proposições empíricas. Como dissemos, parte do seu mistério residiria em que, à diferença da extensão (descritível, estruturada mesmo em sua particularidade, porque mensurável, passível de tradução quantitativa e dada a mais de um sentido), as cores (dadas a um único sentido) parecem abrigar-se em dimensão estritamente qualitativa, sendo cada qual simples e inanalisável.[28] A pretensão de reduzir a heterogeneidade ao quantitativo aboliria o elemento conceitual do problema,[29] pois, quando afirmamos que um círculo se parece mais com uma elipse do que com um quadrado, não o fazemos de modo algum tendo em conta as formas das equações que os representam. Do mesmo modo, não devemos supor que a maior semelhança entre vermelho e laranja possa ser encontrada, digamos, em um comprimento de onda. Uma tal redução não seria de interesse filosófico, salvo enquanto recurso para a invenção de assaz plausíveis situações fictícias (e. g., supor uma tribo com uma nomenclatura binária para cores ou uma outra que distinga, segundo sua causa ou em função

---

[28] Cf. a classificação das idéias de Locke: cores, por exemplo, um sentido; movimento e extensão, mais de um sentido; fé, por reflexão; prazer, todos os sentidos. O critério da distinção do simples é aqui causal e psicológico (Locke, John, *Ensaio acerca do Entendimento Humano*, Livro II, cap. III). Não à toa, alguns, como Putnam, procuram separar o critério psicológico da simplicidade do critério lógico de ser inanalisável (Cf. Putnam, Hilary, "Reds, Greens, and Logical Analysis").

[29] A incomensurabilidade entre o qualitativo e o quantitativo expressa-se, por exemplo, assim: "Um homem que jamais tenha visto alguma coisa vermelha não pode lograr uma representação dessa cor mediante qualquer definição de vermelho (tal como a feita por meio de ondas eletromagnéticas de determinado comprimento)" (Pap, Arthur, *Teoría Analítica del Conocimiento*, p. 262).

de um diverso sentido divinatório, o azul produzido por dispersão do produzido por espelhamento).

Podemos pensar em uma representação não visual de um polígono, mas, para a cor, a ostensão sói afirmar-se como único meio de acesso, sendo impossível uma forma comum de afiguração. E esse é quase um truísmo. Não obstante distinguir-se assim da extensão, a cor parece também, por outro lado, ligar-se sempre a ela, sendo-lhes por conseguinte essencial a indissociabilidade. Pensar uma cor sem extensão teria tanto sentido como pensar a matéria fora de uma conexão com o espaço e o tempo. "Cor e espaço saturam-se um ao outro."[30] Desse modo, o princípio cor/extensão estabelece e condiciona o espaço das cores, determina a cor como propriedade disposta ao olhar, significativa apenas entre os limites do branco e do preto (que, aliás, enquanto limites, não podem ser físicos e tampouco podem ser vistos). Logo, as proposições sobre cores serão proposições somente se contiverem alguma referência a um campo do espaço visual. Essa seria uma sua condição de possibilidade, uma cláusula na determinação de ser a proposição significativa.

Uma relação interna entre cor e extensão se apresenta e, com ela, certas interdições. Um ponto do espaço visual desprovido de cor, eis um exemplo de "proposição" *unsinnig*; um ponto do espaço ao mesmo tempo vermelho e azul, talvez uma "proposição" *sinnlos*. Entretanto, mesmo esse lugar-comum pode não se encontrar imune a dificuldades. Afinal, se cor e extensão estão essencialmente ligadas, se podemos afirmar com necessidade a conjunção "toda extensão no campo visual tem cor e toda cor extensão", não podemos, por isso mesmo, saber o que significam em separado, sem técnicas precisas, sem um mínimo vislumbrar de conteúdos empíricos. Afirmar que não haja extensão sem cor, se não quisermos "pensar" a proposição, dominar seu sentido por introspecção, só pode significar que todo e qualquer corpo a que possamos aplicar técnicas de determinação unívoca da extensão (não sendo talvez cabível imaginar corpos que o impeçam) permite a aplicação de métodos para determinação unívoca dos nomes de cor, pois não basta supor que, sem

---

[30] Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 1, p. 15; MS 105, p. 53.

que a possamos determinar, deva ter uma cor qualquer, uma vez que assim já estaríamos aplicando o princípio ainda em causa e antes de sua vindicação e entendimento.

Suposto tal laço indissolúvel, as representações do espaço das cores costumam ser calcadas na representação pura e simples do espaço. Com isso, certas confusões são imediatamente geradas entre, v. g., o que é percepção dos tons distinguíveis e a suposição de tons indiscerníveis, quantitativamente calculáveis, como seus intermediários. Chega-se, em decorrência, a afirmar a distinção entre os tons de azul que percebemos e o próprio azul, que não pode ocupar uma posição no octaedro como seus tons ocupam e, por isso, não pode ser visto.[31] Ora, não haveria em tudo isso uma soma considerável de ilusões filosóficas, de falsas idealizações? Por exemplo, não depende a determinação de uma cor de uma área sempre superior à suficiente para nossos conceitos de extensão? Não depende a cor sempre de um fundo? Uma cegueira não é sempre necessária à percepção, assim como, se não desprezássemos certas diferenças sonoras, se não ensurdecêssemos em alguma medida, jamais escutaríamos uma linguagem, não saberíamos selecionar sons significativos? Ou ainda: não se assentam confusões desse tipo na cegueira para a diferença gramatical entre as palavras que descrevem o campo visual e as que expressam a geometria do espaço euclidiano?

Outra dificuldade relativa às cores consiste em precisar o interesse conceitual e filosófico do que parece já ter encontrado resposta satisfatória no campo da física,[32] no da psicologia ou ainda no da

---

[31] Todo tom distinguível pode ser arrumado no octaedro; mas, pode haver outros tons vistos, embora indiscerníveis? Eles seriam, então, escreve Moore *em 1919*, intermediários entre distinguíveis ou talvez (como lhe teria sido sugerido por "W." — supõe-se por Wittgenstein) exteriores aos que formam a superfície do octaedro. Cf. Moore, G. E., *Commonplace Book, 1919-1953*, p. 21.

[32] Perante a consideração conceitual sobre o verde avermelhado, logo se apresentam, como autênticas alternativas, assemelhadas formulações científicas do problema, a exemplo da teoria da percepção segundo canais oponentes de Hurvich e Jameson e tentativas de refutação, como a de Crane e Piantanida. Para mostrar que o valor da contribuição de Wittgenstein não está na dependência das informações científicas de que dispunha, para mostrar enfim a singularidade de um trabalho filosófico, nada obsta que tenhamos também em conta informações que ele certamente desconhecia ou talvez pouco conhecesse; entretanto, nada nos obriga, por outro lado, a que nossas informações comportem a mais

antropologia, sendo difícil evitar a tentação de substituir uma indagação filosófica por uma resposta científica, ou de confundi-las,[33] embora o interesse filosófico das cores deva restringir-se ao uso normativo e não-hipotético dessas palavras descritivas de nosso campo visual. Parece haver uma história natural das cores, assim como há, sem dúvida, uma história natural da plantas.[34] São porém análogas, ou as proposições desta seriam temporais enquanto as daquela atemporais? Uma história natural das cores seria temporal, narraria sua aparição na natureza, sem contudo atingir sua *essência*;[35] neste sentido, respondendo negativamente à questão acima, aproximar-se-ia em muito de uma história natural das plantas, porque a "história natural das cores" capaz de distinguir-se é, *ipso facto*, pura gramática. Entretanto, a confusão de pontos de vista não é rara. Schopenhauer, por exemplo, ao apresentar seu modelo da produção retiniana da cor, oscila entre uma consideração puramente conceitual e o desejo de produzir uma teoria científica: a cor seria uma produção transcendental, laborada contudo na retina.

Qual um cientista, Schopenhauer deixou-se fotografar como se em pleno experimento científico. Podemos bem apreciar em suas fotos o ar de

---

recente palavra da ciência, porquanto não pretendemos responder à pergunta "O que é a cor?".

[33] Cf. Hardin, C. L., *Color for Philosophers: Unweaving the Rainbow* — obra que aliás mostra quão fecunda, posto que falsa, pode ser a objeção que veremos adiante formulada por Frank Ramsey.

[34] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, III, § 8. Wittgenstein refere-se decerto à *História Natural* de Plínio. Consoante com seu objetivo de discorrer sobre o conjunto do universo conhecido (pois "indagar sobre o que existe fora dele não interessa ao homem e a limitação da inteligência humana não consegue apreender"), Plínio dedicou 16 dos seus 37 livros à descrição dos vegetais, em especial, das plantas medicinais. Aliás, como há referências outras a Plínio (TS 221, p.145; MS 131, p. 181; MS 117, p. 11), é bem possível que também tenha agradado a Wittgenstein o livro VII da *História Natural*, dedicado ao estudo do homem, no qual Plínio "analisa não só as pessoas "diferentes" das demais por seu comportamento e suas atribuições (feiticeiros, antropófagos, andróginos, magos) como também aqueles que se destacam dos outros por peculiaridades físicas (gigantes, pigmeus, albinos, aleijados)" (Cardoso, Zélia de Almeida, *A Literatura Latina*, p. 178). São personagens que, *em certos jogos*, bem podem integrar sua legião de diferenças. Não obstante ser direta a alusão a Plínio, nela também ecoa a sugestão de um paralelo interior à obra de Goethe, que fez as vezes de cientista com cores e plantas. Talvez tenha sentido a procura de uma planta primordial, enquanto o fenômeno cromático primordial é uma quimera, uma vez que não são coisas as cores. Havendo contudo uma história natural das cores, essa será como a história natural das plantas, isto é, não será uma história de cores, senão uma de pigmentos, etc.

[35] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, III, § 135.

satisfação, uma contida ironia, um quase sorriso. Mais do que satisfazer alguma vaidade, Schopenhauer fazia cumprir-se um *experimentum crucis*, pois, não sendo então coloridas as fotos, comprovariam ser retiniana e independente da experiência a produção da cor. Por outro lado, orgulha-se do caráter filosófico e definitivo de sua contribuição; publica mesmo uma segunda edição de *Über das Sehn und die Farben*, quarenta anos após a primeira, e não crê que qualquer novo experimento possa modificar sua intuição original — embora, do ponto de vista científico, seu modelo já tivesse nascido ultrapassado, pois não consegue explicar de modo satisfatório todas as misturas ou localizar certas cores, sendo inferior experimentalmente ao de Thomas Young, que de resto lhe é anterior.[36] Além disso, julgando-se plagiado pelo jovem Helmholtz (que definira com clareza a síntese aditiva, apenas subentendida na operação retiniana), trata-o com desprezo: Helmholtz seria um mero cientista, e ele, o filósofo. E o filósofo e um cientista, afirma Schopenhauer, situar-se-iam no mesmo solo tão-só em sentido semelhante ao de também estarem em um mesmo solo o Mont Blanc e um buraco de toupeira.[37]

2.

Com o propósito de ilustrar a confluência de causas e razões na construção de um modelo qualquer do *Farbenraum* e de, por conseguinte, melhor exibir um campo específico de questões, sem ainda mostrar o

---

[36] "In contrast to the model of Thomas Young, Schopenhauer's model immediately breaks down if one tries to derive from it the results of mixtures of colors other than complementary colors. And in his color system there is no room for colors like purple or yellowish green." (Lang, Heinwig, "Color Vision Theories in Nineteenth Century: Between Idealism and Empiricism", p. 274.)

[37] "Sagen "er und ich ständen auf demselben Boden", ist wie sagen, der Montblanc und ein Maulwurfshaufen neben ihm ständen auf demselben Boden." (Carta de Schopenhauer a Julius Frauenstädt, citada por Hörz, Herbert, "Schopenhauer und Helmholtz: Bemerkungen zu einer alten Kontroverse zwischen Philosophie und Naturwissenschaft", p. 104.) Uma curiosidade: segundo considerações puramente filosóficas, embora Schopenhauer afirme (ao contrário de Goethe) haver complementares, as suas cores-frações, entre o 0 e o 1, não resultariam no branco — com o que temos uma analogia sedutora (mesmo se especiosa) entre o modelo das cores de Schopenhauer e o modelo do espaço lógico de Wittgenstein. Cf. Schopenhauer, Arthur, *Über das Sehn und die Farben*, p. 233 e Wittgenstein, Ludwig, *Tagebücher 1914-1916*, 11.6.1915, p. 151.

quão wittgensteinianas elas podem ser, tomemos uma representação do espaço das cores: o duplo cone de Wilhelm Wundt, com o qual, síntese de dados físicos e psicológicos, podemos apreciar a força de necessidade característica de tais modelos, mesmo quando regidos por coordenadas outras que não as da "harmonia". E podemos bem visualizar, na elegante exposição de Wundt, como a síntese de dados empíricos fecha-se em um sistema, afastando-se do próprio modelo qualquer casualidade.

O sistema cromático é tridimensional, porque confluência de sistemas correspondentes às diversas coordenadas da cor.[38] Há nele um sistema independente, unidimensional, disposto entre dois pontos, que, admitindo combinações significativas em qualquer proporção, deve ser considerado contínuo. Esse sistema só pode ser ele próprio não-colorido em sua extensão, ou as interdições cromáticas se transfeririam para ele. É um sistema ascendente, sendo a um só tempo de qualidade e de intensidade. Assim, a própria verticalidade não é gratuita, porquanto relativa à intensidade crescente ou decrescente. 'Puro' significa nessa coordenada "die Abwesenheit farbiger Empfindungen".[39]

---

[38] São freqüentes os indícios da familiaridade de Wittgenstein com informações (algumas triviais) da ciência da cor, como na questão diretamente ligada à representação do espaço das cores por um modelo tridimensional: "Wenn man glaubt sich einen 4-dimensionalen Raum vorstellen zu können, warum nicht auch 4-dimensionale Farben, das sind Farben die außer dem Grad der Sättigung, dem Farbton und der Lichtstärke noch eine vierte Bestimmung zulassen?" (Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 231; MS 108, p. 112.) Podemos inferir de índices assemelhados em suas anotações que Wittgenstein dispunha de informações abundantes sobre a ciência da cor, quando menos para produzir um ensaio razoável de divulgação científica, variando a natureza de sua informação desde o acessível através de um verbete de enciclopédia até detalhes bem mais sofisticados, como os referentes à causa da transparência ou à estrutura de alguns sistemas cromáticos. De qualquer maneira, as informações de Wittgenstein, mesmo se desiguais ou porventura inconsistentes, excedem o interesse próprio de um diletante, ultrapassando em muito o que se exigiria de um homem instruído em nosso século, a exemplo da própria lista que opõe à cor (pigmentum, Licht etc.), mostrando conhecimento dos vários modos de produção da cor (quer em seu aspecto físico, quer no fisiológico) e mesmo do passo dado na história da cor em direção à complementaridade. Para uma investigação gramatical, mais não seria exigido.

[39] Wundt, Wilhelm, *Grundriss der Psychologie*, p. 68. Tal verticalidade, por associar 'stark' a 'weiß' e 'schwach' a 'schwarz', seria arbitrária e contestável, segundo Louis-Bertrand Castel. "O preto é uma abundância de cores(...)", afirmou Castel. "Tudo vem do preto para perder-se no branco." (Citado por Lévi-Strauss, Claude, *Olhar Escutar Ler*, p. 100.)

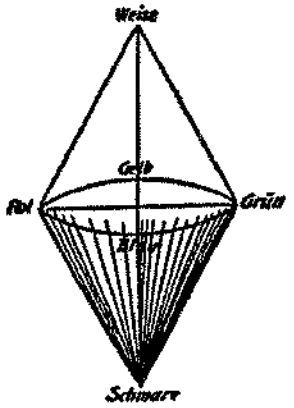
As sensações coloridas também conformam um sistema contínuo, embora, em sua unidimensionalidade, qualidade e intensidade não caminhem juntas nem deva tal dimensão admitir combinações significativas em qualquer proporção. O contínuo (palavra equívoca) equivale aqui à característica de o sistema retornar a si mesmo de qualquer que seja o ponto de partida, "indem man zunächst allmählich zu einer Qualität größter differenz, dann von dieser aus wieder zu ähnlicheren Qualitäten und schließlich zum Ausgangspunkte zurückkommt".[40] Logo, um sistema circular — sem que estejamos levando em conta a dificuldade presente em afirmar semelhantes, por exemplo, o vermelho e o violeta, ou o recurso a artifícios em nome da boa representação, como a inclusão do púrpura no espectro para que o círculo se feche. Aqui aparecem as complementares apenas como "größte qualitative Empfindungsunterschiede"; são cores opostas, *Gegenfarben* e não *Ergänzungsfarben*, com o que não se comprometem a circularidade e a continuidade dessa representação, cuja origem deve-se ainda (como na representação de Moses Harris) a uma dobra no espectro newtoniano. Falta-nos apenas combinar adequadamente as coordenadas para que toda ocorrência possível no espaço das cores possa ser representada. O círculo (núcleo dos matizes) deve dispor-se no ponto máximo de saturação (propriedade da cor de ocorrer em transições até as sensações não coloridas), no qual também a luminosidade disporia a cor entre os extremos do preto e do branco.[41]

---

[40] Wundt, Wilhelm, *Grundriss der Psychologie*, p. 69.

[41] Este tipo de representação (no qual se inclui o octaedro) dará lugar à crítica futura de Küppers, a saber, o máximo de saturação de uma cor não coincide sempre com a luminosidade mediana — dificuldade que Küppers procura contornar com uma representação romboédrica do *Farbenraum* (Cf. Küppers, Harald, *Die Logik der Farbe: Theoretische Grundlagen der Farbenlehre*). Wundt, porém, não desconhecia a dificuldade, apenas desejava uma representação mais simples, evitando distorcer o círculo cromático central, conforme supunha, em uma elipse (Cf. Wundt, Wilhelm, *Grundriss der Psychologie*, p. 73). Modelos unidimensionais ou bidimensionais, em geral, fazem desaparecer a relação das cores com o cinza. Eis o que esferas, octaedros, duplos cones e outros modelos tridimensionais almejam resolver: preservariam as relações de oposição entre as cores em um círculo (ou um quadrado, etc.), expressando ainda suas combinações com o preto e o branco, expulsos do círculo, mas também com toda a gama do cinza e o diferencial equivalente de luminosidade. Esses modelos consolidam a diferença entre *bunten* e *unbunten Farben*. Nem por isso, lembra Küppers, as dificuldades são todas resolvidas, sendo necessários arranjos posteriores, como deformações da linha do equador, para expressar, por exemplo, a maior proximidade entre o amarelo e o branco ou entre o preto e o azul.

Sem dúvida, esse modelo é um entre muitos. Preferimos expô-lo porque Wundt não se obstina em defender uma forma específica, mas traços essenciais à representação de um sistema, não dando assim relevo a detalhes como a superioridade do duplo cone sobre a esfera, ou às sutilezas envolvidas na consideração matemática acerca do necessário arredondamento dos pólos de um octaedro. Para Wundt, a figura do modelo não é essencial, desde que seja a de um espaço contínuo, tridimensional e fechado sobre si.[42] Qualquer o modelo, a simplicidade



FARBENKEGEL DE WUNDT[43]

não é um fato da percepção, mas sobretudo exigência do sistema, de seu necessário fechamento, sendo uma verdade gramatical, mesmo caso corresponda a uma mentira psicológica — assim como cada sensação

---

[42] "Das gesamte System der Farben- und Helligkeitsempfindungen läßt sich daher durch ein in sich geschlossenes körperliches Gebilde von der Form eines Doppelkegels darstellen, dessen beide Hälften sich mit ihrer Basis berühren [cf. ilustração da *Farbenkegel de Wundt*], oder auch in der Form einer Kugel, deren einer Pol dem dunkelsten Schwarz, und deren anderer dem hellsten Weiß entspricht." (Wundt, Wilhelm, *Grundriss der Psychologie*, p. 74.) Na história dos modelos cromáticos, modelos lineares (como o de Schopenhauer) subordinaram o matiz à luminosidade. Modelos bidimensionais (como o círculo de Newton), ao compararem entre si todas as cores e detectarem oposições, tiveram então a vantagem de estabelecer relações entre cores que não as de simples contigüidade ou divisão, conquanto apagassem aquele aspecto favorecido pela unidimensionalidade, qual seja, o de haver "por natureza" cores claras e cores escuras. E muitos modelos tridimensionais (como o octaedro) continuaram a negligenciar esse aspecto, que todavia, como veremos, também pode assumir uma feição gramatical. Cf. Gerritsen, Frans, "Evolution of the Color Diagram", pp. 35-37.

[43] Wundt, Wilhelm, *Grundriss der Psychologie*, p. 74.

merece o título de simples, mas nem por isso a linguagem deixa de distinguir com nomes precisos certos pontos de orientação, conforme aos quais são ordenadas e relacionadas impressões independentes em número ilimitado.

A progressiva elaboração dos círculos cromáticos colocou, entre outras, questões como a seguinte: em que momento, segundo qual mágica metamorfose, a descrição da conjunção constante entre eventos cromáticos (como o relato uniforme da pós-imagem verde, a partir de prolongada exposição da retina ao vermelho) transforma-se na interdição: "Não há um verde avermelhado porque complementares o verde e o vermelho"? Ao considerarmos cores por oposição a pigmentos, não há simples continuidade: estamos trabalhando em sentidos opostos quando cores acidentais (em relação externa) se transformam em cores complementares (cuja restrição mútua é interna). Adquire assim um novo significado a transformação das cores acidentais em cores complementares, à qual se associa o predomínio relativo do círculo, que parece permitir uma representação adequada de complementares aditivas e subtrativas no espaço das cores. A apresentação de uma geometria, por grosseira que seja, desloca o problema, torna-o estrita e explicitamente conceitual. Se o que é ser vermelho significa ser simples, tudo depende doravante de um certo cálculo e não de uma percepção privilegiada: vermelho é o que, em conjunção com um certo verde, produz o esperado resultado de uma complementaridade aditiva. O círculo não é um simples resultado, mas sobretudo um critério. Como, porém, atribuir necessidade a isto tudo sem dogmatismo? Como supor universal o que não é sequer infenso a paradoxos?

Em um círculo com três primárias, a complementar de uma cor seria resultante da conjunção luminosa das duas outras cores com as quais formaria o branco, ou ainda, numa síntese subtrativa, complementar é a cor com a qual (soma de duas) a mistura resultaria no preto.[44] Qual então

[44] Com a noção de complementar, rumamos em direção a representações tridimensionais do espaço das cores (o octaedro, o duplo cone, a esfera, etc.). O passo para um círculo onde não constam o branco e o preto, que são deslocados posteriormente para a verticalidade,

o problema? Primeiro, a própria discrepância física entre as complementaridades: "Tout peintre amateur sait en effet qu'il aura beau mélanger du rouge et du vert, il n'obtiendra jamais le blanc qu'évoque Hassenfratz, mais du gris, parce que le mélange de lumières colorées n'obéit pas aux mêmes lois que le mélange de pigments."[45] Depois, um paradoxo: a prática não confirma a prática, pois, enquanto a teoria sintetizada da experiência das misturas na paleta afirma resultar da mistura das complementares subtrativas o negro, "dans la pratique des peintres, il est le plus souvent gris, les pigments utilisées n'étant jamais tout à fait purs".[46] O paradoxo da prática parece consistir em uma sistematização que todavia só funciona em condições ideais, "puisque en fait les poudres qu'ils [os pintores] emploient s'y prêtent mal".[47]

Na história da cor, para além de qualquer paradoxo, esse passo da cor acidental à complementar é quase natural e, apesar disso, gigantesco. Enfocamos com ele apenas um problema, mas suficiente sem dúvida para mostrar a confluência entre questões empíricas e gramaticais, apesar de sua distinção. É da alçada da psicologia afirmar as condições de produção de uma pós-imagem, podendo isso ser constatado através de experimentos. Bastante diferente é a afirmação gramatical de quais as cores puras, tal como em sua expressão panorâmica no octaedro.[48] Da mesma forma, com a passagem da cor acidental à complementar, temos um evento significativo da história da cor, ou melhor, um evento que, à cor, pode conferir ou retirar historicidade. Dada a contingente elaboração desses modelos, onde, salvo nesse aspecto atemporal, o interesse do filósofo?

---

depende da noção de cor complementar, embora em certos jogos, como no da confecção de bandeiras, eles continuem lado a lado com as outras cores.

[45] Roque, Georges, "Les Couleurs Complémentaires: un nouveau paradigme", p. 415.

[46] Roque, Georges, "Les Couleurs Complémentaires: un nouveau paradigme", p. 419.

[47] Eugène Véron, citado por Roque, Georges, "Les Couleurs Complémentaires: un nouveau paradigme", p. 421.

[48] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 220; MS 108, p. 89. Qualquer representação do *Farbenraum* pode ser gramatical. A preferência de Wittgenstein pelo octaedro deve-se todavia a que o octaedro acentua ainda mais as relações gramaticais entre as cores, pois renuncia à simples expressão de uma continuidade física, à qual ainda se prendem os modelos que mantêm um círculo (e não um quadrado) em seu equador.

3.

Sem estar preocupado com uma sistematização acabada, com a expressão melhor do espaço das cores, Wittgenstein refletiu várias vezes sobre modelos cromáticos, inclusive em aulas e encontros.[49] Certa feita, Moore chegou a surpreender-se com considerações de Wittgenstein sobre as cores primárias: Ele estaria fazendo filosofia com um problema que se suporia concernente apenas a cores![50]

Wittgenstein dirige-se à lousa e traça um círculo. Representa assim as cores saturadas. Traça então um diâmetro vertical, cujos extremos tocam em cima o amarelo e embaixo o azul, e um diâmetro horizontal, com o verde à esquerda e o vermelho à direita. Até aí nada de novo. Entretanto, após várias considerações sobre as cores, após ter traçado um círculo com quatro cores primárias (e ele sempre considerou que fossem essas e quatro as primárias), Wittgenstein afirma ser melhor representar as cores por um quadrado, com as primárias em seus cantos, pois assim se exibiria uma importante diferença gramatical entre elas, a saber, a que lhes confere significado distinto tanto no "estar entre" como no "dispor-se a meio caminho". É diferente dizer do violeta que esteja entre o azul e o vermelho e dizer do vermelho que entre o laranja e o violeta, pois podemos descrever o violeta recorrendo ao azul e ao vermelho, até como sendo uma mescla, mas não podemos dizer que o vermelho seja uma mescla de laranja e violeta. Por outro lado, só de uma primária dizemos estar a meio caminho entre outras, não havendo nada exatamente a meio caminho entre o azul e o vermelho ou entre o verde e o amarelo.

---

[49] Além de seus milhares de parágrafos sobre cores, muitos diretamente dependentes da forma do modelo cromático, há testemunhos de aulas ou encontros a esse respeito, embora alguns não tenham concedido a devida importância ao tema, como o registro sucinto de Waismann ao lado de um desenho do octaedro: "Diskussion über die Form des Farbkörpers" (Wittgenstein, Ludwig, *Wittgenstein und der Wiener Kreis*, p. 42).

[50] Cf. Moore, G. E., "Conferencias de Wittgenstein de 1930-33", pp. 363-365.

Ao preferir o quadrado ao círculo,[51] Wittgenstein está fixando o que sobre cores lhe interessa: não uma continuidade física, mas sim uma algo arbitrária invenção da necessidade: as cores primárias e as complementares. Fixam-se como diversos o interesse do cientista e o do filósofo, e Wittgenstein está registrando com isso bem mais que a mudança correspondente à transformação das cores acidentais em cores complementares na história das representações da cor, ou melhor, de sua apresentação em modelos cromáticos.[52]

Por que confrontar a filosofia com representações do espaço das cores? Qual o interesse filosófico de representações nunca infensas ao acaso das misturas, ao azar dos pigmentos, ou jamais estranhas ao mero experimento científico? Parte da resposta está em que, fora dessas visões panorâmicas do espaço das cores, sem explorar sua gramática, não será significativa qualquer resposta acerca do simples, das interdições etc. A outra parte do interesse desse confronto, decorrendo da anterior, é específica e interna à obra do filósofo, servindo a seu esclarecimento. Por isso, Wittgenstein pode sim ser confrontado com a história dos modelos cromáticos. E ele progressivamente os tomará por visões panorâmicas de regras gramaticais, em que jogos de linguagem envolvem palavras para cores, sem todavia considerar sua origem, evolução ou ligação com o comportamento de certas comunidades. Finalmente, Wittgenstein explorará modelos cromáticos, mostrando-nos como no interior deles (e apenas no interior deles) podem ser forjadas contradições e inventada a necessidade, ao mesmo tempo em que também inventa vários contra-exemplos a suas proposições gramaticais. É portanto equivocado dizer de sua contribuição que esteja limitada a jogos que porventura conhecia. Ele não estava fazendo uma descrição antropológica das classificações

---

[51] As razões dessa preferência são expostas exaustivamente no capítulo "O Octaedro das Cores".

[52] A mudança no paradigma é bastante visível se comparamos o modelo de François d'Aguilon, de 1613, com o de Jean-Claude Ziegler, de 1852 (Roque, Georges, "Les Couleurs Complémentaires: un nouveau paradigme", p. 409 e p. 425), embora uma tal mudança geométrica não encontre um exato registro histórico (Cf. Parkhurst, Charles & Feller, Robert, "Who Invented the Color Wheel?", pp. 227-228). Wittgenstein insistirá em nunca se referir a pigmentos, sobre cuja mistura os círculos costumam pontificar. No lugar de pigmentos, bem podemos ler raios luminosos ou outro qualquer elemento causal.

cromáticas de alguma comunidade, como Cambridge ou Viena. Estava explorando sim as condições gramaticais, e. g., da distinção entre o simples e o complexo e como têm seu segredo em efetivos jogos de linguagem. Sua reflexão adquire assim caráter conceitual. Trabalha com a lógica de certas possibilidades, e seus resultados jamais sofrem com o confronto com costumes alheios nem contam com surpresas dele advindas. E toda excentricidade, todo exemplo que relativize a necessidade aí estabelecida, longe de abalar sua investigação, reforça-a sobremaneira.

Dada a natureza de seu interesse, é irrelevante se Wittgenstein convive aí com certa vagueza, cometendo talvez algumas imprecisões no tratamento dos vários círculos cromáticos, no desconhecimento e.g. das variações ocorridas na paleta, que parece tratar como algo fixo, por oposição às ocorrências cromáticas. Não é certo, entre outras coisas, a que octaedro Wittgenstein está se referindo. Canfield afirma ser o de Ebbinghaus,[53] enquanto Maurice Elie nota que a representação editada nas *Philosophischen Bemerkungen* é a do "octaedro" (sic) de Ostwald, que Wittgenstein estaria pois a recusar.[54] Entretanto, não se trata aí de um tratamento impreciso, senão de uma significativa ausência da procura de alguma precisão. Suas considerações valem para mais de um modelo e os modelos suscitam questões gramaticais, sem que sejamos levados a um cotejo de modo a decidir qual a gramática perfeita, porque consoante ao comportamento efetivo das cores. Isso, portanto, longe de desqualificar sua contribuição, esclarece seu sentido autêntico.

Wittgenstein não faz história da pintura; tampouco faz uma antropologia cultural ou um levantamento lingüístico dos usos de sua comunidade.

---

[53] "Wittgenstein knew of and utilized at various places Ebbinghaus' color octohedron, a system of color specification based on the four phenomenal, as opposed to physical, primaries red, yellow, blue and green." (Canfield, John, "Tractatus Objects", p. 94.)

[54] Cf. Elie, Maurice, "Annexes", p. 192. Wittgenstein não tinha muito respeito por Ostwald, primeiro editor do *Tractatus*. Em carta a Russell de 28 de novembro de 1921, chama-o de arquicharlatão (Erzscharlatan) (Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Briefwechsel mit B. Russell, G. E. Moore, J. M. Keynes, F. P. Ramsey, W. Eccles, P. Engelmann und L. von Ficker*, p. 122). Ademais, seu sólido de cores só pode ser chamado de octaedro no sentido do equador, enquanto o de Ebbinghaus é octaedro enquanto um corpo sólido. Não obstante isso, um traço dos mais salientes da representação de Ebbinghaus nunca foi discutido nem representado propriamente por Wittgenstein, qual seja, o arredondamento de seus limites.

Nos vários exemplos que considera, fazendo por vezes dialogar tradições distintas, Goethe e Brentano, Runge e a Gestalt, o que finalmente o fascina na sua última abordagem do tema é o modo como, no interior de jogos específicos, certas proposições adquirem estatuto gramatical e como, enfim, a necessidade se mostra enredada em formas de vida. Sua contribuição também aí não é a do cientista, não acrescenta um capítulo à história natural da cor; por conseguinte, não é confirmada nem refutada pelos fatos que podem interessar a cientistas autênticos, como se fora um antropólogo a denunciar a relatividade das formas, a diferença flagrante ou a semelhança oculta entre comunidades diversas. Sua gramática das cores nunca será uma *Farbenlehre* entre outras, não se obrigando ao esforço exigido, com justeza, por Goethe, para quem seria científica e filosófica a tarefa de instruir-se na doutrina das cores.[55] A tarefa do aprendizado da *Farbenlehre* é extensa e fascinante, mas deveras distinta da tarefa da investigação gramatical, que caracteriza o trabalho de Wittgenstein.

Wittgenstein demonstra, portanto, nos momentos diversos da sua obra, um cuidado uniforme e sistemático em separar o que se deve a relações externas (cuja expressão maior é a causalidade) de laços que são criteriais: "Man kann nun *unmittelbar* Farben als Mischungen von rot, grün, blau, gelb, schwarz, und weiß erkennen. Dabei ist Farbe immer Color, nie pigmentum, nie Licht, nie Vorgänge auf oder in der Netzhaut etc."[56] Vale sempre portanto a distinção, mencionada anteriormente, entre cor e pigmentos, embora uma tal distinção, deveras essencial, comporte a difícil abstração pela qual a cor é separada de toda propriedade externa. Não há em sentido estrito incompatibilidade ou relações internas entre processos físicos quaisquer, senão com cores. Com isso, Wittgenstein

---

55 "Um sich von der Farbenlehre zu unterrichten, mußte man die ganze Geschichte der Naturlehre wenigstens durchkreuzen und die Geschichte der Philosophie nicht außer acht lassen." (Goethe, Johann Wolfgang von, *Materialen zur Geschichte der Farbenlehre*, pp. 7-8.)

56 Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 1, p. 24; MS 105, p. 90. Essa primeira construção é, provavelmente, de fevereiro de 1929 e anterior portanto à elaboração de "Some Remarks on Logical Form", mas é repetida tanto no TS 208 (p. 8) como nas *Philosophischen Bemerkungen* (p. 273), ou seja, em textos posteriores à recusa de uma linguagem primária, explícita em outubro de 1929 — com o que temos uma primeira distinção entre a possibilidade de uma fenomenologia, aqui no sentido de uma linguagem primária, e a permanência de problemas fenomenológicos.

acentua um interesse assaz fenomenológico, com independência mesmo do sentido que, em sua obra, possa ter o termo 'fenomenologia', pois, como veremos, ainda ansiará por uma pura doutrina fenomenológica das cores, mesmo após ter renunciado à exigência de uma linguagem primária, fenomenológica. A fenomenologia estará então de certo modo contida na gramática. Mas, ainda no limite, preservará a legitimidade dos problemas fenomenológicos, com semelhante independência, mesmo quando negada a possibilidade pura e simples de uma fenomenologia, ou seja, quando a palavra 'fenomenologia' conjurar um espírito do passado já desprovido de seu poder de sedução.

No que há de contínuo nessa perspectiva "fenomenológica", a noção de 'cor mista' (em geral, um claro resultado empírico) é separada da experiência da mistura mediante exemplos extraordinários e posta juntamente à noção de 'cor intermediária'[57] — noção já relativa ao espaço das cores, a laços sistemáticos e necessários entre elas.[58] E, nesse ponto, apesar de suas conclusões diametralmente opostas, nada indica ser apenas casual a semelhança entre a questão das cores mistas tal como interessou a Wittgenstein e as discussões levadas a efeito por um Brentano — em particular, sua defesa de que o verde não seria uma cor primária, mas sim "eine phänomenale Mischung, eine Mischung aus phänomenalem Blau und Gelb".[59] Malgrado toda distância e o sem-sentido de uma aproximação brusca, Brentano e Wittgenstein parecem quase trabalhar em um mesmo campo, partilhar problemas assemelhados, quando tratam de cores. É nesse campo comum, tecido sem qualquer fundamento causal, que terá adiante sentido a oposição entre a defesa do verde como cor primária por Wittgenstein e o clássico tratamento do verde fenomenal por Brentano, com sua distinção entre *Mischfarbe* e *Zwischenfarbe*. Mas essa é uma semelhança que, ora afirmada, tornará ainda mais significativa e profunda a diferença, pois, em *Bemerkungen*

---

[57] "Eine Mischfarbe, oder besser Zwischenfarbe..." (Wittgenstein, Ludwig, *The Wittgenstein Papers*, vol. 89c, p. 477.)

[58] Cf., por exemplo, Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, I, § 8.

[59] Brentano, Franz, *Untersuchungen zur Sinnespsychologie*, p. 7. É ainda notável que Wittgenstein e Brentano coincidam em um possível exemplo do verde avermelhado: o verde oliva (Cf. Brentano, Franz, *Untersuchungen zur Sinnespsychologie*, p. 9 e Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, III, § 30).

über die Farben, Wittgenstein também pergunta como se relacionam os conceitos de 'cor intermediária' e de 'cor mista', sabendo porém que, embora um conceito pareça depender do outro, o resultado da experiência da mistura (*Mischfarbe*) pode ser distinguido do que se encontra travado em um *Farbenraum* apenas por relações já gramaticais, porquanto supõe a noção de *Zwischenfarbe* uma visão panorâmica, mínima que seja, do espaço das cores.

Em geral, as cores intermediárias se fixam quando, por mistura, aprendemos a produzir um matiz mais claro ou mais escuro, mais próximo ou mais distante de outro. Talvez aprendamos aí, na experiência da mistura, na evidência de uma regularidade, a nomear estações intermediárias no jogo — um verde primário, por exemplo, que pode ser azulado ou amarelado, mas não ambos, e sobretudo pode ser verde sem ser amarelado nem azulado. Que porém a história natural das cores associe os conceitos '*Mischfarbe*' e '*Zwischenfarbe*', isso não torna menos significativo o fato de ser possível imaginar várias situações em que eles conservam sua independência.[60] As cores primárias são amiúde definidas como as que não podem ser obtidas mediante mistura, enquanto interessa a Wittgenstein liberar os conceitos de cor da história natural da cor, mostrar como se determinam por jogos de linguagem que fixam suas relações internas e como, portanto, essas mantêm sua autonomia diante de relações externas, causais. A causalidade, aqui modo de produção das tintas, não decide sozinha a gramática das cores, que depende do aprendizado de certas regras, da capacidade de realizar certas escolhas e prosseguir. Uma cor (como o verde) pode ser produzida por mistura e contudo ser primária, ser uma estação no percurso das cores, de sorte que podemos escolher um verde que não seja amarelado nem azulado. Aqui decidem jogos de linguagem. O importante, portanto, é não confundir a descrição de como

---

[60] Importa anotar aqui o quão difícil é compor um glossário de termos relativos a cores, pois não há qualquer uniformidade fora de certas tradições em que se formaram estudos sobre a cor. Uma nomenclatura advinda de investigações físicas pode não guardar qualquer semelhança com as investigações próprias, por exemplo, de um instituto de artes. Além disso, a distinção não corresponde ao que se firmou em nosso léxico, que costuma identificar cor mista e cor intermediária, além de classificá-las, segundo a natureza da mistura, em secundárias e terciárias, se feita entre cores primárias ou se entre primárias e secundárias, respectivamente.

se constrói um conceito (de como então decidem jogos de linguagem) com os fatos psicológicos ou físicos em que se deixaria fundar, pois tal descrição não é uma "ciência natural camuflada": "Interessa-nos também, sem dúvida, a correspondência entre nossa gramática e os mais gerais (e raramente expressos) fatos da natureza. Mas nosso interesse não recai então sobre tais *possíveis* causas. Não elaboramos nenhuma ciência natural: nosso objetivo não é fazer previsões. E nada também de história natural: pois, para nossos objetivos, nós inventamos fatos de história natural."[61]

Não por acaso, portanto, quase todo modelo de sistema cromático é híbrido, uma monstruosa combinação de gramática e experiência. Um extremo desse hibridismo é o modelo de Lichtenberg, um misto de classificação empírica e de representação gramatical, em que as cores propriamente ditas, em formação triangular, são dispostas entre retas infinitas, que têm o branco e o preto como limites. Por isso, de modo algo incoerente, Lichtenberg dirá raros os homens que viram o branco puro, quando deveria afirmar com toda segurança que jamais homem algum poderá vê-lo. Wittgenstein, ao contrário, procurou afastar as confusões desse hibridismo,[62] cujas causas são de natureza variada. Os modelos ora sintetizam uma explicação física ou psicológica, ora sistematizam as misturas cromáticas, visando nesse caso a alguma harmonia para a percepção. Se levamos em conta apenas as sistematizações dos pintores, logo observamos que também a paleta tem história, não é ela um jogo independente e determinado por leis físicas, ou um jogo que se nutra de uma matemática da cor, pura e independente das ocorrências cromáticas. Na história da pintura, tanto mudam pigmentos como regras de mistura, com novas descobertas ou pela mudança de paradigmas. Em todo caso, a

---

[61] Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Philosophie der Psychologie*, I, § 46. Quase a mesma formulação encontra-se em *Philosophische Untersuchungen*, parte II, seção xii. Cf. Wittgenstein, Ludwig, *The Wittgenstein Papers*, vol. 32; MS 130, p. 71 ss.

[62] A definição da cor, se gramatical, é interna, corresponde a um ponto do espaço das cores, não importando se aí há algo ou não (Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 191; MS 107, p. 278). Por isso, a certa altura de sua primeira exploração do espaço das cores, afirma: "Die Bemerkungen die ich oben über die Mischung von Pigmenten machte gibt einen Fingerzeig in welcher weise die Reinheit einer Farbe definiert werden könnte als eine externe Eigenschaft also *so wie ich sie nicht meine*" (Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 215; MS 108, p. 78, grifo nosso).

finalidade dos vários círculos elaborados por pintores seria comum.[63] Afinal, visando além da contingência, um modelo cromático sempre expressa uma doutrina da harmonia, ao par de sua finalidade prática e sempre datada de sistematização de uma técnica. Por isso mesmo, é natural o interesse filosófico de tais modelos: "Ist nicht Harmonielehre [wenigstens] teilweise Phänomenologie also Grammatik?"[64]

Além dessa função prática, cúmplice de alguma teoria da harmonia, a função teórica das representações do *Farbenraum* é variada, não devendo parecer estranho que, mesmo quando já não nos propõe exatamente um modelo, Wittgenstein se permita discuti-los tanto e tão em detalhe. Como descrever é sempre "jogar um jogo de descrição",[65] os círculos e outros modelos cromáticos são instrumentos de descrição. Com isso, desafiam, no campo mesmo do sensível, a incomensurabilidade entre linguagem e vivência,[66] como na descrição de "Mischungen durch den Farbenkreisel".[67] O interesse persistente de Wittgenstein pelos modelos cromáticos associa-se à superação progressiva da idéia de que o método da descrição deixa intacto o solo fundamental da vivência. Sendo assim — poderá enfim dizer-nos —, o artista nos ensina o essencial da experiência, uma vez que, em sentido gramatical, a justificação do uso de uma expressão nunca reside em uma vivência: "Der Künstler sieht das wesentliche? Er lehrt uns das wesentliche sehen? — Er stellt etwas als das Wesen hin. Er bringt uns dahin, um *das* als wesentlich anzuerkennen."[68] E a harmonia que almeja, ou acaso atinge, nunca é mera questão de gosto.[69]

---

[63] "Quel que soit le modèle graphique retenu, le but est toujours le même: faciliter le repérage des couleurs opposées, c'est-à-dire complementaires, et insister sur le fait que ces couleurs sont harmonieuses, si on les juxtapose, alors qu'elles forment un ton sale et gris lorsqu'on les mélange." (Roque, Georges, "Les Couleurs Complémentaires: un nouveau paradigme", p. 421.)

[64] Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 212; MS 108, p. 74.

[65] Wittgenstein, Ludwig, *The Wittgenstein Papers*, vol. 62; MS 162b, p. 96.

[66] "Worte und Erfahrung inkomensurabel." (Wittgenstein, Ludwig, *The Wittgenstein Papers*, vol. 62; MS 162b, p. 55.)

[67] Wittgenstein, Ludwig, *The Wittgenstein Papers*, vol. 62; MS 162b, p. 62.

[68] Wittgenstein, Ludwig, *The Wittgenstein Papers*, vol. 62; MS 162b, pp. 95-96.

[69] "Die Harmonielehre ist nicht Geschmacksache." (Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 221; MS 108, p. 91)

4.

Após termos procurado até aqui sugerir o interesse filosófico do tema e sua relevância na obra de Wittgenstein, cabe-nos examinar um seu aspecto material, a saber, os textos da fonte primária que o circunscrevem.

O objeto precípuo de nossa tese seria um conjunto de manuscritos situados entre os últimos escritos de Wittgenstein. Tendo passado por uma sua única revisão, nunca chegaram à "etapa de datilografia". No catálogo elaborado por von Wright, são os manuscritos 172, 173 e 176, cuja primeira edição, bilíngüe (*Bemerkungen über die Farben / Remarks on Colours*), data de 1977. Portanto, uma tese sobre a lógica dos conceitos de cor segundo Wittgenstein, tal como exposta de modo principal em suas *Bemerkungen über die Farben*. O tema parece bem demarcado, nítido, sendo ademais pouco explorado, pois proporcionalmente pequena a bibliografia que o comenta. À primeira vista, tais observações, provocadas pela releitura da *Doutrina das Cores* de Goethe, lograriam inclusive alguma autonomia em relação à obra de Wittgenstein, tanto do último (por não parecer clara, por exemplo, sua ligação com temas como o da fundamentação da matemática ou mesmo por parecer secundária a presença no texto de noções ora características, como a de jogos de linguagem),[70] como do primeiro, pois, em relação à célebre ocorrência da incompatibilidade das cores no *Tractatus*, seria bastante remota ou improvável alguma ligação entre a incompatibilidade própria a qualquer possível espaço das cores e as interiores a uma específica *Farbengeometrie* (como as interdições a um branco transparente ou a um verde avermelhado).

Tudo corresse assim às mil maravilhas, com nada a concorrer para nos perdermos, e estaríamos explorando a obra de um autor atual com a segurança de quem descobriu um obscuro e secundário texto medievo,

---

[70] Elisabeth Rigal chega a afirmar que, nesse texto, conquanto não seja negada, "cette thèse du jeu est elle-même rarement mise en jeu" (Rigal, Elisabeth, "Le vu, le peint et le parle", p. 115).

dele tendo se assenhorado como de uma prebenda e ainda auferindo, como uma espécie de lucro secundário, o mérito por algum ineditismo. Um filósofo como Wittgenstein é todavia infenso a uma aproximação cartorial, tanto pelo estado de sua obra como sobretudo pelo característico de seu filosofar. É claro que nossa primeira e precisa demarcação cedo revelou-se especiosa. O preciso mostrou-se vago, incompleto; e o mister de tratar a contento o tema gerou um crescente número de "obrigações".

Muitas são as tarefas que ao tema se entrelaçam, como ter em conta a discussão que nele ressoa sobre a filosofia da psicologia e, é claro, considerar tudo isso no contexto da gramática dos usos. Concêntricos os círculos, a temática tem história na obra; logo, esta deve decerto ser descrita e recuperada (quando menos para apontar diferenças entre semelhanças as mais flagrantes), sendo seu último tratamento também inteligível por contraste, por oposição ao contexto outro da obra primeira de Wittgenstein e do impasse e dos projetos que as cores nela esboçaram. E, para alargar ainda mais o círculo, sendo cada vez mais branda a onda que o traça e, felizmente, cada vez mais tênue nossa obrigação de ir ao detalhe e de exaurir o que porventura toquemos, julgávamos pertinente aventurar um levíssimo esboço do embaraço provocado pelas cores em outros filósofos. Entretanto, além dessas "obrigações", motivos bastante fortes, embora de outra natureza, se não esmaeceram exatamente o contorno do tema, exigiram a satisfação de algumas condições prévias a seu correto tratamento. Primeiro, não dispúnhamos de um texto bem editado e foi preciso providenciá-lo, quer dizer, restabelecê-lo em cotejo com os manuscritos e traduzi-lo, uma vez que o livro *Bemerkungen über die Farben*, tal como editado por G. E. M. Anscombe, não coincide sequer com os manuscritos que pretende oferecer ao público e seria incompleto e enganoso mesmo se a edição tivesse adotado como critério de seleção um certo período.[71] Segundo, o volume de textos editados não dá conta

[71] Sendo nosso objeto a gramática das cores em Wittgenstein, não poderíamos deixar de tecer considerações, quiçá conceitualmente secundárias, sobre o estado do texto que a concentra em sua feição mais refinada e que se constitui em nossa mais importante fonte primária. Porém, este é o objeto de nossos apêndices I e II, cujo conteúdo não cabe repetir aqui, embora deva estar pressuposto. Em certo sentido, portanto, nosso segundo volume é condição deste primeiro.

do que, a respeito das cores, o espólio pode revelar. Textos essenciais permanecem inéditos e apenas há pouco um período dos mais significativos foi satisfatoriamente coberto pela edição, deveras lenta, da *Wiener Ausgabe*.[72] Logo, também mostrou-se necessário investigar e tornar legíveis muito mais manuscritos do que nos deixava suspeitar a bibliografia especializada; em especial, merecem destaque, ao lado dos manuscritos 172, 173 e 176, os manuscritos 105 a 114, 130 a 138, 162b, 169, 174, 175, 177 e 180a.

Uma das tarefas de uma tese em filosofia deve ser facilitar o diálogo com a obra, indicar vias de acesso que julga fecundas e torna momentaneamente privilegiadas. Caso pretenda, para além dessa sua utilidade, disciplinar a obra, substituí-la, oferecer-se como modelo do que ela (por alguma infelicidade) não soube lograr, provavelmente transformará em truísmos o que ao autor causava espanto. Trata-se de facilitar o diálogo com a obra, mas uma obra tão vasta, em grande parte inédita, também é produzida por seleções arbitrárias, por acasos editoriais, pela preferência de comentadores. Quando a obra desdobra-se então em um processo autoterapêutico, ela permanece algo indefesa ou sentimos que algo se perde no mínimo afã de codificá-la, isto é, podemos falseá-la impunemente por mais tempo, sem que uma sua coerência interna seja invocada contra nossas considerações aventureiras. No caso

---

[72] Vale a pena ler atentamente o relato (parcial, mas muito interessante) de Jaakko Hintikka, "An impatient man and his papers". O texto ajuda em muito a desfazer qualquer ilusão sobre o estado da obra editada, embora alimente outra: a de que tão-só o conhecimento de tudo pode permitir um domínio correto do todo. De qualquer maneira, era difícil julgar o material editado (o artigo de Hintikka é de 1991) uma base segura para a compreensão da obra de Wittgenstein, porque textos essenciais permaneciam inéditos e textos já editados careciam de cuidadosa revisão. Hintikka lança, então, várias e violentas suspeitas até sobre a idoneidade do responsável pela *Wiener Ausgabe* e denuncia um inconveniente de princípio: "What may be worse, an unhealthy climate has been created among those who are aware of the importance of the *Nachlass* but are without easy access to them. The main reason for the failure of the major editing projects have been the judgments and decisions of the literary executors. Yet some of the very same persons responsible for the editing of Wittgenstein have also been engaged in interpreting his philosophy. They have therefore placed themselves in the precarious position of being in control of other scholars' access to materials in the light of which their own interpretations are to be judged and which could conceivably prove some of these interpretations wrong." (Hintikka, Jaakko, "An impatient man and his papers", p. 119.) A situação mudou desde então, mas não se reverteu de todo, sendo ainda a mesma quanto às *Bemerkungen über die Farben*.

da obra de Wittgenstein, edições descuidadas, incompletas, carentes de revisão tendem ainda mais a alimentar uma imagem desconexa do pensador. Quando, porém, mergulhamos no conjunto dos textos, quando temos em conta suas múltiplas variantes, os rascunhos, as seleções, os cadernos passados a limpo, os textos dados à datilografia e novamente recortados e revistos e rearrumados etc., quem se nos apresenta é capaz sim de manter reflexões díspares e coetâneas, mas também propõe-se questões, elabora projetos e os persegue ou esgota sistematicamente. Vale contudo observar que a dissolução de um problema em sua obra em nada segue o modelo de uma questão disputada. Wittgenstein não trama a partir de uma única questão, cuja solução seria um conjunto de proposições passíveis de verdade ou falsidade. Move-se, por assim dizer, orientado por um campo de tensões e, em seu caso, resolver um problema corresponde muita vez a mudar de ares. Nesse sentido, podemos acompanhar com as cores uma questão cuja persistência é ela própria significativa e cuja reiteração não é linear, mas sim proporcional a seu enriquecimento.

Do "Prefácio" às *Investigações Filosóficas* parece-nos possível depreender que a ordem de razões decisiva à obra máxima do segundo Wittgenstein confunde-se com a autoterapia de seu pensamento.[73] Dados o inacabamento da obra e a extensão e o estado dos seus muitos inéditos, parece-nos lícito estender a observação a toda obra posterior a seu retorno à filosofia. Dizê-lo, porém, é afirmar um significativo desafio hermenêutico, pois, verdadeira a tese, implica em retirar às *Investigações* e ao conjunto da obra um caminho exclusivo para a leitura. Desorienta-nos o despojá-la de uma sua ordem natural e de qualquer uma a ser reconstruída — com todas as graves implicações daí advindas para uma possível valoração de seu texto, para alguma aferição de seu lugar entre os filósofos. Se aplicada à obra do segundo Wittgenstein, a idéia de ordem de razões parece ter a força de uma bela metáfora — o que nunca

[73] Quando uma dívida é quase literal, deve ser anotada. No que imediatamente segue sobre a terapia como nota característica da obra, o texto deve muito a observações do Prof. Arley R. Moreno, embora acreditemos ter forçado interessadamente o curso das observações para fazê-las vindicar em específico o tema das cores contra sua ausência no elenco canônico de questões filosóficas prioritárias e contra sua atual posição no corpo da obra.

é pouco. A ordem dos temas (tributo do acaso?) bem poderia ser outra, mas, não obstante, uma dinâmica, que se reitera e se afirma ante os vários temas, cristaliza-se pouco a pouco. Por um lado, temos um norte na constante remissão autoterapêutica ao *Tractatus*, na permanente necessidade de superar seu essencialismo e sua limitação ao modelo referencial; por outro, recursos, técnicas (como a exemplificação, a visão panorâmica, a descrição de detalhes) decantam-se a configurar um método.

Assim se apresenta, elevado a problema gramatical, a estratégia, a motivo teórico, o que uma primeira leitura denunciaria como limitação psicológica, como preciosismo de escritor, ou ainda como resultado de seu modo de compor textos, dilatado em várias etapas: o manuscrito, a datilografia, a correção, a seleção etc. — acaso que, embora não essencialmente, em muito explica as repetições, o volume extraordinário, o inacabamento. Não havendo uma forma melhor, completa e única de exposição, a melhor forma de reencontrar esse esforço terapêutico consiste talvez em aproximar-se o mais possível dessa multiforme e extensa produção. Por sinal, o modo de composição de Wittgenstein costuma ser um atentado à cronologia, como se exigisse em cada seleção que a obra depusesse inteira ante sua então atual perspectiva. Seu modo, portanto, substitui as condições e o contexto de suas "descobertas" por um refinamento depurador. Em parte como conseqüência disso, cedo percebeu que algo se perdia quando tentava conformar os parágrafos a uma unidade e a um ritmo que não eram originalmente os seus. Por isso mesmo, devemos recuperar com ele não exatamente uma cronologia, mas sim um andamento. Logo, em nossa leitura, ao ser recontada a história conceitual de alguns de seus fragmentos, tanto procuramos recompor um andamento como reconhecer a autonomia desses novos contextos, dado que uma história assim conceitual nunca se perde no particular.

Com todas as letras, Wittgenstein reitera seu fracasso, após muitas tentativas, em expor adequada e perfeitamente sua filosofia. Entretanto, esse fracasso não é acidental, resulta do propósito e do objeto do livro, que percorrem a investigação como autoterapia e como terapia para o leitor, associando-se em parte a repetição a uma necessária reiteração

autoterapêutica.[74] Não ser seqüencial tampouco é uma falta sua, mas antes um traço característico. Álbum e esboços; conjunto de temas variáveis, e modo comum de desenhar, de ver, que encerra uma dinâmica mas todavia não pretende roubar ao leitor o trabalho de pensar.[75] Texto então cindido, composto para si e para outrem, como a disputar entre o interesse distante do historiador da filosofia que porventura deseje registrar uma aventura do pensamento e o interesse de quantos procuram sua própria aventura.

Tendo em conta esse modo radical de reflexão, de fazer descer a incerteza às raízes, pensar na possibilidade do bom livro, do livro fechado, é pensar com outra (muito mais limitada) visão da linguagem, de um lugar sem circunstância, puro, onde o método não tem objeto, onde a filosofia não tem mais sentido, onde nunca foi necessária uma terapia. Mas um tal texto fora do mundo, podemos suspeitar, é também ele ininteligível ou falso. O que assim, no caso das *Bemerkungen über die Farben* e, mais ainda, do imenso conjunto de observações ainda dispersas, pareceria uma limitação do autor torna-se um problema de autoria. Agora, se o movimento da terapia lhe é intrínseco, a obra se amplia, não se fecha na forma atual de um único livro, está presente em todo momento da obra em que se reconheça a mesma dinâmica. Apesar de não valer o mesmo todo e qualquer escrito, pois não podem figurar em pé de igualdade a refinada versão final da primeira parte das *Philosophischen Untersuchungen* e textos outros que Wittgenstein expurgou, abandonou por novas versões, esqueceu em alguma gaveta, muitas são as tentativas legítimas que merecem integrar o grande livro, o livro ampliado das *Investigações Filosóficas* de Wittgenstein. E também nesse sentido mostram-se centrais as observações sobre cores, pois, em meio a tal prestidigitação com materiais diversos, sua recorrência adquire valor superior ao de uma coincidência estatisticamente notável, não podendo subordinar-se a taxionomia alguma que nos prescreva, contra a evidência da obra, os temas filosoficamente relevantes. Assim, o

---

[74] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 1, p. 177; MS 106, p. 46.

[75] "Ich soll nur der Spiegel sein, in welchem mein Leser sein eigenes Denken mit allen seinen Unförmigkeiten sieht, und mit dieser Hilfe zurecht richten kann." (Wittgenstein, Ludwig, *Vermischte Bemerkungen*, p. 474.)

tema das cores perpassa os vários códigos atinentes ao que, segundo seus próprios critérios, pode ser relevante e exemplar de sua filosofia, seja por constar como desafio ao próprio *Tractatus*, seja por acompanhar as transformações por que se cristalizou sua obra segunda, comprovando por sobejas razões que Wittgenstein não procurava uma simples frase de efeito ao afirmar, em 1948: "Farben regen zum Philosophieren an"![76]

Sob esse ponto de vista material, esforçamo-nos por apreciar tal aventura do pensamento, procurando o benefício inclusive da consulta ao espólio de Wittgenstein, tal como editado pela Cornell University e, aliás, disponível no Centro de Lógica, Epistemologia e História da Ciência da UNICAMP.[77] Mas, o que significa esse benefício? Sem dúvida, o grande volume de manuscritos exibe-nos a história dessa arte aforística, expõe-nos a exata força, o grau de concreção de cada fragmento, devolvendo-nos sobretudo um contexto. Além disso, com o benefício da clareza, da repetição, de contigüidades antes esmaecidas, acreditamos ver reforçada uma leitura correta, que tão-só à custa de parca substância pudera antes afirmar-se.[78] Por outro lado, porém, não fosse o roteiro traçado por tais tradições de leitura firmadas sobre conjunto relativamente restrito dos

---

[76] Wittgenstein, Ludwig, *Vermischte Bemerkungen*, p. 544.

[77] "In principle, most of Wittgenstein's unpublished work has been available to researchers since the late 1960s [com a edição da Cornell University], in the form of either twenty-two rolls of microfilm or dozens of volumes of bound photocopies. In practice, the copies are far from easy to use. Many are blurry, overexposed, or underexposed. Pages are missing and, in some cases, so are whole manuscripts and typescripts. While Wittgenstein's handwriting becomes more legible with practice, the result of all these obstacles has been that his unpublished notebooks and typescripts have remained inaccessible to almost all his readers." (Stern, David, *Wittgenstein on Mind and Language*, p. 5.) Apenas em abril de 1998 passou a estar disponível o primeiro volume da edição eletrônica do espólio, *The Wittgenstein's Nachlass*, realizada pela Universidade de Bergen e lançada pela Oxford University Press, com a previsão de estar completa a edição em 4 volumes em 1999.

[78] Há doze anos, Jacques Bouveresse registrou como um seu motivo de insatisfação com *Le mythe de l'interiorité*, de 1976, "le fait qu'un certain nombre de textes wittgensteiniens qui n'étaient pas disponibles à l'époque le sont devenus entretemps et obligent, dans certains cas, à reconsiderer sérieusement les hypothèses interprétatives que l'on pouvait adopter à ce moment-là" (Bouveresse, Jacques, *La Force de la Règle*, p. 9). A distância entre os textos publicados há uma década e o espólio continuava significativa, sendo penoso o acesso à edição da Cornell University. A distância diminuiu de modo considerável apenas nesta última década com a *Wiener Ausgabe*, devendo cessar finalmente com a edição eletrônica do espólio. Sem que a publicação de tudo prometa uma revolução, certamente as hipóteses sobre o todo da obra tendem a se tornar, por conflitantes que continuem, menos aventureiras.

textos já disponíveis há algum tempo, a inserção nos manuscritos teria resultado talvez desastrosa, porque dispersiva, pouco econômica, multiplicando dificuldades, inclusive pela difícil hierarquização de muitos dos itens do catálogo de von Wright.

Uma obra não é uma simples coleção de fragmentos. É obra por conter ela própria o segredo de sua unidade e de sua dispersão, pois situa-nos em meio a seus desafios, quando os fragmentos se conectam, ou melhor, quando podemos vê-los afastados e em conexão. Em linhas gerais, a leitura correta não nasce com a imersão no todo dos manuscritos, embora neles se reforce sobremaneira e deva inclusive, em algumas questões particulares,[79] lograr natural superioridade, pois acerca delas não podemos mais prescindir de textos outrora inéditos, devendo seu debate ser doravante sensivelmente enriquecido. Quantos, porém, pretendam ser detentores de um saber que outros não possuem, apenas por calcarem sua leitura no espólio, arriscam-se a reinventar a pólvora — o que em nada retira a suma importância da consulta ao espólio nem abranda a crítica justíssima ao estado pouco profissional das edições. O espólio, tamanha a sua riqueza, provoca entusiasmos,[80] mas não se pode usá-lo contra as obras mais bem assentadas de Wittgenstein nem contra as leituras mais argutas, mesmo sendo evidente a facilidade advinda de fonte tão variada.

Se o espólio nos mostra um Wittgenstein em plena atividade, a tarefa de explorá-lo reside muita vez em recuperar contigüidades originárias desfeitas pelas constantes revisões, quando trechos se deslocam por vários contextos sem que possamos garantir que conservem o mesmo sentido. O cuidado deve então ser duplo: (1) recuperar o passado do aforismo pode iluminá-lo; mas (2) não deve delir o específico do novo

---

[79] Como as relativas ao período "fenomenológico", enfim coberto pela edição da *Wiener Ausgabe*, que dá conta dos manuscritos 105 a 114 (deste último, parcialmente). Outro bloco a exigir edição equivalente e imediata é o dos manuscritos 130 a 138, que serviram às seleções sobre a filosofia da psicologia.

[80] Cf. Hark, Michel Ter, *Beyond the inner and the outer*, em especial o capítulo 1, mas já no prefácio ele declara sua condição de renascido: "After consulting unpublished notebooks and manuscripts which Wittgenstein wrote between 1929 and 1951, I became a very different reader" (p. ix).

contexto de sua ocorrência, sendo por exemplo imaginável que ocorra um fragmento ora como expressão do pensamento de Wittgenstein, ora como do pensamento de um seu interlocutor. Repetir pode ser mudar. E mais um cuidado: o método genético pode, mais do que falso, ser ocioso, pois podemos muito bem recuar até o *Tractatus*, ou antes, encontrando o ponto axial do problema onde ele nem sequer existia. Enfim, o espólio não esconde versões explosivas dos manuscritos do mar morto, ameaças contra a boa ortodoxia, não importando o que ela seja. Oferece-nos, porém, como vantagem inestimável, o texto exato de manuscritos que têm sido mal editados e textos muitos ainda inéditos, com os quais, segundo acreditamos, problemas e tramas da obra podem reencontrar sua medida.

alguns problemas fenomenológicos

1.

Apreciemos uma composição fotográfica galtoniana. Que nos suscite uma face e nela acreditemos reconhecer algum rosto, não nos sugere por isso um exato indivíduo que lhe corresponda. A impressão de uma unidade pode bem resultar da confluência de movimentos em uma direção, sem ser necessária a suposição de um corpo único a desdobrar-se. Do mesmo modo, com relação aos vários momentos em que Wittgenstein reflete sobre cores, não há dúvida: a semelhança de família é notável. Ocorre afinal que, enquanto um Hume decidiu desprezar, por menor, um problema com cores, Wittgenstein enfrentou, com uma motivação uniforme, problemas relativos à constituição do espaço das cores até assenhorar-se dos instrumentos necessários para dissolvê-los, não se contentando, pois, em repelir conclusões incômodas, como as decorrentes do *Tractatus* 6.3751, segundo as quais proposições sobre cores inundariam talvez o mundo de necessidade lógica.

Além disso, Wittgenstein afirma no prefácio às *Investigações Filosóficas* que seus novos pensamentos estariam na correta iluminação apenas contra o pano de fundo de sua antiga maneira de pensar; e, com efeito, também quanto às cores ele próprio funda grande parte da história da filosofia de que necessita para dialogar. Não obstante, considerar latentes no *Tractatus* questões como a da possibilidade de representação de um verde avermelhado parece-nos uma conjectura imprecisa, estranha à filosofia de Wittgenstein.[81] Afinal, nada indica que as cores se excetuem à

[81] O enunciado da latência ou da preponderante continuidade tem seu lugar estabelecido na história da interpretação da obra, e podemos inclusive encontrá-lo eventualmente referido à questão das cores, como em uma alusão algo periférica na tese *A Teoria da Figuração e a Teoria dos Tipos: O Tractatus no contexto do projeto logicista*, do Prof. João Vergílio Cuter: "A existência de relações espaciais é necessária ou contingente (ou seja — é descritível ou não)?

regra de que os problemas presentes no *Tractatus*, quando retomados pela obra futura, "sont alors replacés dans une autre perspective, qui en modifie quelquefois profondément la forme et l'incidence".[82]

O caminho da continuidade em Wittgenstein não se confunde com o desvelar de verdades antes absconsas. O que sobre cores se antecipa no *Tractatus* é tão-somente o projeto (não próprio dos lógicos) de descrição do *Farbenraum*, do espaço das cores, mediante a análise de proposições apenas em aparência elementares, mas isso segundo pressupostos bastante distintos dos que caracterizarão a obra futura. Acreditar latente a questão é talvez supor um espaço único, uma única geometria cromática, supondo ademais idênticas ou aparentadas a afirmação de uma incompatibilidade ampla e a de uma restrita, como se desde sempre estivesse dada ou fosse a mesma a pedra de toque da identidade ou do parentesco. Além disso, dizer já presentes no *Tractatus* (*in welchem Sinne immer*) as questões subseqüentes é atribuir à impossibilidade do verde avermelhado uma autonomia tal que seria independente do seu tratamento e mesmo de suas soluções, segundo a diversidade da *Farbengeometrie* em que se colocam. Nesse sentido, a afirmação da latência, se não for de todo falsa, é bastante enganadora, ou as *Bemerkungen über die Farben* tampouco se distinguiriam das anotações de 29 e 30, colecionadas em parte (e com algum dano) nas *Philosophischen Bemerkungen*.

Uma que outra afirmação de Wittgenstein parece favorecer a idéia de uma latência. Em 01 de janeiro de 1930, por exemplo, após ter destituído a noção de proposição elementar de sua significação anterior e ter admitido que, com as regras apresentadas no *Tractatus* para os conectivos mediante notação veri-funcional, teria descrito apenas uma parte da gramática,[83] uma vez que na sua "antiga concepção das proposições

---

Uma questão análoga com relação às cores (ou, como diz Wittgenstein, à "cromaticidade") seria: Seria possível descrever a um cego a diferença entre o vermelho e o amarelo? Ou, ainda: A inexistência de um "verde avermelhado" é um fenômeno da natureza ou uma impossibilidade lógica? Trata-se de uma questão empírica ou "gramatical"? Questões latentes, portanto, já no *Tractatus*." (pp. 130-131, nota.)

[82] Granger, Gilles Gaston, *Invitation à la Lecture de Wittgenstein*, p. 159.

[83] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 158; MS 108, p. 52.

elementares" não se determinava o valor de uma coordenada, quando, ao contrário, com uma proposição sobre cores (ou com outras que envolvam alguma gradação), sempre acostaríamos à realidade um sistema inteiro, Wittgenstein faz a ressalva: "embora minha observação de que um corpo colorido está em um espaço das cores etc.[84] tivesse podido conduzir-me a isto diretamente".[85] Sem dúvida, esta afirmação de que um objeto colorido sempre se constitui em um espaço das cores poderia antecipar a futura imagem da régua de cálculo; entretanto, caso o fizesse, o *Tractatus* não se teria constituído, estando sua unidade e consistência comprometidas, como veremos adiante em "6.3751". Nesse caso, como em outros por que se confrontam os momentos em que se logrou uma unidade, uma latência estaria constituída à revelia da obra, seria retrospectiva e contrafactual, ou melhor, contra os fatos da teoria, contra a ordem de seus conceitos. Logo, não seria uma latência autêntica, prospectiva, mas sim uma trazida à luz pela constante reinvenção da obra, característica talvez do que se costuma chamar de terapia. Por isso mesmo, quando Wittgenstein acaso rememora os passos de sua reflexão, só a anatomia da obra futura pode localizar e decidir o que a antecipa.

2.

A arquitetura sem ornamentos do *Tractatus*, conquanto abrigue uma crucial questão sobre as cores, não parece solicitar ou admitir uma fenomenologia que a deva preencher. De maneira alguma parece ser então um projeto seu a produção de uma linguagem primária, na qual encontrasse lugar, correspondendo à exigência lógica de proposições elementares, uma espécie qualquer de proposição de protocolo. De certo modo, o próprio *Tractatus* comporta a negação de uma fenomenologia, uma vez que tanto se recusa a situar a análise do fenômeno ou das parciais dimensões qualitativas do objeto no autêntico e estrito campo de interesse da lógica como ainda condena enunciados fenomenológicos típicos, quer por mostrá-los como enunciados da ciência natural (e logo

---

[84] Wittgenstein faz alusão ao aforismo 2.0131 do *Tractatus*.

[85] Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 159; MS 108, p. 53.

distantes de sua pretensão filosófica), quer como pseudoproposições (porque não-significativas, embora não do tipo das pseudoproposições do *Tractatus*, que se deixam jogar fora). Temos assim uma primeira reticência à fenomenologia, anterior ao projeto (esboçado e recusado em 1929) de uma linguagem primária, fenomenológica, sobre a qual assentar-se-iam as proposições da física.

Aqui se nos oferece o longo e obsessivo caminho por que Wittgenstein enfrentou o problema das cores, tendo inclusive admitido por bastante tempo a necessidade de uma Doutrina das Cores fenomenológica, embora a relevância dessas questões venha a ser reafirmada com tanto mais força no surpreendente contexto da gramática dos usos, ou seja, no contexto da negação da possibilidade de uma fenomenologia. Cabe-nos pois investigar o mistério de como a questão das cores, enquanto legítimo problema fenomenológico, pode sobreviver a tal dissolução, isto é, como Wittgenstein pretende ainda prosseguir em uma investigação de problemas fenomenológicos sem pressupor a identidade de objetos dados à percepção, de cuja fixação de essências acredita depender uma fenomenologia, qualquer que seja. De fato, em 1950, Wittgenstein afirma: "Embora não haja fenomenologia, há decerto problemas fenomenológicos".[86] Ora, o que pode ser um problema fenomenológico fora de uma fenomenologia? Como pode ser reconhecido sem uma fenomenologia que o sustente? Se nos permitem uma analogia, é certo que, sem uma medicina, dificilmente reconheceríamos um problema médico. Ou a doença não se nos afiguraria como 'doença', sendo um comportamento extraordinário absorvido na ordem inelutável das coisas, ou ainda poderia significar uma desordem, não no território do corpo e das ocorrências mundanas, mas um sintoma de perturbação em reino outro, espiritual talvez, sendo o problema, uma vez reconhecido como problema, de natureza mágica e não médica.

Sem uma fenomenologia, então, como reconhecer um legítimo problema fenomenológico? Qualquer resposta pertinente deve comportar alguma vagueza e situar-se fora de uma história das idéias acadêmica, porquanto

---

[86] Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, I, § 53.

frágeis os vínculos de Wittgenstein com uma questão fenomenológica husserliana ou com uma abordagem como a de Mach. Um caminho "acadêmico" seria especioso, um puro artifício, pois o sentido do termo suporta bem uma grande variação, sem poder portanto coincidir por completo com um ou outro uso particular que lhe tenha sido atribuído por uma corrente filosófica. Algumas características decantam-se com precisão, como o tratamento dos fenômenos com a concomitante recusa de uma remissão a laços causais, mas esse traço unificador, porque negativo, conserva-se assim exterior a toda fenomenologia.

Trata-se primeiro de reconhecer um problema fenomenológico conforme a uma definição de fenomenologia interior à obra de Wittgenstein, para depois constatar sua produtividade filosófica sem uma fenomenologia, ou melhor, em um solo, em um contexto, em que já se negou sua possibilidade. Interessar-nos-ão assim tanto as modificações e o abandono do projeto de uma "rein phänomenologische Farbenlehre",[87] como enfim e principalmente o conjunto de observações sobre cores posteriores à elaboração da primeira parte das *Philosophischen Untersuchungen* — quando, refinados os meios do seu pensamento, retoma proposições sobre cores de natureza especial: descritivas e necessárias, porquanto têm "por *origem* a experiência", embora não seja sua verdade "*determinada* por ela, mas pelos diferentes processos de manipulação simbólica, pelas diferentes operações de pensamento a que submetemos a experiência".[88] Nesse momento posterior, todo projeto fenomenológico será acusado de restringir unilateralmente o campo da própria fenomenologia, pois, ao fixarem essências, mostrar-se-iam ineptos os fenomenólogos, quaisquer que sejam, para a descrição dos fenômenos. Os fenomenólogos, quem sabe, filósofos que se alucinaram e se obrigam a tornar em doutrina o que se deve preservar como atividade.

O que seria porém uma fenomenologia para Wittgenstein? É certo que a vincula a seu estudo do campo visual e tenta, então, defini-la no contexto dessa associação íntima. Assim, encontramos uma resposta precisa em

---

[87] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Philosophische Bemerkungen*, p. 273.
[88] Moreno, Arley, "Por uma Pragmática Filosófica", p. 15.

uma anotação de 4 de fevereiro de 1929, logo de seu retorno a Cambridge, quando afirma distinguir-se a fenomenologia da física porque a física produz *Erklärungen*, visa à verdade, busca assentar leis, podendo suas proposições, por conseguinte, ser verdadeiras ou falsas, enquanto a fenomenologia, fundamental, seria a gramática da descrição dos fatos sobre os quais fundar-se-ia a física. Por conseguinte, se uma linguagem fenomenológica seria, como já dissemos, a descrição do imediatamente percebido sem qualquer ingrediente hipotético,[89] a fenomenologia se formaria da gramática da linguagem de cujas proposições a física se constitui; logo, buscaria assentar possibilidades, visaria ao sentido, descreveria. A física, dizendo mais, pressuporia contudo a fenomenologia, pois: "Erklären ist mehr als beschreiben. Aber jede Erklärung enthält eine Beschreibung."[90] Destarte, se a física nos informa a verdade da percepção, as verdades da fenomenologia referir-se-iam à possibilidade da percepção, cabendo-lhe dizer o que é o objeto sobre cuja descrição a física tece proposições.[91]

Vale salientar que o termo 'fenomenologia' não é introduzido sem alguma reserva: é "fenomenologia (ou como se queira chamar)".[92] Isso pode significar, por exemplo, que Wittgenstein não pretende estar introduzindo tecnicamente um termo ou não desconhece alguma vagueza em sua aplicação. Pode ainda denotar o reconhecimento de estar em território que, de origem, não é o seu. Em todo caso, o sentido do termo aí empregado parece ao menos próximo ao que interessou, digamos, a um Brentano, porquanto, para ambos, a fenomenologia (i) seria anterior a toda ciência especial e (ii) referir-se-ia a fenômenos, como os cromáticos, com independência de suas causas físicas ou fisiológicas, comportando tal decisão uma distância de princípio em relação a dois

---

[89] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 5, p. 133; MS 113, p. 244.

[90] Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 1, p. 5; MS 105, p. 5.

[91] A distinção entre física e fenomenologia é reafirmada, em dezembro de 1929, mesmo após o abandono do projeto de uma linguagem primária: "Die Physik will Regelmäßigkeiten feststellen; sie geht nicht auf das, was möglich ist. Darum gibt die Physik, auch wenn sie vollständig entwickelt ist, keine Beschreibung der Struktur der phänomenologischen Sachverhalte. In der Phänomenologie handelt es sich immer um die Möglichkeit, d. h. um den Sinn, nicht um Wahrheit und Falschheit." (Wittgenstein, Ludwig, *Wittgenstein und der Wiener Kreis*, p. 63.)

[92] Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 1, p. 4; MS 105, p. 3.

tipos diversos de tratamento da complementaridade, o da produção retiniana e o da produção física. Dessa forma, mesmo uma noção como a de cor intermediária, que dificilmente separaríamos do manuseio das tintas, das matérias de cor, deve independer de qualquer transição empírica.[93]

Dada sua condição de fenomenologia de programa mínimo, aplica-se a Goethe sem deixar outrossim de produzir observações significativas em um diálogo com um Brentano. O termo 'fenomenologia' (ou como se queira chamar) parece poder desvincular-se facilmente do estrito mundo dos dados dos sentidos, não sendo surpreendente que, em certas proposições, possa sem grande dano ser substituído por termos outros como 'gramática' ou simplesmente 'filosofia'. Tantas porém as reticências, tampouco é uniforme o sentido da sua quase onipresente negação. Segundo seu momento e circunstância, decorrerá de reflexões diferentes, como ao confundir-se com a rejeição do projeto de uma linguagem primária, mediante crítica ao próprio ideal de uma representação exata, ou ao importar, quase por paradoxo, na recusa das suposições unilaterais que empecem o adequado tratamento dos legítimos problemas fenomenológicos.[94]

3.

Por nunca serem as cores um simples dado e se constituírem sempre em um sistema, um problema que gera forte tentação fenomenológica é a investigação da necessidade, ou seja, de suas relações internas, não causais. E, como Wittgenstein não faz história natural das cores, as relações internas por elas tramadas são o específico e constante objeto de

---

[93] "Die Verständlichkeit des Ausdrucks "Zwischenfarbe" ohne Angabe eines bestimmten Farbübergangs." (Wittgenstein, Ludwig, *The Wittgenstein Papers*, vol. 90; TS 219, p. 5.)

[94] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, I, § 53. Por sinal, o escopo desta negação pode variar. Assim, embora o § 53 da primeira parte das *Bemerkungen über die Farben* possa sintetizar uma reflexão que ultrapassa o terreno da gramática das cores e ilumina momentos vários da obra segunda de Wittgenstein, o mesmo parágrafo, como veremos, pode lograr generalidade por outro caminho, a saber, através do detalhe mesmo de sua ocorrência, do seu contexto específico, quando então se ilumina por sua aproximação a um outro parágrafo, bastante misterioso, em que Wittgenstein afirma não ter Goethe escrito para pintores.

sua consideração filosófica. Sem dúvida, a permanência do problema projeta alguma sombra; entretanto, assim como, sem um método de projeção, nenhuma forma do objeto pode ser adivinhada na sombra projetada, a continuidade não confessa por si sua natureza, solicitando-nos um cuidado ainda maior, seja com a afirmação da latência, seja com a "evidência" de estrita continuidade.

No *Tractatus*, empregando em sentido lato o termo 'objeto', Wittgenstein afirma: "Eine Eigenschaft ist intern, wenn es undenkbar ist, daß ihr Gegenstand sie nicht besitzt."[95] Desse modo, ao contrário das diferenças cromáticas entre dois corpos azuis, a relação de clareza entre dois tons da cor azul só pode ser interna. O critério apresentado não exige da propriedade interna que esteja sempre pensada no pensar do objeto em uma proposição, mas não podemos imaginá-lo desprovido dela porque acaso não a mencionamos. Portanto, ao ver o vermelho, não precisamos de um só golpe e necessariamente pensá-lo em sua impenetrabilidade por qualquer outra cor (incompatibilidade ampla) nem como complementar do verde (incompatibilidade restrita), embora talvez não o possamos destituir deliberadamente dessa condição, no sentido de ser impossível pensar um triângulo cuja soma dos ângulos internos seja diferente de 180°.[96] Desse modo, temos com as cores, literalmente, uma *Farbengeometrie*. Parece impossível pensar o objeto com independência de algumas delas, por exemplo, um objeto no campo visual sem pensar uma cor, ou uma cor sem pensar uma extensão,[97] embora o objeto lógico não precise ter a espacialidade nem o espaço das cores à sua volta, uma vez que o objeto lógico é ele próprio *farblos* e, enquanto tal, não necessariamente espacial nem colorido.[98]

---

[95] Wittgenstein, Ludwig, *Logisch-philosophische Abhandlung: Tractatus Logico-Philosophicus*, 4.123.

[96] Cf. Moreno, Arley, *Recherches sur le* Tractatus *de Wittgenstein*, p. 8ss.

[97] Wittgenstein, Ludwig, *Logisch-philosophische Abhandlung: Tractatus Logico-Philosophicus*, 2.0131.

[98] Wittgenstein, Ludwig, *Logisch-philosophische Abhandlung: Tractatus Logico-Philosophicus*, 2.0232. Essas distinções, algo especiosas, podem dever-se aqui também a um aspecto cambiante das palavras 'propriedade', 'relação' e 'objeto' (Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Logisch-philosophische Abhandlung: Tractatus Logico-Philosophicus*, 4.123).

A relação "ser anterior a" é externa quando aplicada aos imperadores César e Augusto, mas interna quando ligada conceitualmente à memória, como na afirmação de que só podemos verificar pela memória o anteriormente acontecido. Ser mais longo ou mais curto é uma propriedade externa de bastões, mas uma propriedade interna dos comprimentos, não podendo ser ela própria expressa em proposições.[99] Por isso, enquanto podemos dizer de dois corpos que, tendo um deles 2m e o outro 1,5m, o primeiro é maior que o segundo, nada dizemos significativamente com "2>1,5", pois, caso pudéssemos dizê-lo, não apenas seria significativa sua negação, como também, sendo ambas significativas, nenhuma condição do sentido estaria fixada.[100] Podemos dizer de um terno que seja mais escuro que um outro, enunciando uma relação externa entre eles; entretanto, com "o branco é mais claro que o preto" enunciamos características essenciais ao emprego das palavras 'branco' e 'preto', não havendo circunstância física capaz de contrapor-se à regra que, gramatical, é condição e critério do emprego correto dos termos em qualquer enunciado.[101]

As relações internas condicionam então as proposições autênticas sobre cores e comprimentos, de modo que só poderíamos dizê-las se não estivessem fixadas, se o sentido das atribuições de cor e comprimento ainda não estivesse determinado. É preciso, porém, à guisa de uma qualificação talvez absurda do inefável, notar nesse ponto a diferença

---

[99] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 333; MS 108, p. 300.

[100] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Wittgenstein und der Wiener Kreis*, pp. 54-55. "Es ist ein Satz: "der Stab a und der Stab b sind aneinandergereiht kürzer als der Stab c; [oder] der Stab a ist 3m lang, b 4m und c 9m." (Aber von der Länge kann ich nicht sagen, daß die Länge des längeren Stabes länger ist als die des kürzeren.) Aber ich kann nicht sagen, daß die Länge 9m länger ist als die Längen 4m und 3m." (Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 333; MS 108, pp. 299-300.)

[101] "Vergleiche damit [com a noção de conseqüência lógica, com um 'folgen' empregado 'unzeitlich']: "Weiß ist heller als Schwarz". Auch dieser Ausdruck ist zeitlos und auch spricht das bestehen einer *internen* Relation aus", ou seja, uma tal proposição não expressa "das Resultat eines Experiments" (Wittgenstein, Ludwig, *The Wittgenstein Papers*, vol. 20; MS 118, p. 39). Nessas considerações já de 1937, e de um modo que ultrapassa os recursos do *Tractatus*, Wittgenstein afirma: "Unser Satz ist unzeitlich, weil er nur die Verbindung der Worte "weiß", "schwarz" und "heller" mit einem Paradigma ausspricht", admitindo então ser possível imaginar situações em que a proposição seja "zeitlich gebraucht" (Wittgenstein, Ludwig, *The Wittgenstein Papers*, vol. 20; MS 118, p. 42).

entre, por um lado, simplemente afirmar que, havendo uma relação interna, não podemos pensar que os elementos relacionados não a possuam e, por outro, afirmar que, havendo uma relação interna, temos uma regra de representação — afirmação que qualifica relações internas conforme a recursos metodológicos posteriores até projetar-lhe a constituição em alguma forma de vida.

Um exemplo análogo de relação interna ocorrerá logo no primeiro parágrafo da parte revisada das *Bemerkungen über die Farben*, inclusive por retomar tardiamente o paralelismo dos exemplos com corpos coloridos e bastões, com cores e números.[102] Longe porém de marcar uma identidade, a analogia tem sua nova ocorrência em parágrafo cuja expressão inicial, como senha e símbolo dos novos tempos, sintetiza toda uma carta de princípios: "Ein Sprachspiel". Logo, se o parágrafo primeiro das *Bemerkungen über die Farben* retoma igualmente a aproximação entre os sistemas cromáticos e o "reino" necessário dos números, o resultado da aproximação tem, neste novo ambiente, sentido diverso. Primeiro, se matemática e cor são aproximadas, isso não se deve ao fato de ser a coloridade, como o fora no *Tractatus*, uma das formas dos objetos, ou seja, uma propriedade interna no sentido d'antanho, própria da possibilidade de aparecerem em estados de coisas — propriedade, de resto, inefável. As determinações relativas a números e as relativas a cores são aproximadas porque decididas em jogos de linguagem. Segundo, se as cores são comportadas em um sistema, a presunção de sua necessidade é imagem que suscita uma terapia; logo, pela possibilidade de uma aproximação vê-se também comprometida a necessidade das relações entre números com as contingências lingüísticas de formação dos sistemas cromáticos. O terreno agora é o da gramática dos usos, que determina a lógica dos conceitos de cor.

A relação entre dois tons de cores é diferente da relação entre as cores de dois corpos. Relatar sobre ser mais claro ou mais escuro um ou outro corpo é ainda referir-se a uma relação externa, temporal, empírica,

---

[102] O paralelismo verifica-se em outros momentos, como em *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 109 (MS 107, pp. 188-189), e em *Wittgenstein und der Wiener Kreis*, pp. 54-55.

contingente, logicamente acidental. Relações assim podem ser ditas em jogo de linguagem semelhante ao que consiste em determinar a relação entre os comprimentos de dois bastões. Declarar porém sobre a relação de clareza entre dois tons de cores é jogo de linguagem semelhante ao de determinar a relação entre dois números.[103] Com isso, estamos no terreno próprio da "matemática" das cores, em que proposições como "Não há um verde avermelhado" mostrar-se-iam, segundo Wittgenstein, "aparentadas às que usamos como axiomas na matemática".[104] As relações são internas, atemporais (zeitlos), não-empíricas, necessárias. Propriedades internas e, não obstante (eis seu mistério!), descritivas de nossa experiência perceptiva; propriedades dispostas ao olhar e entretanto a ele imunes, porquanto não podem ser negadas pelo mundo que nos dão a ver. Se precisamos ter visto alguma vez um amarelo saturado e um azul saturado para saber qual o mais claro, desfaz-se contudo a impressão de ser esta uma simples proposição da experiência, pois o que vemos é interno e *zeitlos*; tendo-os visto, "então eu o saberia de uma vez por todas, como o resultado de um cálculo".[105] O que parece originar-se da experiência da visão pode prescindir do olhar, não tem nele seu critério e, logo, não pode por ele ser contrariado; entretanto, as convenções não se protegem mais da experiência por constituírem um sistema de puro artifício. "Nós temos um sistema das cores como um sistema dos números"; e um tal sistema, não residindo na natureza das cores ou dos números, é tanto aparentado ao arbitrário como ao não-arbitrário.[106]

Wittgenstein, também porque então não os considera simples, tem todo direito de dizer, no *Tractatus*, que há uma relação interna entre distintos tons de azul. Porém, se simples as cores primárias, como o afirma com todas as letras em *Bemerkungen über die Philosophie der Psychologie*, como falar nas *Bemerkungen über die Farben* em relação interna, conservando para estes termos o sentido de outrora? Parece-nos difícil concordar, sem excessivos considerandos, com os que afirmam, como Fernando Gil, que não houve alteração por toda obra: "Du *Tractatus* aux *Remarques sur les*

---

[103] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, I, § 1.
[104] Wittgenstein, Ludwig, *Zettel*, § 346.
[105] Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, III, § 4.
[106] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Zettel*, §§ 357-358.

couleurs la pensée de Wittgenstein sur les relations internes n'a pas varié".[107] Sem dúvida, o par de opostos brilha, quase sorri, mas quão diversa a face em que podemos ver retornar este "mesmo" sorriso. Há algo em comum entre as perspectivas; entretanto, contra qualquer simplificação cronológica, parece ser mais proveitoso ler o *Tractatus* à luz das *Investigações*, conservando-o menos como fonte e mais como um autêntico pano de fundo.

Se o interno coincide com o necessário, não pode ser um invariante da teoria, uma vez que a própria necessidade se modifica, deixando de restringir-se à necessidade lógica veri-funcional — com o que outras relações internas estabelecem um laço singular entre linguagem e realidade, a exemplo da noção de paradigma. Mas, sobretudo, torna-se essencial à determinação de ser interna ou não uma relação algo que análise alguma da proposição isolada pode fazer suspeitar, podendo a mesma proposição, na dependência de jogos de linguagem, no contexto do seu uso, funcionar ora como proposição autêntica ora como regra gramatical. Uma "proposição" que enuncia uma relação interna, não podendo ser negada pela experiência, pode contudo ser empregada em algum jogo de linguagem de modo *zeitlich*. O fascínio, a coação que a proposição necessária exerceria sobre a mente, preservando de intempéries os objetos que relaciona, fazendo subsistir *unveränderlich* e *unzeitlich* as propriedades internas, como o esquema de uma máquina ainda no papel, tal fascínio deixa de ser "das Charakteristicum der 'internen Eigenschaften'".[108]

Sabemos que as cores mantêm relações externas quando as utilizamos na descrição do espaço, sendo internas apenas as relações entre as qualidades puras da cor; mas isso novamente se embaralha, caso a qualidade pura da cor seja ela própria uma quimera. Enfim, se as possibilidades combinatórias do que é objeto de uma gramática são determinadas por relações internas, a gramática das cores terá como problema destacado a incompatibilidade (ampla ou restrita), na ante-sala

---

[107] Gil, Fernando, "Attente et Remplissement chez Wittgenstein", in Sebestík, J. & Soulez, A., *Wittgenstein et la philosophie aujourd'hui*, p. 314.

[108] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *The Wittgenstein Papers*, vol. 20; MS 118, pp. 28-29.

dos enunciados genuínos sobre cores. Devemos porém notar que ser uma relação interna, decorrendo da forma lógica de um objeto (ou seja, de suas possibilidades combinatórias), depende antes da definição pura e simples do que é ser um objeto — como bem sabemos, algo bastante distinto no *Tractatus* e nas *Philosophischen Untersuchungen*. Em todo caso, quer no *Tractatus*, quer na obra futura, as cores não são o objeto da filosofia, salvo ao cifrar-se nessa palavra a contraposição a pigmentos, processos retinianos, etc. A procura comum de relações internas reforça, quando menos, que à filosofia interessa sim a *Färbigkeit*, tendo sempre em conta a distinção entre o necessário e o empírico, apesar de distintos, na obra, a natureza do necessário e do empírico e os critérios que os distinguem.

Em verdade, as cores (por irredutíveis, distintas, indescritíveis que o sejam) são reconhecidas como cores. A semelhança que então se afirma parece explicável quer física quer fisiologicamente, mas nenhuma explicação (a saber, causal) pode esclarecer o mistério de sua necessidade. Por outro lado, a simples afirmação da necessidade não uniformiza a obra, sendo diferentes os critérios que podem aproximar, por exemplo, a incompatibilidade ampla da restrita. Investigar os laços de necessidade que tramam a *Färbigkeit* é pois tarefa filosófica, sobretudo caso se desvelem os mecanismos e o sentido de sua invenção. Por conta disso, a exploração do espaço das cores mostrar-se-á mais e mais radical, pois, ao contrário de apenas afirmar uma simples distinção entre indivíduos (coisas) e suas essências, quebrará a própria ilusão de que as cores sejam coisas, constituídas antes, plenas de propriedades que em seguida constataríamos e das quais faríamos decorrer relações como a de exclusão. Não há cores fora da condição que as anima, não há cor isolada, fora de um sistema cromático. A investigação filosófica não é uma atividade comportada que, ao lado da psicologia e da física, acomoda seu objeto nenhum. Pelo contrário, corrosiva, ao descer às raízes do nosso ver normal, interroga as condições de sua constituição e a identidade de qualquer objeto dado a nossa percepção. Porém, enquanto procurava analisar a estrutura da cor, Wittgenstein iludia-se ainda, aproximava cor e *Färbigkeit*, como se se dispusessem ambas ao olhar. Logo, ao tratar enfim da lógica do conceito de cor, Wittgenstein não consuma um projeto

antigo, não sendo a tarefa passível de satisfação em qualquer momento da obra, mas sim um modo singular de discernir o autenticamente filosófico, as condições da coloridade, as condições do que pode interessar à história natural da cor.

4.

Tal como tratado por Wittgenstein em seu retorno à filosofia, esse campo de questões fenomenológicas permitiu um deslocamento progressivo, a começar pela assimilação da fenomenologia (no sentido anteriormente especificado) à descrição gramatical, com a afirmação categórica: "Fenomenologia é gramática". Ora, havendo uma gramática das palavras relativas aos dados dos sentidos a ser investigada, a simplicidade será sempre um seu tema essencial e uma condição de possibilidade dos enunciados próprios de uma física. O campo visual, se explicável fisicamente, deve ser complexo; logo, é preciso que se componha de simples, cuja identidade seria de interesse de uma fenomenologia. Desse modo, podemos considerar o vasto conjunto de considerações de Wittgenstein sobre o simples, dos *Notebooks* (de 1914 a 1916) até o MS 169 (de 1950), como atinente a um problema fenomenológico.

O que pode, entretanto, ser o simples? Qual o critério de identidade dessa peça fundamental, que não seja fruto de mero arbítrio — uma determinação eventual, porque psicológica? A própria cogitação da simplicidade de um fenômeno cromático sói deslocar-nos para um campo infenso ao labor da ciência. Uma distinção deve logo ser feita, pois a ciência costuma apresentar-nos os fenômenos cromáticos como compósitos e mesmo cada mancha como descritível ou classificável segundo as coordenadas de matiz, saturação e brilho. Ademais, algumas das cores, as primárias, ocupam uma posição privilegiada, servindo à descrição de todas as outras. Apesar disso, em um sentido diverso da sensação de cor decomponível como objeto físico ou psicológico ou ainda descritível como elemento de um sistema, a sensação de uma cor, de

cada e qualquer cor, seria independente de algum sistema, teria uma identidade própria e simples.[109]

É assim fenomenológica a questão: Podemos ver uma mancha simples? O monocromático parece ser simples, não importando sua extensão. Vê-lo como composto, porque mais ou menos extenso, seria artificial, sendo arbitrária a malha que usamos para representar o campo visual. Uma mancha, se monocromática, não pode ser composta; entretanto, como se comporta o simples em transições contínuas, uma vez que, se mancha, se demarcado, a linha de demarcação deve ser de outra cor e, logo, policromático e descritível o conjunto? Esta dificuldade, relativa à representação ideal do simples ou da cor é apresentada em 1929 e retomada no MS 169, em anotações de 1950. O que, porém, no MS 105 e em "Some Remarks on Logical Form", Wittgenstein procurava decidir por análise do campo visual, no MS 169, é reconduzido a práticas diversas.

Em 5 de fevereiro de 1929, parece-lhe simples "jeder einfärbige Fleck", não importando seu tamanho. O campo visual não se compõe de *minima visibilia*, que a razão insiste embora em pressupor. A demarcação importa contudo em complexidade; e mesmo o fragmento menor não é por isso mais simples, pois pode inclusive ser visto como uma complexa diferença em relação ao maior e, portanto, "a mancha menor não é mais simples do que a maior."[110] Sendo retomado o problema no MS 169, é pouco plausível supor idênticos os problemas, pois dificilmente retornariam imaculados em ambientes tão distintos, nos pólos extremos

---

[109] É o que afirma, por exemplo, William James: "The secondary color-sensations are often spoken of as if they were compounded of the primary sensations. This is a great mistake. The *sensations as such* are not compounded — yellow, for example, a secondary on Helmholtz's theory, is as unique a quality of feeling as the primaries red and green, which are said to 'compose' it." (James, William, *Psychology: Briefer Course*, p. 50.)

[110] Aqui, o critério de simplicidade ainda está vinculado às características de um objeto lógico. Por isso, Wittgenstein apresenta, aliás com inusitada clareza, o que significa não ser descritível (e, logo, simples) um objeto: "Ein Gegenstand darf sich nicht beschreiben lassen. D. h. die Beschreibung darf ihm keine Eigenschaften zuschreiben deren Fehlen die Existenz des Gegenstands selbst zunichte machen würde. D. h. die Beschreibung darf nichts aussagen was für die Existenz des Gegenstands wesentlich wäre." (Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 1, p. 6.) Em sentido estrito, por conseguinte, nada indica ser possível que um objeto mantenha com outro relações internas.

do longo percurso por que se afirma finalmente que, acerca de cores, não se aprende por olhar.

Em um sentido, no MS 169, como de resto em "Some Remarks on Logical Form", as cores (agora as primárias) são simples, porque não passíveis de análise. Sua simplicidade parece todavia arbitrária. Não é um ponto geométrico, pois aí perderia a condição essencial da visibilidade. Comportando alguma extensão, manchas maiores e menores, se monocromáticas, podem ser igualmente simples. Mas, então, novo problema: pode ser monocromática uma mancha? Se o fosse, não seria mancha, perderia a linha de demarcação, não seria visível. Nesse caso, tampouco a visão, digamos, por um cano parece poder ser ideal, pois perdemos assim meios de comparação com as cores circundantes e nenhum centro de distorção poderia constituir-se; nem seria representação ou modelo ideal da cor uma superfície que preencha todo o campo visual, pois, também nela, como em um límpido céu azul, o olhar passeia, não havendo a descrição do que vemos.[111] Onde, então, a identidade do simples?

Se passeia o nosso olhar e, mesmo involuntariamente, nós o sentimos deslocar-se, se portanto percebemos uma transição, não temos uma visão monocromática. Inclusive a visão da superfície não seria possível sem uma iluminação que não fosse diversa (como a compensar artificialmente o perspectivismo). Para não termos sensação alguma de movimento ao passearmos o olhar, é de se supor que, em outro sentido agora, não seja monocromática a superfície que vemos. Suas partes compensariam a diferente luminosidade para produzir em nós a mesmíssima impressão. O essencial, porém, enfatizado pelo MS 169 com o passeio do olhar, é não depender o papel de simples desempenhado pela palavra da simplicidade de um mesmo que se deixa ver. Se a idéia de representação ideal é então uma quimera,[112] a dificuldade filosófica estará agora em manter distância, em não falar ao modo da física.

---

[111] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, IV, § 8.

[112] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, IV, § 5.

É notável a diferença entre o algo metafísico critério de simplicidade do *Tractatus*, que cor alguma pôde satisfazer, e a simplicidade decorrente de nossa forma de apresentação da cor, da qual as cores primárias são o melhor exemplo. É simples o vermelho porque indescritível? De modo algum. Podemos bem conceber situações em que certas técnicas o descreveriam. A pergunta, como se encontra formulada, não encontra resposta. A pergunta é, então: É simples o vermelho em nossos jogos de linguagem? A resposta: Sim! Mas, onde reside a simplicidade? Ora, na técnica que o torna simples!

– É uma bobagem fazer o simples depender do olhar.
– Sem dúvida, mas quanto custa tornar uma bobagem evidente?

PRIMEIRA PARTE

6.3751

> Daß z. B. zwei Farben zugleich an einem Ort des Gesichtsfeldes sind, ist unmöglich und zwar logisch unmöglich, denn es ist durch die logische Struktur der Farbe ausgeschlossen.
>
> Denken wir daran, wie sich dieser Widerspruch in der Physik darstellt: Ungefähr so, daß ein Teilchen nicht zu gleicher Zeit zwei Geschwindigkeiten haben kann; das heißt, daß es nicht zu gleicher Zeit an zwei Orten sein kann; das heißt, daß Teilchen an verschiedenen Orten zu Einer Zeit nicht identisch sein können.
>
> (Es ist klar, daß das logische Produkt zweier Elementarsätze weder eine Tautologie noch eine Kontradiktion sein kann. Die Aussage, daß ein Punkt des Gesichtsfeldes zu gleicher Zeit zwei verschiedene Farben hat, ist eine Kontradiktion.)
>
> Ludwig Wittgenstein[113]

1.

Perguntamos certa feita a um especialista no sistema de numeração do *Tractatus* em que lugar, na arquitetura da obra, situar-se-ia um parágrafo de número 6.3751. É difícil reproduzir aqui os termos rigorosos e extremamente técnicos de sua resposta, mas ela pode ser resumida, satisfazendo sua conclusão nosso aqui circunscrito interesse nesse aspecto do *Tractatus*: tal parágrafo situa-se longe (bem longe mesmo) do seu centro. À primeira vista, nada nos faria suspeitar sua inusitada importância, sua posterior centralidade; entretanto, não obstante a distância, o impasse nele expresso pouco a pouco veio a ameaçar toda a estrutura.

---

[113] *Logisch-philosophische Abhandlung: Tractatus Logico-Philosophicus*, 6.3751.

Esse aforismo inocente, que resulta em parte de uma anotação de 16 de agosto de 1916, mas sobretudo de uma outra de 8 de janeiro de 1917 (a penúltima dos manuscritos publicados que serviram à elaboração do *Tractatus*),[114] parecia apenas afastar a tentação algumas vezes enunciada de considerar como elementares proposições que descrevam dados dos sentidos.[115] O aforismo está ainda em consonância com o conteúdo de outra importante anotação, a que afirma não estar necessariamente visto no complexo o simples que ele entretanto sempre pressupõe,[116] pois, considerada a essencial simplicidade do simples, deixa de ser de natureza lógica a dificuldade ora reconhecida: "daß wir immer von einfachen Gegenstände sprachen und nicht einen einzigen anzuführen wußten".[117] Porquanto sem eles não haveria sentido determinado, a existência de objetos simples é então necessária a qualquer linguagem em condições de afigurar o mundo e, como tal, afirma-se com independência de quaisquer exemplos de objetos simples ou de proposições que os mencionem.

Apesar de sua conhecida declaração a Norman Malcolm, de não lhe caber como lógico preocupar-se com decidir se uma coisa qualquer seria ou não exemplo de um objeto simples, Wittgenstein não deixou exatamente de cogitar possíveis exemplos, sendo inclusive negativo seu primeiro

---

[114] Não podemos dizer ao certo que seja das últimas anotações. Outros dois manuscritos podem ter mediado a redação do *Prototractatus* (Cf. von Wright, Georg Henrik, *Wittgenstein*, p. 85), mas nenhuma eventual mudança de opinião foi capaz de diminuir-lhe a força. Cumpre, dessa maneira, papel estruturante, e toda consideração sobre cores no *Tractatus* passa a estar com ela conforme.

[115] "Als Beispiele des Einfachen denke ich immer an Punkte des Gesichtsbildes." (Wittgenstein, Ludwig, *Tagebücher 1914-1916*, 6.5.1915, p. 137.) Se um ponto do campo visual é ou não um exemplo de objeto, isso comportou deliberação muito mais aguerrida do que, em sua frieza não ornamental, o *Tractatus* deixa transparecer. Por isso mesmo, que seja negada aí tal possibilidade, não é sinal de um irrefletido do qual possam aproveitar-se os comentadores a seu bel-prazer.

[116] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Logisch-philosophische Abhandlung: Tractatus Logico-Philosophicus*, 4.221. "Es scheint, daß die Idee des EINFACHEN in der des Komplexen und in der Idee der Analyse bereits enthalten liegt, so zwar, daß wir ganz absehend von irgendwelchen Beispielen einfacher Gegenstände oder von Sätzen, in welchen von solchen die Rede ist, zu dieser Idee kommen und die Existenz der einfachen Gegenstände als eine logische Notwendigkeit – a priori – einsehen." (Wittgenstein, Ludwig, *Tagebücher 1914-1916*, 14.6.1915, p. 153.)

[117] Wittgenstein, Ludwig, *Tagebücher 1914-1916*, 21.6.1915, p. 162.

resultado. De qualquer maneira, segundo o projeto final do *Tractatus*, a tentação de identificar o objeto com algum dado do sensível deve ser considerada espúria, pois a definição do objeto e dos estados de coisas independe de quaisquer circunstâncias empírico-fenomênicas. Por isso mesmo, para resistir à sua força e afastar "em definitivo" tal tentação, torna-se decisiva a recusa do recorrente exemplo das propriedades que no sensível melhor aparentam satisfazer exigências as mais severas da simplicidade: as cores.[118] Não há dúvida, portanto: no estágio do *Tractatus*, as cores não são, em sentido estrito, objetos lógicos e os nomes de cores não se reportam a simples. Assim, se o 6.3751 resulta de uma alternância de posições, ele delibera, atualiza a nítida distinção entre o lógico e o empírico, o necessário e o contingente, tornando-se depois o alvo preferencial de muitos comentários. Consideraremos esse aforismo um acesso privilegiado ao *Tractatus*, um seu arremate, por abrigar bem seus compromissos, a exemplo de sua recusa de qualquer necessidade que não seja lógica. Desse modo, subordinaremos nossa sucinta leitura do *Tractatus* a pontos também atinentes a 6.3751; e o aspecto que nos interessa (a saber, o problema da incompatibilidade ampla) destacar-se-á naturalmente, embora enfatizar esse ponto, em função de nosso interesse específico, seja distorcer a história e contá-la sob a influência de um final já sabido. Por arbitrário porém que o pareça, nosso tema e a história da obra nos autorizam a deslocar assim nossa atenção.

2.

Consoante com a apresentação das proposições significativas do *Tractatus*, não pode haver uma imagem a priori verdadeira do mundo – uma imagem cuja verdade decorra da própria estrutura de afiguração sem necessidade de qualquer confronto com um real. Proposições a priori verdadeiras, como as tautologias, ou a priori falsas, como as

---

[118] Vale notar que, segundo Russell (para quem uma investigação ontológica das cores parece bastante para afirmá-las simples e impenetráveis), a cor poderia, ao contrário da matéria, estar em vários lugares simultaneamente (não sendo assim a diferença de suporte suficiente para uma conseqüente distinção na propriedade), mas compartilharia a cor com a matéria a impenetrabilidade (Cf. Russell, Bertrand, *The Principles of the Mathematics*, § 440).

contradições, não são significativas — pelo menos não o são do mesmo modo por que consideramos significativas proposições simples ou complexas que nos apresentam o mundo.[119] Tautologia e contradição nada dizem. A contradição ocupa todo o espaço lógico, sendo o comum que nenhuma proposição tem com as outras, enquanto a tautologia esvazia esse espaço, sendo o comum a todas as proposições que nada têm em comum.[120] A contradição é *sinnlos*; tivesse ela sentido, seu objeto seria a realidade toda, ou seja, os fatos positivos e os fatos negativos que se auto-excluem e cuja conjunção nenhum mundo pode satisfazer. A tautologia é *sinnlos* porque seu objeto é qualquer fato, sendo satisfeita por qualquer mundo; logo, não é uma autêntica ligação dos sinais, não afigura nada, pois deve funcionar para qualquer ligação.

Um mapa que valha para qualquer terreno nada afigura, sendo antes, qual uma página em branco, condição para mapas autênticos, assim como, por outro lado, o desenho de um terreno específico jamais seria uma tautologia. Os sinais estão em relação na tautologia, mas a relação é *bedeutungslos*.[121] Embora de um modo que talvez não seja bem representado como análogo aos limites de uma reta, tautologia e a contradição são os limites do espaço lógico — com o que, vale dizer, não podem ser consideradas *unsinnig*. Desse modo, no *Tractatus*, o analítico restringe-se a essas proposições que nada dizem,[122] conquanto não sejam desprovidas por isso de utilidade, pois, ao mostrarem que não dizem nada, ao retirarem suas antenas da realidade,[123] demonstram contudo as propriedades estritamente lógicas das proposições; mas, além dessas proposições "vazias", nenhuma outra deveria comportar necessidade, salvo se redutível ao próprio espaço lógico.

---

[119] *Stricto sensu*, uma tautologia não seria verdadeira, mas, por assim dizer, uma proposição degenerada que está do lado da verdade (Cf. Von Wright, Georg Henrik, *Wittgenstein*, p. 205).

[120] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Logisch-philosophische Abhandlung: Tractatus Logico-Philosophicus*, 5.142, 5.143.

[121] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Logisch-philosophische Abhandlung: Tractatus Logico-Philosophicus*, 4.4661.

[122] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Logisch-philosophische Abhandlung: Tractatus Logico-Philosophicus*, 6.1, 6.11.

[123] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Logisch-philosophische Abhandlung: Tractatus Logico-Philosophicus*, 2.1515.

Se toda necessidade é necessidade lógica,[124] ela não é regional, não é relativa à coloridade ou à espacialidade.[125] A necessidade só pode ser relativa à objetividade em geral, não toca particularmente o mundo. Ela esvazia ou preenche por completo o espaço lógico, mas não apenas o espaço das cores.[126] Ela retira por completo suas antenas da realidade, da realidade total,[127] por conseguinte — correlato único do espaço lógico. Se uma necessidade se apresenta, deve poder expressar-se no espaço lógico, deve encontrar nesse sua tradução, não deve depender da cor dos objetos mas viger mesmo e apenas onde os objetos são incolores. Circunscrita ao espaço das cores, não teria vigência no caso limite em que os termos para cores não tenham sentido. A necessidade que se apresenta em termos de cores deve, portanto, poder encontrar uma análise completa, pela qual esses termos desapareçam ou não mais figurem essencialmente. A análise deve evidenciar que, em "~(V.A)", equivalente a "V→~A" (com o que enunciaríamos algo como "Se uma mancha no campo visual é vermelha, então não é azul"), os fundamentos de verdade de V são

---

[124] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Logisch-philosophische Abhandlung: Tractatus Logico-Philosophicus*, 6.3; 6.37; 6.375.

[125] Não podemos dizer de um mundo ilógico como seria (Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Logisch-philosophische Abhandlung: Tractatus Logico-Philosophicus*, 3.031). Podemos contudo pensar em um *unfärbig*? Este caso antes lembra a superação da geometria euclidiana, mas por outras também geometrias. Outras geometrias cromáticas? Talvez o *Tractatus* as pudesse admitir, pois seu exemplo em 6.3751 seria comum a todo e qualquer *Farbenraum*. Do contrário, o segredo de sua necessidade jamais seria exclusivo do espaço lógico, como espera todavia que deva ser, ainda que a linguagem em que se enuncia alguma incompatibilidade não o consiga explicitar. Os exemplos da física servem então à transição: trata-se de uma incompatibilidade ampla, de uma, portanto, que se espera mostrar como *sinnlos* no espaço lógico — esse detalhe torna bastante significativo nosso cuidado em distinguir uma incompatibilidade ampla de uma restrita.

[126] Importa observar que, ao confiar na redução da coloridade ao espaço lógico, o *Tractatus* não expressa um reducionismo extensionalista em relação às modalidades, ou seja, a confiança em que o necessário, o impossível e o contingente poderiam sempre ser definidos de modo extensional, tendo em conta estritamente funções de verdade. Como observa von Wright, isso seria uma *petitio principii*, situando-se realmente as modalidades no campo do que pode ser mostrado e não do que pode ser dito. Cf., in Von Wright, Georg Henrik, *Wittgenstein*, o artigo "La Logique Modale et le *Tractatus*".

[127] A realidade é mais ampla que o mundo? Não, porque os estados existentes determinam também, mas não por dedução, os que não existem. O mundo, que é o conjunto dos estados existentes, é assim a realidade total, que são os fatos todos no espaço lógico (Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Logisch-philosophische Abhandlung: Tractatus Logico-Philosophicus*, 2.04, 2.05 e 2.06).

também fundamentos da negação de A.[128] Sendo então patente que a negação de A segue-se a V, deveria ser possível escandir V o suficiente para mostrar talvez que "a cor V contém todos os graus de V e nenhum de A e a cor A contém todos os graus de A e nenhum de V".[129]

Com semelhante análise (seja ela o que for), os fatos cromáticos mostrariam no espaço lógico uma necessidade que, quando menos "para a maioria de nós", parecem já apresentar no espaço das cores. Entretanto, além mesmo dessa suposta contradição enunciada em 6.3751, muitas proposições recusam uma instalação simples na comportada classificação do *Tractatus*, a exemplo das decorrentes do suposto laço indissolúvel entre cor e extensão, que parecem de imediato gerar um sem-número de problemas, carentes de futura terapia. Por sinal, a associação entre cor e espaço visual é uma forte imagem também do *Tractatus*, dela dependendo em muito o próprio problema da incompatibilidade ampla (tal como expresso em 6.3751). É curioso inclusive como, por costumeiro, alguns deixam de comentar o pressuposto laço indissolúvel entre cor e extensão, que assim se confirma sem qualquer considerando. Por conta disso, o clássico texto de Edwin Allaire não formula adequadamente o impasse de 6.3751, podendo apagar um importante fundamento do problema, a saber, a ligação essencial entre cor e campo visual, também afirmada em 2.0131. Allaire afirma, porém: "Consider the sentence 'this is red and this is green'. Call it A. Assume that in A the two occurrences of 'this' refer to the same colour spot. In the *Tractatus* Wittgenstein claimed that A is contradictory."[130] Ora, tivesse afirmado Wittgenstein exatamente isso e seria difícil entender onde residiria a dificuldade. Afinal, na construção do problema por Allaire já está ineludível a "contradição", quando se atribui a 'this' o referir-se a "the same colour spot"; assim, na simples instanciação da referência já se encontraria tecido um espaço bem regrado.

---

[128] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Logisch-philosophische Abhandlung: Tractatus Logico-Philosophicus*, 5.11.

[129] Wittgenstein, Ludwig, "Some Remarks on Logical Form", pp. 35-36.

[130] Allaire, Edwin, "'Tractatus' 6.3751", p. 189.

A formulação em 6.3751 afirma menos, é talvez mais inocente e, por isso, autenticamente explosiva: refere-se a lugar ou ponto no campo visual, mas na própria cor reconhece uma estrutura lógica, que, evidentemente, estabelece também um espaço das cores. Se a contradição se apresenta nos dois casos, eles não parecem compartilhar o mesmo critério de identidade cromática; afinal, um lugar no campo visual não é sinônimo de 'cor' ou de 'colour spot'. Além disso, o problema se torna por completo diferente. Na fórmula de Allaire, parece decidível por simples definição: duas cores *diferentes* (e *red* e *green* são cores) não podem ser "the *same* colour spot". Na expressão de Wittgenstein, parece enunciar-se uma lei *a posteriori*: duas cores diferentes não podem predicar o mesmo lugar de um campo visual. Fosse a formulação de Allaire a exata, ela cumpriria com mais dificuldade o que ele, por outro lado, expõe com bastante clareza: "Wittgenstein's determination to secur a privileged status for such sentences as A was a major motive for his eventual rejection of the *Tractatus*".[131]

3.

É surpreendente como uma "trivialidade" pode causar estrago tamanho. Imediatamente após seu retorno à atividade filosófica e talvez como um dos motivos desse recomeço, Wittgenstein já estava disposto a pagar o elevado preço de quebrar a harmonia da obra que julgara completa, a abandonar soluções outrora definitivas, tão-somente porque uma análise deveria reduzir um tal truísmo a uma contradição e não o consegue. Logo, não deve ser banal esse resíduo que a análise não consegue eliminar. E, ao persistir doravante fascinado por esses truísmos, o interesse de Wittgenstein recobrirá de modo ainda mais amplo a própria necessidade, estando em jogo o estatuto mesmo da fronteira entre o lógico e o empírico.

A extensão do seu subseqüente labor demarca sua oposição à atitude desdenhosa do círculo para com o "a priori material". Apesar disso, se o

---

[131] Allaire, Edwin, "'Tractatus' 6.3751", p. 189.

desprezo a tais proposições não lhe convinha, tampouco poderia satisfazer-lhe uma solução oposta à do círculo, a saber, pensar como sintético *a priori* um juízo gramatical sobre cores — o que não significa que sua crítica à fenomenologia seja alguma vez uma crítica acadêmica aos trabalhos de Husserl. Com o dito sintético *a priori*, pensava então, teríamos um enunciado lógico cuja negação, entretanto, situar-se-ia no plano dos juízos de experiência; formulado ao revés, teríamos o paradoxo de haver enunciados genuínos, ou seja, de experiência, cuja negação comportaria contudo alguma necessidade lógica. Não participariam de um mesmo espaço lógico um enunciado e sua negação, mostrando tal assimetria que, compreendidos assim, esses enunciados não seriam legítimos.

A possibilidade apresentada por Husserl (por um Husserl, diga-se de passagem, feito sob medida por Schlick)[132] afigurava-se-lhe um mero jogo de palavras: "Worte kann man ja erfinden — afirmou a Schlick —; aber ich kann mir darunter nichts denken".[133] Por sinal, ao referir-se bem mais tarde à tentação de uma fenomenologia,[134] Wittgenstein enuncia vários exemplos dessas proposições fronteiriças entre o lógico e o empírico, sendo bastante claro que não mais se distinguem *per se*, mas por seu emprego em jogos de linguagem. Um exemplo será a afirmação conceitual (discutida nos parágrafos 36, 37, 38, 40 e 41 da primeira parte das *Bemerkungen über die Farben*) de que o cinza não pode ser luminoso, por conta da qual, constitutiva e forte, mesmo em confronto com uma inédita substância cinza ardente, poderíamos vê-la ora como luminosa ora como cinza, mas jamais como cinza e luminosa. Assim, o tratamento de proposições gramaticais sobre cores mostra-se um exemplo de progressiva resistência à tentação de uma fenomenologia, configurando-se a lógica dos conceitos de cor no contexto desse embate.[135]

---

[132] Cf. Van de Pitte, M. M., "Schlick's Critique of Phenomenological Propositions".

[133] Wittgenstein, Ludwig, *Wittgenstein und der Wiener Kreis*, pp. 67 e 68.

[134] Cf., e. g., Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, I, § 32.

[135] De fato, a partir de 1929, Wittgenstein urde situações, imagina contextos em que a ligação "necessária" não mais parece ocorrer, como em suas considerações visando a separar a determinação do simples de alguma determinação relativa a *minima visibilia* (Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 1, p. 4ss.; MS 105, p. 1ss. — páginas ímpares), ou na suposição de um mundo monocromático ou ainda na de um quarto monocromático,

Wittgenstein sabia bem que o aforismo 6.3751 não poderia ser descartado impunemente, uma vez que, segundo as coordenadas do *Tractatus*, a exploração do espaço das cores não seria necessária nem suficiente para esclarecer a necessidade relativa a proposições que comportam palavras para cores. Retornemos portanto ao ambiente do *Tractatus* e perguntemos: Tendo em conta exclusiva e logicamente as condições essenciais por que uma linguagem se põe em ordem, isto é, em condições de expressar a realidade, que exigências devem ser satisfeitas por uma linguagem qualquer de modo que comporte, além de tautologias e contradições, proposições significativas? Uma dificuldade tem estado historicamente associada à solução do problema: mostrar que uma proposição falsa não é, por ser falsa, absurda. Sabê-la falsa, afinal, é saber alguma coisa, por vezes muito importante, além de depender de sua significatividade a equivalência entre uma proposição e sua dupla negação. Uma exposição das condições de significação de uma proposição deve, portanto, se correta, mostrar a independência do sentido da proposição em relação à sua verdade.

Apresentemos, pois, em traços sumários, condições dessa independência tal como enunciadas pelo *Tractatus*. Uma condição primordial é que o mundo deva ter substância, sem o que a análise não poderia terminar nem se cumpriria a exigência de independência do sentido em relação à verdade. Os objetos, sem determinação qualitativa, substância do mundo,[136] são o comum a todo mundo possível.[137] A substância: os

---

proposta por Schlick, em exemplo talvez suscitado pela obra do psicólogo A. Bain: "Como seria, por exemplo, se alguém passasse toda sua vida encerrado em um quarto vermelho e pudesse ver apenas o vermelho?" (Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Wittgenstein und der Wiener Kreis*, pp. 65-66) — com o que teríamos conceitos para extensão, mas nenhuma referência à cor. Nesse elenco pode ser incluído o exemplo contido em *Bemerkungen über die Farben*, II, §11 (1), no qual se imagina um jogo de linguagem em que apenas impressões de conjunto corresponderiam a conceitos de cor. Que, entretanto, após a terapia, ainda estejamos sempre tentados a preservar a proposição gramatical, não nos deve surpreender: é um índice de sua localização transcendental, de nosso uso transcendental daquela proposição, melhor dizendo, de seu lugar fundamental em nosso *Weltbild*.

[136] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Logisch-philosophische Abhandlung: Tractatus Logico-Philosophicus*, 2.021.

[137] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Logisch-philosophische Abhandlung: Tractatus Logico-Philosophicus*, 2.022.

objetos não compostos, sem propriedades materiais, as quais só lhes ocorrem em configurações.[138] Trata-se pois de uma forma fixa — aliás, necessidade gramatical típica de um ponto imune à dúvida. E essa forma fixa sólida, sendo apenas formal, jamais pode depender de uma ocorrência sensível; e só poderia comportar dimensões qualitativas caso as pudéssemos julgar imunes a qualquer condição. A substância só pode consistir essencialmente no que seja comum a qualquer mundo possível; assim, a condição lógica para a determinação do sentido e para a figuração (verdadeira ou falsa) do mundo são os objetos — simples, forma fixa, substância neste sentido *farblos* e, do mesmo modo, *zeitlos*.

As proposições devem também ter sentido com independência de serem ou não verdadeiras porque, como dissemos, tendo sentido apenas a proposição com um correlato na realidade, assim como um nome só tem referência caso haja um ser por ele designado, sua negação não seria apenas falsa, mas desprovida de sentido, com o que seria difícil entender por que, na notação de Wittgenstein, p=~~p. As proposições devem pois denotar a realidade de modo outro que os nomes. E mais: em algum momento, o contato da proposição com o mundo deve ser direto; caso contrário, se não dependessem as proposições de um apoio último na realidade, teríamos ou um círculo vicioso ou uma regressão infinita. Além disso, para ser possível uma afiguração, algo deve ser comum à linguagem e ao mundo, sendo exatamente a forma de afiguração esse comum à imagem e ao que ela afigura. E a forma comum a toda e qualquer afiguração é a forma lógica, que é a própria forma da realidade — e esta é uma condição essencial e última para que, mesmo sendo falsa, a proposição tenha sentido, ou seja, para ser uma imagem, ainda que falsa.[139] A Forma (a saber, lógica) recobre toda forma, toda dimensão qualitativa do objeto. Por isso, "l'Objet est essenciellement Forme et circonstanciellement formes".[140] A Forma é assim a condição de possibilidade do Objeto, enquanto a coloridade é apenas uma das suas

---

[138] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Logisch-philosophische Abhandlung: Tractatus Logico-Philosophicus*, 2.0231.

[139] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Logisch-philosophische Abhandlung: Tractatus Logico-Philosophicus*, 2.161.

[140] Moreno, Arley, *Recherches sur le "Tractatus" de Wittgenstein*, p. 12.

possíveis dimensões formais, não coincidindo com a Forma. A coloridade é um conjunto de que podem fazer parte estados de coisas, mas não necessariamente todo e qualquer estado de coisas, mesmo sendo o conjunto de que fazem parte necessariamente todos os estados de coisas, caso dispostos no campo visual. Apenas sob essa útima condição a coloridade é uma dimensão formal necessária.[141]

Os objetos são *farblos* enquanto substância do mundo, mas a *Färbigkeit* é uma das formas dos objetos. Em relação ao texto do *Prototractatus* (PT 2.0251), o *Tractatus* acrescenta a coloridade à lista anterior das formas do objeto, colocando-a ao lado do tempo e do espaço.[142] Talvez o propósito dessa aproximação aparentemente brusca de elementos de desigual dignidade outro não seja que o de afastar um mal-entendido, a idéia de ser esta uma lista exaustiva, um correlato wittgensteiniano à estética transcendental. Em todo caso, vista à luz dos desdobramentos futuros, a inclusão é premonitória. Sendo porém o objeto *farblos*, é toda configuração *farbenvoll*? Nem sempre! A coloridade, uma das formas dos objetos, é uma das possibilidades da estrutura dos estados de coisas, de como os objetos se vinculam. Se a forma de afiguração é a coloridade, então temos, por assim dizer, uma imagem cromática, que pode afigurar todo o colorido.[143] Mas, se toda imagem é também lógica, dispondo-se

---

[141] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Logisch-philosophische Abhandlung: Tractatus Logico-Philosophicus*, 2.0131. Detalhe importante, a que aludimos anteriormente: em 2.0131, já aparece a comparação entre as dimensões qualitativas diversas, vistas todas como contínuas, sem que todavia o problema possa ser enfocado sob a perspectiva do artigo "Some Remarks on Logical Form" (Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, pp. 158-159; MS 108, pp. 52-53). Em específico, a coloridade é uma forma dos objetos visuais (*Prototractatus*, 2.0252, in Wittgenstein, Ludwig, *Logisch-philosophische Abhandlung: Tractatus Logico-Philosophicus*). Isto é, se dado à visão, não importando qual seja a cor, uma o objeto terá. Podemos assim dizer que certa classe de objetos tem a possibilidade de ocorrer segundo a forma da coloridade. Tais objetos podem ser coloridos em estados de coisas, embora enquanto objetos sejam incolores (Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Logisch-philosophische Abhandlung: Tractatus Logico-Philosophicus*, 2.0232). A *Verbindlichkeit* essencial ao objeto mostra-se, com isso, independente de qualquer fenomenalismo. Não podemos é pensar objetos coloridos fora da coloridade, que não tenham o espaço das cores a seu redor, nem o objeto em geral fora do espaço lógico, ou seja, fora das possibilidades todas de ligação com outros objetos (Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Logisch-philosophische Abhandlung: Tractatus Logico-Philosophicus*, 2.0121).

[142] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Logisch-philosophische Abhandlung: Tractatus Logico-Philosophicus*, 2.0251.

[143] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Logisch-philosophische Abhandlung: Tractatus Logico-Philosophicus*, 2.171.

sempre no espaço lógico, não precisa por isso ser "cromática",[144] uma vez que, em um mundo todo vermelho, ou em um cujas cores jamais se estabilizassem ou onde todos fôssemos cegos, não estariam por isso supressas as condições para uma linguagem adequada, para uma afiguração do mundo — *talvez* nem sequer deixassem de ter lugar legítimos problemas fenomenológicos. (Dissemos '*talvez*' para evitar o absurdo de nós o garantirmos.)

No necessário contato último e, em tese, direto entre linguagem e mundo, os elementos da proposição devem ser representantes dos elementos do real, isto é, dos objetos, necessariamente simples.[145] Não fossem simples, dependeriam de uma descrição, de elementos outros portanto. Assim, a razão para supormos necessariamente independentes as proposições elementares está em que, caso o não fossem, não seriam elementares, dependeriam de outras proposições sua verdade ou falsidade e não de um cotejo com o mundo. Para sua verdade, devem depender apenas de sua afirmação e concordância com o mundo, sendo necessário, logicamente, que uma conjunta afirmação e negação seja contraditória e uma disjunta afirmação e negação seja tautológica. Uma proposição elementar é, assim, função de si mesma e também, enquanto configuração de nomes, a mínima unidade significativa — fosse o nome por si completo, poderia ter referência fora do contexto da proposição, mas, para isso, precisaria também ter sentido, não seria um autêntico nome. O objeto, por sua feita, pode apenas ser nomeado, ser

---

[144] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Logisch-philosophische Abhandlung: Tractatus Logico-Philosophicus*, 2.182. Em uma análise que desconsidere a especificidade do espaço das cores ou não o explore, "A é verde e A é vermelho" poderia continuar contingentemente falsa no espaço lógico? De modo algum, ou seria significativa no espaço lógico uma proposição vazia no espaço das cores. Uma análise correta mostraria enfim o não conflito? Por não tê-lo conseguido, "Some Remarks on Logical Form" seria uma análise incorreta? Wittgenstein não o admitiu, não afirmou exatamente falso o texto cuja fraqueza proclama; logo, pode ter julgado correto pelo menos o fracasso da análise, com o qual parece contar em textos posteriores.

[145] A simplicidade não pode delir a diferença entre nomes e objetos, sem a qual toda relação de afiguração estaria abolida. Não sendo coisas, os nomes participam de uma configuração (também ela um fato) como elemento de uma imagem, diferenciando-se nisso do objeto. Os nomes são classes, sendo as diversas ocorrências de "A" instanciações da mesma letra. Qualquer diferença serve para distinguir o objeto, mas não o nome — sem o que, aliás, nenhum cálculo lógico seria possível. Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Logisch-philosophische Abhandlung: Tractatus Logico-Philosophicus*, 3.203.

representado por sinais que entretanto não o descrevem, ou não teríamos ainda nomes nem objetos. Assim, "uma proposição só pode dizer *como* uma coisa está, não *o que* ela é".[146]

A exigência de determinação de sentido acarreta, por conseguinte, a da independência das elementares, pois, em sendo elementar e devendo sua verdade ou falsidade depender do que é o caso, uma proposição não pode ser tautológica nem contraditória; caso contrário, ou seguir-se-ia a qualquer estado de coisas ou implicaria qualquer curso possível dos eventos. Ou seja, sendo elementar uma proposição, seu valor de verdade jamais pode independer do mundo enquanto independente de toda outra proposição. Simples os objetos e os nomes que os denotam, em relações elementares de afiguração, a verdade ou falsidade dessas estaria em dependência exclusiva de tal contato entre linguagem e realidade, não podendo a verdade ou falsidade de proposição elementar depender da verdade ou falsidade de proposição elementar outra qualquer, nem importar para sua verdade ou falsidade. Enuncia-se com isso a independência das proposições elementares, que, mais do que um mero postulado, decorre da exigência de haver necessidade apenas lógica. Havendo necessidade de outra natureza, podendo ser tecida uma trama de necessidade entre proposições elementares, não haveria um momento determinante para o sentido, com o qual a exigência de expressividade é ela própria vindicada. Ao fim da análise, proposições elementares tocam o mundo e sua independência é a contraparte de não encontrarmos no mundo a fonte de alguma necessidade, uma vez que "eines kann der Fall sein oder nicht sein und alles übrige gleich bleiben".[147]

---

[146] "Ein Satz kann nur sagen, *wie* ein Ding ist, nicht *was* es ist." (Wittgenstein, Ludwig, *Logisch-philosophische Abhandlung: Tractatus Logico-Philosophicus*, 3.221.) A tradução para o português deve exigir a expressão aqui de uma *nuance* que, para evitar um equívoco, não precisa ser notada em alemão ou inglês, etc. Em português, ao contrário, dizer como é uma coisa equivale a descrevê-la (logo, a dizer o que tal coisa é) e não apenas a situá-la em uma configuração. E só os fatos podemos dizer como são (Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Tractatus Logico-Philosophicus*, 3.221).

[147] Wittgenstein, Ludwig, *Logisch-philosophische Abhandlung: Tractatus Logico-Philosophicus*, 1.21. Parece preciso aceitar que, em 1.2 e 1.21, Wittgenstein não emprega a palavra 'Tatsache' em sentido estrito, como ocorrência sempre complexa, em desobediência portanto à prescrição feita em carta a Russell (Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Briefwechsel mit B. Russell, G. E. Moore, J. M. Keynes, F. P. Ramsey, W. Eccles, P. Engelmann und L. von Ficker*, p. 252). Parece referir-se a fato atômico e enunciar, com isso, uma espécie de atomismo ontológico.

Há proposições elementares. Isto, portanto, mais que certo, é necessário, é condição transcendental do conhecimento. Entretanto, nem ao menos um exemplo de proposição elementar nos é dado, ou, pior ainda, nenhum exemplo nos pode ser dado. "S'il est vrai, en effet, que la simplicité de l'objet soit relative à un niveau d'analyse, et que la simplicité ultime signifie seulement le point de convergence nécessaire, mais virtuel, d'un processus, il n'est pas étonnant que le réseau définitif de l'espace des choses ne puisse jamais apparaître que comme terme idéal jamais effectivement présent dans la pensée."[148] Assim, como aliás insistia Ramsey, a análise talvez não devesse sequer ser tentada; se o foi, isto se deveu à posição privilegiada que Wittgenstein jamais recusou a uma proposição que comportasse alguma necessidade. Tampouco seria problemática essa limitação, pois não parece haver proposições em nossa linguagem ordinária que exemplifiquem a contento tal elementaridade, sem que seja ameaçado, por conta disso, seu estatuto de linguagem de pleno direito.

Tais assunções não são apenas ontológicas, decorrem sim das condições essenciais de um discurso significativo qualquer, de uma linguagem qualquer que esteja em ordem — com o que, de resto, se mostra a ausência de um convencionalismo no *Tractatus*. "The analytical character of necessity notwithstanding, Wittgenstein's early conception is *not* conventionalist. The rules of logical syntax, though linguistic, are not arbitrary. Rather, they are essential elements of any symbolism, any sign-system capable of representing reality. Hence they must be present — if only under the surface — in any intelligible language."[149] Dadas porém tais condições, como condições essenciais da possibilidade de uma linguagem constituir-se de expressões significativas e, no limite, de expressões operatórias (destituídas de sentido, mas não absurdas), como ficam certos enunciados em aparência descritivos do mundo e, não obstante, necessários? Se a necessidade só pode ser lógica, só pode ser a priori, qual a natureza da necessidade presente em proposições como "Se

---

[148] Granger, Gilles Gaston, *Invitation à la Lecture de Wittgenstein*, p. 153.

[149] Glock, Hans-Johann, "Necessity and Normativity", in Sluga, Hans & Stern, David G. (Eds.), *The Cambridge Companion to Wittgenstein*, p. 201.

isto é vermelho, então não é verde"? Por outro lado, podem ser elementares os componentes de tais proposições? São porventura nomes lógicos os que parecem denotar indescritíveis extensões cromáticas? Qual o critério de simplicidade que podem satisfazer ou, pelo contrário, não sendo elementares os enunciados ostensivos sobre cores, como podem ser analisados? Esse será o difícil legado de questões deixado pelo aforismo 6.3751, com um decorrente projeto de exploração do espaço das cores, cujos limites estão de algum modo antecipados. E Wittgenstein tentará primeiro fazer cumprir-se tal projeto em "Some Remarks on Logical Form", embora a elevado preço.

4.

Ao *Tractatus* coube explorar as condições do espaço lógico e seus limites. No espaço lógico reside a de possibilidade de uma representação qualquer, não importando nem sendo necessário que ela seja também colorida, ou temporal ou espacial. Uma imagem qualquer é lógica mesmo se não for espacial ou cromática. A coloridade é apenas uma condição da representação de objetos dados no campo visual, no qual a mancha terá uma cor qualquer — embora, em sentido estrito, nunca deva ser branca nem preta, assim como para ser autêntica a proposição não deve degenerar. Em todo caso, um ponto no campo visual sempre terá uma cor. Suponhamos, então: 'verde' e 'vermelho' são nomes de objetos, no estrito sentido do *Tractatus*.[150] O que, consoante com o atomismo ontológico, se pode afirmar é que a ocorrência ou não de um fato não interfere logicamente no mundo, apenas não sendo independente de sua própria ocorrência ou não-ocorrência. Mas disso decorre apenas que p.~p é uma contradição. Porém, sendo p "Isto é vermelho", ~p não será "Isto é verde". Assim, caso haja incompatibilidade entre tais proposições, é sinal tão-somente de que não se atingiu o nível de simplicidade adequado. Caso seja simples o verde, o atomismo só afirma haver incompatibilidade entre "Isto é verde" e "Isto não é verde". Uma análise deve ser possível, se

[150] Por sinal, há critérios de simplicidade no *Tractatus* que as cores parecem satisfazer. Cf., e. g., Wittgenstein, Ludwig, *Logisch-philosophische Abhandlung: Tractatus Logico-Philosophicus*, 4.026.

parece óbvia a incompatibilidade entre "Isto é verde" e "Isto é vermelho"; afinal, não é preciso ter "visão normal" (não ser cego para cores) para saber que um ponto do espaço visual, se for azul, não será vermelho. Logo, as cores não são autênticos objetos, 'verde' e 'vermelho' não podem ser nomes lógicos, porquanto ""A ist grün und A ist rot" ist eine Contradiction",[151] não havendo aí qualquer trivialidade apenas caso não se possa cumprir o projeto de análise — quando então, como será explicitado por "Some Remarks on Logical Form", teríamos um resultado espantoso: o de não ser uma contradição algo que todavia preserva algum tipo de incompatibilidade.

A obra entraria em colapso. Contra o aforismo 5.3, teríamos proposições complexas que não resultam de operações de verdade sobre elementares, ou então (contra 4.211) proposições simples que todavia são incompatíveis, ou ainda (contra 2.061) estados de coisas que não são independentes entre si, quando a comparação com a realidade deveria ser a fonte exclusiva da verdade de uma proposição elementar, em conformidade com 2.223 e 2.224. A forma geral do espaço lógico não daria conta dessa dimensão qualitativa do objeto, com a conseqüente tentação fenomenológica de agarrar necessidades regionais no campo do empírico. Resultado: sendo inanalisáveis tais conceitos que, por conseguinte, ocorrem em uma conjunção de elementares, um aspecto essencial ao *Tractatus* deve ser abandonado: a independência de proposições elementares. E não se trata de um aspecto de somenos importância. A independência última das elementares garante inclusive a mecânica e desimpedida confecção de tabelas de verdade, porquanto não deve haver restrições internas no campo das combinações que estejam, por assim dizer, entre os limites da tautologia e da contradição, ou o lógico e o empírico não estariam bem demarcados, parecendo possível à necessidade imiscuir-se no território mesmo da contingência.

Sendo contraditória a conjunção acima, salva-se a obra. A notação funcional seria suficiente para distinguir proposições significativas de

---

[151] Wittgenstein, Ludwig, *Prototractatus*, 6.3752, in Wittgenstein, Ludwig, *Logisch-philosophische Abhandlung: Tractatus Logico-Philosophicus*.

tautologias e contradições,[152] mas isso, é claro, apenas se nomes de cores não são nomes lógicos e os componentes da proposição ainda não estão completamente analisados.[153] Se, ao contrário, são simples, não poderiam figurar em proposições incompatíveis em virtude de sua exclusiva denotação (pois também 4.23). "Isto é vermelho" seria uma proposição elementar e, como tal, nada decorreria dela.[154] Ou então (contra 6.375, 6.37 e 6.3) seria preciso admitir outro tipo de necessidade (*horribile dictu*, algum juízo sintético a priori). Entretanto, 6.3751. Isto é, 6.3751 parece assim servir, como um ponto de arremate, a muitas finalidades, decidindo inclusive sobre a correção de muitas leituras do *Tractatus*, como se dele fora um dos pontos de equilíbrio.[155]

É certo então que, em 6.3751, por estritas razões lógicas, as cores são consideradas complexas, embora dependentes da análise por que se produziria a notação adequada à sua complexidade. Pois, se afirmamos "Isto é vermelho", seguem-se daí: (a) relações necessárias de compatibilidade (com a extensão, com a coloridade) e (b) relações necessárias de incompatibilidade (com qualquer outra cor, "magnitudes de mesmo tipo"), além de (c) relações contingentes (indiferença em relação a peso, sabor, cheiro). Caso fosse simples o vermelho, não deveria ter prevista a exclusão do azul, assim como não prevê a de qualquer peso ou sabor; a priori, ser-lhes-ia a todos indiferente. Como não parece ser assim, deve ser complexo.

---

[152] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Logisch-philosophische Abhandlung: Tractatus Logico-Philosophicus*, 5.525.

[153] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Logisch-philosophische Abhandlung: Tractatus Logico-Philosophicus*, 3.201; 3.24.

[154] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Logisch-philosophische Abhandlung: Tractatus Logico-Philosophicus*, 5.134, 4.211 — exigência que em Russell não era assim extrema (Cf. Pears, David, "The Logical Independence of Elementary Propositions", in Block, Irving (Org.), *Perspectives on the Philosophy of Wittgenstein*, p. 84, nota).

[155] Além de lugar que desafia especialmente a consistência do *Tractatus*, 6.3751 tem servido ainda, secundariamente: (1) para mostrar que as proposições não-elementares referidas por Wittgenstein no *Tractatus* podem ser as da linguagem ordinária e não as de uma linguagem ideal, pois não é porque estranhas a uma conceitografia que são descartadas; (2) para afastar a tentação de achar que os objetos do *Tractatus* são *sense-data*; (3) para mostrar que objetos não podem ser propriedades, porquanto se descarta que propriedades as mais simples o sejam.

Que características deve ter o simples para ser válido esse raciocínio? Primeiro, ser indescritível e, como tal, imune a qualquer afirmação de semelhança. Mas, costuma-se dizer, uma cor (qualquer cor) é, sob certo aspecto, indescritível e, não obstante, cada qual partilha com todas as outras a condição de ser cor — digamos, o fato de que visamos sua sempre distinta singularidade de um mesmo modo ou nos dirigimos a um mesmo. Esta condição, a saber, a própria coloridade, se afirmada, não estabeleceria um patamar de semelhanças, um mesmo e único patamar?[156] Não se ofereceria com isso um campo para a expectativa de uma análise bem sucedida? Em todo caso, as condições para uma linguagem pôr-se em ordem revelar-se-ão insuficientes para a expressão das dimensões qualitativas todas que "dão forma às combinações entre os objetos — sendo as cores (...) um caso particular de forma lógica",[157] embora fosse essa a direção da análise esperada, como o confirma a importante analogia entre essa incompatibilidade e o modo como teria expressão na física.

Essa tentativa de tradução fornece-nos uma boa pista para tratar de questões bem mais promissoras; afinal, o que conduziria Wittgenstein à exploração mais e mais específica do *Farbenraum*, ou seja, à apreciação enfim de exemplos insubstituíveis, salvo o fracasso mesmo da análise? Ao fornecer em 6.3751 um correlato físico para a incompatibilidade, Wittgenstein de modo algum reporta a necessidade a um nexo causal, pois, como a causalidade não é um nexo lógico,[158] a apresentação de exemplos da física não pode pretender reduzir a investigação da estrutura de uma proposição sobre a cor a uma investigação de pigmentos, etc. O que se apresenta é a semelhança que envolve todo exemplo relativo a uma gradação; caso contrário, a dificuldade tão-só seria projetada a outro nível, retornando sempre, conquanto em termos

---

[156] Uma dificuldade aqui presente só se dissolverá quando deixarmos de ver esse patamar unívoco na própria coisa e o percebermos, ao contrário, múltiplo e sobretudo próprio das técnicas por que nos referimos a cores (logo, possivelmente diverso, porquanto diversos os jogos por que falamos de cores).

[157] Moreno, Arley, "Wittgenstein: Fenomenologia e Problemas Fenomenológicos", p. 206.

[158] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Logisch-philosophische Abhandlung: Tractatus Logico-Philosophicus*, 5.136.

diversos, mas nunca sendo possível, nos termos os mais simples, fazer evidenciar-se algum laço lógico entre proposições elementares.

A analogia explicita a persistência da incompatibilidade em um nível ainda mais elementar de análise empírica, devendo ela ser então considerada uma incompatibilidade amplíssima, isto é, constitutiva de qualquer descrição possível de um fragmento da experiência que envolva alguma gradação.[159] A incompatibilidade mostra-se lógica porque, se a deslocamos para uma explicação física, ela assume apenas outra forma e se conserva, aparecendo então a esperança de que uma análise da estrutura do espaço e dos pontos mostrasse seu fundamento lógico, ou seja, o essencial à descrição de qualquer experiência em qualquer mundo.[160] É tal análise que será ensaiada em "Some Remarks on Logical Form".

Como incompatibilidade amplíssima,[161] a necessidade só poderia ser capturada no espaço lógico e não, por exemplo, no *Farbenraum*; ela seria pertinente às condições da substância do mundo, a objetos que são *farblos*. Como as cores resistem porém a essa redução, conservando todavia sua incompatibilidade, laços necessários deverão ser investigados em dimensões mais restritas do objeto, em suas outras

---

[159] No MS 105, antes da elaboração de "Some Remarks on Logical Form", tentando ainda afirmar a independência lógica das proposições elementares, a que renunciará dias depois, Wittgenstein comenta mais uma vez essa analogia, acrescentando-lhe outros exemplos: "Ein Materieller Punkt kann nur eine Geschwindigkeit auf einmal haben, in einem Punkt einer geladenen Oberfläche kann nur eine Spannung zugleich sein, in einem Punkt einer warmen Fläche nur eine Temperatur auf einmal, in einem Punkt eines Dampfkessels nur ein Druck etc etc. Niemand kann daran zweifeln daß alles Selbstverständlichkeiten sind und die gegenteiligen Aussagen Widersprüche." (Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 1, p. 21; MS 105, pp. 78 e 80.)

[160] Cf., in Wittgenstein, Ludwig, *Tagebücher 1914-1916*, a essencial anotação de 16.8.16, p. 176. Cf. também as anotações de 8.1.17 e 28.11.16, p. 187 e p. 186.

[161] O exemplo físico que se segue ao enunciado da incompatibilidade em 6.3751 mostra já tratar-se de uma incompatibilidade ampla, do enunciado de uma lei do pensamento, pela qual se enforma nossa experiência inteira. Isso se confirma pela multiplicação de exemplos que comentam esse parágrafo. Não obstante, a pretensão de contar com notação capaz de também expressar proximidades entre cores favorece um tratamento equívoco do problema, a ponto de parecer tratar-se de uma incompatibilidade restrita, em que pares de cores seriam incompatíveis. Como veremos, tal equívoco é desfeito por completo antes de "Some Remarks on Logical Form".

dimensões formais. E, após "Some Remarks on Logical Form", laços outros se apresentam, tanto mais autônomos, pois não podem ser compartilhados com outras gradações, a exemplo do diverso modo por que dizemos que uma cor está entre outras no espaço das cores. Em todo caso, vale aqui para o amplo o que enfim valerá para o restrito:[162] em Wittgenstein, o uso da expressão ao modo da física não atende a um interesse físico, mas sim a um fenomenológico.

[162] Cf., e. g., Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, IV, § 2.

cor e exclusão

1.

O célebre artigo "Some Remarks on Logical Form", mesmo se errôneo, fraco e pouco característico (do ponto de vista da obra futura), é uma primeira e importante crítica a teses essenciais do *Tractatus*, tal como cristalizadas no aforismo 6.3751. Pretendemos a seguir expor e contextuar seu conteúdo, até para mitigar o persistente preconceito que o cerca, em virtude de não ter sido lido na sessão à qual se destinava. Laboram nesse engano inclusive os comentadores que o valorizam. Um sintomático repertório de conjunções concessivas ou adversativas adorna quase todo comentário ao texto, por conta em muito da errônea ilação, devida à nota editorial da Prof.ª Anscombe, de que Wittgenstein "lo repudió poco después de haberlo redactado y procedió a presentar una ponencia diferente",[163] ou ainda: "Wittgenstein was wholly dissatisfied with his RLF "solution" to the point of refusing to read the paper at the Aristotelian Society meeting for which it was written".[164]

Caso porém não nos limitemos à nota de Anscombe[165] como única fonte de nossos elementos de juízo, as razões de Wittgenstein parecem ter sido outras, sendo sua recusa do conteúdo do artigo pelo menos uns três meses posterior à data da conferência. Em todo caso, a aceitação tácita da recusa,

---

[163] Soto, Carlos, "El Interludio Fenomenológico de Wittgenstein", p. 25.

[164] Austin, James, "Wittgenstein's Solutions to the Color Exclusion Problem", p. 142.

[165] Segundo Anscombe, em sua nota de apresentação do artigo, tratar-se-ia de um texto composto em momento em que Wittgenstein julgava não ter idéias, aceitando então a incumbência da *Aristotelian Society* como forma de "try to write something, just to see whether anything came out that way". Em data que ela não especifica, Wittgenstein lhe teria descrito "what he wrote as quite worthless" (Cf. Wittgenstein, Ludwig, "Some Remarks on Logical Form", p. 31). O relato é bem conhecido. Em todo caso, embora deva ser verdadeiro o registro e, de resto, bastante conforme à atitude usual de Wittgenstein para com muitos de seus trabalhos, não nos parece fiel aos fatos, salvo de modo unilateral, não nos parecendo muito arguto conservarmos tal imagem de indiferença e improviso.

sem os devidos considerandos, tem dificultado o trabalho de distinguir entre a insatisfação deveras justa de Wittgenstein e a surpreendente tese de Anscombe de não ser tal texto um bom guia para seus pensamentos no período.[166]

Primeiro, alguns fatos. Em 18 de fevereiro de 1929, Wittgenstein escreve a Schlick, dizendo-se decidido a permanecer em Cambridge para ocupar-se "do campo visual e de outras coisas". Desse trabalho, a conferência "Some Remarks on Logical Form" é um resultado incipiente. Programada para 13 de julho de 1929, deve ter ficado pronta antes mesmo de junho,[167] sendo encaminhada à direção da *Aristotelian Society*, que a publicou. Temos dela referência em 10 de julho, quando Wittgenstein envia uma carta a Russell, apelando pela presença do único interlocutor que tornaria produtivo o encontro.[168] Antecipa-lhe, então: não proferirá a conferência que escrevera, preferindo falar sobre o infinito e a generalidade na matemática, pois, conforme alega, este tema seria mais prazeroso ao auditório, mesmo que lhe seja ininteligível.[169]

Pelo tom da carta, Wittgenstein não pretende agradar a um auditório que pouco respeita. Teme mesmo que qualquer de suas reflexões, ao lhe ser comunicada, ou passaria em brancas nuvens ou provocaria uma irrelevante inquietude cerebral. Além disso, o interesse na mudança de tema não indica

---

166 Cf. Sievert, Don, "Another Look at Wittgenstein on Color Exclusion", p. 291.

167 Aliás, se distribuirmos com alguma regularidade e mesmo com folga entre os meses o montante dos manuscritos até a ocorrência de nova data, em 6 de outubro de 1929, parece plausível julgar que já estivesse redigida em abril. Em sendo assim, entregue o texto da conferência, por bastante tempo pôde estar de todo absorto no tema da *Allgemeinheit*.

168 É notável o contraste entre a atitude desse momento e o posterior enfado diante da presença de Russell em debates filosóficos, como naquela exposição de Price, relatada a Moore: "Unfortunately (I believe) Russell was there and most disagreeable. Glib and superficial, though, as always, *astonishingly* quick." (Wittgenstein, Ludwig, *Briefwechsel mit B. Russell, G. E. Moore, J. M. Keynes, F. P. Ramsey, W. Eccles, P. Engelmann und L. von Ficker*, p. 288.)

169 "(...) My paper (the one *written* for the meeting) is "Some remarks on logical form", but I intend to read something else to them about generality and infinity in mathematics which, I believe, will be greater fun (though it may be all Chinese to them). — I fear that whatever one says to them will either fall flat or arouse *irrelevant* troubles in their minds and questions and therefore I would be much obliged to you if you came, in order — as I said — to make the discussion worth while." (Wittgenstein, Ludwig, *Briefwechsel mit B. Russell, G. E. Moore, J. M. Keynes, F. P. Ramsey, W. Eccles, P. Engelmann und L. von Ficker*, p. 264.)

uma imediata recusa do texto já escrito, denuncia sim a vontade de discutir e com Russell o tema que passou a absorvê-lo com acerba intensidade[170] e que, aliás, decorria em parte de um resultado a que chegara com as "Some Remarks on Logical Form", qual seja: "Wenn meine Theorie richtig ist daß Gegenstände von der Mannigfaltigkeit der reellen Zahlen in Elementarsätzen vorkommen, so weist das auf eine allgemeinere Auffassung der Zahlen hin — als die Freges und Russells — wie ich sie selbst schon hatte".[171] Com efeito, se o passo significativo do artigo é a idéia do enunciado elementar de descrição completa,[172] a introdução a esse nível elementar de um modo de apresentação expansível solicita uma teoria dos números adequada.

Qual o ânimo de Wittgenstein? Qual seu interesse imediato? Eis o que é preciso perguntar, explicando-se melhor a substituição da conferência por sua imersão em outro tema e por sua vontade de discuti-lo com Russell. É esse interesse que se enuncia assim elipticamente: o novo tema, mesmo que seja grego (chinese) para o auditório, ser-lhe-á mais prazeroso, quando porém tem um destinatário autêntico e preciso. A discussão seria produtiva nesse ponto porque estava em jogo a própria teoria dos números de Russell e a de Wittgenstein, e só um tal interesse justificaria essa deferência pouco usual e mesmo algo exaltada... Não há registro de que Russell tenha atendido ao chamado.

Nada disso anula o fato de que "Some Remarks on Logical Form" seja realmente um texto fraco ou pouco característico, torna-o porém representativo de um período um tanto mais extenso de reflexão, afasta a pecha de episódio deletério, de texto natimorto. Não há motivo de princípio para não reconhecê-lo como a um interlocutor que, conquanto equivocado,

---

[170] Sua concentração no período anterior à conferência, se digno de crédito o testemunho de Leavis, beirava a exaustão e quase a insensatez. Cf. Leavis, F. R., "Wittgenstein — einige Erinnerungsbilder".

[171] Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 1, p. 63; MS 106, p. 111. Com esta anotação encerra-se o que dos manuscritos pode ter servido à redação da conferência.

[172] Atribuir uma cor a um ponto do campo visual é descrevê-lo completamente (Cf., e. g., Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 4, p.250; MS 112, pp. 249-250). A uma imagem completa, que estabelece uma relação interna entre o que apresenta e o que necessariamente exclui, "es ist nicht mehr möglich, nachträglich etwas mit "und" hinzuzufügen. Der Raum ist komplett." (Wittgenstein, Ludwig, *Wittgenstein und der Wiener Kreis*, p. 52.)

tenha proferido questões pertinentes. Ademais, embora jamais tenha retornado ao texto da conferência, muitos dos parágrafos do MS 106 que serviram diretamente à sua redação foram ainda preservados no TS 208, seleção feita em março-abril de 1930, de cuja revisão resultou o TS 209, mais conhecido como *Philosophische Bemerkungen*.

Sem dúvida, das "Some Remarks on Logical Form" às *Philosophischen Bermerkungen* há um importante salto, mas porque problemas postos na conferência impulsionaram a reflexão a outro patamar, tanto por negarem proposições fundamentais do *Tractatus*, como por solicitarem projetos que jamais se poderão cumprir. Sua importância pode ser melhor aquilatada se não nos restringirmos a seu texto, se o contextuarmos nas reflexões fenomenológicas ora desenvolvidas, se portanto o enriquecermos com os parágrafos de que resultou — no caso, dos manuscritos 105 e 106. Não há enfim sustentação para a idéia de que Wittgenstein o tenha rejeitado *ab ovo*, nem para a de que o tenha negado por completo, como se não fora uma peça significativa na produção da obra e tudo nele fora estranheza. Em verdade, é provável que gozasse hoje de maior prestígio, não tivesse sido publicado.

Como porém se explica a posterior carta de 1933 ao editor de *Mind*, em que Wittgenstein o considerou pequeno, fraco e nada representativo? Cabe-nos de novo perguntar: qual então seu ânimo? Em que sentido Wittgenstein desqualifica seu único texto filosófico publicado após o *Tractatus*? Ora, quando escreve ao editor de *Mind*, tem um motivo bastante preciso: está revoltado com um livro de Richard Braithwaite, uma vez que, ao contrário da pretensão do autor, "part of his statements can be taken to be inaccurate representations of my views, others again clearly contradict them". O que, *em abril de 1933*, quatro anos após sua retomada da atividade filosófica, está sendo dito é que "Some Remarks on Logical Form" não pode (porque pequeno, fraco e escrito "at the very beginning of that period") representar sozinho suas posições, sobretudo as posteriores, não pode servir de critério do que pensa e de como pensa Wittgenstein, de modo que o público, conforme a tal padrão, tenha condições de perceber o quão errônea teria sido a apresentação feita por Braithwaite de suas "present views on

questions of philosophy".[173] Com isso, aliás, só podemos concordar. Não podia esperar ser defendido então pelo texto de 29, quando tudo já mudara.

Há ademais algo pouco característico em "Some Remarks on Logical Form". Nesse texto, Wittgenstein não vai direto ao ponto, faz demasiadas concessões a um público estranho, é por demais didático, escrevendo então para quem não comunga do mesmo espírito, para quem não já refletiu sobre os mesmos temas. Sob esse aspecto, a traição é excruciante. Wittgenstein não podia estar satisfeito. A rejeição, porém, não pode recair sobre todos os raciocínios nele comunicados, pois, é preciso convir, Wittgenstein os repetirá ou conservará em outros lugares, mesmo se considerarmos que a idéia do enunciado elementar completo não coincide exatamente com a de proposições que põem sistemas inteiros. De qualquer maneira, cabe-nos guardar desse malfadado texto, também como um pano de fundo contra o qual novas investigações se iluminam, seu testemunho de uma limitação a nós bastante esclarecedora. Um detalhe decisivo torna-o um importante momento da nossa argumentação, esclarecendo-se, por seu abandono, a necessidade de uma exploração específica do espaço das cores, que todavia não mais pode seguir o caminho da constituição de uma linguagem primária: "Some Remarks on Logical Form", extenso comentário a 6.3751, limita-se também ele à incompatibilidade ampla. Como falha porém ao proceder a uma análise dos termos para cores, como falha ao procurar satisfazer àquela promessa dogmática do *Tractatus*, "Some Remarks on Logical Form" abre caminho para outras explorações específicas do *Farbenraum*, sobretudo para a realizada nas *Philosophischen Bemerkungen*, rumo portanto a uma doutrina das cores fenomenológica — embora toda doutrina da cor venha a ser no futuro criticada exatamente porque, qualquer que seja, ao fixar de algum modo o caráter da cor, torna-se por isso fenomenológica.

Dias antes de redigir "Some Remarks on Logical Form", Wittgenstein anotou em linguagem cifrada no manuscrito 106: "Irgendwie sehe ich meine

---

[173] Cf. "To the Editor of "Mind"", in Nedo, Michael & Ranchetti, Michele (Orgs.), *Wittgenstein: Sein Leben in Bildern und Texten*, p. 268. Podemos imaginar quão distante desse texto não se sentia Wittgenstein ao comentar com Anscombe sua rejeição, uma vez que só pode tê-lo feito a partir de 1942, quando a conheceu.

gegenwärtige Arbeit als provisorisch an. – Als ein Mittel zum Zweck."[174] Não sendo uma previsão, isto é, não podendo ser colhida em sinais imediatos, qual leitura de desdobramentos naturais, nem se vinculando diretamente a uma ou outra idéia, a frase tem sabor e força de profecia.

2.

"Duas cores (por exemplo, vermelho e azul) estão no mesmo ponto do campo visual." Se tal proposição enuncia uma impossibilidade, uma contradição estaria aí camuflada, cabendo à lógica analisar os termos 'vermelho' e 'azul', aparentemente simples, mas em verdade complexos. Em 1927, Ramsey enunciava não ser de interesse da lógica percorrer tais caminhos, antecipando mesmo uma objeção à simples retirada de uma das linhas das condições de verdade.[175] A lógica conviveria bem com a afirmação de que todos os tipos de sentenças atômicas são possíveis. Sentenças sobre cores seriam atômicas e qualquer aparente contradição não seria formal, devendo ser investigada, quem sabe, pela física ou pela fisiologia. Em harmonia plena com posições do *Tractatus*, seria sintoma de grave erro, de falso caminho, obrigar-se de algum modo a realizar tal análise, porquanto deveria restringir-se a tarefa da lógica à exibição, não do espaço das cores, ou dos sons, etc., mas do espaço lógico.[176]

---

[174] Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 1, p. 37; MS 106, p. 4.

[175] "(...) it might happen that some of the combinations of truth and falsity of his atomic propositions were really self-contradictory. This has actually been supposed to be the case with 'blue' and 'red', and Leibniz and Wittgenstein have regarded 'This is both blue and red' as being self-contradictory, the contradiction being concealed by defective analysis. Whatever may be thougt of this hypothesis, it seems to me that formal logic is not concerned with it, but pressuposes that all the truth-possibilities of atomic sentences are really possible, or at least treats them as being so." (Ramsey, F. P., "Facts and Propositions" (1927) in Ramsey, F. P., *Foundations: Essays in Philosophy, Logic Mathematics and Economics*, p. 54) Formulemos aqui uma questão que talvez não mais possa ser respondida a contento: Uma tal objeção preventiva não seria índice de um debate com o próprio Wittgenstein, com o qual há muito manteve contato – o que apontaria para uma gestação bem mais lenta de "Some Remarks on Logical Form"? Vale lembrar que, em 1923, em sua resenha do *Tractatus*, exatamente Ramsey, pioneiro, chamara a atenção para dificuldades do aforismo 6.3751 (Cf. Ramsey, F. P., "Review of 'Tractatus'", pp. 17-18).

[176] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Logisch-philosophische Abhandlung: Tractatus Logico-Philosophicus*, 5.551.

Wittgenstein, entretanto, não considerava trivial a "verdade" contida nessas proposições – de algum misterioso modo, necessárias. Contra Schlick e Ramsey, "he never wavers in his determination to preserve in some form the privileged status of A".[177] Por isso o programa que o conduziu a "Some Remarks on Logical Form", pelo qual passou a considerar a análise das cores uma tarefa de interesse da lógica.[178] O projeto esboçado antevia também evitar construções *nonsensical* como "red is higher than green", exigência que a sintaxe da linguagem ordinária não estaria apta a satisfazer. Aí passa a laborar uma imagem a ser futuramente demolida: uma linguagem preferencial, primária, correlata pois a um ver fundante.[179]

A analogia com os dois planos (segundo a qual ocorreria uma distorção por conta de um método de projeção impreciso) dá o tom do texto, é sua chave retórica, condensando o espírito em que foi redigido, inclusive por coincidir quase à letra com o último parágrafo do MS 106 que pode ter servido à sua redação.[180] Recorrendo aos manuscritos 105 e 106, que serviram de base à sua redação, contextuemos então melhor essa oposição característica de "Some Remarks on Logical Form" entre uma linguagem capaz de reproduzir a multiplicidade lógica dos fenômenos (uma linguagem primária, portanto) e a linguagem ordinária, pois nesse contexto torna-se bastante nítida a natureza "fenomenológica" da investigação do campo visual ora empreendida.

Dirigido o olhar ao mundo dos dados dos sentidos, que é *zeitlos*, as relações devem ser reconhecidas imediatamente, sem recurso a hipóteses. Relações internas devem poder ser flagradas sem dilação, tendo em conta as

---

[177] Allaire, Edwin, "'Tractatus' 6.3751", p. 192.

[178] "What Wittgenstein hoped to do was so to define 'red' and 'green' that not-A would become a deductive consequence of his definitions. Thus, since definitions are analytic, not-A would be shown to be analytic. Or, what amounts to the same thing, A would be contradictory." (Allaire, Edwin, "'Tractatus' 6.3751", p. 191.)

[179] Aí também se elabora uma direção ulteriormente criticada: "I only wish to point out the direction in which, I believe, the analysis of visual phenomena is to be looked for, and that in this analysis we meet with logical forms quite different from those which ordinary language leads up to expect" (Wittgenstein, Ludwig, "Some Remarks on Logical Form", p. 34).

[180] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 1, p. 63; MS 106, pp. 107, 109 e 111. Note-se que essa tópica de "Some Remarks on Logical Form" será repetida no TS 208 e no TS 209 (Cf., respectivamente, *The Wittgenstein Papers*, vol 86, p. 17, e *Philosophische Bemerkungen*, pp. 118-119).

condições essenciais de uma descrição significativa do campo visual. Só assim a investigação pode cumprir função fenomenológica. Embora toda forma de afiguração seja justificada,[181] alguma prioridade, conquanto sem privilégio, deve ser concedida então à fenomenologia, por consistir na gramática da linguagem de cujas proposições se constitui a física e ser assim transcendental, por nela se decidir o que pode ser expresso.[182]

A multiplicidade fenomenológica dos dados dos sentidos é diversa da multiplicidade física das leis. E, como a fenomenologia, de modo um tanto mais tênue, apenas dispõe possibilidades, torna-se tanto menos estrita quão mais pregnante. Quais porém os pressupostos da descrição correta do campo visual, se "fenomenológica"? Em primeiro lugar, toda proposição sobre o campo visual nele supõe uma ordenação. Nosso campo visual é um campo preciso de forças, uma trama de direções. Ele precisa ter um *em cima* e um *embaixo*, etc., sem que essa trama possa ser um dado empírico. Sua ordenação não se subordina a laços causais, não resulta da ação da gravidade nem depende de termos uma mão direita e outra esquerda. Sendo possível uma linguagem, essa verdade da possibilidade da percepção valeria ainda se fôssemos fantásticos seres astrônomos, sempre a olhar o céu estrelado através de um telescópio, tendo como única imagem um campo visual todo escuro com um círculo mais claro no qual estivessem pontos luminosos.[183] Ainda assim, a ordenação seria a condição para uma afiguração, pois também quando seguramos um livro de cabeça para baixo, lembra Wittgenstein, não o conseguimos ler ou só o lemos com dificuldade.

Um espaço visual ordenado seria, portanto, independente de nossa instalação no mundo ou de circunstâncias psicológicas. Que seja autônomo e não tenha dono, isso deve ser investigado sem as referências mundanas de comparação e em sua necessidade. Podemos medir na retina o que porventura corresponderia ao visto; entretanto, isto não interessaria à

---

[181] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 1, p. 4; MS 105, p. 1.

[182] "Es scheint mir als müsse man erst die ganze Raumstruktur ohne Sätze aufbauen; und dann kann man in ihr alle korrecten Sätze bilden." (Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 1, p. 18; MS 105, p. 64.)

[183] "Nehmen wir ferner an wir hätten unseren Körper nie gesehen sondern immer nur dieses Bild wir könnten nicht die Lage eines Sterns mit unseres Kopfes oder unserer Füße vergleichen." (Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 1, p. 10; MS 105, p. 33.)

filosofia, nem nos daria a medida da necessidade de uma ordenação. Se é ou não necessário que o campo visual seja ordenado, decidem-no antes as frases que têm ou não sentido enquanto relativas à descrição dos objetos dados à visão e com independência de que tenhamos sequer um corpo, ou seja, o critério autêntico dessa estrutura autônoma só pode consistir em quais proposições têm nela sentido e não em quais as verdadeiras. "Das zu suchen ist die Methode der Philosophie."[184]

O campo visual é necessariamente ordenado, ou nenhuma *Örtlichkeit* estaria dada e toda descrição seria impossível. Um sinal importante disso estaria em não haver possibilidade lingüística de localização de um ponto, salvo em um tecido. Um par ordenado deve localizar um ponto da superfície de toda estrutura do espaço, mesmo se o consideramos ainda sem proposições e apenas como condição para a construção correta de proposições nele significativas. Estamos diante da mera preparação para uma proposição, pois a simples coordenação entre pontos identificados e cores não é ainda uma proposição. Só com a expansão dessa coordenação na mancha começamos a ter proposições — por exemplo, em [(5-7, 3-4)R], em que se atribui uma cor R a uma mancha descrita consoante a expediente típico de um plano cartesiano. Cada ponto de uma mancha deve ter uma cor, dependendo da posição do ponto na mancha, mas "ein Punkt kann gar keine Farbe haben".[185] E também, em sendo uma proposição, não é o ponto o descrito, mas o tecido de pontos — o que aliás se mostra na própria forma da descrição: um par para a bidimensionalidade, um número tríplice para a tridimensionalidade...[186]

A autonomia é assim definida pela necessidade de significação. Não fosse autônomo o campo visual, nada nele teria sentido. Pelo contrário, porque

---

[184] Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 1, p. 11; MS 105, p. 36.

[185] Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 1, p. 19; MS 105, p. 68.

[186] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 1, p. 19; MS 105, p. 72. Uma coordenada tríplice: é o caso do octaedro, sistema complexo presente na localização de um dos elementos do campo visual, a saber, a cor. Uma linguagem extravagante, na qual cada item decorre de sistemas inteiros, está sendo tecida. A geometria analítica destaca um fragmento da percepção e a geometria cromática localiza o fragmento também em consonância com suas coordenadas. Temos, desse modo, contrapostos e reciprocamente comprometidos, o espaço tridimensional a ser descrito e a tridimensionalidade de um de seus mecanismos de apresentação.

tem sentido dizer de dois objetos que estão no mesmo ou em diversos lugares, a estrutura do nosso campo visual dispõe de ordem não apenas relativa nem decorrente de uma comparação com a posição de nosso corpo. "Gäbe es keine absolute Richtung so wäre das [(logisch)] unmöglich."[187] Até mesmo a proposição "esta parte de uma superfície vermelha é vermelha" só tem sentido porque há ordenação absoluta do campo visual, do mesmo modo que "ein Fleck auf einem Ei kann sich nahe am stumpfen Ende befinden".[188] Representar-se, ao contrário, relações espaciais sem posição absoluta seria como imaginar um relógio cujos números, indicados apenas por pontos, se movessem, tornando-se assim relógio algum, representação nenhuma.[189] O campo visual teria pontos fixos, direção, partes. Sendo complexo, nem sequer se confundiria com o espaço geométrico do qual não podemos sem arbítrio afirmar composto. Seria assim ordenado como infinito e contínuo, pois, fechados em um quarto, o que vemos pressupõe ainda e sempre, como uma sua condição de representação, a possibilidade de um ver em uma maior amplidão; e só podemos descrever corretamente o visto sob essa forma infinita.[190] De forma análoga, uma linguagem pode coincidir com nossas limitações perceptivas, mas com a condição suposta do contínuo, à custa do qual podemos descrever o discreto.[191]

Essa apresentação de condições para a descrição, da forma elementar das proposições espaciais, procurando dar conta da multiplicidade específica do fenômeno, sobrecarrega deveras a proposição que deve afigurá-lo de modo exato. Tais condições conduzem, por exemplo, à introdução de coordenadas geométricas e ainda exigem alguma determinação temporal das descrições do percebido — embora o tempo do mundo dos dados dos sentidos seja sempre o presente, como a ocorrência na tela do cinema por oposição ao filme, no qual desdobrar-se-ia o tempo do mundo da física. Outras

---

[187] Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 1, p. 11; MS 105, pp. 37 e 39.

[188] Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 1, p. 12; MS 105, p. 39.

[189] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 1, p. 14; MS 105, p. 47.

[190] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 1, p. 45; MS 106, p. 31.

[191] Com isso, adquire pleno sentido a anotação de 2 de fevereiro de 1929, primeira reflexão estritamente filosófica após seu retorno a Cambridge: "Ist ein Raum denkbar der nur alle rationalen aber nicht die irrationalen Punkte enthält? Und das heißt nur: Sind die irrationalen Zahlen nicht in den rationalen bereits präjudiciert?" (Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 1, p. 4; MS 105, p. 1.)

características agregam-se às proposições espaciais, todas elas, como a temporalidade, em consonância com a mesma exigência de significação. Ao lado de todas elas, com graves conseqüências, será ainda solicitada a introdução de números na estrutura proposicional mais elementar, sobretudo ao tratar-se da descrição da cor.

3.

Um traço característico do campo visual interessa-nos sobremodo: a saturação recíproca das formas 'espaço visual' e 'coloridade'.[192] No campo visual, não há como discernir cor e espaço; logo, as regras para o espaço e para os aparentes casos cromáticos devem em primeira instância ser unívocas. O espaço é a forma que reveste todo objeto espacial, e uma cor é um objeto espacial;[193] a cor não *se encontra* todavia no espaço, de sorte que seu entrelaçamento, sua interpenetração, não se expressa bem com os recursos da linguagem ordinária.

Um ponto qualquer deve ter uma cor, embora nenhum por si a tenha. Como vimos, a descrição do campo supõe a ordenação geométrica, mas só começa quando se estende à mancha, pois construir tal ordenação é apenas uma preparação para as proposições significativas. Uma notação adequada mostraria então ela própria, ao descrever uma mancha, a impossibilidade de ter esta duas cores, mas descreveria assim o próprio lugar no campo visual, uma vez que, não havendo qualquer elo intermediário entre cor e espaço, não tem sentido dizer que a cor se encontra aqui ou ali.[194] O enunciado sobre uma mancha precisa então evidenciar sua completude, a fim de assim mostrar-se a incompatibilidade em sua forma. Logo, devem estar dadas as coordenadas todas que localizam a cor nesses sistemas, para também no contínuo ficar evidente a cláusula de fechamento: e não há outros. Por isso o concurso pesado de coordenadas.

---

[192] "Die Formen Farbe und Gesichstsraum durchdringen einander." (Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 1, p. 12; MS 105, p. 41.)
[193] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 1, p. 48; MS 106, p. 43.
[194] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 1, p. 15; MS 105, p. 53.

Todos os ingredientes devem ser exibidos,[195] ou a exclusão pode parecer casual e não necessária. E aqui a dificuldade na expressão da incompatibilidade: a cláusula não pode ser exterior à proposição ou a elementar seria paradoxalmente uma proposição antes de estar completa, teria significado antes de ser proposição. Mas, em lhe sendo interior, contrariamente ao *Tractatus*, duas elementares poderiam contradizer-se. Essa dificuldade é pertinente a todo um campo de proposições semelhantes, a toda uma lista de proposições da física em que se verifica essa incompatibilidade ampla. Não sendo completos, não haveria contradição, como haver 2 maçãs não exclui que haja 3, etc. Entretanto, "niemand kann daran zweifeln daß alles Selbstverständlichkeiten sind und die gegenteiligen Aussagen Widersprüche".[196]

Dizer que o enunciado elementar é, nesse sentido, uma descrição completa é decisão difícil, pois rompe com o *Tractatus* — embora talvez para não lhe causar maior dano, como o seria a simples supressão das elementares. "Entweder das "und" oder die Sätze!"[197] Sendo completo o enunciado, a afirmação de um grau exclui todos os outros. E, inanalisável tal enunciado, haveria uma exclusão mútua entre enunciados "atômicos",[198] em conflito pois com o *Tractatus*, no qual afirmara necessário "that atomic propositions could not exclude one another".[199] A novidade do artigo está em ter capturado a estrita novidade do enunciado que envolve gradação por contraste com sua própria análise veri-funcional em enunciados de

---

[195] "Was zu verstehen ist muß auszudrücken sein." (Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 1, p. 40; MS 106, p. 15.)

[196] Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 1, p. 21; MS 105, p. 80.

[197] Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 1, p. 58; MS 106, p. 89. Ao discutir a completude ou não das elementares, Wittgenstein está a afastar outra ameaça ao *Tractatus*. Se "o quadrado é vermelho" não seria ainda uma proposição, por nada dizer sobre a superfície restante, "wenn nicht gesagt ist daß die übrige Ebene (oder der übrige Raum) irgend eine Farbe hat" (Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 1, p. 49; MS 106, p. 49), o risco é não haver assim autênticas elementares, pois nada se especificaria no campo visual sem uma linha de demarcação. Dada tal ameaça, "Some Remarks on Logical Form" seria um sacrifício menor.

[198] Proposições cuja conexão última dos termos não pode ser quebrada sem destruir a forma proposicional enquanto tal. "We must eventually reach the ultimate connection of the terms, the immediate connection which cannot be broken without destroying the propositional form as such." (Wittgenstein, Ludwig, "Some Remarks on Logical Form", p. 32.)

[199] Wittgenstein, Ludwig, "Some Remarks on Logical Form", p. 35.

quantidade e um enunciado suplementar que lhe fechasse o conjunto. Proposições atômicas que comportam uma tal descrição completa denunciam um parentesco elementaríssimo, que aliás seria o representado pela introdução de números (relações expansíveis) nessa forma elementar.[200] E esse parentesco é semelhante ao que mantêm as diversas experiências relativas a gradações, tornando substituíveis nesse nível os exemplos com cores, sem quebra da incompatibilidade.

Uma mancha é inimaginável sem uma linha de demarcação, pressupondo então a forma da mancha todo o espaço. Sendo completo o enunciado elementar, é simples, inanalisável e, todavia, infinitamente divisível, porque "es wird in ihm gleichsam ein unendliches Gewebe mit einem Blick erfaßt".[201] Da mesma forma, deve estar em ordem a linguagem que descreve uma mancha. Não lhe pode faltar determinação.[202] Os enunciados elementares de descrição completa importam então na renúncia ao projeto do *Tractatus* porque devem exibir de modo suficiente a incompatibilidade, sem contudo ser neles desvelada uma contradição. Como porém simbolizar tal exclusão? São dois argumentos auto-excludentes ou antes uma função que só deixa um lugar vago? Também ao descartar a primeira alternativa (de resto, absurda), "Some Remarks on Logical Form" está abandonando por completo um nível de determinação mais específica, que resultaria de conceitos como o de complementaridade.

A situação é desconfortável: duas proposições isoladamente significativas, cuja conjunção é, não obstante, vazia. Embora tenham sentido *per se*, ou exatamente por isso, elas se auto-excluem. Não se trata de uma questão empírica: "Rot und Grün gehen nicht zusammen an denselben Ort, heißt nicht sie sind tatsächlich nie beisammen". A questão torna-se estranhamente lógica: "Man kann es auch nicht einmal sagen, daß sie beisammen sind, also

---

[200] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 1, p. 61; MS 106, p. 101.

[201] Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 1, p. 52; MS 106, p. 57.

[202] "Meine Beschreibung muß also unbedingt den ganzen Gesichtsraum ja selbst seine Färbigkeit enthalten auch wenn sie nicht sagt welche Farbe an jedem Ort ist. D. h. Sie muß doch sagen daß eine Farbe an jedem Ort ist." (Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 1, p. 54; MS 106, p. 69.)

auch nicht, daß sie nie beisammen sind".[203] E também aqui deve a lógica cuidar de si mesma.[204]

4.

Por não comportar a multiplicidade lógica necessária à sua representação, a linguagem ordinária não poderia individuar a contento os dados dos sentidos nem prevenir nesse campo a construção de contra-sensos. Uma linguagem qualquer deveria tocar em última instância a realidade, com suas unidades proposicionais mínimas, atômicas; porém, quando se tratasse de expressar gradações, transições contínuas, combinações em proporções variadas de objetos espaciais e temporais, nossos meios ordinários de expressão falhariam, pois seria um empecilho sua estratégia restrita de projeção dos fenômenos, limitada a proposições relacionais ou do tipo Sujeito-Predicado[205] — estratégia bastante útil, a maioria das vezes, mas incapaz em absoluto nesse caso de uma reprodução exata. A linguagem ordinária não traduziria fielmente a multiplicidade lógica dos fenômenos atuais, oferecendo-nos o *sich befinden*, característico da relação sujeito-predicado, uma tradução infiel do laço mantido entre cor e extensão, que no campo visual são talvez o melhor exemplo de um 'não encontrar-se', porquanto cor e espaço "se entremesclam".[206]

O fracasso da linguagem ordinária seria óbvio. Imaginar que uma proposição como "a mancha é vermelha", sendo do tipo S-P, dá conta dos enunciados cromáticos equivaleria a imaginar uma relação bastante estranha entre coloridade e campo visual. Questões "fenomenológicas" desse tipo contextuam "Some Remarks on Logical Form". A descrição de uma mancha (que não é ainda objeto e está definida apenas por ser monocromática) aparece como primeiro desafio, fazendo eco à antiga e

---

[203] Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 1, p. 58; MS 106, p. 85.

[204] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 1, p. 61; MS 106, pp. 98-99.

[205] "We meet with the forms of space and time with the whole manifold of spatial and temporal objects, as colours, sounds, etc., etc., with their gradations, continuous transitions, and combinations in various proportions, all of which we cannot seize by our ordinary means of expressions." (Wittgenstein, Ludwig, "Some Remarks on Logical Form", p. 33.)

[206] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 1, p. 15; MS 105, p. 53.

deveras constante tentação de tratá-la como exemplo de objeto lógico. Outro aspecto é o da individuação do simples pela linguagem, quando se trata de saber se o uso de substantivos na língua pode dar conta da percepção fundamental, sendo certo que satisfaça à descrição do mundo da física, à individuação das coisas discernidas.

Como a mancha não está no espaço, como a saturação é recíproca, as proposições do tipo S-P mostrar-se-iam insuficientes. Precisaríamos, por conseguinte, de uma notação que nos fizesse notar aspectos relevantes do espaço, que nos mostrasse como o campo visual se comporta.[207] As palavras deveriam espelhar o que vemos quanto ao espaço, como uma notação especial pode fazer-nos ver que 5 é um número primo. No caso, a notação mostraria que o espaço (e correlativamente a cor) não é uma coleção de pontos mas a realização de uma lei, ou seja, que comporta uma estrutura, que é um tecido, para cuja representação a geometria analítica parece fornecer um primeiro instrumental com adequada multiplicidade. Com recursos típicos da geometria analítica, representar-se-ia assim uma mancha no campo visual: "[6-9,3-8]R", sendo "R" aqui ainda não-analisado. A descrição é muito limitada. Não há referência seja ao tempo seja a uma terceira dimensão. Wittgenstein é o primeiro a reconhecê-lo, afirmando ter pretendido apenas apontar uma direção, na qual lidaríamos com formas lógicas bastante diferentes das que nos permite supor a linguagem ordinária, isto é, formas que nos deixariam representar adequadamente a saturação recíproca de cor e extensão.

O que há primordialmente para ser descrito no mundo dos sentidos envolve continuidade, supõe gradações, que não se traduzem bem por um instrumento bem sucedido na apresentação de elementos discretos. Nada disso comportaria dificuldade se pudessem ser analisadas as proposições que envolvem gradação e cada uma comportasse em sua forma a negação

---

[207] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 1, p. 16; MS 105, p. 59. Se temos uma notação adequada, nela própria se mostra a impossibilidade de N e M predicarem o mesmo intervalo: "Wie aber würde es sich in dieser Notation zeigen können, daß ein Fleck nicht zwei Farben zugleich haben kann? Zeigt sich das nicht so ist etwas in der Notation falsch." (Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 1, p. 19; MS 105, p. 19.) Aqui se evidencia como o problema da construção de uma linguagem primária visa à análise dos enunciados sobre cores, de modo que neles mesmo fique clara a incompatibilidade ampla.

da outra — como o supusera no *Tractatus*. Como não é assim e a incompatibilidade é todavia inegável, suas formas colidem misteriosamente no objeto.[208] Em outras palavras, a incompatibilidade ampla não se resolve em uma contradição. Dada a idempotência dos elementos subordinados a uma determinação numérica, a gradação não encontraria adequada representação funcional. Isto é, uma proposição que atribui um grau (um matiz, por exemplo) a uma mancha não pode ser analisada de modo veri-funcional, pois assim ou os graus se anulariam porque idempotentes ou, caso distintos, continuariam a se excluir. No primeiro caso, a conjunção por meio da qual se analisaria a atribuição a uma mancha de dois graus de vermelho (2V) em "1V.1V" seria equivalente a "1V", com o que a própria gradação deixaria de ser representada; no segundo caso, a tradução em tons discerníveis entre si (digamos, 1V' e 1V") ou produziria a mesma indesejada anulação, após a análise de V' e V", ou reeditaria a exclusão, pois ser definidamente V" excluiria do mesmo modo V'.[209] Considerando então impossível uma análise, Wittgenstein conclui serem simples os enunciados, embora comportem relação de incompatibilidade, mesmo se distinta essa da contradição.[210]

Por falhar a análise, que desfaria a representação de graus, parecerá necessária a introdução de um sinal expansível para dar conta da multiplicidade do espaço e da sua indissociável coloridade, descartando-se a linguagem ordinária também em se tratando de cores. As proposições da linguagem ordinária não teriam dificuldade em individuar objetos

---

[208] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 1, p. 59; MS 106, p. 89.

[209] Cf. Wittgenstein, Ludwig, "Some Remarks on Logical Form", p. 35.

[210] Um enunciado que afirme uma cor de um ponto do campo visual excluiria de um só golpe gradações e tons distintos. Sob esse enfoque, apaga-se, entre outras, a diferença entre dizer que uma mancha não pode ter (em um ponto) duas gradações de uma cor (em que estamos dizendo que uma gradação é definida, que não pode, em sendo ela, ser diferente dela) e dizer que algo, sendo vermelho, não pode ser azul (em que supomos um sistema cromático, ou seja, em que os nomes de cor estão definidos e temos uma estrutura completa para dar conta do que chamamos de cor). O problema do quarto monocromático de Schlick, se não nos dá a idéia de cor, mostra haver solução de continuidade entre os dois problemas. Talvez só o primeiro seja substituível *in totum* por exemplos com outras gradações. A definição do sistema de cor põe limites que a simples *redness* não pode prever, salvo se ela for o completo sistema — caso limite em que não teríamos ainda um sistema de 'croma'. E estes dois problemas, que são próximos (pois, resolvendo o primeiro, o outro *talvez* seja mero corolário), diferem completamente da afirmação de incompatibilidades restritas.

complexos, mas não poderiam dar conta das condições dessa individuação, ou seja, do tecido do campo visual em que ela se apresenta — tecido no qual ou ponto algum é isolável ou, caso contrário, é inefável. Delineia-se então a proposta herética: para representar proposições espaciais elementares, é preciso um outro modo de apresentação, um sinal expansível, como um sistema numérico. Logo, deve ser preciso introduzir números na representação da cor, por cuja comunhão com o espaço se faz o campo visual.

A diferença de grau é uma relação interna, representada por uma relação interna entre os enunciados; logo, a afirmação de que duas cores distintas não podem predicar o mesmo ponto do campo visual não expressa uma experiência, sendo antes condição comum à expressão de experiências tais. Proposições assim "are in some sense tautologies".[211] Mas não estamos falando apenas de cores. As leis que aí se mostram são as que podem acusar incompatibilidades amplas. O estatuto de tais propriedades, sua característica *comum*, reside exatamente em o grau afirmado excluir todos os outros, em fornecer uma descrição completa, sendo desnecessária a cláusula 'e não há outros', que precisamos aditar à descrição de coleções. Por conseguinte, a ocorrência de números não seria um traço acidental, senão um essencial e ineludível, sempre que lidemos com *gradações*: trata-se da expressão formal de propriedades como tamanho, luminosidade, matiz. Em suma, a afirmação de um grau não pode ser analisada como se se tratasse de um emprego de números para quantidades discretas. Inclusive, ela dispensa a negação conjunta (ociosa e impossível) dos graus excluídos. Essa análise fracassa por perder-se com ela exatamente o que se deseja expressar: a gradação.

Conquanto não possa ser analisado (no que satisfaz a exigência de simplicidade), o enunciado de grau mantém relação interna com todos os outros que nega — condição apenas satisfeita pela introdução essencial de números na estrutura dos enunciados elementares, a fim de conservar a multiplicidade que expressam. Mas isso tem seu preço: a explicação da exclusão, com a introdução de números nas elementares, apaga o específico

---

[211] Wittgenstein, Ludwig, "Some Remarks on Logical Form", p. 34.

do espaço das cores na identificação do que é elementar, devendo toda restrição interna estar cifrada na incompatibilidade ampla. E o elementar não responde à cor já constituída em um *Farbenraum*, mas ao mapa em branco sobre o qual um modelo qualquer de *Farbenraum* estaria ainda por ser esboçado.

5.

Antes de redigir "Some Remarks on Logical Form", Wittgenstein anotou: "Was ich brauche, ist eine psychologische Farbenlehre, keine physikalische und ebensowenige eine physiologische".[212] A métrica da cor então procurada não excluía a expressão de parentescos interiores à simples coloridade. Em relação a esta possibilidade, "Some Remarks on Logical Form" comporta um recuo. Prescrever uma cor nunca é apenas indicar uma cor, é sempre inseri-la em um sistema, mas agora isso é feito tão-só mediante a identificação de um grau. Em "Some Remarks on Logical Form", portanto, essa questão foi reduzida à incompatibilidade ampla, e um tal sistema não mais corresponderia à complexidade da doutrina das cores psicológica que solicitara semanas antes. Por isso mesmo, quando essa anotação for reeditada, com o significativo acréscimo de que precisa de "eine psychologische oder vielmehr phänomenologische Farbenlehre",[213] o projeto de uma linguagem primária já terá sido abandonado.

Retornemos brevemente a tais reflexões do MS 105 relativas a uma representação de espaço das cores, na qual conta Wittgenstein com expressar parentescos outros além da coloridade pura e simples. Uma exigência era introduzida ao qualificar com mais riqueza as relações entre as cores: se as cores são estágios diferentes de uma mesma estrutura, é preciso ver proximidades, poder dizer se uma cor está mais próxima de outra que uma terceira, etc.[214] No espaço específico das cores, outras propriedades internas devem poder encontrar expressão. E, na notação dessas

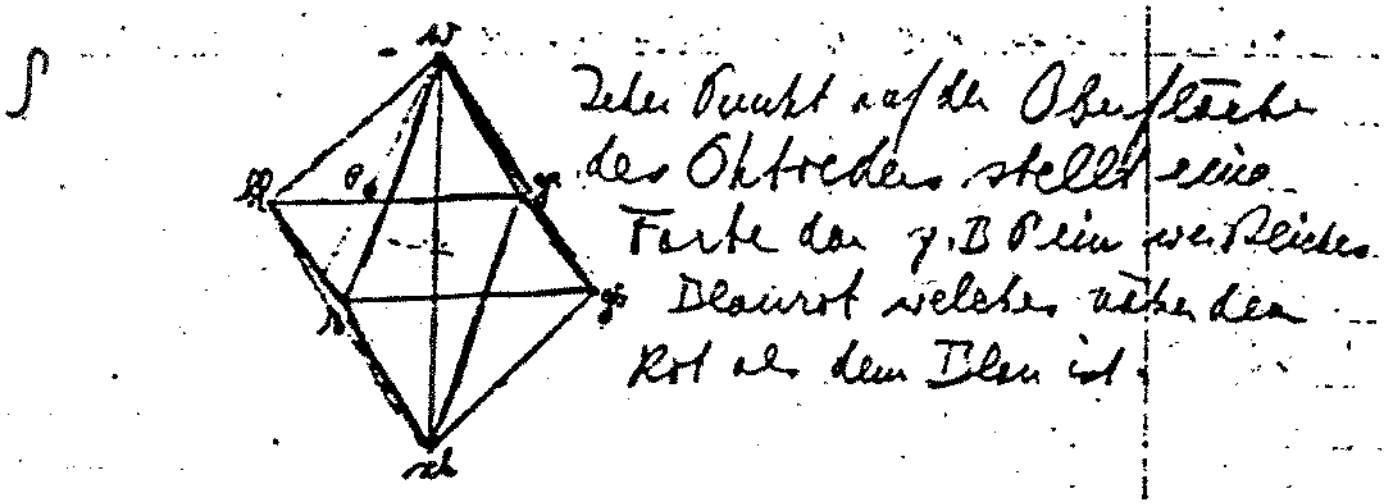
---

[212] Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 1, p. 24; MS 105, p. 90.

[213] O texto já acrescido desse termo é o do TS 209, de abril-maio de 1930. Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Philosophische Bemerkungen*, § 218, p. 274.

[214] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 1, p. 22; MS 105, p. 84.

propriedades cromáticas, devem estar inscritas incompatibilidades restritas, ou seja, "alle jene internen Eigenschaften (...) die wir kennen wenn wir die Farben kennen".[215] Uma tal expressão depende de um sistema, de uma *Farbengeometrie*. As cores não são agora um conjunto de elementos, por exemplo, **a**, **b**, **c**, **d**, que saturam extensões dadas, de modo que, sendo esta mancha **a**, sabemos necessariamente que não pode ser **b**, **c** ou **d**. Outras relações internas e continuidades são apontadas, para cuja representação Wittgenstein considera adequado um modelo complexo de localização da cor: o octaedro.



O OCTAEDRO DE WITTGENSTEIN[216]

A doutrina das cores é dita psicológica por dirigir-se a uma descrição direta da percepção, ao fenômeno cromático ele mesmo, sem dependência seja da produção da cor seja da condição subjetiva de quem percebe.[217] Quando diz precisar de uma doutrina das cores psicológica, o modelo que apresenta, sobre ser específico às cores, é suficiente para localizar um dado sensível

[215] Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 1, p. 23; MS 105, p. 88.

[216] Desenho extraído do MS 105, in Wittgenstein, Ludwig, *The Wittgenstein Papers*, vol. 7, p. 98. Wittgenstein mantém uma duradoura fidelidade a esse modelo, que destaca, em sua simplicidade, o aspecto gramatical que lhe interessará enfim.

[217] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 1, p. 24, MS 105; pp. 88-90.

segundo diversas coordenadas. O acréscimo "fenomenológica" explicitará então um retorno a essa perspectiva anterior ao "Some Remarks on Logical Form", mas também, como veremos, uma enfática mudança de interesse: a direção gramatical a ser enfim investigada, não mais se confundindo gramática com a exata reprodução de um mundo perceptivo, não mais sendo correlata de uma linguagem primária. Desse modo, a primeira exploração específica do espaço das cores vai coincidir com o deslocamento da atenção para os fatos gramaticais de nossa linguagem ordinária.

Wittgenstein dispunha, portanto, em 1929, de uma representação suficientemente sofisticada do espaço das cores: um modelo cromático tridimensional. Tem consciência então de que há propriedade internas específicas, de que uma cor se localiza segundo seus parentescos e sua relação ao preto e ao branco. O modelo a que Wittgenstein alude é provavelmente o da *Farbenlehre* psicológica de Ebbinghaus, se temos em conta o desenho, a descrição anterior e também uma referência a um dos traços característicos da herança nativista de Hering, qual seja, o de haver pares cromáticos, independentes, separados na percepção em amarelo e azul, por um lado, e verde e vermelho, por outro. Por conta aliás dessa herança e um tanto perdido nesse seu incipiente retorno às coisas mesmas, Wittgenstein incorre momentaneamente no deslize clássico do nativismo de fazer derivar do fato empírico da cegueira para um dos pares a conseqüência de serem "diese Farbpaare logisch von einander unabhängig".[218]

O modelo serve-lhe, nesse momento, para uma localização da cor que breve dirá fenomenológica e enfim gramatical, sobressaindo-se mais e mais pela vantagem de exibir o que reconhecemos no imediato não causal da percepção cromática. Desse modo, uma vantagem desse modelo atrairá o favor de Wittgenstein: por recusar-se a ser uma métrica da cor e restringir-se ao fenômeno, ao efetivamente percebido, ele não padece de paradoxos típicos das representações estritamente contínuas, cindidas entre o visível e o possível, entre a limitada verdade da percepção e a ilimitada verdade da possibilidade da percepção, entre o limite de distinções que podem ser feitas

[218] Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 1, p. 24; MS 105, p. 88.

e o fato de não vermos qualquer lacuna no campo visual. Há, pois, com esse desenho, anterior à redação do artigo, um pleno reconhecimento de um campo bem mais rico de relações internas, diante do qual "Some Remarks on Logical Form" seria realmente um recuo, não fosse uma opção.

Dissemos que o tema do artigo é a incompatibilidade ampla. Não nos deve bastar, porém, que o seja por acaso. Só nos interessa porque de algum modo presente e explícita a preocupação em distingui-la dessas outras questões, específicas ao espaço das cores. Se não já conhecesse tal complexidade, sua autêntica opção não seria opção alguma. E tal preocupação se manifesta: (1) na remissão constante a exemplos da física, fazendo o sistema cromático compartilhar problemas com toda linguagem que se envolva com gradações; (2) no afastamento *explícito* de questões como a da complementaridade, interiores a um *Farbenraum*. Isto é, o artigo não se limita à incompatibilidade ampla por ignorância; ele, ao contrário, situa seu problema em um nível mais abstrato e descarta, também explicitamente, parentescos outros além da simples condição da coloridade.

Que uma cor tenha um toque amarelado, isso é interno em outro nível, pois o toque amarelado não é o amarelo.[219] Ser intermediária uma cor não é, nessa relação elementar, ser o produto lógico de outras cores; e uma cor amarelada não concede lugar algum para o amarelo. Este tom que enxergamos deve, portanto, encontrar outro modo de expressão, não podendo contrariar a exclusão enunciada. Não há cor fora de certas coordenadas; entretanto, a cor não é por isso o resultado de um produto lógico, nunca havendo mais de uma cor a ocupar o lugar da cor afirmada desse modo elementar. Assim, inanalisável o tom misto que múltiplas coordenadas localizam e números apresentam, do fato de a ser violeta (blaurot) jamais pode seguir-se que seja azul (blau), seguindo-se sempre que o não seja.[220]

---

[219] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 1, p. 60; MS 106, p. 95.
[220] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 1, p. 61; MS 106, p. 101.

A condição elementar do enunciado espacial teria em conta apenas a incompatibilidade ampla.[221] Considerando as características do campo visual e sua saturação recíproca com as cores, qual a multiplicidade lógica da descrição do espaço por proposições em que se atribui uma cor a um intervalo? Quais as possibilidades mínimas de descrição que tal forma encerra? O primeiro pensamento aponta ser intolerável que estejam duas cores em um mesmo lugar. O pensamento seguinte é, porém, que poderiam estar apenas na condição composta "zu einer resultierenden Farbe",[222] mas essa saída é recusada pelo exemplo limite das complementares: "Wie verhält es sich mit Komplementärfarben? Wie ergänzen sich rot und grün? Etwa zu schwarz? Aber sehe ich denn grün in der schwarzen Farbe?"[223] A solução de resolver a incompatibilidade na mistura choca-se com as complementares, com essas cores que juntas não produzem misturas significativas, isto é, misturas nas quais ainda possam ser reconhecidas.[224] Mas o problema não é sequer esse. Tal solução tampouco funcionaria com as cores mistas, pois incompatíveis, neste sentido, até mesmo diferentes graus do vermelho.[225] Restrito ao impasse formulado no *Tractatus* 6.3751, o nível em que o problema incomoda poderia abstrair de relações internas exclusivas do espaço das cores, pois, ao almejarem o mesmo lugar, todas as cores são postas em pé de igualdade e todos os parentescos são suspensos.[226]

---

[221] Isto resulta de uma explícita reflexão, cujo momento decisivo acreditamos expresso na anotação das páginas 71 e 73 do MS 106 (Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 1, p. 55), que comentamos a seguir.

[222] Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 1, p. 55; MS 106, p. 71.

[223] Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 1, p. 55; MS 106, p. 71.

[224] De uma mancha em que se conjugassem vermelho e verde, afirma: "(Merkwürdigerweise habe ich dann immer das Gefühl daß er schwarz ist)" (Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 1, p. 56; MS 106, p. 77).

[225] "Verschiedene Grade von rot sind mit einander unverträglich." (Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 1, p. 55; MS 106, p. 71.)

[226] Aqui não se tem mais em linha de conta a possibilidade de a incompatibilidade resolver-se em uma cor resultante, porque se trata da percepção ela mesma e não da produção de tintas. Todo parentesco é suspenso; caso contrário, chegaríamos no limite a afirmar a presença no visto de tons encobertos e invisíveis. "Hat es gar einen Sinn zu sagen eine vollkommen schwarze Fläche sei weiß man sähe nur das weiß nicht weil es von schwarz gedeckt sei?" (Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 1, p. 56; MS 106, p. 77.) Evidentemente, não. Afinal, por que o preto encobriria o branco, mas não o contrário? Se convivessem assim tons visíveis e invisíveis, sua presença conjunta não seria afirmada no sentido que nesse caso nos interessa (Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 1, p. 56; MS 106, p. 79).

O mote para "Some Remarks on Logical Form" parece estar nessa extensa anotação das páginas 71 e 73 do MS 106. Com ela, Wittgenstein deliberou tentar resolver o problema da incompatibilidade em nível maior de abstração, inclusive por já reconhecer a condição *sui generis* da gradação e o fracasso em analisá-la. O enunciado que atribui um dado grau de vermelho não pode ser analisado significativamente: "Es heißt auch nichts zu sagen daß ein Stab der 3 meter lang ist auch 2 m lang ist weil er 2 + 1 meter lang ist denn man kann nicht sagen er ist 2 m lang und er ist 1 m lang. Die Länge von 3 m lang ist etwas Neues."[227] É para essa novidade (dificilmente expressa pela linguagem ordinária, segundo julgava) que "Some Remarks on Logical Form" procura apontar,[228] assumindo uma feição própria o projeto de uma linguagem primária como modo de expressão das elementares.

Eis o ponto: haveria uma construção lógica no interior da proposição elementar "die nicht mit Hilfe der Wahrheitsfunktionen arbeitet".[229] Não podendo ser analisada, tal construção tem todavia "eine Wirkung auf das logische Folgen eines Satzes aus einem anderen",[230] pois segue-se dessa construção elementar (pela qual se atribui um certo grau, digamos, a uma mancha colorida) que nenhum outro grau pode estar presente; assim, "können zwei Elementarsätze einander widersprechen!"[231] A cláusula é interna e, entretanto, é elementar a proposição — o que só pode estar associado à idéia de descrição completa: "Der Fleck ist grün beschreibt den Fleck vollständig und es ist für eine andere Farbe kein Platz mehr".[232] Como o que pode entrar em contradição são as proposições e não as cores, isso não se mostra ainda em nossos sinais, mas precisa mostrar-se, caso lhes consideremos o símbolo: se este contém a forma dos objetos, deve exibir a

---

[227] Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 1, p. 55; MS 106, p. 73.
[228] Em páginas ímpares, da 71 até a 111, o manuscrito 106 recobre o texto de "Some Remarks on Logical Form" (Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 1, pp. 55-63).
[229] Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 1, p. 56; MS 106, p. 75.
[230] Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 1, p. 56; MS 106, p. 75.
[231] Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 1, p. 56; MS 106, p. 75.
[232] Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 1, p. 56; MS 106, p. 77.

impossibilidade da conjunção na qual verde e vermelho preencheriam sozinhos, à exaustão, o mesmo espaço.[233]

Não se trata mais de qualquer designação em conjunto significativa. Todas as cores almejam o mesmo lugar. Não apenas pares quaisquer de cores que acaso se oponham. Cabe então descartar mesmo a mais óbvia possibilidade fenomênica, como a de ver o amarelo e o vermelho ambos no laranja. Não podemos afinal vê-los no mesmo lugar no sentido em que os vemos em separado, em lugares distintos. No sentido da incompatibilidade ampla aqui em questão, eles jamais se misturam, não podem ser vistos, ao mesmo tempo, como um misto fenomenal. Opera-se, pois, com as condições de constituição do espaço das cores e não com suas propriedades internas, que estabelecem quais as composições significativas: "Denn wenn ich hier gelb sehen will so muß das Rot von diesem Platz weg, und umgekehrt".[234] Que não possam estar em mesmo lugar ao mesmo tempo, é algo que decorre simplesmente de sua forma e da forma do espaço. E isso, que vale para todo campo da experiência que envolva gradação, vale em especial para esse elemento tríplice e continuamente determinado.

6.

Wittgenstein distingue exclusão de contradição. Sua tentativa revela-se contudo bem mais problemática do que, digamos, a da introdução do conceito de grandeza negativa em filosofia, pois a coexistência de predicados incompatíveis não seria cogitável nem representável, não se tratando de uma oposição real (como a resultante talvez de uma mistura), que nisso seria distinta de uma oposição lógica. Mas, o que é a relação de exclusão? Que papel cumpre, a ponto de ser necessário conceder-lhe um estatuto próprio e diferenciá-la da contradição, caracterizando-a talvez pela assimetria na qual a proposição afirmativa diria mais que sua negação?[235]

---

[233] "Der Widerspruch muß im Sinn der beiden Sätze liegen." (Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 1, p. 57; MS 106, p. 81.)

[234] Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 1, p. 60; MS 106, p. 95.

[235] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 160; MS 106, p. 55.

A exclusão envolveria necessidade sendo contudo *a posteriori*, na medida em que supõe quando menos o estabelecimento de um sistema relativo ele próprio ao mundo e não apenas às condições mesmas de afiguração. A exclusão só poderia ser determinada ou reconhecida mediante incursão empírica, ou seja, mediante prévia decisão acerca de que constantes podem substituir com sentido uma dada variável (à diferença de outras com as quais compartilhariam semelhanças sintáticas superficiais). Mas uma necessidade *a posteriori* parece tão problemática quanto uma síntese *a priori*, que Wittgenstein afirma absurda. O mistério real está em como se inventa tal necessidade e mesmo talvez em como se inventa qualquer necessidade — e a obra futura talvez apague as razões terminantes que então permitiam distinguir por completo contradição e exclusão.

A dificuldade de "Some Remarks on Logical Form" é clara: apresentar como necessária uma construção que depende para tanto da supressão de uma das condições de verdade, ou seja, de uma interdição empírica e não formalizável.[236] Uma linha da tabela ser toda riscada importa em decidir ao nível das condições de verdade, mas tão-somente em função da experiência, pois restringimos a possibilidade da formação do produto lógico de proposições, de sorte que não tenham o sentido conjunto "a ist rot" e "a ist grün". Daí o dilema: "Entweder das "und" oder die Sätze". Em um produto, os sinais aí empregados não seriam símbolos,[237] devendo a linha da tabela ser supressa, alega então, porque tanto a verdade da conjunção seria impossível, como também a conjunção das verdades.[238]

Enquanto há proposições que, afastadas entre si, podem acomodar-se bem no espaço lógico, outras almejam o mesmo lugar.[239] Se a proposição contém a forma da realidade a que se refere, a exclusão explicar-se-ia por colidirem duas proposições nessa forma, sendo seu produto uma impossibilidade. É essa colisão que Wittgenstein expressa pela supressão de uma linha da

---

[236] Isso não é concedido clara ou pacificamente: "Das heißt natürlich nicht daß das Folgern nun nicht nur formell sondern auch materiell geschehen könnte. — Sinn folgt aus Sinn und daher Form aus Form." (Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 1, p. 58; MS 106, p. 85.)
[237] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 1, p. 58; MS 106, p. 89.
[238] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 1, p. 58; MS 106, p. 87.
[239] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 1, p. 59; MS 106, p. 93.

tabela, mas com o desastroso resultado de fazer o fenômeno determinar a forma de sua expressão, dependendo dele a postulação de uma necessidade. Temos com isso uma restrição nas condições de verdade, sobre as quais a lógica deveria silenciar ou a decisão 'isso nunca ocorrerá' transformar-se-ia em critério suficiente da necessidade lógica, conquanto uma universalidade assim definida só seja necessária *zufälligerweise*.

A incompatibilidade de que pretende dar conta com a noção de exclusão não é contraditória nem trivial. Tratar-se-ia de uma incompatibilidade outra, diferente de "Isto é verde e isto não é verde". Portanto, vale observar, ainda que correta a retirada de condições de verdade na exclusão, é um grande engano pensar que *a fortiori* uma linha da contradição também devesse por isso ser supressa, uma vez que não estará malformada, não estando em nada comprometida a íntegra aplicação de notação veri-funcional a proposições contraditórias relativas a cores.[240] Para Wittgenstein, em se tratando de uma contradição, cada linha deve continuar a ter sentido sim, ou toda e qualquer contradição (e logo toda e qualquer tautologia que a negue) estaria malformada; e, por sinal, no exemplo anterior, as condições de verdade resumem-se em última instância à verdade e à falsidade de "Isto é verde", tendo apenas duas linhas a tabela. A negação não é nota do conceito,[241] senão opera sobre a proposição, sendo o resultado da contradição exatamente aquilo que o incauto projetaria sobre as condições de verdade. "G.~G" continua sem sentido sem converter-se em um contra-senso.

A análise deveria explicar essa incompatibilidade, seu mecanismo, dentro dos moldes previstos pelo *Tractatus*. E falha a análise porque eliminaria a condição de enunciado completo, ou seja, exatamente o que põe o sistema e

---

[240] Um argumento simples contra tais ilações pode começar por esse óbvio: não há proposição elementar negativa, como Wittgenstein o esclarece a Russell, ao explicar-lhe em carta alguns pontos do *Tractatus*: "Of course no elementary prop[osition]s are negative" (Wittgenstein, Ludwig, *Briefwechsel mit B. Russell, G. E. Moore, J. M. Keynes, F. P. Ramsey, W. Eccles, P. Engelmann und L. von Ficker*, p. 253).

[241] Não se pode, afinal, confundir um conectivo com parte de um conceito: "Man kann sagen "~Sokrates" heißt darum nichts, weil es keine Eigenschaft giebt die ~(x) heißt" (Anotação não numerada do *Prototractatus*, in Wittgenstein, Ludwig, *Logisch-philosophische Abhandlung: Tractatus Logico-Philosophicus*, p. 255).

fundamenta a exclusão,[242] retirando das proposições a sua completude, o que as levaria a "deixar um só lugar". Por isso, Wittgenstein procura valer-se de uma notação adequada, que manteria o equilíbrio entre multiplicidade lógica e possibilidade — mas isso torna ainda mais estranha a solução *ad hoc* da exclusão, ao restringir à força, em função da empiria, o que a linguagem ela própria não elimina. Wittgenstein esforça-se por defender a idéia de que uma e outra proposição atômica não podem contradizer-se, conquanto possam excluir-se mutuamente. Com funções relativas a cores só haveria lugar para um argumento; desse modo, "RTP" (para a maioria de nós no ambiente acadêmico e para todos na vida cotidiana)[243] entraria em *alguma espécie de contradição* com "BTP", sendo sua conjunção bem mais que uma proposição falsa.

Essa "espécie de contradição" encontraria sua explicação na completude do enunciado, na espécie de função que só deixa um lugar; com isso, a chave para a explicação da exclusão estaria no modo de projeção que determina a forma das entidades a que se refere. Se a proposição contiver a forma da entidade referida, duas proposições podem colidir nessa forma. Como a colocar sujeitos diferentes em uma mesma cadeira apertada, a conjunção os colocaria a ambos no mesmo lugar e eles colidiriam.[244] Não podendo ter lugar a combinação, a verdade da conjunção suprimir-se-ia pelo estranho motivo de não dispor sequer de condições de verdade, pois, segundo acredita então Wittgenstein, a linha em que a conjunção das verdades resultaria na falsidade da conjunção daria à proposição uma multiplicidade lógica superior à que lhe é possível. Mas, como reconhecer tais funções sem inspeção prévia da experiência?

A supressão de uma linha não pode dar-se a priori, depende da investigação de um sistema inteiro, mas em um retorno aos fenômenos; afinal, RPT não exclui SPT, por exemplo, se S estiver por *sweet*. Daí a conclusão: "Such rules, however, cannot be laid down until we have actually reached the ultimate

---

[242] Se os enunciados de grau (como costumava pensar outrora) fossem analisáveis (e logo redutíveis, e logo eliminâveis, sem quebra da forma proposicional), poder-se-ia expor a contradição dizendo que a cor R contém todos os graus de R e nenhum de B e reciprocamente. Mas, como vimos, os enunciados de grau não podem ser eliminados.

[243] Cf. Wittgenstein, Ludwig, "Some Remarks on Logical Form", p. 35.

[244] Cf. Wittgenstein, Ludwig, "Some Remarks on Logical Form", p. 36.

analysis of the phenomena in question".[245] Por um lado, afirma-se impossível uma análise, enquanto, por outro, espera-se que uma notação perfeita (que mostraria as combinações de verdade a serem desprezadas quando proposições relativas a gradações fossem definidas simbolicamente) venha a excluir a construção *nonsensical* "RPT.BPT".[246] Além disso, cumpre observar que, para termos uma função como a do tipo ( )PT, cujo argumento deve ser um nome de cor, dita por conseguinte em *place* e *time* determinados, seria preciso ter resolvido antes: (a) qual o critério de identificação de uma cor de modo que algo possa preencher a variável (sem incorrer em estruturas *nonsensical*), pois não dizemos (exceto em certas ocasiões) que uma cadeira está ocupada (ou seja, que alguém mais não possa sentar-se nela) porque há uma folha de papel em cima. Decidido então o que é ser cor, (b) é preciso saber se em seu critério de identificação (que não pode ser apenas lógico, uma vez que nos referimos a fenômenos) há impedimento a que, em algum sentido, duas cores (e não dois pigmentos) possam ocupar a mesma extensão. E (c) é preciso um sistema fechado, de modo que nenhum outro nome (lógico) venha a ser incluído, como se estivesse desde antes previsto; neste sentido, cada exemplificação é completa e nenhuma cor é representável em algum PT (place-time) sem acarretar a exclusão simultânea de todas as outras.

7.

Tudo isso é deveras misterioso.[247] Uma dificuldade surge por não podermos ver como atributo de ( )PT o deixar-lugar-para-uma-única-entidade. Por

---

[245] Cf. Wittgenstein, Ludwig, "Some Remarks on Logical Form", p. 37.

[246] Cf. Wittgenstein, Ludwig, "Some Remarks on Logical Form", p. 37.

[247] A exclusão não é o exato inverso da inclusão, uma vez que uma propriedade pode não excluir propriedades outras que não inclui. O vermelho não exclui nem inclui ser doce, propriedade que se dispõe em outra ordem categorial (Cf. Chisholm, Roderick, *Teoria do Conhecimento*, pp. 98-100). E isto deve-se a que a exclusão ocorre segundo ordens categoriais, supondo portanto uma variação em um contínuo. Como além disso a combinação de ordens categoriais distintas não pode ser *a priori* proscrita nem prescrita, as relações de exclusão e inclusão não supõem um quadro categorial único, podendo decorrer do uso certas interdições ou exigências. Pode-se bem procurar casos ou inventar casos de propriedades combinadas ou descombinadas. Entre outros, Wittgenstein fornecerá o exemplo de cores sempre ligadas a formas determinadas, fazendo reportar ao uso, a formas de vida, o que

exemplo, ao lado de RPT (em que *red* é dito de certo tempo e lugar), podemos ter, sem contradição, SPT e CPT, em que S e C estão, digamos, por *sweet* e *cool*. Por outro lado, como pode uma amostra de cor, discernível e independente (a definição mesma da contingência), comportar todo um sistema de relações necessárias? Como nem sequer o grau de uma cor pode ser analisado, a relação de exclusão é interna e, logo, inefável? Isto é, sabemos que RPT e BPT não podem estar em conjunção, mas não podemos desmembrar RPT em (R.~B.~G etc.)PT. É grande o impasse, não parecendo ser este o modo por que o problema pode tornar-se solúvel.

Como ser vermelho não exclui a possibilidade de ser um ponto também doce, quente ou leve, que consideremos de algum modo "contraditório" que possa também ser azul ou rosa é algo que supõe o conhecimento de um sistema cromático, de uma classificação e leis relativas ao espaço das cores, de uma classificação ao menos, na qual cada fragmento reconhecido como representativo de uma cor ocupe seu lugar e nenhum lugar restrito e uniforme do mundo (de não importa qual tamanho) seja reconhecível em duas coordenadas diversas no interior do sistema. Uma necessidade assim depende porém de um conhecimento, de algo que não está no simples conceito de azul ou de vermelho, ou melhor, não está nestes conceitos, se são simples. Tampouco é indutiva a verdade porque lógica, necessária, sendo a relação interna percebida por completo, sem depender da dilação disposta a um olhar infinito. No interior de uma gramática, sabemos que nenhum objeto futuro será visto como vermelho e azul, assim como nenhuma cor inusitada será vista como não sendo amarelada, ou avermelhada, ou esverdeada ou azulada.

Em todo caso, que essa tentativa de analisar a estrutura da cor, de decifrar os fenômenos cromáticos, tenha-se revelado uma pista falsa, sendo contudo ainda bastante fiel ao *Tractatus*, é algo bastante elucidativo: mostra não ser pertinente referirmo-nos aqui a uma latência. "Some Remarks on Logical Form" apresenta um evolver possível, insuficiente e falso embora, do impasse formulado em 6.3751; logo, mostra-nos não estar a obra futura

---

antes parecia discernível como essência independente de qualquer mundo, ou seja, a própria coloridade. De forma semelhante, pode-se no limite também pensar em separar cor e extensão.

adormecida no *Tractatus*, aguardando ser adivinhada por uma leitura mais arguta.[248] Tendo em conta seu contexto, "Some Remarks on Logical Form" importa em deliberação, em escolha, dirigindo-se a uma determinação ela própria condicionante do espaço das cores, pois quase situada no espaço lógico. Perante a trama anterior de questões, portanto, "Some Remarks on Logical Form" talvez seja uma simplificação e um empobrecimento, mas não a deixa de exemplificar por isso. Só não é por completo representativo porque delibera. Logo, porque melhor representa. Desse modo, delibera tendo em conta todo um momento de reflexão e sua deliberação só pode ser aquilatada contra este fundo.

Wittgenstein já refletia acerca de incompatibilidades restritas diversas, mas não as tem no artigo por objeto e sim antes o que as condiciona. O artigo reivindicava uma fenomenologia a ser em seguida várias vezes negada, mas deixa um saldo preciso: mostra não ter sentido o recurso a uma análise para dissolver os laços gramaticais entre enunciados que figuram todavia como elementares. O *Tractatus* esboçara o projeto de reconduzir necessidades do espaço das cores ao espaço lógico. Como o não conseguiu, "Some Remarks on Logical Form" fez retornar a investigação aos fenômenos, à procura de sua expressão exata, conquanto esse retorno limitado às coisas mesmas em breve venha a ser interrompido pela crítica ao próprio ideal de exatidão,[249] até que, posteriormente, o caminho se feche de todo para a fenomenologia pela recusa da representação exata do extralingüístico e mesmo da suposição de sua preeminência sobre qualquer recurso de linguagem.

O acréscimo da palavra 'fenomenológico' à qualificação de uma desejada *Farbenlehre* passará a significar (com o abandono da ilusão de uma linguagem primária, com a associação de tal palavra à gramática de certas

---

[248] Em 1929, ao analisar o campo visual, Wittgenstein ainda não se libertara de todo da idéia de ser a *acquaintance* o modelo primordial do processo de conhecimento. É claro que Wittgenstein atacara, já em 1913, a teoria do juízo de Russell, que nela se fundava, mas apenas quando se consolidar a noção de uma relativa irrelevância do empírico, sendo introduzida a noção de jogos de linguagem, a obra antiga poderá reintegrar-se ao projeto inteiro como seu pano de fundo natural. Por esse seu artigo, porém, os problemas se multiplicam, como é natural que ocorra caso se tente fundamentar a análise do simples no que se dispõe à visão.

[249] Cf. a seguir "Linguagem e Campo Visual".

expressões e não mais ao tecido primário do mundo dos dados dos sentidos) uma exploração de incompatibilidades restritas e de outras regras constitutivas do *Farbenraum*. Após então uma primeira exploração do específico do espaço das cores,[250] ficará evidente uma expressa circularidade entre convenção gramatical e propriedades das cores — conseqüência limite da subseqüente abordagem fenomenológica.[251] Não acreditamos que tal circularidade solicite por si o passo em direção aos jogos de linguagem ou o contenha em germe. Antes, porque o passo foi dado (embora talvez nunca o tivesse sido), a circularidade se evidencia como um limite, como uma prisioneira talvez de uma certa ilusão referencial, de um paradigma ainda indiciário. Desenhados os dois momentos, poderemos então apreciar a diferença, perceber o vigor das *Bemerkungen über die Farben*, quando decisões antes misteriosas e de todo arbitrárias acerca da feição de nossa geometria cromática são enfim remetidas a jogos de linguagem e instalam-se em nossas formas de vida.

[250] Cf. "O Octaedro das Cores".

[251] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 225; MS 108, pp. 98-99.

linguagem e campo visual

1.

Meses após a redação de "Some Remarks on Logical Form", Wittgenstein retorna ao tema das cores e se prepara, com algum eventual recuo, para repelir de vez a tentação de uma linguagem primária. Por volta de agosto de 1929, ainda procura por uma linguagem fenomenológica, resquício do desventurado artigo. Em se tratando de descrever o campo visual, a introdução de números nas elementares mostraria bem o quão afastadas elas estão das proposições típicas da linguagem ordinária.[252] Por conta disso, a posição do *Tractatus* deveria ser abandonada no que tange inclusive à independência das elementares, pois a sintaxe deveria impedir, no interior de uma mesma coordenada, a enunciação de dois valores. Uma linguagem ao modo da física não descreveria o fenômeno — volta a argumentar —, uma vez que, se a forma do fenômeno é, por exemplo, o tempo, ele não tem qualquer lugar no tempo, é *zeitlos*, enquanto a linguagem seria sempre *zeitlich*, algo físico, da ordem do mecanismo.

Entretanto, essa objeção pode ser facilmente generalizada, e toda linguagem, em confronto com o fenômeno, pertenceria a um sistema segundo. Caso a descrevamos, qualquer que ela seja, descreveremos algo físico. "Wie kann aber eine physikalische Sprache das Phänomen beschreiben?"[253] A ameaça de dissolução começa a recair também sobre a linguagem fenomenológica e sua possibilidade: a linguagem fenomenológica e a ordinária descreveriam talvez o mesmo, não mais se distinguindo em essência uma linguagem "plástica" de uma "hipotética". No limite, a descrição mais imediata não mais seria uma descrição, tornando-se

---

[252] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Wittgenstein und der Wiener Kreis*, pp. 41-42.
[253] Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 1, p. 191; MS 105, p. 114.

uma voz inarticulada: o limite da linguagem conteria a linguagem limite; qualquer coisa mais imediata deixaria simplesmente de ser linguagem.[254]

A linguagem fenomenológica seduz e desencoraja o filósofo, como um pântano enfeitiçado "onde todo o tangível desaparece".[255] Porém, se a almejada descrição dos fenômenos atuais faz recuar a reflexão ao terreno da possibilidade de qualquer conhecimento e, por isso, à "solução final do problema filosófico",[256] a procura sempre volta a justificar-se: "Anderseits ist es klar daß wir eine Ausdrucksweise brauchen in der wir die Phänomene des Gesichstsraum — z. B. — als solche isoliert darstellen können".[257] Além disso, outras distinções solicitariam tal linguagem impossível e mesmo a apresentariam como vantajosa, porque menos propícia ao engano.

Localizar-se no campo visual, identificar-lhe uma estrutura, é tarefa de uma linguagem primária. A linguagem ordinária, obliquamente fenomenológica, não conseguiria separar-se da multiplicidade dos sentidos a que se vincula, sendo seu espaço a conjunção dos espaços referentes aos vários sentidos, porque linguagem para falar de objetos. No caso, a própria expressão 'campo visual' ainda seria enganadora, indicando a dependência de um órgão inessencial, como é inessencial para um livro pertencer a alguém.[258] De qualquer modo, dada a distinção entre campo visual e espaço da física, seria preciso dispor de uma linguagem que apresentasse objetivamente o campo visual, cuja descrição, não tendo ele um dono, não deve sugerir-nos um sujeito. Até mesmo o ter olhos deve apenas fazer parte de um modo de apresentação, e propriedades como as da perspectiva (que nos ensinam ser maior a árvore que todavia vemos contida em uma minúscula janela) tornam-se simples regras da visão e não propriedades da visão de fulano ou beltrano.[259] Em outras palavras, o campo visual, assim autônomo,[260] é

---

[254] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 1, pp. 190-191; MS 105, pp. 108, 110, 112 e 114.

[255] Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 1, p. 192; MS 105, p. 116.

[256] Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 1, p. 192; MS 105, p. 118.

[257] Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 1, p. 192; MS 105, p. 118.

[258] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 4; MS 107, p. 4.

[259] "Im Gesichtsraum ist nicht ein Auge welches mir gehört und Augen die anderen gehören. Nur der Raum selbst ist unsymmetrisch, die Gegenstände in ihm sind gleichberechtigt. Im physikalischen Raum aber stellt sich dies so dar, daß eines unter den an gleichberechtigten

condição da descrição do espaço físico, no qual o olho de um alguém tem claro privilégio, embora não como algo a ser descrito. O olho, à semelhança de uma cor primária, é um ponto excelso.

A sedução é forte. Dada a diferença entre o olhar instalado e comprometido a que se desvela o espaço físico e as regras da visão que o condicionam, parece ainda haver lugar para uma linguagem primária como correspondente a esse mecanismo primário (e, não obstante, conceitual), a este solo de experiência (resistente todavia a qualquer contestação). Não seria preciso aqui qualquer experimento, sendo tal campo objetivo e autônomo, embora expresso pela linguagem da física apenas de modo "instintivo" e por demais complicado. Até mesmo a imagem enganadora de só ter realidade o presente talvez resulte da tentativa de agarrar pelo método científico esse presente que flui. Falamos então absurdos por empregarmos nossa linguagem nessa empreitada impossível, pois com ela (a analogia é de Wittgenstein) não nos situamos no campo da imagem projetada, mas no campo do filme.[261]

Toda empreitada filosófica para agarrar em sua pureza essa realidade enfrenta dificuldades imensas e parece fadada ao fracasso: "Und doch kann es eine phänomenologische Sprache geben. (Wo muß diese Halt machen?)".[262] Tratemos de ver o que o levou a renunciar realmente a esse projeto, a cujo apelo vez por outra cedera.

2.

A linguagem fenomenológica, a exata afiguração do campo visual, pode ser comparada a um plano euclidiano em que tivéssemos dado uma sacudidela, tornando nebulosos os limites de suas construções geométricas refinadas.[263]

Stellen liegenden Augen ausgezeichnet wird und mein Auge heißt." (Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 1, p. 195; MS 105, pp. 132-133.)

[260] "Der Gesichtsraum hat wesentlich keinen Besitzer." (Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 1, p. 193; MS 105, p. 124.)

[261] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 3; MS 107, p. 2.

[262] Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 3; MS 107, p. 3.

[263] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 96; MS 107, p. 165.

Seria nebulosa, porém, abaixo do limiar de nossa percepção, de modo que o não notássemos e pudesse a geometria física ser a imagem de uma geometria fenomenológica. Entretanto, a representação imprecisa não é o correlato da imprecisão do visto, não sendo transposta a indefinição do fenômeno por uma precisa inexatidão do desenho.[264] Uma lembrança esmaecida não é transposta pelo simples esmaecimento dos matizes (por sinal, nítidos em sua palidez), nem um ver pouco claro coincide com um desenho borrado.[265]

O campo de variação do visto não se traduz numa variação geométrica, como se enquadrada cada figura dentro de duas outras (seus limites) ou carregasse cada figura uma sombra, e figura e sombra encontrassem juntas sua expressão exata em uma terceira figura, com a qual partilhassem as mesmas propriedades lógicas, de sorte que, no campo visual, fossem indiscerníveis um círculo e um polígono de mil lados. Nada sugere que, por oposição ao traço virtual da geometria euclidiana, essa tosca geometria a traços de giz seja realmente a do campo visual. "Vielmehr ist sie es gewiss nicht."[266]

É verdade que a linguagem ordinária não parece afeita ao propósito de colher o imediato no fluxo da percepção. Se, em "eu percebo x", 'x' deve estar no lugar de um *Datum* fenomenológico, essa aplicação ao campo do imediato lançaria uma luz enviesada sobre o objeto. "Eu percebo x" seria uma *Redensart* tomada ao modo de expressão do mundo dos objetos, do mundo da física, sendo falso empregá-la para significar um *Datum*, caso em que 'eu' e 'percebo' não podem conservar o significado anterior. O modo de expressão na linguagem da fenomenologia e na linguagem da física jamais seria unívoco, nunca teria nos dois casos o mesmo resultado. Enquanto os objetos podem ser confrontados com medidas, pois com eles ser e parecer podem se separar e, pensando ter visto Pedro, podemos constatar que em verdade vimos Paulo, aplicada a linguagem ao imediatamente dado, à

---

[264] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 96; MS 107, p. 166.
[265] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 96; MS 107, p. 166.
[266] Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 97; MS 107, p. 167.

mancha ("oder wie man es nennen will"), o visto é critério de si mesmo, não tendo sentido dizer que não seja vermelho o vermelho que vemos.[267]

Enquanto a percepção de um objeto, hipótese cristalizada em palavras, sempre pode ser corrigida, não teria sentido, no campo visual, falar em ilusões de ótica, pois aí não há hipóteses nem medidas: "Im Gesichtsraum gibt es keine Messung".[268] A palavra 'exatidão', relativa a comparações na linguagem ordinária, perde seu sentido quando aplicada ao campo visual, nele não se tratando do que, por exemplo, está realmente desenhado num papel, mas do que simplesmente vemos.[269] Como ter então uma expressão exata num campo não-hipotético? "Wir brauchen neue Begriffe und wir nehmen immer wieder die der physikalischen Sprache."[270]

A palavra sob crítica é, portanto, 'exatidão'. Quando se trata de comparar objetos na linguagem ordinária, estão presentes tanto um certo grau de inexatidão como a possibilidade da completa exatidão; entretanto, no campo visual, a palavra perde seu sentido: "Was soll es aber heißen wenn ich sage ich kann nie einen genauen Kreis sehen und dieses Wort jetzt nicht relativ, also absolut, gebrauche?"[271] O conceito exato da medida, se aplicado à experiência imediata, choca-se com sua característica indefinição. E essa nebulosidade típica não é uma que possa ser afastada por um conhecimento posterior e mais exato. Essa singularidade é essencial, é uma característica lógica.[272] 'Beiläufig',[273] 'ungefähr' etc. são então necessários, caracterizam "die Natur unserer Erfahrung; nicht als an sich beiläufig oder verschwommen aber doch als beiläufig und verschwommen in Relation zu

---

[267] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 93; MS 107, p. 161.

[268] Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 94; MS 107, p. 162.

[269] Vale reconhecer aqui um esboço de solução aos problemas postos por ilusões como as de Müller-Lyer, em relação às quais o pensamento revelar-se-ia impotente por colocar em mesmo plano a linguagem para objetos e a linguagem para fenômenos. Essa abordagem sabe, aliás, difusamente, a mais uma espécie de recusa à tradução indevida do qualitativo pelo quantitativo.

[270] Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 95; MS 107, p. 163.

[271] Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 95; MS 107, p. 163.

[272] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 122; MS 107, pp. 212-213.

[273] Na Áustria, 'beiläufig' também significa 'ungefähr', 'etwa', como em "Ich weiß es nicht genau, ich kann nur eine beiläufige Zeit angeben" (Ebner, Jakob, *Duden "Wie sagt man in Österreich?": Wörterbuch der österreichischen Besonderheiten*, p. 41).

den Mitteln unsrer Darstellung".[274] A persistência de um interesse fenomenológico nesse campo coloca então o desafio de colher relações internas em experiências que não podem ser descritas mais exatamente, assim como não podemos descrever o leve desvio entre a imagem de um círculo sobre um fundo azul e a de um outro semelhante que acaso conservamos na memória.

Os dados dos sentidos desafiam não apenas o projeto de uma linguagem primária. Este projeto torna-se absurdo porque ameaçada qualquer linguagem, embora, por isso mesmo, seja reabilitada a linguagem ordinária e aceita a legitimidade de suas luzes. Seria preciso, reafirma Wittgenstein, afastar as falsas teorias filosóficas sobre o espaço visual, que nos impõem conceitos fora de sua situação natural. Muita vez, portanto, a dificuldade de retomar o fluxo da experiência na linguagem assenta-se em um mal-entendido, a saber, "daß man auf die unmittelbare Erfahrung eine Kategorie anwenden will die nur in der Sprache der physikalischen Welt anzuwenden ist".[275] Assim, que a lembrança seja secundária é algo que só tem sentido na linguagem ordinária. Na linguagem da física, decerto tem sentido dizer: "Ich kann mich nur *undeutlich* an dieses Haus erinnern",[276] mas não posso dizer secundária a lembrança para a possibilidade da experiência do passado, sendo esse o único caminho para ela e interna a relação.

Outras palavras ('scheinen', 'Irrtum') perderiam seu sentido se aplicadas ao fenômeno por terem uma acentuação ligada à vontade, em nada essencial a ele.[277] Tudo isso o leva a reafirmar, em 21 de dezembro de 1929, pela terceira vez em um curto período: "Es gibt nicht — *wie ich früher glaubte* — eine primäre Sprache im Gegensatz zu unserer gewöhnlichen der

---

[274] Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 122; MS 107, pp. 212-213.

[275] Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 144; MS 108, p. 27.

[276] Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 145; MS 108, p. 28.

[277] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 145; MS 108, p. 28. As ilusões óticas, que tanto ocuparam Brentano, causam um elucidativo mal-estar, não como processo a ser explicado mas como situação anômala de emprego de palavras que descrevem a experiência visual. Entretanto, nunca há aí um erro essencial, pois mesmo a superioridade da medida sobre o aparecer condiciona-se ao usitado na vida, ou seja, Wittgenstein já sugere nesse momento, embora sem a devida radicalidade, uma determinação da gramática pelos fatos da vida — uma das expressões posteriormente correlatas a "Lebensformen".

"secundären"".[278] A geometria do espaço visual, antes cifrada em uma linguagem primária (que precisaria ser "absolut *sachlich*"),[279] outra não é senão "die Syntax der Sätze die von den Gegenständen im Gesichtsraum handeln",[280] assim como "Geometrie ist die Syntax der Sätze von den räumlichen Gegenständen".[281] A analogia vai aos poucos providenciando seu nome. Wittgenstein aproxima-se de uma geometria que é, como a euclidiana, um conjunto de "verkappte Regeln einer Syntax".[282] Do mesmo modo, uma *Farbengeometrie* é a sintaxe (logo, a gramática) das proposições sobre objetos no espaço das cores. Tal sintaxe, tal gramática, dispõe sobre possibilidades, sendo gramatical um axioma da geometria euclidiana por decidir se pode ter sentido uma proposição sobre o espaço.[283] Destarte, a análise gramatical pode perfazer tudo que se exigia de uma fenomenologia.

Os enigmas da percepção escancaram a diferença, exibem a vigência de regras diversas no terreno do campo visual, no qual ser e parecer não se distinguem.[284] O ver divisível ao infinito, por exemplo, é próprio do espaço euclidiano, mas falso do espaço visual; por conseguinte, aplicá-lo ao campo visual gera paradoxos e dificuldades clássicos, nos quais colidem espaços com gramáticas diferentes. Na geometria do campo visual, não há um polígono de mil lados, o círculo e a reta podem ter um trecho em comum (o que, na geometria euclidiana, deveria supor um círculo infinito dado a um olhar divino); não há um ponto ou uma distância exata em que uma figura perde seu contorno, nem uma quantidade precisa para fazer com grãos de areia um monte.

---

[278] Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 145; MS 108, p. 29, grifo nosso.

[279] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 145; MS 108, p. 29.

[280] Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 123; MS 107, p. 213.

[281] Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 125; MS 107, p. 218.

[282] Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 123; MS 107, p. 213.

[283] "Das Axiom — z. B. — daß durch je 2 Punkte sich eine Gerade ziehen läßt hat hier den klaren Sinn daß zwar nicht durch je zwei beliebige Punkte eine gerade gezogen ist aber daß es möglich ist eine zu ziehen und das heißt nur daß der Satz "eine Gerade geht durch diese Punkte" Sinn hat." (Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 123; MS 107, p. 214.)

[284] "The primary world, a paradoxical place where our ordinary concepts of objects, causality, self, and temporality no longer apply." (Stern, David, *Wittgenstein on Mind and Language*, p. 14.)

"Das Problem der "Unbestimmtheit" der Sinnesdaten"[285] é um enigma com uma infinidade de exemplos, para os quais uma geometria flexível, tolerante, cujas descrições facultassem variações marginais, não nos ofereceria uma solução, já que os pontos limítrofes, as margens, tampouco são essenciais ao conceito que descrevem, assim como 10 grãos e 100 grãos não são os extremos necessários do conceito 'monte de areia'.[286] Na verdade, não há sequer tais limites, ou uma reta e um círculo dados à percepção jamais teriam um trecho em comum.



ESBOÇO DE MACH[287]

Um claro exemplo de confusão entre linguagem da física e expressão fenomenológica do campo visual, acusa Wittgenstein, é este célebre desenho feito por Ernst Mach do campo visual a partir de seu olho esquerdo, no qual pretendeu reproduzir a nebulosidade marginal do campo por um desenho

---

[285] Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 99; MS 107, p. 171.

[286] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 98; MS 107, p. 168.

[287] "Liege ich z.B. auf einem Ruhebett, und schließe das rechte Auge, so bietet sich meinem linken Auge das Bild der nebenstehenden Figur 1. In einem durch den Augenbrauenbogen, die Nase und den Schnurrbart gebildeten Rahmen erscheint ein Teil meines Körpers, so weit er sichtbar ist, und dessen Umgebung." (Mach, Ernst, "Antimetaphysische Vorbemerkungen", § 10.)

nebuloso.[288] O desenho dota de limites (mesmo imprecisos) o que precisamente não tem limites, tendo sido ademais possível pela sobreposição das imagens de um olho que se deslocou, fixando o nítido ou o nebuloso de cada ponto da revolução de sua órbita.

Não se pode, contudo, fazer uma imagem visível da imagem visual. O campo visual não se duplica, sob pena de perder sua autonomia, de passar a ter um dono, com ou sem bigode. A indistinção dos limites do campo visual e a indistinção do desenho não se equiparam, pois 'indistinção' significa diversamente nesses contextos. Tentar tal reprodução é oferecer uma nítida imagem do indistinto, uma imagem exata do confuso. É pôr limites (borrados, é verdade) a isso que não tem limites nem se deixa referir sem indistinção. A nebulosidade do desenho elimina a nebulosidade do campo que, entretanto, deseja representar; e a ausência de limites, essencial ao campo, anula-se com ele.[289] Em outros termos, a geometria do campo visual não pode derivar, digamos, da geometria euclidiana pela mera introdução de um fator de indeterminação. Nada se alcança substituindo uma geometria refinada por uma grosseira; afinal, "eine grobe Geometrie wäre genau so Geometrie wie eine feine" ou não seria geometria alguma.[290] Elas teriam a mesma multiplicidade, enquanto, ao contrário, a multiplicidade do círculo que vemos distingue-se da do círculo que medimos, assim como a verificação da série de traços que podemos distinguir pela visão integra um sistema com multiplicidade diversa daquele com que verificamos os traços que podemos distinguir contando.[291]

A proposta de uma geometria tosca apenas tornaria essenciais os acidentes da representação, como o lápis com que traçamos as linhas. O essencial ao campo visual, entretanto, o modo como se nos aparecem, e. g., um círculo e uma tangente, ele não coincide com o recurso usado ao desenhar, que assim não dá conta do *ungenau* característico do campo visual: "Dieses Phänomen

---

[288] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 152; MS 108, p. 40.

[289] "Die Grenzlosigkeit des Gesichtsraums ist ohne jene "Verschwommenheit" nicht / denkbar // vorstellbar //." (Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 152; MS 108, p. 40.)

[290] Wittgenstein, Ludwig, *Wittgenstein und der Wiener Kreis*, p. 57, nota.

[291] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Wittgenstein und der Wiener Kreis*, pp. 66-67, nota.

des Gesichtsfelds ist das Wesentliche und nicht die Eigenschaften der Zeicheninstrumente".[292] Aprendemos a palavra 'ungenau' e tem sentido aplicá-la na geometria euclidiana. Porém: "Ist nun die Ungenauigkeit der Messung der gleiche Begriff wie die Ungenauigkeit des Gesichtsbildes? Ich glaube: gewiss nicht."[293] Também a palavra 'igualdade', caso concernente a segmentos no campo visual, tem significação diversa de quando aplicada ao espaço da física, como o atestam os típicos embaraços das ilusões óticas, que nos levam a confundir os critérios. E o projeto de uma linguagem fenomenológica falha, então, de modo semelhante, por pretender aplicar a noção de exatidão em campo que não admite hipóteses; por conseguinte, em campo em que tal palavra não conserva seu sentido.

A indeterminação do fenômeno não pode ser colhida por uma geometria imperfeita, pois uma descrição nebulosa, indeterminada, descreve alguma coisa apenas em certos contextos (como em uma fotografia galtoniana). Logo, a grande dificuldade de uma linguagem fenomenológica não reside tão-somente em não ser possível uma representação exata do visto, mas sobretudo em ser impossível a exata demarcação da inexatidão, assim como não falamos e ouvimos respeitando alguma medida exata e estreita da variação aceitável para a pronúncia de um fonema.[294] A imposição de limites coloca falsos dilemas, a exemplo de: ou se tem a memória exata ou não se tem memória alguma; ou se tem a imagem da idéia abstrata de homem ou não se tem qualquer critério para o ser homem, etc. — quando é preciso aceitar que, em certo sentido, um pântano não tem limites e a linha de demarcação até de uma figura euclidiana não pode ser efetivamente traçada.

Com tais considerações sobre a vagueza, um passo notável é dado, reafirmando a seu modo a antiga intuição de que a linguagem ordinária, em sendo uma linguagem, só pode estar em ordem, mesmo com relação aos fugidios dados dos sentidos. Se não se pode representar o inexato pelo inexato, a linguagem ordinária serve bem ao propósito de representar

---

[292] Wittgenstein, Ludwig, *Wittgenstein und der Wiener Kreis*, p. 57.

[293] Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 154; MS 108, p. 43.

[294] "Es scheint als wäre auch die exacte *Begrenzung* der Unexactheit unmöglich." (Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 100; MS 107, p. 172.)

determinadamente o que envolve vagueza, sendo sua luz oblíqua a luz possível e suficiente, contanto que, resistindo à linguagem com seus meios, não nos concentremos na verdade da percepção mas na sua possibilidade gramatical.

3.

Nesse período extremamente fecundo de reflexão, a procura por uma linguagem fenomenológica é descartada em favor de uma investigação gramatical, que cumpriria entretanto os compromissos anteriores: procura não-hipotética da significação, das condições da experiência, etc. E, porque gramatical, cumpre investigar as diversas espécies de uso para palavras que nossa linguagem ordinária permite embaralhar e confundir.[295] Por exemplo: o caráter de substantivo, comum a várias palavras, encobriria gêneros e espécies, sendo a presença de "eine Unmenge verschiedener Wortarten"[296] algo que se constata no simples fato de nem todo substantivo ser intercambiável com sentido; logo, o seu caráter de substantivo, que distorceria o fenômeno, é só um traço exterior e inessencial. Empregos equivalentes delineiam espaços e são esses empregos que os distinguem; afinal, "ich kann nicht im gleichen Sinn auf einen Ort, eine Farbe etc hinweisen".[297]

Mas, se a linguagem só pode descrever o que não pertence à essência do mundo, isto é, se diz apenas o que pode negar significativamente, como tocar com a linguagem o solo da experiência, as suas condições de possibilidade? Antes da resposta, a pergunta já estava equivocada, não se tratando mais de tocar tal solo, mas de reconhecê-lo expresso no emprego da linguagem. E o que é então o emprego? Segundo a posição algo verificacionista desse momento,[298] o emprego é o que faz de traços no papel

---

[295] Assim considerada, não será estranha a analogia: "Die Grammatik ist eine "Theory / of logical types // der logischen Typen //"" (Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 227; MS 108, p. 104).

[296] Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 121; MS 107, p. 211.

[297] Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 123; MS 107, p. 215.

[298] Ser verificacionista não é aqui ser referencialista ou depender da familiaridade com objetos que suportem a verificação, porquanto ser capaz de reconhecer o azul celeste não é

uma linguagem, assim como o emprego da trena a torna em parâmetro, em critério, em metro. Emprego é pois o aplicar, o acostar, o dispor a linguagem sobre a realidade, isto é, a verificação das proposições. Não no que diz, portanto, mas em sua essência, a linguagem é uma imagem da essência do mundo, não podendo esta ser agarrada nas proposições da linguagem, senão nas regras que lhes conferem sentido. E a tarefa de discernir tais regras só pode ser filosófica. Com efeito, a filosofia quer expressar o que não se deixa dizer e, se pode dizer algo, deveria descrever a essência do mundo excluindo combinações de sinais sem sentido, uma vez que a regra também dispõe quais os desvios intoleráveis. A filosofia torna-se assim a "Verwalterin der Grammatik".[299]

A mancha que vemos, essa devemos poder ver, não vemos algo a ela semelhante.[300] Tudo isso pode independer do visto, mas não da gramática de uma linguagem que pretenda expressar o campo visual. Nele, se não podemos ver um círculo perfeito, tampouco poderíamos ver um aproximado, assim como, sendo possível dizer que nunca vemos uma linha precisa, uma precisa seria pensável. A dificuldade enfrentada não é contingente, é determinada como intransponível em uma gramática. A expressão deixaria de estar conceitualmente em ordem quando o exato não pode significar o exato, mas também este "não pode" é determinado por uma gramática e sempre a pressupõe: "Hat es Sinn zu sagen "ich sehe nie einen genauen Kreis" dann heißt das: ein genauer Kreis ist im Gesichtsraum denkbar. Ist ein genauer Kreis im Gesichtsfeld undenkbar dann muß der

---

ter dele uma amostra no cérebro, mas sim ter um caminho para ele, estar provido dos recursos de um sistema que o pode localizar. Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 164; MS 108, pp. 61-63.

[299] "Das Wesen der Sprache aber ist ein Bild des Wesens der Welt und die Philosophie als [Verwalterin der] Grammatik kann tatsächlich das Wesen der Welt erfassen nur nicht in Sätzen der Sprache sondern in Regeln für diese Sprache die unsinnige Zeichenverbindungen ausschließen." (Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 132; MS 108, p. 2.)

[300] Esta é uma idéia importante, a ser aprofundada adiante: uma expressão que constitui a identidade da cor, que não é a ela semelhante (Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 94; MS 107, p. 161). Por essa via, poderemos ver como a noção de paradigma, respondendo à exigência de laços internos entre linguagem e realidade, torna-se necessária à consideração fenomenológica após a negação de uma linguagem primária. Mais do que isso, sendo esboçada a idéia de paradigma ao tempo dessa transformação da fenomenologia em gramática, não estará enfim em conflito com a crítica feita à sua unilateralidade.

Satz "ich sehe nie einen genauen Kreis im Gesichtsfeld" von der Art des Satzes sein "ich sehe nie das hohe c im Gesichtsfeld".[301]

O abandono do ideal de exatidão, porque inaplicável significativamente neste campo, redundará na rejeição de uma linguagem fenomenológica. Wittgenstein constata que, paradoxalmente, sua procura não poderia expressar o que não é hipotético, salvo hipoteticamente, quando seu lugar é o da possibilidade, o do sentido, e não o da verdade. Se o campo visual é tratado de modo absoluto, como deve ser, nosso modo de expressão mostra-se *unzulänglich*. Pode, porém, tal insuficiência ser corrigida pela simples perspectiva gramatical? De algum modo, embora tal deslocamento ainda deva radicalizar-se. Em todo caso, em 22 de outubro de 1929, Wittgenstein enuncia: "Die Annahme daß eine phänomenologische Sprache möglich wäre und die eigentlich erst das sagen würde was wir in der Philosophie ausdrücken / müssen // wollen // ist – glaube ich – absurd".[302] E reafirma, em 25 de novembro de 1929, não mais visar a uma linguagem fenomenológica ou "linguagem primária".[303] Mais do que isso: não a considera sequer possível, sendo todavia possível e necessário separar o essencial do inessencial em nossa linguagem.[304] Para tanto, afirma, apenas precisamos compreender melhor nossa linguagem ordinária.

A linguagem ordinária ela própria, por complicada que seja a forma, já se refere à experiência imediata: "Alles wesentliche ist, daß die Zeichen [aquilo que na gramática se chama de sinais] sich in wie immer complizierter Weise am Schluß doch auf die unmittelbare Erfahrung beziehen und nicht auf ein

---

301 Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 95; MS 107, p. 164.

302 Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 102; MS 107, p. 176.

303 "Die phänomenologische Sprache oder "primäre Sprache" wie ich sie nannte schwebt mir jetzt nicht als Ziel vor; ich halte sie jetzt nicht mehr für möglich." (Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 118; MS 107, p. 205.) Vale observar que nosso cuidado com tais datas não visa a uma cronologia, pois o que nos importa nisso tudo é antes um andamento, através do qual, de tempos em tempos, avançando ou retrocedendo em seu movimento de deliberação, a obra se retoma e se repõe em um diálogo consigo mesma.

304 Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 118; MS 107, pp. 205-206. Uma vez descrita, toda linguagem que é autêntica linguagem mostra em sua essência como a experiência imediata é imediatamente representada. Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 123; MS 107, p. 213.

Mittelding (ein Ding an sich)."[305] Assim, ao abandonar o projeto de uma linguagem fenomenológica, está desistindo de uma reprodução estrita (de resto, condenada ao fracasso) do exato campo visual; deixa pois de pretender descrever a tela para contar o filme, ou melhor, a gramática do filme, uma vez que será sinal o que na gramática se chama de sinal. Também a linguagem ordinária só pode lançar uma luz oblíqua sobre os dados dos sentidos, mas, caso procuremos as condições gramaticais de enunciação da experiência sensível, podemos tocar com ela esse terreno condicionante do mundo da física.

Para que nossas proposições tenham sentido, nossa experiência deve com elas poder concordar ou não concordar, uma vez que a possibilidade de comparação coloca em um mesmo espaço uma proposição e sua negação, tornando ambas significativas. Esta é uma lição do *Tractatus*, sem dúvida; [306] mas, caso se debruce sobre nossa experiência imediata, pode ser significativa uma proposição de linguagem ordinária? Em algum sentido, a experiência imediata sempre oferece uma sua faceta à confirmação: "Und dieses Bild ist ja unmittelbar aus der Wirklichkeit genommen, denn wir sagen, "hier ist ein Sessel" wenn wir nur *eine* Seite von ihm sehen".[307] O que se almejava com a construção de uma linguagem fenomenológica perfaz-se agora com a descrição disso que essencialmente partilham as linguagens que alcançam seu objetivo, com o que representam de modo imediato a experiência imediata. Desse modo, "eine Erkenntnis dessen was an unserer Sprache wesentlich und was ihr zur Darstellung unwesentlich ist, eine Erkenntnis welche eine Teile unserer Sprache leer laufende Räder sind kommen auf die Konstruktion einer phänomenologischen Sprache hinaus."[308]

A lógica deve ocupar-se com os meios de expressão em nossa linguagem, só pode ser análise do que temos e não do que não temos. Ela só pode ser análise das proposições como elas são. Seria afinal absurdo que a

---

[305] Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 103; MS 107, p. 177.
[306] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 117; MS 107, p. 204.
[307] Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 118; MS 107, p. 205. Cf. também Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 121; MS 107, p. 209.
[308] Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 119; MS 107, p. 206.

comunidade humana tivesse falado até então sem ter produzido uma única proposição autêntica.[309] O conhecimento da gramática profunda da linguagem ordinária será assim o solo em que se assentarão as proposições da física, podendo enfim ser seguido e explorado o caminho há pouco descartado com "Some Remarks on Logical Form". Caminhamos pois para a identificação entre fenomenologia e gramática, clara enfim em 3 de fevereiro de 1930 e exaustivamente exemplificada com a exploração do espaço das cores, ou seja, por intermédio da sistematização na linguagem ordinária de termos para cores, tal como se explicita no octaedro. Portanto, é todo esse percurso que encontra sua síntese nesse singelo enunciado: "Das Farbenoktoeder ist Grammatik denn es sagt daß wir von einem rötlichen blau aber nicht von einem rötlichen Grün reden können etc."[310]

O campo de interesse da filosofia é o da constituição do sentido. E, para atingir tal campo, expressando o que desejamos na filosofia, não precisamos de uma linguagem fenomenológica. Como investigar coisas no espaço é algo bastante distinto de investigar o espaço, devemos procurar então o necessário na subseqüente exploração do espaço das cores, de uma *Farbengeometrie*, no sentido mesmo de que "Geometrie und Grammatik entsprechen einander immer".[311]

4.

Antes de nos dirigirmos no capítulo seguinte ao octaedro, exemplo explícito e repetido de descrição panorâmica de regras gramaticais,[312] em cujo exame preponderam incompatibilidades restritas, vale chamar a atenção para mais uma importante inflexão da obra, embora longe ainda de ser a mais radical. Se é preciso apenas compreender nossa linguagem usual, não nos deixando induzir por ela a dizer absurdos (Unsinn reden),[313] o próprio *Tractatus* sofre

---

[309] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 158; MS 108, pp. 51-52.

[310] Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 193; MS 107, p 282.

[311] Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 139; MS 108, p. 17.

[312] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 220 (MS 108, p. 89); *Philosophische Bemerkungen*, p. 52; *The Wittgenstein Papers*, vol. 89c (TS 213, p. 441).

[313] É preciso também nela reconhecer "die leerlaufenden Räder" (Wittgenstein, Ludwig, *Wittgenstein und der Wiener Kreis*, p. 48).

uma reavaliação nesses novos termos, podendo sua limitação já ser percebida segundo essa nova e mais ampla visão da linguagem. O *Tractatus* também teria empreendido uma investigação gramatical, afirma Wittgenstein, apesar de não ter esgotado sequer as regras gramaticais de palavras como "und", "oder", etc., uma vez que, como vimos, há regras que devem atingir as partes elementares das proposições.[314] Faltaria à nossa gramática uma visão panorâmica dos empregos, nossa gramática perderia assim em perspicuidade;[315] por isso, ela não pode cumprir a função de uma teoria lógica dos tipos, tornando enganador o uso da mesma expressão em situações gramaticalmente dessemelhantes. Um caso típico: palavras originalmente relativas a coisas, a corpos no espaço, ao modo de expressão da física, são empregadas com referência a partes de nosso campo visual, com o que seu significado muda por completo. Os enunciados perdem assim seu sentido, embora exista uma analogia entre tais campos, exatamente aquela que insidiosamente nos conduz a empregar as mesmas expressões.[316]

"Wir haben eben ein Gleichnis gebraucht und nun tyrannisiert uns das Gleichnis."[317] Ficamos enfeitiçados e filosofamos em virtude de um falso emprego da linguagem ordinária, como ao transferirmos o conceito 'tempo' do tempo físico para o fluxo das vivências imediatas, pois não podemos dizer do tempo que ele flua, se com 'tempo' é indicada a possibilidade mesma da mudança. Uma coisa é o tempo do filme, outra o das imagens na

---

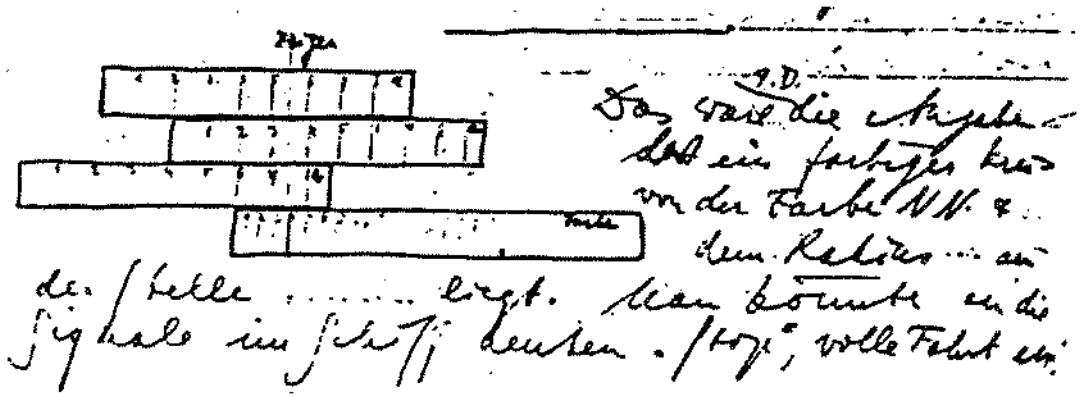
[314] O "kann" de proposições que enunciam a incompatibilidade ampla (e isso deve valer para a restrita) não é o dos juízos sintéticos a priori, mas um conceito gramatical, que indica uma norma de representação. Não são sintéticos a priori, pois eles e suas negações não põem juntos nenhum espaço. Assim, às regras para as constantes lógicas do *Tractatus*, outras deveriam ser anexadas, pertencendo todas ao método da afiguração do mundo. Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Wittgenstein und der Wiener Kreis*, p. 81.

[315] Exatamente o que não falta ao octaedro: *Übersichtlichkeit*.

[316] De fato, Wittgenstein desfaz em seguida a crença em duas linguagens (Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Wittgenstein und der Wiener Kreis*, p. 45). Em essência, só temos a linguagem ordinária, apenas temos de livrá-la de "Unklarheiten, die in ihr stecken". Em ordem ela já está, sendo inclusive rica o bastante. Por conseguinte, precisamos ficar atentos às distinções que ela mesmo pode mostrar, como para saber que, em "a mesa é marrom" e "a superfície da mesa é marrom", 'marrom' teve dois significados distintos, pois o significado depende do contexto gramatical e não podemos dizer da mesa e de sua superfície que sejam, no mesmo sentido, pesadas. Cf. também Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 147; MS 108, pp. 31-32.

[317] Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 148; MS 108, p. 34.

tela. A analogia tentadora pode então tiranizar-nos; podemos afinal falar de eventos passados, presentes e futuros, mas não de representações passadas, presentes e futuras, caso se conceda às representações um estatuto diferente daquele de um evento a mais.



O SISTEMA DA "RÉGUA DE CÁLCULO" [318]

Não há elementares, pois o mundo se toca segundo coordenadas que põem sistemas. A metáfora do metro atinge a da régua de cálculo. Contra o *Tractatus*, portanto, as proposições elementares não são mais *stricto sensu* elementares, pois não são coordenadas independentes de descrição, devendo a gramática de "und", "oder" etc., que supunha tal independência, ser considerada parcial, uma vez que não contém a gramática inteira da coordenação entre "elementares". O impasse com as cores teria pois revelado pelo menos essa limitação da investigação gramatical do *Tractatus*. Mesmo em se tratando ainda da incompatibilidade ampla, o *Tractatus* não dava conta da gramática dessas proposições. Elas são, agora *quase literalmente*, como metros que determinam uma marca e, de modo concomitante, excluem todas as outras.[319]

---

[318] Ilustração de Wittgenstein. Wittgenstein, Ludwig, *The Wittgenstein Papers*, vol. 10, MS 108, p. 54.

[319] Podemos notar, com esse novo tratamento da incompatibilidade, conhecido por ser apresentado nas *Philosophischen Bemerkungen*, que o abandono da linguagem primária não importa na irrelevância da exclusão. Ela apenas é absorvida por uma perspectiva gramatical, capaz de dar conta tanto de incompatibilidades amplas como de restritas.

Nunca cotejamos uma proposição isolada com a realidade; ao contrário, são acostados sistemas de proposições, sendo a descrição de um ponto do campo visual o resultado da combinação concorrente de coordenadas sistêmicas compatíveis, cumprindo cada coordenada uma cláusula gramatical: "Eine Koordinate [der Wirklichkeit] darf nur *ein*mal bestimmt werden".[320] Os dados dos sentidos seriam assim capturados pela linguagem à semelhança de como é determinada uma incógnita em uma régua de cálculo.

A inflexão da obra deve agora ser anotada. Tudo parece indicar simples continuidade com a solução de "Some Remarks on Logical Form". Entretanto, o que antes traduzia a estrutura do fenômeno passa a ser compreendido como uma norma de sua representação. Antes, a investigação da incompatibilidade ampla acarretava a supressão do exame de incompatibilidades restritas; nesse momento, a exclusão é mais uma condição para a exploração do específico ao espaço das cores. O amplo não entra em conflito com o restrito porque são ambos gramaticais. A semelhança é enorme e tentadora, mas ainda uma vez especiosa. É dado, em verdade, através de uma simples ênfase, um passo adiante ao já afirmado nas considerações relativas à exclusão, pois agora as proposições são "noch ähnlicher Maßstäben",[321] não havendo também aqui simples identidade na antecipação.[322]

---

[320] Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 159; MS 108, p. 53. Pondo sistemas ao tempo em que uma coordenada é determinada a cada vez, essa linguagem que temos daria conta do contínuo, acarretando a determinação de cada coordenada (como em "Some Remarks on Logical Form") a exclusão de suas outras possibilidades.

[321] Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 149; MS 108, p. 35. Até o "Nullpunkt" só é tal em uma escala, colocando também a descrição negativa uma possibilidade lógica: o espaço da dor, o do dinheiro, o da cor, etc. Eis, por sinal, que empregos constituem tipos, cujos espaços seriam o fundamento de granito da verdade. "Die Wahrheit hat einen Granitgrund, bis zu dem kann man kommen und weiter (ohnehin) nicht." (Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 150; MS 108, pp. 37-38.)

[322] Mesmo se presente a idéia de sistema na afirmação de que um enunciado relativo a gradação é uma sentença completa, tal presença não independe do diverso modo de sua ocorrência. Como observamos em "Alguns Problemas Fenomenológicos", a autocrítica retrospectiva de que ambas as soluções poderiam ter resultado do *Tractatus* 2.0131 (Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 159; MS 108, p. 53) deve ser lida *cum grano salis*. Desse modo, contrário aos que julgam não haver mudança com a introdução da "yardstick metaphor", James Austin acerta ao considerar a "yardstick metaphor" um

Se, à primeira vista, parece não haver grande progresso da noção de exclusão de "Some Remarks on Logical Form" até a imagem da coordenação simultânea de múltiplas réguas, a diferença pode ser flagrada em dois aspectos. Primeiro, a analogia se corporificou, a régua tornou-se exemplo — "noch ähnlicher Maßstäben" —, colocando questões que breve fixarão a idéia de paradigma. Segundo, se a idéia do enunciado de descrição completa antecipa ou solicita a imagem da régua de cálculo (pelo menos, bem mais que o aforismo 2.0131 do *Tractatus*), são soluções que se configuram em contextos teóricos irreconciliáveis: o projeto de uma linguagem primária e uma investigação gramatical. Mais uma vez, a ilusão retrospectiva não pode esmaecer a diferença entre contextos que depõem em direções opostas acerca de questões decisivas, como a de um possível tratamento uniforme das incompatibilidades. Assim, contra toda aparência, a continuidade quase evidente nada tem de simples.

"dramatic improvement" das *Philosophischen Bemerkungen* sobre "Some Remarks on Logical Form" (Cf. Austin, James, "Wittgenstein's Solutions to the Color Exclusion Problem", p. 148).

o octaedro das cores

1.

O octaedro das cores ensina diferenças. De preferência a outros tantos modelos, não nos oferece o registro exato ou o mais aproximado das propriedades externas da cor; pelo menos na extensa leitura de Wittgenstein, o octaedro é uma apresentação panorâmica e perspícua de regras gramaticais.[323] A investigação gramatical não procura explicações e descreve com o octaedro um espaço não mais redutível à instanciação de uma variável. Agora, a tríplice coordenação de matiz, brilho e saturação, que localiza uma atribuição cromática em um contínuo, é apenas um dos aspectos gramaticais do *Farbenraum* e não pode anular a natureza também gramatical dos demais aspectos. Diferenças são colhidas no exame do emprego ordinário de expressões para cores, e o octaedro as reflete e faz saltar aos olhos, sendo privilegiado por isso. Finalmente, portanto, fenomenologia é gramática.[324]

O octaedro empregado na psicologia serviu a Wittgenstein como um exemplo pronto de gramática das palavras que descrevem a percepção.[325] E ele trata de escandir e explorar essa natureza gramatical. É verdade que, em sua primeira ocorrência na obra de Wittgenstein, anterior à redação de "Some Remarks on Logical Form", o octaedro serviria apenas para localizar uma cor, supondo um sistema de parentescos por maior ou menor proximidade.[326] Desse ponto em diante, porém, o octaedro passa a cifrar a

---

[323] "Die Oktoedarstellung ist eine *übersichtliche* Darstellung der grammatischen Regeln." (Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 220; MS 108, p. 89.)

[324] "Ist nicht Harmonielehre [wenigstens] teilweise *Phänomenologie also Grammatik?*" (Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 212; MS 108, p. 74, grifo nosso.)

[325] "Das Farbenoktaeder wird in der Psychologie angewendet, um das Farbenschema darzustellen. In Wirklichkeit gehört es jedoch nicht zur Psychologie, sondern zur Grammatik." (Wittgenstein, Ludwig, *Vorlesungen 1930-1935*, p. 30.)

[326] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 1, p. 26; MS 105, p. 98.

possibilidade de enunciados significativos sobre a cor, sendo artifício apenas como seria um artifício a geometria euclidiana, que, de resto, também é parte da gramática.[327] Desse modo, embora também possa valer-se do octaedro, a psicologia das cores (registro do contingente, da ocorrência de pós-imagens, da percepção efetiva das cores, da produção de impressões determinadas) não é da mesma ordem da representação *a priori* do espaço das cores, que o modelo aproximadamente expressa[328] — representação a priori que dispõe, entre tantas outras coisas, que a cor preta, simplesmente por situar-se em um *Farbenraum*, pode ser mais clara (mesmo deixando com isso de ser preta), mas não menos barulhenta.[329] Com isso, o octaedro dispõe acerca de movimentos cromáticos significativos, oferecendo-nos um sistema de coordenadas sem o qual nossa procura por uma cor seria sem sentido, estaria desorientada. Não procuramos pelas cores indiferentemente, uma vez que o critério de seu uso significativo, o controle próprio do método de aproximação, não é a referência pura e simples ao empírico. Uma palavra como 'carmesim' só tem sentido se possível procurar pelo carmesim e com o 'carmesim', isto é, se o sinal empregado, situando-se em um sistema de coordenadas, em um método de aproximação, pode indicar alguma relação entre linguagem e realidade, assim como "die Ortsangabe "London" hat nur Sinn wenn es möglich ist London zu *suchen*".[330]

Reconhecer uma cor parece com fazer uma comparação, mas não é deveras comparação alguma.[331] "Isto é vermelho" também pressupõe um sistema cromático porque, para poder dizer de algo que seja vermelho (mesmo sendo vermelho todo o mundo), para dizê-lo significativamente, deve também ser significativo negá-lo, com o que já se dá a possibilidade de

---

[327] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Vorlesungen 1930-1935*, p. 30.

[328] "Der Farbenraum wird z. B. *beiläufig* dargestellt durch das Oktaeder mit den [reinen] Farben an den Eckpunkten. Und diese Darstellung ist eine grammatische keine psychologische. Zu sagen daß unter den und den Umständen — etwa — ein rotes Nachbild sichtbar wird ist [dagegen] Psychologie (*das* kann sein, oder auch nicht, das andere ist a priori. Das eine kann durch Experimente festgesellt werden, das andere nicht)." (Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 191; MS 107, p. 279.)

[329] "Die schwarze Farbe kann heller aber nicht lauter werden. Das heißt daß sie im Hell-Dunkel-Raum und nicht im Laut-Leise-Raum ist." (Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 191; MS 107, p. 279.)

[330] Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 191; MS 107, p. 280.

[331] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Wittgenstein und der Wiener Kreis*, p. 88.

outros tons (ao menos, do não-vermelho). Entretanto, por este modo de estar pressuposto o sistema das cores não se toca o específico da coloridade. Em um sentido aqui mais importante, "Isto é vermelho" pressupõe o sistema completo das cores, ou seja, para reconhecer uma cor, precisamos de um caminho, de uma linguagem com a suficiente multiplicidade para dirigir tal reconhecimento. Não temos simplesmente um padrão da cor no cérebro com o qual compararíamos um fragmento do mundo, mas sim todo um sistema que indica por exemplo como produzi-la por mistura ou como selecioná-la de um conjunto de amostras: "Na direção do verde, não!", "Mais branco!", "Menos!", etc.[332]

Sinal a mais de uma autonomia gramatical, as cores ocupam uma posição desigual no *Farbenraum*, patente em nossa linguagem ordinária, sendo possível operar com nossas representações apenas no espaço das cores e nunca fora dele. As palavras, como as amostras, espelham as operações com que podemos representar-nos uma mancha preta a tornar-se mais e mais clara até o branco e depois mais e mais avermelhada até o vermelho, mesmo que nunca tenhamos efetivamente visto tais transições.[333] A gramática (e o octaedro é, sob esse aspecto, pura gramática) determina então como se pode ou não se pode operar com a linguagem em um certo espaço; logo, determina um grau de liberdade, também em se falando de cores.[334]

---

[332] É curioso como este último sentido traduz-se facilmente em uma multiplicidade operante, favorecendo um aspecto especial no modo por que se determina uma cor, porquanto, nesse caso, uma cor pressupõe o espaço inteiro das cores de forma distinta à de como uma proposição pressupõe o espaço lógico. A cor entrama-se em práticas.

[333] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 193; MS 107, p. 282. Em "Isto é amarelo" o reconhecimento não resulta da comparação com uma amostra. Amarelo é então uma imagem formal, no sentido de que a representação da cor deve ter a mesma multiplicidade da cor. Desse modo, situada em um sistema, a representação pode ser dirigida. "Ich kann sagen: "Denken Sie sich ein Gelb; lassen Sie es jetzt weißlicher werden, bis es ganz weiß ist, und lassen Sie es nun in Grün übergehen."" (Wittgenstein, Ludwig, *Wittgenstein und der Wiener Kreis*, p. 97.) Aqui nada nos obriga ao hipotético, não se resolvendo o reconhecimento em uma comparação, pois a distinção entre ser e parecer só poderia ter algum sentido ao se tratar, digamos, de uma verificação química de propriedades, mediante a qual diríamos: "Isto parece cinza, mas é, em verdade, amarelo". Como porém não se trata de algo independente do campo visual, como a verificação leva em conta exclusivamente o que vemos, não podemos lançar hipóteses, sendo absurdo dizer "Isto parece amarelo, embora não o seja".

[334] "Die Grammatik gibt der Sprache den nötigen Freiheitsgrad." (Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 193; MS 107, p. 282.) Nesse ponto, justifica-se plenamente o mencionado acréscimo: uma doutrina das cores *fenomenológica*, pois o octaedro das cores é

A possibilidade não é exterior à linguagem, devendo ser compreendida como gramatical a coincidência entre ser possível e poder ser representado. E a investigação gramatical, como a providenciar experimentos de pensamento, como a circunscrever aspectos, coleciona frases (sobre dores, cores, etc.) de todo significativas, sem exigir ou supor que sejam verdadeiras — com o que a exploração gramatical do octaedro não é psicológica, mas filosófica, porque próprio da filosofia o modo gramatical de fazer "experimentos", de colecionar proposições sem cuidar de sua verdade, exceto talvez, segundo Wittgenstein, quando se atém às proposições da lógica e da matemática.[335] Se o espaço é o elemento formal da ordenação de evidências segundo se distinguem em diferentes espécies (evidência do visto, do medido, do ouvido, etc.),[336] o octaedro apresenta uma visão panorâmica de um espaço específico, representa-o apresentando-lhe as regras. Como elemento formal, ordena possibilidades, relações internas; logo, que uma coordenação não seja possível equivale apenas a dizer que não pode ser descrita segundo o elemento formal que a condiciona. Também segundo tais espaços formais tem sentido ou não empregar substantivos: "Man kann sagen "miß nach ob *das* ein Kreis ist" oder "sieh nach ob *das* was dort liegt ein Hut ist" Man kann auch sagen "miß nach ob *das* ein Kreis ist oder eine Ellipse" aber nicht "... ob das ein Kreis ist oder ein Hut" auch nicht "sieh nach ob das ein Hut ist oder rot"."[337] Assim, sendo o espaço um suposto do dêitico que o indica, o dêitico torna-se independente

---

gramática, dá à linguagem que descreve o campo visual o necessário grau de liberdade, estabelece condições para o que pode ser descrito, autorizando-nos a falar de um azul avermelhado mas não de um amarelado.

[335] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 195; MS 107, pp. 285-286. Vale lembrar que, em vários momentos, Wittgenstein aproxima sua atividade filosófica do trabalho de um colecionador, de alguém que rememora exemplos com um propósito ou simplesmente amealha circunstâncias de uso da linguagem em aparência pouco importantes: "Ich schreibe oft neue Bemerkungen, wie Hausfrauen alten Kram: Schnüre, Bänder, Lappen, Stecknadeln, sammeln (...)" (Wittgenstein, Ludwig, *The Wittgenstein Papers*, vol. 24; MS 122, pp. 185-186).

[336] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 200; MS 107, p. 297.

[337] Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 207; MS 108, p. 66. A própria distinção entre campo visual e espaço da física pode ser flagrada gramaticalmente, pois podemos bem notar quão diferentemente a estrutura S-P referir-se-ia à expressão 'círculo branco' em um e em outro caso. O dêitico 'dies' perpassaria, portanto, empregos categorialmente díspares. Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 202 (MS 107, pp. 299-300) e p. 207 (MS 108, p. 66).

do que pode expressar, de modo que tem sentido perguntar se "isso foi um tiro ou um trovão" mas não se "isso foi um barulho".[338]

A gramática está na ante-sala das proposições significativas, dizendo-nos algo sobre o mundo apenas em última instância.[339] É fácil desconfiar, situados como estamos em território wittgensteiniano, que tocar a gramática diretamente, como ao solo da experiência, deva conter alguma insensatez, comportando nosso exame do próprio octaedro o sem-sentido de obrigar-nos a dizer o que tão-somente pode mostrar-se.[340] Afinal, 'cor' e 'primária', palavras que estruturam o modelo, são apenas conceitos aparentes, como é um conceito aparente 'possível', porquanto dizer "p é possível" não é uma proposição legítima.[341] Uma vez gramaticais, por traçarem um limite da linguagem (e limites assim não podem ser vistos), enunciados que comportem conceitos aparentes (como "há quatro cores primárias" e "vermelho é uma cor") não são significativos, mas antes regras de produção de proposições significativas.[342] Logo, contrariá-las (como afirmar que haja 5 cores primárias) ou é dizer algo que não podemos compreender ou é desentender-nos por completo com quem porventura o afirme. Enquanto o número dos tons percebidos em certas condições é passível de exame e contestação experimental, o número das primárias não é passível de verdade ou falsidade: "Diese Zahl wird im Wörterbuch [und der Grammatik] abgegrenzt und nicht innerhalb der Sprache".[343] Seu limite é um limite da própria linguagem, não pode ser ultrapassado ou simplesmente dito, sendo preservada sua inteligibilidade. Por isso mesmo, a proposição "Há 4 cores puras" não é legítima,[344] como não é legítimo o

---

[338] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 208; MS 108, p. 66.

[339] "Die Grammatik erlaubt uns, wahre und falsche Sätze auszudrücken, und dadurch sagt sie uns etwas über die Welt." (Wittgenstein, Ludwig, *Vorlesungen 1930-1935*, p. 31.)

[340] "Man kann nicht in der Sprache das Wesen der Sprache beschreiben." (Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 3, p. 30; MS, 109, p. 53.)

[341] "Man kann wohl überhaupt sagen daß die Verwendung der scheinbaren Sätze über Möglichkeiten — und Unmöglichkeiten — immer der Übergang von einem wirklichen Satz zum anderen ist." (Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 209; MS 108, p. 69.)

[342] "Der Sheinbegriff (Farbe) zieht der Sprache eine Grenze, der eigentliche Begriff (Rot) zieht eine Grenze in der Sprache." (Wittgenstein, Ludwig, *Vorlesungen 1930-1935*, p. 34.)

[343] Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 210; MS 108, p. 70.

[344] Se pudéssemos dizer que há quatro cores puras, teria sentido dizer que há 5 ou 6, etc. Não podemos dizê-lo; entretanto, o número 4 e as cores puras estão de tal modo ligados que também encontram algum modo de expressão — "Z. B. wenn ich sage "auf dieser Fläche sehe

conceito de cor pura, pois proposição e conceito parecem nesses casos indicar não apenas o que na linguagem se mostra, mas o próprio meio anterior a qualquer indicação. A proposição "A tem uma cor pura" não pode significar mais que "A é vermelho ou amarelo ou azul ou verde", embora não signifiquem deveras o mesmo, uma vez que aquela "proposição" nada significa.

2.

O octaedro mostra diferenças gramaticais, é o modelo que melhor explora o aspecto gramatical do espaço das cores, traduzindo a diversa posição que as cores ocupam quando capturadas na linguagem. Vejamos algumas dessas diferenças gramaticais específicas e irredutíveis, que desdobram nosso exemplo em uma infinidade de exemplos.

O cinza pode ser uma mistura de branco e preto (como o laranja uma de vermelho e amarelo), mas está entre o branco e o preto de modo outro que o laranja entre o vermelho e o amarelo. Isto é claro. Preferíssemos, todavia, em lugar do octaedro, o duplo cone (como o de Wundt ou, no caso, o de Ostwald), uma diferença gramatical relevante deixaria de ser anotada. Com o duplo cone, há no círculo cromático (ou seja, no equador da representação) um só tipo de "estar entre", e o vermelho aparece nele entre o violeta e o laranja no mesmo sentido em que o violeta entre o vermelho e o azul.

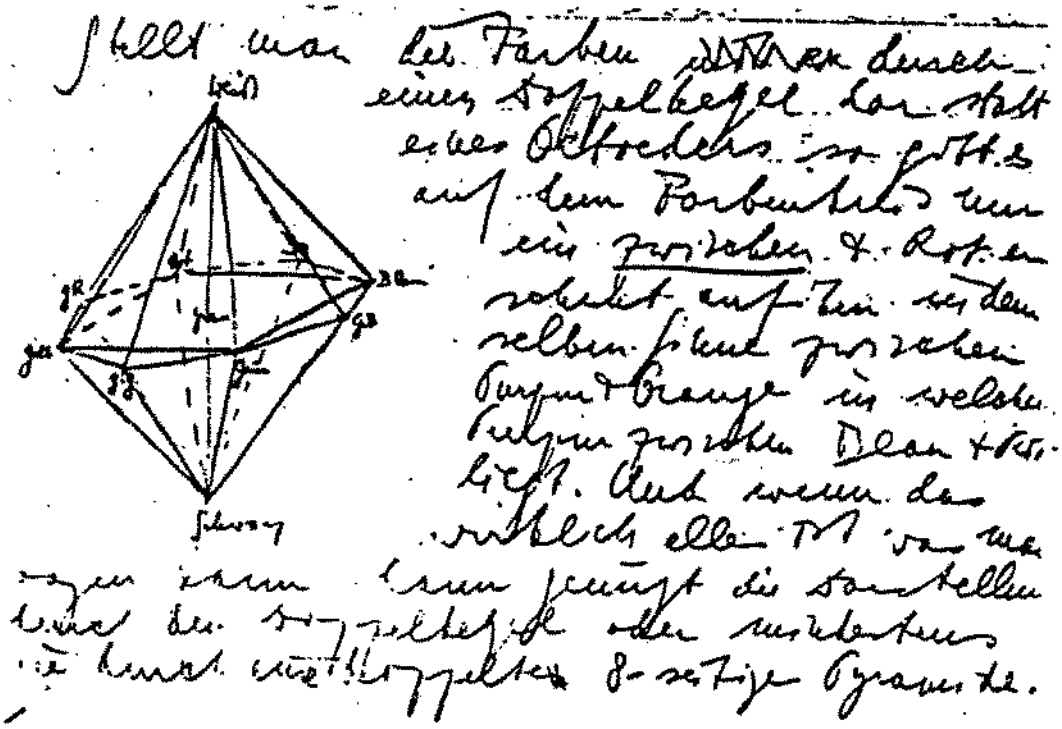
Se só tivéssemos a dizer sobre cores o que talvez seja suficiente para pigmentos, tanto o duplo cone como a dupla pirâmide de oito lados serviriam como representações gramaticais do *Farbenraum*.[345] Entretanto, não podemos dizer, no mesmo sentido, que o vermelho tenha um toque alaranjado e o laranja tenha um toque avermelhado. Há uma desigualdade entre a expressão "ser composto de x ou y" e a expressão "ser a parte comum

---

ich vier Farben: gelb, blau, rot, grün"" (Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 211; MS 108, p. 72). Também do fato de o vermelho ser um ponto excelso decorre não ter sentido enunciar "vermelho existe", assumindo a feição específica das primárias a questão geral do simples.

[345] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 213; MS 108, p. 76.

a x e y", não tendo isso nada a ver com misturas mas com o serem o não primárias (e, logo, definidoras) as cores.[346] Se fossem intercambiáveis, só haveria uma relação de estar entre, mas não são intercambiáveis 'Gemisch von' e 'gemeinsamer Bestandteil' por não ser possível empregá-los nos mesmos casos.[347] Portanto, contra o duplo cone ou até contra a dupla pirâmide de oito lados, o octaedro.



MODELO CROMÁTICO DE OSTWALD[348]

A par de não ser possível, não é preciso construir uma linguagem fenomenológica para expressar relações que encontram uma adequada multiplicidade nos próprios empregos da linguagem natural. O octaedro cifra o emprego dessas expressões e não a mistura dos pigmentos, sendo

[346] O verde, que desafia a classificação ao ser uma primária fenomenal e contudo resultante de mistura, melhor esclarece por isso mesmo a natureza gramatical da sua condição de ponto excelso (ausgezeichnet).

[347] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 214; MS 108, p. 76.

[348] Nesta ilustração de Wittgenstein (Wittgenstein, Ludwig, *The Wittgenstein Papers*, vol. 10; MS 108, p. 76), reduzido a uma estrutura de dupla pirâmide de oito lados.

essa investigação pura gramática porque fenomenologia.[349] A gramática sozinha determina a posição da cor e sua dessemelhança. Não podemos dizer do vermelho e do azul que tenham algo de violeta como dizemos do violeta e do laranja que tenham algo de vermelho. O laranja (vermelho-amarelo, Gelbrot) e o violeta (vermelho-azul, Blaurot) têm um componente comum em um sentido em que vermelho e azul não têm nenhum — jamais importando o modo de sua produção. Da mesma forma, o cinza tem algo do preto, mas nunca no mesmo sentido em que o preto teria algo do cinza. Há um caminho do preto sobre o cinza para o branco e não do cinza sobre o preto para o branco. E esses não são meros registros físicos ou acasos da linguagem, já afirma Wittgenstein. Não é casual nem causal que o azul não seja chamado de Orange-Violett.[350] Nesse momento, Wittgenstein já pode dizer, anulando por completo a ilusão empirista da indiferenciação de um domínio, que o azul (Blau) não é cor no mesmo sentido que o violeta (Blaurot), que relações internas tocam o específico da coloridade, agora irredutível à mera gradação. "Wie drückt sich das aber aus?"[351]

A assimetria é constatada e também o relativo arbítrio. Wittgenstein deve conceder ao eventual interlocutor que poderíamos representar todas as cores e matizes com outras que não as nossas primárias puras (e.g., com Blaurot, Blaugrün, Gelbgrün e Gelbrot). Toca-se porém com isso o que não pode ser enunciado de modo significativo, pois dizer "Rot ist eine reine Farbe" não é algo que possa ser decidido experimentalmente (à maneira como os gráficos decidem legitimamente quais as suas primárias, por diferentes que sejam das dos pintores),[352] nem sequer constitui uma proposição autêntica, uma que pudesse ser negada de modo também significativo, sendo a escolha um fato provisório e variável.[353] Se a decisão

---

[349] "Nun sagt es nichts zu unserer Untersuchung daß wenn ich ein blaues und grünes Pigment mische ich ein blaugrünes erhalte wenn ich aber ein blaugrünes und blaurotes mische kein blaues herauskommt." (Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 214; MS 108, p. 77.)

[350] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 214; MS 108, p. 77.

[351] Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 214; MS 108, p. 78.

[352] Assim como no espaço geométrico não situamos corpos reais, também no campo visual não há experimento geométrico. Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 223; MS 108, p. 96.

[353] "Es ist nicht denkbar daß mir einmal Rot ein andermal Blaurot rein erscheinen sollte." (Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 214; MS 108, p. 78.)

não é experimental quanto a número e definição dos matizes puros, coloca-se em nível distinto da investigação que afirma suficientes tais e tais tons para a produção de todos os outros, três e não quatro as primárias, etc. É claro que esse caminho experimental não toca a raiz gramatical ainda não esclarecida, e Wittgenstein opõe-se explicitamente ao modo de definição da cor pura como uma propriedade externa. Isso jamais seria o que o filósofo almeja. A cor não pode ser tratada ou resolvida como pigmento, volta a insistir, recusando-se a definir a pureza como uma propriedade externa ("also so wie ich sie nicht meine")[354] — caso contrário, a cor pura perderia sua posição gramatical. A relação interna entre cores não decorre de relações externas, dos caminhos experimentados, das transições a que podem ser conduzidas.[355] Trata-se pois de ver relações internas e não de se chegar pelo experimento a propriedades externas. Fora de sua expressão em nossa linguagem, a decisão acerca de quais as primárias jamais estimularia Wittgenstein, não por não ser central a questão das primárias, mas por ser outra a sua questão. Em suma, a definição de cor, se gramatical, é interna, não coincide com uma propriedade externa, não dependendo para sua determinação da identidade de um objeto extralingüístico.[356]

Um novo conceito de mistura (digamos, uma transição pontilhista entre cores) modifica a identidade da cor ou, ao contrário, esclarece melhor que podemos pensar o laranja como uma mistura (um acorde) de pequenas manchas vermelhas e amarelas, mas não podemos pensar uma mancha vermelha como constituída por uma composição de pequenas manchas de violeta e laranja, mesmo se uma tal composição produzisse em nós a impressão do vermelho.[357] Essa produção pontilhista é aqui equiparável aos discos giratórios de Newton. Podemos então produzir ou não o vermelho por mistura (como facilmente produzimos o verde); mas isso decidiria que

---

[354] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 215; MS 108, p. 78.

[355] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 214; MS 108, p. 78.

[356] Vale lembrar: "Das Wort "Rot" entspricht einem / Punkt //(Ort)// im Farbenraum ob nun dort etwas ist oder nicht" (Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 191; MS 107, p. 278).

[357] "In diesem Sinn ist Grau eine Mischung von Schwarz und Weiß und Rosa eine von Rot und Weiß aber Weiß nicht eine Mischung von Rosa und einem weißlichen Grün." (Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 215; MS 108, p. 79.) É claro que a produção retiniana ou cerebral da cor não logra aqui resultado superior ao da mistura de tintas.

ele seja uma mistura e não que possamos vê-lo assim. A possibilidade não é uma espécie de efetividade pelo meio, de sorte que às duas se aplicasse a regra: quem pode o mais pode o menos. Da existência de *x* não decorre a possibilidade de *x* quando *x* denota o mesmo aparentemente, embora denote efetivamente o que está em espaços gramaticais distintos. Em outras palavras, o empírico não pode ampliar a liberdade concedida pela gramática.[358] Não é a mistura que decide pela possibilidade, sendo independentes a verdade e a possibilidade da percepção. O campo visual não é uma produção retiniana — caso em que pertenceria a um sujeito, para o qual unicamente o que é implica o que é possível. Mais uma vez: "Die Möglichkeit, heißt das, ist nicht eine Art halbe Wirklichkeit".[359] Na projeção ortogonal do *mapa mundi*, aparecem áreas que não têm significado. O mapa da terra *não pode* continuar ali, assim como não continuam em jogo as peças fora do tabuleiro. O campo visual tem assim sua trama, que não coincide com a retina, ou seja, com "o efetivamente visto", não devendo render-se a possibilidade ao que não é sua realidade.

Hierarquia (cores primárias, secundárias) e incompatibilidade não se determinam pela mistura, como se a gramática fosse a memória sublimada da história natural da cor, a álgebra inodora do manuseio de óleos, resinas, corantes e mordentes. "Man könnte sagen Violett und Orange löschen einander bei der Mischung teilweise aus nicht aber Rot und Gelb",[360] mas, se vermelho e amarelo não se anulam pela mistura, o laranja é uma mistura de vermelho e amarelo em um sentido em que o amarelo já não o pode ser de verde e vermelho, embora seja o verde avermelhado de uma síntese aditiva e esteja entre os dois no círculo cromático. Há interdições, afinal. Wittgenstein prefere então o octaedro tanto contra a simples continuidade da figura do círculo como contra a total descontinuidade da representação, pois ambas confundem os vários sentidos de 'zwischen'. Se não houvesse tal diferença de sentido flagrada na linguagem, se tal diferença fosse *Unsinn*,

---

358 "Es kann dann gelingen oder nicht gelingen aber das zeigt nur ob der betreffende visuelle Vorgang auf diese physicalische Weise hervorzurufen ist oder nicht, es zeigt aber nicht, ob er möglich ist. Genau so wie die physicalische Unterteilung einer Fläche nicht die visuelle Teilbarkeit beweisen oder widerlegen kann." (Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 215; MS 108, p. 79.)

359 Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 180; MS 107, p. 258.

360 Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 215; MS 108, p. 80.

poderíamos perguntar em que lugar encontraríamos uma mistura significativa de verde e vermelho: "Wenn ich nun im Kreis von Rot und Grün aus dem Gelb näher rücke und ein Gemisch der bettreffenden beiden Farben nenne".[361]

Como a natureza da incompatibilidade restrita é descrita do interior da gramática das cores, ou seja, como Wittgenstein a faz decorrer aqui de laços gramaticais entre cores que lhes condicionam por parentescos e dessemelhanças, poderia parecer também dada, nesse momento, a sua futura solução, se não lhe faltasse agora muito do que lhe será depois essencial, por exemplo, algo como o 'em nossos jogos é assim'. Em 30 e em 50, o campo de interesse é o mesmo e, não obstante, por completo diverso, em função dos expedientes teóricos disponíveis. Agora, por faltar a Wittgenstein o elemento de decisão: os jogos de linguagem, parece mesmo que o indivíduo isolado, porque cego para cores, poderia ter outra geometria, como se a decisão congeminasse causalidade e arbítrio: "Der rot-grün-Blinde hat ein anderes [Farben]System als der Normale".[362] Também caracteriza essa primeira exploração, caso comparada com a leitura ulterior, não ter ainda a definição de uma primária coincidido com a noção de paradigma. A noção de paradigma pode ser identificada no período, mas é insuficiente ainda sua presença, ela não ocupou o centro da trama.

A semelhança entre as soluções ao problema da incompatibilidade restrita não pode encobrir sua diferença. E, a este respeito, é essencial a observação de Wittgenstein: "Ich erkenne nämlich im Gelb wohl die Verwandschaft zu Rot und Grün — nämlich die Möglichkeit zum Rötlichgelb und Grünlichgelb — und dabei erkenne ich doch nicht Grün und Rot als Bestandteile von Gelb in dem Sinne in dem ich Rot und Gelb als Bestandteile von Orange erkenne."[363] É um reconhecimento que não se resolveu em jogos de linguagem — e isso em dois sentidos: jogos com "...lich" e jogos com primárias. A primária é definida aqui intramuros, ou seja, nós a reconhecemos de um modo diferente das não-primárias, dado um sistema de parentescos. Podemos reconhecer seu parentesco com outras

---

[361] Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 216; MS 108, p. 80.
[362] Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 189; MS 107, p. 276.
[363] Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 216; MS 108, pp. 80-81.

cores através de matizes que a tenham em comum, mas não a reconhecemos constituída por outras no sentido em que reconhecemos vermelho e amarelo como componentes do laranja.[364] Entretanto, a determinação da primária, sendo clara e exaustiva, ainda não se resolve em tarefas específicas, de sorte que a necessidade se produza estritamente através da linguagem e não pareça resultar de um misterioso arranjo entre gramática e propriedades da cor. A diferença gramatical é, mediante uma tal composição, realmente descrita e afirmada, sendo reconhecida a força de sistema, embora não de modo tal que vejamos a raiz do interdito. Apenas, segundo tais diferenças, uma combinação é significativa e outra não.

"Ich will sagen daß Rot nur in dem Sinn zwischen Violett und Orange ist wie Weiß zwischen Rosa und Grünlichweiß."[365] Caso se tratasse apenas de transições empíricas, uma cor qualquer estaria de algum modo entre duas quaisquer outras ou pelo menos entre duas outras para as quais tivesse um caminho independente. No entanto, a diferença na indicação de cores é ela própria interior à gramática, não se resolvendo em transições empíricas. Dada a diversidade do ser intermediário, também é diferente "ser uma mistura de vermelho e amarelo", que pode descrever uma localização gramatical, e "ser uma mistura de laranja e violeta", que só pode descrever uma mancha empírica, uma mistura de pigmentos, "denn in dem Sinn in welchem Orange eine Mischung von Rot und Gelb ist gibt es gar keine Mischung von Orange und Violett".[366] E também a interdição da mistura entre verde azulado e verde amarelado independe da visão qualquer de uma continuidade sobre o verde. Os inconciliáveis azul e amarelo participam aí como tons discretos, como referências gramaticais, enquanto não vemos isso entre verde e azul ou entre vermelho e amarelo. Nesse último quadro, a gramática deixa livre nossa fantasia, mas com o violeta e o laranja a unidade da mistura parece exigir como que a morte de uma de suas partes. Em outras palavras, a transição nunca é contínua por sobre uma primária, embora seja contínua entre primárias: "Ich sehe dabei keinen

---

[364] "Oder auch Gelb liegt nicht in dem Sinne zwischen Grün und Rot wie Grau zwischen Schwarz und Weiß wohl aber liegt in diesem Sinn Orange zwischen Gelb und Rot." (Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 216; MS 108, p. 81.)

[365] Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 216; MS 108, p. 81.

[366] Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 216; MS 108, pp. 81-82.

kontinuierlichen Übergang – über Grün – in der Fantasie vor mir sondern es sind nur die discreten Farbtöne beteiligt. In Blaugrün und Gelbgrün sehe ich die unverträglichen Bestandteile nicht aber in Blau und Grün."[367]

3.

O conceito de mistura de cores em geral conhecido não se restringe a um número limitado de pares. Podemos entender que uma mancha na parede seja uma mistura de duas cores quaisquer (no caso, tintas). Com isso, a própria linguagem separa o conceitual do empírico, território em que não há *stricto sensu* incompatibilidade. Também podemos representar-nos uma cor que nos digam estar entre o violeta e o vermelho, mas teríamos dificuldade de encontrar, sem o amparo de um círculo cromático contínuo ou de um catálogo de tintas, uma cor intermediária a um violeta e um laranja (quer dizer, uma cor situada entre eles). Fora de um círculo cromático dado, não há uma tal cor (que segundo o círculo seria talvez um laranja avermelhado). Tampouco seríamos capazes de apontar o lugar em que o laranja estaria tão próximo do amarelo a ponto de não mais poder ser mesclado significativamente ao violeta.

Como se fora decorrente de uma limitação psicológica, parece reproduzir-se nesse nível entre as cores mistas a interdição que se dá entre primárias, mas nada nos leva a aceitar que sejam de mesma natureza. Aqui há uma imprecisão em saber qual se situa a 45° da outra e logo significativamente, enquanto com as primárias apenas o situar-se a 90° é nada poder significar. "Das Dazwischenliegen der Mischfarbe ist eben hier kein anderes als das des / Gelb zwischen Rot und Grün // Rot zwischen Blau und Gelb//."[368] Ou seja, o ângulo de 45° é significativo entre primárias mas não entre secundárias – com o que se quebra mais uma vez a semelhança entre as cores, estabelecendo-se outra interdição gramatical e outro motivo favorável a ser expressa tal desigualdade pelo quadrado. O domínio das cores, condição para construção de expressões significativas, perde sua

[367] Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 216; MS 108, p. 82.
[368] Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 217; MS 108, p. 83.

homogeneidade. "Es ist ebenso unsinnig zu sagen eine Farbe sei ein Orange-Violett wie eine Farbe sei ein rötliches Grün. Hier gibt die Grammatik also den "winkel von 45°" und nun glaubt man fälschlich man brauche ihn nur zu halbieren und den nächsten Abschnitt ebenso um einen anderen Abschnitt von 45° zu kriegen. Aber hier bricht eben das Gleichnis des Winkels zusammen."[369] Logo, quebrando-se a analogia entre as cores, um quadrado liga os pontos excelsos do círculo cromático.

A questão do ângulo nada tem de irrelevante. Com ela decide-se a forma do "equador" do modelo cromático, marca-se a diferença entre as primárias (indescritíveis) e as cores que por elas podem ser descritas; destarte, decide-se pela própria natureza gramatical de várias interdições que um círculo, ao contrário, anularia. A cada forma correspondem certas restrições e uma dada margem de liberdade, e a forma específica do quadrado, o destaque gramatical dos pontos lógicos (vermelho, verde, azul e amarelo) expressaria traços essenciais de nossa específica gramática das cores. Portanto, é carregada de sentido sua escolha do quadrado, dirigindo-se ela contra o duplo cone etc., mas também contra uma representação do espaço das cores como a de Schopenhauer e mesmo contra seu próprio tratamento anterior das cores segundo o exclusivo aspecto da gradação.

Tendo em conta quão relevante é esse detalhe, há um grave erro na edição de Rush Rhees do TS 209, as *Philosophische Bemerkungen*, que torna ininteligíveis vários parágrafos ao substituir o ângulo de 45° por um de 90°.[370] Ao contrário do apresentado na edição de Rhees, o ângulo é de 45°, como consta no MS 108, corretamente editado no volume 2 da *Wiener Ausgabe*, e nada indica que a "correção" possa ter sido do próprio Wittgenstein, pois, em texto posterior ao TS 209, a saber, no *Big Typescript*, Wittgenstein conservou os mesmos parágrafos com 45°.[371] É um pequeno e grave absurdo que Rhees (ou quem quer que seja) tenha alterado para 90° o ângulo a que se refere Wittgenstein. Isso talvez reflita um mero descaso pelo tema, semelhante ao que levou Waismann a não registrar (exceto pela

---

[369] Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 219; MS 108, p. 88.

[370] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Philosophical Remarks*, p. 275 e p. 277; *Philosophische Bemerkungen*, p. 275 e p. 277.

[371] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *The Wittgenstein Papers*, vol. 89c; TS 213, p. 481 e p. 484.

exigência de destaque das "*Urfarben*") a discussão sobre a forma do modelo cromático,[372] e comporta, sob qualquer ponto de vista, uma nítida incompreensão acerca do que Wittgenstein está a dizer.

Qual a importância desse detalhe? Primeiro, os parágrafos com 90° não fazem sentido. Segundo, os mesmos parágrafos com 45° importam na recusa de um modelo qualquer de representação gramatical do espaço das cores que desconheça a condição especial das quatro primárias. Wittgenstein quer dizer (e o repete em outros momentos) que o círculo não pode ser dividido significativamente em ângulos de 45°, pois com isso seria eliminada a condição de pontos das primárias, indescritíveis e meios de descrição, embora não tenha nesse momento um critério claro de como certo fragmento do mundo se torna fenomenalmente um simples. Em todo caso, sendo recusado o deslocamento indiferente do centro de gravidade da cor, com o que põe em questão inclusive uma sua concepção anterior, tem sentido falar de um vermelho amarelado, mas não de um violeta alaranjado. O ângulo de 45° é significativo entre as primeiras balizas, mas não entre as segundas. A representação gramatical do círculo cromático não é portanto um círculo ou um octaedro, mas um quadrado, tornando-se a figura um octaedro enquanto um corpo sólido.[373]

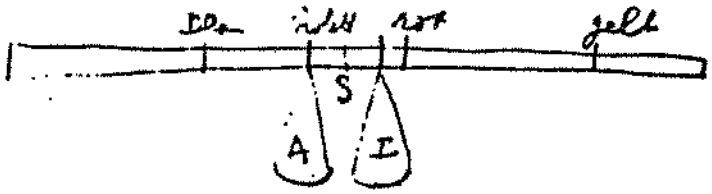
A determinação do ângulo comporta uma crítica à representação de Ostwald e uma defesa a mais do octaedro. Caso não tenhamos isso em conta, poderíamos chegar a pensar que a representação de Ostwald seria a de Wittgenstein, quando este se ocupou em combatê-la em pormenor. Há ângulos de 45° significativos e outros não-significativos, porque há pontos excelsos a 90°. E essa posição privilegiada não pode ser deslocada, não pode ser reduzida a ângulos de 45° e assim sucessivamente, chegando no limite a um círculo, em que são privilegiados todos os pontos e, logo, ponto algum. Falando de cores e não de pigmentos, dizer que vermelho e amarelo dão o

---

[372] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Wittgenstein und der Wiener Kreis*, p. 42.

[373] Vale repetir: tudo isso, é claro, se falamos de cores e não de pigmentos, se procuramos como a linguagem ordinária pode perfazer o trabalho de uma doutrina das cores fenomenológica. Não fosse assim, seria aplicado à cor um discurso que envolve quantidade, proporção de pigmentos — discurso que, de resto, funciona muito bem quando se trata de encomendar mais alguns galões de um composto de tintas para completar a pintura de uma casa.

laranja é fazer uma observação fenomenológico-gramatical, em nada referente à quantidade dos componentes. Embora tenha sentido falar de um laranja mais avermelhado, não se trata simplesmente de acrescentar-lhe mais vermelho. Afinal, quanto de vermelho estaria contido no próprio vermelho? Tal pergunta não tem sentido, como não tem sentido dizer de um laranja e de um violeta que contenham o mesmo tanto de vermelho.[374]



UM SISTEMA DE PESOS[375]

Tal como podemos ver em nossa linguagem, o sistema das cores não é um cujo centro de gravidade possa deslocar-se aleatoriamente, reinando entre seus pontos a indiferença do contínuo. A cor (ao contrário dos pigmentos) não pode ser tratada como um sistema indiferenciado de pesos, cujo equilíbrio desconhece pontos excelsos: "Es ist nun Unsinn zu glauben daß wenn ich die Schale A auf Violett halte und B in das Feld rot-gelb hinein verschiebe S sich gegen rot [hin] bewegen wird."[376]

O espaço das *cores* é singular, irredutível, não podendo ser explorado com independência da linguagem que o qualifica — caso em que não estamos falando de pigmentos. Também quando não se fala de pigmentos, quando nos atemos à qualidade, o discurso sobre quantidades não é pertinente, como não procede a pergunta sobre o *quantum* de vermelho que definiria o vermelho puro. O vermelho não pode ser colocado *no meio* de violeta e laranja. Se nos movemos com nossos pesos no campo do azul-vermelho e deslocamos o peso mais avermelhado em direção ao vermelho, então a cor

---

374 Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 217; MS 108, pp. 83-84.

375 Modelo desenhado por Wittgenstein. Wittgenstein, Ludwig, *The Wittgenstein Papers*, vol. 10; MS 108, p. 84.

376 Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 218; MS 108, p. 84.

resultante, o novo centro de gravidade, também se deslocará em direção ao vermelho. Mas, se uma das cores-limite ultrapassa o vermelho e nos movemos então em direção ao amarelo, a cor resultante (S) não se torna porém mais avermelhada. "Die Mischung eines gelblichen Rot mit einem Violett macht das Violett nicht röter als die Mischung von reinem Rot und [dem] Violett. Daß das eine Rot nun gelber geworden ist nimmt ja vom Rot etwas weg und gibt nicht Rot dazu."[377] Nesse sentido exato, não há aqui um "in der Mitte". É como se não se passasse pelo vermelho puro numa mistura em que, progressivamente, por acréscimo de laranja, fosse modificada a cor do violeta ao laranja. Do mesmo modo, tampouco há um ponto excelso entre amarelo e vermelho. "Das Reine rot ist eben ein Punkt das Mittel zwischen Gelb und Rot aber nicht."[378] Só a cor primária é um ponto, isto é, indescritível e meio de descrição.

Há uma extrema desigualdade gramatical entre o que são as coordenadas primárias de um sistema (seus pontos excelsos) e os "pontos" por elas passíveis de descrição, embora tal posição privilegiada seja interior a um sistema.[379] Dizer que uma cor é laranja-violeta é descrever o indescritível e tem tão pouco sentido quanto o verde avermelhado. Portanto, ao dizer que não há um ponto entre vermelho e amarelo, Wittgenstein critica diretamente qualquer representação do espaço das cores que trace aí um vértice. Logo, não há aí um ângulo preciso de 45°, um novo ponto, recusando, portanto, o monstro pouco gramatical de Ostwald, o octaedro no sentido do equador, pois este, não apresentando uma alternativa à nossa geometria, não apresentando a geometria de um outro povo, tem como conseqüência o simples círculo, que não deve representar geometria alguma, ou melhor, que apenas pode representar uma gramática sem relações internas em sua dimensão de croma. Uma redução do ângulo não pode ser aceita *do interior* da nossa gramática, estando nossa linguagem comprometida com quatro primárias. Talvez se possa imaginar, em algum momento posterior da obra, um povo com uma geometria cromática com um número maior de

---

[377] Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 218; MS 108, p. 85.

[378] Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 218; MS 108, p. 86.

[379] Sobre a difícil e nada uniforme determinação do 'puro vermelho', variável segundo a diversidade das escolas e das doutrinas das cores, conquanto assaz constante sua função gramatical, cf. Matile, Heinz, *Die Farbenlehre Philipp Otto Runges*, p. 60.

primárias, assim como a antropologia lingüística pode relatar casos de geometrias mais "simples", mas a representação do círculo é no limite uma ameaça à descrição de nossa experiência perceptiva, por comprometer a possibilidade mesma de uma gramática, ao retirar-nos os mínimos e necessários meios indescritíveis de descrição.

Por outro lado, que se possa dizer de um laranja que ele seja quase amarelo e, portanto, esteja mais perto do amarelo (ou, ao contrário, que seja quase vermelho) isso não significa que deva por isso haver um ponto intermediário entre vermelho e amarelo, "wie ich einmal glaubte".[380] Isso seria procurar na geometria do campo visual o que só vale para a euclidiana, quando se aplica uma espécie outra de quantidade. Estar entre o vermelho e o azul não pode ser uma determinação precisa e quantitativa, embora a cor pura esteja entre cores mistas de modo unívoco. Uma razão radical é apresentada para a diferença no *zwischen*: "Also bedeutet hier das Wort zwischen /inzwischenliegen/ etwas *anderes* als im ersten Fall. D. h.: wenn der Ausdruck "inzwischen liegen" einmal die Mischung zweier einfacher Farben, ein andermal den gemeinsamen einfachen Bestandteil zweier Mischfarben bezeichnet so ist die Multiplizität seiner Anwendung in jedem Falle eine andere. Und das ist *kein* Gradunterschied sondern ein Ausdruck dafür daß es sich um zwei ganz verschiedene Kategorien handelt".[381] Trata-se portanto de uma diferença categorial, ou seja, gramatical, no sentido em que a gramática é uma teoria dos tipos. A posição que podemos discernir como significativa entre vermelho e amarelo decorre de vermos com os pontos vermelho e amarelo. Mas, se as cores mistas fossem tomadas como primárias, o ângulo de 45° entre elas não teria sentido, pois uma cor não pode situar-se entre amarelo esverdeado e vermelho azulado. Não é artificial negá-lo, mas seria artificial, em nossa gramática, providenciar ângulos de 45° entre cores mistas quaisquer.[382]

O octaedro pode ser comparado a uma conceitografia, de todo equivalente ao que se perfaz em nossa linguagem ordinária, mas já expressando as regras da gramática em sua aparência exterior. Como representação

---

[380] Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 219; MS 108, p. 86.
[381] Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 219; MS 108, pp. 86-87.
[382] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 219; MS 108, p. 87.

topológica, já mostra o que deve ser excluído. Não importando porém em que modo de expressão ocorra, a proposição só estará de todo analisada caso seja esclarecida por completo sua gramática. A vantagem do octaedro reside então em ser uma apresentação panorâmica das regras gramaticais, em oferecer-nos o espaço das cores em uma linguagem já analisada.[383] É uma apresentação que nos deixa ver relações internas: "Zu sehen daß *reine* Farbe nicht eine Eigenschaft — externe Eigenschaft — einer Farbe ist heißt sehen daß ich mir nicht *denken* könnte daß — etwa — violett diese Eigenschaft hat oder daß das reine Blau sie nicht hat".[384]

Ser puro ou primária é pois uma propriedade interna. Não podemos pensar que o azul não a tenha e, por isso mesmo, tampouco é significativo dizer que a tem. Mas, sem os jogos de linguagem, como retirar tal preferência (em qualquer caso, convencional) do azul sobre o violeta (a saber, a preferência de ser primária e necessariamente) do estigma de convenção injustificável, de um artifício fortuito, variável segundo preferências subjetivas, ou, pelo contrário, como deixar de buscar fundamento para a necessidade em uma relação causal, como as que fundamentam a escolha das primárias pelo princípio tipográfico da economia? Essas são questões que desafiam um convencionalismo.

4.

Em extensa anotação de 26 de novembro de 1931, Wittgenstein rememora em linhas gerais os passos dados desde o impasse do *Tractatus* 6.3751, indicando a nova direção gramatical com que passa a ser abordada qualquer incompatibilidade entre cores.[385] Essa rememoração mostra-nos bem o contributo específico do tema das cores para o abandono do projeto de uma linguagem primária e a concomitante adoção de uma perspectiva gramatical. Podemos mesmo acompanhá-la como um resumo direcionado,

---

[383] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 220; MS 108, p. 89.

[384] Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 220; MS 108, p. 89.

[385] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 4, pp. 229-234; MS 112, pp. 249-259. Esse conjunto irá compor parte do capítulo "Farben und Farbenmischung" do *Big Typescript*. Cf. Wittgenstein, Ludwig, *The Wittgenstein Papers*, vol. 89c; TS 213, p. 473 ss.

um balanço provisório do próprio Wittgenstein, que termina por reforçar a natureza gramatical do octaedro e de toda a questão da incompatibilidade, ao tempo em que projeta uma luz comum sobre o tema, uma clara latência retrospectiva. Essas anotações servem-nos enfim para fechar essa primeira parte sem conclui-la, deixando-a ainda em aberto.

Wittgenstein primeiro teve em conta em sua reflexão sobre cores, evidentemente sob o aspecto da incompatibilidade ampla, o mistério da descrição completa, pois dizer que uma cor está agora neste lugar significa descrevê-lo completamente — o que vale para todo sistema de gradações: "Zwei Farben, zwei Dampfspannungen, zwei Geschwindigkeiten, zwei elektrische Spannungen haben nicht zugleich an einem / Ort // Punkt // Platz."[386] Uma comunidade extraordinária se estabelece, constituindo uma trama de relações internas, um tecido tal que mesmo a palavra 'ponto' terá significado apenas no interior da trama, sendo definido com referência estrita a cada trama diversa e, logo, significando algo diverso em cada caso. O problema porém é: por que chamamos "f(a).f(b)" de contradição, já que essa atribuição de valores a 'f(x)' não tem a forma da contradição, "p.~p"? "fa.fb" seria apenas uma sentença malformada, logo, uma não-proposição, nada significando pelo mesmo motivo que "ffaa" nada significa? O critério da malformação não pode ser aplicado aqui, pois a sua negação não deveria poder, em tal caso, ser significativa, embora saibamos que ela enuncia algo que se parece bastante com uma verdade: "Unsere Schwierigkeit ist nur daß wir doch das Gefühl haben, daß hier ein Sinn vorliegt, wenn auch ein degenerierter (Ramsey). Daß, wenn ich "und" zwischen zwei / Sätze // Aussagen // setze, ein lebendes Wesen entstehen muß und nicht etwas Totes, wie wenn ich etwa "a.f" geschrieben hätte."[387]

O problema é associado a um apelo irresistível ao filósofo. Trata-se de um sentimento profundo e assaz espantoso, sendo preciso e imperioso, consoante com a mais autêntica obrigação filosófica, ter clareza do que significa considerar que em tais proposições subsista algum sentido. Pode a decisão sobre o absurdo de afirmar "fa.fb" ser satisfeita por uma análise, de

---

[386] Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 4, p. 229; MS 112, p. 250.
[387] Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 4, p. 229; MS 112, p. 250.

modo que encontre expressão veri-funcional a regra presente em todos os casos semelhantes, fa = (fa.~fb), "d. i: aus fa folgt ~fb"?[388] Este fora, como vimos, o projeto esboçado no *Tractatus* e esgotado em "Some Remarks on Logical Form". Wittgenstein então rememora: quando escreveu o *Tractatus* "(und auch später noch)", acreditava que a análise seria possível e evidenciaria que fa = fa.~fb, caso "fa" fosse o produto lógico de uma outra proposição e "~fb", ou seja, "fa = p.~fb"; e confiava em que uma atribuição qualquer de cor poderia ser desmembrada em um tal produto, embora não tivesse então nenhuma representação clara de como providenciaria um tal desmembramento, tendo inclusive se isentado, enquanto lógico, dessa obrigação. Ou melhor: ele pensava ser possível expressar a incompatibilidade entre atribuições de cores mediante uma notação adequada, mas não percebeu que em tal substituição os fatores do produto já precisariam ter uma determinação independente e um sentido já conhecidos, com o que o problema não poderia resolver-se pela construção de uma "übersichtliche Notation", de uma conceitografia cromática.[389]

Quando quis empreender uma análise de uma atribuição cromática, veio à luz a própria limitação do que se representava como análise,[390] pois esta sugeria ser possível compreender uma atribuição cromática como um produto lógico cujos fatores seriam os ingredientes (cores e não pigmentos) de que se constituiria a cor. Constatou, no entanto, para expressar na notação a incompatibilidade, ser preciso dizer desses ingredientes que são todos os ingredientes. Esta nota conclusiva, de fechamento, digamos 'S', faria com que o produto "r.s.t.S" estivesse em contradição, e. g., com "r.s.t.u.S", afirmando nesse lugar estas cores (ou esta cor) e mais nenhuma outra. "D. h.: die Farbangabe die in unsrer gewöhnlichen Ausdrucksweise lautet "dies (oder: hier) ist rot" würde nun "hier ist rot und sonst keine Farbe" zu lauten haben; während die Angabe "hier ist rot und blau"

---

[388] Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 4, p. 229; MS 112, p. 251.

[389] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 4, p. 229; MS 112, p. 251.

[390] "Meine eigene Auffassung war falsch: teils, weil ich mir über den Sinn der Worte "in einem Satz ist ein logisches Produkt *versteckt*" (und ähnlicher) nicht klar war, zweitens weil auch ich dachte die logische Analyse müsse verborgene Dinge an den Tag bringen (wie es die chemische und physikalische tut)." (Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 4, p. 237; MS 112, pp. 265-266.)

bedeuten sollte, daß die Farbe dieses Ort eine Mischfarbe / von // aus // rot und blau sei."[391]

O problema não se dissolve. A atribuição de duas cores a um ponto na indicação de uma cor intermediária, não enunciando uma contradição, tem características gramaticais diversas, deixando de ser talvez absurdo dizer que uma mancha é amarelada e amarela, nesse caso em que as cores servem à descrição de manchas cromáticas. É preciso portanto separar as duas situações.[392] O resultado da confusão entre os problemas impede inclusive (também neste ponto) o reconhecimento de como será possível seu tratamento uniforme. Nesse caminho descartado, a gramática das atribuições de cor pretendia dar conta, mas artificialmente, tanto do amplo como do restrito, com as expressões: "Nesta cor está contido o vermelho", "Nesta cor só está contido o vermelho", "Nesta cor estão contidos o vermelho e o azul", "Nesta cor só estão contidos o vermelho e o azul", etc.

Já vimos que a análise não expressaria a gradação, mas a introdução de números nas elementares tampouco parece dar expressão suficiente à incompatibilidade, caso subsista um tal esquema de ingredientes. Ela padeceria da dificuldade comum a uma linguagem primária, porquanto tentaria traduzir o qualitativo pelo quantitativo. Wittgenstein percebe então que a cor não encontra assim um adequado tratamento fenomenológico; esse esquema de ingredientes não apresenta a gramática correta da cor, dando conta, quando muito, de pigmentos.[393] Por exemplo, a pura coloração vermelha do lugar precisaria ser denotada pela presença de um matiz avermelhado independente de um outro tom. Isso porém é absurdo. É preciso estar na essência (ou seja, na gramática) dessa marca avermelhada ser dela possível um mais ou um menos. Sabemos que um azul avermelhado pode estar mais ou menos próximo do puro vermelho. Ora, no sentido desse esquema de ingredientes, isso significaria comportar mais ou menos vermelho. Portanto, a proposição que atribui a uma cor uma

---

391 Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 4, p. 230; MS 112, p. 252.

392 Devemos ainda evitar a expressão "os dois jogos de linguagem".

393 "Das Schema der Ingredienzien paßt auf den Fall der Farbenmischung, wenn man unter Farben nicht Farbstoffe versteht, nicht." (Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 4, p. 231; MS 112, p. 253.)

tonalidade avermelhada precisaria de algum modo indicar uma quantidade de vermelho. Entretanto, esta indicação também teria sentido fora e antes do produto lógico, devendo ser possível dizer de um lugar no campo visual que seja colorido de puro vermelho, com o flagrante absurdo de afirmarmos desse puro vermelho que ele tenha tal ou qual quantidade de vermelho — o que valeria talvez para pigmentos, mas certamente não vale para a cor.[394]

A introdução de quantidades não esclarece ainda o sentido de contradição, que teima em despertar um sentimento profundo, como o fazem aqueles exemplos que tipicamente solicitam o labor filosófico. Se "Some Remarks on Logical Form" mostrou-nos a dissolução da gradação pela análise, pode uma outra forma de conservação da quantidade tocar a raiz de nosso sentimento? Como se comporta, por exemplo, a atribuição de diferentes *Quanta* de vermelho a um mesmo lugar? "q1v.q2v" expressa *per se* uma contradição? Não parece. Vejamos o caso seguinte em que se tenta capturar a relação entre os enunciados na gramática de "e" e "não". "q2>q1", de modo que "q2v.q1v" poderia não ser uma contradição, assim como, na falta da palavra "apenas", não se contradizem "há quatro maçãs no cesto" e "há três maçãs no cesto". Entretanto, mantido este sentido, "q2v.~q1v" encerraria uma contradição, com o que (segundo a "gramática" do *Tractatus*)[395] "q2v" deveria poder ser analisada em um produto de "q1v" e uma outra proposição (que precisaria apresentar a quantidade que faltasse a q1 para q2), sobrevivendo com isso a mesma dificuldade, pois "f(1+1)" não é igual a "f(1).f(1)".

Pode-se considerar elementar a proposição "esta mancha é agora vermelha", se não se quer considerá-la ou defini-la como função da verdade de outras proposições, e mesmo assim aceitar relações de dependência com outras atribuições cromáticas, sem contudo esperar que uma análise venha a exibir a contradição. São elementares e, não obstante, de "a agora é vermelha" segue-se "a não é agora verde". Não é simplesmente empírica a afirmação, nem tem a forma pura e simples de uma contradição: a proposição é gramatical. ""Rot und grün gehen nicht zugleich an denselben Ort" heißt nicht, sie sind tatsächlich nie beisammen, sondern, es / hat keinen Sinn //

---

[394] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 4, p. 230; MS 112, p. 253.
[395] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 4, p. 230; MS 112, p. 253.

ist Unsinn // zu sagen, sie seien zugleich am selben Ort, und also auch Unsinn zu sagen, sie seien nie zugleich am selben Ort."[396]

Eis portanto o que passa a esclarecer o sentimento profundo por que reconhecemos em proposições desse tipo a força de necessidade. Não está ainda claro quão interior é a relação entre tal necessidade e sua força e reconhecimento na vida cotidiana. Ainda não se colhe a necessidade em jogos de linguagem, mas temos um outro caminho para a unidade entre o amplo e o restrito. O tratamento uniforme de ambas as incompatibilidades não passa mais pela simples redução da restrita à ampla, mas pelo reconhecimento de sua comum natureza gramatical: "Der Satz "an einem Ort hat zu einer Zeit nur *eine* Farbe Platz" ist natürlich ein verkappter Satz der Grammatik. Seine Verneinung ist kein Widerspruch, *widerspricht* aber einer Regel unserer angenommenen Grammatik."[397]

5.

Wittgenstein também rememora os traços gramaticais do octaedro das cores. Uma assimetria é constitutiva do nosso sistema cromático, estabelecendo relações internas entre as cores, ou seja, trata-se de uma dessemelhança anterior a qualquer consideração hipotética. Podemos dizer de uma cor que não seja um vermelho puro, que tenha um tom amarelado, esverdeado, azulado, esbranquiçado ou enegrecido, assim como tem sentido negá-lo, dizer que não comporta tom outro algum, que seja portanto um vermelho puro. Também de um verde, um amarelo, um azul, um preto ou um branco pode ser dito que sejam puros, mas nunca, *nesse mesmo sentido*, diríamos puros um laranja, um cinza ou um violeta. Grifamos "nesse mesmo sentido" porque um cinza, e. g., seria dito puro caso restrito ao eixo que liga o preto ao branco, isto é, se desprovido de qualquer tonalidade cromática, e também, em outro sentido, diríamos puro um laranja porque saturado. Preservada porém a desigualdade das cores em seu espaço formal, o círculo cromático não é gramaticalmente um círculo, mas um

---

[396] Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 4, p. 238; MS 112, pp. 266-267.
[397] Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 4, p. 231; MS 112, p. 254.

quadrado; ou seja, é gramaticalmente uma representação com quatro pontos excelsos.[398]

Porque há pontos definidores das condições prévias a enunciados significativos, as aproximações entre cores não são aleatórias nem podem ser transpostos esses pontos em virtude de acréscimos quantitativos. Assim, sendo o vermelho um limite definidor do laranja, não tem sentido dizer de um laranja, por comparação a outro, que ele esteja mais próximo do violeta (um vermelho-azul), pouco importando o quão próximos estejam do vermelho. A assimetria é clara. Mais próximo do vermelho não é estar mais próximo do violeta, embora este também contenha do vermelho, sendo necessária a interdição que a linguagem ordinária cristaliza: nenhum laranja pode ser dito violáceo. A primária é um limite intransponível, um marco que não pode ser descrito, porque instrumento de descrição: "Orange hat eine Beziehung zu Rot und Gelb die es nicht zu einem Rötlichblau und Grünlichgelb hat".[399]

Essa primeira exploração do espaço das cores (pela qual o octaedro é privilegiado e o exemplo das cores é escandido *ad nauseam* em tantos exemplos) tem assim função e resultado precisos. Ela coincide com a identificação entre fenomenologia e gramática e mesmo a perfaz, no que se refere a cores. Com isso, podemos pressentir que a negação de uma fenomenologia também comprometerá a filiação de Wittgenstein a um modelo específico do espaço das cores, e a representação aproximada do espaço das cores pelo octaedro, conquanto continue a preferida, estará cada vez mais longe de ser única — mas essa é uma questão a ser tratada adiante. Por enquanto, cabe enfatizar: a natureza convencional das proposições gramaticais é conduzida ao limite mesmo do paradoxo, preservando contudo o estatuto de um problema fenomenológico ainda sem tratamento adequado. Convenção e propriedade da cor, linguagem e realidade, porque separadas, parecem desprovidas de laços internos, com o que poderia alguém sugerir não passar de mera trivialidade a necessidade de truísmos como o do aforismo 6.3751. Não será este o caminho de Wittgenstein, que

---

[398] "D. h. der Farbenkreis hat vier ausgezeichnete Punkte." (Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 4, p. 232; MS 112, p. 256.)

[399] Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 4, p. 232; MS 112, p. 256.

repugna tal sugestão, dando um passo importante nessa "investigação fenomenológica".

Se fenomenologia é gramática, as proposições gramaticais cifradas no octaedro não sofrem com resultados inesperados de alguma mistura. Assim, se um disco metade vermelho e metade amarelo for girado e tivermos acaso a visão de um laranja esbranquiçado, não diríamos ser esta cor uma intermediária daquelas; se o resultado fosse um verde (aus welchen Ursachen immer), não o diríamos por isso um misto fenomenal, "so wenig wie wir sagen würden 3+4 sei 6 wenn bei Zusammenlegen von 3 und 4 Äpfeln einer auf unbekannte Weise verschwände und 6 Äpfel vor uns lägen".[400] Um modelo cromático não é assim empregado hipoteticamente nesses casos, não serve a algum experimento; ele é empregado para efeito de cálculo ("zu einer Rechnung").

[400] Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 4, p. 232; MS 112, p. 257.

SEGUNDA PARTE

necessidade e experiência

> (Es wäre nicht ganz unsinnig zu sagen, die Philosophie sei die Grammatik der Wörter "müssen" und "können", denn / so // damit // zeigt sie, was a priori und a posteriori ist.)
>
> Ludwig Wittgenstein[401]

1.

Os jogos de linguagem com cores analisados em 1950 por Wittgenstein, porquanto se caracterizam pelo que podemos ou não fazer na descrição de nossa experiência visual,[402] são de intrínseco interesse filosófico. Wittgenstein já se perguntava em 1930 como pode ser genuína uma proposição empírica cuja negação parece ser uma tautologia e envolver necessidade, que só poderia ser lógica. A importância das *Bemerkungen über die Farben* estará então, em linhas gerais, em fornecer-nos um tratamento em detalhe de proposições gramaticais, exemplificando-as e mostrando-lhes a constituição onde se cultivavam imagens como as do puro ver, de uma significação dada no mundo e a ser analisada, isto é, em jogos de linguagem específicos à percepção de cores.

Se a centralidade de um tema não se mede apenas por sua repetição, nem por alguma afirmação explícita do autor, temos agora um critério mais objetivo. As cores são *exemplo*, atestando a não-uniformidade das ferramentas conceituais de que dispomos, ou seja, o fato de calcularmos com certos conceitos e não com outros, como na diferença entre a instrução "pinte o céu mais claro que qualquer coisa por ele iluminada",

---

401 *The Wittgenstein Papers*, vol. 21; MS 119, p. 24.

402 Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Zettel*, § 345.

que tem a forma de uma regra, e a convenção "o branco é a cor mais clara", autêntica regra gramatical.[403]

Na suposição de uma fenomenologia, a distinção entre uma regra de apresentação do real e uma regra gramatical seria talvez nítida e definitiva. Sendo porém negada a fixação de essências que caracterizaria o labor do fenomenólogo, a distinção parece não mais terminante e não podemos *in mente* separar a expressão do verdadeiro de suas condições gramaticais. Em que medida, por conseguinte, podem chocar-se a instrução e a norma, a regra de apresentação e a convenção gramatical? Separamos contingente de necessário, mas até que ponto uma regra de pintura não é normativa? Quando uma proposição de experiência passa a funcionar como norma de representação? Antes ainda, como pode um "mesmo" enunciado funcionar ora como proposição ora como regra?

Nessa nova exploração do espaço das cores, questões desse tipo ocorrerão em um contexto bastante diverso do anterior, contribuindo para sua resposta e forma a remissão a jogos de linguagem e formas de vida e o recurso a noções como as de 'paradigma', 'seguir uma regra' e 'aspecto'. Desse modo, o objetivo deste capítulo (e mesmo desta segunda parte) não é dar cabo da tarefa imensa de apresentar tais noções, acompanhando passo a passo a transição da obra, mas sim, mediante o destaque de alguns aspectos e problemas, tanto indicar a presença de um novo contexto teórico (no qual se destacam cada vez mais traços pragmáticos e operantes da linguagem), como ainda sugerir que a introdução desses recursos, modulando diversamente a obra, não a afasta de uma investigação de relações internas, de uma investigação gramatical. Uma exposição sob todos os aspectos satisfatória de cada uma dessas noções demandaria vários outros estudos que não este específico sobre a diversa exploração do espaço das cores; não obstante, se nos limitamos quase sempre a associar alguns desses novos recursos a nosso tema, expondo a procura wittgensteiniana de laços internos entre linguagem, realidade e ação, também nos deteremos com algum vagar em uns poucos traços das proposições gramaticais, do enigma da convenção, do

[403] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Philosophische Grammatik*, p. 186.

tratamento comum do problema da necessidade (da incompatibilidade ampla e da restrita), enfim, da autonomia arbitrária e nada gratuita da gramática.

Doravante destacar-se-á o modo de uso das proposições, inserindo-se em uma prática a natureza lingüística das convenções, a própria autonomia da gramática. É preciso ter em conta esse deslocamento. Sendo a filosofia algo como a gramática de modalidades, não mais se volta à possibilidade essencial de uma linguagem qualquer, à gramática mínima (e outrora máxima) do necessário, pois também habitado de necessidade está o conhecimento da realidade acessível por nossos meios ordinários, alguns irredutíveis à gramática parcial dos conectivos lógicos oferecida pelo *Tractatus*. É fato, lembra Wittgenstein: não falamos de um verde avermelhado, de um branco transparente, de um biângulo regular.[404] E esse é um tipo de necessidade com que nos defrontamos não de um lugar excelso, fonte inacessível de conhecimento necessário, mas em meio aos jogos de linguagem por que nos constituímos, ou seja, por que aprendemos, falamos, contamos, brincamos: "Das Alltäglichste, der Satz, ist Objekt unserer Untersuchung. (Der Satz, wie ihn jeder spricht.)"[405] Com isso, as formas de vida entram não só para levar as mercadorias ao mercado, mas para as constituir. Afinal, sem o conceito de formas de vida, a noção de jogos de linguagem não parece ter qualquer vantagem, salvo estilística, sobre outras considerações sintáticas. Trata-se ainda de regras gramaticais, mas enfim de regras resolvidas em jogos de linguagem, de modo que compreendemos por 'jogos de linguagem' (além dos processos de nomeação, formas primitivas de linguagem, etc.) o todo formado pela linguagem e pelas atividades que a entramam. Assim, o que se descreve como jogo de linguagem, primitivo ou não, é sobretudo o entrelaçamento de palavras com ações, a linguagem em circunstância de uso.[406]

---

[404] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, III, § 52. Como veremos, o reconhecimento da necessidade na prática mesma da linguagem, a presença aí flagrante de interdições (que nunca são meras questões de gosto porque internamente associadas a modelos de descrição da experiência), não fará desandar o reforço do aspecto pragmático em uma explicação causal do comportamento.

[405] Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 3, p. 19; MS 109, p. 32.

[406] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Philosophische Untersuchungen*, § 7.

É verdade que um tal deslocamento, cuja progressão poderia ser acompanhada até cristalizar-se na primeira parte das *Investigações Filosóficas*, parece multiplicar dificuldades e tentações, como a do relativismo e a do ceticismo, tendentes a fazer da remissão dos jogos de linguagem a formas de vida uma espécie de redução antropológica da necessidade. Entretanto, o fundamento de granito da verdade, o solo anterior à experiência, a rocha dura, as formas de vida, as formas regulares da ação, os fatos mais gerais da vida, enfim, não mantêm com a linguagem uma relação externa ou a autonomia da gramática desandaria em puro verbalismo.[407] As convenções não são meras convenções (*Abmachungen*), no sentido de superáveis por quem tenha alguma vez habitado aquém e além dos Pireneus. Por isso também, a filosofia (que deixa tudo como está) não as pretende nem pode suspender, pois, para superá-las após a identificação de seu fundamento lingüístico, seria necessário o movimento mais que radical de habitar dentro e fora da linguagem.

Com o perdão do pleonasmo, as relações da linguagem com a ação e com o mundo são essencialmente internas. Além disso, do fato (a seguir ilustrado) de em uma investigação fenomenológica ser necessário identificar laços outros que não os causais,[408] não deriva que a descrição da causalidade constate traços exteriores à própria linguagem, que a causalidade, portanto, não seja um meio a mais de apresentação da experiência. Não fosse assim, dificilmente poderíamos admitir que uma instrução de representação de laços externos pudesse em certos contextos funcionar como uma norma. Em conseqüência, como relações externas e internas não se distinguem em compartimentos estanques da linguagem e tanto a descrição como suas condições têm fundamento lingüístico, a transformação não supõe

---

[407] Nossa linguagem assenta-se em formas de vida sólidas, em ações regulares, entremesclando-se com elas. No MS 119, a noção de formas de vida, sobre cujo fundamento soerguer-se-ia nossa linguagem, associa-se nessa função a "/ regelmäßiger Handlungen // regelmäßigen Handelns // // regelmäßigen Tun's // // regelmäßiger Formen des Handelns // // regelmäßiger Handlungsformen //" (Wittgenstein, Ludwig, *The Wittgenstein Papers*, vol. 21; MS 119, p. 148).

[408] "Die Causalität zwischen Sprache und Handlung ist eine externe Relation während wir eine interne Relation brauchen." (Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 197; MS 107, p. 290.)

apenas um outro tratamento da lógica, mas ainda uma outra abordagem não-indiciária também da causalidade.

Procurar a causa é também um jogo, embora a semelhança não venha obviar à diferença, que deve ser constatada caso a caso, contexto a contexto, jogo a jogo.[409] Certamente, não queremos sugerir com isso que a cor seja uma mera alucinação da gramática, mas sim que a causalidade, o modo precípuo de uma relação externa, torna-se apenas um método de descrição, conquanto não devamos concluir que alucine o descrito ou o produza. Há um esquema típico de causa e efeito, um jogo de linguagem de causa e efeito, mas é um equívoco filosófico supor que um protótipo exclusivo sirva (ou deva servir) de comparação a tudo, como se o modelo de uma estocada, de um golpe, pudesse cifrar toda afirmação de causalidade.

Um exemplo de ficção de Wittgenstein choca-se com o modelo tradicional de descrição e o desafia a exibir seus traços característicos. Plantas A e B seriam diferentes, embora não saibamos, por nenhuma característica, diferençar suas sementes. Devemos afirmar, contudo, ser *preciso* haver uma diferença? Ora, a história da semente não lhe deixa marcas; assim, apesar de podermos prever por essa história o que dela advirá, não a chamaríamos de 'causa'. No entanto, se alguma diferença nas sementes é finalmente encontrada, não pode ela ocorrer *zufälligerweise*? Por que logo tal diferença, quiçá casual, tem de ser relevante? A afirmação de necessidade entre eventos concomitantes ou sucessivos apenas mostraria a forma e a força do esquema de causa e efeito, que não é infenso ao arbítrio autônomo da gramática.

O paradigma indiciário é posto em causa. Que se trate de grafologia, fisiognomonia ou assemelhados (ou seja, modelos canônicos da explicação indiciária), lembra Wittgenstein, ouve-se sempre a proposição: ""... es muß / freilich // natürlich // der Charakter sich *irgendwie* in der Schrift ausdrücken..." 'Es muß', d. h. dieses Bild wollen wir unter allen

---

409 "Ursache ist etwas in einem physikalischen System. Was als Erklärung einer Erscheinung in diesem System vorgesehen ist, ist Ursache. Indeterministisch ist nur ein System der Darstellung." (Wittgenstein, Ludwig, *The Wittgenstein Papers*, vol. 90; TS 219, p. 13.)

Umständen anwenden."[410] O próprio modelo da causalidade é assim interior a nossos jogos. Sendo essencial ao jogo de linguagem um método prático (uma espécie de agir) e não uma especulação, o essencial ao conceito é que *normalerweise* esteja com os pés no chão, significando isto que: "Eine Interpretation eines Satzes / ist die Umgebung in der er in der Grammatik steht // ist seine Umgebung in der Grammatik //."[411] Se não está na proposição o critério que a torna ora regra ora proposição genuína, também não pode estar nela um empecilho, sendo no mínimo ingênuo subordinar a necessidade aí tramada a uma regularidade exterior, pois a descrição dessa regularidade é apenas mais um modelo a que não renunciamos facilmente.

Parece difícil a idéia de a gramática decidir o que é interno e, logo, o que é o externo, mas a dificuldade é aparente, só ocorre se subordinamos a contribuição de Wittgenstein a uma leitura da causalidade que lhe seja estranha. Também a relação externa é dita pela gramática, na medida em que a gramática é condição do hipotético. Por exemplo, a distinção entre cor e pigmento, que tanto nos interessa, não pode mais ser afirmada fora de uma gramática que determina o que é da alçada ou da cor ou dos pigmentos. Aquela cisão nítida, condicionante da abordagem fenomenológica inicial de Wittgenstein, pode esmaecer-se sem delir-se com a gramática dos usos. Por exemplo, *auf der Palette* ninguém diria o branco mais escuro; logo, também a paleta pode doravante tramar relações internas, sem que dependam de uma hipótese sobre a cor.

A linguagem não é, ademais, uma lâmina entre dois limites inefáveis: a realidade e o espírito. Ao contrário, a realidade precisa ser posta no espaço de linguagem em que nos movimentamos e, por outro lado, tampouco o pensamento lhe é exterior, pois só tem uma face externa e, quando o analisamos, não é como se mergulhássemos nele. O pensamento é colhido tão-só em sua forma, sendo um pensamento amorfo como um jogo de xadrez amorfo,[412] mas "Isto é A" pode já ser ou ainda não ser uma proposição, não estando na forma isolada do enunciado o que o pode

[410] Wittgenstein, Ludwig, *The Wittgenstein Papers*, vol. 21; MS 119, p. 24.
[411] Wittgenstein, Ludwig, *The Wittgenstein Papers*, vol. 21; MS 119, p. 161.
[412] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 286; MS 108, p. 217.

diferenciar de uma definição. Dessa forma, cada espécie de esclarecimento pela linguagem já pressupõe uma linguagem, que em certo sentido não pode ser ensinada, isto é, "nicht durch die Sprache zu lehren wie man etwa klavierspielen durch die Sprache lernen kann. — Das heißt ja nichts anderes als: Ich kann mit der Sprache nicht aus der Sprache heraus."[413] Dito de um modo ainda mais radical, quer expressando relações internas, quer descrevendo relações externas (mesmo ao nos servirmos de materiais empíricos), nunca saímos da linguagem. "Man könnte es beiläufig so ausdrücken, daß wir durch keinerlei Erklärung der Wortbedeutung, *auch nicht durch die hinweisende,* aus der Sprache heraustreten, und daß die Sprache in diesem Sinne autonom ist."[414]

Wittgenstein reconhece: ao tempo do *Tractatus,* parecia-lhe que as palavras substituiriam os objetos, aos quais em última instância teríamos acesso ostensivamente. A definição ostensiva, contudo, nesse caso-limite, não coloca frente a frente termos exteriores, antes prepara o uso significativo da linguagem, e o que utiliza para demarcar suas unidades deve pertencer-lhe de modo o mais íntimo. Sendo assim gramatical a própria relação entre linguagem e realidade, há um controle da linguagem sobre as questões que podem ser decididas pela experiência. Em outras palavras, a linguagem é autônoma, sendo tal autonomia a essência de sua arbitrariedade. Todavia, persistem dificuldades plenas de tentações metafísicas. Como a convenção pode dizer algo sobre a realidade, embora não possa ser contestada por ela? Donde seu fascínio e força se mera convenção?

Problemas fenomenológicos dessa natureza não são resolvidos com o amealhar de hipóteses, sendo-lhes própria e necessária uma investigação gramatical, uma que não distinga parecer e ser. Os verbos em proposições gramaticais, em proposições cujo emprego é normativo, são defectivos em tempos outros que não o presente, não apontam para o futuro, nunca funcionando tais proposições como hipóteses, que devem sempre "deixar uma porta aberta".[415] Mas, com isso, ainda com o abandono de uma linguagem fenomenológica, não desaparece a procura

---

[413] Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe,* vol. 2, p. 227; MS 108, pp. 103-104.
[414] Wittgenstein, Ludwig, *The Wittgenstein Papers,* vol. 99; TS 302, p. 3, grifo nosso.
[415] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe,* vol. 2, p. 177; MS 107, pp. 247-248.

filosófica de relações internas – procura que passa a coincidir com essa mesma descrição gramatical e continua a situar-se em plano distinto ao das ciências, reeditando em outro contexto uma investigação de essências.

Apresentaremos assim alguns desses elementos que, subordinando-se a significação ao uso, facultam uma imprecisão essencial de fronteiras entre o lógico e o empírico, de sorte que a tarefa filosófica, trabalho de um Sísifo terapeuta, talvez esteja condenada a nunca acabar, não havendo descrição exaustiva do espaço das cores, dos sons, etc., ou melhor, não havendo consideração serena de fatos lingüísticos que, exceto por restrição unilateral, os preserve e proteja da dilação e dos usos.[416] Também aludiremos a alguns elementos de um método que pode atravessar "territórios" em aparência incomensuráveis (como o da cor e o dos números) e tornar plana uma gramática outrora estruturada. Esperamos, então, em traços fugazes e imprecisos, indicar como esses novos recursos e esse novo contexto importam para a reflexão acerca do enigma da convenção e, por conseguinte, para o novo tratamento do espaço das cores nas *Bemerkungen über die Farben*, objeto precípuo de nosso interesse.

2.

Usamos palavras para cores para efeito de cálculo, embora o cálculo cromático mal pareça possuir a inexorabilidade da matemática. Por quê? Por que as cores parecem ameaçadas pelos ventos da contingência, a ruírem suas relações ante o menor revés? Uma primeira resposta seria simplesmente: a conta matemática faz parte de nossa vida bem mais que o cálculo cromático.[417] Com isso, porém, teríamos a clareza da inexorabilidade, embora não sua razão. A razão só pode ser interna ao jogo, não resulta de uma universalização do empírico, não sendo suficiente a simples utilidade para marcar essa diferença. Na verdade, a inexorabilidade é uma característica de seu emprego, não cabendo dizer

---

[416] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Zettel*, § 447.

[417] Cf. Wittgenstein, *Bemerkungen über die Grundlagen der Mathematik*, p. 37, § 4. Em resposta a Schlick, Wittgenstein nota haver uma dificuldade "natural": não temos à mão padrões para cores. Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Wittgenstein und der Wiener Kreis*, pp. 78-79.

que são úteis os resultados de um cálculo, mas que são empregados assim, a saber, como um cálculo. Os passos jamais colocados em questão são deduções lógicas, mas não são imunes a questões por corresponderem seguramente à verdade, pois a lógica encontra-se antes de uma tal correspondência, no mesmo sentido em que o estabelecimento de um método de mensuração encontra-se antes da correção ou falsidade de uma avaliação de distâncias. O consenso prévio não garante apenas que argumentemos; sem ele não chamaríamos sequer de "argumentar" nosso trato com as palavras. Logo, tratando-se de um cálculo (matemático ou cromático) e não de um experimento, o consenso lhe é interior, não é acidental ou adventício.[418]

Tratando-se de uma prática que supõe um arbítrio, poder-se-ia então supor que tudo vale ao se seguir uma regra, ao se completar uma série, ao se extrair uma conclusão. Fosse assim, todavia, e simplesmente não chamaríamos a isso seguir uma regra, extrair uma conclusão, completar uma série.[419] Uma conta, v. g., poderia ser considerada um experimento, mas então, vista como uma relação externa, diria apenas que, através de certas regras, fomos conduzidos dessas proposições àqueloutras, enquanto o resultado de um cálculo, como uma prova, é simplesmente a proposição com que conclui. Quando dizemos então "Esta proposição segue-se daquela", "folgen" é empregado nesse caso *unzeitlich*, autorizando o "Folgern" — e isto mostra que a proposição não expressa o resultado de um experimento.[420]

Como se relaciona então a proposição gramatical com uma medida empírica, digamos, as igualdades postas pelo axioma das paralelas com os resultados das medidas no espaço? Do mesmo modo que com os axiomas sobre saturação, transparência, etc., a relação só pode ser criterial. A geometria do campo visual não é um método heurístico;[421] por conta de sua

---

[418] Cf. Wittgenstein, *Bemerkungen über die Grundlagen der Mathematik*, II, § 67. Tampouco é uma nota extrínseca a inexorabilidade. O que é calcular? 'Calcular' é isso, não porque conforme a uma verdade imutável, mas porque, uma vez mutável, não seria chamado em nossos jogos 'calcular'.

[419] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *The Wittgenstein Papers*, vol. 20; MS 118, pp. 35-37.

[420] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *The Wittgenstein Papers*, vol. 20; MS 118, pp. 37-39.

[421] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 223; MS 108, pp. 94-95.

natureza lógica, essa geometria é pura gramática, sendo ordenado a priori o que nela se ordena. Assim, ela tem em conta possibilidades, enquanto a "geometria" da física só tem a ver com fatos.[422] A física faz experimentos com medidas, enquanto a geometria do campo visual dirige-se a relações internas, não se fazendo no espaço qualquer experimento geométrico.[423] Entretanto, se proposições gramaticais são convenções relativas ao uso de expressões, a lógica terminaria por apenas providenciar acordos relativos a sinais, apesar de terem tais convenções a finalidade de uma apresentação.[424] Proposições gramaticais diriam algo sobre a realidade sem que esta contudo as possa contradizer, pois uma proposição sequer poderia expressar um estado de coisas que negasse a pura forma por que se expressa.[425]

Uma convenção, como um puro artifício da vontade, parece exterior a seu emprego, de sorte que, sendo extraída de algum emprego, deixaria até de ser convenção. Entretanto, precisamos estabelecer tais convenções porque as cores têm tais e tais propriedades? A incompatibilidade gramatical apenas formalizaria uma lei física ou fisiológica, como a teoria dos canais oponentes? Ora, nesse caso, as convenções seriam supérfluas, por completo independentes do real, e mesmo poderíamos dizer significativamente o que excluem, à semelhança de cientistas que fizeram experimentos para a visão do verde avermelhado. Por outro lado, se as convenções são necessárias, parecem nada poder dizer do mundo, ou seja, excluindo certas combinações de palavras como absurdas, não podem sustentar sua necessidade sobre propriedade alguma da cor, pois então seria possível pensar que as cores

---

422 Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 223; MS 108, p. 95.

423 "Im Gesichtsraum gibt es natürlich kein geometrisches Experiment." (Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 223; MS 108, p. 96.)

424 "(...) diese Conventionen mache ich zum Zweck einer Darstellung." (Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 224; MS 108, p. 97.)

425 Com as cores, evidenciar-se-ia o sentido de uma convenção que, ao apresentar uma cor, é instrumento de representação, sugerindo uma relação interna entre as regras e seu objetivo de apresentação. "Um etwas über die Farben — z. B. [Atenção para este "z. B.": a cor é literalmente exemplo] — sagen zu können muß ich gewisse Regeln einhalten. Diese Regeln / (sind) daher (ein Bild des Zweckes) // spiegeln daher den Zweck // zu welchem sie aufgestellt wurden. Die Regeln passen die Sprache diesem Zweck an." (Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 224; MS 108, p. 97.)

não tivessem tais propriedades — o que todavia só poderia ser expresso contrariando as convenções e, logo, sua necessidade.[426]

Como pode então ter uma ligação com a realidade a convenção se parece perdê-la tanto sendo supérflua como sendo necessária? Nunca se trata de provar uma convenção (o que seria uma forma de estar fora dela), mas sim de estar ou não em acordo com ela: "Ich kann nur sagen "wer diese Worte in der Bedeutung verwendet wie ich es tue der kann mit dieser Combination keinen Sinn verbinden, hat sie für ihn einen Sinn so versteht er etwas anderes unter den Worten als ich.""[427] O dilema da convenção consiste assim em fugir ao arbítrio ou à inutilidade, em quebrar a autofagia de propriedade e convenção e descobrir um laço interno que tanto não anule a necessidade da gramática (e, logo, a condição dos enunciados significativos) como não faça da significação algo que suprima seu fundamento incondicionado. Supérflua a convenção, sua relação com as propriedades da cor não teria preferência alguma ante quaisquer outros arranjos, não tendo relação com o real simplesmente porque supérflua. Se necessária, seria satisfeita por qualquer combinação, nada informaria, não tocando o real porque necessária. Em suma, não têm afinal ligação se supérfluas, porque supérfluas, nem se necessárias, porque necessárias. Valendo isso para toda convenção, para todo acordo interior à linguagem, para todo enunciado gramatical, a resposta a essa questão da harmonia coincide com o enigma inteiro da necessidade. O problema da convenção (ou seja, de como o que parece determinado pelos fatos é todavia determinante dos fatos) revela-se essencial a toda obra, dependendo dele o modo como a própria linguagem deve tomar conta de si.

A cor é um dos capítulos de nossa gramática, ou melhor um dos títulos desses capítulos. Isso significa que não ocorre dentro do capítulo, pois não tem sentido (sendo antes condição de sentido) dizer "Vermelho é uma cor". Essa é a posição privilegiada e, de resto, inefável das convenções gramaticais: a proposição que enumera cores talvez para uma criança não lhe ensina nada sobre cores, oferece-lhe sim o valor de uma variável em

---

[426] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 225; MS 108, pp. 98-99.
[427] Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 225; MS 108, p. 99.

proposições como "O quadro tem belas cores", etc.[428] Uma proposição gramatical, como "Verde é uma cor", seria assim uma "formally certified proposition". Ou seja, veríamos nela mesma se verdadeira ou falsa, mas porque só adivinhamos nela sobre a natureza da cor o que não afirma, a saber, a possibilidade do que afirma.[429] Fosse uma proposição autêntica "Vermelho é uma cor", teria sentido dizer "Há uma cor" — proposição nada autêntica, pois, mesmo não havendo cores, não teria sentido sequer "Não há uma cor". E uma tal dificuldade sempre persistiria, mesmo se tivéssemos de recuar até a palavra 'coisa' — com o que a elementaridade é definida intramuros, sem correlato ontológico.

Palavras como 'cor', 'tom', 'número' são títulos de capítulos de nossa gramática. São meios de expressão e não simplesmente o que está por ser expresso. Desse modo, a gramática seria algo como uma "teoria dos tipos lógicos" por incidir sobre o sentido com independência da verdade, estabelecendo domínios,[430] condições legítimas para o uso de expressões, meios de apresentação que não são convenções do tipo das que se deixam justificar por proposições (como seriam as regras de etiqueta), uma vez que a descrição do representado já supõe as regras da gramática.[431] Da mesma forma, o que há de essencial nos casos comuns da demonstração geométrica e da generalidade das tautologias da lógica: o que se demonstra não pode ser expresso por uma proposição.[432] Não podendo ser justificadas, as regras gramaticais não se comparam às do cozinhar. Certamente há regras que orientam o cozinhar, mas este não é afinal uma atividade essencialmente subordinada a regras e sim uma voltada a um resultado. Cozinhar não é um cálculo, não é como jogar xadrez — atividade conduzida segundo regras, que decidem estritamente se estamos ou não a jogar xadrez.

---

[428] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 226; MS 108, p. 101.

[429] "(...) die Möglichkeit dessen was er behauptet." (Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 226; MS 108, p. 102.)

[430] "Der Bereich einer Variablen muß durch die Grammatik bestimmt sein. D. h. er muß völlig durch die Zeichen und Zeichenregeln bestimmt sein. Mag man auch noch so viel über die Anwendung des Zeichensystems offen lassen, es muß in sich abgeschlossen sein." (Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 253; MS 108, p. 153)

[431] "D. h. was in der zu rechtifertigenden Grammatik als Unsinn gilt kann in der Grammatik der rechtigertigenden Sätze auch nicht als Sinn gelten u. u.." (Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 227; MS 108, p. 104.)

[432] Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 236; MS 108, pp. 121-122.

Autônomas, no sentido do jogo de xadrez, as regras são arbitrárias. E, sendo esse o arbitrário da regra (que também significa que não vale como justificação *para* a gramática o que vale como justificação *na* gramática), ele é semelhante ao da escolha de uma unidade de medida.

Opera-se uma importante transformação, como se a ênfase em uma estratégia já presente no *Tractatus* lhe mudasse o próprio sentido. A organização lingüística da experiência interna ou externa, da qual depende inclusive essa separação entre interno e externo, obriga-nos a tratar o normativo não mais do ponto de vista da pluralidade dos mundos possíveis, com o que estaríamos situados talvez no campo da explicação causal, conquanto a própria causalidade é apenas uma forma de apresentação da experiência, não tendo o privilégio de transitar por quaisquer formas de vida. Se tentar justificar as regras da gramática costuma resvalar em uma redução do *zeitlos* a laços causais, a afirmação do arbítrio dirige-se então contra essa tentativa de aplicar o modelo de verificação de uma proposição ao que funciona como regra.[433] Mas, se a gramática das palavras para cores é arbitrária, isso quer dizer que ela não caracteriza o mundo? Que é independente do que pretende descrever? Podemos acaso procurar por uma quinta primária? Ora, uma semelhança entre as cores ou entre as primárias não há de ser buscada nas coisas. Esta semelhança não será fundamento das primárias. Desse modo, é *autônoma* essa mesma circunscrição, que poderia ser outra: "— Ja, könnte man denn auch rot, grün und kreisförmig zusammenfassen? Warum nicht?!"[434]

3.

Qual o fundamento de uma proposição como "O branco é mais claro que o preto", que parece figurar essencialmente em qualquer sistema cromático, "em todos os mundos possíveis", como se nela coincidissem o espaço das cores e o espaço lógico? Corresponde uma tal relação interna

---

[433] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 5, p. 34; MS 113, pp. 65-67.
[434] Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 5, p. 35; MS 113, p. 68.

à verdade? De fato, empregamos certas proposições sobre cores para efeito de cálculo, podendo o emprego da proposição gramatical "O branco é mais claro que o preto" ser comparado ao emprego atemporal de "folgen": "Auch dieser Ausdruck ist zeitlos und auch spricht das Bestehen einer *internen* Relation aus".[435] Há a relação, que é interna, que parece exibir-nos uma imagem, etc.: garante ela o emprego atemporal? Sabe o agrimensor em que medida os círculos e retas que traça são de natureza outra que não a da própria geometria de Euclides? De onde então o sentimento de que, com "O branco é mais claro que o preto", enunciamos algo sobre a essência de ambas as cores, enquanto, ao contrário, dizemos de uma coisa que seja mais clara que uma outra, embora ela possa ser agora mais clara e depois mais escura.

O que compreendemos por "essência" de branco e preto? A relação interna "intransponível e inamovível" está na dependência "tênue" de usarmos amostras de manchas brancas e pretas (que então são parte da linguagem) como meios de apresentação, como paradigmas para o que compreendemos por "mais claro" e "mais escuro" e, ao mesmo tempo (*zugleich*), como paradigmas de "branco" e "preto". Imagens que pareciam constranger-nos são assim reconduzidas a um fundamento lingüístico, expressando sua natureza convencional. E apenas nessa medida, em seu modo comum de apresentação e sem qualquer mistério metafísico, a escuridão descansa no preto, prende-se a ele conservando-o ainda singelo. Ou seja, em nossa linguagem, uma mancha chama-se preta e, *eo ipso*, escura, sendo a ligação essencial, uma ligação de paradigma e nome, produzida em nossa linguagem. A proposição é *unzeitlich* não por ter um fundamento atemporal e extralingüístico, mas por expressar a ligação das palavras 'branco', 'preto', 'mais claro' e 'mais escuro' com um paradigma.[436] Não poderíamos pensar que se assentassem tais conceitos em outros paradigmas? Que, e. g., os pares fossem independentes e não mais essencialmente ligados, assim como podemos associar um

---

[435] Wittgenstein, Ludwig, *The Wittgenstein Papers*, vol. 20; MS 118, p. 39.

[436] Desse modo, por sinal, um mal-entendido seria evitado se excluíssemos da linguagem o absurdo que consiste em dizer "A cor deste corpo é mais clara que a cor daquele", tornando externas relações internas. No lugar disso, seria preciso sempre dizer "Este corpo é mais claro que aquele". Cf. Wittgenstein, Ludwig, *The Wittgenstein Papers*, vol. 20; MS 118, pp. 40-42.

paradigma distinto à operação '2+2"?[437] Parece que sim, mas os paradigmas, fundamento lingüístico e convencional da linguagem, fazem parte dela, são internos a ela e, desse modo, não podem ser substituídos sem mais, quando seu emprego comporta ele próprio a inexorabilidade típica de uma definição.

As regras são *willkürlich*. São assim comparáveis a regras acerca dos processos por que medimos intervalos de tempo, distâncias, temperaturas, forças, etc. Mais do que isso, porém, tais regras metodológicas (diese methodologischen Regeln) são elas próprias exemplos de regras gramaticais (Beispiele grammatischer Regeln).[438] A unidade de medida é arbitrária, como são arbitrárias as regras, apenas se tal arbitrariedade não significa algo como "Escolha neste caso a unidade do jeito que quiser", mas sim que a indicação da unidade de medida, embora o pareça, não é uma informação sobre a distância. A regra não é assim, como se fora semelhante a uma proposição empírica, comparável a uma realidade (ou responsável por ela) por nela constar uma palavra 'A', correspondente talvez a um objeto do mundo. Afinal, uma proposição sobre o uso da palavra 'A' não deve ser confundida com uma proposição empírica em que a palavra é usada.

A proposição gramatical tampouco deve ser confundida com proposições de experiência que tenham a forma de uma regra, a exemplo de "Cozinhe o ovo por três minutos", que se mede pelo resultado de obter ovos de tal ou qual consistência e não é empregada aqui para definir o que é um ovo ou um lance legítimo no jogo de cozinhar.[439] A arbitrariedade artificial da regra, que não redunda em gratuidade, significa então que seu objetivo não é o de corresponder à essência, digamos, da negação ou da cor, mas o de corresponder ao objetivo da negação e dos conceitos de cor: "Wie der Zweck der Schachregeln nicht ist, dem Wesen des Schachspiels zu entsprechen, aber dem Zweck des Spiels."[440] Melhor ainda, as regras do xadrez não correspondem à essência do rei ou do bispo, pois elas sim

---

[437] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *The Wittgenstein Papers*, vol. 20; MS 118, p. 56ss.
[438] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *The Wittgenstein Papers*, vol. 19; MS 117, pp. 138-139.
[439] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *The Wittgenstein Papers*, vol. 19; MS 117, p. 137.
[440] Wittgenstein, Ludwig, *The Wittgenstein Papers*, vol. 19; MS 117, p. 140.

concedem ao rei e ao bispo tal ou qual essência, enquanto as regras do cozinhar ou do assar devem ao contrário corresponder à natureza das carnes — o que, segundo nos lembra Wittgenstein, evitando as tentações de uma paradigma indiciário, é mais uma observação gramatical.[441]

As regras da gramática são então *willkürlich* porque o alvo da gramática é apenas e tão-somente o alvo da linguagem, sendo absurdo dizer que uma língua deva ter substantivos, verbos, numerais ou palavras para propriedades por haver coisas, ações, números, propriedades ou coisas semelhantes, como se a ligação entre gramática e mundo fosse comparável a "Die Astronomie muß von 4 Jupitermonden sprechen weil es 4 Jupitermonde gibt".[442] Nosso modo de vida não inventa o mundo, embora não corresponda à verdade do mundo. Não subsiste por representá-lo à perfeição, mas também não subsistiria se não lhe fosse de alguma maneira conforme. Se regras gramaticais não decorrem do que as cores são, não implicam por isso que as cores não existam. Que a articulação entre linguagem e realidade seja determinada pela gramática, que dependa de uma determinação autônoma, não pode equivaler à supressão da realidade, como se um método de comparação nos impusesse sempre uma cesura incontornável. Inventar um modo de considerar as coisas não pode ser idêntico então a simplesmente inventá-las. As regras não inventam pois o mundo que tecem e nelas começa. A confusão, nesse caso, é ela própria gramatical e depende do que dizemos significar 'existir'. Se dizemos de algo que seja vermelho, ele não será *ipso facto* vermelho. O que não podemos alimentar é a ilusão de que uma significação, por conta disso, terá sempre apoio em algo exterior à linguagem, porquanto, se podemos realmente ensinar a alguém o significado de 'vermelho' recorrendo a alguma coisa vermelha,[443] essa amostra ou objeto de que nos servimos já faz parte, nesse caso, da linguagem.

Não fossem internos certos laços entre linguagem e realidade, teme Wittgenstein, considerações gramaticais poderiam parecer "the worst kind

---

441 Cf. Wittgenstein, Ludwig, *The Wittgenstein Papers*, vol. 19; MS 117, p. 140.
442 Wittgenstein, Ludwig, *The Wittgenstein Papers*, vol. 18; MS 116, pp. 134-135.
443 Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Philosophische Untersuchungen*, § 429.

of verbalism".[444] Com efeito, como a relação entre a gramática de uma expressão e os fatos que através dela descrevemos é tal e qual a exemplificada pela relação "between the description of methods and units of measurement and the measures of objects measured by those methods and units",[445] a arbitrariedade que têm em comum talvez nunca fosse objetiva, sendo a escolha das unidades arbitrária por poder uma descrição ser dada em metros ou em pés, ou até mesmo em *microns*. Não obstante, em um sentido ainda mais importante, a arbitrariedade será *sachlich*. Não há gratuidade pura, pois não apenas o resultado da medida mas também a descrição do método e da unidade de medida diz-nos algo sobre o mundo em que é feita a medida. Isto é, tocamos verdades por demais amplas, de modo que as pessoas ("I'm sorry to say, and philosophers, too") não chegam a dar por isso: "in this very way the technique of use of a word gives us an idea of *very* general truths about the world in which is used".[446] Parece agora absurda a suposição de uma incomensurabilidade de princípio, sendo internamente inverossímil que, uma vez convencionais, as peculiaridades do método jamais se ligassem às verdades muito gerais sobre o mundo, e de modo algum o atingissem os instrumentos escolhidos para esse fim, embora essa ligação não esteja a reintroduzir qualquer tentação referencialista.

4.

Podemos sugerir o parentesco da gramática com o arbitrário e com o não-arbitrário através de algumas características das proposições necessárias. Por exemplo, que são heterogêneas, distinguindo-se entre si e determinando-se cada qual por seu uso. Não podem mais ser todas reduzidas à expressão de uma necessidade lógica (assim como tautologias já não seriam o mesmo que equações ao tempo do *Tractatus*), nem podem ser identificadas fora de um contexto.

---

[444] Wittgenstein, Ludwig, "Notes for the 'Philosophical Lecture'", in Wittgenstein, Ludwig, *Philosophical Occasions: 1912-1951*, p. 448.
[445] Wittgenstein, Ludwig, "Notes for the 'Philosophical Lecture'", in Wittgenstein, Ludwig, *Philosophical Occasions: 1912-1951*, p. 449.
[446] Wittgenstein, Ludwig, "Notes for the 'Philosophical Lecture'", in Wittgenstein, Ludwig, *Philosophical Occasions: 1912-1951*, p. 449.

Proposições gramaticais sobre cores não constituem uma massa homogênea. Há mais centrais, embora a centralidade de uma proposição gramatical não decorra da presença de mais ou menos conteúdo sensível — o que quer que isso possa significar. Há também mais sólidas, primeiras, mesmo que sua durabilidade seja naturalmente uma característica exterior a sua condição gramatical. O branco ser mais claro que o preto é para nós bem mais central do que não haver um verde avermelhado, parecendo-nos mais fácil imaginar uma forma de vida em que esta fosse negada enquanto aquela proposição conservasse sua necessidade, mas devemos convir que seríamos suspeitos nesse juízo, uma vez que nossa própria imaginação sobre a cor não é exterior ao que sejam nossos conceitos de cores.

A gramática é plana, portanto; suas regras, independentes entre si. Se o não fossem, poderíamos garantir relações de conseqüência lógica segundo uma interpretação e à revelia da praxis da linguagem; relações geométricas apresentariam a estrutura da cor, podendo distinguir-se por si a gramática da empiria, a par da formação pragmática dos juízos. Por outro lado, elas não conectam conceitos independentes, "but rather are an expression of the internal relations between essentially conected, interdependent concepts",[447] embora tal interdependência conceitual não se sobreponha à independência das regras — pois tal independência significa apenas que o emprego não é exterior à sua posição gramatical, não decorrendo então a interdependência conceitual do desdobramento de corpos de significação, reiterados caso a caso e, contudo, apreensíveis num átimo, quando menos por uma mente divina. Dessa maneira, a necessidade da regra não depende dos significados das palavras que a constituem, como se tivessem corpos de significado independentes do seu uso. Ao contrário, o significado das palavras decorre das próprias regras gramaticais, que descrevem aparentemente um resultado empírico, mas são um critério, uma norma para a determinação de o resultado ter sido alcançado.

---

[447] Baker, G. P. & Hacker, P. M. S., *Wittgenstein: Rules, Grammar and Necessity*, p. 265.

Proposições necessárias distinguem-se por seu uso de proposições contingentes, uma vez que a forma pura e simples da proposição não contém o segredo do seu uso e não pode determinar, por exemplo, que "Guerra é guerra" seja uma instanciação do princípio de identidade. Nesse caso, as proposições sobre cores mostram bem a instabilidade da fronteira, embora esta, por lábil que seja, imponha-se uma vez transposta. Exemplos com cores podem bem ilustrar o possível deslocamento entre proposição gramatical e proposição empírica, sem ser com isso negada a necessidade. Nesse sentido, uma espécie de convencionalismo continua a ser favorecida, e ser-lhe-ia agora conforme o movimento de produção de exemplos fictícios, o uso da faca de Lichtenberg,[448] uma vez que "le convencionalisme soutient qu'en toute rigueur nous ne reconnaissons jamais une *proposition* comme ne pouvant être fausse en aucune circonstance, mais décidons d'exclure cette éventualité en conférant à la proposition le statut d'une règle".[449] É preciso pois separar a decisão nada psicológica, nada individual, de conferir necessidade a uma regra da simples impossibilidade (também gramatical) de imaginar situações que a "falseariam", ou melhor, situações em que não guardaria sua força de necessidade.

A faca de Lichtenberg pode sempre quebrar conexões conceituais rígidas, lembrando-nos em suma que não há *fatos* necessários, que nosso estilo de pintar é também aparentado ao artifício, não deixando estilos radicalmente estranhos de ser modos de apresentação, ainda que os não possamos abraçar. E nesse caso não se trata de belo e feio, pois a diferença nunca é *Geschmacksache*. O exemplo de ficção apresenta-nos uma ação que não nos ocorre, um modo fácil de representação que nos falta, denunciando uma fixidez conceitual. Não saberíamos como agir e estaríamos trancados por uma porta aberta — como também uma mosca na garrafa. Presos por não reconhecermos o estilo. Presos por não inventarmos situações. Podemos então recuar à normalidade, retornar a nosso solo trivial, inventando

---

[448] Chamamos de "faca de Lichtenberg" a situação-limite a que pode ser conduzido um conceito, parecendo ainda estar aplicado em sua significação originária, embora não mais estejamos tentados a admitir que se trate de um de nossos conceitos, pois em algum ponto a analogia se quebrou. Servimo-nos com isso da alusão do próprio Wittgenstein àquela faca referida por Lichtenberg: uma faca que não mais tem cabo nem lâmina. Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 268; MS 108, p. 182.

[449] Bouveresse, Jacques, *La Force de la Règle*, pp. 44-45.

situações não normais: pintar, digamos, à maneira dos egípcios; habitar um país em que cor e forma mantêm uma estrita relação biunívoca...[450] Para que imaginar variações de nossos conceitos, considerando que alguma proximidade deva ser guardada? Imaginar situações que devem manter alguma *semelhança* com nossa forma de vida é como colocar outros limites para nossa linguagem, construir outros muros, colocar abaixo velhas muralhas, mas apenas para evitar a hipnose provocada por uma forma costumeira de representação: "Wir / ziehen // bauen // neue / Grenzen // Grenzmauern //, reißen alte nieder, um (?) der Hypnose durch eine gewöhnte Art der Darstellung zu entgehen (?)."[451]

Na terceira parte, vários exemplos parece negarem interdições gramaticais. Em tais casos, conceitos usuais são conduzidos a situações extremas, parecendo figurar então de modo significativo em combinações que contrariam regras gramaticais. É como se a faca de Lichtenberg pudesse esgarçar o tecido do convencionalismo, ampliando as margens de liberdade da gramática. O uso de exemplos de ficção é todavia metódico, escrupuloso, não sabe a um relativismo cultural.[452] O exemplo de ficção (faca de Lichtenberg, parte de um método de exemplificação por que o filósofo se deixa conduzir de semelhanças a diferenças) não nos conduz a laços causais entre linguagem e mundo, com o que aventaríamos hipóteses. Ele serve, ao contrário, em plena terapia, para quebrar uma pretensa naturalidade. Ademais, o exemplo de ficção enfrenta algumas restrições. Não pode ser elaborado de qualquer forma, devendo guardar, como já dissemos, alguma semelhança com nossos conceitos; caso contrário, poderíamos transitar entre formas de vida inconciliáveis, descrevendo-lhes os laços externos, quando até mesmo um deus teria de aprender o significado da palavra 'azul' dentro de nossos jogos com cores, como precisaria aprender o significado de 'rei', 'bispo', 'torre', etc. para vencer-nos em uma partida de xadrez, ou precisaria da matemática para resolver um problema matemático.[453]

---

[450] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *The Wittgenstein Papers*, vol. 39, MS 137, f. 8; vol. 103, TS 232, § 433.

[451] Wittgenstein, Ludwig, *The Wittgenstein Papers*, vol. 39, MS 137, f. 9.

[452] Cf. Bouveresse, Jacques, *La Force de la Règle*, p. 150.

[453] "Auch für ihn kann die bloße Regel des Entwickelns nicht entscheiden, was sie für uns nicht entscheidet." (Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Grundlagen der Mathematik*, parte VII, p. 408.)

Seria, desse modo, possível suspeitar da coerência do que não podemos coerentemente descrever? A descrição não será externa, tocando a essência da cor do mesmo modo que um ritual religioso pode ser compreendido com o estrito vocabulário da física? "Posso também só dizer: "Estas pessoas chamam *isto* (digamos, um marrom) de verde avermelhado"? Não seria isso então apenas uma outra palavra para algo para o que eu também tenho uma palavra? Se elas realmente têm um conceito diferente do meu, então isso deve mostrar-se em que eu não tenho familiaridade com seu emprego da palavra. Eu tenho, não obstante, sempre repetido que se pode imaginar que nossos conceitos fossem diferentes do que são. Foi tudo isso absurdo?"[454] É como se pudéssemos descrever a forma de vida mas não o jogo de linguagem? Deixar-se-ia representar o processo de tal 'jogo' até o último detalhe mas destituído de palavras que empregaríamos em nossos jogos (jogo, vitória, derrota etc.)? Seria isso uma descrição de quê? Não seria destituída de sentido? Não seria como a descrição de um jogo de xadrez por quem é incapaz de entender jogos de tabuleiro?

A descrição de uma proposição necessária como descrição de um uso de expressões não é mais uma descrição da estrutura da realidade, não podendo ser mais descritas como o que valeria para qualquer realidade por valerem para uma afiguração qualquer. A atividade filosófica, investigação da gramática de 'müssen' e 'können', afasta-se do quadro tradicional da relação entre o possível, o real e o necessário, contrariando inclusive posições do *Tractatus*. Não poder pensar que seja diferente: isso que costuma ser um dos critérios do necessário ou do a priori não repousa em um fundamento extralingüístico. Quando dizemos, por exemplo, não poder pensar que um bastão não tenha um comprimento, não estariam em jogo propriedades de bastões e comprimentos, mas o simples uso paradigmático da expressão "o comprimento de um bastão" e não "o comprimento de uma esfera". Esse fundamento convencional é superior a um poder qualquer da imaginação, não sendo uma faculdade espiritual o que nos proibiria a representação de um quadrado redondo

---

[454] Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, III, §§ 123-124.

ou de um branco transparente. Ao contrário, tendo fundamento lingüístico, o que é logicamente possível depende da gramática.

"Aber das ist doch willkürlich! — In *einem* Sinne, *ja*."[455] Nem por isso nos servirá qualquer construção semelhante a uma proposição. Nem todo jogo é útil. O que significará não ter sentido, ser absurdo, por exemplo, "Dividir a cor vermelha", embora o tenha "Dividir uma maçã", não é um fracasso em algum teste mental, um embaraço íntimo, mas apenas que, em nossa linguagem, sendo até a impossibilidade psicológica essencialmente gramatical, não foi conferido sentido àquela combinação de palavras, "weil man sie tatsächlich nicht in einem Sprachspiel anwendet".[456] A gramática é assim o livro contábil da linguagem, a partir do qual é preciso concluir o que se refere às transações realizadas por meio da linguagem, isto é, estritamente por meio das nossas palavras, e não de vagos sentimentos ou pensamentos que tais palavras provocam. Uma interpretação de uma proposição é com isso apenas seu contexto gramatical, ensinando-nos o modo como se usa a palavra tudo o que ela significa.[457] E a filosofia, como gerente da gramática, não agarraria a essência do mundo em proposições da linguagem, mas nas regras para essa linguagem que excluem as combinações de sinais absurdas.

5.

O solo da experiência deve ser interno à linguagem, como nos mostra a reflexão de Wittgenstein sobre paradigmas. Uma idéia importante relaciona uma palavra para cor, como 'vermelho', ao processo de uma linguagem primária, como se fora o substituto lingüístico de um simples indescritível. Com relação aos dados dos sentidos, porém, resulta no mínimo pouco natural tomar como modelo de representação a semelhança entre representante e representado. A apresentação do dado antes constitui sua identidade, embora isso só se torne possível se a realidade, de algum

---

[455] Wittgenstein, Ludwig, *The Wittgenstein Papers*, vol. 18; MS 116, p. 79.
[456] Wittgenstein, Ludwig, *The Wittgenstein Papers*, vol. 18; MS 116, p. 62.
[457] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *The Wittgenstein Papers*, vol. 18; MS 116, p. 47 e pp. 259-260.

modo, pertencer à linguagem. A noção de paradigma tem assim o sentido de continuar uma investigação fenomenológica na impossibilidade de uma linguagem primária, que comportaria o paradoxo de tratar de modo hipotético o que não pode envolver hipóteses. E, não por acaso, a noção é primeiro solicitada no contexto desse abandono e de modo concomitante à exploração anterior do espaço das cores.

Enquanto as proposições da linguagem ordinária parecem ter o caráter de uma hipótese lançada à experiência, o discurso sobre os dados dos sentidos e sobre a experiência imediata tem o sentido da procura de uma representação não-hipotética, auto-suficiente e, por isso, *wertlos*. O discurso sobre os *Sinnesdaten* seria então *sinnlos* e logo *wertlos*, pois *nutzlos*. A proposição que se volta aos dados dos sentidos não aponta para o futuro. Se o sentido da proposição é seu objetivo, sua finalidade, não tem sentido falar de proposições que não tenham valor como instrumentos, não provoquem expectativas, não suscitem ações — ao contrário de uma hipótese, que sempre deixa uma porta aberta. Mas a possibilidade de espera de uma hipótese supõe coordenadas que não podem ser ocupadas por qualquer ocorrência, assim como o sentido de uma proposição pressupõe o emprego gramaticalmente correto de certas palavras.[458] A procura já supõe um percurso, sem que deva existir efetivamente isso que se procura. O acontecimento substitui a espera, é sua resposta,[459] mas, se a relação entre acontecimento e expectativa for causal, ou precisaria tê-la satisfeita na mente ou qualquer evento que a extinguisse lhe corresponderia. A expectativa prepara pois um *Maßstab*, estabelece um elementar, que seria aquilo de que sempre falamos, qualquer que seja o caso, pois condição de medidas efetivas. "Alles was ich brauche ist: ich muß sicher sein können daß ich meinen Maßstab anlegen kann. Wenn ich also sage "noch 3 Schritte und ich werde rot sehen" so setzt das voraus daß ich den Längen-und den Farben-Maßstab jedenfalls anlegen kann."[460] O espaço que assim se estabelece é condição de possibilidade de enunciados hipotéticos sobre cores. Primeiro, portanto, espaços se constituem, mas tais exemplos de

---

458 Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 178; MS 107, pp. 255-256.

459 "Das Ereignis welches die Erwartung ersetzt das ist ihre Antwort." (Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 179; MS 107, p. 257.)

460 Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 187; MS 107, p. 273.

espaços coincidem eles mesmos com a linguagem: Cor e escala, termômetro e relógio como linguagem.[461] Dependente de um indivíduo ou de um povo, tal preeminência da gramática sugere de imediato uma irrelevância do empírico — o que é extraordinário em geral e, mais ainda, em se tratando de cores.

À palavra 'vermelho' corresponde um lugar no espaço das cores, pouco importando o que nele vemos. No entanto, como palavras sozinhas não estabelecem um espaço, ao espaço das cores corresponde um espaço gramatical — que é aproximadamente descrito pelo octaedro, não sendo nele cifradas cores acidentais, mero registro de experiência, mas cores puras, que estabelecem coordenadas *a priori*.[462] A irrelevância do empírico encontra então seu enunciado: se a cor (ao menos em seu registro singelo) é condição de significação, ela pertence à linguagem. Palavras ou fatos (como uma amostra) cuja existência se torna um pressuposto tornam-se ferramentas, ou seja, a amostra-ferramenta é ela própria um meio de expressão lingüístico.[463] Assim se introduzem meios como partes da linguagem, sendo essencial a ligação entre linguagem, realidade e também ação. E este recurso se dá com qualquer medida que dependa de um parâmetro e com as cores. Logo, entre a espera de uma cor e a cor efetiva, entre a intenção de produzir um vermelho e o vermelho produzido, não há relação apenas externa, mas uma sobretudo e essencialmente interna. Reconhecer é conhecer um laço interno, sem o intermediário de um terceiro evento que não é a imagem nem o afigurado, sendo o reconhecimento um critério do seu acerto.[464]

"Das Wesentliche an der Intention, an der Absicht ist das Bild. Das Bild des Beabsichtigen."[465] Se na causalidade a relação entre linguagem e ação é apresentada como externa, no paradigma, ao contrário, a reação à imagem

---

461 "Thermometer und Uhr als Sprache." (Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, 189; MS 107, p. 276.)

462 Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 191; MS 107, pp. 278-279.

463 "Wenn ich jemandem mitteilen will welche Farbe ein Stoff haben soll so schicke ich ein Muster und offenbar gehört dieses Muster zur Sprache und ebenso gehört dazu das Gedächtnis oder die Vorstellung einer Farbe die ich durch ein Wort erwecke." (Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 192; MS 107, p. 281.)

464 Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 197; MS 107, p. 290.

465 Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 196; MS 107, p. 289.

faz parte da determinação de seu significado.[466] O metro, por exemplo, deve estar dado de algum modo, com o que uma parte do sistema de coordenadas é introduzida na linguagem, não se tratando de uma mera analogia a comparação entre proposição e medida. A questão de fundo é, pois, como sistema e realidade se tocam, como se colocam em um mesmo espaço expectativa e satisfação, sendo sua relação interna. Ora, só podem colocar-se no mesmo espaço ao se encontrarem em fatos que são linguagem. Só assim os padrões podem ser acostados à realidade e o modo como se procura pode enfim expressar o que se espera.[467]

A relação interna é condição da identificação das regularidades em que se fundam as relações externas; logo, de uma afiguração possível do mundo. "Die Gleichzahligkeit ist eine externe Relation der Begriffe aber eine interne Relation der Complexe. So wie die Relation heller eine interne Relation zweier Farbtöne aber eine externe zweier Stoffe ist."[468] As relações internas, que interessam à filosofia, são condição da descrição dos laços externos, de modo semelhante a só podermos mover algo com as mãos por estarmos com os pés plantados.[469] Assim, uma relação cromática, conquanto externa ao mundo, deve ser interna ao espaço das cores, não podendo a causalidade fundar a significação de que depende.

A grande novidade desse momento teórico não é a *metáfora* do metro (de algum modo já presente em "Some Remarks on Logical Form"), é o *exemplo* do metro. A amostra de cor não é como um parâmetro, ela é um parâmetro.[470] Certamente a altura de um objeto não pertence por conta disso à linguagem, senão as regras de emprego do metro e suas unidades. O método de medição é parte das regras que pertencem à linguagem, assim como a amostra que indica a cor com que pintaremos uma parede ou a

---

[466] "Ist es nicht so, daß meine Theorie ganz darin ausgedrückt ist daß der Sachverhalt der die Erwartung von p befriedigt durch den Satz p dargestellt wird? Also nicht durch die Beschreibung eines ganz anderen Ereignisses." (Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 199; MS 107, p. 294.)

[467] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 182; MS 107, p. 263.

[468] Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 199; MS 107, p. 295.

[469] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 199; MS 107, p. 294.

[470] "Der Satz hat dieselbe Art von Beziehung zur Wirklichkeit wie der Maßstab zu einem Gegenstand. Das ist hier kein *Gleichnis*, sondern der Maßstab ist ein *Beispiel* für diese Beziehung." (Wittgenstein, Ludwig, *Vorlesungen 1930-1935*, p. 28, grifos nossos.)

imagem na lembrança que se põe no mesmo espaço do lembrado, tendo a mesma multiplicidade.[471] As cores, como os instrumentos de medida, são um *exemplo* dessa relação entre linguagem e realidade — e um exemplo privilegiado em que certos elementos da realidade são dela subtraídos para dar conta de operações lingüísticas nas quais as palavras não seriam suficientes. A insuficiência apenas coincide com esse recurso; não sendo uma propriedade da cor, é um resultado do modo singular por que linguagem e realidade parecem encontrar-se em um mesmo espaço. Mais que uma contingência do aprendizado, o recurso a uma definição ostensiva da cor parece revestir-se de necessidade e beneficiar-se da mais natural evidência.

"Isto é vermelho!" Que mistério pode subsistir nessa determinação modelar do significado de uma palavra? Temos aqui um caso preciso e, ao que tudo indica, bem sucedido de acordo público, objetivo, acerca de impressões subjetivas. A palavra vermelho designa então duas coisas: um fragmento do mundo e nosso acesso particular e intransferível a esse fragmento. Com isso, no ato mesmo do aprendizado da palavra, parece cifrar-se uma dupla semântica que se mostrará constitutiva dos discursos os mais variados sobre os dados do sentido, sendo misteriosa apenas quando a linguagem entra em férias, afasta-se do modo mais natural de tratar os conceitos e elabora questões "filosóficas" como "Será que fulano e beltrano vêem o mesmo, a mesma cor, quando chamam isto de vermelho?". "Isto é vermelho", "Chamo a esta cor 'vermelho'", etc.: em todos esses casos, algo não pode ser analisado. Se, não obstante, pode integrar-se à linguagem, o próprio designado é uma ferramenta da linguagem. Pertence-lhe, sem ser palavra, faz parte do essencial e, como tal, do inefável, no sentido ao menos de não podermos dizer do padrão do vermelho que seja vermelho.

Wittgenstein continua uma investigação sobre a essência da linguagem em território relativo aos dados dos sentidos (o que antes cifraria a palavra fenomenologia). E deve fazê-lo agora recusando o modelo unilateral que o *Tractatus* oferecia à afiguração, qual seja, o do ter algo em comum. O 'ter

---

471 "Denn wenn wir in Zeichen denken so erwarten und wünschen wir in Zeichen." (Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 181; MS 107, p. 260.)

algo em comum' aplica-se bem ao que *vemos como* mas não ao que simplesmente *vemos*. "Se algo parece vermelho, como sabemos que é vermelho?" Esta seria a questão da ciência, que contudo não é pertinente quando ser e parecer se não distinguem. No reconhecimento de ser a mesma cor ou uma diferente a que vemos, não pode interferir significativamente, por exemplo, a afirmação (própria da química e dos pigmentos) de se ter alterado ou não a matéria de cor.

Se algo parece vermelho, é vermelho, como algo que parece durar pouco duraria pouco deveras; mas a questão fenomenológica pertinente é: se algo parece vermelho, como sabemos que parece vermelho?[472] O parecer, em um uso hipotético, é passível de correção pela realidade. Parece tifo – podemos concluir depois que nos enganamos. Com a cor, a questão deve, em certo sentido, ser anterior e já decidida no momento em que sabemos que parece ser vermelho.[473] Em uma questão fenomenológica, irredutível a algum dos modos de apresentação da causalidade, comparamos parecer a parecer, vivido a vivido. "A psicologia, caso fale do parecer, une parecer / a // e // ser. Nós, porém, podemos falar unicamente do parecer (ou nós unimos parecer e parecer). (...) A psicologia liga o vivido a algo físico, enquanto nós ligamos o vivido ao vivido."[474] E mesmo que, em um outro sentido, se mostre de outra cor o que é vermelho (digamos, em uma iluminação privilegiada), sempre haveria alguma coisa nele correspondente ao ser vermelho, como se fora o parecer vermelho (e não o ser vermelho) seu centro de distorção conceitual.

A relação singular entre ser e parecer deve essencialmente referir-se à cor (e não a pigmentos, à matéria, etc.), dependendo o significado da palavra 'vermelho' não de que haja algo vermelho, mas de que algo pareça vermelho.[475] Por conta da confusão corriqueira entre ser e parecer, as cores colocam, de modo radical, o problema da comparação entre linguagem e

---

[472] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 266; MS 108, pp. 176-177.

[473] "Wenn ich sage "das scheint rot zu sein" und dann "ja es ist wirklich rot" so habe ich für die zweite Entscheidung einen Test angewandt der unabhängig von der ersten Erscheinung war." (Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 266; MS 108, p. 177.)

[474] Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, III, §§ 232 e 234.

[475] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 302; MS 108, p. 247.

realidade. Se não saímos da linguagem, como a comparamos com o real? Ora, uma questão assim só é pertinente após o estabelecimento de um solo essencial, ele próprio imune a qualquer dúvida,[476] não cabendo predicar sobre mundos possíveis, pois para tanto seria necessário supor critérios comuns para dúvida e certeza em qualquer que seja o contexto ou, pelo contrário, tornar universais condições relativizáveis. A generalização operada pelo *Tractatus* teria transformado o 'ter algo em comum' em modelo da afigurabilidade, sendo ao contrário uma amostra de cor pura (ponto excelso) uma forma de afiguração que escapa ao 'ter algo em comum'.[477] O modelo apresentado no *Tractatus* não pode mais ser generalizado.[478]

Como o objeto vermelho compõe com a palavra 'vermelho' um sinal (ou seja, pertencem juntos à linguagem) não podemos inventar nomes de cores, embora possamos inventar nomes de pessoas.[479] O reconhecer a cor é o ser igual. Por isso Wittgenstein pode dizer que as coisas perdem a cor na linguagem: *a cor (caso seja um suposto extralingüístico) não está na origem da identidade da cor, porquanto ter uma cor é algo que se determina segundo padrões de uso de expressões descritivas do campo visual.* Desse modo, a linguagem não subtrai nem acrescenta exatamente cores, apenas não pode haver engano,

---

[476] Quando não há critérios para o erro (sendo o erro uma implicação posterior do jogo), encerra-se a dúvida. A dúvida depende do contexto da regra, da regularidade, como olhos só têm expressão em um rosto. A relação entre o mundo e suas possibilidades não é de indiferença, neutra; afinal: "Unsere Welt erscheint ganz anders, wenn man sie mit andern Möglichkeiten umgibt" (Wittgenstein, Ludwig, *The Wittgenstein Papers*, vol. 21; MS 119, p. 106). Quando ensinamos a alguém "Isto é vermelho" não lhe ensinamos ao mesmo tempo a duvidar que o seja. Não se pode começar com a dúvida. Simplesmente não chamaríamos de 'dúvida' aquela que estivesse ao começo do jogo, nem chamaríamos de 'jogo' um que começasse com a vitória de um dos jogadores. Poderia ocorrer um tal processo (com felicitações e prêmios ao 'vencedor'), mas não chamaríamos a isso 'vencer no jogo' ou a isso talvez de 'jogo'. Isto nos seria incompreensível. Entretanto, a dúvida não é um complemento necessário ao jogo, apenas o jogo que a contém é um mais complicado. O sentido conceitual (interno ao jogo) de *können* fica bem esclarecido: "Das Spiel kann nicht mit dem Zweifel anfangen" torna-se semelhante ao não se pode jogar xadrez sem o rei (Cf. Wittgenstein, Ludwig, *The Wittgenstein Papers*, vol. 21; MS 119, p. 110: "So würde es uns närrisch anmuten, wenn die Mutter zuerst skeptisch an das Weh des Kindes reagierte.").

[477] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *The Wittgenstein Papers*, vol. 18; MS 116, pp. 341-342.

[478] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 315 ss.; MS 108, pp. 269 ss.

[479] "Das ist selbstverständlich: wir können Namen von Personen erdichten aber nicht Namen [, etwa,] von Farben." (Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 3, p. 18; MS 109, p. 31.)

ilusão, em "Esta é a cor que esperava".[480] A relação não é causal, não havendo possibilidade de descoberta de um engano. A frase é uma exteriorização, é fonte da identidade, sendo nesse sentido gramatical a alucinação da cor. Ou seja, a ligação entre reconhecimento e nomeação produz aquela função inexprimível entre a linguagem e seus limites — uma que não pode ser expressa por uma proposição.[481]

Há porém um mal-entendido sobre a função da linguagem que dificulta a apreensão deste "Isto é vermelho", qual seja, o mal-entendido de acreditar que o significado da palavra 'vermelho' é dado por apresentarmos um objeto, mas como se houvesse uma espécie de semelhança entre o pensamento e o objeto. A semelhança, no entanto, não desempenha aí qualquer papel, mas sim uma identidade, aquela que é apontada por esse modo de nomeação.[482] Ao uso da palavra 'vermelho' não corresponde a alucinação de um objeto vermelho, nem independe a alucinação do uso, podendo a palavra ser empregada por quem jamais tivesse visto ou não pudesse lembrar-se de um objeto vermelho.

Toca-se o limite da linguagem, o inefável, quando em questão o comum entre pensamento e realidade. Esse comum só pode expressar-se por partes da expressão, indica-se no expresso. Apenas isso em que o pensamento imediatamente se expressa na linguagem, a linguagem não pode considerar de fora. Esta talvez seja a raiz da imagem da ostensão, alimentada por não podermos separar o vermelho que vemos daquele que apresentamos. As questões filosóficas que brotam dessa separação do vermelho de si mesmo, de onde simplesmente se dá, desdobram-se em um sem-número de sofisticados enunciados — galimatias a atestar um abuso da linguagem.[483] A realidade não é um suplemento da expectativa, como se fora uma luz a

---

[480] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 3, p. 27; MS 109, p. 47. Uma faceta da hipótese está imune à dúvida, pois seu mecanismo não funcionaria caso o parecer fosse ele mesmo duvidoso. É possível duvidar que o que vejo seja uma esfera, mas não que pareça uma esfera. "Wenn es hier Zweifel gäbe, was könnte den Zweifel heben?" (Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 3, p. 19; MS 109, p. 33.)

[481] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 3, p. 28; MS 109, pp. 48-49.

[482] "Ich erwarte nicht etwas ähnliches wie das was dann eintritt sondern dasselbe. was eintritt. So heißt es in der Sprache: ich erwarte es und *es* geschieht." (Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 3, p. 28; MS 109, pp. 49-50.)

[483] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 3, p. 30; MS 109, pp. 53-54.

iluminar um vidro fosco, uma cor viva a confirmar a representada esmaecida, uma propriedade que falta à representação e ainda por vir. Ao contrário: "*In der Sprache* berühren sich Erwartung und Ereignis",[484] mostrando-se a analogia com o *Maßstab* cada vez mais a melhor e cada vez menos simples analogia, pois não descreve um fato, no sentido de que a conformidade não é uma simples *Abmachung*.[485]

Aproximemo-nos aqui, brevemente, da teoria pictórica por sua conhecida imagem fundadora: o modelo do acidente automobilístico. O que há de articulado no modelo com bonecos é transposto para um esquema e mesmo para nossa linguagem ordinária, de modo que "der Wortausdruck verdoppelt das articulierte Bild".[486] E faz-se um emprego sério desse tipo de reprodução, própria do pensamento, como seu negócio, seu ofício. Pensar é então utilizar proposições, sendo a proposição por que se mede a realidade "eine *Vorrichtung*, die ihren Zweck erfüllt hat wenn sie sich mit der Wirklichkeit gemessen hat".[487]

Funciona todavia essa imagem unilateral quando é o primário que está para ser medido, ou seja, quando não parece poder haver um critério para uma cópia? De modo algum, pois nesse caso a proposição não antepõe uma *imagem* à realidade, mas antes seu *retrato*, que não é apenas semelhante ao real, mas que comporta ele mesmo um critério da semelhança com o real, no sentido de que, diferentemente da imagem, "ein Porträt eines Menschen den es nicht gibt ist ein Unding. Zum Porträt *gehört* also der Mensch den es darstellt."[488] Podemos pintar uma imagem de uma "montanha de ouro e diamantes" e um grande artista lograria produzir a imagem de um "cavalo virtuoso", mas não seu retrato. O seu retrato seria um *Unding*, embora nunca seja um *Unding* o retrato de uma cor.

---

[484] Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 3, p. 34; MS 109, p. 60.

[485] De qualquer modo, a convenção gramatical, por arbitrária que seja, não é um protocolo de cerimônia. "Der *Tiefe* des Wesens entspricht das *tiefe* Bedürfnis nach der Übereinkunft" (Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Grundlagen der Mathematik*, p. 65), ou seja, a convenção é condição da comunicação, de que falamos uma língua, porquanto a linguagem, mais que um comportamento lingüístico, é um comportamento lingüístico guiado por regras, um comportamento ao qual não falta, em sentido forte, a regularidade.

[486] Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 3, p. 38; MS 109, p. 68.

[487] Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 3, p. 39; MS 109, p. 69.

[488] Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 304; MS 108, p. 251.

"Beschreiben heißt nachschreiben, nachzeichnen."[489] Se descrever é reproduzir por palavras os fatos, copiá-los, seguir-lhes o ditado, não há critério algum para a reprodução do que simplesmente vemos. Logo, não pode haver justificação da descrição, não devendo tratar-se disso.[490] Tudo que se costuma pensar ser uma justificação é mera transposição de linguagem em outra linguagem,[491] sendo testada apenas a semelhança da imagem.[492] Os dados dos sentidos desafiam pois a teoria da afiguração. A nomeação não é em seu caso uma simples cópia da realidade, mas antes, através da gramática, um instrumento da afiguração, não sendo isso um batismo, pois nada corresponde ao que chamamos de verde. A significação da frase assenta-se na nomeação e, contudo, é preciso separá-la do que nisso há de hipotético, ou seja, deve ser independente da hipótese de um aprendizado, cuja origem seria sempre histórica, quando, ao contrário, o nome da cor é, por assim dizer, dado a cada instante pela primeira vez, mesmo quando não há qualquer coisa verde.[493] Desse modo, a nomeação de um dado dos sentidos não tem as mesmas características da nomeação de pessoas, devendo ser afastado o especioso da analogia neste aspecto essencial.

Se à gramática pertencem então *todas* as condições de sentido, *todas* as condições de comparação de uma proposição com a realidade,[494] a investigação fenomenológica, como podemos ver, prossegue descrevendo laços internos que não mais se reduzem à exploração do espaço lógico. Acentuando um aspecto pragmático e operante da linguagem e nunca deixando de dirigir-se a relações internas, a investigação fenomenológica

---

[489] Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 3, p. 36; MS 109, p. 65.

[490] "Es wäre die Consequenz zu ziehen: Eine Rechtfertigung schien Dir denkbar, also schaust Du die ganze Sache falsch an." (Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 3, p. 37; MS 109, p. 66.)

[491] "Aber dann ist die Übertragung von Articulierten in Articuliertes." (Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 3, p. 37; MS 109, p. 66.)

[492] "D. h. ich kann eben nur die Ähnlichkeit des Bildes prüfen, nichts weiter." (Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 3, p. 37; MS 109, p. 67.)

[493] "Das Historische (das immer hypothetisch ist) kann hier nicht hineinspielen. Wir geben den Namen als gäben wir ihn zum erstenmal." (Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 3, p. 38; MS 109, p. 68.)

[494] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 3, p. 77; MS 109, p. 142.

subseqüente terá mais e mais em conta a heterogeneidade dos usos, sendo o uso o traço determinante da gramática. Com isso, as formas de vida não entrarão apenas para levar mercadorias já constituídas ao mercado, elas serão sim essenciais a essa constituição, voltando-se o interesse filosófico a laços não-causais entre linguagem e ação, mas a palavras usadas em jogos de linguagem e em uma linguagem que inclui entre seus componentes amostras de cor, cuja medida não depende de uma duplicação.

6.

Wittgenstein deparou-se primeiro com a incompatibilidade ampla. Pudemos então, em "6.3751", localizar esse primeiro aspecto do interesse filosófico das cores, deslocando-as depois para o campo das proposições gramaticais. Examinaremos agora a possibilidade de tratamento comum de todo tipo de incompatibilidade, bastante conforme ao novo contexto da obra.

Wittgenstein apresentou no *Tractatus* uma distinção algo rígida entre proposições com ou sem sentido. As proposições analíticas, conquanto bem formadas, nada diriam acerca do mundo. Caso uma proposição comportasse alguma necessidade, seria independente do que é o caso. Proposições que, apesar de se referirem a ocorrências no mundo, expressassem relações internas entre propriedades, relações cuja negação seria impensável, seriam passíveis de análise, sendo talvez o "sintético a priori" um oxímoro sem referência. Afirma então ser passível de análise a proposição "Este ponto do campo visual é vermelho", pois implicaria, necessariamente, não poder ser ao mesmo tempo, digamos, amarelo. Tendo fracassado a análise, a proposição verdadeira que afirma a negação da conjunção de proposições que atribuam ao mesmo ponto propriedades incompatíveis seria algo espúria, mal situada entre as verdades significativas da ciência e o enunciado de formas legítimas de pensamento – formas vazias porque limítrofes, verdadeiras não para este mundo, mas para qualquer mundo possível. Essas proposições espúrias, gramaticais, estranhas ao "território" da lógica e ao da

experiência, estariam exatamente entre as chamadas por alguns de sintéticas a priori.[495]

Um traço comum a todas suas abordagens do problema das cores posteriores ao *Tractatus* consiste na relevância filosófica concedida a essas proposições. E Wittgenstein não se mostrará sensível a objeções que, como as de Ramsey, não atinam com o interesse estritamente filosófico do tema. As objeções de Ramsey, escreve em 1929, podem até ser corretas, mas não fazem avançar.[496] Não podemos saber ao certo a que objeções se refere. Sabemos que discutiam então sobre o infinito em matemática e que talvez tenham retomado seu debate sobre a incompatibilidade das cores. Afinal, nesse período, Wittgenstein reflete muito sobre tais temas e pelo menos uma objeção de Ramsey é antiga, estando registrada, como vimos, tanto em sua célebre resenha como em um seu outro texto sobre o *Tractatus*. Qual a natureza de sua objeção? Ramsey pensava que o problema da incompatibilidade ampla podia ser resolvido por uma linha de investigação semelhante talvez à adotada pela teoria dos canais oponentes para resolver a incompatibilidade restrita. Ora, por esse caminho, os problemas fenomenológicos relativos à incompatibilidade ampla e à restrita parecem resistir completamente a um tratamento comum, com o que nem sequer suas diferenças profundas podem ser devidamente aquilatadas.[497] Nada se resolve e tudo antes se

---

[495] "Es gibt auch Sätze, die man als synthetisch a priori ansieht, wie etwa "Ein Fleck kann nicht gleichzeitig sowohl rot als auch grün sein". Diesen Satz zählt man gewöhnlich nicht zu den Sätzen der Logik, doch die Unmöglichkeit, die er zum Ausdruck bringt, ist nicht Sache der Erfahrung – wir haben das nicht beobachtet." (Wittgenstein, Ludwig, *Vorlesungen über die Grundlagen der Mathematik; Cambridge, 1939*, p. 282.)

[496] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 49; MS 107, p. 81.

[497] Em 6.3751, Wittgenstein se refere a duas cores, logo, a duas cores quaisquer, ou nem sequer comportaria qualquer promessa de sentido ter acreditado tratar-se de uma contradição. Alguns, como Arthur Danto, parecem confundir os problemas, que são diferentes mesmo se depois se afigurarem inteligíveis segundo um enfoque comum. Julgando científico o problema da incompatibilidade de um verde avermelhado e ademais já resolvido pela teoria dos processos oponentes, Danto afirma, eloqüente, lembrando em demasia uma possível objeção de Ramsey: "The red-green incompatibility had to do neither with language nor with colors, considered in abstraction from optical physiology. It had to do rather with how we are made, with how color is processed behind the retina, and with this discovery an entire philosophical literature schivered into disuetude. The problem never had been philosophical." ("Foreword", in Hardin, C. L., *Color for Philosophers: Unweaving the Rainbow*, p. xi.)

embaralha, se tratamos como causal uma proposição gramatical, se recorremos a um modo de apresentação que não é o de seu emprego. A proposição gramatical não pode ser refutada, mesmo se nos for oferecido um exemplo que, em algum sentido, a contradiga. Uma coisa é o modo por que se torna lícito combinar certas palavras, quando dizemos ser necessário tal modo para seu significado, outra coisa é procurar uma explicação, um mecanismo que, para além do uso das palavras, nos diz como somos feitos ou como é o mundo. A passagem importa em um deslocamento.

Como se o tema das cores fosse especialmente propício ao engano, tantas vezes e em tão diversas situações foi reiterada por Wittgenstein a necessidade de separar uma consideração física de uma conceitual, que nos sentimos perdoados por repeti-lo em demasia, exemplificando-o *ad nauseam* de ângulos os mais distintos.[498] Ao analisar proposições gramaticais sobre cores, não se preocupa Wittgenstein com seu modo de produção, com os laços causais por que se podem produzir cores. Golpear alguém na cabeça, produza tal golpe ou não a impressão de vermelho, conduza ou não o indivíduo à compreensão da cor, não é uma sua explicação conceitual, nada dizendo de sua essência. É neste particular sentido que, em confronto com a Gestalt, não pode interessar a Wittgenstein as condições de produção da impressão do branco, mas antes o significado, a lógica do conceito.[499] Também nesse sentido, que não vejamos um objeto puramente branco (o branco puro de Lichtenberg!) nem um negro absoluto, pode dever-se a não existir na natureza seja um objeto que nada deixe de refletir, seja um objeto que tudo absorva. Este seria um obstáculo físico.[500] O óbice conceitual é mais forte, ou melhor, é de outra natureza. Só vemos contextualmente e, por razões conceituais, estes objetos ideais devem prescindir de contexto.

---

[498] A importância teórica desse cuidado é indubitável, mas podemos suspeitar que a repetição seja um sintoma de quão difícil tenha sido ambientar considerações "fenomenológicas" sobre a cor justamente em Cambridge, onde vigera a mais pura herança newtoniana, onde Maxwell redigira sua síntese e onde então prosperavam estudos científicos avançados sobre a percepção de cores. Para Wittgenstein, devia estar amiúde em jogo a demarcação de um território, uma necessária tomada de posição.

[499] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, I, §§ 22 e 39.

[500] Cf. Chevreul, M. E., *The Principles of Harmony and Contrast of Colors*, §§ 4-5.

Logo, ainda que haja algum objeto que satisfaça a condição física, nenhum pode satisfazer a condição conceitual. E o melhor candidato nos seria invisível.

Se as cores são usadas como coordenadas para descrição do universo perceptivo, certas combinações simplesmente nos deixam desnorteados. Assim, os que tentam dar uma resposta científica ao problema da incompatibilidade apenas estão dando uma resposta talvez adequada mas para uma questão que não é a de Wittgenstein. Não se pode é confundir a natureza da investigação ou, se se quiser, da "verificação" esperada. Que haja uma concordância com o mundo físico, que haja por exemplo uma correspondência entre a estabilidade de certos raios luminosos e a constância com que nomeamos como primárias certas cores, não é surpreendente, embora não possamos pressentir como um tal evento regular adquira foros de necessidade. Por isso mesmo, que se produza uma explicação fisiológica de uma incompatibilidade também descrita nas representações panorâmicas do espaço das cores, não deve causar embaraço filosófico. Em certo sentido, é esta sim uma trivialidade que só incomoda quando deslocada, quando elevada a raiz dos laços necessários. Assim, a ocorrência de um contra-exemplo tem função outra nesse caso. Ao tempo em que mostra a cientificidade da teoria, ou seja, sua condição de descrever um mundo possível e de, portanto, ter nela inscrita a possibilidade de alguma refutação, também se lhe retira sua condição, digamos, transcendental — a única capaz de conferir um lugar para a necessidade.

Parece-nos, por conseguinte, claro que o problema transcendental relativo à impossibilidade de um verde avermelhado ou de um azul amarelado não pode reduzir-se, entre outras, à teoria dos processos oponentes de Hurvich e Jameson, ou seja, à suposição de residir a impossibilidade em um mecanismo por onde o crescimento de atividade retiniana irá corresponder ao vermelho e a diminuição ao verde, sendo contraditório afirmar crescimento e decréscimo; logo, não conseguem quer os autores da teoria quer os de seus contra-exemplos justificar ou quebrar a impossibilidade contida em uma *Farbengeometrie*. Parece-nos sobretudo não se tratar do mesmo problema se descrevemos como causal

a possibilidade ou não de manchas cromáticas fora do círculo, pois só pode ser formulado significativamente por quem não vê qualquer fronteira entre o que pode e o que não pode ser pensado, enquanto nenhum fragmento do mundo perceptivo pode escapar à completude prévia de uma representação do espaço das cores.

É neste sentido bastante curioso que esteja em preto e branco a imagem da percepção contraditória proposta pelo experimento de Crane e Piantanida, cuja conclusão parece violar uma premissa básica do modelo do processo oponente para a visão da cor: "Under these conditions, observers report that the field may have one or more of three distinctly different appearances: (i) the entire field appears to be a single unitary color composed of both red and green; (ii) the field appears to be a single unitary color composed entirely of a regular array of just resolvable red and green dots; or (iii) the field may appear as a series of islands of one color on a background of the other color."[501] Alegra-nos imenso não ser colorida a exemplificação do campo visual percebido, pois mostra que não é isolável do próprio experimento, que não se produz por ele uma amostra à disposição como as outras no mundo, que não a reconheceríamos em condições semelhantes àquelas em que nomeamos tanto cores primárias como cores descritíveis em termos de primárias ou pela conjunção com propriedades da percepção espacial.

Há, portanto, uma falácia de equívoco, não sendo no sentido de um tal experimento que dizemos de uma amostra verde amarelada que ela evoca o verde e o amarelo. Não parece tratar-se de um mesmo jogo o proposto pelos cientistas, inclusive porque a cor retiniana que produziram não tem a "estabilidade" necessária para participar de nossos jogos envolvendo cores intermediárias. E, mesmo se aí considerarmos significativa a expressão "verde avermelhado", esse caso apenas reforçaria como contra-exemplo a relativização de uma gramática.

---

[501] Crane, Hewitt & Piantanida, Thomas, "On Seeing Reddish Green and Yellowish Blue", p. 1079.

7.

Muitos são os caminhos por que podemos associar as reflexões de Wittgenstein ao problema da distinção entre o analítico e o sintético. Não há uma via real, mas, nesse momento de transição da obra, é preciso convir que o contraponto com Schlick merece algum destaque, ou melhor, cumpre bem sua função. Trata-se de interlocutor privilegiado por Wittgenstein, tendo ele também refletido e publicado sobre o impasse do aforismo 6.3751 e sobre o artigo "Some Remarks on Logical Form" (exaltando-o, por sinal, mesmo quando já superado por Wittgenstein).[502] Como se não bastasse, Schlick procurou ainda representar a perspectiva que julgava ter haurido de suas conversas com Wittgenstein em debates do círculo relativos a sistemas cromáticos.[503]

Schlick confia na distinção sem intermediários entre o analítico e o sintético e trata por princípio como ambíguas proposições que pareçam necessárias e informativas. Elas seriam, por conseguinte, carentes de análise, parecendo-lhe o maior dos absurdos que a mesma proposição pudesse pertencer a esses dois mundos: o das proposições verdadeiras a priori, de puro caráter tautológico, e o das proposições contingentes, empíricas. Proceder à análise dessas proposições será então apenas um modo de afirmar a trivialidade das convenções.[504]

Confrontado com proposições semelhantes à do enunciado de incompatibilidade ampla, Schlick procura, primeiro, descartar o falso fundamento de uma intuição imediata, de uma experiência fenomenológica que seria a fonte de proposições assim, de validade absolutamente universal, mas providas ademais de um conteúdo, ou

---

[502] É curioso que Allaire elogie a antevisão de Schlick sobre a obra futura de Wittgenstein, quando em verdade podemos falar de um atraso de Schlick em relação a posições há muito alteradas.

[503] Cf. ata da reunião do Círculo de Viena de 3 de junho de 1931, citada por Haller, Rudolf, *Wittgenstein e a Filosofia Austríaca: Questões*, pp. 43-44.

[504] "Der Empirismus, den ich vertrete, glaubt sich klar darüber zu sein, daß alle Aussagen, prinzipiell gesprochen, entweder synthetisch a posteriori oder tautologisch sind; synthetische Sätze a priori scheinen ihm eine logische Unmöglichkeit zu sein." (Schlick, Moritz, "Gibt es ein materiales Apriori?", p. 25.)

seja, de um a priori material, fatual — com o qual o *a priori* deixaria de ser coextensivo ao formal. A palavra 'experiência' seria aqui, segundo Schlick, usada em uma nova e inaceitável significação, embaralhando campos que a análise seguinte cuidaria de discernir.

Em uma proposição analítica, a saber, tautológica, não expressando estado algum de coisas, a verdade decorre da simples compreensão do seu sentido, sendo ela por isso a priori; enquanto com as proposições sintéticas, que expressam algum conhecimento, a compreensão do sentido é necessária mas não suficiente para sua verdade, sendo elas por isso a posteriori, como em "Este lenço é vermelho". São proposições então empregadas com funções distintas. As primeiras representariam uma pura transformação formal entre expressões equivalentes e em nada seria preciso recorrer ao mundo, enquanto estas últimas, na vida e na ciência, sempre comunicariam algo, dependendo sua valia de alguma experiência. Como classificar então a proposição "Uma superfície não pode ser ao mesmo tempo vermelha e verde"? Ou melhor, qual a análise que dela Schlick nos oferece — com independência de sua interpretação singular da obra de Kant e da fenomenologia de Husserl, uma vez que este não é o ponto de nosso interesse momentâneo?

"Nosso empirismo", afirma, pretenderia, à maneira de um Stuart Mill, reduzir os enunciados em litígio à expressão de fatos da experiência e assim desvelar seu caráter a posteriori. Segundo Schlick, com uma filiação já algo wittgensteiniana e cumprindo de resto uma tarefa autêntica da atividade filosófica, trata-se de tão-somente tornar claro o sentido da questão: "Ist es etwa eine synthetische Aussage a priori, daß jeder Ton eine bestimmte Höhe hat, daß ein grüner Fleck nicht auch zugleich rot ist?"[505] Cabe primeiro perguntar pela função dessas proposições, pelas ocasiões de seu emprego, chegando Schlick à conclusão espantosa de sua função rara ou quase nenhuma. Convenhamos que este é um recurso retórico extremo de argumentação filosófica: "Nur in der phänomenologischen Philosophie spielen sie eine

[505] Schlick, Moritz, "Gibt es ein materiales Apriori?", p. 25.

Rolle".[506] Tais proposições seriam tão *triviais* que raramente teriam ocasião nas situações cotidianas,[507] ou quando muito serviriam de reforço pleonástico em situações retóricas.[508]

Afora essa descaracterização do conjunto de proposições sobre as quais a fenomenologia pretenderia erigir-se como ciência,[509] Schlick oferece-nos ainda a seguinte análise. Estão em planos distintos a proposição "A é verde", que só podemos confirmar pela experiência, e "A é vermelho", para cuja negação nenhuma experiência é exigida, *se já sabemos que A é verde*. A diferença entre esses casos não está em um acesso mais ou menos imediato à experiência. Não se trata de uma mera gradação entre elas, de sorte que o enunciado "Se A é verde, então não é vermelho" encontrasse algum reforço indutivo a cada novo caso ou fosse refutável como "Todos os leões são amarelados".[510] Havendo portanto uma diferença intransponível,[511] os fenomenólogos teriam acertado ao apontar o caráter a priori de tais juízos, embora se equivocassem por completo ao conceder-lhes um caráter material. É verdade que parece tratar-se nesses casos do material, do conteúdo das sensações, mas sua trivialidade seria indício claro da categoria a que pertencem, qual seja, a das proposições que nada dizem, a das tautologias, "welche allein vermöge ihrer Form wahr sind und uns nichts über die Wirklichkeit mitteilen".[512]

Há porém alguma terceira via pela qual a intuição de essências teria legitimidade filosófica? Oferecer-nos-ia um acesso privilegiado ao

---

[506] Schlick, Moritz, "Gibt es ein materiales Apriori?", p. 26

[507] "Wenn mir jemand erzählt, daß eine Dame ein grünes Kleid getragen habe, so wird es ihm sicherlich komisch vorkommen, wenn ich ihn darauf frage: "Also war das Kleid nicht rot?" und er wird wiederholen: "Ich habe doch gesagt, daß es grün war!"" (Schlick, Moritz, "Gibt es ein materiales Apriori?", p. 26.)

[508] "Ein Volksredner könnte vielleicht ausrufen: "Was schwarz ist, ist doch nicht weiß!"" (Schlick, Moritz, "Gibt es ein materiales Apriori?", p. 26.)

[509] Cf. Schlick, Moritz, "Gibt es ein materiales Apriori?", p. 24.

[510] "Wir wissen genau, wie dunkelblaue Löwen aussehen würden, obgleich wir nie andere als gelbe gesehen haben." (Schlick, Moritz, "Gibt es ein materiales Apriori?", p. 26.)

[511] "Er liegt einfach darin, daß wir nur a posteriori wissen, was dieser oder jener für ein Gewand trug, oder wie die Menschen sich überhaupt kleiden; daß wir eben a priori wissen, daß ein grünes Kleid eben kein rotes Kleid ist, und ein gelbes Fell kein blaues." (Schlick, Moritz, "Gibt es ein materiales Apriori?", p. 27.)

[512] Schlick, Moritz, "Gibt es ein materiales Apriori?", p. 27.

coração mesmo do ser, chamado então a proibir uma superfície verde de ser ao mesmo tempo vermelha ou um som de existir, salvo a uma altura determinada? Nada disso: "Unsere "materialen" apriorischen Sätze sind in Wahrheit rein begrifflicher Natur, ihre Geltung ist eine logische, sie haben tautologischen, formalen Charakter".[513] Bastaria compará-las a autênticos juízos empírico-sintéticos. Se sabemos que a rainha traja um vestido verde, sabemos que teria podido trajar um vestido vermelho, mesmo que estivessem sempre em uso vestidos verdes, e isto significa tão-somente que ambas as proposições "A rainha traja um vestido verde" e "A rainha traja um vestido vermelho" são plenas de sentido. Sabemos, por outro lado, que nenhum sentido se liga à combinação de palavras expressa na afirmação conjunta de que o vestido seja tanto verde como vermelho, ou seja, não sabemos o que se pode querer dizer com isso, assim como (retomando claramente considerações de Wittgenstein) um homem que tenha 1,60m de altura não pode ter ao mesmo tempo e no mesmo sentido 1,80m.[514] A admissão conjunta dos valores não resultaria de flexibilização alguma da experiência possível, decorrendo simplesmente de não se ter compreendido o significado de '1,60m' ou da palavra 'vermelho'.[515] Em suma, toda solução repousa na determinação de regras que valem para o uso da palavra, tudo se seguindo logicamente de uma estrutura formal, da qual nos desviaríamos apenas ao preço de uma mudança de significado.[516]

---

[513] Schlick, Moritz, "Gibt es ein materiales Apriori?", p. 28.

[514] Sintoma de mal-entendidos, Schlick adiante elogia o artigo a cujas posições Wittgenstein já renunciara, colocando-o inclusive numa linha de continuidade com o *Tractatus*: "Der erste, der meines Wissens die richtige Auflösung der Schwierigkeit gegeben hat, ist Ludwig Wittgenstein (siehe seine Tractatus logico-philosophicus und eine Abhandlung in den Proceedings of the Aristotelian Society), dem wir überhaupt fundamentale, für alle künftige Philosophie schlechthin entscheidende logische Aufklärungen verdanken" (Schlick, Moritz, "Gibt es ein materiales Apriori?", pp. 29-30).

[515] "Grün und Rot sind miteinander unverträglich, nicht weil ich ihr Beisammensein nie beobachtet hätte, sondern weil der Satz "dieser Fleck ist sowohl grün wie rot" eine sinnlose Wortverbindung ist. Die logischen Regeln, vermöge deren wir die Farbworte verwenden, verbieten einen derartigen Gebrauch, wie sie es etwa auch verbieten würden zu sagen "Hellrot ist röter als Dunkelrot"." (Schlick, Moritz, "Gibt es ein materiales Apriori?", p. 29.)

[516] "So gehört es zur logischen Grammatik der Farbworte, daß ein solches Wort eine bestimmte Eigenschaft beschreibt, die dadurch nur so bezeichnet ist, daß ich dieselbe Eigenschaft nicht noch einmal durch ein anderes Farbwort bezeichnen kann. Würde ich dies zulassen, so würden meine Farbworte eben eine gänzlich andere Bedeutung haben als

A estrutura determina por completo mas convencionalmente a significação, e a trivialidade desses enunciados, ao exibir a estrutura formal, conceitual e mesmo convencional de palavras para cores (ou seja, "die Art und Weise, wie wir unsere Worte verwenden"),[517] mostra-nos que nada dizem acerca do mundo, não tendo para Schlick função alguma. Com isso, a trivialidade que lhes é associada é por completo exposta como um desvio, um lapso banal, cuja ocorrência estaria apartada de nosso uso cotidiano e mesmo em contraste com ele. Temos, desse modo, pela leitura de Schlick, a impressão de um vocabulário deveras wittgensteiniano, que contudo não está a serviço de uma terapia.

Os conceitos parece não ocuparem o mesmo lugar. Wittgenstein, afinal, não aceita que seja mera tautologia o que não pode exibir a forma de uma tautologia, não se convencendo da trivialidade disso que tampouco reúne sob a rubrica de um sintético a priori. Se para Schlick "ser trivial" equivale a "deve ser abandonado", para Wittgenstein concentrar-se-á em tais trivialidades, nesses fatos quase nunca notados, todo um interesse filosófico. Além disso, todo o mistério desfaz-se para Schlick a um preço elevado: o de considerar dadas as condições de significação, todas as regras de uso de palavras para cores[518] — com o que a arbitrariedade ineludível de convenção tende a confundir-se com a simples gratuidade.

8.

Com a questão da incompatibilidade, ampla ou restrita, as cores assombraram alguns membros do círculo de Viena. Quiseram mesmo afastar, por triviais, esses exemplos que punham em jogo a tese do caráter tautológico, analítico, de toda frase necessária. Nesse sentido,

---

diejenige, die wir ihnen durch den Gebrauch im täglichen Leben verleihen." (Schlick, Moritz, "Gibt es ein materiales Apriori?", p. 30.)

[517] Schlick, Moritz, "Gibt es ein materiales Apriori?", p. 30.

[518] "Sind die Wortbedeutungen gegeben, so sind sie apriorisch, aber rein formal-tautologisch, wie alle übrigen apriorischen Sätze auch." (Schlick, Moritz, "Gibt es ein materiales Apriori?", p. 30.)

procuraram enfrentar a patente dificuldade em se encontrar, para as cores, definições adequadas que mostrassem a suposta contradição em se afirmar de um ponto do campo visual que seja verde e seja amarelo. Se os conceitos de cor são inanalisáveis, o enunciado não seria analítico, mesmo se intuitivamente necessário. O intento de supressão de uma linha dos percursos de valores parece pouco convincente, dando expressão à impossibilidade apenas por conta de sua suposição, pois decidir por tal impossibilidade na combinação de valores de verdade equivaleria a ter, de antemão, resolvido o problema: "O círculo dessa argumentação é evidente. A questão é, precisamente, se a impossibilidade da combinação de valores de verdade das frases parciais indicada na primeira fila deve-se a ser tautológica a frase "(x)(vermelho(x)→~azul(x))", ou se esta frase é apriorística sem ser tautológica. Não se pode, portanto, pretender demonstrar seu caráter tautológico, supondo dada tal impossibilidade".[519]

Para ser ademais analisável um conceito de cor, uma exigência deveria ser satisfeita: todo o elenco de cores que não são o vermelho, por exemplo, deveria ser enunciado em sua definição, ou ainda, como se afirmou em "Some Remarks on Logical Form", deveria ser possível definir uma cor mostrando que possui tais tons e nenhum outro. Logo, uma razão para se considerar o conceito de cor inanalisável se apresenta para afastar uma conseqüência inaceitável para o empirismo. Resultado incômodo: para a análise ser possível, é preciso admitir um sistema completo, sendo tal admissão já negativa do propósito de defesa do caráter sempre tautológico da necessidade. Voltar-se-ia contra o próprio empirismo seu sucesso, porquanto dependeria de incursão empírica a condição da analiticidade. Por conseguinte, não pode ser contraditório o enunciado da incompatibilidade.

Parece que temos com a incompatibilidade ampla uma lei do pensamento, uma lei pressuposta em qualquer explicação científica, que por conseguinte apenas transforma o problema da coincidência de cores diferentes em um problema de coincidência de movimentos opostos.

---

[519] Pap, Arthur, *Teoría Analítica del Conocimiento*, pp. 263-264.

Tudo levaria portanto a crer que haja entre o problema da incompatibilidade ampla e o da restrita um autêntico abismo, uma solução completa de continuidade, e um cientista consciente deveria procurar soluções apenas para a segunda, embora, segundo Wittgenstein, nem para a segunda poderá encontrar uma solução, pois, se há necessidade, a normalidade é tocada em suas raízes e o problema nunca pode ser científico. É possível, contudo, investigar a produção da necessidade segundo uma linha comum? É possível aproximar leis relativas à expressão de qualquer dimensão qualitativa do objeto das leis específicas da coloridade? Sim, pois não se distinguem essencialmente as afirmações que comportam necessidade. Destarte, não nos recusaríamos a aproximar até mesmo a lei do terceiro excluído da impossibilidade de um branco transparente, nem seus distintos métodos de verificação impediriam um enfoque comum.[520]

A incompatibilidade enunciada em 6.3751 parece valer em qualquer mundo, enquanto a inexistência de um verde avermelhado inscrever-se-ia em certas condições físicas. Poder colocar os dois tipos de incompatibilidade em mesma linha é, decerto, um grande salto, embora corresponda a uma posição já clara ao tempo das conversas com Waismann e Schlick. A cor difere do comprimento, pois exige mais de uma coordenada, mais de um padrão (matiz, brilho, saturação). Mais que uma régua simples, o que se dispõe parece uma régua de cálculo. Toda proposição situar-se-ia em um sistema proposicional, por cuja sintaxe se pressupõe que dois valores distintos de uma mesma coordenada não podem ser vistos no mesmo ponto. E aqui chega a um resultado distinto mas compatível com "Some Remarks on Logical Form", a saber, a sintaxe das constantes lógicas não coincide com a sintaxe toda da linguagem de que necessitamos para descrever os fenômenos, para cotejar com a realidade, pois a conjunção p.q não é bem formada se p e q determinam duas vezes a mesma coordenada. "Alle Wahrheitsfunktionen sind erlaubt, die nicht durch diese Regeln [die aus inneren Syntax der Sätze stammen] verboten sind."[521]

---

[520] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Vorlesungen über die Grundlagen der Mathematik; Cambridge, 1939*, cap. XXIV.

[521] Wittgenstein, Ludwig, *Wittgenstein und der Wiener Kreis*, p. 80.

Não haveria então maior ou menor generalidade das constantes lógicas em relação às regras de sintaxe que se referem a cores e lugares, tal como sugere Schlick? Wittgenstein aponta porém para uma continuidade e até mesmo já acredita gramaticais as proposições da lógica (uma geometria do pensamento),[522] embora não pudesse ainda coligir tal semelhança gramatical, pois ainda lhe faltava uma peça para conferir unidade ou fundamento a tal método. O enfoque comum associa-se não exatamente à introdução dos jogos de linguagem, pois já se confunde com a uniformização gramatical do problema, mas os jogos de linguagem, congeminados a formas de vida, são necessários à decisão sobre o próprio caráter convencional de uma proposição, passando a coincidir com inexorabilidade porventura ligada ao 'seguir uma regra'. Desse modo, um salto pôde ser dado com a introdução dos jogos de linguagem.

Qual, então, a ligação profunda entre a incompatibilidade ampla e a restrita? Simples, ambas normatizam o que podemos fazer com proposições. É verdade que diferem, pois dizer de um ponto no campo visual que não possa ser vermelho e amarelo, no sentido de que possa ter ambas as propriedades como eventualmente pode ter as de ser vermelho e alongado, não é o mesmo que dizer que não haja um verde avermelhado, por tal combinação nada descrever de significativo, enquanto pode fazê-lo a combinação verde amarelado. Em ambos os casos, todavia, está em questão o seguir de uma regra, que pode por sua feita ser infringida ou dotada de nova significação, pois podemos muito bem, após a satisfação da exigência de apresentar uma mancha vermelha e alongada, outra vermelha e grande, etc., indicar, para a combinação vermelha e amarela, uma mancha laranja.[523] E também, após a indicação de exemplos de amarelos e azuis avermelhados, podemos apresentar como exemplo de verde avermelhado aquele que tantas vezes ocorreu ao próprio Wittgenstein, a saber, um ponto da transição cromática de certas

---

[522] "Ich glaube nicht daß hier ein Unterschied besteht. Die Regeln für das logische Produkt etc. sind ja nicht loszulösen von anderen Regeln der Syntax. Beide gehören zur Methode der Abbildung der Welt." (Wittgenstein, Ludwig, *Wittgenstein und der Wiener Kreis*, p. 81.)

[523] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Vorlesungen über die Grundlagen der Mathematik; Cambridge, 1939*, cap. XXIV.

folhas do verde ao vermelho.[524] Em ambos os casos, vale notar, estamos diante de problema semelhante ao de indicar, após uma seqüência de polígonos regulares, aquele que satisfaria a condição de um biângulo regular.

Os jogos de linguagem decidem porquanto neles se tecem critérios para a aplicação de nossas palavras. Já aprendemos uma linguagem, e só a aprendemos assim, no contexto dos jogos em que circunstâncias se incorporam a práticas pertencentes à linguagem. Sem critérios (mais que sociais ou antropológicos: internos, conceituais) para a conexão entre um fenômeno e um signo, o vínculo arbitrário de palavra a objeto careceria de significado; e o que não é marcado coletivamente (ou melhor, conceitualmente) não pode ser discernido nem mesmo por um olho mágico interior ou pelo olhar divino — de resto, dispensáveis. Wittgenstein não está preso a um paradigma indiciário, empirista, behaviorista, inclusive porque a relação criterial, sendo conceitual, supõe uma regularidade que um sintoma, índice de liame causal, pode dispensar. Como algum critério deve decidir sobre a significação de nossas palavras, os fatos desprovidos de critérios são, em novo sentido agora, inefáveis. A simulação total, e. g., não pode ter critérios; logo, não tem sentido. Se tudo pode em última instância ser simulação, tal simulação é um conceito vazio, carente de critérios na conduta, pois "ein 'innerer Vorgang' bedarf äußerer Kriterien",[525] não sendo uma suposta ou real identidade das vivências internas necessária para a concordância nos jogos, nem uma diferença suficiente para a anulação de sua possibilidade. O critério, por conseguinte, não pode estar fora dos jogos de linguagem.

---

[524] "Ich könnte mich allerdings auf Beispiele berufen, um meinem Gebrauch eine Stütze zu geben, etwa auf gewisse Stechpalmenblätter, die an einer Stelle rot und an einer anderen grün sind, während sie an einem Punkt dazwischen eine Art schimmerndes Schwarz aufweisen. Ich habe oft daran gedacht: Wenn ich etwas Rötlichgrün nennen müßte, so wäre es dieser Punkt" (Wittgenstein, Ludwig, *Vorlesungen über die Grundlagen der Mathematik; Cambridge, 1939*, p. 297.) Uma anotação do MS 171 (provavelmente, do início de 1950) confirma-o sobremodo, levando o exemplo ao paroxismo: "Nichts ist so gewöhnlich wie die Farbe rötlichgrün; denn nichts ist so gewöhnlicher / als // wie // der Übergang vom Grün der Blätter / ins Rote // im Rot //" (Wittgenstein, Ludwig, *The Wittgenstein Papers*, vol. 74; MS 171, p. 14).

[525] Wittgenstein, Ludwig, *Philosophische Untersuchungen*, § 580. Cf. *Zettel*, § 571.

A formação de critérios confunde-se com a própria atividade lingüística, com o seguir regras — a linguagem sendo um sistema de regras, uma atividade travada por regras. Mas ser uma regra não é algo que se isole de sua aplicação, que se determine fora de uma *Praxis*, que se fixe em um diário privado. Se a comunidade determina se uma regra está ou não sendo seguida, é por confundir-se com o contexto dos jogos, por ser o lugar do hábito e das instituições, lugar então da linguagem, da atividade que, e.g., forja regras para a associação de nomes a objetos, inventa a necessidade, no sentido de que não podemos ter critérios para o que seja uma cor salvo o de ser uma de nossas cores. A ligação entre o amplo e o restrito confronta-nos pois com um claro problema fenomenológico, mas tratado mediante a descrição de práticas com a linguagem. Lacunas a serem descritas serão, desse modo, lacunas gramaticais, mesmo e sobretudo se não mais expressam uma gramática homogênea.

9.

À semelhança da proposição "Não há um biângulo regular", "Não há um amarelo azulado" é uma proposição da geometria das cores que define, determina, esclarece um conceito: "ein begriffsbestimmender Satz".[526] O interesse teórico de uma tal determinação é o reportar-nos a uma situação de ensino. Se ensinássemos a alguém o emprego dos nomes das seis primárias, dos seis pontos excelsos, e da terminação "...ado" ("...lich"), poderíamos ordenar-lhe algo como "Pinte aqui um branco esverdeado!" Se lhe dissermos porém "Pinte um verde avermelhado!", qual sua reação? Ora, ele pode misturar verde e vermelho e não ficar satisfeito com o resultado e talvez finalmente diga: "Não há um verde avermelhado". Esse caso, afirma Wittgenstein, seria análogo a se o tivéssemos conduzido a afirmar "Não há um biângulo regular!" ou "Não

---

[526] Wittgenstein, Ludwig, *The Wittgenstein Papers*, vol. 39; MS 137, f. 5. Parte das anotações deste manuscrito foram recolhidas no TS 232, §§ 420 ss. (Cf. Wittgenstein, Ludwig, *The Wittgenstein Papers*, vol. 103), seleção publicada como *Bemerkungen über die Philosophie der Psychologie*, II, correspondendo nesta edição àqueles parágrafos os §§ 421 ss.

há uma raiz quadrada de -25".[527] E esse caso é assim também análogo ao de buscar, no jogo da incompatibilidade ampla, uma mancha uniforme que seja ao mesmo tempo de dois matizes distintos.

Devemos então dizer que esteja na natureza do verde e do vermelho que não tenham uma cor intermediária? Que a interdição decorra de sua natureza complementar? Depende aqui o problema do que significa "in ihrer Natur". Há teorias várias da lacuna física, como a teoria dos canais oponentes e a *Doutrina das Cores* de Goethe, que se refere claramente a um abismo físico.[528] A lacuna é contudo gramatical: se está na natureza da cor, essa natureza é para Wittgenstein a que se cifra nos empregos de palavras para cores, é a determinada pela gramática (eis que a analogia de Runge será mais que bem-vinda). A lacuna é conceitual (embora não meramente convencional: *Sprachspiele*), ao contrário portanto do que normalmente significa reportar-se à natureza da cor, a saber: "'In ihrer Natur' — das würde sagen: Wenn Du weißt, was unter "Grün" und "Rot" verstanden wird, also mit der Natur dieser Gegenstände bekannt bist, so weißt Du, daß sie Zwischenfarben nicht haben."[529]

A alusão a uma natureza, reportando-se a um corpo de significação, enuncia algo como "Observe apenas o verde e o vermelho e saberá que as coisas se passam assim". E isso seria verdadeiro na medida em que aquele a quem forem mostrados algo verde e algo vermelho compreende o significado daquelas palavras. Mas, para onde devemos olhar para compreender o significado de "...ado", que ocorre em "amarelado", "azulado", etc.? "Etwa auf ein grünliches Gelb?" — E para compreender por completo seu emprego, devemos olhar "auf grünliches Rot!?" E note-se que também se pode simplesmente dizer: "Ich weiß *nicht*, was mit 'grünlichem Rot' gemeint ist".[530] Isto significa que se pode localizar assim

---

[527] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *The Wittgenstein Papers*, vol. 39, MS 137, f. 5; vol. 103, TS 232, § 421.

[528] Cf. Goethe, J. W., *Zur Farbenlehre*, § 539. Como veremos, as *Bemerkungen über die Farben*, ao lado e em função de sua crítica à análise fenomenológica de Goethe, e acentuando aspectos pragmáticos que não anulam uma investigação de essências, podem em grande parte ser consideradas um libelo contra a afirmação de uma lacuna física.

[529] Wittgenstein, Ludwig, *The Wittgenstein Papers*, vol. 39, MS 137, f. 5.

[530] Wittgenstein, Ludwig, *The Wittgenstein Papers*, vol. 39; MS 137, f. 5.

significativamente o que não tem qualquer referência, o que tampouco tem lugar em nossos empregos? Apenas não temos para onde olhar nesses casos, salvo para os nossos empregos.

Está na natureza sim, mas essa natureza é uma convenção a ser colhida da estrutura da cor, em sua construção interna (digamos, em um modelo cromático). Têm afinal estrutura as cores? Não, admiti-lo seria recuar pela convenção a uma espécie de platonismo, pois quem tem uma estrutura, quem pode revelar-nos uma natureza é o emprego de palavras para cores — para o qual unicamente devemos dirigir nosso olhar. Apenas por o emprego das palavras para cores ter uma estrutura, tem uma estrutura o conceito. ""In der Natur der Farben", d. h. eigentlich: im innern Bau, in der Struktur. Aber haben denn Farben eine Struktur? Die Anwendung des Farbworts hat eine. Und insofern hat der Begriff eine."[531] Wittgenstein convida-nos a imaginar: mostremos a alguém uma série com várias cores [as cores que colorem, os matizes coloridos, as *bunte Farben*] e digamos "Veja, aqui eu lhe mostro alguns dos objetos de organização do mundo; observe bem como eles são belos" — poder-se-ia dizer que Deus tenha criado estas cores, não antes estes objetos coloridos que mostramos? Se mostramos cores (logo, amostras de cor) a alguém e dizemos "Veja, estas são *die bunten Farben*; não há outras", estamos lhe mostrando a *natureza* das sensações coloridas? Ele está a ver um *Faktum*? Não, ele vê apenas uma imagem, *ein Bild*, como em uma demonstração matemática. Uma imagem que não é a imagem de uma natureza.[532]

Dizer que a incompatibilidade reside no conceito soaria como se fosse fácil forjar outros conceitos, não estivesse amarrada essa estrutura, deveras conceitual, por nossos jogos de linguagem — sendo ordenado da mesma forma o campo visual, como o veremos adiante. Desse modo, portanto, ainda que a incompatibilidade possa compreender algo físico, que ela se ampare em fatos (como a facilidade com que certos pontos do círculo cromático são normalmente reconhecidos), ela reside na natureza conceitual arbitrária das cores, que é arbitrária então como o andar ereto,

---

[531] Wittgenstein, Ludwig, *The Wittgenstein Papers*, vol. 39; MS 137, f. 5.
[532] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *The Wittgenstein Papers*, vol. 39, MS 137, f. 6.

como uma "invenção" não gratuita, como uma forma de vida. Por isso, geométrica a lacuna,[533] nada empece que a ela corresponda algo físico. Só não pode, por empregarmos palavras para cores quiçá costumeira e arbitrariamente assim, ser derivada de algo físico nem resultar de nosso costume com tais conceitos, diante do que não seria mais ou menos arbitrário que nos aproximássemos dessa ou daquela maneira de comparação das coisas. E, se deve advir essencialmente de um fato esse nosso arbítrio, advirá então daqueles da mais alta importância, os mais "triviais", de agirmos assim e assim.

Podermos ensinar a alguém uma técnica mediante exemplos — de que deva em um novo caso prosseguir *assim* e não *assim* ou que então hesite, pois para ele esta e não aquela é a seqüência natural —, isto já é por si um fato da natureza extremamente importante.[534] Talvez alguém dissesse: "Eu não posso representar nada como 'amarelo azulado'; trata-se aqui de um fato de psicologia". Haveria nisso algo de verdadeiro, de correto, ou seja, poder-se-ia chamar o *verde* de "amarelo azulado" e se isso parece a alguém não-natural, seja por conta de uma educação especial, seja por conta de outra causa qualquer, isso já seria importante, "so ist dies eine wichtige Tatsache".[535] Alguém pode então dizer que, se com "amarelo azulado" quer dizer verde, compreenderia aquela expressão de maneira diversa da originária, pois esta ou apresentaria nesse caso um outro caminho ou mesmo que esse caminho não é transitável, pois amarelo e azul não seriam os traços singelos de um tal composto.

Temos uma analogia, uma expressão alegórica ou metafórica. "Was ist aber hier das richtige Gleichnis?"[536] Trata-se de um caminho não fisicamente transitável ou de um caminho inexistente, de um não poder existir do caminho? "Also das Gleichnis der physikalischen oder der

---

[533] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *The Wittgenstein Papers*, vol. 39, MS 137, f. 5; vol. 103, TS 232, §§ 422-423.
[534] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *The Wittgenstein Papers*, vol. 39, MS 137, ff. 5-6; vol. 103, TS 232, § 423; e ainda Wittgenstein, Ludwig, *Zettel*, § 355.
[535] Wittgenstein, Ludwig, *The Wittgenstein Papers*, vol. 39, MS 137, f. 6.
[536] Wittgenstein, Ludwig, *The Wittgenstein Papers*, vol. 39, MS 137, f. 6.

mathematischen Unmöglichkeit?"[537] Ou seja, oferecer uma analogia não indica *ipso facto* uma inexorabilidade, que só pode advir do próprio emprego e lhe é interior. E, em tais casos, com tais incompatibilidades restritas, a impossibilidade é sim matemática — devendo aqui ser suposta uma concepção também wittgensteiniana da matemática. Só assim pode dizer: se temos um sistema com cores, esse sistema é como um sistema de números. E à questão "O sistema reside na natureza das coisas ou em nossa natureza?" podemos apenas responder: Certamente não na natureza das coisas ou dos números.[538] A pergunta pela representação de um amarelo azulado[539] dissolve-se agora na apresentação das cores em nossos jogos, abrindo-se neles a dobra geométrica em que se abismam verdes avermelhados ou amarelos azulados: ""Bläulichgelb" fällt auf ein Loch".[540] O sistema, não residindo na natureza das coisas, tem algo de artificial? Sim e não. É aparentado ao artificial e ao não-artificial, sendo arbitrário e também não-arbitrário. Uma comparação pode ser feita com a primeira exploração. Ela se dirigia ao espaço das cores, descrevendo-lhe uma estrutura; dizer agora que não reside na natureza das coisas o sistema não é torná-lo mero artifício, mas torná-lo regra de apresentação que só reside em nossa natureza, sendo esta compreendida de modo sobretudo pragmático.

Conhecemos a filiação outrora irrestrita de Wittgenstein ao octaedro, que decifraria a estrutura da cor. Como ficamos agora quando a estrutura da cor é reconduzida a uma praxis da linguagem intrinsecamente heterogênea? Eu poderia imaginar, afirma Wittgenstein, que alguém observa o octaedro das cores e diz: "Es ist herrlich, wie hier alles der Natur der Farbe entspricht!"[541] Ora, Wittgenstein já esteve no lugar desse alguém, expondo essa mesma admiração. É hora pois de terapia. Assim, de um esquema diversamente orientado cabe apenas dizer que talvez não seja um esquema do que nos importa, não sendo a cor ela mesma o

---

[537] Wittgenstein, Ludwig, *The Wittgenstein Papers*, vol. 39, MS 137, f. 6; vol. 103, TS 232, § 424.
[538] Wittgenstein, Ludwig, *The Wittgenstein Papers*, vol. 39, MS 137, f. 6; vol. 103, TS 232, § 425.
[539] "Kann oder will man sich unter bläulich-gelb 'nichts vorstellen'? Seltsame Frage." (Wittgenstein, Ludwig, *The Wittgenstein Papers*, vol. 39, MS 137, f. 6.)
[540] Wittgenstein, Ludwig, *The Wittgenstein Papers*, vol. 39, MS 137, f. 6.
[541] Wittgenstein, Ludwig, *The Wittgenstein Papers*, vol. 39, MS 137, f. 6.

critério de uma preferência. Por que não seria tão bom um esquema diferente? Ou, sendo tão bom quanto o octaedro, por que não representaria algo diferente? "(D. h., einem anderen Begriff entsprechen?)"[542] Talvez devamos dizer de muitos esquemas que não correspondem a nenhum conceito ou apenas a algum não importante; enquanto do octaedro, que ele mesmo traz um conceito muito importante.[543]

Parece afinal evidente *auf den ersten Blick* que não se quer reconhecer nada como cor intermediária de verde e vermelho.[544] E é aqui indiferente se ao homem *sempre* pareceu assim evidente ou apenas após experiência e educação.[545] "Eu quero juntar as coisas *assim*!": poder-se-ia dizer. Poder-se-ia também dizer: "*Esta* combinação parece-me evidente!" — Mas, o que nela me parece evidente? Não é como se a alguém o ábaco parecesse evidente?![546] O octaedro não expressa algo sobre cores "avermelh*adas*", "azul*adas*", "esbranquiç*adas*". Ao contrário, ele determina o conceito dessas cores, confere às palavras com "...ado" sua significação, não a extraindo das coisas que porventura denotariam.[547] Há uma história natural das cores?[548] Ora, "die wäre zeitlos". Por que então se é tentado a falar de uma tal e a considerar o octaedro, e. g., como um esquema para ela, como se fosse uma mineralogia: "(Eine Mineralogie der Farben)"? Apenas porque ao octaedro nada de apenas arbitrário (nichts Willkürliches) conseguiria aderir? Ora, isso não o tornaria a apresentação

---

[542] Wittgenstein, Ludwig, *The Wittgenstein Papers*, vol. 39, MS 137, f. 6.

[543] "Soll ich also sagen: "Das Farbenoktaeder bringt einen ungemein wichtigen Begriff zur Darstellung"?" (Wittgenstein, Ludwig, *The Wittgenstein Papers*, vol. 39, MS 137, f. 6.)

[544] Vale anotar a variante pleonástica "Zwischenfarben zwischen", cor intermediária entre, que nesse caso soa bem, apontando um caminho, um percurso. Cf. Wittgenstein, Ludwig, *The Wittgenstein Papers*, vol. 39, MS 137, f. 6.

[545] Wittgenstein, Ludwig, *The Wittgenstein Papers*, vol. 39, MS 137, ff. 6-7; vol. 103, TS 232, § 427.

[546] Wittgenstein, Ludwig, *The Wittgenstein Papers*, vol. 39, MS 137, f. 7.

[547] "Ist der Begriff des "...lich" nicht eben / durch das Farbenoktaeder // durch dieses Farbenschema [Note-se que essa variante caracteriza bem o octaedro como um esquema cromático específico, desprovido do prestígio anterior] // *bestimmt*? (D. h.: gibt es nicht den Wörtern "...lich..." ihre *Bedeutung*? im Gegensatze nämlich zu der Idee, daß es etwas über die Farben '...lich...' aussagte.)" (Wittgenstein, Ludwig, *The Wittgenstein Papers*, vol. 39, MS 137, f. 7.)

[548] Note-se que uma hipótese científica é uma hipótese de história natural. Wittgenstein, Ludwig, *The Wittgenstein Papers*, vol. 39, MS 137, f. 8.

(Darstellung) *de um* fenômeno natural (einer Naturerscheinung), senão apenas indica que muito se prende a essa apresentação e muito dela depende, *em nossos jogos de linguagem.*[549]

Wittgenstein então pergunta: "Das Farben-Oktaeder, ist es ein Bild der *Natur* der Farben?[550] Certamente, não. O octaedro não é imagem senão parcial de nossos empregos. Ele apresenta várias proposições gramaticais mas não pode oferecer um panorama completo do espaço das cores. Por isso mesmo, a segunda exploração do espaço das cores não só relativiza proposições gramaticais do octaedro, desafiando a universalidade de traços que lhes são constitutivos (como a maior clareza do branco e a interdição de um verde avermelhado), como ainda se volta a proposições gramaticais que o octaedro negligencia, seja por dependerem tais proposições da relação entre palavras para cores e palavras outras também descritivas do espaço visual (como opacidade e transparência), seja por não estarem apresentadas tais proposições pela forma do octaedro, podendo todavia ser mostradas em outros modelos, como a proposição gramatical que afirma ser o azul saturado mais escuro que o amarelo saturado. Sendo insuficiente e incompleto, e isso não por um acidente da representação, o octaedro deixa de cifrar a gramática do espaço das cores, como se fora uma representação única. Mais ainda, não há um modelo único, uma apresentação panorâmica de todos os jogos envolvendo cores. A heterogeneidade dos critérios é a marca desse último período, caracterizando as *Bemerkungen über die Farben* a indeterminação de nossos conceitos de identidade de cor e a quebra das analogias que protegeriam o espaço das cores do emprego multiforme de palavras para cores.

10.

O território da pura fruição sensível tem como condição de representação um sistema de regras, um sistema axiomático, que não é todavia

---

[549] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *The Wittgenstein Papers*, vol. 39, MS 137, f. 7.
[550] Wittgenstein, Ludwig, *The Wittgenstein Papers*, vol. 39, MS 137, f. 6.

estranho ao emprego mesmo de palavras para cores, não podendo ser separadas linguagem e ação. Logo, jogos de linguagem, inteligíveis tão-somente em formas de vida. Temos assim um sistema de cores como temos um sistema de números, outro capítulo da gramática, e axiomas sobre cores são como axiomas da matemática. A gramática, antes abstrata, espécie de construção euclidiana, mostra enfim que, se a linguagem tem fundamentos com os quais pode discernir o necessário do empírico, os fundamentos só podem estar em padrões lingüísticos e públicos da atividade dos homens. Apenas em formas de vida, ou seja, em uma linguagem que é parte de atividades (mas que também se apropria do que lhe seria considerado exterior), podemos encontrar as condições para a representação simbólica, seu solo anterior à distinção entre o certo e o passível de dúvida.

Que a dúvida não tenha sentido nesse contexto prévio é sinal de que tampouco tem aí sentido sua universalização. Ele não se justifica nem pode ou precisa se justificar, pois não se encontra ameaçado pelo relativo, nem o pode repelir significativamente. Que a forma de vida seja sujeita a mudanças, isso não pode ser cifrado internamente, ou seja, não torna aberta a gramática quiçá provisória que nela se entrelaça, ou não estariam dados mais que fatos de história natural, sendo substituível a investigação gramatical por uma boa antropologia ou uma história das mentalidades. A relação entre gramática, jogos de linguagem e formas de vida não resolve o necessário no contingente, mas reconduz à relação ela própria a possibilidade de se distinguirem necessário e contingente.

De modo algum Wittgenstein atribui contingência a toda e qualquer necessidade. A necessidade, ao contrário, trava nossos jogos, impondo-se-nos com força inegável. Por outro lado, o procedimento terapêutico de invenção de exemplos fictícios também o afasta de um qualquer platonismo ou de perspectiva semelhante que suponha um arsenal último de proposições verdadeiras e persistentemente verdadeiras em qualquer mundo possível. A relativização, em todo caso, jamais pode ser absoluta, porquanto sempre interior a alguma linguagem, na qual certas relações são necessárias. Classificações à parte, a posição de Wittgenstein sofre bastante ao se ajustar a esse debate, não se confundindo a dissolução do problema

com a sua pretensa solução, pois uma resposta ao que seja a "necessidade lógica" pode ser talvez mais um modo bastante amplo de pôr a linguagem de férias, enquanto se trata de ver simplesmente o que fazemos. "Unser Fehler ist, dort nach einer Erklärung zu suchen, wo wir die Tatsachen als 'Urphänomene' sehen sollten. D. h., wo wir sagen sollten: *dieses Sprachspiel wird gespielt.*"[551]

A dissolução wittgensteiniana aponta para um traço operante da linguagem, para sua condição de jogo interior ao fato. Eis como a ligação entre o amplo e o restrito não deve ser apenas o corolário de uma semelhança gramatical, mas subordina-se a jogos de linguagem. Uma tal perspectiva, entregue como está à prática humana, no interior da qual descobre laços necessários intransponíveis, não pode alimentar sonhos metafísicos. Se à filosofia cabe separar necessidade e experiência, se ela se volta às articulações por que se constitui o sentido e separa o que pode ser dito, sua tarefa jamais termina. Não há uma classificação exaustiva e prévia do a priori, ou melhor, das proposições gramaticais. Fora de seu emprego, não há como decidir. Assim, a descrição gramatical não alimenta o olhar cético, não anula a necessidade, mas também não se dirige, qual um olhar dogmático e essencialista, a objetos ou formas que, eles sim, comportassem a necessidade como uma sua nota característica. No final, a cor, desprovida de uma estrutura, terá vários capítulos gramaticais, atemporais, em um livro que, entretanto, mostrando os diversos jogos por que falamos de cores com fundamento diverso, heterogêneo, para o 'ser uma cor', não é mais gramática alguma. Por isso mesmo, o exemplo será a melhor alegoria da obra, podendo ser lido o § 53 da primeira parte das *Anotações sobre as Cores* tanto em sua condição de exemplo, ou seja, como síntese de uma crítica à análise fenomenológica de Goethe, quanto em sua condição alegórica, um momento de inflexão da obra inteira.

Ao aprofundar sua crítica ao *Tractatus*, Wittgenstein procurou anular a hierarquia entre proposições gramaticais e, sem apagá-la, tornar lábil a fronteira entre o gramatical e o empírico, uma vez que a hierarquia e a

---

[551] Wittgenstein, Ludwig, *The Wittgenstein Papers*, vol. 18; MS 116, p. 290.

rigidez teriam fundamento ou em um operador categorial como a consciência ou em propriedades dos objetos a serem descritos – subjetividade e objetividade tornadas ambas irrelevantes com a introdução desse componente mais e mais pragmático. O essencial à metafísica, a fonte de seus delírios, estaria então em sua incapacidade em discernir entre uma investigação objetiva e uma conceitual,[552] pois, afinal de contas, somente a gramática dos usos pode responder pela própria separação entre uma proposição da experiência e uma proposição lógica – na qual, aliás, se radica a relevância do tema das cores.

Se a proposição "O amarelo saturado é mais claro do que o azul saturado" (mesmo sem estar apresentada no octaedro) é uma proposição da lógica das cores e não de uma qualquer psicologia, isto se deve a que nosso *emprego* da proposição nada tem de psicológico, nosso *emprego* da proposição é atemporal, sendo o conceito de cor saturada exatamente dessa espécie: "o X saturado não pode ser ora mais claro ora mais escuro que o Y saturado".[553] Ou seja, empregamos assim o conceito, sem que o sentido determinado e conceitual do emprego possa ele próprio decidir se útil ou não um tal conceito, podendo ter a noção de saturação emprego restrito ao que chamamos "uma impressão de cor dentro de um certo contexto".[554] Sendo o conceito dado *auf der Palette*, isto é, fora de qualquer ocorrência cromática vindoura (em uma pintura, por exemplo), pode ocorrer a paradoxal situação de parecer-nos mais escura a cor que todavia continuamos a ver como mais clara. Em todo caso, nosso emprego do conceito de cor saturada determina-se em jogos dessa natureza: "Você / fixou // notou // dois matizes, A e B, e A é mais claro que B, e conforme com isso você chama a um matiz "A" e a um outro "B", este entretanto é mais claro que aquele: então [única conclusão possível] você nomeou os matizes falsamente."[555] Isto envolve necessidade, isto é lógica! Mas a distinção não pode ser decidida no interior da psicologia, e

---

[552] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Philosophie der Psychologie*, I, § 949.
[553] Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, III, § 13.
[554] Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, III, § 14.
[555] Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, III, § 12.

apenas no contexto do seu uso "a proposição da 'matemática da cor' deixa-se distinguir daquela de história natural".[556]

A progressiva investigação das "propriedades internas" de uma cor aponta o caminho da investigação filosófica - investigação conceitual, de essências,[557] sem entretanto confundir-se, ao fim e ao cabo, com uma fenomenologia (no sentido anatemizado por Wittgenstein), pois, (1) não podendo defrontar-se com um puro conceito de cor (porquanto toda fenomenologia incorra talvez no erro goetheano de fixar a essência das cores segundo um modo único de emprego de seus nomes),[558] (2) não podendo servir-se de um critério único e preciso de identidade cromática[559] (pois nada se recorta da natureza salvo por um específico método de comparação) e, enfim, (3) não sendo as cores "coisas" cujas propriedades uma investigação desvelaria ou reconheceríamos por representação mental,[560] uma fenomenologia seria incapaz de constituir a identidade dos objetos que se disporiam a seu estudo, frustrando nossa tentação de atribuir-lhe plena autonomia no terreno dessas proposições fronteiriças entre o lógico e o empírico. A investigação, ainda assim (ou sobretudo por isso), é conceitual. E misteriosos enunciados gramaticais, descritivos e contudo necessários, mostram-se discerníveis de simples enunciados empíricos, embora não possamos apontar sua natureza gramatical à revelia do seu uso, decidi-la por recurso a algum ato de consciência.

O que pode afinal dar conta da significação é o uso, ou seja, o fato de que as palavras estão instaladas em jogos de linguagem, em comportamentos, em contextos, conformando-se portanto em formas de vida que não lhes são acessórias nem exteriores.[561] Apenas o uso pode arvorar obras quase

---

[556] Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, III, § 10.

[557] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, III, § 63.

[558] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, III, §§ 73-75.

[559] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, III, § 251.

[560] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, III, § 127.

[561] Considerando o papel do uso na determinação das palavras para cores, importa separar a "antropologia fabulosa", filosófica de Wittgenstein daquela outra, científica, voltada para o estudo da nomeação de cores em várias culturas, segundo a técnica desenvolvida por Brent Berlin e Paul Kay, no já clássico *Basic Color Terms*. Afinal, o procedimento adotado por Berlin

do acaso em necessidade; assim, a necessidade essencial ao branco, da qual julgássemos ter uma intuição íntima ou uma visão direta, dissolve-se em jogos de linguagem, que podem permitir tanto a afirmação da clareza absoluta do branco quanto sua relativização. "A descrição dos usos procura ressaltar, não seu aspecto empírico [o que reconduziria tudo a laços causais, externos], mas sim uma dimensão invariável, que é condição de possibilidade da significação lingüística: a *praxis* da linguagem."[562] Essa *praxis* torna-se constitutiva da significação, cabendo-nos decerto descrevê-la a seguir, mas no detalhe, no exame de casos particulares da gramática das cores, em meio aos quais talvez seja possível pressentir um caminho não fenomenológico de acesso ao transcendental: "Relaciona-se "O branco é simples" com "A cor do quarto é simples" do mesmo modo que "7 é um número primo" com "A quantidade de folhas de papel em minha pasta é um número primo". Não tem qualquer sentido perguntar como pareceria o branco, se não fosse simples. O branco é por sua essência simples — *isto depende do significado/ do uso de "branco"*."[563]

---

e Kay libera as cores de tal modo de seu uso que seu resultado não pode ser senão o esperado, isto é, o de que vivemos em um mesmo mundo. Como as combinações são interditadas e as palavras para cores de uso restrito ou ainda associadas a palavras para matéria não são consideradas básicas, o modelo que bem ou mal toda língua irá progressivamente atingir é, em última instância e circularmente, o da própria condição que possibilitou as listas de Munsell usadas no procedimento empírico. Além disso, é artificial dispor os vários sistemas cromáticos como se estivessem em uma linha evolutiva, caracterizada pelo acréscimo progressivo de cores, mesmo se na história tal progressão apresente alguma constância, porquanto é difícil julgar que tenham o mesmo conceito de cor quem recorta todo o campo do visível com uns poucos termos e uma comunidade que tem à mão catálogos completos de toda variação perceptível. A cor nos dois casos é algo que cumpre papel bastante distinto.

[562] Moreno, Arley, *Notas Preliminares a um Estudo das Investigações Filosóficas*, comentário ao § 21.

[563] Geach, P. T. (Org.), *Ludwig Wittgenstein: Vorlesungen über die Philosophie der Psychologie 1946/47*, p. 43, (grifo nosso).

ver e ver como

ou por que não vemos isto ■ como vermelho

> Glaub doch nicht, daß Du den Begriff der Farbe in Dir hälst, weil Du auf ein färbiges Objekt schaust, wie immer Du schaust.
> (So wenig, wie Du den Begriff der negativen Zahl besitzt, dadurch, daß Du Schulden hast.)
>
> Ludwig Wittgenstein[564]

1.

É um lugar-comum dos manuais que não tratem da cor sem refletir sobre a luz ou a visão. A Wittgenstein interessará, finalmente, não o voltar-se a uma faculdade, senão o emprego efetivo e diversificado de expressões que descrevem o ver. Tratar-se-á de tornar claro como relações internas podem ser apresentadas ao olhar, como a necessidade pode ser colhida por nossos olhos, como notamos aspectos e, por exemplo, podemos ver ou não ver como transparente um objeto que dizemos branco. Mas, ao formular a questão acerca do notar o aspecto, se ver ou interpretar, Wittgenstein também assume com fôlego um lugar de destaque em uma rica tradição austro-germânica, experimental e filosófica, na qual muito se debateu a visão e seu tema mais natural: a cor.[565] A retomada do tema das cores tem assim algo mais em conta além de uma questão pendente.

---

[564] *Bemerkungen über die Philosophie der Psychologie*, I, § 644. Cf. *The Wittgenstein Papers*, vol. 101; TS 229, § 1312.

[565] Para tamanho interesse em experimentos com cores no século passado, podemos apresentar dois motivos de natureza diversa. O primeiro, bastante nobre, decorre da própria influência de um pensador como Goethe e, por conseguinte, do interesse de correntes idealistas pelos fenômenos subjetivos; o segundo, deveras trivial e quase anedótico, não é desprovido de efeitos significativos: "these investigations did not require expensive experimental equipment, only a number of colored papers. This was a very compelling argument for young scientists like Purkyňe, Fechner, Mach (who mencioned this reason in his autobiography), and Hering, who at the beginning of their careers were without steady

Quais, porém, os sinais de um contato efetivo entre Wittgenstein e essa tradição austro-germânica? Muitos, sem dúvida; mas acreditamos suficientes os seguintes. (a) O seu extenso conhecimento da obra de Goethe, decisiva para muitos dos trabalhos desenvolvidos nesse campo. Goethe é uma fonte segura de resistência à ótica de Newton, pois formula uma posição de modo algum desamparada de recursos experimentais e apresenta uma soma tal de conhecimentos sobre a cor, que, através de seus apontamentos, Wittgenstein pôde debruçar-se sobre material imensamente rico. (b) Sua leitura de William James, caminho curioso por que se cristalizou extensa bibliografia germânica relativa à história da óptica no século XIX. Enfim, (c) sua leitura da Gestalt, corrente herdeira do debate entre nativismo e empirismo, de modo algum estranha às contribuições da fenomenologia e fonte então a mais viva e recente de textos sobre a percepção. Por outro lado, não podemos esquecer que a essa linhagem contrapõe-se e acrescenta-se o fato de trabalhar Wittgenstein, em Cambridge, no berço curial da tradição oposta. Quando nos decidimos a analisar sua investigação sobre a lógica dos conceitos de cor, estamos mais ou menos obrigados a devolvê-lo a um debate multiforme, sem que o possamos inserir em uma tradição exclusiva, sob pena de não mais realçar a grandeza e fecundidade das questões com que se defronta, seu amplo espectro, sua inserção em uma história da filosofia (da qual tantas vezes afirmaram-no ignorante) e a inusitada função de sua obra como texto de filosofia da ciência.

Como vimos, ao debruçar-se em seus últimos anos de vida sobre o tema das cores e dialogar então mais diretamente com Goethe,[566] Wittgenstein não estava sequer diante de um tema a ele inédito, contando tão-só com

---

income and without the opportunity to work in a laboratory." (Lang, Heinwig, "Color Vision Theories in Nineteenth Century: Between Idealism and Empiricism", p. 271.)

[566] Uma carta de Wittgenstein a Von Wright, de 19 de janeiro de 1950, ajuda-nos a datar esse novo início de reflexões sobre cores e, em especial, sobre a análise fenomenológica de Goethe: "The last two weeks I read a great deal in Goethe's "Farbenlehre". It's partly boring and repelling, but in some ways also *very* instructive and philosophically interesting." (Wittgenstein, Ludwig, *Philosophical Occasions: 1912-1951*, p. 475.) Há, porém, registros importantes de uma reflexão anterior acerca da *Doutrina das Cores*, sendo o primeiro deles talvez de 1931. Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 4, p. 231; MS 112, p. 255.

um olhar amadorístico sobre experiências cromáticas. Suas observações sobre cores antes condensam, retomam e sobretudo ultrapassam reflexões repetidas, pregnantes, centrais em toda sua obra. Decerto, Wittgenstein sempre enfrentou tais problemas de um ponto de vista singular, mas enfrenta-os agora consoante ao espírito amadurecido de um método a pouco e pouco laborado, podendo transitar pelo exemplo de suas reflexões sobre os fundamentos da matemática até sua investigação das regras do *Farbenraum*. Vale salientar em específico que, se alguma consideração sobre a visão está necessariamente na ante-sala do tratamento da cor, comporta novidade decisiva a análise da gramática do ver tal como é reconduzida às condições de uso das expressões 'ver' e 'ver como', às técnicas e aos jogos de linguagem em que as utilizamos. Não nos reportamos a uma faculdade, e a investigação fenomenológica pode prescindir da suposição de uma cisão entre um ver e o ver como, que não mais se relacionam como o fundante e o fundado, não traduzem cada qual ou a passividade ativa de uma retina que reage aos dados dos sentidos ou a atividade passiva que ordena o mundo da física. A investigação de relações internas dadas à visão, sendo assim reconduzida a jogos de linguagem, tece por meios lingüísticos, por usos da linguagem em formas de vida, em um mesmo e heterogêneo meio, a trama entre o incondicionado ver e o hipotético ver como.

Nesse rico contexto, interessa-nos sobretudo o emprego da expressão 'ver como', correspondente ao fenômeno de "notar um aspecto", pois grande parte do problema das relações internas entre cores passa a expressar-se em ser ou não possível ver algo como branco transparente, como cinza luminoso, como verde avermelhado, etc. — com o que um ver primordial traça e restringe os limites da significação, do que podemos "ver como". Esse emprego extraordinário, mas nada infreqüente, diferencia-se do simples "ver",[567] pois, em seu caso, à pergunta: "O que você vê ali?", não se pode responder satisfatoriamente com uma cópia do visto, não

[567] Devemos, entretanto, recusar uma distinção terminante entre tais expressões, pois tanto o conceito de apresentação do visto (relativo a um aspecto notado), como o de cópia (relativo à reprodução "exata" da imagem visual) são bastante flexíveis e, com eles, o próprio conceito do visto. Eles se ligam intimamente, embora isto não signifique que sejam semelhantes. Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Philosophische Untersuchungen*, II, p. 526.

podendo a reprodução ponto a ponto da impressão visual dar conta do aspecto notado, e.g., a semelhança entre dois rostos. Sendo irrelevante qual a nossa vivência visual, uma cópia descreve muito bem o que vemos e nenhuma cópia apresenta o aspecto que notamos; por isso, um desenho o mais exato de um 'F' não nos indica se ele olha para a direita, nem a pronúncia adequada da vogal 'e' sugere-nos *per se* sua amarelidão. Essa diferença é essencial, tornando-se clara em como Wittgenstein pensa poder tornar solúvel o problema colocado: a diferença "categórica" entre a gramática de 'ver' e a de 'ver como' será analisada não por recurso a uma introspecção, a um exame íntimo de nossa vivência visual, mas sim no modo mesmo por que as tentamos apresentar, por exemplo, em situações de aprendizado. Wittgenstein colhe a distinção no campo não introspectivo de certos jogos de linguagem, tratando-se pois de descrever o uso de expressões em que ocorrem 'eu vejo...', 'eu vejo como...', 'ele vê como...', etc. E logo percebemos: notar um aspecto, embora comporte um sem-número de casos, (a) não é movimento facilmente identificável e (b) tampouco nele se cifra categorialmente algo como "a qüididade da percepção".

(a) O "ver como" não é um fenômeno unívoco. Ao notarmos um aspecto, ao mudarmos nosso enfoque de uma figura que, não obstante a mudança, continua a mesma (no sentido sotoposto à variação que Helmholtz julgava primordial), são diversos os percursos, não sendo o conjunto redutível a um modelo, salvo por lábil analogia. Assim, tendo em consideração exemplos que povoavam os livros da Gestalt, podemos passar de uma imagem confusa a uma imagem ordenada (como nos *Vexierbilder*), de uma organização a outra (como no caso da cabeça de pato-lebre ou da imagem de moça e velha), de uma alternância de fundo e figura (como no exemplo do mapa do mediterrâneo ou da cruz branca e preta). Por vezes, parece depender a passagem de espontânea acomodação ótica,[568] mas pode ao contrário solicitar alguma imaginação (como quando somos instados a ver uma seta como o pé de um

[568] "Em alguns casos, a organização sensorial parece mudar espontaneamente, isto é, na ausência de qualquer influência externa, simplesmente porque os processos que impregnam determinadas partes do sistema nervoso por algum tempo, são susceptíveis de alterar a condição do tecido em questão." (Köhler, Wolfgang, *Psicologia da Gestalt*, p. 100.)

pássaro).[569] Algumas vezes (os gestaltistas diriam ser esta a regra ou condição), a organização pode ser reconhecida até por animais; em certos casos, porém, parece depender de cultura, de algo portanto não contido na figura (como no caso da cabeça de pato-lebre, o *H-E-Kopf*).[570] Além disso, não se restringe a ilusões óticas, pois bem podemos estar notando um aspecto seja ao ouvirmos seja ao lermos *ne...pas* como não sendo "não um passo", ou ainda quando entendemos diferentemente a palavra Maria em José Maria e em Maria José — ou mesmo em Maria Callas e em Rainer Maria Rilke. Se preferirmos um exemplo de lógica, podemos atentar, apoiados talvez nas análises do MS 130,[571] para o modo diverso como pode ser entendida a palavra 'Schweizer' na proposição: "Herr Schweizer ist kein Schweizer".[572]

Como usitado, Wittgenstein é profícuo em exemplos, como a guiar-se por semelhanças, e dessas às diferenças. Apressa-se a mostrar que um tal fenômeno comporta certa freqüência e mesmo diversidade, inclusive não se restringindo à visão. Podemos solicitar um certo *phrasieren* seja de uma pintura seja de uma música. Diante de uma obra de arte, costumamos notar um seu aspecto, matizar sons ou cores, acentuar um seu elemento; ela adquire, súbito, configuração inteiramente nova, reorganiza-se inteira, como quando passamos a ver a ronda noturna de Rembrandt sentindo-nos igualmente fitados pelo antes despercebido olho do pintor, ou como quando atentamos para certas aliterações que transformam a

---

569 "Den H-E-Kopf kann jemand einfach für das Bild eines Hasen halten, das Doppelkreuz für das Bild eines schwarzen Kreuzes, aber die bloße Dreiecksfigur nicht für das Bild eines umgefallenen Gegenstands. Diesen Aspekt des Dreiecks zu sehen, braucht es *Vorstellungskraft*." (Wittgenstein, Ludwig, *Philosophische Untersuchungen*, II, seção xi, p. 542.)

570 "Nur der 'sieht die Aspekte H und E', der die Gestalten jener beiden Tiere innehat. Eine analoge Bedingung gibt es für die Aspekte A nicht." (Wittgenstein, Ludwig, *Philosophische Untersuchungen*, II, seção xi, p. 542.) Cf. também as observações de Malcolm Budd (*Wittgenstein's Philosophy of Psychology*, pp. 81-82).

571 Cf. Wittgenstein, Ludwig, *The Wittgenstein Papers*, vol. 32; MS 130, p. 64 ss.

572 Esse último exemplo é aliás paralelo ao do aforismo 3.322 do *Tractatus* (em que "Grün ist grün" seria índice de como, por deficiência da notação, podem corresponder diferentes símbolos ao mesmo sinal), e em tudo semelhante ao do aforismo 5.5423, no qual Wittgenstein nos apresenta, como equivalente aos casos semelhantes todos (alle ähnlichen Erscheinungen) de percepção de complexos, um clássico exemplo de figura ambígua: o cubo de Necker, que, podendo ser visto de dois modos, oferecer-nos-ia dois fatos realmente distintos, porquanto perceber um complexo seria perceber como se relacionam suas partes.

textura de um poema em momento essencial de seu conteúdo. Mas o interesse autêntico do fenômeno decerto não decorre do número de exemplos porventura encontrados nas artes ou nos laboratórios de psicologia experimental. O interesse é teórico, a saber, 'notar um aspecto', ver uma significação, é conceito semelhante ao da compreensão do significado *in einem Augenblick*, quando todavia o significado só pode ser exemplificado por uma técnica de seu emprego.[573]

(b) Trata-se de um fenômeno que não se confunde com o simples ver, pois supõe sempre uma alteração, uma mudança, que a gramática do ver pode dispensar. Desse modo, se temos como gravura de moça enfeitando a parede do quarto o conhecido objeto ambíguo "moça-velha", não tem sentido dizer que vemos a gravura como moça.



MOÇA-VELHA[574]

Por outro lado, tendo em conta este mesmo exemplo, é experiência visual que tampouco se distingue por completo do ver, pois o que para alguém

[573] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Vorlesungen über die Philosophie der Psychologie 1946/47*, p. 530. Cf. também, acerca da ligação entre compreender uma palavra ou uma proposição e notar um aspecto, Wittgenstein, Ludwig, *The Wittgenstein Papers*, vol. 41; MS 140, p. 4ss.
[574] Desenho do cartunista W. E. Hill (1915).

é simples e constante, pode contudo ser descrito do exterior por outrem como sendo complexo e interpretativo. Logo, analisar a gramática do 'ver como' não equivale a destruir a gramática do 'ver', mas talvez implique em relativizá-la — embora no interior de nossa forma de vida, após um olhar repentino aos talheres, continue sempre sem sentido dizer que os vemos agora como garfo e faca, assim como não tem sentido procurar andar quando andamos ou tentar mexer a boca quando comemos.

No "ver como" é característica a sensação de que, quando ocorre, tudo se conserva tal e qual, conquanto tenha mudado por completo; logo, formula-se como autêntico enigma esse fenômeno, segundo o próprio Wittgenstein, "duro como granito". Um mistério mesmo: interpretamos e vemos como interpretamos, um estado parece apenas descritível com o vocabulário antes próprio de uma atividade. E mistérios assim difíceis de apanhar, bem o sabemos, são pródigos em ilusões filosóficas. Então, para tratar com alguma economia o problema (que aliás encontra na obra tantas formulações e nela ocorre em tantos momentos), nós nos fixamos na questão principal do "roteiro" apresentado nos cinco primeiros parágrafos do primeiro volume das *Bemerkungen über die Philosophie der Psychologie*, embora não deixemos de ter em vista como, através dela, chega-se a uma mais bem acabada elaboração no texto da seção xi da parte II das *Investigações*. Os cinco primeiros parágrafos são um momento privilegiado: pinçados de outro manuscrito (o MS 180a)[575] na preparação do texto dactilografado (o TS 229), condensam questões em aberto, introduzem o tema e preparam o prosseguir da reflexão sobre um material ainda insatisfatório, uma vez que, a respeito do TS 229, Wittgenstein escreveu a von Wright, em 6 de novembro de 1947: "It's mostly bad but I've got to have it in a handy form, i. e. typewritten, because it may possibly give rise to better thoughts when I read it".[576] Em todo caso, esses primeiros parágrafos antecipam bem o sentido de uma análise da gramática das expressões enquanto contraposta ao recurso à introspecção.

---

[575] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *The Wittgenstein Papers*, vol. 72; MS 180a, pp. 52-56.
[576] Wittgenstein, Ludwig, *Philosophical Occasions: 1912-1951*, p. 464.

2.

Pensemos acerca do que se diz sobre um fenômeno como este: Ver a figura ' ⊤ ' ora como um F ora como a imagem-reflexa de um F. Então, "vejo realmente a cada vez algo diferente; ou apenas *interpreto* de modo diferente o que vejo?" Nessa pergunta, semelhante à formulada no parágrafo 64 da primeira parte das *Bemerkungen über die Farben,* encontram-se em resumo e em confronto a posição de Köhler e a posição de Helmholtz.[577] Vejamos primeiro a posição de Helmholtz.

Apoiando-se na constatação empírica da bidimensionalidade da imagem retiniana[578] e na exaustivamente experimentada diversidade entre a maior constância de cor, tamanho e forma dos objetos, tal como relatada por um observador, e a efetiva e mensurável variação de tamanho e formato retiniano, Helmholtz conclui pela presença de um mecanismo de correção intelectual do percebido, sem o qual seríamos obrigados à ausência de profundidade. Mesmo com a visão binocular (que a ilusão do estereoscópio busca reproduzir, justapondo duas imagens fotográficas tiradas de distância igual à que nos separa os olhos), temos apenas um meio natural, posto que bastante eficaz, para julgar a profundidade e a distância dos objetos dispostos à visão.

---

[577] Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Philosophie der Psychologie,* I, § 1. Procurando responder à questão central desse "roteiro", tal contraposição adquire grande importância em nossa abordagem. Importa por conseguinte informar que as referências de Wittgenstein a Köhler são diretas, várias, bem conhecidas; por outro lado, as referências a Helmholtz, conquanto implícitas, não são menos importantes. Que o debate se trava contra Köhler e contra Helmholtz, é algo que encontra registro em anotações de seus alunos (Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Vorlesungen über die Philosophie der Psychologie 1946/47*, p. 181 e p. 534). Há indícios de que Wittgenstein tenha conhecido os textos de Helmholtz sobre visão e audição e talvez mesmo os textos sobre a fundamentação empírica da geometria; porém, ainda que não tivesse lido Helmholtz diretamente, são abundantes as referências a posições de Helmholtz em dois livros que sabemos, com certeza, ter Wittgenstein conhecido a fundo: o próprio *Psicologia da Gestalt*, de Köhler, e o *Princípios de Psicologia*, de James.

[578] "En effet, notre œil, qui, pour ses effets optiques, ressemble à une chambre noire, instrument bien connu des photographes, ne donne également sur la rétine, sa plaque sensible à la lumière, que des vues perspectives du monde extérieur, restant les mêmes, comme le dessin sur un tableau, aussi longtemps que l'œil qui perçoit ne change pas de position." (Helmholtz, Hermann von, "L'Optique et la Peinture", p. 173.)

Quando se trata então de uma pintura, na qual aparecerá ao olho direito a mesma imagem que ao esquerdo, várias instruções devem ser formuladas ao pintor para esmaecer a patente bidimensionalidade da tela. O pintor deve, por conta disso, servir-se de meios secundários, que coisa outra não fazem além de facilitar o cálculo da distância, simulando a profundidade na falta da visão binocular. Entre outras regras, ele deve atentar para as da perspectiva: "Les objets rapprochés couvrent en partie les objets éloignés, et ne peuvent pas être couverts par eux".[579] E pode servir-se ainda de alguns truques, como a representação de objetos cujas dimensões são familiares, pois "placés au point le plus éloigné du paysage, ils paraissent plus petits qu'au premier plan, et c'est ainsi que par leurs dimensions apparentes ils permettent de *calculer* l'éloignement du lieu où ils se trouvent".[580] Todos esses recursos, como ainda o do sombreamento,[581] são meios secundários para nos facilitar o desejado cálculo das dimensões da profundidade.

Esse mecanismo de correção intelectual se aplicaria a toda visão de complexos,[582] sendo semelhante ao mecanismo inferencial que nos tornaria capazes de discernir uma voz humana dos barulhos a ela concomitantes. De fato, instados a reproduzir a voz de uma dada pessoa, podemos ser capazes de verdadeiras proezas ao imitá-la, mas não hesitaremos em momento algum em deixar de reproduzir sons de

---

[579] Helmholtz, Hermann von, "L'Optique et la Peinture", p. 177.

[580] Helmholtz, Hermann von, "L'Optique et la Peinture", p. 178, grifo nosso.

[581] "L'art d'ombrer est une des parties les plus difficiles et les plus utiles du talent du dessinateur ou du peintre." E, por exemplo, "les ombres portées (...) sont les signes certaines que le corps donnant de l'ombre est plus près de la source lumineuse que celui qui en reçoit" (Helmholtz, Hermann von, "L'Optique et la Peinture", pp. 178-179).

[582] A percepções, portanto, enquanto opostas a sensações — estas sim, na expressão de James, relativamente simples. James distingue sensação e percepção e, é claro, toma a impressão de uma cor como modelo mais puro da relativa simplicidade das sensações: "Devemos confessar que muitos desses temas [os conteúdos da percepção] resistem a qualquer análise; um exemplo disso são as várias cores. Quem vê azul e amarelo "em" certo verde quer dizer simplesmente que, quando o verde é confrontado com estas duas cores, vê relações de *similitude*. O indivíduo que vê no verde a "cor" abstrata quer dizer apenas que vê uma similitude entre ele e os demais objetos conhecidos como cores. (...) Quem vê no verde palidez, intensidade, pureza abstratas, quer dizer ademais outras similitudes. Todas elas são determinações externas desse verde especial, conhecimentos sobre ele, *zufällige Ansichten*, como diria Herbart, não elementos de sua composição." (James, William, *Principios de Psicología*, p. 558, nota.)

buzinas de automóvel acaso percebidos conjuntamente.[583] Um semelhante mecanismo também explicaria o fenômeno da percepção de constâncias cromáticas, propriedade não isolável em um ponto do campo visual. Ante tal exemplo, que muito serviu à causa de Goethe contra a "infernal perversão" newtoniana, a posição de Newton parece comportar uma evidente insuficiência. Segundo Newton, haveria uma relação invariante entre comprimento de onda e cor.[584] Nada mais absurdo, diria Goethe. Isto talvez funcione em um laboratório, mas não daria conta da essência da cor, de sua ocorrência segundo distintas fontes naturais de iluminação, de sua constância misteriosa, quando por exemplo tudo levaria o cientista a julgar não mais vermelha a maçã que continuamos a ver vermelha. Para Helmholtz, por sua feita, inimigo de qualquer abordagem fenomenológica e que, por sinal, proferiu conferências bastante contrárias à *Farbenlehre* de Goethe, o caso seria exemplar de uma "inferência inconsciente", de um "ato de discernimento", a completar uma percepção de resto simples.

Köhler opõe-se diretamente a Helmholtz. O fato de a fenomenologia dos campos visuais não caber em uma explicação mecanicista não teria feito sucumbir o próprio mecanicismo. Para salvar a teoria contra a evidência organizada dos fenômenos, solicitava-se a uma atividade psíquica nunca instalada na própria experiência a explicação da associação, da totalidade, do complexo, não possuindo os processos locais de campos visuais uma existência de funcionamento totalmente isolado: "Mas a conseqüência não foi uma dúvida sobre a veracidade da suposição básica [do mecanicismo], mas sim a colocação de uma hipótese auxiliar após outra, a maioria delas procurando salvar o princípio essencial mecanicista para *fisiologia* sensorial, na explicação do problema, sendo

---

[583] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Vorlesungen über die Philosophie der Psychologie 1946/47*, p. 181 e pp. 534-535.

[584] "Quelques rayons sont disposés à présenter une couleur rouge et pas une autre; certains une jaune et pas une autre, certains une verte et pas une autre, et de même pour le reste. D'ailleurs, il n'y a pas seulement des rayons particuliers ou spéciaux pour les couleurs les plus remarquables, mais aussi pour toutes leurs gradations intermédiaires. (...) A un même degré de réfrangibilité correspond toujours une même couleur, et à la même couleur correspond toujours le même degré de réfrangibilité." (Newton, Isaac, "Lettre a Oldenburg", in Blay, Michel, *La Conceptualisation Newtonienne des Phénomènes de la Couleur*, p. 183.)

que as observações contraditórias eram atribuídas a fatores *psíquicos* em sentido estrito: o homem estar-se-ia enganando, e com vantagem biológica, a respeito das propriedades de seu campo visual, que, no fundo, estaria formado por sensações locais independentes. Um bom exemplo para isto é a relutância de Helmholtz em aceitar uma teoria fisiológica para o contraste, e sua teoria psicológica explicativa."[585] Desse modo, para a Gestalt, a organização seria um fato sensorial primário, estando em mesmo nível que a percepção de cores e formas. Qualquer um que não esteja obnubilado por uma teoria, deveria conceder: quando ocorre uma mudança de aspecto temos uma nova realidade visual e não apenas uma mudança de significado. Ou seja, ironiza Wittgenstein, que vejamos diretamente e não segundo uma interpretação *Gestaltqualitäten*, isso seria o único a ser afirmado corretamente por quem esteja ou não obnubilado por uma teoria.[586] A forma seria um atributo visual; a organização sensorial, "um fato primário, originado pela dinâmica elementar do sistema nervoso".[587] A organização seria primária, inclusive porque a tradicional separação entre qualidades formais e qualidades sensíveis (tributária do predecessor da Gestalt, o vienense von Ehrenfels) descreveria mal o imediatamente dado na percepção: "não pode ser mantida, pois estas últimas não são, absolutamente, constantes, mas dependem das formas variáveis a que pertencem, e nas quais perdem sua identidade".[588] Neste caso, a sensação não organizada é prévia apenas por abstração e antes um resíduo artificial da análise.[589]

---

[585] Köhler, Wolfgang, "Problemas da Gestalt e Primórdios de uma Teoria da Gestalt", in Köhler, Wolfgang, *Psicologia*, pp. 61-62.

[586] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Vorlesungen über die Philosophie der Psychologie 1946/47*, pp. 524-525 e também pp. 193, 364 e 527.

[587] Köhler, Wolfgang, *Psicologia da Gestalt*, p. 117.

[588] Guillaume, Paul, *Psicologia da Forma*, p. 17.

[589] Outro aspecto da Gestalt explicitamente combatido por Wittgenstein é a separação estrita entre organização e significado. Sendo a organização um fato elementar, ela seria condição de significação e inteiramente objetiva. Comparando-a com a cor 'verde', Köhler acredita que, assim às organizações como às cores, podem ser agregadas significações, porque, enquanto fatos primários, foram de antemão circunscritas com facilidade: "As unidades sensoriais adquiriram nomes, tornaram-se ricamente simbólicas e sabe-se agora que elas têm certos usos práticos, embora existissem como unidades antes que lhes fossem ajuntados quaisquer desses fatos posteriores. A Psicologia da Gestalt sustenta que é precisamente o isolamento original dos conjuntos circunscritos que torna possível para o mundo sensorial aparecer tão inteiramente impregnado de sentido para o adulto, pois, em sua gradual penetração no mundo sensorial, a significação segue as linhas traçadas pela organização

3.

"Vejo realmente a cada vez algo diferente; ou apenas *interpreto* de modo diferente o que vejo? — Estou inclinado a dizer o primeiro. *Mas, por quê?*"[590]

Em primeiro lugar, porque não deixa de ser louvável a tentativa de descrição do ver tal como empreendida pela Gestalt; ou seja, de um ver efetivo, que não considera um observador melhor aquele treinado pela introspecção e capaz de retornar por seu adestramento à visão do cinza das fotografias. Caso entendêssemos a linguagem do observador adestrado para ver o que de fato vê, caso pois não fosse absurdo que tenha uma linguagem um tal observador ideal, um não doente dos olhos, preparado em laboratório para a correta transposição do visto, para a decomposição das sensações de modo a nelas separar qualquer resíduo inferencial, descrever-nos-ia ele paisagens fantasmagóricas ou irreconhecíveis. Pelo contrário, eis como descreve Wittgenstein uma fotografia não-colorida *tal como a viu*: "O ferro trabalhado tinha cor de ferro, o cabelo do jovem era loiro, negras as peças de metal, cor de zinco o alambrado, embora tudo estivesse apresentado nos tons mais claros e mais escuros do papel fotográfico".[591] Adiante, pergunta-se: "Vejo realmente loiros os cabelos do jovem na fotografia?! — Vejo-os cinza? *Infiro* apenas que precisa ser na realidade loiro o que aparece *assim* na imagem? Em *um* sentido, eu os *vejo* loiros; em outro, cinza mais claro e mais escuro".[592]

---

natural; habitualmente, penetra nos conjuntos isolados." (Köhler, Wolfgang, *Psicologia da Gestalt*, p. 83.)

[590] Vale lembrar que esta questão central volta a ser repetida na segunda parte das *Investigações Filosóficas*, seção xi, p. 550.

[591] Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, III, § 117.

[592] Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, III, § 271. Na parte I, estas reflexões foram lapidadas e aproximadas. (Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, I, §§ 63-65.) Aqui, como em vários e vários outros parágrafos das *Bemerkungen über die Farben*, é evidente a ligação entre a investigação da lógica dos conceitos de cor e a descrição da gramática do verbo 'ver'.

O que nos mostra que uma interpretação, uma espécie qualquer de inferência, vem acrescentar-se à visão da fotografia, que tudo suporta? Acaso vemos de cor cinza, digamos, os cabelos de Marilyn Monroe na fotografia? Podemos vê-los quer de uma forma quer de outra? Não será em diferente e posterior jogo que os veremos cor de cinza? O ver do cinza deixa de ser o verdadeiro, o primeiro, sem tornar-se por isso falso. As descrições alternativas são descrições do visto que se travam segundo jogos distintos. Em todo caso, em uma descrição para nós bastante mais natural, nós vemos a fotografia como, talvez artificialmente, alguns diriam que a interpretamos. Ao notar um seu aspecto, nós a vemos contudo assim, diretamente. Não há um ver sotoposto a sustentar a variação das interpretações, um ver primitivo a possibilitar e determinar descrições indiretas, salvo quando nos servimos, em jogos que o exijam, de técnicas que o explicitem. Por que, então, apenas neste ver em que não há brilho, nem profundidade, nem sombra, nem objetos quaisquer, seria autêntico e melhor e direto nosso contato com o mundo?

A proximidade com a Gestalt resulta sobretudo da impossibilidade de subtrair ao 'ver como' sua duração. O 'ver como' tem uma duração, enquanto o interpretar é disposicional; por isso, exatamente, Wittgenstein mostrava-se inclinado a concordar com Köhler. Não vemos como de modo ininterrupto ou independente de interrupção, sendo pois um tal *Seherlebnis* algo bastante distinto da interpretação, na qual, e. g., afirmamos: considere-se o segmento AB como sendo a base do triângulo. Há portanto uma importante distinção entre estados de consciência e disposições, uma vez que uma disposição (crença, compreensão, interpretação) não é suspensa por um desvio da atenção, não tendo sentido dizer que compreendemos algo ininterruptamente ou que deixamos de acreditar em algo porque cochilamos.[593]

---

[593] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Philosophie der Psychologie*, II, §§ 45-50. "Bemerken und Sehen. Man sagt nicht "Ich habe es fünf Minuten lang bemerkt"." (Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Philosophie der Psychologie*, II, § 443.)

'Ver como' tem duração, não é disposicional; logo, não é simples *deuten*, coincidindo neste sentido com o 'ver', porquanto, estado como o 'ver',[594] não lança uma hipótese que possa ser falseada: "Dizemos a proposição "Eu vejo esta figura como um F"; ora, assim para ela, como para a proposição "Eu vejo um vermelho brilhante", não há quer verificação quer falseamento".[595] No sentido da proximidade desses verbos que, ao descreverem estados, não lançam hipóteses, Wittgenstein anota uma interessante assimetria. A percepção de um simples aproxima-se do ver unívoco, que anotaríamos segundo a gramática do 'ver', mas é descrita por uma terceira pessoa segundo a gramática do 'ver como': o verbo se torna defectivo na primeira pessoa, mas não na terceira. Que uma tal conversão seja gramaticalmente possível, isto deve indicar que ambos os usos expressam "estados de consciência", ou melhor, os determinam. Por outro lado, se o mais sólido ver pode ser aproximado de um ver segundo uma interpretação, todo e qualquer ver, se dizível, supõe uma técnica, logra expressão porque instalado em formas de vida — sendo o sonho de Alberto Caeiro de um ver inocente, um puro estado, radicalmente místico.

Não obstante a possível conversão, o 'ver como' também é diferente do 'ver', pois não podemos descrevê-lo sem recurso a algum modelo, não podemos transportá-lo, exceto com o vocabulário próprio do *Deuten*. E estas observações não são causais: fazem parte da gramática das palavras para estados psicológicos, interessando sobremaneira à filosofia. A dificuldade não se resolve, e não basta a concordância com Köhler. 'Ver como' não é disposicional; entretanto, uma figura como o esboço de um

---

[594] Valem estas observações gramaticais. Ver é um estado. Logo, não pode ser descrito, nem precisamos saber que vemos para ver.

[595] Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Philosophie der Psychologie*, I, § 8. O significado aqui de 'disposicional' guarda alguma analogia com o sentido do termo quando propriedade referida a uma realidade, na presunção de que tal realidade poderá oportunamente manifestar o predicado. A questão é bastante controversa, mas, em todo caso, sabemos poder enunciar contrafactualmente um predicado disposicional, quando apresentamos as condições inatuais de sua realização. Se for colocado em água, o açúcar se dissolve; logo, é solúvel. Mas ele, para ser solúvel, não precisa estar soluto, nem deixa, quando soluto, de sê-lo, sendo negada a propriedade apenas caso se mostre falso o condicional. Por analogia, uma interpretação é também disposicional: proposições outras podem conflitar com ela, podem mostrar sua insuficiência, etc.

paralelepípedo, diferentemente interpretada a cada ocorrência num manual de física (ora como um cubo de vidro, ora como uma caixa, ora como uma armação de arame, etc. — com o que se configuram hipóteses), pode outrossim ser descrita como o resultado de diferentes visões. Ou seja, o 'ver como' não é um simples exemplo de atitude disposicional e tampouco parece poder confundir-se com o canônico exemplo de um ver que se reporta a um estado (independente de uma intervenção artificial da vontade, e.g., a visão de uma cor).[596] O enigma ganha então várias formulações: um ver em cuja descrição utilizamos as palavras do interpretar, um ver em que ressoa um pensamento, uma sensação disposicional, dada à visão sem contudo confundir-se com o visível.[597]

O enigma de um ver correspondente a uma interpretação se explicita, com pleno vigor, na posterior reformulação das *Philosophischen Untersuchungen*: "[A figura acima mencionada] Nós a interpretamos portanto, e a *vemos* como a *interpretamos*".[598] Wittgenstein radicaliza a fórmula, sem reduzi-la a uma soma de ver e pensar.[599] Mas, por que a observação torna-se mais radical? Ora, o interlocutor com quem Wittgenstein dialoga insiste em que uma tal descrição do visto seria indireta. Pois bem, tal interlocutor pode ser tanto Köhler como Helmholtz. Ambos parecem supor que o realmente visto é anterior, mesmo se imprescindível certo adestramento para reproduzi-lo. Teríamos acesso imediato a um solo de impressões, sendo indireta a descrição da vivência visual mediante uma interpretação, porque uma vivência visual seria conforme e correlata à interpretação da figura como caixa (Helmholtz), ou porque esta tão-só se sustentaria simbolicamente em uma visão já estruturada (Köhler). Entretanto, se a descrição mediante uma interpretação fosse indireta, deveria haver um acesso

---

[596] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Philosophie der Psychologie*, I, §§ 8-9.

[597] "Außerdem ist man hier nicht sicher, ob man etwas *sieht*, was man mit Hilfe einer Deutung beschreibt, oder ob das *Gesehene* nicht das deutungsgemäß Beschriebene ist, sondern etwas, was man erst anschließend deutet." (Wittgenstein, Ludwig, *Vorlesungen über die Philosophie der Psychologie 1946/47*, p. 533.)

[598] Wittgenstein, Ludwig, *Philosophische Untersuchungen*, II, xi, p. 519.

[599] "Ist das Auffallen Schauen + Denken? Nein. Viele unserer Begriffe *kreuzen* sich hier." (Wittgenstein, Ludwig, *Philosophische Untersuchungen*, II, xi, p. 549.)

outro direto ao vivido, também ele enunciável, assim como posso referir-me ao vermelho sem vê-lo necessariamente como cor do sangue. Como um tal acesso perderia o essencial ao fenômeno que se tenta expressar, a descrição de um aspecto é então logicamente direta, toca ou mostra este *einer Deutung entsprechend Sehen*.

4.

Contextua o debate sobre a gramática do 'ver' a ilusão de que a percepção de cores, a experiência cromática, consista em um dado sensorial primário, anterior a qualquer interpretação. Se Helmholtz as considera elementares, afirmando que se lhes juntariam interpretações, Köhler, seu opositor, também as julga primárias, sendo sua organização uma qualidade sensorial primeira. À semelhança do Wittgenstein das "Some Remarks on Logical Form", pretendem tocar o puro ver, comungam a ilusão de uma experiência sensorial pura (já organizada para Köhler, a ser interpretada para Helmholtz). A cor, portanto, era para ambos modelo, critério disposto ao olhar, fixa e simples entidade extralingüística, sobre cujas relações pontificaria talvez o olhar experimentado do pintor. Neste sentido, bem podemos ler as *Bemerkungen über die Farben* como a continuação radical de um combate, pois nelas Wittgenstein pretende mostrar (e esta é uma tese nuclear) que não se decide sobre cores por remissão a dados sensoriais imediatos.

"Assim, para Wittgenstein, Helmholtz parece ter errado em considerar que interpretações não podem mudar a sensação visual. O erro, porém, era antes conceitual do que fatual"[600] — aqui o protótipo de sensação visual seria a sensação de cor, considerada independente de qualquer "ato de vontade", enquanto o aspecto, dependente da vontade, ser-lhe-ia logicamente exterior. Entretanto, se artificial o aspecto, só o pode ser parcialmente, pois é então componente do visto. Já contra Köhler e sua insistência em afirmar a organização visual como um dado sensorial de mesma natureza que a cor, Wittgenstein simplesmente mostra, em

---

[600] Stromberg, Wayne, "Wittgenstein and the Nativism-Empirism Controversy", p. 135.

muitos e variados exemplos, que a organização não pode ser um simples "fato sensorial elementar", pois assim, como já dissemos, seria reproduzida diretamente por uma cópia, não havendo a possibilidade de pessoas dotadas do mesmo equipamento óptico serem contudo cegas a certo aspecto ou, por outro lado, de se surpreenderem com um reconhecimento ou uma mudança.[601] "Desse modo, ambos, Köhler e Helmholtz, parecem ter errado ao aceitar a cor como protótipo de "o que é realmente visto" — sensação visual — e da necessidade de uma elucidação puramente fisiológica da sensação visual."[602]

Os que acreditam necessário acrescentar uma interpretação a uma vivência visual, como Helmholtz, não têm algo direto que corresponda ao 'notar um aspecto', sendo em seu caso um fracasso a analogia com as cores: para as cores temos decerto um modo direto de apresentação, que prescinde de relações secundárias, interpretativas.[603] Além disso, um ver bruto, infenso a qualquer interpretação, a alguma expressão simbólica, é indescritível e quase um pressuposto místico, pois qualquer noção de que nos servíssemos para dizê-lo já se disporia, negando-o, em outra dimensão, já pressuporia uma técnica, mínima que seja, como a que isola unidades cromáticas, as identifica e afasta de outras, as nomeia, enfim, mesmo com a vaga palavra 'manchas'. Somente um Alberto Caeiro, caso paradoxalmente desejasse fazer teoria, acharia adequado dizer que vê algo como mesa, que a nomeação a mais simples seria já uma interpretação excessiva, quebra da comunhão com o mundo percebido. A situação de Caeiro é aflitiva: se considera já excessiva e digna de nota a classificação de um objeto como mesa, condena-o sua autenticidade ao silêncio, uma vez

---

601 Bem a propósito é o lamento de Watson: "E eu ainda acredito que meus olhos são tão bons quanto os seus." Ao que teria retrucado Sherlock Holmes: "Você vê, mas não observa. A distinção é clara." (Cf. Conan Doyle, Arthur, *The Complete Sherlock Holmes Short Stories*, p. 6.)

602 Stromberg, Wayne, "Wittgenstein and the Nativism-Empirism Controversy", p. 137.

603 "Este papel é, em lugares distintos, diversamente claro; parece-me contudo cinza / nos lugares mais escuros // onde é mais escuro // ? A sombra projetada por minha mão é, em parte, cinza. Onde o papel se afasta da luz, embora seja mais escuro, eu o vejo branco, mesmo se, para pintá-lo, precise misturar algo de cinza. Não é semelhante ao caso em que se vê um objeto afastado apenas como afastado e não como menor? Que, portanto, não se pode dizer "Eu noto que ele parece menor e disso deduzo que esteja afastado", mas sim que noto que está afastado, sem poder dizer *como* eu o noto." (Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, III, § 171.)

que não pode oferecer-nos uma descrição qualquer que não padeça do mesmo intolerável arbítrio. Por outro lado, a noção de um objeto interno, autônomo: a organização, tal como a apresentam os gestaltistas, é igualmente enganosa, também falhando sua comparação com as cores. Não há, afinal, semelhança entre a percepção da organização e a percepção da cor, se as consideramos como primárias, porque (i) a mudança na organização não é semelhante à mudança nas cores, uma vez que aquela não implica em completa alteração da vivência visual; e também (ii) a mudança da organização, que nisto se iguala à representação, pode depender da vontade, sendo absurdo dizer o mesmo da percepção de cores.[604] Ver como pode ser uma *Willenshandlung*, enquanto ver, repetimos, é um estado e não uma atividade, da qual daríamos uma descrição.[605]

Uma imagem organizada independente de significações seria um *Unding*. Se interno e irreprodutível, tal objeto é desprovido de critérios. Se a organização fosse uma imagem interna estável e isomórfica à imagem externa, precisaríamos ainda, para reconhecê-la, de um modelo — este, em lhe sendo idêntico, não a apresentaria porém com suficiência; logo, precisaríamos de um outro, e assim sucessivamente. Portanto, também Köhler equivocadamente compara a organização a cores e formas, pois, como vimos, possuem gramáticas distintas os verbos que as expressam, *se as cores são aí tomadas como simples e não em relação com propriedades da percepção espacial (ou com outras cores)*. O objeto interno torna-se uma quimera, pois confusa sua semelhança com a imagem externa.

A única possível expressão do vivido está em oferecer, além da cópia, um seu modelo (uma simples ênfase, algo que acentue, linhas que reforcem elementos do desenho, exclamações como "uma bola!", indicações como "Considere o queixo da moça como um nariz" — todos estes critérios para o notar um aspecto e exemplos de como a linguagem é parte e condição da experiência mais direta).[606] A produção de um

---

[604] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Letzte Schriften über die Philosophie der Psychologie*, §§ 448-452.
[605] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, I, § 81.
[606] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Zettel*, § 197, uma extensa lista de modelos associada à identificação de aspectos.

modelo para além da cópia, supérfluo à expressão do ver, é o único modo de expressão do aspecto notado. Isto, afirma Wittgenstein, elimina a comparação com cor e forma. O erro da comparação é essencial, de conceito. Não se escolheu errado a experiência fundante; a cor, aliás, bem parece cumprir em nossos jogos o papel de elementar e, mais ainda, não há jogos com cores que não suponham a separação, segundo certas técnicas, de cores que então funcionam como primárias. Simplesmente, não há uma experiência prototípica do ver, não podendo a psicologia curar no futuro sua inanição substancial.

Analisar os verbos 'ver' e 'ver como'. Será isso suficiente para confundir o labor filosófico com o científico? De modo algum. "Unser Problem ist kein kausales, sondern ein begriffliches."[607] Ao descrever os conceitos, parece Wittgenstein comprometer-se com o trabalho da psicologia experimental, mas na verdade ele apenas nos ensina a ver diferenças. O erro da psicologia, erro conceitual, que o filósofo denuncia sem pretender substituí-la, "é devido ao fracasso em reconhecer a impossibilidade própria da tarefa de idealização de um vocabulário adequado à descrição do que é visto em todos os casos da percepção visual".[608] Qual a razão para tal impossibilidade? A gramática do ver não marca sua autonomia mediante um isolamento, não organiza a experiência exteriormente a uma praxis da linguagem; ela tem sentido apenas, e isto lhe é essencial, no interior de uma gramática dos usos.

5.

O problema parece dissolver-se quando o ver deixa de ser analisado como uma vivência interior, quando ver é comportar-se de certa maneira, é saber seguir regras por que se travam relações internas ao campo visual. E para o ver há critérios públicos, sendo uma forte proposição gramatical a que afirma tratar-se de coisa íntima e, logo, inobservável. Ver é estar instalado em certas formas de vida, é saber jogar certos jogos,

---

[607] Wittgenstein, Ludwig, *Philosophische Untersuchungen*, II, p. 535.

[608] Stromberg, Wayne, "Wittgenstein and the Nativism-Empirism Controversy", p. 139.

pois só quem sabe realizar certas escolhas saberá, por exemplo, até o mínimo, o elementar da percepção de cores, de que esta mancha é desta cor, que não pode ser de tais outras cores, que sendo desta cor não pode ser ao mesmo tempo de nenhuma outra, etc.[609]

A dissolução do enigma é possível se não mais esperamos confrontar a cada entidade extralingüística seu correspondente e adequado recurso de representação, isto é, caso sejam afastadas certas imagens pregnantes. A forma *quase final* alcançada na parte II das *Investigações* por suas reflexões sobre a filosofia da psicologia aparece então posterior a um novo (mas não contraditório) rumo adquirido pelas reflexões sobre o 'ver como'. Joachim Schulte alude mesmo a uma verdadeira guinada, observando ter a questão se alterado em dezembro de 1948, com os assim chamados *Letzte Schriften über die Philosophie der Psychologie*, estudos preparatórios à Parte II das *Philosophischen Untersuchungen*,[610] embora Wittgenstein aí, mediante sua procura terapêutica, talvez apenas tenha encontrado, por assim dizer, o bom exemplo, um exemplo que diríamos alegórico, pois compartilha com os demais o que lhes é essencial, mas pode todavia

---

[609] Uma indicação de Wittgenstein, nos últimos parágrafos da primeira parte das *Bemerkungen über die Farben*, é quiçá sugestiva de sua extensa leitura da Gestalt e talvez mereça maior atenção, a saber, a referência ao que podem dizer os psicólogos acerca da questão "O que você chama de 'homens que vêem'?" A resposta dos psicólogos, afirma Wittgenstein, "teria de ser: homens que, sob tais e tais circunstâncias, se comportam desta e daquela maneira" (Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, I, § 88). Ora, esta atitude do psicólogo que pode dispensar a pressuposição de uma atividade espiritual é a de Köhler, diante de outros antropóides embora: "Nenhuma das expressões que usei — afirma em uma conferência de 1925 — pretendia implicar a noção de consciência. (...) Tomemos como exemplo a frase: "O antropóide observava com grande interesse o que eu fazia." Poderia um antropóide "observar" ou ter "interesse" sem ter consciência? Poderia eu afirmar que a sua "observação" se dirigia às minhas ações sem pressupor uma consciência nele? Não sei se, nesses casos, o antropóide tem ou não consciência. Mas posso continuar o meu trabalho sem resolver esse problema, porque "observar algo" é uma expressão que tem um significado perfeitamente objetivo na linguagem cotidiana, a saber: um comportamento visível e bem característico em direção a alguma coisa." (Köhler, Wolfgang, "A Inteligência dos Antropóides", in Köhler, Wolfgang, *Psicologia*, pp. 47-48.)

[610] Cf. Schulte, Joachim, *Erlebnis und Ausdruck*, cap. 5. Em verdade, os momentos não são assim conflitantes e podemos sem muito esforço encontrar antecipado o sentido da análise final, entre outras, na lacônica observação: "Es ist die Neigung, jenen Wortausdruck zu gebrauchen, eine charakteristische Äußerung des Erlebnis. (Und eine *Äußerung* ist kein *Symptom*)." (Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Philosophie der Psychologie*, I, § 13.)

oferecer um tratamento ainda mais objetivo, independente da suposição de um "trabalho do espírito".

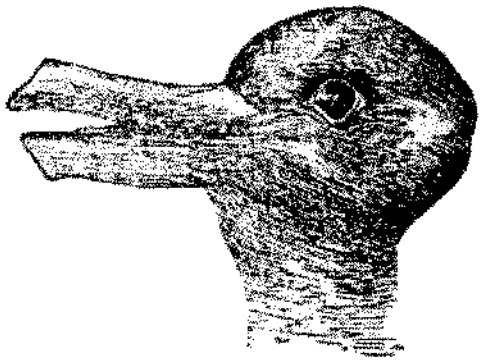
Isso não significa entretanto afirmar que, encontrando-se contextuada a análise do ver pela gramática dos usos, não haja um momento de inflexão e sobretudo de síntese. Em todo caso, não separamos nem confrontamos os textos neste momento. Tampouco fazemos a genealogia do problema e sequer acompanhamos em detalhe sua evolução. Exemplos comuns, muitos; tratamentos em regra complementares; porém, registraremos sim com certo destaque o novo exemplo.[611] Com efeito, essa "guinada" a que Schulte alude melhor configura o notar o aspecto como uma *Äußerung*, e logo como um critério da presença do fenômeno. O essencial ao novo exemplo é poder mostrar uma atividade, uma descrição de uma vivência visual segundo uma interpretação, sem precisar recorrer a uma subjetividade inefável e também sem precisar negar sua presença. Não é um objeto interno que nos garante ser autêntica a vivência, nem ele fundamenta os jogos por que podemos ensinar outrem a ver como. A percepção do aspecto e, digamos, sua natureza ou mesmo presença não se nos revelam por introspecção, cabendo então evidenciá-las em comportamentos específicos. Somente assim podemos ter critérios para a mudança e podemos identificar a razão por que tal mudança não pode ser mostrada a um *Bedeutungsblind* — outra das personagens da legião estrangeira de Wittgenstein.

Com a imagem ambígua do *H-E-Kopf*, que primeiro aparece em anotações de 1947, Wittgenstein já procurava reportar-nos a reações que evidenciariam o que vimos, identificando o aspecto pelo modo como reagíssemos (por exemplo, ao sermos convidados a imitar o animal desenhado em um cartão). Diante porém de um "cego para o aspecto", conquanto dotado de equipamento óptico não defeituoso, nada parece

---

611 Vale lembrar: com a seção xi da Parte II das *Investigações* temos um fecho apenas relativo, pois é para nós evidente que as reflexões sobre a filosofia da psicologia, em seu combate tanto a uma concepção behaviorista quanto a uma mentalista, "pneumática", propagam-se com bastante força nas *Bemerkungen über die Farben*, tanto porque estas se servem com precisão da análise da gramática do ver, como sobretudo porque continuam o combate à ilusão de que sobre cores cabe decidir pelo olhar.

poder dar conta objetivamente do fenômeno, pois nada pode eliminar ou apresentar a dessemelhança entre imagens ponto a ponto congruentes.



CABEÇA DE PATO-LEBRE[612]

Wittgenstein imagina, porém, outra situação que dissolve o enigma do 'ver como'. Para entender sua força, cabe uma breve referência à distinção entre 'sintoma' e 'critério'. O critério é um fundamento ou evidência daquilo de que é critério; trata-se pois de uma relação conceitual, não sendo de implicação lógica nem resultante de ilação empírica (como o sintoma).[613] A relação criterial seria pois a de definição, forjando convenções para o emprego dos termos: "Dado o caráter conceitual da relação criterial, os critérios que justificam o emprego de um termo formam parte do significado desse termo. Deste modo, aprender o significado de um termo implica em captar a conexão entre os fenômenos que são os critérios para sua aplicação e o fenômeno designado por tal termo. (...) A especificação dos critérios que justificam o emprego de uma expressão é uma contribuição à gramática dessa expressão."[614] Um grito não é uma descrição da dor, nem pode ser considerado um seu simples sintoma, como se um objeto autônomo pudesse ser o critério de um tal signo lingüístico. Ao contrário, o grito é

---

612 O exemplo de que se serviu Wittgenstein ele o retirou da obra de Joseph Jastrow, *Fact and Fable in Psychology*.

613 "A relação criterial é uma relação mais débil que a existente entre as premissas e a conclusão de um argumento válido, porém mais forte que a existente entre dois fenômenos associados por experiência." (Suárez, Alfonso, *La Logica de la Experiencia*, p. 161.)

614 Suárez, Alfonso, *La Logica de la Experiencia*, pp. 161-162.

um critério da presença da dor, uma sua *Äußerung*. A expressão verbal é usada para substituir uma expressão de dor, no sentido de que não se refere simplesmente a um comportamento de dor: ela é um comportamento de dor. Desse modo, "Eu tenho dores" corresponde a um grito de dor e não a "Eu estou gritando".[615]

Imaginemo-nos então andando por uma estrada. Algo salta à nossa frente e exclamamos: um coelho! Aqui o problema do 'ver como' é reapresentado pela diferença entre *Meldung* (uma comunicação do visto) e *Ausruf* (uma expressão simbólica, uma interpretação, uma exclamação), retomando a distinção primeira entre ver e ver como. Porque vemos significações, porque a expressão é um critério da vivência visual, o iluminar de um aspecto, como uma exclamação, é metade vivência visual, metade pensamento; mais do que isso: é critério para a própria presença do fenômeno. A exclamação se nos escapa: (1) é critério de uma vivência, tem duração, como o grito o é de uma dor; mas também (2) descreve, reporta um complexo, logo, é expressão de pensamento. Assim, explica-se o enigma. "Und darum erscheint das Aufleuchten des Aspekts halb Seherlebnis, halb ein Denken."[616] Do mesmo modo, a diferença entre reconhecimento e não reconhecimento de uma pessoa não se dá na imagem copiada, mas *na forma como esta experiência será expressa* (duas orelhas no lugar de dois prolongamentos, etc.).

O critério da vivência visual é a representação do que foi visto, sendo inútil a hipótese da subsistência anterior de organizações internas. Logo, o que vemos, ao contrário do afirmado por Köhler, já são significações. Se não vemos algo como um sorriso, imitamos antes um esgar, usamos outros gestos, segundo certos códigos, para substituir o visto. E eis mais um resultado importante: também ao contrário do que afirmava Köhler, ter uma nova vivência visual independe do visto; depende sim da expressão do visto, mesmo que tal expressão se limite a um *einmal so einmal anders*. A cópia não é, por causa disso, uma descrição incompleta, como se a expressão do aspecto pudesse ser resolvida por uma cópia

---

[615] Cf. Wittgenstein, Ludwig, "Notes for the 'Philosophical Lecture'", in Wittgenstein, Ludwig, *Philosophical Occasions: 1912-1951*, p. 449.

[616] Wittgenstein, Ludwig, *Philosophische Untersuchungen*, II, p. 525.

ainda mais apurada, como se se tratasse de encontrar enfim o exato correlato extralingüístico, externo ou interno, para a visão do aspecto. E só não há cegueira quando podemos compartilhar mais do que uma impressão visual, ou ainda, na bela fórmula de Wittgenstein, a cegueira para o aspecto só desaparece quando não sobra pergunta alguma.

6.

Em muitas e repetidas observações, Wittgenstein apresenta-nos os enunciados sobre cores e formas como exemplos de um simples ver, de um uso gramatical em que não teria sentido empregar a expressão 'ver como'. Entretanto, como em sua descrição acima de uma fotografia em preto e branco, também encontramos muitos textos sobre a percepção cromática em que aspectos são notados. Por um lado, Wittgenstein afirma a possibilidade de vermos diretamente significações relativas às cores: vemos então cores, mas um pensamento ressoa em nosso ver. Também o ver de cores, portanto, estado ou ato nada inocente, tem sua gramática. E esse ver de relações internas não lança hipóteses, não é uma atividade, uma mediação, um ver indireto — do mesmo modo, vemos espacialmente, vemos relações, segundo nossa linguagem cotidiana, sendo necessária refinada e posterior técnica para reduzir a perspectiva à bidimensionalidade, que a ilusão filosófica afirma ser primeira. Mas, por outro lado, Wittgenstein tampouco recusa a afirmação de o vermelho ser simples, elementar, guardando a definição da simplicidade de uma cor semelhança com a definição de cor primária. E aqui decidem jogos de linguagem.

Quem sempre vê na gravura de pato-lebre a cabeça de um coelho não domina bem nossa língua se diz que a vê como a cabeça de um coelho, assim como não entende bem nossos jogos com cores se diz de um objeto, um círculo vermelho, que o vê como vermelho. Deste modo, Wittgenstein não procura negar a simplicidade do vermelho, embora, segundo ele, esta simplicidade (relativizável) deva-se a motivos outros que os de Köhler e Helmholtz, para quem a cor é referência extralingüística da percepção e o mais exato paradigma do

imediatamente dado. Temos aqui uma forte e tradicional imagem: uma vez que nela a aparência seria o critério último da sua essência, a impressão de cor, sobre ser determinável, seria intransferível, sendo possível apreendê-la tão-só por ostensão. Entretanto, uma vez nomeadas, teríamos acesso completo a seu significado, inteiro e pronto. Como não falar então do caráter da cor? Um acesso direto, ostensivo, colocar-nos-ia de um só golpe diante da significação total do nome da cor, fixaria em nós uma tábua primeira à qual sempre poderíamos recorrer, dirimindo qualquer dúvida futura por simples olhar, ou seja, por reconhecimento de uma significação prévia, estável, cuja identidade em nós preservaria a palavra de qualquer comprometimento empírico.

Ver o amarelo, esta 'coisa', e pronto, suas propriedades desdobrar-se-iam no infinito e em um segundo, *zeitlos* em um *Augenblick*. A regra para a aplicação da palavra, fixada por uma visão direta de sua referência, estaria dada com independência de qualquer emprego. Entretanto, as cores não são 'coisas'.[617] O significado de uma palavra para uma cor não é uma caixa determinada por seu conteúdo de tal modo que só será correto um uso de uma palavra caso antecipe todo uso possível, como se a significação tivesse um critério anterior a seu emprego e, por isso, estivesse pronta e apta a apenas sair do quarto: "Sempre de novo a imagem da significação de uma palavra como uma caixa cheia, cujo conteúdo nos é dado embrulhado, cabendo-nos apenas explorá-lo".[618] Na compreensão, portanto, tudo deveria estar previsto, e isso exatamente — o que nos proporcionaria um bom mote (quiçá agostiniano) para um delírio metafísico, comparando nossa compreensão limitada, finita, com o olhar divino, pois talvez somente Deus possa realizar o que se afigura como modelo, como imagem da compreensão ideal, na qual o significado é colhido de um golpe. Prisioneiros do sucessivo, apreenderíamos na dilação o desde o início determinado, enquanto Deus veria tudo! Mas talvez, ao contrário, só saiba Deus o significado da palavra 'azul', caso se disponha a servir-se de nossas técnicas de determinação de sua identidade, em nada adiantando para Ele um olhar em nossa alma. Lá

---

[617] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, III, § 127.

[618] Wittgenstein, Ludwig, *Philosophische Grammatik*, p. 481.

não encontraria com independência de uma qualquer técnica particular de manipulação os critérios essenciais à determinação do objeto.[619]

Sem muito mistério, sem configurar um reino de significações acessíveis tão-somente por ostensão, uma cor é simples neste sentido: deve ser apresentada por uma amostra e apenas nesse ato temos acesso a ela. *A simplicidade é essencial à técnica de apresentação da cor, não à impressão correlata.* Assim, não tem sentido dizer de uma impressão que a vemos como azul, mas tem sentido dizer que a vemos como luminosa ou ainda como opaca, pois então nos referimos à relação entre uma impressão cromática e outras propriedades da percepção espacial. A palavra 'azul' referir-se-ia a uma sensação, sendo esta uma sua característica fixada em uma gramática.[620] Da mesma forma, 'cor de ouro' não é logicamente equivalente a 'amarelo', mesmo que a elas corresponda a mesma impressão, como no elmo de Rembrandt.[621] O amarelo é simples em nossos jogos, mas o dourado é propriedade complexa de uma superfície que brilha ou cintila. Logo, na circunstância do quadro, podemos ver uma impressão amarela como dourada, mas deve causar estranheza dizer que a vemos como amarela.[622]

---

[619] "Gott, wenn er in unsre Seelen geblickt hätte, hätte dort nicht sehen können, von vem wir sprachen." (Wittgenstein, Ludwig, *Philosophische Untersuchungen*, II, xi, p. 558.)

[620] Que a afirmação de uma tal característica esteja na dependência de uma gramática específica e possa por conseguinte ser relativizada, ou seja, que possamos imaginar situações que relativizem a força em aparência ineludível da proposição, isso Wittgenstein nos mostra com a situação em que a impressão de cor referir-se-ia sempre ao conjunto de tons que produz, por exemplo, a impressão de uma superfície marrom, aplicando-se então os nomes de cores apenas a complexos. Eis a grande importância do § 11 {1} das *Bemerkungen über die Farben*, II. Além disso, como a simplicidade da cor não mais se funda em uma realidade perceptiva extralingüística, Wittgenstein pode apresentar-nos situações-limite, mesmo se fictícias, em que tal necessidade parece suspensa, como no exemplo de povo que dispõe de uma linguagem binária capaz de *descrever* qualquer impressão de cor. Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Philosophie der Psychologie*, I, § 603.

[621] Retornaremos ao elmo dourado adiante, mas cabe registrar, nesta distinção entre pigmento e ocorrência cromática, a presença de um conhecimento já bem estabelecido. Sobre o ouro no quadro e sua melhor imitação com outras cores, afirmou, por exemplo, Leon Battista Alberti: "Ainda que eu viesse a pintar a famosa Dido de Virgílio, cuja fáretra era de ouro, de cabelos áureos atados com ouro e de roupa purpúrea cingida de ouro, os freios dos cavalos e tudo de ouro, eu não gostaria de empregar aí ouro, pois há muito mais admiração e elogio para o artista que imita os raios de ouro com as cores. Além do mais, vemos que, num quadro plano onde há ouro, algumas superfícies que deviam ficar escuras brilham, e quando deviam estar claras parecem escuras." (Alberti, Leon Battista, *Da Pintura*, p. 125.)

[622] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, I, § 33.

Seria, pois, uma fantasia filosófica supor simples uma palavra para cor por corresponder a ela uma sensação indecomponível. Também vimos que, se a analogia com as cores fracassa tanto em Köhler como em Helmholtz, isto de modo algum significa que certas cores não sejam simples, mas apenas que o ser simples é dado em jogos de linguagem: não é um elemento mensurável da percepção, localizável em um ponto isolado ou em uma organização elementar. De fato, em nossos jogos, não tem sentido dizer "Veja isto como vermelho", como neste exemplo wittgensteiniano de apresentação da impressão visual em que seria absurdo servir-se do 'ver como': tomar uma amostra rosa e solicitar "Veja-a como vermelha" — sendo igualmente absurdo pedir "Veja-a como rosa!"[623] Em certos jogos, como nas considerações atomistas, cores não-primárias também são simples, enquanto em nosso uso ordinário muitas são descritíveis mediante outras e, logo, em algum sentido, complexas. Temos aqui uma questão delicada, pois o rosa é em geral cor secundária, descritível pela combinação de vermelho e branco. Sua utilização neste exemplo por Wittgenstein, que jamais o incluiu entre as primárias, parece então afirmar com excepcional força a preeminência da técnica de apresentação sobre qualquer futura localização de um fragmento em uma *Farbengeometrie*. Que algumas cores sejam descritíveis, enquanto outras figuram como primárias, não elimina o fato de que se confundam com sua apresentação e possam assim sempre figurar, em certos jogos, como simples.

A simplicidade define-se pela técnica da apresentação de um paradigma. A cor é então simples porque posta como simples por estes jogos e neles assim suposta. A simplicidade, esse tema antiqüíssimo, é própria da técnica por que nomes são atribuídos a certas impressões de cores que figuram como primárias, sendo assim uma condição de nossos jogos, uma necessidade para a constituição de qualquer gramática. Porque simples uma cor, não se pode descrevê-la, sendo nosso acesso a ela possível apenas por ostensão. Eis uma observação gramatical. "É fato:

---

623 "Man zeigt jemandem rosa Löschpapier. Es wird nicht befohlen: "Sieh dies als rot!" Und ebensowenig wird befohlen: "Sieh dies als rosa!" (Wittgenstein, Ludwig, *Vorlesungen über die Philosophie der Psychologie 1946/47*, p. 530.)

"vermelho" não *é* explicado a alguém por palavras sem referência a uma amostra de cor. Não deveria ser isto importante?"[624]

Nem toda impressão cromática é simples, nem toda é imune a uma correta aplicação do 'ver como', inclusive porque podem figurar como complexas em outros jogos as que se nos afiguram simples. O que significa dizer simples uma impressão cromática? Significa que é paradigma de cor, que é utilizada como nome de cor sem relação com outras propriedades do espaço visual. A cor seria um sensorial elementar extralingüístico tanto para Köhler como para Helmholtz. Sem dúvida, também para Wittgenstein certas palavras para cor nomeiam impressões simples. É claro, então, que vermelho e verde são simples, enquanto um verde transparente, uma "propriedade" complexa; entretanto, fora de uma particular *Farbengeometrie*, nada nos permite discernir uma impressão cromática de outra ou mesmo enunciar impossibilidades. Tão-só o sistema cromático posto por jogos de linguagem parece poder, ao organizar-se, separar o simples do complexo e, através disso, impedir associações entre termos, interditar *a priori* a referência de sua afirmação conjunta, mesmo se acreditarmos possível apresentar para eles um correlato empírico, uma impressão que não tenha lugar na taxinomia existente. Até mesmo um ponto só é percebido como ponto em um fundo. Logo, a realidade mínima para que um aspecto seja notado é um contexto, assim como um sorriso só brilha em um rosto. O aspecto é portanto uma *Gestaltqualität*. Em suas anotações sobre cores, Wittgenstein detém-se amiúde a examinar como se afirma a necessidade entre conceitos descritivos da experiência. Com isso, encontra-se em jogo a relação entre termos relativos a cores e também entre estes e propriedades outras da percepção espacial. Que não tenha sentido para nós a aproximação de 'cinza' e 'luminoso', isto nos impede de reconhecer uma superfície como cinza luminosa. Há aspectos portanto que, embora se refiram a propriedades complexas, não podemos notar, pois estão interditados por nossa geometria cromática. Não podemos ver uma impressão cromática como branca transparente, nem como azul

---

[624] Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Philosophie der Psychologie*, I, § 609. Cf., sobre a simplicidade do vermelho, Wittgenstein, Ludwig, *The Wittgenstein Papers*, vol. 35; MS 133, p. 31 ss.

amarelada, etc. E tais interdições afirmam-se com força de necessidade, ou seja, dizer que não há um verde avermelhado é expressão correta das regras de uma específica *Farbengeometrie*.

Não podemos dizer que, para um nome simples de cor, digamos *flicts*, possa existir uma impressão correspondente, mesmo se nos afirmam ser *flicts* a cor da lua quando vista de perto. A cor pode até ser para nós inédita, mas jamais, em sentido estrito, simples; afinal, ela precisará ser avermelhada, ou amarelada, ou azulada, ou esverdeada; caso contrário, não a saberíamos reconhecer como cor, em cada provisório momento, segundo as coordenadas de nosso sempre completo sistema. Descobrir uma nova cor não seria como descobrir um fruto exótico ou uma nova espécie animal em uma viagem a uma floresta tropical ou às ilhas polinésias, seria sim descobrir uma nova aritmética: "Colors are like numbers and geometrical figures, and unlike apples and chemical elements, in that it is grammar rather than experience that tells us how many kinds there are".[625] Tampouco pode contradizer-nos uma expedição qualquer quando afirmamos não haver, necessariamente, impressão cromática correspondente ao verde avermelhado. Temos, nesses casos, uma interdição que independe do empírico, mesmo partindo dele, e tocamos a invenção da necessidade em nossos jogos de linguagem. Dizer que vemos como vermelho um quadrado vermelho ou dizer que não o vemos como vermelho, é puro *non sense*, não tem qualquer sentido, é dizer complexo o que é simples, o que é primário em nossos jogos, o que apenas é ou não vermelho, quando aspecto nenhum está em linha de conta ou pode ser notado. Portanto, não tem sentido dizer de um simples, de um paradigma da cor, que o vemos como sendo de tal ou qual cor.

Não há aqui uma gratuidade convencional, uma que pudesse ser posta em suspenso por um olhar excêntrico. Porque talvez possamos descrever a geometria de outro povo dizendo que tomam por primárias cores que consideramos mistas, não estamos por isso em condições de descrever nossa própria geometria como convencional, situando-nos em algum

---

[625] Brenner, William, "Wittgenstein's Color-Grammar", p. 289.

ponto arquimediano exterior à nossa forma de vida: "Heißt also der Satz "Rot ist eine primäre Farbe" soviel wie: Rot spielt bei uns die und die Rolle; wir reagieren auf Rot, Gelb etc. so und so? — Man denkt meistens nicht so: d. h., "" Rot ist eine reine Farbe" ist ein Satz über das 'Wesen' von Rot, die Zeit tritt in ihn nicht ein; man kann sich nicht denken, daß *diese* Farbe *nicht* einfach sein könnte."[626] Desse modo, a questão do 'ver como' em relação às cores, no interior de uma forma de vida, apenas se põe após o estabelecimento das cores primárias, dos paradigmas da cor, pontos excelsos que são parte da linguagem e condição de possibilidade de uma *Farbengeometrie*, segundo a qual e no interior da qual vemos relações, complexos, ligações entre as cores e outras propriedades de forma da percepção do espaço, como a transparência e a luminosidade. Postas porém as condições para o jogo, os liames essenciais entre linguagem e mundo, aspectos brilham e neles vemos as relações internas de um objeto a outros. Desse modo, sendo por exemplo um aspecto essencial ao cinza jamais ser luminoso, sendo isto uma determinação de seu conceito e de sua relação a outros conceitos (como o 'branco'), uma substância antes desconhecida e acerca da qual nos informam queimar-se com uma chama cinza, nunca será vista como cinza: "Se eu ouvisse algo assim, pensaria apenas que a chama seja *pouco luminosa*".[627] Afinal, "o que *parece* luminoso não parece cinza. Todo cinza *parece* iluminado".[628]

7.

Uma parte negativa da investigação consistiu tão-só em mostrar que, também neste caso, não é significativo o que a introspecção possa dizer a respeito. Como as palavras psicológicas, o notar um aspecto não pode resultar de uma ostensão definidora única e definitiva, porquanto a simples reprodução da imagem não é suficiente contra uma cegueira para o aspecto. Aprender significados ostensivamente, como saber ver um aspecto, é dominar uma técnica, e.g., saber separar nomes para cores

---

[626] Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Philosophie der Psychologie*, I, § 622.

[627] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, III, § 223.

[628] Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, III, 224. Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, I, §§ 34-42.

de nomes para formas. Conclusão: 'O que vejo?' Ora, isto não se resolve por introspecção, antes remete às várias expressões do visto, que, neste sentido, enquanto critérios, lhe são essenciais. Devemos assim descrever o que com palavras fazem os homens quando vêem, como podemos descrever suas ações quando contam e calculam.[629]

Parece-nos também indubitável que as *Bemerkungen über die Farben* prolongam a investigação sobre a gramática do ver e fornecem meios específicos por que Wittgenstein pode mostrar como o ver sempre se resolve em comportamentos, como depende necessariamente de técnicas, como nele se tramam relações internas, sem contudo ser necessário fixar um único emprego, sem alimentar a ilusão de um ver puro, critério último da experiência do ver, pois este inclusive só pode expressar-se no interior de jogos de linguagem, conquanto estes sejam dos mais estranhos e pouco usitados. Ver, enfim, não é uma aventura solitária. O que vemos também representamos, desdobramos em comportamentos. Afora isso, não podemos sequer confiar numa certeza íntima de que vemos mais ou de que há um ver fundante de todas as nossas certezas. Um ponto-chave é quebrar a ilusão de que o mapa da nossa íntima subjetividade não nos pode ser desconhecido, ao passo que à subjetividade alheia tocamos quando muito por analogia. Contra o racionalismo, pode-se afirmar: trata-se de um ver e não de uma variedade de pensamento. Contra o empirismo, porém, pode-se afirmar: trata-se de um ver conceitual, um ver de relações, um ver não simplesmente dado na experiência do olhar que tão-só enfeixaria impressões.

Importa ainda afastar o equívoco de considerar canônico um exemplo, como se as mutações de pato em lebre, ou de moça em velha, contivessem todo o segredo da gramática do 'ver'. Há, em verdade, análises várias da gramática do ver, interessando-nos a seguir o uso de tais verbos no interior da gramática das cores. Ou seja, o que significa dizer, por exemplo, que tal ou tal objeto não será visto jamais como branco transparente, que tal mancha cinza será vista, em certos

---

[629] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Philosophie der Psychologie*, I, § 625.

contextos, como branca, ou que a gramática de 'dourado' é diferente da gramática de 'amarelo'. Por outro lado, é muito significativa a possibilidade de relativização da simplicidade, pois, se no interior de uma *Farbengeometrie* não tem sentido "ver como" a amostra que se constitui como paradigma de uma cor, temos uma boa medida da impossibilidade de comunicação com outro universo cromático e também a quebra da ilusão de estar sua necessidade ancorada no sensível — tribunal a que recorreríamos para tornar comensuráveis convenções distintas. De qualquer maneira, não parece exato identificar o 'ver como' com o ponto prototípico de contato entre pensamento e sentidos, um ponto categorial fixo, um modo de construir a experiência, uma alternativa via de contato estável entre o sensível e o inteligível, lugar reservado por onde se cifraria um pacto secreto e indissolúvel entre ver e pensar, sendo mesmo estranha a Wittgenstein a simples intenção de generalizar e sistematizar um tal resultado. Aliás, um dos erros da *Gestalt*, prisioneira de prejuízos clássicos, foi ter pretendido tocar a álgebra da percepção elementar, equacionando-a em todos os casos como um jogo de fundo e figura, enquanto a "cumplicidade" entre ver e pensar afirma-se de muitos modos, sendo absurdo reduzi-la a uma experiência única. Não há uma forma canônica, nenhuma decifra a percepção, porque tampouco há um emprego fixo, um exercício característico da subjetividade; afinal, tanto quanto o ver, pensar significar comportar-se de certo e variado modo, ou nada.

TERCEIRA PARTE

o paradoxo de Goethe

1.

Goethe representa bem a tradição que considera o pintor a autoridade mais natural quando se trata de discernir relações entre cores. Essa afirmação, aliás, por força de repetida, tornou-se um lugar-comum. Goethe, afinal, lastimava o artifício newtoniano das experiências circunscritas ao laboratório e, lembra um comentador, "acusava de pobre uma ciência que não vê na cor, por exemplo, senão intensidade maior ou menor de vibrações matematicamente mensuráveis — e Goethe pretendia uma ciência do qualitativo, divorciada da instrumentalização matemática. Sua perspectiva, mais do que científica, é a do artista, a do pintor."[630]

Com efeito, o próprio Goethe chega a afirmar que sua *Doutrina das Cores* deixaria gratos sobretudo os pintores, pois com ela colocara-se ao lado da pintura, tendo partido, segundo seu juízo, da coloração estética das superfícies,[631] a fim de remediar a desastrosa situação em que se encontravam os artistas da cor, então amparados apenas no acaso, em um gosto particular, no costume, no preconceito.[632] O artista, uma autoridade

---

[630] Bornheim, Gerd, "Filosofia do Romantismo", p. 96. Werner Heisenberg, por exemplo, afirma ter Goethe exatamente escrito para pintores e artistas, com o que o valor de sua teoria preservar-se-ia pagando o preço único de não ser ciência. Quanto à rejeição de um tratamento matemático da cor, é claro o testemunho de Goethe, que recusa por antecipação a futura análise schopenhaueriana das divisões cromáticas. Cf. Goethe, J. W., *Zur Farbenlehre*, § 727.

[631] Cf. Goethe, J. W., *Zur Farbenlehre*, p. 329.

[632] "Mehrere Gemälde waren in meiner Gegenwart erfunden, komponiert, die Teile der Stellung und Form nach sorgfältig durchstudiert worden, und über alles dieses konnten mir die Künstler, konnte ich mir und ihnen Rechenschaft, ja sogar manchmal Rat erteilen. Kam es aber an die Färbung, so schien alles dem Zufall überlassen zu sein, dem Zufall der durch einen gewissen Geschmack, einen Geschmack der durch Gewohnheit, eine Gewohnheit die durch Vorurteil, ein Vorurteil das durch Eigenheiten des Künstlers, des Kenners, des

condenada a reinventar seu ofício, confiando em seu olhar privilegiado. Com sua *Doutrina das Cores*, porém, a instrução poderia apoiar-se, doravante, não no capricho momentâneo de uma escola, em um gosto subordinado ao costume, que o talento idiossincrático do artista talvez corrigisse, senão no caráter mesmo da cor.

Nessa tradição, outros pensadores enfatizaram esse mesmo ponto, afirmando privilegiar um tratamento fenomenológico da cor. Entre eles, Franz Brentano. Enquanto os cientistas atribuíam à experiência da mistura de pigmentos a afirmação de pintores de ser o verde uma cor mista e, com isso, facilmente apontavam a pretensa fonte de uma ilusão, de um preconceito que a moderna física e a psicologia teriam demolido, Brentano insistia na condição de misto fenomenal, para cuja defesa deve inclusive mostrar que a experiência de mistura nada prova. A visão direta da cor deve bastar.[633] E o pintor reconheceria no verde o amarelo e o azul tão bem quanto, pelo contrário, seria incapaz de encontrar no branco o mais tênue sinal do vermelho, do azul ou de qualquer outra cor — e isso com independência de qualquer experiência de mistura.[634]

Verde é uma *Doppelfarbe, keine Zwischen- oder Mischfarbe*, porquanto ser intermediária seria dispor-se em um contínuo estranho à idéia do acorde. Assim, com essa idéia de *multiple Qualität*, ao socorrer-se do olhar privilegiado do pintor, flagrando relações especiais entre entidades em aparência simples, Brentano pretende resolver o problema da continuidade em sistemas relativos à percepção, ou seja, a dificuldade em conciliar diferença e semelhança entre entidades todavia discretas e singelas. Então, ou um tom é simples ou é um acorde. Há tanto continuidade efetiva, dada na percepção, como semelhança entre

---

Liebhabers bestimmt wurde." (Goethe, J. W., "Konfession des Verfassers", in *Materialien zur Geschichte der Farbenlehre*, p. 254.)

633 "In diesem Sinne sagte einst Goethe, er sehe in dem Grün Blau und Gelb; ganz ähnlich wie ein Musiker sagen würde, daß er aus einer Tonmischung von *c* und *f* den Grundton und die Quart heraushöre." (Brentano, Franz, *Untersuchungen zur Sinnespsychologie*, p. 7.)

634 O branco é fenomenalmente simples (não se vê nele o arco-íris ou outras composições), podendo ser todavia produzido de muitas formas. E não é decerto a composição diversa que nos faria dizer uma amostra mais branca do que outra. Cf. Brentano, Franz, *Untersuchungen zur Sinnespsychologie*, p.14.

percepções, porque os intermediários são sempre múltiplos e, logo, compostos. Entretanto, ao resolver essa dificuldade elementar (uma vez que sem semelhança não há sistema), sua solução fracassa no sentido oposto de não mais poder comportar interdições fenomenológicas clássicas como as de cores que evoquem a comunhão de complementares.

E, de fato, a Brentano não falta coerência, pois oferece-nos como exemplo de verde avermelhado o verde oliva (uma das possibilidades também sugeridas por Wittgenstein), acreditando-o um recurso favorito dos grandes pintores para o pano de fundo de seus quadros, no qual acentuam o verde nas partes mais escuras e o vermelho nas mais claras, como o teria feito Ticiano no célebre quadro em que representa, além de Nossa Senhora e de Jesus e João meninos, Antônio, o eremita.[635] Em conseqüência, a interdição da dissonância só poderia ter então causas físicas ou fisiológicas; não poderia haver um azul amarelado, por exemplo, pelas razões apresentadas pela teoria dos canais oponentes, que não são razões gramaticais; logo, não pode ser dito "impossível" sem incursão empírica. Compreendida assim a continuidade, e não como gradação ou de maneira gramatical, parece difícil decidir o que pode e o que não pode haver no sistema. Além disso, a representação do círculo perde seu sentido. Sendo possível prosseguir em várias direções o caminho da semelhança, não podemos mais garantir que seja único o caminho (como o pensava, por exemplo, Wundt) nem que, partindo de uma cor em um sentido, a ela retornaremos pelo lado oposto.

Contra a simples afirmação de relações causais, Brentano procurava afirmar relações sistemáticas entre as cores, acordes harmônicos, a serem mais bem captados pelo olhar do pintor e não pelo de fisiólogos, como Helmholtz. Helmholtz pôde suplantar até mesmo um Mozart na distinção dos tons, mas isso artificialmente, mediante o recurso a aparelhos a esse fim destinados. Quem porém preferiria Helmholtz a Mozart, indaga Brentano, em se tratando da simples e direta percepção, sob as mesmas condições? "Ähnliches werden wir denn auch für die Abwägung der Urteile von Malern und Sinnesphysiologen sagen müssen. Und wo es sich, wie in

---

[635] Cf. Brentano, Franz, *Untersuchungen zur Sinnespsychologie*, p. 9 e p. 209 (nota).

unserm Fall, um einfaches Unterscheiden einer Farbennuance handelt, müssen wir dem Urteile des Malers unbedingt das größere Gewicht beilegen."[636] Em decorrência, sendo aceita a idéia de *Farbenakkord*, parece difícil o salto implicado no afirmar, tampouco estranho a pintores, que tal ou qual combinação não pode ser significativa. E talvez então só a experiência, apresentando seu acervo, indicasse as cores "possíveis". Brentano procura uma solução fenomenal (ou seja, independente de causas, de misturas efetivas) para a semelhança entre cores. Não fracassa, de algum modo, ao deixar depender de incursão empírica a subsistência de relações dadas à boa visão do pintor? Não é a recusa da idéia de acordes cromáticos essencial à incompatibilidade restrita?

Insere-se nesse debate a intuição pioneira de Ewald Hering da impossibilidade física de uma excitação conjunta de cores que se apresentam em canais oponentes, fazendo supor em um componente fisiológico a contrapartida de uma verdade fenomenológica. Fisiólogos só demonstraram a existência do mecanismo de Hering a nível celular nos anos 50 deste século, cerca de 75 anos após seu enunciado. Curiosa, porém, é a alternância dos fundamentos, cuja vindicação sugere alguma espécie mal explicada de harmonia preestabelecida. Uma estabilidade fenomenal, independente da produção física da cor, vai indicar, não obstante, a presença de um mecanismo, enquanto este, por sua feita, fornecerá a explicação das combinações possíveis. De qualquer modo, em favor dessas relações fenomenais, a par de sua suposta contrapartida física, Hering vai salientar a estabilidade fenomenal do amarelo contra quem porventura o considere uma mistura do verde e do vermelho, parecendo-lhe também natural que o pintor assuma um lugar privilegiado, se temos em conta o propósito de descrição dita fenomenológica da experiência cromática, importando seu olhar, sua autoridade, em critério para a decisão acerca de quais as primárias, etc. Com isso, devemos a esse ilustre antecessor da Gestalt outra incisiva defesa do olhar do pintor como aquele capaz de dirigir-se às percepções elas próprias, evitando

---

[636] Brentano, Franz, *Untersuchungen zur Sinnespsychologie*, p. 9.

qualquer confusão entre as percepções e suas causas físicas ou fisiológicas.[637]

2.

Retornemos, porém, a Goethe. O que significa esse olhar privilegiado a que pretende servir sua *Doutrina das Cores*, ao tempo em que dele se socorre? Desde priscas eras, afirma, o pintor tem tido a prerrogativa de lidar com a cor.[638] Portanto, de Alberti a Runge, de Delacroix a Kandinski, falar como pintor equivaleria a ocupar o lugar diferenciado da maestria da visão, ditando ademais este olho sensível e treinado,[639] junto às regras práticas advindas da experiência da mistura, os princípios mais abstratos da harmonia. Aproximando-se, em relação às cores, do ideal próprio de Goethe de um pensar objetivo,[640] o olhar do pintor pensaria a cor, sendo o mais propício a colher no visível o caráter da luz. Desse modo, apenas, a experiência da pintura teria produzido uma história da cor autônoma e rica, capaz de contrapor-se naturalmente à

---

[637] Cabe registrar a inusitada preferência de Hering pelas distinções estabelecidas em nossa linguagem ordinária, em detrimento dos termos técnicos cunhados pela ciência, como se a perspectiva do pintor e a da linguagem ordinária tendessem sempre a ser coincidentes. Assim, com relação a esse campo autônomo, fenomenológico, afirma Hering, "we often find that painters have a more correct understanding of sense perceptions than scientists, physicists, and physiologists, and that even in everyday language there is, in many respects, greater clarity on the subject under consideration than in the literature of the physiological optics" (Hering, Ewald, citado por Hesselgren, Sven, "Why Colour Order Systems?", p. 223).

[638] "Der Maler hatte von jeher das Vorrecht, die Farbe zu handhaben." (Goethe, J. W., *Zur Farbenlehre*, § 615.)

[639] Em sua reação ao mecanicismo de Newton, Goethe pretende dar expressão à história da cor, servindo-se dela como de mais um instrumento, um conjunto de ensaios, uma soma prévia de experimentos. "Die Malerei beruht eigentlich auf der Mischung solcher spezifizierten, ja individualisierten Farbenkörper und ihrer unendlich möglichen Verbindungen, welche allein durch das zarteste, geübteste Auge empfunden und unter dessen Urteil bewirkt werden können." (Goethe, J. W., *Zur Farbenlehre*, § 554.) A ciência newtoniana não só teria substituído a vida pelo laboratório, como ainda suprimira a própria história da cor, cabendo à análise fenomenológica recuperar esses dois campos nos quais a experiência e o olhar do pintor preponderam.

[640] Goethe considerava assim seu pensamento: *gegenständlich*, pretendendo com isso "daß mein Denken sich von den Gegenständen nicht sondere, (...) daß mein Anschauen selbst ein Denken, mein Denken ein Anschauen sei" (Goethe, J. W., "Bedeutende Fördernis durch ein geistreiches Wort", citado por Schulte, Joachim, *Chor und Gestext: Wittgenstein im Kontext*, p. 13).

"perversão newtoniana" de considerar o branco um composto — para Helmholtz, por sinal, dever-se-ia a uma filiação de artista compelido a procurar beleza e verdade na percepção imediata o excessivo da reação do aquarelista Goethe à hipótese de Newton, o "hetmã cossaco".[641]

Segundo Goethe, as relações entre as cores são um sinal a mais, eloqüente embora, do amplo movimento oscilatório da natureza. A natureza sempre fala. Fechamos os olhos e, ainda assim, a um outro sentido, mostra-se ela toda, em "sua existência, sua força, sua vida e suas relações".[642] Suas leis gerais buscam a simetria, ou melhor, expressam sua forma ativa, a polaridade: "Com leve oscilar de peso e contrapeso move-se a natureza e assim gera um aquém e um além, um em cima e um embaixo, um antes e um depois, por onde se condicionam todos os fenômenos que no espaço e no tempo nos aparecem".[643] Do mesmo modo (e talvez *a fortiori*), com as cores, com a natureza tal como, segundo suas leis, ela se apresenta aos olhos e neles se realiza em uma oposição primordial entre luz e escuridão,[644] sendo aqui tanto mais forte e pleno o truísmo: sobre cores, sobre a construção do visível nesse confronto de luz e sombra, aprendemos naturalmente por olhar, não tendo qualquer sentido falar de cores com o cego.[645]

Ciência eterna do visível, a análise fenomenológica de Goethe alimenta-se dessa forte imagem, a de que sobre cores aprendemos por olhar. Mais do que isso, o olho mesmo, centro ativo da percepção, *sonnenhaft*, solar, é fonte ele próprio de polaridades. As leis do ver e do visível, em sua propensão à totalidade, estão assim encerradas no olho, de sorte que o

---

641 "The reason of his exceedingly violent diatribe against Newton was more because the fundamental hypotheses in Newton's theory seemed so absurd to him, than because he had anything cogent to urge against his experiments or conclusions. But Newton's assumption that white light was composed of light of many colours seemed so absurd to Goethe, because he looked at it from his artistic standpoint which compelled him to seek all beauty and truth in direct terms of sensory perception." (Helmholtz, Hermann von, *Treatise on Physiological Optics*, vol. II, p. 115.)

642 Goethe, J. W., *Zur Farbenlehre*, p. 315.

643 Goethe, J. W., *Zur Farbenlehre*, p. 316. Cf. também o §§ 696 e 739.

644 Cf. Goethe, J. W., *Zur Farbenlehre*, § 744.

645 "Mit dem Blinden läßt sich nicht von der Farbe reden." (Goethe, J. W., *Zur Farbenlehre*, p. 324.)

círculo cromático (que para Goethe relaciona cores opostas e não cores complementares, porquanto deve recusar-se este salto na história da cor) o círculo cromático é uma determinação ínsita do olho, a um só tempo, eterna e natural.[646] No olho, a natureza pensa, embora também aí não pense como homem, mas como natureza.[647]

Goethe não chega ao enunciado da complementaridade, quer em seu sentido físico, quer no sentido gramatical. Seu conceito de cores opostas ou evocadas (*entgegengesetzte* ou *geforderte Farben*) coincide com o de cores complementares tão-só em sua extensão e nunca em sua compreensão, não servindo a expressão 'cor complementar' para traduzir tais ocorrências.[648] Não são fisicamente complementares, uma vez que não tendem em síntese aditiva ao branco nem em subtrativa ao preto.[649] Tampouco seriam complementares no sentido gramatical de não descreverem juntas qualquer fragmento da experiência sensível, porquanto Goethe chega a admitir sua ocorrência simultânea em pontos de contato de manchas opostas, antecipando em mais de um século uma das tentativas de refutação da teoria dos canais oponentes.[650] A polaridade seria assim uma força cega da

---

[646] Cf. Goethe, J. W, *Zur Farbenlehre*, § 60.

[647] Cf. Goethe, J. W, *Zur Farbenlehre*, § 708.

[648] À altura da redação de sua *Doutrina das Cores*, a totalidade já seria equivalente à complementaridade tanto para um Rumford (para quem duas sombras coloridas só estariam em perfeita harmonia caso a mescla de suas colorações produzisse a sensação do branco), como sobretudo para um Hassenfratz, que descreveu relações complementares com extraordinária precisão. Note-se que, nesse momento, Goethe já tinha plena ciência desses trabalhos (Cf. Roque, Georges, "Les Couleurs Complémentaires: un nouveau paradigme"); não obstante, enquanto Schopenhauer, mesmo com um sistema todo ele horizontal, já admite a noção de complementar, Goethe sempre resistiu a essas primeiras formulações. Bastante coerente, nunca empregou o conceito de *Ergänzungsfarben*. Afinal, "this name suggests that such color pairs complement each other to form white, but according to his doctrine white could not be a mix of colors. Only six years later Schopenhauer used the term complementary color in that very sense." (Lang, Heinwig, "Color Vision Theories in Nineteenth Century: Between Idealism and Empiricism", p. 273) Se toda doutrina da cor aproxima enfim esses conceitos, tal aproximação repugna íntima e diretamente à *Farbenlehre* de Goethe.

[649] Para Goethe, convém lembrar, o branco não é um composto. Considerá-lo assim: eis a exata perversão newtoniana. "Denk an den Abscheu Goethes vor der Idee, Weiß sei zusammengesetzt. Was heißt hier "zusammengesetzt"? und was heißt hier "einfach"?" (Wittgenstein, Ludwig, *The Wittgenstein Papers*, vol. 35, MS 133, p. 32.)

[650] Cf. Goethe, J. W, *Zur Farbenlehre*, § 43.

natureza que só a intensificação, outro princípio motor, poderia sublimar.[651] Não sendo mais que lei física, pois não teria um critério exterior ao simples equilíbrio de forças, a totalidade que o olho exige (o contraste harmônico) não dispõe de critério exterior à oposição física de que almeja diferenciar-se.

Sendo a harmonia um mero efeito da justaposição de cores opostas, ela é tão gramatical quanto o repouso provocado pelo equilíbrio de forças; em outras palavras, é gramática alguma, e o círculo cromático, determinação do olho, divorcia-se por completo da linguagem e torna-se redutível a fatos empíricos. É desse modo, em um movimento físico dependente de nossa natureza, que o olho procura a harmonia e nela descansa. Com isso, o cego para cores, digamos, o acianobléptico (cego para o azul), longe de poder ter outra geometria, teria um defeito, ou seja, uma falta que poderia ser calculada e mesmo exposta.[652] Uma psicologia apenas acidentalmente fisiológica descreveria então as leis da natureza no olho, tornando-se a *Doutrina das Cores* uma descrição do visível e dos desvios do visível, como já o observava, claramente, Wittgenstein, em novembro de 1931: "Ich glaube, was Goethe eigentlich hat finden wollen, war keine physiologische sondern eine psychologische Theorie der Farben".[653]

Nesse contexto, portanto, em que cores opostas são exploradas até em um sem-número de experimentos, resistindo-se ainda ao novo paradigma da complementaridade, o olhar do pintor é privilegiado. Mas o olhar do pintor, se de alguém com um olho universal para distinções e relações, capaz de descrever os mais sofisticados acordes, parece depender de uma gramática mais ou menos refinada ou padecer do mais puro e idiossincrático arbítrio, sendo incomunicável; afinal, como decidir entre os que crêem simples e estável o amarelo e os que, como Adolf Fick, conseguem nele enxergar um vermelho que caminhou para um verde e um verde com uma marca vermelha, ou seja, conseguem vê-lo como um exemplo de verde avermelhado, que Hering e tantos outros consideram

---

[651] Cf. Gusdorf, Georges, *Le Savoir Romantique de la Nature*, p. 84 ss.

[652] Uma proposição curiosa da *Farbenlehre*, que bem pretende simular estatuto científico, é a representação de como veria o mundo um acianobléptico (cego para o azul). Cf. a primeira lâmina da *Farbenlehre*, in Goethe, J. W., *Die Tafeln zur Farbenlehre und deren Erklärung*, p. 9.

[653] Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 4, p. 231; MS 112, p. 255.

impossível.[654] No campo desse olhar privilegiado, que melhor poderia destrinçar o campo visual, não há como decidir. Por isso, segundo Wittgenstein, esse privilégio concedido ao pintor não pode ser conduzido à sua plena realização, pois comporta, ao contrário, uma redução do significado de sua rica e prolongada experiência de representação do real.

Embora pareça ou pense cumprir o que seria próprio de uma teoria, "a doutrina goetheana da constituição das cores no espectro não é uma teoria que se mostrou insuficiente, mas realmente é teoria nenhuma",[655] isto é, com ela, análises conceituais fixam a essência da cor e não há um experimento crucial que as possa negar e nada todavia pode decidir a seu favor. A Wittgenstein, porém, não basta conceder à *Doutrina das Cores* a condição de fragmento da lógica dos conceitos de cor, indicando que Goethe, ao atingir com o fenômeno primordial à máxima elevação do empírico, confundiu as fronteiras entre a lógica e a empiria; cabe ainda expor a unilateralidade dessa análise fenomenológica.

3.

Um dos recursos característicos da técnica de Wittgenstein é a produção de exemplos, inclusive fictícios, que sirvam para testar, em situações-limite, a identidade de nossos conceitos;[656] desse modo, Wittgenstein não deixa de imaginar várias situações em que leis da *Doutrina das Cores* parecem perder sua vigência. Situações extremas desafiam então o emprego de termos cromáticos os mais inocentes, como o simples e puro 'branco'. Toda uma legião estrangeira, bem o sabemos, povoa exemplarmente seus textos, retirando nossos conceitos mais familiares de suas circunstâncias normais de uso. E isso não porque seu interesse, como o seria o de uma psicologia, seja identificar um desvio ou defeito e explicar, e. g., a cegueira para cores, mas sim por ser este um modo de

---

[654] Cf. Brentano, Franz, *Untersuchungen zur Sinnespsychologie*, p. 9.

[655] Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, I, § 70. Cf. II, § 6 (16).

[656] "Nada é pois mais importante do que a formação de conceitos fictícios que nos ensinam a compreender os nossos próprios." (Wittgenstein, Ludwig, *Vermischte Bemerkungen*, p. 555.)

abrir caminho para uma investigação *filosófica* sobre a visão "normal" ou sobre a normalidade da visão, uma vez que a variação de exemplos explicita razões que costumamos aceitar como critérios de identidade e servem para justificar nossas aplicações habituais.[657] Analisemos, então, com Wittgenstein, um enunciado canônico da *Doutrina das Cores*: "O perfeito turvo é o branco, o primeiro e mais neutro e mais claro preenchimento não-transparente do espaço".[658] Mas consideremos primeiro apenas um aspecto secundário do enunciado, e enquanto uma regra de apresentação de nossa experiência visual: O branco é a cor mais clara[659] — norma que Goethe não distingue de uma evidência científica, conquanto a diga eterna, necessária.

Se em um quadro um pedaço de papel recebe sua clareza de um céu azul, pelo menos em um sentido, em satisfação a uma regra de pintura, a uma instrução para a apresentação do real, o céu *azul* é mais claro que o papel *branco*.[660] Na paleta, entretanto, separadas ou misturadas as cores antes de sua aplicação na tela, o branco é a cor mais clara; logo, neste outro sentido, visadas suas relações internas, seu notório parentesco com o preto, o azul é a cor mais escura.[661] Eis, nesse ponto, o sentido da algo misteriosa e amiúde mal interpretada afirmação de Wittgenstein de que as observações de Goethe seriam inúteis ao pintor, não dariam conta do uso das cores em um quadro, do ver dessas cores, e apenas seriam um pouco úteis ao decorador.[662] O problema estaria em que, ao falar do caráter de uma cor, ao descrever o que seria seu "fenômeno

---

[657] A terapia concomitante, se não destrói a necessidade, afasta sua generalização, indicando as confusões a que conduz. Cf. Moreno, Arley, *Wittgenstein através das Imagens*.

[658] Goethe, J. W., *Zur Farbenlehre*, § 147.

[659] A discussão da clareza do branco faz parte da terapia da suposição de um fundamento extralingüístico comum a essas abordagens "fenomenológicas". Várias proposições gramaticais relativas a cores podem servir a esse mesmo objetivo. Destacaremos nos capítulos seguintes duas outras proposições, porque suficientemente representativas de um problema relativo ao equador, à horizontalidade do círculo (a afirmação da impossibilidade de um verde avermelhado), e de um problema relativo a seu eixo (a afirmação da impossibilidade de um branco transparente — aspecto que o enunciado anterior de Goethe enfoca de modo principal).

[660] Trata-se daquela instrução há muito considerada por Wittgenstein, sem haver então uma colisão entre os empregos. Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Philosophische Grammatik*, p. 186.

[661] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, I, § 2; III, § 132; III, § 57.

[662] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, I, § 73; III, § 90.

primordial",[663] Goethe só pode estar pensando em um modo único de seu emprego, erigindo-o em modelo de descrição de toda a experiência do ver.

Em 1798, Goethe traduziu e comentou os *Ensaios sobre a Pintura* de Diderot, nos quais é eloqüente a distinção entre a paleta comportada do protocolista e a paleta do colorista (uma imagem do caos), além sobretudo de ser forte e clara a distinção entre a própria cor na paleta e seu efeito no quadro, sendo diversos os critérios da identidade da cor.[664] Apesar disso e ainda do sem-número de experimentos que realiza, da variedade de exemplos que contempla e acumula; apesar, enfim, de seu rico arsenal de informações conflitantes sobre a história "natural" da cor, *ao fazer fenomenologia*, Goethe obriga-se a pensar as cores reduzindo-as conceitualmente à limitada aplicação na paleta (ou a uma assemelhada), quando o branco é cor de matéria e as cores outras, sombreamentos, matérias de cor que, em síntese subtrativa, só podem dirigir-se ao negro. Ou ainda, no trabalho do aquarelista, estando fora da paleta, o branco é o do papel que a cor vem sujar ou escurecer.

A semelhança percorre os casos, como a clamar em favor do fenômeno primordial da cor e a confirmar o princípio da cor como um encontro da luz com um meio túrbido, corpóreo, sombreado.[665] A cor fisiológica, acidental, é um *Minus* em relação à luz; a cor física, aparente, uma transição em direção à escuridão; a cor química, cor própria, cor de matéria ou matéria de cor, um escurecimento.[666] Misturas fisiológicas,

---

[663] O fenômeno primordial situa o cientista como que na elevação máxima do empírico (Cf. Goethe, J. W., *Zur Farbenlehre*, § 720), nada podendo ser-lhe superior no mundo dos fenômenos e cada caso sendo dele passível de derivação. No caso da cor, tal fenômeno primordial seria: "Wir sehen auf der einen Seite das Licht, das Helle, auf der andern die Finsternis, das Dunkle; wir bringen die Trübe zwischen beide, und aus diesen Gegensätzen, mit Hülfe gedachter Vermittlung, entwickeln sich, gleichfalls in einem Gegensatz, die Farben, deuten aber alsbald, durch einen Wechselbezug, unmittelbar auf ein Gemeinsames wieder zurück" (Cf. Goethe, J. W., *Zur Farbenlehre*, § 175).

[664] "Eis em uma tela uma mulher vestida de cetim branco; cobri o resto do quadro e olhai somente a vestimenta: esse cetim vos parecerá talvez sujo, fosco, pouco verdadeiro; mas restitui essa mulher ao lugar no qual está rodeada de objetos e, imediatamente, o cetim e sua cor retomarão seu efeito." (Diderot, Denis, *Ensaios sobre a Pintura*, p. 50.)

[665] Cf. Goethe, J. W. *Zur Farbenlehre*, § 69.

[666] Cf. Goethe, J. W. *Zur Farbenlehre*, §§ 573-575.

físicas ou químicas confirmam o fenômeno primordial, traduzem a mesma idéia, mostram todas o parentesco essencial da cor com o cinza, com esse representante da penumbra,[667] sendo a perversão newtoniana uma transformação do simples em um composto e do composto em simples.[668]

Goethe trata da mesma forma a gama empírica e a gama estética, não distingue síntese aditiva de subtrativa, mistura aparente de real: todas escurecem, não produzem o branco ou não podem ser mais claras que o branco,[669] pois mesmo a cor mais clara contém escuridão, é aparentada ao cinza.[670] A mistura escurece, retira do branco sua pureza. E também aí, fora de uma ocorrência na tela, a identidade da cor é bem mais estrita, de modo que nela será inconcebível um amarelo mais dourado do que a matéria de cor dourada, que também existe. Na paleta, portanto, sem qualquer relação com propriedades complexas, com *Gestaltqualitäten*, o branco tem de ser mais claro, não pode ser cinza, embora possamos produzir uma bela imagem de um muro branco, pintando-o na tela talvez com tons vários de cinza e mesmo algum branco.[671]

Contra seu explícito intento de instruir o pintor e de beneficiar-se de sua experiência e de seu olhar, o emprego em que se fixa a *Doutrina das Cores* parece resultar de uma reflexão sobre cores dispostas como que em uma tapeçaria com quadrados de cores puras, mas não sobre uma pintura. "Por isso, para Goethe, as cores eram sombras."[672] Entretanto, lembra-nos Wittgenstein, "uma pintura poderia apresentar um livro de papel branco em uma sombra e, mais claro do que ele, um brilhante céu amarelo, ou azul, ou vermelho".[673] Um certo emprego considera o branco apenas como cor de matéria (§ 52 da primeira parte das *Anotações sobre as Cores*

---

667 Cf. Goethe, J. W., *Zur Farbenlehre*, § 259.

668 Cf. Goethe, J. W., *Zur Farbenlehre*, § 176.

669 Cf. Goethe, J. W., *Zur Farbenlehre*, §§ 558-559.

670 Cf. Goethe, J. W., *Zur Farbenlehre*, §§ 556 a 559 e § 699. O azul, sobretudo, implica algo escuro, por sua afinidade com o preto (Cf. Goethe, J. W., *Zur Farbenlehre*, § 538 e § 778).

671 O cinza pode ser visto como branco em certos contextos, mas, proíbe-o a lógica dos conceitos de cor, não será visto de modo algum como branco, *caso sua variação de tons seja indicativa de profundidade ou transparência.*

672 Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, III, § 57.

673 Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, III, § 57.

de Wittgenstein). Assim, segundo as relações construídas neste emprego, o branco é necessariamente a cor mais clara.

Retirada a cor da matéria, restaria o branco, não-cor, sem cor, "incolor", pura clareza na então mais clara (hellste) matéria.[674] A "matemática da cor" desse emprego nunca se quebra, nem se lhe esvai a necessidade: o problema é sua generalização, que fundamentaria uma análise fenomenológica como a de Goethe. Logo, (§ 53) não há fenomenologia, supondo-se que uma qualquer se fundamentaria em uma identidade nos conceitos de cor, resultante das relações internas postas por um único emprego. Enquanto que, pelo contrário, é clara a diversidade, como o afirmam o § 54 da primeira parte e, mais ainda, o § 251 da terceira parte das *Anotações sobre as Cores*. Este último parágrafo, por sinal, tendo sido bastante mutilado pela edição de Anscombe, deve ser lido com todas as suas variantes: "[/] As dificuldades que / encontramos ao refletir sobre a essência das cores // se sente ao refletir sobre a essência das cores // (às quais Goethe quis fazer frente com sua doutrina das cores), / encerram-se já em não termos / apenas um // um // conceito de identidade de cor, mas sim vários deles, uns aos outros aparentados. // residem já na multiplicidade de aspectos de nosso conceito de identidade cromática. // // encerram-se já na / multiplicidade // multiformidade // dos conceitos aparentados da identidade de cor. // // encerram-se já na / multiplicidade // multiformidade // / do // de nosso // conceito de identidade de cor. //"[675]

No § 55, há a comparação entre o brilhar de uma cor e o sorrir dos olhos. Ambos só acontecem em um contexto, a saber, o do ambiente e o do rosto. Nós vemos o brilho como vemos o sorriso, notamos o aspecto, vemos relações internas. Por isso mesmo, uma cor conceitualmente escura, como o cinza, ou seja, uma assim determinada por nossos jogos, nunca será vista como brilhante. Este tipo de impossibilidade, que

---

[674] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Philosophie der Psychologie*, I, § 47. Vale também ter em conta, além de sua experiência de aquarelista, as considerações de Goethe sobre a superioridade da pintura que parte de um fundo branco, ou melhor, que é feita sobre uma base branca. Cf. Goethe, J. W., *Zur Farbenlehre*, §§ 902 a 910.

[675] Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, III, § 251.

comporta um lídimo problema fenomenológico, nós podemos bem descrever, mas no contexto da gramática dos usos, no contexto da gramática do ver. Enquanto, por outro lado (§ 56), são ineludíveis as dificuldades da *Doutrina das Cores* de Goethe, ou seja, de sua fenomenologia ou de qualquer fenomenologia que dependa de uma uniformização das ferramentas conceituais da linguagem, dada a indeterminação, em nossos jogos, do conceito de identidade de cor. Uma importante anotação ressalta e confirma o quanto a crítica à fenomenologia de Goethe incide sobre a limitação resultante de uma fixação de essências: "Que *calculemos* com certos conceitos e com outros não, isso mostra apenas quão diversas são as ferramentas conceituais (quão pouco fundamento temos aqui para supor alguma uniformidade)", pois a tal anotação encontra-se ligado o comentário à margem: "Para proposições sobre cores que são semelhantes às matemáticas, por exemplo: O azul é mais escuro que o branco. Para isto, a Doutrina das Cores de Goethe."[676]

Isso que significaria o fim da fenomenologia (neste particularíssimo sentido) não constitui uma dificuldade séria para uma gramática dos usos e antes a solicita e justifica. Como não há um puro conceito de cor, resultado de um uso único e uniforme; como são muitas as diferenças, sem que um conceito abstrato seja satisfeito por qualquer instanciação cromática ou sejam os termos para cores intercambiáveis; como nossos conceitos se ligam a usos particulares e temos por isso conceitos de cor para substâncias, outros que se referem a superfícies, outros ainda a brilhos, sem esquecer os que se aplicam a corpos transparentes:[677] as relações internas não precisam restringir-se ao limitado e exato jogo das tapeçarias!

4.

Apesar de as *Bemerkungen über die Farben* apresentarem vários exemplos de confronto entre a matéria de cor e a ocorrência no quadro, dos quais

---

[676] Wittgenstein, Ludwig, *Zettel*, § 347.

[677] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, III, § 255.

talvez o mais claro e extenso seja o exposto no § 59 da primeira parte, não podemos, fora de seu contexto, dizer inéditas as observações de Wittgenstein nem estranha a Goethe uma tal distinção. A distância entre a ordem na paleta e a ocorrência cromática é apresentada, como vimos, por Diderot, para quem o grande colorista é raro. A mistura comportada das cores na paleta, com o fito de reproduzir ponto a ponto o espetáculo de cores que nos oferece o sol da natureza, é antes indício do trabalho de um protocolista e não de um pintor autêntico.[678] Em primeiro lugar, "o artista que toma uma cor de sua paleta nem sempre sabe o efeito que ela produzirá em seu quadro". A cor isolada na paleta só pode ser comparada a outras cores, mas, "ao passá-la da paleta para o conjunto todo da cena da composição, a cor é modificada, enfraquecida, realçada, e o efeito torna-se completamente diferente".[679] E essa distância não resulta apenas da reação dos compostos, não se reporta apenas a dificuldades técnicas, que Diderot também reconhece. A distância resulta mesmo da qualidade das cores e, por conseguinte, da capacidade do colorista de ter um critério autêntico, por exemplo, para identidade misteriosa da cor da carne. A dificuldade, em segundo lugar, consiste na produção do contexto da ocorrência cromática, no qual brilha o sol próprio do artista, mesmo se então a natureza for "vista ao anoitecer". Portanto, a identidade da cor no quadro em nada pode reduzir-se à ordem na paleta.[680] O protocolista, entretanto, com sua "minúcia de míope e de burocrata",[681] é cego para a autonomia do quadro, pois não

---

678 "Aquele que possui uma viva sensibilidade para a cor tem seus olhos fixos na tela; sua boca esta entreaberta; ele ofega; sua paleta é a imagem do caos. É nesse caos que ele mergulha seu pincel e dele extrai a obra da criação, quer os pássaros e as nuanças de que se tinge sua plumagem, quer as flores e seu aveludado, quer as árvores e seus diversos tons de verde, quer o azul do céu, quer o vapor da água que os embaça, quer os animais, quer seus longos pêlos, quer as manchas variegadas de sua pele, quer o fogo com que seus olhos brilham." (Diderot, Denis, *Ensaios sobre a Pintura*, p. 46.)

679 Diderot, Denis, *Ensaios sobre a Pintura*, p. 48.

680 O cetim branco, que pareceria sujo, fosco e pouco verdadeiro fora do contexto do quadro, seria exemplo em tudo semelhante aos do ocre e do elmo dourado, não estivessem eles em obras distintas. A idéia da oposição, que bem apreciamos em Wittgenstein, não sendo nova, está longe de ser a mesma, pois o exemplo não faz seu uso, não decide com suficiência seu sentido; assim, consideradas no interior de uma crítica à abordagem fenomenológica do tipo da de Goethe, essas observações de Wittgenstein tornam-se exclusivas e inéditas.

681 Expressão de Baudelaire, citado em nota da tradução brasileira de Diderot, Denis, *Ensaios sobre a Pintura*, p. 55.

pode iluminá-lo com um sol próprio, que, de resto, não possui. É servo das leis da paleta, aplica meticulosamente leis prescritas ou por um mestre ou por um cientista, ou por ambos, embora o sol da pintura nunca seja simplesmente o da natureza. Enfim, Goethe não peca por ignorar a distinção entre cor na paleta e ocorrência cromática; e Wittgenstein tampouco inventa esse fato consabido da história da arte: confere-lhe sim um interesse conceitual estratégico.

Nos parágrafos que circundam o § 53 da primeira parte, enunciam-se decerto as mais relevantes conseqüências das *Anotações sobre as Cores*, que podem ser diretamente iluminadas por essa tradução do olhar em procedimentos. Wittgenstein, visando a tornar solúvel o problema da cor,[682] elabora metodicamente instruções para pintores, aprende as lições dos pintores, traduzindo o problema da percepção de uma cor em ações específicas e o olhar em procedimentos nunca exteriores à linguagem.[683] O 'dar instruções ao pintor' desloca a discussão sobre as cores para o interior da gramática de um jogo mais amplo, para a gramática do 'ver' e também para um conjunto nada unilateral de técnicas, um conjunto heterogêneo como a linguagem ela própria; com isso, Wittgenstein desloca a descrição da experiência perceptiva do universo aporético de uma interioridade inefável para o campo de jogos precisos e públicos, quebrando inclusive a ilusão antiga de um acesso imediato ao mundo dos sentidos.[684] Wittgenstein não abandona, porém, o terreno de uma análise conceitual; antes reconhece que jogos de linguagem diversos, empregos mais ricos de um conceito, constroem outras relações internas ou são possíveis por elas — com o que se preservam legítimos problemas

---

[682] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, II, §§ 1-3 (11-13).

[683] As regras da pintura servem como regras de interpretação espacial da experiência da visão. Cf., e. g., Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, I, § 23; III, §§ 23, 24, 173, 198, 272.

[684] As interdições cromáticas são examinadas no domínio das técnicas por que se apresentariam, sendo separada a cor na paleta (que mantém com outras cores relações externas mas também internas) das regras de apresentação do visível: "Poder-se-ia dizer que a cor do fantasma seja aquela que eu preciso misturar na paleta para pintá-lo exatamente. Mas como se determina qual seja a imagem exata?" (Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, III, § 233.)

fenomenológicos, embora insusceptíveis da "análise fenomenológica (como Goethe, por exemplo, a queria)".[685]

"Quem concorda com Goethe acredita que ele tenha reconhecido corretamente a *natureza* da cor. E natureza não é aqui o que decorre de experimentos, mas sim o que reside no conceito da cor."[686] Ou seja, a natureza é a síntese das relações internas, a determinação essencial de um conceito, tal como pode ser determinada, com relativo fechamento, em certos empregos. Se Goethe, por exemplo, acertou com a *natureza* das cores, a natureza é em sua *Doutrina das Cores* puro conceito, deriva de assunções de evidência não-física, como a de que da escuridão (das cores que são como sombras) não pode provir a claridade, o branco.[687] O branco não é uma cor intermediária entre outras, sendo repulsivo pensá-lo como resultante de mistura; assim, não é analisável em, por exemplo, um azul esverdeado, avermelhado e amarelado, ou coisa semelhante.[688] Diante de uma tal convicção, a teoria de Newton só poderia mesmo parecer uma "perversão infernal da verdade". Mas o branco, o branco com que descrevemos nossa experiência perceptiva e não o branco puro de Lichtenberg (aquele em que o emprego usual foi refinado unilateralmente e não ocorre em lugar algum, salvo em laboratório, no exagero sem circunstância de uma conceitografia cromática), nosso branco, em sentidos diversos, é e não é a cor mais clara — como uma cor seria suja como cor de uma parede mas não seria suja em uma pintura.[689]

A diferença estaria aqui entre o comportamento teórico das cores e seu comprometimento empírico, como a que se verifica entre sensações coloridas e matérias colorantes,[690] ou, bem mais que isto, podem

---

685 Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, II, § 6 (16).

686 Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, I, § 71. Cf. também III, §§ 125 e 126.

687 Em *Letzte Schriften über die Philosophie der Psychologie*, § 218, Wittgenstein, após apresentar-nos a descrição goetheana das cores como sombras, comenta: ""Várias sombras dão juntas a luz." — Esta proposição poderia quase aparecer como uma perversão infernal da verdade."

688 Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, I, §§ 70-72; III, §§ 125-126.

689 Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, III, § 89.

690 De modo semelhante à diferença (que em nada afeta a teoria) entre a gama empírica (mistura da matéria corante com o negro, o branco ou água) e a gama estética (mistura de sensações independentes da pureza das matérias ou do modo como reagem), pois a própria discrepância entre os resultados é previsível e, ademais, resultante de fatores exógenos. "As

exemplos assim negar alguma lei da *Farbenlehre*? Em um meio especial, não poderia um pigmento qualquer aparecer bem diferente do que na paleta?[691] O contexto de um lugar na íris de um olho pintado à maneira de Rembrandt não é essencial à cor que vemos? Não é nele que a cor brilha? Como então reconhecê-la em uma parede, em emprego bem mais próximo ao da paleta?[692]

Fiel a seu modo de tornar solúvel o problema, Wittgenstein transforma esses exemplos da história da pintura em desafios à identidade cromática. A identidade do conceito de cor depende, pois, de técnicas de comparação, instala-se em certos jogos, sendo difícil aplicar o conceito de identidade de cor ao que vemos, não sendo claro por si o que deve ser aceito para comparação de tons de cores. Como invocar um ver puro, anterior, sem cair em uma situação aporética – uma situação em que não há critério algum de significação, porque independente inclusive de qualquer emprego das palavras descritivas do que vemos? Como comparar uma amostra em um quadrado de papel com o que vemos em circunstância? O problema não se dá pois apenas no que vemos, coisa gramaticalmente íntima, interior, mas também no que pintamos do que vimos. Mesmo neste caso, a objetividade lograda não elimina a necessidade de técnicas de comparação.

O ver reporta-se destarte a comportamentos específicos, envolvendo contudo um aspecto conceitual que não pode ser reduzido a relações causais, no caso, à alçada da psicologia. Desse modo, dado o choque entre o sistema e um caso particular, encontram-se por isso em contradição? Teria encontrado a teoria sua cientificidade em eventos que virtualmente a refutem? Não, *auf der Palette*, podemos dizer, independentes as cores umas das outras (mesmo quando resultantes de

---

pinturas são obtidas pela combinação de matérias corantes com mordentes diversos: alumínio, sulfato de bário, níquel, cobalto, cromo, ferro, etc. São sobretudo os mordentes que se combinam dificilmente entre si e destroem amiúde o resultado de duas matérias corantes misturadas, para grande desespero do artista. Quer dizer: misturar o vermelho, o azul e o amarelo, isto é coisa da teoria; na prática, é preciso saber que produtos misturamos." (Beaudeneau, Julie, *Harmonie des Couleurs*, pp. 41-42)

691 Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, III, § 68.

692 Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, I, § 58.

mistura) e não afetadas ainda por qualquer ocorrência cromática vindoura, o jogo é outro; e, pura e simples, aconteça o que acontecer, continua a funcionar, embora esse emprego, que funciona *auf der Palette* ou em outro nível, não deva ser generalizado. Generalizá-lo seria sempre um erro filosófico, como o da fenomenologia de Goethe. Aplica-se, sem dúvida, à análise de Goethe e seu sistema a advertência dirigida contra o modelo agostiniano da linguagem: "Sim, é útil; mas apenas para este estreito e circunscrito domínio, e não para o todo que você pretende apresentar".[693] É útil, sem dúvida. Mais do que isso: continua a funcionar, é *zeitlos*, mas não dá conta de todos os usos das palavras para cores. Pode ser postulado, mas com essa restrição. E apenas com essa restrição, que também o protege da experiência que descreve, podemos julgar ter Goethe acertado com a natureza da cor. Ou seja, ele apresentou sim o que podemos fazer com cores, mas não tudo, pois o que funciona *auf der Palette*, jogo primordial, não dá conta sequer de todos os jogos de tabuleiro.

Dentre os poucos homens que talvez tenham visto o branco puro, privilegiados seriam os que o reconhecessem de imediato — os mesmos que podem reconhecer de imediato, "ao se observar as cores", se o verde é cor primária ou mista. O seu olhar de pintores decidiria. Não, precisa Wittgenstein, nesses casos decidem jogos de linguagem.[694] Se dependesse o emprego desse olhar privilegiado, desse olhar universal, não teríamos direito de, em sua ambiência normal, chamar de branco aquele que parecesse cinza junto à neve.[695] Se temos esse direito, se o chamamos ainda de branco *mit Recht*, nossa autoridade não é a do pintor preso à paleta, senão os próprios jogos de linguagem. O olhar privilegiado por Goethe, se de um pintor, é de algum prisioneiro da paleta, de um protocolista, liberto apenas paradoxalmente pela ocorrência cromática. O que importa é reconduzir tais relações internas ao solo que lhes é próprio, mostrá-las em sua dependência originária de certos jogos de linguagem. Por isso, um conceito de cor mais refinado não será *ipso facto* melhor do que um bastante impreciso, não nos abrirá a natureza última

---

[693] Wittgenstein, Ludwig, *Philosophische Untersuchungen*, § 3.
[694] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, I, § 6.
[695] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, I, § 5.

dos fenômenos cromáticos, não nos facultará o acesso a suas propriedades internas. Tudo continua a depender das formas de vida em que se instalam os conceitos de cor e que lhes conferem sentido.

Comentando Lichtenberg, que declarara terem poucos homens visto o branco puro, Wittgenstein ironiza: será que a maioria dos homens emprega errado a palavra 'branco'? E, afinal, como teria Lichtenberg aprendido o emprego correto? E responde: tudo se decide em jogos de linguagem. Ou seja, ninguém pode ver o puro branco, independente de toda circunstância, idêntico a si mesmo e imune a qualquer comparação, pois não teria sequer como recortá-lo do mundo. Podem, enfim, duas pessoas comungar a visão do branco sem que participem de um mesmo jogo? De modo algum. A questão de Wittgenstein é decisiva. Não se trata de saber onde Lichtenberg teria visto o branco puro, se ao lado da neve ou tendo-o decantado artificialmente.[696] A questão é de preferência como aprendeu Lichtenberg tal emprego da palavra, pois decerto o emprego usual não é errado nem pior do que qualquer outro. Além disso, Lichtenberg não aprendeu o emprego correto; construiu sim um emprego ideal (mas nem por isso melhor), refinando o emprego usual em uma direção em que algo é exagerado. Criou com isso um jogo de linguagem, útil decerto, inclusive para a compreensão do jogo usual, como é útil em laboratório um mais refinado conceito de mensuração "exata" do tempo, como é também útil a conceitografia (jogo refinado em uma direção) para a compreensão de nossos bem mais flexíveis usos ordinários da linguagem.[697]

Em laboratório, pode ser útil um emprego comedido da palavra 'branco'; não obstante, em um meio normal, não estávamos errados ao dizer 'branco' um papel que, depois, visto em meio à neve, nos pareceu cinza. Ou seja, para fins específicos, nada impede que utilizemos instrumentos artificiais, bem mais rígidos e supostos então necessários, sem que

---

[696] Certamente passariam por brancas manchas diversas de cor próximas ao pólo do octaedro. Lichtenberg parece pretender ter fixado o pólo mesmo, sem qualquer sombra ou matiz. Ora, se o branco e o preto são limites de uma escala cromática, ou seja, se limites do que pode ser visto, ver um branco puro é algo tão absurdo como afirmar uma tautologia com significado, uma proposição necessária que diga algo sobre o mundo.

[697] Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, I, §§ 3-5 (III, § 160).

todavia tal necessidade seja tomada como característica definidora da linguagem. "*So* spielen wir eben das Spiel." Não nos falta um meio superior, que atinja diretamente a essência. E nem tudo precisa ser explícita e univocamente dito para estar bem determinado. Afinal de contas, quando alguém nos pede para ensinar um jogo a uma criança, não precisa nem lhe ocorre lembrar-nos quão inconveniente seria ensiná-la a jogar dados a dinheiro.[698]

5.

Não por desconhecimento de tradição bem estabelecida e consentânea com a intenção do poeta, Wittgenstein enunciou essa sua heresia: Goethe não escreveu para pintores. Essa seria sua paradoxal situação, atestado sofisticado da falência de seu projeto fenomenológico: deixar de escrever para a autoridade a que deveria preferencialmente dirigir-se. Mais ainda: Goethe encontra-se nessa situação paradoxal de fazer má fenomenologia, apenas por pretender fazê-la. Sumamente paradoxal é o projeto de uma fenomenologia e notável sua incapacidade diante de lídimos problemas fenomenológicos, caso pretenda dirigir-se a essências fixando a identidade da cor, porquanto deixa então de escrever para suas autoridades preferenciais e superiores, servindo quando muito a decoradores, ou seja, a jogos conceituais limitados — com o que Wittgenstein alude talvez à descrição de Goethe dos efeitos da cor em ambientes quase monocromáticos, com o uso de papéis de parede coloridos, etc.,[699] embora duvide de sua utilidade mesmo nesse emprego reduzido, pois, conforme acrescenta, "a cor de um de olho injetado de sangue poderia produzir um magnífico efeito como cor de um papel de parede".[700] Uma tal fenomenologia seria, pois, incapaz de abandonar-se ao aprendizado da cor, no qual os pintores, *com suas convenções e seus preconceitos*, muito têm a ensinar. Falar dos caracteres das cores seria assim ocioso e sem utilidade para a compreensão da pintura: "Pensa-se propriamente com

---

698 Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Philosophische Untersuchungen*, § 71.

699 Cf. Goethe, J. W., *Zur Farbenlehre*, §§ 765-802.

700 Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, I, § 73.

isso em empregos especiais. Que o verde produza tal efeito como cor de uma toalha de mesa e o vermelho aquele outro, nada deixa inferir sobre seu efeito em uma pintura."[701]

A fenomenologia de Goethe não daria conta da heterogeneidade do jogo da ocorrência cromática e dos jogos outros em nada exteriores ao emprego correto das palavras com que descrevemos nosso campo visual. Assim, fechar-se-ia para a experiência da pintura o que se dirigia ao pintor, deixando na sombra a autonomia da ocorrência cromática a que pretendia dar a expressão da lei. Com isso, deixa de escrever para pintores por cometer o grande engano de julgá-los autoridades preferenciais por conta de um olho privilegiado, quando os pintores nos instruem melhor se compreendemos que sobre cores não aprendemos por olhar. Se Goethe pretende ter sido bem sucedido ao encontrar o fenômeno primordial da cor, a matriz da série toda de fenômenos cromáticos, no caso, a cor como uma espécie de confronto da luz com meios túrbidos, o sucesso da análise fenomenológica de Goethe coincide então com seu fracasso, pois não há com as cores fenômeno primordial algum de história natural, como ao contrário talvez haja com plantas e animais.[702]

A possibilidade de fazer, ao mesmo tempo, ciência e filosofia, de escrever assim para o filósofo como para o físico, sustentar-se-ia, na *Doutrina das Cores*, no privilégio concedido ao olhar, ao mais refinado dos instrumentos, lugar objetivo e subjetivo da cor, cifra da natureza enquanto visível. Desse modo, as *Anotações sobre as Cores* não apenas sugerem um paradoxo nesse exercício morfológico de Goethe, como sobretudo são uma extensa crítica a esse seu fundamento. Sobre cores, insiste Wittgenstein, não aprendemos por olhar; por exemplo, não pode ser visto se o verde é uma cor primária ou um misto fenomenal.[703] Wittgenstein também enuncia a retirada desse fundamento, ou melhor, a

---

[701] Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, III, § 213.

[702] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Philosophie der Psychologie*, I, § 950. Se houver uma história natural das cores, essa história de pigmentos, raios luminosos, etc. será temporal como a história natural das plantas.

[703] Como veremos, a evidência para um branco transparente não pode ser colhida pelos olhos. Por isso, mesmo se víssemos algo assim, não estaríamos tentados a chamá-lo de branco e transparente.

transferência desse fundamento para jogos de linguagem: "32*. Eu posso mostrar a alguém um objeto, porque sua *cor* é saliente, e quero mostrá-*la* a outrem; mas isto já pressupõe um certo jogo entre nós. 33*. Sim, ele pode / ficar perplexo de admiração // admirar-se // ao olhar o objeto; mas que ele 'se admire da cor', que a cor seja o *fundamento* da admiração, e não quiçá apenas a *causa* de sua vivência, para isso ele precisa do conceito de cor, / não apenas dos olhos // não apenas do ver //."[704]

Se, portanto, em certos momentos, devemos constatar que estamos diante de um "fenômeno primordial", o fenômeno que encontramos como primeiro é apenas: este jogo de linguagem é jogado,[705] não havendo ademais com cores um jogo único, conceitográfico e excludente. Wittgenstein dirige-se, desse modo, a problemas fenomenológicos abandonando o privilégio do olhar que favoreceria a autoridade dos pintores, mas absorvendo ao contrário a experiência privilegiada da pintura tal como ela sistematiza mais um jogo de linguagem por que falamos de cores. O círculo cromático deixa de cifrar fatos empíricos sobre o olho, como se fora sua determinação interna ou expressão de leis da natureza. "It [o círculo cromático, ou um modelo como o octaedro] is more properly seen as a graphic device for expressing certain of the logical relationships which hold between the colour concepts implicit in the languages human beings use in the language games constitutive of their day to day lives."[706] Neste sentido, as cores não têm uma estrutura, não têm um caráter, ou melhor, têm estrutura, não necessariamente única, se os jogos de linguagem com palavras para cores tecem relações internas.

A lógica dos conceitos de cores não se subordina assim a um jogo único, homogêneo, dependente do caráter das cores, sobretudo porque as cores não são coisas com caráter determinado, sendo antes colhidas em jogos heterogêneos, como o exemplificamos com o problema da clareza do branco. Não havendo emprego único, a negação de uma fenomenologia tem o já referido corolário de uma nova posição para o octaedro — agora apresentação incompleta e relativizável. Ainda terá preferência o

---

[704] Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, III, §§ 32* e 33*.
[705] Wittgenstein, Ludwig, *Philosophische Untersuchungen*, § 654.
[706] Stock, Guy, "Review: *Remarks on Colour*", pp. 449-450.

octaedro, em virtude de sua conformação gramatical, mas não pode ter exclusividade, não podendo servir, como outrora, como a apresentação panorâmica do espaço das cores. Qualquer apresentação revela-se enfim dirigida a uma quimera, a uma falsa idealização:

> "Eu quero pois afirmar: O 'puro' conceito de cor, que se quer extrair de nossos conceitos ordinários, é uma quimera. Há certamente diversos conceitos de cor e, entre eles, os que podem ser chamados de mais puros e de mais impuros.
>
> Em vez de "quimera", poderia ter dito "falsa idealização".
>
> Falsas idealizações são talvez as idéias platônicas.
>
> Se há algo assim, então deve falar absurdos quem idealiza falsamente, — porque ele emprega um modo de falar que vale em *um* jogo de linguagem em outro jogo, no qual esse modo de falar não tem lugar.
>
> Se tipos estão guardados em algum lugar, quem diz *quais* tipos?
> — Todos que podem ser imaginados?!"[707]

[707] Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, IV, §§ 5-7.

o verde avermelhado

> Zwischen Grün und Rot, will ich sagen, sei eine *geometrische* Leere, nicht eine Physikalische.
>
> Ludwig Wittgenstein[708]

1.

Entre o verde e o vermelho não há um vazio físico, senão um geométrico. Não há portanto como escandir esse vazio, como enxergar nessa lacuna, sem levar às raízes a incerteza, sem fazer filosofia. Tentamos pensar um verde avermelhado e mostra-se vão todo esforço. Pensá-lo parece impossível. Mais ainda: não parece ao menos de alguma valia tentar produzi-lo ou procurá-lo em parte qualquer da natureza. A proposição "Não há um verde avermelhado" comportaria portanto uma verdade, a par de empírica, necessária, a exemplo de outros tantos axiomas de uma "matemática da cor" (eine Art Farbmathematik).[709] Por isso mesmo, tais proposições determinam seus conceitos, são "begriffsbestimmende Sätze":[710] "Cores são algo específico, inexplicável por qualquer outro meio";[711] "O branco é a cor mais clara";[712] "Não há branco transparente";[713] "O amarelo é mais aparentado ao vermelho do que ao azul".[714]

Proposições assim parecem situadas entre a lógica e a empiria, pois funcionam, a depender de seu uso, ora como expressão de uma norma,

---

708 *Bemerkungen über die Philosophie der Psychologie*, II, § 423; *The Wittgenstein Papers*, vol. 103; TS 232, § 422; *Zettel*, § 354.
709 Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, III, § 3.
710 Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Philosophie der Psychologie*, II, § 421.
711 Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Philosophie der Psychologie*, I, § 628.
712 Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, I, § 2.
713 Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, I, § 17.
714 Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, III, § 50.

ora como expressão de uma experiência.[715] Mas, uma vez gramaticais, quer como regras da percepção, quer como fundamento para uma doutrina da harmonia, sua força de necessidade é clara, sua feição geométrica, como bem o percebeu o pintor e teórico das cores Philipp Otto Runge: "Caso alguém deseje imaginar um laranja azulado, um verde avermelhado, ou um violeta amarelado, sentir-se-ia como em um vento norte vindo do sudoeste..... Branco e preto são ambos não-transparentes, corpóreos..... Água branca e pura é tão inimaginável quanto o leite cristalino (klar)".[716] Nesse caso, aliás, a analogia entre cores e pontos cardeais é estrita, pois Runge representava as relações entre as cores por meio de uma esfera, cujo eixo seria cinza, o pólo norte branco e o pólo sul preto, dispondo-se as cores saturadas, em um círculo cromático, na linha do equador, a igual distância dos dois pólos, bem à semelhança do globo terrestre. Desse modo, representar-se um branco transparente seria um índice literal de *desnorteamento*.

Mas, insistamos ainda uma vez, o subseqüente recurso a vários exemplos, a freqüente descrição de situações empíricas, grande parte imaginárias, pode iludir-nos, levando-nos a pensar que a investigação das proposições gramaticais desanda porventura em antropologia — caso em que seríamos bem sucedidos na distinção entre o empírico e o gramatical através da descrição de comportamentos sociais, ao dizermos talvez que tais homens empregam essa ou aquela proposição como uma convenção. Não seria contudo o uso das cores o que melhor nos permitiria afirmar, mesmo após a constatação da irrelevância do empírico para a significação, uma relevância em última instância das particularidades desse nosso mundo — afirmação que de resto vincularia Wittgenstein a um movimento bem amplo, em sentido lato, empirista?

Vejamos estes três exemplos extraordinários, estas três situações fictícias, em que razões de ordem física parecem suprimir a identidade da cor, que

---

715 Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, I, § 32; III, § 19. Uma fronteira assim lábil seria simples escândalo, se a mirássemos ainda desde o ponto de vista do *Tractatus*. "Die richtige Erklärung der logischen Sätze muß ihnen eine einzigartige Stellung unter allen Sätzen geben." (Wittgenstein, Ludwig, *Tractatus Logico-Philosophicus*, 6.112.)

716 Em carta a Goethe, citada por Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, I, § 21.

portanto sustentariam: (i) um mundo onde as cores não estivessem em relação com as outras propriedades de uma coisa, onde não encontrássemos associados termos como os que nos levam a dizer verde a grama, preto o carvão e vermelho o sangue;[717] (ii) um mundo outro em que as cores estivessem em perpétua mudança, quiçá graças a alguma propriedade atmosférica, e onde provavelmente faltariam palavras para cores;[718] e (iii) um mundo monocromático, constrangedor, também a proibir, agora em sua fantasmagoria, a existência de vários ou até de um único nome de cor.[719] Estes são uns poucos exemplos "de inumeráveis questões semelhantes". A lista pode ampliar-se muito; em todo caso, com tamanha variação de exemplos, Wittgenstein não visa a extrair a gramática de um jogo de relações externas nem a fazê-la dele dependente. Pelo contrário, conquanto reconheça ser bastante difícil separar, nesses casos extremos, "a possibilidade física da possibilidade lógica", de modo algum podem por si interessar-nos os laços causais, os contextos empíricos, em que decerto são ligados nomes a cores, pois o empírico adquire relevância, certamente, mas enquanto elemento interno à linguagem e nela suposto. E, enfim, a impossibilidade que cumpre investigar é antes do tipo da presente na proposição: "Sem figuras de xadrez [quaisquer que sejam seus formatos ou materiais] não se pode jogar xadrez".[720]

É claro que um discurso sobre as cores supõe uma regularidade última que sustente sua aplicação, não sendo tal regularidade apenas física. Provavelmente, outros jogos teriam importância em um universo diferente do nosso, e outras seriam as distinções relevantes em outra forma de cultura. O próprio Wittgenstein imagina várias situações em que as cores desempenhariam outro papel: "(1) Cores determinadas ligadas a formas determinadas. Vermelho circular, verde retangular, etc. (2) Matérias de cor não-fabricáveis. Não se pode colorir coisas. (3) *Uma* cor sempre ligada a um cheiro desagradável ou a venenosidade. (4)

---

[717] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Philosophie der Psychologie*, II, § 197.
[718] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Philosophie der Psychologie*, II, § 198.
[719] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Philosophie der Psychologie*, II, § 199.
[720] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Philosophie der Psychologie*, II, §§ 197-199.

Cegueira para cores mais disseminada do que entre nós..."[721] — caso a que se podem somar razões culturais aos elementos do mundo. Estas situações de ficção e várias outras servem de contraponto, mas não pretendem sugerir uma simples tradução do empírico pelo gramatical, como se nossas razões pudessem todas ser reconduzidas a causas. De certa forma, é o que Wittgenstein recusa ao enunciar que questões gramaticais não podem ser decididas por um nosso sentimento e antes determinam sua profundidade.

"Por que não são incluídos o branco e o preto no 'círculo cromático'? Apenas por chocar-se isso com / um sentimento dentro de nós // nosso sentimento //?"[722] A exclusão do branco e do preto do rol das cores exige uma representação tridimensional do *Farbenraum*, embora nem sempre isso tenha sido expresso segundo estritas coordenadas gramaticais. A exclusão parece até poder ser explicada. Por exemplo, já no século XV, temos em Leon Battista Alberti o enunciado de um forte critério para essa exclusão, sem que seja sequer clara a representação das cores em um círculo cromático. "Falo como pintor. Digo que pela mistura das cores nascem infinitas outras cores, mas existem apenas quatro cores verdadeiras de acordo com os elementos e, dessas quatro, muitas e muitas outras espécies de cores nascem." Alberti fala como pintor, mas sua definição do verdadeiro, porque ligada aos elementos, não parece resultar de simples experiência com a paleta, satisfazendo também um juízo prévio: "Existe a cor do fogo, o vermelho; a do ar, o azul; a da água, o verde e a terra tem a cor cinzenta e parda". Em todo caso, um critério se enuncia: o branco e o preto não seriam cores, seriam apenas alterações de outras cores. E, falando genuinamente como pintor, Alberti fornece-nos uma prova empírica: em um quadro, é para a representação da luz e das trevas, em seu estado mais puro, que eles concorrem, estando assim "debaixo daqueles quatro gêneros de cores". Além disso, e de modo ainda mais importante, sua mistura "não muda o gênero das cores, forma espécies".[723] Desse modo, a representação do espaço das cores pareceria

---

[721] Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Philosophie der Psychologie*, II, § 658. A lista é mais extensa e poderia mesmo ser ampliada.

[722] Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, III, § 80.

[723] Alberti, Leon Battista, *Da Pintura*, Campinas, Ed. da UNICAMP, 1992, pp. 80-81.

advir das propriedades de seus elementos, assim como certas lacunas estariam por abismos físicos.

Entretanto, ainda que possamos encontrar na experiência causas para a exclusão do branco e do preto do círculo ou explicações para pontos excelsos, nada disso daria conta de sua necessidade. Enfim, a resposta aparece, "lógica", gramatical. Primeiro, não pode se tratar de um sentimento, pois, "em uma amostra colorida [assim como em muitas bandeiras], o preto e o branco poderiam estar ao lado do vermelho e do verde, etc., sem se segregarem como de outra natureza".[724] Um tapete quadriculado (o branco e o preto em relação com o vermelho, o amarelo, o azul etc.), não nos sentiríamos inclinados a vê-lo dividido em uma parte colorida e outra não colorida. Ocorrendo porém em algum círculo cromático, reporta-se a exclusão, nos jogos em que participam as cores, ao fato "lógico" de que o branco e o preto se misturam significativamente (e não apenas empiricamente, o que valeria para qualquer pigmento) com todas as cores, ou seja, com uma cor qualquer *e também com sua complementar* — o que exatamente contraria a função precípua dos círculos cromáticos, fragmentos de uma gramática, conjuntos por vezes concorrentes de normas, de representações de uma dimensão do espaço das cores e, logo, de parte de suas regras gramaticais.

O branco e o preto não podem estar no círculo sobretudo porque, conquanto opostos os mais extremos, combinam-se significativamente e em qualquer proporção, isto é, produzem a variada gama do cinza.[725] O emprego determina a condição gramatical do enunciado, deslocando por vezes uma regra de pintura para o conjunto das normas de representação. Em certos jogos, todas as cores, o branco e o preto inclusive, estão em mesmo plano, embora nas relações internas que estabelecem o branco e o preto entre si e com as cores, mostre-se não-colorido o eixo do *Farbenraum*. O jogo seleciona e diferencia, sem que diferenças de propriedades das cores digam sozinhas o que o jogo pode

---

[724] Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, III, § 85.

[725] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, III, § 85.

ser. Em um sentido tão-somente gramatical, não pode haver cor alguma entre o branco e o preto. E as cores não estão em seu caminho.

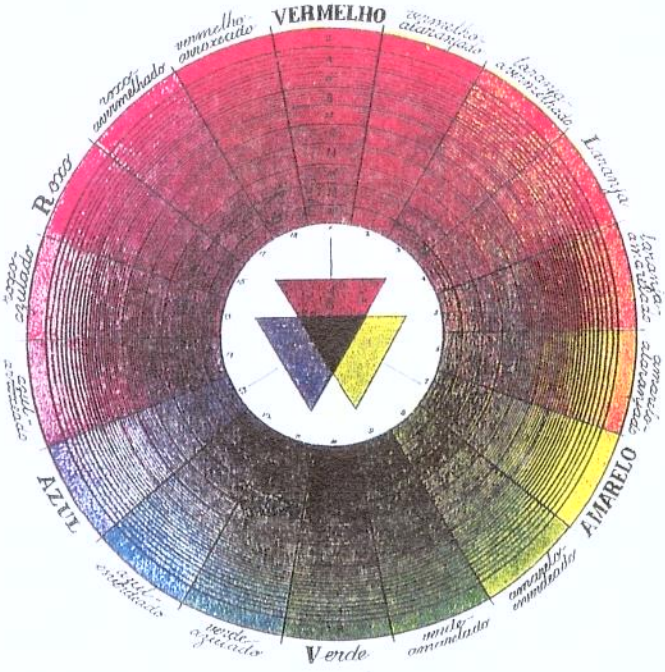
2.

São fatos empíricos (e externas suas relações) a diversidade das culturas e a variedade de ocorrências cromáticas dos objetos, mas são contudo necessários os critérios postos por jogos de linguagem, cujo lugar não pode ser outro que o de tais e mesmas formas de vida. Tornam-se necessários os critérios de identificação assim como sem "figuras" não há jogo de xadrez. A diversidade dos fatos culturais e das ocorrências cromáticas é assim reescrita pelas relações internas postas pela gramática dos jogos; por conseguinte, não pode negar proposições que nela figurem como axiomas. A transparência possível do verde, se não é uma propriedade ínsita do verde, é posta, não obstante, com força de necessidade. Pareceria então incoerente o bem disseminado uso de exemplos, de situações contrafatuais, não fosse sua função relativizar essa imagem pregnante, como ao imaginar-se uma situação em que um fato antes julgado contraditório encontra seu lugar, em que, e. g., duas amostras incompatíveis se nos aparecem como sombreamentos de um mesmo.

A todo momento decidem jogos de linguagem porque apenas neles se tecem critérios para a aplicação das palavras. Importa agora repeti-lo para recusar também a idéia de que, associados os conceitos de cor a formas de vida, sua determinação seja posta na preponderante dependência de alguma história das técnicas de pintura ou de coloração, como se fosse a cor a almofeira decantada por pigmentos. Que acasos dessa natureza estejam colados a nossos jogos de linguagem, é evidente; entretanto, os homens poderiam, por exemplo, desenvolver os conceitos de cores intermediárias ou de cores mistas "mesmo se nunca tivessem produzido cores por misturas (em qualquer que seja o sentido)".[726] É pois em jogos de linguagem que o verde se determina como ponto excelso, ou

[726] Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, I, § 8.

seja, não pode ser neles descrito como amarelo azulado ou azul amarelado, uma vez que, em nossos jogos de mistura ou de escolha de tons, "um verde menos amarelado não é porém um azulado".[727] Em outras palavras, é segundo certas técnicas e em certos jogos que se determina o que simplesmente vemos, condicionando-se em decorrência tudo que podemos ver.



CÍRCULO CROMÁTICO DE MOSES HARRIS[728]

Se não é um olhar que determina a posição do verde, que lhe concede ou retira a condição de ponto excelso, tampouco é a mistura empírica com tintas ou uma retiniana. A noção de cor intermediária, enquanto gramatical, está longe de ser um resultado conceitual da experiência de

---

[727] Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, I, § 7.

[728] São muitos e divergentes os círculos que sistematizam as relações das cores primárias e suas gradações intermediárias. Este círculo cromático de inspiração newtoniana foi composto no século XVIII pelo naturalista Moses Harris, com o objetivo de dispor de uma técnica mais precisa para nomeação e classificação de matizes apresentados por insetos. Nele, ficam bastante claras relações que se fixam no aprendizado do conceito de cor intermediária, ajudando-nos sem dúvida no entendimento das possibilidades e interdições apresentadas em seguida, embora no círculo acima sejam apenas três as cores primárias, sendo o verde complementar ao vermelho e cor intermediária entre o amarelo e o azul. Ilustração reproduzida de Mueller, Conrad & Rudolph, Mae, *Luz e Visão*, p. 129.

pintores com suas paletas ou de seu reconhecimento de uma composição retiniana, não sendo o fracasso em produzir um verde avermelhado que o torna impensável. Os conceitos podem ser separados de sua história empírica, postos como independentes de uma produção que os evidencia ou não como mistura (*in welchem Sinne immer*), não se tornando contudo decisiva a percepção imediata da cor como fundamento de qualquer jogo. Cabe-nos, ao contrário, flagrar os conceitos em sua circunstância de uso, "levar em conta os *detalhes* e as *nuances* das passagens entre os diferentes jogos",[729] não consistindo a descrição filosófica, *mesmo em se tratando de cores*, em uma entrega aos dados empíricos, "ainda que os tenha como ponto de partida".

"Philosophische Untersuchungen: begriffliche Untersuchungen."[730] Logo, uma distinção empírica importará tão-só ao revestir-se de significação conceitual.[731] Cabe então enxergar um *logisch Wichtiges* até no que tem importância psicológica, como a familiaridade com um sistema cromático. Apenas assim pode interessar-nos a inclinação que nos faz sentir natural a opção por esta ou aquela tonalidade como sendo a saturada, ou ainda nos faz considerar o verde uma cor primária — e não uma cor mista (*Mischfarbe*) ou intermediária (*Zwischenfarbe*) entre o amarelo e o azul. O que pode haver então de conceitual em decisão assim arbitrária ou determinada fisiologicamente? Não se trata de um mero hábito, de uma freqüência causal que nos acostumou a considerar como opostos azul e amarelo, tanto quanto verde e vermelho, pois preferir um modelo cromático a outro é algo que se pode pôr na dependência da gramática que confere sentido a certas expressões e a outras não. Quem não considera o verde uma cor primária deveria saber apontar o que denotam as expressões, para nós absurdas, 'amarelo azulado' ou 'azul amarelado'. E note-se que tal ostensão absurda não é impossível, ou melhor, parece poder corresponder a algum uso de nossas palavras para cores, embora em uma atmosfera para nós irrespirável!

---

[729] Moreno, Arley, *Notas Preliminares a um Estudo das* Investigações Filosóficas, comentário ao § 66.

[730] Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Philosophie der Psychologie*, I, § 949.

[731] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, III, §§ 188 e 211.

Conseqüência semelhante teria o considerar-se o amarelo uma *Zwischenfarbe*. Quem assim o considera deve ser capaz de enxergar onde para nós só há uma lacuna geométrica, deve jogar um jogo que não entendemos: apontar um 'verde avermelhado'. Logo, não parece contraditório pensar possível um sistema cromático sem este vazio, sem esta lacuna, mesmo quando, *abgesehen von jeder Erfahrung*, continuamos a considerá-lo desprovido de sentido. E não se trata aqui de possuirmos ou não uma mesma representação mental, de estarmos ou não, segundo algum misterioso critério científico, vendo o mesmo, mas sim de uma impossibilidade dada na linguagem, configurada em seus jogos, entre os quais figuram essencialmente aqueles em que nos servimos da apresentação de amostras, paradigmas internos à linguagem.

Na situação ("fictícia" ou não) em que há o conceito de cor intermediária independente de mistura, não sendo o verde uma cor intermediária, poderia haver uma geometria das cores que admitisse um azul amarelado ou um verde avermelhado — o que só nos pareceria possível se o verde fosse uma intermediária? Há desvios que não decorrem de uma diferença física, ou seja, há desvios geométricos. Uma cegueira individual é um defeito; uma coletiva, não, podendo a diferença não dever-se a uma causa, embora não pela imposição moral de uma consciência coletiva e sim pela natureza conceitual do que esse emprego torna inexorável. Logo, uma outra geometria que não corresponda a uma cegueira, a um defeito, a uma causa?[732] Um outro modo de seguir a regra relativa ao conceito de cor intermediária, no qual seria compreensível a instrução "Mostre-nos um verde avermelhado"?

Podemos imaginar a regra sem ser seguida, ou seja, que alguém nos aponte sem hesitar e de modo consistente verdes avermelhados.[733] Podemos até associar à diferença uma causa, sem que dela decorra a

---

[732] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, I, § 9. Os §§ 66, 77 e 78 devem ser aproximados do § 9. Como reconheceríamos como conceitos de cor os que fossem diferentes dos nossos? Certos homens: um outro povo? Parece que sim, demarcando-se uma distância em relação a anotação correlata anterior, na qual Wittgenstein indagara se o cego para cores teria sozinho uma outra geometria cromática.

[733] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, I, § 10.

passagem contínua, o sistema que nos deve ser mostrado.[734] Parece tolerável o recorte de um círculo que torne o verde uma cor intermediária, mas bastante difícil considerá-lo cor primária e, ao mesmo tempo, apontar um verde avermelhado. A discordância seria ainda mais radical. Se, na situação fictícia em que os matizes já estão presentes para escolha, há o conceito de cor intermediária (ou seja, de cores dispostas entre duas outras, comportando gradações) e o verde é intermediário entre azul e amarelo, poderia haver, por um lado, uma passagem direta entre o azul e o amarelo, uma gradação ininterrupta, e o verde poderia, por outro lado, estar próximo (sem intermediários) do vermelho por sobre o amarelo ou o azul; dessa maneira, haveria pessoas com outra *Farbengeometrie*. Isto seria claro. Parece porém que Wittgenstein coloca uma situação mais radical: um verde avermelhado sem que o verde seja intermediária. Antes explicava por que não podia haver um verde avermelhado, agora coloca-se um modo radical de não seguir a regra dos intermediários. O contraste seria radical, pois então esse verde não seria uma de nossas cores e, todavia, não temos critérios para o que seja uma cor, salvo o de ser uma das nossas.

Situações fictícias com os cegos para cores.[735] Elas trazem a novidade, com relação a exemplos anteriores, de serem realmente fictícias, de não se basearem no caso isolado e mensurável de uma deficiência, de se alastrarem majoritariamente, constituindo padrões estáveis e coletivos. Um povo, enfim.[736] Deixam com isso de favorecer a viagem de algum naturalista (como Oliver Sacks em expedição à "ilha dos cegos para cores")[737] e passam a instruir o filósofo em sua viagem às raízes da normalidade. Poderíamos ter dificuldade para traduzir a língua de um povo de cegos para cores, mas o obstáculo não estaria aí em alguma aptidão ausente a nosso povo, mas na incomensurabilidade dos critérios. O emprego e o aprendizado do emprego das palavras para cores seria

---

[734] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, I, § 11.

[735] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, I, § 12.

[736] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, I, § 13.

[737] Cf. Sacks, Oliver, *A Ilha dos Daltônicos e a Ilha das Cicadáceas*. A tradução "Ilha dos Cegos para Cores", além de talvez mais forte, seria mais adequada, inclusive porque o *maskun* estudado por Sacks é uma forma congênita de acromatopsia e não de daltonismo.

diferente, e mesmo que fosse natural a esse outro povo (que misteriosamente fala português) empregar as expressões 'verde avermelhado' ou 'azul amarelado' e houvesse a suposição de uma diferença fisiológica, ainda assim não seríamos obrigados a reconhecer que vejam o que não vemos, uma vez que nosso ver das cores não é independente de nossos critérios para o que são cores.[738] A descrição do ver normal foge então à alçada da psicologia e mesmo à da antropologia: ele não é um fenômeno a ser descrito, um desvio em relação à norma.[739]

Compreendemos uma expressão sobre cores não por termos delas, mentalmente, um correlato — sendo irrelevante se o possuímos ou não.[740] Assim, "não podemos compreender" tampouco equivale à subtração de algo a nosso olhar, pois, afinal, fosse este o critério, qualquer representação e nenhuma seriam satisfatórias. "Não compreender", pelo contrário, significa, quase banalmente: não podemos saber o que pôr no lugar, não sabemos ao certo que instruções seguir, não temos critérios, etc. Devemos saber escolher (se entendemos o significado da palavra 'rötlich' e jogamos o jogo das cores intermediárias, seguindo de modo conseqüente a regra de sua aplicação) qual amostra é mais ou menos avermelhada; entretanto, como não estamos no território de ninguém da interioridade, como toda escolha só tem sentido no interior de uma gramática, saberíamos que alguém joga um jogo diferente, caso, diante de duas amostras de verde, nos apontasse uma como sendo a mais avermelhada. Ele simplesmente joga algo que não podemos entender, sendo absurdo dizer que veja algo que não vemos.

Wittgenstein concebe até situações em que verde e vermelho se apresentariam como sombreamentos do mesmo, sendo lícito percorrer entre eles uma seqüência contínua sem estações intermediárias, de modo que não podemos simplesmente afastar como impossível a expressão

---

738 Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, I, §§ 13-14.

739 Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, I, § 16.

740 "Não se trata de discutir sobre a existência ou não de objetos extralingüísticos [as cores, por exemplo], mas somente de mostrar que a significação lingüística independe de tais objetos — que podem eventualmente existir ou não." (Moreno, Arley, *Notas Preliminares a um Estudo das* Investigações Filosóficas, comentário ao § 20.)

"verde avermelhado", como se não pudesse ela ter lugar em nenhuma forma de vida. Mas, não fica com isso ameaçada a noção de identidade de cor? O que dizer de alguém que nos mostra o verde avermelhado? Segue ele coerentemente alguma regra? O que nos permite dizer que se trata de azul uma ocorrência cromática inédita? Será que um evento assim não põe em questão todo nosso aprendizado da regra, porquanto mesmo uma tabela com que porventura contemos pode também ela ser interpretada?

Se a descrição do ver e do visto tem algum sentido, ver deve significar comportar-se de um certo modo, saber seguir certas regras, não entender outras, etc. Que haja aqui lugar para algumas dúvidas céticas acerca de como podemos saber se, com cores, jogamos o mesmo jogo, situa bem a discussão sobre as cores primárias (em especial os §§ 6 a 14 da primeira parte das *Bemerkungen über die Farben*) no contexto teórico das *Philosophischen Untersuchungen*. Wittgenstein já discutia, no início dos anos trinta, as interdições postas pelo octaedro. Agora, não só afasta a ilusão de que possa ser decidido imediatamente, por recurso a uma experiência perceptiva, qual cor é primária, como ainda descreve jogos por que uma tal determinação se fixaria.

Como o que é uma cor primária se determina em jogos de linguagem, é nestes que devemos procurar o fundamento da incomunicabilidade entre distintas geometrias cromáticas e do próprio significado da interdição gramatical então relativizada. Logo, se a decisão acerca da existência ou não do verde avermelhado comporta necessidade, está em questão a aplicação significativa ou não de regras relativas ao sistema conformado em nossa geometria cromática, tal como resulta de específicos jogos de linguagem. Temos a regra para a procura de uma cor intermediária; por que não teria sentido a indicação de uma certa extensão como sendo verde avermelhada? E se alguém que até hoje aplicou corretamente a palavra "avermelhado" nos indica uma amostra verde à qual afirma também poder aplicar significativamente aquela palavra?

3.

Está em jogo o 'seguir a regra'. Vale então considerar o célebre paradoxo cético, a que Saul Kripke, em *Wittgenstein on Rules and Private Language*, pretendeu reduzir quase todo o significado da obra segunda de Wittgenstein. Uma dupla circunstância do "paradoxo cético", decerto indiscutível mas talvez não interpretada corretamente, consiste em que, primeiro, qualquer que seja a regra (ou função, ou série, ou palavra, como o simples termo 'azul'),[741] só houve um número limitado e finito de vezes de seu emprego, e, segundo, a regra deve determinar nossa resposta a um número indefinido e não previsto de aplicações. O cético — sempre um abusado cético — pergunta então se empregos anteriores (e.g., da adição) nos constrangem a uma aplicação inequívoca, caso seja inédita a presente e particular aplicação da regra. Dando por suposto que se tenta aplicar "a mesma regra" ("mesmo" que sempre supõe interpretação), quem pode dizer qual foi a função anterior, uma vez que sua inteligibilidade não é completa (caso em que não haveria exemplos inéditos) e supondo-se que a compreensão "exata" da regra dar-se-ia apenas com a conjunção de todos os seus casos?

Este olhar universal para o problema, que, segundo cremos, tende a traduzir uma necessidade normativa em necessidade descritiva, situa Kripke em uma perspectiva que já não é a de Wittgenstein — mais enxadrista que cético! De qualquer modo, se alguém até hoje não fez a soma "68 + 57" (e, não sendo este o caso, sempre haverá, dada a finitude da experiência, algum outro inédito), não há como garantir que o resultado da soma (plus) seja "125" (e não "absurdamente" "5"), pois

---

741 Duas passagens são suficientes para destacar a similitude dos problemas: "Se você não tem claro o papel da lógica nos conceitos de cor, comece com o caso simples de um vermelho amarelado, por exemplo. Que este exista, ninguém duvida. Como aprendo o uso da palavra 'amarelado'? Através de jogos de linguagem de ordenação, por exemplo. Eu posso, portanto, em concordância com outros, aprender a reconhecer vermelho, verde, marrom, branco amarelados e ainda mais amarelados. Com isso, dou passos autônomos, como na aritmética." (Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, III, § 110.) E, de modo ainda mais claro: "*Wie weiß ich*, daß ich im Verfolg der Reihe +2 schreiben muß "20004, 20006" und nicht "20004, 20008"? — (Ähnlich ist die Frage: "Wie weiß ich, daß diese Farbe 'rot' ist?")" (Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Grundlagen der Mathematik*, I, § 3, p. 36; *The Wittgenstein Papers*, vol 20; MS 118, p. 1.)

sempre é possível formular uma regra alternativa à adição (quus: ⊕, por exemplo), que, bem aplicada, coincide com "plus" em todos os casos outros, embora divirja neste exemplo não testado segundo a seguinte expressão:

$$x \oplus y = x + y, \text{ se } x, y < 57; \text{ mas, } x \oplus y = 5 \text{ nos outros casos.}^{742}$$

Os exemplos matemáticos apenas tornam mais visível a face de um problema relativo a todo o campo da linguagem. Dificuldade idêntica obrigar-nos-ia a suspender o juízo até sobre o significado da palavra 'azul'. Dada a finitude de nossa experiência com cores em geral e com o próprio azul, não estacaríamos diante de uma combinação inédita, digamos, em uma obra de arte? Primeiro, só temos acesso a uma significação na circunstância de uma experiência finita, embora, por outro lado, termos compreendido a regra pareça implicar estarmos preparados para dar conta com ela de novas aplicações nunca pensadas, e de modo inequívoco. A regra da adição faria a ligação entre a experiência passada e novas aplicações, mas a experiência passada pode sempre ser reinterpretada, sendo aparentemente necessária uma garantia anímica do significado unívoco da regra, uma memória do que nela é pensado, do que ela quer dizer, uma indicação segura do que é estar ou não em conformidade. Ora, como podemos ter certeza da memória passada, se também ela pode ser interpretada, se não possuímos enfim um critério exterior a alguma regra?

À primeira vista, um meio espiritual, critério de si próprio, seria uma exigência lógica, termo necessário entre a expressão simbólica e a ação, senhor das intenções, guia da leitura do mundo. Entretanto, para solucionar o paradoxo, não basta substituir nossa mente precária por uma instituição hiperespiritual, uma consciência coletiva. A solução de Wittgenstein não é esta; e talvez nem mesmo seja seu problema, pois rejeitada no § 201 das *Philosophischen Untersuchungen* é a sugestão de ser uma regra determinada por uma interpretação, ou melhor, por qualquer

---

742 Cf. Kripke, Saul, *Wittgenstein on Rules and Private Language*, p. 9.

interpretação, seja do indivíduo, seja da comunidade.[743] Como entendemos uma regra é algo que não se fixa por uma interpretação e sim algo que se mostra em uma *Praxis*, ou melhor, em uma ação regular de acordo com uma regra, devendo toda ênfase ser posta na recorrência da ação, na reiteração do comportamento, na sua regularidade. O que é ser público implica em poder ser fornecido como critério, mas um tal critério não pode ser extralingüístico, pois "o que aparentemente precisa haver pertence à linguagem".[744] Kripke parece contudo solicitar um critério exterior à linguagem, mas um critério qualquer encontra-se na linguagem (sendo a linguagem uma forma de vida) ou em parte alguma.

Cabe-nos então perguntar como entende e como resolve Wittgenstein o "paradoxo" formulado no § 201. Qual, em conseqüência, sua concepção de como se determina ou se precisa o sentido de uma regra? O paradoxo parece dever-se a que, a cada efeito inesperado, uma interpretação adicional pode ser agregada, garantindo a conformidade com a regra. A implicação, sujeita a sempre novas leituras, multiplica disjuntivamente os conseqüentes possíveis, nunca sendo ela própria falsa. Em resumo, afirma Wittgenstein, uma regra nunca determinaria uma ação, pois qualquer ação, mediante uma interpretação, poderia ser posta em conformidade com a regra. Este o paradoxo. A singular e forte resposta dele decorrente era a de que não pode haver seja conformidade seja contradição. Entretanto, um mal-entendido evidencia-se em tal seqüência "inexorável" de pensamento, pois nela, como é típico numa corrida cética, colocamos interpretação atrás de interpretação, com o consolo sempre passageiro que daí resulta.

Onde o mal-entendido? Na própria noção de interpretação, enquanto vinculada a intenção. É por completo inútil ou ilusório servir-se da referência a um inapreensível estado mental, pois, se a interpretação correta de uma regra depende de uma intuição secreta, ou não teremos

---

743 "It is a misinterpretation to take '*Praxis*' here to signify a social practice. The contrast here is not between an aria and a chorus, but between looking at a score and singing. (...) The point is *not* to establish that language involves a community, but that 'words are deeds'." (Baker, G.P. & Hacker, P.M.S., *Scepticism, Rules and Language*, p. 20.)

744 Wittgenstein, Ludwig, *Philosophische Untersuchungen*, § 50.

medida alguma por que julguemos seu cumprimento ou deverá tal intuição materializar-se em alguma expressão simbólica, uma vez que "apenas em uma linguagem eu posso querer dizer algo com algo".[745] Destarte, ou aceitamos uma recorrência cética que nos projetará sempre mais e mais ao infinito, ou eliminamos a necessidade de um mecanismo espiritual, de um meio singular, no qual o ainda não realizado já estaria, de algum modo mágico, previsto.[746]

A noção de 'regra' deve desvincular-se da noção de 'interpretação'. E aqui reside a singularidade da posição de Wittgenstein. Interpretação é agora uma expressão simbólica que se mostra em cada caso de sua aplicação; equivale portanto à substituição de uma expressão da regra por outra, sem que se recorra à mente como meio especial no qual se conciliariam ação e regra, signo e significado.[747] A regra manifesta-se em cada caso do seu emprego, sendo cada interpretação entendida apenas como nova forma simbólica da regra. O que há, o que é ineludível são interpretações (expressões simbólicas) da ordem, o seguir da regra aplicado a cada situação. E não há por que temer a vagueza resultante de uma tal assunção, pois "todas as significações são, por natureza, vagas — na medida em que a linguagem não é pura mas sim um conjunto aberto de diferentes situações de manipulação simbólica".[748] Deste modo, ser uma praxis é ser não-interpretativo, é dispensar um meio espiritual entre signo e significado, embora uma captação não-interpretativa não seja uma aplicação mecânica, mas sim (1) uma interpretação que não depende

---

[745] Wittgenstein, Ludwig, *Philosophische Untersuchungen*, nota a § 38.

[746] Neste combate à necessária assunção de um meio subjetivo (mas não apenas íntimo), a conclusão acerca do paradoxo faz eco à argumentação sobre a linguagem privada, mesmo sem a antecipar, pois, como o afirma Baker, "le but de l'argument du langage privé est de dévoiler l'influence subtile mais catastrophique que l'*image* de l'esprit comme "royaume secret" exerce sur celui qui désire éclaircir l'usage de mots tels que 'penser', 'comprendre', 'avoir mal aux dents', 'avoir peur', etc." (Baker, Gordon, "La Réception de l'Argument du Langage Privé", p. 40).

[747] Com a dúvida lançada contra a certeza com que podemos seguir uma regra, Wittgenstein não recai em um ceticismo, a fim de minar nossa confiança na eventual capacidade de aplicarmos inclusive a palavra 'azul', "but to change our conception of its ground and nature. (...) Postulation of the mediating state is an idle intervening step; it does nothing to underwrite the confidence of our expectation." (McDowell, John, "Non-Cognitivism and Rule-Following", p. 306 [p. 148].)

[748] Moreno, Arley, "Duas Observações sobre a Gramática Filosófica", p. 104.

de um estado mental, que não o supõe como núcleo do significado, e (2) uma interpretação em que há critérios.

O saber como seguir uma série, o compreender. Qual o problema de afirmar antes, em um instante, o que contudo só se mostra na dilação do seu emprego? Não há mistério. É banal, contanto que não nos instalemos no topo de uma reflexão filosófica. O critério da compreensão de um comando para seguir uma série é prossegui-la, ou seja, a apreensão de uma expressão algébrica, por exemplo, não é um estado interno do qual tudo se deduziria. "O emprego permanece um critério da compreensão."[749] O mistério surge ao solicitarmos um modo de resolução da compreensão em uma esfera imune ao desgaste ou à indeterminação da temporalidade, ao querermos colher de um golpe, ver mas do lugar de uma evidência. É como se ver não fosse já interpretar, como se houvesse um estado de puro contato com a realidade do percebido, um ver que não seleciona um aspecto, que não é leitura, um ver autêntico ver. Um ver que conserva o mundo como tal, que não o devora, não o altera. Um ver anterior e fundante de toda aventura do olhar.

O que garante a coerência com a regra no momento certo? A questão efetiva só tem sua existência no momento e nunca basta a simples presença das condições para que a regra seja seguida, assim como uma seta, por ter sentido, não nos impede de apenas dançarmos em torno dela.[750] Do mesmo modo, saber aplicar um nome de cor, reconhecer sua ocorrência, não supõe ter visto de um golpe, ter antecipado toda combinação e excluído qualquer paradoxo. Contra o cético, afirma Wittgenstein, ele não hesitaria em escrever 2006 após 2004 ("Ich antworte ohne Bedenken"), mas, contra o platônico, não estaria seguro por já ter continuado antes a série ou já ter respondido a todas as questões. Não é

---

[749] Wittgenstein, Ludwig, *Philosophische Untersuchungen*, § 146.

[750] "À quoi nous sert de savoir *avant*, en un sens quelconque du mot "savoir", ce que nous aurons à faire plus tard dans un cas concret? Qu'est-ce qui nous garantit que nous *saurons* quoi faire de ce *savoir* le moment venu? Si l'automobiliste sait ce qu'il doit faire en ce sens que d'une part il sait conduir, d'autre part il a repéré son itinéraire sur un plan, il reste précisément à savoir ce qu'il fait de ce savoir au carrefour." (Bouveresse, Jacques, "La Notion de "Grammaire" chez le Second Wittgenstein", p. 180.)

preciso ter tudo dito ou previsto, embora estarmos seguros de que podemos prosseguir seja também muito importante.[751]

A significação não é um fato bruto do mundo, nem um estado da mente, claro a si mesmo, uma idéia talvez pendurada no trapézio do cérebro, qual a forte idéia do *Emplasto Brás Cubas* que, "uma vez pendurada, entrou a bracejar, a pernear, a fazer as mais arrojadas cabriolas de volatim que é possível crer". De fato, devemos conceder mesmo ao mais radical dos behavioristas: idéias assim, com sede de nomeada, nada explicam. Não obstante, a conseqüência mais direta dessa importância conferida ao hábito, à instituição que faz agora parte da determinação do sentido de uma regra, é curiosamente uma rigorosa recusa do behaviorismo, a que sua investigação, pela recusa de entidades mentais, em aparência tenderia. O emprego não é exterior à regra, como se resultante de uma queda, de uma degradação do todo para um exemplo, da pureza à circunstância — aliás, sendo o emprego essencial à determinação do que significa seguir a regra, não pode ter sentido acusar quem dela se desvie de uma espécie até então desconhecida de insanidade. O emprego é, também ele, um e o mais importante critério da regra. E exatamente neste ponto a solução wittgensteiniana mostra sua singularidade.

Ao reconhecer na *Praxis* da linguagem um momento da regra, e um momento definidor (pois pensar que interpretações a possam determinar sozinhas é fonte de um paradoxo), rompe Wittgenstein não só com o mentalismo mas também com um paradigma indiciário, comportamentalista, ainda prisioneiro da resistente imagem referencialista da significação. Afinal de contas, a explicação causal não dá conta do 'seguir a regra', não sendo suficiente o aprendizado da reação a um estímulo, um adestramento, pois além desta reação mecanicamente aprendida ela deve inserir-se dentro de um hábito.[752] Ser treinado é pois bem mais do que um laço causal, é compreender uma linguagem, é dominar uma técnica de manipulação simbólica; e como

---

[751] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Grundlagen der Mathematik*, I, § 3, p. 37.
[752] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Philosophische Untersuchungen*, § 198.

este não pode ser um episódio isolado e único, implica em estar em uma comunidade, em reconhecer as regularidades aí postas.[753] A aplicação da regra, pedaço do mundo, recanto da matéria e desprovida *per se* de sentido, faz parte da regra, é também linguagem.

Alguém estacará como nós ante a expressão 'verde avermelhado' ou continuará talvez o jogo das intermediárias apresentando então uma amostra preta[754] ou, quem sabe, um verde oliva,[755] ou o marrom de certo composto químico,[756] ou um amarelo de Fick[757] ou ainda uma outra qualquer, segundo jogos que siga de maneira consistente. Esses modos estranhos de seguir a regra seriam absurdos? Como dizer logicamente impossível o que não tem sequer a forma de uma contradição? Com efeito, exemplos de ficção, se não ampliam a margem de liberdade concedida pela gramática, não são recusados por sua inconsistência. Em todo caso, por muitos e vários exemplos que nos sejam apresentados de um verde avermelhado, por sensatas que pareçam em algum imaginável contexto, *segundo nossos jogos*, não temos como decidir, não sabemos que instruções seguir, embora não tenhamos dificuldade por decidir o que aceitaremos como verde azulado, que simplesmente é uma de nossas cores.

O que pensaríamos então de homens que conhecessem um 'verde avermelhado' — quem sabe, homens que nomeassem assim um verde oliva?[758] O que significaria caso se dissesse "Eles têm então em geral um outro conceito de cor", querendo dizer com isso "Não seria então precisamente *este* mas um outro", ao tempo em que indicássemos nosso conceito, como se houvesse um objeto que lhe correspondesse de modo unívoco? Esse modo de colocar o problema soa absurdo, como se tivéssemos um critério geral do que seja a cor e pudéssemos dizer: nosso conceito de cor corresponde a tais e tais objetos. Por este modo estranho

---

[753] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Philosophische Untersuchungen*, § 199.
[754] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 1, p. 56; MS 106, p. 77.
[755] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Philosophie der Psychologie*, II, § 428.
[756] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, I, § 11.
[757] Cf. Brentano, Franz, *Untersuchungen zur Sinnespsychologie*, p. 9.
[758] "(Etwa Olivgrün so nennen)" (Wittgenstein, Ludwig, *The Wittgenstein Papers*, vol. 39, MS 137, f. 7).

de evocar a cor, diríamos: "Die Leute kennen ein Rötlichgrün. Aber es *gibt* doch gar keins! — Welcher sonderbare Satz. — (Wie weißt Du's nur?)[759] Ora, uma tal situação só pode escapar ao absurdo se a lacuna for geométrica, se o que caracteriza a natureza do conceito envolve necessidade, se for interior a uma gramática, sendo travada esta por jogos de linguagem. Por isso mesmo: a imagem que caracteriza o conceito seria algo como uma fórmula algébrica.[760]

É, por exemplo, um fato da maior importância que estejamos inclinados a nomear "amarelo avermelhado" (rötlich Gelb) uma cor que possa ser produzida efetivamente (de diversas maneiras) pela mescla de amarelo e vermelho, enquanto não estamos em condições de reconhecer *ohne weiteres* como uma mescla de verde e vermelho uma cor que possa ser produzida pela mistura de verde e vermelho. "(Was aber bedeutet "ohne weiteres" hier?)" Nossa resistência não advém do arbitrário de nossa maneira de pintar, de nossa maneira de apresentar a experiência visual? Afinal, é imaginável que algumas pessoas possam discernir num átimo, *ohne zu zählen*, por um golpe de vista, um polígono de 97 ângulos.[761] Digamos assim: Precisam tais pessoas notar a discrepância entre nossos sistemas cromáticos, entre nossos mundos? Talvez fossem burras demais, cogita Wittgenstein. E então novamente: talvez também não o sejam, embora a não notassem, pois a natureza, tendo nesse caso algo a dizer, faz-se ouvir de outra maneira. Em algum lugar devemos esbarrar em existência e não-existência, mas aí defrontar-nos-emos com fatos (Tatsachen) e não com conceitos (Begriffe),[762] nunca separando sozinha a mineralogia da cor fato e conceito.

---

[759] Wittgenstein, Ludwig, *The Wittgenstein Papers*, vol. 39, MS 137, f. 7; vol. 103, TS 232, § 428; Wittgenstein, Ludwig, *Zettel*, § 362.

[760] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *The Wittgenstein Papers*, vol. 39, MS 137, f. 7; vol. 103, TS 232, § 429.

[761] Wittgenstein, Ludwig, *The Wittgenstein Papers*, vol. 39, MS 137, ff. 7-8; vol. 103, TS 232, § 432.

[762] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *The Wittgenstein Papers*, vol. 39, MS 137, f. 7; vol. 103, TS 232, §§ 429-430.

4.

As decisões sobre o lugar das cores em um modelo cromático são públicas, criteriais, independentes da remissão a uma percepção íntima, privada, pois sobre as cores não podemos nos instruir pelo olhar. Eis o sentido da afirmação de que jogos de linguagem decidem se o verde é ou não uma cor primária: podemos resolvê-lo em tarefas específicas, significativas, bem sucedidas conceitualmente. Aprendemos a ver cores em jogos de linguagem e é decerto possível inventar situações em que não seja estranha a expressão "verde avermelhado"; entretanto, em nossos jogos, tem sentido sim procurar um verde que não seja nem azulado nem amarelado e, sobretudo, um verde menos amarelado nem por isso é dito mais azulado.[763] Se concordamos nesses jogos, não importando o que "de fato" vemos, nem como produzimos as cores, anuímos ser 'verde' uma cor primária. Jogos semelhantes estabelecem como cores primárias o amarelo e o azul (estações no caminho entre o verde e o vermelho); portanto, não há um verde avermelhado.

Agora, sem qualquer mistério, o que significaria conhecer o 'verde avermelhado'? Seria desconhecer as regras relativas às gradações ou não aceitar certas cores como primárias. Seu ver equivaleria a comportar-se de uma certa maneira: "Quem conheça um verde avermelhado deveria estar em condições de produzir uma seqüência colorida que comece com o vermelho, termine com o verde e, também para nós, forme algo como uma transição contínua entre eles. Mostrar-se-ia então que lá, onde vemos a cada vez o mesmo tom de marrom, ele vê ora marrom, ora verde avermelhado."[764] E, mesmo que ele se comporte consistentemente, que ele reaja de modo uniforme, que empregue pois o termo *in konsequenter Weise*, nada nos levaria a aceitar, nada nos obrigaria a reconhecer que veja cores que não vemos.

---

[763] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, I, § 7; III, § 158. "Orange is "between" red and yellow: A less yellowish orange is necessarily a redder one, and conversely. But green is not like that: A less yellowish green is not necessarily a bluer one, or conversely." (Brenner, William, "Wittgenstein's Color-Grammar", p. 292.)

[764] Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, III, § 163. Cf. I, § 11.

Nada nos obriga a uma indeterminação generalizada pela falta de um apoio absoluto. "Não há decerto qualquer critério em geral reconhecido para o que seja uma cor, salvo o de ser uma de nossas cores."[765] Ser uma de nossas cores significa integrar um sistema de proposições, e quem não estiver de acordo conosco, não diverge por isso em uma qualquer experiência; pode divergir, mais radicalmente, no ponto em que se forma a concordância dos juízos.[766] Caso reivindiquemos um fundamento interior, independente de nossa instalação e concordância em jogos específicos, vivenciamos uma situação aporética, como esta, proposta por Wittgenstein: "Observe seu quarto ao cair da noite, quando as cores quase se não distinguem — acenda então a luz e pinte o que antes viu na penumbra. — Como se comparam as cores em uma imagem assim com as do quarto em penumbra?"[767] O fato de haver muitos quadros compostos para retratar essa situação não lhe retira a aporia, solicitando a possibilidade de comparação critérios outros, gramaticais; afinal, caso se resolvesse a concordância por algum tido de reconhecimento de uma imagem interior, não teríamos saída: não haveria critério para comparação que, em cada caso, não fosse privado; no entanto, sendo privado, jamais se estabeleceria como critério.

É verdade, por um lado, que podemos receber instruções específicas de cada escola de pintura; por outro, não obstante, acesa a luz, o quadro só se compara com uma representação privada; a luz apagada e mais escuro o quadro, ninguém aceita a autenticidade do confronto. Por conseguinte, a gramática das cores e apenas ela pode ensinar-nos a correção possível de tais representações pictóricas, sendo aqui seus critérios bem mais sutis. "Quão diferente — exclama Wittgenstein — é esta comparação daquela entre duas amostras de cor que tenho ao mesmo tempo em

---

765 Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, I, § 14.

766 Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Über Gewißheit*, §§ 140-142.

767 Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, I, § 67. Cf., III, § 157. Esta aporia é apresentada logo em seguida à alusão a outras possíveis geometrias cromáticas. Temos aqui um impasse que se propaga, se nos propomos conceitos desprovidos de critérios para sua significação, a exemplo da simulação total. Não é, aliás, também aporética a tentativa de comunicação entre esses universos conceitualmente distintos? Não extrapolou assim Goethe os limites de sua *Farbenlehre* ao pretender representar o mundo tal como o veria quem não distingue o azul? Não seria sua representação, em sua pretensa cientificidade, absurda, porquanto não temos indícios de como a poderíamos refutar ou verificar?

minha frente e disponho, em confronto, lado a lado!"[768] Entretanto, não podemos pensar tratar-se aqui de uma diferença de essência entre uma comparação controlada diretamente pelos olhos e uma outra resultante de regras indiretamente aplicadas. Em ambos os casos, se critérios são possíveis, quantos os necessários jogos prévios, a exemplo dos vários por que se fixa a noção de identidade de cor. Esta aliás encontra-se no centro de todo o problema, mostrando-se sempre comprometida pelas várias circunstâncias da ocorrência cromática. Afinal, é sempre em um sentido determinado, segundo um jogo de linguagem, que podemos dizer de mesma cor o verde em um copo transparente e o que ocorre em uma amostra opaca, o azul em uma parede e em um quadro de Seurat.

Questão anterior e preparatória aos jogos com cores, a própria nomeação do verde só tem sentido como ato por que se transforma um pedaço do mundo em um instrumento lingüístico.[769] "'As cores'. Ora, elas não são coisas, que têm propriedades determinadas, de modo que se possa sem mais procurar por cores, representar-se cores que nós ainda não conhecemos, ou que possamos representar-nos alguém que conheça cores diferentes das que conhecemos."[770] Por contrário que seja à opinião comum, o verde não preexiste na natureza. Não está desde todo o sempre pronto e a solicitar um nome qualquer, com o qual uma experiência já plena de significado é transmitida e reconhecida. Algo se torna verde, assim como um fragmento do mundo se transforma em prego, quando "passa a ser um elemento de nosso jogo, passa a ser um elemento distinto dos outros e idêntico a si próprio".[771] Se a linguagem cria fatos, decerto o faz no sentido de que nada se nos proporia, nada se circunscreveria como tal sem seus recursos. Nada pode assim preexistir à

---

[768] Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, III, § 157.

[769] Se não podemos representar-nos uma explicação para 'vermelho' ou para 'cor', afirma Wittgenstein em *Bemerkungen über die Philosophie der Psychologie*, I, § 602 e ss., isto não se deve a estarmos diante de algo específico, de uma vivência intransferível, mas antes por ser específico o jogo de linguagem. A necessidade de mostrar a alguém primeiro uma amostra de cor pode sempre ter parecido um gesto gratuito, exterior, índice inessencial de uma limitação humana por nos faltar um acesso direto a significações estáveis e independentes dessa técnica. A técnica, entretanto, não é exterior ao significado da palavra.

[770] Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, III, § 127.

[771] Moreno, Arley, *Notas Preliminares a um Estudo das* Investigações Filosóficas, Conclusões: §§ 4-25.

linguagem, não sendo apenas inútil ou fadada ao fracasso a procura por uma quinta primária: ela é vazia, não tem qualquer sentido. Se os jogos de linguagem não criam, pura e simplesmente, as cores, uma cor só passa contudo a figurar como tal (por exemplo, como algo passível de ter um nome, de ser resposta a uma ostensão) em nossos jogos de linguagem.[772] A partir deles, 'verde' tem um significado que, ademais, nunca é único e definitivo, pois depende dos jogos em que se insere. Além disso, para nossa sorte ou azar, novos jogos sempre podem ser criados.

Como então uma fenomenologia daria conta de um objeto que não encontra constituído nem pode constituir em definitivo? Que haja cores simples, primárias, propriedades essenciais a tais ocorrências também psicológicas ou físicas, que haja pois um campo de problemas naturalmente fenomenológicos, é algo tão evidente quanto a impossibilidade de sua descrição não estar subordinada a uma gramática dos usos, pagando decerto o preço de uma inevitável e rigorosa vagueza. É neste sentido que o específico das cores reside em jogos de linguagem, não resulta de uma experiência única, intransferível, de um sorver sensível imediato. 'Cor', afinal, é um conceito lógico.[773] Se cabe então uma investigação essencialista, ela será infensa às imagens clássicas de um sujeito autônomo, por um lado, e de um objeto inteiro e completo, por outro: sua essência estará expressa apenas na gramática.[774]

---

[772] "Não é o martelo que cria pregos, mas, é o *jogo* de pregar que o faz. Nesse sentido é que os jogos de linguagem, sem criar o mundo, criam os significados com os quais abordamos o mundo. Não é, pois, a linguagem que cria significados, mas os *usos* que fazemos dela." (Moreno, Arley, *Notas Preliminares a um Estudo das* Investigações Filosóficas, Conclusões: §§ 4-25.)

[773] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Über Gewißheit*, § 36.

[774] "Das *Wesen* ist in der Grammatik ausgesprochen." (Wittgenstein, Ludwig, *Philosophische Untersuchungen*, § 371.

a transparência do branco

> Die Frage ist: Ist die Bildung 'ein durchsichtiger weißer Körper' wie die 'regelmäßiges Zweieck'?
>
> Ludwig Wittgenstein[775]

1.

O parentesco entre as cores não nos deve enganar. Aparentadas inclusive em muitos de seus usos, várias são as diferenças e difícil apontar em que consiste a assimetria dos parentescos. A analogia quebra-se sem nos darmos conta disso. É preciso ver diferenças, não se deixar enfeitiçar pela semelhança que nos levaria à procura do conceito geral da cor, da coloridade ela própria, cuja essência a análise fenomenológica desvelaria. Neste sentido, desde o texto de Viena,[776] investigar a relação do conceito do branco com propriedades relativas a conjuntos de estímulos, a *Gestaltqualitäten*, afigura-se como modo de ver diferenças e de, com isso, afastar a tentação de uma fenomenologia: ser o branco uma cor não-transparente é exemplo privilegiado que "mostra a indeterminação no conceito de cor, ou ainda de identidade de cor".[777]

As sugestões da Gestalt mostram-se, também neste ponto, decisivas à reflexão de Wittgenstein, pela qual jogos mais amplos com o ver de relações internas servirão à crítica da unilateralidade da "fenomenologia". Afinal, o turvo (assim como o profundo, a sombra, o brilho, etc.) não é uma propriedade redutível a um estímulo local. Na classificação de Christian von Ehrenfels, é uma *Gestaltqualität*,

---

[775] *Bemerkungen über die Farben*, III, § 138.

[776] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, II, §§ 13-16 (3-6).

[777] Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, I, § 17.

dependente de um conjunto de estímulos e, logo, de um campo sensorial.[778] Que não haja um conceito único de cor exemplifica-se com o branco não poder ser transparente, mas uma tal natureza distinta nos escaparia, caso não remontássemos a relações estabelecidas pelos diversos conceitos de cor com *Gestaltqualitäten*, como a profundidade e a transparência. Assim, nos §§ 17-31 da primeira parte das *Bemerkungen über die Farben*, Wittgenstein irá explorar uma diferença no emprego dos nomes de cor que não pode ser reconhecida por simples olhar. Quiséssemos decidir pelos olhos e facilmente seríamos traídos por certas ocorrências cromáticas, nas quais, como nas colchas de retalhos e nas bandeiras, não vemos o preto e o branco como sendo de outra natureza. E, para recuperar a trama definidora da relação entre as palavras para cores e o conceito de transparência, um recurso importante no caminho seguido por Wittgenstein será o já enunciado desde o MS 172: elaborar instruções para o pintor.

2.

As diversas cores não mantêm idênticas relações com o ver espacializado, ou seja, com a espacialidade, a luz e as sombras.[779] A transparência, por exemplo, é propriedade de um complexo, não se dá pontualmente, mostra-se apenas no espaço visual e em relações precisas (como regras de tradução), que podem indicar-nos se um objeto está atrás de um meio e sendo visto contudo através dele. Um elemento do espaço visual pode assim ser branco ou vermelho, sem que qualquer elemento por si, branco ou vermelho, seja transparente ou não-

---

[778] "Podemos apresentar um copo de água em que tenha sido dissolvido sabão. A aparência de tal líquido em alemão é chamada "trüb" (...). No entanto, se isolarmos um pequeno ponto da situação visual, olhando através de um pequeno orifício em um anteparo, o conjunto ficará repleto de certo matiz de cinzento (que poderá ter uma coloração azulada ou avermelhada); a qualidade de "escuro" ou "turvo" desaparecerá. Esta característica ocorre apenas como propriedade de uma área mais ampla; depende de algo mais que estímulo local." (Köhler, Wolfgang, *Psicologia da Gestalt*, pp. 102-103.)

[779] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, III, §§ 75, 76, 142 e 144; I, §§ 60-65.

transparente.[780] Por que então a analogia se quebra e uma percepção complexa vermelha pode ser transparente mas nunca uma branca?[781]

Mais uma vez, uma resposta qualquer deve ser conceitual, não se tratando de um efeito físico, mas de algo a ser lido na essência do conceito; ou seja, o conceito será desvendado, exposto, não por estudo das condições em que se produzem a impressão de branco e a de uma *Gestaltqualität*, mas por remissão ao uso das palavras e a como jogos de linguagem podem instruir-nos, por exemplo, a pintar o que vemos. Assim, pergunta Wittgenstein, a analogia se quebra porque "o branco, paulatinamente, suprime *todos* os contrastes, enquanto o vermelho não o faz?"[782] Importa ao contrário a diferente relação do branco e do preto no círculo cromático? Depende da diversa posição das cores em relação ao claro e ao escuro?[783] Em qualquer desses casos, será gramatical a proposição: "Não há branco transparente". Caso se tratasse de um enunciado científico, poderíamos bem conceber um concurso popperiano em que desfilariam candidatos a uma refutação. Como porém não se trata disso, o enunciado deve significar que, em nossa gramática, não será vista como branca e transparente qualquer impressão possível, ainda que a aplicação dos termos isoladamente corresponda a um seguir conseqüente de instruções analógicas, isto é, "se a impressão for sentida como transparente, o branco que vemos não será, todavia, *interpretado* como branco do corpo", mas sim como reflexo ou brilho, etc.[784]

Tal proposição é tão forte que pode inclusive ser objeto de uma pequena dedução, ou melhor, podemos produzir uma derivação conceitual, entre outras, da não-transparência do branco a partir do que ao turvo seria essencial. O essencial ao turvo, como uma neblina, é velar as formas por confundir luz e sombras. E não é exatamente o branco que, conceitualmente, suprime a escuridão? O verde, o vermelho, o amarelo, se transparentes, não podem ser turvos; o branco, porque branco, não

---

[780] Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, III, § 149.
[781] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, I, § 31.
[782] Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, III, 212.
[783] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, III, § 197.
[784] Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, III, 140.

pode ser transparente.[785] E isto também se afirma em nossas ordinárias atribuições de cor, pois "de algo que parece transparente não dizemos que pareça branco".[786]

Outra derivação curiosa pode ser assim expressa: O cristalino colorido coloriria sobretudo o branco. Não faz isso e é, não obstante, branco; logo, não pode ser cristalino, é turvo.[787] O meio, se colorido, rouba luz, escurece o que deixa ver. E aqui o paradoxo: se o meio é branco transparente e o branco é a mais clara das cores, também o branco escureceria o que deixa ver? Um absurdo, e ainda mais flagrante se considerarmos que, quanto mais espesso o meio, tanto mais luz nos rouba; assim, paradoxo dos paradoxos, o mais branco vidro transparente seria em verdade, em verdade gramatical, um vidro escuro![788] Desse modo, por decisão lógica, segundo muitas possíveis derivações gramaticais, o branco não pode ser a cor de um meio transparente.

A transparência não é uma significação pronta, um objeto do mundo, mas sim depende do emprego, em nossos jogos, de palavras descritivas da experiência visual. É possível vê-la ou impossível vê-la não porque preexista na natureza, mas por estar prescrita ou proscrita nos jogos em que se constitui nossa *Farbengeometrie*. Neste sentido, o emprego funda critérios, mostrando ser conceitual uma investigação que, filosófica, o leve em conta. A proposição sobre a não-transparência do branco, investigada pela filosofia, sendo uma proposição gramatical, não tem condições de verdade nem de falsidade. Também para ela não há *experimentum crucis*. Desta forma, Wittgenstein afirmará em seguida que a não-transparência não é uma propriedade do branco e este não é uma coisa a ser investigada — caso em que o trabalho seria científico. E, dada a interdição gramatical, nenhum objeto do mundo pode, no interior de nossa geometria, contrariá-la. Por outro lado, não basta completar uma lacuna na linguagem, como se pudéssemos talvez aperfeiçoá-la

---

[785] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, II, §§ 14-16 {4-6}.
[786] Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, III, § 153.
[787] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, III, § 208.
[788] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, I, § 30.

providenciando um nome para o branco transparente, pois nenhum meio será chamado assim.[789]

O conceito puro de cor revela-se uma quimera pela evidência da assimetria no parentesco entre as cores. Sabemos bem as instruções para a representação de um vidro transparente amarelo: "Um vidro cristalino amarelo não reflete no olho nenhuma luz amarela; portanto, o amarelo não nos parece localizado no vidro. Visto através do vidro, um preto baço é preto, o branco é amarelo."[790] Elas parecem inequívocas. Entretanto, se as aplicamos ao branco, toda consistência se evola: "por analogia, o preto deve, através de um branco cristalino, aparecer preto; um branco, branco; logo, de modo idêntico a como aparece através de um vidro incolor."[791] Simplesmente, não mais podemos decidir, não podendo a seleção de um critério tornar harmônica a aplicação conjunta a um fragmento do mundo da brancura e da opacidade. A assimetria torna-se flagrante: "Um branco visto através do amarelo não seria branco amarelado, mas sim *amarelo*. Deve o amarelo, visto através do branco, tornar-se amarelo esbranquiçado ou branco? No primeiro caso, o vidro 'branco' tem o efeito de um incolor; no segundo, de um não-transparente."[792]

3.

"Nas cores: parentesco, e oposição. (E isto é lógica.)"[793] Uma trama se arma entre conceitos. O turvo (trüb) opõe-se ao cristalino (klar), podendo curiosamente ser implicado pelo *schwärzlich* e também pelo *weißlich*, tão

---

789 Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, I, §§ 46-47.

790 Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, IV, § 2.

791 Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, IV, § 2.

792 Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, IV, § 4.

793 Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über de Farben*, III, § 46. Novamente, devemos ter em conta o autêntico escândalo desta afirmação, se a cotejamos, por exemplo, com a restrição do lógico ao campo do analítico no *Tractatus*: "Die Sätze der Logik sind Tautologien." (6.1) "Die Sätze der Logik sagen also Nichts. (Sie sind die analytischen Sätze.)" (6.11) Agora, porém, em sentido bastante distinto, podemos dizer que essas proposições guardam semelhança com as analíticas, sendo todas elas de algum modo gramaticais.

complicada sua lógica! A opacidade seria definidora do branco. Sob esse aspecto, o branco em nada seria distinto do preto; pois, sendo *auf der Palette* a cor mais escura, o preto retiraria às cores seu colorido, sua luminosidade — razão pela qual, aliás, tem sentido falar de um luminoso vermelho escuro (dunkel), mas não de um luminoso vermelho negro (schwärzlich).[794] E podemos dizê-lo sem percorrer o mundo, assim como não decidimos por olhar que não pode haver um brilho vermelho-negro. Da mesma forma, "se o preto apenas escurecesse, poderia bem ser cristalino (klar); como porém suja [e, ao sujar, turva!], então não o pode ser".[795] A trama dos parentescos mostra-se, por vezes, bastante rígida.

A trama das oposições não é contudo menos notável. Faz parte da descrição do ver normal que jamais vejamos brancos transparentes, ou seja, o branco seria em essência não-transparente, com o que a identidade da cor mostra sua indeterminação e instauram-se dessemelhanças nesse sistema elementar de parentesco. Essa indeterminação é sintomática, denuncia a heterogeneidade dos jogos e a diferença das cores de acordo com eles. Há cores que não ocorrem em certos meios, há cores que não se combinam com outras propriedades também descritivas do campo visual, sendo absurda a combinação do branco com a transparência como o seria com o sabor azedo ou o som agudo. O branco é sempre opaco, enquanto pode ser transparente um vidro verde.[796] Temos aqui um desafio à própria noção de identidade das cores, evidenciando-se que, conceitual, não pode ser garantida com independência de um específico método de comparação, variável este conforme ao contexto.[797] Caso contrário, como já vimos, estaríamos em uma situação aporética. Há então critérios de identidade cromática e assim proposições gramaticais sobre cores além daqueles postos *auf der Palette*? Sem dúvida. O desafio está em descrever o tecido por que se tramam relações internas quando não há restrição prévia ao

---

[794] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, III, §§ 104-107 e 156; I, § 42.

[795] Da carta de Runge a Goethe, citada por Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, III, § 94. Wittgenstein pergunta, em III, §§ 105-106, pelo significado de 'schmutzen'. Percebe-se que a saturação de uma cor, por exemplo, um amarelo escuro (ein dunkles Gelb), não é gramaticalmente percebida como enegrecimento. E comenta, desesperançado: "A lógica dos conceitos de cor é mesmo bem mais complicada do que possa parecer".

[796] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, I, § 17.

[797] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, III, §§ 262-265.

emprego das palavras que ainda aceitamos como equivalentes a nossos conceitos de cor, porquanto "tão-só na ligação / com outras torna-se ela [uma mancha aproximadamente monocromática] um pedaço de céu azul, uma sombra, um brilho, transparente ou não-transparente, etc. // com outras nós a vemos como um pedaço de céu azul, como uma sombra, um brilho, como transparente ou não-transparente, etc.//"[798]

Continua transparente o copo representado em um quadro, ou seja, em tela e com matérias de cor que na paleta não são transparentes?[799] O que faz transparentes as cores transparentes, se em um quadro servimo-nos da mesma matéria, do mesmo pigmento, para representar um pano ou um vidro?[800] Não é, aliás, um passo costumeiro na pintura representar uma luminosidade por uma cor?[801] Não representou Rembrandt um elmo dourado (por sinal, o mais dourado dos elmos) sem se servir da cor dourada, que todavia existe? Basta olhar o quadro. Rembrandt (ou um seu discípulo)[802] servia-se em sua paleta de cores terrosas, feitas com diferentes tipos de pigmentos misturados com óleo. E pintou o elmo basicamente com o amarelo, em grossas camadas de tinta. Mas, no quadro, o que vemos salvo um dourado o mais brilhante? Não chega a ser quase impossível vê-lo no quadro como amarelo? Representado um copo verde transparente, quem portanto o diga transparente também no quadro, deve nomear como *cor* do copo o complexo de manchas coloridas que o apresenta — complexo que, no entanto, comparado ao verde, nunca lhe seria dito idêntico. É grande o comprometimento; afinal, até

---

[798] Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, I, § 60. Convém notar que, mesmo na primeira parte, Wittgenstein hesitou ainda entre construir a frase anotando tratar-se da visão de um aspecto (em que talvez estejamos a agregar uma atividade a um estado, uma interpretação ao ver) e construí-la indicando um imediato ver que, contudo, já é um ver de relações, já condensa pensamentos, já é visão direta de significações.

[799] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, I, § 18.

[800] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, III, § 76.

[801] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, III, § 77.

[802] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, III, § 79. A suspeita de não ser de Rembrandt o quadro, mas sim de um de seus discípulos, Govert Flinck ou Carel Fabritius, é de grande interesse, pois mostra bem como este ou outro elogio ao dourado pode resultar da conscienciosa obediência às instruções de uma escola de pintura. É tão difícil ver o amarelo do elmo quanto a igualdade das retas na famosa ilusão de Müller-Lyer. A técnica faz a cor, e apenas um extremo preconceito pode levar-nos a afirmar falso o dourado que vemos e verdadeira apenas a cor resultante da análise, da decomposição, do artifício.

quando chamamos de 'verde' e 'transparente' um conjunto de ocorrências?



CORES NA PALETA



O HOMEM DO ELMO DOURADO[803]

Regras de apresentação nos fazem ver assim, deslocando a matéria do mundo por jogos concorrentes e mesmo discrepantes. Haveria um método salvador de comparação das cores, que não fosse um mero artifício de laboratório, um método preciso de aferição de identidades cromáticas e capaz de eliminar indeterminações no conceito de cor?[804] Ora, um tal método, qualquer o seu refinamento, qualquer o aspecto exagerado, seria certamente inútil à quase totalidade de nossos jogos de linguagem. Retomando a análoga discrepância entre a clareza do branco na paleta e em uma ocorrência cromática, não temos nesse confronto uma evidência de que os jogos não se esgotam na paleta (nem podem esgotar-se em lugar algum), mesmo se ela em grande medida os prepara?

Mas, prossigamos, pois, através das várias observações gramaticais seguintes (donde por analogia fará decorrer uma versão de um possível branco transparente), Wittgenstein terá finalmente condições de formular

---

[803] Ilustração das cores na paleta de Rembrandt e reprodução de "O Homem do Elmo Dourado" extraídas de Sturgis, Alexander, *Apresentando Rembrandt*, p. 28 e p. 30.
[804] Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, III, § 78.

um autêntico contra-exemplo, por meio do qual a impressão de necessidade da proposição gramatical pareceria esmaecida.

4.

Por que e como transparente algum verde e nunca um branco? Os termos do problema devem ser analisados. Primeiro, como a impressão de transparência equivale à de encontrar-se algo atrás de um meio, podemos decidir *sem olhar* que uma imagem perfeitamente monocromática, de não importa qual cor, sem variação, sem mistura nos tons, não pode ser (logicamente) transparente. Donde podemos concluir ser a não-transparência própria a toda ocorrência pura de cor. A transparência, como o espelhamento, é conceito intimamente ligado ao de profundidade — observação que decerto não é física nem psicológica, mas tão-somente gramatical.[805] Segundo, cabe a outra regra da geometria das cores indicar qual a visão característica da transparência: atrás de um meio transparente colorido, algo branco aparece na cor do meio e algo preto aparece preto. Wittgenstein insiste: "Esta não é aqui uma proposição da física, / mas sim uma regra da interpretação espacial de nossa experiência de visão. // mas sim / interpretamos // descrevemos // desse modo nossa experiência visual. // Poder-se-ia também dizer que seja uma regra para o pintor: "Se você quer representar algo branco atrás de um vermelho transparente, então você precisa pintá-lo vermelho". Caso o pinte de branco, então ele não parecerá situado atrás do vermelho."[806]

---

[805] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, I, § 19. O verde pode ser transparente e ser assim representado, digamos, em uma pintura; ou melhor, um vidro transparente pode ser dito da cor de um papel verde opaco, mas não de um papel branco. A impressão de transparência, que pode inclusive traduzir-se, com tintas não-transparentes, em uma pintura, é a de que algo se encontra atrás do meio, o que já exclui que este seja monocromático. Começam assim as instruções de apresentação de meios transparentes. Instruções de pintura que, entretanto, expressam regras gramaticais, ou seja, podem ser vistas como convenções ancoradas em jogos de linguagem, uma vez que não se trata de representar o verdadeiro. O caráter convencional e necessário mostra-se bem com a interdição do branco, isto é, com a ocorrência de instruções conflitantes logo que pretendemos representá-lo.

[806] Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, III, § 173.

Como podemos ver, o critério de identidade de cor não se produz fora de uma gramática dos usos: "não é sem mais claro de que vidro transparente se deva dizer que tenha a *mesma cor* de uma amostra de cor não-transparente".[807] O recurso à pintura é então lídima técnica wittgensteiniana, com a qual se nos oferece uma situação análoga à própria experiência visual, dispensando porém um recurso qualquer à introspecção.[808] Em vez de responder o que é ou se é possível um branco transparente por recurso a uma representação mental, formula-se o problema tendo em conta as técnicas por meio das quais um branco desse tipo nos seria apresentado: Que instruções seguir para pintar em um quadro um objeto branco transparente? Caso haja um meio transparente e branco, deve então satisfazer aquela mesma regra, fazendo aparecer o preto como apareceria em um fundo transparente incolor. O branco apareceria branco, e as outras cores deveriam aparecer em tons fracos ou fortes do cinza, porquanto resultantes da combinação das duas cores que podem ser vistas por um meio transparente, a saber, a cor do próprio meio (neste caso, o branco) e o preto.[809]

Saímos com nossa amostra de cor não-transparente, algum pedaço fosco de papel, procurando mundo afora um vidro transparente dessa cor. Isso só pode significar uma aplicação da já enunciada regra, qual seja, "algo branco, visto através do vidro, deve assemelhar-se a minha amostra".[810] A analogia entre as cores fornece-nos portanto um *critério* de identidade, um meio de decidir se algum fragmento do mundo comporta os termos, talvez incompatíveis, 'branco' e 'transparente'.[811] Água branca que seja pura é inimaginável. Ser inimaginável significa então: não se pode descrever, não se conhece a técnica de sua descrição, não se sabe que instrução seguir.[812] Não se sabe dizer sem mais qual vidro transparente tem

---

[807] Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, I, § 24.

[808] Embora o recurso à pintura de um vidro transparente colorido seja proposto de forma metódica nas *Bemerkungen über die Farben*, já aparece como *Gleichnis* no "Diktat für Schlick" (1932-1933). Cf. Wittgenstein, Ludwig, *The Wittgenstein Papers*, vol. 99; TS 302, p. 5.

[809] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, I, § 20.

[810] Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, I, § 24.

[811] Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, III, § 136.

[812] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, I, § 23.

a mesma cor de uma amostra não-transparente. Se dizemos simplesmente "Procuramos um vidro desta cor", é possível imaginar instruções que podem ser seguidas quando a amostra é rosa, ou azul, ou lilás, com a possível divergência de alguém nesse caso imaginar quer um vidro turvo quer um cristalino levemente coloreado.[813] No entanto, se dizemos "Procuramos um vidro desta cor" e a amostra que apresentamos é branca, só será possível a imaginação de um vidro turvo (um *Milchglas*)?

A identidade da cor, conquanto suponha uma regularidade empírica, não é uma propriedade física, devendo ser garantida ou decidida por uma regra gramatical[814] — o que não é de se menosprezar, pois dificilmente algum jogo sobreviveria de modo diferente. Um conjunto de instrumentos lingüísticos costuram uma gramática em aparência intransponível, a começar pelos próprios modelos, as amostras de cor, instrumentos da nossa linguagem. É por conta da gramática que podem ser considerados da mesma cor vidros opacos ou cristalinos (klar). E também, ao que tudo indica, somente por conta da gramática um vidro opaco pode ser dito da mesma cor de uma amostra branca. Toda a noção de identidade cromática é desafiada pelo simples procedimento de instruir o pintor a representar um vidro transparente. Primeiro, não são transparentes na paleta, enquanto no quadro, em um complexo, podem ser vistas transparentes várias cores e nunca o branco. Eis como pôde ocultar-se a dificuldade de uma fenomenologia ao não ter Goethe escrito para pintores.

O que pode ser um branco transparente? Não sabemos! O que pode então significar ser o branco transparente impensável como a água branca ou o leite cristalino? Simplesmente, não se sabe que exposição tais palavras exigiriam de nós, que instrução oferecer ao pintor,[815] ou seja, o branco transparente não encontra lugar em nossos jogos de linguagem.

---

[813] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, I, § 25.

[814] Devemos sempre frisar a natureza gramatical do problema. Não se trata de uma falta, mas de um desnorteamento. Algo que Runge compreenderia, acredita Wittgenstein, mas não Goethe. Por isso mesmo, uma gramática e não uma mineralogia da cor; uma lógica dos conceitos de cor e não uma teoria — para a qual a *Doutrina* de Goethe aponta, mesmo sem a realizar. Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, I, §§ 21-22.

[815] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, I, § 23; III, § 187.

Entretanto, preparado o terreno, no próprio contexto conceitual do problema, Wittgenstein parece finalmente poder contrapor um exemplo extraordinário à "verdade" gramatical. Não obstante a força e mesmo a utilidade de uma gramática que conserva sua independência e pregnância, Wittgenstein oferece-nos um exemplo limite, fictício, do que poderia ser nossa impressão de um vidro branco e transparente – um objeto teórico a aguardar, na paciência dos séculos, um correlato material.

Wittgenstein prepara pois conceitualmente uma situação em que a necessidade gramatical, a sensação de que jamais poderia ser diferente, tem de ser posta em suspenso. No cinema (em preto e branco, é claro), os acontecimentos podem ser vistos "como se estivessem atrás da tela e esta porém transparente, como se fora uma lâmina de vidro". Esse suposto vidro (linho efetivo que funciona como sugestivo de um vidro possível) "tomaria das coisas suas cores e deixaria passar apenas o branco, o cinza e o preto". Resultado: nós nos podemos representar um painel de vidro branco e transparente. Podemos elaborar instruções várias para que um pintor o represente. Entretanto (eis a força da gramática), "nós não estamos tentados a chamá-lo assim". É como se a analogia com o painel verde transparente, em que se apoiou a derivação de um possível vidro branco transparente, tivesse partido em algum lugar.[816] Não praticamos aqui física, afirma. Trata-se decerto de um lídimo problema fenomenológico, mas a indeterminação do conceito não pode ser flagrada pelos olhos, ela deve ser colhida em jogos de linguagem. O branco transparente não é um objeto que um olho experimentado conheceria ou que um pintor habilidoso poderia representar. Tampouco é um objeto impossível, inimaginável em toda e qualquer condição. É apenas um objeto, como todos os outros, cuja possibilidade deve ser reconduzida a nossos jogos com palavras para cores. Apenas a estrutura desses jogos leva-nos a recusar brancura e transparência ao mesmo fragmento do mundo. Em nossos jogos, fazemos assim e assim. Ou seja, em nossos jogos, o branco transparente é como um círculo quadrado ou um biângulo regular.

---

[816] Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, I, § 25.

Mais precisamente, encontrássemos quem porventura acredite ver um 'branco transparente' ou um 'verde avermelhado' (expressões com que resumimos um problema gramatical dos pólos ao equador de um modelo de *Farbengeometrie* e outro restrito às relações horizontais do círculo cromático), não seríamos obrigados a aceitar que vejam o que não vemos, pois não saberíamos dizer se são conceitos de cor tais conceitos nem que analogia seria suficientemente estabelecida entre tais "cores" e as nossas, assim como não saberíamos nos representar satisfatoriamente o que é ter dores no corpo de outrem.[817] Podemos imaginar que outra espécie de homens tenham outros conceitos de cor. Há todavia algo de falso nessa incursão transgramatical, que parece supor uma simples anulação de fronteira, uma ampliação pelo contra-exemplo, quando a questão seria antes se devemos considerar como conceitos de cor esses estranhos conceitos. "Können wir uns denken, daß eine Art Menschen andere Farbbegriffe haben? — Die Frage ist: sollen wir andere Begriffe Farbbegriffe nennen?"[818]

Não estamos mais autorizados a generalizar nossa geometria, que, assim, mostra sua especificidade. Não fala pura e simples bobagem quem diz ver um branco transparente, apenas joga outro jogo, embora esta sua posição, em relação a nós, guarde distância semelhante à do adivinho que julga sentir por uma pressão na mão direita a presença d'água a três pés abaixo do solo. Nossa instalação em uma forma de vida não nos impede *per se* a compreensão de outra forma. Apenas não podemos sem mais incorporar um critério ou uma regra cujo contexto lingüístico seja estranho ao nosso. Nossa compreensão não será interna a outra forma de vida e externa à nossa.[819] A possibilidade da compreensão não se conforma em uma semelhança metafísica, não havendo contexto comum para o convencimento mas sim para a persuasão, caso o confronto entre as formas ameace as formas de vida como um todo, ou seja, seus recursos essenciais de justificação. Em todo caso, Wittgenstein não pretende conferir consistência a uma prática estranha, ir a seu detalhe, como se o

---

[817] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, III, § 127.

[818] Wittgenstein, Ludwig, *The Wittgenstein Papers*, vol. 71, MS 169, f. 72.

[819] Cf. Wittgenstein, Ludwig, "Bemerkungen über Frazers *Golden Bough*", in Wittgenstein, Ludwig, *Vortrag über Ethik und andere kleine Schriften*, p. 33 ss.

exemplo de ficção fosse o objeto de interesse ou só estivesse cumprida sua função se inteligível ou ininteligível exclusivamente a nossos olhos. A questão não é pertinente, uma vez que continuam a ser exemplos de ficção tanto em um caso como em outro, dado que o exemplo de ficção não pode ser recusado em razão de sua pretensa autocontradição nem se incorpora a nossa prática em virtude de parecer inteligível, porquanto há nosso meio de fazer assim e assim. Dada a existência de formas de vida incomensuráveis, não havendo um campo de possibilidades formais anterior a nossos jogos de linguagem, nossa limitação não está então em só podermos nos aproximar hipoteticamente do que não é hipotético?[820]

5.

Embora saibamos todos que as cores têm suas causas e efeitos característicos,[821] apenas indiretamente as leis da física estão em linha de conta. A decisão sempre depende de critérios em sua origem postos por jogos de linguagem, apesar de agora testados fora de seu *habitat*. Outro exemplo de como numa pintura representaríamos o 'branco transparente': uma fotografia, no caso, não-colorida: "O que se vê por ele [o meio transparente] tem então semelhança com uma fotografia. Transpõe-se isto para o vidro branco, então tudo de novo deveria aparecer como fotografado, mas em / tons entre branco e preto. // branco, cinza e preto. // E por que não se deve querer chamar de *branco* a um tal vidro — caso houvesse um?"[822] A analogia se quebra, inclusive

---

[820] O cego para cores ou apenas o povo de cegos teria outra geometria? Uma nova faceta do problema, qual seja, a incomensurabilidade entre formas de vida, faz preponderar a comunidade lingüística sobre a sensação individual e pode ser exemplificada pela recusa ulterior em atribuir uma geometria cromática distinta a um cego para cores. De certo modo, o comportamento do daltônico faria parte do conceito de vermelho e verde, enquanto um povo de cegos para cores poderia ter uma outra geometria cromática. Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 189; MS 107, p. 276; *The Wittgenstein Papers*, vol. 38; MS 136, f. 121; *Bemerkungen über die Philosophie der Psychologie*, II, § 392; e finalmente *Bemerkungen über die Farben*, I, § 13.

[821] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, III, § 82.

[822] Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, III, § 175. Em III, § 137, diante do mesmo exemplo, a pergunta foi: "Mas, por que eu deveria chamar isto de "vidro branco"?" Que nos embaracemos seguindo nossas regras, o que pode isso significar? Significa que não podemos ir adiante. Cf., in Wittgenstein, Ludwig, *The Wittgenstein Papers*, vol. 32; MS 130,

porque a um caminho de semelhanças, de exemplos intermediários, de instruções a serem seguidas pelo pintor, outros podem ser contrapostos, outros critérios de identidade podem ser inventados e não temos como decidir. A decisão seria sempre artificial, seria neste sentido fora da natureza, ou seja, fora da natureza fixada em conceitos.

Retomemos o exemplo da fotografia. Em vez de tornar cinza as outras cores, por que o branco simplesmente não as esmaeceria, como o faz, por exemplo, um papel vegetal quando posto sobre uma pintura colorida ou o efeito cromático dos camafeus, nos quais "tudo se passa como se tivéssemos lançado uma gaze muito fina sobre uma superfície pintada"[823]? Assim, "uma fina camada de um meio colorido colore tão-só levemente as coisas: como deve colori-las um fino vidro 'branco'? Deveria não subtrair-lhes ainda todas as cores?"[824] Pelo caminho anterior, pelas instruções ao pintor antes seguidas, o preto, visto através de um vidro branco, permaneceria preto; mas, então, "por que sinto [sentir que é sempre índice de instalação em uma gramática] que um vidro branco, se há de colorir uma coisa qualquer, precisaria colorir o preto, embora admita que / o amarelo é engolido pelo preto // um amarelo não atinge o preto // ?"[825] Ou ainda: "Se, através dele [do vidro branco], o verde se torna esbranquiçado, por que não se torna mais branco o cinza? E por que não se torna cinza o preto?"[826]

Se é preciso um critério para dizer de idêntica cor uma amostra em papel fosco e um vidro transparente, esse critério é dado por uma série de normas — como as que podem ser lidas no octaedro, ou no duplo cone, etc. Numa palavra, repetimos *ad nauseam*, isto não se decide por simples olhar e tampouco prescinde do ver. Para ser verde o vidro transparente, não basta que nos pareça verde. Ele deve satisfazer algumas normas do

---

pp. 12-13, uma boa descrição do impasse ao fazer valer a analogia com o branco transparente. À filosofia, porém, não cabe resolver o contraditório, mas apenas dar visibilidade à situação (Cf. Wittgenstein, Ludwig, *The Wittgenstein Papers*, vol. 32; MS 130, pp. 14-15).

[823] Beaudeneau, Julie, *Harmonie des Couleurs*, pp. 40-41.

[824] Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, III, § 186.

[825] Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, III, § 208.

[826] Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, III, § 193.

parecer verde. E o pintor que o deseje pintar deve conhecê-las. Assim, seguindo o octaedro, "se a lâmina de vidro verde empresta às coisas atrás dela sua cor verde, então ela torna verde o branco, preto o vermelho, amarelo-verde o amarelo, azul esverdeado o azul".[827]

Que exemplo pode então ser elaborado por este caminho analógico? Que critérios seriam forjados para identificarmos um 'branco transparente'? "A lâmina branca deveria, por conseguinte, tornar tudo esbranquiçado; portanto, tudo *pálido;* e por que então não tornaria o preto cinza? -- Mesmo um vidro amarelo escurece, deve também um vidro branco [grande paradoxo, ou mesmo *Widerspruch*] escurecer?"[828] Ou seja, pelas regras de tradução enunciadas no § 175 da terceira parte das *Bemerkungen über die Farben,* o tom mais claro é o da cor do meio (Der hellste Ton wäre der des Mediums) e será visto em sua clareza quando atrás dele houver um objeto branco, sendo as outras cores escurecidas pelo meio colorido transparente. Mais uma vez, a dificuldade: *a regra não pode ser seguida quando o meio é ele próprio branco,* não tendo sentido dizer que o branco, ao esmaecê-las, escureceria as cores. E, se o tom mais claro é o do meio, seria ele mais claro que o objeto branco atrás dele? Ficaria ainda mais claro o objeto branco visto através do meio ou (como acontece com os outros meios, quando de idêntica cor meio e objeto) ocorreria um escurecimento?[829]

Se regras tramam o que vemos, se dizem o que é nossa experiência, quando não há regras ou é contraditório seu emprego, quando pois a analogia se quebra, não há como isolar e reconhecer um fenômeno. A

---

[827] Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben,* III, § 191. Cf. I, § 24.

[828] Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben,* III, § 191. Sob outra perspectiva, caso tenhamos em conta não uma definição para transparência, como até agora, mas sim o modo de determinação da cor de um vidro transparente, nova dificuldade pode apresentar-se à possibilidade gramatical de um 'branco transparente'. A cor de um vidro transparente é, por definição, aquela em que aparece uma fonte de luz branca, quando vista através do vidro. Neste caso, porém, se branco o vidro, como aferi-lo? (Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben,* III, § 183.) "Perpassa a luz um vidro vermelho, então ele lança um clarão vermelho; como parece, então, um clarão branco? Deve o amarelo tornar-se esbranquiçado sob um clarão branco ou apenas claro? E torna-se cinza o preto ou deve permanecer preto?" (Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben,* III, § 179.)

[829] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben,* III, §§ 185, 192 e 200; I, § 30.

questão, portanto, não é física. Não decorre de uma limitação pura e simplesmente empírica, algo que faça parte de uma história natural das cores. A impossibilidade não reside sequer em que um vidro branco transparente qualquer seja inconcebível. Tampouco pode ser solucionado o problema por uma definição. Uma definição salvadora só terá força caso decorra de uma *Praxis*, de um alargamento, digamos, dos jogos atuais. Por isso, com o contra-exemplo do cinema, outros podem ser coligidos, fazendo propagar-se o impasse inicial — nenhum dos exemplos nos pondo em contato com a visão de um possível isolado ou decantado por instruções precisas que nos permitiriam assim uma espécie de reconhecimento platônico. Não sabemos, não podemos saber, fora de um jogo de linguagem, com independência de alguma forma de vida, o que 'branco transparente' significa. Não podemos, em suma, decidir se será ou não esmaecido o preto, se será ou não "escurecido" o branco, se se tornarão cinza ou apenas acinzentadas, empalidecidas, as outras cores.

6.

Está quebrada a possibilidade mesma de uma analogia; mas, por quê? Não é apenas por ser o branco a cor mais clara,[830] porquanto em certo sentido pode ser visto também como não sendo a mais clara cor, embora continue a jamais poder ser visto como transparente. Qual a razão gramatical, razão necessária e quiçá provisória, para não aceitarmos como brancos e transparentes meios contudo representáveis como tais, segundo algumas instruções? A analogia não funciona porque significativas as dessemelhanças entre o preto e o branco e as outras cores, ou seja, a diferença (não-física) quanto ao modo como se comportam em nossos jogos de linguagem. Por isso, aceitamos que haja quem inverta o verde e o vermelho, mas, em nossos jogos, parece intolerável conceder que alguém inverta o preto e o branco.[831] E

---

[830] Fosse sempre a mais clara (ou sempre a mais escura), a condição extrema de uma gradação exigiria uniformidade e impediria, por conseguinte, a transparência.

[831] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, III, § 84.

interessante o exemplo pois é inclusive fácil imaginar que alguém veja o mundo como ele se mostra no negativo de um filme.

O emprego diferencia o lógico do empírico, a norma da proposição genuína. Assim, é o emprego, configurando espécies lógicas, que restringe a expressão "cor de ouro" a superfícies que cintilam. As cores ardentes a branco e vermelho, por exemplo, mas nunca a marrom e cinza. Não temos regras para a aparência de um cinza ardente, que não será pensado em nossos jogos como um branco ardente menos intenso.[832] É uma regra do parecer cinza (e logo uma regra do ser cinza, na medida em que se não distinguem ser e parecer) que pareça iluminado e nunca luminoso. Não se *vê como* luminoso o cinza, mas pode-se vê-lo contudo como branco. Isso parece gerar um paradoxo, pois vê-lo como branco (podendo o branco ser luminoso) não suspende contudo a interdição. O mesmo fragmento do mundo, sem mudar o que se dá à visão, nunca será visto como cinza *e* luminoso, mas poderá, segundo contextos ou jogos distintos, ou numa alternância, ser visto ora como [branco] pouco luminoso, ora como cinza [iluminado].[833]

Qual então a diferença entre o problema da clareza do branco e o de sua não-transparência? No primeiro caso, é possível ou admissível ver o branco ora sim ora não como a mais clara cor — em jogos distintos, decerto, mas ambos segundo relações internas, decorrentes de diferentes empregos da palavra. Em nenhum dos casos se trata de simples relações causais, não são determinados pela produção da impressão de branco, mas antes decorrem do modo como palavras são associadas, segundo certas técnicas, a impressões de formas e cores. Se vemos ora como uma coisa ora como outra, se conseguimos perceber a mudança do aspecto, ambos os aspectos não nos são estranhos, incluem-se em nossos usos, armam-se em relações internas que entendemos, mesmo se referidas a empregos diversos. Ou seja, ambos os empregos têm lugar em nossas formas de vida.

---

[832] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, I, §§ 32-34.
[833] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, I, §§ 36-38.

Quanto à transparência, porém, temos a situação extrema em que, apesar das múltiplas, possíveis e concorrentes instruções que podemos elaborar de sua representação, mesmo se depararmos com uma tradução na experiência de um objeto branco e transparente, ele não será visto assim, ou seja, como branco e transparente, assim como não será vista como cinza a chama de uma substância. E não há lugar aqui para refutação. "Não há um corpo branco transparente" significa: tendo visto o que é ser branco (se dominamos as técnicas que o podem determinar) e o que é ser transparente (se temos igualmente critérios para decidir se vemos um corpo transparente), saberemos de uma vez por todas, de olhos fechados, de todo e qualquer objeto que nos possa ser apresentado: jamais algum deles será visto como branco *e* transparente, isto é, as técnicas que determinam o branco implicam a negação das regras que determinam a transparência, e isto lhes é, portanto, essencial. Em conjunto, tais instruções, bem analisadas, não nos fariam saber o que representar; logo, algo que vejamos ou imaginemos tampouco pode negar essa exigência gramatical. Se não podemos ver como, se não podemos interpretar assim, tocamos a rocha dura do nosso ver, imune à dúvida, a hipóteses, imune pois tanto à verificação quanto ao falseamento. Cada um dos empregos da palavra branco em nossos jogos interdita a conjunção, representável contudo como possível. Não adianta aí multiplicar distinções. O emprego que nos possibilitaria ver um meio como branco e transparente não tem qualquer lugar em nossas formas de vida. Por isso, a analogia com as outras cores, ou melhor, a identidade mesma do conceito de cor quebra-se em algum lugar.

Fica patente a diferença do novo contexto se julgamos esses dois problemas sob a perspectiva de um outro momento da obra, no qual se multiplicavam as dificuldades por se tentar colher pelo olhar a determinação do simples. Como vimos, no período da elaboração de "Some Remarks on Logical Form", o simples se identificava a uma mancha monocromática, não importando mesmo seu tamanho, pois a imagem permanece a mesma com independência da malha por que seja recortada, e o menor tamanho pode ser apresentado como diferença

complexa.[834] Somente após a introdução de noções como a de jogos de linguagem podemos resistir à tentação de decidir assim sobre noção íntima a qualquer gramática. Temos então um bom exemplo da unilateralidade característica dessa tal fenomenologia, que não mais se verifica nas *Bemerkungen über die Farben*, na estrita ligação entre simples e monocromático, quando lembramos que, sob esse ângulo, o branco não deve poder ser policromático, porque essencialmente a cor mais clara. O conceito assim se fixa. Entretanto, se ser sempre o mais claro fosse o motivo para não poder o branco ser transparente, a apresentação de circunstâncias em que chamamos de branco um fragmento maculado (que em outros contextos diríamos sujo e cinza) seria suficiente para acreditarmos que um branco transparente pudesse ser flagrado pelo olhar no exemplo de um cinema ou de uma fotografia. A lógica do conceito não se dá, porém, simplesmente ao olhar. E os dois problemas, o da clareza e o da transparência, inserem-se em tramas bem mais complexas e irredutíveis. Caso contrário, porque não podemos definir com precisão o quanto de cinza é suportado pelo olhar sem conspurcar o branco, formas a pouco e pouco apareceriam e, sem a remissão dos conceitos a jogos de linguagem, breve a razão deliraria, julgaria poder traduzir objetos, vê-los perpassando o branco.

Se muitos jogos são possíveis, não há lugar para qualquer jogo. A dificuldade está em termos jogos muito semelhantes, mas que entretanto forjam distintos critérios de identidade. Apenas pensar sobre as cores, tentar vê-las sem descrever os distintos jogos em que se constitui sua gramática é enredar-se em seus vários, embora assemelhados, conceitos de identidade de cor.[835] Assim, tão-somente tendo em conta os jogos efetivos a resposta pode ser plenamente gramatical: não há analogia entre o branco e o verde transparente porque o parentesco entre o branco e as outras cores é diferente daquele que estas mantêm com o verde.[836]

---

[834] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 1, p. 6.

[835] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, I, § 56; III, § 251.

[836] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, III, § 178. A especificidade do branco e do preto é exposta em III, §§ 80 e 85. Em III, § 178, Wittgenstein indica-nos ser decisiva a dessemelhança gramatical entre o branco e o preto e as outras cores em relação à *transparência* e logo em relação à *profundidade*. (I, § 19.) Em conformidade com isso, em nossos

"Que palavras para cor sejam esclarecidas a alguém mediante a ostensão a pedaços de papel coloridos, com isso ainda não se / tocou // esclareceu // o conceito de *transparência*. É este conceito que mantém relações / desiguais // diversas // com os diversos conceitos de cor."[837]

Se a semelhança entre as cores já não nos engana, tampouco pode ser eficaz remeter ora ao *branco* ora à *transparência* a explicação de uma incompatibilidade que dizemos não ser física, decorrente de laços causais, nem meramente formal, uma vez que a necessidade não parece mais poder encontrar definição adequada mediante uma vigência "em todos os mundos possíveis" — definição talvez apenas significativa se concomitante à universalização de uma gramática.[838] Se tantos critérios podem enfim ser elaborados, se a própria noção de identidade é diversa, por que, entre os muitos possíveis, não podemos ter, lado a lado, um termo para o branco não-transparente e outro para o branco transparente? A resposta, novamente, *stricto sensu*, não é lógica nem empírica. A gramática dos usos, que não se resume à produção em nós da impressão de branco (objeto de uma *Gestaltpsychologie*),[839] é a responsável pela restrição; ou seja, o modo como se tece a "lógica do conceito" 'branco', permitindo-nos dizer de certas coisas que são, sob o aspecto cromático, idênticas a si próprias e brancas, indica-nos: o branco é cor de superfície.[840] Não basta porém dizê-lo, como se fizéssemos na descrição dos jogos um registro estatístico ou separássemos e escrevêssemos os verbetes de um léxico. Não se trata de uma história

---

jogos, o branco é cor de superfície e não pode ser luz (Licht), pois esta é gramaticalmente incolor, podendo ser coloridos apenas os seus brilhos (Scheine). (I, §§ 35-38.)

[837] Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, III, § 189.

[838] De fato, a superação do paradigma indiciário tem grandes conseqüências. Seria mesmo surpreendente que, com a crítica aos preconceitos clássicos acerca dos dados dos sentidos, não fossem também abaladas as definições do analítico. De qualquer modo, não mais nos parece ter sentido definir a verdade necessária por algo como sua suposta vigência transgramatical em todos os mundos possíveis.

[839] Não se trata de investigar como se produz a impressão do branco, mas a lógica do conceito 'branco'. A impossibilidade do cinza ardente não é assim da alçada de uma psicologia, escapando ao projeto paradoxal de Goethe, que enunciava proposições gramaticais cuja cifra esperava encontrar disposta aos olhos, aos quais se revelaria com exclusividade o fenômeno primordial da cor. Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, I, §§ 39-40.

[840] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, III, §§ 241- 243.

natural da denominação de cores, separando-nos em períodos, dividindo-nos em povos, fazendo a taxinomia de nossa acuidade visual. Dizer que a palavra 'branco' é aplicada a superfícies não é dizer que nos falta (histórica, antropológica ou psicologicamente) algum nome de cor.[841]

Decerto, encontramos em Wittgenstein repetidas referências ao uso cotidiano: "Ninguém se refere ao branco como incolor", "não se fala em absoluto de um brilho branco", etc., etc. Wittgenstein sem dúvida concede enorme importância ao modo como os conceitos se cristalizam em meio aos mais diversos jogos com cores, mas é a estes jogos, a estes usos, que procura descrever, e tão-só uma remissão a eles pode retirar-nos da escolha gratuita de algum critério ou de uma circularidade entre conceitos. Lembremos: *Denk nicht, sondern schau!* é a recomendação maior. Ao segui-la, o caminho do filósofo não se confunde com as sugestões que também extrai do empírico, não se confunde pois com o registro (não negligenciado) das ocorrências de um termo, pois neste caso jamais teria resposta conceitual a por que não ocorreu a alguém uma palavra correspondente ao branco e também aplicável ao transparente. A não-transparência, afinal de contas, não é uma propriedade da cor branca, nem a transparência um segredo íntimo do verde; mas que assim nos apareçam, e necessariamente, é algo que só pode ser dito por sua gramática.[842] Não basta pois dizer que o branco é uma propriedade de superfícies, pois bem o poderíamos pensar, por exemplo, como a luz de uma chama.[843] A não-transparência tampouco será vista no branco e em suas ocorrências isoladas. Em outras palavras ainda, nada de essencial apreendemos, se buscamos a identidade ou a semelhança em cada conceito, pois a diferença que os pode normatizar reside em suas relações (por nossos jogos de linguagem tornadas internas) com outros conceitos.[844]

---

[841] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, I, § 46.
[842] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, I, § 45.
[843] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, III, § 145.
[844] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, III, § 190.

7.

No que se refere à lógica dos conceitos de cor, onde se chega com esse resultado nenhum? O que se quebra junto com a analogia pura e simples entre as cores? Quebra-se sem dúvida a possibilidade de uma fenomenologia que, neste sentido, suponha a autonomia dos dados imediatos da percepção e dependa de uma semelhança essencial entre conceitos de cor, para além das técnicas por que associamos palavras de cores a impressões e dos empregos que então têm lugar. Quebra-se ademais a aparência da necessidade ligada a tais proposições gramaticais, mas não e nunca a própria gramática. Os exemplos e contra-exemplos a relativizam talvez, fazem a terapia da generalização de suas razões, afastam as confusões a que nos pode conduzir tal generalização, quebram uma dieta unilateral de exemplos, mas nenhum deles pode funcionar como um *experimentum crucis*, nunca sendo suficientes para a assunção de um branco transparente — que, por sinal, continua sem qualquer lugar em nossos jogos de linguagem.

O problema com considerações assim é que parecem cumprir o papel de uma teoria das cores de qualquer ordem, quando a empreitada é filosófica e apenas se deseja ver uma "lógica de conceitos".[845] Desse modo, se experimentos com o espectro não podem reforçar ou contradizer uma proposição (gramatical) de Goethe (ou de Runge, ou de Brentano) acerca do branco, não há tampouco uma evidência de simples olhar que a comprove, uma simples inspeção da natureza que nos satisfaça, "pois sobre os conceitos das cores não se aprende por olhar "![846] Considerando nossa gramática, não importa os exemplos que possamos produzir, pois não serão vistos como satisfatórios.[847] "E mesmo, um corpo na realidade transparente pode também aparecer-nos branco; embora nunca nos apareça como branco e transparente."[848] Mas isto não expressa uma propriedade da cor. Não deve ser expresso assim, pois transparência

[845] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, III, § 188; I, § 22.
[846] Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, I, § 72; III, § 131.
[847] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, III, §§ 139-141.
[848] Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, III, § 146.

é uma propriedade do espaço visual; e no espaço visual, nos jogos que aí se fazem, ela mantém, como vimos, relações distintas com as cores.[849]

Não se trata de propriedades que certas coisas possuam e outras não, sobretudo não sendo verde e branco coisas que suportem ou não essa ou aquela propriedade. Não se trata também da falta de uma palavra (ou de duas) a ser corrigida por uma ampliação do vocabulário, por uma classificação de mais objetos, mas de uma incompatibilidade condicionante de qualquer classificação. Simplesmente, um meio em que um tabuleiro aparece inalterado não será, por conta dos paradoxos anteriores, chamado de branco, ainda que as outras cores percam em coloração.[850] A possibilidade de um mesmo fragmento valer em jogos ou contextos distintos ora como branco, ora como cinza, sem decorrer de uma propriedade do branco ou do cinza, é antes uma nota característica dos conceitos 'branco' e 'cinza', isto é, de como podem ser usados para descrever o que vemos.[851] Goethe não chega à natureza geométrica de suas proposições, e tanto chega a cogitar um verde avermelhado como ainda, em carta a Hegel, lança a hipótese de como seria visto um preto através de um meio branco transparente: seria azul. O abismo segundo Goethe é físico, apontando porém para onde Wittgenstein indica haver uma lacuna geométrica.

Após muitos exemplos e muitas descrições, aprendemos mais sobre o nosso conceito de branco e, principalmente, sobre a própria gramática dos conceitos — o que, segundo o próprio Wittgenstein, pode ser estendido com proveito a jogos semelhantes, como os da matemática! E aprendemos sobre o branco algo que, não se reduzindo ao modo como pode ser produzida sua impressão, pertence a seu conceito. Entretanto, a filosofia deixa a gramática das cores como está. Não havendo um lugar em nossos jogos de linguagem para um branco transparente, não há matéria ou sensação que o possa ocupar, mesmo que a matéria opaca mostre-se em "verdade" diáfana. Podemos pensar jogos de linguagem que tenham um objeto previsto para um 'branco transparente', assim

[849] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, III, §§ 147-150.
[850] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, I, §§ 45-47.
[851] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, I, § 49.

como em alguns jogos imagináveis uma linha reta pode ser aceita como exemplo de um 'biângulo regular'. Em todo caso, como em nossos jogos é assim, uma lacuna geométrica não pode sem mais ser ocupada por um objeto físico. Não há objeto que venha ampliar a liberdade concedida pela gramática, impor sua cidadania no mundo dos possíveis. Em nossas regras para a descrição da aparência, não há um ser exterior que seja seu critério. Nem sequer neste caso extremo: "Uma superfície branca lisa pode refletir: Como, então, se nos enganamos e o que nela aparece refletido realmente estivesse atrás dela e sendo vista através dela? Seria ela então branca transparente? Também então não corresponderia o que vemos ao transparente colorido."[852] Palavras de Wittgenstein.

Se temos uma técnica lingüística para apresentar, digamos, o que chamamos de 'vermelho', mostramos entender o significado da palavra não por termos uma mesma e comum impressão mental nem por ser a palavra representativa de um mesmo objeto do mundo, mas tão-somente por satisfazermos as regras de identificação postas pelos jogos de linguagem. Como porém simularia um pintor o efeito de um branco transparente? Deve esbranquiçar verdes e vermelhos?[853] Quem tentar pintá-lo — eis algo que aprendemos — estará fazendo as vezes de um pintor mais que surrealista, pois *não há como decidir*; pelo menos, *unzweideutig nicht*! Não sabemos sem ambigüidade como satisfazer a descrição, como produzir *das Analogon*. Não caberia exatamente à geometria das cores indicar-nos o caminho quando se trata de cores? Como então satisfazer uma exigência de representação mental ou pictórica, tratando-se de exigência (porque exterior a nossa "geometria") ela própria indeterminada?[854]

Há uma enorme diferença entre cada vidro transparente colorido, em cujos efeitos, bem o sabemos, está o de colorir o branco, e o vidro branco transparente que "ou o deixa inalterado, ou simplesmente precisa escurecê-lo".[855] A questão, nós o vimos, é bastante complicada, pois,

---

[852] Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, III, § 236. Cf. I, § 43.
[853] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, III, § 198.
[854] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, III, 86 - 88.
[855] Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, III, § 199.

embora muitos contra-exemplos à proposição gramatical nos permitam pensar e mesmo elaborar regras de conversão de cores, não há enfim um critério que nos permita torná-las exclusivas. A questão não se fecha, porque nos é estranha, porque, no interior dos jogos em que se determinam as significações de nossos conceitos de cor, ela não tem solução. Mantida por um caminho a analogia, o branco apareceria por detrás de um vidro branco transparente tal como apareceria por detrás de um vidro incolor — e esta é uma regra *für den Schein der Durchsichtigkeit*.[856] Não parece porém igualmente "lógica" uma regra que nos diga: assim como o verde se torna mais escuro atrás de um vidro verde, o branco, escurecido pelo branco, deve parecer cinza? "Através de um vidro amarelo, observa-se um cubo branco com superfícies iluminadas diversamente claras; ele aparece então amarelo, e suas superfícies seguem iluminadas com diversa força. Como deve ele aparecer através de um vidro branco? E como apareceria um cubo amarelo através de um vidro branco?"[857]

8.

Alguém com ouvido universal pode mover-se com segurança em jogos cujos sinais desconhecemos.[858] Imaginemos que possa, por exemplo, reconhecer os ônibus de uma cidade pela "afinação" de seus motores e mesmo classificá-los (conforme a um improvável critério que parece aplicar com consistência) em masculinos e femininos. Nossa limitação diante desse jogo, pelo menos diante de sua primeira parte, não parece mais que fisiológica. Estávamos a analisar neste texto um jogo diferente. Alguém com "visão universal" (ou um povo com uma outra "geometria das cores"), caso encontrasse um lugar para o branco transparente, não poderia integrá-lo pura e simplesmente a nosso universo cromático. Aqui não se trata de uma diferença fisiológica, pois um povo pode ter outra geometria, embora nada impeça que suas impressões sejam as mesmas

---

[856] Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, III, § 200.
[857] Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, III, § 203.
[858] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, III, § 292.

que as nossas — sendo, de resto, absurdo afirmar ou negar que vejamos o mesmo. De forma semelhante, o simples fato da dor não pode decidir sobre a correção com que aplicamos a palavra 'dor'. Aprendemos e usamos a palavra em jogos específicos; neste sentido, não só o poeta, mas todos somos fingidores: fingimos que é dor (até e sobretudo) a dor que deveras sentimos. Os fenômenos anímicos concomitantes são irrelevantes, podem inclusive ser os mesmos e entretanto não decidem se uma regra está ou não sendo seguida. Em suma, nosso mundo ou nossos olhos, não são eles que nos interditam o jogo com o transparente branco, não é o mundo que nos determina a margem de liberdade para a produção de enunciados significativos sobre cores, mas sim nossa geometria cromática.

Se cores não são "coisas", uma suposta referência no mundo não pode servir como fundamento para a atribuição de um nome de cor a uma dada impressão; em certo sentido, é mesmo irrelevante, não tendo um olhar ao mundo como determinar, como discernir enquanto idêntico a si próprio, o fato cromático capaz de refutar uma teoria dele independente. Não fosse assim e servisse como *experimentum crucis* o exemplo fictício, a *Farbenlehre* seria apenas um capítulo de uma física ou de uma psicologia mal sucedidas. "Se às vezes é dito: não se pode ver o claro, se não se vê o escuro; esta não é uma proposição da física ou da psicologia — pois *aqui* não é pertinente e eu posso muito bem ver uma superfície toda clara e nada escuro ao lado — mas a proposição deve significar: Em nossa linguagem 'claro' é usado como uma parte de um par de opostos, claro-escuro."[859]

Ao constatarmos não comportar significado a possibilidade de encontrarmos uma matéria da qual disséssemos ser branca e transparente, deparamos com uma lacuna gramatical. A investigação gramatical está então a escandir o campo do que nos parece possível no sentido apenas de exibir as raízes de nossa normalidade, as proposições de experiência que, enrijecidas, figuram como normas, necessárias e talvez provisórias, de representação. E também, por outro lado, "não é o aspecto empírico dos jogos de linguagem que vai interessar ao filósofo,

---

[859] Wittgenstein, Ludwig, *The Wittgenstein Papers*, vol. 89c; TS 213, pp. 441-442.

mesmo sendo esse o ponto de partida para a análise que vai elaborar. Interessa-lhe, isto sim, compreender o estado de contradição a que se chegou, os problemas cujo caráter é a "profundidade", mas que nada mais são do que ficções de ordem gramatical."[860]

[860] Moreno, Arley, *Wittgenstein: Ensaio Introdutório*, p. 85.

CONCLUSÃO

o exemplo e a alegoria

"Ich kann das Wort "gelb" anwenden", dem ist analog:
"Ich kann mit dem König im Schachspiel ziehen".

Ludwig Wittgenstein[861]

1.

Enquanto ao cientista cabe o jogo da descrição, o filósofo investiga suas regras e instrumentos. Consideramos nesta tese um caso particular: a descrição da experiência visual, ou melhor, de modo ainda mais restrito, a descrição da experiência visual das cores. Como o exposto subtraiu-se à alçada de uma física ou de uma psicologia, não foram as cores nosso objeto, mas a coloridade. Alguns instrumentos de descrição (isto é, certos modelos cromáticos) foram privilegiados por expressarem excepcional e até essencialmente o que dão a descrever. Nessa medida, a gramática das cores denuncia o espaço das cores de modo o mais ínsito, e não apenas como os instrumentos de um pintor nos permitem adivinhar-lhe a arte. É verdade que a cor não é uma pura alucinação da gramática, assim como o cinzel não antecipa a forma da estátua, mas, dado pressupor a mais simples ostensão o espaço das cores, até a alucinação da cor é também ela gramatical.

Eivados de necessidade, tais modelos expressam relações internas. Nesse caso, coligindo proposições gramaticais, não se dirigem hipoteticamente à percepção, não visam à sua verdade. Sua investigação dirige-nos portanto a condições de possibilidade da percepção, perfazendo a exploração do espaço das cores uma tarefa filosófico-fenomenológica, mesmo ao negar

---

[861] *The Wittgenstein Papers*, vol. 41, MS 140, p. 12.

uma qualquer fenomenologia. Este, sem dúvida, um motivo suficiente para o interesse do tema. Entretanto, se a filosofia, atividade que não restringe a um objeto nem por ele se define, pode em tese tratar do objeto de qualquer ciência, contanto que se ocupe sempre e antes da condição de ser objeto, por que elege alguns de seus temas possíveis, a eles retornando obsessivamente? Queremos agora sugerir uma razão a mais (e esta específica do labor de Wittgenstein) para uma tamanha e reiterada afinidade eletiva entre filosofia e cor — com isso, deve ganhar contornos mais precisos o ser *exemplo*, condição que convém à cor sumamente.

Para esclarecer o estatuto do exemplo, no sentido forte que desejamos atribuir-lhe, faremos adiante o contraponto com um *Gleichnis*, ou melhor, com certo emprego de um *Gleichnis*, em um caso, o jogo de xadrez, que lhe convém a pleno. Wittgenstein não raro se socorre da aproximação entre cor e xadrez, acentua aí semelhanças e, por esse caminho, exercita um procedimento terapêutico.[862] Podemos todavia flagrar nessa aproximação, tornada natural pela atividade do filósofo, uma diferença importante entre o que serve à exemplificação terapêutica, fazendo parte de seu método, e os exemplos que a solicitam. E tal diferença entre o exemplo e a alegoria (extremos de um campo de variações analógicas), expondo a raiz da preferência de Wittgenstein, pode sugerir-nos inclusive a separação entre o

---

862 Esse fascínio de Wittgenstein pelo xadrez parece ter razões vienenses. Só para mencionarmos uns poucos nomes familiares a qualquer enxadrista, Grünfeld, Spielmann e Schlechter nasceram em Viena. Steinitz, primeiro campeão mundial, começou na Wiener Schachgesellschaft sua carreira, dependendo dele toda a moderna técnica enxadrística. Vidmar e Tartakower estudaram em Viena. E lá jogaram esses e vários outros nomes envoltos em uma atmosfera de lenda, de modo que, "na década que precedeu a primeira guerra mundial, Viena foi provavelmente a cidade onde se reuniam a maioria dos mestres importantes e os jovens mais destacados, como não havia acontecido em nenhuma outra cidade nem em nenhum outro tempo" (Reti, Ricardo, *Los Grandes Maestros del Tablero*, vol. 2, p. 29). E, mesmo em 1922, um torneio em Viena reuniria nada menos que Rubinstein, Tartakower, Alechine, Maroczy, Tarrasch e Reti, tendo este lançado então seu clássico *Novas Idéias em Xadrez*, tão importante para a moderna teoria enxadrística quanto o texto-manifesto de Nimzowitch "Implica o livro do Dr. Tarrasch, A Partida Moderna de Xadrez, conceitos realmente modernos?", também publicado pela primeira vez, em 1913, em Viena. De fato, a tamanha ebulição enxadrística não podia ficar indiferente a família Wittgenstein, tendo ela mantido um caderno familiar de anotações enxadrísticas (hoje de propriedade do historiador vienense Michael Ehn), no qual estão registradas posições de partidas pelo próprio punho de seu filho mais ilustre (Cf. Strouhal, Ernst, *Acht x acht: zur Kunst des Schachspiels*, p. 99 — devemos o acesso a esta fonte ao mestre de xadrez austríaco Lothar Karrer e ao Dr. Alfred Schmidt, da Biblioteca Nacional da Áustria).

móvel da obra e sua herança, com o saldo algo melancólico de jamais podermos ser herdeiros integrais de uma obra assim, mas porque patentes os seus resultados.[863] É preciso, então, para recuperar-lhe a essência, ter ciência dessa perda em parte irreparável, pois não podemos repetir o movimento puro e simples da obra. Em outras palavras, a dificuldade da herança wittgensteiniana está em conservar seus resultados não apenas em teses ou em sua inventividade analógica, importando para tanto a identificação dos *exemplos* que lhe são próprios ou propícios. E, uma vez conquistados, seus resultados não devem delir o aspecto terapêutico da obra que, afinal, os suscitou, não tendo sido sem propósito a coleção filosófica de fragmentos de linguagem. Caso contrário, tudo que fora atividade, pergunta pelo sentido, tornar-se-á teoria, pergunta pela verdade, invertendo-se com isso a transição essencial do método.

Parece não haver dificuldade com a afirmação "A cor é exemplo". E todos lhe concederiam isso de bom grado e sem hesitar, parecendo absurdo o propósito de demonstrá-lo e, logo, por completo dispensável esta tese. Se acreditamos porém relevante esse aspecto e necessário o esforço anterior, a comportar inclusive algum espanto e surpresa, não deve ser banal o percurso que nos leva a tamanha evidência, devendo então o próprio estatuto do *exemplo* ser esclarecido. Com efeito, não é dispensável o percurso, pois não alcançamos a seu termo aquilo que todos já se dispunham a conceder para qualquer filosofia, mas algo que marca, como um sinete, o específico à filosofia de Wittgenstein.

Para ser exemplo, *em primeiro lugar* (e de forma geral), o recurso ao tema em suas explorações opostas deve tocar questões filosóficas essenciais, como a dos limites entre necessidade e contingência — no caso, que vejamos a

---

[863] Já em 1929 Wittgenstein prenunciava um tal deslocamento, que poderia mesmo inverter o sentido de sua atividade filosófica, anulando-a: "Meine Art des Philosophierens ist mir selbst immer noch, und immer wieder, neu, und daher muß ich mich so oft wiederholen. Einer anderen Generation wird sie in Fleisch und Blut übergegangen sein und sie wird die Wiederholungen langweilig finden. Für mich sind sie notwendig." (Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 1, p. 177; MS 105, p. 46.) E não se associam a essa repetição seja o caráter incipiente de sua filosofia seja sua insipiência como filósofo. Antes associa-se à repetição a própria essência do filosofar, uma vez que Wittgenstein a traduz em um método: "— Diese Methode ist im wesentlichen der Übergang von der Frage nach der *Wahrheit* zur Frage nach dem *Sinn*" (Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 1, p. 177; MS 105, p. 46).

gramática das cores como um *exemplo* da gramática de 'müssen' e 'können' deve ser, acreditamos, um nosso resultado natural. Semelhanças e diferenças, há traços comuns a essas duas principais explorações do espaço das cores que as tornam partes de um mesmo *exemplo*. Em ambas as explorações, contrariando uma expectativa do *Tractatus*, a necessidade relativa ao espaço das cores não se reduz a uma expressão no espaço lógico, não podendo toda necessidade que pareça referida ao mundo ser reduzida à possibilidade de uma linguagem qualquer apresentá-lo. Há diferenças importantes: no primeiro caso, tal redução não se dá em virtude de um fracasso; no segundo, de um patente sem sentido, de sorte que Wittgenstein acentuará mais e mais um aspecto pragmático, pelo qual recusará à necessidade que possa ser reconhecida em uma nota ínsita das proposições, da sua interpretação ou dos objetos a que se referem; a necessidade, convencional e sem fundamento extralingüístico, dependerá, isto sim, do emprego de nossas expressões lingüísticas, não lhe sendo exterior. Em todo caso, ambas as explorações perpassam temas essenciais à filosofia, sendo já um fato teórico extraordinário e naturalmente exemplar que esteja a questão das cores associada a esses momentos diversos, servindo ainda à procura de outras relações internas entre linguagem e mundo, como no caso do paradigma do simples.

De modo mais específico, o tema deve, *em segundo lugar*, ter história na obra, mas isto, para Wittgenstein, significa ser objeto de uma reiteração quase obsessiva, não sendo a repetição apenas um vício desta tese, mas sobretudo um sintoma da relevância de sua terapia. Estas seriam favas contadas, não fora este um aspecto por demais prejudicado por erros e omissões editoriais sucessivos, como também esta tese contribuiu para evidenciar. Um dos resultados da investigação foi mostrar como, em seus textos mais importantes, o tema das cores foi prejudicado por sucessivas intervenções ou omissões editoriais, não lhe tendo sido atribuída, também em virtude dessa má fortuna, a devida e justa condição de *exemplo*, em sentido forte o suficiente para separá-las da mera analogia. Mostramos assim que "Some Remarks on Logical Form" não recebeu a devida guarida e não tinha o amparo das anotações correlatas que podem restituir-lhe o devido valor; as *Philosophische Bemerkungen* foram mal editadas, com um grave equívoco na alteração dos graus do modelo cromático. Enfim, o

desastre das *Bemerkungen über die Farben*, que deve agora dispensar comentários, embora talvez, mesmo encontrando-as tal como editadas por Anscombe, o leitor atento não deva desconhecer sua natureza exemplar ou aceitar o epíteto: "a serie of short amorphous notes".[864]

Esses dois pontos devem estar claros, pois desenvolvidos ao longo da tese. Mas, sobretudo, para ser *exemplo*, as cores não foram um recurso alegórico pacificador, ou seja, *em terceiro lugar* (e de modo estritamente wittgensteiniano), o tema deve solicitar um percurso terapêutico por comportar confusões conceituais, de modo tal que certas imagens pregnantes (como a de que sobre cores aprendemos por olhar) devem ser afastadas ou relativizadas. Esse, o aspecto que ora nos interessa, inclusive para mostrar que, sendo *exemplo* a todo instante da obra, a cor é ainda mais literalmente exemplar na segunda exploração do *Farbenraum*, uma vez que essa segunda exploração, partilhando com a anterior muitos traços característicos, traz a nota distintiva do pleno exercício terapêutico, ou seja, do combate à unilateralidade que Wittgenstein acredita típica de uma fenomenologia.

2.

Na parte final de "O Octaedro das Cores", rememoramos com Wittgenstein exigências e dificuldades do tema até a primeira exploração do espaço das cores, da estrutura da cor. Que a cor continue a ser *exemplo* e que, em verdade, o seja de modo ainda mais forte quando se trata de explorar a lógica dos conceitos de cor, sendo a mudança em seu tratamento igualmente esclarecedora do movimento da obra, isso pode ser mostrado agora por uma quase paráfrase de anotações do manuscrito 176 – paráfrase que pode resumir a contento o propósito dessa atividade filosófica voltada à experiência visual, comprovando ademais como a importância da gramática das cores é a importância da linguagem correlata àquela experiência.

---

[864] Casati, Roberto, "Notes on Phenomenology and Visual Space", p. 185.

Como vimos, não é uma propriedade do branco o que decorre da relação do conceito branco com conceitos outros (como o de iluminação, etc.), esvaindo-se com isso a noção de cor local, caso esta pretenda preservar ponto a ponto o caráter da cor. Segundo as regras para a descrição da aparência, seria absurdo recuar ao ver objetivo helmholtziano e separar o branco do branco (porque uma parte da superfície estaria à sombra) ou dizê-lo cinza em função de um branco puro de laboratório.[865] Mesmo no límpido azul do céu, vale lembrar, o olhar vagueia,[866] ou seja, a cor pura é uma quimera, como monstruoso o antigo projeto de uma linguagem fenomenológica, com sua desventurada ambição de tratar hipoteticamente o que é infenso a hipóteses, o que não separa parecer e ser e tem como pergunta fecunda não esta "Como sabemos se o que parece vermelho é vermelho?", senão esta "Como sabemos se o que parece vermelho parece vermelho?". A filosofia sempre simulou profundidade fazendo a primeira pergunta, sempre se enredou nas imagens dela decorrentes,[867] quando a questão radical é esta segunda, uma pergunta de superfície.

Uma questão causal, hipotética, dirige-nos às condições de produção do branco — condições mensuráveis até. Outra coisa (e bem distinta) é saber branca a impressão em um contexto de cores e formas, em uma ocorrência cromática (e cores só brilham em um contexto),[868] quando o que descrevemos como branco límpido não é necessariamente o mais claro — e mesmo, em outro contexto, seria visto como sujo e cinza. Como cor de matéria, da neve, de uma tinta, de um pano, etc., o branco é a cor mais clara e, nesse caso, qualquer outra cor é um escurecimento, um sombreamento, um confronto com a escuridão, tanto que, supressa a cor, restaria o branco, como que suspenso entre cor e não-cor.[869] O erro de Goethe está em generalizar esse caso, que funciona muito bem como modelo (como fenômeno primordial) para o que ocorre na paleta e em outros empregos

---

[865] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, I, § 50.

[866] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, IV, § 8.

[867] Grande parte da reflexão de Wittgenstein acerca das cores serve, como vimos, ao combate de uma imagem fortíssima, em muito associada a esta pergunta, a saber, a dupla semântica das palavras para cores, que designam uma experiência compartilhada do mundo, embora, essencial e fundamente, pareçam derivar da familiaridade com um mundo inefável.

[868] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, I, § 55.

[869] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, I, § 52.

assemelhados, mas já não dá conta sozinho das ocorrências na tela, para nos restringirmos a um só exemplo. Naquele caso também, outro exemplo, como a cor é escurecimento, o branco é não-cor, é *farblos*, mas não será visto como *farblos* em uma bandeira.[870]

Há assim problemas fenomenológicos, mas não podem derivar de uma fenomenologia nem podem sustentá-la, uma vez que, contra a suposição de seu fundamento comum extralingüístico, os conceitos de cor não são da mesma espécie lógica, não se reduzem a um único emprego, não estão restritos a um único jogo — o que se vê facilmente, dirá Wittgenstein, bastando comparar o diverso emprego de 'dourado' e 'amarelo' ou de 'prateado' e 'cinza'.[871] Os exemplos se multiplicaram por toda tese; e essa exemplificação extensa tem função metódica na obra, acentuando a indeterminação do conceito de cor e exibindo a natureza conceitual e convencional de suas relações internas. Ao contrário então do proposto por Goethe, não há com cores um fenômeno primordial que as possa cifrar, digamos, por um parentesco essencial com o cinza. O que têm de primordial são jogos de linguagem e, vale atentar, não um único jogo, uma ferramenta lingüística natural, mas uma caixa inteira de ferramentas. Como se constituem em diversas espécies lógicas, sendo determinadas em jogos e tramas conceituais, não se pode decidir fora desses mesmos jogos quais as propriedades da cor, se ela brilha ou se não pode, necessariamente, brilhar, como não pode brilhar uma cor enegrecida.[872]

Só seria possível fixar a essência das cores caso não fosse indeterminado o conceito de identidade de cor. Donde o engano de Goethe.[873] E a indeterminação do conceito de identidade de cor é exemplificada, entre outros casos, com o branco transparente, representante proeminente dessa exemplificação abundante, terapêutica. Como o formulara de diversos

---

[870] Podemos notar os dois empregos da palavra 'exemplo'. A cor é *exemplo*, ou seja, legítimo problema filosófico-fenomenológico, mas sua terapia também se faz por exemplificações e outros instrumentos agudos, conceituais, como a faca de Lichtenberg, os contra-exemplos, as alegorias, os casos fictícios, em suma, as semelhanças diversas que são instumentos de um filosofar metódico.

[871] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, I, §§ 53-54.

[872] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, I, § 55.

[873] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, I, § 56.

modos no § 251 da terceira parte, nós temos vários conceitos aparentados de igualdade cromática. Um lugar na íris de um olho pintado à maneira de Rembrandt — qual sua identidade de cor, de modo que alguém possa querer pintar seu quarto *dessa* cor?[874] O que pinto com ocre tem outra identidade no contexto do quadro, não bastando exibir uma amostra ocre para indicar o matiz que vemos. Tentar a comparação pode até ter seu interesse, mas não porque seja claro o que significa 'identidade de cor',[875] sendo sua indeterminação explorada extensamente, como a escandir o § 11 da segunda parte das *Anotações sobre as Cores*.[876] E, por este caminho de semelhanças e diferenças, muitas outras dúvidas são lançadas à suposição de qualquer fundamento extralingüístico para a identidade da cor.

A ilusão de retornar ao que efetivamente vemos, a um ver anterior a qualquer interpretação, aparece amiúde como um refúgio para quantos filosofam sobre a cor. Convém dessa maneira enfatizar, no mesmo tom da observação de Wittgenstein sobre o olhar que vagueia, que podemos descrever um lugar do campo visual como verde acinzentado sem que isso seja equivalente a indicar uma cópia do tom que vemos.[877] O olhar vagueia. Podemos pensar como modelo ideal de cor o preenchimento do campo visual, como quando dirigimos o olhar contra o céu azul. Como porém o olhar vagueia, o que vemos não é o que será descrito pela palavra para cor. Para o que é visto realmente, já que passeia o olhar, não há a descrição. O que é visto não é o descrito. Azul tal ou qual não é a descrição disso que vemos, pois, em se tratando de um caso fundamental, é um seu critério.[878] A identidade da cor torna-se ela própria uma quimera, se com ela queremos invadir e perpassar jogos distintos. A descrição exata do que *vemos* é jogo até posterior ao que imediatamente *vemos como*: é um jogo que solicita outra linguagem, que tem outras regras — e não um primitivo e fundante.[879] Como comparar o quarto visto na penumbra com sua pintura posterior? Será, em qualquer caso, uma comparação amparada em critérios; afinal, não

---

[874] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, I, § 58.
[875] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, I, § 59.
[876] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, II, § 11 {1}.
[877] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, I, §§ 61-62.
[878] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, IV, § 8.
[879] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, I, §§ 63-65.

apoiamos nossa apresentação da penumbra na comparação com a penumbra, isto é, os olhos não sustentariam sozinhos as instruções de pintura, não havendo um recurso de explicação do significado das palavras para cores além das técnicas por que as apresentamos.[880]

Quando retoma a palavra 'fenomenologia' nas *Bemerkungen über die Farben*, Wittgenstein está conjurando um espírito do passado que já pode exorcizar, pois a palavra não mais encontrará, após a terapia, atmosfera propícia a que sua sedução prospere. Contra o afã de Goethe por fazer teoria, Wittgenstein afirma: ele não fez teoria alguma. Fracassa se pretender competir como teoria, mas também falha, em sua investigação essencial, por tratar a essência da cor unilateralmente e ainda de forma hipotética.[881] Se as *Anotações sobre as Cores* são um comentário crítico à *Doutrina das Cores*, estão em confronto sobretudo as afirmações do privilégio do olhar por Goethe e sua negação por Wittgenstein — embora também seja aqui pertinente a oposição de fundo entre uma filosofia que se queira ciência e uma filosofia que se conserve atividade. O privilégio do olhar, imagem fortíssima, que aprisiona quase todo discurso sobre a cor, é fonte também do paradoxo de Goethe, que pretende fundar na experiência direta (e logo única) da visão o que é conceitual e se dissolve em um sem-número de práticas entremeadas de linguagem. A *Farbenlehre* é gramática, mas seu esquema de pensamento, que bem cifra a lógica de um emprego, pretende dar conta de todos os empregos. A *Farbenlehre* exige autênticas proposições gramaticais, mas as pretende fundadas no olhar.[882] Mesmo para o decorador dificilmente serviriam, pois até essa prática limitada pode conjugar uma diversidade de empregos;[883] e mesmo o que pareceria por princípio desagradável e sempre propenso a produzir um dado efeito moral ou sensível, como a cor de um olho injetado de sangue, pode ter um efeito magnífico como cor de papel de parede. Assim, aprendemos finalmente, a cor não tem caráter, sendo espantoso o quanto as ilusões que a cercam exigem uma terapia.

---

[880] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, I, §§ 67-68.
[881] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, I, §§ 70-71.
[882] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, I, § 72.
[883] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, I, § 73.

3.

Jogo e linguagem em muito se aproximam. "Steckt uns da nicht die Analogie der Sprache mit dem Spiel ein Licht auf?"[884] O xadrez, em particular, pode tornar visíveis questões que se podem estender a todo uso significativo. A analogia é forte, traduzindo-se naquela essencial entre as questões "o que é realmente uma palavra?" e "o que é uma figura de xadrez?".[885] Podemos identificar dois aspectos que favorecem aqui a analogia, tendo sido eles enfatizados diferentemente em momentos distintos da obra. Primeiro, o fato de ser o xadrez claramente determinado por regras, mas, segundo, o de envolver também comportamentos que servem de critério para o jogar ou não jogar xadrez.[886] O importante, porém, é que ambas as características podem ser expostas sem a suposição de objetos que correspondam ao "ser um rei", "ser um bispo", etc., e podem dispensar inclusive (como ao jogarmos xadrez contra um autômato) a suposição de que fenômenos anímicos concomitantes sejam critérios para o jogar xadrez corretamente. Desse modo, a situação enxadrística é claramente convencional, associa a regra a seu emprego e, travada por interdições e possibilidades (como uma pura geometria), não remete suas relações internas a qualquer realidade extralingüística.

Se podemos comparar a questão "o que é uma palavra?" com "o que é uma figura de xadrez?", podemos comparar a aplicação da palavra a um lance com uma tal figura. O xadrez é assim, em Wittgenstein, um recurso freqüente. Primeiro, ele é apenas mais um jogo de uma família de jogos. Não é o jogo por excelência, disposto como a vida e a isomorficamente representá-la. O xadrez é mais e menos do que isso, envolvendo "jogar xadrez" hábitos, instituições, comportamentos. Em muitos sentidos, pareceria confirmar postulados mentalistas, sendo tão importante o cálculo anterior a cada lance, o pensamento antes de qualquer linguagem; mas, em que consiste jogar xadrez? Certamente, como Wittgenstein indica-nos bem, "um lance de xadrez não consiste apenas em uma peça ser movida de tal ou

---

[884] Wittgenstein, Ludwig, *Philosophische Untersuchungen*, § 83.
[885] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Philosophische Untersuchungen*, § 108.
[886] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Philosophische Untersuchungen*, § 200.

qual maneira no tabuleiro, — tampouco consiste nos pensamentos e sentimentos de quem a move e que acompanham o lance; mas sim nas circunstâncias a que chamamos: "jogar uma partida de xadrez", "resolver um problema de xadrez" e coisas do gênero".[887] O mais importante portanto é que o jogo, como a linguagem, envolve um conjunto de regras; e este "seguir uma regra", também num jogo tão solitário, é uma instituição, importa em inserir-se em uma regularidade e esta, sobretudo, deve ser pública, ou melhor, tão-só publicamente (isto é, no interior de jogos de linguagem) é possível encontrar critérios que determinem se a instituição está ou não sendo cumprida. Numa palavra, não se pode seguir uma regra de modo privado, e mesmo jogar paciência é algo que, neste sentido, nunca fazemos sozinhos, assim como sozinhos nunca veríamos cores.

A semelhança é anterior à diferença e a prepara, mas para isso pode ser necessário que se sirva de termos intermediários muitos, a fim de fazer-nos notar o comum ao que antes separaríamos radicalmente. Desse modo, ao identificar o *exemplo* com a *alegoria* o filósofo já deve ter dado um grande passo. Ele nos fez notar a semelhança entre situações que pareciam dessemelhantes exatamente no que teriam de constitutivo. O emprego correto de uma palavra, que antes suporia o acesso mental a algum objeto, mostra-se da mesma ordem de um lance correto no xadrez. Ora, isso é surpreendente, não é um ponto de partida da terapia, mas um seu resultado, que, por sua importância, não está a delir a diferença de origem e posição entre a *alegoria* e o *exemplo*.

Situações antes misteriosas deixam de oferecer dificuldade quando aproximadas, v. g., de uma situação enxadrística. É o caso da apreensão do significado de uma palavra, que se dá em um instante e todavia deve dar conta de situações inatuais. "Mit einem Schlage erfassen!" Nada estranho em usar esta expressão, embora em seu uso filosófico seja ela tão especiosa; ou seja, podemos dizer sem qualquer problema que entendemos "de pronto" uma palavra, embora, por outro lado, sua significação resida em seu emprego. "Es ist an dem, was geschieht, nichts Erstaunliches, nichts Seltsames." Onde então o mistério? Qual a imagem? "Seltsam wird es, wenn

---

[887] Wittgenstein, Ludwig, *Philosophische Untersuchungen*, § 33.

wir dazu geführt werden, zu denken, daß die künftige Entwicklung auf irgendeine Weise schon im Akt des Erfassens gegenwärtig sein muß und doch nicht gegenwärtig ist." Do mesmo modo com o xadrez: não é estranho dizer que queiramos jogar xadrez, que tenhamos a intenção de jogar xadrez, contanto que não pensemos o jogo já contido em tal expressão de uma forma misteriosa. Onde está pois a ligação entre querer jogar e o jogo? A resposta simples, maravilhosamente banal, é resposta de enxadrista: "Im Regelverzeichnis des Spiels, im Schachunterricht, in der täglichen Praxis des Spielens".[888] Em casos assim, tal a força da analogia ora revelada, a comparação com o xadrez, em função alegórica, só pode refrescar o entendimento.

A trama autoterapêutica pode portanto servir-se de um *Gleichnis*. Dada a confusão conceitual, o *Gleichnis* vem a nosso socorro, pois nele não há confusão alguma: ele ilustra a autonomia da linguagem e, havendo analogia entre o que fazemos com palavras para cores e o que fazemos com peças de xadrez, é clara sua utilidade. Assim como a palavra 'vermelho' pressupõe um sistema de cores (e, quando falamos em sistema, podemos dizer: um mundo), "der Schachkönig hat nur im Schachspiel Bedeutung".[889] Entretanto, aqui se configura também a diferença essencial entre casos tão aparentados. A cor é exemplo por solicitar uma trama autoterapêutica. O xadrez, por útil que seja, é útil exatamente por não alimentar imagens, por estar livre de certas tentações, como a idéia de sempre necessitarmos da indicação de um objeto exterior como fonte da significação. Por nele não haver qualquer terapia a ser feita, é clara no xadrez a autonomia da gramática, ou seja, a autonomia da linguagem: "Die Analogien der Sprache mit dem Schachspiel haben ihren Nutzen dadurch, dass sie die Autonomie der Sprache illustrieren. Es fällt nämlich im Gebiet des Schachspiels die Versuchung weg, das Zeigen auf einen Gegenstand ausserhalb als der Bedeutung wesentlich anzusehen."[890]

---

[888] Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Grundlagen der Mathematik*, I, § 130.
[889] Wittgenstein, Ludwig, *The Wittgenstein Papers*, vol. 90, TS 219, p. 4.
[890] Wittgenstein, Ludwig, *The Wittgenstein Papers*, vol. 90, TS 219, p. 8.

4.

Ao distinguirmos 'exemplo' e 'alegoria', não introduzimos um expediente técnico cuja legitimidade esteja na dependência de um uso estrito e unívoco dos termos por toda obra. Não há, em verdade, cisão precisa entre *Gleichnis* e *Beispiel*, ou assemelhados, mas há decerto linhas de força, que decidimos acentuar por separarem irredutivelmente situações assemelhadas ao extremo. Distinção alguma recobriria toda e qualquer ocorrência dos termos, mas o difuso do emprego tampouco pode apagar a diferença entre instrumento e objeto da terapia que ora esboçamos. Vejamos este caso: ao dizermos anteriormente que o metro deixa de ser simples metáfora e passa a ser exemplo, não precisávamos operar naquele instante com o recorte a traços largos por que refletimos agora sobre a obra inteira. Entretanto, essa passagem não deixa de favorecer nossa leitura atual. Afinal, ao demarcar uma diferente ênfase entre termos semelhantes, desloca-nos do padrão de comparação para o caso, daquilo que partilha traços comuns com nosso objeto, estando todavia em outro patamar, para o que se situa em mesmo plano e é objeto como outros. E, vale lembrar, o metro como metáfora não é uma situação infensa a confusões conceituais: o metro alimenta ilusões, até que passa a pertencer à linguagem, como o termômetro e o relógio. Por conseguinte, distinções como essa não contrariam nossa leitura e situam-se inclusive em outro plano. Tampouco concorrem com nossa separação de linhas de força do labor filosófico de Wittgenstein outras leituras elucidativas da obra que se voltam à noção de *Gleichnis*.[891]

Insistimos, portanto, na condição de exemplo do tema das cores e tentamos, nesta tese, conduzir ao exemplo o que muita vez pode também ser lido de forma alegórica. Que haja usos até metafóricos das cores, disso não há dúvida. Que possam ser generalizados os resultados, igualmente, pois o exemplo converte-se não raro na melhor imagem da obra. Ressaltar porém o caráter de exemplo é evidenciar um traço essencial à obra, qual seja, o fato de mover-se em um processo autoterapêutico. Isso fica claro ao compararmos as explorações do espaço das cores com resultados

[891] Cf., e. g, o artigo de Gilles Gaston Granger, "*Bild* et *Gleichnis*: Remarques sur le Style Philosophique de Wittgenstein", in Granger, G. G., *Invitation à la Lecture de Wittgenstein*, pp. 189-199.

semelhantes logrados em território plenamente alegórico, exatamente por dispensar qualquer terapia: o recurso a analogias com o jogo de xadrez. Que sejam análogos o emprego de uma palavra e o lance de um jogo, isso carrega contudo tamanha novidade que deveria continuar a surpreender mesmo quando enfim podemos aceitar a aproximação súbita entre o puro arbítrio da regra enxadrística e arbitrariedade do espaço das cores.

A terapia prepara a aproximação, mas costuma ser esquecida. Não deveria ser tomada por seu resultado enfim cristalino, ocultando sua motivação filosófica originária de atividade em luta contra a linguagem e, sobretudo, em meio à linguagem. Renascidos então pela atividade acabada, calmos ante aproximações em verdade difíceis, sói desaparecer até a diferença de fundo entre o xadrez e a cor, assim como os formalistas não tinham na devida conta a diferença entre o xadrez e a matemática. A cor é exemplo e, apenas enquanto tal, a história de sua terapia pode tornar-se uma alegoria extrema da obra. Ou seja, suas diversas explorações espelham o aprofundamento que a caracteriza e mostram como essa radicalidade tem como foco de sua reiteração o que lhe serve como *exemplo*. A história do tema torna-se alegórica por isso, sendo o próprio tema um *exemplo* essencial da atividade filosófica. Isso não nos faculta, mesmo em uma conclusão, o deslocamento da minudência ao gesto largo, da hesitação ao tom imperativo, como se de uma página de trabalho forçado em direito administrativo passássemos sem solução de continuidade aos vôos retóricos do direito internacional. A obra ela mesma tem a feição paciente da terapia, da reiteração, do pormenor. Desse modo, mesmo liberta a obra de tentações como o dogmatismo e o ceticismo, a cor não poderia deixar de exemplificar também esse seu tom autêntico, amealhando sua história semelhanças e diferenças.

O xadrez todavia só se lhe equipara como *Gleichnis*. Jamais seria objeto legítimo do labor intrínseco do filosofar de Wittgenstein, não pela falta de perspicuidade ou natureza gramatical, mas por seu excesso. São por demais explícitas e, como tal, não carecem de qualquer terapia. Trata-se assim de lembrar que o significado de uma palavra é como o de uma figura do jogo de xadrez, mas não é preciso lembrar o contrário. Deve pois ser salientada a diferença entre o método terapêutico de exemplificação e o estatuto de

exemplo, ou seja, de ser carente de terapia. O xadrez, do qual não há terapia a ser feita, pois pura gramática sem suposições extralingüísticas, e o octaedro, também lingüístico, mas apenas após longa e contínua terapia. Terapia da suposição de um fundamento extralingüístico para a determinação conceitual das cores e, sobretudo, de suas relações internas. A necessidade mostra-se, enfim, após a investigação da lógica dos conceitos de cor, inerente a formas tão-somente lingüísticas, e todo aspecto gramatical relevante, como a simplicidade da cor, que sempre se julgou tocar pela ostensão, revela-se interior à linguagem, ou melhor, é uma função de nossos usos de expressões lingüísticas.

O xadrez, por sua feita, não estimula o filosofar. As alusões a ele, em que questões centrais já estão resolvidas, servem mais como objeto de comparação, como experimento de controle da investigação filosófica autêntica. A condição de exemplo distingue assim cor de xadrez, aproximando-a contudo da matemática e da psicologia. Entretanto, assim como o círculo de Viena desprezou a dimensão ética do *Tractatus*, filósofos inspirados pelo segundo Wittgenstein ignoraram o aspecto autoterapêutico de seu labor filosófico. Em ambos os casos, algo de essencial se perde. No caso do ser exemplo, paga-se o preço de (rendidos ao domínio técnico da exemplificação, precioso deveras) deixar degenerar a filosofia em um doutrina. A dificuldade é considerável. E não por acaso certas correntes incorporaram como um dócil resultado certas teses da filosofia de Wittgenstein, sem conservar contudo o sentimento profundo de ser necessário sempre reiterar e refazer a separação entre ciência e filosofia, embora não para acrescentar novas proposições ao elenco das gramaticais, nem para transformá-las em proposições descritivas. Wittgenstein deveras admitia que, para gerações futuras, seria pacífico o que lhe causava um renovado espanto, mas é lícito suspeitar que só o tenha podido imaginar com imensa estranheza.

Um *Gleichnis* pouco comprometido por preconceitos pode devolver-nos parte apenas do tom da obra. Também o jogo de xadrez é uma espécie de geometria como a aritmética uma espécie de geometria geral;[892] desse

---

[892] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 234; MS 108, p. 117.

modo, justifica-se o alcance esclarecedor da analogia iluminando nosso exemplo, pois sempre destaca a autonomia da linguagem e também a irrelevância do empírico. Ser uma espécie de geometria é ser autônoma.[893] Como resultado da terapia, liberta a mosca, não se espera um resultado superior àquele com que de início já conta o enxadrista: "Über /unsre // die // Sprache sind nicht mehr Bedenken berechtigt, als ein Schachspieler über das Schachspiel hat, nämlich keine"[894] — mas isso, longe de nos levar a confundir exemplo e alegoria, lembra-nos mais uma vez sua diferença radical.

Considerando a posição central da terapia na definição da atividade filosófica, podemos enfim esboçar uma restrição à elegante frase de John Wisdom, quando desafiado a definir em uma sentença qual a maior contribuição de Wittgenstein à filosofia: "I should answer 'His asking of the question "Can one play chess without the queen?" '."[895] Se nossa tese teve alguma utilidade, deve estar por demais claro o quanto se perde com a resposta de Wisdom, que recorreu a uma *alegoria*. Para tocar o essencial da obra, preservando a urgência de uma terapia e o característico da atividade filosófica de Wittgenstein, é preciso tomar do *exemplo* e responder: seu perguntar se podemos ver algo como verde e vermelho, como cinza e luminoso, como branco e transparente.

---

[893] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 235; MS 108, p. 119.
[894] Wittgenstein, Ludwig, *The Wittgenstein Papers*, vol. 18; MS 116, p. 59.
[895] Wisdom, John, "Ludwig Wittgenstein, 1934-1937", p. 44.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

OBSERVAÇÃO:

Os livros e artigos a seguir listados neste registro bibliográfico são exclusiva e inteiramente os referidos no corpo da tese e de seus apêndices.[896] Por conseguinte, não foram excluídos livros cuja citação tenha desempenhado uma função "literária", nem foi incluída obra alguma apenas por ter sido compulsada — embora certos trabalhos tenham sido de constante valia, a exemplo de: Black, Max, *A Companion to Wittgenstein's 'Tractatus'*, Cambridge, Cambridge University Press, 1964; Glock, Hans-Johann, *Dicionário Wittgenstein*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1998; e Hallet, Garth, *A Companion to Wittgenstein's "Philosphical Investigations"*, Ithaca, Cornell University Press, 1985.

Alberti, Leon Battista, *Da Pintura*, Campinas, Ed. da UNICAMP, 1992.

Allaire, Edwin, "'Tractatus' 6.3751", in Copi, Irving & Beard, Robert (Orgs.), *Essays on Wittgenstein's* Tractatus, pp. 189-193.

Anscombe, G. E. M., "Editor's Preface", in Wittgenstein, Ludwig, *Remarks on Colour*, p. 1.

Anscombe, G. E. M. & Von Wright, G. H., "Vorwort", in Wittgenstein, Ludwig, *Über Gewißheit*, pp. 115-116.

Austin, James, "Wittgenstein's Solutions to the Color Exclusion Problem", in *Philosophy and Phenomenological Research*, Vol. XLI, N. 1-2, 1980, pp. 142-149.

[896] Uma bibliografia reduzida acompanha nosso segundo volume com as referências a ele atinentes.

Baker, G. P. & Hacker, P. M. S., *Scepticism, Rules and Language*, Oxford, Basil Blackwell, 1984.

_____, *Wittgenstein: Rules, Grammar and Necessity*, Oxford, Basil Blackwell, 1992.

Baker, Gordon, "La Réception de l'Argument du Langage Privé", in Gil, Fernando (Org.), *Acta du Colloque Wittgenstein (C.I.Ph., juin 1988)*, pp. 29-40.

Beaudeneau, Julie, *Harmonie des Couleurs*, Paris, Dunod, 1948.

Berlin, Brent & Kay, Paul, *Basic Color Terms: Their Universality and Evolution*, Berkeley-Calif., University of California Press, 1991.

Blay, Michel, *La Conceptualisation Newtonienne des Phénomènes de la Couleur*, Paris, Vrin, 1983.

Block, Irving (Org.), *Perspectives on the Philosophy of Wittgenstein*, Cambridge-Mass., The MIT Press, 1983.

Bornheim, Gerd, "Filosofia do Romantismo", in Guinsburg, J. (Org.), *O Romantismo*, São Paulo, Perspectiva, 1985, pp. 75-111.

Bouveresse, Jacques, *La Force de la Règle: Wittgenstein et l'Invention de la Nécessité*, Paris, Minuit, 1987.

_____, "La Notion de "Grammaire" chez le Second Wittgenstein", in Granger, Gilles Gaston (Org.), *Wittgenstein et le Problème d'une Philosophie de la Science*, pp. 173-189.

Brenner, William, "Wittgenstein's Color-Grammar", in *The Southern Journal of Philosophy*, Volume XX, Number 3, 1982, pp. 289-298.

Brentano, Franz, *Untersuchungen zur Sinnespsychologie*, Hamburg, Felix Meiner, 1979.

Budd, Malcolm, *Wittgenstein's Philosophy of Psychology*, London, Routledge, 1989.

Canfield, John, "Tractatus Objects", in *Philosophia: Philosophical Quarterly of Israel*, vol. 6, N° 1, March 1976, pp. 81-99.

Cardoso, Zélia de Almeida, *A Literatura Latina*, Porto Alegre, Mercado Aberto, 1989.

Casati, Roberto, "Notes on Phenomenology and Visual Space", in Egidi, Rosaria (Org.), *Wittgenstein: Mind and Language*, Dordrecht, Kluwer Academic Publishers, 1995.

Chevreul, M. E., *The Principles of Harmony and Contrast of Colors and their Applications to the Arts*, West Chester, Schiffer, 1987.

Chisholm, Roderick, *Teoria do Conhecimento*, Rio de Janeiro, Zahar, 1974.

Conan Doyle, Arthur, *The Complete Sherlock Holmes Short Stories*, London, Murray's Overseas Library, 1950.

Copi, Irving & Beard, Robert (Orgs.), *Essays on Wittgenstein's* Tractatus, New York, Hafner Press, 1973.

Crane, Hewitt & Piantanida, Thomas, "On Seeing Reddish Green and Yellowish Blue", in *Science*, vol. 221, sept. 1983, pp. 1078-1080.

Cuter, João Vergílio, *A Teoria da Figuração e a Teoria dos Tipos: O Tractatus no contexto do projeto logicista*, São Paulo, FFLCH-USP (mimeo.), 1993.

Danto, Arthur, "Foreword", in Hardin, C. L., *Color for Philosophers: Unweaving the Rainbow*, pp. IX-XIII.

Descartes, René, *Règles pour la direction de l'Esprit*, in Descartes, René, *Œuvres et Lettres*, Paris, Gallimard, 1978.

Diderot, Denis, *Ensaios sobre a Pintura*, Campinas, Papirus, 1993.

Ebner, Jakob, *Duden "Wie sagt man in Österreich?": Wörterbuch der österreichischen Besonderheiten*, Mannheim, Duden Verlag, 1980.

Elie, Maurice, "Annexes", in Schopenhauer, Arthur, *Textes sur la Vue et sur les Couleurs*, Paris, Vrin, 1986, pp. 175-192.

Fogelin, Robert, "Hume and the missing shade of blue", in *Philosophy and Phenomenological Research*, vol. XLV, N ° 2, 1984, pp. 263-271.

Gavroglu, Kostas, Stachel, John & Wartofsky, Marx, *Science, Mind and Art*, Dordrecht, Kluwer Academic Publishers, 1995.

Gerritsen, Frans, "Evolution of the Color Diagram", in *Color Research and Application*, vol. 4, N ° 1, 1979, pp. 33-38.

Gil, Fernando (Org.), *Acta du Colloque Wittgenstein (C.I.Ph., juin 1988)*, Mauvezin, T.E.R., 1990.

Glock, Hans-Johann, "Necessity and Normativity", in Sluga, Hans & Stern, David G. (Eds.), *The Cambridge Companion to Wittgenstein*, Cambridge, Cambridge University, 1996.

Goethe, Johann W., *Zur Farbenlehre*, in *Goethes Werke*, vol. XIII, Hamburg, Christian Wegner Verlag, 1955.

_____, *Materialen zur Geschichte der Farbenlehre*, in *Goethes Werke*, vol. XIV, Hamburg, Christian Wegner Verlag, 1955.

_____, *Schriften zur Farbenlehre*, Artemis-Gedenkausgabe, vol. 16, Zürich, Artemis, 1977.

Goethe, Johann W., *Die Tafeln zur Farbenlehre und deren Erklärungen*, Frankfurt am Main, Insel, 1994.

Goodman, Nelson, "Ludwig Wittgenstein: *Remarks on Colour*", in *The Journal of Philosophy*, vol. LXXV, N° 9, sept. 1978, pp. 503-504.

Granger, Gilles Gaston, *Invitation à la Lecture de Wittgenstein*, Aix-en-Provence, Alinea, 1990.

_____ (Org.), *Wittgenstein et le Problème d'une Philosophie de la Science*, Paris, CNRS, 1970.

Guillaume, Paul, *Psicologia da Forma*, São Paulo, Ed. Nacional, 1960.

Gusdorf, Georges, *Le Savoir Romantique de la Nature*, Paris, Payot, 1985.

Hacker, P. M. S., *Insight and Illusion*, Oxford, Clarendon Press, 1986.

Haller, Rudolf, *Wittgenstein e a Filosofia Austríaca: Questões*, São Paulo, Edusp, 1990.

Hardin, C. L., *Color for Philosophers: Unweaving the Rainbow*, Indianapolis, Hackett Publishing Company, 1988.

Hark, Michel Ter, *Beyond the inner and the outer: Wittgenstein's Philosophy of Psychology*, Dordrecht, Kluwer Academic Publishers, 1990.

Helmholtz, Hermann von, *Treatise on Physiological Optics*, vol. II, New York, Dover, 1962.

_____, "L'Optique et la Peinture", in Brücke, E., *Principes Scientifiques des Beaux-Arts*, Paris, Alcan, 1902, pp. 169-223.

Hesselgren, Sven, "Why Colour Order Systems?", in *Color Research and Application*, vol. 9, N° 4, 1984, pp. 220-228.

Hintikka, Jaakko, "An impatient man and his papers", in *Synthese*, vol. 87, may 1991, pp. 183-201.

Hörz, Herbert, "Schopenhauer und Helmholtz: Bemerkungen zu einer alten Kontroverse zwischen Philosophie und Naturwissenschaft", in Gavroglu, Kostas, Stachel, John & Wartofsky, Marx, *Science, Mind and Art*, pp. 99-122.

Hume, David, *A Treatise of Human Nature*, Middlesex, Penguin Books, 1969.

_____, *Investigação acerca do Entendimento Humano*, São Paulo, Nova Cultural, Col. *Os Pensadores*, 1992.

James, William, *Psychology: Briefer Course*, in James, W., *Writtings 1878-1899*, New York, Library of America, 1984.

_____, *Principios de Psicología*, México, Fondo de Cultura Económica, 1989.

Köhler, Wolfgang, *Psicologia*, São Paulo, Ática, col. Grandes Cientistas Sociais, 1978.

_____, *Psicologia da Gestalt*, Belo Horizonte, Itatiaia, 1980.

Kripke, Saul A., *Wittgenstein on Rules and Private Language: An Elementary Exposition*, Oxford, Basil Blackwell, 1982.

Kuehni, Rolf, "Notes on Color Terminology in the *Iliad* and the *Epic of Gilgamesh*", in *Color Research and Application*, vol. 6, N ° 4, 1981, pp. 233-236.

Küppers, Harald, *Die Logik der Farbe: Theoretische Grundlagen der Farbenlehre*, München, Callway, 1981.

Lang, Heinwig, "Color Vision Theories in Nineteenth Century: Between Idealism and Empiricism", in *Color Research and Application*, vol. 12, N° 5, oct. 1987, pp. 270-281.

Leavis, F. R., "Wittgenstein — einige Erinnerungsbilder", in Rhees, Rush, *Ludwig Wittgenstein: Porträts und Gespräche*, Frankfurt am Main, Suhrkamp, 1987, pp. 84-106.

Lévi-Strauss, Claude, *Olhar Escutar Ler*, São Paulo, Companhia das Letras, 1997.

Locke, John, *Ensaio acerca do Entendimento Humano*, São Paulo, Abril Cultural, Col. *Os Pensadores*, 1983.

Mach, Ernst, "Antimetaphysische Vorbemerkungen", in Mach, Ernst, *Die Analyse der Empfindungen und das Verhältnis der Physischen zum Psychischen*, Darmstadt, Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1985.

Matile, Heinz, *Die Farbenlehre Philipp Otto Runges*, München-Mittenwald, Mäander Kunstverlag, 1979.

McDowell, John, "Non-Cognitivism and Rule-Following", in Canfield, John (Org.), *The Philosophy of Wittgenstein: Logical Necessity and Rules*, New York, Garland Publishing, 1986.

Monk, Ray, *Wittgenstein: O Dever do Gênio*, São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

Moore, G. E., *Commonplace Book, 1919-1953*, London, George Allen & Unwin Ltd., 1962.

_____, "Conferencias de Wittgenstein de 1930-33", in *Defensa del sentido común y otros ensayos*, Madrid, Taurus, 1972, pp. 293-370.

Moreno, Arley R., *Recherches sur le* Tractatus *de Wittgenstein*, Aix-en-Provence, Université de Provence (mimeo.), 1975.

Moreno, Arley R., *Wittgenstein: Ensaio Introdutório*, Rio de Janeiro, Taurus, 1986.

_____, *Wittgenstein: através das Imagens*, Campinas, Ed. da UNICAMP, 1993.

_____, *Notas Preliminares a um Estudo das Investigações Filosóficas*, Campinas, mimeo., s.d.

_____, "Duas Observações sobre a Gramática Filosófica", in *Manuscrito*, XII, 2, outubro, Campinas, UNICAMP, 1989, pp. 83-115.

_____, "Por uma Pragmática Filosófica", in *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, nº 30, Campinas, UNICAMP/IEL, jan./jun. 1996, pp. 9-20.

_____, "Wittgenstein: Fenomenologia e Problemas Fenomenológicos", in *Manuscrito*, V. XVIII, N °. 2, Campinas, UNICAMP, 1995, pp. 199-225.

Mueller, Conrad & Rudolph, Mae, *Luz e Visão*, Rio de Janeiro, José Olympio, 1970.

Nedo, Michael & Ranchetti, Michele (Orgs.), *Wittgenstein: Sein Leben in Bildern und Texten*, Frankfurt am Main, Suhrkamp, 1983.

Nietzsche, Friedrich, *Morgenröthe*, Berlin, Walter de Gruyter, 1971.

Pap, Arthur, *Teoría Analítica del Conocimiento*, Madrid, Tecnos, 1964.

Parkhurst, Charles & Feller, Robert, "Who Invented the Color Wheel?", in *Color Research and Application*, vol. 7, N° 3, 1982, pp. 217-230.

Pears, David, "The Logical Independence of Elementary Propositions", in Block, Irving (Org.), *Perspectives on the Philosophy of Wittgenstein*, pp. 74-84.

Price, H. H., *Perception*, London, Methuen & Co., 1933.

Putnam, Hilary, "Reds, Greens, and Logical Analysis", in Sumner, L. W. & Woods, John (Orgs.), *Necessary Truth: A Book of Readings*, pp. 71-83.

Quine, Willard Van Orman, "Espécies Naturais", in Quine, W. V. O., *Relatividade Ontológica e outros ensaios*, São Paulo, Abril Cultural, Col. *Os Pensadores*, 1980, pp. 185-199.

Ramsey, F. P., *Foundations: Essays in Philosophy, Logic Mathematics and Economics*, Atlantic Highlands, Humanities Press, 1978.

_____, "Review of 'Tractatus'", in Copi, Irving & Beard, Robert (Orgs.), *Essays on Wittgenstein's* Tractatus, pp. 9-23.

Reti, Ricardo, *Los Grandes Maestros del Tablero*, vol. 2, Buenos Aires, Grabo, 1948.

Rhees, Rush, *Ludwig Wittgenstein: Porträts und Gespräche*, Frankfurt am Main, Suhrkamp, 1987.

Rigal, Elisabeth, "Le vu, le peint et le parle", in Wittgenstein, Ludwig, *Remarques sur les couleurs*, pp. 79-133.

Robles, José A, "Cualidades (simples) y semejanza", in *Crítica*, vol. IX, N° 26, México, UNAM, 1977, pp. 91-111.

Rónai, Paulo, *Escola de Tradutores*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1987.

Roque, Georges, "Les Couleurs Complémentaires: un nouveau paradigme", in *Revue d'histoire des sciences*, tomo XLVII- 3/4, 1994, pp. 405-433.

Russell, Bertrand, *The Principles of the Mathematics*, London, George Allen & Unwin Ltd, 1962.

Sacks, Oliver, *A Ilha dos Daltônicos e a Ilha das Cicadáceas*, São Paulo, Companhia das Letras, 1997.

Schlick, Moritz, "Gibt es ein materiales Apriori?", in Schlick, Moritz, *Gesammelte Aufsätze: 1926-1936*, Wien, Gerold & Co., 1938.

Schopenhauer, Arthur, *Über das Sehn und die Garben*, in Schopenhauer, Arthur, *Sämtliche Werke*, vol. III, Frankfurt am Main, Suhrkamp, 1986.

Schulte, Joachim, *Erlebnis und Ausdruck: Wittgensteins Philosophie der Psychologie*, München/Wien, Philosophia, 1987.

_____, *Chor und Gestezt: Wittgenstein im Kontext*, Frankfurt am Main, Suhrkamp, 1990.

Sebestik, Jan & Soulez, Antonia, *Wittgenstein et la Philosophie aujourd'hui*, Paris, Méridiens Klincksieck, 1992.

Sievert, Don, "Another Look at Wittgenstein on Color Exclusion", in *Synthese*, N° 78, 1989, pp. 290-318.

Smith, Plínio, *O Ceticismo de Hume*, São Paulo, Loyola, 1995.

Soto, Carlos, "El Interludio Fenomenológico de Wittgenstein", in *Crítica*, vol. XIII, N° 39, México, 1981, pp. 25-43.

Stern, David, *Wittgenstein on Mind and Language*, New York-Oxford, Oxford University Press, 1995.

Stock, Guy, "Review: *Remarks on Colour*", in *Mind*, vol. LXXXIX, 1980, pp. 448-451.

Stromberg, Wayne, "Wittgenstein and the Nativism-Empirism Controversy", in *Philosophy and Phenomenological Research*, University of Buffalo, vol. XLI, Nos. 1-2, 1980, pp. 127-141.

Strouhal, Ernst, *Acht x acht: zur Kunst des Schachspiels*, Wien, Springer, 1996.

Sturgis, Alexander, *Apresentando Rembrandt*, Klick, 1994.

Suárez, Alfonso G., *La Logica de la Experiencia: Wittgenstein y el Problema del Lenguaje Privado*, Madrid, Tecnos, 1976.

Sumner, L. W. & Woods, John (Orgs.), *Necessary Truth: A Book of Readings*, New York, Random House, 1969.

Tornay, Serge (Org.), *Voir et Nommer les Couleurs*, Nanterre, Labethno, 1978.

Van de Pitte, M. M., "Schlick's Critique of Phenomenological Propositions", in *Philosophy and Phenomenological Research*, Vol. XLV, No. 2, 1984, pp. 195-225.

Von Wright, Georg Henrik, *Wittgenstein*, Mauvezin, T.E.R., 1986.

Wisdom, John, "Ludwig Wittgenstein, 1934-1937", in Canfield, John (Org.), *The Philosophy of Wittgenstein: Method and Essence*, New York, Garland Publishing, 1986.

Wittgenstein, Ludwig, *The Wittgenstein Papers*, 98 volumes, Ithaca, Cornell University Libraires, s.d.

_____, *Philosophical Remarks*, Londres, Basil Blackwell, 1975.

Wittgenstein, Ludwig, *Remarks on Colour*, Londres, Basil Blackwell, 1977.

_____, *Briefwechsel mit B. Russell, G. E. Moore, J. M. Keynes, F. P. Ramsey, W. Eccles, P. Engelmann und L. von Ficker*, Frankfurf am Main, Suhrkamp, 1980.

_____, *Werkausgabe*, 8 volumes, Frankfurt, Suhrkamp, 1984.

_____, *Bemerkungen über die Farben*, in Wittgenstein, Ludwig, *Werkausgabe*, vol. 8.

_____, *Philosophische Untersuchungen*, in Wittgenstein, Ludwig, *Werkausgabe*, vol. 1.

_____, *Philosophische Grammatik*, in Wittgenstein, Ludwig, *Werkausgabe*, vol. 4.

_____, *Bemerkungen über die Grundlagen der Mathematik*, in Wittgenstein, Ludwig, *Werkausgabe*, vol. 6.

_____, *Wittgenstein und der Wiener Kreis*, in Wittgenstein, Ludwig, *Werkausgabe*, vol. 3.

_____, *Über Gewißheit*, in Wittgenstein, Ludwig, *Werkausgabe*, vol. 8.

_____, *Bemerkungen über die Philosophie der Psychologie*, in Wittgenstein, Ludwig, *Werkausgabe*, vol. 7.

_____, *Vermischte Bemerkungen*, in Wittgenstein, Ludwig, *Werkausgabe*, vol. 8.

_____, *Zettel*, in Wittgenstein, Ludwig, *Werkausgabe*, vol. 8.

_____, *Philosophische Bemerkungen*, in Wittgenstein, Ludwig, *Werkausgabe*, vol. 2.

Wittgenstein, Ludwig, *Letzte Schriften über die Philosophie der Psychologie*, in Wittgenstein, Ludwig, *Werkausgabe*, vol. 7.

_____, *Tagebücher 1914-1916*, in Wittgenstein, Ludwig, *Werkausgabe*, vol. 1.

_____, *Remarques sur les Couleurs*, Mauvezin, T.E.R., 1984.

_____, *Anotações sobre as Cores*, Lisboa, Ed. 70, 1987.

_____, *Logisch-philosophische Abhandlung: Tractatus logico-philosophicus* (edição crítica), Frankfurt am Main, Suhrkamp, 1989.

_____, *Vortrag über Ethik und andere kleine Schriften*, Frankfurt am Main, Suhrkamp, 1991.

_____, *Tractatus Logico-Philosophicus*, São Paulo, Edusp, 1993.

_____, *Letzte Schriften über die Philosophie der Psychologie (1949-1951): Das Innere und das Äußere*, Frankfurt am Main, Suhrkamp, 1993.

_____, *Philosophical Occasions: 1912-1951*, Indianapolis, Hackett Publishing Company, 1993.

_____, *Observaciones sobre los Colores*, Barcelona, Paidós, 1994.

_____, *Wiener Ausgabe*, vol. 1, Wien, Springer, 1994.

_____, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, Wien, Springer, 1994.

_____, *Wiener Ausgabe*, vol. 3, Wien, Springer, 1995.

_____, *Wiener Ausgabe*, vol. 4, Wien, Springer, 1995.

_____, *Wiener Ausgabe*, vol. 5, Wien, Springer, 1996.

Wittgenstein, Ludwig, "Some Remarks on Logical Form", in Copi, Irving & Beard, Robert (Orgs.), *Essays on Wittgenstein's* Tractatus, pp. 31-37.

_____, *Vorlesungen über die Grundlagen der Mathematik; Cambridge, 1939*, org. por Cora Diamond, Frankfurt am Main, Suhrkamp, 1978.

_____, *Vorlesungen 1930-1935*, org. por Desmond Lee (1930-1932) e Alice Ambrose (1932-1935), Frankfurt am Main, Suhrkamp, 1989.

_____, *Vorlesungen über die Philosophie der Psychologie 1946/47*, org. por P. T. Geach, Frankfurt am Main, Suhrkamp, 1991.

_____, *Bemerkungen über die Farben/Anotações sobre as Cores* (volume 2 desta tese), Campinas, mimeo., 1999.

Wundt, Wilhelm, *Grundriss der Psychologie*, Leipzig, Alfred Kröner, 1922.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

DOUTORADO EM FILOSOFIA

João Carlos Salles Pires da Silva

A Gramática das Cores em Wittgenstein

(Volume 2)

Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de Filosofia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, sob a orientação do Prof. Dr. Arley Ramos Moreno.

- Campinas, 1999 -

UNIDADE BC
N.º CHAMADA:
V. 02
TOMBO 37877
PROC. 229/99
C D X
PREÇO R$ 11,00
DATA 11/26/99
N.º CPD

CM 00134300-7

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA DO IFCH - UNICAMP

Si 38 g

Silva, João Carlos Salles Pires da
A gramática das cores em Wittgenstein / João Carlos Salles Pires da Silva. - - Campinas, SP : [s.n.], 1999.

Orientador: Arley Ramos Moreno.
Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Wittgenstein, Ludwig, 1889-1951. 2. Goethe, Johann Wolfgang von, 1749-1832. 3. Cores. 4. Necessidade (Filosofia). 5. Fenomenologia. 6. Campo visual. I. Moreno, Arley R. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

João Carlos Salles Pires da Silva

A Gramática das Cores em Wittgenstein

Este exemplar corresponde à redação final do volume 2 da tese submetida à comissão julgadora em ___/___/____.

Banca:

Prof. Dr. Arley Ramos Moreno

Prof. Dr. Bento Prado de Almeida Ferraz Júnior

Prof. Dr. Carlos Alberto Ribeiro de Moura

Prof. Dr. Oswaldo Giacoia Júnior

Prof. Dr. Paulo Roberto Margutti Pinto

SUMÁRIO

Volume 1

Resumo 7
Abstract 9

APRESENTAÇÃO
A gramática das cores na obra de Ludwig Wittgenstein 12

INTRODUÇÃO
O quadrado e o círculo 26
Alguns problemas fenomenológicos 55

PRIMEIRA PARTE
6.3751 73
Cor e exclusão 93
Linguagem e campo visual 124
O octaedro das cores 143

SEGUNDA PARTE
Necessidade e experiência 170
'Ver' e 'ver como' 227

TERCEIRA PARTE
O paradoxo de Goethe 260
O verde avermelhado 284
A transparência do branco 308

CONCLUSÃO
O exemplo e a alegoria 337

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 353

Volume 2 - Apêndices

APÊNDICE I

Bemerkungen über die Farben/Anotações sobre as Cores de Ludwig Wittgenstein 5

1. Apresentação 6

2. *Bemerkungen über die Farben* 19
   - 2.1. *Bemerkungen über die Farben I* 20
   - 2.2. *Bemerkungen über die Farben II* 35
   - 2.3. *Bemerkungen über die Farben III* 38
   - 2.4. *Bemerkungen über die Farben IV* 107

3. *Anotações sobre as Cores* 109
   - 3.1. *Anotações sobre as Cores I* 110
   - 3.2. *Anotações sobre as Cores II* 129
   - 3.3. *Anotações sobre as Cores III* 132
   - 3.4. *Anotações sobre as Cores IV* 203

4. Fotocópias de manuscritos de Wittgenstein 205

APÊNDICE II

Considerações sobre o texto das *Bemerkungen über die Farben* 218

APÊNDICE III

A Confissão de Hume 237

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 257

apêndice I

Bemerkungen über die Farben / Anotações sobre as Cores de Ludwig Wittgenstein*

* Apresentação, estabelecimento do texto, tradução e notas de João Carlos Salles Pires da Silva.

apresentação

1.

O estado e a história das edições dos textos de Wittgenstein têm alimentado a idéia (apenas em parte verossímil) de um pensador assaltado por reflexões descontínuas, disperso entre temas díspares, que seu vigor intelectual tornava coetâneos. Ora, em um pensador assim, a reiteração de motivos e temas, o recurso a expedientes assemelhados, o retorno obsessivo a questões "banais", tudo isso aparece como vício, nunca como virtude. Acreditamos, todavia, que uma edição cuidadosa do seu espólio desfará oportunamente um tal preconceito, pois pode mostrar-nos o cuidado constante, a reiteração, a recorrência, não como simples obsessões ou fraquezas, mas como nota característica de um pensador meticuloso, radical, trabalhando com (ou contra) seus textos e textos alheios. Nesse sentido, também o texto das *Bemerkungen über die Farben* (por alguns descrito como coleção de reflexões soltas, muitas delas pouco claras e mal escritas) apresenta-nos um filósofo que elabora projetos, cumprindo-os, no caso, mediante a crítica aos textos de Goethe, de Runge e dos psicólogos da *Gestalt*. Um pensador, enfim, amiúde mal sucedido em seu afã de conferir a seu trabalho uma forma final, ordenada, única, mas que, também por isso, se reencontrado no estágio em que deixou seus textos, pode encantar-nos e surpreender-nos.

Sendo a exposição da gramática das cores na obra de Wittgenstein o trabalho que ora desenvolvemos, nosso objeto primordial de análise é o texto das *Bemerkungen über die Farben*, ou seja, o conjunto de escritos sobre cores dos manuscritos 176, 172 e 173 do catálogo das obras elaborado por von Wright. Cabia-nos portanto apoiar nossas afirmações em um texto confiável, dispondo ademais de uma tradução correta de nossa fonte

primária mais importante. Essa, a justificativa principal para termos iniciado o trabalho seguinte. De imediato, percebemos a necessidade de uma outra tradução em língua portuguesa, uma vez que a disponível deixa a desejar. Mas, além disso, o cotejo entre as fotocópias dos manuscritos originais, tal como editadas pela Cornell University, e a edição da Prof.ª G. E. M. Anscombe levou-nos a constatar: mais do que uma simples tradução, o texto necessitava ser primeiro restabelecido, tantas as omissões, os descuidos, uma comprometedora ausência de variantes e ainda a falta de um pequeno conjunto de parágrafos que merece a justo título figurar como uma quarta parte dessas anotações sobre cores. Acreditamos ainda ter encontrado razões para propor uma nova ordenação para a parte II do texto e evidências de que a datação proposta por Anscombe, conquanto possível, seja bastante inverossímil. Em resumo, as razões que justificam uma revisão minuciosa do material editado são as seguintes.[1]

(i) Em primeiro lugar, parece-nos que a ordenação original do texto da parte II difere da editada. O texto deve iniciar-se sim no § {11} até o § {20}, ao que se seguem os §§ {1-10}.[2] Desse modo, beneficia-se em força e em clareza, pois (a) o atual § {1} deixa de estar isolado, completando a série de situações fictícias contrapostas à análise fenomenológica de Goethe; (b) novos agrupamentos argumentativos se criam e nenhum é desfeito; (c) os §§ {11}, {12} e {13} (nossos §§ 1, 2 e 3) cumprem então a perfeita função de introduzir uma proposta de tratamento do problema das cores.

Assim, Wittgenstein apresenta em § 6 {16} a fixidez conceitual, inabalável, *zeitlos*, da *Farbenlehre* de Goethe. Começa, então, nos §§ 7-11 {17-1}, não a propor a quebra de uma necessidade, que a *Farbenlehre* conserva na medida da subsistência do sentido de um emprego a que se filia, mas a exibir esta própria limitação pela invenção de exemplos em que suas leis não mais se aplicariam, sem que por isso tenha sido gerada uma

---

[1] Acerca de tais razões, enviamos uma carta à Prof.ª Anscombe, postada em 30 de outubro de 1995. Só podemos lamentar a ausência de qualquer resposta. Cf., para uma exposição mais detalhada de tais razões, nosso trabalho "Considerações sobre o texto das *Bemerkungen über die Farben*".

[2] Entre chaves indicamos a numeração de Anscombe, que consideramos equivocada.

contradição. Neste sentido, o § 11 {1} mostra-se, em nossa ordem, pleno de sentido. Aliás, esta será a linha de argumentação privilegiada posteriormente, quando Wittgenstein, contrapondo-se à tentação fenomenológica, enunciará que as análises de Goethe do caráter da cor, fechadas a um único critério de identidade, são inúteis ao pintor. Por isso, o amarelo e o preto da paleta serão vistos como dourado no quadro de Rembrandt, e o que podemos pintar com ocre, pintamos assim porque o vemos assim, em certo contexto, a saber, como um amarelo fortemente avermelhado. A pergunta em ambos os casos é pelo modo, pela técnica, por que se determina a identidade de cor.[3] O § 11 {1} é pois central, seja no sentido de estar no centro do texto, materialmente falando, seja no de orientar prioritariamente a investigação futura sobre o conceito de identidade de cor. Em suma, aponta para um emprego de palavras para cores diferente do que se dá *auf der Pallete* e determinado por outras técnicas, outros métodos de comparação, outros critérios de identidade.

Todo o texto ganha novo sabor com a reordenação. O § 11 {1} ficava isolado, apesar de sabermos o uso que Wittgenstein, em sua crítica ao emprego restrito na paleta, faz das considerações sobre o 'ver', sobre a impressão da cor como impressão do conjunto de tons. Percebíamos que o ver de relações internas em campo mais flexível era decisivo, mas, em tal ordem, o que tínhamos não era uma reflexão a este respeito, senão uma anotação algo desconexa. Agora, não só a proposição se afigura como um exemplo a testar a preservação do significado dos conceitos da *Farbenlehre* em situações afastadas de seu uso originário, como introduz o modo correto de abordar uma dessemelhança no reino das palavras de cor. Os critérios de identidade não são diversos por termos experiências diversas, diversas impressões do branco, mas sim porque as palavras para tais impressões, em particular as que ligam cores à percepção de *Gestaltqualitäten*, associam-se a elas segundo métodos específicos de comparação.

---

[3] Aliás, é no caso digna de nota a futura referência de Wittgenstein à técnica de pintura dos pontilhistas – herdeiros, através da leitura feita por Seurat, de uma outra doutrina das cores, bastante prática, a do químico francês Michel-Eugène Chevreul, que em 1839 publicou *La loi du contraste simultané des couleurs.*

O conceito do branco determina-se em complexos jogos e em relação com noções relativas à percepção espacial; não se determina isolado, de modo que o pudéssemos decantar em laboratório. Assim, caso alguém discorde que o branco apaga diferenças, caso alguém não perceba a relação interna que proíbe um objeto branco de não ser turvo, não está tendo uma experiência diferente, não está *vendo* o que pode contradizer nosso conceito, mas sim possui outra *Farbengeometrie*; sua percepção cromática equivale a um modo outro de usar significativamente as palavras para cores. Não *vemos* algo que confirma nossa *Farbengeometrie*, logo, não podemos tampouco ver o que estaria em contradição com ela. Caso não nos possamos entender acerca de proposições que em nossas gramáticas figuram essencialmente, são nossas gramáticas que não coincidem e não nossas 'experiências' que estão contrariadas.

O texto parece-nos, portanto, se reordenado, um claro projeto de análise das proposições gramaticais sobre cores — projeto que será explorado e cumprido nas partes III e I. Ademais, há suficientes índices empíricos de que esta nossa proposta de ordenação não conflita com os manuscritos, sendo mesmo favorecida pelo que neles podemos ver. Chamamos a atenção (i) para o espaço em branco ao fim do § 20 {10} e apenas após este parágrafo — índice de que, provavelmente, aí acaba o texto —, e (ii) para o fato de que a inversão da ordem seria fácil e possível. Caso as quatro páginas do manuscrito estejam em folhas soltas, a mudança na ordem pode ocorrer com facilidade. Caso porém se trate de uma folha única com quatro páginas, o que pode ter acontecido foi a transformação das páginas internas em páginas externas. Uma composição do manuscrito nos mostra que as duas ordenações são possíveis: a proposta por Anscombe, a saber, página 1 (§ {1} até parte do § {5}), página 2 (parte do § {5} até § {10}), página 3 (§§ {11-14}), página 4 (§§ {15-20}); e, por natural e mais clara, a ordenação que propomos, segundo a qual teríamos a seguinte ordem para as páginas 3, 4, 1, 2.[4]

(ii) A respeito da data de composição da parte I, algumas dúvidas podem ser levantadas. Anscombe afirma que ela teria sido composta em março de

[4] Cf. Fotocópias de 1 a 4.

1951, em casa do Dr. Bevan, em Cambridge.[5] Entretanto, por mais que favoreça nosso intento de vindicar a centralidade do tema das cores, parece-nos algo inverossímil que Wittgenstein, tendo tão pouco tempo de vida e tanto por escrever sobre a certeza, tenha dedicado os primeiros dias de seu retorno ao trabalho, após ter sido suspensa a radioterapia, à revisão de material já escrito. Além disso, se o tivesse feito, teria tido pouquíssimo tempo, pois desde o dia 10 de março temos anotações datadas quase diárias sobre a certeza, que começaram em outro caderno (o MS 175)[6] e só continuam no dia 21 de março no caderno do MS 176, em que se encontram anotações sobre cores, porque o outro caderno acabou.[7] Além disso, há o indício fornecido pelos traços verticais na parte II, deixada na residência de Anscombe, em Oxford, que apontam para um trabalho de revisão com vistas à composição da parte I. Notamos ainda ser bastante estranho, nesse período em que cada anotação sobre a certeza está datada (MS 175, MS 176 a partir da folha 22 e MS 177), como a indicar a importância de cada dia de trabalho em face à proximidade da morte, que não haja qualquer data nas primeiras 22 folhas do manuscrito 176, nas quais se encontra a parte I das anotações sobre as cores. Observamos enfim que, se forem confiáveis as datas apresentadas por Ray Monk em sua biografia de Wittgenstein,[8] ao contrário do afirmado no prefácio de Anscombe, a parte III não teria sido composta em Oxford, mas sim em Londres e em Cambridge.[9] Não teria sido, então, a parte I aquela que Anscombe indica ter sido composta em sua residência? É claro que essas

---

[5] Com o que também von Wright não parece concordar, pois, em seu catálogo, anota sobre o MS 176: "Caderno. 1950; 21 de março - 24 de abril de 1951. 160 páginas" (Von Wright, Georg Henrik, *Wittgenstein*, p. 56). Von Wright serve-se de um eufemismo em outra ocasião, evitando colidir de modo ainda mais explícito com a opinião de Anscombe, pois comenta assim trecho de uma carta de Wittgenstein de 6 de outubro de 1950, na qual Wittgenstein lhe escreve: "I did some work". Parte desse trabalho seria "presumivelmente idêntica a escritos que foram publicados como Parte III de *Remarks on Colour*", ou seja, esse mesmo conjunto de anotações do MS 176 datado erroneamente por Anscombe, a primeira parte das *Bemerkungen über die Farben*. Von Wright acrescenta ainda que os conceitos de cor foram o tópico principal de suas conversas com Wittgenstein em abril e em junho de 1950. Cf. as observações de von Wright às "Letters from Ludwig Wittgenstein to Georg Henrik von Wright", in Wittgenstein, Ludwig, *Philosophical Occasions: 1912-1951*, p. 478.

[6] Cf. Fotocópias 7 e 8.

[7] Cf. Fotocópias 9, 10, 5 e 6.

[8] Cf. Monk, Ray, *Wittgenstein: O Dever do Gênio*, caps. 26 e 27.

[9] Cf. Fotocópias 11 e 12.

questões sobre a data de composição dos manuscritos não são assim significativas, salvo, primeiro, por indicarem a continuidade de um trabalho sobre as cores e mesmo a prioridade que lhe foi concedida em relação às reflexões sobre a certeza, tendo em conta que ambos os temas se apresentam contíguos no MS 172, e, segundo, por nos permitirem, também por sua datação, aproximar dos MSS 176, 172 e 173 um conjunto de oito parágrafos, que se encontram separados ao final do MS 169, parecendo-nos bastante verossímil que tenham sido redigidos em período mais ou menos próximo.

(iii) Enfim, cumpre restabelecer a totalidade do texto, pois o resultado da omissão sistemática de variantes é, por exemplo, esmaecer os laços entre tais observações e o conjunto de reflexões anteriores sobre a filosofia da psicologia. Que tais laços se encontrem esmaecidos, é algo que pode reforçar inclusive a impressão de que ainda aí Wittgenstein estaria a tentar uma análise da estrutura lógica da cor, quando sua tarefa agora se dirige, sobretudo, à lógica dos conceitos de cor.

Também vale anotar que, além das variantes omitidas e de algumas passagens truncadas, parágrafos inteiros da terceira parte foram supressos, segundo certos sinais da correção de Wittgenstein: um total de 73 observações, de quase 20 folhas dos manuscritos. Ora, em primeiro lugar, não se segue aí à risca qualquer critério, pois parágrafos que comportam sinalização semelhante foram incluídos. Em segundo lugar, o outro critério mencionado (a saber, o de tratarem tais parágrafos de temas estranhos às cores) tampouco é respeitado, sendo alguns parágrafos "inoportunos" incluídos na edição de Anscombe, enquanto outros bastante importantes, e relativos indiscutivelmente ao tema das cores, não aparecem em sua edição (a exemplo dos parágrafos 32* e 33*). Logo, só poderíamos considerar restabelecido o texto se apresentássemos um texto integral, deixando aos intérpretes o trabalho, que de direito lhes compete, de propor aproximações e contrastes, de afirmar similitudes ou ver diferenças.

Mais ainda, também porque outra datação nos parece mais provável, acreditamos haver um texto do mesmo período que faz parte do mesmo fluxo de sua reflexão e julgamo-nos, por isso, obrigados a acrescentar a

esses três manuscritos oito parágrafos do MS 169, separados por Wittgenstein ao início e ao fim do bloco pelo sinal "————|————". O MS 169 não é mais um manuscrito inédito, tendo sido incluído no livro *Lezte Schriften über die Philosophie der Psychologie (1949-1951): Das Innere und das Äußere*. Entretanto, como também seus editores (G. H. von Wright e Heikki Nyman) não preservaram quaisquer marcas de uma revisão de Wittgenstein, somente por recurso ao manuscrito podemos sabê-los separados.

Até a quadragésima sétima folha, o manuscrito 169 apresenta os típicos sinais de parágrafos passados em revista, que convencionamos indicar por [/]. Alguns membros novos se acrescentam à legião estrangeira wittgensteiniana, como o bebê com comportamento adulto, espécie de Adão reverso. Alguns de seus temas: a simulação, a oposição fora-dentro, a segurança dos juízos da matemática, o ver um aspecto. Pontos de contato importantes são indicados entre tais temas e as cores, a exemplo da avaliação da segurança relativa aos juízos sobre cores e a segurança objetiva própria dos juízos da matemática. E, assim como no MS 173 um bloco de observações (sobre o dentro e o fora, sobre teologia, sobre Shakespeare) é separado do curso normal de anotações sobre cores, no MS 169, ao contrário, estas são as que se destacam. Apresentadas tais observações já ao fim do manuscrito, às folhas 77 a 80, e exibindo então extraordinária semelhança na abordagem e nos exemplos sobre cores com o MS 173, além da adicional contigüidade com o tema da imagem do fora-dentro, consideramos haver indícios razoáveis para supor coetâneos o MS 169 e o MS 173, ao menos nessa parte coincidente. Desse modo, o MS 169, em nenhuma parte datado, mesmo se iniciado em 1949, deve ter sido concluído em torno de abril a junho de 1950,[10] oferecendo-nos uma notável conclusão ao projeto de análise da lógica dos conceitos de cor contido no texto de Viena. É verdade que essas observações finais sobre cores não apresentam sinais de revisão, não foram revistas nem aproveitadas em uma versão posterior, mas, sem dúvida, testemunham o mesmo refinamento próprio dos manuscritos MS 172, MS 173 e MS 176,

[10] É possível que este caderno de notas tenha sido retomado um bom tempo após alguma interrupção — talvez, por exemplo, no verso da folha 65, na qual aparece significativo espaço em branco.

merecendo integrar as *Bemerkungen über de Farben*, sob a rubrica de uma quarta parte.

2.

Na transcrição do texto, alguns critérios foram seguidos e certos sinais adotados, com o fito de preservar o mais precisamente a inteireza do texto, do qual fazem parte as correções e comentários do próprio Wittgenstein, em sua revisão ou confecção dos manuscritos. Como já o dissemos, o texto editado por Anscombe suprime 73 observações e ordena erroneamente (segundo nosso juízo) os parágrafos das *Bemerkungen über die Farben, II*. Além disso, separa indevidamente parágrafos que os manuscritos sugerem estar ligados. Não podemos, porém, esquecer que se trata do único e oficial texto editado, sendo fonte para a análise de vários comentadores. Alterar pura e simplesmente sua numeração (criar nossa notação polonesa) seria espalhar uma confusão que bem pode ser evitada. Assim, os parágrafos supressos seguem em nosso texto uma numeração própria (de 1* a 73*), em que cada número é acompanhado por um asterisco (*). Em notas, alertamos os leitores acerca de parágrafos indevidamente separados. E, na parte II, ao lado de nossa enumeração, conservamos entre chaves aquela proposta por Anscombe.

Ademais, em se tratando da edição de um texto não revisado para publicação por seu autor, cremos ser de bom alvitre que o editor se poupe o mais possível de fazer ele próprio suas escolhas e, com isso, não poupe aos leitores o trabalho de enfrentar sem limites qualquer escolha possível do autor, de retomar o fio de sugestões talvez miúdas. Por isso, só pode ser isenta uma edição que recupere ao máximo o estado último do texto, ou melhor, do conjunto de fragmentos em explosiva latência, pois sempre anterior a qualquer responsabilidade completa do autor, sendo *stricto sensu* fonte apenas de sugestões, apoio por vezes tênue a nossas afirmações aventureiras. Ao cotejar porém o texto editado com os manuscritos, descobrimos que certas variantes, embora devam ser conservadas na edição do texto, não parecem em verdade comportar significativa diferença, salvo estilística, sendo por vezes difícil ou impossível encontrar

uma correspondência em português (e. g., para a tênue variação de matiz entre 'obgleich' e 'obwohl'). Outras variantes, porém, muitas e às vezes extensas, encerram delicados problemas conceituais, sendo absolutamente inexplicável sua omissão.[11]

Todas as variantes não-riscadas são assim transcritas e uma ordem de transcrição é seguida à risca, a saber, no texto restabelecido (como na Bíblia) damos preferência à última versão: o que Wittgenstein anotou em cima ou após o texto original aparecerá em primeiro lugar. Tivemos portanto a preocupação, que não julgamos excessiva, com indicar se as variantes que anotamos foram ou não escritas posteriormente ao curso natural da pena de Wittgenstein. Por outro lado, variantes riscadas não são transcritas, por mais que sejam ainda legíveis ou sugestivas. Tentar transcrevê-las faria retroceder o texto a uma etapa já descartada por Wittgenstein; ademais, mesmo se porventura esclarecedora a decisão de eliminar uma palavra, de substituir por outra uma expressão, a tentativa de reproduzi-las todas, ao lado das muitas variantes conservadas, conduzir-nos-ia a um emaranhado de versões superpostas e mesmo desconexas, em sua maioria, porque riscadas a ponto de perderem sua integridade — e nossa escolha de algumas delas, por as acreditarmos de maior interesse, resvalaria por uma interferência excessiva, semelhante à que temos criticado.

---

[11] Em seus manuscritos, Wittgenstein (muita vez, ao exagero) serve-se do sinal // para indicar uma variante (ou várias). Outras vezes, escreve uma palavra acima de outra. Quando não risca a de baixo, não temos por que julgar que tenha feito uma opção. Anscombe, porém, sempre opta por uma das duas, sem que siga à risca algum critério. Percebemos apenas que, na maioria das vezes, ela optou pela palavra escrita acima, embora sejam várias as suas infrações desta "regra": ora escolheu a palavra escrita em cima e depois (§ 50 da primeira parte, e na maior parte dos casos), ora a escrita embaixo e primeiro (e.g., no § 28 da primeira parte). Ou seja, estamos nos havendo com suas preferências. É verdade que com freqüência a decisão em nada *parece* poder comprometer ou alterar o sentido do texto. Mas, como avaliar? E há omissões injustificáveis, como a da frase inicial inteira do § 7 da primeira parte, ou o desaparecimento de variantes conceitualmente significativas, como as do § 60. Ora, quando uma das variantes não está riscada, cabe anotar as duas; afinal, um procedimento acaso irrelevante, se transformado em regra, pode ter resultados desastrosos. Vale observar enfim que a existência de variantes em *Bemerkungen über die Farben, I*, durante sua composição, mostra tratar-se então de texto a ser ainda retrabalhado, embora Wittgenstein, ao escrever uma anotação em 21/03/51, pareça ter neste instante abdicado de vez deste plano anterior, decidindo não mais levá-lo a cabo.

Assim, /: indica no corpo do texto o início de trecho (ou palavra) para o qual é apresentada uma variante, mesmo que por vezes não comporte diversidade significativa em português e não encontre, por isso, correspondente na tradução. //: indica início e fim da variante — sendo seu emprego semelhante ao de parênteses, podem estar incluídos em variantes de maior escopo. Quando as variantes e sub-variantes, por seu número excessivo, dificultarem ao leitor a reconstituição dos diversos textos em competição, em benefício da clareza e sem acréscimo às possibilidades em jogo nem diminuição delas, repetiremos textos completos, mesmo para o que Wittgenstein apenas superpunha palavras.

Quanto aos demais sinais adotados, são os seguintes:

[/] - utilizado após o número do parágrafo, indicando que este se encontra riscado no manuscrito, mas não por ter sido recusado e sim por ter sido, digamos, "passado em revista", sendo aproveitado ou não à letra em texto mais elaborado — no caso, em *Bemerkungen über die Farben I;*

{/} - registra sinal utilizado por Wittgenstein, comentando parágrafo inteiro, e que parece sempre indicar aprovação ao texto logrado. Vale alertar que nem sempre indica texto aproveitado em *Bemerkungen über die Farben I;*

{?} - comentário aparentemente crítico a um texto, mas que por vezes se liga e se volta ao signo anterior, o que registraremos assim : {?/};

{S} - sinal em forma de S, com que parece Wittgenstein depreciar a anotação. Schulte sugere que esteja por 'schlecht' (ruim);[12]

———|——— - reproduz signo semelhante ao que Wittgenstein interpunha entre anotações, como a separá-las por tema. Entretanto,

---

12 Cf., in Schulte, Joachim, *Erlebnis und Ausdruck*, cap. 1, comentário sobre os sinais constantes dos manuscritos 130 a 138 — base para as seleções de textos sobre a filosofia da psicologia.

quando serve para separar em bloco mais de 60 anotações, podemos bem ver que, entre elas, ao lado das que se referem a Shakespeare ou a questões teológicas, muitas são de interesse direto ao tema das cores;

|...| - estas barras colocadas uma no início e outra no fim de uma anotação também devem indicar que o tema tratado é de outra natureza;

Bild - em itálico indicamos as palavras sublinhadas no manuscrito por Wittgenstein;

BILD - em caixa alta, palavras duplamente sublinhadas;

Bild - sublinhadas, palavras no manuscrito com um sublinhado ondulado, que parece expressar alguma reticência, alguma restrição. Por vezes, aparecem grifos ondulados à margem, podendo indicar uma reserva a todo um conjunto de proposições. Tais grifos serão indicados em notas;

[Bild] - palavras ou sinais entre colchetes no corpo do texto foram acrescentados para conferir-lhe inteligibilidade. Vez por outra, sob uma palavra riscada, há nos manuscritos um traço pontilhado; em alguns casos, tal recurso parece, por assim dizer, ressuscitar a palavra, que então também será posta entre colchetes.

Outras observações ao texto restabelecido são, oportunamente, feitas em notas.

3.

Estabelecido, enfim, o texto, cabe traduzi-lo de modo que se preserve o mais próximo possível do original, ou seja, cabe oferecer das *Bemerkungen über die Farben* uma tradução que, sem pretender igualar-se à força literária dos textos de Wittgenstein, tanto tenha em conta sua armação conceitual como inclusive considere a ocasional importância de alguns austriacismos. Obviamente, tentar traduzir Wittgenstein é sempre um desafio. Seu

alemão refinado, enganador pela recusa de uma falsa sofisticação; seu alemão preciso, econômico, logrando precisão técnica sem abusar de tecnicismos; sua prosa, enfim, filosófica e literária, costuma provocar desastres ao ser traduzida. Feita a ressalva geral, vale acrescentar: traduzir as *Bemerkungen über die Farben* confirma plenamente a regra.[13] É preciso estar preparado para encontrar o tom certo, a expressão adequada, em um texto cuja forma também oscila da extrema economia verbal ao extremo de uma não menos precisa leveza estilística. Que se comparem os bastante literários §§ 59 a 65 da primeira parte com, por exemplo, o seu § 19, que tanto sabe ao estilo do *Tractatus*.

No esforço de traduzir, compulsamos outrossim a tradução de Linda McAlister e Margarete Schättle (*Remarks on Colour*, Londres, Basil Blackwell, 1977), a de Gerard Granel (*Remarques sur les Couleurs*, Mauvezin, T.E.R, 1984), que reputamos de excelente qualidade, e a tradução de Filipe Nogueira e Maria João Freitas (*Anotações sobre as Cores*, Lisboa, Ed. 70, 1987), que talvez cometa mais faltas do que as permitidas nesse tipo de jogo. Compulsamos ainda a tradução de Alejandro Tomasini Bassols (*Observaciones sobre los Colores*, Barcelona, Paidós-UNAM, 1994), cuja introdução de Isidoro Reguera apresenta, em meio a muitos preconceitos, uma útil tábua de correspondência entre os parágrafos da primeira e da terceira parte.

As notas ao texto em alemão pretendem tão-somente deixar ver os manuscritos a quem apenas tem acesso ao texto pelo conforto da letra impressa, enquanto os comentários ao texto em português visam sobretudo a dirimir dúvidas relativas à tradução, embora não raro possuam implicações filosóficas, ao justificar certas escolhas ou marcar a

---

[13] É evidente, porém, que muitos parágrafos, sobretudo os da terceira parte, padecem ainda de repetições, comportando frases de desigual elegância; e Wittgenstein, obsessivo em multiplicar correções, dificilmente consideraria ter atingido em muitos deles a forma desejável. Por outro lado, se a traduzibilidade de um texto "está na razão inversa da inseparabilidade do conteúdo e da forma" (Rónai, Paulo, *Escola de Tradutores*, p. 57), equação que dispõe em extremos opostos a obra científica e a poética, temos um motivo a mais para empreender a edição integral dos manuscritos: muito menos lapidados, em estágio de laboração em que ainda concorrem muitas variantes, sua tradução deve ser considerada, se não mais fácil, com muito mais chances de ser bem sucedida e sempre bem mais feliz que a tentativa de traduzir o *Tractatus* ou as *Investigações*.

força ou recorrência de certos conceitos. Em condições ideais, o melhor tradutor é o que não se deixa notar; por isso, lutamos ao máximo para não contaminar o texto com nossas interpretações. Como, porém, em alguma medida isso sempre ocorre, nossa luta pode ter sido vã, mas confiamos não ter tornado nosso trabalho inútil a quem porventura mantenha posições divergentes. Assim, um parágrafo extremamente denso em sugestões filosóficas pode não comportar dificuldade qualquer de tradução; logo, cabe ao tradutor silenciar. Um exemplo: apesar das muitas variações estilísticas possíveis, não há problema algum na tradução do célebre § 53: "Embora não haja fenomenologia, há decerto problemas fenomenológicos". A tradução está feita, é clara, e não cabe ao tradutor prescrever a leitores de filosofia um cuidado geral ou específico com conceitos ambíguos nem pretender resolver, em nota, a questão própria do comentário filosófico acerca, digamos, de que "fenomenologia" está Wittgenstein a referir-se.[14] Por outro lado, mesmo o mais glacial e imperturbável tradutor deve tecer considerações, por exemplo, sobre a palavra 'klar', pois é seu dever dirimir as ilusões geradas por este "falso amigo", sem descartarmos, com isso, a possibilidade de alguma relevância filosófica decorrer da precisão de seu sinuoso sentido.

Em suma, é sobre tal texto, por vezes inteiro, por vezes mal acabado, que se volta nosso trabalho. Se bem sucedido, não teremos feito pouco, uma vez que as *Bemerkungen über die Farben* são um momento privilegiado da reflexão madura de Wittgenstein sobre a natureza das proposições gramaticais.

---

[14] Questão a que, por outro lado, não nos furtamos em *A Gramática das Cores em Wittgenstein*, em que todo privilégio é concedido ao que, acerca das cores na obra de Wittgenstein, comporta relevância filosófica.

BEMERKUNGEN ÜBER DIE FARBEN
I, II, III e IV[15]

[15] Apresentamos em seguida o texto em alemão das partes I, II, III e IV das *Bemerkungen über die Farben*, acrescido de variantes mediante cotejo com os manuscritos 176, 172, 173 e 169 (segundo o catálogo do espólio de Wittgenstein, elaborado por von Wright — Cf. Von Wright, Georg Henrik, *Wittgenstein*), cujas fotocópias encontram-se nos vols. 78, 79, 75 e 71 de *The Wittgenstein Papers*. A parte II está reordenada, com as considerações anteriores conforme. Para remissões intertextuais, do original ou da tradução, servir-nos-emos das mesmas abreviações *BF I, BF II, BF III* e *BF IV*.

Bemerkungen über die Farben I (BF I): MS 176, vol. 78 da edição da Cornell University:

1. Ein Sprachspiel: Darüber berichten, ob ein bestimmter Körper heller oder dunkler als ein andrer sei. — Aber nun gibt es ein verwandtes: Über das Verhältnis der Helligkeiten bestimmter Farbtöne aussagen. (Damit ist zu vergleichen: Das Verhältnis der Längen zweier Stäbe bestimmen — und das Verhältnis zweier Zahlen bestimmen.) — Die Form der Sätze in beiden Sprachspiele ist die gleiche: "x ist heller als y". Aber im ersten ist es eine externe Relation und der Satz zeitlich, im zweiten ist es eine interne Relation und der Satz zeitlos.

2. In einem Bild, in welchem ein Stück weißes Papier seine Helligkeit vom blauen Himmel kriegt, ist dieser heller als das weiße Papier. Und doch ist, in einem andern Sinne, Blau die dunklere, Weiß die hellere Farbe. (Goethe). Auf der Palette ist das Weiß die hellste Farbe.

3. Lichtenberg sagt, nur wenige Menschen hätten je reines Weiß gesehen. So verwenden also die Meisten das Wort falsch? Und wie hat *er* den richtigen Gebrauch gelernt? — Er hat nach dem gewöhnlichen Gebrauch einen idealen konstruiert. Und das heißt nicht, einen bessern, sondern einen in gewisser Richtung verfeinerten, worin etwas auf die Spitze getrieben wird.

4. Und freilich kann ein so konstruierter uns wieder über den tatsächlichen Gebrauch belehren.

5. Wenn ich von einem Papier sage, es sei rein Weiß, und es würde Schnee neben das Papier gehalten und dieses sähe nun grau aus, so würde ich es in seiner normalen Umgebung doch mit Recht weiß, nicht hellgrau, nennen. Es könnte sein, daß ich, im Laboratorium etwa, einen verfeinerten Begriff / des // von // Weiß verwendete (wie z.B. auch einen verfeinerten Begriff der genauen Zeitbestimmung).

6. Was läßt sich dafür sagen, daß Grün eine primäre Farbe ist, keine Mischfarbe von Blau und Gelb? Wäre es richtig zu sagen: "Man kann das nur unmittelbar erkennen, indem man die Farben betrachtet?" Aber wie weiß ich, daß ich dasselbe mit den Worten "primäre Farbe" meine wie ein Andrer, der auch geneigt ist, Grün eine primäre Farbe zu nennen? Nein, — hier entscheiden Sprachspiele.

7. / Es // Es gibt mehr, oder weniger bläuliches (oder gelbliches) Grün und es // gibt die Aufgabe, zu einem gegebenen Gelbgrün (oder Blaugrün) ein weniger gelbliches (oder bläuliches) zu mischen, — oder aus einer Anzahl von Farbmustern auszuwählen. Ein weniger gelbliches ist aber kein bläuliches Grün (und umgekehrt), und es gibt auch die Aufgabe, ein Grün zu wählen, oder zu mischen, das weder gelblich noch bläulich ist. Ich sage "oder zu mischen", weil ein Grün dadurch nicht zugleich bläulich[16] und gelblich wird, daß es durch eine Art der Mischung von Gelb und Blau zustandekommt.

8. Menschen könnten den Begriff der Zwischenfarbe oder Mischfarbe haben, auch wenn sie nie Farben durch Mischung (in welchem Sinne immer) erzeugten. Es könnte sich in ihren Sprachspielen immer nur darum handeln, schon vorhandene Zwischen- oder Mischfarben zu suchen, zu wählen.

9. Wenn nun auch nicht Grün eine Zwischenfarbe von Gelb und Blau ist, könnte es nicht Leute geben, für die es ein bläuliches Gelb, ein rötliches Grün gibt? Leute also, deren Farbbegriffe von den unsern abwichen — da

[16] No manuscrito aparece 'grünlich' ('esverdeado'), erro evidente até de transcrição, pois em *BF III*, § 158, primeira versão do parágrafo, consta a única opção com sentido.

ja auch die Farbbegriffe der Farbenblinden von denen der Normalen abweichen. Und nicht jede Abweichung vom Normalen muß eine Blindheit, ein Defekt sein.

10. Wer gelernt hat, zu einem gegebenen Farbton einen gelblicheren, weißlicheren, rötlicheren zu finden oder zu mischen, u.s.f., wer also den Begriff der Zwischenfarbe kennt, den fordre man (nun) auf, uns ein rötliches Grün zu zeigen. Er mag diesen Befehl nun einfach nicht verstehen und etwa so reagieren, als hätte man von ihm verlangt, nach einem regelmäßigen Viereck, Fünfeck, Sechseck ein regelmäßiges Eineck zu zeigen. Wie aber, wenn er, ohne zu zögern, auf ein Farbmuster wiese (etwa auf ein schwärzliches Braun, wie wir es / nennen // beschreiben // würden)?

11. Wem ein Rötlichgrün bekannt wäre, der sollte im Stande sein, eine Farbenreihe herzustellen, die mit Rot anfinge, mit Grün endet und, auch für uns vielleicht, einen kontinuierlichen Übergang zwischen ihnen bildet. Es würde sich dann zeigen, daß dort, wo wir jedesmal den gleichen Ton, von Braun z.B., sehen, er einmal Braun, einmal Rötlichgrün sähe. Daß er z.B. zwei chemische Verbindungen, die für uns die gleiche Farbe haben, nach der Farbe unterscheiden könnte und die eine braun, die andre rötlichgrün nennte.

12. Stell Dir vor[17] alle Menschen mit seltenen Ausnahmen wären rot-grün-blind. Oder auch den andern Fall: alle Menschen wären entweder rot-grün-, oder blau-gelb-blind.

13. Denken wir uns ein *Volk* von Farbenblinden, und das könnte es leicht geben. Sie würden nicht die gleichen Farbbegriffe haben wie wir. Denn auch angenommen, sie redeten, z.B., Deutsch, hätten also alle deutschen

---

[17] Como se estivesse escrevendo uma carta a seu interlocutor, Wittgenstein normalmente coloca pronomes relativos à segunda pessoa do singular em maiúsculas – procedimento epistolar típico, como sinal de deferência a alguém, contudo, de algum modo próximo. Cabe-nos pois preservar tal idiossincrasia, ao menos no estabelecimento do texto. Vale observar que, em nossa tradução, a forma equivalente a 'Du' será 'você'.

Farbwörter, so würden sie sie doch anders gebrauchen als wir, und anders zu gebrauchen *lernen*.

Oder haben sie eine fremde Sprache, so würde es uns schwer, ihre Farbwörter in die unsern zu übersetzen.

14. Wenn es aber auch Menschen gäbe, denen es natürlich wäre, / den Ausdruck // das Wort // "rötlichgrün" oder "gelblichblau" in / konsequenter // einer konsequenten // Weise zu verwenden, und [die] dabei vielleicht auch Fähigkeiten verrieten, die / uns fehlen // wir nicht haben //, so wären wir dennoch nicht gezwungen anzuerkennen, sie sähen *Farben*, die wir nicht sehen. Es gibt ja kein allgemein annerkantes Kriterium dafür, was eine Farbe sei, es sei denn, daß es eine unserer Farben ist.

15. In jedem ernsteren philosophischen Problem reicht die Unsicherheit bis an die Wurzeln hinab.

Man muß immer darauf gefaßt sein, etwas *ganz* Neues zu lernen.

16. Die Beschreibung der Phänomene der Farbenblindheit gehört in die Psychologie: also auch die der Phänomene des normalen Sehens? Die Psychologie beschreibt nur die *Abweichungen* der Farbenblindheit vom normalen Sehen.

17. Runge (in dem Brief, den Goethe in der Farbenlehre abdruckt) sagt, es gebe durchsichtige und undurchsichtige Farben. Weiß sei eine undurchsichtige Farbe.

Dies zeigt die Unbestimmtheit im Begriff der Farbe, oder auch der Farbengleichheit.

18. Kann ein durchsichtiges grünes Glas die gleiche Farbe haben wie ein undurchsichtiges Papier, oder nicht? Wenn ein solches Glas auf einem Gemälde dargestellt würde, so wären die Farben auf der Palette nicht durchsichtig. Wollte man sagen, die Farbe des Glases wäre auch auf dem Gemälde durchsichtig, so müßte man den Komplex von Farbflecken, der das Glas darstellt, seine *Farbe* nennen.

19. Wie kommt es, daß etwas Durchsichtiges grün, aber nicht weiß sein kann?

Durchsichtigkeit und Spiegeln gibt es nur in der Tiefendimension / des // eines // Gesichtsbilds.

Der Eindruck des durchsichtigen Mediums ist der, daß etwas *hinter* dem Medium liegt. Vollkommene Einfärbigkeit des Gesichtsbilds kann nicht durchsichtig sein.

20. Etwas Weißes hinter einem gefärbten durchsichtigen Medium erscheint in der Farbe des Mediums, etwas Schwarzes schwarz. Nach dieser Regel muß Schwarz auf weißem Grund durch ein 'weißes durchsichtiges' Medium wie durch ein farbloses gesehen werden.

21. Runge: "Wenn man sich ein bläuliches Orange, ein rötliches Grün, oder ein gelbliches Violett denken will, wird einem zu Muthe wie bei einem südwestlichen Nordwinde..... Weiß sowohl als Schwarz sind beide undurchsichtig oder körperlich..... Weißes Wasser wird man sich nicht denken können, was rein ist; so wenig wie klare Milch."

22. Wir wollen keine Theorie der Farben finden (weder eine physiologische, noch eine psychologische), sondern die Logik der Farbbegriffe. Und diese leistet, was man sich oft mit Unrecht von einer Theorie erwartet hat.

23. "Weißes Wasser wird man sich nicht denken können etc." Das heißt, man kann nicht beschreiben (z.B. malen), wie etwas weißes Klares aussähe, und das heißt: man weiß nicht, welche Beschreibung, Darstellung, diese Worte von uns fordern.

24. Es ist nicht ohne weiters klar, von welchem durchsichtigen Glas man sagen soll, es habe die *gleiche Farbe*, wie ein undurchsichtiges Farbmuster. Wenn ich sage "Ich suche ein Glas von *dieser* Farbe" (wobei ich auf ein färbiges Papier deute), so wird das etwa heißen, daß etwas Weißes, durch das Glas gesehen, ausschauen soll wie mein Muster.

Ist das Muster rosa, himmelblau, lila, so wird man sich das Glas *trübe* denken, aber vielleicht auch klar und nur schwach rötlich, bläulich oder violett gefärbt.

25. Im Kino kann man manchmal die Vorgänge im Film so sehen, als lägen sie hinter der Leinwandfläche, diese aber sei durchsichtig, etwa eine Glastafel. Das Glas nähme den Dingen ihre Farbe und ließe nur Weiß, Grau und Schwarz durch. (/ Wir treiben hier nicht Physik // Wir reden hier nicht physikalisch //, sondern betrachten Weiß und Schwarz als Farben ganz wie Grün und Rot.) — Man könnte also denken, daß wir uns hier / eine Glastafel // ein Glas // vorstellen, / die // das // weiß und durchsichtig zu nennen wäre. Und doch sind wir nicht versucht, sie so zu nennen: Bricht also die Analogie mit einer durchsichtigen grünen Tafel, z.B., irgendwo zusammen?

26. Von einer grünen Tafel würden wir etwa sagen: sie gäbe den Dingen hinter ihr eine grüne Färbung; also vor allem / den Weißen hinter ihr // etwas *Weißem* //.

27. "Man kann sich das nicht vorstellen", wenn es sich um die Logik handelt, heißt: man weiß nicht, was man sich hier vorstellen soll.

28. Würde man von / der // meiner // fiktiven Glastafel im Kino sagen, sie gäbe den Dingen hinter ihr eine weiße Färbung?

29. Konstruiere aus der Regel für den Augenschein des durchsichtigen / Färbigen // und gefärbten //, die Du vom durchsichtigen Grünen, Roten, etc. abliest, den Schein des durchsichtigen Weißen! Warum geht es nicht?

30. Jedes gefärbte Medium verdunkelt, was dadurch gesehen wird, es schluckt Licht: Soll nun mein weißes Glas auch verdunkeln? und je dicker es ist, desto mehr? / So wäre es ja ein dunkles Glas! // So wäre es eigentlich ein dunkles Glas! //

31. *Warum* kann man sich / durchsichtig-weißes // weiß-durchsichtiges // Glas nicht vorstellen, — auch wenn es in der Wirklichkeit keins gibt?

Wo geht die Analogie mit dem / färbigen durchsichtigen // durchsichtigen gefärbten // schief?

32. Sätze werden oft an der Grenze von Logik und Empirie gebraucht, so daß ihr Sinn über die Grenze hin und her wechselt und sie bald als Ausdruck einer Norm, bald als Ausdruck einer Erfahrung gelten.

(Denn es ist ja nicht eine psychische Begleiterscheinung — so stellt man sich den 'Gedanken' vor —, sondern die Verwendung, die den logischen vom Erfahrungssatz unterscheidet.)

33. Man redet von der 'Farbe des Goldes' und meint nicht Gelb. "Goldfarben" ist die Eigenschaft einer / Oberfläche // Fläche //, welche glänzt, oder schimmert.

34. Es gibt Rotglut und Weißglut: Wie aber sähe Braunglut und Grauglut aus? Warum kann man sich diese nicht als einen schwächeren Grad der Weißglut denken?

35. "Das Licht ist Farblos." Wenn, dann in dem Sinne, wie die Zahlen farblos sind.

36. Was leuchtend *aussieht,* sieht nicht grau aus. Alles Graue *sieht* beleuchtet *aus*.

37. Was man als leuchtend sieht, sieht man nicht als grau. Wohl aber kann man es als weiß sehen.

38. Man könnte also etwas *jetzt* als schwach leuchtend, *jetzt* als grau sehen.

39. Ich sage nicht (wie die Gestaltpsychologen), daß der *Eindruck des Weißen* so und so zustande komme. Sondern die Frage ist gerade: was der Eindruck des Weißen sei. Was die Bedeutung dieses Ausdrucks, die Logik des Begriffes ist.

40. Denn, daß man sich etwas 'grauglühendes' nicht denken kann, gehört nicht in die Physik, oder Psychologie der Farbe.

41. Man sagt mir, eine gewisse Substanz brenne mit grauer Flamme. Ich kenne doch nicht die Farbe der Flammen sämtlicher Substanzen; warum sollte das also nicht möglich sein?

42. Man redet von einem 'dunkelroten Schein', aber nicht von einem 'schwarzroten'.

43. Eine glatte weiße Fläche kann spiegeln: Wie nun, wenn man sich irrte, und was in ihr gespiegelt erscheint, *wirklich* hinter ihr wäre und durch sie gesehen würde? Wäre sie dann weiß und durchsichtig?

44. Man spricht von einem 'schwarzen' Spiegel. Aber / wo // wenn // er spiegelt, verdunkelt er zwar, aber sieht nicht schwarz aus, und was durch ihn gesehen wird, erscheint nicht 'schmutzig', sondern 'tief'.

45. Die Undurchsichtigkeit ist nicht eine *Eigenschaft* der weißen Farbe. Sowenig, wie Durchsichtigkeit eine Eigenschaft der grünen.

46. Und es genügt auch nicht zu sagen, das Wort "weiß" werde eben nur für die Erscheinung von Oberflächen angewandt. Es könnte sein, daß wir zwei Wörter für "grün" hätten: eines nur für grüne Oberflächen, das andre für grüne durchsichtige Gegenstände. Es bliebe also die Frage, warum es kein dem Wort "weiß" entsprechendes Farbwort für etwas Durchsichtiges gibt.

47. Ein Medium, wodurch ein schwarz und weißes Muster (Schachbrett) unverändert erscheint, wird man nicht ein weißes nennen, auch wenn dadurch die andern Farben an Färbigkeit verlieren.

48. Man könnte / einen weißen Glanz // ein weißes Glanzlicht // nicht "weiß" nennen wollen, und so nur das nennen, was / man als Farbe einer Oberfläche sieht. // dem Auge als Farbe einer Oberfläche erscheint. //

49. Von zwei Stellen meiner Umgebung, die ich, in einem Sinne, als gleichfarbig *sehe*, kann / mir, in einem anderem Sinne, die eine als weiß,

die andre als grau erscheinen. // ich, in einem anderem Sinne, die eine als weiß, die andre als grau sehen. //

In einem Zusammenhang ist diese Farbe für mich weiß in schlechter Beleuchtung, in einem andern grau in guter Beleuchtung.

Dies sind Sätze über die Begriffe 'weiß' und 'grau'.

50. Der Eimer, der hier vor mir steht, ist glänzend weiß lackiert, es wäre absurd, ihn "grau" zu nennen, oder zu sagen "Ich sehe eigentlich ein helles Grau". Aber er hat ein weißes Glanzlicht, das weit heller ist als seine übrige Fläche, und diese ist / teils dem Licht zu-, teils abgeneigt // teils im Licht, teils in Schatten //, ohne doch anders gefärbt zu erscheinen. (Zu *erscheinen*, nicht nur zu *sein*.)

51. Es ist nicht dasselbe zu sagen: der Eindruck des Weißen oder Grauen kommt unter / solchen // *diesen* // Bedingungen zustande (kausal), und: er ist ein Eindruck in einem bestimmten Zusammenhang von Farben und Formen.

52. Weiß als *Stoffarbe* (in dem Sinne, in welchem man sagt, Schnee ist weiß) ist heller als jede andre Stoffarbe; Schwarz dunkler. *Hier* ist die Farbe eine Verdunklung, und ist dem Stoff jede solche entzogen, so bleibt Weiß, und darum kann man es "farblos" nennen.

53. Es gibt zwar nicht Phänomenologie, wohl aber phänomenologische Probleme.

54. Daß nicht alle Farbbegriffe logisch gleichartig sind, sieht man leicht. Z.B. den Unterschied zwischen den Begriffen 'Farbe des Goldes' oder 'Farbe des Silbers' und 'gelb' oder 'grau'.

55. Eine Farbe '*leuchtet*' in einer Umgebung (wie Augen nur in einem Gesicht lächeln). Eine 'schwärzliche' Farbe — z.B. Grau — 'leuchtet' nicht.

56. Die Schwierigkeiten, die wir beim Nachdenken über das Wesen der Farben empfinden (mit denen Goethe in der Farbenlehre sich

auseinandersetzen wollte) liegen schon in der Unbestimmtheit / des // unseres // Begriffs der Farbengleichheit beschlossen.

57. | "Ich / empfinde // fühle // X"
"Ich beobachte X"

X steht im ersten und zweiten Satz nicht für den gleichen Begriff, wenn auch vielleicht für den gleichen Wortausdruck, z. B. für "einen Schmerz". Denn fragt man "Was für einen Schmerz?" so könnte ich im ersten Fall antworten "Diesen" und den Fragenden etwa mit einer Nadel stechen. Im zweiten Falle muß ich auf dieselbe Frage anders antworten; z. B. "Den Schmerz in meinem Fuß".

Auch könnte das X im zweiten Satz für "meinen Schmerz" stehen, aber nicht im ersten. |

58. Denk, jemand zeigte auf eine Stelle der Iris in einem Rembrandtschen Auge und sagt: "Die Wände in meinem Zimmer sollen in dieser Farbe gemalt werden."

59. Ich male die Aussicht von meinem Fenster; eine bestimmte Stelle, bestimmt durch ihre Lage in der Architektur eines Hauses, male ich mit Ocker. Ich sage, ich sehe diese Stelle in dieser Farbe. Das bedeutet nicht, daß ich hier die Farbe Ocker sehe, denn dieser Farbstoff mag, *so* umgeben, heller, dunkler, rötlicher (etc.) aussehen als Ocker. "Ich sehe diese Stelle, wie ich sie hier mit Ocker gemalt habe, nämlich als ein stark rötliches Gelb."

Wie aber, wenn man von mir verlangte, den genauen Farbton anzugeben, den ich dort sehe? — Wie soll er angegeben werden, und wie bestimmt werden? Man könnte verlangen, daß ich ein Farbmuster (ein rechteckiges Stück Papier von dieser Farbe) herstelle. Ich sage nicht, daß ein solcher Vergleich ohne jedes Interesse wäre, aber er zeigt uns, daß nicht von vornherein klar ist, wie Farbtöne zu vergleichen sind und was "Gleichheit der Farbe" bedeutet.

60. Denken wir uns ein Gemälde in kleine, annäherend einfärbige Stücke zerschnitten und diese dann als Steine eines Zusammenlegspiels verwendet. Auch wo ein solcher Stein nicht einfärbig ist, soll er keine

räumliche Form andeuten, sondern einfach als flacher Farbfleck erscheinen. Erst im Zusammenhang / mit den andern wird er ein Stück blauen Himmels, ein Schatten, ein Glanz, durchsichtig oder undurchsichtig, etc. // mit den andern sieht man ihn als ein Stück blauen Himmel, als einen Schatten, einen Glanz, als durchsichtig oder undurchsichtig, etc. // — Zeigen uns die einzelnen Steine die *eigentlichen Farben* der Stellen des Bildes?

61. Man neigt dazu, zu glauben, die Analyse unsrer Farbbegriffe führe am Ende zu den *Farben von Stellen* / des // unsres // Gesichtsbilds, welche nun von jeder räumlichen oder physikalischen Deutung unabhängig sind; denn hier gibt es weder Beleuchtung, noch Schatten, noch Glanz, etc., etc..

62. Daß ich sagen kann, diese Stelle in meinem Gesichtsfeld sei graugrün, bedeutet nicht, daß ich weiß, was eine genaue Kopie des Farbtons zu nennen wäre.

63. Ich sehe auf einer (nicht färbigen) Photographie einen Mann mit dunklem Haar und einen Buben mit glatt zurückgekämmtem blonden Haar vor einer Art Drehbank stehen, die zum Teil aus Schwarz gestrichenen Gußteilen, teils aus glatten Wellen, Zahnrädern, u. a. besteht, daneben ein Gitter aus hellem verzinkten Draht. Die bearbeiteten Eisenflächen sehe ich eisenfärbig, das Haar des Jungen blond, das Gitter zinkfärbig, /obgleich // obwohl // alles durch hellere und dunklere Töne des photographischen Papiers dargestellt ist.

64. Aber sehe ich wirklich die Haare auf der Photographie blond? Und was spricht dafür? Welche Reaktion des betrachters / soll zeigen // zeigt //, daß er sie blond *sieht*, und nicht nur aus den Tönen der Photographie schließt, sie seien blond? — Würde von mir verlangt, daß ich jene Photographie beschreibe, so würde ich es am direktesten mit jenen Worten tun. Ließe man diese Art der Beschreibung nicht gelten, so müßte ich nun erst nach einer andern suchen.

65. Wenn selbst das Wort "blond" blond klingen kann, wieviel eher können die photographierten Haare blond aussehen!

66. "Kann man sich nicht denken, daß gewisse Menschen eine andere Farbengeometrie als die unsere hätten?" Das heißt doch: Kann man sich nicht Menschen mit andern Farbbegriffen als den unsern denken? und das heißt wieder: Kann man sich nicht vorstellen, daß Menschen unsre Farbbegriffe *nicht* haben, und daß sie Begriffe haben, die mit unsern Farbbegriffen / auf solche Art // in solcher Weise // verwandt sind, daß wir sie auch "Farbbegriffe" nennen würden?

67. Sieh Dein Zimmer am späten Abend an, wenn Farben kaum mehr zu unterscheiden sind — und nun mach Licht und male, was Du früher im Halbdunkel gesehen hast. — Wie vergleicht man die Farben auf so einem Bild mit denen des halbdunkeln Raums?

68. Auf die Frage "Was bedeuten die Wörter 'rot', 'blau', schwarz', 'weiß'[?"], können wir / freilich // wohl // gleich auf Dinge zeigen, die so gefärbt sind, — aber weiter geht unsre Fähigkeit die Bedeutungen dieser Worte zu erklären nicht! Im übrigen machen wir uns von ihrer Verwendung keine, oder eine ganz rohe, zum Teil falsche, Vorstellung.

69. Ich kann mir einen Logiker vorstellen, der erzählt, er sei jetzt dahin gelangt, "2 × 2 = 4" wirklich *denken* zu können.

70. Die Goethesche Lehre von der Entstehung der Spektralfarben ist nicht eine Theorie, die sich als ungenügend erwiesen hat, sondern eigentlich gar keine Theorie. Es läßt sich mit ihr nichts vorhersagen. Sie ist eher ein vages Denkschema nach Art derer, die man in James' Psychologie findet. Es gibt auch kein experimentum crucis, das für, oder gegen diese Lehre entscheiden könnte.

71. Wer mit Goethe übereinstimmt, findet, Goethe habe die *Natur* der Farbe richtig erkannt. Und Natur ist hier nicht, was aus Experimenten hervorgeht, sondern sie liegt im Begriff der Farbe.

72. Eins war für Goethe unumstößlich klar: Aus Dunkelheiten kann sich kein Helles zusammensetzen — wie aus mehr und mehr Schatten kein

Licht entsteht. — Und dies ließe sich so ausdrücken: Wenn man Lila ein weißlich-rötlich-Blau nennt, oder Braun ein schwärzlich-rötlich-Gelb, — so kann man nun Weiß *kein* gelblich-rötlich-grünlich-Blau, oder dergleichen, nennen. Weiß ist nicht eine *Zwischenfarbe* anderer Farben. Und *das* können Versuche mit dem Spektrum weder bekräftigen noch widerlegen. Es wäre aber auch falsch zu sagen "Schau Dir die Farben nur in der Natur an, und Du wirst sehen, daß es so ist". Denn über die Begriffe der Farben wird man durch Schauen nicht belehrt.

73. Ich kann mir nicht denken, daß Goethes Bemerkungen über die Charaktere der Farben und Farbenzusammenstellungen für den Maler nützlich sein können; kaum für den Dekorateur. Die Farbe eines blutunterlaufenen Auges könnte als Farbe eines Wandbehangs prächtig wirken. Wer vom Charakter einer Farbe redet, denkt dabei immer nur an *eine* bestimmte Art ihrer Verwendung.

74. Gäbe es eine Harmonielehre der Farben, so würde sie etwa mit einer Einteilung der Farben in Gruppen anfangen und gewisse Mischungen, oder Nachbarschaften verbieten, andre erlauben. Und sie würde, wie die Harmonielehre, ihre Regeln nicht begründen.

75. Es mag Geistesschwache geben, denen man den Begriff 'morgen' nicht beibringen kann, oder den Begriff 'ich', oder das Ablesen der Uhrzeit. Sie würden den Gebrauch des Wortes 'morgen' nicht erlernen, etc..

Wem kann ich nun beschreiben, *was* diese nicht erlernen können? Nicht nur dem, der es erlernt hat? Kann ich dem A nicht mitteilen, B könne höhere Mathematik nicht erlernen, auch wenn A sie nicht beherrscht? Versteht nicht der das Wort "Schach" anders, der das Spiel gelernt hat, als der es nicht gelernt hat? Es bestehen Unterschiede zwischen der Verwendung, die jener von dem Wort machen kann, und der Verwendung, die dieser gelernt hat.

76. Heißt ein Spiel beschreiben immer: eine Beschreibung geben, durch die man es lernen kann?

77. Hat der Normalsehende und der Farbenblinde den gleichen Begriff von der Farbenblindheit? Ein Farbenblinder kann nicht nur unsre Farbwörter, sondern auch das Wort "Farbenblind" nicht so verwenden lernen wie ein Normaler. Er kann z.B. die Farbenblindheit nicht auf die gleiche Weise feststellen wie dieser.

78. Es könnte Menschen geben , die unsre Ausdrucksweise, Orange sei ein rötliches Gelb, nicht verstünden, und nur dann geneigt wären, so etwas zu sagen, wo sie einen Farbübergang von Gelb über Orange nach Rot vor Augen sehen. Und für solche müßte der Ausdruck "rötliches Grün" keine Schwierigkeit haben.

79. Die Psychologie beschreibt die Phänomene des Sehens. — Wem macht sie die Beschreibung? *Welche* Unwissenheit kann diese Beschreibung beheben?

80. Die Psychologie beschreibt, was beobachtet wurde.

81. Kann man dem Blinden beschreiben, wie das ist, wenn Einer *sieht*? — Doch. Ein Blinder lernt manches über den Unterschied des Blinden vom Sehenden. Aber die Frage / war // ist // schlecht gestellt; als wäre Sehen eine Tätigkeit und es gäbe von ihr eine Beschreibung.

82. Ich kann doch Farbenblindheit beobachten; warum also Sehen nicht? — Ich kann beobachten, welche Farburteile ein Farbenblinder — oder auch ein Normalsichtiger — *unter gewissen Umständen* fällt.

83. Man sagt manchmal (wenn auch mißverständlich) "Nur ich kann wissen, was ich sehe". Aber nicht: "Nur ich kann wissen, ob ich farbenblind bin." (Noch auch: "Nur ich kann wissen, ob ich sehe, oder blind bin.")

84. Die Aussage "Ich sehe einen roten Kreis" und die "Ich sehe (bin nicht blind)" sind logisch nicht gleichartig. Wie prüft man die Wahrheit der ersten, wie die Wahrheit der zweiten?

85. Aber kann ich glauben zu sehen, und blind sein, oder glauben blind zu sein, und sehen?

86. Könnte in einem Lehrbuch der Psychologie der Satz stehen "Es gibt Menschen, welche sehen"? Wäre das falsch? Aber wem wird hier etwas mitgeteilt?

87. Wie kann es unsinnig sein zu sagen "Es gibt Menschen, welche sehen", wenn es nicht unsinnig ist zu sagen "Es gibt Menschen, welche blind sind"?

Aber angenommen, ich hätte nie von der Existenz blinder Menschen gehört und eines Tages teilt man mir mit "Es gibt Menschen, welche nicht sehen", müßte ich diesen Satz so ohne weiteres verstehen? Muß ich mir, wenn ich selber nicht blind bin, bewußt sein, daß ich die Fähigkeit des Sehens habe, und daß es also Leute geben kann, die sie nicht haben?

88. Wenn der Psychologe uns lehrt "Es gibt Menschen, welche sehen", so können wir ihn fragen: "Und was nennst Du 'Menschen, welche sehen'?" Darauf müßte / seine // die // Antwort sein: Menschen, die unter den und den Umständen sich so und so benehmen.[18]

[18] No MS 176, seguem-se a esse parágrafo os §§ 426 (datado de 21/03/51) a 637 de *Über Gewißheit*.

Bemerkungen über die Farben II (BF II): MS 172, vol. 79 da edição da Cornell University:

1. {11}[19] [/] In der Philosophie muß man immer fragen: "Wie muß man dieses Problem ansehen, daß es lösbar wird?"

2. {12} [/] Denn hier (wenn ich die Farben betrachte z.B.) ist da erst nur eine Unfähigkeit / Ordnung in den Begriffen zu machen. // irgend eine Ordnung zu machen. //

Wir stehen da, wie der Ochs vor der neu gestrichenen Stalltür.

3. {13} [/] Denk daran, wie ein Maler die Durchsicht durch ein rötlich gefärbtes Glas darstellen würde. Es ist ja ein *kompliziertes* Flächenbild, was sich da ergiebt. D. h., das Bild wird nebeneinander eine Menge von Abschattungen von Rot und andern Farben enthalten. Und analog, wenn man durch ein blaues Glas sähe.

Wie aber, wenn man ein Bild malte, in dem dort, wo früher etwas bläulich oder rötlich wurde, es weißlich wird?

4. {14} [/] Ist der ganze Unterschied hier, daß die Farben durch den rötlichen Schein nicht ihre Sattheit verlieren, wohl aber durch den weißlichen?

Ja, man spricht gar nicht von einem 'weißlichen Schein'!

5. {15} Wenn bei einer gewissen Beleuchtung alles weißlich aussähe, so würden wir nicht schließen, das Leuchtende müsse weiß ausschaun.

---

[19] Indicamos assim entre chaves, em seguida à nossa, a numeração proposta por Anscombe.

6. {16} [/] Die phänomenologische Analyse (wie sie z.B. Goethe wollte) ist eine Begriffsanalyse und kann der Physik weder beistimmen, noch widersprechen.

7. {17} Wie aber, wenn es irgendwo so wäre: das Licht eines weißglühenden Körpers ließe die Sachen hell aber weißlich, also farbschwach, erscheinen, das Licht eines rotglühenden rötlich, etc.? (Nur eine unsichtbare, dem Auge nicht wahrnehmbare Quelle, ließe sie in Farben leuchten.)

8. {18} Ja, wie wenn die Dinge nur dann in ihren Farben leuchteten, wenn, in unserm Sinne, *kein* Licht auf sie fällt, wenn z.B. der Himmel *schwarz* wäre? Könnte man dann nicht sagen: nur bei schwarzem Licht erscheinen (uns) die vollen Farben?

9. {19} Aber wäre hier nicht ein Widerspruch?

10. {20} Ich *sehe* nicht, daß die Farben der Körper Licht in mein Auge reflektieren.

11. {1} Man könnte von dem Farbeindruck einer Fläche reden, womit nicht die Farbe gemeint wäre, / sondern das Zusammen der Farbtöne, das den Eindruck einer braunen Fläche (z.B.) ergibt. // sondern die Farbtöne und ihre Verteilung, wenn sich z.B. der Eindruck einer braunen Fläche ergeben soll. //

12. {2} [/] Die Beimischung des Weiß nimmt der Farbe das *Farbige*; dagegen nicht die Beimischung von Gelb. — Ist das am Grunde des Satzes, daß es kein klar durchsichtiges Weißes geben kann?

13. {3} [/] Was aber ist das für ein Satz: daß die Beimischung des Weißen der Farbe das Farbige nimmt?

Wie ich es meine, kann's kein physikalischer Satz sein.

Hier ist die Versuchung sehr groß, an eine Phänomenologie, ein Mittelding zwischen Wissenschaft und Logik, zu glauben.

14. {4} [/] Was ist denn das Wesentliche des *Trüben*? Denn rotes, gelbes Durchsichtiges ist nicht trübe, weißes ist trübe.

15. {5} [/] Ist trüb das, was die Formen verschleiert, und verschleiert es die Formen, weil es Licht und Schatten verwischt?

16. {6} [/] Ist nicht weiß das, was die Dunkelheit aufhebt?

17. {7} Man redet zwar von 'schwarzem Glas', aber wer durch rotes Glas eine weiße Fläche sieht, sieht sie rot, durch 'schwarzes' Glas nicht schwarz.

18. {8} Man bedient sich, um klar zu sehen, / oft // manchmal // gefärbter Brillengläser, aber nie trüber.

19. {9} [/] "Die Beimischung von Weiß verwischt den Unterschied zwischen Hell und Dunkel, Licht und Schatten": bestimmt das die Begriffe näher? Ich glaube schon.

20. {10} [/] Wer das nicht fände, hätte nicht die entgegengesetzte Erfahrung; sondern wir würden ihn nicht verstehen.

Bemerkungen über die Farben III (BF III): MS 173, vol. 75 da edição da Cornell University:

24.3.50[20]

1. {?} [/] In einem Bild muß das Weiß die hellste Farbe sein.

2. {/} [/] In der Tricolore kann z.B. das Weiß nicht dunkler sein als Blau, oder Rot.

3. [/] Hier gibt es eine Art Farbmathematik.

26.3[21]

4. {/} [/] Aber auch das reine Gelb ist heller als das reine, satte Rot, oder Blau. Und ist dies ein Satz der Erfahrung? — Ich weiß z.B. nicht, ob Rot (d.h. das reine) heller oder dunkler ist als Blau; ich müßte sie sehen, um es sagen zu können. Und doch, wenn ich es gesehen hätte, so wüßte ich's nun ein für alle mal, wie das Resultat einer Rechnung.

Wo trennen sich hier Logik und / Empirie // Erfahrung //?

5. [/] Das Wort, dessen Bedeutung nicht klar ist, ist "rein", oder "satt". Wie lernen wir diese Bedeutung? Wie zeigt es sich, daß Menschen das Gleiche damit meinen?

Ich nenne eine Farbe (z.B. Rot) "satt", wenn sie weder Schwarz noch Weiß enthält, weder schwärzlich, noch weißlich ist.

---

[20] Wittgenstein saiu de Viena em 23/03/50. Estas primeiras anotações aparecem após o que (com a data de 24/03/50, fornecida por Anscombe) se encontra coberto por uma tarja. Cf. Fotocópia 11.

[21] Londres, casa de Rush Rhees, onde ficará até 4 de abril.

Aber diese Erklärung dient nur einer vorläufigen Verständigung.

6. [/] Welche *Wichtigkeit* hat der Begriff der satten Farbe?

7. [/] Es ist hier offenbar eine Tatsache wichtig: daß nämlich Menschen einem Punkt im Farbkreis eine besondere Stellung einräumen. Daß sie sich diesen Punkt nicht mühsam merken müssen, sondern Alle immer leicht zu demselben Punkt finden.

8. [/] Gibt es eine 'Naturgeschichte der Farben', und wieweit ist sie analog einer Naturgeschichte der Pflanzen? Ist diese nicht zeitlich, jene unzeitlich?

9. [/] Wenn wir sagen, daß "Sattes Gelb ist heller als sattes Blau" kein Satz der Psychologie ist (denn nur *so* könnte er Naturgeschichte sein) — so heißt das: wir *verwenden* ihn nicht als naturgeschichtlichen Satz, — und die Frage ist dann: Wie sieht die andere, unzeitliche, *Verwendung* aus?

10. [/] Denn nur so ließe sich der 'farbmatematische' Satz vom naturgeschichtlichen unterscheiden.

11. [/] Oder auch: die Frage ist die: Kann man hier zwei Verwendungen (klar) unterscheiden?

12. [/] Hast Du Dir zwei Farbtöne A und B / eingeprägt // gemerkt //, und A ist heller als B, und nennst Du danach einen Farbton "A" und einen andern "B", dieser aber ist heller als jener: so hast Du die Farbtöne falsch benannt. (Das ist Logik.)

13. [/] Der Begriff der 'satten' Farbe / sei // ist // von solcher Art, daß das satte X nicht einmal heller, einmal dunkler sein kann als das satte Y; d.h., daß es keinen Sinn hat, zu sagen, es sei einmal heller, ein andermal dunkler. Dies ist eine Begriffsbestimmung und gehört wieder zur Logik.

Ob ein so bestimmter Begriff nützlich / sei // ist //, oder nicht, ist hier nicht entschieden.

14. [/] Es könnte dieser Begriff nur eine *sehr* beschränkte Verwendung haben. Und zwar darum, weil, was wir für gewöhnlich ein sattes X nennen, ein Farbeindruck innerhalb einer bestimmten Umgebung ist. Vergleichbar dem 'durchsichtigen' X.

15. [/] Gib Beispiele von einfachen Sprachspielen mit dem Begriff der 'satten Farben'!

16. [/] Ich nehme an, gewisse chemische Verbindungen, z.B. die Salze einer bestimmten Säure, hätten satte Farben und könnten so erkannt werden.

17. [/] Oder es ließe sich die Heimat gewisser Blumen nach der Sattheit ihrer Farben erraten. So daß man z.B. sagen könnte: "Das muß eine Alpenblume sein, weil ihre Farbe so intensiv ist."

18. [/] In so einem Fall könnte es aber helleres und dunkleres sattes Rot etc. geben.

19. [/] Und muß ich nicht zugeben, daß Sätze oft[22] an der Grenze von Logik und Empirie gebraucht werden, so daß / ihr Sinn über die Grenze hin und her wechselt // sie über die Grenze hin und her wechseln // und sie / bald Ausdruck einer Norm, bald Ausdruck / der // einer // Erfharung sind. // bald als Ausdruck einer Norm, bald als Ausdruck / der // einer // Erfharung behandelt werden. //

Denn es ist ja nicht der 'Gedanke' (/ eine psychische Begleiterscheinung // etwas, was den Satz begleitet //), sondern / die // seine // Verwendung (etwas, was ihn[23] umgibt), die den [logischen] Satz vom Erfahrungssatz unterscheidet.

20. [/] (Das falsche Bild verwirrt, das richtige Bild hilft.)

---

[22] Não está claro se há ou não nesta palavra um sublinhado ondulado.

[23] 'Den Satz' ou 'den Gedanke'? Com o acréscimo da variante parece referir-se o pronome a 'proposição' (Satz), que seria envolvida por seu emprego. Aliás, como várias combinações são possíveis, dadas as muitas correções superpostas e não-riscadas, vale conferir a última versão em *BF I*, § 32.

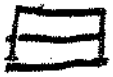
21. [/] Die Frage wird z.B. sein: Läßt sich, was "sattes Grün" heißt, dadurch beibringen, daß man lehrt,[24] was sattes Rot, oder Gelb oder Blau ist?

22. [/] Der '*Glanz*', das 'Glanzlicht', kann nicht schwarz sein. Ersetzte ich das Helle der Glanzlichter in einem Bild durch / Schwärze // Dunkelheit //, so wären's nun nicht schwarze Glanzlichter: und zwar nicht einfach darum, weil in der Natur das Glanzlicht nur so und nicht anders entsteht, sondern auch, weil wir auf ein *Licht* an dieser Stelle in bestimmter Weise reagieren. Eine Flagge mag gelb und schwarz, eine andere gelb und weiß sein.

23. [/] Durchsichtigkeit im Bild gemalt / hat andere Wirkung // wirkt anders // als Undurchsichtigkeit.

24. [/] Warum ist ein durchsichtiges Weiß nicht möglich? — Mal einen durchsichtigen roten Körper, und dann ersetz Rot durch Weiß!

Schwarz und Weiß / haben bei der Durchsichtigkeit einer Farbe schon ihre Hand im Spiele. // haben selbst ihre Hand im Spiele bei der Durchsichtigkeit einer Farbe. //

Erstetzt Du das Rot durch Weiß, so kommt der Eindruck der Durchsichtigkeit nicht (mehr) zustande; wie der Eindruck der Körperlichtkeit nicht, wenn Du aus der Zeichnung  die Zeichnung  machst.[25]

27.3.

25. [/] Warum ist eine satte Farbe nicht einfach: *diese*, oder *diese*, oder *diese*, oder *diese*? — Weil man sie auf andere Art wiedererkennt, oder bestimmt.

26. [/] Was uns mißtrauisch machen kann, ist, daß Manche drei Grundfarben zu erkennen glaubten, Manche vier. Manche hielten dafür,

---

[24] O manuscrito apresenta 'leert'.

[25] Reproduzimos os desenhos do próprio Wittgenstein.

daß Grün eine Zwischenfarbe von Blau und Gelb sei, und mir, z.B., kommt das falsch vor auch abgesehen von jeder *Erfahrung*.

Blau und Gelb, sowie Rot und Grün, erscheinen mir als Gegensätze — aber das mag einfach daherrühren, daß ich gewöhnt bin, sie im Farbenkreis an entgegengesetzten Punkten zu sehen.

Ja, welche *Wichtigkeit* hat für mich (sozusagen psychologisch) die Frage nach der Zahl der Reinen Farben?

27. [/] Ich scheine *ein* logisch Wichtiges zu sehen: Wenn man Grün eine Zwischenfarbe von Blau und Gelb nennt, dann muß man z.B. auch sagen können, was ein nur leicht bläuliches Gelb heißt, oder ein nur etwas gelbliches Blau. Und diese Ausdrücke sagen mir gar nichts. Aber könnten sie nicht einem Andern etwas sagen?

Wer mir also / die Farbe einer Wand // eine Wand // so beschriebe, "Sie war ein etwas rötliches Gelb," den könnte ich so verstehen, daß ich aus einer Zahl von Mustern ein annähernd richtiges wählen könnte. Wer die Farbe aber *so* beschriebe, sie sei ein etwas bläuliches Gelb, dem könnte ich so ein Muster nicht zeigen.[26] — Man pflegt hier zu sagen, man könne sich in einem Falle die Farbe vorstellen, im andern nicht, — aber dieser Ausdruck ist irreführend, denn man braucht hier gar nicht an das Auftauchen eines Bildes vor dem inneren Auge zu denken.

28. [/] Wie es ein absolutes Gehör gibt und Leute, die es nicht besitzen, so könnte man sich doch denken, daß es / mit Bezug auf das Farbensehen // bei den Farben // eine große Zahl verschiedener Veranlagungen gäbe.

Vergleiche z.B. den Begriff 'satte Farbe' mit 'warme Farbe'. Müßten alle Leute 'warme' und 'kalte' Farben kennen? es sei denn, daß man sie einfach lehrt, eine bestimmte Disjunktion von Farben so, bezw. so zu nennen.

Könnte nicht z.B. ein *Maler* gar keinen Begriff von 'vier reinen Farben' haben, ja, es lächerlich finden, von solchen zu reden[?]

29. [/] Oder auch so: Was ginge Menschen ab, denen dieser Begriff gar nicht natürlich ist?

---

[26] Há um grifo lateral ondulado na altura desta proposição.

30. [/] Frage so: Weißt Du, was "rötlich" bedeutet? und wie zeigst Du, daß Du's weißt?

Sprachspiele: "Zeige ein rötliches Gelb (Weiß, Blau, Braun)!" – "Zeige ein noch rötlicheres!" — "Ein weniger rötliches!" etc. Beherrschst Du nun diese Spiele, so werde / verlangt // Dir Befehl gegeben //, "Zeig ein etwas röliches Grün!" Nimm nun zwei Fälle an: Der eine: Du zeigst daraufhin auf eine Farbe (und immer auf die gleiche), / *z.B.* // etwa // auf ein Olivgrün — der andere: Du sagst, "Ich weiß nicht, was das heißt", oder "Das gibt's nicht".

Man könnte geneigt sein zu sagen, der Eine habe einen andern Farbbegriff als der Andre; oder einen andern Begriff von '...lich'.

31. [/] Wir reden von "Farbenblindheit" und nennen sie einen *Defekt*. Aber es könnte leicht mehrere verschiedene Anlagen geben, von denen keine gegen die andre offenbar minderwertig ist. — Und denk auch daran, daß ein Mensch durch's Leben gehen kann, ohne daß seine Farbenblindheit bemerkt wird, bis eine / seltene // besondere // Gelengenheit sie / zum Vorschein bringt. // herausbringt. //

32. [/] So können also verschiedene Menschen verschiedene Farbbegriffe haben? — *Etwas* verschiedene. In einem oder dem andern Zug verschiedene. Und das wird ihre Verständigung mehr, oder weniger, oft beinahe gar nicht beeinträchtigen.

33. [/] Hier möchte ich eine allgemeine Bemerkung über die Natur der philosophischen Probleme machen. Die philosophische Unklarheit ist quälend. Sie wird / als beschämend empfunden. // wie eine Schande, jedenfalls beschämend empfunden. // Man fühlt: man kennt sich nicht aus, wo man sich auskennen *sollte*. Und dabei *ist* es doch nicht so. / Man kann // Wir können // sehr wohl leben, / auch ohne sich hier auszukennen. // ohne eine Lehre von unsern Begriffen. // //ohne diese Unterscheidungen. //

34. [/] Wie hängen Farbenmischung und 'Zwischenfarbe' zusammen? Man kann offenbar von Zwischenfarben in einem Sprachspiel reden, worin

Farben gar nicht durch Mischung erzeugt werden, sondern nur vorhandene Farbtöne *gewählt* werden.

Und doch ist *ein* Gebrauch des Begriffes der Zwischenfarbe auch, die Farbenmischung zu erkennen, die einen Farbton erzeugt.

35. [/] Lichtenberg sagt, nur wenige Menschen hätten je reines Weiß gesehen. So verwenden also die Meisten das Wort falsch? Und wie hat *er* den richtigen Gebrauch gelernt? — Vielmehr: er hat aus dem tatsächlichen einen Idealgebrauch konstruiert. Wie man eine Geometrie konstruiert.[27] Aber mit "Ideal" ist hier nicht etwas besonders Gutes, sondern nur etwas auf die Spitze getriebenes gemeint.

36. Und freilich kann so ein erfundener uns wieder über den wirklichen Gebrauch belehren.

Und es könnte auch sein, daß wir, z.B. für wissenschaftliche Zwecke, einen neuen Begriff des 'reinen Weiß' *einführen*.

(Ein solcher neuer Begriff entspräche dann etwa dem chemischen Begriff eines 'Salzes'.)

37. Inwiefern ist Weiß und Schwarz mit Gelb, Rot und Blau zu vergleichen, und inwiefern nicht?

Hätten wir eine gewürfelte Tapete aus roten, blauen, grünen, gelben, schwarzen und weißen Quadraten, so wären wir nicht geneigt zu sagen, sie sei aus *zweierlei* Bestandteilen zusammengesetzt, aus 'färbigen' und 'unfärbigen' etwa.

38. Denken wir uns nun, daß Menschen nicht farbige und schwarz-weiß Bilder kontrastierten, sondern farbige und blau-weiß Bilder. D.h.: Könnte nicht auch Blau als keine *eigentliche* Farbe empfunden (und d.h. gebraucht) werden?

39.[28] [/] Meinem Gefühl nach löscht Blau das Gelb aus, — aber warum sollte ich nicht ein etwas grünliches Gelb ein "bläuliches Gelb" nennen und

---

[27] Falta a folha 10 do nosso exemplar do vol. 75 da edição da Cornell University. Assim, deste ponto até o § 38 (inclusive), só podemos contar com a edição de Anscombe.

[28] Retomamos com este parágrafo nosso cotejo.

Grün eine Zwischenfarbe von Blau und Gelb, und ein stark bläuliches ein etwas gelbliches Blau?

40. [/] In einem grünlichen Gelb merke ich noch *nichts* Blaues. — Grün ist für mich eine / besondere // neue // Station auf dem farbigen Wege von Blau nach Gelb, und Rot ist auch eine.

41. [/] Was hätte Einer vor mir voraus, der einen direkten Farbenweg zwischen Blau und Gelb kennte? Und wie zeigt es sich, daß ich so einen Weg nicht kenne? — Liegt alles an den mir möglichen Sprachspielen mit der Form "...lich"?

42. [/] Man wird sich also fragen müssen: Wie sähe es aus, wenn Menschen Farben kennten, die auch unsre Normalsichtigen nicht kennen[?] Diese Frage wird sich im allgemeinen nicht eindeutig beantworten lassen. Denn es ist nicht ohne weiteres klar, daß wir von solchen Abnormen sagen *müssen*, sie kennten andere *Farben*. Es gibt ja kein allgemein anerkanntes Kriterium dafür, was eine Farbe sei, es sei denn, daß es eine unsrer Farben ist.

Und doch ließen sich Umstände denken, unter welchen wir sagen würden, "Diese Leute sehen außer den unsern noch andere Farben".

28.3.

43. [/] Man muß in der Philosophie nicht nur in jedem Fall lernen, *was* über einen Gegenstand zu sagen ist, sondern *wie* man über ihn zu reden hat. Man muß immer wieder erst die Methode lernen, wie er anzugehen ist.

44. [/] Oder auch: In jedem ernstern Problem reicht die Unsicherheit bis in die Wurzeln hinab.

45. [/] Man muß immer gefaßt sein, etwas *gänzlich* Neues zu lernen.

46. In den Farben: Verwandschaft, und Gegensatz. (Und das ist Logik.)

47. [/] Was heißt es, "Das Braun ist dem Gelb verwandt"?

48. [/] Heißt es, daß sich die Aufgabe, ein etwas bräunliches Gelb zu wählen, ohne weiteres verstünde? (Oder ein etwas gelblicheres Braun.)

49. [/] Die färbige Vermittlung zwischen zwei Farben.

50. "Gelb ist dem Rot verwandter als dem Blau." —

51. [/] Der Unterschied zwischen Schwarz-Rot-Gold und Schwarz-Rot-Gelb. — Gold gilt hier als Farbe.

52. [/] Tatsache ist, daß wir im Stande sind, uns über die Farben der Dinge mittels sechs Farbnamen zu verständigen. Auch, daß wir die Wörter "Rötlichgrün", "Gelblichblau", etc. nicht verwenden.

53. {?/} [/] Beschreibung eines Zusammenlegspiels durch die Beschreibung der Steine. Ich nehme an, daß diese nie eine räumliche Form erkennen lassen, sondern uns als flache ein- oder mehrfärbige Stückchen erscheinen. Erst zusammengesetzt wird etwas ein "Schatten", ein "Glanz", eine 'konkave, oder konvexe einfärbige Fläche' etc.

54. [/] Ich kann sagen: Dieser Mann unterscheidet nicht Rot und Grün. Kann ich aber sagen: Wir Normalen unterscheiden Rot und Grün? Wir könnten aber sagen: "Wir sehen *hier* 2 Farben, jener nur *eine*."

55. Die Beschreibung der *Phänomene* der Farbenblindheit / gehört zur Psychologie. // gehört in die Psychologie. // // ist eine psychologische. // Also auch die der Phänomene des normalen Farbensehens? Gewiß, — / aber was nennt man "Phänomene des normalen Farbensehens", was ihr Beschreibung, und für wen ist so bestimmt? // aber was setzt so eine Beschreibung voraus, für wen ist es eine Beschreibung, oder besser: welcher Hilfsmittel bedient sie sich? // Wenn ich sage "Was setzt sie voraus?", so heißt das: "Wie muß einer auf *sie* schon reagieren, um sie zu *verstehen*?"

/ Jene erste Beschreibung, an die ich dachte, war eine mittels der Begriffen der Sehenden. // Wer in einem Buch die Phänomene der Farbenblindheit beschreibt, beschreibt sie mit den Begriffen der Sehenden. //

56. [/] Dieses Papier ist an verschiedenen Stellen verschieden hell; aber kann ich sagen, es sei nur an gewissen Stellen weiß, an den andern aber grau?? — Ja, wenn ich es malte, würde ich allerdings für die dunklern Stellen ein / Grau // Lichtgrau // mischen.

Eine Flächenfarbe ist eine Qualität einer Fläche. Man könnte (also) versucht sein, sie keinen reinen Farbbegriff zu nennen. Aber was wäre dann ein *reiner*?!

57. [/] Es ist nicht richtig, daß in einem *Bild* das Weiße stets die hellste Farbe sein muß. Wohl aber in / einem Flächenornament // einer flächenhaften Kombination // von Farbflecken. Ein Bild könnte ein Buch weißen Papiers im Schatten darstellen und heller als dieses einen gelb, oder blau, oder rötlich leuchtenden Himmel. Beschreibe ich aber eine ebene Fläche, eine Tapete z.B.: sie bestehe aus rein gelben, roten, blauen, weißen und schwarzen Quadraten, — so können die gelben nicht heller sein als die weißen, die roten nicht heller als die gelben.

Darum waren die Farben für Goethe Schatten.

58. [/] Es scheint einen / reinern // fundamentalern // // elementarern // // einfacheren // Farbbegriff zu geben, als den der Oberflächenfarbe. Er wäre, möchte man denken, / darzustellen // dargestellt // entweder durch kleine farbige / Elemente des Gesichtsfelds // Flächen //, oder durch leuchtende Punkte nach Art der Sterne. Aus diesen Punktfarben, oder kleinen / Farbflecken // Farbmustern // setzen sich auch die größeren farbigen Ausdehnungen zusammen. So daß man also den Farbeindruck von einer Oberfläche beschreiben könnte, / indem man seine Zusammensetzung aus vielen kleinen Farbflecken beschriebe. // indem man die vielen kleinen Farbflecken in ihren Lagen angäbe. //

Aber wie soll man z.B. so ein kleines Farbmuster mit einem Stück der größeren Oberfläche vergleichen? Welche Umgebung soll das Farbmuster haben?

29.3.

59. [/] Wir sind im gewöhlichen Leben beinahe von lauter unreinen Farben umgeben. Um so merkwürdiger, daß wir einen Begriff von *reinen* Farben gebildet haben.

60. [/] Warum reden wir nicht von einem 'reinen' Braun? Ist der Grund davon bloß die Stellung des Brauns zu den andern 'reinen' Farben, seine Verwandschaft mit ihnen allen? — Braun ist vor allem nur Oberflächenfarbe. D.h.: es gibt kein *klares* Braun, sondern nur ein Trübes. Auch: Braun enthält Schwarz. — (?) — Wie müßte sich ein Mensch benehmen, daß man von ihm sagen könnte, er kenne ein *reines, primäres,* Braun?

61. [/] Wir müssen uns immer wieder die Frage vorhalten: Wie lernt der Mensch die Bedeutung der Farbnamen?

62. [/] Was heißt "Braun enthält Schwarz"[?] Es gibt mehr und weniger schwärzliches Braun. Gibt es eins, was gar nicht mehr schwärzlich ist? Es gibt gewiß nicht eins, welches gar nicht *gelblich* ist.[29]

63. Wenn wir so weiter überlegen, so / fallen uns nach und nach erst 'interne Eigenschaften' der Farben ein, // fallen uns nach und nach 'interne Eigenschaften' einer Farbe ein, // an die wir anfangs nicht gedacht hatten. Und das kann uns den Gang einer philosophischen Untersuchung zeigen. Wir müssen immer gewärtig sein, daß uns eine neue, die wir nicht bedacht haben, einfällt.

64. Wir dürfen auch nicht vergessen, daß unsre Farbwörter den Eindruck einer Fläche charakterisieren, auf der unser Blick herumschweift. Dazu sind sie da.

---

[29] Não está claro no manuscrito se há aqui um sinal de interrogação.

65. [/] "Braunes Licht". Angenommen, es werde vorgeschlagen, ein Lichtsignal auf der Straße sollte *braun* sein.

66. Es ist *zu erwarten*, daß wir Adjektive finden (werden), die (wie ja z.B. "schillernd") Farbcharakteristika einer ausgedehnten Fläche sind, oder auch einer kleinen Ausdehnung in einer *bestimmten Umgebung* ("schimmernd", "flimmernd", "glänzend", "leuchtend").

67. [/] Ja, die reinen Farben haben nicht einmal besondere allgemein gebrauchte Namen, so wenig wichtig sind sie uns.

68. [/] Denken wir uns, jemand malte jedes beliebige Stück der Natur, und zwar in den naturgetreuen Farben. Jeder / Flächenteil // Punkt // so eines Gemäldes hat eine bestimmte Farbe. Welche Farbe? Wie bestimme ich ihren Namen? Soll sie den Namen des Pigments haben, das er aufgetragen hat, unter dem es z.B. zu kaufen ist? Aber könnte nicht in der besondern Umgebung ein solches Pigment ganz anders aussehen, als auf der Palette?

69. [/] So kämen wir also vielleicht dazu, kleinen / Farbstückchen // Farbflecken // auf einem schwarzen Grund (z.B.) besondere Namen zu geben.

Ich will damit eigentlich zeigen, daß es gar nicht a priori klar ist, welches die / reinen // *einfachen* // Farbbegriffe sind.

30.3.

1*.[30] | Es ist / nichts Unerhörtes darin // nichts Unerhörtes // // nicht unerhört //, daß der Charakter des Menschen von der Außenwelt beeinflußt werden kann (Weininger). Denn das heißt ja nur, daß erfahrungsgemäß die Menschen sich mit den Umständen ändern. Fragt man: Wie könnte die Umgebung den Menschen, das Ethische in ihm, *zwingen*? — so ist die Antwort, daß er zwar sagen mag "Kein Mensch muß

[30] Parágrafo separado por barras semelhantes às que, todavia, não foram suficientes para suprimir o § 57 de *BF I* na edição de Anscombe.

müssen", aber doch unter / so gearteten // solchen // Umständen so und so handeln *wird.*

'Du MUßT nicht, ich kann Dir einen (andern) Ausweg sagen, — aber Du wirst ihn nicht ergreifen.' |

70. [/] Es ist nicht wahr, daß eine dunklere Farbe zugleich eine schwärzlichere ist. Das ist ja klar. Ein sattes Gelb ist dunkler, aber nicht schwärzlicher als ein Weißlichgelb. Aber Amber ist auch nicht ein 'schwärzliches Gelb'. (?) Und doch redet man auch von einem 'schwarzen' Glas oder Spiegel. — Liegt die Schwierigkeit darin, daß ich mit "Schwarz" wesentlich eine Oberflächenfarbe meine?

Ich würde von einem Rubin nicht sagen, er habe ein schwärzliches Rot, denn das würde auf *Trübe* deuten. (Anderseits erinnere Dich, daß sich Trübe und Durchsichtigkeit *malen* lassen.)

71. Ich behandle die Farbbegriffe ähnlich wie die Begriffe der Sinnesempfindungen.

72. {/} Die Farbbegriffe sind ähnlich zu behandeln wie die Begriffe der Sinnesempfindungen.

73. Es gibt nicht *den* reinen Farbbegriff.

74. Woher aber dann die Täuschung? Ist sie nicht eine vorschnelle Vereinfachung in der Logik wie jede andre?

75. [/] D.h.: die verschiedenen Farbbegriffe sind wohl eng mit einander verwandt, die verschiedenen 'Farbwörter' haben einen verwandten Gebrauch, aber es sind mancherlei Unterschiede.

76. [/] Runge sagt, es gebe durchsichtige und undurchsichtige Farben. Aber ein Stück grünes Glas wird in einem Bild darum nicht mit einem andern Grün [gemalt] als grünes Tuch.

77. Es ist ein eigentümlicher Schritt der Malerei, ein Glanzlicht durch eine Farbe darzustellen.

78. [/] Die Unbestimmtheit im Begriff der Farbe liegt vor allem in der Unbestimmtheit des Begriffs der Farbengleichheit, also der Methode des Vergleichens der Farben.

79. Es gibt Goldfarbe, aber Rembrandt hat einen goldenen Helm nicht mit Goldfarbe dargestellt.

80. [/] Was macht Grau zu einer neutralen Farbe? Ist es etwas Physiologisches, oder etwas Logisches?

Was macht die bunten Farben zu *bunten*? Liegt es im Begriff, oder in Ursache und Wirkung?

Warum nimmt man in den 'Farbenkreis' nicht Weiß und Schwarz auf? Nur weil das gegen / ein Gefühl in uns // unser Gefühl // streitet?

81. [/] Es gibt kein leuchtendes Grau. Gehört das zum Begriff des Grau, oder zur Psychologie, also zur Naturgeschichte, des Grau[?] Und ist es nicht seltsam, daß ich das nicht weiß?

82. [/] Daß die Farben ihre charakteristischen Ursachen und Wirkungen haben, das wissen wir.

83. [/] Grau ist zwischen zwei Extremen (Schwarz und Weiß) und kann eine Tönung von jeder andern Farben annehmen.

84. [/] Wäre es denkbar, daß jemand alles, was wir weiß sehen, schwarz sähe, und umgekehrt?

85. [/] In einem bunten Muster könnte Schwarzes und Weißes neben Rotem und Grünem etc. sein, ohne als andersartig sich abzusondern.

Nur im Farbenkreis fiele es heraus. Schon weil sich Schwarz und Weiß mit allen andern Farben mischen; besonders auch: / beide mit ihrem Gegenpol. // jedes mit seinem Gegenpol. //

86. [/] Kann man sich <u>nicht</u> vorstellen, daß Menschen eine andere Farbengeometrie hätten, als unsre normale? Und das heißt natürlich: kann

man es beschreiben, kann man der Aufforderung es zu beschreiben ohne weiteres nachkommen, weiß man also *unzweideutig*, was von uns verlangt wird?

Die Schwierigkeit ist offenbar die: Zeigt uns nicht gerade / die // unsre // Farbengeometrie, wovon die Rede ist, daß nämlich von den Farben die Rede ist?

87. [/] Die Schwierigkeit es sich vorzustellen (oder es sich auszumalen) ist also eigentlich die, zu wissen, wann man / sich's // sich *das* // ausgemalt hat. D.h., die Unbestimmtheit der Aufforderung, es sich vorzustellen.

88. [/] Die Schwierigkeit ist also, zu wissen, was hier als das Analogon eines uns Bekannten zu betrachten ist.

89. [/] Eine Farbe, die als Farbe einer Wand 'schmutzig' wäre, ist es darum nicht in einem Gemälde.

90. [/] Ich bezweifle, daß Goethes Bemerkungen über die Charaktere der Farben für einen Maler nützlich sein können. Kaum für einen Dekorateur.

91. [/] Gäbe es eine Harmonielehre der Farben, so würde sie etwa mit einer Einteilung der Farben in verschiedene Gruppen anfangen und gewisse Mischungen oder Nachbarschaften verbieten, andere erlauben; und sie würde, wie die Harmonielehre, ihre Regeln nicht begründen.

92. [/] Kann uns das kein Licht aufstecken über die *Art* jener Unterscheidungen zwischen den Farben?

---

93. Wir sagen nicht, A wisse etwas, B das Gegenteil. Setzt man aber statt "wissen" "glauben", so ist es ein Satz.

94.[31] Runge an Goethe: "Wenn man sich ein bläuliches Orange, ein rötliches Grün oder ein gelbliches Violett denken will, wird einem so zu Muthe wie bei einem südwestlichen Nordwinde."

Ebendaselbst: "Weiß sowohl als Schwarz sind beide undurchsichtig oder körperlich..... Weißes Wasser wird man sich nicht denken können, was rein ist, so wenig wie klare Milch. Wenn das Schwarze bloß dunkel machte, so könnte es wohl klar sein; da es aber schmutzt, so kann es solches nicht."

95. In meinem Zimmer um mich her sind verschieden gefärbte Gegenstände. Es ist leicht, ihre Farbe anzugeben. Wenn ich aber gefragt würde, welche Farbe ich jetzt von hier aus, an *dieser* Stelle meines Tisches etwa, sehe, so könnte ich darauf nicht antworten; die Stelle ist weißlich (weil der braune Tisch hier von der hellen Wand aufgehellt wird), sie ist jedenfalls weit heller als das Übrige des Tisches, aber ich könnte nicht aus Farbmustern eins auswählen, das die gleiche Färbung hätte wie diese Stelle des Tisches.

96. Daß es mir — oder Allen — so scheint, daraus folgt nicht, daß es so *ist*.

Also: Daraus, daß uns Allen dieser Tisch braun erscheint, folgt nicht, daß er braun ist.[32] Aber was heißt es nur: "Dieser Tisch ist am Ende doch nicht braun"? — So folgt also doch daraus, daß er uns braun erscheint, daß er braun ist?

97. *Nennen* wir nicht eben den Tisch braun, der dem / Nomalsichtigen // Normalen // unter gewissen Umständen braun erscheint? Wir könnten uns freilich jemand denken, dem die Dinge unabhängig von ihrer Farbe einmal so, einmal so gefärbt schienen.— — —

98. Daß es den Menschen so scheint, ist ihr Kriterium dafür, daß es so *ist*.

---

[31] Também faltam em nosso exemplar as páginas em que estão as observações do § 94 (inclusive), até o § 96, na frase "... folgt nicht, daß er braun ist".

[32] Deste ponto, retomamos nosso cotejo.

99. So scheinen und so sein mag freilich in / Ausnahmsfällen // speziellen Fällen // von einander unabhängig sein, aber das macht sie nicht logisch unabhängig; das Sprachspiel liegt nicht in der Ausnahme.

100. *Goldig* ist eine Oberflächenfarbe.

101. Wir haben *Vorurteile* die Verwendung der Wörter betreffend.

102. {?/} [/] Auf die Frage "Was bedeutet 'rot', 'blau', 'schwarz', weiß'[?"], können wir freilich gleich auf Dinge, die so gefärbt sind, zeigen, — aber das ist auch alles: weiter geht unsre Fähigkeit, die Bedeutungen zu erklären, nicht.

103. [/] Im übrigen machen wir uns von ihnen keine, oder eine ganz rohe / , zum Teil falsche // und falsche // Vorstellung.

104. 'Dunkel' und 'schwärzlich' sind nicht der gleiche Begriff.

105. [/] Runge sagt, "das Schwarz 'schmutzt'": was heißt das? Ist das eine Wirkung des Schwarzen auf's Gemüt? Ist hier eine *Wirkung* der Beimischung der schwarzen Farbe gemeint?

106. [/] Worin liegt es, daß ein dunkles Gelb nicht als 'schwärzlich' empfunden werden muß, auch wenn wir es dunkel nennen?

Die Logik der Farbbegriffe ist eben viel komplizierter als es scheinen möchte.

107. [/] Die Begriffe 'matt' und 'glänzend'. Wenn man sich unter 'Farbe' etwas denkt, was die Eigenschaft eines Punktes im Raum ist, dann haben die Begriffe matt und glänzend keinen Bezug auf diese Farbbegriffe.

108. [/] / Die erste 'Lösung' für das Problem der Farben, die uns einfällt, // Die erste 'Lösung', die uns für das Problem der Farben, einfällt, // ist daß die 'reinen' Farbbegriffe sich auf Punkte oder unteilbare kleine Flecken im Raum beziehen. Frage: Wie sind die Farben zweier solchen Punkte zu vergleichen? Einfach indem man den Blick von dem einem zum andern /

wendet // kehrt // // gehen läßt //? Oder durch / den // einen // Transport eines farbigen Gegenstands? Wenn dieses, wie weiß man, daß / dieser // der // Gegenstand seine Farbe dabei nicht / anders // geändert // hat; wenn jenes, wie kann man die Farbpunkte mit einander vergleichen, ohne daß der Vergleich durch ihre Umgebung beinflußt wird?

109. Ich könnte mir einen Logiker vorstellen, der / erzählt // sagt //, er sei / jetzt // nun endlich // dahin gelangt, daß er 2×2=4 *wirklich denken* könne.

110. {S} Wenn Du Dir über die Rolle der Logik in den Farbbegriffen nicht klar bist, beginne mit dem einfachen Fall eines gelblichen Rot, z.B.. Dies gibt es, daran zweifelt niemand. Wie lerne ich den Gebrauch des Wortes 'gelblich'? Durch Sprachspiele des Ordnens z.B..

Ich kann also lernen, in Übereinstimmung mit andern, gelbliche und gelblichere Rot, Grün, Braun, Weiß zu erkennen.

Dabei mache ich selbständige Schritte wie in der Arithmetik. Die Aufgabe, ein gelbliches Blau zu finden, mag der Eine durch ein Grünblau lösen, der Andre nicht verstehen. Wovon hängt das ab?

111.[33] [/] *Ich* sage, Grünblau enthält kein Gelb; wenn nun ein Andrer sagt, doch, es enthält Gelb, wer hat Recht? Wie ist es zu prüfen? Unterscheiden sich die beiden nur durch ihre Worte? — Wird nicht der Eine ein reines Grün anerkennen, das weder zum Blauen noch zum Gelben neigt? Und was ist der Nutzen hievon? In welchen Sprachspielen läßt sich das verwenden? — Er wird jedenfalls die Aufgabe lösen können, grüne Dinge auszusondern, die *nichts* Gelbliches haben, und solche, die *kein* Blau enthalten. Darin wird der Trennungspunkt 'Grün' bestehen, den der Andre nicht kennt.

112. [/] Der Eine wird ein Sprachspiel erlernen können, das der Andre nicht erlernen kann. Und *darin* muß ja auch alle Art der Farbenblindheit

[33] Considerando o cuidado sistemático de Wittgenstein em separar anotações saltando uma linha, mesmo quando inicia nova página, este parágrafo deve ser considerado ligado ao anterior, podendo aplicar-se a ambos o mesmo sinal {S}.

bestehen. Denn könnte der 'Farbenblinde' die Sprachspiele des Normalen lernen, warum sollte man ihn von gewissen Berufen ausschließen?

113. [/] Hätte man also Runge auf diesen Unterschied von Grün und Orange aufmerksam gemacht, so hätte er vielleicht die Idee, es gäbe nur *drei* Grundfarben, aufgegeben.

114. [/] Inwiefern nun gehört, ob Einer ein Spiel erlernen oder nicht erlernen kann, der Logik und nicht der Psychologie an?

115. [/] Ich sage: Wer *dies* Spiel nicht spielen kann, hat *diesen* Begriff nicht.

116. [/] Wer hat den Begriff 'morgen'? Von wem sagen wir, er hätte ihn?

117. {/} [/] Ich sah auf einer Photographie einen Buben mit glatt zurückgekämmtem blondem Haar und einer schmutzigen hellen Jacke und einen Mann mit dunklem Haar vor einer Maschine stehen, die zum Teil aus schwarz gestrichenen Gußteilen, teils aus bearbeiteten, glatten Wellen, Zahnrädern, u.a., bestand, und daneben ein Gitter aus hellem verzinktem Draht. Das bearbeitete Eisen / hatte Eisenfarbe // sah eisenfarbig aus //, das Haar des Jungen war blond, die Gußteile schwarz, das Gitter zinkfarbig, obgleich alles nur durch hellere und dunklere Töne des photographischen Papiers dargestellt war.

118. [/] Es mag Geistesschwache geben, denen man den Begriff 'morgen' nicht beibringen kann, oder den Begriff 'ich', oder das Ablesen der Uhrzeit. Er würde den Gebrauch des Wortes "morgen" nicht erlernen, etc.

119. [/] Wem kann ich nun / mitteilen // beschreiben //, *was* / dieser // der // Geistesschwache nicht erlernen kann? Nicht nur dem, der es selbst erlernt hat? Kann ich Einem nicht mittteilen, der und der könnte höhere Mathematik nicht erlernen, auch wenn jener sie nicht beherrscht? Und doch: weiß er, wer höhere Mathematik gelernt hat, nicht genauer? Versteht nicht der das Wort "Schach" anders, der das Spiel gelernt hat, als der es nicht kann? Was nennt man "eine Technik beschreiben"?

120. [/] Oder so: Haben der / Normalsehende // Normalsichtige // und der Farbenblinde / den gleichen Begriff der Farbenblindheit? // die gleiche Konzeption von der Farbenblindheit? //

Und doch versteht der Farbenblinde die Aussage "Ich bin farbenblind" und auch die gegenteilige.

/ Ein Farbenblinder kann nicht nur unsre Farbnamen sondern auch das Wort "farbenblind" nicht ganz so verwenden lernen wie ein Normaler. Er kann z.B. die Farbenblindheit nicht immer feststellen, wo / der Normale es kann // es der andre kann //. // Zu den Dingen, die der Farbenblinde nicht erlernen kann, gehört auch: die Farbenblindheit eines Andern feststellen. //

121. [/] Und wem kann ich beschreiben, was *wir* Normalen alles erlernen können?

Auch das Verstehen der Beschreibung setzt schon voraus, daß er etwas gelernt hat.

122.[34] [/] Wie kann ich Einem beschreiben, wie wir das Wort "morgen" gebrauchen? Ich kann ein Kind / es // dies // *lehren*; aber das heißt nicht, ihm den Gebrauch beschreiben.

Aber kann ich doch die Praxis von Leuten beschreiben, die einen Begriff haben, z.B. 'rötlichgrün', den wir nicht besitzen? — Ich kann diese Praxis doch jedenfalls niemand *lehren*.

123. [/] Kann ich denn auch nur sagen: "Diese Leute nennen *dies* (ein Braun etwa) rötlichgrün"? Wäre es dann eben nur ein andres Wort für etwas, wofür auch ich eins habe? Wenn sie wirklich einen anderen Begriff haben als ich, so muß sich das darin zeigen, daß ich mich in ihrem Wortgebrauch nicht ganz auskenne.

124. [/] Ich habe aber doch immer wieder gesagt, man könne sich denken, daß unsre Begriffe anders wären, als sie sind. War das alles Unsinn?

---

[34] Também esta observação parece continuar a anterior, não havendo linha alguma que as separe.

11.4.[35]

125. [/] Die Goethesche Lehre von der Entstehung des Spektrums *ist* nicht eine Theorie der Entstehung, / [eine die] // die // sich als ungenügend erwiesen hat, sondern eigentlich gar keine Theorie. Es läßt sich / durch sie // mit ihrer Hilfe // *nichts* vorhersagen. Sie ist eher ein vages Denkschema nach Art derer, die wir in James's Psychologie finden. Es gibt für die Goethesche Farbenlehre kein experimentum crucis.

Wer mit Goethe übereinstimmt findet, daß Goethe die *Natur* der Farbe richtig erkannt hat. Und die 'Natur' ist hier nicht eine Summe von Erfahrungen, die Farben betreffend, sondern [liegt] im Begriff der Farbe.

126. [/] Eins / war // schien // Goethe klar: Aus Dunkelheiten kann sich kein Helles zusammensetzen — wie eben aus mehr und mehr Schatten nicht Licht entsteht. / Das aber // Und das // ließe sich so ausdrücken: Wenn man z.B. Lila ein "rötlich-weißlich-blau" nennt, oder Braun ein "rötlich-schwärzlich-gelb", so / kann // könnte // man nun Weiß *kein* 'gelblich-rötlich-grünlich-blau' (oder dergl.) nennen. Und *das* wird auch von Newton nicht bewiesen. Weiß ist nicht in *diesem* Sinne eine Mischfarbe.

12.4.

127. [/] 'Die Farben', das sind nicht Dinge, die bestimmte Eigenschaften haben, so daß man ohne weiteres nach Farben suchen, sich Farben vorstellen könnte, die wir noch nicht kennen, oder uns jemand vorstellen können, der andere kennt als wir. Es ist schon möglich, daß wir unter gewissen Umständen sagen würden, / Leute kennten // jemand kenne // Farben, die wir nicht kennen, aber gezwungen sind wir zu diesem Ausdruck nicht. Denn es ist nicht gesagt, was wir als ausreichende Analogien zu unsern Farben ansehen sollen, um das sagen zu können. Es ist hier ähnlich, wie wenn man von infrarotem '*Licht*' spricht; es ist guter Grund dafür, / es zu tun // so zu reden //, aber man kann dies auch für einen Mißbrauch erklären.

---

[35] Cambridge, casa de von Wright, onde ficará até 25 de abril.

Und ähnlich geht es mit meinem Begriffe: 'im Körper des Andern Schmerzen haben'.

128. [/] / Ein Stamm von lauter Farbenblinden könnte sehr wohl leben; aber hätten sie alle unsre Farbnamen entwickelt, und wie entspräche ihre Nomenklatur der unsern? // Gäbe es *nur* Farbenblinde, so könnten / sie // die // doch sehr wohl leben; aber man kann zweifeln, daß sie die den unsern entsprechende Farbnamen gebildet hätten. // Und wenn nicht, wie sähe hier die ihnen natürliche Sprache aus?? Wissen wir's? Hätten sie vielleicht drei Grundfarben: Blau, Gelb und ein Drittes, was die Stelle von Rot und Grün einnimmt? — Wie, wenn wir / so einem Stamm begegneten und seine Sprache lernen wollten? Wir würden da auf gewisse Schwierigkeiten stoßen. // einem Stamm begegneten, der eine solchermaßen von der unsern abweichende Farbnomenklatur hätte? //

129. [/] Könnte es nicht Menschen geben, die unsre Ausdrucksweise, daß Orange ein rötliches Gelb ist (etc.) nicht verstünden und die nur dort geneigt wären, so etwas zu sagen, wo ein Orange (z.B.) in einem wirklichen Farbübergang von Rot nach Gelb vorkommt? Und für solche könnte es auch leicht ein rötliches Grün geben.

Sie könnten also nicht 'die Mischfarbe analysieren', unsern Gebrauch von X-lich Y nicht erlernen. (Ähnlich Menschen ohne absolutes Gehör.)

130. [/] Und wie wäre es mit den Menschen, die nur Farb-form Begriffe hätten? Soll ich von ihnen sagen, sie *sähen* nicht, daß ein grünes Blatt und ein grüner Tisch, wenn ich ihnen diese zeige, die gleiche Farbe haben, oder: daß sie etwas gemein haben? Wie, wenn sie 'darauf nicht verfallen sind' verschieden geformte gleichfärbige Gegenstände mit einander zu vergleichen[?] Dieser Vergleich hatte, in Folge ihrer besonderen Umgebung, keine Wichtigkeit für sie, oder nur ganz ausnahmsweise Wichtigkeit, so daß es zur Bildung eines Sprachinstruments nicht kam.

2*. "Wenn sich Einer wirklich freut, so weiß man's." Aber man kann darum den echten Ausdruck doch nicht beschreiben. — Es ist aber natürlich auch nicht *immer* wahr, daß man den echten Ausdruck erkennt, oder weiß, ob der Ausdruck echt ist. Ja es gibt Fälle, wo man weder gern von echt, noch von unecht spricht. Es lächelt jemand und seine weiteren Reaktionen stimmen weder zur echten, noch auch zur verstellten Freude. Wir würden vielleicht sagen "Ich kenne mich in ihm nicht aus. Es ist weder das Bild (Muster) der echten Freude, noch das der verstellten.[37]

Könnte er nicht zum normalen fühlenden Menschen sich verhalten wie der Farbenblinde zum normalsehenden?

3*. Ich könnte auf Grund meiner Kenntnis seines Charakters verläßlich aussagen, er werde in dieser Situation so und so reagieren, und es wäre auch möglich, daß Andre sich auf mein Urteil verlassen können, ohne doch von mir verlangen zu können, daß ich mein Urteil durch eine verifizierbare Beschreibung begründe.

4*. Ein Maler hätte den Ausdruck holder Freude dargestellt. — Und ich sehe das Bild und sage "Vielleicht verstellt sie sich".

5*. Es ist zum mindesten vorstellbar, daß in einem Land das Gericht sich auf die Aussage eines Menschen in Bezug auf seine Möglichkeiten verläßt, wenn der Zeuge ihn eine gewisse Zeit lang gekannt hat. So fragt man auch heute etwa einen Psychiater, ob der und der des Selbstmords fähig ist. Dabei wird vorausgesetzt, daß *Erfahrung* eine solche Aussage in allgemeinen nicht widerlegt.

6*. Ich versuche die Gesetze oder Regeln der Evidenz für Erlebnissätze zu beschreiben: charakterisiert man so wirklich, was mit dem Seelischen gemeint ist?

---

[36] Dezesseis folhas foram supressas na edição de Anscombe, porque, entre o § 130 e o § 131, há linhas como estas, semelhantes às que separam o § 93, não obstante por ela incluído.
[37] Wittgenstein não indica onde fechar as aspas.

7*. {?/} Das Kennzeichnende des Seelischen scheint zu sein, daß man es im Andern nach Äußerem / raten // erraten // muß und nur von sich her *kennt*.

Aber wenn durch genaueres Überlegen diese Ansicht / zusammenbricht // in Rauch aufgegangen [ist] //, / so ist nun zwar nicht das Innere zum Äußeren geworden, aber es gibt für uns nicht mehr direkte innere und indirekte äußere Evidenz des Seelische. // so stellt sich damit nicht heraus, daß das Innere etwas Äußeres ist. // // so wird damit zwar nicht das Innere das Äußere, aber / "äußeres" und "inneres" // "äußerlich" und "innerlich" //[38] gelten nun nicht mehr als / Attribute // Eigenschaften // der Evidenz. // "Innere Evidenz" heißt nichts, und darum auch "äußere Evidenz".

8*. {?/} Wohl aber gibt es 'Evidenz für Inneres', und 'Evidenz für Äußeres'.

9*. "Ich nehme doch nur immer / das *Äußere* // sein *Äußeres* // wahr." Wenn das Sinn hat, muß es einen Begriff bestimmen. Aber warum soll ich nicht sagen, ich nehme seine Zweifel wahr? (*Er* kann sie nicht wahrnehmen.)

10*. Ja, ich kann oft sein Inneres beschreiben, wie ich's wahrnehme, aber nicht sein Äußeres.

11*. Die Verbindung von Innen und Außen gehört zu diesen Begriffen. Wir machen diese Verbindung nicht, um das Innere / wegzuschaffen. // wegzuzaubern. //

Es gibt innere *Begriffe* und äußere *Begriffe*.

12*. Was ich sagen will, ist doch, daß das Innere sich vom Äußern durch seine *Logik* unterscheidet. Und daß allerdings die Logik / das Bild von innen und außen erklärt, es // den Ausdruck "das Innere" erklärt, ihn // begreiflich macht.

---

[38] Há nesta altura outra interrogação colocada lateralmente ao parágrafo.

13*. Wir brauchen den Begriff "seelisch" (etc.) nicht, um zu rechtfertigen, daß gewisse unsrer Schlüsse unbestimmt sind, etc. Sondern diese Unbestimmtheit, etc., erklärt uns den Gebrauch des Wortes "seelisch".

14*. "Natürlich sehe ich eigentlich nur das Äußere."

Aber rede ich nicht wirklich nur von Äußerem? Ich sage z.B., unter welchen Umständen Menschen dieses oder jenes sagen. Und ich meine doch immer *äußere* Umstände. Es ist also, *als ob* ich das Innere durchs Äußere erklären (quasi definieren) wollte. Und doch ist es nicht so.

15*. Liegt es daran, daß das Sprachspiel etwas Äußeres ist?

16*. *Keine* Evidenz lehrt uns die psychologische Äußerung.

17*. "Seelisch" ist für mich kein metaphysisches, sondern ein logisches / Beiwort // Epithet(on) //.

18*. | Ich glaube nicht, daß man Shakespeare mit einem andern Dichter zusammenhalten kann. War er vielleicht eher ein *Sprachschöpfer* als ein Dichter? |

19*. | Ich könnte Shakespeare nur anstaunen; nie etwas mit ihm anfangen. |

20*. | Ich habe ein *tiefes* Mißtrauen gegen die allermeisten Bewunderer Shakespeares. Ich glaube, das Unglück ist, daß er, in der westlichen Kultur zum mindesten, einzig dasteht, und man ihn daher, um ihn einzureihen, falsch einreihen muß. |

21*. | Es ist *nicht*, als ob Shakespeare Typen von Menschen gut portraitierte und insofern *wahr* wäre. Er ist *nicht* naturwahr. Aber er hat eine so gelenke Hand und einen so eigenartigen *Strich*, daß jede seiner Figuren *bedeutend*, sehenswert ausschaut. |

22*. | "Das große Herz Beethovens" — niemand könnte sagen "das große Herz Shakespeares". 'Die gelenke Hand, die neue Naturformen der Sprache geschaffen hat' schiene mir richtiger. |

23*. | Der Dichter kann eigentlich nicht von sich sagen "Ich singe wie der Vogel singt" — aber Shakespeare hätte es vielleicht von sich sagen können. |

24*. "Ich sehe das Äußere und stelle mir dazu ein Inneres vor."

25*. {/} Wenn Miene, Gebärde und Umstände eindeutig sind, dann scheint das Innere das Äußere zu sein; erst wenn wir das Äußere nicht lesen können, scheint ein Inneres hinter ihm versteckt.

26*. Es gibt innere und äußere Begriffe, innere und äußere Betrachtungsweisen des Menschen. Ja es gibt auch innere und äußere Tatsachen — sowie es z.B. physikalische und mathematische Tatsachen gibt. Sie stehen aber nicht nebeneinander wie Pflanzen verschiedener Art. Denn was ich gesagt habe, klingt als hätte man gesagt: In der Natur kommen alle diese Tatsachen vor. Und was ist nun daran falsch?

27*. {/} Inneres ist mit Äußerem nicht nur erfahrungsmäßig verbunden, sondern auch logisch.

28*. {/} Inneres ist mit Äußerem logisch verbunden, nicht bloß erfahrungsmäßig.

29*. "Wenn ich die Gesetze der Evidenz für das Seelische untersuche, so das *Wesen* des Seelischen." Ist das wahr?

30*. Ja. Das *Wesen* ist nicht etwas, was aufgezeigt werden kann, es kann nur in seinen Zügen beschrieben werden.

31*. Aber spricht dagegen nicht ein Vorurteil? Wir können freilich die *Eigenschaften* des Tintenfasses nach und nach aufzählen, aber sein *Wesen* muß es nicht ein für allemal feststehen, ist es uns nicht eben mit diesem /

Gegenstand, den wir vor uns haben, // Gegenstand, vor unsern Augen, // gegeben? Was wir da vor uns haben, ist doch nicht der 'Gebrauch eines Wortes'! Freilich nicht; aber der Begriff 'Tintenfaß', der doch hier notwendig ist, steht nicht greifbar vor uns, noch trägt, was vor uns steht, diesen Begriff in sich. Und um ihn darzustellen genügt es nicht Einem ein Tintenfaß in die Hand zu geben. Und das nicht, weil der Mensch zu begriffstützig ist, den Begriff aus dem Gegenstand heraus zu lesen.

32*. Ich kann Einem einen Gegenstand zeigen, weil seine *Farbe* auffallend ist und ich *sie* dem Andern vorführen will, aber das setzt schon ein gewisses Spiel zwischen uns voraus.

33*. Ja, er mag beim Anblick des Gegenstands / wie staunend stutzen // staunen //, daß er aber 'über die Farbe staunt', daß die Farbe der *Grund* des Staunens, und nicht etwa bloß die *Ursache* seines Erlebnisses ist, dazu braucht er den Begriff der Farbe, / nicht nur die Augen // nicht nur das Sehen //.

34*. Jemand sagt auf sein Ehrenwort aus, daß der Andre das und das geglaubt habe. — Da kann man ihn fragen "Woher weißt Du das", und er antworten "Er hat mich dessen im höchsten Ernst versichert, und ich kenne ihn genau".

35*. Wenn ich sage "Ich kenne mich in ihm nicht aus", so hat das sehr wenig Ähnlichkeit mit dem Fall: "Ich kenne mich in diesem Mechanismus nicht aus". Ich glaube, es heißt *ungefähr*: Ich kann sein Benehmen nicht mit der Sicherheit / vorhersehen // vorhersagen //, wie das von Leuten, 'in denen ich mich auskenne'.

36*. Es muß die Frage der Evidenz für Erlebtes mit der Sicherheit oder Unsicherheit einer Voraussicht des Benehmens des Andern zusammenhängen. Aber ganz so ist es nicht, denn man sagt ja nur selten die Reaktion des Andern voraus.

Ich meine, die nicht-Vorhersehbarkeit muß *eine* wesentliche Eigenschaft des Seelischen sein. So wie auch die unendliche Vielfältigkeit des Ausdrucks.

37*. {/} Was z.B. spricht dafür, was dagegen, daß der Hund ein Seelenleben hat?

Es ist doch wohl nicht seine Gestalt, Farbe, oder seine Anatomie. Also ist es sein Benehmen.

38*. Die, welche sagen, der Hund habe keine Seele, stützen sich auf das, was er tun kann, und nicht tun kann. Denn wenn Einer sagte, ein Hund könne nicht hoffen, — woraus entnimmt er das? Und wer sagt, der Hund *habe* eine Seele, kann das nur auf das Benehmen stützen, das er am Hund beobachtet.

"Schau Dir nur das Gesicht und die Bewegungen / eines // des // Hundes an, und Du siehst, daß er eine Seele hat." Aber was ist es am Gesicht? Ist es nur die Ähnlichkeit mit dem Mienenspiel des menschlichen? Ist es, wenigstens unter anderem, der Mangel an Steifheit?

39*. {/} Die *wichtigen* feinen Abschattungen des Benehmens sind nicht vorhersagbar.

40*. Aber heißt das: wenn sie vorhersehbar wären, so würden wir beim Menschen nicht von einem Innern im Gegensatz zu Äußerem reden? — Aber stellen wir uns so eine Vorhersagbarkeit auch klar vor? Impliziert sie z.B., daß wir ihn nicht um eine Entscheidung fragen würden?

41*. {/} Denk Dir, wir begegneten einem Menschen, der keine Seele hätte. Warum soll so etwas nicht als Abnormität vorkommen können? Es wäre also ein menschlicher Leib zur Welt gekommen mit gewissen Lebensfunktionen, aber ohne eine Seele. Nun, wie sähe das aus?

42*. {/} Das *Einzige*, was ich mir da vorstellen kann, ist, daß dieser Menschenleib automatenhaft handelt und nicht wie die gewöhnlichen Menschenleiber.

43*. {/} Wenn es heißt "Der Mensch besteht aus einem Leib und einer Seele", so wäre dem durch so eine Erscheinung nicht widersprochen. Denn dies wäre eben kein (eigentlicher) Mensch, sondern etwas anderes, und

allerdings sehr seltenes. Wie aber kann man wissen, daß es *nie* vorkommt? Nur, — wie sähe dieses Phänomen eigentlich aus?

44*. Oder soll es nun doch gar kein Phänomen sein? Soll die Seelenhaftigkeit gar nicht erkennbar sein?

45*. Kann es Herzlosigkeit geben, die keinen Ausdruck besitzt? Wäre das, was wir "Herzlosigkeit" nennen?

46*. Man könnte es auch so sagen: wie müßte ein menschlicher Leib handeln, daß man nicht geneigt wäre, von inneren und äußeren Zuständen des Menschen zu reden?

Immer wieder denke ich da: "maschinenhaft".

47*. Das feinst gegliederte Benehmen des Menschen ist vielleicht die Sprache mit dem Ton und dem Mienenspiel.

48*. Dürfte der Seelenlose Zeichen des Schmerzes geben? Wenn er nur schriee und sich wände, so könnte man das noch als automatische Reaktion betrachten, wenn er aber das Gesicht schmerzhaft verzöge und leidend aussähe, so hätten wir schon das Gefühl, wir sähen *in ihn hinein*.

Wenn er aber nun immer genau das gleiche leidende Gesicht machte?

49*. Es ist, als würde er durch einen menschlichen / Gesichtsausdruck // Ausdruck // für uns *durchsichtig*.

50*. Wer eine Seele hat, muß des Schmerzes, der Freude, des Kummers etc., etc. fähig sein. Und soll er dazu auch fähig sein zu erinnern, Entschlüsse zu fassen, sich etwas vorzunehmen, so braucht er den sprachlichen Ausdruck.

51*. {/} Es ist nicht so, als hätte ich in mir direkte (Evidenz), er für mein Seelisches aber nur indirekte. Sondern er hat dafür Evidenz, ich (aber) nicht.

52*. Sagt man nun aber, diese Evidenz mache das Seelische nur wahrscheinlich, so ist das vieldeutig und kann Wahres und Falsches bedeuten. / Und jedenfalls nicht, daß die Evidenz nur erfahrungsmäßig // Ist es aber wahr, so nicht, weil die Evidenz erfahrungsmäßig // mit dem Seelischen zusammenhängt (wie ein Symptom mit einer Krankheit).

53*. Warum soll man nicht sagen: "Die Evidenz des Seelischen im Andern ist / sein Äußeres // das Äußere //"?

/ Aber wir sehen nun nicht (mehr) sichere unmittelbare innere Evidenz des Seelischen und unsichere mittelbare äußere. // Aber es gibt für uns nicht mehr sichere innere und unsichere äußere Evidenz des Seelischen. // // Nur gibt es nicht äußere mittelbare indirekte und innere unmittelbare direkte Evidenz des Innern. // // Nur gibt es nicht äußere und innere Evidenz für das Innere. //

54*. Und die Evidenz, soweit sie unsicher ist, ist sie es nicht, weil sie nur äußere Evidenz ist.

55*. Daß der Schauspieler den Kummer darstellen kann, zeigt die Unsicherheit der Evidenz, aber daß er den *Kummer* darstellen kann, auch die Realität der Evidenz.

56*. Nicht das Verhältnis von Innerem zu Äußerem erklärt / eine // die // Unsicherheit der Evidenz, / sondern umgekehrt ist dies Verhältnis nur eine bildhafte Darstellung / der // dieser // Unsicherheit. // sondern umgekehrt wird dies Verhältnis nur / als bildhafte Darstellung dieser Unsicherheit // als Bild für jene Unsicherheit // gebraucht. //

57*. Man kann ja nicht nur Seelisches auf der Bühne darstellen, es wird uns auch eine Wunde vorgetäuscht, oder ein Berg.[39]

Es ist also nicht das alleinige Charakteristikum des Seelischen, daß / es sich schauspielern läßt // es sich uns vortäuschen läßt //.

---

[39] Falta a folha 44 do nosso exemplar do vol. 75 da edição da Cornell University. Neste caso, deste ponto até a frase "Könnte Einer vor Gericht aussagen:", do início do § 60*, recorremos às páginas 93 e 94 da edição parcial do MS 173, in Wittgenstein, Ludwig, *Letzte Schriften über die Philosophie der Psychologie (1949-1951): Das Innere und das Äußere.*

58*. Warum sagen wir: "Ich wußte nicht, was hinter dieser Stirne vorging", obwohl es uns doch ganz gleichgültig sein kann, was hinter der Stirne eines Menschen vorgeht. Unsre Unsicherheit bezieht sich gar nicht auf Vorgänge im Innern; und bezieht sie sich auf Seelisches, so hat doch das Seelische seinen Ausdruck im Körperlichen.

Einer Unsicherheit das Innere betreffend entspricht also eine Unsicherheit über Äußeres.

Wie einer Unsicherheit über die Zahl, die bei einer Rechnung herauskommt, eine Unsicherheit über das Zahlzeichen entspricht, das am Ende der Rechnung stehen wird.

59*. Und das heißt *nicht*, daß sich, allgemein, die Unsicherheit über etwas / Seelisches // Inneres // als Unsicherheit über Äußeres ausdrücken läßt.

Sowie zwar der Gram wesentlich einen Ausdruck in den Mienen hat, ich aber nicht im Stande sein mag, eine Miene anders zu beschreiben als durch das Wort "gramvoll".

60*. Könnte Einer vor Gericht aussagen: "Ich weiß, daß er damals an .... gedacht hat"? Nun, so eine Aussage könnte zugelassen sein, oder auch nicht. Vielleicht würde geurteilt werden, daß jemand, der den Angeklagten so viele Jahre kennt, aus seiner Miene etc. entnehmen kann, was er in einem bestimmten Falle denkt. Vielleicht aber würde so eine Aussage in keinem Falle zugelassen, und die Meinung wäre, daß auch keine *Äußerung* des Angeklagten wiedergegeben werden darf, wenn dies nur zur Beschreibung seiner seelischen Vorgänge geschieht.

61*. "Ich kenne mich in diesen Leuten nicht aus." Und wozu wollte ich mich in ihnen auskennen? — Sind es nicht ihre Reaktionen, in denen ich mich nicht auskenne? Die ich z.B. nicht voraussehen kann, die mich immer wieder überraschen?

"Er / benimmt sich // reagiert // scheinbar unlogisch." Und das heißt: inkonsequent.

62*. Kennt man sich in Manchem nicht aus, / so kennt man sich also in Andern aus. // so bedeutet das, daß man sich in Andern auskennt. //

Und das wird manchmal so ausgedrückt, man 'könne sich vorstellen', was im Andern vor sich geht. / Das // Es // klingt also, als ob Wissen, was im Andern vorgeht, ein *Vorstellen* dieses Vorgangs sei. Wenn ich z.B. weiß, daß mich Einer haßt, so fühle ich eine Art Abbild dieses Hasses. / Diese Meinung beruht auf einer Menge falscher Ideen. // Hier ist alles falsch. // Man gebraucht zwar die Worte "sich den Haß (etc.) eines Andern vorstellen", ja es können dabei auch Vorstellungsbilder mitspielen, oder man macht dabei vielleicht ein dem haßerfüllten ähnliches Gesicht.

63*. Das Sprachspiel ist von vornherein so angelegt, daß ein Vergleich mit andern Sprachspielen einen zu dem Bild 'außen-innen' führen kann. Aber dazu kommt noch die tatsächliche Unsicherheit, die dem / Erkennen // Erraten // der seelischen Vorgänge des Andern anhaftet. Denn es wäre — wie gesagt — wohl möglich, daß dieses Erkennen viel sicherer wäre, als es ist. Ja daß Verstellung / mehr // hauptsächlich // durch ein *Verstecken* des Gesichts (z.B.) geschieht. D.h.: Verstellung wäre auch dann möglich, wenn man sein Gesicht nicht verstellen könnte.

64*. Es ist aber *nicht* wahr, daß die Unsicherheit im Erkennen seines Ärgers (z.B.) einfach die Unsicherheit über sein zukünftiges Benehmen ist. Es liegt vielmehr im Begriff eine Unsicherheit der Kriterien... Manchmal ist er also, gleichsam, durchsichtig, manchmal nicht. Und es ist irreführend, wenn man sich den eigentlichen Ärger sozusagen als Gesichtsausdruck eines *inneren* Gesichts denkt, so daß dieser Gesichtsausdruck zwar vollkommen klar definiert ist, und es nur nach dem äußeren nicht sicher ist, ob die Seele wirklich diesen Ausdruck hat.

65*. Denn auch wenn er selbst ohne zu lügen sagt, er sei etwas ärgerlich gewesen, so heißt das nicht, daß er damals in sich jenes von uns 'ärgerlich' gennante Gesicht gesehen habe. Wir haben wieder nur eine Wortreaktion von ihm, und es ist noch gar nicht klar, wie viel die *bedeutet*. Das BILD ist klar; aber nicht seine Anwendung.

66*. Denn auch, wenn ich selbst sage "Ich habe mich etwas über ihn geärgert", — wie weiß ich die Anwendung dieser Worte so genau? Ist sie denn so klar? Nun, sie sind eben eine Äußerung.

67*. Aber weiß ich etwa nicht genau, was ich mit jener Äußerung meine? "Ich weiß doch genau, welchen Zustand in mir ich so nenne." Das heißt nichts. Ich weiß, wie man das Wort anwendet und manchmal mache ich die Äußerung ohne / Bedenken // Zögern // und manchmal zögernd und sage etwa, ich hätte mich nicht '*geradezu* geärgert', oder dergleichen. Aber es ist nicht *diese* Unbestimmtheit, von der ich sprach. Auch dort, wo ich unbedenklich sage, ich hätte mich geärgert, ist darum nicht ausgemacht, wie sicher die / weiteren Folgen // Konsequenzen // aus diesen Signal sind.

68*. Als ich sagte es sei eine Unbestimmtheit in der Anwendung, meine ich nicht, ich wisse nicht recht, wann ich die Äußerung machen solle (wie es etwa wäre, wenn ich nicht gut Deutsch verstünde).

69*. Man darf eben nicht vergessen, *welche* Verbindungen gemacht werden, wenn wir lernen Ausdrücke wie "Ich ärgere mich" zu gebrauchen.

70*. Und denke nicht an ein *Erraten* der richtigen Bedeutung durch das Kind, denn, ob es sie *richtig* erraten hat, muß sich doch wieder in seiner Verwendung der Worte zeigen.

———|———

131. [/] Ein Sprachspiel: über die größere Helligkeit, oder Dunkelheit von Körpern berichten. — Aber nun / gibt // gebe // es ein damit *verwandtes*: über das Verhältnis der Helligkeiten bestimmter *Farben* aus(zu)sagen. (Zu vergleichen: Verhältnis der Längen / zwei bestimmter // zweier // Stäbe — Verhältnis / zwei bestimmter // zweier // Zahlen.)

Die Form der Sätze in beiden ist die gleiche ("x ist heller als y"). / Aber im ersten Sprachspiel sollen sie zeitlich sein, im zweiten nicht. // Aber im ersten Sprachspiel sind es / temporale // zeitliche // Sätze, im zweiten nicht. // // Aber im ersten Sprachspiel sind sie zeitlich, im zweiten unzeitlich. //

132. [/] In einer bestimmten Bedeutung von "weiß" ist Weiß die hellste / aller // der // Farben.

In einem Bild, in welchem ein Stück weißes Papier seine Helligkeit vom blauen Himmel kriegt, ist dieser heller als das / Weiße // weiße Papier //. Und doch ist, in anderm Sinne, Blau die dunklere, Weiß die hellere Farbe (Goethe). Von einem Weiß und einem Blau auf der Palette wäre dies heller als jenes[?] / Auf der Palette ist das Weiß die hellste Farbe. // Das Weiß auf der Palette ist heller als jede andre Farbe auf ihr. //

133. {/} [/] Ich mag mir ein bestimmtes Grau-Grün so einprägen, daß ich es ohne ein Muster immer richtig wiedererkenne. Das reine Rot (Blau, etc.) aber kann ich mir sozusagen immer wieder konstruieren. Es ist eben ein Rot, welches weder auf die eine noch auf die andre Seite neigt, und ich / erkenne es // merke es mir // ohne ein Muster, ebensoleicht wie z.B. den rechten Winkel im Gegensatz zu einem beliebigen spitzen oder stumpfen.

134. [/] In diesem Sinne gibt es nun 4 (oder mit Weiß und Schwarz 6) reine Farben.

135. [/] / Eine *Naturgeschichte* der Farben, sie kann nur über Zeitliches berichten, nicht über das *Wesen* der Farbe. // Eine *Naturgeschichte* der Farben müßte über ihr Vorkommen in der Natur berichten, nicht über ihr *Wesen*. Ihre Sätze müßten zeitliche Sätze sein. //

136. [/] Nach Analogie mit den andern Farben müßte eine schwarze Zeichnung auf weißem Grunde, gesehen durch ein durchsichtiges *weißes* Glas, unverändert als schwarze Zeichnung auf weißem Grunde erscheinen. Denn Schwarz muß Schwarz bleiben und Weiß, da es auch die Farbe des durchsichtigen Körpers ist, / wird nicht verändert // bleibt unverändert //.

137. [/] Man könnte sich ein Glas denken, wodurch Schwarz als Schwarz, Weiß als Weiß, und alle andern Farben als Töne von Grau gesehen werden; / sodaß, dadurch gesehen, alles wie / auf einer Photographie //

photographiert // ausschaut. // sodaß was man dadurch ansieht, wie eine Photographie ausschaut. //

Aber warum sollte ich das "weißes Glas" nennen?

138. [/] Die Frage ist: Ist die Bildung 'ein durchsichtiger weißer Körper' wie die 'regelmäßiges Zweieck'?

139. Ich kann einen Körper betrachten und etwa eine matte weiße Fläche *sehen*, d.h. den *Eindruck* so einer Fläche erhalten, oder den *Eindruck* der Durchsichtigkeit (ob sie nun vorhanden ist, oder nicht). Dieser Eindruck mag durch die Verteilung der Farben hervorgebracht werden und an ihm sind Weiß und die andern Farben nicht in *gleicher* Weise beteiligt.

(Ich habe eine grünlich angestrichene Blechkuppel für durchscheinendes grünliches Glas gehalten, ohne zur Zeit zu wissen, welche Besonderheit der Farbenverteilung diesen Schein / hervorbrachte // hervorbringt //.)

140. [/] Und in dem / Gesichtseindruck // Gesichtsbild // eines / durchsichtigen Körpers // Duchsichtigen // kann wohl Weiß vorkommen, z.B. als Spiegelung, als Glanzlicht. D.h.: Wenn der Eindruck als durchsichtig empfunden wird, wird das Weiß, was wir sehen, eben nicht als Weiß des Körpers *gedeutet*.

141. [/] Ich schaue durch ein durchsichtiges Glas: folgt daraus, daß ich nicht Weiß sehe? Nein, aber ich sehe nicht das Glas als Weiß. Aber wie geht das zu? Es kann auf verschiedene Weise zugehen. Ich mag das Weiß mit *beiden* Augen als dahinterliegend sehen. Aber ich mag das Weiß auch einfach durch seine *Stellung* als Glanz sehen (auch wenn es vielleicht kein Glanz ist). Und doch handelt sich's hier um ein Sehen, nicht nur um ein Dafürhalten. Und es ist auch gar nicht zweiäugiges Sehen nötig, um etwas als *hinter* dem Glas liegend zu sehen.

142. {/} Die / verschiedenen 'Farben' // 'Farben' // haben mit dem *räumlichen* Sehen nicht alle den gleichen Zusammenhang.

143. Und es ist gleichgültig, ob man dies durch die / in der Kindheit // seinerzeit // von uns / gesammelte // gemachte // Erfahrung erklärt, oder nicht.

144. [/] Jener Zusammenhang ist wohl der zwischen Räumlichkeit und Licht und Schatten.

145. [/] Man kann auch nicht sagen, Weiß sei wesentlich die Eigenschaft einer — visuellen — Oberfläche. Denn es wäre denkbar, daß Weiß nur als Glanzlicht vorkäme, oder als Farbe einer Flamme.

146. [/] Ja es kann auch ein in Wirklichkeit durchsichtiger Körper uns weiß erscheinen; aber er kann uns nicht als weiß und durchsichtig erscheinen.

147. [/] Das aber sollte man nicht so ausdrücken: Weiß sei keine durchsichtige Farbe.

148. [/] 'Durchsichtig' ließe sich mit 'spiegelnd' vergleichen.

149. [/] Ein Element des Gesichtsraums kann weiß, oder rot sein, aber weder durchsichtig noch undurchsichtig.

150. [/] Durchsichtigkeit und Spiegeln gibt es nur / in der Tiefendimension eines Gesichtsbilds. // in der Tiefendimension. //

151. [/] Warum kann eine visuell einfärbige Ebene im Gesichtsfeld nicht bernsteinfarbig (amber) sein? Dies Farbwort bezieht sich auf ein durchsichtiges Medium; wenn daher ein Maler ein Glas mit bernsteinfarbenem Wein malt, so könnte man etwa die Fläche des Bildes, die es darstellt, "bernsteinfarben" nennen, aber nicht ein einfärbiges Element dieser Fläche.

152. [/] Könnten nicht auch glänzendes Schwarz und mattes Schwarz verschiedene / Farbnamen // Namen // haben?

153. [/] Von / dem //etwas //, was durchsichtig ausschaut, sagen wir nicht, es schaue weiß aus.

154. [/] "Kann man sich nicht denken, daß Menschen eine andere Farbengeometrie hätten als wir?" — D.h. doch: Kann man sich nicht Menschen mit andern Farbbegriffen denken als den unsern; und das heißt wieder: Kann man sich nicht vorstellen, daß Menschen unsre Farbbegriffe *nicht* haben, und daß sie Begriffe *haben*, die mit unsern Farbbegriffen in solcher Weise verwandt sind, daß wir sie auch "Farbbegriffe" nennen / möchten // würden //?

155. Wenn Menschen gewöhnt wären, immer nur grüne Quadrate und rote Kreise zu sehen, so könnten sie einen grünen Kreis mit Mißtrauen, wie eine Mißgeburt, betrachten, und z.B. sogar sagen, es sei *eigentlich* eine Rotkreis, habe aber etwas von einem...[40]
[/] Wenn Menschen nur Formfarbbegriffe hätten, so hätten sie also ein eigenes Wort für rotes Quadrat, und ein eigenes für roten Kreis, und eins für grünen Kreis, etc. Sehen sie aber nun eine neue *grüne* Figur, soll ihnen da keine Ähnlichkeit mit dem grünen Kreis, etc., auffallen? Und soll ihnen keine Ähnlichkeit zwischen grünem und rotem Kreis auffalen? Aber wie / will ich, daß es sich zeige // soll es sich zeigen //, daß ihnen die Ähnlichkeit auffällt?

Sie könnten, *z.B.*, einen Begriff des 'Zusammenpassens' haben; und dennoch nicht darauf verfallen, Farbwörter zu gebrauchen.

Es gibt ja auch Stämme, die nur bis 5 zählen, / und diese merken nicht, daß ihnen etwas fehlt. // und diese haben wahrscheinlich die Notwendigkeit nicht empfunden, zu beschreiben, was so nicht zu beschreiben ist. //[41]

156. [/] Runge: "Schwarz schmutzt". Das heißt, es nimmt der Farbe die / *Buntheit* // *Färbigkeit* //, aber was heißt das? Schwarz nimmt der Farbe die Leuchtkraft. Aber ist das etwas Logisches, oder etwas Psychologisches? Es gibt ein leuchtendes Rot, ein leuchtendes Blau, etc.,

---

[40] A observação está anulada até este ponto por traços em 'x'.
[41] Há grifo lateral ondulado relativo a esta variante.

aber kein leuchtendes Schwarz. Schwarz ist die dunkelste der Farben. Man sagt "tief schwarz", aber nicht "tief weiß".

'Ein leuchtendes Rot' heißt aber nicht ein *helles* Rot. Auch ein dunkles Rot kann leuchten. Aber eine Farbe leuchtet durch ihre *Umgebung*, in ihrer Umgebung.

Grau aber leuchtet nicht.

Nun scheint aber Schwarz eine Farbe zu trüben, Dunkelheit / jedoch // aber // nicht. Ein Rubin also könnte danach immer dunkler werden, ohne doch je trüb zu werden, würde er aber schwarzrot, so würde er trüb. Nun, Schwarz ist eine Oberflächenfarbe. Das Dunkel nennt man keine Farbe. Im Gemälde *kann* das Dunkel auch durch Schwarz dargestellt werden.

Der Unterschied zwischen Schwarz und, etwa, einem dunkeln Violett ist ähnlich dem zwischen dem Klang der großen Trommel und dem Klang einer Pauke. Vom erstern sagt man, es sei ein Geräusch, kein Ton. Es ist matt und ganz Schwarz.

157. {/} [/] Sieh Dein Zimmer am späten Abend an, wenn Farben kaum mehr zu unterscheiden sind; und nun mach Licht und male, was / Du im Dämmerlicht // Du früher im Halbdunkel // gesehen hast. Es gibt Bilder von Gegenden oder Räumen im Halbdunkel: Aber wie vergleicht man die Farben auf so einem Bild mit den im Halbdunkel gesehenen? Wie verschieden ist diese Vergleichung von der zweier Farbmuster, die ich zugleich vor mir habe und zum Vergleich aneinander lege!

158. {/} [/] Was läßt sich dafür sagen, daß Grün eine primäre Farbe ist und keine Mischfarbe von Blau und Gelb? Wäre diese Antwort richtig hier: / "Man kann das nur durch (die) Betrachtung der Farben" [erkennen] // "Man kann das nur / unmittelbar // direkt // erkennen, indem man die Farben betrachtet" // ? Aber wie weiß ich, daß ich dasselbe mit den Worten "primäre Farbe" meine wie ein Andrer, der auch geneigt ist, Grün eine primäre Farbe nu nennen? Nein, hier gibt es Sprachspiele, die diese Frage entscheiden.

Es gibt nun mehr oder weniger bläuliches (oder gelbliches) Grün und es gibt die Aufgabe, zu einem gegebenen Gelblichgrün (oder Blaugrün) ein weniger gelbliches (oder bläuliches) zu mischen, oder aus

einer Anzahl von Farbmustern auszuwählen. Ein weniger gelbliches ist aber kein bläulicheres Grün (u.u.), und es gibt auch die Aufgabe, ein Grün zu wählen — oder zu mischen — das weder gelblich noch bläulich ist. Und ich sage "oder zu mischen", weil ein Grün dadurch nicht zugleich gelblich und bläulich, weil es etwa durch ein Mischen von Gelb und Blau zustandekommt.

159. {/} [/] Denke daran, daß in einer glatten weißen Fläche Dinge sich *spiegeln* können, deren Spiegelbilder also hinter der Fläche zu liegen scheinen und in *gewissem* Sinne durch sie gesehen werden.

160. {/} [/] Wenn ich von einem Papier sage, es sei rein weiß und es würde Schnee danebengehalten und es sähe nun grau aus, so würde ich es in seiner normalen Umgebung, und für / die normalen // gewöhnliche // Zwecke, weiß, nicht hellgrau nennen. Es könnte sein, daß ich, im Laboratorium etwa, einen andern, in *gewissem* Sinne verfeinerten Begriff von Weiß verwendete. (Wie ich dort manchmal auch einen verfeinerten Begriff der 'genauen' Zeitbestimmung verwende.)

161. Die reinen satten Farben haben eine ihnen / wesentliche relative // spezifische // Helligkeit. Gelb z.B. ist heller als Rot. Ist Rot heller als Blau? Ich weiß es nicht.

162. [/] / Wenn man den Begriff der Zwischenfarbe hergebracht hat // Wer den Begriff der Zwischenfarbe erhalten hat //, seine Technik / innehat // beherrscht //, wer / also zu gegebenen Farbtönen weißlichere, gelblichere, bläulichere finden, oder mischen kann, u.s.f., // also z.B. zu einem gegebenen Rot ein gelblicheres, weißlicheres, bläulicheres finden kann, u.s.f., // den fordre man nun auf, ein rötliches Grün zu wählen oder zu mischen.

163. [/] Wem ein Rötlichgrün bekannt wäre, der sollte im Stande sein, eine Farbenreihe herzustellen, die mit Rot anfinge, mit Grün endet und, auch für uns, etwa einen kontinuierlichen Übergang zwischen ihnen bildet. Es könnte sich dann zeigen, daß dort, wo wir etwa jedesmal den gleichen Ton von Braun sähen, er einmal Braun, einmal Rötlichgrün sähe. Daß er z.B.

zwei chemische Verbindungen, die für uns die gleiche Farbe hätten, nach der Farbe unterscheiden könnte und die eine ein "Braun", die andre ein "Rötlichgrün" nennte.

164. [/] Um die Phänomene der Rotgrünblindheit zu beschreiben, brauche ich nur zu sagen, was der Rotgrünblinde *nicht* erkennen kann; um aber die 'Phänomene des normalen Sehens' zu beschreiben, müßte ich aufzählen, was wir tun *können*.

165. [/] Wer die 'Phänomene der Farbenblindheit' beschreibt, beschreibt ja nur die *Abweichungen* des Farbenblinden vom Normalen, nicht auch sein ganzes übriges Sehen.

Aber könnte sie nicht auch die Abweichungen des normalen Sehens von totaler Blindheit beschreiben? Man könnte fragen: Zu wessen Belehrung? Kann man mich davon unterrichten, daß ich einen Baum sehe?

Und was ist ein 'Baum', und was 'sehen'?

166. [/] Man kann z.B. sagen: *So* handelt der Mensch mit einer Binde vor den Augen, und *so* der Sehende ohne Binde. Mit einer Binde reagiert er so und so, ohne Binde geht er schnell auf der Gasse, begrüßt seine Bekannten, nickt Diesem und Jenem zu, vermeidet beim Überqueren leicht die Wagen und Zweiräder, usw., usw.. Schon den Neugeborenen erkennt man als Sehenden daran, daß er Bewegungen mit den Augen folgt. Etc. etc.. Die Frage ist: Von Wem soll die Beschreibung verstanden werden? / Nur vom // Vom // Sehenden, oder auch vom Blinden?

Es ist z.B. sinnvoll zu sagen "Der Sehende unterscheidet mit den Augen einen unreifen Apfel von einem reifen". Aber *nicht*: "Der Sehende unterscheidet einen grünen von einem roten Apfel". Denn was ist 'rot' und 'grün'?

"Der Sehende unterscheidet einen Apfel, der ihm grün scheint, von einem, der ihm rot scheint."[42]

Aber kann ich nicht sagen, "*Ich* unterscheide einen *solchen Apfel* von einem *solchen*" (indem ich auf einen roten und grünen zeige)? Aber wie,

---

[42] Não há indicação de onde se incluiria esta observação, escrita na margem superior do manuscrito. Provavelmente, é uma variante para a proposição "sinnlos" acima.

wenn jemand auf zwei für mich ganz gleiche Äpfel zeigte und das sagte?! Anderseits könnte er mir sagen: "Für Dich sehen diese beiden ganz gleich aus, Du könntest sie daher verwechseln; aber ich sehe einen Unterschied, ich kann jeden jederzeit wiedererkennen". Das kann durch einen Versuch bestätigt werden.

167. [/] Welche Erfahrung lehrt mich, daß ich Rot und Grün unterscheide?

168. [/] Die Psychologie beschreibt die Phänomene des Sehens. / Wem macht sie die Beschreibung? // Wem beschreibt sie sie? // Welche Unwissenheit kann diese Beschreibung / beheben // beseitigen //?

169. [/] Wenn ein Sehender nie von einem Blinden gehört hätte, — könnte man ihm das Verhalten der Blinden nicht beschreiben?

170. [/] Ich kann sagen: "Der Farbenblinde kann einen grünen Apfel von einem roten nicht unterscheiden", und das läßt sich zeigen. Kann ich aber sagen "Ich kann einen grünen Apfel von einem roten unterscheiden"? Nun etwa: durch den Geschmack. — Aber doch z.B.: "Ich kann einen Apfel, den / Ihr // Du // 'grün' / nennt // nennst //, von einem, den / Ihr // Du // 'rot' / nennt // nennst //, unterscheiden", also "Ich bin nicht farbenblind".

171. [/] Dieses Papier ist an verschiedenen Stellen verschieden hell; aber sieht es mir / an den dunkleren Stellen //, wo es dunkler ist, // grau aus? Der Schlagschatten meiner Hand ist zum Teil grau. Wo sich das Papier vom Licht wegneigt aber, sehe ich es weiß, wenn auch dunkler, auch wenn ich, um es zu malen, ein Grau mischen müßte. Ist damit nicht ähnlich, daß man den entfernteren Gegenstand oft nur als entfernter, nicht aber kleiner sieht? Daß man also nicht sagen kann "Ich merke, daß er kleiner ausschaut, und schließe daraus, daß er entfernter ist", sondern ich merke, daß er entfernter ist, ohne sagen zu können, *wie* ich's merke.

172. [/] Der Eindruck / des (färbigen) durchsichtigen Mediums // der Durchsichtigkeit // ist der, daß etwas hinter dem Medium liegt.

Vollkomene Einfärbigkeit des Gesichtsbilds kann daher nicht durchsichtig sein.

173. [/] Etwas Weißes hinter einem gefärbten durchsichtigen Medium erscheint in der Farbe des Mediums, etwas Schwarzes schwarz.[43] Nach dieser Regel muß eine schwarze Zeichnung auf weißem Papier hinter einem weißen durchsichtigen Medium so erscheinen wie hinter einem farblosen.

Das ist hier nicht ein Satz der Physik, / sondern eine Regel der räumlichen Deutung unserer Gesichtserfahrung. // sondern so / beschreiben // deuten // wir unsre Gesichtserfahrung. // Man könnte auch sagen, es sei eine Regel für den Maler: "Wenn Du etwas Weißes hinter einem durchsichtigen Roten darstellen willst, so mußt Du's rot malen". Malst Du's weiß, so sieht es nicht hinter dem Roten liegend aus.

174. {/} [/] Dort, wo das weiße Papier nur um ein Weniges schwächer beleuchtet ist, erscheint es keineswegs grau, sondern immer weiß.

175. Die Frage ist: / Wie muß etwas ausschauen, damit wir es einen durchsichtigen gefärbten Körper nennen? // Welcher Art muß unser Gesichtsbild beschaffen sein, wenn es uns ein durchsichtiges farbiges Medium zeigen soll? // // Wie muß unser Gesichtsbild ausschauen, damit wir sagen, wir sähen durch ein klares gefärbtes Medium? // Wie muß z.B. die Farbe des Mediums zur Geltung kommen? Sprechen wir physikalisch — obwohl es uns hier nicht unmittelbar auf Gesetze der Physik ankommt — so müßte durch ein rein grünes Glas alles mehr, oder weniger dunkel Grün ausschauen. Der hellste Ton wäre der des Mediums. Was man dadurch sieht, hat also Ähnlichkeit mit einer Photographie. Überträgt man das auf's weiße Glas, so sollte alles wieder wie photographiert ausschauen, aber in / Tönen zwischen Weiß und Schwarz. // Weiß, Grau und Schwarz. // Und warum sollte man so ein Glas — wenn es eins gäbe — nicht *weiß* nennen wollen? Spricht irgend etwas dagegen, / bricht die Analogie mit anders gefärbten Gläsern irgendwo

[43] Uma seta liga este ponto ao início de "Das ist hier nicht ein Satz der Physik...", a parágrafo que, portanto, comenta a regra aqui enunciada.

zusammen // geht die Analogie mit anders gefärbten Gläsern irgendwo fehl //?

176. [/] Ein grüner Glaswürfel sieht, wenn er vor uns liegt, grün aus. Der Gesamteindruck ist grün; so sollte also der des weißen Würfels weiß sein.

177. [/] Wo muß der Würfel weiß erscheinen, damit wir ihn weiß und durchsichtig nennen können?

178. [/] Gibt es *darum* kein Analogon mit Weiß zu einem durchsichtigen grünen Glas, weil die Verwandtschaften und Gegensätze zwischen Weiß und den übrigen Farben anders sind als zwischen Grün und ihnen?

179. [/] Fällt Licht durch rotes Glas, so wirft es einen roten Schein; wie sieht nun ein weißer Schein aus? Soll Gelb im weißen Schein weißlich werden, oder bloß hell? Und Schwarz grau, oder soll es Schwarz bleiben?

180. [/] Wir kümmern uns hier nicht um die Tatsachen der Physik, außer insofern sie / Gesetze // Regeln // des Augenscheins bestimmen.

181. [/] Es ist nicht ohne weiters klar, von welchem durchsichtigen Glas man sagen soll, es habe die 'gleiche Farbe' wie ein Stück grünes Papier.

182. [/] Ist z.B. das Papier rosa, lila, himmelblau, so wird man sich das Glas etwa *trübe* denken, aber man könnte auch ein nur / schwach // einigermaßen // rötliches etc. klares Glas meinen. Darum wird manchmal etwas farbloses "weiß" gennant.

183. [/] Die Farbe eines durchsichtigen Glases, könnte man sagen, sei die, in welcher eine weiße Lichtquelle, / dadurch // durch das Glas // gesehen, erscheint.

Ungetrübt *weiß* aber erscheint diese durch ein *farbloses* Glas.

184. [/] Im Kino ist es oft / möglich // leicht //, die Vorgänge im Film so zu sehen, als lägen sie hinter der Leinwandebene und diese sei durchsichtig wie eine Glastafel. Zugleich aber würde sie den Vorgängen

ihre Farbe nehmen und nur Weiß, Grau und Schwarz durchlassen. Nun ist man aber nicht versucht, sie eine durchsichtige *weiße* Glastafel zu nennen.

Wie würde man denn Dinge durch eine grüne Glastafel sehen? *Ein* Unterschied wäre natürlich, daß diese den Unterschied zwischen hell und dunkel vermindern würde, während jene andre diesen Unterschied nicht berühren soll. Eine 'graue durchsichtige' Tafel würde ihn dann etwa vermindern.

185. [/] Von einer grünen Glastafel würde man etwa sagen, sie gäbe den Dingen ihre Farbe. Tut das aber meine 'weiße' Tafel? — Gibt das grüne Medium den Dingen seine Farbe, dann vor allem den *weißen*.

186. Eine dünne Schicht eines gefärbten Mediums färbt die Dinge nur schwach: wie soll ein dünnes 'weißes' Glas sie färben? Soll es ihnen noch nicht alle Farbe entziehen?

187. [/] "Weißes Wasser wird man sich nicht denken können, was rein ist,..." Das heißt: man kann nicht beschreiben, wie etwas weißes Klares aussähe, und das heißt: man weiß nicht, welche Beschreibung von Einem durch diese Worte geforderte wird.

188. [/] Wir wollen keine Theorie der Farben finden (weder eine physiologische, noch eine psychologische), sondern die Logik der Farbbegriffe. Und diese leistet, was man sich oft mit Unrecht von einer Theorie erwartet hat.

189. Damit daß Einem die Farbwörter durch Hinweisen auf farbige Stücke Papier erklärt wurden, ist der Begriff der *Durchsichtigkeit* noch nicht / berührt // erklärt //. Es ist dieser Begriff, der zu den verschiedenen Farbbegriffen / ungleiche // verschiedene // Beziehungen hat.

190. Wer also sagen wollte, daß man es doch den Farben gar nicht anmerkt, daß ihre Begriffe so verschieden / seien // sind //, dem muß man antworten, daß er eben auf das Analoge (die Gleichheit) in diesen Begriffen sein Augenmerk / gerichtet hat // richtet //, die

Verschiedenheiten aber in den Beziehungen zu andern Begriffen liegen. [Dazu eine bessere Bemerkung.][44]

191. [/] Wenn die grüne Glastafel den Dingen hinter ihr grüne Farbe gibt, so macht sie Weiß zu Grün, Rot zu Schwarz, Gelb zu Grüngelb, Blau zu Grünlichblau. Die weiße Tafel sollte also alles weißlich machen, also alles *blaß*; und warum dann das Schwarz nicht zu Grau? — Auch ein gelbes Glas verdunkelt, soll ein weißes auch verdunkeln?

192. [/] Jedes gefärbte Medium verdunkelt, was dadurch gesehen wird, / es schluckt Licht // indem es Licht schluckt //: Soll nun mein weißes Glas auch verdunkeln? Und je dicker es ist, desto mehr? Aber es soll ja Weiß weiß lassen: So wäre ja das 'weiße Glas' eigentlich ein dunkles Glas.

193. [/] Wenn Grün dadurch weißlich wird, warum wird Grau nicht weißlicher, und warum dann Schwarz nicht zu Grau?

194. Das gefärbte Glas darf doch die Dinge hinter ihm nicht aufhellen: / Wie soll also etwas Grünes dadurch gesehen werden? Weißlich grün? // Was soll also z.B. mit etwas Grünem geschehen? Soll ich es als ein Graugrün sehen? //

195. Würden alle Farben weißlich, so würde das Bild mehr und mehr an Tiefe verlieren.

196. Grau ist nicht schlecht beleuchtetes Weiß, Dunkelgrün nicht schlecht beleuchtetes Hellgrün.

Man sagt zwar "In der Nacht sind alle Katzen grau", aber das heißt eigentlich: wir können ihre Farben nicht unterscheiden und sie *könnten* auch grau sein.

197. Worin liegt hier der entscheidende Unterschied zwischen Weiß und den andern Farben? Liegt er in der / Asymmetrie / ihrer // der // Verwandtschaften // Ungleichartigkeit der Verwandtschaften // //

---

[44] Os colchetes são de Wittgenstein.

ungleichartigen Verwandtschaften // // andersartigen Verwandtschaften //? Und das heißt eigentlich in der / ungleichartigen // besondern // Stellung im Farbenoktaeder? / Oder vielmehr in ihrem ungleichartigen Verhältnis zu Hell und Dunkel? // Oder ist es vielmehr die ungleiche Stellung der Farben gegen Dunkel und Hell? //

198. Was soll der Maler malen, der die Wirkung eines weiß-durchsichtigen Glases hervorrufen will?

Soll Rot und Grün (etc.) weißlich werden?

199. [/] Ist der Unterschied nicht einfach, daß jedes gefärbte Glas das Weiß färben soll, und meines es entweder unverändert lassen, oder einfach verdunkeln muß?

200. [/] Weiß durch ein gefärbtes Glas erscheint in der Farbe des Glases. Das ist eine Regel / für den Schein der Durchsichtigkeit // für die Färbung //. So erscheint Weiß durch das weiße Glas weiß, also wie durch ein ungefärbtes.

201. [/] Lichtenberg redet von 'reinem Weiß' und meint damit die *hellste* der Farben. Niemand könnte so von reinem Gelb reden.

202. [/] Zu sagen, Weiß sei körperlich, ist seltsam, da ja auch Gelb und Rot die Farben von Oberflächen sein können und man sie als solche nicht kategorisch von Weiß unterscheidet.

203. {/} / Schaut // Sieht // man einen weißen Würfel mit verschieden hell beleuchteten Flächen durch ein gelbes Glas an, so erscheint er nun gelb und seine Flächen wieder verschieden stark beleuchtet. Wie soll er durch ein weißes Glas ausschauen? Und wie soll ein gelber Würfel durch ein weißes Glas ausschauen?

204. [/] Soll es sein, als hätte man Weiß, oder als hätte man Grau zu seinen Farben gemischt?

205. [/] Könnte nicht ein Glas Weiß, Schwarz und Grau unverändert lassen und die übrigen Farben weißlich färben? Und käme so eins nicht am nächsten dem weißen und durchsichtigen? Die Wirkung würde dann sein wie einer Photographie, welche eine Spur der natürlichen Farben noch beibehält. Der Dunkelheitsgrad jeder Farbe müßte / dann // aber // gewahrt, und gewiß nicht *vermindert* werden.

206. [/] Soviel kann ich verstehen, daß eine physikalische Theorie (wie die Newtons) die Probleme, die Goethe bewegten, nicht lösen kann, wenn auch er selbst sie nicht gelöst hat.

207. [/] Wenn ich reines Rot durch das Glas ansehe und es sieht grau aus, ist hier wirklich der Graugehalt der Farbe durch das Glas gekommen? D.h.: *scheint* es auch nur so?

208. [/] Warum fühle ich, daß ein weißes Glas das Schwarz färben müßte, wenn es irgendetwas färbt, während ich mir's gefallen lasse, daß / das Gelb vom Schwarz verschluckt wird // ein gelbes das Schwarz nicht berührt // ? Ist es nicht, weil das klare Gefärbte vor allem einmal das Weiß färben / müßte // muß, und tut es das nicht und ist Weiß, dann ist es trüb?

209. Wenn man stark blinzelnd in eine Gegend schaut, so werden die Farben undeutlicher und alles nimmt mehr den Charakter des Schwarzweißen an; aber ist es mir da, als sähe ich durch eine so oder so gefärbte Scheibe?

210. [/] Man spricht oft vom Weißen als unfärbig. Warum? (Man tut es auch, wenn man nicht an die Durchsichtigkeit denkt.)

211. [/] Und es ist merkwürdig, daß das Weiße manchmal auf gleicher Stufe mit den andern reinen Farben erscheint (Flaggen), und manchmal wieder nicht.[45]

---

[45] Este parágrafo está separado do seguinte por uma linha.

Warum nennt man z.B. ein weißliches Grün oder Rot, "nicht *satt*"? Warum *schwächt* das / Weißliche // Weiß // diese Farben, aber nicht das / Gelbliche // Gelb //? Liegt das an der Psychologie (der Wirkung) der Farben, oder an ihrer Logik[?] Nun, daß man gewisse Wörter wie "satt", "schmutzig", etc. verwendet, beruht auf Psychologischem; daß man aber überhaupt / eine scharfe Unterscheidung // einen scharfen Unterschied // macht, deutet auf Begriffliches.

212. [/] Hängt das damit zusammen, daß Weiß *alle* Gegensätze nach und nach aufhebt, während Rot das nicht tut?

213. [/] Ein und dasselbe Thema hat in Moll einen andern Charakter als in Dur, aber von einem Charakter des Moll im Allgemeinen zu sprechen ist ganz falsch. (Dur und Moll bei Schubert. Bei Schubert klingt das Dur oft trauriger als das Moll.) Und so ist es, glaube ich, müßig und ohne Nutzen für das Verständnis der Malerei, von den Charakteren der einzelnen Farben zu reden. Man denkt eigentlich dabei nur an spezielle Verwendungen. Daß Grün als Farbe einer Tischdecke die, Rot jene Wirkung hat, läßt auf ihre Wirkung in einem Bild keinen Schluß zu.

214. [/] Weiß löst alle Farben auf, — tut dies Rot auch?

215. [/] Warum gibt es kein braunes Licht und kein graues? Gibt es auch kein weißes? Ein leuchtender Körper kann weiß erscheinen; aber weder braun, noch grau.

216. [/] Warum kann man sich keine Grauglut vorstellen?

Warum kann man sie sich nicht als einen geringeren Grad der Weißglut denken?

217. [/] Daß etwas, was zu leuchten scheint, nicht auch grau erscheinen kann, muß darauf deuten, daß das leuchtende Farblose immer "weiß" heißt, es lehrt uns also etwas über / unsern // den // Begriff des Weißen.

218. [/] Ein schwaches weißes Licht ist nicht ein graues Licht.

219. [/] Aber der Himmel, der alles, was wir sehen, beleuchtet, kann doch grau sein! Und wie weiß ich vom bloßen Augenschein, daß er nicht selbst leuchtet?

220. [/] D.h. etwa: 'grau' oder 'weiß' ist etwas nur in einer bestimmten Umgebung.

221. [/] Ich sage hier nicht, was die Gestaltpsychologen sagen: daß der *Eindruck des Weißen* so und so zustande komme. Sondern die Frage ist gerade: was der Eindruck des Weißen sei, was die Bedeutung dieses Ausdrucks, die Logik des Begriffes 'weiß' ist.

222. [/] Denn, daß man sich etwas 'Grauglühendes' nicht denken kann, gehört nicht in die Psychologie der Farbe.

223. [/] Denk Dir, es würde uns gesagt, daß eine Substanz mit grauer Flamme brennt. Du kennst doch nicht die Farbe der Flammen sämtlicher Stoffe: warum sollte das also nicht möglich sein? Und doch hieße es nichts. Wenn ich so etwas hörte, würde ich nur denken, die Flamme sei *schwach leuchtend*.

224. [/] Was leuchtend *aussieht*, sieht nicht grau aus. Alles Graue *sieht* beleuchtet *aus*.

Daß aber etwas 'leuchtend aussehen' kann, das macht die Verteilung der Helligkeiten im / Gesehenen // Gesichtsfeld //, aber es gibt auch ein 'etwas *als* leuchtend sehen', man kann unter gewissen Umständen, reflektiertes Licht für das Licht eines leuchtenden Körpers halten.

225. {/} [/] Ich könnte also etwas *jetzt* als schwach leuchtend, *jetzt* als grau sehen.

226. [/] Was man als leuchtend sieht, sieht man nicht als grau. Wohl aber kann man es als weiß sehen.

227. [/] Man redet von einem 'dunkelroten Schein', aber nicht von einem 'schwarzroten'.

228. Es gibt einen *Eindruck* des Leuchtens.

229. [/] Es ist nicht dasselbe zu sagen / : der Eindruck des Weißen oder Grauen kommt unter / diesen // solchen // // den und den // / Bedingungen // Umständen // zustande (kausal) // , daß dieser Eindruck unter / diesen // solchen // // den und den// / Bedingungen // Umständen // zustande kommt (kausal) // , und daß er / der // ein // Eindruck eines bestimmten Kontextes ist (Definition). (Das erste ist Gestaltpsychologie, das zweite Logik).

230. 'Urphänomen' ist z.B., was Freud an den einfachen Wunschträumen zu / erkennen // sehen // glaubte. Das Urphänomen ist eine vorgefaßte Idee, die von uns Besitz ergreift.

231. [/] Erschiene mir in der Nacht ein Gespenst, so könnte es mit einem schwachen weißlichen Schein leuchten; sähe es aber grau aus, so müßte das Licht von woanders zu kommen scheinen.

232. [/] Die Psychologie, wenn sie vom Schein spricht, verbindet Schein / mit // und // Sein. Wir aber können vom Schein allein sprechen (oder wir verbinden Schein und Schein).

233. [/] Man könnte sagen, die Farbe des Gespenstes sei die, die ich auf der Palette mischen muß, um es genau abzumalen.

Wie aber bestimmt man, was das genaue Bild ist?

234. [/] Die Psychologie verbindet das Erlebte mit etwas Physischem, wir aber das Erlebte mit Erlebtem.

235. Man könnte Halbdunkel im Halbdunkel malen. Und die 'richtige Beleuchtung' eines Bildes könnte das Halbdunkel sein. (Bühnenmalerei.)

236. [/] Eine glatte weiße Fläche kann spiegeln: Wie nun, wenn man sich irrte, und das, was in einer solchen Fläche gespiegelt erscheint, wirklich hinter ihr wäre und durch sie gesehen würde? Wäre sie dann weiß-

durchsichtig? Auch dann entspräche, was wir sehen, nicht dem färbigen Durchsichtigen.

237. [/] Man spricht von einem 'schwarzen Spiegel'. Aber wenn er spiegelt, *verdunkelt* er zwar, sieht aber nicht schwarz aus und sein Schwarz 'schmutzt' nicht.

238. Warum ertrinkt Grün im Schwarz, und Weiß nicht?

239. [/] Es gibt Farbbegriffe, die sich nur auf die visuelle Erscheinung einer Fläche beziehen, und es könnte / solche // welche // geben, die sich nur auf / die Erscheinung durchsichtiger Medien // durchsichtige Medien //, oder vielmehr den visuellen Eindruck solcher, beziehen. Man könnte auch ein weißes Glanzlicht, auf Silber etwa, nicht "weiß" nennen wollen, und es von der weißen Farbe einer Oberfläche unterscheiden. Daher, glaube ich, das Reden von "durchsichtigem" Licht.

240.[/] Wenn man einem Kind die Farbbegriffe so beibrächte, daß man auf gefärbte Flammen, oder gefärbte durchsichtige Körper zeigte, so würde die Eigentümlichkeit von Weiß, Grau und Schwarz klarer zu Tage kommen.

241. [/] Daß nicht alle Farbbegriffe logisch gleichartig sind, sieht man leicht. Man sieht leicht den Unterschied der Begriffe: 'Farbe des Goldes' oder 'Farbe des Silbers' und 'gelb' oder 'grau'.

Daß aber ein einigermaßen verwandter Unterschied zwischen 'Weiß' und 'Rot' besteht, ist schwer zu sehen.

242. [/] Milch ist nicht darum undurchsichtig, weil sie weiß ist, — als wäre das Weiß etwas undurchsichtiges.

Wenn schon 'Weiß' ein Begriff[46] ist, der sich nur auf eine visuelle Oberfläche bezieht, warum gibt es dann nicht einen dem 'Weiß' verwandten Farbbegriff, der sich auf Durchsichtiges bezieht?

---

[46] Aqui, um mistério. Pela numeração do manuscrito não parece faltar nesta altura qualquer página ou folha. À página numerada 74, segue-se, como usitado, página não numerada, à qual, por sua feita, segue-se a de número 75. Não parece faltar e, entretanto,

243. Ein Medium, durch welches ein schwarz und weißes Muster (Schachbrett) unverändert erscheint, wird man nicht weiß gefärbt nennen wollen, auch wenn es die übrigen Farben in's Weißliche veränderte.

244. Grau und schwach erleuchtetes oder leuchtendes Weiß kann in *einem* Sinne die gleiche Farbe sein, denn wenn ich dieses *male*, muß ich vielleicht auf der Palette jenes mischen.

245. Ob ich etwas als grau oder als weiß sehe, kann davon abhängen, wie ich die Dinge um mich beleuchtet sehe. In einem Zusammenhang ist die Farbe für mich Weiß in schlechter Beleuchtung, im andern Grau in guter Beleuchtung.

246. Der Eimer, den ich vor mir sehe, ist glänzend weiß glasiert, ich könnte ihn unmöglich "grau" nennen oder sagen "Ich sehe eigentlich grau". Aber er hat ein Glanzlicht, das weit heller ist als seine übrige Fläche, und, da er rund ist, geht er vom Licht allmählich in den Schatten über, ohne doch anders gefärbt zu erscheinen.

247. Welches ist die Farbe des Eimers an *dieser* Stelle? Wie soll ich's entscheiden?

248. [/] Es gibt zwar nicht Phänomenologie, wohl aber phänomenologische Probleme.

249. [/] Man möchte sagen: Beimischung von Rot verdünnt die Farben nicht, Beimischung von Weiß verdünnt sie.

Anderseits empfindet man Rosa, oder ein weißliches Blau nicht immer als verdünnt.

250. [/] Kann man sagen: "Leuchtendes Grau ist Weiß"?

---

falta o equivalente a talvez uma folha inteira, pois não temos em nosso exemplar o manuscrito correspondente ao texto deste ponto até o § 247, inclusive. Duas folhas devem ter recebido o mesmo número (74 ou 75), e nos falta uma delas.

251. [/] Die Schwierigkeiten, die / wir beim Nachdenken über das Wesen der Farben begegnen // man beim Nachdenken über das Wesen der Farben empfindet // (mit denen sich Goethe durch die Farbenlehre auseinandersetzen wollte), / liegen schon darin beschlossen, daß wir nicht / nur einen // einen // Begriff der Farbengleichheit haben, sondern deren mehrere, mit einander verwandte. // liegen schon in der Vielfältigkeit der Aspekte unsres Begriffs der Farbengleichheit. // // liegen schon in der / Vielfältigkeit // Vielgestaltigkeit // der verwandten Begriffe der Farbengleichheit beschlossen. // // liegen schon in der / Vielfältigkeit // Vielgestaltigkeit // / des // unsres // Begriffes der Farbengleichheit beschlossen. //

252. [/] Die Frage ist: / Wie muß das Gesichtsbild beschaffen sein, damit es uns vorkommt, wir sähen es weiß? // Welcher Art muß unser Gesichtsbild sein, wenn wir es das eines gefärbten durchsichtigen Mediums nennen sollen? // / Oder auch // Man könnte auch so fragen //: Wie muß etwas ausschauen, damit es uns als gefärbt und durchsichtig erscheint? Dies ist keine Frage der Physik, aber mit physikalischen Fragen verbunden.

253.[47] [/] Wie ist unser Gesichtsbild beschaffen, welches wir dasjenige eines farbigen durchsichtigen Mediums nennen?

71*. | Ich glaube nicht, daß Shakespeare über das 'Dichterlos' hätte nachdenken können. |

72*. | Er konnte sich auch nicht selbst als Prophet oder Lehrer der Menschheit betrachten.

Die Menschen staunen ihn an, beinahe wie ein Naturschauspiel. Sie fühlen nicht, daß sie dadurch mit einem großen *Menschen* in Berührung kommen. Sondern mit einem Phänomen. |

73*. | Ich glaube, um einen Dichter zu genießen, dazu muß man auch die Kultur, zu der er gehört, *gern haben*. Ist die einem gleichgültig oder

[47] Este parágrafo não está separado do anterior.

zuwider, / so ist nur eine kalte Bewunderung möglich. // so erkaltet die Bewunderung. // |

254. {S} [/] Es gibt scheinbar, was man "Stoffarben" und was man "Oberflächenfarben" nennen kann.

255. Unsre Farbbegriffe beziehen sich manchmal auf Substanzen (Schnee ist weiß), manchmal auf Oberflächen (dieser Tisch ist braun), manchmal auf die Beleuchtung (im rötlichen Abendschein), manchmal auf durchsichtige Körper. Und gibt es nicht auch eine Anwendung auf eine Stelle im Gesichtsfeld logisch unabhängig / von einem // vom // räumlichen Zusammenhang?

Kann ich nicht sagen: "Dort sehe ich weiß" (und es etwa malen), auch wenn ich das Gesichtsbild gar nicht räumlich deuten kann? (/ Fleckfarbe // Stellenfarbe //) (Ich denke an eine pointillistische Malweise.)

256. [/] Eine Farbe allgemein benennen können, heißt noch nicht, sie genau kopieren können.

Vielleicht kann ich sagen "Dort sehe ich eine rötliche Stelle" und kann doch nicht eine Farbe mischen, die ich als genau gleich anerkenne.

257. Male etwa, was Du siehst, wenn Du die Augen schließt! Und doch kannst Du es *ungefähr* beschreiben.

258. Denke an die Farben von poliertem Silber, Nickel, Chrom, etc., oder an die Farbe eines Ritzers in diesen Metallen.

259. [/] Ich gebe einer Farbe einen Namen "F" und sage, es sei die Farbe, die ich *dort* sehe. Oder vielleicht male ich mein Gesichtsbild und sage dann einfach "Ich sehe *dies*". Nun, welche Farbe ist an *dieser* Stelle meines Bildes? Wie bestimme ich es? Ich führe etwa das Wort "Kobaldblau" ein: Wie fixiere ich, was 'K' ist? Ich könnte ein Papier als Paradigma dieser Farbe nehmen, oder den Farbstoff in einem Topf. Und wie bestimme ich nun, daß eine Oberfläche (z.B.) diese Farbe habe? Alles kommt auf die Vergleichsmethode an.

260. Was man den "farbigen Gesamteindruck" einer Oberfläche nennen kann, ist nicht etwa eine Art arithmetisches Mittel aller Farben der Oberfläche.

261. | "Ich sehe (höre, fühle, etc.) X"
"Ich beobachte X"

X steht / das erste und das zweite mal // in diesen allem // nicht für den gleichen Begriff, auch wenn beidemale das der gleiche Ausdruck steht z.B. "einen Schmerz". Denn auf den ersten Satz / könnte // kann // die Frage folgen "Was für einen Schmerz?" und dies könnte man beantworten, indem man den Fragenden mit einer Nadel sticht. Folgt aber die Frage "Was für einen Schmerz?" auf den zweiten Satz, so muß die Antwort von andrer Art sein, z.B. "Den Schmerz in meiner Hand". |

262. [/] Ich möchte sagen "An *dieser* Stelle in meinem Gesichtsfeld ist *diese* Farbe (ganz abgesehen von jeder Deutung)". Aber wozu gebrauche ich diesen Satz? "*Diese*" Farbe muß (ja) eine sein, die ich reproduzieren kann. Und es muß bestimmt sein, unter welchen Umständen ich von etwas sage, es habe diese Farbe.

263. [/] Denk, jemand zeigte auf eine Stelle einer Iris in einem Rembrandtschen Gesicht und sagte, "Die Wand in meinem Zimmer soll in dieser Farbe gemalt werden".

264. [/] Daß wir sagen können "Diese Stelle in meinem Gesichtsfeld ist graugrün", bedeutet nicht, / daß wir wissen, was eine genaue Kopie / dieses // des // Farbtons zu nennen / wäre // ist //. // daß wir den genauen Ton der Farbe bestimmen können. //

265. [/] Ich male die Aussicht von meinem Fenster; eine bestimmte Stelle, bestimmt durch ihre Lage in der Architektur eines Hauses, male ich mit Ocker. Ich sage "Diese Stelle sehe ich in dieser Farbe".

Das bedeutet nicht, daß ich an dieser Stelle die Farbe Ocker sehe, denn / der // dieser // Farbstoff mag, so umgeben, mir viel heller oder dünkler, oder rötlicher, (etc.) als Ocker erscheinen.

Ich kann etwa sagen "So, wie ich sie hier (mit Ocker) gemalt habe, sehe ich diese Stelle; / nämlich als ein stark rötliches Gelb". // sie scheint mir aber stark rötlich". //

Wie aber, wenn man von mir verlangte, den *genauen* Farbton anzugeben, der mir hier erscheint? Wie soll ich ihn angeben und wie bestimmen? / Man könnte z.B. von mir verlangen, daß ich ein Farbmuster, ein rechteckiges Stück Papier von dieser Farbe, herstelle. Und // Ich könnte ein Stück Papier so färben und // ich sage nicht, daß so ein Vergleich ohne jedes Interesse / ist // wäre //, aber er zeigt, daß nicht von vornherein klar ist, wie Farbtöne zu vergleichen sind, und also: was hier "Farbengleichheit" bedeutet.

266. [/] Denken wir uns ein Gemälde in kleine Stücke von annähernd gleichmäßiger Färbung zerschnitten und diese Stücke dann als Steine eines Zusammenlegspiels verwendet. Auch dort, wo ein solcher Stein nicht einfärbig ist, soll er keine räumliche Form / andeuten lassen // erkennen lassen //, sondern als flacher Farbfleck erscheinen. Erst im Zusammenhang mit den andern wird er ein Stück Himmel, ein Schatten, ein Glanz, eine konkave oder konvexe Fläche etc.

267. [/] Man könnte also sagen, dies Zusammenlegspiel zeige die eigentlichen Farben der Stellen des Bildes.

268. [/] Man könnte geneigt sein, zu glauben, / eine // die // Analyse / unsrer // der // Farbbegriffe führe am Ende zu den Farben / von // der // Stellen unsres Gesichtsfelds, die von jeder räumlichen oder physikalischen Deutung unabhängig wären, denn hier gebe es weder Beleuchtung noch Schatten, noch Glanz, noch Durchsichtigkeit oder Undurchsichtigkeit, etc.

269. {/} [/] Was uns als einfärbiger, heller Strich ohne Breite auf dunklem Grunde erscheint, kann weiß aussehen, aber nicht grau. (?) Ein Planet könnte nicht hellgrau aussehen.

270. Würde man aber nicht unter Umständen den Punkt oder den Strich als grau *deuten*? (Denke an eine Photographie.)

271. [/] Sehe ich wirklich die Haare des Jungen auf der Photographie blond?! — Seh ich sie grau?

Schließe ich nur, daß, was auf dem Bild *so* ausschaut, in Wirklichkeit blond sein muß?

In *einem* Sinne *sehe* ich sie blond, in einem andern heller und dunkler grau.

272. 'Dunkelrot' und 'Schwarzrot' sind nicht gleichartige Begriffe. Ein Rubin kann in der Durchsicht dunkelrot erscheinen, aber, wenn er klar ist, nicht schwarzrot. Der Maler mag ihn / durch einen // als // schwarzroten Fleck darstellen, aber im Bild wird dieser Fleck nicht schwarzrot wirken. Er wird mit *Tiefe* gesehen, sowie das Flache dreidimensional erscheint.

273. [/] Im Film, wie auf der Photographie, sehen Gesicht und Haare nicht *grau* aus, sie machen einen ganz natürlichen Eindruck; Speisen auf einer Schüssel dagegen sehen im Film oft grau und darum unappetitlich aus.

274. [/] Wie heißt es aber, Haar sehe auf der Photographie blond aus? Wie zeigt sich's daß es so *aussieht*, und auf die Farbe nicht nur *geschlossen* wird? Welche unsrer Reaktionen läßt uns das sagen? — Sieht denn ein Kopf in Stein oder Gips nicht weiß aus?

275. [/] Wenn selbst das Wort "blond" blond *klingen* kann, wie viel eher können die photographierten Haare blond ausschaun!

276. [/] Nun, ich würde die Photographie ganz natürlich mit den Worten beschreiben: "An einer Maschine steht ein Mann mit dunklem und ein Junge mit zurückgekämmtem blondem Haar." So würde ich die *Photographie* beschreiben, und wenn Einer sagte, das beschreibe nicht sie, sondern die Objekte, die wahrscheinlich photographiert wurden, so könnte ich nur sagen, das Bild sieht so aus *als wären* die Haare von dieser Farbe gewesen.

277. [/] Wenn ich aufgefordert würde, die Photographie zu beschreiben, würde ich es in jenen Worten tun.

278. [/] Der Farbenblinde versteht die Aussage, er sei farbenblind. Der Blinde die, er sei blind. Aber sie können nicht alle Anwendungen dieser Sätze machen, die der Normale macht. Denn wie dieser Sprachspiele mit Farbworten z.B. beherrscht, die jene nicht erlernen können, so auch Sprachspiele mit den Worten "farbenblind" und "blind".

279. [/] Kann man dem Blinden beschreiben, wie das ist, wenn Einer *sieht*? — Doch; ein Blinder lernt ja manches über den Unterschied / zwischen ihm und dem // des Blinden vom // Sehenden. Und doch möchte man auf jene Frage Nein antworten. — Ist sie / [aber] // denn // nicht irreführend / gestellt? Kann man denn dem Sehenden beschreiben, wie das ist, wenn Einer sieht? Aber man *kann* ihm doch / erklären // beschreiben //, was Blindheit ist! D.h., man kann ihm das charakteristische Benehmen des Blinden beschreiben und man kann ihm die Augen verbinden. Anderseits kann man den Blinden nicht zeitweise sehend machen; wohl aber ihm das Benehmen des Sehenden beschreiben. // gestellt? Man kann einem, der nicht Fußball spielt, so wie einem, der es spielt, beschreiben, 'wie das ist, wenn Einer Fußball spielt', dem letztern vielleicht, / damit // daß // er die Beschreibung auf ihre Richtigkeit prüfe. //

280. [/] Kann man sagen 'Farbenblindheit' (oder 'Blindheit') sei ein Phänomen, 'Sehen' nicht?

Das würde etwa heißen: "Ich sehe" ist eine Äußerung, "Ich bin blind" nicht. Aber das ist doch nicht wahr. Man hält mich auf der Straße oft für blind. Ich könnte einem, der es tut, sagen "Ich sehe", d.h.: ich bin nicht blind.

281. [/] Man könnte sagen: Es ist ein Phänomen, daß es Leute gibt, die das und das nicht erlernen können. Dies Phänomen ist die Farbenblindheit. — Sie wäre also eine Unfähigkeit; das Sehen aber / die // eine // Fähigkeit.

282. [/] Ich sage dem B, der nicht Schach spielen kann: "A kann Schach nicht erlernen". B kann das verstehen. — Aber nun sage ich Einem, der überhaupt nicht im Stande ist, irgend ein Spiel zu erlernen, der und der könne ein Spiel nicht erlernen. Was weiß jener vom Wesen eines Spiels? Kann er z.B. nicht einen gänzlich falschen Begriff von einem Spiel haben? Nun, er mag verstehen, man könne weder ihn, noch den Andern zu einer Unterhaltung einladen, weil sie keine Spiele spielen können.

283. [/] Kommt alles, was ich hier sagen will, darauf hinaus, daß die Äußerung "Ich sehe einen roten Kreis" und die "Ich sehe, bin nicht blind" logisch verschieden sind? Wie prüft man einen Menschen, um zu finden, ob die erste Aussage wahr ist? wie, ob die zweite wahr ist? Die Psychologie lehrt Farbenblindheit zu konstatieren, und eben dadurch auch normales Sehen. Aber *wer* kann dies erlernen?

284. [/] Ich kann niemand ein Spiel lehren, das ich selbst nicht erlernen kann. Ein Farbenblinder kann dem Normalsehenden nicht den normalen Gebrauch der Farbwörter lehren. Ist das wahr? Er kann ihm das Spiel, den Gebrauch nicht *vorführen*.

285. [/] Könnte nicht der Angehörige eines farbenblinden Volkes auf den Gedanken kommen, sich fremdartige Menschen auszumalen (die wir "normalsehend" nennen würden)? Könnte er so einen normal Sehenden nicht z.B. auf dem Theater darstellen? Wie er auch einen darstellen kann, der die Gabe der Prophetie hat, ohne sie zu haben. Das ist zum mindesten denkbar.

286. [/] Wären aber Farbenblinde je darauf verfallen, sich selbst "farbenblind" zu nennen? — Warum nicht?

Wie aber könnten 'normal Sehende' den 'normalen' Gebrauch der Farbwörter erlernen, wenn sie die Ausnahmen in einer farbenblinden Bevölkerung wären? — Ist es nicht / möglich // denkbar //, daß sie eben Farbworte 'normal' gebrauchen, vielleicht, in den Augen der Andern, gewisse Fehler machen, bis diese die ungewöhnlichen Fähigkeiten endlich schätzen lernten?

287. [/] Ich kann mir vorstellen (ausmalen), wie es mir erscheinen wird, wenn ich / einen solchen // so einen // Menschen treffe.

288. [/] Ich kann mir vorstellen, wie ein Mensch handeln würde, dem das unwichtig ist, was mir wichtig ist. Aber kann ich mir seinen *Zustand* vorstellen? — Was heißt das? — Kann ich mir den Zustand Eines vorstellen, dem wichtig ist, was mir wichtig ist?

289. Ich könnte (auch) Einen genau nachmachen, der eine Multiplikation rechnet, ohne selbst das Multiplizieren erlernen zu können.

Und ich könnte dann Andre nicht multiplizieren lehren, obwohl es denkbar wäre, daß ich den Anstoß dazu gäbe, daß Einer es erlernt.

290. Ein Farbenblinder kann offenbar die Prüfung schildern, bei der seine Farbenblindheit zu Tage kam. Und was er / danach // hernach // schildern kann, das hätte er auch erfinden können.

291. [/] Kann man Einem höhere Mathematik beschreiben, außer indem man sie ihm beibringt? Oder auch: *Ist* dieser Unterricht eine *Beschreibung* der Rechnungsart? Einem das Tennisspiel beschreiben heißt *nicht*, es ihn lehren (u.u.). Anderseits: wer nicht wüßte, was Tennis ist und es nun spielen lernt, der weiß es dann. ("Knowledge by description and knowledge by acquaintance.")

292. [/] Wer absolutes Gehör hat, kann ein Sprachspiel erlernen, welches ich nicht erlernen kann.

293. Man könnte sagen, die Begriffe der Menschen zeigen, worauf es ihnen ankommt und worauf nicht. Aber nicht als *erklärte* das die besondern Begriffe, die sie haben. Es soll nur die Auffassung ausschließen, als hätten wir richtige, andre Leute falsche Begriffe. (Es gibt einen Übergang von einem Rechenfehler zu einer andern Art des Rechnens.)

294. [/] Wenn Blinde, wie sie es / gern // oft // tun, vom blauen Himmel und anderen / spezifisch visuellen Erscheinungen // spezifischen Gesichtserscheinungen // reden, sagt der Sehende oft "Wer weiß, was er

sich darunter vorstellt[?]". Warum sagt er es aber nicht von jedem andern Sehenden? Es ist natürlich überhaupt ein falscher Ausdruck.

295. Das, worüber ich so langwierig schreibe, kann einem Andern mit unverdorbenerem Verstande selbstverständlich sein.

296. Wir sagen: "Denken wir uns Menschen, welche *dieses* Sprachspiel nicht kennen." Aber damit haben wir noch keine klare Vorstellung vom Leben dieser Menschen, wo es vom unsern abweicht. Wir wissen noch nicht, was wir uns vorzustellen haben; denn das Leben jener Menschen soll ja im übrigen dem unsern entsprechen, und es ist erst zu bestimmen, was wir unter den neuen Umständen ein dem unsern entsprechendes Leben nennen würden.

Ist es nicht, als sagte man: Es gibt Menschen, die ohne den König Schach spielen? Es treten sofort Fragen auf: Wer gewinnt nun, wer verliert, u.a. Du mußt *weitere* Entscheidungen treffen, die Du in jener ersten Bestimmung noch nicht vorhersiehst. Wie Du ja auch die ursprüngliche Technik nicht übersiehst, nur daß sie Dir von Fall zu Fall geläufig ist.

297. Zur Verstellung gehört auch, daß man Verstellung beim Andern für möglich halte.

298. Wenn Menschen sich so benehmen, daß wir Verstellung vermuten möchten, aber diese Menschen zeigen untereinander kein Mißtrauen, dann ergeben sie doch nicht das Bild von Menschen, die sich verstellen.

299. 'Wir müssen uns immer wieder über diese Leute wundern.'

300. Wir könnten gewisse Leute auf der Bühne darstellen und ihnen Selbstgespräche (asides) in ihren Mund legen, die sie natürlich im wirklichen Leben nicht aussprachen, die aber doch ihren Gedanken entsprächen. Fremdartige Menschen aber könnten wir so nicht darstellen. Selbst, wenn wir ihre Handlungen voraussehen könnten, könnten wir ihnen keine passenden Selbstgespräche in den Mund legen.

Und doch ist auch in dieser Betrachtungsweise etwas Falsches. Denn Einer könnte, während er handelt, wirklich etwas zu sich selbst sagen, und dies könnte / z.B. // einfach // ganz konventionell sein.

301. Daß ich eines Menschen Freund sein kann, beruht darauf, daß er die gleichen, oder ähnliche *Möglichkeiten* hat wie ich selbst.

302. Wäre es richtig zu sagen, in unsern Begriffen spiegle sich unser Leben?

Sie stehen mitten in ihm.

303. / Die Regelmäßigkeit unsrer Sprache // Unsre Sprache // durchdringt unser Leben.

304. Von wem würden wir sagen, er habe unsern Begriff des Schmerzes nicht? Ich könnte annehmen, er kenne Schmerzen nicht, aber ich will annehmen, er kenne sie; er gibt also Schmerzäußerungen von sich und man könnte ihm die Worte "Ich habe Schmerzen" beibringen. Soll er auch fähig sein, sich seiner Schmerzen zu erinnern? — Soll er Schmerzäußerungen der Andern als solche erkennen; und wie zeigt sich das? Soll er Mitleid zeigen? — Soll er gespielten Schmerz *als solchen* verstehen?

305. "Ich weiß nicht, *wie* ärgerlich er war." "Ich weiß nicht, ob er *wirklich* ärgerlich war." — Weiß er's selbst? Nun fragt man ihn, und er sagt "Ja, ich war's".

306. Was ist denn das: die *Unsicherheit* darüber, ob der Andre ärgerlich war? Ist es ein Zustand der Seele des Unsichern? Warum soll der uns beschäftigen? Sie liegt in dem Gebrauch der Aussage "Er ist ärgerlich".

307. Aber Einer ist unsicher, der Andre kann sicher sein: er 'kennt den Gesichtsausdruck' dieses Menschen, wenn er ärgerlich ist. Wie lernt er dieses Anzeichen des Ärgers als solches kennen? Das ist nicht leicht zu sagen.

308. Aber nicht nur: "Was heißt es, über den Zustand des Andern unsicher sein?" — sondern auch: "Was heißt es '*Wissen*, sicher sein, daß jener sich ärgert'?"

309. Hier könnte man nun fragen, was ich denn eigentlich will, wieweit ich die Grammatik behandeln will.

310. {/} Es ist etwas gemeinsam der Sicherheit, daß er mich besuchen wird, und der Sicherheit, daß er sich ärgert. Es ist auch etwas dem Tennisspiel und dem Schachspiel gemeinsam, aber niemand würde hier sagen: "Ganz einfach: sie spielen beidemale, nur eben etwas andres."[48] Man sieht in *diesem* Falle die Unähnlichkeit mit "Er ißt einmal einen Apfel, ein andermal eine Birne", während man sie in jenem Fall nicht so leicht sieht.

311. {/} "Ich weiß, daß er gestern angekommen ist" — "Ich weiß, daß 2×2=4 ist." — "Ich weiß, daß er Schmerzen hatte" — "Ich weiß, daß dort ein Tisch steht."

312.[49] Ich weiß jedesmal, nur immer etwas anderes? *Freilich,* — aber die Sprachspiele / sind weit verschiedener, als (es) uns bei diesen Sätzen zu Bewußtsein kommt. // sind viel weiter von einander entfernt, als diese Ausdrücke es vermuten lassen. // // sind weit verschiedener, als die Sätze, die sagen was ich weiß. //

313. "Die Welt der Physikalischen Gegenstände und die Welt des Bewußtseins." Was weiß ich von *dieser*? Was mich meine Sinne lehren? Also, wie das ist, wenn man sieht, hört, fühlt etc. etc. — Aber lerne ich das wirklich? Oder lerne ich, wie das ist, wenn *ich jetzt* sehe, höre, etc. und *glaube*, daß es auch früher so war?

314. Was ist eigentlich die '*Welt*' des Bewußtseins? Da möchte ich sagen: "Was in meinem Geist vorgeht, jetzt in ihm vorgeht, was ich sehe, höre,...." Könnten wir das nicht vereinfachen und sagen: "Was ich jetzt sehe." [?] —

---

[48] Grifos ondulados, em ambas as margens, a partir deste ponto do parágrafo.

[49] Este parágrafo não está separado do anterior.

315. Die Frage ist offenbar: Wie 'vergleichen' wir physikalische Gegenstände — wie Erlebnisse?

316. Was ist eigentlich die 'Welt des Bewußtseins'? — Was in meinem Bewußtsein ist: was ich jetzt sehe, höre, fühle,..... — Und was, z.B., sehe ich jetzt? Darauf kann die Antwort nicht sein: "Nun, *alles das*", mit einer umfassenden Gebärde.

317. Wenn der an Gott Glaubende um sich sieht und fragt "Woher ist alles, was ich sehe?", "Woher das alles?", verlangt er *keine* (kausale) Erklärung; und der Witz seiner Frage ist, daß sie der Ausdruck dieses Verlangens ist. Er drückt also eine / Einstellung // Stellungnahme // zu allen Erklärungen aus. — Aber wie zeigt sich die in seinem Leben? Es ist die Einstellung, die eine bestimmte Sache ernst nimmt, sie aber dann an einem bestimmten Punkte[50] doch nicht ernst nimmt, und erklärt, etwas anderes sei noch ernster.

So kann Einer sagen, es ist sehr ernst, daß der und der gestorben ist, ehe er ein bestimmtes Werk vollenden konnte; und in anderem Sinne kommt's darauf gar nicht an. Hier gebraucht man die Worte "in einem tiefern Sinne".

Eigentlich möchte ich sagen, [daß es auch hier nicht auf die *Worte* ankommt, die man ausspricht, oder auf das, was man dabei denkt, sondern auf den Unterschied, den sie an verschiedenen Stellen im Leben machen.][51] Wie weiß ich, daß zwei Menschen das gleiche meinen, wenn jeder sagt, er glaube an Gott? Und ganz dasselbe kann man bezüglich der 3 Personen sagen. Die Theologie, die auf den Gebrauch / bestimmter // *gewisser* // Worte und Phrasen dringt und andere verbannt, macht nichts klarer. (Karl Barth.) Sie fuchtelt sozusagen mit Worten [herum, weil sie] etwas sagen will / und nicht weiß, wie man es ausdrücken kann // und es nicht auszudrücken weiß //. *Die Praxis* gibt den Worten ihren Sinn.

---

[50] Não fica claro se o grifo ondulado, aqui indicado, refere-se a estas palavras ou às de uma variante riscada.

[51] Indicamos, excepcionalmente, entre colchetes trecho a que se refere um grifo lateral ondulado.

318. Ich beobachte diesen Fleck. "Jetzt ist er *so*" — dabei zeige ich etwa auf ein Bild. Ich mag ständig das gleiche *beobachten*, und was ich *sehe*, mag dabei geichbleiben, oder sich (ver)ändern. Was ich beobachte und was ich sehe, hat nicht die gleiche (Art der) Identität. Denn die Worte "dieser Fleck" z.B. lassen die (Art der) Identität, die ich meine, nicht erkennen.

319. "Die Psychologie beschreibt die Phänomene der Farbenblindheit und auch des normalen Sehens." Was sind die 'Phänomene der Farbenblindheit'? Doch die Reaktionen des Farbenblinden, durch die er sich vom Normalen unterscheidet. Doch nicht *alle* Reaktionen des Farbenblinden, z.B. auch die, durch / welche // die // er sich vom Blinden unterscheidet. — Kann ich den Blinden lehren, was Sehen ist, oder kann ich den Sehenden / dies // es // lehren? Das heißt nichts. Was heißt es denn: das *Sehen* zu beschreiben? Aber ich kann Menschen die Bedeutung der Worte "blind" und "sehend" lehren, und zwar lernt sie der Sehende, wie der Blinde. Weiß denn der Blinde, wie das ist, wenn man sieht? Aber weiß es der Sehende?! Weiß er auch, wie es ist, Bewußtsein zu haben?

Aber kann nicht der Psychologe den Unterschied zwischen dem Benehmen des Sehenden und des Blinden beobachten? (Der Meteorologe den Unterschied zwischen Regen und Trockenheit?) Man könnte doch z.B. den Unterschied des Benehmens beobachten von Ratten, denen man die Barthaare genommen hat, und von unverstümmelten. Und das / könnte // müßte // man nennen vielleicht die Rolle dieses Tastapparates zu beschreiben — Das Leben der Blinden ist anders als das Leben der Sehenden.

320. Der Normale kann z.B. erlernen, nach Diktat schreiben. Was ist das? Nun, der Eine spricht, der Andre schreibt, was jener spricht. / Sagt er z.B. den Laut *a*, // Wenn er z.B. den Laut *a* sagt, // so schreibt der Andre das Zeichen "a" etc. — Muß nun nicht, wer diese Erklärung *versteht*, das Spiel entweder schon gekannt haben, nur vielleicht nicht unter diesem Namen, — oder es durch die Beschreibung / lernen // gelernt haben //? Aber Karl der Große hat gewiß das Prinzip des Schreibens verstanden, und doch nicht schreiben lernen können. So kann also auch der die Beschreibung der Technik verstehen, der / diese // sie // nicht erlernen kann. Aber es gibt

eben zwei Fälle des Nicht-erlernen-könnens. In einem erlangen wir bloß eine Fertigkeit nicht, im andern fehlt uns das Verständnis. Man kann Einem ein Spiel *erklären*: Er mag diese Erklärung verstehen, aber das Spiel nicht erlernen können, oder unfähig sein, eine Erklärung des Spiels zu verstehen. Es ist aber auch das Umgekehrte denkbar.

321. "Du siehst den Baum, der Blinde sieht ihn nicht." Das müßte ich einem Sehenden sagen. Und also einem Blinden: "Du siehst den Baum nicht, wir sehen ihn"? Wie wäre das, wenn der Blinde zu sehen glaubte, oder ich glaubte, ich könne nicht sehen?

322. Ist es ein Phänomen, daß ich den Baum sehe? Es ist eins, daß ich dies richtig als Baum erkenne, daß ich nicht blind bin.

323. "Ich sehe einen Baum" als Äußerung des visuellen Eindrucks, ist es die Beschreibung eines Phänomens? *Welches* Phänomens? Wie kann ich Einem dies erklären?

Und ist es nicht doch für den Andern ein Phänomen, daß *ich* diesen Gesichtseindruck habe? Denn es ist etwas, was er beobachtet, aber nicht etwas, was ich beobachte.

Die Worte "Ich sehe einen Baum" sind nicht die Beschreibung eines Phänomens. (Ich könnte z.B. nicht sagen "Ich sehe einen Baum! wie merkwürdig!", / wohl aber // aber wohl //: "Ich sehe einen Baum, obwohl keiner da ist. Wie merkwürdig!")

324. Oder soll ich sagen: "Der Eindruck ist kein Phänomen; daß L. W. diesen Eindruck hat, ist eins"?

325. (Man könnte sich denken, daß Einer den Eindruck, gleichsam wie einen Traum, vor sich hin spricht, ohne das Pronomen der ersten Person.)

326. Beobachten ist nicht das gleiche wie betrachten, oder anblicken.

"Betrachte diese Farbe und sag, woran sie Dich erinnert." Ändert sich die Farbe, so betrachtest Du nicht mehr die, welche ich meinte.

Man beobachtet, um zu sehen, was man nicht sähe, wenn man nicht beobachtet.

327. Man sagt etwa: "Betrachte diese Farbe für einige Zeit." Das tut man aber nicht, um mehr zu *sehen*, als man auf den ersten Blick gesehen hätte.

328. [/] Könnte es in einer "Psychologie" der Satz stehen: "Es gibt Menschen, welche *sehen*"?

Nun, wäre das falsch? — Aber wem wird hier etwas mitgeteilt? (Und ich meine nicht nur: was mitgeteilt wird, sei schon längst bekannt.)

329. [/] Ist mir bekannt, daß ich sehe?

330. Man könnte sagen wollen: Wenn es solche Menschen nicht gäbe, so auch den Begriff des *Sehens* nicht. – Aber könnten nicht Marsbewohner so etwas sagen? Sie haben etwa durch Zufall zuerst lauter Blinde bei uns kennen gelernt.

331. [/] Und wie kann es unsinnig sein, zu sagen "Es gibt Menschen, welche sehen", wenn es nicht unsinnig ist, zu sagen, es gibt Menschen, welche blind sind?

Aber der Sinn des Satzes "Es gibt Menschen, welche sehen", d.h. seine mögliche Verwendung, ist jedenfalls nicht sogleich klar.

332. Könnte das Sehen nicht *Ausnahme* sein? Aber *beschreiben* könnten es weder die Blinden, noch die Sehenden, es sei denn als Fähigkeit das und das zu tun. Z.B. auch, gewisse Sprachspiele zu spielen;[52] aber da muß man achtgeben, wie man diese Sprachspiele beschreibt.

333. Sagt man "Es gibt Menschen, welche sehen", so folgt die Frage: "Und was *ist* 'sehen'?" Und wie soll man sie beantworten? Indem man dem Fragenden den Gebrauch des Wortes "sehen" beibringt?

334. Wie wäre es mit dieser Erklärung: "Es gibt Menschen, die sich benehmen wie Du und ich, und nicht wie dieser da, der Blinde."?

---

[52] Grifo lateral ondulado a partir deste ponto do parágrafo.

335. "Du kannst, mit offenen Augen, über die Straße gehen, ohne überfahren zu werden, etc."

Die Logik der *Mitteilung*.

336. Damit, daß ein Satz von der Form / der // einer // Mitteilung eine Verwendung hat, ist noch nichts über die *Art* / dieser // seiner // Verwendung gesagt.

337. Kann der Psychologe mir mitteilen, was Sehen ist? Was *nennt* man "mitteilen, was Sehen ist"?

Nicht der Psychologe lehrt mich den Gebrauch des Wortes "sehen".

338. [/] Wenn der Psychologe / uns mitteilt // sagt // "Es gibt Menschen, welche sehen", so können wir ihn fragen "Und was nennst Du 'Menschen welche sehen'?" Darauf wäre die Antwort von der Art "Menschen, die unter den und den Umständen so und so reagieren, sich so und so benehmen". "Sehen" wäre ein Fachwort [des Psychologen], das er uns erklärt. Sehen ist dann etwas, was er an den Menschen beobachtet hat.

339.[53] Wir lernen die Ausdrücke "ich sehe...", "er sieht..." etc. gebrauchen, ehe wir zwischen Sehen und Blindheit unterscheiden lernen.

340. "Es gibt Menschen, welche reden können.", "Ich kann einen Satz sagen.", "Ich kann das Wort 'Satz' aussprechen.", "Wie Du siehst, bin ich wach.", "Ich bin hier."

341. Es gibt doch eine Belehrung darüber, unter welchen Umständen ein gewisser Satz eine Mitteilung sein kann. Wie soll ich diese Belehrung nennen?

342. Kann man sagen, ich habe *beobachtet,* daß ich und Andre mit offenen Augen gehen können, ohne anzustoßen, und daß wir's mit geschlossenen Augen nicht können?

---

[53] Este parágrafo não está separado do anterior.

343. Wenn ich Einem mitteile, ich sei nicht blind, ist das eine Beobachtung? Ich kann ihn jedenfalls durch mein Benehmen davon überzeugen.

344. Ein Blinder könnte leicht herausfinden, ob auch ich blind sei; indem er z.B. eine bestimmte Handbewegung macht und mich fragt, was er getan hat.

345. Können wir uns nicht einen blinden Volksstamm denken? Könnte er nicht unter besondern Bedingungen lebensfähig sein? Und könnte es nicht als Ausnahme Sehende geben?

346. Angenommen, ein Blinder sagte zu mir: "Du kannst gehen, ohne irgendwo anzustoßen, ich kann es nicht." — wäre der erste Teil des Satzes eine Mitteilung?

347. Nun, er sagt mir nichts Neues.

348. Es scheint Sätze zu geben, die den Charakter von Erfahrungssätzen haben, deren Wahrheit aber für mich unanfechtbar ist. D.h., wenn ich annehme, daß sie falsch sind, muß ich allen meinen Urteilen mißtrauen.

349. Es gibt jedenfalls Irrtümer, die ich als gewöhnlich hinnehme, und solche, die andern Charakter haben, und von meinen übrigen Urteilen als eine vorübergehende *Verwirrung* abgekapselt werden müssen. Aber gibt es nicht auch Übergänge zwischen diesen beiden[?]

350. Wenn man den Begriff des Wissens in diese Untersuchung bringt, so nützt das nichts; denn Wissen ist nicht ein psychologischer Zustand, durch dessen Besonderheiten sich nun allerlei erklärt. Die besondere Logik des Begriffs "wissen" ist vielmehr nicht die des psychologischen Zustands.[54]

[54] Provavelmente, Wittgenstein concluiu *BF III* em casa de von Wright, tendo levado *BF II* e *BF III* para casa de Anscombe, em Oxford, em 25 de abril de 1950.

Bemerkungen über die Farben IV (BF IV): MS 169, vol. 71 da edição da Cornell University, folhas 77 a 80:

(...)

1. Wir malen ein gelbes, grünes, blaues, rotes klar durchsichtiges Glas mit verschiedenen Hintergründen, so daß uns deutlich wird, worin der Augenschein der färbigen Klarheit besteht. Und nun wollen wir nach Analogie jener Fälle das Bild eines weißen klar durchsichtigen Glases malen.

2. Wir können uns hier physikalisch ausdrücken, obwohl uns das Physikalische nicht interessiert. Es ist ein gutes Bild dessen, was wir beschreiben wollen. — Ein klares gelbes Glas reflektiert kein gelbes Licht in's Auge, also scheint uns das Gelb nicht im Glas lokalisiert. Mattes Schwarz durch gelbes Glas gesehen ist schwarz, Weiß ist gelb. Also muß, nach Analogie, Schwarz durch klares Weiß schwarz erscheinen, Weiß weiß, also ganz so wie durch ein farbloses Glas. — Soll nun Rot weißlich erscheinen? also rosa? Aber wie wird dann ein dunkles Rot, das sich gegen das Schwarze zuneigt, erscheinen? Es sollte ein schwärzliches Rosa, also ein Graurot werden, aber dann dürfte Schwarz nicht schwarz bleiben.

3. Mit 'reinem Weiß' meint man oft die hellste der Farben, mit Schwarz die dunkelste; aber nicht auch mit reinem Gelb, Rot, etc.

4. Weiß durch Gelb gesehen würde nicht gelblichweiß, sondern *Gelb*. Gelb durch Weiß gesehen, soll es weißlichgelb oder Weiß werden? Im ersten Fall wirkt das 'weiße' Glas wie farbloses, im zweiten wie undurchsichtiges.

5. Ich will also sagen: Der *'reine'* Farbbegriff, den man sich aus unsern gewönlichen Farbbegriffen machen möchte, ist eine Chimäre. Es gibt freilich verschiedene Farbbegriffe und unter ihnen solche, die man reiner und unreiner nennen kann.

6. Statt "Chimäre" hätte ich sagen können "falsche Idealisierung".

Falsche Idealisierungen sind vielleicht die platonischen Ideen.

Wenn es so etwas gibt, dann muß, wer falsch idealisiert, Unsinn reden, — weil er eine Redeweise, die in *einem* Sprachspiel gilt, in einem andern, wo sie nicht hingehört, verwendet.

7. Wenn Typen irgendwo aufgehoben sind, wer sagt, *welche* Typen? — Alle, die sich denken lassen?!

8. Was ist die ideale Representation der Farben? Ist es nicht so etwas, wie durch eine Röhre schauen und einen kleinen roten Kreis (z.B.) sehen? — Und soll ich nun die Farben nach dieser Erfahrung nennen? Gut, aber nun muß ich diese Farbwörter doch auch in ganz anderen Fällen anwenden. Und wie soll ich sie mit den Farben um mich herum vergleichen? Und wie nützlich wird so ein Vergleich sein? — Oder ist die ideale Weise, eine Farbe zu zeigen, das ganze Gesichtsfeld mit ihr zu erfüllen? Wie wenn man den Blick gegen den blauen Himmel richtet? Aber die alte Frage besteht auch hier. Denn vergiß auch nicht, daß Dein Blick schweift und es nicht *die* Beschreibung dessen gibt, was Du siehst.

———|———

(...)[55]

[55] O manuscrito se encerra após mais três parágrafos, na folha 81, tendo um total de 161 páginas.

ANOTAÇÕES SOBRE AS CORES
I, II, III e IV

Anotações sobre as Cores I: MS 176, vol. 78 da edição da Cornell University:[56]

1. Um jogo de linguagem: Relatar sobre se um certo corpo é mais claro ou mais escuro que um outro. — Mas então há um aparentado: Declarar sobre a proporção entre as claridades de certos tons de cor. (Com isto é comparável: Determinar a proporção entre os comprimentos de dois bastões — e determinar a proporção entre dois números.) — A forma das proposições em ambos os jogos de linguagem é a mesma: "x é mais claro que y". Mas no primeiro está uma relação externa e a proposição é temporal, no segundo uma relação interna e atemporal a proposição.[57]

2. Em uma pintura, na qual um pedaço de papel branco recebe sua claridade do céu azul, este é mais claro que o papel branco. E, todavia, em um outro sentido, o azul é a cor mais escura, o branco a mais clara. (Goethe). Na paleta, o branco é a mais clara das cores.[58]

3. Afirma Lichtenberg: só poucos homens já teriam visto um branco puro. Assim, a maioria acaso emprega errado a palavra? E como *ele* aprendeu o uso correto? — Ele construiu, a partir do uso costumeiro, um uso ideal. E isto não significa um uso melhor, mas apenas um refinado em certa direção e no qual algo foi exagerado.[59]

---

[56] Folhas 1 a 22 de MS 176. As folhas 22 a 80 contêm os §§ 426 a 637 de *Über Gewißheit*.
[57] Cf. *BF III*, § 131.
[58] Cf. *BF III*, §§ 57 e 132.
[59] Cf. *BF III*, § 35.

4. E certamente um uso assim construído pode de novo instruir-nos sobre o uso efetivo.[60]

5. Se digo de um papel que ele seja branco puro, e fosse disposta neve junto ao papel e este então parecesse cinza, com razão porém nomeá-lo-ia ainda branco em sua ambiência normal, e não cinza claro. Poderia ser que eu, talvez em laboratório, empregasse um conceito mais refinado de branco (como também, por exemplo, um mais refinado conceito da exata determinação do tempo).[61]

6. O que permite afirmar que o verde seja uma cor primária e não uma cor mista de azul e amarelo? Seria correto dizer: "Isto só se pode reconhecer de modo imediato ao se observar as cores"? Mas como eu sei que com as palavras "cor primária" quero dizer o mesmo que outrem também inclinado a chamar o verde uma cor primária? Não, — aqui decidem jogos de linguagem.[62]

7. / Há // Há verdes mais ou menos azulados (ou amarelados) e há // a tarefa de misturar a um dado verde-amarelo [ado] (ou verde-azul [ado]) um menos amarelado (ou azulado), — ou a de escolher entre várias amostras de cor. Um verde menos amarelado não é porém um azulado (e vice-versa), e há também a tarefa de escolher, ou de misturar, um verde que não seja amarelado nem azulado. Eu digo "ou de misturar", porque um verde, uma vez produzido através de alguma espécie de mistura de amarelo e azul, não se torna por isso ao mesmo tempo azulado e amarelado.[63]

8. Os homens poderiam possuir o conceito de cor intermediária ou de cor mista mesmo se nunca tivessem produzido cores por mistura (em qualquer que seja o sentido). Seria possível em seus jogos de linguagem tratar-se sempre apenas de procurar, de escolher, cores intermediárias ou mistas já presentes.

---

[60] Cf. *BF III*, § 36.
[61] Cf. *BF III*, § 160.
[62] Cf. *BF III*, § 158.
[63] Cf. *BF III*, § 158.

9. Ainda que então o verde não seja uma cor intermediária entre o amarelo e o azul, não poderia haver pessoas para as quais há um amarelo azulado, um verde avermelhado? Pessoas portanto cujos conceitos de cor se desviassem dos nossos — como também se desviam os conceitos de cor dos cegos para cores daqueles das pessoas normais. E nem todo desvio do normal precisa ser uma cegueira, um defeito.

10. A quem aprendeu a encontrar, ou a misturar, para um dado matiz um mais amarelado, ou mais esbranquiçado, ou mais avermelhado, e assim por diante, a quem portanto conhece o conceito de cor intermediária, solicita-se (então) que nos mostre um verde avermelhado. Ele pode simplesmente não entender a ordem e talvez reaja como se lhe tivessem pedido para apontar, após uma série de polígonos regulares de quatro, cinco, seis ângulos, uma figura plana regular de um só ângulo. Mas como, se ele sem hesitar apontasse para uma amostra de cor (digamos, para um marrom enegrecido, como nós o / chamaríamos // descreveríamos //)?[64]

11. Quem conheça um verde avermelhado deveria estar em condições de produzir uma seqüência colorida que comece com o vermelho, termine com o verde e forme, talvez também para nós, uma passagem contínua entre eles. Mostrar-se-ia então que, lá onde vemos o mesmo tom, por exemplo, de marrom, ele vê ora marrom ora verde avermelhado; que ele por exemplo pode diferençar pela cor dois compostos químicos que para nós têm a mesma cor, e nomeia um deles marrom e o outro verde avermelhado.[65]

12. Imagine que todos os homens, com raras exceções, fossem cegos para verde-vermelho. Ou ainda este outro caso: todos os homens fossem ou cegos para verde-vermelho ou para azul-amarelo.

---

[64] Cf. *BF III*, § 162.
[65] Cf. *BF III*, § 163.

13. Imaginemos um *povo* de cegos para cores[66] — e tal poderia haver facilmente. Eles não teriam os nossos mesmos conceitos de cor. Pois ainda supondo que falassem, por exemplo, alemão e tivessem portanto todas as palavras alemãs para cores, eles as usariam entretanto diferentemente de nós, e diferentemente *aprenderiam* a usá-las.

Ou então eles teriam uma língua estrangeira, e assim tornar-se-ia difícil para nós traduzir suas palavras para cores nas nossas.

14. Mas mesmo se houvesse homens para os quais fosse natural empregar /de modo // de um modo // conseqüente / a expressão // a palavra // "verde avermelhado" ou "azul amarelado"[67] e que nisto talvez também exibissem aptidões que nos faltam, ainda assim não seríamos obrigados a reconhecer que vejam *cores* que nós não vemos. Não há decerto qualquer critério em geral reconhecido para o que seja uma cor, salvo o de ser uma de nossas cores.[68]

15. Em cada problema filosófico sério, a incerteza desce às raízes.

---

[66] Traduzir 'Farbenblind' por 'daltônico' e 'Farbenblindheit' por 'daltonismo' reduziria o âmbito do conceito por sua alusão à cegueira para o vermelho do célebre físico, químico e naturalista inglês John Dalton (1766-1844). E, em verdade, é tão freqüente a associação da cegueira para cores com o caso específico do daltonismo que, se dizemos a alguém que não enxergamos cores, sua primeira e imediata reação costuma ser a de procurar à volta um objeto verde ou vermelho, como a providenciar assim um *experimentum crucis* para nossa afirmação. E também Wittgenstein recorre a exemplos próprios de um caso clássico de daltonismo, como quando compara a maçã verde com a vermelha (Cf. *BF III*, §§ 166-170). Nós temos porém que levar em conta uma variedade bem maior, cujas fronteiras são por vezes bastante lábeis, como por exemplo as que separam a 'protanopsia' (cegueira para o vermelho, que seria o caso preciso do daltonismo) e a 'protanomalia' (uma percepção fraca do vermelho, incapaz de diferençar certos matizes), a 'deuteranopsia' e a 'deuteranomalia' (cegueira ou fraqueza para o verde) e o raro caso da 'tritanopsia' e da 'tritanomalia' (cegueira e fraqueza para o azul, chamada aliás por Goethe de 'Akyanoblepsie' e tendo ele fornecido um modelo de como o mundo seria visto por um cego para o azul). 'Acromatópico' e 'acromatopsia' sugeririam a radical situação de quem não distingue senão salvo o branco, o preto e o cinza. 'Discromatópico' e 'discromatopsia' nomeiam, em certa literatura, o caso em que a vista confunde algumas cores com outras que sabe distinguir. Aqui é bastante extensa a variação de cegueiras ou anomalias perceptivas, predispondo-se melhor os termos à vagueza com que Wittgenstein usa os correlatos alemães, mas excluiria o caso extremo da monocromasia e teria o inconveniente de substituir expressões que são de uso corrente por tecnicismos duvidosos. Logo, 'cego para cores' e 'cegueira para cores'.

[67] Em alemão, conformam uma só unidade: "rötlichgrün" e "gelblichblau".

[68] Cf. *BF III*, § 42.

É preciso sempre estar preparado para aprender algo *completamente* novo.[69]

16. A descrição do fenômeno da cegueira para cores é da alçada da psicologia: portanto também a descrição do fenômeno do ver normal? A psicologia descreve apenas os *desvios* da cegueira para cores em relação ao ver normal.[70]

17. Runge (na carta reproduzida por Goethe em sua Doutrina das Cores) afirma haver cores transparentes e não-transparentes.[71] O branco seria uma cor não-transparente.

Isto mostra a indeterminação no conceito de cor, ou ainda de identidade de cor.[72]

18. Pode ou não um vidro verde transparente ter a mesma cor de um papel não-transparente? Se um tal vidro fosse representado em uma pintura, então as cores na paleta não seriam transparentes. Quiséssemos dizer que a cor do vidro seria transparente também na pintura, então precisaríamos nomear como sua *cor* o complexo de manchas coloridas que representam o vidro.

19. Como se explica que algo transparente possa ser verde mas não branco?

Há transparência e reflexão [espelhamento] apenas na dimensão de profundidade / da // de uma // imagem visual.

A impressão do meio transparente é a de que algo se encontra *atrás* do meio. Uma imagem visual plenamente monocromática não pode ser transparente.[73]

---

[69] Cf. *BF III*, §§ 44 e 45.

[70] Cf. *BF III*, §§ 55 e 165 .

[71] Resistimos à tentação de traduzir 'undurchsichtig' por 'opaco'. É claro que essa escolha seria de todo legítima, mas acreditamos relevante preservar na matéria do texto, bastante visível, a oposição entre 'durchsichtig' e 'undurchsichtig'.

[72] Cf. *BF III*, §§ 76 e 78.

[73] Cf. *BF III*, §§ 150 e 172.

20. Algo branco atrás de um meio transparente colorido aparece na cor do meio, algo preto aparece preto. Conforme a esta regra, o preto sobre um fundo branco precisa ser visto através de um meio 'branco transparente' como através de um meio incolor.[74]

21. Runge: "Caso alguém deseje imaginar um laranja azulado, um verde avermelhado, ou um violeta amarelado, sentir-se-ia como em um vento norte vindo do sudoeste..... Branco e preto são ambos não-transparentes ou corpóreos..... Água branca que seja pura é tão inimaginável quanto o leite cristalino."[75]

22. Não queremos encontrar uma teoria das cores (quer uma fisiológica, quer uma psicológica), mas sim a lógica dos conceitos de cor. Esta porém cumpre o que amiúde se espera, sem razão, de uma teoria.[76]

23. "Água branca é inimaginável etc." Isto significa: não se pode descrever (por exemplo, pintar) como apareceria algo branco-cristalino, e isto significa: não se sabe qual descrição, qual apresentação, estas palavras nos solicitam.[77]

24. Não é sem mais claro de qual vidro transparente se deva dizer que tenha a *mesma cor* de uma amostra de cor não-transparente. Se eu digo "Procuro um vidro *desta* cor" (no que indico um papel colorido), então isto

---

[74] Cf. *BF III*, § 173.

[75] (Cf. *BF III*, § 94) A 'klar' corresponde límpido, não-turvo, como um cristal. É preciso ter cuidado com o termo, pois, em certos contextos, em oposição a 'obscuro', pode sim ser traduzido por claro, como quando afirma Wittgenstein ser ou não clara certa idéia. Quando porém 'klar' se opõe a 'trüb' (turvo), julgamos acertado traduzi-lo por 'cristalino'. Mesmo que também em nossa língua a distinção possa desaparecer, como na frase de Castro Soromenho "Isso é claro como água" (*Terra Morta*, Lisboa, Sá da Costa, s.d., p. 101), ela deve ser marcada, inclusive em atenção à frase de Runge citada por Wittgenstein e, mais ainda, à parte significativamente supressa: "Man darf sich an dem Ausdruck weißes Glas nicht stoßen, womit man klares meint" ("Não se deve deixar incomodar pela expressão vidro branco, quando com ela se quer dizer cristalino." Cf. Carta de Runge a Goethe, in Goethe, J. W., *Schriften zur Farbenlehre*, p. 239). Além disso, em sentido técnico, 'claro' também será usado para traduzir 'hell', termo oposto a 'dunkel' (escuro).

[76] Cf. *BF III*, § 188.

[77] Cf. *BF III*, § 187.

significará talvez que algo branco, visto através do vidro, deve assemelhar-se a minha amostra.

É a amostra rosa, azul celeste, lilás, então imaginar-se-á *turvo* o vidro, mas talvez outrossim cristalino e apenas de leve coloração avermelhada, azulada ou violeta.[78]

25. No cinema pode-se às vezes ver os acontecimentos do filme como se estivessem atrás da tela e esta porém transparente, como se fora uma lâmina de vidro. O vidro tomaria das coisas suas cores e deixaria passar apenas o branco, o cinza e o preto. (/ Não praticamos aqui física // Não falamos aqui à maneira da física //, mas sim consideramos o branco e o preto como cores tanto quanto o verde e o vermelho.) — Poder-se-ia portanto pensar que nós imaginamos / uma lâmina de vidro // um vidro // passível de ser chamada(o) de branca(o) e transparente. Entretanto, nós não estamos tentados a chamá-la(lo) assim: Quebra-se portanto em algum lugar a analogia, por exemplo, com um vidro verde transparente?[79]

26. De uma lâmina verde talvez digamos: ela dá às coisas atrás dela uma coloração verde; portanto sobretudo / às coisas brancas atrás dela // a algo *branco* //.

27. "Não se pode imaginar isto", quando se trata de lógica, significa: não se sabe o que se deve imaginar aqui.

28. Dir-se-ia / da // de minha // fictícia lâmina de vidro no cinema que ela dá às coisas atrás dela uma coloração branca?

29. Construa a partir das regras para a aparência do que é colorido transparente // do transparente e coloreado[80] //, que você retira do verde

---

[78] Cf. *BF III*, § 181.

[79] Cf. *BF III*, §§ 175 e 184.

[80] É claro que 'colorido', 'corado', 'colorado' e 'coloreado', que indicam uma propriedade ou uma ação sofrida, traduzem tanto 'färbig' quanto 'gefärbt'. Nós tentamos apenas indicar o diferente uso, sem que julguemos necessário respeitar uma completa uniformidade. Já deve ter ficado evidente a dificuldade em encontrar um correspondente preciso para o rico vocabulário de Wittgenstein sobre cores. E nesta riqueza está grande parte de sua dificuldade, porquanto sua fonte é múltipla, do vocabulário de Goethe ao da psicologia da

transparente, do vermelho, etc., a aparência do branco transparente! Por que não funciona?

30. Todo meio coloreado absorve luz, escurece o que é visto através dele: Então meu vidro branco também deve escurecer? E quanto mais grosso, tanto mais escurecerá? / Destarte ele seria sim um vidro escuro! //Destarte ele seria realmente um vidro escuro! //[81]

31. *Por que* não se pode imaginar um vidro / branco transparente // transparente branco //, — mesmo se na realidade não há nenhum? Onde fracassa a analogia com o / transparente colorido // coloreado transparente //?

32. Proposições são amiúde usadas na fronteira entre a lógica e a empiria,[82] de sorte que seu significado muda de um lado para outro por sobre a fronteira e elas valem ora como expressão de uma norma, ora como expressão de uma experiência.

(Pois de modo algum é uma ocorrência psíquica concomitante — como se imaginam os 'pensamentos' —, mas sim o emprego que diferencia a proposição lógica da proposição de experiência.)[83]

33. Fala-se da 'cor do ouro' e não se quer dizer com isso amarelo. "Dourado" é a propriedade de / uma superfície // um plano // que brilha ou cintila.

Gestalt, da física a seus conhecimentos das artes plásticas. Apesar da dificuldade presente e do risco de confundir as fontes do seu vocabulário, algumas correspondências não deixam de ser seguidas nesta tradução, a exemplo de: Farbton - matiz; Farbstoff - matéria de cor; Stoffarbe - cor de matéria; Zwischenfarbe - cor intermediária; Mischfarbe - cor mista; Farbenblindheit - cegueira para cores; klar - cristalino, quando referido a cores, ou claro, quando oposto a obscuro; trüb - turvo; hell - claro; dunkel - escuro; Farbenmuster - amostra de cor.

[81] Cf. *BF III*, § 192.

[82] Servimo-nos aqui de expressão não incorporada exatamente ao vernáculo, salvo em derivados como 'empírico' ou 'empirismo', para registrar um traço do estilo de Wittgenstein, que costuma alternar palavras de extração germânica com outras de origem grega ou latina, produzindo muita vez um efeito de maior abstração.

[83] Cf. *BF III*, § 19.

34. Há vermelho ardente e branco ardente: Como pareceria, porém, um marrom ardente ou um cinza ardente? Por que não se pode imaginar este como um grau menos intenso do branco ardente?[84]

35. "A luz é incolor." Se o for, então no sentido em que os números são incolores.

36. O que *parece* luminoso não parece cinza. Todo cinza *parece* iluminado.[85]

37. O que se vê como luminoso não se vê como cinza. Mas decerto pode-se vê-lo como branco.[86]

38. Poder-se-ia portanto ver algo *agora* como pouco luminoso *agora* como cinza.[87]

39. Eu não digo (como os psicólogos da Gestalt) que a *impressão do branco* se produz dessa ou daquela maneira. Antes a questão é, precisamente, o que seria a impressão do branco — qual é o significado desta expressão, a lógica do conceito.[88]

40. Pois não é da alçada da física ou psicologia da cor que não se possa imaginar algo 'cinza ardente'.[89]

41. Sou informado de que uma certa substância queimaria com uma chama cinza. Sem dúvida, eu não conheço a cor das chamas de todas as substâncias; por que então isto não deveria ser possível?[90]

42. Fala-se de um 'brilho vermelho escuro', mas não de um 'vermelho-negro'.[91]

---

[84] Cf. *BF III*, § 216.
[85] Cf. *BF III*, § 224.
[86] Cf. *BF III*, § 226.
[87] Cf. *BF III*, § 225.
[88] Cf. *BF III*, § 221.
[89] Cf. *BF III*, § 222.
[90] Cf. *BF III*, § 223.
[91] Cf. *BF III*, § 227.

43. Uma superfície branca lisa pode refletir [espelhar]: Como, então, se nos enganamos e o que nela aparecia refletido *realmente* estivesse atrás da superfície e sendo visto através dela? Seria ela então branca e transparente?[92]

44. Fala-se de um espelho 'negro'. Porém, / onde // se // ele reflete, não deixa de escurecer, mas não parece negro, e o que é visto por ele não parece 'sujo', senão 'profundo'.[93]

45. A não-transparência não é uma *propriedade* da cor branca. Tão pouco quanto a transparência seria uma propriedade da cor verde.

46. E também não basta dizer que a palavra "branco" seria precisamente aplicada apenas para a aparência de superfícies. Poderíamos bem ter duas palavras para "verde": uma apenas para superfícies verdes, a outra para objetos verdes transparentes. Permanece pois a questão acerca de por que não há, para algo transparente, uma palavra de cor correspondente à palavra "branco".

47. Um meio através do qual uma amostra preta e branca (um tabuleiro de xadrez) apareça inalterada não será chamado um meio branco, ainda que, através dele, as outras cores percam em coloração.[94]

48. Poder-se-ia não querer chamar de "branco" / um brilho branco // uma luminosidade branca // e só chamar assim / o que se vê como cor de uma superfície. // o que ao olho aparece como cor de uma superfície. //

49. Dois lugares de minha ambiência que, em um sentido, eu *vejo* como de mesma cor, em outro sentido, / pode um deles aparecer-me como branco, e o outro como cinza. // posso ver um deles como branco, e o outro como cinza. //

---

[92] Cf. *BF III*, § 236.
[93] Cf. *BF III*, §§ 70 e 237.
[94] Cf. *BF III*, § 243.

Em um contexto, esta cor para mim é branca em uma má iluminação; em outro, é cinza em boa iluminação.

Estas são proposições sobre os conceitos 'branco' e 'cinza'.[95]

50. O balde diante de mim é esmaltado branco brilhante; seria absurdo chamá-lo de "cinza", ou dizer "Eu vejo na verdade um cinza claro". Mas ele tem uma luminosidade branca que é bem mais clara do que sua superfície restante, e esta está / em parte contra, em parte a favor da luz // em parte na luz, em parte na sombra //, sem contudo aparecer diferentemente coloreada. (*aparecer*, não apenas *ser*.)[96]

51. Não é o mesmo dizer: a impressão do branco ou do cinza é produzida (causalmente) sob / tais // *estas* // condições, e dizer: ela é uma impressão em um determinado contexto de cores e formas.[97]

52. O branco como *cor de matéria* (no sentido em que se diz: a neve é branca) é mais claro do que qualquer outra cor de matéria; o preto mais escuro.[98] *Aqui* a cor é um escurecimento; e, sendo supressa da matéria cada cor, permanece o branco; e por isso pode-se chamá-lo de "incolor".

53. Embora não haja fenomenologia, há decerto problemas fenomenológicos.[99]

---

[95] Cf. *BF III*, § 245.

[96] Cf. *BF III*, § 246.

[97] Cf. *BF III*, § 229.

[98] Este, o emprego indevidamente generalizado por Goethe, ou melhor, um emprego conforme ao que seria o "fenômeno primordial" da cor (Cf. Goethe, J. W., *Zur Farbenlehre*, § 175). Traduzimos aqui 'Stoffarbe' por 'cor de matéria' e adiante, para conservar uma relação interna às palavras, evitaremos traduzir 'Farbstoff' pelo natural e correto 'tinta'; preferimos utilizar a expressão 'matéria de cor'. Importa notar que, *auf der Pallete*, antes da ocorrência no quadro, as cores são postas isoladas, outras são obtidas por mistura. Em todos estes casos, a cor, obtida por síntese subtrativa, escurece, dirige-se do branco ao preto. O branco e o preto (die hellste und die dunkleste Farbe) são pois os limites conceituais, inamovíveis, postos por esse emprego, bastante conforme à imagem de Goethe, que torna as cores aparentadas ao cinza (Cf. Goethe, J. W., *Zur Farbenlehre*, § 259).

[99] Cf. *BF III*, § 248.

54. Que nem todos os conceitos de cor sejam da mesma espécie lógica, vê-se facilmente. Por exemplo, a diferença entre os conceitos 'cor de ouro' ou 'cor de prata' e 'amarelo' ou 'cinza'.[100]

55. Uma cor '*brilha*' em um contexto (assim como os olhos sorriem apenas em um rosto). Uma cor 'enegrecida' — por exemplo, o cinza — não 'brilha'.[101]

56. As dificuldades que sentimos ao refletir sobre a essência das cores (e com as quais Goethe queria haver-se em sua Doutrina das Cores) residem já na indeterminação / do // de nosso // conceito de identidade de cor.[102]

57. | "Eu sinto X"
"Eu observo X"

X não está no lugar do mesmo conceito na primeira e na segunda proposição, embora talvez no da mesma expressão verbal, por exemplo, "uma dor". Pois, caso se pergunte "Que espécie de dor?", então eu poderia responder "Esta", enquanto espeto, talvez com uma agulha, a quem me perguntou. No segundo caso, à mesma questão, preciso responder de modo diferente; por exemplo, "A dor no meu pé".

X também poderia estar no lugar de "minha dor" na segunda frase, mas não na primeira. |[103]

---

[100] Cf. *BF III*, § 241.

[101] Cf. *BF III*, § 156.

[102] Cf. *BF III*, § 251.

[103] Cf. *BF III*, § 261. Wittgenstein separou este parágrafo (e também seu semelhante em *BF III*, § 261) com barras verticais, como se de algum modo não fizessem parte das anotações sobre as cores. Entretanto, como aqui está a tratar do conceito de identidade de cor, o parágrafo serve muito bem para alertar-nos contra a ilusão da semelhança, ensina-nos pois a ver diferenças, pois as mesmas palavras podem ter diferente significado conceitual em jogos diversos. Talvez, portanto, a separação do parágrafo seja apenas relativa, indicando seu maior âmbito. O texto apresenta ainda uma variante de difícil separação, ao contrapor 'fühlen' e 'empfinden', pois ambos os termos, segundo acreditamos, podem aqui ser traduzidos a contento por 'sentir', sem que diferenças sutis entre os verbos alemães prejudiquem a exibição da assimetria mencionada. *BF III*, § 261, curiosamente, contrapõe a 'beobachten' ('observar') a série 'sehen', 'hören', 'fühlen', etc. ('ver', 'ouvir', 'sentir', etc.).

58. Imagine: alguém aponta para um lugar na íris de um olho pintado à maneira de Rembrandt e diz: "As paredes do meu quarto devem ser pintadas desta cor".[104]

59. Eu pinto a vista de minha janela; um certo lugar, determinado por sua posição na arquitetura de uma casa, eu pinto com ocre.[105] Eu digo que vejo este lugar desta cor. Isto não significa que eu veja aqui a cor ocre, pois, *assim* contextuada, esta matéria de cor costuma aparecer mais clara, mais escura, mais avermelhada (etc.) do que o ocre.[106] "Eu vejo este lugar como o pintei aqui com ocre, a saber, como um amarelo fortemente avermelhado."

Como, porém, se alguém me pede para indicar o exato matiz que lá eu vejo? — Como deve ser indicado? E como determiná-lo? Poder-se-ia exigir que eu produzisse uma amostra de cor (um pedaço de papel quadrado de tal cor). Eu não digo que uma tal comparação seja desprovida de interesse, mas ela nos mostra que, em princípio, não é claro como matizes podem ser comparados nem o que significa "identidade de cor".[107]

60. Imaginemos uma pintura recortada em pedaços pequenos e quase monocromáticos, sendo então empregados estes pedaços como peças de um quebra-cabeça. Mesmo onde uma tal peça não for monocromática, ela não deve sugerir uma forma espacial qualquer, mas sim aparecer simplesmente como uma mancha colorida plana. Tão-só na ligação / com outras torna-se ela um pedaço de céu azul, uma sombra, um brilho, transparente ou não-transparente, etc. // com outras nós a vemos como um pedaço de céu azul, como uma sombra, um brilho, como transparente

---

[104] Cf. *BF III*, § 263.

[105] Refere-se aqui à matéria de cor, à tinta. Wittgenstein joga durante todo o texto com a diferença entre a matéria de cor (a argila colorida por óxido de ferro, usada em pintura, de tonalidade pardacenta) e o conceito de cor associado a tal matéria, ou seja, opõe detalhadamente o modo como se determina a identidade da cor *auf der Pallete* e o modo (bem mais amplo, mas não destituído de relações internas) como a identidade do conceito se determina em uma pintura. Cf. *BF, II*, § 11 {1}. A situação descrita em *BF II*, § 11 {1} de modo algo fictício, enquanto contraposta aos critérios de identidade cromática *auf der Pallete*, mostra-se assim uma verdade corriqueira nas artes. Cf. também *BF III*, § 58.

[106] Aqui, a cor ocre.

[107] Cf. *BF III*, § 265.

ou não-transparente, etc. // — Mostram-nos as peças isoladas as *cores genuínas* dos lugares da imagem?[108]

61. Tende-se a acreditar que a análise de nossos conceitos de cor conduziria enfim para as *cores dos lugares* / da // de nossa // imagem visual, que seria então independente de qualquer interpretação espacial ou física; pois aqui não há quer iluminação, quer sombras, quer brilho, etc. etc.[109]

62. Que eu possa dizer deste lugar em meu campo visual que ele seja verde-cinza, isto não significa que eu saiba o que seria nomeável como cópia exata do matiz.[110]

63. Eu vejo em uma fotografia (não colorida) um homem com cabelos escuros e um rapaz com cabelo loiro liso penteado para trás parados junto a uma grade de claro arame zincado, diante de uma espécie de torno, composto em parte de peças de metal fundido pintado de negro e em parte de engrenagens polidas, rodas dentadas, entre outras. Vejo cor de ferro as trabalhadas superfícies de ferro, loiro o cabelo do jovem, cor de zinco o alambrado, embora tudo se apresente nos tons mais claros e mais escuros do papel fotográfico.[111]

64. Mas eu vejo realmente loiros os cabelos na fotografia? O que testemunha a favor disso? Que reação do observador / deve mostrar // mostra // que ele os *vê* loiros e não apenas conclui, a partir dos tons da fotografia, que sejam loiros? — Caso me fosse solicitado descrever aquela fotografia, então eu o faria do modo mais direto com aquelas palavras. Caso não se admita a valia dessa espécie de descrição, apenas e só então eu precisaria procurar por uma outra.[112]

---

[108] Cf. *BF III*, §§ 53, 266 e 267.
[109] Cf. *BF III*, §§ 58, 108 e 268.
[110] Cf. *BF III*, § 264.
[111] Cf. *BF III*, § 117.
[112] Cf. *BF III*, §§ 271 e 274.

65. Se a própria palavra "blond" (loiro) pode soar blond (loira), tanto melhor podem parecer loiros os cabelos fotografados.[113]

66. "Não se pode imaginar que certos homens possuam uma geometria das cores outra que não a nossa?" Isto significa, então: Não se pode imaginar homens com conceitos de cor outros que não os nossos? E isto significa, por sua feita: Não se pode imaginar que homens *não* tenham nossos conceitos de cor mas sim conceitos aparentados de tal maneira a nossos conceitos de cor que nós também os chamaríamos "conceitos de cor"?[114]

67. Observe seu quarto ao cair da noite, quando as cores quase se não distinguem — acenda então a luz e pinte o que antes viu na penumbra. — Como se comparam as cores em uma imagem assim com as do quarto em penumbra?[115]

68. À pergunta "O que significam as palavras 'vermelho', 'azul', 'preto', 'branco'[?"] podemos / decerto // bem // apontar direto para coisas assim coloreadas, — mas não vai além nossa capacidade de esclarecer estas palavras! De resto, acerca de seu emprego, nós não nos fazemos qualquer representação ou apenas uma de todo grosseira e em parte falsa.[116]

69. Eu posso imaginar um lógico que relata ser agora capaz de poder realmente *pensar* "2×2=4".[117]

70. A doutrina goetheana da constituição das cores do espectro não é uma teoria que se mostrou insuficiente, mas realmente é teoria nenhuma. Por ela, nada se deixa prever. Ela é antes um vago esquema de pensamento, de gênero semelhante ao dos encontrados na psicologia de James. Tampouco há um experimentum crucis que possa decidir a favor dessa doutrina ou contra ela.[118]

---

[113] Cf. *BF III*, § 275.
[114] Cf. *BF III*, §§ 86 e 154.
[115] Cf. *BF III*, § 157.
[116] Cf. *BF III*, §§ 102 e 103.
[117] Cf. *BF III*, § 109.
[118] Cf. *BF III*, § 125.

71. Quem concorda com Goethe acredita que ele tenha reconhecido corretamente a *natureza* da cor. E natureza não é aqui o que decorre de experimentos, mas sim o que reside no conceito da cor.[119]

72. Uma coisa era incontestavelmente clara para Goethe: A clareza não pode resultar, por composição, de escurecimentos — assim como mais e mais sombras não geram a luz. — E isto deixa-se expressar assim: Se se chama de lilás um azul avermelhado e esbranquiçado ou de marrom um amarelo avermelhado e enegrecido, — então entretanto não se pode chamar de branco *nenhum* azul esverdeado, avermelhado e amarelado ou coisa semelhante. O branco não é uma *cor intermediária* a outras cores. E a *isto* experimentos com o espectro não podem reforçar nem refutar. Mas também seria falso dizer "Observe apenas as cores na natureza, e você verá que é assim". Pois sobre os conceitos das cores não se aprende por olhar.[120]

73. Eu não consigo imaginar que as observações de Goethe sobre o caráter das cores e combinações de cores possam ser úteis ao pintor; e mal servem ao decorador. A cor de um de olho injetado de sangue poderia produzir um magnífico efeito como cor de um papel de parede. Quem fala do caráter de uma cor pensa sempre com isso em apenas *uma* forma determinada de seu emprego.[121]

74. Houvesse uma doutrina da harmonia das cores, então ela começaria, digamos, com uma divisão das cores em grupos, proibiria certas misturas ou vizinhanças e permitiria outras. E, como a doutrina da harmonia, ela não fundamentaria suas regras.[122]

75. Pode haver doentes mentais aos quais não se consiga transmitir o conceito 'amanhã', ou o conceito 'eu', ou a leitura das horas. Eles não aprenderiam o uso da palavra 'amanhã', etc.

---

[119] Cf. *BF III*, § 125.
[120] Cf. *BF III*, § 126.
[121] Cf. *BF III*, § 90.
[122] Cf. *BF III*, § 91.

Ora, a quem eu posso descrever *o que* eles não podem aprender? Não só a quem já o aprendeu? Não posso comunicar a A que B não conseguiria aprender matemática superior, embora A não a domine? Quem aprendeu o jogo não compreende a palavra "xadrez" diferentemente de quem não o aprendeu? Há diferenças entre o emprego que aquele pode dar à palavra e o emprego que este aprendeu.[123]

76. Descrever um jogo sempre significa: fornecer uma descrição através da qual se possa aprendê-lo?

77. A pessoa de visão normal e o cego para cores têm o mesmo conceito de cegueira para cores? Um cego para cores não pode aprender a empregar nossas palavras para cores e tampouco a expressão "cego para cores" como alguém com visão normal. Ele não pode, por exemplo, constatar a cegueira para cores do mesmo modo que este.[124]

78. Poderia haver homens que não compreendessem nosso modo de expressão de o laranja ser um amarelo avermelhado e que, então, só estivessem inclinados a dizer algo assim caso tivessem diante dos olhos uma mediação colorida do amarelo, por sobre o laranja, para o vermelho. Para tais homens, a expressão "verde avermelhado" não precisaria comportar qualquer dificuldade.

79. A psicologia descreve os fenômenos do ver. — Para quem ela faz a descrição? *Que* ignorância esta descrição pode remediar?[125]

80. A psicologia descreve o que foi observado.

81. Pode-se descrever ao cego como é quando alguém *vê*? — Certamente. Um cego aprende muito sobre a diferença entre o cego e quem vê. Mas a questão / foi // está // mal colocada; como se ver fosse uma atividade e houvesse dela uma descrição.[126]

---

[123] Cf. *BF III*, §§ 118 e 119.
[124] Cf. *BF III*, § 120.
[125] Cf. *BF III*, § 168.
[126] Cf. *BF III*, § 279.

82. Eu posso decerto observar a cegueira para cores; por que então não posso observar o ver? — Eu posso observar que juízos sobre cores pronuncia um cego para cores — ou ainda uma pessoa normal — *em certas circunstâncias*.

83. Diz-se às vezes (conquanto equivocadamente) "Apenas eu posso saber o que vejo". Mas não: "Apenas eu posso saber se sou cego para cores". (E tampouco: "Apenas eu posso saber se eu vejo ou se sou cego".)

84. A afirmação "Eu vejo um círculo vermelho" e a afirmação "Eu vejo (não sou cego)" não são de mesma espécie lógica. Como se testa a verdade da primeira? E como a da segunda?[127]

85. Mas, posso acreditar ver e ser cego, ou acreditar ser cego e ver?[128]

86. A proposição "Há homens que vêem" poderia figurar em um manual de psicologia? Seria isto falso? Mas, a quem estaria comunicando alguma coisa?[129]

87. Como pode ser um contra-senso dizer "Há homens que vêem", se não é um contra-senso dizer "Há homens que são cegos"?

Mas, supondo que eu nunca tenha ouvido falar da existência de homens cegos e um dia alguém me diz "Há homens que não vêem", precisaria assim entender sem mais esta proposição? É preciso que eu seja consciente, se eu mesmo não sou cego, de que tenho a capacidade de ver e de que, portanto, pode haver pessoas que a não possuam?[130]

88. Se o psicólogo nos ensina "Há homens que vêem", então podemos perguntar-lhe: "E o que você chama de 'homens que vêem'?" / Sua // A

---

[127] Cf. *BF III*, § 283.
[128] Cf. *BF III*, § 321.
[129] Cf. *BF III*, § 328.
[130] Cf. *BF III*, § 331.

// resposta a isto teria de ser: homens que, sob tais e tais circunstâncias, se comportam desta e daquela maneira.[131]

[131] Cf. *BF III*, § 338.

Anotações sobre as Cores II: MS 172, vol. 79 da edição da Cornell University:[132]

1. {11} [/] Na filosofia é preciso sempre perguntar: "Como se pode enxergar este problema de modo que se torne solúvel?"

2. {12} [/] Pois aqui (se considero as cores, por exemplo)[133] há primeiro apenas uma incapacidade / em produzir uma ordem nos conceitos. // em produzir uma ordem qualquer. //

Estacamos aí como o boi diante da porta recém-pintada do estábulo.

3. {13} [/] Pense em como um pintor representaria a vista através de um vidro coloreado de vermelho. O que se produz aí é decerto uma imagem plana *complexa*. Isto é, a imagem conterá um grande número de matizes de vermelho e de outras cores. E, analogamente, caso se olhe através de um vidro azul.

Como, então, se se pinta uma imagem[134] em que se torna esbranquiçado o que antes fora azulado ou avermelhado?

---

[132] Quatro páginas do MS 172. As 20 páginas restantes do MS 172 contêm os §§ 1-65 de *Über Gewißheit*.

[133] Esta frase bem pode ser considerada um índice a mais de que, com estes dois parágrafos, Wittgenstein começa a enfrentar um problema, o das cores, colocando-se a prévia questão acerca do ponto de vista sob o qual cabe abordá-lo.

[134] Traduzimos neste parágrafo as três ocorrências de 'Bild' por 'imagem', termo que aliás se aplica a representações plásticas, gráficas ou fotográficas, além de pertencer ao vocabulário da óptica. Por tudo isto, adequa-se bem à amplitude de sua ocorrência nas *Bemerkungen über die Farben*. Vale notar, porém, que, enquanto no primeiro caso 'imagem', na palavra composta 'Flächenbild', parece ser a melhor e talvez a única solução, no segundo já poderíamos traduzir Bild também por 'quadro', por exemplo, sendo esta (para evitar a terrível "pintar uma pintura") uma solução decerto ainda mais natural no terceiro caso, mas talvez apenas para os que não estão acostumados a expressões como "Ele pintou uma bela imagem de Nossa Senhora".

4. {14} [/] A diferença resume-se aqui a não perderem as cores sua saturação através da luz avermelhada mas sim através da esbranquiçada?

Sim, não se fala em absoluto de uma 'luz esbranquiçada'!

5. {15} Caso tudo parecesse esbranquiçado sob uma dada iluminação, não deduziríamos disso: o luminoso precisaria parecer branco.

6. {16} [/] A análise fenomenológica (como Goethe, por exemplo, a queria) é uma análise de conceitos e não pode seja confirmar seja contradizer a física.

7. {17} Como então se em algum lugar fosse assim: a luz de um corpo branco ardente deixaria aparecer claras as coisas, mas também esbranquiçadas, descoloridas, a luz de um vermelho ardente deixá-las-ia avermelhadas, etc.? (Apenas uma fonte de luz invisível, imperceptível ao olho, deixaria as coisas brilharem coloridas.)

8. {18} E como seria se as coisas só brilhassem coloridas, caso, em nosso sentido, *nenhuma* luz descesse sobre elas, caso por exemplo o céu fosse *negro*? Não se poderia então dizer: apenas sob uma luz negra as cores (nos) aparecem plenas?

9. {19} Mas, não haveria aqui uma contradição?

10. {20} Eu não *vejo* que as cores dos corpos reflitam a luz em meu olho.

11. {1} Poder-se-ia falar da impressão de cor de uma superfície, visando-se com isso não a cor / mas sim o conjunto dos tons de cor que produz a impressão de uma superfície marrom, por exemplo. // mas sim os tons de cor e sua distribuição, quando se deve produzir, por exemplo, a impressão de uma superfície marrom. //

12. {2} [/] A mistura do branco retira das cores o *colorido*; o que não ocorre com a mistura do amarelo. — Encontra-se isto no fundamento da proposição de que não pode haver um cristalino branco transparente?

13. {3} [/] Mas que espécie é esta de proposição: a mistura do branco retira o colorido da cor?

Como eu a entendo, ela não pode ser uma proposição da física.

Aqui é enorme a tentação de se acreditar em uma fenomenologia, uma coisa intermediária entre ciência e lógica.

14. {4} [/] O que é então o essencial do *turvo*? Pois um transparente vermelho ou amarelo não é turvo, e um branco é turvo.

15. {5} [/] É turvo o que vela as formas, e vela as formas porque confunde luz e sombras?

16. {6} [/] Não é branco isto que suprime a escuridão?

17. {7} Embora se fale de um 'vidro negro', quem vê vermelha uma superfície branca através de vidro vermelho, não a vê negra através de um vidro 'negro'.

18. {8} Servimo-nos / amiúde // às vezes // de óculos de lentes coloreadas para ver com nitidez,[135] mas nunca de lentes turvas.

19. {9} [/] "A mistura do branco apaga a diferença entre claro e escuro, entre luz e sombras": determina isto com mais precisão os conceitos? Creio que sim.

20. {10} [/] Caso alguém não ache isto, não tem uma experiência contrária à nossa; mas nós não o entenderíamos.

---

[135] Excepcionalmente, não traduzimos 'klar' por 'cristalino', embora nossa solução também preserve, quanto ao modo de ver, uma oposição ao turvo.

Anotações sobre as Cores III: MS 173, vol. 75 da edição da Cornell University:

24.3.50[136]

1. {?} [/] Em um quadro, o branco precisa ser a cor mais clara.

2. {/} [/] Na tricolor,[137] o branco não pode, por exemplo, ser mais escuro que o azul, ou que o vermelho.

3. [/] Aqui há uma espécie de matemática da cor.

26.3.

4. {/} [/] Mas também o amarelo puro é mais claro que o vermelho puro, saturado, ou que o azul. E é esta uma proposição da experiência? — Não sei, por exemplo, se o vermelho (isto é, o puro) é mais claro ou mais escuro que o azul; para poder dizê-lo, eu precisaria vê-los. E, entretanto, se eu o visse, então eu o saberia de uma vez por todas, como o resultado de um cálculo.

Onde se separam aqui lógica e / empiria // experiência // ?

5. [/] A palavra cujo significado não está claro é "puro", ou "saturado". Como nós aprendemos este significado? Como se sabe que os homens visam com ela o mesmo?

---

[136] Cf. informações sobre as datas em notas ao texto restabelecido.

[137] Bandeira da revolução francesa.

Eu chamo "saturada" uma cor (por exemplo, o vermelho), se ela não contém preto nem branco, se não é enegrecida nem esbranquiçada.

Mas este esclarecimento serve apenas a uma compreensão provisória.

6. {/} Que *importância* tem o conceito de cor saturada?

7. [/] Aqui é claramente importante um fato, a saber: os homens atribuem a um ponto no círculo cromático uma posição especial. E eles não devem encontrar dificuldade em notar esse ponto, mas sim todos devem sempre encontrá-lo facilmente.

8. [/] Há uma 'história natural das cores'? Em que medida ela é análoga a uma história natural das plantas? Não é esta temporal, enquanto aquela atemporal?

9. [/] Se dizemos que "Amarelo saturado é mais claro que azul saturado" não é uma proposição da psicologia (pois só *assim* ela poderia ser história natural) — então isto significa: nós não a *empregamos* como proposição de história natural, — e a questão é então: com que parece o outro *emprego*, o atemporal?

10. [/] Pois apenas assim a proposição da 'matemática da cor' deixa-se distinguir daquela de história natural.

11. [/] Ou ainda: a questão é: Pode-se aqui distinguir (claramente) dois empregos?

12. [/] Você / fixou // notou // dois matizes, A e B, e A é mais claro que B, e conforme com isso você chama a um matiz "A" e a um outro "B", este entretanto é mais claro que aquele: então você nomeou os matizes falsamente. (Isto é lógica.)

13. [/] O conceito de 'cor saturada' / seria // é // de espécie tal que o X saturado não pode ser ora mais claro ora mais escuro que o Y saturado; isto é, que não tem sentido dizer que ele seja uma vez mais claro, outra

mais escuro. Isto é uma determinação conceitual e novamente é do âmbito da lógica.

/ Que um conceito assim determinado seja útil // se um conceito assim determinado é útil //, ou não, não é decidido aqui.

14. [/] Este conceito poderia só ter um emprego *muito* limitado. E mesmo porque o que comumente chamamos de um X saturado é uma impressão de cor dentro de um certo contexto. Comparável com o X 'transparente'.

15. [/] Dê exemplos de jogos de linguagem simples com o conceito de 'cor saturada'!

16. [/] Eu suponho: certos compostos químicos (por exemplo, os sais de um determinado ácido) teriam cores saturadas e poderiam ser reconhecidos por conta disso.

17. [/] Ou a procedência de certas flores se deixaria adivinhar pela saturação de suas cores. De modo que, por exemplo, se poderia dizer: "Esta tem de ser uma flor dos Alpes, pois sua cor é bastante intensa".

18. [/] Em um tal caso, porém, poderia haver um vermelho saturado mais claro e um mais escuro, etc.

19. [/] E não preciso admitir que amiúde proposições são usadas na fronteira da lógica e da empiria, de modo que / seu sentido muda de um lado para outro // elas mudam de um lado para outro // e elas / ora são expressão de uma norma, ora expressão / da // de uma // experiência // ora são tratadas como expressão de uma norma, ora como expressão / da // de uma // experiência // [?]

Pois não é decerto o 'pensamento' (/ um fenômeno psíquico correlato // algo que acompanha a proposição //), mas sim / o // seu // emprego (algo que a envolve)[138] que distingue a proposição [lógica] da proposição da experiência.[139]

---

[138] Cf. nota a este parágrafo no texto restabelecido.
[139] Cf. *BF I*, § 32.

20. [/] (A falsa imagem confunde, a imagem correta ajuda.)

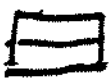
21. [/] A questão será, por exemplo: Deixa-se comunicar o significado de 'verde saturado' mediante o ensino do que é vermelho saturado, ou amarelo, ou azul?

22. [/] O '*brilho*', o 'efeito de luz', não pode ser preto. Caso tenha substituído por / pretos // escuridão // o claro dos efeitos de luz em um quadro, não terei obtido com isso efeitos de luz pretos: e isso não simplesmente por, na natureza, produzir-se assim o efeito de luz e nunca diferentemente, mas também porque nós reagimos a uma *luz* nesse lugar de um modo determinado. Uma bandeira pode ser amarela e preta; uma outra, amarela e branca.

23. [/] A transparência pintada no quadro / tem outro efeito que a não-transparência // produz seu efeito diferentemente da não-transparência //.

24. [/] Por que não é possível um branco transparente? — Pinte um corpo vermelho transparente e então substitua o vermelho pelo branco!

Preto e branco / já têm seu papel na transparência de uma cor. // têm eles mesmos seu papel na transparência de uma cor. //

Substitua o vermelho pelo branco, então não (mais) se produz a impressão de transparência; como tampouco a impressão de corporeidade, se você faz do desenho  o desenho  .[140]

27.3.

25. [/] Por que uma cor saturada não é simplesmente: *esta*, ou *esta*, ou *esta*, ou *esta*? — Porque ela é reconhecida ou determinada de outra maneira.

---

[140] Desenhos reproduzidos dos manuscritos de Wittgenstein.

26. [/] O que pode deixar-nos desconfiados é acreditarem alguns reconhecer três cores primárias, alguns quatro. Alguns consideram o verde uma cor intermediária entre azul e amarelo, enquanto para mim, por exemplo, isto parece falso, mesmo com abstração de qualquer *experiência*.

Azul e amarelo, do mesmo modo que vermelho e verde, aparecem-me como opostos — mas isto talvez resulte simplesmente de eu estar acostumado a vê-los no círculo cromático em pontos opostos.

Mas, que *importância* (por assim dizer, psicológica) tem para mim a questão acerca do número das cores puras?

27. [/] Parece-me ver *algo* logicamente importante: Se se denomina verde uma cor intermediária entre azul e amarelo, então é preciso também, por exemplo, poder dizer o que se chama um amarelo apenas levemente azulado, ou um azul apenas algo amarelado. Mas estas expressões não me dizem nada. Não poderiam elas, todavia, dizer algo a outrem?

Quem me descreva assim / a cor de uma parede // uma parede // "Ela era um amarelo algo avermelhado", a esse eu poderia compreender, na medida em que, de um número de amostras, poderia escolher uma aproximadamente acertada. Mas para quem *assim* descreve a cor, que ela seja um amarelo algo azulado, eu não poderia apontar uma tal amostra.[141] — Costuma-se aqui dizer que em um caso seria possível representar-se a cor e não no outro, — mas esta expressão é enganadora, pois aqui não é preciso em absoluto pensar na aparição de uma imagem diante de um olho interior.

28. [/] Tal como há um ouvido absoluto e pessoas que o não possuem, seria possível sim, / com relação à visão das cores // com as cores //, imaginar que haja um grande número de disposições diferentes.

Compare, por exemplo, o conceito 'cor saturada' com 'cor quente'. Precisariam todas as pessoas conhecer cores 'quentes' e 'frias'? Salvo simplesmente se lhes ensinarem a distinguir deste e daquele modo, respectivamente, uma certa disjunção de cores.

Não poderia, por exemplo, haver um *pintor* sem conceito algum de 'quatro cores puras', e mesmo que achasse ridículo falar de uma tal coisa?

---

[141] Há um grifo lateral ondulado na altura desta proposição.

29. [/] Ou ainda então: O que faltaria aos homens para os quais esse conceito nada tem de natural?

30. [/] Pergunte assim: Você sabe o que significa "avermelhado"? E como você mostra sabê-lo?

Jogos de linguagem: "Mostre um amarelo (branco, azul, marrom) avermelhado!" — "Mostre um ainda mais avermelhado!" — "Um menos avermelhado!" etc. Caso domine então este jogo, / será exigido de você // ser-lhe-á dado o comando // "Mostre um verde algo avermelhado!" Suponha então dois casos: O primeiro: Você aponta em conseqüência para uma cor (e sempre para a mesma), / *por exemplo*, // digamos, // para um verde oliva — o outro: Você diz "Eu não sei o que isto significa", ou "Isto não existe".

Poder-se-ia estar inclinado a dizer que têm, um e outro, diferentes conceitos de cor; ou um outro conceito de '...ado'.

31. [/] Falamos de "cegueira para cores" e a consideramos um *defeito*. Mas facilmente poderia haver várias situações diferentes, nas quais nenhuma seria claramente inferior à outra. — Pense também que um homem pode atravessar sua vida sem que sua cegueira para cores seja percebida, até que uma ocasião / rara // especial // / a traga à luz // a torne pública //.

32. [/] Então, diferentes homens poderiam, portanto, possuir diferentes conceitos de cor? — *Algo* diferentes. Diferentes num ou noutro aspecto. E isto prejudicaria mais ou menos sua concordância, ou amiúde mesmo em nada.

33. [/] Aqui, gostaria de fazer uma observação genérica sobre a natureza dos problemas filosóficos. A falta de clareza filosófica é aflitiva. Ela será / sentida / como vergonhosa. // como uma vergonha, em todo caso de modo vergonhoso. // Sente-se que não se está familiarizado com o que se *deveria*, contudo, estar familiarizado. E, apesar disso, não *é* assim. / Pode-se // Podemos // viver muito bem, / mesmo sem tal familiaridade. // sem uma doutrina de nossos conceitos. // // sem estas distinções. //

34. [/] Como se articulam mistura de cores e 'cor intermediária'? Pode-se, decerto, em um jogo de linguagem, falar de cores intermediárias sem que nele cores sejam produzidas por qualquer mistura, mas apenas matizes já presentes sejam *escolhidos*.

E, todavia, reconhecer uma mistura cromática que produz um matiz é também *um* uso do conceito de cor intermediária.

35. [/] Afirma Lichtenberg: só poucos homens já teriam visto um branco puro. Assim, a maioria acaso emprega errado a palavra? E como *ele* aprendeu o uso correto? — Pelo contrário: ele construiu um uso ideal a partir do efetivo. Do mesmo modo por que se construiu uma geometria. Mas com "ideal" não se pensa aqui em algo especialmente bom, mas apenas em algo que foi exagerado em um sentido.[142]

36. Certamente, um uso assim inventado pode de novo instruir-nos acerca do uso efetivo.

E seria também possível que, por exemplo, para fins científicos, *introduzíssemos* um novo conceito do 'branco puro'.

(Um tal novo conceito corresponderia, então, digamos, ao conceito químico de um 'sal'.)[143]

37. Em que medida branco e preto são comparáveis a amarelo, vermelho e azul, e em que medida não?

Caso tenhamos um tapeçaria quadriculada, composta por quadrados vermelhos, azuis, verdes, amarelos, pretos e brancos, não estaremos então inclinados a dizer que ela seja composta de *duas espécies* de materiais, digamos, de 'coloridos' e 'não-coloridos'.

38. Representemo-nos então que os homens não contrastassem imagens coloridas com imagens em preto e branco, mas sim as coloridas com imagens em azul e branco. Isto é: Não poderia também o azul ser sentido (ou seja, ser usado) como se não fora *propriamente* uma cor?

---

[142] Cf. *BF I*, § 3.
[143] Cf. *BF I*, § 4.

39. [/] Conforme a meu sentimento, o azul anula o amarelo, — mas, por que eu não deveria chamar um amarelo algo esverdeado de "amarelo azulado", ou o verde de cor intermediária entre azul e amarelo, ou um fortemente azulado de azul algo amarelado?

40. [/] Em um amarelo esverdeado ainda não percebo *nada* de azul. — Verde é para mim uma estação / especial // nova // no caminho colorido do azul ao amarelo, e o vermelho é uma também.

41. [/] Que vantagem teria, em relação a mim, alguém que conhecesse um caminho colorido direto entre azul e amarelo? E como se mostra que eu não conheça um tal caminho? — Não reside tudo nos jogos de linguagem a mim possíveis com a forma "...ado"?

42. [/] Será preciso pois questionar-se: Como pareceria, se homens conhecessem cores que também os homens nossos de visão normal não conhecessem? Esta questão não se deixa, em geral, responder de modo unívoco. Pois não é sem mais claro que *precisemos* dizer de tais anormais que eles conheçam outras *cores*. Não há afinal qualquer critério em geral reconhecido para o que seja uma cor, salvo o de ser uma de nossas cores.

E contudo é possível imaginar *circunstâncias* nas quais diríamos "Estas pessoas vêem ainda outras cores além das nossas".[144]

28.3.

43. [/] Em filosofia, é preciso em cada caso aprender não apenas *o que* se há de dizer sobre um objeto, mas sim *como* se deve falar sobre ele. Sempre é preciso primeiro aprender de novo o método com que se deve abordá-lo.

44. [/] Ou ainda: Em cada problema sério, a incerteza desce até as raízes.[145]

---

[144] Cf. *BF I*, § 14.
[145] Cf. *BF I*, § 15.

45. [/] É preciso sempre estar preparado para aprender algo *completamente* novo.[146]

46. Nas cores: Parentesco, e oposição. (E isto é lógica.)

47. [/] O que significa: "O marrom é aparentado ao amarelo"?

48. [/] Significa acaso que a tarefa de escolher um amarelo algo amarronzado é inteligível sem mais? (Ou um marrom algo amarelado.)

49. [/] A mediação colorida entre duas cores.

50. "O amarelo é mais aparentado ao vermelho que ao azul." —

51. [/] A diferença entre dourado-vermelho-preto e amarelo-vermelho-preto. — Dourado vale aqui como cor.

52. [/] É um fato: estamos em condição de chegar a um acordo sobre as cores das coisas mediante seis nomes de cor. E também que não empregamos as expressões "verde avermelhado", "azul amarelado", etc.

53. {?/} [/] Descrição de um quebra-cabeça pela descrição de suas peças. Eu suponho que estas nunca deixem reconhecer uma forma espacial, mas sim que nos pareçam como pecinhas planas mono ou policromáticas. Só quando composto algo se torna uma "sombra", um "brilho", uma 'superfície monocromática côncava, ou convexa' etc.[147]

54. [/] Eu posso dizer: Este homem não distingue vermelho e verde. Posso, porém, dizer: Nós, normais, distinguimos vermelho e verde? Mas nós poderíamos dizer: "Nós vemos *aqui* 2 cores, aquele só vê *uma*".

55. A descrição do *fenômeno* da cegueira para cores / pertence à psicologia. // é da alçada da psicologia. // // é uma descrição psicológica. //

---

[146] Cf. *BF I*, § 15.
[147] Cf. *BF I*, § 60.

Portanto, também o seria a descrição do fenômeno da visão de cores normal? Certamente, — / mas, o que se chama de "fenômeno da visão de cores normal", o que sua descrição e para quem é assim determinada? // mas, o que pressupõe uma tal descrição, para quem é ela uma descrição, ou melhor: de que meios ela se serve? // Quando digo "O que ela pressupõe?", então isto significa: "Como precisa alguém já reagir a *ela* para *compreendê*-la?"

/ Aquela primeira descrição em que pensei serviu-se dos conceitos de quem vê. // Quem descreve em um livro o fenômeno da cegueira para cores descreve-o com os conceitos próprios de quem vê. //[148]

56. [/] Este papel é diferentemente claro em diferentes lugares; posso, porém, dizer que seja branco apenas em certos lugares, enquanto em outros seria cinza?? — Sim, se eu o pinto, com certeza misturarei um / cinza // cinza claro // para os lugares mais escuros.

Uma cor de superfície é uma qualidade de uma superfície. Poder-se-ia (portanto) estar tentado a desconsiderá-*la* como um conceito de cor puro. Mas o que seria então um *mais puro*?!

57. [/] Não é correto que, em um *pintura*, o branco deva ser sempre a cor mais clara. Conquanto sim em / um ornamento de superfície de manchas coloridas // uma combinação de manchas coloridas em uma superfície //. Um pintura poderia apresentar um livro de papel branco na sombra e, mais claro que ele, um luminoso céu amarelo, ou azul, ou avermelhado. Descrevo, porém, uma superfície plana, uma tapeçaria, por exemplo, composta de quadrados de puro amarelo, vermelho, azul, branco e preto, — neste caso, os amarelos não podem ser mais claros que os brancos, nem os vermelhos que os amarelos.

Por isso, para Goethe, as cores eram sombras.[149]

58. [/] Parece haver um conceito de cor / mais puro // mais fundamental // // mais elementar // // mais simples // que o de cor de superfície. Ele seria representado, gosta-se de pensar, ou mediante / pequenos

---

[148] Cf. *BF I*, § 16.
[149] Cf. *BF I*, § 2.

elementos coloridos do campo visual // pequenas manchas coloridas //, ou mediante pontos luminosos à semelhança de estrelas. Dessas cores pontuais, ou pequenas / manchas de cor // amostras de cor //, compor-se-iam também as maiores extensões coloridas. De modo que se poderia descrever a impressão colorida de uma superfície, / ao se descrever sua composição a partir de muitas pequenas manchas coloridas. // ao se situarem em sua posição as muitas pequenas manchas coloridas. //

Como, porém, se deve comparar uma tão pequena amostra de cor a um pedaço de uma superfície maior? Que contexto deve ter a amostra de cor?[150]

29.3.

59. [/] Quase não estamos circundados na vida cotidiana senão por cores impuras. Tanto mais notável que tenhamos formado um conceito de cores *puras*.

60. [/] Por que nós não falamos de um marrom 'puro'? É fundamento para isso só a posição do marrom em relação às outras cores 'puras', seu parentesco com todas elas? — Marrom é sobretudo apenas cor de superfície. Isto é: não há marrom *cristalino*, senão só um turvo. Também: marrom contém preto. — (?) — Como precisaria comportar-se um homem, de modo que dele se pudesse dizer que conheça um marrom *puro, primário*?

61. [/] Nós precisamos sempre retornar à questão: Como o homem aprende o significado dos nomes de cores?

62. [/] O que significa "Marrom contém preto"? Há marrom mais ou menos enegrecido. Há porém um que não mais seja enegrecido? Não há certamente um que em nada seja *amarelado*.[151]

---

[150] Cf. *BF I*, § 61.

[151] Talvez haja aqui uma interrogação.

63. Se assim refletimos adiante, então / mais e mais nos ocorrem mesmo 'propriedades internas' da cor, // mais e mais nos ocorrem 'propriedades internas' de uma cor, // nas quais não tínhamos inicialmente pensado. E isto pode indicar-nos o processo de uma investigação filosófica. Devemos sempre estar aguardando que nos ocorra uma nova e não premeditada propriedade.

64. Também não devemos esquecer que nossas palavras para cores caracterizam a impressão de uma superfície sobre a qual nosso olhar passeia. Elas estão aí para isso.

65. [/] "Luz marrom". Suponha que seja proposto que um sinal luminoso de rua deva ser *marrom*.

66. É de se esperar que encontremos (encontraremos) adjetivos que (como "furta-cor") são características cromáticas de uma superfície extensa, ou também de uma pequena extensão em um *determinado contexto* ("cintilante", "vibrante", "brilhante", "luminoso").

67. [/] Sim, as cores puras não têm mesmo nomes especiais usados em geral, tão pouco importantes elas nos são.

68. [/] Imaginemos que alguém pinte cada qualquer fragmento da natureza, e mesmo em cores a ela fiéis. Cada / parte da superfície // ponto // de um tal quadro tem uma cor determinada. Que cor? Como determino seu nome? Deve a cor ter o nome do pigmento aplicado pelo pintor, nome pelo qual, por exemplo, o pigmento é colocado à venda? Não poderia, entretanto, um tal pigmento, em contexto especial, parecer completamente diferente do que na paleta?

69. [/] Talvez então chegássemos, por conseguinte, a dar nomes especiais a / pequenos pedacinhos de cor // pequenas manchas de cor // contra um fundo negro, por exemplo.

Quero com isso propriamente indicar que não é de modo algum claro a priori quais são os conceitos de cor / puros // *simples* //.

30.3.

1*. | / Nada há de inaudito nisso // Nada há de inaudito // Não é inaudito // que o caráter do homem possa ser influenciado pelo mundo exterior (Weininger). Pois isto significa apenas que o homem, na medida de sua experiência, modifica-se com as circunstâncias. Pergunta-se: Como poderia o meio *constranger* o homem, o ético dentro dele? — então a resposta é que ele, na verdade, quer dizer "Nenhum homem precisa precisar", mas todavia sob / assim urdidas // tais // circunstâncias *irá* agir desse e daquele modo.

'Você não PRECISA, eu posso mostrar-lhe uma (outra) saída, — mas você não a agarrará.' |

70. [/] Não é verdade que uma cor mais escura seja ao mesmo tempo uma mais enegrecida. Isto é decerto claro. Um amarelo saturado é mais escuro, embora não mais enegrecido que um amarelo esbranquiçado. Mas o âmbar tampouco é um 'amarelo enegrecido'. (?) E, entretanto, fala-se também de um vidro ou espelho 'negro'. — Reside a dificuldade em que, com "preto", eu penso essencialmente em uma cor de superfície?

Eu não diria de um rubi que ele seja de um vermelho enegrecido, pois isto apontaria para o *turvo*. (Por outro lado, lembre-se que o turvo e o transparente podem ser *pintados*.)[152]

71. Eu trato os conceitos de cor de modo semelhante a como trato os conceitos da sensação.

72. {/} Os conceitos de cor são de tratamento semelhante ao dos conceitos da sensação.

73. Não há *o* conceito de cor puro.

74. De onde, então, vem a ilusão? Não é ela uma simplificação precipitada na lógica, como qualquer outra?

---

[152] Cf. *BF I*, § 44.

75. [/] Isto é: os diversos conceitos de cor são decerto bastante aparentados entre si, as diversas 'palavras para cores' têm um uso similar, mas há muitas diferenças.

76. [/] Runge afirma haver cores transparentes e não-transparentes. Mas um pedaço de vidro verde em um quadro não será, por conta disso, [pintado] com um outro verde que o de um tecido verde.[153]

77. É um passo costumeiro na pintura representar um efeito de luz por uma cor.

78. [/] A indeterminação no conceito da cor reside sobretudo na indeterminação do conceito da identidade de cor, portanto, do método de comparação das cores.[154]

79. Há a cor dourada, mas Rembrandt não se serviu dela para representar um elmo dourado.

80. [/] O que torna o cinza uma cor neutra? É algo fisiológico ou algo lógico?

O que faz *coloridas*[155] as cores coloridas? É isso conceitual, ou reside em causa e efeito?

Por que não são incluídos o branco e o preto no 'círculo cromático'? Apenas por chocar-se isso com / um sentimento dentro de nós // nosso sentimento // ?

81. [/] Não há um cinza luminoso. Pertence isso ao conceito do cinza, ou à psicologia (logo, à história natural) do cinza? E não é estranho que eu o não saiba?

---

[153] Cf. *BF I*, § 17.

[154] Cf. *BF I*, § 17.

[155] Não há correspondentes adequados e correntes em português para 'bunt' e 'unbunt' que evitem a impressão, nesses casos, quer de um pleonasmo, quer de um oxímoro. Em todo caso, a distinção opõe o branco, o preto e o cinza (não coloridos) às outras cores.

82. [/] Que as cores tenham suas causas e seus efeitos característicos, isso nós o sabemos.

83. [/] O cinza situa-se entre dois extremos (preto e branco) e pode receber uma tonalidade de qualquer outra cor.

84. [/] Não seria pensável que alguém visse preto o que vemos branco, e inversamente?

85. [/] Em uma amostra colorida, o preto e o branco poderiam estar ao lado do vermelho e do verde, etc., sem se segregarem como de outra natureza.

Apenas no círculo cromático seriam separados. Tanto porque o preto e o branco se misturam com todas as outras cores; como especialmente: / ambos com seu pólo oposto. // cada com seu pólo oposto. //

86. [/] Não se pode representar que homens tenham outra geometria cromática que não a nossa normal? E isto naturalmente significa: pode-se descrever isso? pode-se atender sem mais a exigência de descrevê-lo? sabe-se portanto *inequivocamente* o que nos é exigido?

A dificuldade é obviamente esta: Já não nos mostra / a // nossa // geometria cromática do que se trata, a saber, que se trata das cores?[156]

87. [/] A dificuldade em representar-se isso (ou em dar uma imagem disso) é, portanto, propriamente, a de saber quando se imaginou / isso // *isso* // . Isto é, a indeterminação da exigência de representá-lo.

88. [/] A dificuldade consiste, pois, em saber o que aqui deve ser considerado como análogo ao que nos é familiar.

89. [/] Uma cor que seria 'suja' como cor de uma parede, não o seria por isso em uma pintura.

---

[156] Cf. *BF I*, § 66.

90. [/] Eu duvido que as observações de Goethe sobre o caráter das cores possam ser úteis a um pintor. E mal servem a um decorador.[157]

91. [/] Houvesse uma doutrina da harmonia das cores, então ela começaria, digamos, com a divisão das cores em grupos distintos e proibiria certas misturas ou vizinhanças, permitindo outras; e, como a doutrina da harmonia, ela não fundamentaria suas regras.[158]

92. [/] Não pode isso lançar-nos alguma luz sobre a *espécie* daquelas diferenças entre as cores?

---

93. Não dizemos que A saiba algo e B o contrário. Coloque-se porém "acreditar" no lugar de "saber" e, logo, eis uma proposição.

---

94. Runge a Goethe: "Caso alguém deseje imaginar um laranja azulado, um verde avermelhado, ou um violeta amarelado, sentir-se-ia como em um vento norte vindo do sudoeste."

Do mesmo modo: "Branco e preto são ambos não-transparentes ou corpóreos..... Água branca que seja pura é tão inimaginável quanto o leite cristalino. Se o preto apenas escurecesse, poderia bem ser cristalino; como porém suja, então não o pode ser."[159]

95. Em meu quarto, à minha volta, há objetos diversamente coloreados. É fácil dizer-lhes a cor. Porém, se sou perguntado que cor eu vejo daqui, digamos, *neste* lugar de minha mesa, então não poderia responder; o lugar está esbranquiçado (pois a mesa marrom é aqui iluminada pela parede clara), ele é, de qualquer modo, bem mais claro que o restante da mesa, mas, entre amostras de cor, eu não poderia escolher uma que tenha a mesma coloração desse lugar da mesa.

---

[157] Cf. *BF I*, § 73.
[158] Cf. *BF I*, § 74.
[159] Cf. *BF I*, § 21.

96. De que a mim, ou a todos, assim pareça, não se segue que assim *seja*.

Portanto: disso, de que a nós todos a mesa pareça marrom, não se segue que ela seja marrom. Mas que significa então: "Esta mesa não é, enfim, marrom"? — Segue-se, então, disso, de que nos parece marrom, que ela é marrom?

97. Não *chamamos* mesmo de marrom a mesa que, em certas circunstâncias, parece marrom ao / de vista normal // normal // ? Nós nos poderíamos decerto imaginar alguém para quem as coisas, independentemente de suas cores, aparecessem coloridas ora desse ora daquele modo. — — —

98. Que isso assim pareça aos homens é o critério destes para o que assim *é*.

99. Parecer assim e ser assim, / em casos excepcionais // em casos especiais //, podem decerto ser independentes entre si, mas isto não os torna logicamente independentes; o jogo de linguagem não reside na exceção.

100. *Dourado* é uma cor de superfície.

101. Nós temos *preconceitos* no que tange ao emprego das palavras.

102. {?/} [/] À pergunta: "O que significa 'vermelho', 'azul', 'preto', 'branco'?", poderíamos logo apontar para coisas que são assim coloridas, — mas isto também é tudo: nossa capacidade de esclarecer os significados não vai além.[160]

103. [/] No restante, não nos fazemos delas nenhuma representação, ou quiçá uma grosseira / e em parte falsa // e falsa //.[161]

104. 'Escuro' e 'enegrecido' não são o mesmo conceito.

---

[160] Cf. *BF I*, § 68.

[161] Cf. *BF I*, § 68.

105. [/] Runge afirma: "o preto 'suja'": o que significa isto? É isto um efeito do negro sobre o anímico? Pensa-se aqui no *efeito* de misturar-se a cor negra?

106. [/] Em que consiste não precisar um amarelo escuro ser sentido como 'enegrecido', mesmo se nós o chamamos de escuro?

A lógica dos conceitos de cor é mesmo bem mais complicada do que possa parecer.

107. Os conceitos 'fosco' e 'brilhante'. Se se imagina algo sob o conceito 'cor' que seja a propriedade de um ponto no espaço, então os conceitos fosco e brilhante não têm qualquer relação com tal conceito de cor.

108. [/] A primeira 'solução' para o problema da cor que nos ocorre é que os conceitos de cor 'puros' relacionam-se a pontos ou a pequenas manchas indivisíveis no espaço. Pergunta: Como podem ser comparadas as cores de dois desses pontos? Simplesmente ao se / dirigir // voltar // // deixar conduzir // o olhar de um ponto a outro? Ou / pelo // por um // transporte de um objeto colorido? Se isto, como se sabe que / este // o // objeto com isso não / tem sua cor diferentemente // mudou sua cor //; se aquilo, como se pode comparar entre si pontos coloridos sem que a comparação seja influenciada por seu contexto?[162]

109. Eu poderia imaginar um lógico que / narra // afirma // ter / agora // finalmente // chegado a poder *verdadeiramente pensar* 2×2=4.[163]

110. {S} Se você não tem claro o papel da lógica nos conceitos de cor, comece com o caso simples de um vermelho amarelado, por exemplo. Que este exista, ninguém duvida. Como aprendo o uso da palavra 'amarelado'? Através de jogos de linguagem de ordenação, por exemplo.

---

[162] Cf. *BF I*, § 61.

[163] Cf. *BF I*, § 69.

Eu posso, portanto, em concordância com outros, aprender a reconhecer vermelho, verde, marrom, branco amarelados e ainda mais amarelados.

Com isso, dou passos autônomos, como na aritmética. A tarefa de encontrar um azul amarelado, alguém quer resolvê-la com um azul-verde, enquanto outro não a entende. De que isso depende?

111. [/] *Eu* digo que o azul-verde não contém nenhum amarelo; entretanto, se um outro diz que, pelo contrário, contém sim amarelo, quem tem razão? Como se pode testá-lo? Distinguem-se ambos apenas por suas palavras? — Não reconheceria o primeiro um verde puro que não se inclina seja para o azul seja para o amarelo? E qual a utilidade disto? Em que jogos de linguagem se deixa empregar? — Ele poderá em todo caso resolver a tarefa de separar coisas verdes que *nada* tenham de amarelado e aquelas que *não* contêm azul. E nisso consistirá o ponto de separação 'verde', que o outro desconhece.

112. [/] Um aprenderá um jogo de linguagem que o outro não pode aprender. E *nisso* deve decerto consistir toda espécie de cegueira para cores. Pois, caso pudesse o 'cego para cores' aprender os jogos de linguagem dos normais, por que deveria ele ser excluído de certos ofícios?

113. [/] Caso pois se tivesse chamado a atenção de Runge para esta diferença entre verde e laranja, talvez ele tivesse renunciado à idéia de que só há *três* cores fundamentais.

114. [/] Em que medida, então, pertence à lógica, e não à psicologia, que alguém possa ou não aprender um jogo?

115. [/] Eu afirmo: Quem não pode jogar *este* jogo não tem *este* conceito.

116. [/] Quem possui o conceito 'amanhã'? De quem nós dizemos que o possua?

117. {/} [/] Em uma fotografia, vi um rapaz com cabelo loiro liso penteado para trás e uma casaca clara suja e um homem com cabelos escuros,

parados diante de uma máquina, composta em parte por peças de metal fundido pintadas de negro, em parte por engrenagens trabalhadas e polidas, rodas dentadas, entre outras, e ao lado uma grade de claro arame zincado. O ferro trabalhado / tinha cor de ferro // parecia cor de ferro //, o cabelo do jovem era loiro, negras as peças de metal, cor de zinco o alambrado, embora tudo estivesse apresentado nos tons mais claros e mais escuros do papel fotográfico.[164]

118. [/] Pode haver débeis mentais aos quais não se consiga ensinar o conceito 'amanhã', ou o conceito 'eu', ou a leitura das horas. Ele não aprenderia o uso da palavra "amanhã", etc.[165]

119. [/] Mas, a quem posso / comunicar // descrever // *o que* não consegue aprender / esse // o // débil mental? Não apenas a quem já o tenha mesmo aprendido? Não posso informar a alguém que fulano e beltrano não poderiam aprender matemática superior, se tal alguém tampouco a domina? E entretanto: não sabe mais exatamente aquele que aprendeu matemática superior? Não compreende a palavra "xadrez" quem aprendeu a jogá-lo diferentemente de quem o não sabe? O se chama "descrever uma técnica"?[166]

120. Ou assim: A pessoa / de visão normal // de vista normal // e o cego para cores têm / o mesmo conceito de cegueira para cores? // a mesma concepção da cegueira para cores? //

E, todavia, o cego para cores compreende a declaração "Eu sou cego para cores" e também sua negação.

/ Um cego para cores não só não pode, inteiramente como um normal, aprender a empregar nossos nomes de cores, como nem sequer a expressão "cego para cores". Ele, por exemplo, não pode sempre constatar a cegueira para cores, onde / o normal pode // o outro pode //. // Entre as coisas que o cego para cores não pode aprender, também se encontra: constatar a cegueira para cores de outra pessoa. //[167]

---

[164] Cf. *BF I*, § 63.
[165] Cf. *BF I*, § 75.
[166] Cf. *BF I*, § 75.
[167] Cf. *BF I*, § 77.

121. [/] E a quem posso descrever tudo o que *nós*, normais, podemos aprender?

Também a compreensão da descrição pressupõe que ele já tenha aprendido algo.

122. [/] Como posso descrever a alguém o modo por que usamos a palavra "amanhã"? Posso *ensinar* isso a uma criança; o que porém não significa descrever-lhe o uso.

Mas, não posso descrever a Praxis de pessoas que têm um conceito (por exemplo, 'verde avermelhado') que nós não possuímos? — Em todo caso, não posso *ensinar* essa Praxis a ninguém.

123. [/] Posso também só dizer: "Estas pessoas chamam *isto* (digamos, um marrom) de verde avermelhado"? Não seria isso então apenas uma outra palavra para algo para o que eu também tenho uma palavra? Se elas realmente têm um conceito diferente do meu, então isso deve mostrar-se em que eu não tenho familiaridade com seu emprego da palavra.

124. [/] Eu tenho, não obstante, sempre repetido que se pode imaginar que nossos conceitos fossem diferentes do que são. Foi tudo isso absurdo?

11.4.

125. [/] A doutrina goetheana da constituição do espectro não *é* uma teoria da constituição / , uma que // que // se mostrou insuficiente, mas realmente é teoria nenhuma. / Por ela, // Com sua ajuda, // *nada* se deixa prever. Ela é antes um vago esquema de pensamento, de gênero semelhante ao dos que encontramos na psicologia de James. Não há para a doutrina das cores de Goethe um experimentum crucis.[168]

Quem concorda com Goethe acredita que ele tenha reconhecido corretamente a *natureza* da cor. E a 'natureza' não é aqui uma soma de experiências relativas à cor, mas [reside] no conceito da cor.[169]

---

[168] Cf. *BF I*, § 70.
[169] Cf. *BF I*, § 71.

126. [/] Uma coisa parecia clara a Goethe: A clareza não pode resultar, por composição, de escurecimentos — assim mesmo como mais e mais sombras não geram a luz. / Mas isto // E isto // deixa-se expressar assim: Se se chama de lilás um "azul esbranquiçado e avermelhado", ou de marrom um "amarelo enegrecido e avermelhado", então entretanto não se / pode // poderia // chamar de branco *nenhum* 'azul esverdeado, avermelhado e amarelado' ou coisa semelhante. E *isso* tampouco foi demonstrado por Newton. O branco, *neste* sentido, não é uma cor mista.[170]

12.4.

127. [/] 'As cores'. Ora, elas não são coisas, que têm propriedades determinadas, de modo que se possa sem mais procurar por cores, representar-se cores que nós ainda não conhecemos, ou que possamos representar-nos alguém que conheça cores diferentes das que conhecemos. É bem possível que, sob certas circunstâncias, disséssemos: / pessoas conhecem // alguém conhece // cores que não conhecemos, mas nós não somos forçados a esta expressão. Pois não está dito o que devemos ver como analogia suficiente para com nossas cores, de modo a que possamos dizê-lo. Aqui há semelhança com quando se fala de '*luz*' infravermelha; há um bom fundamento / para fazê-lo // para falar assim //, mas também se pode explicar isso como um abuso.

E de modo semelhante com meu conceito: 'ter dores no corpo de outrem'.

128. [/] / Uma tribo inteira de cegos para cores poderia viver muito bem; mas, tivesse ela desenvolvido todos os nossos nomes de cores, como corresponderia sua nomenclatura à nossa? // Houvesse *apenas* cegos para cores, eles poderiam decerto viver muito bem; mas se pode duvidar que desenvolvessem nomes de cores correspondentes aos nossos. // E, se não, como pareceria *no caso* a linguagem a eles natural?? Nós o sabemos? Teriam eles porventura três cores fundamentais: azul, amarelo e uma terceira, que tomaria o lugar de vermelho e verde? — Como, então, se /

---

[170] Cf. *BF I*, § 72.

encontrássemos uma tal tribo e quiséssemos aprender sua linguagem? Nós iríamos aí enfrentar certas dificuldades. // encontrássemos uma tribo que tivesse uma nomenclatura cromática em tal medida desviante da nossa? //

129. [/] Não poderia haver homens que não entendessem nosso modo de expressão de que o laranja é um amarelo avermelhado (etc.) e que só estariam inclinados a dizer algo assim no caso de um laranja (por exemplo) ocorrer em uma efetiva transição cromática do vermelho ao amarelo? E, para tais homens, poderia também haver facilmente um verde avermelhado.

Eles não poderiam, portanto, 'analisar as cores mistas', aprender nosso emprego de X Y-ado. (De modo semelhante a homens sem ouvido absoluto.)

130. [/] E como seria com homens que tão-só tivessem conceitos de cores-formas? Devo dizer deles que não *vêem* que uma folha verde e uma mesa verde, se eu lhes aponto tais, têm a mesma cor, ou que têm algo em comum? Como, então, se 'não lhes ocorre' comparar entre si objetos de mesma cor e diferentes formas? Por conta de seu ambiente especial, tal comparação ou nunca teve para eles nenhuma importância, ou teve uma uma importância por completo excepcional, de modo a nunca solicitar a construção de um instrumental lingüístico.

2*. "Se alguém realmente se alegra, então se sabe isso." Mas nem por isso pode-se descrever a expressão autêntica. — Mas, naturalmente, também não é *sempre* verdadeiro que se reconheça a expressão autêntica ou se saiba se é autêntica a expressão. Há decerto casos em que não se fala de bom grado seja de autêntico seja de inautêntico. Alguém ri e suas reações posteriores não são conformes quer com a alegria autêntica, quer com a simulada. Nós diríamos talvez "Eu não o conheço bem. Não é a imagem (padrão) da alegria genuína, nem da simulada.[171]

[171] Wittgenstein não indica onde fechar as aspas.

Não poderia ele estar para o homem normal que sente como o cego para cores para o normal que vê?

3*. Eu poderia, fundamentado em meu conhecimento de seu caráter, enunciar confiantemente que ele reagiria nessa situação desse e daquele modo, e seria também possível que outrem pudesse confiar em meu juízo, sem contudo poder exigir de mim que fundamentasse meu juízo mediante uma descrição verificável.

4*. Um pintor teria apresentado a expressão da alegria graciosa. — E eu vejo o quadro e digo "Talvez seja simulada".

5*. É, quando menos, representável que, em um país, a lei confiasse no depoimento de um homem em relação a suas possibilidades, se a testemunha o conhecesse durante um certo tempo. Assim, pergunta-se também hoje, digamos, a um psiquiatra se esta ou aquela pessoa é capaz de suicídio. Então é pressuposto que, em geral, a *experiência* não contraria um tal depoimento.

6*. Tento descrever as leis ou regras de evidência para proposições sobre vivências: caracteriza-se assim o que realmente é visado com o anímico?

7*. {?/} O característico do anímico parece ser que, em outrem, precisa-se adivinhá-lo pelo exterior e só de si mesmo o *conhece*.

Mas, se através de uma reflexão mais cuidadosa esta opinião / desmorona // se evola //, / então não se tornou mesmo o interior em exterior, embora para nós não haja mais evidência direta interna do anímico ou indireta externa. // então não se evidencia com isso que o interior seja algo externo. // // então, com isso, não se torna o interior o exterior, mas "exterior" e "interior" não valem mais como / atributos // propriedades // da evidência. "Evidência interna" nada significa, e por isso também "evidência externa".

8*. {?/} Há, porém, 'evidência para o interior' e 'evidência para o exterior'.

9*. "Eu percebo certamente apenas e sempre / o *exterior* // seu *exterior*// ." Se isto tem sentido, então precisa determinar um conceito. Mas por que não devo dizer que percebo sua dúvida? (*Ele* não a pode perceber.)

10*. Eu posso porém amiúde descrever seu interior como o percebo, embora não seu exterior.

11*. A ligação entre dentro e fora pertence a esses conceitos. Nós não fazemos essa ligação para / eliminar // fazer desaparecer // o interior.

Há *conceitos* internos e *conceitos* externos.

12*. O que quero dizer é decerto que o interior se distingue do exterior por sua *lógica*. E que, certamente, a lógica / esclarece a imagem do dentro e fora // esclarece a expressão "o interior", // torna-a compreensível.

13*. Não precisamos do conceito "anímico" (etc.) para justificar que algumas de nossas conclusões são indeterminadas, etc. Mas tal indeterminação, etc., esclarece-nos o emprego da palavra "anímico".

14*. "É claro que só vejo propriamente o exterior."

Mas, não falo realmente apenas do exterior? Eu digo, por exemplo, sob quais circunstâncias os homens dizem isso ou aquilo. E penso decerto sempre em circunstâncias *exteriores*. É portanto como se eu quisesse esclarecer (de certo modo, definir) o interior pelo exterior. E, porém, não é assim.

15*. Reside isso em ser o jogo de linguagem algo exterior?

16*. *Nenhuma* evidência nos ensina a exteriorização psicológica.[172]

---

[172] Apesar de um tanto forçada nossa solução, foi preciso marcar a ocorrência de 'Äußerung' com a pouco natural 'exteriorização', mesmo temendo que ela talvez comporte algo do preconceito que as reflexões de Wittgenstein denunciam. Seria difícil recorrermos a 'expressão', conquanto eventualmente mais natural traduzir "die Äußerung machen" por algo como "servir-se da expressão". A palavra 'expressão', porém, já está sobrecarregada, traduzindo, além de 'Ausdruck', 'Miene' e por vezes 'Gesicht'. Nestes casos, aliás, embora o contexto deixe claro o sentido de tratar-se de manifestação no rosto, acrescentamos a palavra 'facial'.

17*. "Anímico" não é para mim um / adjetivo // epíteto // metafísico, mas sim um lógico.

18*. | Não acredito que se possa juntar Shakespeare a outros poetas. Não foi ele talvez mais um *criador de linguagem* que um poeta? |

19*. | Eu só poderia admirar Shakespeare; nunca fazer algo com ele. |

20*. | Eu tenho uma *profunda* desconfiança contra os admiradores máximos de Shakespeare. Eu creio ser o azar que ele, ao menos na cultura ocidental, figura sozinho, e então, para alinhá-lo, só se pode alinhá-lo erroneamente. |

21*. | *Não* é como se Shakespeare retratasse bem tipos humanos e fosse nessa medida *verdadeiro*. Ele *não* é fiel à natureza. Mas ele tem uma mão tão ágil, um *traço* de tal modo pessoal, que cada uma de suas figuras parece *significativa*, notável. |

22*. | "O grande coração de Beethoven" — ninguém poderia dizer "o grande coração de Shakespeare". 'A mão ágil que criou novas formas naturais da linguagem' parece-me mais correto. |

23*. | O poeta não pode, propriamente, dizer de si "Eu canto como canta o pássaro" — Shakespeare, todavia, talvez pudesse dizê-lo. |

24*. "Eu vejo o exterior e, com isso, represento-me um interior."

25*. {/} Se expressão facial, gestos e circunstâncias são unívocos, então o interior parece ser o exterior; só quando não conseguimos ler o exterior parece haver um interior escondido atrás dele.

26*. Há conceitos internos e externos, modos internos e externos de consideração do homem. E certamente há também fatos internos e externos — tanto como há, por exemplo, fatos físicos e fatos matemáticos. Mas eles não ficam lado a lado como plantas de diversa natureza. Pois o que disse

soa como se se dissesse: Na natureza, todos esses fatos ocorrem. E, então, o que seria falso nisso?

27*. {/} O interno não se liga ao externo apenas empiricamente, senão também de modo lógico.

28*. {/} O interno está ligado ao externo logicamente, não apenas de modo empírico.

29*. "Se investigo as leis da evidência para o anímico, então investigo a *essência* do anímico." É isto verdadeiro?

30*. Sem dúvida. A *essência* não é algo que possa ser apontado, ela só pode ser descrita em seus traços.

31*. Mas não depõe contra isto um preconceito? Nós certamente podemos progressivamente enumerar as *propriedades* do tinteiro, mas sua *essência* não precisa manter-se de uma vez por todas, não nos é mesmo dada com este / objeto que temos diante de nós // objeto sob nossos olhos // ? O que aí temos diante de nós não é decerto o 'emprego de uma palavra'! Certamente não; mas o conceito 'tinteiro', aqui necessário, não se dispõe apreensível diante de nós, nem isso que se nos antepõe comporta em si o conceito. E, para apresentá-lo, não basta entregar um tinteiro a alguém. E isto não porque o homem seja pouco inteligente para extrair do objeto o conceito.

32*. Eu posso mostrar a alguém um objeto, porque sua *cor* é saliente, e quero mostrá-*la* a outrem; mas isto já pressupõe um certo jogo entre nós.

33*. Sim, ele pode / ficar perplexo de admiração // admirar-se // ao olhar o objeto; mas que ele 'se admire da cor', que a cor seja o *fundamento* da admiração, e não quiçá apenas a *causa* de sua vivência, para isso ele precisa do conceito de cor, / não apenas dos olhos // não apenas do ver //.

34*. Alguém empenha sua palavra ao dizer que outrem tenha acreditado nisso e naquilo. — Então pode-se perguntar-lhe: "De onde você sabe isso?",

e ele pode responder: "Ele me garantiu isso na mais elevada seriedade, e eu o conheço bem".

35*. Se eu digo "Eu não estou familiarizado com ele", então isto tem pouca semelhança com o caso: "Eu não estou familiarizado com este mecanismo". Creio que isso significa *aproximadamente*: Não posso / prever // predizer // seu comportamento com a segurança de como o faço para pessoas 'com as quais estou familiarizado'.

36*. A questão da evidência para o vivenciado precisa estar ligada à segurança ou insegurança de uma previsão acerca do comportamento de outrem. Mas não é de todo assim, pois tão-só raramente se prediz a reação de outrem.

Eu acho que a imprevisibilidade deve ser *uma* propriedade essencial do anímico. Tanto quanto a infinita variedade da expressão.

37*. {/} O que, por exemplo, denota e o que nega que o cachorro tenha uma vida anímica?

Não é decerto sua figura, sua cor ou sua anatomia. Portanto, é seu comportamento.

38*. Os que dizem que o cachorro não tem alma apoiam-se no que ele pode e no que não pode fazer. Pois, se alguém afirmou que um cachorro não pode ter esperança, — de onde deduziu isso? E quem diz que o cachorro *tenha* uma alma, só pode apoiá-lo sobre o comportamento que observou no cachorro.

"Veja só a cara e os movimentos / de um // do // cachorro, e você verá que ele tem uma alma." Mas, o que pode estar na cara? Não é apenas a semelhança com o jogo facial do humano? É, ao menos entre outras coisas, a falta de rigidez?

39*. {/} Os *importantes* e sutis matizes do comportamento não são predizíveis.

40*. Mas, isto significa que, se fossem predizíveis, então, com o homem, não falaríamos na oposição de um interior a um exterior? — Mas, nós nos

representamos claramente uma tal previsibilidade? Ela implica, por exemplo, que não solicitaríamos dele uma decisão?

41*. {/} Imagine que encontremos um homem sem alma. Por que não deve algo assim poder aparecer como uma aberração? Seria, pois, um corpo humano chegado ao mundo com certas funções vitais, mas sem uma alma. Então, como apareceria isso?

42*. {/} A *única coisa* que consigo imaginar nesse caso é que tal corpo humano agiria como um autômato e não como os corpos humanos comuns.

43*. {/} Se isso significa "O homem consiste em um corpo e em uma alma", então não seria contrariado por uma tal aparição. Pois isso não seria mesmo um homem (genuíno), mas sim algo diferente, e decerto bastante raro. Como porém se pode saber que isso *nunca* acontece? Apenas: como apareceria propriamente este fenômeno?

44*. Ou não deveria isso ser fenômeno algum? Não seria reconhecível a capacidade anímica?

45*. Pode haver crueldade sem que tenha qualquer expressão? Corresponderia ao que chamamos de "crueldade"?

46*. Poder-se-ia também dizer assim: como precisaria agir um corpo humano de modo a que não se esteja inclinado a falar de estados humanos internos e externos?

Nesse caso, sempre torno a pensar: "maquinalmente".

47*. O mais finamente articulado comportamento humano é talvez a linguagem dos jogos com tons de voz e expressões faciais.

48*. Poderia o sem alma manifestar um sinal de dor? Caso ele apenas grite e se volte, então poder-se-ia ainda considerar isso como uma reação automática; se ele, porém, faz caretas de dor e parece sofrer, nós já então teríamos o sentimento de vermos *dentro dele mesmo*.

Mas, e se ele então fizesse sempre exatamente a mesma careta de dor?

49*. É como se, por uma / expressão facial humana // expressão humana //, ele se tornasse *transparente* para nós.

50*. Quem tem uma alma precisa estar apto para a dor, a alegria, o desgosto, etc., etc. E, se ele deve além disso ser capaz de lembrar-se, de tomar decisões, de propor-se algo, então ele precisa da expressão lingüística.

51*. {/} E não é então como se eu tivesse em mim (evidência) direta para meu anímico, enquanto ele apenas uma indireta. Mas sim que ele tem alguma evidência, (embora) eu não.

52*. Caso, porém, então se diga que esta evidência torna o anímico apenas provável, então isto é ambíguo e pode significar tanto algo verdadeiro como algo falso. / E, em todo caso, não que a evidência se ligue com o anímico tão-só empiricamente (como um sintoma com uma doença). // Se isto é porém verdadeiro, não o é porque a evidência se liga com o anímico tão-só empiricamente (como um sintoma com uma doença). //

53*. Por que não se deve dizer: "A evidência do anímico no outro é / seu exterior // o exterior //"?

/ Mas nós então não (mais) vemos uma segura evidência imediata e interna do anímico e uma evidência insegura, mediata e externa. // Mas não mais há para nós evidência segura e interna do anímico ou insegura e externa. // // Apenas não há evidência do interno que seja externa, mediata e indireta e a que seja interna, imediata e direta. // // Apenas não há evidência externa e evidência interna para o interior. //

54*. E a evidência, na medida em que for insegura, não o será porque apenas evidência externa.

55*. Que o ator possa apresentar o desgosto, mostra a insegurança da evidência; mas, que ele possa apresentar o *desgosto*, também mostra a realidade da evidência.

56*. Não é a relação do interno ao exterior que esclarece / uma // a // insegurança da evidência, / mas sim, ao contrário, tal relação é apenas uma apresentação imagética / da // dessa // insegurança. // mas sim, ao contrário, tal relação apenas será usada / como apresentação imagética dessa insegurança // como imagem para aquela insegurança //. //

57*. Certamente, não só o anímico pode ser apresentado no palco; também pode ser simulada para nós uma ferida, ou uma montanha.

Não é portanto uma característica exclusiva do anímico que / se deixe encenar // nos possa ser simulado //.

58*. Por que dizemos: "Eu não sabia o que se passava por trás dessa face", embora nos possa ser por completo indiferente o que se passa por detrás da face de um homem? Nossa insegurança de modo algum se relaciona com processos internos; e, caso se relacione ao anímico, então o anímico tem sim uma expressão no corpóreo.

Portanto, a uma insegurança relativa ao interno corresponde uma insegurança sobre o externo.

Assim como a uma insegurança quanto ao número resultante de uma conta corresponde uma insegurança sobre o algarismo que figurará ao final da conta.

59*. E isto *não* significa que a insegurança sobre algo / anímico // interno // se expresse em geral como insegurança sobre o externo.

Assim como o desgosto não deixa essencialmente de ter uma expressão na fisionomia, embora eu possa não estar em condição de descrever uma fisionomia de modo outro que através da palavra 'desgostosa'.

60*. Poderia alguém declarar perante o tribunal: "Eu sei que ele outrora pensou em ...."? Ora, um tal depoimento poderia ser admitido, ou também não. Talvez fosse julgado que alguém que conheça há tantos anos o

acusado possa inferir de sua expressão facial, etc., o que ele pensou em uma determinada situação. Mas talvez um tal depoimento jamais fosse aceito, e a opinião seria a de que também nenhuma *exteriorização* do acusado deva ser reproduzida, caso isso só ocorresse para a descrição de seus processos anímicos.

61*. "Não estou familiarizado com essas pessoas." E para que eu quereria estar familiarizado com elas? — Não são suas reações aquilo com que não estou familiarizado? Que eu por exemplo não lhes possa prever, que sempre tornem a surpreender-me?

"Ele / age // reage // aparentemente de modo ilógico." E isto significa: inconseqüente.

62*. Que alguém não esteja familiarizado com muitos, / então está, portanto, familiarizado com outros, // então isto significa que se está familiarizado com outros. // E isto é por vezes expresso assim: alguém 'pode representar-se' o que se passa em outrem. Isso soa como se saber o que se passa em outrem fosse um *representar* desse processo. Se, por exemplo, sei que alguém me odeia, então sinto uma espécie de afiguração desse ódio. / Esta opinião depende de um monte de idéias falsas. // Aqui tudo é falso. // Usam-se, na verdade, as palavras "representar-se o ódio (etc.) de outrem"; imagens de representação podem decerto com isso entrar no jogo, ou talvez se faça com isso uma careta semelhante, cheia de ódio.

63*. O jogo de linguagem é, do início em diante, construído de modo a que uma comparação com outros jogos de linguagem possa conduzir alguém à imagem da oposição 'fora-dentro'. Mas com isso volta a insegurança efetiva que se cola / ao reconhecimento // à adivinhação // dos processos anímicos de outrem. Pois — como já dito — seria bem possível que tal reconhecer fosse muito mais seguro do que é. E mesmo que a simulação ocorra / mais // principalmente // por um *esconder* da expressão facial (por exemplo). Isto é: a simulação também seria então possível, mesmo se não se pudesse simular a expressão facial.

64*. *Não* é, porém, verdadeiro que a insegurança quanto ao reconhecimento (por exemplo) de seu dissabor seja simplesmente a

insegurança sobre seu comportamento futuro. Reside, pelo contrário, no conceito uma insegurança dos critérios... Às vezes ele é, pois, como que transparente; às vezes, não. E é enganador, se se imagina o próprio dissabor, por assim dizer, como uma expressão no rosto de um rosto *interno*, de modo que esta expressão no rosto esteja clara e completamente definida, e tão-só não esteja seguro, conforme ao exterior, se a alma realmente tem tal expressão.

65*. Pois também se ele mesmo afirma, sem mentir, que tenha estado algo aborrecido, isto não significa que ele então se tenha visto com o rosto por nós chamado de 'aborrecido'. Nós temos mais uma vez apenas uma sua reação verbal, e não é ainda nada claro o quanto ela *significa*. A IMAGEM é clara, mas não seu emprego.

66*. Pois também, se eu mesmo digo "Eu me aborreci um tanto com ele", — como sei o emprego dessas palavras tão exatamente? É ele assim tão claro? Então, elas são mesmo uma exteriorização.

67*. Mas não sei quase exatamente o que quero dizer com aquela exteriorização? "Eu sei decerto exatamente que estado em mim nomeio desse modo." Isto não significa nada. Eu sei como a palavra é empregada e, às vezes, faço tal exteriorização sem hesitar, mas, outras vezes, hesitante, dizendo mais ou menos: eu não teria me "aborrecido *francamente*", ou coisa semelhante. Mas não é *desta* indeterminação que eu falo. Também no caso em que falo sem hesitação que teria me aborrecido não é por isso certo quão seguras seriam as conseqüências desse sinal.

68*. Quando disse haver uma indeterminação no emprego, não penso que não saiba corretamente quando deva servir-me da exteriorização (como se daria, mais ou menos, se não entendesse bem alemão).

69*. Mas não se deve mesmo esquecer *que* ligações são feitas, quando apendemos a usar expressões como "Eu me aborreço".

70*. E não pense em um *adivinhar* do significado correto pela criança, pois, se ela o pôde adivinhar *corretamente,* isso ainda precisa mostrar-se em seu emprego das palavras.

---

131. [/] Um jogo de linguagem: relatar sobre a maior clareza ou escuridão de corpos. — Mas então / há // haveria // um *aparentado* a este: declarar sobre a proporção de clareza entre *cores* determinadas. (Comparar: proporção dos comprimentos / de dois determinados // de dois // bastões — proporção entre / dois determinados // dois // números.)

A forma das proposições é em ambos a mesma ("x é mais claro que y"). / Mas no primeiro jogo de linguagem elas devem ser temporais; no segundo, não. // Mas no primeiro jogo de linguagem são temporais as proposições; no segundo, não. // // Mas no primeiro jogo de linguagem elas são temporais; no segundo, atemporais. //[173]

132. [/] Em um determinado significado de "branco", o branco é a mais clara / de todas // das // cores.

Em uma pintura, na qual um pedaço de papel branco recebe sua claridade do céu azul, este é mais claro que / o branco // o papel branco //. E, todavia, em um outro sentido, o azul é a cor mais escura, o branco a mais clara (Goethe). Sobre um branco e um azul na paleta, este seria mais claro do que aquele? / Na paleta, o branco é a mais clara das cores. // O branco na paleta é mais claro que qualquer outra cor sobre ela. //[174]

133. {/} [/] Eu posso fixar de tal modo na memória um determinado verde-cinza que, mesmo sem uma amostra, sempre o reconheça corretamente. Quanto ao puro vermelho (azul, etc.), porém, eu sempre posso, por assim dizer, reconstruí-lo para mim. É precisamente um vermelho que não se inclina, seja para um lado seja para outro, e eu o / reconheço // registro // sem uma amostra, com a mesma facilidade com que diferencio um ângulo reto de qualquer um agudo ou obtuso.

---

[173] Cf. *BF I*, § 1.
[174] Cf. *BF I*, § 2.

134. [/] Neste sentido, há então 4 cores puras (ou 6, com o branco e o preto).

135.[/] / Uma *história natural* das cores, ela só pode relatar sobre o temporal, não sobre a *essência* da cor. // Uma *história natural* das cores precisaria relatar sobre sua ocorrência na natureza, não sobre sua *essência*. Suas proposições precisariam ser proposições temporais. //

136. [/] Por analogia com as outras cores, um desenho preto sobre um fundo branco, visto através de um vidro *branco* transparente, precisaria aparecer sem alterações como um desenho preto sobre um fundo branco. Pois o preto deve permanecer preto e o branco, porque é também a cor do corpo transparente, / não se modificará // permanecerá inalterado //.

137. [/] Poder-se-ia imaginar um vidro através do qual o preto fosse visto como preto, o branco como branco, e todas as outras cores como tons de cinza; / de modo que, visto através dele, tudo parecesse como / em uma fotografia // fotografado //. // de modo que por ele se visse como parece uma fotografia. //

Mas, por que eu deveria chamá-lo de "vidro branco"?

138. [/] A pergunta é: É a construção 'um corpo branco transparente' como a construção 'biângulo regular'?

139. Eu posso observar um corpo e *ver* talvez uma superfície branca fosca, isto é, ter a *impressão* de uma tal superfície, ou a *impressão* da transparência (esteja ela dada ou não). Esta impressão pode ser produzida pela distribuição das cores, e nela não participam o branco e as outras cores do *mesmo* modo.

(Eu tomei uma cúpula metálica pintada de verde por um vidro verde transparente, sem saber, naquele instante, que condição especial da distribuição cromática / produziu // produz // tal aparência.)

140. [/] E na / impressão visual // imagem visual // de um / corpo transparente // transparente // pode bem ocorrer o branco, por exemplo,

como reflexo, como efeito de luz. Isto é: Se a impressão for sentida como transparente, o branco que vemos não será, todavia, *interpretado* como branco do corpo.

141. [/] Eu vejo através de um vidro transparente: segue-se daí que eu não veja o branco? Não, mas eu não vejo o vidro como branco. Mas, como isto é possível? Pode ocorrer de diversas maneiras. Eu posso, com os *dois* olhos, ver o branco como situado atrás do vidro. Mas posso simplesmente também ver o branco, por sua *posição*, como um brilho (ainda que talvez não haja qualquer brilho). E certamente trata-se aqui de um ver, e não apenas de um tomar-por. E nem sequer é também necessária uma visão binocular para ver algo como estando *atrás* do vidro.

142. {/} As / diversas 'cores' // 'cores' // não possuem todas a mesma ligação com o ver *espacial*.

143. E é indiferente se se esclarece isto pela experiência por nós / reunida // feita // / na infância // a seu tempo //, ou não.

144. [/] Tal ligação é decerto aquela entre espacialidade e luz e sombras.

145. [/] Não se pode também dizer que o branco seja, essencialmente, a propriedade de uma superfície (visual). Pois seria imaginável que ele só ocorresse como efeito de luz ou como cor de uma chama.

146. [/] E mesmo, um corpo na realidade transparente pode também aparecer-nos branco; embora nunca nos apareça como branco e transparente.

147. [/] Mas isso não se deveria expressar assim: O branco não é uma cor transparente.

148. [/] 'Transparente' deixa-se comparar com 'espelhante'.

149. [/] Um elemento do espaço visual pode ser branco ou vermelho, mas nunca transparente ou não-transparente.

150. [/] Transparência e espelhamento só existem / na dimensão de profundidade de uma imagem visual. // na dimensão de profundidade. //[175]

151. [/] Por que, no campo visual, não pode ser ambarina (âmbar) uma superfície visual monocromática? Esta palavra para cor relaciona-se a um meio transparente; se, por conseguinte, um pintor pinta uma taça com vinho de coloração ambarina, poder-se-ia chamar de "cor de âmbar" algo como a superfície do quadro que a apresenta, mas não um elemento monocromático dessa superfície.

152. [/] Um preto brilhante e um preto fosco não poderiam ter também distintos / nomes de cor // nomes // ?

153. [/] / Daquilo // De algo // que parece transparente não dizemos que pareça branco.

154. [/] "Não se pode imaginar que homens tenham uma geometria cromática diferente da nossa?" — Isto significa então: Pode-se imaginar homens com conceitos de cor outros que não os nossos? E significa ainda: Não se pode representar que homens *não* tenham nossos conceitos de cor, mas que *tenham* conceitos de tal modo aparentados a nossos conceitos de cor que nós também / quereríamos // iríamos // chamá-los de "conceitos de cor"?[176]

155. Se os homens estivessem acostumados a ver quadrados sempre verdes e círculos sempre vermelhos, então eles poderiam olhar um círculo verde com desconfiança, como se fora um ser anômalo, e por exemplo até dizer que seja *propriamente* um círculo vermelho, embora tenha algo de um...[177]
[/] Se os homens só tivessem conceitos de cor-forma, então eles teriam portanto uma palavra própria para um quadrado vermelho, e uma própria para um círculo vermelho, uma outra para um círculo verde, etc. Caso

---

[175] Cf. *BF I*, § 19.
[176] Cf. *BF I*, § 66.
[177] A observação está anulada até este ponto por traços em 'x'.

vejam, porém, uma nova figura *verde*, não lhes ocorreria aí qualquer semelhança com o círculo verde, etc.? E não lhes ocorre mesmo nenhuma semelhança entre um círculo verde e um vermelho? Mas, como quero que / se mostre // deva mostrar-se //que lhes ocorre tal semelhança?

Eles poderiam, *por exemplo*, ter um conceito de 'combinar bem'; e todavia não ter a idéia de usar palavras para cor.

Há certamente tribos que só contam até 5, / e elas não notam que lhes falta algo. // e elas provavelmente nunca sentiram a necessidade de descrever o que não é assim passível de descrição. //[178]

156. [/] Runge: "o preto suja". Isto significa que retira da cor / o *colorido* // a *coloração* //; mas, o que significa isto? O preto retira da cor a força luminosa. Mas isto é algo lógico ou algo psicológico? Há um vermelho luminoso, um azul luminoso, etc., mas nenhum preto luminoso. O preto é a mais escura das cores. Diz-se "preto profundo", mas não "branco profundo".

'Um vermelho luminoso' não é porém um vermelho *claro*. Também um vemelho escuro pode luzir. Mas uma cor brilha por seu *contexto*, em seu contexto.

O cinza, contudo, não é luminoso.

Parece então que o preto turva uma cor, embora a escuridão não o faça. Um rubi, portanto, poderia segundo isso tornar-se sempre mais escuro sem todavia tornar-se turvo; caso se torne porém vermelho enegrecido, então se tornaria turvo. Ora, o preto é uma cor de superfície. Já o escuro não é chamado de cor. Na pintura, o escuro *pode* também ser representado pelo preto.

A diferença entre o preto e, digamos, um violeta escuro é semelhante à de timbre entre o bumbo e o tímpano. Do primeiro se diz que seja um ruído, não um tom. É fosco e completamente preto.[179]

157. {/} [/] Veja seu quarto ao cair da noite, quando as cores quase se não distinguem; acenda então a luz e pinte / o que viu à meia-luz // o que antes viu na penumbra //. Há imagens de regiões ou espaços na

---

[178] Há grifo lateral ondulado relativo a esta variante.
[179] Cf. *BF I*, § 55.

penumbra: Mas como se comparam as cores em um tal quadro com as vistas na penumbra? Quão diferente é esta comparação daquela entre duas amostras de cor que tenho ao mesmo tempo em minha frente e disponho, em confronto, lado a lado![180]

158. {/} [/] O que permite afirmar que o verde seja uma cor primária e não uma cor mista de azul e amarelo? Esta resposta seria aqui correta: / "Pode-se reconhecê-lo apenas mediante (a) observação das cores" // Pode-se reconhecê-lo apenas / imediatamente // diretamente //, ao se observar as cores // ? Mas como eu sei que com as palavras "cor primária" quero dizer o mesmo que outrem também inclinado a chamar o verde uma cor primária? Não, aqui há jogos de linguagem que decidem esta questão.[181]

Há verdes mais ou menos azulados (ou amarelados) e há a tarefa de misturar a um dado verde amarelado (ou verde-azul) um menos amarelado (ou azulado), ou de escolhê-lo entre várias amostras de cor. Um verde menos amarelado não é porém um mais azulado (e vice-versa), e há também a tarefa de escolher — ou de misturar — um verde que não seja amarelado nem azulado. E eu digo "ou de misturar", porque um verde, por ser talvez produzido através de uma mistura de amarelo e azul, não se torna por isso, ao mesmo tempo, amarelado e azulado.[182]

159. {/} [/] Pense que, em uma lisa superfície branca, podem se *espelhar* coisas, cujas imagens refletidas parecem, pois, situadas atrás da superfície, sendo vistas, em *certo* sentido, através dela.

160. {/} [/] Se eu digo de um papel que ele seja branco puro, e fosse disposta neve junto ao papel, parecendo este então cinza, iria nomeá-lo branco em sua ambiência normal e para os fins / normais // usuais //, e não cinza claro. Pode ser que eu, talvez em laboratório, empregue um outro conceito de branco, refinado em *certo* sentido. (Como lá às vezes também emprego um conceito refinado da 'exata' determinação do tempo.)[183]

---

[180] Cf. *BF I*, § 67.
[181] Cf. *BF I*, § 6.
[182] Cf. *BF I*, § 7.
[183] Cf. *BF I*, § 5.

161. As cores puras saturadas têm uma clareza a elas / essencial e relativa // específica //. O amarelo, por exemplo, é mais claro do que o vermelho. E o vermelho é mais claro do que o azul? Eu não sei.

162. [/] / Se alguém se tornou familiar ao conceito de cor intermediária // Quem / adquiriu // possui // // domina // o conceito de cor intermediária //, quem / portanto pode encontrar, ou misturar, para um dado matiz um mais esbranquiçado, ou mais amarelado, ou mais azulado, e assim por diante, // portanto pode, por exemplo, encontrar para um dado vermelho um mais amarelado, mais esbranquiçado, mais azulado, e assim por diante, // a ele solicita-se que escolha ou misture um verde avermelhado.[184]

163. [/] Quem conheça um verde avermelhado deveria estar em condições de produzir uma seqüência colorida que comece com o vermelho, termine com o verde e, também para nós, forme algo como uma transição contínua entre eles. Mostrar-se-ia então que lá, onde vemos a cada vez o mesmo tom de marrom, ele vê ora marrom, ora verde avermelhado. Que ele, por exemplo, pode diferençar pela cor dois compostos químicos que têm para nós a mesma cor e nomeia um deles "marrom" e o outro "verde avermelhado".[185]

164. [/] Para descrever o fenômeno da cegueira para o verde-vermelho, preciso apenas dizer o que o cego para o verde-vermelho *não* consegue reconhecer; mas, para descrever o 'fenômeno da visão normal', precisaria enumerar o que nós *podemos* fazer.

165. [/] Quem descreve os 'fenômenos da cegueira para cores' descreve certamente apenas os *desvios* do cego para cores em relação aos normais e não também seu ver total restante.

---

[184] Cf. *BF I*, § 10.
[185] Cf. *BF I*, § 11.

Mas não poderia ela[186] também descrever os desvios da visão normal em relação à cegueira completa? Poder-se-ia perguntar: Para a instrução de quem? Pode alguém ensinar-me que eu vejo uma árvore?

E o que é uma 'árvore', e o que é 'ver'?[187]

166. [/] Pode-se dizer, por exemplo: *Assim* age um homem com uma venda nos olhos, e *assim*, sem venda, um homem que vê. Com uma venda, ele reage desse e daquele modo; sem a venda, ele anda rápido pela rua, cumprimenta seus conhecidos, saúda este e aquele, evita facilmente carros e bicicletas ao atravessar a rua, etc., etc. Já o recém-nascido é reconhecido como capaz de ver por seguir movimentos com os olhos. Etc. etc. A questão é: Por quem deve tal descrição ser compreendida? / Apenas por // Por // quem vê, ou também por cegos?

Tem pleno sentido dizer, por exemplo, "Quem vê distingue pelo olhar uma maçã não-madura de uma madura". Mas *não*: "Quem vê distingue uma maçã verde de uma vermelha". Afinal, o que são 'vermelho' e 'verde'?

"Quem vê distingue uma maçã que lhe parece verde de uma que lhe parece vermelha."[188]

Mas, não posso dizer "*Eu* distingo uma *tal maçã* dessa *tal outra*" (ao tempo em que aponto para uma vermelha e para uma verde)? Como, então, se alguém apontasse para duas maçãs completamente iguais para mim e dissesse isto?! Por outro lado, ele poderia dizer-me: "Para você, estas duas parecem de todo idênticas; por isso, você as poderia confundir; eu, porém, vejo uma diferença, e posso a qualquer tempo reconhecer cada uma delas". Isto pode ser atestado por um experimento.

167. [/] Que experiência me ensina que eu distingo o vermelho do verde?

---

[186] Ao que parece, ao correr da pena, uma concordância por silepse, estando 'ela' talvez (como o sugere, em nota à sua tradução, Gérard Granel) por 'psicologia' — a quem caberia a descrição do ver desviante.

[187] Cf. *BF I*, § 16.

[188] Cf. nota a esta proposição no texto restabelecido.

168. [/] A psicologia descreve os fenômenos do ver. / Para quem ela faz a descrição? // Para quem ela os descreve? // Que ignorância esta descrição pode / remediar // afastar // ?[189]

169. [/] Se alguém que vê jamais tivesse ouvido falar de um cego, — não se poderia descrever-lhe o comportamento do cego?

170. [/] Eu posso dizer: "O cego para cores não pode distinguir uma maçã verde de uma vermelha", e isto pode ser mostrado. Posso, contudo, dizer "Eu posso distinguir uma maçã verde de uma vermelha"? Ora, quiçá pelo gosto. — Entretanto, por exemplo: "Eu posso distinguir uma maça que / vocês chamam // você chama // de 'verde' de uma outra que / vocês chamam // você chama // de 'vermelha'"; portanto, "Eu não sou cego para cores".

171. [/] Este papel é, em lugares distintos, diversamente claro; parece-me contudo cinza / nos lugares mais escuros // onde é mais escuro // ? A sombra projetada por minha mão é, em parte, cinza. Onde o papel se afasta da luz, embora seja mais escuro, eu o vejo branco, mesmo se eu, para pintá-lo, precise misturar algo de cinza. Não é semelhante ao caso em que se vê um objeto afastado apenas como afastado e não como menor? Que, portanto, não se pode dizer "Eu noto que ele parece menor e disso deduzo que esteja afastado", mas sim que noto que está afastado, sem poder dizer *como* eu o noto.

172. [/] A impressão / do meio transparente (colorido) // da transparência // é a de que algo se encontra por detrás do meio. Logo, um pleno monocromatismo da imagem visual não pode ser transparente.[190]

173. [/] Algo branco atrás de um meio transparente colorido aparece na cor do meio, algo preto aparece preto.[191] Conforme a esta regra, atrás de um

---

[189] *Cf. BF I*, § 79.

[190] *Cf. BF I*, § 19.

[191] Uma seta liga este ponto ao início de "Esta não é aqui uma proposição da física...", a parágrafo que, portanto, comenta a regra aqui enunciada.

meio branco transparente, um desenho preto sobre um papel branco precisa aparecer tal como atrás de um meio incolor.[192]

Esta não é aqui uma proposição da física, / mas sim uma regra da interpretação espacial de nossa experiência visual. // mas sim / interpretamos // descrevemos // desse modo nossa experiência visual. // Poder-se-ia também dizer que seja uma regra para o pintor: "Se você quer representar algo branco atrás de um vermelho transparente, então precisa pintá-lo vermelho". Caso o pinte de branco, então ele não parecerá situado atrás do vermelho.

174. {/} [/] Lá, onde o papel branco só está um tanto debilmente iluminado, de modo algum ele parece cinza, mas sim sempre branco.

175. A questão é: / Como precisa algo aparecer de modo que o chamemos de um corpo transparente colorido? // De que maneira deve estar constituída nossa imagem visual, caso deva exibir-nos um meio transparente colorido? // // Como precisa aparecer nossa imagem visual para que possamos dizer que vemos através de um meio cristalino colorido? // Como precisa por exemplo impor-se a cor do meio? Se falamos à maneira da física — embora não se trate aqui imediatamente de leis da física —, então, através de um puro vidro verde, tudo precisaria aparecer mais ou menos verde escuro. O tom mais claro seria o do meio. O que se vê por ele tem então semelhança com uma fotografia. Transpõe-se isto para um vidro branco, então tudo de novo deveria aparecer como fotografado, mas em / tons entre branco e preto. // branco, cinza e preto. // E por que não se deve querer chamar de *branco* a um tal vidro — caso houvesse um? Algo se opõe, / quebra-se em algum lugar a analogia com vidros coloridos de outro modo // a analogia com vidros coloridos de outro modo desanda em algum lugar // ?[193]

176. [/] Um cubo de vidro verde, se colocado diante de nós, parece verde. A impressão de conjunto é verde; então a do cubo branco deveria pois ser branca.

---

[192] Cf. *BF I*, § 20.
[193] Cf. *BF I*, § 25.

177. [/] Onde o cubo precisa parecer branco, a fim de que possamos chamá-lo de branco e transparente?

178. [/] Não há *por isso* um análogo com branco a um vidro verde transparente, porque os parentescos e as oposições entre o branco e as cores restantes são diferentes daqueles entre o verde e elas?

179. [/] Perpassa a luz um vidro vermelho, então ele lança um clarão vermelho; como parece, então, um clarão branco? Deve o amarelo tornar-se esbranquiçado sob um clarão branco ou apenas claro? E torna-se cinza o preto ou deve permanecer preto?

180. [/] Não cuidamos aqui de fatos da física, salvo na medida em que determinam as / leis // regras // da aparência.

181. [/] Não é sem mais claro de qual vidro transparente se deva dizer que tenha a 'mesma cor' de um pedaço de papel verde.[194]

182. [/] Se o papel é, por exemplo, rosa, lilás, azul celeste, então imaginar-se-á o vidro como que *turvo*, mas se poderia também pensar em um vidro cristalino só / levemente // um tanto // avermelhado, etc. Por isso, às vezes se chama algo incolor de branco.

183. [/] A cor de um vidro transparente, poder-se-ia dizer, seria aquela com a qual apareceria uma fonte de luz branca / vista por ela // vista através do vidro //.

Ela aparece todavia, através de um vidro *incolor*, branca não-túrbida.

184. [/] No cinema é amiúde / possível // fácil // ver os acontecimentos do filme como se estivessem atrás da tela e fosse esta transparente como uma lâmina de vidro. Mas, ao mesmo tempo, ela tomaria dos acontecimentos as suas cores, deixando passar apenas o branco, o cinza e o

---

[194] Cf. *BF I*, § 24.

preto. Todavia, não se está tentado a chamá-la de uma lâmina de vidro *branca* transparente.[195]

Como seriam vistas as coisas através de uma lâmina de vidro verde? *Uma* diferença estaria decerto em que esta diminuiria a diferença entre claro e escuro, enquanto aquela outra não tocaria nessa diferença. Uma lâmina 'cinza transparente' iria então diminuí-la de algum modo.

185. [/] De uma lâmina de vidro verde dir-se-ia, mais ou menos, que empresta às coisas sua cor. Faz, porém, minha lâmina 'branca' o mesmo? — Se o meio verde dá às coisas sua cor, então sobretudo às *coisas brancas*.[196]

186. Uma fina camada de um meio colorido colore tão-só levemente as coisas: como deve colori-las um fino vidro 'branco'? Deveria não subtrair-lhes ainda todas as cores?

187. [/] "Água branca que seja pura é inimaginável...." Isto significa: não se pode descrever como pareceria algo branco cristalino; e isto significa: não se sabe que descrição é exigida de alguém mediante tais palavras.[197]

188. [/] Não queremos encontrar uma teoria da cor (quer uma fisiológica, quer uma psicológica), mas sim a lógica dos conceitos de cor. Esta porém cumpre o que amúde se espera, sem razão, de uma teoria.[198]

189. Que palavras para cor sejam esclarecidas a alguém mediante a ostensão a pedaços de papel coloridos, com isso ainda não se / tocou // esclareceu // o conceito da *transparência*. É este conceito que mantém relações / desiguais // diversas // com os diversos conceitos de cor.

190. A quem queira pois dizer que, quanto às cores, não se nota o quão diferentes / seriam // são // seus conceitos, a ele é preciso responder que / dirigiu // dirige // sua atenção justamente ao análogo (à igualdade)

---

[195] Cf. *BF I*, § 25.
[196] Cf. *BF I*, § 26.
[197] Cf. *BF I*, § 23.
[198] Cf. *BF I*, § 22.

nesses conceitos, quando todavia as diversidades residem nas ligações com outros conceitos. [Uma melhor observação a este respeito.][199]

191. [/] Se a lâmina de vidro verde empresta às coisas atrás dela sua cor verde, então ela torna verde o branco, preto o vermelho, amarelo-verde o amarelo, azul esverdeado o azul. A lâmina branca deveria, por conseguinte, tornar tudo esbranquiçado; portanto, tudo *pálido*; e por que então não tornaria o preto cinza? — Mesmo um vidro amarelo escurece, deve também um vidro branco escurecer?

192. [/] Todo meio colorido / absorve luz //, ao absorver luz //, escurece o que é visto através dele: Deve então meu vidro branco também escurecer? E quanto mais grosso, tanto mais? Mas ele deve decerto deixar o branco branco: Destarte, o 'vidro branco' seria sim, propriamente, um vidro escuro.[200]

193. [/] Se, através dele, o verde se torna esbranquiçado, por que não se torna mais branco o cinza? E por que não se torna cinza o preto?

194. O vidro colorido não deve, entretanto, aclarar as coisas atrás dele: / como deve, por conseguinte, ser vista, através dele, alguma coisa verde? Verde esbranquiçado? // O que deve, pois, ocorrer, por exemplo, com alguma coisa verde? Devo vê-la como um verde-cinza? //

195. Fossem esbranquiçadas todas as coisas e a imagem perderia mais e mais em profundidade.

196. O cinza não é um branco mal iluminado, nem o verde escuro um mal iluminado verde claro.

É verdade que se diz "À noite todos os gatos são cinzentos [pardos]", mas isto significa propriamente: não podemos distinguir suas cores e eles *poderiam* inclusive ser cinzentos.

---

[199] Colchetes de Wittgenstein.
[200] Cf. *BF I*, § 30.

197. Em que consiste aqui a diferença decisiva entre o branco e as outras cores? Ela reside / na assimetria / de seus // dos // parentescos // na natureza desigual dos parentescos // // nos parentescos desiguais // nos parentescos diferentes // ? E significa isto, propriamente, uma posição / desigual // especial // no octaedro das cores? / Ou, pelo contrário, uma sua relação de diversa natureza com o claro e o escuro? // Ou é, pelo contrário, a posição desigual das cores em relação ao escuro e ao claro? //

198. O que deve pintar o pintor que deseja produzir o efeito de um vidro branco transparente?

Deve esbranquiçar vermelho e verde (etc.)?

199. [/] Não consiste a diferença simplesmente em que cada vidro colorido deve colorir o branco, enquanto o meu ou o deixa inalterado, ou simplesmente precisa escurecê-lo?

200. [/] Através de um vidro colorido, o branco aparece na cor do vidro. Isto é uma regra / para o aparecer da transparência // para a coloração //. Assim, o branco aparece branco através do vidro branco; portanto, como através de um não-colorido.

201. [/] Lichtenberg fala de um 'branco puro' e quer dizer com isso a *mais clara* das cores. Ninguém poderia falar assim do amarelo puro.

202. [/] É estranho dizer que o branco seja corpóreo, pois certamente o amarelo e o vermelho podem também ser as cores de superfícies e, enquanto tais, não se distinguem categoricamente do branco.

203. {/} [/] Através de um vidro amarelo, observa-se um cubo branco com superfícies iluminadas diversamente claras; ele aparece então amarelo, e suas superfícies seguem iluminadas com diversa força. Como deve ele aparecer através de um vidro branco? E como apareceria um cubo amarelo através de um vidro branco?

204. [/] Seria acaso como se alguém tivesse misturado branco, ou talvez cinza, a suas cores?

205. [/] Não poderia um vidro deixar inalterados branco, preto e cinza e esbranquiçar as cores restantes? E não chegaria um vidro assim o mais próximo de um branco e transparente? O efeito seria então como o de uma fotografia que conservasse ainda vestígios das cores naturais. O grau de escuridão de cada cor precisaria / então // porém // estar registrado e, com certeza, não *diminuído*.

206. [/] Ao que posso compreender, uma teoria física (como a de Newton) não pode resolver os problemas que moviam Goethe, conquanto ele mesmo não os tenha resolvido.

207. [/] Se eu vejo um vermelho puro através de um vidro e ele parece cinza, o teor de cinza da cor veio aqui realmente pelo vidro? Isto é: apenas *parece* também assim?

208. [/] Por que sinto que um vidro branco, se há de colorir uma coisa qualquer, precisaria colorir o preto, embora admita que / o amarelo é engolido pelo preto // um amarelo não atinge o preto // ? Não é porque o colorido cristalino / precisaria // precisa // colorir antes sobretudo o branco, e não o faz e é branco; logo, é turvo?

209. Se alguém olha uma região, semicerrando fortemente os olhos, então as cores se tornam pouco distintas e tudo assume o caráter do preto e branco; mas, parece-me porventura estar olhando aí como através de um tal ou qual vidro colorido?

210. [/] Fala-se amiúde do branco como não-colorido. Por quê? (Faz-se isso mesmo sem se pensar na transparência.)

211. [/] E é admirável que o branco apareça, às vezes, na mesma categoria de outras cores puras (bandeiras), e outras vezes não.[201]

Por que se chama, por exemplo, um verde ou vermelho esbranquiçado de "não *saturado*"? Por que o / esbranquiçado // branco //,

---

[201] Este parágrafo está separado do seguinte por uma linha.

mas não o / amarelado // amarelo //, *debilita* essas cores? Reside isto na psicologia (no efeito) da cor ou em sua lógica? Ora, que se empregue certas palavras como "saturado", "sujo", etc. depende do psicológico; que se faça, porém, principalmente, / uma distinção rigorosa // uma diferença rigorosa //, isso remonta ao conceitual.

212. [/] Isto se liga ao fato de que o branco, paulatinamente, suprime *todos* os contrastes, enquanto o vermelho não o faz?

213. [/] Um e o mesmo tema tem, em tom menor, um outro caráter que em tom maior, mas falar em geral do caráter do tom menor é completamente falso. (Maior e menor em Schubert. Em Schubert, o maior soa com freqüência mais triste que o menor.) E, destarte, acredito que seja ocioso e sem utilidade para a compreensão da pintura falar dos caracteres das cores singulares. Pensa-se propriamente com isso em empregos especiais. Que o verde produza tal efeito como cor de uma toalha de mesa e o vermelho aquele outro, nada deixa inferir sobre seu efeito em uma pintura.

214. [/] O branco dele todas as cores, — o vermelho faz o mesmo?

215. [/] Por que não há luz marrom nem cinzenta? Tampouco há branca? Um corpo luminoso pode parecer branco; mas não marrom, nem cinza.

216. [/] Por que não se pode representar um cinza ardente?

Por que não se pode imaginá-lo como um grau menor do branco ardente?[202]

217. [/] Que algo que parece brilhar não pode aparecer também como cinza, deve remontar a que sempre se chama de "branco" o incolor luminoso; e portanto ensina-nos algo sobre / nosso // o // conceito do branco.

218. [/] Uma luz branca tênue não é uma luz cinza.

---

[202] *Cf. BF I*, § 34.

219. [/] Mas o céu, que ilumina tudo que vemos, pode todavia ser cinza! E como sei, por sua simples aparência, que ele não brilha por si?

220. [/] Isto é, aproximadamente: algo só é 'cinza' ou 'branco' em um determinado contexto.

221. [/] Eu não digo aqui o que dizem os psicólogos da Gestalt: a saber, que a *impressão do branco* se produz desse ou daquele modo. Mas sim a questão, precisamente, é o que seria a impressão do branco. Qual o significado dessa expressão, o que é a lógica do conceito 'branco'?[203]

222. [/] Pois não é da alçada da psicologia da cor que não se possa imaginar algo 'cinza ardente'.[204]

223. [/] Imagine que nos seja dito que uma substância queima com uma chama cinza. Você certamente não conhece a cor das chamas do conjunto das matérias: por que não deveria, pois, ser isto possível? E, no entanto, isto nada quer dizer. Se eu ouvisse algo assim, pensaria apenas que a chama seja *pouco luminosa*.[205]

224. [/] O que *parece* luminoso não parece cinza. Todo cinza *parece* iluminado.[206]

Que todavia algo possa 'parecer luminoso', isto resulta da divisão da clareza no / visto // no campo visual //, mas há também um 'ver algo *como* luminoso'; pode-se, sob certas circunstâncias, tomar a luz refletida pela luz de um corpo luminoso.

225. {/} [/] Eu poderia, portanto, ver algo *agora* como pouco luminoso *agora* como cinza.[207]

---

[203] Cf. *BF I*, § 39.
[204] Cf. *BF I*, § 40.
[205] Cf. *BF I*, § 41.
[206] Cf. *BF I*, § 36.
[207] Cf. *BF I*, § 38.

226. [/] O que se vê como luminoso não se vê como cinza. Mas decerto pode-se vê-lo como branco.[208]

227. [/] Fala-se de um 'brilho vermelho escuro', mas não de um 'vermelho negro'.[209]

228. Há uma *impressão* do luzir.

229. [/] Não é o mesmo dizer / : a impressão do branco ou do cinza é produzida (causalmente) sob / estas // tais // // tais e tais // / condições // circunstâncias // // que esta impressão seja produzida (causalmente) sob / estas // tais // // tais e tais // / condições // circunstâncias // //, e que ela seja / a // uma // impressão de um determinado contexto (definição). (O primeiro é psicologia da Gestalt; o segundo, lógica).[210]

230. 'Fenômeno original' é, por exemplo, o que Freud acreditou ter / reconhecido // visto // nos simples sonhos de desejo. O fenômeno original é uma idéia preconcebida que se apossa de nós.

231. [/] Aparece-me à noite um fantasma. Ele poderia então brilhar com um débil clarão branco; vejo-o porém cinza, então a luz precisaria provir de um outro lugar qualquer.

232. [/] A psicologia, caso fale do parecer, une parecer / a // e // ser. Nós, porém, podemos falar unicamente do parecer (ou nós unimos parecer e parecer).

233. [/] Poder-se-ia dizer que a cor do fantasma seja aquela que eu preciso misturar na paleta para pintá-lo exatamente.

Mas como se determina qual seja a imagem exata?

---

[208] Cf. *BF I*, § 37.
[209] Cf. *BF I*, § 42.
[210] Cf. *BF I*, § 51.

234. [/] A psicologia liga o vivido a algo físico, enquanto nós ligamos o vivido ao vivido.

235. Poder-se-ia pintar a penumbra na penumbra. E a 'iluminação correta' de uma pintura poderia ser a penumbra. (Pintura de cenários.)

236. [/] Uma superfície branca lisa pode refletir [espelhar]: Como, então, se nos enganamos e o que nela aparece refletido realmente estivesse atrás dela e sendo visto através dela? Seria ela então branca transparente? Também então não corresponderia o que vemos ao transparente colorido.[211]

237. [/] Fala-se em um 'espelho negro'. Entretanto, se ele reflete, *escurece* na verdade, mas não parece preto e seu preto não 'suja'.[212]

238. Por que o verde se afoga no preto, mas não o branco?

239. [/] Há conceitos de cor que só se relacionam com a aparência visual de uma superfície, e poderia haver alguns que tão-só se relacionassem / à aparência de meios transparentes // a meios transparentes // ou, mais precisamente, à sua impressão visual. Poder-se-ia também não querer chamar de "branco" um efeito de luz branco, digamos, na prata, e distingui-lo da cor branca de uma superfície. Por isso, segundo creio, esse falar sobre luz "transparente".

240. Caso se ensinasse conceitos de cor a uma criança, apontando para chamas coloridas ou para corpos transparentes coloridos, a singularidade do branco, do cinza e do preto revelar-se-ia mais claramente.

241. [/] Que os conceitos de cor não sejam de mesma natureza lógica, vê-se facilmente. Vê-se facilmente a diferença entre os conceitos 'cor do ouro' ou 'cor da prata' e 'amarelo' ou 'cinza'.

---

[211] Cf. *BF I*, § 43.
[212] Cf. *BF I*, § 44.

Que, porém, subsista uma razoavelmente aparentada diferença entre 'branco' e 'vermelho', é difícil de ver.[213]

242. [/] A não-transparência do leite não se deve a ser ele branco, — como se fosse o branco algo não-transparente.

Se o 'branco' é bem um conceito que se relaciona apenas a uma superfície visual, por que não há então um conceito de cor aparentado ao branco que se relacione ao transparente?

243. Não quereremos chamar de colorido branco um meio através do qual uma amostra preta e branca (um tabuleiro de xadrez) apareça inalterada, mesmo se ele tornasse esbranquiçadas as cores restantes.[214]

244. Cinza e branco pouco iluminado ou pouco luminoso podem ser, em *um* sentido, a mesma cor, pois, se *pinto* este, talvez precise misturar daquele na paleta.

245. Se vejo algo como cinza ou como branco, isso pode depender de como vejo iluminadas as coisas ao meu redor. Em um contexto, a cor é para mim um branco em má iluminação; em outro, é um cinza em boa iluminação.[215]

246. O balde que vejo diante de mim é esmaltado branco brilhante; seria impossível chamá-lo de "cinza" ou dizer "Eu vejo na verdade cinza". Mas ele tem um efeito luminoso bem mais claro que o restante de sua superfície e, como ele é redondo, passa gradualmente da luz para a sombra, sem contudo parecer diferentemente colorido.[216]

247. Qual é a cor do balde *neste* lugar? Como devo decidir isto?

248. [/] Embora não haja fenomenologia, há decerto problemas fenomenológicos.[217]

---

[213] Cf. *BF I*, § 54.
[214] Cf. *BF I*, § 47.
[215] Cf. *BF I*, § 49.
[216] Cf. *BF I*, § 50.
[217] Cf. *BF I*, § 53.

249. [/] Poder-se-ia dizer: A mistura ao vermelho não atenua as cores; a mistura ao branco, sim.

Por outro lado, nem sempre se sente o rosa, ou um azul esbranquiçado, como diluído.

250. [/] Pode-se dizer: "Cinza luminoso é branco"?

251. [/] As dificuldades que / encontramos ao refletir sobre a essência das cores // se sente ao refletir sobre a essência das cores // (às quais Goethe quis fazer frente com sua doutrina das cores), / encerram-se já em não termos / apenas um // um // conceito de identidade de cor, mas sim vários deles, uns aos outros aparentados. // residem já na multiplicidade de aspectos de nosso conceito de identidade cromática. // // encerram-se já na / multiplicidade // multiformidade // dos conceitos aparentados da identidade de cor. // // encerram-se já na / multiplicidade // multiformidade // / do // de nosso // conceito de identidade de cor. //[218]

252. [/] A questão é: Como precisa estar constituída a imagem visual de sorte que nos ocorra que a vemos branca? // De que gênero precisa ser nossa imagem visual, se nós a devemos chamar de imagem de um meio transparente colorido? // / Ou ainda // Poder-se-ia também perguntar assim //: Como algo precisa parecer de modo a aparecer-nos como colorido e transparente? Esta não é uma questão da física, embora ligada a questões físicas.

253. [/] Como está constituída nossa imagem visual que chamamos de imagem de um meio transparente colorido?

71*. | Não creio que Shakespeare pudesse refletir sobre o 'destino do poeta'. |

---

[218] Cf. *BF I*, § 56.

72*. | Tampouco ele pôde considerar-se a si próprio como profeta ou mestre da humanidade.

Os homens admiram-no quase como um espetáculo da natureza. Eles não sentem que, com ele, entram em contato com um grande *homem*. Mas sim com um fenômeno. |

73*. | Eu acredito que, para fruir um poeta, é preciso também *gostar* da cultura a que ele pertence. É ela indiferente ou antipática a alguém, / então só é possível uma admiração fria. // então esfria a admiração. // |

254. {S} [/] Há, aparentemente, o que se pode chamar de "cores de matéria" e o que de "cores de superfícies".

255. Nossos conceitos de cor relacionam-se ora a substâncias (a neve é branca), ora a superfícies (esta mesa é marrom), ora à iluminação (no crepúsculo avermelhado), ora a corpos transparentes. E não há também um emprego relativo a um lugar no campo visual, logicamente independente / de um // do // contexto espacial?

Não posso dizer: "Eu vejo branco ali" (e quiçá pintá-lo), mesmo se de modo algum interpreto espacialmente a imagem visual? (/ Cor de mancha // Cor de lugares //) (Eu penso em uma maneira de pintar pontilhista.)

256. [/] Em geral, poder nomear uma cor ainda não significa poder copiá-la exatamente.

Talvez eu possa dizer "Lá eu vejo um lugar avermelhado" e, contudo, não poder produzir por mistura uma cor que lhe reconheça como idêntica.

257. Pinte, digamos, o que você vê, quando fecha os olhos! E, entretanto, você consegue descrevê-lo *aproximadamente*.

258. Pense nas cores da prata polida, do níquel, do cromo, etc., ou na cor de um arranhão nesses metais.

259. [/] Eu atribuo a uma cor um nome "C" e digo que seja a cor que vejo *ali*. Ou talvez eu pinte meu campo visual e então diga simplesmente "Eu

vejo *isto*". Ora, que cor está *neste* lugar de minha imagem? Como determino isto? Eu introduzo, digamos, a palavra "azul cobalto": Como fixo o que é 'A'? Eu poderia tomar como paradigma desta cor um papel, ou a matéria de cor em um pote. Mas, como eu determino que uma superfície (por exemplo) tenha esta cor? Tudo depende do método de comparação.

260. O que se pode chamar de "impressão de conjunto colorida" de uma superfície não é como que uma espécie de média aritmética de todas as cores da superfície.

261. | "Eu vejo (ouço, sinto, etc.) X"
"Eu observo X"

X não está no lugar do mesmo conceito, / da primeira e da segunda vez // nisto tudo //, mesmo se ambas as vezes a mesma expressão figure por ele, por exemplo, "uma dor". Pois, à primeira proposição, / poderia // pode // seguir-se a pergunta "Que tipo de dor?", à qual se poderia responder espetando o argüidor com uma agulha. Segue-se porém a pergunta "Que tipo de dor?" à segunda proposição, então a resposta precisa ser de outra espécie, por exemplo, "A dor em minha mão". |[219]

262. [/] Quisera dizer "*Neste* lugar do meu campo visual está *esta* cor (abstraindo-se de todo qualquer interpretação)". Mas, para que uso esta proposição? "*Esta*" cor precisa (decerto) ser uma que eu possa reproduzir. E é preciso que se determine sob quais circunstâncias eu digo de algo que tenha esta cor.

263. [/] Imagine: alguém aponta para um lugar na íris de um rosto pintado à maneira de Rembrandt e diz: "A parede do meu quarto deve ser pintada desta cor".[220]

264. [/] Que possamos dizer "Este lugar em meu campo visual é verde-cinza", isto não significa / que saibamos como seria nomeável uma cópia

---

[219] Cf. *BF I*, § 57.
[220] Cf. *BF I*, § 58.

exata / deste // do // matiz. // que possamos determinar o tom exato da cor. //[221]

265. [/] Eu pinto a vista de minha janela; um certo lugar, determinado por sua posição na arquitetura de uma casa, eu pinto com ocre. Eu digo "Vejo este lugar desta cor".

Isto não significa que eu veja neste lugar a cor ocre, pois / a // esta // matéria de cor, assim contextuada, costuma aparecer-me muito mais clara ou mais escura, ou mais avermelhada (etc.) do que o ocre.

Eu posso quiçá dizer "Eu vejo este lugar assim como o pintei aqui (com ocre); / a saber, como um amarelo fortemente avermelhado". // ele me parece, todavia, fortemente avermelhado". //

Como porém se alguém me pede para indicar o *exato* matiz que aqui me aparece? Como devo indicá-lo e como devo determiná-lo? / Poder-se-ia, por exemplo, exigir de mim que produzisse uma amostra de cor, um pedaço quadrado de papel dessa cor. E // Eu poderia colorir assim um pedaço de papel e // eu não digo que uma tal comparação / seja // fosse // desprovida de interesse, mas ela indica que não é, em princípio, claro como devam ser comparados matizes, e portanto não é claro o que significa aqui "identidade de cor".[222]

266. [/] Imaginemos uma pintura recortada em pequenos pedaços de coloração aproximadamente uniforme e tais pedaços então empregados como peças de um quebra-cabeça. Mesmo onde uma tal peça não for monocromática, ela não deve / sugerir // deixar reconhecer // uma forma espacial qualquer, mas sim aparecer como uma mancha colorida plana. Tão-só na sua ligação com outras ela se torna um pedaço do céu, uma sombra, um brilho, uma superfície côncava ou convexa etc.[223]

267. [/] Poder-se-ia pois dizer que tal quebra-cabeça mostra as cores próprias dos lugares da imagem.[224]

---

[221] Cf. *BF I*, § 62.
[222] Cf. *BF I*, § 59.
[223] Cf. *BF I*, § 60.
[224] Cf. *BF I*, § 60.

268. [/] Poder-se-ia estar inclinado a crer que / uma // a // análise / de nossos // dos // conceitos de cor conduziria enfim às cores de lugares de nosso campo visual, que seriam independentes de qualquer interpretação espacial ou física, pois não haveria aqui iluminação, nem sombras, nem brilho, nem transparência ou não-transparência, etc.[225]

269. {/} [/] O que, sobre um fundo escuro, nos aparece como um traço claro, monocromático e sem espessura pode parecer branco, mas não cinza. (?) Um planeta não poderia parecer cinza claro.

270. Entretanto, sob certas circunstâncias, não se *interpretaria* como cinza o ponto ou o traço? (Pense em uma fotografia.)

271. [/] Vejo realmente loiros os cabelos do jovem na fotografia?! — Vejo-os cinza?

Infiro apenas que precisa ser na realidade loiro o que aparece *assim* na imagem?

Em *um* sentido, eu os *vejo* loiros; em outro, cinza mais claro e mais escuro.[226]

272. 'Vermelho escuro' e 'vermelho negro' não são conceitos de mesma natureza. Um rubi pode aparecer vermelho escuro à visão, mas não vermelho negro, se for cristalino. O pintor pode apresentá-lo / mediante // como // uma mancha vermelho-negra, mas, na imagem, esta mancha não produzirá um efeito vermelho-negro. Ela será vista com *profundidade*, assim como o plano aparece tridimensional.

273. [/] No filme, como na fotografia, rosto e cabelos não parecem *cinza*, eles produzem uma impressão completamente natural; pelo contrário, nos filmes, a comida nos pratos costuma parecer cinza e, por isso, nada apetitosa.

---

[225] Cf. *BF I*, § 61.
[226] Cf. *BF I*, § 64.

274. [/] Mas, o que quer dizer que o cabelo pareça loiro na fotografia? Como se mostra que ele *parece* assim e não que se *inferiu* tão-somente sua cor? Qual de nossas reações permite-nos dizê-lo? — Afinal, uma cabeça em mármore ou gesso não parece branca?[227]

275. [/] Se até mesmo a palavra "blond" ("loiro") pode *soar* blond (loira), tanto melhor podem parecer loiros os cabelos fotografados![228]

276. [/] Ora, eu descreveria a fotografia, do modo mais natural, com as palavras: "Em uma máquina estão um homem de cabelo escuro e um jovem com cabelo loiro penteado para trás." Eu descreveria assim a *fotografia*. E, se alguém disser que isso descreve não a fotografia, mas sim os objetos que, provavelmente, foram fotografados, então eu poderia apenas dizer que a imagem parece assim, *como se fossem* dessa cor os cabelos.[229]

277. [/] Caso me fosse solicitado descrever a fotografia, eu o faria com aquelas palavras.[230]

278. [/] O cego para cores compreende a declaração de que ele seja cego para cores. O cego, a de que seja cego. Mas eles não podem fazer todos os empregos dessas proposições feitos pelo normal. Pois, como este domina jogos de linguagem (com palavras de cor, por exemplo) que aqueles não podem aprender, então também jogos de linguagem com as palavras "cego para cores" e "cego".[231]

279. [/] Pode-se descrever ao cego como é quando alguém *vê*? — Certamente; um cego aprende decerto várias coisas sobre a diferença / entre ele e quem vê // do cego em relação a quem vê //. E, todavia, gostar-se-ia de responder "Não" àquela pergunta. — Não se encontra ela, / [porém] // então //, / colocada de modo enganador. Pode-se descrever a

---

[227] Cf. *BF I*, § 64.
[228] Cf. *BF I*, § 65.
[229] Cf. *BF I*, § 64.
[230] Cf. *BF I*, § 64.
[231] Cf. *BF I*, § 77.

quem vê como é quando alguém vê? Ora, certamente, *pode-se* / explicar-lhe // descrever-lhe // o que é cegueira! Isto é, pode-se descrever-lhe o comportamento característico do cego e pode-se vendar-lhe os olhos. Por outro lado, não se pode, em tempo algum, fazer o cego ver; embora se possa descrever-lhe o comportamento de quem vê. // colocada de modo enganador? Pode-se descrever 'como é quando se joga futebol' a quem não o joga, tanto como a quem o joga — a este talvez para que teste a correção da descrição. //[232]

280. [/] Pode-se dizer que a 'cegueira para cores' (ou a 'cegueira') seja um fenômeno, mas 'ver' não?

Isto significaria, aproximadamente: "Eu vejo" é uma exteriorização; "Eu sou cego", não. Mas isto, todavia, não é verdadeiro. Com freqüencia, tomam-me por cego na rua. Eu poderia dizer a quem o faça "Eu vejo", isto é: eu não sou cego.

281. [/] Poder-se-ia dizer: É um fenômeno haver pessoas que não possam aprender isso ou aquilo. Tal fenômeno é a cegueira para cores. — Ela seria pois uma incapacidade; enquanto o ver; / a // uma // capacidade.

282. [/] Eu digo a B (que não sabe jogar xadrez): "A não consegue aprender xadrez". B pode compreender isto. — Mas então eu digo a alguém que, em geral, não tem condição de aprender um jogo qualquer, que tal ou qual pessoa não possa aprender um jogo. O que sabe aquele da essência de um jogo? Não pode, por exemplo, ter um conceito completamente falso do que seja um jogo? Entretanto, ele pode compreender que não os convidamos para uma diversão, porque ele e o outro não conseguem aprender jogo algum.

283. [/] Tudo o que quero dizer aqui reduz-se a que as exteriorizações "Eu vejo um círculo vermelho" e "Eu vejo, não sou cego" são logicamente diversas? Como se testa um homem para descobrir se a primeira declaração é verdadeira? Como, para a segunda? A psicologia ensina a

---

[232] Cf. *BF I*, § 81.

constatar a cegueira para cores, e por isso mesmo também o ver normal. Mas, *quem* pode aprender isso?[233]

284. [/] Não posso ensinar a ninguém um jogo que eu mesmo não possa aprender. Um cego para cores não pode ensinar ao de visão normal o uso normal de palavras para cor. Isto é verdadeiro? Ele não poderia *demonstrar*-lhe o jogo, o uso.

285. [/] Não poderia ocorrer ao membro de um povo de cegos a idéia de homens de natureza estranha (que nós chamaríamos de "homens de visão normal")? Ele não poderia representar um tal homem de visão normal, por exemplo, no teatro? Do mesmo modo que poderia representar alguém com o dom da profecia, sem contudo possuí-lo. Isto, no mínimo, é pensável.

286. [/] Mas, ocorreria jamais a cegos para cores chamar-se a si próprios de "cegos para cores"? — Por que não?

Como, porém, 'as pessoas de visão normal' poderiam aprender o uso 'normal' das palavras de cor, caso fossem exceções em uma população de cegos para cores? — Não é / possível // pensável // que empregassem palavras de cor 'normalmente' mesmo, cometendo talvez, aos olhos dos outros, certos erros, até que finalmente aprendessem a aquilatar suas capacidades incomuns?

287. [/] Eu posso imaginar como me apareceria, caso eu encontrasse / um tal homem // um homem assim //.

288. [/] Eu posso imaginar como agiria um homem para quem é desimportante o que para mim é importante. Posso, entretanto, imaginar seu *estado*? — O que significa isto? — Posso imaginar o estado de alguém para quem importa o que também me importa?

289. Eu poderia (também) imitar exatamente alguém que calcula uma multiplicação, sem poder aprender eu próprio a multiplicar.

---

[233] Cf. *BF I*, § 84.

Eu não poderia então ensinar outrem a multiplicar, embora seja pensável que lhe desse o impulso para aprendê-lo.

290. Um cego para cores pode bem descrever o teste que revelou sua cegueira para cores. E o que ele pode descrever / depois // a seguir //, ele teria podido também inventar.

291. [/] Pode-se descrever a alguém matemática superior, a não ser ao tempo em que ela lhe é transmitida? Ou também: Esta aula *é* uma *descrição* da arte do cálculo? Descrever a alguém o jogo de tênis *não* significa ensinar-lhe a jogar (e vice-versa). Por outro lado: quem não soubesse o que é tênis e ora aprende a jogá-lo, ele o sabe então. ("Knowledge by description and knowledge by acquaintance.")

292. [/] Quem tem ouvido absoluto pode aprender um jogo de linguagem que eu não posso.

293. Poder-se-ia dizer que os conceitos dos homens indicam o que lhes interessa e o que não. Mas não como se isso *esclarecesse* os conceitos particulares que têm. Deve-se apenas excluir a concepção de que nós teríamos os conceitos corretos, enquanto outras pessoas os falsos. (Há um percurso de um erro de cálculo a uma outra maneira de calcular.)

294. [/] Quando cegos falam, como lhes é usitado, do céu azul e de outras aparições visuais específicas, quem vê diz amiúde "Quem sabe o que ele imagina com isso?". Por que ele diz isso, mas não de cada um daqueles outros que vêem? É claro que se trata, em geral, de uma expressão falsa.

295. Aquilo sobre que escrevo tão morosamente pode ser óbvio para outrem com um entendimento são.

296. Nós dizemos: "Imaginemos homens que não conheçam *este* jogo de linguagem." Mas, com isso, nós não temos ainda uma representação clara da vida desses homens, de onde ela se desvia da nossa. Nós ainda não sabemos o que há para imaginar; pois a vida daqueles homens deve no

restante corresponder à nossa, e é preciso primeiro determinar o que, em novas circunstâncias, chamaríamos de uma vida correspondente à nossa.

Não é como se se afirmasse: Há homens que jogam xadrez sem o rei? E logo surgem questões, entre outras, como: Quem ganha então? Quem perde? Você precisa tomar decisões *ulteriores* que não previu naquela primeira determinação. Assim como você tampouco vislumbra toda técnica original, mas se familiariza progressivamente com ela.

297. Pertence à simulação que se considere possível a simulação por outrem.

298. Se homens se comportam de tal modo que supomos que talvez estejam a simular, mas tais homens não mostram entre si qualquer desconfiança, então eles não produzem a imagem de homens que dissimulam.

299. 'Nós precisamos sempre admirar-nos dessas pessoas.'

300. Nós poderíamos representar certas pessoas no palco e fazê-las falar apartes (asides) que naturalmente não pronunciariam na vida real, embora correspondam a seus pensamentos. Entretanto, não poderíamos representar assim pessoas de espécie a nós estranha. Mesmo se pudéssemos prever suas ações, não poderíamos contudo fazê-los proferir apartes convenientes.

E, entretanto, há algo falso também nesse modo de considerar, pois alguém poderia, enquanto atua, dizer realmente algo para si próprio, e isto poderia ser / por exemplo // simplesmente // de todo convencional.

301. Que eu possa ser amigo de um homem, isso depende de que ele disponha das mesmas *possibilidades* ou de semelhantes às minhas.

302. Seria correto dizer que nossa vida se espelha em nossos conceitos?

Eles se situam em meio a ela.

303. / A regularidade de nossa linguagem // Nossa linguagem // perpassa nossa vida.

304. De quem diríamos que não tem nosso conceito de dor? Eu poderia supor que ele não conheça dores, mas eu quero supor que as conheça; ele oferece, pois, por si, exteriorizações de dor e se poderia ensinar-lhe as palavras "Eu tenho dores". Ele também deve ser capaz de se lembrar de suas dores? — Ele deve reconhecer enquanto tais as exteriorizações de dor de outrem? Mas, como se mostra isto? Ele deve mostrar compaixão? – Ele deve reconhecer uma dor fingida *como tal*?

305. "Eu não sei *o quão* irritado ele estava." "Eu não sei se ele estava *realmente* irritado." — Ele próprio o sabe? Então, pergunta-se a ele e ele diz "Sim, eu estava".

306. O que é, então, a *insegurança* quanto a saber se o outro estava irritado? É um estado da alma do inseguro? Por que ele deve ocupar-nos? Ela reside no uso da declaração "Ele está irritado".

307. Alguém está inseguro, enquanto o outro pode estar seguro: ele 'conhece a expressão visual' desse homem quando irritado. Como ele aprende a reconhecer como tal esse indício da irritação? Isto não é fácil dizer.

308. Mas não só: "O que significa estar inseguro acerca do estado de outrem?" — mas também: "O que significa '*saber*, estar seguro, que aquele se irritou'?"

309. Aqui poder-se-ia então perguntar o que quero propriamente, até que ponto quero haver-me com a gramática.

310. {/} Há algo de comum entre a segurança de que ele irá visitar-me e a segurança de que ele se irritou. Também há algo de comum entre o jogo de tênis e o jogo de xadrez, mas ninguém diria aqui: "Simples: eles jogam em ambos os casos, só que algo diferente".[234] Vê-se *neste* caso a dessemelhança

[234] Grifos ondulados, em ambas as margens, a partir deste ponto do parágrafo.

com "Ele come uma vez uma maçã, outra uma pêra", enquanto naquele caso não é tão fácil vê-la.

311. {/} "Eu sei que ele chegou ontem" — "Eu sei que 2×2=4." — "Eu sei que ele teve dores" — "Eu sei que ali há uma mesa."

312.[235] Eu sei a cada vez, embora sempre algo diferente? *Com certeza,* — mas os jogos de linguagem / são bem mais distintos do que chegamos a ter consciência com tais proposições. // são bem mais afastados entre si do que permitem supor tais expressões. // // são bem mais distintos do que as proposições que dizem o que eu sei. //

313. "O mundo dos objetos físicos e o mundo da consciência." O que eu sei acerca *deste*? O que me ensinam meus sentidos? Portanto, como é quando se vê, ouve, sente etc. etc. — Mas, eu aprendo isto realmente? Ou aprendo como é quando *eu agora* vejo, ouço, etc. e *creio* que antes também foi assim?

314. O que é, propriamente, o '*mundo*' da consciência? Aí gostaria de dizer: "O que se sucede em meu espírito, o que agora lhe sucede, o que vejo, ouço,...." Não poderíamos simplificar isto e dizer: "O que vejo agora"? —

315. A questão é, evidentemente: Como 'comparamos' objetos físicos — como, vivências?

316. O que é, propriamente, o 'mundo da consciência'? — O que está em minha consciência: o que agora vejo, ouço, sinto..... — Mas o que, por exemplo, eu vejo agora? A resposta não pode ser: "Ora, *tudo isto*", acompanhada de um gesto abrangente.

317. Se quem acredita em Deus olha à sua volta e pergunta "De onde provém tudo o que eu vejo?", "De onde tudo isto?", ele não exige *nenhum* esclarecimento (causal); e a chave de sua pergunta é ser ela a expressão dessa exigência. Ele expressa, portanto, uma / atitude // tomada de posição // ante todos os esclarecimentos. — Mas, como ela se mostra em

---

[235] Parágrafo não separado do anterior.

sua vida? É a atitude de levar a sério uma certa coisa, mas também, então, em um certo ponto,[236] de não levá-la a sério, e explicar que algo outro seja ainda mais sério.

Assim, alguém pode dizer que seja muito sério que tal ou qual pessoa tenha morrido antes de poder completar uma certa obra; e que, em outro sentido, isto pouco importa. Aqui usam-se as palavras "em um sentido mais profundo".

Eu gostaria propriamente de dizer [que tampouco aqui importam as *palavras* pronunciadas ou o que se pensa com elas, mas sim a diferença que elas fazem em diversos momentos da vida.][237] Como sei que querem dizer o mesmo dois homens quando cada um diz acreditar em Deus? E pode-se dizer a mesmíssima coisa em relação à trindade. A teologia, que insiste no uso de / determinadas // *certas* // palavras e frases e bane o uso de outras, não torna nada mais claro. (Karl Barth.) Ela, por assim dizer, agita palavras, porque quer dizer algo / e não sabe como se pode expressá-lo // e não o sabe expressar //. *A Praxis* dá às palavras seu sentido.

318. Eu observo esta mancha. "Agora ela é *assim*" — ao tempo em que aponto, digamos, para uma imagem. Eu posso *observar* continuamente o mesmo, e o que *vejo* pode nisto permanecer o mesmo ou alterar-se. O que eu observo e o que eu vejo não têm a mesma (espécie de) identidade. Pois as palavras "esta mancha", por exemplo, não permitem reconhecer a (espécie de) identidade a que viso.

319. "A psicologia descreve os fenômenos da cegueira para cores e também os do ver normal." O que são os 'fenômenos da cegueira para cores'? Certamente as reações do cego para cores, pelas quais ele se distingue do normal. Mas não *todas* as reações do cego para cores, por exemplo, não aquelas por que ele se distingue do cego. — Posso ensinar ao cego o que é ver, ou posso ensiná-lo a quem vê? Isto nada significa. O que significa: descrever o *ver*? Mas eu posso ensinar aos homens o significado das palavras "cego" e "vidente", e mesmo as aprendem tanto quem vê quanto o

---

[236] Não é certo se o grifo ondulado no manuscrito refere-se a estas palavras ou às de uma variante riscada.

[237] Indicamos, excepcionalmente, entre colchetes trecho a que se refere um grifo lateral ondulado.

cego. Sabe o cego como é quando se vê? Sabe-o porventura quem vê?! Sabe ele também como é ter consciência?

Mas, não pode o psicólogo observar a diferença entre o comportamento de quem vê e o do cego? (O meteorologista, a diferença entre a chuva e a estiagem?) Poder-se-ia com certeza observar, por exemplo, a diferença de comportamento entre ratos dos quais foram extraídos os bigodes e os não mutilados. E a isto / poder-se-ia // precisar-se-ia // talvez chamar de descrever o papel desse aparelho do tato — A vida do cego é diferente da vida de quem vê.

320. O normal pode, por exemplo, aprender a escrever conforme ao ditado. O que é isto? Ora, um fala e o outro escreve o que o primeiro falou. / Ele fala, por exemplo, o som *a*, // Se ele, por exemplo, diz o som *a*, // então o outro escreve o sinal "a" etc. — Não precisa, então, quem *entende* este esclarecimento ou já conhecer o jogo, apenas talvez com outro nome, ou / aprendê-lo // tê-lo aprendido // mediante a descrição? Ora, Carlos Magno entendeu certamente o princípio da escrita e contudo não pôde aprender a escrever. Assim, também pode entender a descrição de uma técnica aquele que não a pode aprender. Há, porém, dois casos do não-poder-aprender. Em um deles, nós simplesmente não adquirimos uma habilidade; no outro, falta-nos a compreensão. Pode-se *explicar* a alguém um jogo: Ele pode compreender tal explicação, mas não conseguir aprender o jogo, ou é incapaz de compreender uma explicação do jogo. Também é imaginável o contrário.

321. "Você vê a árvore, o cego não a vê." Isto eu precisaria dizer a alguém que vê. E, portanto, a um cego: "Você não vê a árvore, nós a vemos"? Como seria se o cego acreditasse enxergar, ou se eu acreditasse que não possa ver?[238]

322. É um fenômeno que eu veja a árvore? É um fenômeno que eu reconheça isto corretamente como árvore, que eu não seja cego.

---

[238] Cf. *BF I*, § 85.

323. "Eu vejo uma árvore", como exteriorização da impressão visual, seria a descrição de um fenômeno? *De que* fenômeno? Como eu posso explicar isto a alguém?

Mas não seria para outrem um fenômeno que *eu* tenha esta impressão visual? Pois seria algo que ele observa, mas não algo que eu observe.

As palavras "Eu vejo uma árvore" não são a descrição de um fenômeno. (Eu, por exemplo, não poderia dizer "Eu vejo uma árvore! Que fantástico!", mas certamente: "Eu vejo uma árvore, embora não haja nenhuma ali. Que fantástico!")

324. Ou eu devo dizer: "A impressão não é um fenômeno; que L. W. tenha esta impressão, sim"?

325. (Poder-se-ia imaginar que alguém se narrasse a impressão, como se fora um sonho, sem o pronome da primeira pessoa.)

326. Observar não é o mesmo que contemplar ou mirar.

"Contemple esta cor e diga o que ela lhe faz lembrar." Caso mude a cor, então você já não contempla aquela a que visei.

Observa-se para ver o que não se veria, caso não se observasse.

327. Diz-se mais ou menos: "Contemple esta cor por algum tempo." Isto não se faz para se *ver* mais do que se teria visto ao primeiro olhar.

328. [/] Em uma "Psicologia", poderia figurar a proposição: "Há homens que *vêem*"?

Ora, seria isto falso? — Mas, a quem estaria comunicando algo? (E não quero dizer apenas: o que é comunicado seria de há muito conhecido.)[239]

329. [/] É-me conhecido que eu veja?

---

[239] Cf. *BF I*, § 86.

330. Poder-se-ia querer dizer: Se não houvesse tais homens, tampouco haveria o conceito do *ver*. — Mas não poderiam habitantes de marte dizer algo assim? Digamos que, por acaso, eles tiveram contato conosco primeiro com cegos completos.

331. [/] E como pode ser um contra-senso dizer "Há homens que vêem", se não é um contra-senso dizer que haja homens que são cegos?

Mas, em todo caso, o sentido da proposição "Há homens que vêem", isto é, seu emprego possível, não é logo claro.[240]

332. O ver não poderia ser uma *exceção*? Mas não poderiam *descrevê*-lo nem o cego nem quem vê, salvo como capacidade de fazer isto e aquilo. Como, por exemplo, de jogar certos jogos de linguagem;[241] mas aí é preciso ter atenção a como se descrevem esses jogos de linguagem.

333. Caso se diga "Há homens que vêem", segue-se então a pergunta: "E o que *é* 'ver'?" E como se deve respondê-la? Ao tempo em que se ensina a quem perguntou o uso da palavra "ver"?

334. E que dizer desta explicação: "Há homens que se comportam como você e eu, e não como este aí, o cego"?

335. "Você pode, de olhos abertos, atravessar a rua sem ser atropelado, etc."

A lógica da *informação*.

336. Por ter um emprego uma proposição da forma / da // de uma // informação, não foi dito nada ainda sobre a *espécie* / desse // de seu // emprego.

337. O psicólogo pode informar-me o que é ver? O que se *chama de* "informar o que é ver"?

Não é o psicólogo quem me ensina o uso da palavra "ver".

---

[240] Cf. *BF I*, § 87.

[241] Grifo lateral ondulado a partir deste ponto do parágrafo.

338. [/] Se o psicólogo / nos informa // diz // "Há homens que vêem", então poderíamos perguntar-lhe "O que você chama de 'homens que vêem'?" A isto, a resposta seria do tipo "Homens que, sob tais e tais circunstâncias, reagem dessa ou daquela maneira, comportam-se desse ou daquele modo". "Ver" seria um termo técnico do psicólogo, um termo que ele nos explicaria. Ver é então algo que ele observou nos homens.[242]

339.[243] Nós aprendemos a usar as expressões "eu vejo...", "ele vê..." etc., antes de aprendermos a distinguir entre o ver e a cegueira.

340. "Há homens que podem falar.", "Eu posso dizer uma proposição.", "Eu posso pronunciar a palavra 'proposição'.", "Como você vê, eu estou acordado.", "Eu estou aqui."

341. Há também um ensino acerca das circunstâncias nas quais uma certa proposição pode ser uma informação. Como devo chamar a esse ensino?

342. Pode-se dizer: eu *observei* que, de olhos abertos, eu e outro podemos andar sem esbarrar nas coisas, e que nós, de olhos fechados, não o podemos?

343. Se informo a alguém que não sou cego, seria isto uma observação? Em todo caso, eu posso convencê-lo disso por meu comportamento.

344. Um cego poderia facilmente descobrir se eu também sou cego; por exemplo, ao fazer um determinado movimento com a mão e perguntar-me o que ele fez.

345. Não podemos imaginar um povo de cegos? Ele não poderia, sob condições especiais, estar bem adaptado? E não poderia haver, como exceção, pessoas que vêem?

---

[242] Cf. *BF I*, § 88.

[243] Este parágrafo não está separado do anterior.

346. Suponha que um cego me diga: "Você pode andar sem esbarrar em qualquer lugar; eu não o posso." — a primeira parte da proposição seria uma informação?

347. Ora, ele não me diz nada de novo.

348. Parece haver proposições que têm o caráter de proposições de experiência, cuja verdade é todavia para mim incontestável. Isto é, se suponho que sejam falsas, preciso desconfiar de todos os meus juízos.

349. Em todo caso, há erros que tomo por corriqueiros e outros, de diferente caráter, que precisam ser isolados de meus restantes juízos como uma *confusão* temporária. Mas, não há passagens entre ambos os tipos?

350. Caso se introduza o conceito de saber nesta investigação, isto de nada nos serve; pois saber não é um estado psicológico, através de cujas especificidades tudo se esclareceria. Ao contrário, a lógica especial do conceito "saber" não é aquela do estado psicológico.

Anotações sobre as Cores IV: MS 169, vol. 71 da edição da Cornell University, folhas 77 a 80:

(...)

1. Nós pintamos um vidro cristalino transparente amarelo, verde, azul, com diversos fundos, de modo a que nos fique claro em que consiste a aparência da cristalinidade colorida. E, então, por analogia com aqueles casos, queremos pintar o quadro de um vidro cristalino transparente branco.

2. Nós podemos nos expressar aqui ao modo da física, embora a física não nos interesse. Eis uma boa imagem disso que queremos descrever. — Um vidro cristalino amarelo não reflete no olho nenhuma luz amarela; portanto, o amarelo não nos parece localizado no vidro. Visto através do vidro, um preto baço é preto, o branco é amarelo. Portanto, por analogia, o preto deve, através de um branco cristalino, aparecer preto; um branco, branco; logo, de modo idêntico a como aparece através de um vidro incolor. — Deve então o vermelho aparecer esbranquiçado? Logo, rosa? Mas, como aparecerá então um vermelho escuro tendente ao preto? Deve tornar-se um rosa enegrecido; portanto, um vermelho cinzento; mas então o preto não poderia permanecer preto.

3. Com 'branco puro' se quer amiúde indicar a mais clara das cores; com preto, a mais escura; mas não também com o puro amarelo, vermelho, etc.

4. Um branco visto através do amarelo não seria branco amarelado, mas sim *amarelo*. Deve o amarelo, visto através do branco, tornar-se amarelo esbranquiçado ou branco? No primeiro caso, o vidro 'branco' tem o efeito de um incolor; no segundo, de um não-transparente.

5. Eu quero pois afirmar: O 'puro' conceito de cor, que se quer extrair de nossos conceitos ordinários, é uma quimera. Há certamente diversos conceitos de cor e, entre eles, os que podem ser chamados de mais puros e de mais impuros.

6. Em vez de "quimera", poderia ter dito "falsa idealização".

Falsas idealizações são talvez as idéias platônicas.

Se há algo assim, então deve falar absurdos quem idealiza falsamente, — porque ele emprega um modo de falar que vale em *um* jogo de linguagem em outro jogo, no qual esse modo de falar não tem lugar.

7. Se tipos estão guardados em algum lugar, quem diz *quais* tipos? — Todos que podem ser imaginados?!

8. O que é a representação ideal das cores? Não é algo assim como olhar através de um cano e ver (por exemplo) um pequeno círculo vermelho? — E devo então nomear as cores em conformidade com essa experiência? Está bem, mas então eu preciso também empregar essas palavras para cores em casos bastante diversos. E como devo eu compará-las com as cores ao meu redor? E quão útil será uma tal comparação? — Ou seria a maneira ideal de indicar uma cor preencher com ela todo campo visual? Como quando o olhar se dirige contra o céu azul? Mas a velha questão subsiste aqui também. Pois também não esqueça que seu olhar vagueia e não há *a* descrição disso que você vê.

———|———

(...)

Fotocópias de Manuscritos de Wittgenstein

Fotocópia 1: página 1 {3} de MS 172, contendo §§ 1-4 {11-14} de *Bemerkungen über die Farben*, II;

Fotocópia 2: página 2 {4} de MS 172, contendo §§ 5-10 {15-20} de *Bemerkungen über die Farben*, II;

Fotocópia 3: página 3 {1} de MS 172, contendo §§ 11- parte de 15 {1-parte de 5} de *Bemerkungen über die Farben*, II;

Fotocópia 4: página 4 {2} de MS 172, contendo §§ parte de 15-20 {parte de 5-10} de *Bemerkungen über die Farben*, II;

Fotocópia 5: página inicial do MS 176, início de *Bemerkungen über die Farben*, I;

Fotocópia 6: página final de *Bemerkungen über die Farben*, I em MS 176, contendo a data 21.03.51 e § 426 de *Über Gewißheit*;

Fotocópias 7 e 8: verso da folha 34 e frente da folha 35 de MS 175, em que constam o § 300 de *Über Gewißheit* e a data 10/03/51;

Fotocópia 9: verso da folha 74 do MS 175, com o § 417, primeiro de 21/03/51;

Fotocópia 10: página final de MS 175, contendo parte do § 425 de *Über Gewißheit*;

Fotocópia 11: página inicial de MS 173, contendo parágrafos iniciais de *Bemerkungen über die Farben*, III;

Fotocópia 12: folha 2 do MS 174, que apresenta a data 24/04/50.



[illegible]

Wenn die einen positiven Beweis
alles [illegible] annehmen, so würden wir
nicht weiter sehen, als [illegible]
weit [illegible]

Die Physiologie (wie sie
Goethe wollte) ist [illegible]
der Physik [illegible]
[illegible]

Wie wäre es, wenn es irgendwo wäre: Das Licht
eines [illegible] Körpers [illegible] die [illegible]
[illegible], also [illegible], eine Farbe, das
Licht einer [illegible] Flamme, etc.? (Nur
[illegible] Auge, dem Auge nicht [illegible]
[illegible] Quelle, [illegible] sie [illegible] Farbe [illegible])

Ja, wie wenn die Körper nun dann in ihrer
Farbe [illegible], wenn sie in unserem Sinne, die
Lichter auf sie fällte, wenn z. B. die Himmel
schwarz wäre? Könnte man dann nicht
sagen: nun bei schwarzem Licht [illegible]
die vollen Farben?

Aber man [illegible] einbilden
[illegible]
[illegible] nicht, daß die Farben der
[illegible] Licht in mein Auge reflektieren

Man könnte von einem farbigen Fläche reden, womit nicht die Farbe gemeint wäre, sondern die Farbtöne & ihre Verteilung, wenn sich z.B. der Rotton über eine Fläche ergeben soll. // sondern das Zusammen der Farbtöne, das den Eindruck einer bunten Fläche (z.B. ~~[illegible]~~ //

Die Beimischung des Weiß nimmt der Farbe das Farbige; dagegen bringt die Beimischung von Gelb-Rot also Farbe in das Farblose des Weiß. Ist kein Rest der Buntheit übrig bleibt?

Das aber ist Goethes Satz: daß die Beimischung des bunten Elementfarbe der Farbigkeit nimmt.

Wie ist es mit Rot's kein physikalischer Satz.

Hier ist die Verwandtschaft mit der Phänomenologie, die Mittelding zwischen Wissenschaft & Kunst, zu klären.

Was ist denn das Gemeinsame des Farbigen? Denn Rotes, Gelbes, Buntes ist nicht Rot, Weißes ist Farbe.

Es ist Art des, was die Farben ermöglicht,

+ vergleicht es die Farben, weil es Licht + Schatten verwirft?

Er weiß vorhaben, was die Dunkelheit anfacht?

Man redet von dem schwarzen Kleid aber wer durch rotes Glas sieht verliert + Farbe sieht nicht die rot, durch rotes Glas nicht schwarz.

Man bedient sich, von Alters her gebräuchlich gefärbten Brillengläsern, aber die Antike √

"Die Beziehung von Hell + Dunkel, Licht + Schatten": bestimmt das die Begriffe Tale?

Ich danke schön.

Wer das nicht fühlt, aber sieht die entgegengesetzte Erscheinung [illegible] Auge

Notebook No 6. /

Ein Sprachspiel: Denken Sie sich den A ein bestimmtes Körperteil, oder dasselbe als ein anderes sein — Aber nun gibt es ein verwandtes: Über das Verhältnis der Helligkeiten bestimmter Farbtöne einander (Dann ist zu erklären: Das Verhältnis der Längen zweier Stäbe bestimmen — + das Verhältnis zweier Zahlen bestimmen.) — Die Form der Sätze in beiden Sprachspielen ist die gleiche: "X heller als Y". Aber im ersten ist es eine externe Relation + der Satz zeitlich, im zweiten ist es eine interne Relation + der Satz zeitlos.

In einem Bild, in welchem ein Stück weißes Papier seine Helligkeit vom blauen Himmel bezieht, ist dieses heller als das weiße

diesen Satz an Ihre Tür, um
Arbeit? Muß ich sie, wenn sie
nicht kommen, benachrichtigen, daß
ich die Fähigkeit des Lesens habe,
oder daß es gewisse Leute geben kann,
die sie nicht haben?

Wenn der Psychologe modelliert
'Es gibt Menschen, welche ...',
so können wir fragen: 'Und
was nennt sie 'Menschen', welche
sehen'?" Darauf müßte die Ant-
wort sein: 'Menschen, die unter
den & den Umständen sich so &
so benehmen.' 21.3.51.

Wie aber ist es Ihnen, Ja Zeigen, daß
sie nicht nur Vorstellungen über Farben
haben sondern auch andere Tatsachen
Dinge kennen? Denn es ist doch

Damit ist der Gedanke dem nicht entschuldigt
es mit jenen Publikationen mit gewissen
unerfreulichen Begleitern schwanken.
durch die Gegen-
sätzlichkeit + Empfehlung
verbunden ist.

We are not fit for
the earth is round.

Heute, ein Dichter sagte:
"Wenn diesen Charakter
in meiner Tragödie spann
& gut leben wird, so
wird es ihm gut gehen,
wird sein
aber verschwinden, so
wird es zu Grunde gehen."

10.3.51.

Damit ist der Gedanke
an meinen einfachen Leser von
der Art der angeführten Begleiter
angeführten Unerfreulichkeiten
Leben. Heute an solchen
Tagen will ich meinerseits die entschuldigen, die

Einfälle bezaubern durch
Reichtum, Verschwendung
Denn, wenn (ich) auch,
das was sie darstellen
gar keine, sinnvolle Form,
Sie halten die Selbst
so doch für wertvoll,
es ist auch möglich
denn, als was sie sich
selbst erleben können

Nicht alle Konzepte
unserer Ausstellung sind
schon auf dem letzten
Stand.

Augenommen, es sei nicht
wahr, daß die Idee
schon ein Schmuck

z.B., daß ich in diesem
Raum wochenlang
gelebt habe, das durch
Ihre Gedächtnis dann
nicht bestätigt?
– "certain beyond all
reasonable doubt."–

21.3

"Ich weiß, daß ich
in letzten Monat täglich
gebadet habe." Woran
versuche ich mich? An
jeden Tag & das Bad an
jedem Morgen? Nein. Ich
weiß, daß ich jeden Tag
gebadet habe & ich
kann keine dieser
aus einem anderen zu
mittelbaren Daten. Ähn.

als etwas anderes ent-
puppen? Kann es mich
nicht verblüffen?

Und dennoch war
es wirklich unter den
Umständen, die diesen
Satz – im Verlauf, zu
sagen: Ich weiß (ich
vermute nicht nur), daß
es ein Baum ist." Zu
sagen, ich wachte, glau-
be, ich sehe nur, wenn da
es wirklich <u>irgend-</u>
<u>wer</u> sagen: ich glau-
be, ich sehe Licht. Und
es ist auch richtig: ich
kann mich darin nicht
<u>irren</u>. Aber das heißt nicht
ich sei darin unfehlbar.

Notebook Nº 5.

? In einem Bild muß das Weiß die hellste Farbe sein.

/ In der Tricolore darin z.B. das Weiß nicht dunkler sein als das Blau (oder Rot)

- Hier gibt es eine Art Farbmathematik

26.3

/ Aber auch das Gelb ist heller als das seine, sowie Rot, oder Blau

Erfahrungen die die Antworten nicht Visionen oder sonstige Einzelerfahrungen, die uns die Existenz dieses Wesens zeigen, sondern z.B. Leiden verschiedener Art. Und wie gesagt, der Tod nicht wie ein Phänomen oder ein Gegenstand noch dessen Sie [illegible] Erfahrung Gedanken - das Leben Grenze aus diesem Begriff ausgrenzen.

Es ist dann etwas absolut anderes Begriff Gegenstand

24.4.5

Das [illegible] die Existenz des Erlebens [illegible] Anderen [illegible] wahrscheinlich [illegible] nicht weit, wohl aber das [illegible] beschreibbare Merkmale [illegible] der Erfahrung [illegible] eine wichtige Evidenz [illegible]

Der [illegible] die Schwankende [illegible]

apêndice II

considerações sobre o texto das *Bemerkungen über die Farben*[*]

[*] Este artigo forma um todo com nossa apresentação do texto restabelecido e traduzido das *Bemerkungen über die Farben*, recobrindo-a até em alguns pontos. O desdobramento deveu-se primeiro a nosso ensejo por apresentar à Prof.ª Anscombe as conclusões relativas em específico à datação e a aspectos materiais do texto — aspectos aqui tratados em detalhe. Pareceu-nos ademais ser de alguma valia divulgar em separado a "descoberta" da outra ordenação de *Bemerkungen über die Farben* II e as dúvidas quanto à datação do texto, que conduzem à inclusão de uma quarta parte. Tal descoberta deve, afinal, ser bastante útil também a outros pesquisadores. Por isso, o conteúdo deste texto, complementar ao da "Apresentação" e também voltado à análise da edição das *Bemerkungen über die Farben*, serviu de base a uma exposição no IV Encontro de Filosofia Analítica, realizado entre 6 e 9 de outubro de 1997, na Universidade Federal de Santa Catarina.

1.

O filósofo costuma ir ao detalhe. Não raro, distinções mínimas afiguram-se relevantes, cabendo, muita vez, ao intérprete deter-se em filigranas. Assim, bem o sabemos, talvez em nenhum outro campo da produção acadêmica a edição descuidada de um texto clássico possa causar maior dano. No que se refere, então, à obra de Wittgenstein, cujos escritos poucas vezes chegaram sequer à "etapa da datilografia", a revisão das edições disponíveis é mais que urgente.

A necessidade de uma revisão minuciosa do material já publicado do espólio de Wittgenstein foi reconhecida inclusive por um de seus curadores.[244] E, sem dúvida, é bastante urgente e profunda no que se refere ao conjunto dos textos produzidos nos seus dois últimos anos de vida. Por exemplo, sendo de grande monta a intervenção editorial que separou as notas sobre as cores e as notas sobre a certeza, podemos manifestar nossa estranheza, não pela simples e justificável separação, mas pela omissão dos detalhes, das razões, de tudo quanto possa afastar a impressão de mero arbítrio. Afinal de contas, se ela no caso foi justa ou pelo menos não foi danosa, não deixam de depender sua justeza e a ausência de danos dos dados que relacionem e historiem as condições da produção coetânea de textos sobre as cores e sobre a certeza.

Em especial, tem sido bastante prejudicada a leitura do conjunto de observações de Wittgenstein sobre as cores, escritas a partir de janeiro de 1950, e reunidas, apresentadas e editadas por G. E. M. Anscombe em três partes, sob o título *Bemerkungen über die Farben*. Conquanto laboriosa essa edição de 1977, acreditamos ser evidente (inclusive para quantos desejem vindicar a importância do tema e sua centralidade) a necessidade de contarmos com um texto mais bem cuidado e bem estabelecido do que o

---

[244] Cf. von Wright, Georg Henrik, *Wittgenstein*, p. 74.

disponível e com um maior número de dados do que os oferecidos pelo prefácio de sua editora — e dados de preferência corretos acerca das relações entre suas partes e as condições de sua redação. Não é pois de estranhar que, mesmo por comentadores argutos como Nelson Goodman,[245] a investigação sobre a lógica dos conceitos de cor seja chamada ou a competir com a física e com a psicologia, ou a restringir-se ainda uma vez a tarefas antes próprias do projeto de construção de uma lógica, mais ou menos formalizada, de descrição da experiência, do projeto portanto de análise da "estrutura lógica da cor".

Como procuraremos mostrar nas considerações seguintes, resultantes em sua maioria do cotejo entre a edição de Anscombe e as fotocópias dos manuscritos de Wittgenstein, tal como se encontram editados pela Cornell University, há equívocos quanto à datação e à ordenação do texto, que ademais são agravados pela omissão de parágrafos e variantes. Acreditamos ter descoberto a ordenação original dos parágrafos da segunda parte (contrária à editada por Anscombe), sendo nosso dever justificá-la ao máximo. Procuraremos também localizar o conjunto dessas observações sobre cores na obra, ou melhor, estabelecer uma cronologia, que levanta dúvidas quanto à afirmada pela Prof.ª Anscombe. Como, em filosofia, datar uma obra não cumpre função exterior à determinação de sua importância, interessa-nos acompanhar a continuidade de uma investigação desenvolvida nesses momentos, chegando a um resultado bem mais inteiro do que o atingido nas contíguas e alternadas reflexões sobre a certeza. E mais: nossa cronologia (ao lado da atenção a certos sinais de revisão utilizados por Wittgenstein) tem uma conseqüência bastante relevante, pois nos permite aproximar das três partes atuais uma quarta parte, com o ganho exato de oito parágrafos do MS 169, redigidos provavelmente no mesmo período de *BF III*.

---

[245] Cf. Goodman, Nelson, "Ludwig Wittgenstein: *Remarks on Colour*", pp. 503-504. Pensador arguto, Goodman consegue a proeza de acumular em quatro comportados e pequenos parágrafos de uma resenha diminuta um número significativo de erros de diversa ordem e magnitude. Mas podemos logo perceber que parte dos erros cometidos por Goodman em sua resenha — como a própria sugestão de que os parágrafos da primeira parte (*BF I*) estão a delir os da segunda e terceira (*BF II* e *BF III*) — parece dever-se ao fato de ter ele lido mais atentamente o prefácio de Anscombe que o próprio texto de Wittgenstein.

2.

Em 25 de novembro de 1949, Wittgenstein teve confirmada a suspeita de estar com câncer. E a doença o consumiu a pouco e pouco até sua morte. Mas o estado do indivíduo não se confunde, também em seu caso, com o estado da obra. O indivíduo doente, a obra madura. O homem dispondo de poucas forças, a obra de todos os recursos. Que Wittgenstein duvide então de sua capacidade, de sua concentração, que porventura lastime o que escreve ou deplore seus resultados, não há grande novidade, salvo em que ele jamais tivera motivos tantos, como nesse período, para suas queixas e dúvidas. Em todo caso, não podemos, com independência da obra produzida, julgar justificado todo ou qualquer lamento; afinal de contas, os textos então escritos mostram inteiro fôlego intelectual, sendo seus temas quase exclusivos a certeza e as cores.

Quanto à questão das cores, retorna a um tema que muito conhece e tanto o ocupou em vários momentos de sua vida intelectual, embora o enfrente então com surpreendente vigor. Nas *Bemerkungen über die Farben*, é outro o ar que respiramos. O tema das cores parece açoitado pelos resultados, pelo exercício de um novo estilo. Assim, o texto se nos afigura, dada também a história do tema, dadas as posições e projetos anteriores (e.g., o de uma *phänomenologische Farbenlehre*), como o palco de uma bem consumada terapia, como um exercício sofisticado, exemplar, conduzido em paralelo e mesmo prioritariamente às reflexões sobre a certeza. Acreditamos assim não haver incompatibilidade entre a tese do relativo fechamento dos textos das *Bemerkungen über die Farben* (os 88 primeiros parágrafos do MS 176, que conformam a parte I das *Bemerkungen über die Farben*, quatro das 24 páginas do MS 172, que perfazem *BF II*, o caderno de notas do MS 173, que deve compor *BF III*, e oito parágrafos do MS 169, sua quarta parte[246]) e a tese de que seu contexto teórico imediato e sua herança temática e metodológica nunca devem ser omitidos.

---

[246] Vários parágrafos sobre a oposição "Innen-Außen" e sobre Shakespeare foram separados pela editora por haver consentânea indicação de Wittgenstein, por exemplo, barras verticais no início e no fim do parágrafo — sinais portanto semelhantes em função aos postos no § 57 da primeira parte, que todavia não foi excluído.

Wittgenstein sabia bem perseguir a trama de investigações relativamente autônomas. Em todo caso, vale lembrar: (1) O contexto teórico imediato é o da reflexão sobre a natureza das proposições gramaticais, em que se aliam conceitualmente a investigação sobre a lógica dos conceitos de cor e as considerações sobre o estatuto dos truísmos elencados por Moore; ou seja, cor e certeza são investigações ligadas por um projeto comum, mas não o mesmo, tal como se configura em MS 172 pela distinção entre *BF II* e *Über Gewißheit*, §§ 1-65. Em qualquer ordem por que se distribuam os manuscritos, observações sobre cores e sobre a certeza decerto se alternam, se realizam em um mesmo período e contexto, desfrutam do mesmo amadurecimento teórico e compartilham íntimas conseqüências, argumentos, expressões; não obstante, sempre podem ser identificados certos cuidados de Wittgenstein (tênues mas constantes) na separação dos temas. (2) O texto pressupõe, leva em conta os resultados e compartilha o método da mais completa, mais corrigida e mais bem acabada de suas obras maduras, a saber, o texto das *Investigações Filosóficas*. Em especial, dada a proximidade no tempo e do tema, o texto conta com o grande esforço das investigações sobre a filosofia da psicologia. Mais do que isso, a investigação sobre as cores dá continuidade ao conjunto imenso de observações, os manuscritos 130 a 138, que deveriam servir para modificar o terço final da primeira parte das *Investigações Filosóficas* e que, parcialmente, se dispõem em várias seleções de fragmentos, como as *Bemerkungen über die Philosophie der Psychologie*, I e II; *Letzte Schriften über die Philosophie der Psychologie* e as *Philosophische Untersuchungen*, II (em especial, as seções xi, xii e xiv). Com esses escritos, o texto das *Bemerkungen über die Farben* compartilha uma temática comum e um semelhante vocabulário, isto é, com eles compartilha o que em filosofia costuma ser essencial,[247] prosseguindo em particular com o intento de bem discernir as tarefas da filosofia daquelas próprias de uma psicologia. O texto continua pois um diálogo com a psicologia experimental, não sendo apenas um

[247] Em filosofia, uma preferência vocabular costuma encerrar mais do que um simples sintoma. As *Bemerkungen über die Farben* mantêm laços íntimos e recíprocos com os textos sobre a filosofia da psicologia, seja porque podemos encontrar nestes muitos parágrafos sobre cores, seja porque verificamos no texto sobre cores uma continuação do debate de Wittgenstein com a psicologia e também um uso nada gratuito de resultados da investigação sobre a gramática do 'ver' e do 'ver como'.

exercício de férias de um enfermo, que se deixou estimular, sem excitação, pela leitura da *Farbenlehre*. Além disso (3), o texto enriquece este diálogo com um direto confronto com Goethe, pois, através desse caso exemplar de "análise fenomenológica", Wittgenstein pode questionar seus próprios anteriores projetos de constituição de uma fenomenologia, estando aí parte do sentido da mais célebre proposição do texto: "Embora não haja fenomenologia, há decerto problemas fenomenológicos".[248] Finalmente, (4) cumpre esclarecer que, dado o modo habitual de redação de Wittgenstein e considerando ainda os acidentes da produção em seus últimos meses de vida, as observações selecionadas em *BF I* não delem pura e simplesmente as que ocorrem em *BF II* ou em *BF III*. Não opera Wittgenstein aqui por simples eliminação, e *BF I* é em muito esclarecida pelas partes cronologicamente anteriores, sendo provável mesmo que desejasse prosseguir retrabalhando as observações de *BF III*, não fossem as circunstâncias do seu concentrado ataque ao tema da certeza e de sua morte.

3.

É preciso decerto ter em conta esse complexo contexto e tais relações intertextuais, mas nossa atenção volta-se aqui a aspectos materiais da redação. Por exemplo, quando exatamente foram escritas as três partes das *Bemerkungen über die Farben*? Os curadores do espólio são os primeiros a lançar informações conflitantes a respeito. No prefácio às *Bemerkungen über die Farben*, Anscombe declara ser incerto (não ser claro) se *BF II* teria sido escrita antes ou depois de *BF III*; entretanto, acerca de outra parte do MS 172 (a que serviu aos primeiros 65 parágrafos sobre a certeza), Anscombe afirma no prefácio a *Über Gewißheit* ter a impressão, que não sabe fundamentar, de ter sido escrito o texto no período em que estivera Wittgenstein em Viena, do natal de 49 a março de 50. Parecem hoje todos conceder (e Monk por exemplo afirma-o sem hesitação)[249] que o MS 172 teria sido provavelmente escrito em janeiro de 1950. O melhor argumento

---

[248] Cf. Moreno, Arley, "Wittgenstein: Fenomenologia e Problemas Fenomenológicos".
[249] Cf. Monk, Ray, *Wittgenstein: O Dever do Gênio*, p. 492.

para tal anterioridade é decerto o estado da pesquisa em *BF II*, em que temas se esboçam em linhas gerais, enquanto temas novos e bem detalhados surgem em *BF III*. Notamos também que *BF II* parece pressuposta lógo na densa reflexão contida nos três primeiros parágrafos de *BF III*, em que Wittgenstein contrapõe a situação em um quadro, em que se pode duvidar que seja necessariamente o branco a cor mais clara, com a que verificamos em uma bandeira, a tricolor azul, vermelha e branca, em cujo emprego da palavra 'branco' temos uma espécie de "matemática da cor", sendo-nos impossível vê-lo aí como mais escuro. Tal pensamento, podemos ver, decorre essencialmente da ordenação do problema das cores proposta em *BF II*, isto é, da ordenação que o pode tornar solúvel.

Desse modo, em Viena, motivado por seus recentes debates com Norman Malcolm nos Estados Unidos, Wittgenstein continua a refletir sobre as posições de Moore, mas deixa-se também estimular mais uma vez pela *Farbenlehre* de Goethe, acerca da qual, em 19/01/50, escreve a von Wright: "É em parte enfadonha e em parte repulsiva, mas em alguns aspectos é também bastante instrutiva e filosoficamente interessante".[250] Essa conjunção estaria pois na origem do MS 172, com suas 4 páginas sobre as cores e suas 20 outras sobre a certeza, temas que fervilham juntos sem que todavia se confundam. O mínimo, portanto, que podemos dizer de MS 172 (*BF II* + *Über Gewißheit* §§ 1-65) é que se trata de um manuscrito importantíssimo, pois forneceu a Wittgenstein um programa de trabalho, sistematicamente cumprido, até o final de seus dias. *BF II*, *BF III*, *BF I*: esta a ordem dos textos, pois tampouco pode haver dúvida de que *BF I* é o último destes três textos sobre as cores, tendo sido portanto escrito, no mínimo, após abril de 1950.

Antes porém de prosseguirmos a apresentação das partes cronológica e conceitualmente decorrentes do texto de Viena, antes de discutirmos com maior precisão quando teria sido escrita a primeira parte, cabe analisar melhor o texto das *BF II*, merecedor de bem mais atenção do que lhe tem

---

[250] Citado por Monk, Ray, *Wittgenstein: O Dever do Gênio*, p. 492. Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Philosophical Occasions: 1912-1951*, p. 475.

sido dispensada, pois seus méritos são bastante superiores ao simples fato de ser o texto primeiro, embora pareça conter parágrafos ininteligíveis, salvo à luz dos textos futuros. Afinal, o § {1} de *BF II* apresenta uma situação fictícia, ou pelo menos diferente, daquela por que atribuímos nomes de cores a determinadas impressões visuais. Mas, se fictícia ou extraordinária, contrapõe-se a quê? Na ordem dada por Anscombe, não podemos decidir ao certo a que se refere, a que uso conceitual faz um contraponto. Foi a incapacidade de situá-lo bem, de explicá-lo melhor, em texto que porém julgávamos antecipar todo o curso seguinte da investigação sobre a lógica dos conceitos de cor, que nos predispôs a uma suspeita a pouco e pouco confirmada.

Tentávamos comentar *BF II*, ao tempo em que a traduzíamos. Para isto, procuramos seus agrupamentos, tentando ver além do esgarçamento de seus parágrafos. O primeiro parágrafo, porém, repetimos, não parecia ligar-se a coisa alguma. Fitava-nos ele solto, independente, desafiador, como um oráculo a ser decifrado. Sabíamos do que tratava, mas, como podia servir sua referência a propriedades complexas, a *Gestaltqualitäten*, para a discussão das cores? Uma tal situação, excitante a quantos julgam profundo o filósofo incompreensível, parecia-nos um despropósito. Acreditamos enfim ver uma relação entre a crítica à fenomenologia de Goethe e a postulação de um outro conceito de identidade de cor aludido no texto. Isto nos bastava, é claro, para entender o texto, e a tese se reforça plenamente nos textos posteriores. Esta relação, porém, no período em que foi escrita *BF II*, já estava clara a Wittgenstein? Se nossa leitura do parágrafo o reveste de tanta importância, não é curioso que surja do nada, como um raio em céu azul?

Do jeito porém como se dispunham os parágrafos de *BF II*, tudo parecia justificar o descaso que alguns lhe dirigem. Ao texto, mesmo quando antecipa desdobramentos futuros, parece faltar força e inteireza, como se sua anatomia estivesse por demais informe para ser explicada pela trama sólida, vertebrada, dos textos posteriores. Entretanto, um olhar às fotocópias do manuscrito forneceu-nos a chave, a possibilidade de resolver

o desafio.[251] O texto de *BF II* tem sido talvez pouco aproveitado, pouco estudado, pouco louvado. Um bom e simples motivo para tal estado de coisas deve estar no fato de que dificilmente pode ser bem compreendido, porque seus parágrafos estão na ordem errada. Eis porque colocamos entre chaves a numeração de Anscombe, que passamos a considerar apenas uma proposta, de resto falsa.

Vejamos os manuscritos. As páginas se dividem assim, segundo nossa ordenação, estando a correspondente paginação e numeração de Anscombe entre parênteses: página 1 {3} de MS 172, contendo §§ 1-4 {11-14} de *Bemerkungen über die Farben*, II; página 2 {4} de MS 172, contendo §§ 5-10 {15-20} de *Bemerkungen über die Farben*, II; página 3 {1} de MS 172, contendo §§ 11- parte de 15 {1-parte de 5} de *Bemerkungen über die Farben*, II; página 4 {2} de MS 172, contendo §§ parte de 15 - 20 {parte de 5 - 10} de *Bemerkungen über die Farben*, II. Em se tratando de folhas soltas, não datadas nem numeradas, sua ordem deve em primeiro lugar ser considerada incerta. Mostra-se então de todo possível (não colidindo em nada nossa proposta com a visão dos manuscritos) que a ordem de BF II seja: {11-20} antes de {1-10}, que passamos a numerar de 1 a 20, sem chaves.

Qual o resultado teórico de tal alteração? Todo o texto fica mais claro. Os parágrafos iniciais passam a ser aqueles que, bem ao modo de uma introdução, propõem um modo filosófico de correta abordagem do tema das cores. O parágrafo 11 {1} deixa de estar isolado, ganha pleno sentido como exemplo extraordinário colocado após uma série de exemplos outros, fictícios, que testam, todos eles, a análise fenomenológica de Goethe. Vantagens teóricas e nenhum prejuízo, pois nenhum agrupamento é desfeito, enquanto outros são criados; parágrafos adquirem um contexto, e o projeto futuro de *BF I* já pode ser reconhecido, inscrito com um extraordinário grau de reflexão e acabamento nestes 20 parágrafos de Viena.

---

[251] Cf. vol. 79 da edição da Cornell University.

A nossa ordenação é, por conseguinte, possível e desejável. Mais ainda, a ordem que propomos é inclusive beneficiada pelo espaço em branco que sobra apenas após o § 20 {10}, índice empírico não só de que esta foi a última página — e de que, sendo esta a última página, também aqui Wittgenstein separou as páginas sobre cores das páginas sobre a certeza. A mudança na ordem favorece inclusive a idéia de uma separação entre estes temas, apesar da comunhão em um mesmo contexto; logo, tendo Wittgenstein em janeiro de 1950 elaborado duas "linhas de pesquisa", conduziu em separado a investigação das cores e mesmo a priorizou. Estávamos já convencidos de que a reordenação deveria ser realizada, quando assaltou-nos a dúvida: Como pôde Anscombe ter mudado a ordem das páginas? Será que algo, na matéria das páginas, impede nossa proposta? Enfim, acreditamos ter conseguido explicar o provável incidente que pode ter favorecido a desordenação do texto.

É claro que não tomamos estas explicações, embora conformem uma bem fundada hipótese, como prova cabal de que ocorreu assim. Sendo uma hipótese, por bem fundada que esteja, não exlui a possibilidade da diferença, mas sua solidez é tamanha que nos serve como proteção suficiente a quantos digam que não poderia ter ocorrido como propomos. Não temos em mãos o manuscrito, apenas uma fotocópia. Trata-se o MS 172 de um conjunto de 24 folhas soltas, pautadas, em formato ofício? Von Wright descreve-o apenas como um "manuscript on loose sheets", com 24 páginas. São pois 24 folhas, com 24 páginas escritas e seus versos em branco? Estariam as páginas sobre cores em 4 folhas soltas independentes? Parece improvável. Olhando os seus manuscritos, notamos que não é típico de Wittgenstein deixar folhas em branco. Em geral, quando volta a utilizar um caderno antigo, retoma-o de onde parou, às vezes quase no final da página, ou mesmo no verso de páginas que porventura foram sistematicamente deixadas em branco.[252] Em todo caso, estivessem assim dispostas as folhas, seria bastante fácil trocar a ordem das páginas. Outra possibilidade: 12 folhas soltas apenas, frente e verso escritos, as páginas sobre cores em apenas 2 folhas. Também aqui o erro na ordenação seria

[252] Cf., por exemplo, o verso da folha 14 do MS 174, contendo abaixo o início do § 66 de *Über Gewißheit*.

bem fácil. Mas algo depõe assim contra esta possibilidade como contra a anterior. Não estando em folhas numeradas, o erro seria flagrante e a editora tenderia a colocar a página em que sobra algum espaço como página final.[253]

Há porém outra possibilidade: o manuscrito está em apenas 6 folhas soltas de papel almaço, ou seja, papel que dobrado tem o tamanho de papel ofício, com 4 páginas. Parece bem ser este o corpo do manuscrito, pois no prefácio às *Bemerkungen über die Farben*, Anscombe se refere a "undated loose sheets of foolscap" ("foolscap": papel almaço — embora também simplesmente papel ofício); entretanto, no prefácio a *Über Gewißheit*, escrito por Anscombe e Von Wright, eles se referem, quanto à parte correspondente à certeza, ao número de 20 folhas soltas. Não abraçamos de todo a hipótese das seis folhas de papel almaço por conta desta incongruência. Mas, caso estejam as 4 páginas em uma única folha de papel almaço, como pode ter havido um erro de ordenação? Nada mais fácil e nada explica melhor o que pode ter ocorrido, sem que o erro da editora seja por isso justificado.

Realizemos pois juntos uma experiência.[254] Primeiro, observemos atentamente a ordem que propomos. A página que afirmamos ser a primeira, a página da frente do manuscrito, Anscombe ordenou como terceira. Seu verso, página interna e nossa segunda página, Anscombe ordenou como quarta. A outra página interna e nossa terceira, esta foi a considerada primeira por Anscombe. Enfim, a nossa quarta página, apesar do espaço em branco, é a segunda de Anscombe. Apanhemos agora uma folha de papel almaço e a numeremos em nossa seqüência, colocando ao lado a numeração de Anscombe entre chaves. Assim, a página externa da frente será 1 {3}; as páginas internas, 2 {4} e 3 {1}; e a página externa de trás 4 {2}. O que acontece porém se as páginas internas são viradas (digamos, por Wittgenstein, durante a revisão em que riscou parágrafos do

---

[253] Não estamos cometendo o erro de pressupor uma solução quando ela ainda está em debate. Apenas indicamos que assim, estando as possibilidades todas em equilíbrio, preocupar-se-ia a editora em optar por uma ordem entre outras, quando o bom senso faria pesar o fato da p. 4 {2} ter um espaço final em branco.

[254] Cf. Fotocópias 1 a 4.

manuscrito) e tornam-se súbito partes externas? Muito simples, a ordem de Anscombe aparece em um passe de mágica, e a nossa passa a ser a ordem "errada": 3 {1}; 4 {2}; 1 {3} e 2 {4}. O que prova esta experiência? Nada, absolutamente nada; apenas mostra, sem tocar o texto, sem tê-lo em mãos, que nossa hipótese não parece poder ser facilmente contraditada, além de, segundo julgamos, lançar luz nova sobre passagens enfim não tão obscuras ou desinteressantes.

4.

A data de *BF III* é a única bem estabelecida, pois se inicia o manuscrito[255] com uma data precisa 24/03/50 (que só não vemos na fotocópia porque foi coberta por uma tarja, com a qual os curadores censuram o trecho inicial do MS 173) e deve ter sido concluído antes de 24/04/50. Curiosamente, porém, a primeira informação do prefácio de Anscombe sobre *BF III* parece incorreta: *BF III* não foi escrita em Oxford e talvez nem mesmo tenha sido concluída lá. Wittgenstein saíra de Viena em 23/03/50 e fora para a casa de Rush Rhees, em Londres, onde ficou até 04/04/50.[256] Os §§ 1 a 3 de *BF III* aparentam ser quase o simples registro, rápido, de uma reflexão de viagem. No dia 26/03/50, começou Wittgenstein de fato a compor *BF III*, escrevendo em casa de Rhees mais de 120 parágrafos. No dia 11/04/50 (em casa de von Wright, em Cambridge, onde permanecerá até 25/04/50), anota no caderno o § 125. No dia seguinte, está datado o § 127, e não há mais nenhuma data no manuscrito. De fato, Wittgenstein não seguia à risca o hábito, copiado na juventude da leitura dos diários de Gottfried Keller, de datar suas anotações; entretanto, parece ter concluído *BF III* ainda em Cambridge, pois, no interior das 14 primeiras folhas do MS 174 (surpreendentemente não editadas em *Über Gewißheit*), após as quais está o material que compõe os §§ 66-192 de *Über Gewißheit*, já encontramos a data

---

[255] Cf. página inicial de MS 173, contendo parágrafos iniciais de *Bemerkungen über die Farben*, III, in vol. 75 da edição da Cornell University (Fotocópia 11).

[256] Para a referência às viagens e estadas, cf. Monk, Ray, *Wittgenstein: O Dever do Gênio*, cap. 26. Cf. também observações de von Wright em seus comentários às "Letters from Ludwig Wittgenstein to Georg Henrik von Wright", in Wittgenstein, Ludwig, *Philosophical Occasions: 1912-1951*, em especial à p. 476.

24/04/50, véspera de quando se mudou para Oxford.[257] Como não seguia à risca o registro de datas e uma sua ocorrência parece indicar mudança em lugar ou tema de produção, não parece haver um bom fundamento para o afirmado no prefácio de Anscombe.

Nenhuma das partes das anotações sobre as cores pode ser considerada um texto *alla prima*, tantas as preparações, tal a reiteração de motivos — o que tampouco retira dos escritos o sabor, se não do improviso, de autêntica novidade. Em todo caso, quanto à terceira parte das *Bemerkungen über die Farben*, importa afastar a enganadora idéia de tratar-se de um material eliminado por uma seleção. Mesmo que a seleção tivesse dado conta de todo o material, e isto está longe de ter ocorrido, *BF III* tem para nós, para quantos desejem interpretar com correção e em detalhe todo o livro, ou apenas a parte selecionada, um extraordinário valor. Em 17 de abril de 1950, durante a redação do texto, Wittgenstein escreve a Malcolm: "Tenho trabalhado um pouco, mas fico empatado em coisas banais e quase tudo que escrevo é bastante insosso".[258] É verdade. Para o "padrão Wittgenstein" de escrita, o texto é prolixo, depara com detalhes por demais pequenos, explora-os à exaustão. Ora, é esse seu maior mérito, ao nos mostrar o autor antes da síntese, em meio a um trabalho ainda "sujo", mas também cheio de sugestões. O texto fornece em sua repetição e, por vezes, em seu didatismo, os achados de um Wittgenstein que se deixa surpreender pela lógica dos conceitos de cor, descobrindo pequenas novidades, coisas quase banais — além das muitas hesitações plenas de significado que desparecem na edição de Anscombe pela simples supressão de centenas de variantes.

Como depois esse conjunto de detalhes serve ao texto forte da primeira parte, isto é já outra história. Sem dúvida, todos concordamos, *BF I* suplanta os textos anteriores, resulta de retomada, reescritura e síntese de *BF III*. Entretanto, tendo este sido riscado, não foi *ipso facto* eliminado. Afinal, quantas as interpretações possíveis, na obra de Wittgenstein, para um traço vertical sobre uma anotação? Pode significar: "Como isto está mal

---

[257] Cf. folha 2 do MS 174, que apresenta a data 24/04/50, in vol. 76b da edição da Cornell University (Fotocópia 12).
[258] Citado por Monk, Ray, *Wittgenstein: O Dever do Gênio*, p. 496.

escrito!" ou "Já reescrevi isto"; e ainda: "Não concordo mais", "Isto é falso", "Isto é bobagem" etc., etc. Nossa recusa de algum parágrafo não pode ser senão conceitual, relacionando a frase isolada ou conjunto de frases ao exercício de seu método e aos desafios de sua interrogação, pois inclusive, como em tantos diálogos consigo mesmo ou com um interlocutor, a peça discordante pode ser necessária à engrenagem, não sendo legítimo descartar suas sugestões antes de exauri-las por completo.

BF I é, obviamente, o mais bem acabado texto do período, ou seja, quando quer que tenha sido escrito, comportou a seleção e a passagem em revista de um significativo número de parágrafos. De fato, supera em muito o "insosso" de *BF III* e o oracular de *BF II*. Mesmo a única observação algo exógena que aí encontramos (o § 57) foi convenientemente separada pelo próprio Wittgenstein, posta entre barras verticais. Apenas não chegou à etapa ou às etapas da datilografia.[259] Quando porém foi escrito? Anscombe informa-nos sumariamente ter sido o texto escrito em Cambridge, em casa do Dr. Bevan, em março de 1951. Curiosamente, Ray Monk, tão cuidadoso em datar os textos de Wittgenstein, silencia a respeito.

Reconstituamos em linhas gerais as condições de Wittgenstein neste período. Em janeiro de 1951, Wittgenstein padecia uma radioterapia e uma terapia hormonal, que praticamente o impediam de produzir. Segundo Monk, estava resignado com o fato de não mais poder vir a trabalhar, desde que morresse logo. Muda-se em fevereiro para a casa do Dr. Bevan e, por um bom tempo, não consegue produzir. Enfim, no final do fevereiro é poupado de um tal "tratamento" e, mesmo sabendo contar com pouquíssimo tempo de vida, alegra-se muito com a notícia. Para a esposa do Dr. Bevan, em cuja casa reside até a morte em 29/04/51, declara: "Vou trabalhar agora como nunca trabalhei antes".[260] Ou seja, vai aproveitar o

---

[259] Ter chegado à etapa da datilografia não é suficiente para tornar um texto definitivo. Por exemplo, o primeiro volume das *Bemerkungen über die Philosophie der Psychologie*, que mandara datilografar, seria para Wittgenstein apenas uma "forma mais jeitosa", ponto de partida para novo começo, "pois talvez dê origem a idéias melhores quanto eu o ler" (Citado por Monk, Ray, *Wittgenstein: O Dever do Gênio*, pp. 456- 457). A resistência a uma forma final é uma constante, mesmo nas etapas que decorrem de uma seleção, e impede que alguma rotina de escrita possa ser considerada paradigmática.

[260] Cf. Monk, Ray, *Wittgenstein: O Dever do Gênio*, cap. 27.

melhor possível o tempo que resta. Todavia, antes de qualquer outra atividade, o que faz Wittgenstein, se confiarmos na afirmação de Anscombe? Ele faz uma revisão de material já escrito e pensado sobre as cores. Ora, nada poderia testemunhar melhor em favor da importância do tema das cores. Torcemos, portanto, *ab imo pectore*, para que alguma prova disso nos seja apresentada. Teríamos assim o mais eloqüente testemunho do próprio Wittgenstein de quão central ele considerava o tema das cores. Tudo estaria muito bem. A idéia é de fato encantadora, mas devemos convir que nada tem de sensata. Um pensador com os dias contados e tanto de novo a escrever, ocupa-se primeiro (ou quiçá de modo concomitante?) com a revisão de um material antigo. Não conseguimos acreditar nesta tese por mais que favoreça nosso propósito de vindicar a centralidade do tema das cores, sobretudo por ser possível vindicá-la de outros vários e sempre preferíveis modos, porque conceituais.

A questão porém não é desprovida de interesse. Admitindo-se então que tenha optado por tal exótica atitude, o que precisaria ter feito para cumprir com o propósito de primeiro cuidar do tema das cores? Ele deveria, em uns poucos dez dias: (1) recuperar-se dos efeitos da radioterapia; (2) compulsar o extenso MS 173, quiçá separando então os parágrafos que não se referiam às cores; (3) redigir os 88 bem lapidados parágrafos de *BF I*, deixando variantes para uma escolha futura; (4) revisar (pois há sinais, riscos verticais,[261] que indicam tê-lo passado em revista) o texto de *BF II*, que entretanto deixara em Oxford; e ainda (5) deixar espaço em branco ao fim do texto revisado e passar para outro caderno, para no futuro quem sabe continuar a revisão. E dissemos passar para outro caderno e tudo fazer em uns poucos 10 dias, porque o § 426 de *Über Gewißheit*, anotado em 21/03/51, segue-se por mero acaso ao § 88 de *BF I*, não foi escrito ao término deste. Enunciemos aqui um truísmo: o § 426 segue-se sim ao § 425. Mais ainda, foram escritos no mesmo dia e hora, resultam do mesmo fluxo de raciocínio, embora estejam em cadernos distintos.

Eis o que parece ter acontecido. Findo o "tratamento", sente-se Wittgenstein com forças para retomar a escrita de suas reflexões sobre a

---

[261] Cf. o MS 172, in vol. 79 da edição da Cornell University (Fotocópias 1 a 4).

certeza. Serve-se então de um caderno já usado (MS 175) onde estão §§ 193-299 e nele registra a data do novo começo: 10/03/51, então escrevendo do § 300 em diante.[262] O registro antes raro das datas torna-se então quase diário, como se cada dia merecesse ênfase.[263] Escreve pois em 10 de março, e há registro em 12, 13, 15, 16, 17, 18, 19, 20. Dia 21 também escreve neste mesmo caderno[264] os §§ 417 a 425. O caderno acaba.[265] Wittgenstein tem algo mais a escrever. Toma então um caderno de 80 folhas, das quais apenas 22 foram usadas, em Oxford, na seleção de anotações sobre as cores, repete abaixo do § 88 de *BF I* o registro da data, como a frisar a continuidade, e aí escreve o § 426 de *Über Gewißheit*.[266] Nos dias seguintes, continua neste caderno, sempre anotando-lhes a data, os §§ 427-637. Wittgenstein portanto só passou a escrever após o § 88 *pela filosófica razão de que o outro caderno acabou* e exatamente porque também não mais devia pensar neste momento em retornar de algum modo ao texto de *BF I*.

De 10/03/51 até 27/04/51 (véspera de quando perdeu a consciência), Wittgenstein escreveu quase 400 parágrafos, que exibem extraordinário vigor intelectual. Tinha muito a produzir, portanto, assunto bastante para concentrar-se. Caso tenha escrito *BF I* neste período, só poderia fazê-lo bem antes de 21/03/51, pois esteve bastante ocupado desde o dia 10. Vale insistir ainda que, se não se serviu literalmente de *BF II* em uma seleção, passou pelo menos o texto em revista, e não deve tê-lo feito para a composição de *BF III*, pois este manuscrito tão-só coleciona mais reflexões para serem trabalhadas em outro lugar, ou seja, em *BF I*. Quando pôde se dar uma tal revisão conjunta? Apenas em casa de Anscombe e provavelmente após as 14 folhas primeiras do MS 174, separadas por

---

[262] Cf. verso da folha 34 e frente da folha 35 de MS 175, em que constam o § 300 de *Über Gewißheit* e a data 10/03/51, in vol. 77 da edição da Cornell University (Fotocópias7 e 8).

[263] Não parece igualmente estranho que *BF I*, caso escrito em março, quando cada dia de trabalho é celebrado, não tenha qualquer data?

[264] Cf. verso da folha 74 do MS 175, com o § 417, primeiro de 21/03/51, in vol. 77 da edição da Cornell University (Fotocópia 9).

[265] Cf. página final de MS 175, contendo parte do § 425 de *Über Gewißheit*, in vol. 77 da edição da Cornell University (Fotocópia 10).

[266] Cf. página final de *Bemerkungen über die Farben*, I em MS 176, contendo a data 21.03.51 e § 426 de *Über Gewißheit*, in vol. 78 da edição da Cornell University (Fotocópia 6).

traços[267] das que, escritas a partir do final do verão de 1950, irão compor os §§ 66-192 de *Über Gewißheit*.

Wittgenstein parece ademais ter reservado por um bom tempo um caderno para as *BF I*, não escrevendo nele imediatamente após ter concluído o § 88 — o que parece denunciar sua expectativa de aproveitar ainda mais o volume de reflexões já contidas em *BF III* ou de prosseguir com o tema das cores. Por isso, pode ter levado ambos os cadernos para a casa do Dr. Bevan, tendo deixado *BF II* em casa de Anscombe. Quando pôde ter escrito *BF I*? Parece-nos haver dois momentos mais prováveis, ambos é claro *em Oxford*, em casa de Anscombe. Um primeiro momento, quiçá o mais provável, logo em seguida às reflexões contínuas de *BF II* e *BF III*, digamos em maio ou junho de 1950, até porque talvez tenha sido ele o texto em que Wittgenstein estava a trabalhar, quando Anscombe pensou tratar-se de *BF III* — enquanto esta parte, como vimos, já estava composta antes de Wittgenstein ter chegado a sua casa. Um segundo possível momento, entre novembro de 1950 e fevereiro de 1951. Tendo concluído a reflexão sobre a certeza até o § 299, Wittgenstein viajou em outubro com Ben Richards para a Noruega, retornando em novembro para a casa de Anscombe. Pode ter feito então sua revisão. Depõem contra esta última possibilidade a ausência de referências a respeito e o fato de estar ora mobilizado por planos de nova viagem para a Noruega ora a requerer cuidados médicos constantes.

5.

A atenção a tais datas nada tem de banal. Em primeiro lugar, depõe sobre a continuidade, concomitância ou prioridade dos trabalhos relativos à certeza, mas, sobretudo, em segundo lugar, ao localizarmos todo o trabalho de redação das *Bemerkungen über die Farben* no ano de 1950, podemos anexar às três partes uma quarta, o conjunto de oito parágrafos do MS 169. Para isso, além de haver uma verossímil coincidência temporal,

---

[267] Cf. verso da folha 14 do MS 174, contendo embaixo o início do § 66 de *Über Gewißheit*, in vol. 76b da edição da Cornell University.

uma vez que o manuscrito apenas em parte teria sido composto em 1949, compartilhando com *BF III* o tema do branco transparente, o bloco está separado por Wittgenstein para inclusão em outra parte com o característico sinal "——|——". O benefício dessa inclusão justifica em muito o esforço empreendido por retirar de certos índices elementos que favoreçam a leitura de um pensador criterial. É contudo claro que tais variações de data ou da ordem dos parágrafos e mesmo de seu número não seriam assim significativas, nem deporiam sozinhas a contigüidade e a alternância pela natureza da ligação filosófica entre os textos, se laços conceituais não resultassem de uma melhor edição do texto.

O que interessa à filosofia não pode ser isolado na superfície de uma escrita, está sempre além de relações por vezes anedóticas; logo, só pode ser decidido conceitualmente. E tão-só conceitualmente podemos descartar uma ou outra hipótese, ou torná-la irrelevante. Sem dúvida, interessa ao intérprete mostrar a ligação íntima, interna, entre tais textos. E tal ligação é *zeitlos*. Esta "irrelevância" do empírico não isenta todavia os editores de suas falhas, pois muito facilita atestar ou negar laços conceituais um texto bem editado, ordenado, fiel. Multiplicamos destarte as possibilidades para mostrar a imprecisão atual. Para algumas informações, contamos apenas com a palavra dos editores, sem que deixe de haver alguma incongruência nem que, ademais, afirmações tácitas pareçam, uma vez sopesadas, em conflito com o que podemos inferir dos manuscritos. Um tal estado pode bem contribuir para que os comentadores continuem a preferir, de modo quase exclusivo, as observações sobre a certeza, merecendo o interesse de Wittgenstein pelas cores atenção bem pouco superior à de seu interesse por revistas policiais. Tudo muita vez ocorre como se os comentadores pudessem compensar mais facilmente o esgarçamento da obra no refúgio dos temas "clássicos" da filosofia, nos quais a cada observação solta pareçam reservados uma lacuna e um mérito, situando-se toda anotação dispersa em um tecido prévio. Se filosofar é contudo estar preparado para aprender sempre algo *completamente* novo[268], o texto das *Bemerkungen über die Farben* é um sedutor guia para aventura filosófica a mais extrema, por exemplo, em sua detalhada exibição de como o ver cores se reporta a

[268] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, I, § 15.

comportamentos específicos, envolvendo contudo um aspecto conceitual que jamais pode ser reduzido ao âmbito de uma psicologia.

"Ao que posso compreender", afirma Wittgenstein, "uma teoria física (como a de Newton) não pode resolver os problemas que moviam Goethe, conquanto ele mesmo não os tenha resolvido".[269] Qual o mérito então da investigação própria de uma *Farbenlehre*? Simples, ela está no nível que nos interessa, abre caminho para a investigação filosófica, ou melhor, gramatical, quando cabe sobretudo ir às raízes da normalidade. O texto de Wittgenstein, cindido, composto para si e para outrem, parece disputar entre o interesse distante do historiador da filosofia que porventura deseje registrar uma aventura do pensamento e o interesse de quantos procuram sua própria aventura. Cabe-nos então aproveitar, aprender a ver, por exemplo, em meio a tantos dos mistérios da lógica dos conceitos de cor, a ligação essencial entre não haver uma fenomenologia e não ter Goethe escrito para pintores.

[269] Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, III, § 206.

apêndice III

a confissão de Hume*

* Este texto foi em parte apresentado no *Seminário Wittgenstein*, promovido pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia e Metodologia das Ciências da Universidade Federal de São Carlos, em 12 e 13 de março de 1997, quando, aliás, o Prof. Bento Prado Júnior sugeriu o título atual. Apesar do interesse do exemplo de Hume e das curiosas tentativas de resposta que suscitou, não estamos insinuando nem supondo, ao incluir este texto como apêndice a nossa tese, que uma discussão humeana possa sem mais ser anexada como uma conquista ao território de Wittgenstein. Tampouco devem iludir-nos as semelhanças no vocabulário, por surpreendentes que sejam algumas delas. Não obstante, a remissão é aqui importante, pois, para quem pesquisa o tema das cores na obra de Wittgenstein, há uma razão primordial e legítima para o interesse pelo problema humeano acerca de um tom ausente do azul: refletir sobre a subsistência de sistemas e sua plenitude coloca-nos questões e dificuldades que também são, a seu modo, wittgensteinianas. Por este ângulo, a situação da análise das cores referente ao tom ausente do azul, conquanto limitada ao contexto e ao vocabulário humeano, afigura-se análoga à das questões ditas fenomenológicas por Wittgenstein, configura-se em um mesmo campo; afinal, as proposições que podem tentar-nos a julgar necessária uma fenomenologia são essas que, sobre cores ou não, têm estatuto ora lógico ora empírico, ou melhor, são proposições descritivas cuja verdade é todavia independente da experiência. Em todo caso, insistimos, temos bem claro que, em filosofia, no mais das vezes, ao mesmo signo correspondem diferentes símbolos. Nesse sentido, embora não nos furtemos a algumas pinceladas acerca de considerações filosóficas sobre a cor, está fora de nosso propósito realizar um levantamento exaustivo, doxológico ou histórico, das inúmeras referências dos filósofos às cores, pois um exame atento mostra que raramente estão se referindo à mesma coisa. E, apenas desse mesmo modo, sem pretendermos decifrar qualquer enigma científico, também podem ser bastante úteis muitas observações sobre a "história natural da cor", das experiências científicas, das técnicas de pintura, etc.

"Jeder Denker malt seine Welt und jedes Ding mit weniger Farben, *als es giebt*, und ist gegen einzelne Farben blind."

Nietzsche, *Morgenröthe*, § 426.

1.

As cores costumam embaraçar o filósofo; afinal, conquanto triviais, resistem a um enquadramento teórico, parecendo ainda, no cerne mesmo do empírico, abrigar necessidade e exigir sistemas. Um exemplo autenticamente filosófico desse embaraço, por introduzir-nos em uma dificuldade característica da temática, insolúvel por meras considerações físicas, e também por ilustrar uma maneira drástica de resolvê-la, é-nos fornecido por David Hume. Decidimos expor extensamente esse caso de "bizarria", pois com ele poderemos explicitar em que medida a constituição de um espaço das cores comporta pressupostos e ainda situar a temática das cores em território de suma importância filosófica.

Não se deve esperar clareza (facilidade) em questões metafísicas, nas quais os maiores fracassaram ou simplesmente divergiram. Com o objetivo então de fundar os saberes na ciência que todos pressupõem, a ciência do homem, caberia, segundo Hume, atacar diretamente e com método experimental a natureza humana ela própria. Enfim, confia Hume, com um sistema completo das ciências (construído sobre fundação nova e a única sólida: a experiência e a observação), com um emprego rigoroso do método experimental, a infantaria substituirá a banda de música no combate a questões filosóficas — embora o princípio empirista, que reza sempre surgir uma idéia simples de uma impressão prévia, ultrapasse qualquer experiência e dele tenhamos um uso em que nada temos a dizer

"beside our experience of their reality".[270] Em todo caso, o princípio empirista é um critério programático de clareza. Mais do que simples modo de exposição, é modo de resolução de questões metafísicas.

"The simple impressions always take the precedence of their correspondent ideas, but never appear in the contrary order."[271] Esta máxima (logo a seguir contrariada) é também conclusão de argumento cujas premissas são a conjunção constante entre percepções semelhantes, a prioridade regularmente observada da impressão e a constatação de que a ausência de estímulo no órgão ou a ausência do órgão a ser estimulado suprimem a possibilidade das idéias cujo acesso à mente deles depende. Importa insistir em um ponto essencial: o princípio empirista afirma a precedência de uma impressão *simples* a cada idéia *simples;* destarte, verdadeiro o princípio, uma idéia simples jamais poderia estar presente sem uma impressão prévia, porquanto não pode sua novidade à mente resultar de uma mera combinação de percepções outras (como no caso da imaginável, mesmo se incrível, idéia complexa da montanha de ouro e diamantes).

Porém, após afirmar tal "universalidade" do princípio empirista (com o agravante de, logo em seguida, ter dirigido um repto a qualquer opositor, desafiando-o a apresentar um exemplo, único que seja, de infração da máxima), Hume concede, muito sem cerimônia: "Há, no entanto, um fenômeno contraditório que pode provar que não é absolutamente impossível que as idéias nasçam independentes de suas impressões correspondentes. Acredito que se concordaria facilmente que as várias idéias de cores diferentes que penetram pelos olhos,[272] ou aquelas de som conduzidas pelo ouvido, são realmente diferentes umas das outras, embora, ao mesmo tempo, parecidas.[273] Ora, se isto é verdadeiro a respeito das diferentes cores, deve sê-lo igualmente para os diversos matizes da

---

[270] Hume, David, *A Treatise of Human Nature*, p. 45.

[271] Hume, David, *A Treatise of Human Nature*, p. 52.

[272] As cores vêm pelos olhos, embora isto torne estranho restringir a infração da máxima a um exemplo apenas. Não pode ser este exemplo substituído por outros quaisquer que envolvam gradação? Isto é, não se aplica semelhante raciocínio a gradações as mais diversas? Podemos descrever sabores?

[273] Eis o binômio bizarro: ser simples e semelhante.

mesma cor; e cada matiz produz uma idéia diversa, independente das outras. Pois, se negasse isto, seria possível, por contínua gradação dos matizes, passar insensivelmente de uma cor a outra completamente distante da série; se vós não admitis a distinção entre os intermediários, não podeis, sem absurdo, negar a identidade dos extremos. Suponde, então, uma pessoa que gozou do uso da visão durante trinta anos e se tornou perfeitamente familiarizada com cores de todos os gêneros, exceto com um matiz particular do azul, por exemplo, que nunca teve a sorte de ver. Colocai todos os diferentes matizes daquela cor, exceto aquele único, defronte daquela pessoa, decrescendo gradualmente do mais escuro ao mais claro.[274] Certamente, ela perceberá um vazio onde falta este matiz, terá o sentimento de que há uma grande distância naquele lugar, entre as cores contíguas, mais do que em qualquer outro. Ora, pergunto se lhe seria possível, através de sua imaginação, preencher este vazio e dar nascimento à idéia deste matiz particular que, todavia, seus sentidos nunca lhe forneceram? Poucos leitores, creio eu, serão de opinião que ele não pode; e isto pode servir de prova de que as idéias simples nem sempre derivam das impressões correspondentes, mas esse caso tão singular é apenas digno de observação e não merece que, unicamente por ele, modifiquemos nossa máxima geral."[275]

Considerando porém o uso metodológico do princípio empirista como critério programático de clareza, é notável que Hume ele próprio ofereça-nos um contra-exemplo, uma exceção, mesmo se logo afirma não dever nem poder tal exemplo extraordinário desviar a atenção do filósofo. Por sua raridade, alerta-nos, pouco vale que o notemos! Em todo caso, a exceção é eloqüente: Podemos imaginar um tom ausente e nunca visto, digamos, de azul, preenchendo assim uma lacuna numa escala cromática. Sentimos faltar algo, nossa imaginação procura a inteireza do sistema e o completa.

---

[274] Note-se aqui que o grau mais ou menos forte da percepção, único que por princípio lhe é inseparável, indistinguível, não deve ser confundido com o mais ou menos forte do tom, pois bem podemos ter uma idéia (percepção fraca) de um azul escuro e uma viva impressão de um tom mais "fraco".

[275] Hume, David, *Investigação acerca do Entendimento Humano*, p. 71. Servimo-nos aqui desta tradução de Anoar Aiex da *Investigação*, pois o original em que ela se apóia quase em nada se distingue da primeira versão do *Treatise*, sendo-lhe bastante fiel neste trecho.

O que pode significar isso, que um fenômeno contradiga a máxima empirista? Talvez seja melhor até perguntar qual o seu papel na armação retórica e lógica da filosofia de Hume, porquanto não cuida de desmontar tal oposição, conservando com quase as mesmas palavras, por edições sucessivas da *Investigação acerca do Entendimento Humano*, o exemplo ominoso primeiro apresentado no *Treatise*. Deve, afinal, suscitar grande suspeita que uma teoria conviva por tanto tempo com um "fenômeno contraditório", sem discuti-lo a fundo nem questionar-lhe a legitimidade. Por isso mesmo, é bastante forte nossa tendência a considerá-lo, não como uma negação da teoria, mas como um aviso, uma advertência, um fragmento que cumpre um certo papel na trama argumentativa, qual seja, o de impedir que o princípio empirista esteja ele próprio imune a uma fundamentação empírica. Não obstante a plausibilidade e provável correção dessa hipótese, sugeriremos também uma outra, a de que ele não foi notado porque, simplesmente, para além de sua função argumentativa, não poderia ser notado.

2.

O exemplo é apresentado com grande cautela indutiva. Aparentemente, Hume não poupa condições para o tornar verossímil. Quem pode imaginar o tom ausente e qual tom desconhecido pode ser imaginado? Pessoa de 30 anos, "acquainted with colours of all kinds", exceto um tom particular.[276] Ela perceberá uma lacuna, se forem as cores dispostas convenientemente, ou seja, segundo uma gradação. Ora, perceber a falta de algo não é idêntico a ter dele a idéia, ao menos no sentido humeano de uma percepção mais fraca. Saber que falta não pode ser, no caso do simples, saber o que falta. Isto é claro. Hume pergunta, porém, "whether 'tis possible for him, from his own imagination, to supply this deficiency, and

[276] Trata-se pois de um indivíduo já familiarizado com um sistema, que comporta gradações de *hue*, segundo o critério de intensidade luminosa e de contigüidade regular. Trata-se, é óbvio, de um modelo newtoniano. Vale atentar para o fato de que a semelhança já está pressuposta na constituição de uma espécie, estando dados na formulação do problema os elementos que o tornam paradoxal.

raise up to himself the idea of that particular shade, tho' it had never been conveyed to him by his senses".[277] Entretanto, ainda que o acreditemos possível (e poucos, segundo Hume, deixarão de acreditá-lo), seria exemplo particular demais e insuficiente para alterar a máxima geral, o princípio da prioridade das impressões.

Em recurso que lhe não é raro (como no caso do Adão: nascido adulto, racional mas sem experiência prévia e, por isso, incapaz de antever o mais banal curso sucessivo de eventos), Hume convida-nos a examinar um exemplo fictício, mas apenas após estarem dadas as leis de um sistema, a saber, (1) a necessária distinção de elementos simples, (2) sua semelhança de modo a permitir gradação e (3), dada tal gradação, a afirmação de extremos, de campos, etc. Parece providenciar índices causais; entretanto, pode realmente ser providenciado um arranjo reconhecível como idêntico ao exemplo de ficção? Aqui, temos um problema artificial, não parecendo possível compor com segurança o quadro requerido, pois nunca podemos garantir sem o depoimento do experimentado qual tom desconhece, nem fazer desfilar "gradual e ordenadamente" os tons, sem já ter estabelecido como autônomo um sistema, cuja suposição já é todavia suficiente para uma resposta afirmativa. Exemplo fictício, este talvez nem sequer seja verossímil. Além disso — o que, por sinal, revela a natureza conceitual do problema —, o exemplo não é passível de comprovação nem de refutação: nunca poderíamos saber qual candidato satisfaria as condições do problema pois já deveríamos saber qual o tom ausente a ser testado.

---

[277] Hume, David, *A Treatise of Human Nature*, p. 54. Importa observar que o exemplo não parece de todo inédito, já tendo enunciado Descartes um bastante semelhante na regra XIV de suas *Règles pour la direction de l'Esprit*: "Si quelqu'un est aveugle de naissance, il ne faut pas espérer que nous puissions jamais faire, par aucun argument, qu'il ait sur les couleurs des idées vraies comme celles que nous avons reçues des sens. Au contraire, si quelqu'un a déjà vu les couleurs fondamentales, mais ne connaît pas les couleurs intermédiaires et mixtes, il est possible qu'il se représente par une sorte de déduction les images de celles-là même qu'il n'a pas vues, d'après leur ressemblance avec les autres" (p. 96). Duas questões porém se apresentam: (1) Não é de se esperar que o deslocamento do exemplo do ambiente do cartesianismo seja suficiente para torná-lo novo? Ou, pelo contrário, tratando-se do mesmo exemplo, (2) não é de se esperar que um exemplo cartesiano cause dano à economia do empirismo? Parece-nos porém que não é o exemplo cartesiano que causa dano, mas sim a modificação de suas premissas. Em Descartes, trata-se de produzir por dedução, a partir das primárias (ditas principais), a imagem de cores compostas. O grave em Hume é dever ser simples cada matiz, não se tratando pois do mesmo exemplo. Segundo nos parece, estritamente falando, contra toda aparência, nada têm em comum.

Há vários índices empíricos, mas o problema parece lograr algum sentido na suposição de condições elas próprias independentes da experiência. É então pressuposta uma relação específica entre cor e extensão: a distância entre os tons equivaleria na escala cromática a uma reta contínua, o que faz confundir necessidade matemática com continuidade física ou perceptiva. Cada matiz produz uma idéia diferente e independente de toda outra. Caso negássemos a distinção precisa dos intermediários, seríamos obrigados a aceitar a identidade dos extremos; entretanto, tal discernibilidade dos intermediários, passo essencial do seu argumento, não é uma verdade da percepção e sim uma verdade da possibilidade da percepção, porquanto podemos bem conceber um cego para cores incapaz de perceber certas variações que a razão supõe necessárias. É uma verdade independente da percepção e afirmada com necessidade. Deve ser assim! Um sistema se impõe, estando na condição de ser cor o fundamento inanalisável da semelhança, pois todas as distintas idéias de cores (e, por extensão, cada matiz) "are really different from each other, tho' at the same time resembling".[278] Nessa regra da possibilidade da percepção, cor e continuidade são afirmadas. E, para que gradações imperceptíveis não venham a delir a diferença entre extremos, o simples e distinto (que pode contudo ser disposto segundo gradações, que conforma campos) é condição de um sistema cromático, assim como necessidades geométricas o seriam da correta descrição de nossa percepção espacial.

O pressuposto não-empírico gera um conflito com a máxima empirista; afinal, o simples pode ser semelhante? Hume afirma em certo momento que o azul se parece mais com o verde do que com o escarlate. Não está aí supondo relações internas que independem de qualquer experiência, uma vez que não há impressão que sustente tal relação, assim como nada nos garante a conexão entre fogo e calor?[279] Assim, Hume está a conceder

---

[278] Hume, David, *A Treatise of Human Nature*, p. 53.

[279] Quine responde a isso com um senso inato de similaridade. "Um padrão de similaridade é, num certo sentido, inato. Isso não vai contra o empirismo; trata-se de um lugar-comum da psicologia comportamental. Uma resposta a um círculo vermelho, se recompensada, será mais prontamente eliciada de novo por uma elipse cor-de-rosa do que por um triângulo azul. Sem algo como esse espaçamento prévio de qualidades, nunca poderíamos

talvez em demasia para um empirista, a saber, que as cores conformam um sistema e que o sistema não depende da ostensão exaustiva de todos os tons que somos capazes de discernir.[280] Com isso, não deixa de prefixar o tom novo às coordenadas já estabelecidas. Parece dizer-nos: sabemos desprovido de critérios, no interior do empirismo, afirmar que produziremos mentalmente a amostra adequada, sendo provável embora que a consigamos reconhecer. E retoma, em inusitado ambiente, o velho problema de como podemos reconhecer o que desconhecíamos.

Poder-se-ia argumentar que o exemplo deva ser descartado, não por sua particularidade, mas porque tal cor ausente poderia ser definida contextualmente. Mas não é essa própria definição contextual que apresenta problema? Além disso, mesmo se possível a definição contextual, não continuaria em jogo a produção de uma imagem sem prévia impressão? O exemplo das cores, se notado, obrigaria sim uma filosofia cuja força reside na afirmação da exterioridade das relações a aceitar todo um sistema de relações internas, uma vez que o simples (como de resto a existência) não é idéia ela própria separável do que se percebe (caso em que paradoxalmente o simples seria complexo). No sistema, se cada cor é distinta, todas em maior ou menor grau se assemelham, ou sua justaposição em nada nos faria, por exemplo, notar lacunas. Se a exceção apontada por Hume é um autêntico contra-exemplo, é por mostrar a vigência de relações internas no campo perceptivo, para as quais não há todavia impressão correspondente, porquanto, se houvesse, além do que é próprio do simples, uma característica comum, o simples seria complexo.

---

adquirir um hábito; todos os estímulos seriam igualmente parecidos e igualmente diferentes." (Quine, Willard Van Orman, "Espécies Naturais", p.190.)

[280] O sistema não é um conjunto amorfo, uma vez que a própria noção de gradação já compromete o contato entre amostras discretas. "We are not to think of our simple ideas of colors as an unorganized set of wholly distinct entities. The various hues are internally related to one another in degrees of resemblance. Hume also takes it for granted that these internal relations form the linear ordering of a spectrum: each hue occupies a determinate location within a color space composed of distinct (and presumably finitely many) hues. One such hue can be noticeably absent. Given these surroundings, the imagination is not faced with the insuperable task of producing a brute content *ex nihilo*. To speak metaphorically, it is asked to produce a specific peg to fit a determinate hole provided for it. To speak somewhat less metaphorically, it would only have to give substance to a formally determinate apprehension." (Fogelin, Robert, "Hume and the missing shade of blue", p. 267.)

Desse modo, repetindo uma disjunção que bem conhecemos em outro contexto, ou as cores não podem ser simples, ou o princípio empirista deve ser relativizado.

3.

Um sistema cromático sempre é fechado. Mesmo para um radical empirista, não há lugar para *flicts*.[281] Ter uma palavra para o negro, outra para o branco, outra para o vermelho, etc., não é ainda ter um critério para a identidade cromática, caso nomes novos possam somar-se ao conjunto sem modificar-lhe as referências, isto é, caso um sistema não se tenha conformado, não esteja completo. Não há espaço das cores sem completeza e tampouco sem simplicidade, embora sejam criteriais essas coordenadas e não empíricas. Formar um sistema é, por conseguinte, saber parar nas duas direções.

Uma digressão sobre a ausência do azul fixará melhor o compromisso criterial envolvido na assunção de um sistema cromático. A questão do tom ausente de azul reporta-nos naturalmente a outro problema, historicamente situado, cuja interpretação suscita, contudo, questões de natureza conceitual. De certo modo, os termos para cores são escassos na produção de Homero, mesmo em se tratando de um rapsodo cego; curioso é, porém, o emprego do azul para descrever os cabelos de Heitor ou do verde predicando o sangue e as lágrimas,[282] de sorte que os nomes que corresponderiam ao verde e ao azul (kyanos e chloros) seriam empregados de modo "inconsistente".[283] Destarte, Goethe já anotava, em seu *Materiais*

---

[281] *Flicts* é, no famoso conto infantil homônimo de Ziraldo Alves Pinto, o nome de cor desconhecida, diferente de todas as outras, da qual não temos um exemplar sequer em nosso mundo. E uma cor assim, uma cor exterior a nosso sistema cromático, não seria primária, nem branca ou preta, nem descritível por adjetivos derivados das primárias; logo, não seria azulada, amarelada, avermelhada ou esverdeada.

[282] O sangue chamado de verde não é, por sinal, um bom exemplo de verde avermelhado?

[283] "Wie anders sahen die Griechen in ihre Natur, wenn ihnen, wie man sich eingestehen muss, das Auge für Blau und Grün blind war, und sie statt des ersteren ein tieferes Braun, statt des zweiten ein Gelb sahen (wenn sie also mit gleichem Worte zum Beispiel die Farbe des dunkelen Haares, die der Kornblume und die des südländischen Meeres bezeichneten, und wiederum mit gleichem Worte die Farbe der grünsten Gewächse und der menschlichen

para a História da Doutrina das Cores, a ausência do azul em tempos pré-socráticos, sobretudo nas teorias cromáticas então formuladas. E, finalmente, em 1858, nos escritos sobre Homero de William Gladstone, antes primeiro-ministro da Grã-Bretanha, encontramos a fórmula extrema: "o órgão da cor e de suas impressões era apenas parcialmente desenvolvido entre os gregos da idade heróica".[284] Uma conclusão assim radical sofreu ao longo dos tempos contestações as mais contundentes, embora muitos de seus opositores compartilhem talvez os mesmos preconceitos acerca da relação entre o fisiológico, o cultural e o lingüístico.[285] Uma hipótese fisiológica afirmaria então uma progressiva apreensão, na ordem espectral, a partir das ondas as mais amplas, a saber, as correspondentes ao vermelho.[286]

Nós nos aproximamos desse problema de antropologia lingüística porque coloca interessante questão acerca da inteireza de uma gramática bem diferente daquela do problema de Hume. Agora não mais se trata da lacuna de um tom, mas sim de um croma. Nesse caso, a apresentação de um autêntico simples implicaria na transformação da gramática inteira; por outro lado, podemos argumentar, não há gramática por si incompleta, sistema de descrição que seja negado pela apresentação de uma amostra colorida, e cor alguma pode faltar aos gregos de tempos homéricos, assim como nada nos falta por não podermos ver *flicts*. Podemos até dizer de uma cultura que ela não tem um sistema cromático e que os nomes de cores são aparentes, não são aplicados para destacar o que costumamos chamar de cor. Isto soa absurdo, mas, em qualquer caso, se admitimos que tenha um sistema cromático, por distinto que seja do nosso, ele será completo. Assim, um sistema pode fazer sentir a falta de um tom de azul, mas nunca ressentirá da falta do azul.

Haut, des Honigs und der gelben Harze: sodass ihre grössten Maler bezeugtermaassen ihre Welt nur mit Schwarz, Weiss, Roth und Gelb wiedergegeben haben)." (Nietzsche, Friedrich, *Morgenröthe*, § 426, pp. 265-266.)

[284] Cit. in Kuehni, Rolf, "Notes on Color Terminology in the *Iliad* and the *Epic of Gilgamesh*", p. 233.

[285] Uma interessante recensão desse debate, opondo evolucionistas e culturalistas, encontra-se na introdução de Serge Tornay a Tornay, Serge (org.), *Voir et Nommer les Couleurs*.

[286] Cf. Berlin, Brent & Kay, Paul, *Basic Color Terms: Their Universality and Evolution*.

Nietzsche, por sua feita, no parágrafo que tomamos por epígrafe, apresenta-nos a idéia de que uma harmonia cromática nunca coincide exatamente com o empírico, sem por isso significar tal desnível algo negativo. Antes, é ineludível, não é uma falta (ein Mangel) que uma boa ciência possa ou deva corrigir. Apesar de não questionar o suposto fato fisiológico, Nietzsche aproxima-se bastante do significado que pode ter a nomeação.[287] Ele percebe que a nomeação associa-se a separações relevantes e comemora (ao contrário de nossas tendências hodiernas) a comunhão com a natureza que a ausência das palavras específicas possibilita. Que não haja palavra para o verde e o azul é então sinal de uma ainda não realizada desumanização da natureza: "Wie anders und viel näher an den Menschen gerückt musste ihnen die Natur erscheinen, weil in ihrem Auge die Farben des Menschen auch in der Natur überwogen und diese gleichsam in den Farbenäther der Menschheit schwamm! (Blau und Grün entmenschlichen die Natur mehr, als alles Andere.)"[288]

Dizer dos gregos que viam o azul, com independência do uso das palavras para cores em sua cultura, é quiçá equivalente a dizer que também viram, sem jamais ter descrito, a relação definidora da força ou do movimento. Viam os gregos o azul? Ora, não há por que fornecer uma resposta fisiológica, negativa ou afirmativa, a um problema conceitual.[289] Os gregos não viam o azul, não tem sentido dizer que o viam como nós o vemos, não temos por que salvar nossa identidade com os gregos tornando relevante um aspecto que não notavam, tornando pois essencial uma técnica que não

---

[287] Quanto aos dados sobre a acuidade visual de povos "primitivos", que tampouco disporiam de vocabulário suficientemente rico, é interessante notar que uma criança pode dar respostas "corretas", de um ponto de vista fisiológico. A questão que nos interessa não pode ser o que uma cor é ou se realmente é vista, mas qual processo é relevante para sua nomeação.

[288] Nietzsche, Friedrich, *Morgenröthe*, § 426, p. 266.

[289] Neste sentido, investigadores atuais compartilham com Gladstone um preconceito essencial, quando advogam a hipótese diametralmente oposta, pois esta supõe ainda uma falta, uma lacuna: "Pre-Homeric Greeks could probably distinguish perceptually as many colors as we can, but they may not have yet had the logical, verbal consciousness to abstract and name them" (Kuehni, Rolf, "Notes on Color Terminology in the *Iliad* and the *Epic of Gilgamesh*", p. 235).

possuíam. Se suas cores se opunham sobretudo segundo um eixo central (o da claridade), não tem sequer sentido dizer que o viam aquém das palavras, na ausência de nomeação. Os gregos não viam o azul, e estavam muito bem com isso. Por outro lado, se nos sentimos ainda tão gregos (ou talvez pouco gregos), tudo dependerá da extensão com que coincidem nossos outros jogos de linguagem, não sendo decisiva a seleção do azul, nem párias em nossa sociedade os acianoblépticos.

4.

Retornemos a Hume. Caracteriza sua ciência da natureza humana a semelhança entre idéia e impressão, percepções ambas, que só se diferenciariam, por conseguinte, segundo o grau de força e vivacidade.[290] Podemos, aliás, julgar que um mérito da análise humeana reside em ter dissolvido o difícil problema da representação entre elementos de natureza distinta, idéia e sensação, inserindo-os todos no campo exclusivo da percepção e estabelecendo entre todos eles distinção de grau apenas. Como porém pode operar um princípio associativo? Como não supor já constituído o que deveria resultar de seu trabalho, a saber, campos de semelhança, ordenações? Em específico, como podem ser semelhantes uma impressão e uma idéia simples, uma vez que "simple perceptions or impressions and ideas are such as admit of no distinction nor separation"?[291] Ora, se tampouco o grau de força pode ele próprio ser distinguível, como não seriam simplesmente idênticas ou completamente distintas a idéia do vermelho e a impressão que lhe é anterior e correspondente? A própria inversão da força pode ser paradoxal. Se toda percepção é dúplice, impressão e idéia, caso ocorra uma idéia simples sem impressão anterior, não se constituiria esta a partir daquela, sendo a impressão paradoxalmente menos viva que as coordenadas que a suscitaram, mais fraca, enfim, do que a idéia que a possibilitou?

---

[290] Cf. Hume, David, *A Treatise of Human Nature*, p. 49.

[291] Hume, David, *A Treatise of Human Nature*, p. 50.

A dificuldade é íntima à posição de Hume. Como pode haver semelhança entre qualidades simples, se a semelhança supõe alguma complexidade? O que pode portanto ser uma relação simples de semelhança?[292] Se são simples as qualidades, não temos um critério de semelhança para o que têm de idêntico, e o que porventura tenham em comum, a par de suas diferenças, já negaria sua simplicidade. Devem pois ser semelhantes sem nada em comum e também sem tudo em comum (caso em que seriam idênticas). Logo, a semelhança não estaria nas qualidades, pois, se presente nas qualidades, só poderiam estas ser complexas. Seriam então as relações de semelhança elas próprias similares. Porém, em sendo assim, nenhuma descontinuidade seria rompida, a relação entre A e B seria semelhante à entre A e C, sendo todos os termos cores; não obstante, nada pode ordená-las como sendo, por exemplo, matizes de mesma cor as primeiras e cores complementares as segundas. As relações esvaziar-se-iam de conteúdo e o fundamento da semelhança, que urde sistemas, permaneceria inexplicado, ou seja, a relação só seria suficiente para definir séries e semelhanças entre entidades complexas, ou não poderíamos sequer separar o som simples da cor simples, porquanto não se conformariam em sistemas distintos.[293]

No interior do seu empirismo, não estaria Hume entre aqueles poucos que julgam incapaz o indivíduo de preencher a lacuna ou, pelo contrário, estaria quiçá insinuando, para além de qualquer simples empirismo, a vigência de um princípio geral do entendimento, ou da natureza humana, que se aplicaria mesmo quando a razão não pode exibir seus fundamentos? Que a imaginação seja invocada, plena de poderes, é porém insustentável. Hume não dá exemplos de uso da imaginação senão relacionados a complexos, sendo sua posição exatamente esta: a imaginação não pode produzir o simples e cada cor é, por exigência da discernibilidade, simples. A imaginação só pode fazer ressurgir na mente a impressão por seu substituto, a idéia, e essa nem sequer com a vivacidade de que a memória é capaz. Não poderia, por conseguinte, fazer aparecer

---

[292] Cf. Robles, José A, "Cualidades (simples) y semejanza".

[293] Por compartilharem um mesmo sistema, nós o sabemos, Wittgenstein afirmou complexas as cores (*Tractatus*, 6.3751). E, também porque complexas as cores, passíveis de manter entre si relações internas: "Diese blaue Farbe und jene stehen in der internen Relation von heller und dunkler eo ipso" (Wittgenstein, Ludwig, *Logisch-philosophische Abhandlung: Tractatus logico-philosophicus*, 4.123).

uma idéia simples inédita; ou melhor, a imaginação não pode atuar no simples, pois, caso fizesse brotar de si idéias novas, essas teriam a força de uma impressão, quando o característico na imaginação são percepções "faint and languid, and cannot without difficult be preserv'd by the mind steddy and uniform for any considerable time".[294] Além disso, comparada à memória, a imaginação parece não ser prisioneira da ordem nem da forma, tem o poder de variar as impressões originais, mesclando-as, sendo um sinal de força o que para a memória seria indício de falta, de deficiência — e tanto maiores força ou fraqueza quão mais distantes ou próximas estiverem do arranjo originário. Com relação às idéias simples, porém, memória e imaginação se não podem distinguir, o que nos obriga, por definição, a excluir a possibilidade de uma ou outra gerar uma idéia simples nova, sendo igualmente limitado seu estoque comum: "When we search for the characteristic, which distinguishes the *memory* from the imagination, we must immediately perceive, that it cannot lie in the simple ideas it present to us".[295]

Agindo sobre idéias, tudo pode a imaginação, na medida em que duas impressões quaisquer são sempre separáveis, em princípio, a seu bel-prazer, embora nenhuma combinação possa gerar uma idéia simples inédita. Ademais, não é errática a atividade da imaginação, porquanto guiada por princípios associativos universais que a tornam uniforme. Há laços entre idéias simples (e aqui retorna o problema da semelhança), sem os quais não se reuniriam regularmente em idéias complexas, nem um tom de azul evocaria jamais preferencialmente um outro azul, etc. O atomismo imperaria. O mundo da percepção permaneceria esmigalhado sem tal atividade deveras regular da imaginação. Afinal, que a imaginação seja livre, é afirmado por Hume com todas as letras, mas também com certa ironia. Por livre que seja, não pode agir sobre quaisquer idéias, sem o suporte de impressões prévias — material essencial a qualquer uma sua comparação. Além disso, já no campo de suas possibilidades, não se defronta com um material neutro, sem história. Sua escolha mais natural e

---

[294] Hume, David, *A Treatise of Human Nature*, p. 56.
[295] Hume, David, *A Treatise of Human Nature*, p. 132.

mais forte é menos um índice de livre arbítrio e sobretudo o resultado de um constrangimento suave.

5.

Uma raiz do paradoxo está, sem dúvida, em não se deixar formular a contento nos marcos de um empirismo estrito: a personagem de Hume desconhece certo matiz de azul, que afirmamos ser simples e, não obstante, situamos em um sistema, admitindo-o localizável segundo certas coordenadas, a saber, intensidade luminosa, ser azul, etc. Mas, se ser azul é uma qualidade compartilhável, nada pode ser azul e simples, ou todo azul seria idêntico a todo azul. Que surja um fenômeno contraditório é admirável, mas não parece tratar-se de experiência efetiva. É experiência ideal, uma vez que nunca poderíamos controlar as condições propostas ao falseamento da máxima geral. Além disso, vale observar que o fenômeno contraditório apenas se volta contra a prioridade da impressão e não, mais fundamente, contra a própria semelhança, que parece permanecer incólume aquém de qualquer fundamento, constituída antes de qualquer experiência que, no entanto, a exige e denuncia.

A raiz do problema é talvez mais profunda. Não se trata de um exemplo que possa refutar a teoria (e isto não por sua excepcionalidade), pois trata-se ou de um problema que não pode ser formulado nem compreendido nos termos da teoria, como já o dissemos, ou de uma expressão cristalina de um seu traço essencial, íntimo, constitutivo, também manifesto na semelhança entre impressão e idéia, a saber, o problema expressa um papel para a imaginação, enquanto condição da unidade do universo, incompatível com um empirismo estrito.

Em sendo assim, não apontaria tal enigma para uma faculdade ainda anterior à imaginação? A anterioridade e estrita relação de substituição é exatamente afirmada como máxima geral em relação ao simples. Nesse ponto, porém, a imaginação não pode fornecer qualquer socorro, pois, que vermelho pode ser esse de Hume, cuja idéia formada no escuro, no interior, na alma (espécie de quarto mal iluminado), distingue-se dele

apenas quanto à força e não quanto à natureza? É essa mesma natureza que os faz semelhantes? Qual pode ser o critério de tal semelhança, exigência universal da teoria? Como comparar o simples ao simples, cuja correspondência deve ser exata,[296] se a simplicidade supõe uma cisão nesse ponto por que se quebra talvez o mérito mesmo do empirismo de ter disposto todas as percepções em um único plano, travado todo ele por relações de força?

O enigma da cor ausente talvez dependa de um outro, ainda mais profundo, que torna semelhantes idéias e impressões simples. Se uma idéia simples pode ser semelhante a uma impressão simples, sendo elas todavia de espécies distintas, tanto mais natural deve parecer a semelhança entre impressões simples (ou entre idéias simples), que tanto permite afirmar a maior semelhança do azul com o verde do que com o vermelho como cria as condições para que coordenadas se estabeleçam para o azul ausente. A semelhança é a condição mínima (necessária, mesmo quando não suficiente) para qualquer comparação, uma vez que o totalmente dessemelhante não pode ser comparado e a semelhança mais geral não estimula a imaginação. Dada a gradação de uma mesma qualidade: "Two colours, that are of the same kind, may yet be of different shades, and in that respect admit of comparaison",[297] o problema localizar-se-á sempre na formação mesma da espécie. Para Hume, porém, a associação é algo que dispensa prova. Considerando o óbvio e constante deslocamento da imaginação, a semelhança por si é liame suficiente e necessário.

Temos um fato; e a associação faz supor a existência dos princípios associativos, ou melhor, das bem discriminadas qualidades que governam o imaginar, apenas em aparência livre. Trata-se de uma espécie de atração, cujos efeitos são evidentes, mas sobre cujas causas, remontando a qualidades originais da natureza humana, não caberia exposição. Afinal, dirá Hume, julgar necessária a exposição de causas não empíricas é pura

---

[296] Cf. Hume, David, *A Treatise of Human Nature*, p. 51.
[297] Hume, David, *A Treatise of Human Nature*, p. 62.

metafísica.[298] Cabe, pois, ao verdadeiro filósofo, não notar o problema, pois ele o obrigaria a situar a análise em terreno obscuro a seus instrumentos, no campo de uma distinção essencial entre o empírico e as condições de sua representação, quando, ao contrário, o vigor de sua solução depende de um tratamento homogêneo. Não fazer hipóteses além dessa fronteira. Não notar, pois ir além seria servir-se de instrumentos não autorizados, de mapas inexistentes.

6.

Hume sempre espalhou ardis. Por um lado, suspeitamos inclusive que ele esteja entre os poucos que não serão de opinião que tal lacuna seja preenchida pela imaginação. Entre outros motivos, porque o característico de uma prova (no sentido humeano de experiência repetida sem qualquer exceção) jamais seria satisfeito pelo contra-exemplo, não tendo então se empenhado em demoli-lo (o que conseguiria talvez com facilidade) por tê-lo deixado com a função de não transformar o princípio empirista em uma verdade necessária. Para tanto, bastava-lhe diminuir a força do caso esdrúxulo, continuando ainda a impedir a transformação do princípio empirista (oriundo também ele de uma extensíssima experiência) em princípio analítico, bem como a negar qualquer necessidade lógica entre impressão e idéia, quando entre elas só pode viger, humeanamente, uma necessidade semelhante à das conexões causais, a saber, necessidade alguma de natureza lógica, porém forte, pregnante...[299] Assim, não é de estranhar, por exemplo, que comunidades as mais afastadas tenham padrões aproximados de seleção de aspectos cromáticos; entretanto, o fato de vivermos em um mesmo mundo nunca será suficiente para transformar uma relação empírica em uma proposição necessária, não tendo sentido, por isso, explicar causalmente os sistemas cromáticos.

---

[298] "Nothing is more requisite for a true philosopher, than to restrain the intemperate desire of searching into causes, and having establish'd any doctrine upon a sufficient number of experiments, rest contented with that, when he sees a farther examination would lead him into obscure and uncertain speculations." (Hume, David, *A Treatise of Human Nature*, p. 60.)
[299] Cf. Smith, Plínio, "Teoria da Idéias: a Base do Ceticismo", in *O Ceticismo de Hume*.

Por outro lado, sabemos bem que a Hume tampouco faltava sensatez. E podemos julgar que tenha evitado enfronhar-se em tal exemplo oriundo do cartesianismo por sentir-se aí em atmosfera bastante rarefeita, seu empirismo não podendo dar respostas ao que sequer pode formular adequadamente. Afinal de contas, o tratamento de Hume elenca sintomas para dar conta de um problema criterial.[300] As cores disponíveis, entretanto, não são cores isoladas, são critérios; afora isso, a imaginação da cor ausente é puro delírio. Hume formula como capacidade de dominar, de conceber uma idéia sem prévia impressão, quando sobretudo se trata de dominar um jogo, em que saber escolher ou saber produzir a amostra é antes um critério de que a regra está bem dominada.

Uma cor fora do espaço das cores não pode ser pensada, é absurda, mas proposições sobre cores não descrevem a experiência, no sentido de dar conta de dados empíricos; antes apresentam critérios de identidade para os conceitos que empregamos. Se não fosse criterial nossa manipulação, qualquer fragmento da experiência poderia preencher a lacuna. Não é assim, porque não há lacunas. Simplesmente! Nesse caso, a nova amostra não é um índice isolado, pois não tem sentido como índice isolado, embora Hume acreditasse ou temesse que o fosse. Hume, portanto, o mais sensato dos filósofos, adota diante do problema a posição única conforme a sua filosofia: mal vale que o notemos!

---

[300] Vale atentar para o § 340 e seguintes das *Investigações Filosóficas*, tendo em vista uma "crítica criterial à indução", que pode esclarecer a dificuldade de Hume e de outros filósofos ao darem um tratamento indutivo a questões infensas à indução, a saber, as questões da filosofia. Formulado segundo os termos de Hume, seríamos obrigados a discrepar dos que pensam possível a imaginação do simples e seríamos tão incapazes de pensar o matiz inédito quanto uma cor fora do sistema, um *flicts*. Formulado em termos talvez wittgensteinianos, podemos perceber enfim como o problema do tom ausente é de natureza diferente daquela apresentada pela ausência do próprio azul. Ter o critério não é ter a impressão, mas sim provavelmente acertar em reconhecê-la. Quem porventura não acerta não pode ser acusado de falta, apenas não é capaz de notar o aspecto, não aprendeu bem a jogar com cores. Ao classificar, caso o classificado dependa da própria classificação, caso seja dado por ela, temos então paradigmas, que valem por sua identidade reflexa de um a outro e não pela inatingível (e exterior à classificação) identidade da coisa a si própria. Logo, uma pessoa e outra podem ver como idêntica tal amostra a tal padrão mesmo que possam estar tendo sensações visuais distintas, porque é inclusive absurdo afirmar que tenham aí sensações visuais distintas — afinal, como o comprovaríamos? Para que olhos? Com que padrão? etc. O regresso seria infinito.

Talvez possamos concluir que, paradoxalmente, de todas as correntes filosóficas, a empirista é a menos apta a compreender os fenômenos cromáticos, pois estes supõem a superação de um paradigma indiciário e a rejeição de que a regra de ouro do conhecimento se resuma sempre a alguma espécie de *acquaintance*, pois o conceito de cor não apenas descreve a experiência, antes diz o que ela pode ser.[301] Hume não pode resolver o que nem sequer pode formular adequadamente: sistemas diante dos quais a experiência é em algum sentido irrelevante. De um ponto de vista conceitual, não pode encontrar respostas para o que não sabe perguntar e, sensato, não as procura, embora o que então coloca entre parênteses transpire posteridade.

Em Hume, todo e cada evento, caso não se resolva no reino da quantidade e do número, mantém com qualquer outro evento relações de completa exterioridade. Sendo distinguível, um evento é racionalmente separável, nenhuma ligação entre eles podendo ser afirmada com necessidade lógica. Entre tais eventos estariam, é claro, os cromáticos. Logo, assim como da impressão do pão não podemos concluir que alimenta, um tom particular de azul não comporta tons ausentes e nunca vistos. Simples a idéia de cor, eis a dificuldade: não deveríamos poder completar a escala, talvez até pela razão quase banal de nenhuma escala empírica ser necessária.

Com mais gravidade, poder-se-ia afirmar: não deve haver escala alguma, sistema qualquer a um só tempo empírico e, contudo, de algum modo misterioso, independente de nossas impressões. Havendo porém sistema, as conseqüências são extraordinárias e, absurdo dos absurdos, poderíamos (quando menos parcialmente) dispensar a ostensão no ensino das cores, ter a idéia do azul sem a experiência do azul, como se uma palavra

---

[301] Também por isso, em *Bemerkungen über die Farben*, Wittgenstein não mais tratará de investigar a estrutura lógica da cor (como nos sugere no *Tractatus* e pretende fazer em "Some Remarks on Logical Form"), mas sim a lógica dos conceitos de cor — lógica cujos fundamentos são de natureza pragmática. A extensão do caminho, o significado do percurso seguido por Wittgenstein torna-se também mais claro à luz da crítica criterial (não sintomática) da indução. O *Tractatus* esboça problemas que Wittgenstein não podia ainda resolver — não sem a introdução de noções novas, em alguma medida também suscitadas por suas reflexões sobre cores, como a de critério, de paradigma, de gramática, de jogos de linguagem e (como as mercadorias não vão sozinhas ao mercado) de formas de vida.

estritamente relativa a impressões adquirisse sentido sem impressão alguma. E tal absurdo talvez possa estender-se a todo território do empírico que envolva gradação, pois não vemos aqui como não seríamos capazes de imaginar uma fruta ainda mais doce ou um cheiro ainda mais forte do que os já conhecidos. O resultado é curioso, é enigmático, inclusive por espalhar derivações necessárias no mundo atomizado do empirismo humeano. Fronteiras outrora nítidas entre as questões de fato e as relações de idéias esmaecem e dificilmente sabemos de que lado da fronteira estamos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Anscombe, G. E. M., "Editor's Preface", in Wittgenstein, Ludwig, *Remarks on Colour*, p. 1.

Anscombe, G. E. M. & Von Wright, G. H., "Vorwort", in Wittgenstein, Ludwig, *Über Gewißheit*, pp. 115-116.

Berlin, Brent & Kay, Paul, *Basic Color Terms: Their Universality and Evolution*, Berkeley-Calif., University of California Press, 1991.

Chevreul, M. E., *The Principles of Harmony and Contrast of Colors and their Applications to the Arts*, West Chester, Schiffer, 1987.

Copi, Irving & Beard, Robert, *Essays on Wittgenstein's* Tractatus, New York, Hafner Press, 1973.

Descartes, René, *Règles pour la direction de l'Esprit*, in Descartes, René, *Œuvres et Lettres*, Paris, Gallimard, 1978.

Fogelin, Robert, "Hume and the missing shade of blue", in *Philosophy and Phenomenological Research*, vol. XLV, N ° 2, 1984, pp. 263-271.

Goethe, Johann W., *Zur Farbenlehre*, in *Goethes Werke*, vol. XIII, Hamburg, Christian Wegner Verlag, 1955.

_____, *Materialen zur Geschichte der Farbenlehre*, in *Goethes Werke*, vol. XIV, Hamburg, Christian Wegner Verlag, 1955.

_____, *Schriften zur Farbenlehre*, Artemis-Gedenkausgabe, vol. 16, Zürich, Artemis, 1977.

Goodman, Nelson, "Ludwig Wittgenstein: *Remarks on Colour*", in *The Journal of Philosophy*, vol. LXXV, N° 9, sept. 1978, pp. 503-504.

Hume, David, *A Treatise of Human Nature*, Middlesex, Penguin Books, 1969.

_____, *Investigação acerca do Entendimento Humano*, São Paulo, Nova Cultural, Col. *Os Pensadores*, 1992.

Kuehni, Rolf, "Notes on Color Terminology in the *Iliad* and the *Epic of Gilgamesh*", in *Color Research and Application*, vol. 6, N ° 4, 1981, pp. 233-236.

Monk, Ray, *Wittgenstein: O Dever do Gênio*, São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

Moreno, Arley R., "Wittgenstein: Fenomenologia e Problemas Fenomenológicos", in *Manuscrito*, V. XVIII, N °. 2, Campinas, UNICAMP, 1995, pp. 199-225.

Nietzsche, Friedrich, *Morgenröthe*, Berlin, Walter de Gruyter, 1971.

Quine, Willard Van Orman, "Espécies Naturais", in *Relatividade Ontológica e outros ensaios*, São Paulo, Abril Cultural (Col. *Os Pensadores*), 1980, pp. 185-199.

Robles, José A, "Cualidades (simples) y semejanza", in *Crítica*, vol. IX, N° 26, México, UNAM, 1977, pp. 91-111.

Rónai, Paulo, *Escola de Tradutores*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1987.

Schulte, Joachim, *Erlebnis und Ausdruck: Wittgensteins Philosophie der Psychologie*, München-Wien, Philosophia, 1987.

Smith, Plínio, *O Ceticismo de Hume*, São Paulo, Loyola, 1995.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

UNICAMP

DOUTORADO EM FILOSOFIA

João Carlos Salles Pires da Silva

A Gramática das Cores em Wittgenstein

(Volume 2)

Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de Filosofia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, sob a orientação do Prof. Dr. Arley Ramos Moreno.

- Campinas, 1999 -

BIBLIOTECA CENTRAL

UNIDADE BC
N.º CHAMADA:
V. 02
TOMBO 37877
PROC. 229/99
C D X
PREÇO R$ 11,00
DATA 11/26/99
N.º CPD
CM00134300F

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA DO IFCH - UNICAMP

Si 38 g

Silva, João Carlos Salles Pires da
A gramática das cores em Wittgenstein / João Carlos Salles Pires da Silva. - - Campinas, SP : [s.n.], 1999.

Orientador: Arley Ramos Moreno.
Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Wittgenstein, Ludwig, 1889-1951. 2. Goethe, Johann Wolfgang von, 1749-1832. 3. Cores. 4. Necessidade (Filosofia). 5. Fenomenologia. 6. Campo visual. I. Moreno, Arley R. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

João Carlos Salles Pires da Silva

A Gramática das Cores em Wittgenstein

Este exemplar corresponde à redação final do volume 2 da tese submetida à comissão julgadora em ___/___/____.

Banca:

Prof. Dr. Arley Ramos Moreno

Prof. Dr. Bento Prado de Almeida Ferraz Júnior

Prof. Dr. Carlos Alberto Ribeiro de Moura

Prof. Dr. Oswaldo Giacoia Júnior

Prof. Dr. Paulo Roberto Margutti Pinto

SUMÁRIO

Volume 1

Resumo 7
Abstract 9

APRESENTAÇÃO
A gramática das cores na obra de Ludwig Wittgenstein 12

INTRODUÇÃO
O quadrado e o círculo 26
Alguns problemas fenomenológicos 55

PRIMEIRA PARTE
6.3751 73
Cor e exclusão 93
Linguagem e campo visual 124
O octaedro das cores 143

SEGUNDA PARTE
Necessidade e experiência 170
'Ver' e 'ver como' 227

TERCEIRA PARTE
O paradoxo de Goethe 260
O verde avermelhado 284
A transparência do branco 308

CONCLUSÃO
O exemplo e a alegoria 337

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 353

Volume 2 - Apêndices

APÊNDICE I

Bemerkungen über die Farben/Anotações sobre as Cores de Ludwig Wittgenstein 5

1. Apresentação 6

2. *Bemerkungen über die Farben* 19
   - 2.1. *Bemerkungen über die Farben I* 20
   - 2.2. *Bemerkungen über die Farben II* 35
   - 2.3. *Bemerkungen über die Farben III* 38
   - 2.4. *Bemerkungen über die Farben IV* 107

3. *Anotações sobre as Cores* 109
   - 3.1. *Anotações sobre as Cores I* 110
   - 3.2. *Anotações sobre as Cores II* 129
   - 3.3. *Anotações sobre as Cores III* 132
   - 3.4. *Anotações sobre as Cores IV* 203

4. Fotocópias de manuscritos de Wittgenstein 205

APÊNDICE II

Considerações sobre o texto das *Bemerkungen über die Farben* 218

APÊNDICE III

A Confissão de Hume 237

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 257

apêndice I

Bemerkungen über die Farben / Anotações sobre as Cores de Ludwig Wittgenstein*

* Apresentação, estabelecimento do texto, tradução e notas de João Carlos Salles Pires da Silva.

apresentação

1.

O estado e a história das edições dos textos de Wittgenstein têm alimentado a idéia (apenas em parte verossímil) de um pensador assaltado por reflexões descontínuas, disperso entre temas díspares, que seu vigor intelectual tornava coetâneos. Ora, em um pensador assim, a reiteração de motivos e temas, o recurso a expedientes assemelhados, o retorno obsessivo a questões "banais", tudo isso aparece como vício, nunca como virtude. Acreditamos, todavia, que uma edição cuidadosa do seu espólio desfará oportunamente um tal preconceito, pois pode mostrar-nos o cuidado constante, a reiteração, a recorrência, não como simples obsessões ou fraquezas, mas como nota característica de um pensador meticuloso, radical, trabalhando com (ou contra) seus textos e textos alheios. Nesse sentido, também o texto das *Bemerkungen über die Farben* (por alguns descrito como coleção de reflexões soltas, muitas delas pouco claras e mal escritas) apresenta-nos um filósofo que elabora projetos, cumprindo-os, no caso, mediante a crítica aos textos de Goethe, de Runge e dos psicólogos da *Gestalt*. Um pensador, enfim, amiúde mal sucedido em seu afã de conferir a seu trabalho uma forma final, ordenada, única, mas que, também por isso, se reencontrado no estágio em que deixou seus textos, pode encantar-nos e surpreender-nos.

Sendo a exposição da gramática das cores na obra de Wittgenstein o trabalho que ora desenvolvemos, nosso objeto primordial de análise é o texto das *Bemerkungen über die Farben*, ou seja, o conjunto de escritos sobre cores dos manuscritos 176, 172 e 173 do catálogo das obras elaborado por von Wright. Cabia-nos portanto apoiar nossas afirmações em um texto confiável, dispondo ademais de uma tradução correta de nossa fonte

primária mais importante. Essa, a justificativa principal para termos iniciado o trabalho seguinte. De imediato, percebemos a necessidade de uma outra tradução em língua portuguesa, uma vez que a disponível deixa a desejar. Mas, além disso, o cotejo entre as fotocópias dos manuscritos originais, tal como editadas pela Cornell University, e a edição da Prof.ª G. E. M. Anscombe levou-nos a constatar: mais do que uma simples tradução, o texto necessitava ser primeiro restabelecido, tantas as omissões, os descuidos, uma comprometedora ausência de variantes e ainda a falta de um pequeno conjunto de parágrafos que merece a justo título figurar como uma quarta parte dessas anotações sobre cores. Acreditamos ainda ter encontrado razões para propor uma nova ordenação para a parte II do texto e evidências de que a datação proposta por Anscombe, conquanto possível, seja bastante inverossímil. Em resumo, as razões que justificam uma revisão minuciosa do material editado são as seguintes.[1]

(i) Em primeiro lugar, parece-nos que a ordenação original do texto da parte II difere da editada. O texto deve iniciar-se sim no § {11} até o § {20}, ao que se seguem os §§ {1-10}.[2] Desse modo, beneficia-se em força e em clareza, pois (a) o atual § {1} deixa de estar isolado, completando a série de situações fictícias contrapostas à análise fenomenológica de Goethe; (b) novos agrupamentos argumentativos se criam e nenhum é desfeito; (c) os §§ {11}, {12} e {13} (nossos §§ 1, 2 e 3) cumprem então a perfeita função de introduzir uma proposta de tratamento do problema das cores.

Assim, Wittgenstein apresenta em § 6 {16} a fixidez conceitual, inabalável, *zeitlos*, da *Farbenlehre* de Goethe. Começa, então, nos §§ 7-11 {17-1}, não a propor a quebra de uma necessidade, que a *Farbenlehre* conserva na medida da subsistência do sentido de um emprego a que se filia, mas a exibir esta própria limitação pela invenção de exemplos em que suas leis não mais se aplicariam, sem que por isso tenha sido gerada uma

---

[1] Acerca de tais razões, enviamos uma carta à Prof.ª Anscombe, postada em 30 de outubro de 1995. Só podemos lamentar a ausência de qualquer resposta. Cf., para uma exposição mais detalhada de tais razões, nosso trabalho "Considerações sobre o texto das *Bemerkungen über die Farben*".

[2] Entre chaves indicamos a numeração de Anscombe, que consideramos equivocada.

contradição. Neste sentido, o § 11 {1} mostra-se, em nossa ordem, pleno de sentido. Aliás, esta será a linha de argumentação privilegiada posteriormente, quando Wittgenstein, contrapondo-se à tentação fenomenológica, enunciará que as análises de Goethe do caráter da cor, fechadas a um único critério de identidade, são inúteis ao pintor. Por isso, o amarelo e o preto da paleta serão vistos como dourado no quadro de Rembrandt, e o que podemos pintar com ocre, pintamos assim porque o vemos assim, em certo contexto, a saber, como um amarelo fortemente avermelhado. A pergunta em ambos os casos é pelo modo, pela técnica, por que se determina a identidade de cor.[3] O § 11 {1} é pois central, seja no sentido de estar no centro do texto, materialmente falando, seja no de orientar prioritariamente a investigação futura sobre o conceito de identidade de cor. Em suma, aponta para um emprego de palavras para cores diferente do que se dá *auf der Pallete* e determinado por outras técnicas, outros métodos de comparação, outros critérios de identidade.

Todo o texto ganha novo sabor com a reordenação. O § 11 {1} ficava isolado, apesar de sabermos o uso que Wittgenstein, em sua crítica ao emprego restrito na paleta, faz das considerações sobre o 'ver', sobre a impressão da cor como impressão do conjunto de tons. Percebíamos que o ver de relações internas em campo mais flexível era decisivo, mas, em tal ordem, o que tínhamos não era uma reflexão a este respeito, senão uma anotação algo desconexa. Agora, não só a proposição se afigura como um exemplo a testar a preservação do significado dos conceitos da *Farbenlehre* em situações afastadas de seu uso originário, como introduz o modo correto de abordar uma dessemelhança no reino das palavras de cor. Os critérios de identidade não são diversos por termos experiências diversas, diversas impressões do branco, mas sim porque as palavras para tais impressões, em particular as que ligam cores à percepção de *Gestaltqualitäten*, associam-se a elas segundo métodos específicos de comparação.

---

[3] Aliás, é no caso digna de nota a futura referência de Wittgenstein à técnica de pintura dos pontilhistas – herdeiros, através da leitura feita por Seurat, de uma outra doutrina das cores, bastante prática, a do químico francês Michel-Eugène Chevreul, que em 1839 publicou *La loi du contraste simultané des couleurs*.

O conceito do branco determina-se em complexos jogos e em relação com noções relativas à percepção espacial; não se determina isolado, de modo que o pudéssemos decantar em laboratório. Assim, caso alguém discorde que o branco apaga diferenças, caso alguém não perceba a relação interna que proíbe um objeto branco de não ser turvo, não está tendo uma experiência diferente, não está *vendo* o que pode contradizer nosso conceito, mas sim possui outra *Farbengeometrie*; sua percepção cromática equivale a um modo outro de usar significativamente as palavras para cores. Não *vemos* algo que confirma nossa *Farbengeometrie*, logo, não podemos tampouco ver o que estaria em contradição com ela. Caso não nos possamos entender acerca de proposições que em nossas gramáticas figuram essencialmente, são nossas gramáticas que não coincidem e não nossas 'experiências' que estão contrariadas.

O texto parece-nos, portanto, se reordenado, um claro projeto de análise das proposições gramaticais sobre cores — projeto que será explorado e cumprido nas partes III e I. Ademais, há suficientes índices empíricos de que esta nossa proposta de ordenação não conflita com os manuscritos, sendo mesmo favorecida pelo que neles podemos ver. Chamamos a atenção (i) para o espaço em branco ao fim do § 20 {10} e apenas após este parágrafo — índice de que, provavelmente, aí acaba o texto —, e (ii) para o fato de que a inversão da ordem seria fácil e possível. Caso as quatro páginas do manuscrito estejam em folhas soltas, a mudança na ordem pode ocorrer com facilidade. Caso porém se trate de uma folha única com quatro páginas, o que pode ter acontecido foi a transformação das páginas internas em páginas externas. Uma composição do manuscrito nos mostra que as duas ordenações são possíveis: a proposta por Anscombe, a saber, página 1 (§ {1} até parte do § {5}), página 2 (parte do § {5} até § {10}), página 3 (§§ {11-14}), página 4 (§§ {15-20}); e, por natural e mais clara, a ordenação que propomos, segundo a qual teríamos a seguinte ordem para as páginas 3, 4, 1, 2.[4]

(ii) A respeito da data de composição da parte I, algumas dúvidas podem ser levantadas. Anscombe afirma que ela teria sido composta em março de

[4] Cf. Fotocópias de 1 a 4.

1951, em casa do Dr. Bevan, em Cambridge.[5] Entretanto, por mais que favoreça nosso intento de vindicar a centralidade do tema das cores, parece-nos algo inverossímil que Wittgenstein, tendo tão pouco tempo de vida e tanto por escrever sobre a certeza, tenha dedicado os primeiros dias de seu retorno ao trabalho, após ter sido suspensa a radioterapia, à revisão de material já escrito. Além disso, se o tivesse feito, teria tido pouquíssimo tempo, pois desde o dia 10 de março temos anotações datadas quase diárias sobre a certeza, que começaram em outro caderno (o MS 175)[6] e só continuam no dia 21 de março no caderno do MS 176, em que se encontram anotações sobre cores, porque o outro caderno acabou.[7] Além disso, há o indício fornecido pelos traços verticais na parte II, deixada na residência de Anscombe, em Oxford, que apontam para um trabalho de revisão com vistas à composição da parte I. Notamos ainda ser bastante estranho, nesse período em que cada anotação sobre a certeza está datada (MS 175, MS 176 a partir da folha 22 e MS 177), como a indicar a importância de cada dia de trabalho em face à proximidade da morte, que não haja qualquer data nas primeiras 22 folhas do manuscrito 176, nas quais se encontra a parte I das anotações sobre as cores. Observamos enfim que, se forem confiáveis as datas apresentadas por Ray Monk em sua biografia de Wittgenstein,[8] ao contrário do afirmado no prefácio de Anscombe, a parte III não teria sido composta em Oxford, mas sim em Londres e em Cambridge.[9] Não teria sido, então, a parte I aquela que Anscombe indica ter sido composta em sua residência? É claro que essas

---

[5] Com o que também von Wright não parece concordar, pois, em seu catálogo, anota sobre o MS 176: "Caderno. 1950; 21 de março - 24 de abril de 1951. 160 páginas" (Von Wright, Georg Henrik, *Wittgenstein*, p. 56). Von Wright serve-se de um eufemismo em outra ocasião, evitando colidir de modo ainda mais explícito com a opinião de Anscombe, pois comenta assim trecho de uma carta de Wittgenstein de 6 de outubro de 1950, na qual Wittgenstein lhe escreve: "I did some work". Parte desse trabalho seria "presumivelmente idêntica a escritos que foram publicados como Parte III de *Remarks on Colour*", ou seja, esse mesmo conjunto de anotações do MS 176 datado erroneamente por Anscombe, a primeira parte das *Bemerkungen über die Farben*. Von Wright acrescenta ainda que os conceitos de cor foram o tópico principal de suas conversas com Wittgenstein em abril e em junho de 1950. Cf. as observações de von Wright às "Letters from Ludwig Wittgenstein to Georg Henrik von Wright", in Wittgenstein, Ludwig, *Philosophical Occasions: 1912-1951*, p. 478.

[6] Cf. Fotocópias 7 e 8.

[7] Cf. Fotocópias 9, 10, 5 e 6.

[8] Cf. Monk, Ray, *Wittgenstein: O Dever do Gênio*, caps. 26 e 27.

[9] Cf. Fotocópias 11 e 12.

questões sobre a data de composição dos manuscritos não são assim significativas, salvo, primeiro, por indicarem a continuidade de um trabalho sobre as cores e mesmo a prioridade que lhe foi concedida em relação às reflexões sobre a certeza, tendo em conta que ambos os temas se apresentam contíguos no MS 172, e, segundo, por nos permitirem, também por sua datação, aproximar dos MSS 176, 172 e 173 um conjunto de oito parágrafos, que se encontram separados ao final do MS 169, parecendo-nos bastante verossímil que tenham sido redigidos em período mais ou menos próximo.

(iii) Enfim, cumpre restabelecer a totalidade do texto, pois o resultado da omissão sistemática de variantes é, por exemplo, esmaecer os laços entre tais observações e o conjunto de reflexões anteriores sobre a filosofia da psicologia. Que tais laços se encontrem esmaecidos, é algo que pode reforçar inclusive a impressão de que ainda aí Wittgenstein estaria a tentar uma análise da estrutura lógica da cor, quando sua tarefa agora se dirige, sobretudo, à lógica dos conceitos de cor.

Também vale anotar que, além das variantes omitidas e de algumas passagens truncadas, parágrafos inteiros da terceira parte foram supressos, segundo certos sinais da correção de Wittgenstein: um total de 73 observações, de quase 20 folhas dos manuscritos. Ora, em primeiro lugar, não se segue aí à risca qualquer critério, pois parágrafos que comportam sinalização semelhante foram incluídos. Em segundo lugar, o outro critério mencionado (a saber, o de tratarem tais parágrafos de temas estranhos às cores) tampouco é respeitado, sendo alguns parágrafos "inoportunos" incluídos na edição de Anscombe, enquanto outros bastante importantes, e relativos indiscutivelmente ao tema das cores, não aparecem em sua edição (a exemplo dos parágrafos 32* e 33*). Logo, só poderíamos considerar restabelecido o texto se apresentássemos um texto integral, deixando aos intérpretes o trabalho, que de direito lhes compete, de propor aproximações e contrastes, de afirmar similitudes ou ver diferenças.

Mais ainda, também porque outra datação nos parece mais provável, acreditamos haver um texto do mesmo período que faz parte do mesmo fluxo de sua reflexão e julgamo-nos, por isso, obrigados a acrescentar a

esses três manuscritos oito parágrafos do MS 169, separados por Wittgenstein ao início e ao fim do bloco pelo sinal "————|————". O MS 169 não é mais um manuscrito inédito, tendo sido incluído no livro *Lezte Schriften über die Philosophie der Psychologie (1949-1951): Das Innere und das Äußere*. Entretanto, como também seus editores (G. H. von Wright e Heikki Nyman) não preservaram quaisquer marcas de uma revisão de Wittgenstein, somente por recurso ao manuscrito podemos sabê-los separados.

Até a quadragésima sétima folha, o manuscrito 169 apresenta os típicos sinais de parágrafos passados em revista, que convencionamos indicar por [/]. Alguns membros novos se acrescentam à legião estrangeira wittgensteiniana, como o bebê com comportamento adulto, espécie de Adão reverso. Alguns de seus temas: a simulação, a oposição fora-dentro, a segurança dos juízos da matemática, o ver um aspecto. Pontos de contato importantes são indicados entre tais temas e as cores, a exemplo da avaliação da segurança relativa aos juízos sobre cores e a segurança objetiva própria dos juízos da matemática. E, assim como no MS 173 um bloco de observações (sobre o dentro e o fora, sobre teologia, sobre Shakespeare) é separado do curso normal de anotações sobre cores, no MS 169, ao contrário, estas são as que se destacam. Apresentadas tais observações já ao fim do manuscrito, às folhas 77 a 80, e exibindo então extraordinária semelhança na abordagem e nos exemplos sobre cores com o MS 173, além da adicional contigüidade com o tema da imagem do fora-dentro, consideramos haver indícios razoáveis para supor coetâneos o MS 169 e o MS 173, ao menos nessa parte coincidente. Desse modo, o MS 169, em nenhuma parte datado, mesmo se iniciado em 1949, deve ter sido concluído em torno de abril a junho de 1950,[10] oferecendo-nos uma notável conclusão ao projeto de análise da lógica dos conceitos de cor contido no texto de Viena. É verdade que essas observações finais sobre cores não apresentam sinais de revisão, não foram revistas nem aproveitadas em uma versão posterior, mas, sem dúvida, testemunham o mesmo refinamento próprio dos manuscritos MS 172, MS 173 e MS 176,

[10] É possível que este caderno de notas tenha sido retomado um bom tempo após alguma interrupção — talvez, por exemplo, no verso da folha 65, na qual aparece significativo espaço em branco.

merecendo integrar as *Bemerkungen über de Farben*, sob a rubrica de uma quarta parte.

2.

Na transcrição do texto, alguns critérios foram seguidos e certos sinais adotados, com o fito de preservar o mais precisamente a inteireza do texto, do qual fazem parte as correções e comentários do próprio Wittgenstein, em sua revisão ou confecção dos manuscritos. Como já o dissemos, o texto editado por Anscombe suprime 73 observações e ordena erroneamente (segundo nosso juízo) os parágrafos das *Bemerkungen über die Farben, II*. Além disso, separa indevidamente parágrafos que os manuscritos sugerem estar ligados. Não podemos, porém, esquecer que se trata do único e oficial texto editado, sendo fonte para a análise de vários comentadores. Alterar pura e simplesmente sua numeração (criar nossa notação polonesa) seria espalhar uma confusão que bem pode ser evitada. Assim, os parágrafos supressos seguem em nosso texto uma numeração própria (de 1* a 73*), em que cada número é acompanhado por um asterisco (*). Em notas, alertamos os leitores acerca de parágrafos indevidamente separados. E, na parte II, ao lado de nossa enumeração, conservamos entre chaves aquela proposta por Anscombe.

Ademais, em se tratando da edição de um texto não revisado para publicação por seu autor, cremos ser de bom alvitre que o editor se poupe o mais possível de fazer ele próprio suas escolhas e, com isso, não poupe aos leitores o trabalho de enfrentar sem limites qualquer escolha possível do autor, de retomar o fio de sugestões talvez miúdas. Por isso, só pode ser isenta uma edição que recupere ao máximo o estado último do texto, ou melhor, do conjunto de fragmentos em explosiva latência, pois sempre anterior a qualquer responsabilidade completa do autor, sendo *stricto sensu* fonte apenas de sugestões, apoio por vezes tênue a nossas afirmações aventureiras. Ao cotejar porém o texto editado com os manuscritos, descobrimos que certas variantes, embora devam ser conservadas na edição do texto, não parecem em verdade comportar significativa diferença, salvo estilística, sendo por vezes difícil ou impossível encontrar

uma correspondência em português (e. g., para a tênue variação de matiz entre 'obgleich' e 'obwohl'). Outras variantes, porém, muitas e às vezes extensas, encerram delicados problemas conceituais, sendo absolutamente inexplicável sua omissão.[11]

Todas as variantes não-riscadas são assim transcritas e uma ordem de transcrição é seguida à risca, a saber, no texto restabelecido (como na Bíblia) damos preferência à última versão: o que Wittgenstein anotou em cima ou após o texto original aparecerá em primeiro lugar. Tivemos portanto a preocupação, que não julgamos excessiva, com indicar se as variantes que anotamos foram ou não escritas posteriormente ao curso natural da pena de Wittgenstein. Por outro lado, variantes riscadas não são transcritas, por mais que sejam ainda legíveis ou sugestivas. Tentar transcrevê-las faria retroceder o texto a uma etapa já descartada por Wittgenstein; ademais, mesmo se porventura esclarecedora a decisão de eliminar uma palavra, de substituir por outra uma expressão, a tentativa de reproduzi-las todas, ao lado das muitas variantes conservadas, conduzir-nos-ia a um emaranhado de versões superpostas e mesmo desconexas, em sua maioria, porque riscadas a ponto de perderem sua integridade — e nossa escolha de algumas delas, por as acreditarmos de maior interesse, resvalaria por uma interferência excessiva, semelhante à que temos criticado.

---

[11] Em seus manuscritos, Wittgenstein (muita vez, ao exagero) serve-se do sinal // para indicar uma variante (ou várias). Outras vezes, escreve uma palavra acima de outra. Quando não risca a de baixo, não temos por que julgar que tenha feito uma opção. Anscombe, porém, sempre opta por uma das duas, sem que siga à risca algum critério. Percebemos apenas que, na maioria das vezes, ela optou pela palavra escrita acima, embora sejam várias as suas infrações desta "regra": ora escolheu a palavra escrita em cima e depois (§ 50 da primeira parte, e na maior parte dos casos), ora a escrita embaixo e primeiro (e.g., no § 28 da primeira parte). Ou seja, estamos nos havendo com suas preferências. É verdade que com freqüência a decisão em nada *parece* poder comprometer ou alterar o sentido do texto. Mas, como avaliar? E há omissões injustificáveis, como a da frase inicial inteira do § 7 da primeira parte, ou o desaparecimento de variantes conceitualmente significativas, como as do § 60. Ora, quando uma das variantes não está riscada, cabe anotar as duas; afinal, um procedimento acaso irrelevante, se transformado em regra, pode ter resultados desastrosos. Vale observar enfim que a existência de variantes em *Bemerkungen über die Farben, I*, durante sua composição, mostra tratar-se então de texto a ser ainda retrabalhado, embora Wittgenstein, ao escrever uma anotação em 21/03/51, pareça ter neste instante abdicado de vez deste plano anterior, decidindo não mais levá-lo a cabo.

Assim, /: indica no corpo do texto o início de trecho (ou palavra) para o qual é apresentada uma variante, mesmo que por vezes não comporte diversidade significativa em português e não encontre, por isso, correspondente na tradução. //: indica início e fim da variante — sendo seu emprego semelhante ao de parênteses, podem estar incluídos em variantes de maior escopo. Quando as variantes e sub-variantes, por seu número excessivo, dificultarem ao leitor a reconstituição dos diversos textos em competição, em benefício da clareza e sem acréscimo às possibilidades em jogo nem diminuição delas, repetiremos textos completos, mesmo para o que Wittgenstein apenas superpunha palavras.

Quanto aos demais sinais adotados, são os seguintes:

[/] - utilizado após o número do parágrafo, indicando que este se encontra riscado no manuscrito, mas não por ter sido recusado e sim por ter sido, digamos, "passado em revista", sendo aproveitado ou não à letra em texto mais elaborado — no caso, em *Bemerkungen über die Farben I*;

{/} - registra sinal utilizado por Wittgenstein, comentando parágrafo inteiro, e que parece sempre indicar aprovação ao texto logrado. Vale alertar que nem sempre indica texto aproveitado em *Bemerkungen über die Farben I*;

{?} - comentário aparentemente crítico a um texto, mas que por vezes se liga e se volta ao signo anterior, o que registraremos assim : {?/};

{S} - sinal em forma de S, com que parece Wittgenstein depreciar a anotação. Schulte sugere que esteja por 'schlecht' (ruim);[12]

———|——— - reproduz signo semelhante ao que Wittgenstein interpunha entre anotações, como a separá-las por tema. Entretanto,

---

12 Cf., in Schulte, Joachim, *Erlebnis und Ausdruck*, cap. 1, comentário sobre os sinais constantes dos manuscritos 130 a 138 — base para as seleções de textos sobre a filosofia da psicologia.

quando serve para separar em bloco mais de 60 anotações, podemos bem ver que, entre elas, ao lado das que se referem a Shakespeare ou a questões teológicas, muitas são de interesse direto ao tema das cores;

|...| - estas barras colocadas uma no início e outra no fim de uma anotação também devem indicar que o tema tratado é de outra natureza;

Bild - em itálico indicamos as palavras sublinhadas no manuscrito por Wittgenstein;

BILD - em caixa alta, palavras duplamente sublinhadas;

Bild - sublinhadas, palavras no manuscrito com um sublinhado ondulado, que parece expressar alguma reticência, alguma restrição. Por vezes, aparecem grifos ondulados à margem, podendo indicar uma reserva a todo um conjunto de proposições. Tais grifos serão indicados em notas;

[Bild] - palavras ou sinais entre colchetes no corpo do texto foram acrescentados para conferir-lhe inteligibilidade. Vez por outra, sob uma palavra riscada, há nos manuscritos um traço pontilhado; em alguns casos, tal recurso parece, por assim dizer, ressuscitar a palavra, que então também será posta entre colchetes.

Outras observações ao texto restabelecido são, oportunamente, feitas em notas.

3.

Estabelecido, enfim, o texto, cabe traduzi-lo de modo que se preserve o mais próximo possível do original, ou seja, cabe oferecer das *Bemerkungen über die Farben* uma tradução que, sem pretender igualar-se à força literária dos textos de Wittgenstein, tanto tenha em conta sua armação conceitual como inclusive considere a ocasional importância de alguns austriacismos. Obviamente, tentar traduzir Wittgenstein é sempre um desafio. Seu

alemão refinado, enganador pela recusa de uma falsa sofisticação; seu alemão preciso, econômico, logrando precisão técnica sem abusar de tecnicismos; sua prosa, enfim, filosófica e literária, costuma provocar desastres ao ser traduzida. Feita a ressalva geral, vale acrescentar: traduzir as *Bemerkungen über die Farben* confirma plenamente a regra.[13] É preciso estar preparado para encontrar o tom certo, a expressão adequada, em um texto cuja forma também oscila da extrema economia verbal ao extremo de uma não menos precisa leveza estilística. Que se comparem os bastante literários §§ 59 a 65 da primeira parte com, por exemplo, o seu § 19, que tanto sabe ao estilo do *Tractatus*.

No esforço de traduzir, compulsamos outrossim a tradução de Linda McAlister e Margarete Schättle (*Remarks on Colour*, Londres, Basil Blackwell, 1977), a de Gerard Granel (*Remarques sur les Couleurs*, Mauvezin, T.E.R, 1984), que reputamos de excelente qualidade, e a tradução de Filipe Nogueira e Maria João Freitas (*Anotações sobre as Cores*, Lisboa, Ed. 70, 1987), que talvez cometa mais faltas do que as permitidas nesse tipo de jogo. Compulsamos ainda a tradução de Alejandro Tomasini Bassols (*Observaciones sobre los Colores*, Barcelona, Paidós-UNAM, 1994), cuja introdução de Isidoro Reguera apresenta, em meio a muitos preconceitos, uma útil tábua de correspondência entre os parágrafos da primeira e da terceira parte.

As notas ao texto em alemão pretendem tão-somente deixar ver os manuscritos a quem apenas tem acesso ao texto pelo conforto da letra impressa, enquanto os comentários ao texto em português visam sobretudo a dirimir dúvidas relativas à tradução, embora não raro possuam implicações filosóficas, ao justificar certas escolhas ou marcar a

---

[13] É evidente, porém, que muitos parágrafos, sobretudo os da terceira parte, padecem ainda de repetições, comportando frases de desigual elegância; e Wittgenstein, obsessivo em multiplicar correções, dificilmente consideraria ter atingido em muitos deles a forma desejável. Por outro lado, se a traduzibilidade de um texto "está na razão inversa da inseparabilidade do conteúdo e da forma" (Rónai, Paulo, *Escola de Tradutores*, p. 57), equação que dispõe em extremos opostos a obra científica e a poética, temos um motivo a mais para empreender a edição integral dos manuscritos: muito menos lapidados, em estágio de laboração em que ainda concorrem muitas variantes, sua tradução deve ser considerada, se não mais fácil, com muito mais chances de ser bem sucedida e sempre bem mais feliz que a tentativa de traduzir o *Tractatus* ou as *Investigações*.

força ou recorrência de certos conceitos. Em condições ideais, o melhor tradutor é o que não se deixa notar; por isso, lutamos ao máximo para não contaminar o texto com nossas interpretações. Como, porém, em alguma medida isso sempre ocorre, nossa luta pode ter sido vã, mas confiamos não ter tornado nosso trabalho inútil a quem porventura mantenha posições divergentes. Assim, um parágrafo extremamente denso em sugestões filosóficas pode não comportar dificuldade qualquer de tradução; logo, cabe ao tradutor silenciar. Um exemplo: apesar das muitas variações estilísticas possíveis, não há problema algum na tradução do célebre § 53: "Embora não haja fenomenologia, há decerto problemas fenomenológicos". A tradução está feita, é clara, e não cabe ao tradutor prescrever a leitores de filosofia um cuidado geral ou específico com conceitos ambíguos nem pretender resolver, em nota, a questão própria do comentário filosófico acerca, digamos, de que "fenomenologia" está Wittgenstein a referir-se.[14] Por outro lado, mesmo o mais glacial e imperturbável tradutor deve tecer considerações, por exemplo, sobre a palavra 'klar', pois é seu dever dirimir as ilusões geradas por este "falso amigo", sem descartarmos, com isso, a possibilidade de alguma relevância filosófica decorrer da precisão de seu sinuoso sentido.

Em suma, é sobre tal texto, por vezes inteiro, por vezes mal acabado, que se volta nosso trabalho. Se bem sucedido, não teremos feito pouco, uma vez que as *Bemerkungen über die Farben* são um momento privilegiado da reflexão madura de Wittgenstein sobre a natureza das proposições gramaticais.

---

[14] Questão a que, por outro lado, não nos furtamos em *A Gramática das Cores em Wittgenstein*, em que todo privilégio é concedido ao que, acerca das cores na obra de Wittgenstein, comporta relevância filosófica.

BEMERKUNGEN ÜBER DIE FARBEN
I, II, III e IV[15]

[15] Apresentamos em seguida o texto em alemão das partes I, II, III e IV das *Bemerkungen über die Farben*, acrescido de variantes mediante cotejo com os manuscritos 176, 172, 173 e 169 (segundo o catálogo do espólio de Wittgenstein, elaborado por von Wright – Cf. Von Wright, Georg Henrik, *Wittgenstein*), cujas fotocópias encontram-se nos vols. 78, 79, 75 e 71 de *The Wittgenstein Papers*. A parte II está reordenada, com as considerações anteriores conforme. Para remissões intertextuais, do original ou da tradução, servir-nos-emos das mesmas abreviações *BF I, BF II, BF III* e *BF IV*.

Bemerkungen über die Farben I (BF I): MS 176, vol. 78 da edição da Cornell University:

1. Ein Sprachspiel: Darüber berichten, ob ein bestimmter Körper heller oder dunkler als ein andrer sei. — Aber nun gibt es ein verwandtes: Über das Verhältnis der Helligkeiten bestimmter Farbtöne aussagen. (Damit ist zu vergleichen: Das Verhältnis der Längen zweier Stäbe bestimmen — und das Verhältnis zweier Zahlen bestimmen.) — Die Form der Sätze in beiden Sprachspiele ist die gleiche: "x ist heller als y". Aber im ersten ist es eine externe Relation und der Satz zeitlich, im zweiten ist es eine interne Relation und der Satz zeitlos.

2. In einem Bild, in welchem ein Stück weißes Papier seine Helligkeit vom blauen Himmel kriegt, ist dieser heller als das weiße Papier. Und doch ist, in einem andern Sinne, Blau die dunklere, Weiß die hellere Farbe. (Goethe). Auf der Palette ist das Weiß die hellste Farbe.

3. Lichtenberg sagt, nur wenige Menschen hätten je reines Weiß gesehen. So verwenden also die Meisten das Wort falsch? Und wie hat *er* den richtigen Gebrauch gelernt? — Er hat nach dem gewöhnlichen Gebrauch einen idealen konstruiert. Und das heißt nicht, einen bessern, sondern einen in gewisser Richtung verfeinerten, worin etwas auf die Spitze getrieben wird.

4. Und freilich kann ein so konstruierter uns wieder über den tatsächlichen Gebrauch belehren.

5. Wenn ich von einem Papier sage, es sei rein Weiß, und es würde Schnee neben das Papier gehalten und dieses sähe nun grau aus, so würde ich es in seiner normalen Umgebung doch mit Recht weiß, nicht hellgrau, nennen. Es könnte sein, daß ich, im Laboratorium etwa, einen verfeinerten Begriff / des // von // Weiß verwendete (wie z.B. auch einen verfeinerten Begriff der genauen Zeitbestimmung).

6. Was läßt sich dafür sagen, daß Grün eine primäre Farbe ist, keine Mischfarbe von Blau und Gelb? Wäre es richtig zu sagen: "Man kann das nur unmittelbar erkennen, indem man die Farben betrachtet?" Aber wie weiß ich, daß ich dasselbe mit den Worten "primäre Farbe" meine wie ein Andrer, der auch geneigt ist, Grün eine primäre Farbe zu nennen? Nein, — hier entscheiden Sprachspiele.

7. / Es // Es gibt mehr, oder weniger bläuliches (oder gelbliches) Grün und es // gibt die Aufgabe, zu einem gegebenen Gelbgrün (oder Blaugrün) ein weniger gelbliches (oder bläuliches) zu mischen, — oder aus einer Anzahl von Farbmustern auszuwählen. Ein weniger gelbliches ist aber kein bläuliches Grün (und umgekehrt), und es gibt auch die Aufgabe, ein Grün zu wählen, oder zu mischen, das weder gelblich noch bläulich ist. Ich sage "oder zu mischen", weil ein Grün dadurch nicht zugleich bläulich[16] und gelblich wird, daß es durch eine Art der Mischung von Gelb und Blau zustandekommt.

8. Menschen könnten den Begriff der Zwischenfarbe oder Mischfarbe haben, auch wenn sie nie Farben durch Mischung (in welchem Sinne immer) erzeugten. Es könnte sich in ihren Sprachspielen immer nur darum handeln, schon vorhandene Zwischen- oder Mischfarben zu suchen, zu wählen.

9. Wenn nun auch nicht Grün eine Zwischenfarbe von Gelb und Blau ist, könnte es nicht Leute geben, für die es ein bläuliches Gelb, ein rötliches Grün gibt? Leute also, deren Farbbegriffe von den unsern abwichen — da

[16] No manuscrito aparece 'grünlich' ('esverdeado'), erro evidente até de transcrição, pois em *BF III*, § 158, primeira versão do parágrafo, consta a única opção com sentido.

ja auch die Farbbegriffe der Farbenblinden von denen der Normalen abweichen. Und nicht jede Abweichung vom Normalen muß eine Blindheit, ein Defekt sein.

10. Wer gelernt hat, zu einem gegebenen Farbton einen gelblicheren, weißlicheren, rötlicheren zu finden oder zu mischen, u.s.f., wer also den Begriff der Zwischenfarbe kennt, den fordre man (nun) auf, uns ein rötliches Grün zu zeigen. Er mag diesen Befehl nun einfach nicht verstehen und etwa so reagieren, als hätte man von ihm verlangt, nach einem regelmäßigen Viereck, Fünfeck, Sechseck ein regelmäßiges Eineck zu zeigen. Wie aber, wenn er, ohne zu zögern, auf ein Farbmuster wiese (etwa auf ein schwärzliches Braun, wie wir es / nennen // beschreiben // würden)?

11. Wem ein Rötlichgrün bekannt wäre, der sollte im Stande sein, eine Farbenreihe herzustellen, die mit Rot anfinge, mit Grün endet und, auch für uns vielleicht, einen kontinuierlichen Übergang zwischen ihnen bildet. Es würde sich dann zeigen, daß dort, wo wir jedesmal den gleichen Ton, von Braun z.B., sehen, er einmal Braun, einmal Rötlichgrün sähe. Daß er z.B. zwei chemische Verbindungen, die für uns die gleiche Farbe haben, nach der Farbe unterscheiden könnte und die eine braun, die andre rötlichgrün nennte.

12. Stell Dir vor[17] alle Menschen mit seltenen Ausnahmen wären rot-grün-blind. Oder auch den andern Fall: alle Menschen wären entweder rot-grün-, oder blau-gelb-blind.

13. Denken wir uns ein *Volk* von Farbenblinden, und das könnte es leicht geben. Sie würden nicht die gleichen Farbbegriffe haben wie wir. Denn auch angenommen, sie redeten, z.B., Deutsch, hätten also alle deutschen

[17] Como se estivesse escrevendo uma carta a seu interlocutor, Wittgenstein normalmente coloca pronomes relativos à segunda pessoa do singular em maiúsculas – procedimento epistolar típico, como sinal de deferência a alguém, contudo, de algum modo próximo. Cabe-nos pois preservar tal idiossincrasia, ao menos no estabelecimento do texto. Vale observar que, em nossa tradução, a forma equivalente a 'Du' será 'você'.

Farbwörter, so würden sie sie doch anders gebrauchen als wir, und anders zu gebrauchen *lernen*.

Oder haben sie eine fremde Sprache, so würde es uns schwer, ihre Farbwörter in die unsern zu übersetzen.

14. Wenn es aber auch Menschen gäbe, denen es natürlich wäre, / den Ausdruck // das Wort // "rötlichgrün" oder "gelblichblau" in / konsequenter // einer konsequenten // Weise zu verwenden, und [die] dabei vielleicht auch Fähigkeiten verrieten, die / uns fehlen // wir nicht haben //, so wären wir dennoch nicht gezwungen anzuerkennen, sie sähen *Farben*, die wir nicht sehen. Es gibt ja kein allgemein annerkantes Kriterium dafür, was eine Farbe sei, es sei denn, daß es eine unserer Farben ist.

15. In jedem ernsteren philosophischen Problem reicht die Unsicherheit bis an die Wurzeln hinab.

Man muß immer darauf gefaßt sein, etwas *ganz* Neues zu lernen.

16. Die Beschreibung der Phänomene der Farbenblindheit gehört in die Psychologie: also auch die der Phänomene des normalen Sehens? Die Psychologie beschreibt nur die *Abweichungen* der Farbenblindheit vom normalen Sehen.

17. Runge (in dem Brief, den Goethe in der Farbenlehre abdruckt) sagt, es gebe durchsichtige und undurchsichtige Farben. Weiß sei eine undurchsichtige Farbe.

Dies zeigt die Unbestimmtheit im Begriff der Farbe, oder auch der Farbengleichheit.

18. Kann ein durchsichtiges grünes Glas die gleiche Farbe haben wie ein undurchsichtiges Papier, oder nicht? Wenn ein solches Glas auf einem Gemälde dargestellt würde, so wären die Farben auf der Palette nicht durchsichtig. Wollte man sagen, die Farbe des Glases wäre auch auf dem Gemälde durchsichtig, so müßte man den Komplex von Farbflecken, der das Glas darstellt, seine *Farbe* nennen.

19. Wie kommt es, daß etwas Durchsichtiges grün, aber nicht weiß sein kann?

Durchsichtigkeit und Spiegeln gibt es nur in der Tiefendimension / des // eines // Gesichtsbilds.

Der Eindruck des durchsichtigen Mediums ist der, daß etwas *hinter* dem Medium liegt. Vollkommene Einfärbigkeit des Gesichtsbilds kann nicht durchsichtig sein.

20. Etwas Weißes hinter einem gefärbten durchsichtigen Medium erscheint in der Farbe des Mediums, etwas Schwarzes schwarz. Nach dieser Regel muß Schwarz auf weißem Grund durch ein 'weißes durchsichtiges' Medium wie durch ein farbloses gesehen werden.

21. Runge: "Wenn man sich ein bläuliches Orange, ein rötliches Grün, oder ein gelbliches Violett denken will, wird einem zu Muthe wie bei einem südwestlichen Nordwinde..... Weiß sowohl als Schwarz sind beide undurchsichtig oder körperlich..... Weißes Wasser wird man sich nicht denken können, was rein ist; so wenig wie klare Milch."

22. Wir wollen keine Theorie der Farben finden (weder eine physiologische, noch eine psychologische), sondern die Logik der Farbbegriffe. Und diese leistet, was man sich oft mit Unrecht von einer Theorie erwartet hat.

23. "Weißes Wasser wird man sich nicht denken können etc." Das heißt, man kann nicht beschreiben (z.B. malen), wie etwas weißes Klares aussähe, und das heißt: man weiß nicht, welche Beschreibung, Darstellung, diese Worte von uns fordern.

24. Es ist nicht ohne weiters klar, von welchem durchsichtigen Glas man sagen soll, es habe die *gleiche Farbe*, wie ein undurchsichtiges Farbmuster. Wenn ich sage "Ich suche ein Glas von *dieser* Farbe" (wobei ich auf ein färbiges Papier deute), so wird das etwa heißen, daß etwas Weißes, durch das Glas gesehen, ausschauen soll wie mein Muster.

Ist das Muster rosa, himmelblau, lila, so wird man sich das Glas *trübe* denken, aber vielleicht auch klar und nur schwach rötlich, bläulich oder violett gefärbt.

25. Im Kino kann man manchmal die Vorgänge im Film so sehen, als lägen sie hinter der Leinwandfläche, diese aber sei durchsichtig, etwa eine Glastafel. Das Glas nähme den Dingen ihre Farbe und ließe nur Weiß, Grau und Schwarz durch. (/ Wir treiben hier nicht Physik // Wir reden hier nicht physikalisch //, sondern betrachten Weiß und Schwarz als Farben ganz wie Grün und Rot.) — Man könnte also denken, daß wir uns hier / eine Glastafel // ein Glas // vorstellen, / die // das // weiß und durchsichtig zu nennen wäre. Und doch sind wir nicht versucht, sie so zu nennen: Bricht also die Analogie mit einer durchsichtigen grünen Tafel, z.B., irgendwo zusammen?

26. Von einer grünen Tafel würden wir etwa sagen: sie gäbe den Dingen hinter ihr eine grüne Färbung; also vor allem / den Weißen hinter ihr // etwas *Weißem* //.

27. "Man kann sich das nicht vorstellen", wenn es sich um die Logik handelt, heißt: man weiß nicht, was man sich hier vorstellen soll.

28. Würde man von / der // meiner // fiktiven Glastafel im Kino sagen, sie gäbe den Dingen hinter ihr eine weiße Färbung?

29. Konstruiere aus der Regel für den Augenschein des durchsichtigen / Färbigen // und gefärbten //, die Du vom durchsichtigen Grünen, Roten, etc. abliest, den Schein des durchsichtigen Weißen! Warum geht es nicht?

30. Jedes gefärbte Medium verdunkelt, was dadurch gesehen wird, es schluckt Licht: Soll nun mein weißes Glas auch verdunkeln? und je dicker es ist, desto mehr? / So wäre es ja ein dunkles Glas! // So wäre es eigentlich ein dunkles Glas! //

31. *Warum* kann man sich / durchsichtig-weißes // weiß-durchsichtiges // Glas nicht vorstellen, — auch wenn es in der Wirklichkeit keins gibt?

Wo geht die Analogie mit dem / färbigen durchsichtigen // durchsichtigen gefärbten // schief?

32. Sätze werden oft an der Grenze von Logik und Empirie gebraucht, so daß ihr Sinn über die Grenze hin und her wechselt und sie bald als Ausdruck einer Norm, bald als Ausdruck einer Erfahrung gelten.

(Denn es ist ja nicht eine psychische Begleiterscheinung — so stellt man sich den 'Gedanken' vor —, sondern die Verwendung, die den logischen vom Erfahrungssatz unterscheidet.)

33. Man redet von der 'Farbe des Goldes' und meint nicht Gelb. "Goldfarben" ist die Eigenschaft einer / Oberfläche // Fläche //, welche glänzt, oder schimmert.

34. Es gibt Rotglut und Weißglut: Wie aber sähe Braunglut und Grauglut aus? Warum kann man sich diese nicht als einen schwächeren Grad der Weißglut denken?

35. "Das Licht ist Farblos." Wenn, dann in dem Sinne, wie die Zahlen farblos sind.

36. Was leuchtend *aussieht,* sieht nicht grau aus. Alles Graue *sieht* beleuchtet *aus*.

37. Was man als leuchtend sieht, sieht man nicht als grau. Wohl aber kann man es als weiß sehen.

38. Man könnte also etwas *jetzt* als schwach leuchtend, *jetzt* als grau sehen.

39. Ich sage nicht (wie die Gestaltpsychologen), daß der *Eindruck des Weißen* so und so zustande komme. Sondern die Frage ist gerade: was der Eindruck des Weißen sei. Was die Bedeutung dieses Ausdrucks, die Logik des Begriffes ist.

40. Denn, daß man sich etwas 'grauglühendes' nicht denken kann, gehört nicht in die Physik, oder Psychologie der Farbe.

41. Man sagt mir, eine gewisse Substanz brenne mit grauer Flamme. Ich kenne doch nicht die Farbe der Flammen sämtlicher Substanzen; warum sollte das also nicht möglich sein?

42. Man redet von einem 'dunkelroten Schein', aber nicht von einem 'schwarzroten'.

43. Eine glatte weiße Fläche kann spiegeln: Wie nun, wenn man sich irrte, und was in ihr gespiegelt erscheint, *wirklich* hinter ihr wäre und durch sie gesehen würde? Wäre sie dann weiß und durchsichtig?

44. Man spricht von einem 'schwarzen' Spiegel. Aber / wo // wenn // er spiegelt, verdunkelt er zwar, aber sieht nicht schwarz aus, und was durch ihn gesehen wird, erscheint nicht 'schmutzig', sondern 'tief'.

45. Die Undurchsichtigkeit ist nicht eine *Eigenschaft* der weißen Farbe. Sowenig, wie Durchsichtigkeit eine Eigenschaft der grünen.

46. Und es genügt auch nicht zu sagen, das Wort "weiß" werde eben nur für die Erscheinung von Oberflächen angewandt. Es könnte sein, daß wir zwei Wörter für "grün" hätten: eines nur für grüne Oberflächen, das andre für grüne durchsichtige Gegenstände. Es bliebe also die Frage, warum es kein dem Wort "weiß" entsprechendes Farbwort für etwas Durchsichtiges gibt.

47. Ein Medium, wodurch ein schwarz und weißes Muster (Schachbrett) unverändert erscheint, wird man nicht ein weißes nennen, auch wenn dadurch die andern Farben an Färbigkeit verlieren.

48. Man könnte / einen weißen Glanz // ein weißes Glanzlicht // nicht "weiß" nennen wollen, und so nur das nennen, was / man als Farbe einer Oberfläche sieht. // dem Auge als Farbe einer Oberfläche erscheint. //

49. Von zwei Stellen meiner Umgebung, die ich, in einem Sinne, als gleichfarbig *sehe*, kann / mir, in einem anderem Sinne, die eine als weiß,

die andre als grau erscheinen. // ich, in einem anderem Sinne, die eine als weiß, die andre als grau sehen. //

In einem Zusammenhang ist diese Farbe für mich weiß in schlechter Beleuchtung, in einem andern grau in guter Beleuchtung.

Dies sind Sätze über die Begriffe 'weiß' und 'grau'.

50. Der Eimer, der hier vor mir steht, ist glänzend weiß lackiert, es wäre absurd, ihn "grau" zu nennen, oder zu sagen "Ich sehe eigentlich ein helles Grau". Aber er hat ein weißes Glanzlicht, das weit heller ist als seine übrige Fläche, und diese ist / teils dem Licht zu-, teils abgeneigt // teils im Licht, teils in Schatten //, ohne doch anders gefärbt zu erscheinen. (Zu *erscheinen*, nicht nur zu *sein*.)

51. Es ist nicht dasselbe zu sagen: der Eindruck des Weißen oder Grauen kommt unter / solchen // *diesen* // Bedingungen zustande (kausal), und: er ist ein Eindruck in einem bestimmten Zusammenhang von Farben und Formen.

52. Weiß als *Stoffarbe* (in dem Sinne, in welchem man sagt, Schnee ist weiß) ist heller als jede andre Stoffarbe; Schwarz dunkler. *Hier* ist die Farbe eine Verdunklung, und ist dem Stoff jede solche entzogen, so bleibt Weiß, und darum kann man es "farblos" nennen.

53. Es gibt zwar nicht Phänomenologie, wohl aber phänomenologische Probleme.

54. Daß nicht alle Farbbegriffe logisch gleichartig sind, sieht man leicht. Z.B. den Unterschied zwischen den Begriffen 'Farbe des Goldes' oder 'Farbe des Silbers' und 'gelb' oder 'grau'.

55. Eine Farbe '*leuchtet*' in einer Umgebung (wie Augen nur in einem Gesicht lächeln). Eine 'schwärzliche' Farbe — z.B. Grau — 'leuchtet' nicht.

56. Die Schwierigkeiten, die wir beim Nachdenken über das Wesen der Farben empfinden (mit denen Goethe in der Farbenlehre sich

auseinandersetzen wollte) liegen schon in der Unbestimmtheit / des // unseres // Begriffs der Farbengleichheit beschlossen.

57. | "Ich / empfinde // fühle // X"
"Ich beobachte X"

X steht im ersten und zweiten Satz nicht für den gleichen Begriff, wenn auch vielleicht für den gleichen Wortausdruck, z. B. für "einen Schmerz". Denn fragt man "Was für einen Schmerz?" so könnte ich im ersten Fall antworten "Diesen" und den Fragenden etwa mit einer Nadel stechen. Im zweiten Falle muß ich auf dieselbe Frage anders antworten; z. B. "Den Schmerz in meinem Fuß".

Auch könnte das X im zweiten Satz für "meinen Schmerz" stehen, aber nicht im ersten. |

58. Denk, jemand zeigte auf eine Stelle der Iris in einem Rembrandtschen Auge und sagt: "Die Wände in meinem Zimmer sollen in dieser Farbe gemalt werden."

59. Ich male die Aussicht von meinem Fenster; eine bestimmte Stelle, bestimmt durch ihre Lage in der Architektur eines Hauses, male ich mit Ocker. Ich sage, ich sehe diese Stelle in dieser Farbe. Das bedeutet nicht, daß ich hier die Farbe Ocker sehe, denn dieser Farbstoff mag, *so* umgeben, heller, dunkler, rötlicher (etc.) aussehen als Ocker. "Ich sehe diese Stelle, wie ich sie hier mit Ocker gemalt habe, nämlich als ein stark rötliches Gelb."

Wie aber, wenn man von mir verlangte, den genauen Farbton anzugeben, den ich dort sehe? — Wie soll er angegeben werden, und wie bestimmt werden? Man könnte verlangen, daß ich ein Farbmuster (ein rechteckiges Stück Papier von dieser Farbe) herstelle. Ich sage nicht, daß ein solcher Vergleich ohne jedes Interesse wäre, aber er zeigt uns, daß nicht von vornherein klar ist, wie Farbtöne zu vergleichen sind und was "Gleichheit der Farbe" bedeutet.

60. Denken wir uns ein Gemälde in kleine, annäherend einfärbige Stücke zerschnitten und diese dann als Steine eines Zusammenlegspiels verwendet. Auch wo ein solcher Stein nicht einfärbig ist, soll er keine

räumliche Form andeuten, sondern einfach als flacher Farbfleck erscheinen. Erst im Zusammenhang / mit den andern wird er ein Stück blauen Himmels, ein Schatten, ein Glanz, durchsichtig oder undurchsichtig, etc. // mit den andern sieht man ihn als ein Stück blauen Himmel, als einen Schatten, einen Glanz, als durchsichtig oder undurchsichtig, etc. // — Zeigen uns die einzelnen Steine die *eigentlichen Farben* der Stellen des Bildes?

61. Man neigt dazu, zu glauben, die Analyse unsrer Farbbegriffe führe am Ende zu den *Farben von Stellen* / des // unsres // Gesichtsbilds, welche nun von jeder räumlichen oder physikalischen Deutung unabhängig sind; denn hier gibt es weder Beleuchtung, noch Schatten, noch Glanz, etc., etc..

62. Daß ich sagen kann, diese Stelle in meinem Gesichtsfeld sei graugrün, bedeutet nicht, daß ich weiß, was eine genaue Kopie des Farbtons zu nennen wäre.

63. Ich sehe auf einer (nicht färbigen) Photographie einen Mann mit dunklem Haar und einen Buben mit glatt zurückgekämmtem blonden Haar vor einer Art Drehbank stehen, die zum Teil aus Schwarz gestrichenen Gußteilen, teils aus glatten Wellen, Zahnrädern, u. a. besteht, daneben ein Gitter aus hellem verzinkten Draht. Die bearbeiteten Eisenflächen sehe ich eisenfärbig, das Haar des Jungen blond, das Gitter zinkfärbig, /obgleich // obwohl // alles durch hellere und dunklere Töne des photographischen Papiers dargestellt ist.

64. Aber sehe ich wirklich die Haare auf der Photographie blond? Und was spricht dafür? Welche Reaktion des betrachters / soll zeigen // zeigt //, daß er sie blond *sieht*, und nicht nur aus den Tönen der Photographie schließt, sie seien blond? — Würde von mir verlangt, daß ich jene Photographie beschreibe, so würde ich es am direktesten mit jenen Worten tun. Ließe man diese Art der Beschreibung nicht gelten, so müßte ich nun erst nach einer andern suchen.

65. Wenn selbst das Wort "blond" blond klingen kann, wieviel eher können die photographierten Haare blond aussehen!

66. "Kann man sich nicht denken, daß gewisse Menschen eine andere Farbengeometrie als die unsere hätten?" Das heißt doch: Kann man sich nicht Menschen mit andern Farbbegriffen als den unsern denken? und das heißt wieder: Kann man sich nicht vorstellen, daß Menschen unsre Farbbegriffe *nicht* haben, und daß sie Begriffe haben, die mit unsern Farbbegriffen / auf solche Art // in solcher Weise // verwandt sind, daß wir sie auch "Farbbegriffe" nennen würden?

67. Sieh Dein Zimmer am späten Abend an, wenn Farben kaum mehr zu unterscheiden sind — und nun mach Licht und male, was Du früher im Halbdunkel gesehen hast. — Wie vergleicht man die Farben auf so einem Bild mit denen des halbdunkeln Raums?

68. Auf die Frage "Was bedeuten die Wörter 'rot', 'blau', schwarz', 'weiß'[?"], können wir / freilich // wohl // gleich auf Dinge zeigen, die so gefärbt sind, — aber weiter geht unsre Fähigkeit die Bedeutungen dieser Worte zu erklären nicht! Im übrigen machen wir uns von ihrer Verwendung keine, oder eine ganz rohe, zum Teil falsche, Vorstellung.

69. Ich kann mir einen Logiker vorstellen, der erzählt, er sei jetzt dahin gelangt, "2 × 2 = 4" wirklich *denken* zu können.

70. Die Goethesche Lehre von der Entstehung der Spektralfarben ist nicht eine Theorie, die sich als ungenügend erwiesen hat, sondern eigentlich gar keine Theorie. Es läßt sich mit ihr nichts vorhersagen. Sie ist eher ein vages Denkschema nach Art derer, die man in James' Psychologie findet. Es gibt auch kein experimentum crucis, das für, oder gegen diese Lehre entscheiden könnte.

71. Wer mit Goethe übereinstimmt, findet, Goethe habe die *Natur* der Farbe richtig erkannt. Und Natur ist hier nicht, was aus Experimenten hervorgeht, sondern sie liegt im Begriff der Farbe.

72. Eins war für Goethe unumstößlich klar: Aus Dunkelheiten kann sich kein Helles zusammensetzen — wie aus mehr und mehr Schatten kein

Licht entsteht. — Und dies ließe sich so ausdrücken: Wenn man Lila ein weißlich-rötlich-Blau nennt, oder Braun ein schwärzlich-rötlich-Gelb, — so kann man nun Weiß *kein* gelblich-rötlich-grünlich-Blau, oder dergleichen, nennen. Weiß ist nicht eine *Zwischenfarbe* anderer Farben. Und *das* können Versuche mit dem Spektrum weder bekräftigen noch widerlegen. Es wäre aber auch falsch zu sagen "Schau Dir die Farben nur in der Natur an, und Du wirst sehen, daß es so ist". Denn über die Begriffe der Farben wird man durch Schauen nicht belehrt.

73. Ich kann mir nicht denken, daß Goethes Bemerkungen über die Charaktere der Farben und Farbenzusammenstellungen für den Maler nützlich sein können; kaum für den Dekorateur. Die Farbe eines blutunterlaufenen Auges könnte als Farbe eines Wandbehangs prächtig wirken. Wer vom Charakter einer Farbe redet, denkt dabei immer nur an *eine* bestimmte Art ihrer Verwendung.

74. Gäbe es eine Harmonielehre der Farben, so würde sie etwa mit einer Einteilung der Farben in Gruppen anfangen und gewisse Mischungen, oder Nachbarschaften verbieten, andre erlauben. Und sie würde, wie die Harmonielehre, ihre Regeln nicht begründen.

75. Es mag Geistesschwache geben, denen man den Begriff 'morgen' nicht beibringen kann, oder den Begriff 'ich', oder das Ablesen der Uhrzeit. Sie würden den Gebrauch des Wortes 'morgen' nicht erlernen, etc..

Wem kann ich nun beschreiben, *was* diese nicht erlernen können? Nicht nur dem, der es erlernt hat? Kann ich dem A nicht mitteilen, B könne höhere Mathematik nicht erlernen, auch wenn A sie nicht beherrscht? Versteht nicht der das Wort "Schach" anders, der das Spiel gelernt hat, als der es nicht gelernt hat? Es bestehen Unterschiede zwischen der Verwendung, die jener von dem Wort machen kann, und der Verwendung, die dieser gelernt hat.

76. Heißt ein Spiel beschreiben immer: eine Beschreibung geben, durch die man es lernen kann?

77. Hat der Normalsehende und der Farbenblinde den gleichen Begriff von der Farbenblindheit? Ein Farbenblinder kann nicht nur unsre Farbwörter, sondern auch das Wort "Farbenblind" nicht so verwenden lernen wie ein Normaler. Er kann z.B. die Farbenblindheit nicht auf die gleiche Weise feststellen wie dieser.

78. Es könnte Menschen geben , die unsre Ausdrucksweise, Orange sei ein rötliches Gelb, nicht verstünden, und nur dann geneigt wären, so etwas zu sagen, wo sie einen Farbübergang von Gelb über Orange nach Rot vor Augen sehen. Und für solche müßte der Ausdruck "rötliches Grün" keine Schwierigkeit haben.

79. Die Psychologie beschreibt die Phänomene des Sehens. — Wem macht sie die Beschreibung? *Welche* Unwissenheit kann diese Beschreibung beheben?

80. Die Psychologie beschreibt, was beobachtet wurde.

81. Kann man dem Blinden beschreiben, wie das ist, wenn Einer *sieht*? — Doch. Ein Blinder lernt manches über den Unterschied des Blinden vom Sehenden. Aber die Frage / war // ist // schlecht gestellt; als wäre Sehen eine Tätigkeit und es gäbe von ihr eine Beschreibung.

82. Ich kann doch Farbenblindheit beobachten; warum also Sehen nicht? — Ich kann beobachten, welche Farburteile ein Farbenblinder — oder auch ein Normalsichtiger — *unter gewissen Umständen* fällt.

83. Man sagt manchmal (wenn auch mißverständlich) "Nur ich kann wissen, was ich sehe". Aber nicht: "Nur ich kann wissen, ob ich farbenblind bin." (Noch auch: "Nur ich kann wissen, ob ich sehe, oder blind bin.")

84. Die Aussage "Ich sehe einen roten Kreis" und die "Ich sehe (bin nicht blind)" sind logisch nicht gleichartig. Wie prüft man die Wahrheit der ersten, wie die Wahrheit der zweiten?

85. Aber kann ich glauben zu sehen, und blind sein, oder glauben blind zu sein, und sehen?

86. Könnte in einem Lehrbuch der Psychologie der Satz stehen "Es gibt Menschen, welche sehen"? Wäre das falsch? Aber wem wird hier etwas mitgeteilt?

87. Wie kann es unsinnig sein zu sagen "Es gibt Menschen, welche sehen", wenn es nicht unsinnig ist zu sagen "Es gibt Menschen, welche blind sind"?

Aber angenommen, ich hätte nie von der Existenz blinder Menschen gehört und eines Tages teilt man mir mit "Es gibt Menschen, welche nicht sehen", müßte ich diesen Satz so ohne weiteres verstehen? Muß ich mir, wenn ich selber nicht blind bin, bewußt sein, daß ich die Fähigkeit des Sehens habe, und daß es also Leute geben kann, die sie nicht haben?

88. Wenn der Psychologe uns lehrt "Es gibt Menschen, welche sehen", so können wir ihn fragen: "Und was nennst Du 'Menschen, welche sehen'?" Darauf müßte / seine // die // Antwort sein: Menschen, die unter den und den Umständen sich so und so benehmen.[18]

[18] No MS 176, seguem-se a esse parágrafo os §§ 426 (datado de 21/03/51) a 637 de *Über Gewißheit*.

Bemerkungen über die Farben II (BF II): MS 172, vol. 79 da edição da Cornell University:

1. {11}[19] [/] In der Philosophie muß man immer fragen: "Wie muß man dieses Problem ansehen, daß es lösbar wird?"

2. {12} [/] Denn hier (wenn ich die Farben betrachte z.B.) ist da erst nur eine Unfähigkeit / Ordnung in den Begriffen zu machen. // irgend eine Ordnung zu machen. //

Wir stehen da, wie der Ochs vor der neu gestrichenen Stalltür.

3. {13} [/] Denk daran, wie ein Maler die Durchsicht durch ein rötlich gefärbtes Glas darstellen würde. Es ist ja ein *kompliziertes* Flächenbild, was sich da ergiebt. D. h., das Bild wird nebeneinander eine Menge von Abschattungen von Rot und andern Farben enthalten. Und analog, wenn man durch ein blaues Glas sähe.

Wie aber, wenn man ein Bild malte, in dem dort, wo früher etwas bläulich oder rötlich wurde, es weißlich wird?

4. {14} [/] Ist der ganze Unterschied hier, daß die Farben durch den rötlichen Schein nicht ihre Sattheit verlieren, wohl aber durch den weißlichen?

Ja, man spricht gar nicht von einem 'weißlichen Schein'!

5. {15} Wenn bei einer gewissen Beleuchtung alles weißlich aussähe, so würden wir nicht schließen, das Leuchtende müsse weiß ausschaun.

---

[19] Indicamos assim entre chaves, em seguida à nossa, a numeração proposta por Anscombe.

6. {16} [/] Die phänomenologische Analyse (wie sie z.B. Goethe wollte) ist eine Begriffsanalyse und kann der Physik weder beistimmen, noch widersprechen.

7. {17} Wie aber, wenn es irgendwo so wäre: das Licht eines weißglühenden Körpers ließe die Sachen hell aber weißlich, also farbschwach, erscheinen, das Licht eines rotglühenden rötlich, etc.? (Nur eine unsichtbare, dem Auge nicht wahrnehmbare Quelle, ließe sie in Farben leuchten.)

8. {18} Ja, wie wenn die Dinge nur dann in ihren Farben leuchteten, wenn, in unserm Sinne, *kein* Licht auf sie fällt, wenn z.B. der Himmel *schwarz* wäre? Könnte man dann nicht sagen: nur bei schwarzem Licht erscheinen (uns) die vollen Farben?

9. {19} Aber wäre hier nicht ein Widerspruch?

10. {20} Ich *sehe* nicht, daß die Farben der Körper Licht in mein Auge reflektieren.

11. {1} Man könnte von dem Farbeindruck einer Fläche reden, womit nicht die Farbe gemeint wäre, / sondern das Zusammen der Farbtöne, das den Eindruck einer braunen Fläche (z.B.) ergibt. // sondern die Farbtöne und ihre Verteilung, wenn sich z.B. der Eindruck einer braunen Fläche ergeben soll. //

12. {2} [/] Die Beimischung des Weiß nimmt der Farbe das *Farbige*; dagegen nicht die Beimischung von Gelb. — Ist das am Grunde des Satzes, daß es kein klar durchsichtiges Weißes geben kann?

13. {3} [/] Was aber ist das für ein Satz: daß die Beimischung des Weißen der Farbe das Farbige nimmt?

Wie ich es meine, kann's kein physikalischer Satz sein.

Hier ist die Versuchung sehr groß, an eine Phänomenologie, ein Mittelding zwischen Wissenschaft und Logik, zu glauben.

14. {4} [/] Was ist denn das Wesentliche des *Trüben*? Denn rotes, gelbes Durchsichtiges ist nicht trübe, weißes ist trübe.

15. {5} [/] Ist trüb das, was die Formen verschleiert, und verschleiert es die Formen, weil es Licht und Schatten verwischt?

16. {6} [/] Ist nicht weiß das, was die Dunkelheit aufhebt?

17. {7} Man redet zwar von 'schwarzem Glas', aber wer durch rotes Glas eine weiße Fläche sieht, sieht sie rot, durch 'schwarzes' Glas nicht schwarz.

18. {8} Man bedient sich, um klar zu sehen, / oft // manchmal // gefärbter Brillengläser, aber nie trüber.

19. {9} [/] "Die Beimischung von Weiß verwischt den Unterschied zwischen Hell und Dunkel, Licht und Schatten": bestimmt das die Begriffe näher? Ich glaube schon.

20. {10} [/] Wer das nicht fände, hätte nicht die entgegengesetzte Erfahrung; sondern wir würden ihn nicht verstehen.

Bemerkungen über die Farben III (BF III): MS 173, vol. 75 da edição da Cornell University:

24.3.50[20]

1. {?} [/] In einem Bild muß das Weiß die hellste Farbe sein.

2. {/} [/] In der Tricolore kann z.B. das Weiß nicht dunkler sein als Blau, oder Rot.

3. [/] Hier gibt es eine Art Farbmathematik.

26.3[21]

4. {/} [/] Aber auch das reine Gelb ist heller als das reine, satte Rot, oder Blau. Und ist dies ein Satz der Erfahrung? — Ich weiß z.B. nicht, ob Rot (d.h. das reine) heller oder dunkler ist als Blau; ich müßte sie sehen, um es sagen zu können. Und doch, wenn ich es gesehen hätte, so wüßte ich's nun ein für alle mal, wie das Resultat einer Rechnung.

Wo trennen sich hier Logik und / Empirie // Erfahrung //?

5. [/] Das Wort, dessen Bedeutung nicht klar ist, ist "rein", oder "satt". Wie lernen wir diese Bedeutung? Wie zeigt es sich, daß Menschen das Gleiche damit meinen?

Ich nenne eine Farbe (z.B. Rot) "satt", wenn sie weder Schwarz noch Weiß enthält, weder schwärzlich, noch weißlich ist.

---

[20] Wittgenstein saiu de Viena em 23/03/50. Estas primeiras anotações aparecem após o que (com a data de 24/03/50, fornecida por Anscombe) se encontra coberto por uma tarja. Cf. Fotocópia 11.

[21] Londres, casa de Rush Rhees, onde ficará até 4 de abril.

Aber diese Erklärung dient nur einer vorläufigen Verständigung.

6. [/] Welche *Wichtigkeit* hat der Begriff der satten Farbe?

7. [/] Es ist hier offenbar eine Tatsache wichtig: daß nämlich Menschen einem Punkt im Farbkreis eine besondere Stellung einräumen. Daß sie sich diesen Punkt nicht mühsam merken müssen, sondern Alle immer leicht zu demselben Punkt finden.

8. [/] Gibt es eine 'Naturgeschichte der Farben', und wieweit ist sie analog einer Naturgeschichte der Pflanzen? Ist diese nicht zeitlich, jene unzeitlich?

9. [/] Wenn wir sagen, daß "Sattes Gelb ist heller als sattes Blau" kein Satz der Psychologie ist (denn nur *so* könnte er Naturgeschichte sein) — so heißt das: wir *verwenden* ihn nicht als naturgeschichtlichen Satz, — und die Frage ist dann: Wie sieht die andere, unzeitliche, *Verwendung* aus?

10. [/] Denn nur so ließe sich der 'farbmatematische' Satz vom naturgeschichtlichen unterscheiden.

11. [/] Oder auch: die Frage ist die: Kann man hier zwei Verwendungen (klar) unterscheiden?

12. [/] Hast Du Dir zwei Farbtöne A und B / eingeprägt // gemerkt //, und A ist heller als B, und nennst Du danach einen Farbton "A" und einen andern "B", dieser aber ist heller als jener: so hast Du die Farbtöne falsch benannt. (Das ist Logik.)

13. [/] Der Begriff der 'satten' Farbe / sei // ist // von solcher Art, daß das satte X nicht einmal heller, einmal dunkler sein kann als das satte Y; d.h., daß es keinen Sinn hat, zu sagen, es sei einmal heller, ein andermal dunkler. Dies ist eine Begriffsbestimmung und gehört wieder zur Logik.

Ob ein so bestimmter Begriff nützlich / sei // ist //, oder nicht, ist hier nicht entschieden.

14. [/] Es könnte dieser Begriff nur eine *sehr* beschränkte Verwendung haben. Und zwar darum, weil, was wir für gewöhnlich ein sattes X nennen, ein Farbeindruck innerhalb einer bestimmten Umgebung ist. Vergleichbar dem 'durchsichtigen' X.

15. [/] Gib Beispiele von einfachen Sprachspielen mit dem Begriff der 'satten Farben'!

16. [/] Ich nehme an, gewisse chemische Verbindungen, z.B. die Salze einer bestimmten Säure, hätten satte Farben und könnten so erkannt werden.

17. [/] Oder es ließe sich die Heimat gewisser Blumen nach der Sattheit ihrer Farben erraten. So daß man z.B. sagen könnte: "Das muß eine Alpenblume sein, weil ihre Farbe so intensiv ist."

18. [/] In so einem Fall könnte es aber helleres und dunkleres sattes Rot etc. geben.

19. [/] Und muß ich nicht zugeben, daß Sätze oft[22] an der Grenze von Logik und Empirie gebraucht werden, so daß / ihr Sinn über die Grenze hin und her wechselt // sie über die Grenze hin und her wechseln // und sie / bald Ausdruck einer Norm, bald Ausdruck / der // einer // Erfharung sind. // bald als Ausdruck einer Norm, bald als Ausdruck / der // einer // Erfharung behandelt werden. //

Denn es ist ja nicht der 'Gedanke' (/ eine psychische Begleiterscheinung // etwas, was den Satz begleitet //), sondern / die // seine // Verwendung (etwas, was ihn[23] umgibt), die den [logischen] Satz vom Erfahrungssatz unterscheidet.

20. [/] (Das falsche Bild verwirrt, das richtige Bild hilft.)

---

[22] Não está claro se há ou não nesta palavra um sublinhado ondulado.

[23] 'Den Satz' ou 'den Gedanke'? Com o acréscimo da variante parece referir-se o pronome a 'proposição' (Satz), que seria envolvida por seu emprego. Aliás, como várias combinações são possíveis, dadas as muitas correções superpostas e não-riscadas, vale conferir a última versão em *BF I*, § 32.

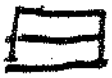
21. [/] Die Frage wird z.B. sein: Läßt sich, was "sattes Grün" heißt, dadurch beibringen, daß man lehrt,[24] was sattes Rot, oder Gelb oder Blau ist?

22. [/] Der *'Glanz'*, das 'Glanzlicht', kann nicht schwarz sein. Ersetzte ich das Helle der Glanzlichter in einem Bild durch / Schwärze // Dunkelheit //, so wären's nun nicht schwarze Glanzlichter: und zwar nicht einfach darum, weil in der Natur das Glanzlicht nur so und nicht anders entsteht, sondern auch, weil wir auf ein *Licht* an dieser Stelle in bestimmter Weise reagieren. Eine Flagge mag gelb und schwarz, eine andere gelb und weiß sein.

23. [/] Durchsichtigkeit im Bild gemalt / hat andere Wirkung // wirkt anders // als Undurchsichtigkeit.

24. [/] Warum ist ein durchsichtiges Weiß nicht möglich? — Mal einen durchsichtigen roten Körper, und dann ersetz Rot durch Weiß!

Schwarz und Weiß / haben bei der Durchsichtigkeit einer Farbe schon ihre Hand im Spiele. // haben selbst ihre Hand im Spiele bei der Durchsichtigkeit einer Farbe. //

Erstetzt Du das Rot durch Weiß, so kommt der Eindruck der Durchsichtigkeit nicht (mehr) zustande; wie der Eindruck der Körperlichtkeit nicht, wenn Du aus der Zeichnung  die Zeichnung  machst.[25]

27.3.

25. [/] Warum ist eine satte Farbe nicht einfach: *diese*, oder *diese*, oder *diese*, oder *diese*? — Weil man sie auf andere Art wiedererkennt, oder bestimmt.

26. [/] Was uns mißtrauisch machen kann, ist, daß Manche drei Grundfarben zu erkennen glaubten, Manche vier. Manche hielten dafür,

---

[24] O manuscrito apresenta 'leert'.

[25] Reproduzimos os desenhos do próprio Wittgenstein.

daß Grün eine Zwischenfarbe von Blau und Gelb sei, und mir, z.B., kommt das falsch vor auch abgesehen von jeder *Erfahrung*.

Blau und Gelb, sowie Rot und Grün, erscheinen mir als Gegensätze – aber das mag einfach daherrühren, daß ich gewöhnt bin, sie im Farbenkreis an entgegengesetzten Punkten zu sehen.

Ja, welche *Wichtigkeit* hat für mich (sozusagen psychologisch) die Frage nach der Zahl der Reinen Farben?

27. [/] Ich scheine *ein* logisch Wichtiges zu sehen: Wenn man Grün eine Zwischenfarbe von Blau und Gelb nennt, dann muß man z.B. auch sagen können, was ein nur leicht bläuliches Gelb heißt, oder ein nur etwas gelbliches Blau. Und diese Ausdrücke sagen mir gar nichts. Aber könnten sie nicht einem Andern etwas sagen?

Wer mir also / die Farbe einer Wand // eine Wand // so beschriebe, "Sie war ein etwas rötliches Gelb," den könnte ich so verstehen, daß ich aus einer Zahl von Mustern ein annähernd richtiges wählen könnte. Wer die Farbe aber *so* beschriebe, sie sei ein etwas bläuliches Gelb, dem könnte ich so ein Muster nicht zeigen.[26] – Man pflegt hier zu sagen, man könne sich in einem Falle die Farbe vorstellen, im andern nicht, – aber dieser Ausdruck ist irreführend, denn man braucht hier gar nicht an das Auftauchen eines Bildes vor dem inneren Auge zu denken.

28. [/] Wie es ein absolutes Gehör gibt und Leute, die es nicht besitzen, so könnte man sich doch denken, daß es / mit Bezug auf das Farbensehen // bei den Farben // eine große Zahl verschiedener Veranlagungen gäbe.

Vergleiche z.B. den Begriff 'satte Farbe' mit 'warme Farbe'. Müßten alle Leute 'warme' und 'kalte' Farben kennen? es sei denn, daß man sie einfach lehrt, eine bestimmte Disjunktion von Farben so, bezw. so zu nennen.

Könnte nicht z.B. ein *Maler* gar keinen Begriff von 'vier reinen Farben' haben, ja, es lächerlich finden, von solchen zu reden[?]

29. [/] Oder auch so: Was ginge Menschen ab, denen dieser Begriff gar nicht natürlich ist?

---

[26] Há um grifo lateral ondulado na altura desta proposição.

30. [/] Frage so: Weißt Du, was "rötlich" bedeutet? und wie zeigst Du, daß Du's weißt?

Sprachspiele: "Zeige ein rötliches Gelb (Weiß, Blau, Braun)!" - "Zeige ein noch rötlicheres!" — "Ein weniger rötliches!" etc. Beherrschst Du nun diese Spiele, so werde / verlangt // Dir Befehl gegeben //, "Zeig ein etwas röliches Grün!" Nimm nun zwei Fälle an: Der eine: Du zeigst daraufhin auf eine Farbe (und immer auf die gleiche), / *z.B.* // etwa // auf ein Olivgrün — der andere: Du sagst, "Ich weiß nicht, was das heißt", oder "Das gibt's nicht".

Man könnte geneigt sein zu sagen, der Eine habe einen andern Farbbegriff als der Andre; oder einen andern Begriff von '...lich'.

31. [/] Wir reden von "Farbenblindheit" und nennen sie einen *Defekt*. Aber es könnte leicht mehrere verschiedene Anlagen geben, von denen keine gegen die andre offenbar minderwertig ist. — Und denk auch daran, daß ein Mensch durch's Leben gehen kann, ohne daß seine Farbenblindheit bemerkt wird, bis eine / seltene // besondere // Gelengenheit sie / zum Vorschein bringt. // herausbringt. //

32. [/] So können also verschiedene Menschen verschiedene Farbbegriffe haben? — *Etwas* verschiedene. In einem oder dem andern Zug verschiedene. Und das wird ihre Verständigung mehr, oder weniger, oft beinahe gar nicht beeinträchtigen.

33. [/] Hier möchte ich eine allgemeine Bemerkung über die Natur der philosophischen Probleme machen. Die philosophische Unklarheit ist quälend. Sie wird / als beschämend empfunden. // wie eine Schande, jedenfalls beschämend empfunden. // Man fühlt: man kennt sich nicht aus, wo man sich auskennen *sollte*. Und dabei *ist* es doch nicht so. / Man kann // Wir können // sehr wohl leben, / auch ohne sich hier auszukennen. // ohne eine Lehre von unsern Begriffen. // //ohne diese Unterscheidungen. //

34. [/] Wie hängen Farbenmischung und 'Zwischenfarbe' zusammen? Man kann offenbar von Zwischenfarben in einem Sprachspiel reden, worin

Farben gar nicht durch Mischung erzeugt werden, sondern nur vorhandene Farbtöne *gewählt* werden.

Und doch ist *ein* Gebrauch des Begriffes der Zwischenfarbe auch, die Farbenmischung zu erkennen, die einen Farbton erzeugt.

35. [/] Lichtenberg sagt, nur wenige Menschen hätten je reines Weiß gesehen. So verwenden also die Meisten das Wort falsch? Und wie hat *er* den richtigen Gebrauch gelernt? — Vielmehr: er hat aus dem tatsächlichen einen Idealgebrauch konstruiert. Wie man eine Geometrie konstruiert.[27] Aber mit "Ideal" ist hier nicht etwas besonders Gutes, sondern nur etwas auf die Spitze getriebenes gemeint.

36. Und freilich kann so ein erfundener uns wieder über den wirklichen Gebrauch belehren.

Und es könnte auch sein, daß wir, z.B. für wissenschaftliche Zwecke, einen neuen Begriff des 'reinen Weiß' *einführen*.

(Ein solcher neuer Begriff entspräche dann etwa dem chemischen Begriff eines 'Salzes'.)

37. Inwiefern ist Weiß und Schwarz mit Gelb, Rot und Blau zu vergleichen, und inwiefern nicht?

Hätten wir eine gewürfelte Tapete aus roten, blauen, grünen, gelben, schwarzen und weißen Quadraten, so wären wir nicht geneigt zu sagen, sie sei aus *zweierlei* Bestandteilen zusammengesetzt, aus 'färbigen' und 'unfärbigen' etwa.

38. Denken wir uns nun, daß Menschen nicht farbige und schwarz-weiß Bilder kontrastierten, sondern farbige und blau-weiß Bilder. D.h.: Könnte nicht auch Blau als keine *eigentliche* Farbe empfunden (und d.h. gebraucht) werden?

39.[28] [/] Meinem Gefühl nach löscht Blau das Gelb aus, — aber warum sollte ich nicht ein etwas grünliches Gelb ein "bläuliches Gelb" nennen und

---

[27] Falta a folha 10 do nosso exemplar do vol. 75 da edição da Cornell University. Assim, deste ponto até o § 38 (inclusive), só podemos contar com a edição de Anscombe.

[28] Retomamos com este parágrafo nosso cotejo.

Grün eine Zwischenfarbe von Blau und Gelb, und ein stark bläuliches ein etwas gelbliches Blau?

40. [/] In einem grünlichen Gelb merke ich noch *nichts* Blaues. — Grün ist für mich eine / besondere // neue // Station auf dem farbigen Wege von Blau nach Gelb, und Rot ist auch eine.

41. [/] Was hätte Einer vor mir voraus, der einen direkten Farbenweg zwischen Blau und Gelb kennte? Und wie zeigt es sich, daß ich so einen Weg nicht kenne? — Liegt alles an den mir möglichen Sprachspielen mit der Form "...lich"?

42. [/] Man wird sich also fragen müssen: Wie sähe es aus, wenn Menschen Farben kennten, die auch unsre Normalsichtigen nicht kennen[?] Diese Frage wird sich im allgemeinen nicht eindeutig beantworten lassen. Denn es ist nicht ohne weiteres klar, daß wir von solchen Abnormen sagen *müssen*, sie kennten andere *Farben*. Es gibt ja kein allgemein anerkanntes Kriterium dafür, was eine Farbe sei, es sei denn, daß es eine unsrer Farben ist.

Und doch ließen sich Umstände denken, unter welchen wir sagen würden, "Diese Leute sehen außer den unsern noch andere Farben".

28.3.

43. [/] Man muß in der Philosophie nicht nur in jedem Fall lernen, *was* über einen Gegenstand zu sagen ist, sondern *wie* man über ihn zu reden hat. Man muß immer wieder erst die Methode lernen, wie er anzugehen ist.

44. [/] Oder auch: In jedem ernstern Problem reicht die Unsicherheit bis in die Wurzeln hinab.

45. [/] Man muß immer gefaßt sein, etwas *gänzlich* Neues zu lernen.

46. In den Farben: Verwandschaft, und Gegensatz. (Und das ist Logik.)

47. [/] Was heißt es, "Das Braun ist dem Gelb verwandt"?

48. [/] Heißt es, daß sich die Aufgabe, ein etwas bräunliches Gelb zu wählen, ohne weiteres verstünde? (Oder ein etwas gelblicheres Braun.)

49. [/] Die färbige Vermittlung zwischen zwei Farben.

50. "Gelb ist dem Rot verwandter als dem Blau." —

51. [/] Der Unterschied zwischen Schwarz-Rot-Gold und Schwarz-Rot-Gelb. — Gold gilt hier als Farbe.

52. [/] Tatsache ist, daß wir im Stande sind, uns über die Farben der Dinge mittels sechs Farbnamen zu verständigen. Auch, daß wir die Wörter "Rötlichgrün", "Gelblichblau", etc. nicht verwenden.

53. {?/} [/] Beschreibung eines Zusammenlegspiels durch die Beschreibung der Steine. Ich nehme an, daß diese nie eine räumliche Form erkennen lassen, sondern uns als flache ein- oder mehrfärbige Stückchen erscheinen. Erst zusammengesetzt wird etwas ein "Schatten", ein "Glanz", eine 'konkave, oder konvexe einfärbige Fläche' etc.

54. [/] Ich kann sagen: Dieser Mann unterscheidet nicht Rot und Grün. Kann ich aber sagen: Wir Normalen unterscheiden Rot und Grün? Wir könnten aber sagen: "Wir sehen *hier* 2 Farben, jener nur *eine*."

55. Die Beschreibung der *Phänomene* der Farbenblindheit / gehört zur Psychologie. // gehört in die Psychologie. // // ist eine psychologische. // Also auch die der Phänomene des normalen Farbensehens? Gewiß, — / aber was nennt man "Phänomene des normalen Farbensehens", was ihr Beschreibung, und für wen ist so bestimmt? // aber was setzt so eine Beschreibung voraus, für wen ist es eine Beschreibung, oder besser: welcher Hilfsmittel bedient sie sich? // Wenn ich sage "Was setzt sie voraus?", so heißt das: "Wie muß einer auf *sie* schon reagieren, um sie zu *verstehen*?"

/ Jene erste Beschreibung, an die ich dachte, war eine mittels der Begriffen der Sehenden. // Wer in einem Buch die Phänomene der Farbenblindheit beschreibt, beschreibt sie mit den Begriffen der Sehenden. //

56. [/] Dieses Papier ist an verschiedenen Stellen verschieden hell; aber kann ich sagen, es sei nur an gewissen Stellen weiß, an den andern aber grau?? — Ja, wenn ich es malte, würde ich allerdings für die dunklern Stellen ein / Grau // Lichtgrau // mischen.

Eine Flächenfarbe ist eine Qualität einer Fläche. Man könnte (also) versucht sein, sie keinen reinen Farbbegriff zu nennen. Aber was wäre dann ein *reiner*?!

57. [/] Es ist nicht richtig, daß in einem *Bild* das Weiße stets die hellste Farbe sein muß. Wohl aber in / einem Flächenornament // einer flächenhaften Kombination // von Farbflecken. Ein Bild könnte ein Buch weißen Papiers im Schatten darstellen und heller als dieses einen gelb, oder blau, oder rötlich leuchtenden Himmel. Beschreibe ich aber eine ebene Fläche, eine Tapete z.B.: sie bestehe aus rein gelben, roten, blauen, weißen und schwarzen Quadraten, — so können die gelben nicht heller sein als die weißen, die roten nicht heller als die gelben.

Darum waren die Farben für Goethe Schatten.

58. [/] Es scheint einen / reinern // fundamentalern // // elementarern // // einfacheren // Farbbegriff zu geben, als den der Oberflächenfarbe. Er wäre, möchte man denken, / darzustellen // dargestellt // entweder durch kleine farbige / Elemente des Gesichtsfelds // Flächen //, oder durch leuchtende Punkte nach Art der Sterne. Aus diesen Punktfarben, oder kleinen / Farbflecken // Farbmustern // setzen sich auch die größeren farbigen Ausdehnungen zusammen. So daß man also den Farbeindruck von einer Oberfläche beschreiben könnte, / indem man seine Zusammensetzung aus vielen kleinen Farbflecken beschriebe. // indem man die vielen kleinen Farbflecken in ihren Lagen angäbe. //

Aber wie soll man z.B. so ein kleines Farbmuster mit einem Stück der größeren Oberfläche vergleichen? Welche Umgebung soll das Farbmuster haben?

29.3.

59. [/] Wir sind im gewöhlichen Leben beinahe von lauter unreinen Farben umgeben. Um so merkwürdiger, daß wir einen Begriff von *reinen* Farben gebildet haben.

60. [/] Warum reden wir nicht von einem 'reinen' Braun? Ist der Grund davon bloß die Stellung des Brauns zu den andern 'reinen' Farben, seine Verwandschaft mit ihnen allen? — Braun ist vor allem nur Oberflächenfarbe. D.h.: es gibt kein *klares* Braun, sondern nur ein Trübes. Auch: Braun enthält Schwarz. — (?) — Wie müßte sich ein Mensch benehmen, daß man von ihm sagen könnte, er kenne ein *reines, primäres,* Braun?

61. [/] Wir müssen uns immer wieder die Frage vorhalten: Wie lernt der Mensch die Bedeutung der Farbnamen?

62. [/] Was heißt "Braun enthält Schwarz"[?] Es gibt mehr und weniger schwärzliches Braun. Gibt es eins, was gar nicht mehr schwärzlich ist? Es gibt gewiß nicht eins, welches gar nicht *gelblich* ist.[29]

63. Wenn wir so weiter überlegen, so / fallen uns nach und nach erst 'interne Eigenschaften' der Farben ein, // fallen uns nach und nach 'interne Eigenschaften' einer Farbe ein, // an die wir anfangs nicht gedacht hatten. Und das kann uns den Gang einer philosophischen Untersuchung zeigen. Wir müssen immer gewärtig sein, daß uns eine neue, die wir nicht bedacht haben, einfällt.

64. Wir dürfen auch nicht vergessen, daß unsre Farbwörter den Eindruck einer Fläche charakterisieren, auf der unser Blick herumschweift. Dazu sind sie da.

---

[29] Não está claro no manuscrito se há aqui um sinal de interrogação.

65. [/] "Braunes Licht". Angenommen, es werde vorgeschlagen, ein Lichtsignal auf der Straße sollte *braun* sein.

66. Es ist *zu erwarten*, daß wir Adjektive finden (werden), die (wie ja z.B. "schillernd") Farbcharakteristika einer ausgedehnten Fläche sind, oder auch einer kleinen Ausdehnung in einer *bestimmten Umgebung* ("schimmernd", "flimmernd", "glänzend", "leuchtend").

67. [/] Ja, die reinen Farben haben nicht einmal besondere allgemein gebrauchte Namen, so wenig wichtig sind sie uns.

68. [/] Denken wir uns, jemand malte jedes beliebige Stück der Natur, und zwar in den naturgetreuen Farben. Jeder / Flächenteil // Punkt // so eines Gemäldes hat eine bestimmte Farbe. Welche Farbe? Wie bestimme ich ihren Namen? Soll sie den Namen des Pigments haben, das er aufgetragen hat, unter dem es z.B. zu kaufen ist? Aber könnte nicht in der besondern Umgebung ein solches Pigment ganz anders aussehen, als auf der Palette?

69. [/] So kämen wir also vielleicht dazu, kleinen / Farbstückchen // Farbflecken // auf einem schwarzen Grund (z.B.) besondere Namen zu geben.

Ich will damit eigentlich zeigen, daß es gar nicht a priori klar ist, welches die / reinen // *einfachen* // Farbbegriffe sind.

30.3.

1*.[30] | Es ist / nichts Unerhörtes darin // nichts Unerhörtes // // nicht unerhört //, daß der Charakter des Menschen von der Außenwelt beeinflußt werden kann (Weininger). Denn das heißt ja nur, daß erfahrungsgemäß die Menschen sich mit den Umständen ändern. Fragt man: Wie könnte die Umgebung den Menschen, das Ethische in ihm, *zwingen*? — so ist die Antwort, daß er zwar sagen mag "Kein Mensch muß

[30] Parágrafo separado por barras semelhantes às que, todavia, não foram suficientes para suprimir o § 57 de *BF I* na edição de Anscombe.

müssen", aber doch unter / so gearteten // solchen // Umständen so und so handeln *wird*.

'Du MUßT nicht, ich kann Dir einen (andern) Ausweg sagen, — aber Du wirst ihn nicht ergreifen.' |

70. [/] Es ist nicht wahr, daß eine dunklere Farbe zugleich eine schwärzlichere ist. Das ist ja klar. Ein sattes Gelb ist dunkler, aber nicht schwärzlicher als ein Weißlichgelb. Aber Amber ist auch nicht ein 'schwärzliches Gelb'. (?) Und doch redet man auch von einem 'schwarzen' Glas oder Spiegel. — Liegt die Schwierigkeit darin, daß ich mit "Schwarz" wesentlich eine Oberflächenfarbe meine?

Ich würde von einem Rubin nicht sagen, er habe ein schwärzliches Rot, denn das würde auf *Trübe* deuten. (Anderseits erinnere Dich, daß sich Trübe und Durchsichtigkeit *malen* lassen.)

71. Ich behandle die Farbbegriffe ähnlich wie die Begriffe der Sinnesempfindungen.

72. {/} Die Farbbegriffe sind ähnlich zu behandeln wie die Begriffe der Sinnesempfindungen.

73. Es gibt nicht *den* reinen Farbbegriff.

74. Woher aber dann die Täuschung? Ist sie nicht eine vorschnelle Vereinfachung in der Logik wie jede andre?

75. [/] D.h.: die verschiedenen Farbbegriffe sind wohl eng mit einander verwandt, die verschiedenen 'Farbwörter' haben einen verwandten Gebrauch, aber es sind mancherlei Unterschiede.

76. [/] Runge sagt, es gebe durchsichtige und undurchsichtige Farben. Aber ein Stück grünes Glas wird in einem Bild darum nicht mit einem andern Grün [gemalt] als grünes Tuch.

77. Es ist ein eigentümlicher Schritt der Malerei, ein Glanzlicht durch eine Farbe darzustellen.

78. [/] Die Unbestimmtheit im Begriff der Farbe liegt vor allem in der Unbestimmtheit des Begriffs der Farbengleichheit, also der Methode des Vergleichens der Farben.

79. Es gibt Goldfarbe, aber Rembrandt hat einen goldenen Helm nicht mit Goldfarbe dargestellt.

80. [/] Was macht Grau zu einer neutralen Farbe? Ist es etwas Physiologisches, oder etwas Logisches?

Was macht die bunten Farben zu *bunten*? Liegt es im Begriff, oder in Ursache und Wirkung?

Warum nimmt man in den 'Farbenkreis' nicht Weiß und Schwarz auf? Nur weil das gegen / ein Gefühl in uns // unser Gefühl // streitet?

81. [/] Es gibt kein leuchtendes Grau. Gehört das zum Begriff des Grau, oder zur Psychologie, also zur Naturgeschichte, des Grau[?] Und ist es nicht seltsam, daß ich das nicht weiß?

82. [/] Daß die Farben ihre charakteristischen Ursachen und Wirkungen haben, das wissen wir.

83. [/] Grau ist zwischen zwei Extremen (Schwarz und Weiß) und kann eine Tönung von jeder andern Farben annehmen.

84. [/] Wäre es denkbar, daß jemand alles, was wir weiß sehen, schwarz sähe, und umgekehrt?

85. [/] In einem bunten Muster könnte Schwarzes und Weißes neben Rotem und Grünem etc. sein, ohne als andersartig sich abzusondern.

Nur im Farbenkreis fiele es heraus. Schon weil sich Schwarz und Weiß mit allen andern Farben mischen; besonders auch: / beide mit ihrem Gegenpol. // jedes mit seinem Gegenpol. //

86. [/] Kann man sich <u>nicht</u> vorstellen, daß Menschen eine andere Farbengeometrie hätten, als unsre normale? Und das heißt natürlich: kann

man es beschreiben, kann man der Aufforderung es zu beschreiben ohne weiteres nachkommen, weiß man also *unzweideutig*, was von uns verlangt wird?

Die Schwierigkeit ist offenbar die: Zeigt uns nicht gerade / die // unsre // Farbengeometrie, wovon die Rede ist, daß nämlich von den Farben die Rede ist?

87. [/] Die Schwierigkeit es sich vorzustellen (oder es sich auszumalen) ist also eigentlich die, zu wissen, wann man / sich's // sich *das* // ausgemalt hat. D.h., die Unbestimmtheit der Aufforderung, es sich vorzustellen.

88. [/] Die Schwierigkeit ist also, zu wissen, was hier als das Analogon eines uns Bekannten zu betrachten ist.

89. [/] Eine Farbe, die als Farbe einer Wand 'schmutzig' wäre, ist es darum nicht in einem Gemälde.

90. [/] Ich bezweifle, daß Goethes Bemerkungen über die Charaktere der Farben für einen Maler nützlich sein können. Kaum für einen Dekorateur.

91. [/] Gäbe es eine Harmonielehre der Farben, so würde sie etwa mit einer Einteilung der Farben in verschiedene Gruppen anfangen und gewisse Mischungen oder Nachbarschaften verbieten, andere erlauben; und sie würde, wie die Harmonielehre, ihre Regeln nicht begründen.

92. [/] Kann uns das kein Licht aufstecken über die *Art* jener Unterscheidungen zwischen den Farben?

93. Wir sagen nicht, A wisse etwas, B das Gegenteil. Setzt man aber statt "wissen" "glauben", so ist es ein Satz.

94.[31] Runge an Goethe: "Wenn man sich ein bläuliches Orange, ein rötliches Grün oder ein gelbliches Violett denken will, wird einem so zu Muthe wie bei einem südwestlichen Nordwinde."

Ebendaselbst: "Weiß sowohl als Schwarz sind beide undurchsichtig oder körperlich..... Weißes Wasser wird man sich nicht denken können, was rein ist, so wenig wie klare Milch. Wenn das Schwarze bloß dunkel machte, so könnte es wohl klar sein; da es aber schmutzt, so kann es solches nicht."

95. In meinem Zimmer um mich her sind verschieden gefärbte Gegenstände. Es ist leicht, ihre Farbe anzugeben. Wenn ich aber gefragt würde, welche Farbe ich jetzt von hier aus, an *dieser* Stelle meines Tisches etwa, sehe, so könnte ich darauf nicht antworten; die Stelle ist weißlich (weil der braune Tisch hier von der hellen Wand aufgehellt wird), sie ist jedenfalls weit heller als das Übrige des Tisches, aber ich könnte nicht aus Farbmustern eins auswählen, das die gleiche Färbung hätte wie diese Stelle des Tisches.

96. Daß es mir — oder Allen — so scheint, daraus folgt nicht, daß es so *ist*.

Also: Daraus, daß uns Allen dieser Tisch braun erscheint, folgt nicht, daß er braun ist.[32] Aber was heißt es nur: "Dieser Tisch ist am Ende doch nicht braun"? — So folgt also doch daraus, daß er uns braun erscheint, daß er braun ist?

97. *Nennen* wir nicht eben den Tisch braun, der dem / Nomalsichtigen // Normalen // unter gewissen Umständen braun erscheint? Wir könnten uns freilich jemand denken, dem die Dinge unabhängig von ihrer Farbe einmal so, einmal so gefärbt schienen.— — —

98. Daß es den Menschen so scheint, ist ihr Kriterium dafür, daß es so *ist*.

---

[31] Também faltam em nosso exemplar as páginas em que estão as observações do § 94 (inclusive), até o § 96, na frase "... folgt nicht, daß er braun ist".

[32] Deste ponto, retomamos nosso cotejo.

99. So scheinen und so sein mag freilich in / Ausnahmsfällen // speziellen Fällen // von einander unabhängig sein, aber das macht sie nicht logisch unabhängig; das Sprachspiel liegt nicht in der Ausnahme.

100. *Goldig* ist eine Oberflächenfarbe.

101. Wir haben *Vorurteile* die Verwendung der Wörter betreffend.

102. {?/} [/] Auf die Frage "Was bedeutet 'rot', 'blau', 'schwarz', weiß'[?"], können wir freilich gleich auf Dinge, die so gefärbt sind, zeigen, — aber das ist auch alles: weiter geht unsre Fähigkeit, die Bedeutungen zu erklären, nicht.

103. [/] Im übrigen machen wir uns von ihnen keine, oder eine ganz rohe / , zum Teil falsche // und falsche // Vorstellung.

104. 'Dunkel' und 'schwärzlich' sind nicht der gleiche Begriff.

105. [/] Runge sagt, "das Schwarz 'schmutzt'": was heißt das? Ist das eine Wirkung des Schwarzen auf's Gemüt? Ist hier eine *Wirkung* der Beimischung der schwarzen Farbe gemeint?

106. [/] Worin liegt es, daß ein dunkles Gelb nicht als 'schwärzlich' empfunden werden muß, auch wenn wir es dunkel nennen?

Die Logik der Farbbegriffe ist eben viel komplizierter als es scheinen möchte.

107. [/] Die Begriffe 'matt' und 'glänzend'. Wenn man sich unter 'Farbe' etwas denkt, was die Eigenschaft eines Punktes im Raum ist, dann haben die Begriffe matt und glänzend keinen Bezug auf diese Farbbegriffe.

108. [/] / Die erste 'Lösung' für das Problem der Farben, die uns einfällt, // Die erste 'Lösung', die uns für das Problem der Farben, einfällt, // ist daß die 'reinen' Farbbegriffe sich auf Punkte oder unteilbare kleine Flecken im Raum beziehen. Frage: Wie sind die Farben zweier solchen Punkte zu vergleichen? Einfach indem man den Blick von dem einem zum andern /

wendet // kehrt // // gehen läßt //? Oder durch / den // einen // Transport eines farbigen Gegenstands? Wenn dieses, wie weiß man, daß / dieser // der // Gegenstand seine Farbe dabei nicht / anders // geändert // hat; wenn jenes, wie kann man die Farbpunkte mit einander vergleichen, ohne daß der Vergleich durch ihre Umgebung beinflußt wird?

109. Ich könnte mir einen Logiker vorstellen, der / erzählt // sagt //, er sei / jetzt // nun endlich // dahin gelangt, daß er 2×2=4 *wirklich denken* könne.

110. {S} Wenn Du Dir über die Rolle der Logik in den Farbbegriffen nicht klar bist, beginne mit dem einfachen Fall eines gelblichen Rot, z.B.. Dies gibt es, daran zweifelt niemand. Wie lerne ich den Gebrauch des Wortes 'gelblich'? Durch Sprachspiele des Ordnens z.B..

Ich kann also lernen, in Übereinstimmung mit andern, gelbliche und gelblichere Rot, Grün, Braun, Weiß zu erkennen.

Dabei mache ich selbständige Schritte wie in der Arithmetik. Die Aufgabe, ein gelbliches Blau zu finden, mag der Eine durch ein Grünblau lösen, der Andre nicht verstehen. Wovon hängt das ab?

111.[33] [/] *Ich* sage, Grünblau enthält kein Gelb; wenn nun ein Andrer sagt, doch, es enthält Gelb, wer hat Recht? Wie ist es zu prüfen? Unterscheiden sich die beiden nur durch ihre Worte? — Wird nicht der Eine ein reines Grün anerkennen, das weder zum Blauen noch zum Gelben neigt? Und was ist der Nutzen hievon? In welchen Sprachspielen läßt sich das verwenden? — Er wird jedenfalls die Aufgabe lösen können, grüne Dinge auszusondern, die *nichts* Gelbliches haben, und solche, die *kein* Blau enthalten. Darin wird der Trennungspunkt 'Grün' bestehen, den der Andre nicht kennt.

112. [/] Der Eine wird ein Sprachspiel erlernen können, das der Andre nicht erlernen kann. Und *darin* muß ja auch alle Art der Farbenblindheit

[33] Considerando o cuidado sistemático de Wittgenstein em separar anotações saltando uma linha, mesmo quando inicia nova página, este parágrafo deve ser considerado ligado ao anterior, podendo aplicar-se a ambos o mesmo sinal {S}.

bestehen. Denn könnte der 'Farbenblinde' die Sprachspiele des Normalen lernen, warum sollte man ihn von gewissen Berufen ausschließen?

113. [/] Hätte man also Runge auf diesen Unterschied von Grün und Orange aufmerksam gemacht, so hätte er vielleicht die Idee, es gäbe nur *drei* Grundfarben, aufgegeben.

114. [/] Inwiefern nun gehört, ob Einer ein Spiel erlernen oder nicht erlernen kann, der Logik und nicht der Psychologie an?

115. [/] Ich sage: Wer *dies* Spiel nicht spielen kann, hat *diesen* Begriff nicht.

116. [/] Wer hat den Begriff 'morgen'? Von wem sagen wir, er hätte ihn?

117. {/} [/] Ich sah auf einer Photographie einen Buben mit glatt zurückgekämmtem blondem Haar und einer schmutzigen hellen Jacke und einen Mann mit dunklem Haar vor einer Maschine stehen, die zum Teil aus schwarz gestrichenen Gußteilen, teils aus bearbeiteten, glatten Wellen, Zahnrädern, u.a., bestand, und daneben ein Gitter aus hellem verzinktem Draht. Das bearbeitete Eisen / hatte Eisenfarbe // sah eisenfarbig aus //, das Haar des Jungen war blond, die Gußteile schwarz, das Gitter zinkfarbig, obgleich alles nur durch hellere und dunklere Töne des photographischen Papiers dargestellt war.

118. [/] Es mag Geistesschwache geben, denen man den Begriff 'morgen' nicht beibringen kann, oder den Begriff 'ich', oder das Ablesen der Uhrzeit. Er würde den Gebrauch des Wortes "morgen" nicht erlernen, etc.

119. [/] Wem kann ich nun / mitteilen // beschreiben //, *was* / dieser // der // Geistesschwache nicht erlernen kann? Nicht nur dem, der es selbst erlernt hat? Kann ich Einem nicht mittteilen, der und der könnte höhere Mathematik nicht erlernen, auch wenn jener sie nicht beherrscht? Und doch: weiß er, wer höhere Mathematik gelernt hat, nicht genauer? Versteht nicht der das Wort "Schach" anders, der das Spiel gelernt hat, als der es nicht kann? Was nennt man "eine Technik beschreiben"?

120. [/] Oder so: Haben der / Normalsehende // Normalsichtige // und der Farbenblinde / den gleichen Begriff der Farbenblindheit? // die gleiche Konzeption von der Farbenblindheit? //

Und doch versteht der Farbenblinde die Aussage "Ich bin farbenblind" und auch die gegenteilige.

/ Ein Farbenblinder kann nicht nur unsre Farbnamen sondern auch das Wort "farbenblind" nicht ganz so verwenden lernen wie ein Normaler. Er kann z.B. die Farbenblindheit nicht immer feststellen, wo / der Normale es kann // es der andre kann //. // Zu den Dingen, die der Farbenblinde nicht erlernen kann, gehört auch: die Farbenblindheit eines Andern feststellen. //

121. [/] Und wem kann ich beschreiben, was *wir* Normalen alles erlernen können?

Auch das Verstehen der Beschreibung setzt schon voraus, daß er etwas gelernt hat.

122.[34] [/] Wie kann ich Einem beschreiben, wie wir das Wort "morgen" gebrauchen? Ich kann ein Kind / es // dies // *lehren*; aber das heißt nicht, ihm den Gebrauch beschreiben.

Aber kann ich doch die Praxis von Leuten beschreiben, die einen Begriff haben, z.B. 'rötlichgrün', den wir nicht besitzen? — Ich kann diese Praxis doch jedenfalls niemand *lehren*.

123. [/] Kann ich denn auch nur sagen: "Diese Leute nennen *dies* (ein Braun etwa) rötlichgrün"? Wäre es dann eben nur ein andres Wort für etwas, wofür auch ich eins habe? Wenn sie wirklich einen anderen Begriff haben als ich, so muß sich das darin zeigen, daß ich mich in ihrem Wortgebrauch nicht ganz auskenne.

124. [/] Ich habe aber doch immer wieder gesagt, man könne sich denken, daß unsre Begriffe anders wären, als sie sind. War das alles Unsinn?

---

[34] Também esta observação parece continuar a anterior, não havendo linha alguma que as separe.

11.4.[35]

125. [/] Die Goethesche Lehre von der Entstehung des Spektrums *ist* nicht eine Theorie der Entstehung, / [eine die] // die // sich als ungenügend erwiesen hat, sondern eigentlich gar keine Theorie. Es läßt sich / durch sie // mit ihrer Hilfe // *nichts* vorhersagen. Sie ist eher ein vages Denkschema nach Art derer, die wir in James's Psychologie finden. Es gibt für die Goethesche Farbenlehre kein experimentum crucis.

Wer mit Goethe übereinstimmt findet, daß Goethe die *Natur* der Farbe richtig erkannt hat. Und die 'Natur' ist hier nicht eine Summe von Erfahrungen, die Farben betreffend, sondern [liegt] im Begriff der Farbe.

126. [/] Eins / war // schien // Goethe klar: Aus Dunkelheiten kann sich kein Helles zusammensetzen — wie eben aus mehr und mehr Schatten nicht Licht entsteht. / Das aber // Und das // ließe sich so ausdrücken: Wenn man z.B. Lila ein "rötlich-weißlich-blau" nennt, oder Braun ein "rötlich-schwärzlich-gelb", so / kann // könnte // man nun Weiß *kein* 'gelblich-rötlich-grünlich-blau' (oder dergl.) nennen. Und *das* wird auch von Newton nicht bewiesen. Weiß ist nicht in *diesem* Sinne eine Mischfarbe.

12.4.

127. [/] 'Die Farben', das sind nicht Dinge, die bestimmte Eigenschaften haben, so daß man ohne weiteres nach Farben suchen, sich Farben vorstellen könnte, die wir noch nicht kennen, oder uns jemand vorstellen können, der andere kennt als wir. Es ist schon möglich, daß wir unter gewissen Umständen sagen würden, / Leute kennten // jemand kenne // Farben, die wir nicht kennen, aber gezwungen sind wir zu diesem Ausdruck nicht. Denn es ist nicht gesagt, was wir als ausreichende Analogien zu unsern Farben ansehen sollen, um das sagen zu können. Es ist hier ähnlich, wie wenn man von infrarotem '*Licht*' spricht; es ist guter Grund dafür, / es zu tun // so zu reden //, aber man kann dies auch für einen Mißbrauch erklären.

---

[35] Cambridge, casa de von Wright, onde ficará até 25 de abril.

Und ähnlich geht es mit meinem Begriffe: 'im Körper des Andern Schmerzen haben'.

128. [/] / Ein Stamm von lauter Farbenblinden könnte sehr wohl leben; aber hätten sie alle unsre Farbnamen entwickelt, und wie entspräche ihre Nomenklatur der unsern? // Gäbe es *nur* Farbenblinde, so könnten / sie // die // doch sehr wohl leben; aber man kann zweifeln, daß sie die den unsern entsprechende Farbnamen gebildet hätten. // Und wenn nicht, wie sähe hier die ihnen natürliche Sprache aus?? Wissen wir's? Hätten sie vielleicht drei Grundfarben: Blau, Gelb und ein Drittes, was die Stelle von Rot und Grün einnimmt? — Wie, wenn wir / so einem Stamm begegneten und seine Sprache lernen wollten? Wir würden da auf gewisse Schwierigkeiten stoßen. // einem Stamm begegneten, der eine solchermaßen von der unsern abweichende Farbnomenklatur hätte? //

129. [/] Könnte es nicht Menschen geben, die unsre Ausdrucksweise, daß Orange ein rötliches Gelb ist (etc.) nicht verstünden und die nur dort geneigt wären, so etwas zu sagen, wo ein Orange (z.B.) in einem wirklichen Farbübergang von Rot nach Gelb vorkommt? Und für solche könnte es auch leicht ein rötliches Grün geben.

Sie könnten also nicht 'die Mischfarbe analysieren', unsern Gebrauch von X-lich Y nicht erlernen. (Ähnlich Menschen ohne absolutes Gehör.)

130. [/] Und wie wäre es mit den Menschen, die nur Farb-form Begriffe hätten? Soll ich von ihnen sagen, sie *sähen* nicht, daß ein grünes Blatt und ein grüner Tisch, wenn ich ihnen diese zeige, die gleiche Farbe haben, oder: daß sie etwas gemein haben? Wie, wenn sie 'darauf nicht verfallen sind' verschieden geformte gleichfärbige Gegenstände mit einander zu vergleichen[?] Dieser Vergleich hatte, in Folge ihrer besonderen Umgebung, keine Wichtigkeit für sie, oder nur ganz ausnahmsweise Wichtigkeit, so daß es zur Bildung eines Sprachinstruments nicht kam.

2*. "Wenn sich Einer wirklich freut, so weiß man's." Aber man kann darum den echten Ausdruck doch nicht beschreiben. — Es ist aber natürlich auch nicht *immer* wahr, daß man den echten Ausdruck erkennt, oder weiß, ob der Ausdruck echt ist. Ja es gibt Fälle, wo man weder gern von echt, noch von unecht spricht. Es lächelt jemand und seine weiteren Reaktionen stimmen weder zur echten, noch auch zur verstellten Freude. Wir würden vielleicht sagen "Ich kenne mich in ihm nicht aus. Es ist weder das Bild (Muster) der echten Freude, noch das der verstellten.[37]

Könnte er nicht zum normalen fühlenden Menschen sich verhalten wie der Farbenblinde zum normalsehenden?

3*. Ich könnte auf Grund meiner Kenntnis seines Charakters verläßlich aussagen, er werde in dieser Situation so und so reagieren, und es wäre auch möglich, daß Andre sich auf mein Urteil verlassen können, ohne doch von mir verlangen zu können, daß ich mein Urteil durch eine verifizierbare Beschreibung begründe.

4*. Ein Maler hätte den Ausdruck holder Freude dargestellt. — Und ich sehe das Bild und sage "Vielleicht verstellt sie sich".

5*. Es ist zum mindesten vorstellbar, daß in einem Land das Gericht sich auf die Aussage eines Menschen in Bezug auf seine Möglichkeiten verläßt, wenn der Zeuge ihn eine gewisse Zeit lang gekannt hat. So fragt man auch heute etwa einen Psychiater, ob der und der des Selbstmords fähig ist. Dabei wird vorausgesetzt, daß *Erfahrung* eine solche Aussage in allgemeinen nicht widerlegt.

6*. Ich versuche die Gesetze oder Regeln der Evidenz für Erlebnissätze zu beschreiben: charakterisiert man so wirklich, was mit dem Seelischen gemeint ist?

---

[36] Dezesseis folhas foram supressas na edição de Anscombe, porque, entre o § 130 e o § 131, há linhas como estas, semelhantes às que separam o § 93, não obstante por ela incluído.

[37] Wittgenstein não indica onde fechar as aspas.

7*. {?/} Das Kennzeichnende des Seelischen scheint zu sein, daß man es im Andern nach Äußerem / raten // erraten // muß und nur von sich her *kennt*.

Aber wenn durch genaueres Überlegen diese Ansicht / zusammenbricht // in Rauch aufgegangen [ist] //, / so ist nun zwar nicht das Innere zum Äußeren geworden, aber es gibt für uns nicht mehr direkte innere und indirekte äußere Evidenz des Seelische. // so stellt sich damit nicht heraus, daß das Innere etwas Äußeres ist. // // so wird damit zwar nicht das Innere das Äußere, aber / "äußeres" und "inneres" // "äußerlich" und "innerlich" //[38] gelten nun nicht mehr als / Attribute // Eigenschaften // der Evidenz. // "Innere Evidenz" heißt nichts, und darum auch "äußere Evidenz".

8*. {?/} Wohl aber gibt es 'Evidenz für Inneres', und 'Evidenz für Äußeres'.

9*. "Ich nehme doch nur immer / das *Äußere* // sein *Äußeres* // wahr." Wenn das Sinn hat, muß es einen Begriff bestimmen. Aber warum soll ich nicht sagen, ich nehme seine Zweifel wahr? (*Er* kann sie nicht wahrnehmen.)

10*. Ja, ich kann oft sein Inneres beschreiben, wie ich's wahrnehme, aber nicht sein Äußeres.

11*. Die Verbindung von Innen und Außen gehört zu diesen Begriffen. Wir machen diese Verbindung nicht, um das Innere / wegzuschaffen. // wegzuzaubern. //

Es gibt innere *Begriffe* und äußere *Begriffe*.

12*. Was ich sagen will, ist doch, daß das Innere sich vom Äußern durch seine *Logik* unterscheidet. Und daß allerdings die Logik / das Bild von innen und außen erklärt, es // den Ausdruck "das Innere" erklärt, ihn // begreiflich macht.

---

[38] Há nesta altura outra interrogação colocada lateralmente ao parágrafo.

13*. Wir brauchen den Begriff "seelisch" (etc.) nicht, um zu rechtfertigen, daß gewisse unsrer Schlüsse unbestimmt sind, etc. Sondern diese Unbestimmtheit, etc., erklärt uns den Gebrauch des Wortes "seelisch".

14*. "Natürlich sehe ich eigentlich nur das Äußere."

Aber rede ich nicht wirklich nur von Äußerem? Ich sage z.B., unter welchen Umständen Menschen dieses oder jenes sagen. Und ich meine doch immer *äußere* Umstände. Es ist also, *als ob* ich das Innere durchs Äußere erklären (quasi definieren) wollte. Und doch ist es nicht so.

15*. Liegt es daran, daß das Sprachspiel etwas Äußeres ist?

16*. *Keine* Evidenz lehrt uns die psychologische Äußerung.

17*. "Seelisch" ist für mich kein metaphysisches, sondern ein logisches / Beiwort // Epithet(on) //.

18*. | Ich glaube nicht, daß man Shakespeare mit einem andern Dichter zusammenhalten kann. War er vielleicht eher ein *Sprachschöpfer* als ein Dichter? |

19*. | Ich könnte Shakespeare nur anstaunen; nie etwas mit ihm anfangen. |

20*. | Ich habe ein *tiefes* Mißtrauen gegen die allermeisten Bewunderer Shakespeares. Ich glaube, das Unglück ist, daß er, in der westlichen Kultur zum mindesten, einzig dasteht, und man ihn daher, um ihn einzureihen, falsch einreihen muß. |

21*. | Es ist *nicht*, als ob Shakespeare Typen von Menschen gut portraitierte und insofern *wahr* wäre. Er ist *nicht* naturwahr. Aber er hat eine so gelenke Hand und einen so eigenartigen *Strich*, daß jede seiner Figuren *bedeutend*, sehenswert ausschaut. |

22*. | "Das große Herz Beethovens" — niemand könnte sagen "das große Herz Shakespeares". 'Die gelenke Hand, die neue Naturformen der Sprache geschaffen hat' schiene mir richtiger. |

23*. | Der Dichter kann eigentlich nicht von sich sagen "Ich singe wie der Vogel singt" — aber Shakespeare hätte es vielleicht von sich sagen können. |

24*. "Ich sehe das Äußere und stelle mir dazu ein Inneres vor."

25*. {/} Wenn Miene, Gebärde und Umstände eindeutig sind, dann scheint das Innere das Äußere zu sein; erst wenn wir das Äußere nicht lesen können, scheint ein Inneres hinter ihm versteckt.

26*. Es gibt innere und äußere Begriffe, innere und äußere Betrachtungsweisen des Menschen. Ja es gibt auch innere und äußere Tatsachen — sowie es z.B. physikalische und mathematische Tatsachen gibt. Sie stehen aber nicht nebeneinander wie Pflanzen verschiedener Art. Denn was ich gesagt habe, klingt als hätte man gesagt: In der Natur kommen alle diese Tatsachen vor. Und was ist nun daran falsch?

27*. {/} Inneres ist mit Äußerem nicht nur erfahrungsmäßig verbunden, sondern auch logisch.

28*. {/} Inneres ist mit Äußerem logisch verbunden, nicht bloß erfahrungsmäßig.

29*. "Wenn ich die Gesetze der Evidenz für das Seelische untersuche, so das *Wesen* des Seelischen." Ist das wahr?

30*. Ja. Das *Wesen* ist nicht etwas, was aufgezeigt werden kann, es kann nur in seinen Zügen beschrieben werden.

31*. Aber spricht dagegen nicht ein Vorurteil? Wir können freilich die *Eigenschaften* des Tintenfasses nach und nach aufzählen, aber sein *Wesen* muß es nicht ein für allemal feststehen, ist es uns nicht eben mit diesem /

Gegenstand, den wir vor uns haben, // Gegenstand, vor unsern Augen, // gegeben? Was wir da vor uns haben, ist doch nicht der 'Gebrauch eines Wortes'! Freilich nicht; aber der Begriff 'Tintenfaß', der doch hier notwendig ist, steht nicht greifbar vor uns, noch trägt, was vor uns steht, diesen Begriff in sich. Und um ihn darzustellen genügt es nicht Einem ein Tintenfaß in die Hand zu geben. Und das nicht, weil der Mensch zu begriffstützig ist, den Begriff aus dem Gegenstand heraus zu lesen.

32*. Ich kann Einem einen Gegenstand zeigen, weil seine *Farbe* auffallend ist und ich *sie* dem Andern vorführen will, aber das setzt schon ein gewisses Spiel zwischen uns voraus.

33*. Ja, er mag beim Anblick des Gegenstands / wie staunend stutzen // staunen //, daß er aber 'über die Farbe staunt', daß die Farbe der *Grund* des Staunens, und nicht etwa bloß die *Ursache* seines Erlebnisses ist, dazu braucht er den Begriff der Farbe, / nicht nur die Augen // nicht nur das Sehen //.

34*. Jemand sagt auf sein Ehrenwort aus, daß der Andre das und das geglaubt habe. — Da kann man ihn fragen "Woher weißt Du das", und er antworten "Er hat mich dessen im höchsten Ernst versichert, und ich kenne ihn genau".

35*. Wenn ich sage "Ich kenne mich in ihm nicht aus", so hat das sehr wenig Ähnlichkeit mit dem Fall: "Ich kenne mich in diesem Mechanismus nicht aus". Ich glaube, es heißt *ungefähr*: Ich kann sein Benehmen nicht mit der Sicherheit / vorhersehen // vorhersagen //, wie das von Leuten, 'in denen ich mich auskenne'.

36*. Es muß die Frage der Evidenz für Erlebtes mit der Sicherheit oder Unsicherheit einer Voraussicht des Benehmens des Andern zusammenhängen. Aber ganz so ist es nicht, denn man sagt ja nur selten die Reaktion des Andern voraus.

Ich meine, die nicht-Vorhersehbarkeit muß *eine* wesentliche Eigenschaft des Seelischen sein. So wie auch die unendliche Vielfältigkeit des Ausdrucks.

37*. {/} Was z.B. spricht dafür, was dagegen, daß der Hund ein Seelenleben hat?

Es ist doch wohl nicht seine Gestalt, Farbe, oder seine Anatomie. Also ist es sein Benehmen.

38*. Die, welche sagen, der Hund habe keine Seele, stützen sich auf das, was er tun kann, und nicht tun kann. Denn wenn Einer sagte, ein Hund könne nicht hoffen, — woraus entnimmt er das? Und wer sagt, der Hund *habe* eine Seele, kann das nur auf das Benehmen stützen, das er am Hund beobachtet.

"Schau Dir nur das Gesicht und die Bewegungen / eines // des // Hundes an, und Du siehst, daß er eine Seele hat." Aber was ist es am Gesicht? Ist es nur die Ähnlichkeit mit dem Mienenspiel des menschlichen? Ist es, wenigstens unter anderem, der Mangel an Steifheit?

39*. {/} Die *wichtigen* feinen Abschattungen des Benehmens sind nicht vorhersagbar.

40*. Aber heißt das: wenn sie vorhersehbar wären, so würden wir beim Menschen nicht von einem Innern im Gegensatz zu Äußerem reden? — Aber stellen wir uns so eine Vorhersagbarkeit auch klar vor? Impliziert sie z.B., daß wir ihn nicht um eine Entscheidung fragen würden?

41*. {/} Denk Dir, wir begegneten einem Menschen, der keine Seele hätte. Warum soll so etwas nicht als Abnormität vorkommen können? Es wäre also ein menschlicher Leib zur Welt gekommen mit gewissen Lebensfunktionen, aber ohne eine Seele. Nun, wie sähe das aus?

42*. {/} Das *Einzige*, was ich mir da vorstellen kann, ist, daß dieser Menschenleib automatenhaft handelt und nicht wie die gewöhnlichen Menschenleiber.

43*. {/} Wenn es heißt "Der Mensch besteht aus einem Leib und einer Seele", so wäre dem durch so eine Erscheinung nicht widersprochen. Denn dies wäre eben kein (eigentlicher) Mensch, sondern etwas anderes, und

allerdings sehr seltenes. Wie aber kann man wissen, daß es *nie* vorkommt? Nur, — wie sähe dieses Phänomen eigentlich aus?

44*. Oder soll es nun doch gar kein Phänomen sein? Soll die Seelenhaftigkeit gar nicht erkennbar sein?

45*. Kann es Herzlosigkeit geben, die keinen Ausdruck besitzt? Wäre das, was wir "Herzlosigkeit" nennen?

46*. Man könnte es auch so sagen: wie müßte ein menschlicher Leib handeln, daß man nicht geneigt wäre, von inneren und äußeren Zuständen des Menschen zu reden?

Immer wieder denke ich da: "maschinenhaft".

47*. Das feinst gegliederte Benehmen des Menschen ist vielleicht die Sprache mit dem Ton und dem Mienenspiel.

48*. Dürfte der Seelenlose Zeichen des Schmerzes geben? Wenn er nur schriee und sich wände, so könnte man das noch als automatische Reaktion betrachten, wenn er aber das Gesicht schmerzhaft verzöge und leidend aussähe, so hätten wir schon das Gefühl, wir sähen *in ihn hinein.*

Wenn er aber nun immer genau das gleiche leidende Gesicht machte?

49*. Es ist, als würde er durch einen menschlichen / Gesichtsausdruck // Ausdruck // für uns *durchsichtig*.

50*. Wer eine Seele hat, muß des Schmerzes, der Freude, des Kummers etc., etc. fähig sein. Und soll er dazu auch fähig sein zu erinnern, Entschlüsse zu fassen, sich etwas vorzunehmen, so braucht er den sprachlichen Ausdruck.

51*. {/} Es ist nicht so, als hätte ich in mir direkte (Evidenz), er für mein Seelisches aber nur indirekte. Sondern er hat dafür Evidenz, ich (aber) nicht.

52*. Sagt man nun aber, diese Evidenz mache das Seelische nur wahrscheinlich, so ist das vieldeutig und kann Wahres und Falsches bedeuten. / Und jedenfalls nicht, daß die Evidenz nur erfahrungsmäßig // Ist es aber wahr, so nicht, weil die Evidenz erfahrungsmäßig // mit dem Seelischen zusammenhängt (wie ein Symptom mit einer Krankheit).

53*. Warum soll man nicht sagen: "Die Evidenz des Seelischen im Andern ist / sein Äußeres // das Äußere //"?

/ Aber wir sehen nun nicht (mehr) sichere unmittelbare innere Evidenz des Seelischen und unsichere mittelbare äußere. // Aber es gibt für uns nicht mehr sichere innere und unsichere äußere Evidenz des Seelischen. // // Nur gibt es nicht äußere mittelbare indirekte und innere unmittelbare direkte Evidenz des Innern. // // Nur gibt es nicht äußere und innere Evidenz für das Innere. //

54*. Und die Evidenz, soweit sie unsicher ist, ist sie es nicht, weil sie nur äußere Evidenz ist.

55*. Daß der Schauspieler den Kummer darstellen kann, zeigt die Unsicherheit der Evidenz, aber daß er den *Kummer* darstellen kann, auch die Realität der Evidenz.

56*. Nicht das Verhältnis von Innerem zu Äußerem erklärt / eine // die // Unsicherheit der Evidenz, / sondern umgekehrt ist dies Verhältnis nur eine bildhafte Darstellung / der // dieser // Unsicherheit. // sondern umgekehrt wird dies Verhältnis nur / als bildhafte Darstellung dieser Unsicherheit // als Bild für jene Unsicherheit // gebraucht. //

57*. Man kann ja nicht nur Seelisches auf der Bühne darstellen, es wird uns auch eine Wunde vorgetäuscht, oder ein Berg.[39]

Es ist also nicht das alleinige Charakteristikum des Seelischen, daß / es sich schauspielern läßt // es sich uns vortäuschen läßt //.

---

[39] Falta a folha 44 do nosso exemplar do vol. 75 da edição da Cornell University. Neste caso, deste ponto até a frase "Könnte Einer vor Gericht aussagen:", do início do § 60*, recorremos às páginas 93 e 94 da edição parcial do MS 173, in Wittgenstein, Ludwig, *Letzte Schriften über die Philosophie der Psychologie (1949-1951): Das Innere und das Äußere.*

58*. Warum sagen wir: "Ich wußte nicht, was hinter dieser Stirne vorging", obwohl es uns doch ganz gleichgültig sein kann, was hinter der Stirne eines Menschen vorgeht. Unsre Unsicherheit bezieht sich gar nicht auf Vorgänge im Innern; und bezieht sie sich auf Seelisches, so hat doch das Seelische seinen Ausdruck im Körperlichen.

Einer Unsicherheit das Innere betreffend entspricht also eine Unsicherheit über Äußeres.

Wie einer Unsicherheit über die Zahl, die bei einer Rechnung herauskommt, eine Unsicherheit über das Zahlzeichen entspricht, das am Ende der Rechnung stehen wird.

59*. Und das heißt *nicht*, daß sich, allgemein, die Unsicherheit über etwas / Seelisches // Inneres // als Unsicherheit über Äußeres ausdrücken läßt.

Sowie zwar der Gram wesentlich einen Ausdruck in den Mienen hat, ich aber nicht im Stande sein mag, eine Miene anders zu beschreiben als durch das Wort "gramvoll".

60*. Könnte Einer vor Gericht aussagen: "Ich weiß, daß er damals an .... gedacht hat"? Nun, so eine Aussage könnte zugelassen sein, oder auch nicht. Vielleicht würde geurteilt werden, daß jemand, der den Angeklagten so viele Jahre kennt, aus seiner Miene etc. entnehmen kann, was er in einem bestimmten Falle denkt. Vielleicht aber würde so eine Aussage in keinem Falle zugelassen, und die Meinung wäre, daß auch keine *Äußerung* des Angeklagten wiedergegeben werden darf, wenn dies nur zur Beschreibung seiner seelischen Vorgänge geschieht.

61*. "Ich kenne mich in diesen Leuten nicht aus." Und wozu wollte ich mich in ihnen auskennen? — Sind es nicht ihre Reaktionen, in denen ich mich nicht auskenne? Die ich z.B. nicht voraussehen kann, die mich immer wieder überraschen?

"Er / benimmt sich // reagiert // scheinbar unlogisch." Und das heißt: inkonsequent.

62*. Kennt man sich in Manchem nicht aus, / so kennt man sich also in Andern aus. // so bedeutet das, daß man sich in Andern auskennt. //

Und das wird manchmal so ausgedrückt, man 'könne sich vorstellen', was im Andern vor sich geht. / Das // Es // klingt also, als ob Wissen, was im Andern vorgeht, ein *Vorstellen* dieses Vorgangs sei. Wenn ich z.B. weiß, daß mich Einer haßt, so fühle ich eine Art Abbild dieses Hasses. / Diese Meinung beruht auf einer Menge falscher Ideen. // Hier ist alles falsch. // Man gebraucht zwar die Worte "sich den Haß (etc.) eines Andern vorstellen", ja es können dabei auch Vorstellungsbilder mitspielen, oder man macht dabei vielleicht ein dem haßerfüllten ähnliches Gesicht.

63*. Das Sprachspiel ist von vornherein so angelegt, daß ein Vergleich mit andern Sprachspielen einen zu dem Bild 'außen-innen' führen kann. Aber dazu kommt noch die tatsächliche Unsicherheit, die dem / Erkennen // Erraten // der seelischen Vorgänge des Andern anhaftet. Denn es wäre — wie gesagt — wohl möglich, daß dieses Erkennen viel sicherer wäre, als es ist. Ja daß Verstellung / mehr // hauptsächlich // durch ein *Verstecken* des Gesichts (z.B.) geschieht. D.h.: Verstellung wäre auch dann möglich, wenn man sein Gesicht nicht verstellen könnte.

64*. Es ist aber *nicht* wahr, daß die Unsicherheit im Erkennen seines Ärgers (z.B.) einfach die Unsicherheit über sein zukünftiges Benehmen ist. Es liegt vielmehr im Begriff eine Unsicherheit der Kriterien... Manchmal ist er also, gleichsam, durchsichtig, manchmal nicht. Und es ist irreführend, wenn man sich den eigentlichen Ärger sozusagen als Gesichtsausdruck eines *inneren* Gesichts denkt, so daß dieser Gesichtsausdruck zwar vollkommen klar definiert ist, und es nur nach dem äußeren nicht sicher ist, ob die Seele wirklich diesen Ausdruck hat.

65*. Denn auch wenn er selbst ohne zu lügen sagt, er sei etwas ärgerlich gewesen, so heißt das nicht, daß er damals in sich jenes von uns 'ärgerlich' gennante Gesicht gesehen habe. Wir haben wieder nur eine Wortreaktion von ihm, und es ist noch gar nicht klar, wie viel die *bedeutet*. Das BILD ist klar; aber nicht seine Anwendung.

66*. Denn auch, wenn ich selbst sage "Ich habe mich etwas über ihn geärgert", — wie weiß ich die Anwendung dieser Worte so genau? Ist sie denn so klar? Nun, sie sind eben eine Äußerung.

67*. Aber weiß ich etwa nicht genau, was ich mit jener Äußerung meine? "Ich weiß doch genau, welchen Zustand in mir ich so nenne." Das heißt nichts. Ich weiß, wie man das Wort anwendet und manchmal mache ich die Äußerung ohne / Bedenken // Zögern // und manchmal zögernd und sage etwa, ich hätte mich nicht '*geradezu* geärgert', oder dergleichen. Aber es ist nicht *diese* Unbestimmtheit, von der ich sprach. Auch dort, wo ich unbedenklich sage, ich hätte mich geärgert, ist darum nicht ausgemacht, wie sicher die / weiteren Folgen // Konsequenzen // aus diesen Signal sind.

68*. Als ich sagte es sei eine Unbestimmtheit in der Anwendung, meine ich nicht, ich wisse nicht recht, wann ich die Äußerung machen solle (wie es etwa wäre, wenn ich nicht gut Deutsch verstünde).

69*. Man darf eben nicht vergessen, *welche* Verbindungen gemacht werden, wenn wir lernen Ausdrücke wie "Ich ärgere mich" zu gebrauchen.

70*. Und denke nicht an ein *Erraten* der richtigen Bedeutung durch das Kind, denn, ob es sie *richtig* erraten hat, muß sich doch wieder in seiner Verwendung der Worte zeigen.

---

131. [/] Ein Sprachspiel: über die größere Helligkeit, oder Dunkelheit von Körpern berichten. — Aber nun / gibt // gebe // es ein damit *verwandtes*: über das Verhältnis der Helligkeiten bestimmter *Farben* aus(zu)sagen. (Zu vergleichen: Verhältnis der Längen / zwei bestimmter // zweier // Stäbe — Verhältnis / zwei bestimmter // zweier // Zahlen.)

Die Form der Sätze in beiden ist die gleiche ("x ist heller als y"). / Aber im ersten Sprachspiel sollen sie zeitlich sein, im zweiten nicht. // Aber im ersten Sprachspiel sind es / temporale // zeitliche // Sätze, im zweiten nicht. // // Aber im ersten Sprachspiel sind sie zeitlich, im zweiten unzeitlich. //

132. [/] In einer bestimmten Bedeutung von "weiß" ist Weiß die hellste / aller // der // Farben.

In einem Bild, in welchem ein Stück weißes Papier seine Helligkeit vom blauen Himmel kriegt, ist dieser heller als das / Weiße // weiße Papier //. Und doch ist, in anderm Sinne, Blau die dunklere, Weiß die hellere Farbe (Goethe). Von einem Weiß und einem Blau auf der Palette wäre dies heller als jenes[?] / Auf der Palette ist das Weiß die hellste Farbe. // Das Weiß auf der Palette ist heller als jede andre Farbe auf ihr. //

133. {/} [/] Ich mag mir ein bestimmtes Grau-Grün so einprägen, daß ich es ohne ein Muster immer richtig wiedererkenne. Das reine Rot (Blau, etc.) aber kann ich mir sozusagen immer wieder konstruieren. Es ist eben ein Rot, welches weder auf die eine noch auf die andre Seite neigt, und ich / erkenne es // merke es mir // ohne ein Muster, ebensoleicht wie z.B. den rechten Winkel im Gegensatz zu einem beliebigen spitzen oder stumpfen.

134. [/] In diesem Sinne gibt es nun 4 (oder mit Weiß und Schwarz 6) reine Farben.

135. [/] / Eine *Naturgeschichte* der Farben, sie kann nur über Zeitliches berichten, nicht über das *Wesen* der Farbe. // Eine *Naturgeschichte* der Farben müßte über ihr Vorkommen in der Natur berichten, nicht über ihr *Wesen*. Ihre Sätze müßten zeitliche Sätze sein. //

136. [/] Nach Analogie mit den andern Farben müßte eine schwarze Zeichnung auf weißem Grunde, gesehen durch ein durchsichtiges *weißes* Glas, unverändert als schwarze Zeichnung auf weißem Grunde erscheinen. Denn Schwarz muß Schwarz bleiben und Weiß, da es auch die Farbe des durchsichtigen Körpers ist, / wird nicht verändert // bleibt unverändert //.

137. [/] Man könnte sich ein Glas denken, wodurch Schwarz als Schwarz, Weiß als Weiß, und alle andern Farben als Töne von Grau gesehen werden; / sodaß, dadurch gesehen, alles wie / auf einer Photographie //

photographiert // ausschaut. // sodaß was man dadurch ansieht, wie eine Photographie ausschaut. //

Aber warum sollte ich das "weißes Glas" nennen?

138. [/] Die Frage ist: Ist die Bildung 'ein durchsichtiger weißer Körper' wie die 'regelmäßiges Zweieck'?

139. Ich kann einen Körper betrachten und etwa eine matte weiße Fläche *sehen*, d.h. den *Eindruck* so einer Fläche erhalten, oder den *Eindruck* der Durchsichtigkeit (ob sie nun vorhanden ist, oder nicht). Dieser Eindruck mag durch die Verteilung der Farben hervorgebracht werden und an ihm sind Weiß und die andern Farben nicht in *gleicher* Weise beteiligt.

(Ich habe eine grünlich angestrichene Blechkuppel für durchscheinendes grünliches Glas gehalten, ohne zur Zeit zu wissen, welche Besonderheit der Farbenverteilung diesen Schein / hervorbrachte // hervorbringt //.)

140. [/] Und in dem / Gesichtseindruck // Gesichtsbild // eines / durchsichtigen Körpers // Duchsichtigen // kann wohl Weiß vorkommen, z.B. als Spiegelung, als Glanzlicht. D.h.: Wenn der Eindruck als durchsichtig empfunden wird, wird das Weiß, was wir sehen, eben nicht als Weiß des Körpers *gedeutet*.

141. [/] Ich schaue durch ein durchsichtiges Glas: folgt daraus, daß ich nicht Weiß sehe? Nein, aber ich sehe nicht das Glas als Weiß. Aber wie geht das zu? Es kann auf verschiedene Weise zugehen. Ich mag das Weiß mit *beiden* Augen als dahinterliegend sehen. Aber ich mag das Weiß auch einfach durch seine *Stellung* als Glanz sehen (auch wenn es vielleicht kein Glanz ist). Und doch handelt sich's hier um ein Sehen, nicht nur um ein Dafürhalten. Und es ist auch gar nicht zweiäugiges Sehen nötig, um etwas als *hinter* dem Glas liegend zu sehen.

142. {/} Die / verschiedenen 'Farben' // 'Farben' // haben mit dem *räumlichen* Sehen nicht alle den gleichen Zusammenhang.

143. Und es ist gleichgültig, ob man dies durch die / in der Kindheit // seinerzeit // von uns / gesammelte // gemachte // Erfahrung erklärt, oder nicht.

144. [/] Jener Zusammenhang ist wohl der zwischen Räumlichkeit und Licht und Schatten.

145. [/] Man kann auch nicht sagen, Weiß sei wesentlich die Eigenschaft einer — visuellen — Oberfläche. Denn es wäre denkbar, daß Weiß nur als Glanzlicht vorkäme, oder als Farbe einer Flamme.

146. [/] Ja es kann auch ein in Wirklichkeit durchsichtiger Körper uns weiß erscheinen; aber er kann uns nicht als weiß und durchsichtig erscheinen.

147. [/] Das aber sollte man nicht so ausdrücken: Weiß sei keine durchsichtige Farbe.

148. [/] 'Durchsichtig' ließe sich mit 'spiegelnd' vergleichen.

149. [/] Ein Element des Gesichtsraums kann weiß, oder rot sein, aber weder durchsichtig noch undurchsichtig.

150. [/] Durchsichtigkeit und Spiegeln gibt es nur / in der Tiefendimension eines Gesichtsbilds. // in der Tiefendimension. //

151. [/] Warum kann eine visuell einfärbige Ebene im Gesichtsfeld nicht bernsteinfarbig (amber) sein? Dies Farbwort bezieht sich auf ein durchsichtiges Medium; wenn daher ein Maler ein Glas mit bernsteinfarbenem Wein malt, so könnte man etwa die Fläche des Bildes, die es darstellt, "bernsteinfarben" nennen, aber nicht ein einfärbiges Element dieser Fläche.

152. [/] Könnten nicht auch glänzendes Schwarz und mattes Schwarz verschiedene / Farbnamen // Namen // haben?

153. [/] Von / dem //etwas //, was durchsichtig ausschaut, sagen wir nicht, es schaue weiß aus.

154. [/] "Kann man sich nicht denken, daß Menschen eine andere Farbengeometrie hätten als wir?" — D.h. doch: Kann man sich nicht Menschen mit andern Farbbegriffen denken als den unsern; und das heißt wieder: Kann man sich nicht vorstellen, daß Menschen unsre Farbbegriffe *nicht* haben, und daß sie Begriffe *haben*, die mit unsern Farbbegriffen in solcher Weise verwandt sind, daß wir sie auch "Farbbegriffe" nennen / möchten // würden //?

155. Wenn Menschen gewöhnt wären, immer nur grüne Quadrate und rote Kreise zu sehen, so könnten sie einen grünen Kreis mit Mißtrauen, wie eine Mißgeburt, betrachten, und z.B. sogar sagen, es sei *eigentlich* eine Rotkreis, habe aber etwas von einem...[40]

[/] Wenn Menschen nur Formfarbbegriffe hätten, so hätten sie also ein eigenes Wort für rotes Quadrat, und ein eigenes für roten Kreis, und eins für grünen Kreis, etc. Sehen sie aber nun eine neue *grüne* Figur, soll ihnen da keine Ähnlichkeit mit dem grünen Kreis, etc., auffallen? Und soll ihnen keine Ähnlichkeit zwischen grünem und rotem Kreis auffalen? Aber wie / will ich, daß es sich zeige // soll es sich zeigen //, daß ihnen die Ähnlichkeit auffällt?

Sie könnten, *z.B.*, einen Begriff des 'Zusammenpassens' haben; und dennoch nicht darauf verfallen, Farbwörter zu gebrauchen.

Es gibt ja auch Stämme, die nur bis 5 zählen, / und diese merken nicht, daß ihnen etwas fehlt. // und diese haben wahrscheinlich die Notwendigkeit nicht empfunden, zu beschreiben, was so nicht zu beschreiben ist. //[41]

156. [/] Runge: "Schwarz schmutzt". Das heißt, es nimmt der Farbe die / *Buntheit* // *Färbigkeit* //, aber was heißt das? Schwarz nimmt der Farbe die Leuchtkraft. Aber ist das etwas Logisches, oder etwas Psychologisches? Es gibt ein leuchtendes Rot, ein leuchtendes Blau, etc.,

---

[40] A observação está anulada até este ponto por traços em 'x'.

[41] Há grifo lateral ondulado relativo a esta variante.

aber kein leuchtendes Schwarz. Schwarz ist die dunkelste der Farben. Man sagt "tief schwarz", aber nicht "tief weiß".

'Ein leuchtendes Rot' heißt aber nicht ein *helles* Rot. Auch ein dunkles Rot kann leuchten. Aber eine Farbe leuchtet durch ihre *Umgebung*, in ihrer Umgebung.

Grau aber leuchtet nicht.

Nun scheint aber Schwarz eine Farbe zu trüben, Dunkelheit / jedoch // aber // nicht. Ein Rubin also könnte danach immer dunkler werden, ohne doch je trüb zu werden, würde er aber schwarzrot, so würde er trüb. Nun, Schwarz ist eine Oberflächenfarbe. Das Dunkel nennt man keine Farbe. Im Gemälde *kann* das Dunkel auch durch Schwarz dargestellt werden.

Der Unterschied zwischen Schwarz und, etwa, einem dunkeln Violett ist ähnlich dem zwischen dem Klang der großen Trommel und dem Klang einer Pauke. Vom erstern sagt man, es sei ein Geräusch, kein Ton. Es ist matt und ganz Schwarz.

157. {/} [/] Sieh Dein Zimmer am späten Abend an, wenn Farben kaum mehr zu unterscheiden sind; und nun mach Licht und male, was / Du im Dämmerlicht // Du früher im Halbdunkel // gesehen hast. Es gibt Bilder von Gegenden oder Räumen im Halbdunkel: Aber wie vergleicht man die Farben auf so einem Bild mit den im Halbdunkel gesehenen? Wie verschieden ist diese Vergleichung von der zweier Farbmuster, die ich zugleich vor mir habe und zum Vergleich aneinander lege!

158. {/} [/] Was läßt sich dafür sagen, daß Grün eine primäre Farbe ist und keine Mischfarbe von Blau und Gelb? Wäre diese Antwort richtig hier: / "Man kann das nur durch (die) Betrachtung der Farben" [erkennen] // "Man kann das nur / unmittelbar // direkt // erkennen, indem man die Farben betrachtet" // ? Aber wie weiß ich, daß ich dasselbe mit den Worten "primäre Farbe" meine wie ein Andrer, der auch geneigt ist, Grün eine primäre Farbe nu nennen? Nein, hier gibt es Sprachspiele, die diese Frage entscheiden.

Es gibt nun mehr oder weniger bläuliches (oder gelbliches) Grün und es gibt die Aufgabe, zu einem gegebenen Gelblichgrün (oder Blaugrün) ein weniger gelbliches (oder bläuliches) zu mischen, oder aus

einer Anzahl von Farbmustern auszuwählen. Ein weniger gelbliches ist aber kein bläulicheres Grün (u.u.), und es gibt auch die Aufgabe, ein Grün zu wählen — oder zu mischen — das weder gelblich noch bläulich ist. Und ich sage "oder zu mischen", weil ein Grün dadurch nicht zugleich gelblich und bläulich, weil es etwa durch ein Mischen von Gelb und Blau zustandekommt.

159. {/} [/] Denke daran, daß in einer glatten weißen Fläche Dinge sich *spiegeln* können, deren Spiegelbilder also hinter der Fläche zu liegen scheinen und in *gewissem* Sinne durch sie gesehen werden.

160. {/} [/] Wenn ich von einem Papier sage, es sei rein weiß und es würde Schnee danebengehalten und es sähe nun grau aus, so würde ich es in seiner normalen Umgebung, und für / die normalen // gewöhnliche // Zwecke, weiß, nicht hellgrau nennen. Es könnte sein, daß ich, im Laboratorium etwa, einen andern, in *gewissem* Sinne verfeinerten Begriff von Weiß verwendete. (Wie ich dort manchmal auch einen verfeinerten Begriff der 'genauen' Zeitbestimmung verwende.)

161. Die reinen satten Farben haben eine ihnen / wesentliche relative // spezifische // Helligkeit. Gelb z.B. ist heller als Rot. Ist Rot heller als Blau? Ich weiß es nicht.

162. [/] / Wenn man den Begriff der Zwischenfarbe hergebracht hat // Wer den Begriff der Zwischenfarbe erhalten hat //, seine Technik / innehat // beherrscht //, wer / also zu gegebenen Farbtönen weißlichere, gelblichere, bläulichere finden, oder mischen kann, u.s.f., // also z.B. zu einem gegebenen Rot ein gelblicheres, weißlicheres, bläulicheres finden kann, u.s.f., // den fordre man nun auf, ein rötliches Grün zu wählen oder zu mischen.

163. [/] Wem ein Rötlichgrün bekannt wäre, der sollte im Stande sein, eine Farbenreihe herzustellen, die mit Rot anfinge, mit Grün endet und, auch für uns, etwa einen kontinuierlichen Übergang zwischen ihnen bildet. Es könnte sich dann zeigen, daß dort, wo wir etwa jedesmal den gleichen Ton von Braun sähen, er einmal Braun, einmal Rötlichgrün sähe. Daß er z.B.

zwei chemische Verbindungen, die für uns die gleiche Farbe hätten, nach der Farbe unterscheiden könnte und die eine ein "Braun", die andre ein "Rötlichgrün" nennte.

164. [/] Um die Phänomene der Rotgrünblindheit zu beschreiben, brauche ich nur zu sagen, was der Rotgrünblinde *nicht* erkennen kann; um aber die 'Phänomene des normalen Sehens' zu beschreiben, müßte ich aufzählen, was wir tun *können*.

165. [/] Wer die 'Phänomene der Farbenblindheit' beschreibt, beschreibt ja nur die *Abweichungen* des Farbenblinden vom Normalen, nicht auch sein ganzes übriges Sehen.

Aber könnte sie nicht auch die Abweichungen des normalen Sehens von totaler Blindheit beschreiben? Man könnte fragen: Zu wessen Belehrung? Kann man mich davon unterrichten, daß ich einen Baum sehe?

Und was ist ein 'Baum', und was 'sehen'?

166. [/] Man kann z.B. sagen: *So* handelt der Mensch mit einer Binde vor den Augen, und *so* der Sehende ohne Binde. Mit einer Binde reagiert er so und so, ohne Binde geht er schnell auf der Gasse, begrüßt seine Bekannten, nickt Diesem und Jenem zu, vermeidet beim Überqueren leicht die Wagen und Zweiräder, usw., usw.. Schon den Neugeborenen erkennt man als Sehenden daran, daß er Bewegungen mit den Augen folgt. Etc. etc.. Die Frage ist: Von Wem soll die Beschreibung verstanden werden? / Nur vom // Vom // Sehenden, oder auch vom Blinden?

Es ist z.B. sinnvoll zu sagen "Der Sehende unterscheidet mit den Augen einen unreifen Apfel von einem reifen". Aber *nicht*: "Der Sehende unterscheidet einen grünen von einem roten Apfel". Denn was ist 'rot' und 'grün'?

"Der Sehende unterscheidet einen Apfel, der ihm grün scheint, von einem, der ihm rot scheint."[42]

Aber kann ich nicht sagen, "*Ich* unterscheide einen *solchen Apfel* von einem *solchen*" (indem ich auf einen roten und grünen zeige)? Aber wie,

[42] Não há indicação de onde se incluiria esta observação, escrita na margem superior do manuscrito. Provavelmente, é uma variante para a proposição "sinnlos" acima.

wenn jemand auf zwei für mich ganz gleiche Äpfel zeigte und das sagte?! Anderseits könnte er mir sagen: "Für Dich sehen diese beiden ganz gleich aus, Du könntest sie daher verwechseln; aber ich sehe einen Unterschied, ich kann jeden jederzeit wiedererkennen". Das kann durch einen Versuch bestätigt werden.

167. [/] Welche Erfahrung lehrt mich, daß ich Rot und Grün unterscheide?

168. [/] Die Psychologie beschreibt die Phänomene des Sehens. / Wem macht sie die Beschreibung? // Wem beschreibt sie sie? // Welche Unwissenheit kann diese Beschreibung / beheben // beseitigen //?

169. [/] Wenn ein Sehender nie von einem Blinden gehört hätte, — könnte man ihm das Verhalten der Blinden nicht beschreiben?

170. [/] Ich kann sagen: "Der Farbenblinde kann einen grünen Apfel von einem roten nicht unterscheiden", und das läßt sich zeigen. Kann ich aber sagen "Ich kann einen grünen Apfel von einem roten unterscheiden"? Nun etwa: durch den Geschmack. — Aber doch z.B.: "Ich kann einen Apfel, den / Ihr // Du // 'grün' / nennt // nennst //, von einem, den / Ihr // Du // 'rot' / nennt // nennst //, unterscheiden", also "Ich bin nicht farbenblind".

171. [/] Dieses Papier ist an verschiedenen Stellen verschieden hell; aber sieht es mir / an den dunkleren Stellen //, wo es dunkler ist, // grau aus? Der Schlagschatten meiner Hand ist zum Teil grau. Wo sich das Papier vom Licht wegneigt aber, sehe ich es weiß, wenn auch dunkler, auch wenn ich, um es zu malen, ein Grau mischen müßte. Ist damit nicht ähnlich, daß man den entfernteren Gegenstand oft nur als entfernter, nicht aber kleiner sieht? Daß man also nicht sagen kann "Ich merke, daß er kleiner ausschaut, und schließe daraus, daß er entfernter ist", sondern ich merke, daß er entfernter ist, ohne sagen zu können, *wie* ich's merke.

172. [/] Der Eindruck / des (färbigen) durchsichtigen Mediums // der Durchsichtigkeit // ist der, daß etwas hinter dem Medium liegt.

Vollkomene Einfärbigkeit des Gesichtsbilds kann daher nicht durchsichtig sein.

173. [/] Etwas Weißes hinter einem gefärbten durchsichtigen Medium erscheint in der Farbe des Mediums, etwas Schwarzes schwarz.[43] Nach dieser Regel muß eine schwarze Zeichnung auf weißem Papier hinter einem weißen durchsichtigen Medium so erscheinen wie hinter einem farblosen.

Das ist hier nicht ein Satz der Physik, / sondern eine Regel der räumlichen Deutung unserer Gesichtserfahrung. // sondern so / beschreiben // deuten // wir unsre Gesichtserfahrung. // Man könnte auch sagen, es sei eine Regel für den Maler: "Wenn Du etwas Weißes hinter einem durchsichtigen Roten darstellen willst, so mußt Du's rot malen". Malst Du's weiß, so sieht es nicht hinter dem Roten liegend aus.

174. {/} [/] Dort, wo das weiße Papier nur um ein Weniges schwächer beleuchtet ist, erscheint es keineswegs grau, sondern immer weiß.

175. Die Frage ist: / Wie muß etwas ausschauen, damit wir es einen durchsichtigen gefärbten Körper nennen? // Welcher Art muß unser Gesichtsbild beschaffen sein, wenn es uns ein durchsichtiges farbiges Medium zeigen soll? // // Wie muß unser Gesichtsbild ausschauen, damit wir sagen, wir sähen durch ein klares gefärbtes Medium? // Wie muß z.B. die Farbe des Mediums zur Geltung kommen? Sprechen wir physikalisch — obwohl es uns hier nicht unmittelbar auf Gesetze der Physik ankommt — so müßte durch ein rein grünes Glas alles mehr, oder weniger dunkel Grün ausschauen. Der hellste Ton wäre der des Mediums. Was man dadurch sieht, hat also Ähnlichkeit mit einer Photographie. Überträgt man das auf's weiße Glas, so sollte alles wieder wie photographiert ausschauen, aber in / Tönen zwischen Weiß und Schwarz. // Weiß, Grau und Schwarz. // Und warum sollte man so ein Glas — wenn es eins gäbe — nicht *weiß* nennen wollen? Spricht irgend etwas dagegen, / bricht die Analogie mit anders gefärbten Gläsern irgendwo

[43] Uma seta liga este ponto ao início de "Das ist hier nicht ein Satz der Physik...", a parágrafo que, portanto, comenta a regra aqui enunciada.

zusammen // geht die Analogie mit anders gefärbten Gläsern irgendwo fehl //?

176. [/] Ein grüner Glaswürfel sieht, wenn er vor uns liegt, grün aus. Der Gesamteindruck ist grün; so sollte also der des weißen Würfels weiß sein.

177. [/] Wo muß der Würfel weiß erscheinen, damit wir ihn weiß und durchsichtig nennen können?

178. [/] Gibt es *darum* kein Analogon mit Weiß zu einem durchsichtigen grünen Glas, weil die Verwandtschaften und Gegensätze zwischen Weiß und den übrigen Farben anders sind als zwischen Grün und ihnen?

179. [/] Fällt Licht durch rotes Glas, so wirft es einen roten Schein; wie sieht nun ein weißer Schein aus? Soll Gelb im weißen Schein weißlich werden, oder bloß hell? Und Schwarz grau, oder soll es Schwarz bleiben?

180. [/] Wir kümmern uns hier nicht um die Tatsachen der Physik, außer insofern sie / Gesetze // Regeln // des Augenscheins bestimmen.

181. [/] Es ist nicht ohne weiters klar, von welchem durchsichtigen Glas man sagen soll, es habe die 'gleiche Farbe' wie ein Stück grünes Papier.

182. [/] Ist z.B. das Papier rosa, lila, himmelblau, so wird man sich das Glas etwa *trübe* denken, aber man könnte auch ein nur / schwach // einigermaßen // rötliches etc. klares Glas meinen. Darum wird manchmal etwas farbloses "weiß" gennant.

183. [/] Die Farbe eines durchsichtigen Glases, könnte man sagen, sei die, in welcher eine weiße Lichtquelle, / dadurch // durch das Glas // gesehen, erscheint.

Ungetrübt *weiß* aber erscheint diese durch ein *farbloses* Glas.

184. [/] Im Kino ist es oft / möglich // leicht //, die Vorgänge im Film so zu sehen, als lägen sie hinter der Leinwandebene und diese sei durchsichtig wie eine Glastafel. Zugleich aber würde sie den Vorgängen

ihre Farbe nehmen und nur Weiß, Grau und Schwarz durchlassen. Nun ist man aber nicht versucht, sie eine durchsichtige *weiße* Glastafel zu nennen.

Wie würde man denn Dinge durch eine grüne Glastafel sehen? *Ein* Unterschied wäre natürlich, daß diese den Unterschied zwischen hell und dunkel vermindern würde, während jene andre diesen Unterschied nicht berühren soll. Eine 'graue durchsichtige' Tafel würde ihn dann etwa vermindern.

185. [/] Von einer grünen Glastafel würde man etwa sagen, sie gäbe den Dingen ihre Farbe. Tut das aber meine 'weiße' Tafel? — Gibt das grüne Medium den Dingen seine Farbe, dann vor allem den *weißen*.

186. Eine dünne Schicht eines gefärbten Mediums färbt die Dinge nur schwach: wie soll ein dünnes 'weißes' Glas sie färben? Soll es ihnen noch nicht alle Farbe entziehen?

187. [/] "Weißes Wasser wird man sich nicht denken können, was rein ist,..." Das heißt: man kann nicht beschreiben, wie etwas weißes Klares aussähe, und das heißt: man weiß nicht, welche Beschreibung von Einem durch diese Worte geforderte wird.

188. [/] Wir wollen keine Theorie der Farben finden (weder eine physiologische, noch eine psychologische), sondern die Logik der Farbbegriffe. Und diese leistet, was man sich oft mit Unrecht von einer Theorie erwartet hat.

189. Damit daß Einem die Farbwörter durch Hinweisen auf farbige Stücke Papier erklärt wurden, ist der Begriff der *Durchsichtigkeit* noch nicht / berührt // erklärt //. Es ist dieser Begriff, der zu den verschiedenen Farbbegriffen / ungleiche // verschiedene // Beziehungen hat.

190. Wer also sagen wollte, daß man es doch den Farben gar nicht anmerkt, daß ihre Begriffe so verschieden / seien // sind //, dem muß man antworten, daß er eben auf das Analoge (die Gleichheit) in diesen Begriffen sein Augenmerk / gerichtet hat // richtet //, die

Verschiedenheiten aber in den Beziehungen zu andern Begriffen liegen. [Dazu eine bessere Bemerkung.][44]

191. [/] Wenn die grüne Glastafel den Dingen hinter ihr grüne Farbe gibt, so macht sie Weiß zu Grün, Rot zu Schwarz, Gelb zu Grüngelb, Blau zu Grünlichblau. Die weiße Tafel sollte also alles weißlich machen, also alles *blaß*; und warum dann das Schwarz nicht zu Grau? — Auch ein gelbes Glas verdunkelt, soll ein weißes auch verdunkeln?

192. [/] Jedes gefärbte Medium verdunkelt, was dadurch gesehen wird, / es schluckt Licht // indem es Licht schluckt //: Soll nun mein weißes Glas auch verdunkeln? Und je dicker es ist, desto mehr? Aber es soll ja Weiß weiß lassen: So wäre ja das 'weiße Glas' eigentlich ein dunkles Glas.

193. [/] Wenn Grün dadurch weißlich wird, warum wird Grau nicht weißlicher, und warum dann Schwarz nicht zu Grau?

194. Das gefärbte Glas darf doch die Dinge hinter ihm nicht aufhellen: / Wie soll also etwas Grünes dadurch gesehen werden? Weißlich grün? // Was soll also z.B. mit etwas Grünem geschehen? Soll ich es als ein Graugrün sehen? //

195. Würden alle Farben weißlich, so würde das Bild mehr und mehr an Tiefe verlieren.

196. Grau ist nicht schlecht beleuchtetes Weiß, Dunkelgrün nicht schlecht beleuchtetes Hellgrün.

Man sagt zwar "In der Nacht sind alle Katzen grau", aber das heißt eigentlich: wir können ihre Farben nicht unterscheiden und sie *könnten* auch grau sein.

197. Worin liegt hier der entscheidende Unterschied zwischen Weiß und den andern Farben? Liegt er in der / Asymmetrie / ihrer // der // Verwandtschaften // Ungleichartigkeit der Verwandtschaften // //

---

[44] Os colchetes são de Wittgenstein.

ungleichartigen Verwandtschaften // // andersartigen Verwandtschaften //? Und das heißt eigentlich in der / ungleichartigen // besondern // Stellung im Farbenoktaeder? / Oder vielmehr in ihrem ungleichartigen Verhältnis zu Hell und Dunkel? // Oder ist es vielmehr die ungleiche Stellung der Farben gegen Dunkel und Hell? //

198. Was soll der Maler malen, der die Wirkung eines weiß-durchsichtigen Glases hervorrufen will?

Soll Rot und Grün (etc.) weißlich werden?

199. [/] Ist der Unterschied nicht einfach, daß jedes gefärbte Glas das Weiß färben soll, und meines es entweder unverändert lassen, oder einfach verdunkeln muß?

200. [/] Weiß durch ein gefärbtes Glas erscheint in der Farbe des Glases. Das ist eine Regel / für den Schein der Durchsichtigkeit // für die Färbung //. So erscheint Weiß durch das weiße Glas weiß, also wie durch ein ungefärbtes.

201. [/] Lichtenberg redet von 'reinem Weiß' und meint damit die *hellste* der Farben. Niemand könnte so von reinem Gelb reden.

202. [/] Zu sagen, Weiß sei körperlich, ist seltsam, da ja auch Gelb und Rot die Farben von Oberflächen sein können und man sie als solche nicht kategorisch von Weiß unterscheidet.

203. {/} / Schaut // Sieht // man einen weißen Würfel mit verschieden hell beleuchteten Flächen durch ein gelbes Glas an, so erscheint er nun gelb und seine Flächen wieder verschieden stark beleuchtet. Wie soll er durch ein weißes Glas ausschauen? Und wie soll ein gelber Würfel durch ein weißes Glas ausschauen?

204. [/] Soll es sein, als hätte man Weiß, oder als hätte man Grau zu seinen Farben gemischt?

205. [/] Könnte nicht ein Glas Weiß, Schwarz und Grau unverändert lassen und die übrigen Farben weißlich färben? Und käme so eins nicht am nächsten dem weißen und durchsichtigen? Die Wirkung würde dann sein wie einer Photographie, welche eine Spur der natürlichen Farben noch beibehält. Der Dunkelheitsgrad jeder Farbe müßte / dann // aber // gewahrt, und gewiß nicht *vermindert* werden.

206. [/] Soviel kann ich verstehen, daß eine physikalische Theorie (wie die Newtons) die Probleme, die Goethe bewegten, nicht lösen kann, wenn auch er selbst sie nicht gelöst hat.

207. [/] Wenn ich reines Rot durch das Glas ansehe und es sieht grau aus, ist hier wirklich der Graugehalt der Farbe durch das Glas gekommen? D.h.: *scheint* es auch nur so?

208. [/] Warum fühle ich, daß ein weißes Glas das Schwarz färben müßte, wenn es irgendetwas färbt, während ich mir's gefallen lasse, daß / das Gelb vom Schwarz verschluckt wird // ein gelbes das Schwarz nicht berührt // ? Ist es nicht, weil das klare Gefärbte vor allem einmal das Weiß färben / müßte // muß, und tut es das nicht und ist Weiß, dann ist es trüb?

209. Wenn man stark blinzelnd in eine Gegend schaut, so werden die Farben undeutlicher und alles nimmt mehr den Charakter des Schwarzweißen an; aber ist es mir da, als sähe ich durch eine so oder so gefärbte Scheibe?

210. [/] Man spricht oft vom Weißen als unfärbig. Warum? (Man tut es auch, wenn man nicht an die Durchsichtigkeit denkt.)

211. [/] Und es ist merkwürdig, daß das Weiße manchmal auf gleicher Stufe mit den andern reinen Farben erscheint (Flaggen), und manchmal wieder nicht.[45]

---

[45] Este parágrafo está separado do seguinte por uma linha.

Warum nennt man z.B. ein weißliches Grün oder Rot, "nicht *satt*"? Warum *schwächt* das / Weißliche // Weiß // diese Farben, aber nicht das / Gelbliche // Gelb //? Liegt das an der Psychologie (der Wirkung) der Farben, oder an ihrer Logik[?] Nun, daß man gewisse Wörter wie "satt", "schmutzig", etc. verwendet, beruht auf Psychologischem; daß man aber überhaupt / eine scharfe Unterscheidung // einen scharfen Unterschied // macht, deutet auf Begriffliches.

212. [/] Hängt das damit zusammen, daß Weiß *alle* Gegensätze nach und nach aufhebt, während Rot das nicht tut?

213. [/] Ein und dasselbe Thema hat in Moll einen andern Charakter als in Dur, aber von einem Charakter des Moll im Allgemeinen zu sprechen ist ganz falsch. (Dur und Moll bei Schubert. Bei Schubert klingt das Dur oft trauriger als das Moll.) Und so ist es, glaube ich, müßig und ohne Nutzen für das Verständnis der Malerei, von den Charakteren der einzelnen Farben zu reden. Man denkt eigentlich dabei nur an spezielle Verwendungen. Daß Grün als Farbe einer Tischdecke die, Rot jene Wirkung hat, läßt auf ihre Wirkung in einem Bild keinen Schluß zu.

214. [/] Weiß löst alle Farben auf, — tut dies Rot auch?

215. [/] Warum gibt es kein braunes Licht und kein graues? Gibt es auch kein weißes? Ein leuchtender Körper kann weiß erscheinen; aber weder braun, noch grau.

216. [/] Warum kann man sich keine Grauglut vorstellen?

Warum kann man sie sich nicht als einen geringeren Grad der Weißglut denken?

217. [/] Daß etwas, was zu leuchten scheint, nicht auch grau erscheinen kann, muß darauf deuten, daß das leuchtende Farblose immer "weiß" heißt, es lehrt uns also etwas über / unsern // den // Begriff des Weißen.

218. [/] Ein schwaches weißes Licht ist nicht ein graues Licht.

219. [/] Aber der Himmel, der alles, was wir sehen, beleuchtet, kann doch grau sein! Und wie weiß ich vom bloßen Augenschein, daß er nicht selbst leuchtet?

220. [/] D.h. etwa: 'grau' oder 'weiß' ist etwas nur in einer bestimmten Umgebung.

221. [/] Ich sage hier nicht, was die Gestaltpsychologen sagen: daß der *Eindruck des Weißen* so und so zustande komme. Sondern die Frage ist gerade: was der Eindruck des Weißen sei, was die Bedeutung dieses Ausdrucks, die Logik des Begriffes 'weiß' ist.

222. [/] Denn, daß man sich etwas 'Grauglühendes' nicht denken kann, gehört nicht in die Psychologie der Farbe.

223. [/] Denk Dir, es würde uns gesagt, daß eine Substanz mit grauer Flamme brennt. Du kennst doch nicht die Farbe der Flammen sämtlicher Stoffe: warum sollte das also nicht möglich sein? Und doch hieße es nichts. Wenn ich so etwas hörte, würde ich nur denken, die Flamme sei *schwach leuchtend*.

224. [/] Was leuchtend *aussieht*, sieht nicht grau aus. Alles Graue *sieht* beleuchtet *aus*.

Daß aber etwas 'leuchtend aussehen' kann, das macht die Verteilung der Helligkeiten im / Gesehenen // Gesichtsfeld //, aber es gibt auch ein 'etwas *als* leuchtend sehen', man kann unter gewissen Umständen, reflektiertes Licht für das Licht eines leuchtenden Körpers halten.

225. {/} [/] Ich könnte also etwas *jetzt* als schwach leuchtend, *jetzt* als grau sehen.

226. [/] Was man als leuchtend sieht, sieht man nicht als grau. Wohl aber kann man es als weiß sehen.

227. [/] Man redet von einem 'dunkelroten Schein', aber nicht von einem 'schwarzroten'.

228. Es gibt einen *Eindruck* des Leuchtens.

229. [/] Es ist nicht dasselbe zu sagen / : der Eindruck des Weißen oder Grauen kommt unter / diesen // solchen // // den und den // / Bedingungen // Umständen // zustande (kausal) // , daß dieser Eindruck unter / diesen // solchen // // den und den// / Bedingungen // Umständen // zustande kommt (kausal) // , und daß er / der // ein // Eindruck eines bestimmten Kontextes ist (Definition). (Das erste ist Gestaltpsychologie, das zweite Logik).

230. 'Urphänomen' ist z.B., was Freud an den einfachen Wunschträumen zu / erkennen // sehen // glaubte. Das Urphänomen ist eine vorgefaßte Idee, die von uns Besitz ergreift.

231. [/] Erschiene mir in der Nacht ein Gespenst, so könnte es mit einem schwachen weißlichen Schein leuchten; sähe es aber grau aus, so müßte das Licht von woanders zu kommen scheinen.

232. [/] Die Psychologie, wenn sie vom Schein spricht, verbindet Schein / mit // und // Sein. Wir aber können vom Schein allein sprechen (oder wir verbinden Schein und Schein).

233. [/] Man könnte sagen, die Farbe des Gespenstes sei die, die ich auf der Palette mischen muß, um es genau abzumalen.

Wie aber bestimmt man, was das genaue Bild ist?

234. [/] Die Psychologie verbindet das Erlebte mit etwas Physischem, wir aber das Erlebte mit Erlebtem.

235. Man könnte Halbdunkel im Halbdunkel malen. Und die 'richtige Beleuchtung' eines Bildes könnte das Halbdunkel sein. (Bühnenmalerei.)

236. [/] Eine glatte weiße Fläche kann spiegeln: Wie nun, wenn man sich irrte, und das, was in einer solchen Fläche gespiegelt erscheint, wirklich hinter ihr wäre und durch sie gesehen würde? Wäre sie dann weiß-

durchsichtig? Auch dann entspräche, was wir sehen, nicht dem färbigen Durchsichtigen.

237. [/] Man spricht von einem 'schwarzen Spiegel'. Aber wenn er spiegelt, *verdunkelt* er zwar, sieht aber nicht schwarz aus und sein Schwarz 'schmutzt' nicht.

238. Warum ertrinkt Grün im Schwarz, und Weiß nicht?

239. [/] Es gibt Farbbegriffe, die sich nur auf die visuelle Erscheinung einer Fläche beziehen, und es könnte / solche // welche // geben, die sich nur auf / die Erscheinung durchsichtiger Medien // durchsichtige Medien //, oder vielmehr den visuellen Eindruck solcher, beziehen. Man könnte auch ein weißes Glanzlicht, auf Silber etwa, nicht "weiß" nennen wollen, und es von der weißen Farbe einer Oberfläche unterscheiden. Daher, glaube ich, das Reden von "durchsichtigem" Licht.

240.[/] Wenn man einem Kind die Farbbegriffe so beibrächte, daß man auf gefärbte Flammen, oder gefärbte durchsichtige Körper zeigte, so würde die Eigentümlichkeit von Weiß, Grau und Schwarz klarer zu Tage kommen.

241. [/] Daß nicht alle Farbbegriffe logisch gleichartig sind, sieht man leicht. Man sieht leicht den Unterschied der Begriffe: 'Farbe des Goldes' oder 'Farbe des Silbers' und 'gelb' oder 'grau'.

Daß aber ein einigermaßen verwandter Unterschied zwischen 'Weiß' und 'Rot' besteht, ist schwer zu sehen.

242. [/] Milch ist nicht darum undurchsichtig, weil sie weiß ist, — als wäre das Weiß etwas undurchsichtiges.

Wenn schon 'Weiß' ein Begriff[46] ist, der sich nur auf eine visuelle Oberfläche bezieht, warum gibt es dann nicht einen dem 'Weiß' verwandten Farbbegriff, der sich auf Durchsichtiges bezieht?

---

[46] Aqui, um mistério. Pela numeração do manuscrito não parece faltar nesta altura qualquer página ou folha. À página numerada 74, segue-se, como usitado, página não numerada, à qual, por sua feita, segue-se a de número 75. Não parece faltar e, entretanto,

243. Ein Medium, durch welches ein schwarz und weißes Muster (Schachbrett) unverändert erscheint, wird man nicht weiß gefärbt nennen wollen, auch wenn es die übrigen Farben in's Weißliche veränderte.

244. Grau und schwach erleuchtetes oder leuchtendes Weiß kann in *einem* Sinne die gleiche Farbe sein, denn wenn ich dieses *male*, muß ich vielleicht auf der Palette jenes mischen.

245. Ob ich etwas als grau oder als weiß sehe, kann davon abhängen, wie ich die Dinge um mich beleuchtet sehe. In einem Zusammenhang ist die Farbe für mich Weiß in schlechter Beleuchtung, im andern Grau in guter Beleuchtung.

246. Der Eimer, den ich vor mir sehe, ist glänzend weiß glasiert, ich könnte ihn unmöglich "grau" nennen oder sagen "Ich sehe eigentlich grau". Aber er hat ein Glanzlicht, das weit heller ist als seine übrige Fläche, und, da er rund ist, geht er vom Licht allmählich in den Schatten über, ohne doch anders gefärbt zu erscheinen.

247. Welches ist die Farbe des Eimers an *dieser* Stelle? Wie soll ich's entscheiden?

248. [/] Es gibt zwar nicht Phänomenologie, wohl aber phänomenologische Probleme.

249. [/] Man möchte sagen: Beimischung von Rot verdünnt die Farben nicht, Beimischung von Weiß verdünnt sie.

Anderseits empfindet man Rosa, oder ein weißliches Blau nicht immer als verdünnt.

250. [/] Kann man sagen: "Leuchtendes Grau ist Weiß"?

---

falta o equivalente a talvez uma folha inteira, pois não temos em nosso exemplar o manuscrito correspondente ao texto deste ponto até o § 247, inclusive. Duas folhas devem ter recebido o mesmo número (74 ou 75), e nos falta uma delas.

251. [/] Die Schwierigkeiten, die / wir beim Nachdenken über das Wesen der Farben begegnen // man beim Nachdenken über das Wesen der Farben empfindet // (mit denen sich Goethe durch die Farbenlehre auseinandersetzen wollte), / liegen schon darin beschlossen, daß wir nicht / nur einen // einen // Begriff der Farbengleichheit haben, sondern deren mehrere, mit einander verwandte. // liegen schon in der Vielfältigkeit der Aspekte unsres Begriffs der Farbengleichheit. // // liegen schon in der / Vielfältigkeit // Vielgestaltigkeit // der verwandten Begriffe der Farbengleichheit beschlossen. // // liegen schon in der / Vielfältigkeit // Vielgestaltigkeit // / des // unsres // Begriffes der Farbengleichheit beschlossen. //

252. [/] Die Frage ist: / Wie muß das Gesichtsbild beschaffen sein, damit es uns vorkommt, wir sähen es weiß? // Welcher Art muß unser Gesichtsbild sein, wenn wir es das eines gefärbten durchsichtigen Mediums nennen sollen? // / Oder auch // Man könnte auch so fragen //: Wie muß etwas ausschauen, damit es uns als gefärbt und durchsichtig erscheint? Dies ist keine Frage der Physik, aber mit physikalischen Fragen verbunden.

253.[47] [/] Wie ist unser Gesichtsbild beschaffen, welches wir dasjenige eines farbigen durchsichtigen Mediums nennen?

71*. | Ich glaube nicht, daß Shakespeare über das 'Dichterlos' hätte nachdenken können. |

72*. | Er konnte sich auch nicht selbst als Prophet oder Lehrer der Menschheit betrachten.

Die Menschen staunen ihn an, beinahe wie ein Naturschauspiel. Sie fühlen nicht, daß sie dadurch mit einem großen *Menschen* in Berührung kommen. Sondern mit einem Phänomen. |

73*. | Ich glaube, um einen Dichter zu genießen, dazu muß man auch die Kultur, zu der er gehört, *gern haben*. Ist die einem gleichgültig oder

[47] Este parágrafo não está separado do anterior.

zuwider, / so ist nur eine kalte Bewunderung möglich. // so erkaltet die Bewunderung. // |

254. {S} [/] Es gibt scheinbar, was man "Stoffarben" und was man "Oberflächenfarben" nennen kann.

255. Unsre Farbbegriffe beziehen sich manchmal auf Substanzen (Schnee ist weiß), manchmal auf Oberflächen (dieser Tisch ist braun), manchmal auf die Beleuchtung (im rötlichen Abendschein), manchmal auf durchsichtige Körper. Und gibt es nicht auch eine Anwendung auf eine Stelle im Gesichtsfeld logisch unabhängig / von einem // vom // räumlichen Zusammenhang?

Kann ich nicht sagen: "Dort sehe ich weiß" (und es etwa malen), auch wenn ich das Gesichtsbild gar nicht räumlich deuten kann? (/ Fleckfarbe // Stellenfarbe //) (Ich denke an eine pointillistische Malweise.)

256. [/] Eine Farbe allgemein benennen können, heißt noch nicht, sie genau kopieren können.

Vielleicht kann ich sagen "Dort sehe ich eine rötliche Stelle" und kann doch nicht eine Farbe mischen, die ich als genau gleich anerkenne.

257. Male etwa, was Du siehst, wenn Du die Augen schließt! Und doch kannst Du es *ungefähr* beschreiben.

258. Denke an die Farben von poliertem Silber, Nickel, Chrom, etc., oder an die Farbe eines Ritzers in diesen Metallen.

259. [/] Ich gebe einer Farbe einen Namen "F" und sage, es sei die Farbe, die ich *dort* sehe. Oder vielleicht male ich mein Gesichtsbild und sage dann einfach "Ich sehe *dies*". Nun, welche Farbe ist an *dieser* Stelle meines Bildes? Wie bestimme ich es? Ich führe etwa das Wort "Kobaldblau" ein: Wie fixiere ich, was 'K' ist? Ich könnte ein Papier als Paradigma dieser Farbe nehmen, oder den Farbstoff in einem Topf. Und wie bestimme ich nun, daß eine Oberfläche (z.B.) diese Farbe habe? Alles kommt auf die Vergleichsmethode an.

260. Was man den "farbigen Gesamteindruck" einer Oberfläche nennen kann, ist nicht etwa eine Art arithmetisches Mittel aller Farben der Oberfläche.

261. | "Ich sehe (höre, fühle, etc.) X"
"Ich beobachte X"
X steht / das erste und das zweite mal // in diesen allem // nicht für den gleichen Begriff, auch wenn beidemale das der gleiche Ausdruck steht z.B. "einen Schmerz". Denn auf den ersten Satz / könnte // kann // die Frage folgen "Was für einen Schmerz?" und dies könnte man beantworten, indem man den Fragenden mit einer Nadel sticht. Folgt aber die Frage "Was für einen Schmerz?" auf den zweiten Satz, so muß die Antwort von andrer Art sein, z.B. "Den Schmerz in meiner Hand". |

262. [/] Ich möchte sagen "An *dieser* Stelle in meinem Gesichtsfeld ist *diese* Farbe (ganz abgesehen von jeder Deutung)". Aber wozu gebrauche ich diesen Satz? "*Diese*" Farbe muß (ja) eine sein, die ich reproduzieren kann. Und es muß bestimmt sein, unter welchen Umständen ich von etwas sage, es habe diese Farbe.

263. [/] Denk, jemand zeigte auf eine Stelle einer Iris in einem Rembrandtschen Gesicht und sagte, "Die Wand in meinem Zimmer soll in dieser Farbe gemalt werden".

264. [/] Daß wir sagen können "Diese Stelle in meinem Gesichtsfeld ist graugrün", bedeutet nicht, / daß wir wissen, was eine genaue Kopie / dieses // des // Farbtons zu nennen / wäre // ist //. // daß wir den genauen Ton der Farbe bestimmen können. //

265. [/] Ich male die Aussicht von meinem Fenster; eine bestimmte Stelle, bestimmt durch ihre Lage in der Architektur eines Hauses, male ich mit Ocker. Ich sage "Diese Stelle sehe ich in dieser Farbe".

Das bedeutet nicht, daß ich an dieser Stelle die Farbe Ocker sehe, denn / der // dieser // Farbstoff mag, so umgeben, mir viel heller oder dünkler, oder rötlicher, (etc.) als Ocker erscheinen.

Ich kann etwa sagen "So, wie ich sie hier (mit Ocker) gemalt habe, sehe ich diese Stelle; / nämlich als ein stark rötliches Gelb". // sie scheint mir aber stark rötlich". //

Wie aber, wenn man von mir verlangte, den *genauen* Farbton anzugeben, der mir hier erscheint? Wie soll ich ihn angeben und wie bestimmen? / Man könnte z.B. von mir verlangen, daß ich ein Farbmuster, ein rechteckiges Stück Papier von dieser Farbe, herstelle. Und // Ich könnte ein Stück Papier so färben und // ich sage nicht, daß so ein Vergleich ohne jedes Interesse / ist // wäre //, aber er zeigt, daß nicht von vornherein klar ist, wie Farbtöne zu vergleichen sind, und also: was hier "Farbengleichheit" bedeutet.

266. [/] Denken wir uns ein Gemälde in kleine Stücke von annähernd gleichmäßiger Färbung zerschnitten und diese Stücke dann als Steine eines Zusammenlegspiels verwendet. Auch dort, wo ein solcher Stein nicht einfärbig ist, soll er keine räumliche Form / andeuten lassen // erkennen lassen //, sondern als flacher Farbfleck erscheinen. Erst im Zusammenhang mit den andern wird er ein Stück Himmel, ein Schatten, ein Glanz, eine konkave oder konvexe Fläche etc.

267. [/] Man könnte also sagen, dies Zusammenlegspiel zeige die eigentlichen Farben der Stellen des Bildes.

268. [/] Man könnte geneigt sein, zu glauben, / eine // die // Analyse / unsrer // der // Farbbegriffe führe am Ende zu den Farben / von // der // Stellen unsres Gesichtsfelds, die von jeder räumlichen oder physikalischen Deutung unabhängig wären, denn hier gebe es weder Beleuchtung noch Schatten, noch Glanz, noch Durchsichtigkeit oder Undurchsichtigkeit, etc.

269. {/} [/] Was uns als einfärbiger, heller Strich ohne Breite auf dunklem Grunde erscheint, kann weiß aussehen, aber nicht grau. (?) Ein Planet könnte nicht hellgrau aussehen.

270. Würde man aber nicht unter Umständen den Punkt oder den Strich als grau *deuten*? (Denke an eine Photographie.)

271. [/] Sehe ich wirklich die Haare des Jungen auf der Photographie blond?! — Seh ich sie grau?

Schließe ich nur, daß, was auf dem Bild *so* ausschaut, in Wirklichkeit blond sein muß?

In *einem* Sinne *sehe* ich sie blond, in einem andern heller und dunkler grau.

272. 'Dunkelrot' und 'Schwarzrot' sind nicht gleichartige Begriffe. Ein Rubin kann in der Durchsicht dunkelrot erscheinen, aber, wenn er klar ist, nicht schwarzrot. Der Maler mag ihn / durch einen // als // schwarzroten Fleck darstellen, aber im Bild wird dieser Fleck nicht schwarzrot wirken. Er wird mit *Tiefe* gesehen, sowie das Flache dreidimensional erscheint.

273. [/] Im Film, wie auf der Photographie, sehen Gesicht und Haare nicht *grau* aus, sie machen einen ganz natürlichen Eindruck; Speisen auf einer Schüssel dagegen sehen im Film oft grau und darum unappetitlich aus.

274. [/] Wie heißt es aber, Haar sehe auf der Photographie blond aus? Wie zeigt sich's daß es so *aussieht*, und auf die Farbe nicht nur *geschlossen* wird? Welche unsrer Reaktionen läßt uns das sagen? — Sieht denn ein Kopf in Stein oder Gips nicht weiß aus?

275. [/] Wenn selbst das Wort "blond" blond *klingen* kann, wie viel eher können die photographierten Haare blond ausschaun!

276. [/] Nun, ich würde die Photographie ganz natürlich mit den Worten beschreiben: "An einer Maschine steht ein Mann mit dunklem und ein Junge mit zurückgekämmtem blondem Haar." So würde ich die *Photographie* beschreiben, und wenn Einer sagte, das beschreibe nicht sie, sondern die Objekte, die wahrscheinlich photographiert wurden, so könnte ich nur sagen, das Bild sieht so aus *als wären* die Haare von dieser Farbe gewesen.

277. [/] Wenn ich aufgefordert würde, die Photographie zu beschreiben, würde ich es in jenen Worten tun.

278. [/] Der Farbenblinde versteht die Aussage, er sei farbenblind. Der Blinde die, er sei blind. Aber sie können nicht alle Anwendungen dieser Sätze machen, die der Normale macht. Denn wie dieser Sprachspiele mit Farbworten z.B. beherrscht, die jene nicht erlernen können, so auch Sprachspiele mit den Worten "farbenblind" und "blind".

279. [/] Kann man dem Blinden beschreiben, wie das ist, wenn Einer *sieht*? — Doch; ein Blinder lernt ja manches über den Unterschied / zwischen ihm und dem // des Blinden vom // Sehenden. Und doch möchte man auf jene Frage Nein antworten. — Ist sie / [aber] // denn // nicht irreführend / gestellt? Kann man denn dem Sehenden beschreiben, wie das ist, wenn Einer sieht? Aber man *kann* ihm doch / erklären // beschreiben //, was Blindheit ist! D.h., man kann ihm das charakteristische Benehmen des Blinden beschreiben und man kann ihm die Augen verbinden. Anderseits kann man den Blinden nicht zeitweise sehend machen; wohl aber ihm das Benehmen des Sehenden beschreiben. // gestellt? Man kann einem, der nicht Fußball spielt, so wie einem, der es spielt, beschreiben, 'wie das ist, wenn Einer Fußball spielt', dem letztern vielleicht, / damit // daß // er die Beschreibung auf ihre Richtigkeit prüfe. //

280. [/] Kann man sagen 'Farbenblindheit' (oder 'Blindheit') sei ein Phänomen, 'Sehen' nicht?

Das würde etwa heißen: "Ich sehe" ist eine Äußerung, "Ich bin blind" nicht. Aber das ist doch nicht wahr. Man hält mich auf der Straße oft für blind. Ich könnte einem, der es tut, sagen "Ich sehe", d.h.: ich bin nicht blind.

281. [/] Man könnte sagen: Es ist ein Phänomen, daß es Leute gibt, die das und das nicht erlernen können. Dies Phänomen ist die Farbenblindheit. — Sie wäre also eine Unfähigkeit; das Sehen aber / die // eine // Fähigkeit.

282. [/] Ich sage dem B, der nicht Schach spielen kann: "A kann Schach nicht erlernen". B kann das verstehen. — Aber nun sage ich Einem, der überhaupt nicht im Stande ist, irgend ein Spiel zu erlernen, der und der könne ein Spiel nicht erlernen. Was weiß jener vom Wesen eines Spiels? Kann er z.B. nicht einen gänzlich falschen Begriff von einem Spiel haben? Nun, er mag verstehen, man könne weder ihn, noch den Andern zu einer Unterhaltung einladen, weil sie keine Spiele spielen können.

283. [/] Kommt alles, was ich hier sagen will, darauf hinaus, daß die Äußerung "Ich sehe einen roten Kreis" und die "Ich sehe, bin nicht blind" logisch verschieden sind? Wie prüft man einen Menschen, um zu finden, ob die erste Aussage wahr ist? wie, ob die zweite wahr ist? Die Psychologie lehrt Farbenblindheit zu konstatieren, und eben dadurch auch normales Sehen. Aber *wer* kann dies erlernen?

284. [/] Ich kann niemand ein Spiel lehren, das ich selbst nicht erlernen kann. Ein Farbenblinder kann dem Normalsehenden nicht den normalen Gebrauch der Farbwörter lehren. Ist das wahr? Er kann ihm das Spiel, den Gebrauch nicht *vorführen*.

285. [/] Könnte nicht der Angehörige eines farbenblinden Volkes auf den Gedanken kommen, sich fremdartige Menschen auszumalen (die wir "normalsehend" nennen würden)? Könnte er so einen normal Sehenden nicht z.B. auf dem Theater darstellen? Wie er auch einen darstellen kann, der die Gabe der Prophetie hat, ohne sie zu haben. Das ist zum mindesten denkbar.

286. [/] Wären aber Farbenblinde je darauf verfallen, sich selbst "farbenblind" zu nennen? — Warum nicht?

Wie aber könnten 'normal Sehende' den 'normalen' Gebrauch der Farbwörter erlernen, wenn sie die Ausnahmen in einer farbenblinden Bevölkerung wären? — Ist es nicht / möglich // denkbar //, daß sie eben Farbworte 'normal' gebrauchen, vielleicht, in den Augen der Andern, gewisse Fehler machen, bis diese die ungewöhnlichen Fähigkeiten endlich schätzen lernten?

287. [/] Ich kann mir vorstellen (ausmalen), wie es mir erscheinen wird, wenn ich / einen solchen // so einen // Menschen treffe.

288. [/] Ich kann mir vorstellen, wie ein Mensch handeln würde, dem das unwichtig ist, was mir wichtig ist. Aber kann ich mir seinen *Zustand* vorstellen? — Was heißt das? — Kann ich mir den Zustand Eines vorstellen, dem wichtig ist, was mir wichtig ist?

289. Ich könnte (auch) Einen genau nachmachen, der eine Multiplikation rechnet, ohne selbst das Multiplizieren erlernen zu können.

Und ich könnte dann Andre nicht multiplizieren lehren, obwohl es denkbar wäre, daß ich den Anstoß dazu gäbe, daß Einer es erlernt.

290. Ein Farbenblinder kann offenbar die Prüfung schildern, bei der seine Farbenblindheit zu Tage kam. Und was er / danach // hernach // schildern kann, das hätte er auch erfinden können.

291. [/] Kann man Einem höhere Mathematik beschreiben, außer indem man sie ihm beibringt? Oder auch: *Ist* dieser Unterricht eine *Beschreibung* der Rechnungsart? Einem das Tennisspiel beschreiben heißt *nicht*, es ihn lehren (u.u.). Anderseits: wer nicht wüßte, was Tennis ist und es nun spielen lernt, der weiß es dann. ("Knowledge by description and knowledge by acquaintance.")

292. [/] Wer absolutes Gehör hat, kann ein Sprachspiel erlernen, welches ich nicht erlernen kann.

293. Man könnte sagen, die Begriffe der Menschen zeigen, worauf es ihnen ankommt und worauf nicht. Aber nicht als *erklärte* das die besondern Begriffe, die sie haben. Es soll nur die Auffassung ausschließen, als hätten wir richtige, andre Leute falsche Begriffe. (Es gibt einen Übergang von einem Rechenfehler zu einer andern Art des Rechnens.)

294. [/] Wenn Blinde, wie sie es / gern // oft // tun, vom blauen Himmel und anderen / spezifisch visuellen Erscheinungen // spezifischen Gesichtserscheinungen // reden, sagt der Sehende oft "Wer weiß, was er

sich darunter vorstellt[?]". Warum sagt er es aber nicht von jedem andern Sehenden? Es ist natürlich überhaupt ein falscher Ausdruck.

295. Das, worüber ich so langwierig schreibe, kann einem Andern mit unverdorbenerem Verstande selbstverständlich sein.

296. Wir sagen: "Denken wir uns Menschen, welche *dieses* Sprachspiel nicht kennen." Aber damit haben wir noch keine klare Vorstellung vom Leben dieser Menschen, wo es vom unsern abweicht. Wir wissen noch nicht, was wir uns vorzustellen haben; denn das Leben jener Menschen soll ja im übrigen dem unsern entsprechen, und es ist erst zu bestimmen, was wir unter den neuen Umständen ein dem unsern entsprechendes Leben nennen würden.

Ist es nicht, als sagte man: Es gibt Menschen, die ohne den König Schach spielen? Es treten sofort Fragen auf: Wer gewinnt nun, wer verliert, u.a. Du mußt *weitere* Entscheidungen treffen, die Du in jener ersten Bestimmung noch nicht vorhersiehst. Wie Du ja auch die ursprüngliche Technik nicht übersiehst, nur daß sie Dir von Fall zu Fall geläufig ist.

297. Zur Verstellung gehört auch, daß man Verstellung beim Andern für möglich halte.

298. Wenn Menschen sich so benehmen, daß wir Verstellung vermuten möchten, aber diese Menschen zeigen untereinander kein Mißtrauen, dann ergeben sie doch nicht das Bild von Menschen, die sich verstellen.

299. 'Wir müssen uns immer wieder über diese Leute wundern.'

300. Wir könnten gewisse Leute auf der Bühne darstellen und ihnen Selbstgespräche (asides) in ihren Mund legen, die sie natürlich im wirklichen Leben nicht aussprachen, die aber doch ihren Gedanken entsprächen. Fremdartige Menschen aber könnten wir so nicht darstellen. Selbst, wenn wir ihre Handlungen voraussehen könnten, könnten wir ihnen keine passenden Selbstgespräche in den Mund legen.

Und doch ist auch in dieser Betrachtungsweise etwas Falsches. Denn Einer könnte, während er handelt, wirklich etwas zu sich selbst sagen, und dies könnte / z.B. // einfach // ganz konventionell sein.

301. Daß ich eines Menschen Freund sein kann, beruht darauf, daß er die gleichen, oder ähnliche *Möglichkeiten* hat wie ich selbst.

302. Wäre es richtig zu sagen, in unsern Begriffen spiegle sich unser Leben?

Sie stehen mitten in ihm.

303. / Die Regelmäßigkeit unsrer Sprache // Unsre Sprache // durchdringt unser Leben.

304. Von wem würden wir sagen, er habe unsern Begriff des Schmerzes nicht? Ich könnte annehmen, er kenne Schmerzen nicht, aber ich will annehmen, er kenne sie; er gibt also Schmerzäußerungen von sich und man könnte ihm die Worte "Ich habe Schmerzen" beibringen. Soll er auch fähig sein, sich seiner Schmerzen zu erinnern? — Soll er Schmerzäußerungen der Andern als solche erkennen; und wie zeigt sich das? Soll er Mitleid zeigen? — Soll er gespielten Schmerz *als solchen* verstehen?

305. "Ich weiß nicht, *wie* ärgerlich er war." "Ich weiß nicht, ob er *wirklich* ärgerlich war." — Weiß er's selbst? Nun fragt man ihn, und er sagt "Ja, ich war's".

306. Was ist denn das: die *Unsicherheit* darüber, ob der Andre ärgerlich war? Ist es ein Zustand der Seele des Unsichern? Warum soll der uns beschäftigen? Sie liegt in dem Gebrauch der Aussage "Er ist ärgerlich".

307. Aber Einer ist unsicher, der Andre kann sicher sein: er 'kennt den Gesichtsausdruck' dieses Menschen, wenn er ärgerlich ist. Wie lernt er dieses Anzeichen des Ärgers als solches kennen? Das ist nicht leicht zu sagen.

308. Aber nicht nur: "Was heißt es, über den Zustand des Andern unsicher sein?" — sondern auch: "Was heißt es '*Wissen*, sicher sein, daß jener sich ärgert'?"

309. Hier könnte man nun fragen, was ich denn eigentlich will, wieweit ich die Grammatik behandeln will.

310. {/} Es ist etwas gemeinsam der Sicherheit, daß er mich besuchen wird, und der Sicherheit, daß er sich ärgert. Es ist auch etwas dem Tennisspiel und dem Schachspiel gemeinsam, aber niemand würde hier sagen: "Ganz einfach: sie spielen beidemale, nur eben etwas andres."[48] Man sieht in *diesem* Falle die Unähnlichkeit mit "Er ißt einmal einen Apfel, ein andermal eine Birne", während man sie in jenem Fall nicht so leicht sieht.

311. {/} "Ich weiß, daß er gestern angekommen ist" — "Ich weiß, daß 2×2=4 ist." — "Ich weiß, daß er Schmerzen hatte" — "Ich weiß, daß dort ein Tisch steht."

312.[49] Ich weiß jedesmal, nur immer etwas anderes? *Freilich*, — aber die Sprachspiele / sind weit verschiedener, als (es) uns bei diesen Sätzen zu Bewußtsein kommt. // sind viel weiter von einander entfernt, als diese Ausdrücke es vermuten lassen. // // sind weit verschiedener, als die Sätze, die sagen was ich weiß. //

313. "Die Welt der Physikalischen Gegenstände und die Welt des Bewußtseins." Was weiß ich von *dieser*? Was mich meine Sinne lehren? Also, wie das ist, wenn man sieht, hört, fühlt etc. etc. — Aber lerne ich das wirklich? Oder lerne ich, wie das ist, wenn *ich jetzt* sehe, höre, etc. und *glaube*, daß es auch früher so war?

314. Was ist eigentlich die '*Welt*' des Bewußtseins? Da möchte ich sagen: "Was in meinem Geist vorgeht, jetzt in ihm vorgeht, was ich sehe, höre,...." Könnten wir das nicht vereinfachen und sagen: "Was ich jetzt sehe." [?] —

---

[48] Grifos ondulados, em ambas as margens, a partir deste ponto do parágrafo.

[49] Este parágrafo não está separado do anterior.

315. Die Frage ist offenbar: Wie 'vergleichen' wir physikalische Gegenstände — wie Erlebnisse?

316. Was ist eigentlich die 'Welt des Bewußtseins'? — Was in meinem Bewußtsein ist: was ich jetzt sehe, höre, fühle,..... — Und was, z.B., sehe ich jetzt? Darauf kann die Antwort nicht sein: "Nun, *alles das*", mit einer umfassenden Gebärde.

317. Wenn der an Gott Glaubende um sich sieht und fragt "Woher ist alles, was ich sehe?", "Woher das alles?", verlangt er *keine* (kausale) Erklärung; und der Witz seiner Frage ist, daß sie der Ausdruck dieses Verlangens ist. Er drückt also eine / Einstellung // Stellungnahme // zu allen Erklärungen aus. — Aber wie zeigt sich die in seinem Leben? Es ist die Einstellung, die eine bestimmte Sache ernst nimmt, sie aber dann an einem bestimmten Punkte[50] doch nicht ernst nimmt, und erklärt, etwas anderes sei noch ernster.

So kann Einer sagen, es ist sehr ernst, daß der und der gestorben ist, ehe er ein bestimmtes Werk vollenden konnte; und in anderem Sinne kommt's darauf gar nicht an. Hier gebraucht man die Worte "in einem tiefern Sinne".

Eigentlich möchte ich sagen, [daß es auch hier nicht auf die *Worte* ankommt, die man ausspricht, oder auf das, was man dabei denkt, sondern auf den Unterschied, den sie an verschiedenen Stellen im Leben machen.][51] Wie weiß ich, daß zwei Menschen das gleiche meinen, wenn jeder sagt, er glaube an Gott? Und ganz dasselbe kann man bezüglich der 3 Personen sagen. Die Theologie, die auf den Gebrauch / bestimmter // *gewisser* // Worte und Phrasen dringt und andere verbannt, macht nichts klarer. (Karl Barth.) Sie fuchtelt sozusagen mit Worten [herum, weil sie] etwas sagen will / und nicht weiß, wie man es ausdrücken kann // und es nicht auszudrücken weiß //. *Die Praxis* gibt den Worten ihren Sinn.

---

[50] Não fica claro se o grifo ondulado, aqui indicado, refere-se a estas palavras ou às de uma variante riscada.

[51] Indicamos, excepcionalmente, entre colchetes trecho a que se refere um grifo lateral ondulado.

318. Ich beobachte diesen Fleck. "Jetzt ist er *so*" — dabei zeige ich etwa auf ein Bild. Ich mag ständig das gleiche *beobachten*, und was ich *sehe*, mag dabei geichbleiben, oder sich (ver)ändern. Was ich beobachte und was ich sehe, hat nicht die gleiche (Art der) Identität. Denn die Worte "dieser Fleck" z.B. lassen die (Art der) Identität, die ich meine, nicht erkennen.

319. "Die Psychologie beschreibt die Phänomene der Farbenblindheit und auch des normalen Sehens." Was sind die 'Phänomene der Farbenblindheit'? Doch die Reaktionen des Farbenblinden, durch die er sich vom Normalen unterscheidet. Doch nicht *alle* Reaktionen des Farbenblinden, z.B. auch die, durch / welche // die // er sich vom Blinden unterscheidet. — Kann ich den Blinden lehren, was Sehen ist, oder kann ich den Sehenden / dies // es // lehren? Das heißt nichts. Was heißt es denn: das *Sehen* zu beschreiben? Aber ich kann Menschen die Bedeutung der Worte "blind" und "sehend" lehren, und zwar lernt sie der Sehende, wie der Blinde. Weiß denn der Blinde, wie das ist, wenn man sieht? Aber weiß es der Sehende?! Weiß er auch, wie es ist, Bewußtsein zu haben?

Aber kann nicht der Psychologe den Unterschied zwischen dem Benehmen des Sehenden und des Blinden beobachten? (Der Meteorologe den Unterschied zwischen Regen und Trockenheit?) Man könnte doch z.B. den Unterschied des Benehmens beobachten von Ratten, denen man die Barthaare genommen hat, und von unverstümmelten. Und das / könnte // müßte // man nennen vielleicht die Rolle dieses Tastapparates zu beschreiben — Das Leben der Blinden ist anders als das Leben der Sehenden.

320. Der Normale kann z.B. erlernen, nach Diktat schreiben. Was ist das? Nun, der Eine spricht, der Andre schreibt, was jener spricht. / Sagt er z.B. den Laut *a*, // Wenn er z.B. den Laut *a* sagt, // so schreibt der Andre das Zeichen "a" etc. — Muß nun nicht, wer diese Erklärung *versteht*, das Spiel entweder schon gekannt haben, nur vielleicht nicht unter diesem Namen, — oder es durch die Beschreibung / lernen // gelernt haben //? Aber Karl der Große hat gewiß das Prinzip des Schreibens verstanden, und doch nicht schreiben lernen können. So kann also auch der die Beschreibung der Technik verstehen, der / diese // sie // nicht erlernen kann. Aber es gibt

eben zwei Fälle des Nicht-erlernen-könnens. In einem erlangen wir bloß eine Fertigkeit nicht, im andern fehlt uns das Verständnis. Man kann Einem ein Spiel *erklären*: Er mag diese Erklärung verstehen, aber das Spiel nicht erlernen können, oder unfähig sein, eine Erklärung des Spiels zu verstehen. Es ist aber auch das Umgekehrte denkbar.

321. "Du siehst den Baum, der Blinde sieht ihn nicht." Das müßte ich einem Sehenden sagen. Und also einem Blinden: "Du siehst den Baum nicht, wir sehen ihn"? Wie wäre das, wenn der Blinde zu sehen glaubte, oder ich glaubte, ich könne nicht sehen?

322. Ist es ein Phänomen, daß ich den Baum sehe? Es ist eins, daß ich dies richtig als Baum erkenne, daß ich nicht blind bin.

323. "Ich sehe einen Baum" als Äußerung des visuellen Eindrucks, ist es die Beschreibung eines Phänomens? *Welches* Phänomens? Wie kann ich Einem dies erklären?

Und ist es nicht doch für den Andern ein Phänomen, daß *ich* diesen Gesichtseindruck habe? Denn es ist etwas, was er beobachtet, aber nicht etwas, was ich beobachte.

Die Worte "Ich sehe einen Baum" sind nicht die Beschreibung eines Phänomens. (Ich könnte z.B. nicht sagen "Ich sehe einen Baum! wie merkwürdig!", / wohl aber // aber wohl //: "Ich sehe einen Baum, obwohl keiner da ist. Wie merkwürdig!")

324. Oder soll ich sagen: "Der Eindruck ist kein Phänomen; daß L. W. diesen Eindruck hat, ist eins"?

325. (Man könnte sich denken, daß Einer den Eindruck, gleichsam wie einen Traum, vor sich hin spricht, ohne das Pronomen der ersten Person.)

326. Beobachten ist nicht das gleiche wie betrachten, oder anblicken.

"Betrachte diese Farbe und sag, woran sie Dich erinnert." Ändert sich die Farbe, so betrachtest Du nicht mehr die, welche ich meinte.

Man beobachtet, um zu sehen, was man nicht sähe, wenn man nicht beobachtet.

327. Man sagt etwa: "Betrachte diese Farbe für einige Zeit." Das tut man aber nicht, um mehr zu *sehen*, als man auf den ersten Blick gesehen hätte.

328. [/] Könnte es in einer "Psychologie" der Satz stehen: "Es gibt Menschen, welche *sehen*"?

Nun, wäre das falsch? — Aber wem wird hier etwas mitgeteilt? (Und ich meine nicht nur: was mitgeteilt wird, sei schon längst bekannt.)

329. [/] Ist mir bekannt, daß ich sehe?

330. Man könnte sagen wollen: Wenn es solche Menschen nicht gäbe, so auch den Begriff des *Sehens* nicht. – Aber könnten nicht Marsbewohner so etwas sagen? Sie haben etwa durch Zufall zuerst lauter Blinde bei uns kennen gelernt.

331. [/] Und wie kann es unsinnig sein, zu sagen "Es gibt Menschen, welche sehen", wenn es nicht unsinnig ist, zu sagen, es gibt Menschen, welche blind sind?

Aber der Sinn des Satzes "Es gibt Menschen, welche sehen", d.h. seine mögliche Verwendung, ist jedenfalls nicht sogleich klar.

332. Könnte das Sehen nicht *Ausnahme* sein? Aber *beschreiben* könnten es weder die Blinden, noch die Sehenden, es sei denn als Fähigkeit das und das zu tun. Z.B. auch, gewisse Sprachspiele zu spielen;[52] aber da muß man achtgeben, wie man diese Sprachspiele beschreibt.

333. Sagt man "Es gibt Menschen, welche sehen", so folgt die Frage: "Und was *ist* 'sehen'?" Und wie soll man sie beantworten? Indem man dem Fragenden den Gebrauch des Wortes "sehen" beibringt?

334. Wie wäre es mit dieser Erklärung: "Es gibt Menschen, die sich benehmen wie Du und ich, und nicht wie dieser da, der Blinde."?

---

[52] Grifo lateral ondulado a partir deste ponto do parágrafo.

335. "Du kannst, mit offenen Augen, über die Straße gehen, ohne überfahren zu werden, etc."

Die Logik der *Mitteilung*.

336. Damit, daß ein Satz von der Form / der // einer // Mitteilung eine Verwendung hat, ist noch nichts über die *Art* / dieser // seiner // Verwendung gesagt.

337. Kann der Psychologe mir mitteilen, was Sehen ist? Was *nennt* man "mitteilen, was Sehen ist"?

Nicht der Psychologe lehrt mich den Gebrauch des Wortes "sehen".

338. [/] Wenn der Psychologe / uns mitteilt // sagt // "Es gibt Menschen, welche sehen", so können wir ihn fragen "Und was nennst Du 'Menschen welche sehen'?" Darauf wäre die Antwort von der Art "Menschen, die unter den und den Umständen so und so reagieren, sich so und so benehmen". "Sehen" wäre ein Fachwort [des Psychologen], das er uns erklärt. Sehen ist dann etwas, was er an den Menschen beobachtet hat.

339.[53] Wir lernen die Ausdrücke "ich sehe...", "er sieht..." etc. gebrauchen, ehe wir zwischen Sehen und Blindheit unterscheiden lernen.

340. "Es gibt Menschen, welche reden können.", "Ich kann einen Satz sagen.", "Ich kann das Wort 'Satz' aussprechen.", "Wie Du siehst, bin ich wach.", "Ich bin hier."

341. Es gibt doch eine Belehrung darüber, unter welchen Umständen ein gewisser Satz eine Mitteilung sein kann. Wie soll ich diese Belehrung nennen?

342. Kann man sagen, ich habe *beobachtet*, daß ich und Andre mit offenen Augen gehen können, ohne anzustoßen, und daß wir's mit geschlossenen Augen nicht können?

---

[53] Este parágrafo não está separado do anterior.

343. Wenn ich Einem mitteile, ich sei nicht blind, ist das eine Beobachtung? Ich kann ihn jedenfalls durch mein Benehmen davon überzeugen.

344. Ein Blinder könnte leicht herausfinden, ob auch ich blind sei; indem er z.B. eine bestimmte Handbewegung macht und mich fragt, was er getan hat.

345. Können wir uns nicht einen blinden Volksstamm denken? Könnte er nicht unter besondern Bedingungen lebensfähig sein? Und könnte es nicht als Ausnahme Sehende geben?

346. Angenommen, ein Blinder sagte zu mir: "Du kannst gehen, ohne irgendwo anzustoßen, ich kann es nicht." — wäre der erste Teil des Satzes eine Mitteilung?

347. Nun, er sagt mir nichts Neues.

348. Es scheint Sätze zu geben, die den Charakter von Erfahrungssätzen haben, deren Wahrheit aber für mich unanfechtbar ist. D.h., wenn ich annehme, daß sie falsch sind, muß ich allen meinen Urteilen mißtrauen.

349. Es gibt jedenfalls Irrtümer, die ich als gewöhnlich hinnehme, und solche, die andern Charakter haben, und von meinen übrigen Urteilen als eine vorübergehende *Verwirrung* abgekapselt werden müssen. Aber gibt es nicht auch Übergänge zwischen diesen beiden[?]

350. Wenn man den Begriff des Wissens in diese Untersuchung bringt, so nützt das nichts; denn Wissen ist nicht ein psychologischer Zustand, durch dessen Besonderheiten sich nun allerlei erklärt. Die besondere Logik des Begriffs "wissen" ist vielmehr nicht die des psychologischen Zustands.[54]

---

[54] Provavelmente, Wittgenstein concluiu *BF III* em casa de von Wright, tendo levado *BF II* e *BF III* para casa de Anscombe, em Oxford, em 25 de abril de 1950.

Bemerkungen über die Farben IV (BF IV): MS 169, vol. 71 da edição da Cornell University, folhas 77 a 80:

(...)

1. Wir malen ein gelbes, grünes, blaues, rotes klar durchsichtiges Glas mit verschiedenen Hintergründen, so daß uns deutlich wird, worin der Augenschein der färbigen Klarheit besteht. Und nun wollen wir nach Analogie jener Fälle das Bild eines weißen klar durchsichtigen Glases malen.

2. Wir können uns hier physikalisch ausdrücken, obwohl uns das Physikalische nicht interessiert. Es ist ein gutes Bild dessen, was wir beschreiben wollen. — Ein klares gelbes Glas reflektiert kein gelbes Licht in's Auge, also scheint uns das Gelb nicht im Glas lokalisiert. Mattes Schwarz durch gelbes Glas gesehen ist schwarz, Weiß ist gelb. Also muß, nach Analogie, Schwarz durch klares Weiß schwarz erscheinen, Weiß weiß, also ganz so wie durch ein farbloses Glas. — Soll nun Rot weißlich erscheinen? also rosa? Aber wie wird dann ein dunkles Rot, das sich gegen das Schwarze zuneigt, erscheinen? Es sollte ein schwärzliches Rosa, also ein Graurot werden, aber dann dürfte Schwarz nicht schwarz bleiben.

3. Mit 'reinem Weiß' meint man oft die hellste der Farben, mit Schwarz die dunkelste; aber nicht auch mit reinem Gelb, Rot, etc.

4. Weiß durch Gelb gesehen würde nicht gelblichweiß, sondern *Gelb*. Gelb durch Weiß gesehen, soll es weißlichgelb oder Weiß werden? Im ersten Fall wirkt das 'weiße' Glas wie farbloses, im zweiten wie undurchsichtiges.

5. Ich will also sagen: Der '*reine*' Farbbegriff, den man sich aus unsern gewönlichen Farbbegriffen machen möchte, ist eine Chimäre. Es gibt freilich verschiedene Farbbegriffe und unter ihnen solche, die man reiner und unreiner nennen kann.

6. Statt "Chimäre" hätte ich sagen können "falsche Idealisierung".

Falsche Idealisierungen sind vielleicht die platonischen Ideen.

Wenn es so etwas gibt, dann muß, wer falsch idealisiert, Unsinn reden, — weil er eine Redeweise, die in *einem* Sprachspiel gilt, in einem andern, wo sie nicht hingehört, verwendet.

7. Wenn Typen irgendwo aufgehoben sind, wer sagt, *welche* Typen? — Alle, die sich denken lassen?!

8. Was ist die ideale Representation der Farben? Ist es nicht so etwas, wie durch eine Röhre schauen und einen kleinen roten Kreis (z.B.) sehen? — Und soll ich nun die Farben nach dieser Erfahrung nennen? Gut, aber nun muß ich diese Farbwörter doch auch in ganz anderen Fällen anwenden. Und wie soll ich sie mit den Farben um mich herum vergleichen? Und wie nützlich wird so ein Vergleich sein? — Oder ist die ideale Weise, eine Farbe zu zeigen, das ganze Gesichtsfeld mit ihr zu erfüllen? Wie wenn man den Blick gegen den blauen Himmel richtet? Aber die alte Frage besteht auch hier. Denn vergiß auch nicht, daß Dein Blick schweift und es nicht *die* Beschreibung dessen gibt, was Du siehst.

(...)[55]

[55] O manuscrito se encerra após mais três parágrafos, na folha 81, tendo um total de 161 páginas.

ANOTAÇÕES SOBRE AS CORES
I, II, III e IV

Anotações sobre as Cores I: MS 176, vol. 78 da edição da Cornell University:[56]

1. Um jogo de linguagem: Relatar sobre se um certo corpo é mais claro ou mais escuro que um outro. — Mas então há um aparentado: Declarar sobre a proporção entre as claridades de certos tons de cor. (Com isto é comparável: Determinar a proporção entre os comprimentos de dois bastões — e determinar a proporção entre dois números.) — A forma das proposições em ambos os jogos de linguagem é a mesma: "x é mais claro que y". Mas no primeiro está uma relação externa e a proposição é temporal, no segundo uma relação interna e atemporal a proposição.[57]

2. Em uma pintura, na qual um pedaço de papel branco recebe sua claridade do céu azul, este é mais claro que o papel branco. E, todavia, em um outro sentido, o azul é a cor mais escura, o branco a mais clara. (Goethe). Na paleta, o branco é a mais clara das cores.[58]

3. Afirma Lichtenberg: só poucos homens já teriam visto um branco puro. Assim, a maioria acaso emprega errado a palavra? E como *ele* aprendeu o uso correto? — Ele construiu, a partir do uso costumeiro, um uso ideal. E isto não significa um uso melhor, mas apenas um refinado em certa direção e no qual algo foi exagerado.[59]

---

[56] Folhas 1 a 22 de MS 176. As folhas 22 a 80 contêm os §§ 426 a 637 de *Über Gewißheit*.
[57] Cf. *BF III*, § 131.
[58] Cf. *BF III*, §§ 57 e 132.
[59] Cf. *BF III*, § 35.

4. E certamente um uso assim construído pode de novo instruir-nos sobre o uso efetivo.[60]

5. Se digo de um papel que ele seja branco puro, e fosse disposta neve junto ao papel e este então parecesse cinza, com razão porém nomeá-lo-ia ainda branco em sua ambiência normal, e não cinza claro. Poderia ser que eu, talvez em laboratório, empregasse um conceito mais refinado de branco (como também, por exemplo, um mais refinado conceito da exata determinação do tempo).[61]

6. O que permite afirmar que o verde seja uma cor primária e não uma cor mista de azul e amarelo? Seria correto dizer: "Isto só se pode reconhecer de modo imediato ao se observar as cores"? Mas como eu sei que com as palavras "cor primária" quero dizer o mesmo que outrem também inclinado a chamar o verde uma cor primária? Não, — aqui decidem jogos de linguagem.[62]

7. / Há // Há verdes mais ou menos azulados (ou amarelados) e há // a tarefa de misturar a um dado verde-amarelo [ado] (ou verde-azul [ado]) um menos amarelado (ou azulado), — ou a de escolher entre várias amostras de cor. Um verde menos amarelado não é porém um azulado (e vice-versa), e há também a tarefa de escolher, ou de misturar, um verde que não seja amarelado nem azulado. Eu digo "ou de misturar", porque um verde, uma vez produzido através de alguma espécie de mistura de amarelo e azul, não se torna por isso ao mesmo tempo azulado e amarelado.[63]

8. Os homens poderiam possuir o conceito de cor intermediária ou de cor mista mesmo se nunca tivessem produzido cores por mistura (em qualquer que seja o sentido). Seria possível em seus jogos de linguagem tratar-se sempre apenas de procurar, de escolher, cores intermediárias ou mistas já presentes.

---

[60] Cf. *BF III*, § 36.
[61] Cf. *BF III*, § 160.
[62] Cf. *BF III*, § 158.
[63] Cf. *BF III*, § 158.

9. Ainda que então o verde não seja uma cor intermediária entre o amarelo e o azul, não poderia haver pessoas para as quais há um amarelo azulado, um verde avermelhado? Pessoas portanto cujos conceitos de cor se desviassem dos nossos — como também se desviam os conceitos de cor dos cegos para cores daqueles das pessoas normais. E nem todo desvio do normal precisa ser uma cegueira, um defeito.

10. A quem aprendeu a encontrar, ou a misturar, para um dado matiz um mais amarelado, ou mais esbranquiçado, ou mais avermelhado, e assim por diante, a quem portanto conhece o conceito de cor intermediária, solicita-se (então) que nos mostre um verde avermelhado. Ele pode simplesmente não entender a ordem e talvez reaja como se lhe tivessem pedido para apontar, após uma série de polígonos regulares de quatro, cinco, seis ângulos, uma figura plana regular de um só ângulo. Mas como, se ele sem hesitar apontasse para uma amostra de cor (digamos, para um marrom enegrecido, como nós o / chamaríamos // descreveríamos //)?[64]

11. Quem conheça um verde avermelhado deveria estar em condições de produzir uma seqüência colorida que comece com o vermelho, termine com o verde e forme, talvez também para nós, uma passagem contínua entre eles. Mostrar-se-ia então que, lá onde vemos o mesmo tom, por exemplo, de marrom, ele vê ora marrom ora verde avermelhado; que ele por exemplo pode diferençar pela cor dois compostos químicos que para nós têm a mesma cor, e nomeia um deles marrom e o outro verde avermelhado.[65]

12. Imagine que todos os homens, com raras exceções, fossem cegos para verde-vermelho. Ou ainda este outro caso: todos os homens fossem ou cegos para verde-vermelho ou para azul-amarelo.

---

[64] Cf. *BF III*, § 162.
[65] Cf. *BF III*, § 163.

13. Imaginemos um *povo* de cegos para cores[66] — e tal poderia haver facilmente. Eles não teriam os nossos mesmos conceitos de cor. Pois ainda supondo que falassem, por exemplo, alemão e tivessem portanto todas as palavras alemãs para cores, eles as usariam entretanto diferentemente de nós, e diferentemente *aprenderiam* a usá-las.

Ou então eles teriam uma língua estrangeira, e assim tornar-se-ia difícil para nós traduzir suas palavras para cores nas nossas.

14. Mas mesmo se houvesse homens para os quais fosse natural empregar /de modo // de um modo // conseqüente / a expressão // a palavra // "verde avermelhado" ou "azul amarelado"[67] e que nisto talvez também exibissem aptidões que nos faltam, ainda assim não seríamos obrigados a reconhecer que vejam *cores* que nós não vemos. Não há decerto qualquer critério em geral reconhecido para o que seja uma cor, salvo o de ser uma de nossas cores.[68]

15. Em cada problema filosófico sério, a incerteza desce às raízes.

---

[66] Traduzir 'Farbenblind' por 'daltônico' e 'Farbenblindheit' por 'daltonismo' reduziria o âmbito do conceito por sua alusão à cegueira para o vermelho do célebre físico, químico e naturalista inglês John Dalton (1766-1844). E, em verdade, é tão freqüente a associação da cegueira para cores com o caso específico do daltonismo que, se dizemos a alguém que não enxergamos cores, sua primeira e imediata reação costuma ser a de procurar à volta um objeto verde ou vermelho, como a providenciar assim um *experimentum crucis* para nossa afirmação. E também Wittgenstein recorre a exemplos próprios de um caso clássico de daltonismo, como quando compara a maçã verde com a vermelha (Cf. *BF III*, §§ 166-170). Nós temos porém que levar em conta uma variedade bem maior, cujas fronteiras são por vezes bastante lábeis, como por exemplo as que separam a 'protanopsia' (cegueira para o vermelho, que seria o caso preciso do daltonismo) e a 'protanomalia' (uma percepção fraca do vermelho, incapaz de diferençar certos matizes), a 'deuteranopsia' e a 'deuteranomalia' (cegueira ou fraqueza para o verde) e o raro caso da 'tritanopsia' e da 'tritanomalia' (cegueira e fraqueza para o azul, chamada aliás por Goethe de 'Akyanoblepsie' e tendo ele fornecido um modelo de como o mundo seria visto por um cego para o azul). 'Acromatópico' e 'acromatopsia' sugeririam a radical situação de quem não distingue senão salvo o branco, o preto e o cinza. 'Discromatópico' e 'discromatopsia' nomeiam, em certa literatura, o caso em que a vista confunde algumas cores com outras que sabe distinguir. Aqui é bastante extensa a variação de cegueiras ou anomalias perceptivas, predispondo-se melhor os termos à vagueza com que Wittgenstein usa os correlatos alemães, mas excluirira o caso extremo da monocromasia e teria o inconveniente de substituir expressões que são de uso corrente por tecnicismos duvidosos. Logo, 'cego para cores' e 'cegueira para cores'.

[67] Em alemão, conformam uma só unidade: "rötlichgrün" e "gelblichblau".

[68] Cf. *BF III*, § 42.

É preciso sempre estar preparado para aprender algo *completamente* novo.[69]

16. A descrição do fenômeno da cegueira para cores é da alçada da psicologia: portanto também a descrição do fenômeno do ver normal? A psicologia descreve apenas os *desvios* da cegueira para cores em relação ao ver normal.[70]

17. Runge (na carta reproduzida por Goethe em sua Doutrina das Cores) afirma haver cores transparentes e não-transparentes.[71] O branco seria uma cor não-transparente.

Isto mostra a indeterminação no conceito de cor, ou ainda de identidade de cor.[72]

18. Pode ou não um vidro verde transparente ter a mesma cor de um papel não-transparente? Se um tal vidro fosse representado em uma pintura, então as cores na paleta não seriam transparentes. Quiséssemos dizer que a cor do vidro seria transparente também na pintura, então precisaríamos nomear como sua *cor* o complexo de manchas coloridas que representam o vidro.

19. Como se explica que algo transparente possa ser verde mas não branco?

Há transparência e reflexão [espelhamento] apenas na dimensão de profundidade / da // de uma // imagem visual.

A impressão do meio transparente é a de que algo se encontra *atrás* do meio. Uma imagem visual plenamente monocromática não pode ser transparente.[73]

---

[69] Cf. *BF III*, §§ 44 e 45.

[70] Cf. *BF III*, §§ 55 e 165 .

[71] Resistimos à tentação de traduzir 'undurchsichtig' por 'opaco'. É claro que essa escolha seria de todo legítima, mas acreditamos relevante preservar na matéria do texto, bastante visível, a oposição entre 'durchsichtig' e 'undurchsichtig'.

[72] Cf. *BF III*, §§ 76 e 78.

[73] Cf. *BF III*, §§ 150 e 172.

20. Algo branco atrás de um meio transparente colorido aparece na cor do meio, algo preto aparece preto. Conforme a esta regra, o preto sobre um fundo branco precisa ser visto através de um meio 'branco transparente' como através de um meio incolor.[74]

21. Runge: "Caso alguém deseje imaginar um laranja azulado, um verde avermelhado, ou um violeta amarelado, sentir-se-ia como em um vento norte vindo do sudoeste..... Branco e preto são ambos não-transparentes ou corpóreos..... Água branca que seja pura é tão inimaginável quanto o leite cristalino."[75]

22. Não queremos encontrar uma teoria das cores (quer uma fisiológica, quer uma psicológica), mas sim a lógica dos conceitos de cor. Esta porém cumpre o que amiúde se espera, sem razão, de uma teoria.[76]

23. "Água branca é inimaginável etc." Isto significa: não se pode descrever (por exemplo, pintar) como apareceria algo branco cristalino, e isto significa: não se sabe qual descrição, qual apresentação, estas palavras nos solicitam.[77]

24. Não é sem mais claro de qual vidro transparente se deva dizer que tenha a *mesma cor* de uma amostra de cor não-transparente. Se eu digo "Procuro um vidro *desta* cor" (no que indico um papel colorido), então isto

---

[74] Cf. *BF III*, § 173.

[75] (Cf. *BF III*, § 94) A 'klar' corresponde límpido, não-turvo, como um cristal. É preciso ter cuidado com o termo, pois, em certos contextos, em oposição a 'obscuro', pode sim ser traduzido por claro, como quando afirma Wittgenstein ser ou não clara certa idéia. Quando porém 'klar' se opõe a 'trüb' (turvo), julgamos acertado traduzi-lo por 'cristalino'. Mesmo que também em nossa língua a distinção possa desaparecer, como na frase de Castro Soromenho "Isso é claro como água" (*Terra Morta*, Lisboa, Sá da Costa, s.d., p. 101), ela deve ser marcada, inclusive em atenção à frase de Runge citada por Wittgenstein e, mais ainda, à parte significativamente supressa: "Man darf sich an dem Ausdruck weißes Glas nicht stoßen, womit man klares meint" ("Não se deve deixar incomodar pela expressão vidro branco, quando com ela se quer dizer cristalino." Cf. Carta de Runge a Goethe, in Goethe, J. W., *Schriften zur Farbenlehre*, p. 239). Além disso, em sentido técnico, 'claro' também será usado para traduzir 'hell', termo oposto a 'dunkel' (escuro).

[76] Cf. *BF III*, § 188.

[77] Cf. *BF III*, § 187.

significará talvez que algo branco, visto através do vidro, deve assemelhar-se a minha amostra.

É a amostra rosa, azul celeste, lilás, então imaginar-se-á *turvo* o vidro, mas talvez outrossim cristalino e apenas de leve coloração avermelhada, azulada ou violeta.[78]

25. No cinema pode-se às vezes ver os acontecimentos do filme como se estivessem atrás da tela e esta porém transparente, como se fora uma lâmina de vidro. O vidro tomaria das coisas suas cores e deixaria passar apenas o branco, o cinza e o preto. (/ Não praticamos aqui física // Não falamos aqui à maneira da física //, mas sim consideramos o branco e o preto como cores tanto quanto o verde e o vermelho.) — Poder-se-ia portanto pensar que nós imaginamos / uma lâmina de vidro // um vidro // passível de ser chamada(o) de branca(o) e transparente. Entretanto, nós não estamos tentados a chamá-la(lo) assim: Quebra-se portanto em algum lugar a analogia, por exemplo, com um vidro verde transparente?[79]

26. De uma lâmina verde talvez digamos: ela dá às coisas atrás dela uma coloração verde; portanto sobretudo / às coisas brancas atrás dela // a algo *branco* //.

27. "Não se pode imaginar isto", quando se trata de lógica, significa: não se sabe o que se deve imaginar aqui.

28. Dir-se-ia / da // de minha // fictícia lâmina de vidro no cinema que ela dá às coisas atrás dela uma coloração branca?

29. Construa a partir das regras para a aparência do que é colorido transparente // do transparente e coloreado[80] //, que você retira do verde

---

[78] Cf. *BF III*, § 181.

[79] Cf. *BF III*, §§ 175 e 184.

[80] É claro que 'colorido', 'corado', 'colorado' e 'coloreado', que indicam uma propriedade ou uma ação sofrida, traduzem tanto 'färbig' quanto 'gefärbt'. Nós tentamos apenas indicar o diferente uso, sem que julguemos necessário respeitar uma completa uniformidade. Já deve ter ficado evidente a dificuldade em encontrar um correspondente preciso para o rico vocabulário de Wittgenstein sobre cores. E nesta riqueza está grande parte de sua dificuldade, porquanto sua fonte é múltipla, do vocabulário de Goethe ao da psicologia da

transparente, do vermelho, etc., a aparência do branco transparente! Por que não funciona?

30. Todo meio coloreado absorve luz, escurece o que é visto através dele: Então meu vidro branco também deve escurecer? E quanto mais grosso, tanto mais escurecerá? / Destarte ele seria sim um vidro escuro! //Destarte ele seria realmente um vidro escuro! //[81]

31. *Por que* não se pode imaginar um vidro / branco transparente // transparente branco //, — mesmo se na realidade não há nenhum? Onde fracassa a analogia com o / transparente colorido // coloreado transparente //?

32. Proposições são amiúde usadas na fronteira entre a lógica e a empiria,[82] de sorte que seu significado muda de um lado para outro por sobre a fronteira e elas valem ora como expressão de uma norma, ora como expressão de uma experiência.

(Pois de modo algum é uma ocorrência psíquica concomitante — como se imaginam os 'pensamentos' —, mas sim o emprego que diferencia a proposição lógica da proposição de experiência.)[83]

33. Fala-se da 'cor do ouro' e não se quer dizer com isso amarelo. "Dourado" é a propriedade de / uma superfície // um plano // que brilha ou cintila.

Gestalt, da física a seus conhecimentos das artes plásticas. Apesar da dificuldade presente e do risco de confundir as fontes do seu vocabulário, algumas correspondências não deixam de ser seguidas nesta tradução, a exemplo de: Farbton - matiz; Farbstoff - matéria de cor; Stoffarbe - cor de matéria; Zwischenfarbe - cor intermediária; Mischfarbe - cor mista; Farbenblindheit - cegueira para cores; klar - cristalino, quando referido a cores, ou claro, quando oposto a obscuro; trüb - turvo; hell - claro; dunkel - escuro; Farbenmuster - amostra de cor.

[81] Cf. *BF III*, § 192.

[82] Servimo-nos aqui de expressão não incorporada exatamente ao vernáculo, salvo em derivados como 'empírico' ou 'empirismo', para registrar um traço do estilo de Wittgenstein, que costuma alternar palavras de extração germânica com outras de origem grega ou latina, produzindo muita vez um efeito de maior abstração.

[83] Cf. *BF III*, § 19.

34. Há vermelho ardente e branco ardente: Como pareceria, porém, um marrom ardente ou um cinza ardente? Por que não se pode imaginar este como um grau menos intenso do branco ardente?[84]

35. "A luz é incolor." Se o for, então no sentido em que os números são incolores.

36. O que *parece* luminoso não parece cinza. Todo cinza *parece* iluminado.[85]

37. O que se vê como luminoso não se vê como cinza. Mas decerto pode-se vê-lo como branco.[86]

38. Poder-se-ia portanto ver algo *agora* como pouco luminoso *agora* como cinza.[87]

39. Eu não digo (como os psicólogos da Gestalt) que a *impressão do branco* se produz dessa ou daquela maneira. Antes a questão é, precisamente, o que seria a impressão do branco — qual é o significado desta expressão, a lógica do conceito.[88]

40. Pois não é da alçada da física ou psicologia da cor que não se possa imaginar algo 'cinza ardente'.[89]

41. Sou informado de que uma certa substância queimaria com uma chama cinza. Sem dúvida, eu não conheco a cor das chamas de todas as substâncias; por que então isto não deveria ser possível?[90]

42. Fala-se de um 'brilho vermelho escuro', mas não de um 'vermelho-negro'.[91]

---

[84] Cf. *BF III*, § 216.
[85] Cf. *BF III*, § 224.
[86] Cf. *BF III*, § 226.
[87] Cf. *BF III*, § 225.
[88] Cf. *BF III*, § 221.
[89] Cf. *BF III*, § 222.
[90] Cf. *BF III*, § 223.
[91] Cf. *BF III*, § 227.

43. Uma superfície branca lisa pode refletir [espelhar]: Como, então, se nos enganamos e o que nela aparecia refletido *realmente* estivesse atrás da superfície e sendo visto através dela? Seria ela então branca e transparente?[92]

44. Fala-se de um espelho 'negro'. Porém, / onde // se // ele reflete, não deixa de escurecer, mas não parece negro, e o que é visto por ele não parece 'sujo', senão 'profundo'.[93]

45. A não-transparência não é uma *propriedade* da cor branca. Tão pouco quanto a transparência seria uma propriedade da cor verde.

46. E também não basta dizer que a palavra "branco" seria precisamente aplicada apenas para a aparência de superfícies. Poderíamos bem ter duas palavras para "verde": uma apenas para superfícies verdes, a outra para objetos verdes transparentes. Permanece pois a questão acerca de por que não há, para algo transparente, uma palavra de cor correspondente à palavra "branco".

47. Um meio através do qual uma amostra preta e branca (um tabuleiro de xadrez) apareça inalterada não será chamado um meio branco, ainda que, através dele, as outras cores percam em coloração.[94]

48. Poder-se-ia não querer chamar de "branco" / um brilho branco // uma luminosidade branca // e só chamar assim / o que se vê como cor de uma superfície. // o que ao olho aparece como cor de uma superfície. //

49. Dois lugares de minha ambiência que, em um sentido, eu *vejo* como de mesma cor, em outro sentido, / pode um deles aparecer-me como branco, e o outro como cinza. // posso ver um deles como branco, e o outro como cinza. //

---

[92] Cf. *BF III*, § 236.
[93] Cf. *BF III*, §§ 70 e 237.
[94] Cf. *BF III*, § 243.

Em um contexto, esta cor para mim é branca em uma má iluminação; em outro, é cinza em boa iluminação.

Estas são proposições sobre os conceitos 'branco' e 'cinza'.[95]

50. O balde diante de mim é esmaltado branco brilhante; seria absurdo chamá-lo de "cinza", ou dizer "Eu vejo na verdade um cinza claro". Mas ele tem uma luminosidade branca que é bem mais clara do que sua superfície restante, e esta está / em parte contra, em parte a favor da luz // em parte na luz, em parte na sombra //, sem contudo aparecer diferentemente coloreada. (*aparecer*, não apenas *ser*.)[96]

51. Não é o mesmo dizer: a impressão do branco ou do cinza é produzida (causalmente) sob / tais // *estas* // condições, e dizer: ela é uma impressão em um determinado contexto de cores e formas.[97]

52. O branco como *cor de matéria* (no sentido em que se diz: a neve é branca) é mais claro do que qualquer outra cor de matéria; o preto mais escuro.[98] *Aqui* a cor é um escurecimento; e, sendo supressa da matéria cada cor, permanece o branco; e por isso pode-se chamá-lo de "incolor".

53. Embora não haja fenomenologia, há decerto problemas fenomenológicos.[99]

---

[95] Cf. *BF III*, § 245.

[96] Cf. *BF III*, § 246.

[97] Cf. *BF III*, § 229.

[98] Este, o emprego indevidamente generalizado por Goethe, ou melhor, um emprego conforme ao que seria o "fenômeno primordial" da cor (Cf. Goethe, J. W., *Zur Farbenlehre*, § 175). Traduzimos aqui 'Stoffarbe' por 'cor de matéria' e adiante, para conservar uma relação interna às palavras, evitaremos traduzir 'Farbstoff' pelo natural e correto 'tinta'; preferimos utilizar a expressão 'matéria de cor'. Importa notar que, *auf der Pallete*, antes da ocorrência no quadro, as cores são postas isoladas, outras são obtidas por mistura. Em todos estes casos, a cor, obtida por síntese subtrativa, escurece, dirige-se do branco ao preto. O branco e o preto (die hellste und die dunkleste Farbe) são pois os limites conceituais, inamovíveis, postos por esse emprego, bastante conforme à imagem de Goethe, que torna as cores aparentadas ao cinza (Cf. Goethe, J. W., *Zur Farbenlehre*, § 259).

[99] Cf. *BF III*, § 248.

54. Que nem todos os conceitos de cor sejam da mesma espécie lógica, vê-se facilmente. Por exemplo, a diferença entre os conceitos 'cor de ouro' ou 'cor de prata' e 'amarelo' ou 'cinza'.[100]

55. Uma cor '*brilha*' em um contexto (assim como os olhos sorriem apenas em um rosto). Uma cor 'enegrecida' — por exemplo, o cinza — não 'brilha'.[101]

56. As dificuldades que sentimos ao refletir sobre a essência das cores (e com as quais Goethe queria haver-se em sua Doutrina das Cores) residem já na indeterminação / do // de nosso // conceito de identidade de cor.[102]

57. | "Eu sinto X"
"Eu observo X"

X não está no lugar do mesmo conceito na primeira e na segunda proposição, embora talvez no da mesma expressão verbal, por exemplo, "uma dor". Pois, caso se pergunte "Que espécie de dor?", então eu poderia responder "Esta", enquanto espeto, talvez com uma agulha, a quem me perguntou. No segundo caso, à mesma questão, preciso responder de modo diferente; por exemplo, "A dor no meu pé".

X também poderia estar no lugar de "minha dor" na segunda frase, mas não na primeira. |[103]

---

[100] Cf. *BF III*, § 241.

[101] Cf. *BF III*, § 156.

[102] Cf. *BF III*, § 251.

[103] Cf. *BF III*, § 261. Wittgenstein separou este parágrafo (e também seu semelhante em *BF III*, § 261) com barras verticais, como se de algum modo não fizessem parte das anotações sobre as cores. Entretanto, como aqui está a tratar do conceito de identidade de cor, o parágrafo serve muito bem para alertar-nos contra a ilusão da semelhança, ensina-nos pois a ver diferenças, pois as mesmas palavras podem ter diferente significado conceitual em jogos diversos. Talvez, portanto, a separação do parágrafo seja apenas relativa, indicando seu maior âmbito. O texto apresenta ainda uma variante de difícil separação, ao contrapor 'fühlen' e 'empfinden', pois ambos os termos, segundo acreditamos, podem aqui ser traduzidos a contento por 'sentir', sem que diferenças sutis entre os verbos alemães prejudiquem a exibição da assimetria mencionada. *BF III*, § 261, curiosamente, contrapõe a 'beobachten' ('observar') a série 'sehen', 'hören', 'fühlen', etc. ('ver', 'ouvir', 'sentir', etc.).

58. Imagine: alguém aponta para um lugar na íris de um olho pintado à maneira de Rembrandt e diz: "As paredes do meu quarto devem ser pintadas desta cor".[104]

59. Eu pinto a vista de minha janela; um certo lugar, determinado por sua posição na arquitetura de uma casa, eu pinto com ocre.[105] Eu digo que vejo este lugar desta cor. Isto não significa que eu veja aqui a cor ocre, pois, *assim* contextuada, esta matéria de cor costuma aparecer mais clara, mais escura, mais avermelhada (etc.) do que o ocre.[106] "Eu vejo este lugar como o pintei aqui com ocre, a saber, como um amarelo fortemente avermelhado."

Como, porém, se alguém me pede para indicar o exato matiz que lá eu vejo? — Como deve ser indicado? E como determiná-lo? Poder-se-ia exigir que eu produzisse uma amostra de cor (um pedaço de papel quadrado de tal cor). Eu não digo que uma tal comparação seja desprovida de interesse, mas ela nos mostra que, em princípio, não é claro como matizes podem ser comparados nem o que significa "identidade de cor".[107]

60. Imaginemos uma pintura recortada em pedaços pequenos e quase monocromáticos, sendo então empregados estes pedaços como peças de um quebra-cabeça. Mesmo onde uma tal peça não for monocromática, ela não deve sugerir uma forma espacial qualquer, mas sim aparecer simplesmente como uma mancha colorida plana. Tão-só na ligação / com outras torna-se ela um pedaço de céu azul, uma sombra, um brilho, transparente ou não-transparente, etc. // com outras nós a vemos como um pedaço de céu azul, como uma sombra, um brilho, como transparente

---

[104] Cf. *BF III*, § 263.

[105] Refere-se aqui à matéria de cor, à tinta. Wittgenstein joga durante todo o texto com a diferença entre a matéria de cor (a argila colorida por óxido de ferro, usada em pintura, de tonalidade pardacenta) e o conceito de cor associado a tal matéria, ou seja, opõe detalhadamente o modo como se determina a identidade da cor *auf der Pallete* e o modo (bem mais amplo, mas não destituído de relações internas) como a identidade do conceito se determina em uma pintura. Cf. *BF, II*, § 11 {1}. A situação descrita em *BF II*, § 11 {1} de modo algo fictício, enquanto contraposta aos critérios de identidade cromática *auf der Pallete*, mostra-se assim uma verdade corriqueira nas artes. Cf. também *BF III*, § 58.

[106] Aqui, a cor ocre.

[107] Cf. *BF III*, § 265.

ou não-transparente, etc. // — Mostram-nos as peças isoladas as *cores genuínas* dos lugares da imagem?[108]

61. Tende-se a acreditar que a análise de nossos conceitos de cor conduziria enfim para as *cores dos lugares* / da // de nossa // imagem visual, que seria então independente de qualquer interpretação espacial ou física; pois aqui não há quer iluminação, quer sombras, quer brilho, etc. etc.[109]

62. Que eu possa dizer deste lugar em meu campo visual que ele seja verde-cinza, isto não significa que eu saiba o que seria nomeável como cópia exata do matiz.[110]

63. Eu vejo em uma fotografia (não colorida) um homem com cabelos escuros e um rapaz com cabelo loiro liso penteado para trás parados junto a uma grade de claro arame zincado, diante de uma espécie de torno, composto em parte de peças de metal fundido pintado de negro e em parte de engrenagens polidas, rodas dentadas, entre outras. Vejo cor de ferro as trabalhadas superfícies de ferro, loiro o cabelo do jovem, cor de zinco o alambrado, embora tudo se apresente nos tons mais claros e mais escuros do papel fotográfico.[111]

64. Mas eu vejo realmente loiros os cabelos na fotografia? O que testemunha a favor disso? Que reação do observador / deve mostrar // mostra // que ele os *vê* loiros e não apenas conclui, a partir dos tons da fotografia, que sejam loiros? — Caso me fosse solicitado descrever aquela fotografia, então eu o faria do modo mais direto com aquelas palavras. Caso não se admita a valia dessa espécie de descrição, apenas e só então eu precisaria procurar por uma outra.[112]

---

[108] Cf. *BF III*, §§ 53, 266 e 267.
[109] Cf. *BF III*, §§ 58, 108 e 268.
[110] Cf. *BF III*, § 264.
[111] Cf. *BF III*, § 117.
[112] Cf. *BF III*, §§ 271 e 274.

65. Se a própria palavra "blond" (loiro) pode soar blond (loira), tanto melhor podem parecer loiros os cabelos fotografados.[113]

66. "Não se pode imaginar que certos homens possuam uma geometria das cores outra que não a nossa?" Isto significa, então: Não se pode imaginar homens com conceitos de cor outros que não os nossos? E isto significa, por sua feita: Não se pode imaginar que homens *não* tenham nossos conceitos de cor mas sim conceitos aparentados de tal maneira a nossos conceitos de cor que nós também os chamaríamos "conceitos de cor"?[114]

67. Observe seu quarto ao cair da noite, quando as cores quase se não distinguem — acenda então a luz e pinte o que antes viu na penumbra. — Como se comparam as cores em uma imagem assim com as do quarto em penumbra?[115]

68. À pergunta "O que significam as palavras 'vermelho', 'azul', 'preto', 'branco'[?"] podemos / decerto // bem // apontar direto para coisas assim coloreadas, — mas não vai além nossa capacidade de esclarecer estas palavras! De resto, acerca de seu emprego, nós não nos fazemos qualquer representação ou apenas uma de todo grosseira e em parte falsa.[116]

69. Eu posso imaginar um lógico que relata ser agora capaz de poder realmente *pensar* "2×2=4".[117]

70. A doutrina goetheana da constituição das cores do espectro não é uma teoria que se mostrou insuficiente, mas realmente é teoria nenhuma. Por ela, nada se deixa prever. Ela é antes um vago esquema de pensamento, de gênero semelhante ao dos encontrados na psicologia de James. Tampouco há um experimentum crucis que possa decidir a favor dessa doutrina ou contra ela.[118]

---

[113] Cf. *BF III*, § 275.
[114] Cf. *BF III*, §§ 86 e 154.
[115] Cf. *BF III*, § 157.
[116] Cf. *BF III*, §§ 102 e 103.
[117] Cf. *BF III*, § 109.
[118] Cf. *BF III*, § 125.

71. Quem concorda com Goethe acredita que ele tenha reconhecido corretamente a *natureza* da cor. E natureza não é aqui o que decorre de experimentos, mas sim o que reside no conceito da cor.[119]

72. Uma coisa era incontestavelmente clara para Goethe: A clareza não pode resultar, por composição, de escurecimentos — assim como mais e mais sombras não geram a luz. — E isto deixa-se expressar assim: Se se chama de lilás um azul avermelhado e esbranquiçado ou de marrom um amarelo avermelhado e enegrecido, — então entretanto não se pode chamar de branco *nenhum* azul esverdeado, avermelhado e amarelado ou coisa semelhante. O branco não é uma *cor intermediária* a outras cores. E a *isto* experimentos com o espectro não podem reforçar nem refutar. Mas também seria falso dizer "Observe apenas as cores na natureza, e você verá que é assim". Pois sobre os conceitos das cores não se aprende por olhar.[120]

73. Eu não consigo imaginar que as observações de Goethe sobre o caráter das cores e combinações de cores possam ser úteis ao pintor; e mal servem ao decorador. A cor de um de olho injetado de sangue poderia produzir um magnífico efeito como cor de um papel de parede. Quem fala do caráter de uma cor pensa sempre com isso em apenas *uma* forma determinada de seu emprego.[121]

74. Houvesse uma doutrina da harmonia das cores, então ela começaria, digamos, com uma divisão das cores em grupos, proibiria certas misturas ou vizinhanças e permitiria outras. E, como a doutrina da harmonia, ela não fundamentaria suas regras.[122]

75. Pode haver doentes mentais aos quais não se consiga transmitir o conceito 'amanhã', ou o conceito 'eu', ou a leitura das horas. Eles não aprenderiam o uso da palavra 'amanhã', etc.

---

[119] Cf. *BF III*, § 125.
[120] Cf. *BF III*, § 126.
[121] Cf. *BF III*, § 90.
[122] Cf. *BF III*, § 91.

Ora, a quem eu posso descrever *o que* eles não podem aprender? Não só a quem já o aprendeu? Não posso comunicar a A que B não conseguiria aprender matemática superior, embora A não a domine? Quem aprendeu o jogo não compreende a palavra "xadrez" diferentemente de quem não o aprendeu? Há diferenças entre o emprego que aquele pode dar à palavra e o emprego que este aprendeu.[123]

76. Descrever um jogo sempre significa: fornecer uma descrição através da qual se possa aprendê-lo?

77. A pessoa de visão normal e o cego para cores têm o mesmo conceito de cegueira para cores? Um cego para cores não pode aprender a empregar nossas palavras para cores e tampouco a expressão "cego para cores" como alguém com visão normal. Ele não pode, por exemplo, constatar a cegueira para cores do mesmo modo que este.[124]

78. Poderia haver homens que não compreendessem nosso modo de expressão de o laranja ser um amarelo avermelhado e que, então, só estivessem inclinados a dizer algo assim caso tivessem diante dos olhos uma mediação colorida do amarelo, por sobre o laranja, para o vermelho. Para tais homens, a expressão "verde avermelhado" não precisaria comportar qualquer dificuldade.

79. A psicologia descreve os fenômenos do ver. — Para quem ela faz a descrição? *Que* ignorância esta descrição pode remediar?[125]

80. A psicologia descreve o que foi observado.

81. Pode-se descrever ao cego como é quando alguém *vê*? — Certamente. Um cego aprende muito sobre a diferença entre o cego e quem vê. Mas a questão / foi // está // mal colocada; como se ver fosse uma atividade e houvesse dela uma descrição.[126]

---

[123] Cf. *BF III*, §§ 118 e 119.
[124] Cf. *BF III*, § 120.
[125] Cf. *BF III*, § 168.
[126] Cf. *BF III*, § 279.

82. Eu posso decerto observar a cegueira para cores; por que então não posso observar o ver? — Eu posso observar que juízos sobre cores pronuncia um cego para cores — ou ainda uma pessoa normal — *em certas circunstâncias*.

83. Diz-se às vezes (conquanto equivocadamente) "Apenas eu posso saber o que vejo". Mas não: "Apenas eu posso saber se sou cego para cores". (E tampouco: "Apenas eu posso saber se eu vejo ou se sou cego".)

84. A afirmação "Eu vejo um círculo vermelho" e a afirmação "Eu vejo (não sou cego)" não são de mesma espécie lógica. Como se testa a verdade da primeira? E como a da segunda?[127]

85. Mas, posso acreditar ver e ser cego, ou acreditar ser cego e ver?[128]

86. A proposição "Há homens que vêem" poderia figurar em um manual de psicologia? Seria isto falso? Mas, a quem estaria comunicando alguma coisa?[129]

87. Como pode ser um contra-senso dizer "Há homens que vêem", se não é um contra-senso dizer "Há homens que são cegos"?

Mas, supondo que eu nunca tenha ouvido falar da existência de homens cegos e um dia alguém me diz "Há homens que não vêem", precisaria assim entender sem mais esta proposição? É preciso que eu seja consciente, se eu mesmo não sou cego, de que tenho a capacidade de ver e de que, portanto, pode haver pessoas que a não possuam?[130]

88. Se o psicólogo nos ensina "Há homens que vêem", então podemos perguntar-lhe: "E o que você chama de 'homens que vêem'?" / Sua // A

---

[127] Cf. *BF III*, § 283.
[128] Cf. *BF III*, § 321.
[129] Cf. *BF III*, § 328.
[130] Cf. *BF III*, § 331.

// resposta a isto teria de ser: homens que, sob tais e tais circunstâncias, se comportam desta e daquela maneira.[131]

[131] *Cf. BF III*, § 338.

Anotações sobre as Cores II: MS 172, vol. 79 da edição da Cornell University:[132]

1. {11} [/] Na filosofia é preciso sempre perguntar: "Como se pode enxergar este problema de modo que se torne solúvel?"

2. {12} [/] Pois aqui (se considero as cores, por exemplo)[133] há primeiro apenas uma incapacidade / em produzir uma ordem nos conceitos. // em produzir uma ordem qualquer. //

Estacamos aí como o boi diante da porta recém-pintada do estábulo.

3. {13} [/] Pense em como um pintor representaria a vista através de um vidro coloreado de vermelho. O que se produz aí é decerto uma imagem plana *complexa*. Isto é, a imagem conterá um grande número de matizes de vermelho e de outras cores. E, analogamente, caso se olhe através de um vidro azul.

Como, então, se se pinta uma imagem[134] em que se torna esbranquiçado o que antes fora azulado ou avermelhado?

---

[132] Quatro páginas do MS 172. As 20 páginas restantes do MS 172 contêm os §§ 1-65 de *Über Gewißheit*.

[133] Esta frase bem pode ser considerada um índice a mais de que, com estes dois parágrafos, Wittgenstein começa a enfrentar um problema, o das cores, colocando-se a prévia questão acerca do ponto de vista sob o qual cabe abordá-lo.

[134] Traduzimos neste parágrafo as três ocorrências de 'Bild' por 'imagem', termo que aliás se aplica a representações plásticas, gráficas ou fotográficas, além de pertencer ao vocabulário da óptica. Por tudo isto, adequa-se bem à amplitude de sua ocorrência nas *Bemerkungen über die Farben*. Vale notar, porém, que, enquanto no primeiro caso 'imagem', na palavra composta 'Flächenbild', parece ser a melhor e talvez a única solução, no segundo já poderíamos traduzir Bild também por 'quadro', por exemplo, sendo esta (para evitar a terrível "pintar uma pintura") uma solução decerto ainda mais natural no terceiro caso, mas talvez apenas para os que não estão acostumados a expressões como "Ele pintou uma bela imagem de Nossa Senhora".

4. {14} [/] A diferença resume-se aqui a não perderem as cores sua saturação através da luz avermelhada mas sim através da esbranquiçada?
Sim, não se fala em absoluto de uma 'luz esbranquiçada'!

5. {15} Caso tudo parecesse esbranquiçado sob uma dada iluminação, não deduziríamos disso: o luminoso precisaria parecer branco.

6. {16} [/] A análise fenomenológica (como Goethe, por exemplo, a queria) é uma análise de conceitos e não pode seja confirmar seja contradizer a física.

7. {17} Como então se em algum lugar fosse assim: a luz de um corpo branco ardente deixaria aparecer claras as coisas, mas também esbranquiçadas, descoloridas, a luz de um vermelho ardente deixá-las-ia avermelhadas, etc.? (Apenas uma fonte de luz invisível, imperceptível ao olho, deixaria as coisas brilharem coloridas.)

8. {18} E como seria se as coisas só brilhassem coloridas, caso, em nosso sentido, *nenhuma* luz descesse sobre elas, caso por exemplo o céu fosse *negro*? Não se poderia então dizer: apenas sob uma luz negra as cores (nos) aparecem plenas?

9. {19} Mas, não haveria aqui uma contradição?

10. {20} Eu não *vejo* que as cores dos corpos reflitam a luz em meu olho.

11. {1} Poder-se-ia falar da impressão de cor de uma superfície, visando-se com isso não a cor / mas sim o conjunto dos tons de cor que produz a impressão de uma superfície marrom, por exemplo. // mas sim os tons de cor e sua distribuição, quando se deve produzir, por exemplo, a impressão de uma superfície marrom. //

12. {2} [/] A mistura do branco retira das cores o *colorido*; o que não ocorre com a mistura do amarelo. — Encontra-se isto no fundamento da proposição de que não pode haver um cristalino branco transparente?

13. {3} [/] Mas que espécie é esta de proposição: a mistura do branco retira o colorido da cor?

Como eu a entendo, ela não pode ser uma proposição da física.

Aqui é enorme a tentação de se acreditar em uma fenomenologia, uma coisa intermediária entre ciência e lógica.

14. {4} [/] O que é então o essencial do *turvo*? Pois um transparente vermelho ou amarelo não é turvo, e um branco é turvo.

15. {5} [/] É turvo o que vela as formas, e vela as formas porque confunde luz e sombras?

16. {6} [/] Não é branco isto que suprime a escuridão?

17. {7} Embora se fale de um 'vidro negro', quem vê vermelha uma superfície branca através de vidro vermelho, não a vê negra através de um vidro 'negro'.

18. {8} Servimo-nos / amiúde // às vezes // de óculos de lentes coloreadas para ver com nitidez,[135] mas nunca de lentes turvas.

19. {9} [/] "A mistura do branco apaga a diferença entre claro e escuro, entre luz e sombras": determina isto com mais precisão os conceitos? Creio que sim.

20. {10} [/] Caso alguém não ache isto, não tem uma experiência contrária à nossa; mas nós não o entenderíamos.

---

[135] Excepcionalmente, não traduzimos 'klar' por 'cristalino', embora nossa solução também preserve, quanto ao modo de ver, uma oposição ao turvo.

Anotações sobre as Cores III: MS 173, vol. 75 da edição da Cornell University:

24.3.50[136]

1. {?} [/] Em um quadro, o branco precisa ser a cor mais clara.

2. {/} [/] Na tricolor,[137] o branco não pode, por exemplo, ser mais escuro que o azul, ou que o vermelho.

3. [/] Aqui há uma espécie de matemática da cor.

26.3.

4. {/} [/] Mas também o amarelo puro é mais claro que o vermelho puro, saturado, ou que o azul. E é esta uma proposição da experiência? — Não sei, por exemplo, se o vermelho (isto é, o puro) é mais claro ou mais escuro que o azul; para poder dizê-lo, eu precisaria vê-los. E, entretanto, se eu o visse, então eu o saberia de uma vez por todas, como o resultado de um cálculo.

Onde se separam aqui lógica e / empiria // experiência // ?

5. [/] A palavra cujo significado não está claro é "puro", ou "saturado". Como nós aprendemos este significado? Como se sabe que os homens visam com ela o mesmo?

---

[136] Cf. informações sobre as datas em notas ao texto restabelecido.

[137] Bandeira da revolução francesa.

Eu chamo "saturada" uma cor (por exemplo, o vermelho), se ela não contém preto nem branco, se não é enegrecida nem esbranquiçada.

Mas este esclarecimento serve apenas a uma compreensão provisória.

6. {/} Que *importância* tem o conceito de cor saturada?

7. [/] Aqui é claramente importante um fato, a saber: os homens atribuem a um ponto no círculo cromático uma posição especial. E eles não devem encontrar dificuldade em notar esse ponto, mas sim todos devem sempre encontrá-lo facilmente.

8. [/] Há uma 'história natural das cores'? Em que medida ela é análoga a uma história natural das plantas? Não é esta temporal, enquanto aquela atemporal?

9. [/] Se dizemos que "Amarelo saturado é mais claro que azul saturado" não é uma proposição da psicologia (pois só *assim* ela poderia ser história natural) — então isto significa: nós não a *empregamos* como proposição de história natural, — e a questão é então: com que parece o outro *emprego*, o atemporal?

10. [/] Pois apenas assim a proposição da 'matemática da cor' deixa-se distinguir daquela de história natural.

11. [/] Ou ainda: a questão é: Pode-se aqui distinguir (claramente) dois empregos?

12. [/] Você / fixou // notou // dois matizes, A e B, e A é mais claro que B, e conforme com isso você chama a um matiz "A" e a um outro "B", este entretanto é mais claro que aquele: então você nomeou os matizes falsamente. (Isto é lógica.)

13. [/] O conceito de 'cor saturada' / seria // é // de espécie tal que o X saturado não pode ser ora mais claro ora mais escuro que o Y saturado; isto é, que não tem sentido dizer que ele seja uma vez mais claro, outra

mais escuro. Isto é uma determinação conceitual e novamente é do âmbito da lógica.

/ Que um conceito assim determinado seja útil // se um conceito assim determinado é útil //, ou não, não é decidido aqui.

14. [/] Este conceito poderia só ter um emprego *muito* limitado. E mesmo porque o que comumente chamamos de um X saturado é uma impressão de cor dentro de um certo contexto. Comparável com o X 'transparente'.

15. [/] Dê exemplos de jogos de linguagem simples com o conceito de 'cor saturada'!

16. [/] Eu suponho: certos compostos químicos (por exemplo, os sais de um determinado ácido) teriam cores saturadas e poderiam ser reconhecidos por conta disso.

17. [/] Ou a procedência de certas flores se deixaria adivinhar pela saturação de suas cores. De modo que, por exemplo, se poderia dizer: "Esta tem de ser uma flor dos Alpes, pois sua cor é bastante intensa".

18. [/] Em um tal caso, porém, poderia haver um vermelho saturado mais claro e um mais escuro, etc.

19. [/] E não preciso admitir que amiúde proposições são usadas na fronteira da lógica e da empiria, de modo que / seu sentido muda de um lado para outro // elas mudam de um lado para outro // e elas / ora são expressão de uma norma, ora expressão / da // de uma // experiência // ora são tratadas como expressão de uma norma, ora como expressão / da // de uma // experiência // [?]

Pois não é decerto o 'pensamento' (/ um fenômeno psíquico correlato // algo que acompanha a proposição //), mas sim / o // seu // emprego (algo que a envolve)[138] que distingue a proposição [lógica] da proposição da experiência.[139]

---

[138] Cf. nota a este parágrafo no texto restabelecido.
[139] Cf. *BF I*, § 32.

20. [/] (A falsa imagem confunde, a imagem correta ajuda.)

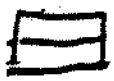
21. [/] A questão será, por exemplo: Deixa-se comunicar o significado de 'verde saturado' mediante o ensino do que é vermelho saturado, ou amarelo, ou azul?

22. [/] O *'brilho'*, o 'efeito de luz', não pode ser preto. Caso tenha substituído por / pretos // escuridão // o claro dos efeitos de luz em um quadro, não terei obtido com isso efeitos de luz pretos: e isso não simplesmente por, na natureza, produzir-se assim o efeito de luz e nunca diferentemente, mas também porque nós reagimos a uma *luz* nesse lugar de um modo determinado. Uma bandeira pode ser amarela e preta; uma outra, amarela e branca.

23. [/] A transparência pintada no quadro / tem outro efeito que a não-transparência // produz seu efeito diferentemente da não-transparência //.

24. [/] Por que não é possível um branco transparente? — Pinte um corpo vermelho transparente e então substitua o vermelho pelo branco!

Preto e branco / já têm seu papel na transparência de uma cor. // têm eles mesmos seu papel na transparência de uma cor. //

Substitua o vermelho pelo branco, então não (mais) se produz a impressão de transparência; como tampouco a impressão de corporeidade, se você faz do desenho  o desenho  .[140]

27.3.

25. [/] Por que uma cor saturada não é simplesmente: *esta*, ou *esta*, ou *esta*, ou *esta*? — Porque ela é reconhecida ou determinada de outra maneira.

[140] Desenhos reproduzidos dos manuscritos de Wittgenstein.

26. [/] O que pode deixar-nos desconfiados é acreditarem alguns reconhecer três cores primárias, alguns quatro. Alguns consideram o verde uma cor intermediária entre azul e amarelo, enquanto para mim, por exemplo, isto parece falso, mesmo com abstração de qualquer *experiência*.

Azul e amarelo, do mesmo modo que vermelho e verde, aparecem-me como opostos — mas isto talvez resulte simplesmente de eu estar acostumado a vê-los no círculo cromático em pontos opostos.

Mas, que *importância* (por assim dizer, psicológica) tem para mim a questão acerca do número das cores puras?

27. [/] Parece-me ver *algo* logicamente importante: Se se denomina verde uma cor intermediária entre azul e amarelo, então é preciso também, por exemplo, poder dizer o que se chama um amarelo apenas levemente azulado, ou um azul apenas algo amarelado. Mas estas expressões não me dizem nada. Não poderiam elas, todavia, dizer algo a outrem?

Quem me descreva assim / a cor de uma parede // uma parede // "Ela era um amarelo algo avermelhado", a esse eu poderia compreender, na medida em que, de um número de amostras, poderia escolher uma aproximadamente acertada. Mas para quem *assim* descreve a cor, que ela seja um amarelo algo azulado, eu não poderia apontar uma tal amostra.[141] — Costuma-se aqui dizer que em um caso seria possível representar-se a cor e não no outro, — mas esta expressão é enganadora, pois aqui não é preciso em absoluto pensar na aparição de uma imagem diante de um olho interior.

28. [/] Tal como há um ouvido absoluto e pessoas que o não possuem, seria possível sim, / com relação à visão das cores // com as cores //, imaginar que haja um grande número de disposições diferentes.

Compare, por exemplo, o conceito 'cor saturada' com 'cor quente'. Precisariam todas as pessoas conhecer cores 'quentes' e 'frias'? Salvo simplesmente se lhes ensinarem a distinguir deste e daquele modo, respectivamente, uma certa disjunção de cores.

Não poderia, por exemplo, haver um *pintor* sem conceito algum de 'quatro cores puras', e mesmo que achasse ridículo falar de uma tal coisa?

---

[141] Há um grifo lateral ondulado na altura desta proposição.

29. [/] Ou ainda então: O que faltaria aos homens para os quais esse conceito nada tem de natural?

30. [/] Pergunte assim: Você sabe o que significa "avermelhado"? E como você mostra sabê-lo?

Jogos de linguagem: "Mostre um amarelo (branco, azul, marrom) avermelhado!" — "Mostre um ainda mais avermelhado!" — "Um menos avermelhado!" etc. Caso domine então este jogo, / será exigido de você // ser-lhe-á dado o comando // "Mostre um verde algo avermelhado!" Suponha então dois casos: O primeiro: Você aponta em conseqüência para uma cor (e sempre para a mesma), / *por exemplo*, // digamos, // para um verde oliva — o outro: Você diz "Eu não sei o que isto significa", ou "Isto não existe".

Poder-se-ia estar inclinado a dizer que têm, um e outro, diferentes conceitos de cor; ou um outro conceito de '...ado'.

31. [/] Falamos de "cegueira para cores" e a consideramos um *defeito*. Mas facilmente poderia haver várias situações diferentes, nas quais nenhuma seria claramente inferior à outra. — Pense também que um homem pode atravessar sua vida sem que sua cegueira para cores seja percebida, até que uma ocasião / rara // especial // / a traga à luz // a torne pública //.

32. [/] Então, diferentes homens poderiam, portanto, possuir diferentes conceitos de cor? — *Algo* diferentes. Diferentes num ou noutro aspecto. E isto prejudicaria mais ou menos sua concordância, ou amiúde mesmo em nada.

33. [/] Aqui, gostaria de fazer uma observação genérica sobre a natureza dos problemas filosóficos. A falta de clareza filosófica é aflitiva. Ela será / sentida / como vergonhosa. // como uma vergonha, em todo caso de modo vergonhoso. // Sente-se que não se está familiarizado com o que se *deveria*, contudo, estar familiarizado. E, apesar disso, não *é* assim. / Pode-se // Podemos // viver muito bem, / mesmo sem tal familiaridade. // sem uma doutrina de nossos conceitos. // // sem estas distinções. //

34. [/] Como se articulam mistura de cores e 'cor intermediária'? Pode-se, decerto, em um jogo de linguagem, falar de cores intermediárias sem que nele cores sejam produzidas por qualquer mistura, mas apenas matizes já presentes sejam *escolhidos*.

E, todavia, reconhecer uma mistura cromática que produz um matiz é também *um* uso do conceito de cor intermediária.

35. [/] Afirma Lichtenberg: só poucos homens já teriam visto um branco puro. Assim, a maioria acaso emprega errado a palavra? E como *ele* aprendeu o uso correto? — Pelo contrário: ele construiu um uso ideal a partir do efetivo. Do mesmo modo por que se construiu uma geometria. Mas com "ideal" não se pensa aqui em algo especialmente bom, mas apenas em algo que foi exagerado em um sentido.[142]

36. Certamente, um uso assim inventado pode de novo instruir-nos acerca do uso efetivo.

E seria também possível que, por exemplo, para fins científicos, *introduzíssemos* um novo conceito do 'branco puro'.

(Um tal novo conceito corresponderia, então, digamos, ao conceito químico de um 'sal'.)[143]

37. Em que medida branco e preto são comparáveis a amarelo, vermelho e azul, e em que medida não?

Caso tenhamos um tapeçaria quadriculada, composta por quadrados vermelhos, azuis, verdes, amarelos, pretos e brancos, não estaremos então inclinados a dizer que ela seja composta de *duas espécies* de materiais, digamos, de 'coloridos' e 'não-coloridos'.

38. Representemo-nos então que os homens não contrastassem imagens coloridas com imagens em preto e branco, mas sim as coloridas com imagens em azul e branco. Isto é: Não poderia também o azul ser sentido (ou seja, ser usado) como se não fora *propriamente* uma cor?

---

[142] *Cf. BF I*, § 3.
[143] *Cf. BF I*, § 4.

39. [/] Conforme a meu sentimento, o azul anula o amarelo, — mas, por que eu não deveria chamar um amarelo algo esverdeado de "amarelo azulado", ou o verde de cor intermediária entre azul e amarelo, ou um fortemente azulado de azul algo amarelado?

40. [/] Em um amarelo esverdeado ainda não percebo *nada* de azul. — Verde é para mim uma estação / especial // nova // no caminho colorido do azul ao amarelo, e o vermelho é uma também.

41. [/] Que vantagem teria, em relação a mim, alguém que conhecesse um caminho colorido direto entre azul e amarelo? E como se mostra que eu não conheça um tal caminho? — Não reside tudo nos jogos de linguagem a mim possíveis com a forma "...ado"?

42. [/] Será preciso pois questionar-se: Como pareceria, se homens conhecessem cores que também os homens nossos de visão normal não conhecessem? Esta questão não se deixa, em geral, responder de modo unívoco. Pois não é sem mais claro que *precisemos* dizer de tais anormais que eles conheçam outras *cores*. Não há afinal qualquer critério em geral reconhecido para o que seja uma cor, salvo o de ser uma de nossas cores.

E contudo é possível imaginar *circunstâncias* nas quais diríamos "Estas pessoas vêem ainda outras cores além das nossas".[144]

28.3.

43. [/] Em filosofia, é preciso em cada caso aprender não apenas *o que* se há de dizer sobre um objeto, mas sim *como* se deve falar sobre ele. Sempre é preciso primeiro aprender de novo o método com que se deve abordá-lo.

44. [/] Ou ainda: Em cada problema sério, a incerteza desce até as raízes.[145]

---

[144] Cf. *BF I*, § 14.
[145] Cf. *BF I*, § 15.

45. [/] É preciso sempre estar preparado para aprender algo *completamente* novo.[146]

46. Nas cores: Parentesco, e oposição. (E isto é lógica.)

47. [/] O que significa: "O marrom é aparentado ao amarelo"?

48. [/] Significa acaso que a tarefa de escolher um amarelo algo amarronzado é inteligível sem mais? (Ou um marrom algo amarelado.)

49. [/] A mediação colorida entre duas cores.

50. "O amarelo é mais aparentado ao vermelho que ao azul." —

51. [/] A diferença entre dourado-vermelho-preto e amarelo-vermelho-preto. — Dourado vale aqui como cor.

52. [/] É um fato: estamos em condição de chegar a um acordo sobre as cores das coisas mediante seis nomes de cor. E também que não empregamos as expressões "verde avermelhado", "azul amarelado", etc.

53. {?/} [/] Descrição de um quebra-cabeça pela descrição de suas peças. Eu suponho que estas nunca deixem reconhecer uma forma espacial, mas sim que nos pareçam como pecinhas planas mono ou policromáticas. Só quando composto algo se torna uma "sombra", um "brilho", uma 'superfície monocromática côncava, ou convexa' etc.[147]

54. [/] Eu posso dizer: Este homem não distingue vermelho e verde. Posso, porém, dizer: Nós, normais, distinguimos vermelho e verde? Mas nós poderíamos dizer: "Nós vemos *aqui* 2 cores, aquele só vê *uma*".

55. A descrição do *fenômeno* da cegueira para cores / pertence à psicologia. // é da alçada da psicologia. // // é uma descrição psicológica. //

---

[146] Cf. *BF I*, § 15.
[147] Cf. *BF I*, § 60.

Portanto, também o seria a descrição do fenômeno da visão de cores normal? Certamente, — / mas, o que se chama de "fenômeno da visão de cores normal", o que sua descrição e para quem é assim determinada? // mas, o que pressupõe uma tal descrição, para quem é ela uma descrição, ou melhor: de que meios ela se serve? // Quando digo "O que ela pressupõe?", então isto significa: "Como precisa alguém já reagir a *ela* para *compreendê*-la?"

/ Aquela primeira descrição em que pensei serviu-se dos conceitos de quem vê. // Quem descreve em um livro o fenômeno da cegueira para cores descreve-o com os conceitos próprios de quem vê. //[148]

56. [/] Este papel é diferentemente claro em diferentes lugares; posso, porém, dizer que seja branco apenas em certos lugares, enquanto em outros seria cinza?? — Sim, se eu o pinto, com certeza misturarei um / cinza // cinza claro // para os lugares mais escuros.

Uma cor de superfície é uma qualidade de uma superfície. Poder-se-ia (portanto) estar tentado a desconsiderá-*la* como um conceito de cor puro. Mas o que seria então um *mais puro*?!

57. [/] Não é correto que, em um *pintura*, o branco deva ser sempre a cor mais clara. Conquanto sim em / um ornamento de superfície de manchas coloridas // uma combinação de manchas coloridas em uma superfície //. Um pintura poderia apresentar um livro de papel branco na sombra e, mais claro que ele, um luminoso céu amarelo, ou azul, ou avermelhado. Descrevo, porém, uma superfície plana, uma tapeçaria, por exemplo, composta de quadrados de puro amarelo, vermelho, azul, branco e preto, — neste caso, os amarelos não podem ser mais claros que os brancos, nem os vermelhos que os amarelos.

Por isso, para Goethe, as cores eram sombras.[149]

58. [/] Parece haver um conceito de cor / mais puro // mais fundamental // // mais elementar // // mais simples // que o de cor de superfície. Ele seria representado, gosta-se de pensar, ou mediante / pequenos

---

[148] Cf. *BF I*, § 16.
[149] Cf. *BF I*, § 2.

elementos coloridos do campo visual // pequenas manchas coloridas //, ou mediante pontos luminosos à semelhança de estrelas. Dessas cores pontuais, ou pequenas / manchas de cor // amostras de cor //, compor-se-iam também as maiores extensões coloridas. De modo que se poderia descrever a impressão colorida de uma superfície, / ao se descrever sua composição a partir de muitas pequenas manchas coloridas. // ao se situarem em sua posição as muitas pequenas manchas coloridas. //

Como, porém, se deve comparar uma tão pequena amostra de cor a um pedaço de uma superfície maior? Que contexto deve ter a amostra de cor?[150]

29.3.

59. [/] Quase não estamos circundados na vida cotidiana senão por cores impuras. Tanto mais notável que tenhamos formado um conceito de cores *puras*.

60. [/] Por que nós não falamos de um marrom 'puro'? É fundamento para isso só a posição do marrom em relação às outras cores 'puras', seu parentesco com todas elas? — Marrom é sobretudo apenas cor de superfície. Isto é: não há marrom *cristalino*, senão só um turvo. Também: marrom contém preto. — (?) — Como precisaria comportar-se um homem, de modo que dele se pudesse dizer que conheça um marrom *puro, primário*?

61. [/] Nós precisamos sempre retornar à questão: Como o homem aprende o significado dos nomes de cores?

62. [/] O que significa "Marrom contém preto"? Há marrom mais ou menos enegrecido. Há porém um que não mais seja enegrecido? Não há certamente um que em nada seja *amarelado*.[151]

---

[150] Cf. *BF I*, § 61.

[151] Talvez haja aqui uma interrogação.

63. Se assim refletimos adiante, então / mais e mais nos ocorrem mesmo 'propriedades internas' da cor, // mais e mais nos ocorrem 'propriedades internas' de uma cor, // nas quais não tínhamos inicialmente pensado. E isto pode indicar-nos o processo de uma investigação filosófica. Devemos sempre estar aguardando que nos ocorra uma nova e não premeditada propriedade.

64. Também não devemos esquecer que nossas palavras para cores caracterizam a impressão de uma superfície sobre a qual nosso olhar passeia. Elas estão aí para isso.

65. [/] "Luz marrom". Suponha que seja proposto que um sinal luminoso de rua deva ser *marrom*.

66. É de se esperar que encontremos (encontraremos) adjetivos que (como "furta-cor") são características cromáticas de uma superfície extensa, ou também de uma pequena extensão em um *determinado contexto* ("cintilante", "vibrante", "brilhante", "luminoso").

67. [/] Sim, as cores puras não têm mesmo nomes especiais usados em geral, tão pouco importantes elas nos são.

68. [/] Imaginemos que alguém pinte cada qualquer fragmento da natureza, e mesmo em cores a ela fiéis. Cada / parte da superfície // ponto // de um tal quadro tem uma cor determinada. Que cor? Como determino seu nome? Deve a cor ter o nome do pigmento aplicado pelo pintor, nome pelo qual, por exemplo, o pigmento é colocado à venda? Não poderia, entretanto, um tal pigmento, em contexto especial, parecer completamente diferente do que na paleta?

69. [/] Talvez então chegássemos, por conseguinte, a dar nomes especiais a / pequenos pedacinhos de cor // pequenas manchas de cor // contra um fundo negro, por exemplo.

Quero com isso propriamente indicar que não é de modo algum claro a priori quais são os conceitos de cor / puros // *simples* //.

30.3.

1*. | / Nada há de inaudito nisso // Nada há de inaudito // Não é inaudito // que o caráter do homem possa ser influenciado pelo mundo exterior (Weininger). Pois isto significa apenas que o homem, na medida de sua experiência, modifica-se com as circunstâncias. Pergunta-se: Como poderia o meio *constranger* o homem, o ético dentro dele? — então a resposta é que ele, na verdade, quer dizer "Nenhum homem precisa precisar", mas todavia sob / assim urdidas // tais // circunstâncias *irá* agir desse e daquele modo.

'Você não PRECISA, eu posso mostrar-lhe uma (outra) saída, — mas você não a agarrará.' |

70. [/] Não é verdade que uma cor mais escura seja ao mesmo tempo uma mais enegrecida. Isto é decerto claro. Um amarelo saturado é mais escuro, embora não mais enegrecido que um amarelo esbranquiçado. Mas o âmbar tampouco é um 'amarelo enegrecido'. (?) E, entretanto, fala-se também de um vidro ou espelho 'negro'. — Reside a dificuldade em que, com "preto", eu penso essencialmente em uma cor de superfície?

Eu não diria de um rubi que ele seja de um vermelho enegrecido, pois isto apontaria para o *turvo*. (Por outro lado, lembre-se que o turvo e o transparente podem ser *pintados*.)[152]

71. Eu trato os conceitos de cor de modo semelhante a como trato os conceitos da sensação.

72. {/} Os conceitos de cor são de tratamento semelhante ao dos conceitos da sensação.

73. Não há *o* conceito de cor puro.

74. De onde, então, vem a ilusão? Não é ela uma simplificação precipitada na lógica, como qualquer outra?

---

[152] Cf. *BF I*, § 44.

75. [/] Isto é: os diversos conceitos de cor são decerto bastante aparentados entre si, as diversas 'palavras para cores' têm um uso similar, mas há muitas diferenças.

76. [/] Runge afirma haver cores transparentes e não-transparentes. Mas um pedaço de vidro verde em um quadro não será, por conta disso, [pintado] com um outro verde que o de um tecido verde.[153]

77. É um passo costumeiro na pintura representar um efeito de luz por uma cor.

78. [/] A indeterminação no conceito da cor reside sobretudo na indeterminação do conceito da identidade de cor, portanto, do método de comparação das cores.[154]

79. Há a cor dourada, mas Rembrandt não se serviu dela para representar um elmo dourado.

80. [/] O que torna o cinza uma cor neutra? É algo fisiológico ou algo lógico?

O que faz *coloridas*[155] as cores coloridas? É isso conceitual, ou reside em causa e efeito?

Por que não são incluídos o branco e o preto no 'círculo cromático'? Apenas por chocar-se isso com / um sentimento dentro de nós // nosso sentimento // ?

81. [/] Não há um cinza luminoso. Pertence isso ao conceito do cinza, ou à psicologia (logo, à história natural) do cinza? E não é estranho que eu o não saiba?

---

[153] Cf. *BF I*, § 17.

[154] Cf. *BF I*, § 17.

[155] Não há correspondentes adequados e correntes em português para 'bunt' e 'unbunt' que evitem a impressão, nesses casos, quer de um pleonasmo, quer de um oxímoro. Em todo caso, a distinção opõe o branco, o preto e o cinza (não coloridos) às outras cores.

82. [/] Que as cores tenham suas causas e seus efeitos característicos, isso nós o sabemos.

83. [/] O cinza situa-se entre dois extremos (preto e branco) e pode receber uma tonalidade de qualquer outra cor.

84. [/] Não seria pensável que alguém visse preto o que vemos branco, e inversamente?

85. [/] Em uma amostra colorida, o preto e o branco poderiam estar ao lado do vermelho e do verde, etc., sem se segregarem como de outra natureza.

Apenas no círculo cromático seriam separados. Tanto porque o preto e o branco se misturam com todas as outras cores; como especialmente: / ambos com seu pólo oposto. // cada com seu pólo oposto. //

86. [/] Não se pode representar que homens tenham outra geometria cromática que não a nossa normal? E isto naturalmente significa: pode-se descrever isso? pode-se atender sem mais a exigência de descrevê-lo? sabe-se portanto *inequivocamente* o que nos é exigido?

A dificuldade é obviamente esta: Já não nos mostra / a // nossa // geometria cromática do que se trata, a saber, que se trata das cores?[156]

87. [/] A dificuldade em representar-se isso (ou em dar uma imagem disso) é, portanto, propriamente, a de saber quando se imaginou / isso // *isso* // . Isto é, a indeterminação da exigência de representá-lo.

88. [/] A dificuldade consiste, pois, em saber o que aqui deve ser considerado como análogo ao que nos é familiar.

89. [/] Uma cor que seria 'suja' como cor de uma parede, não o seria por isso em uma pintura.

---

[156] Cf. *BF I*, § 66.

90. [/] Eu duvido que as observações de Goethe sobre o caráter das cores possam ser úteis a um pintor. E mal servem a um decorador.[157]

91. [/] Houvesse uma doutrina da harmonia das cores, então ela começaria, digamos, com a divisão das cores em grupos distintos e proibiria certas misturas ou vizinhanças, permitindo outras; e, como a doutrina da harmonia, ela não fundamentaria suas regras.[158]

92. [/] Não pode isso lançar-nos alguma luz sobre a *espécie* daquelas diferenças entre as cores?

---

93. Não dizemos que A saiba algo e B o contrário. Coloque-se porém "acreditar" no lugar de "saber" e, logo, eis uma proposição.

---

94. Runge a Goethe: "Caso alguém deseje imaginar um laranja azulado, um verde avermelhado, ou um violeta amarelado, sentir-se-ia como em um vento norte vindo do sudoeste."

Do mesmo modo: "Branco e preto são ambos não-transparentes ou corpóreos..... Água branca que seja pura é tão inimaginável quanto o leite cristalino. Se o preto apenas escurecesse, poderia bem ser cristalino; como porém suja, então não o pode ser."[159]

95. Em meu quarto, à minha volta, há objetos diversamente coloreados. É fácil dizer-lhes a cor. Porém, se sou perguntado que cor eu vejo daqui, digamos, *neste* lugar de minha mesa, então não poderia responder; o lugar está esbranquiçado (pois a mesa marrom é aqui iluminada pela parede clara), ele é, de qualquer modo, bem mais claro que o restante da mesa, mas, entre amostras de cor, eu não poderia escolher uma que tenha a mesma coloração desse lugar da mesa.

---

[157] Cf. *BF I*, § 73.
[158] Cf. *BF I*, § 74.
[159] Cf. *BF I*, § 21.

96. De que a mim, ou a todos, assim pareça, não se segue que assim *seja*.

Portanto: disso, de que a nós todos a mesa pareça marrom, não se segue que ela seja marrom. Mas que significa então: "Esta mesa não é, enfim, marrom"? — Segue-se, então, disso, de que nos parece marrom, que ela é marrom?

97. Não *chamamos* mesmo de marrom a mesa que, em certas circunstâncias, parece marrom ao / de vista normal // normal // ? Nós nos poderíamos decerto imaginar alguém para quem as coisas, independentemente de suas cores, aparecessem coloridas ora desse ora daquele modo. — — —

98. Que isso assim pareça aos homens é o critério destes para o que assim *é*.

99. Parecer assim e ser assim, / em casos excepcionais // em casos especiais //, podem decerto ser independentes entre si, mas isto não os torna logicamente independentes; o jogo de linguagem não reside na exceção.

100. *Dourado* é uma cor de superfície.

101. Nós temos *preconceitos* no que tange ao emprego das palavras.

102. {?/} [/] À pergunta: "O que significa 'vermelho', 'azul', 'preto', 'branco'?", poderíamos logo apontar para coisas que são assim coloridas, — mas isto também é tudo: nossa capacidade de esclarecer os significados não vai além.[160]

103. [/] No restante, não nos fazemos delas nenhuma representação, ou quiçá uma grosseira / e em parte falsa // e falsa //.[161]

104. 'Escuro' e 'enegrecido' não são o mesmo conceito.

---

[160] Cf. *BF I*, § 68.

[161] Cf. *BF I*, § 68.

105. [/] Runge afirma: "o preto 'suja'": o que significa isto? É isto um efeito do negro sobre o anímico? Pensa-se aqui no *efeito* de misturar-se a cor negra?

106. [/] Em que consiste não precisar um amarelo escuro ser sentido como 'enegrecido', mesmo se nós o chamamos de escuro?

A lógica dos conceitos de cor é mesmo bem mais complicada do que possa parecer.

107. Os conceitos 'fosco' e 'brilhante'. Se se imagina algo sob o conceito 'cor' que seja a propriedade de um ponto no espaço, então os conceitos fosco e brilhante não têm qualquer relação com tal conceito de cor.

108. [/] A primeira 'solução' para o problema da cor que nos ocorre é que os conceitos de cor 'puros' relacionam-se a pontos ou a pequenas manchas indivisíveis no espaço. Pergunta: Como podem ser comparadas as cores de dois desses pontos? Simplesmente ao se / dirigir // voltar // // deixar conduzir // o olhar de um ponto a outro? Ou / pelo // por um // transporte de um objeto colorido? Se isto, como se sabe que / este // o // objeto com isso não / tem sua cor diferentemente // mudou sua cor //; se aquilo, como se pode comparar entre si pontos coloridos sem que a comparação seja influenciada por seu contexto?[162]

109. Eu poderia imaginar um lógico que / narra // afirma // ter / agora // finalmente // chegado a poder *verdadeiramente pensar* 2×2=4.[163]

110. {S} Se você não tem claro o papel da lógica nos conceitos de cor, comece com o caso simples de um vermelho amarelado, por exemplo. Que este exista, ninguém duvida. Como aprendo o uso da palavra 'amarelado'? Através de jogos de linguagem de ordenação, por exemplo.

---

[162] Cf. *BF I*, § 61.
[163] Cf. *BF I*, § 69.

Eu posso, portanto, em concordância com outros, aprender a reconhecer vermelho, verde, marrom, branco amarelados e ainda mais amarelados.

Com isso, dou passos autônomos, como na aritmética. A tarefa de encontrar um azul amarelado, alguém quer resolvê-la com um azul-verde, enquanto outro não a entende. De que isso depende?

111. [/] *Eu* digo que o azul-verde não contém nenhum amarelo; entretanto, se um outro diz que, pelo contrário, contém sim amarelo, quem tem razão? Como se pode testá-lo? Distinguem-se ambos apenas por suas palavras? — Não reconheceria o primeiro um verde puro que não se inclina seja para o azul seja para o amarelo? E qual a utilidade disto? Em que jogos de linguagem se deixa empregar? — Ele poderá em todo caso resolver a tarefa de separar coisas verdes que *nada* tenham de amarelado e aquelas que *não* contêm azul. E nisso consistirá o ponto de separação 'verde', que o outro desconhece.

112. [/] Um aprenderá um jogo de linguagem que o outro não pode aprender. E *nisso* deve decerto consistir toda espécie de cegueira para cores. Pois, caso pudesse o 'cego para cores' aprender os jogos de linguagem dos normais, por que deveria ele ser excluído de certos ofícios?

113. [/] Caso pois se tivesse chamado a atenção de Runge para esta diferença entre verde e laranja, talvez ele tivesse renunciado à idéia de que só há *três* cores fundamentais.

114. [/] Em que medida, então, pertence à lógica, e não à psicologia, que alguém possa ou não aprender um jogo?

115. [/] Eu afirmo: Quem não pode jogar *este* jogo não tem *este* conceito.

116. [/] Quem possui o conceito 'amanhã'? De quem nós dizemos que o possua?

117. {/} [/] Em uma fotografia, vi um rapaz com cabelo loiro liso penteado para trás e uma casaca clara suja e um homem com cabelos escuros,

parados diante de uma máquina, composta em parte por peças de metal fundido pintadas de negro, em parte por engrenagens trabalhadas e polidas, rodas dentadas, entre outras, e ao lado uma grade de claro arame zincado. O ferro trabalhado / tinha cor de ferro // parecia cor de ferro //, o cabelo do jovem era loiro, negras as peças de metal, cor de zinco o alambrado, embora tudo estivesse apresentado nos tons mais claros e mais escuros do papel fotográfico.[164]

118. [/] Pode haver débeis mentais aos quais não se consiga ensinar o conceito 'amanhã', ou o conceito 'eu', ou a leitura das horas. Ele não aprenderia o uso da palavra "amanhã", etc.[165]

119. [/] Mas, a quem posso / comunicar // descrever // *o que* não consegue aprender / esse // o // débil mental? Não apenas a quem já o tenha mesmo aprendido? Não posso informar a alguém que fulano e beltrano não poderiam aprender matemática superior, se tal alguém tampouco a domina? E entretanto: não sabe mais exatamente aquele que aprendeu matemática superior? Não compreende a palavra "xadrez" quem aprendeu a jogá-lo diferentemente de quem o não sabe? O se chama "descrever uma técnica"?[166]

120. Ou assim: A pessoa / de visão normal // de vista normal // e o cego para cores têm / o mesmo conceito de cegueira para cores? // a mesma concepção da cegueira para cores? //

E, todavia, o cego para cores compreende a declaração "Eu sou cego para cores" e também sua negação.

/ Um cego para cores não só não pode, inteiramente como um normal, aprender a empregar nossos nomes de cores, como nem sequer a expressão "cego para cores". Ele, por exemplo, não pode sempre constatar a cegueira para cores, onde / o normal pode // o outro pode //. // Entre as coisas que o cego para cores não pode aprender, também se encontra: constatar a cegueira para cores de outra pessoa. //[167]

---

[164] Cf. *BF I*, § 63.
[165] Cf. *BF I*, § 75.
[166] Cf. *BF I*, § 75.
[167] Cf. *BF I*, § 77.

121. [/] E a quem posso descrever tudo o que *nós*, normais, podemos aprender?

Também a compreensão da descrição pressupõe que ele já tenha aprendido algo.

122. [/] Como posso descrever a alguém o modo por que usamos a palavra "amanhã"? Posso *ensinar* isso a uma criança; o que porém não significa descrever-lhe o uso.

Mas, não posso descrever a Praxis de pessoas que têm um conceito (por exemplo, 'verde avermelhado') que nós não possuímos? — Em todo caso, não posso *ensinar* essa Praxis a ninguém.

123. [/] Posso também só dizer: "Estas pessoas chamam *isto* (digamos, um marrom) de verde avermelhado"? Não seria isso então apenas uma outra palavra para algo para o que eu também tenho uma palavra? Se elas realmente têm um conceito diferente do meu, então isso deve mostrar-se em que eu não tenho familiaridade com seu emprego da palavra.

124. [/] Eu tenho, não obstante, sempre repetido que se pode imaginar que nossos conceitos fossem diferentes do que são. Foi tudo isso absurdo?

11.4.

125. [/] A doutrina goetheana da constituição do espectro não *é* uma teoria da constituição / , uma que // que // se mostrou insuficiente, mas realmente é teoria nenhuma. / Por ela, // Com sua ajuda, // *nada* se deixa prever. Ela é antes um vago esquema de pensamento, de gênero semelhante ao dos que encontramos na psicologia de James. Não há para a doutrina das cores de Goethe um experimentum crucis.[168]

Quem concorda com Goethe acredita que ele tenha reconhecido corretamente a *natureza* da cor. E a 'natureza' não é aqui uma soma de experiências relativas à cor, mas [reside] no conceito da cor.[169]

---

[168] Cf. *BF I*, § 70.

[169] Cf. *BF I*, § 71.

126. [/] Uma coisa parecia clara a Goethe: A clareza não pode resultar, por composição, de escurecimentos — assim mesmo como mais e mais sombras não geram a luz. / Mas isto // E isto // deixa-se expressar assim: Se se chama de lilás um "azul esbranquiçado e avermelhado", ou de marrom um "amarelo enegrecido e avermelhado", então entretanto não se / pode // poderia // chamar de branco *nenhum* 'azul esverdeado, avermelhado e amarelado' ou coisa semelhante. E *isso* tampouco foi demonstrado por Newton. O branco, *neste* sentido, não é uma cor mista.[170]

12.4.

127. [/] 'As cores'. Ora, elas não são coisas, que têm propriedades determinadas, de modo que se possa sem mais procurar por cores, representar-se cores que nós ainda não conhecemos, ou que possamos representar-nos alguém que conheça cores diferentes das que conhecemos. É bem possível que, sob certas circunstâncias, disséssemos: / pessoas conhecem // alguém conhece // cores que não conhecemos, mas nós não somos forçados a esta expressão. Pois não está dito o que devemos ver como analogia suficiente para com nossas cores, de modo a que possamos dizê-lo. Aqui há semelhança com quando se fala de '*luz*' infravermelha; há um bom fundamento / para fazê-lo // para falar assim //, mas também se pode explicar isso como um abuso.

E de modo semelhante com meu conceito: 'ter dores no corpo de outrem'.

128. [/] / Uma tribo inteira de cegos para cores poderia viver muito bem; mas, tivesse ela desenvolvido todos os nossos nomes de cores, como corresponderia sua nomenclatura à nossa? // Houvesse *apenas* cegos para cores, eles poderiam decerto viver muito bem; mas se pode duvidar que desenvolvessem nomes de cores correspondentes aos nossos. // E, se não, como pareceria *no caso* a linguagem a eles natural?? Nós o sabemos? Teriam eles porventura três cores fundamentais: azul, amarelo e uma terceira, que tomaria o lugar de vermelho e verde? — Como, então, se /

---

[170] Cf. *BF I*, § 72.

encontrássemos uma tal tribo e quiséssemos aprender sua linguagem? Nós iríamos aí enfrentar certas dificuldades. // encontrássemos uma tribo que tivesse uma nomenclatura cromática em tal medida desviante da nossa? //

129. [/] Não poderia haver homens que não entendessem nosso modo de expressão de que o laranja é um amarelo avermelhado (etc.) e que só estariam inclinados a dizer algo assim no caso de um laranja (por exemplo) ocorrer em uma efetiva transição cromática do vermelho ao amarelo? E, para tais homens, poderia também haver facilmente um verde avermelhado.

Eles não poderiam, portanto, 'analisar as cores mistas', aprender nosso emprego de X Y-ado. (De modo semelhante a homens sem ouvido absoluto.)

130. [/] E como seria com homens que tão-só tivessem conceitos de cores-formas? Devo dizer deles que não *vêem* que uma folha verde e uma mesa verde, se eu lhes aponto tais, têm a mesma cor, ou que têm algo em comum? Como, então, se 'não lhes ocorre' comparar entre si objetos de mesma cor e diferentes formas? Por conta de seu ambiente especial, tal comparação ou nunca teve para eles nenhuma importância, ou teve uma uma importância por completo excepcional, de modo a nunca solicitar a construção de um instrumental lingüístico.

2*. "Se alguém realmente se alegra, então se sabe isso." Mas nem por isso pode-se descrever a expressão autêntica. — Mas, naturalmente, também não é *sempre* verdadeiro que se reconheça a expressão autêntica ou se saiba se é autêntica a expressão. Há decerto casos em que não se fala de bom grado seja de autêntico seja de inautêntico. Alguém ri e suas reações posteriores não são conformes quer com a alegria autêntica, quer com a simulada. Nós diríamos talvez "Eu não o conheço bem. Não é a imagem (padrão) da alegria genuína, nem da simulada.[171]

[171] Wittgenstein não indica onde fechar as aspas.

Não poderia ele estar para o homem normal que sente como o cego para cores para o normal que vê?

3*. Eu poderia, fundamentado em meu conhecimento de seu caráter, enunciar confiantemente que ele reagiria nessa situação desse e daquele modo, e seria também possível que outrem pudesse confiar em meu juízo, sem contudo poder exigir de mim que fundamentasse meu juízo mediante uma descrição verificável.

4*. Um pintor teria apresentado a expressão da alegria graciosa. — E eu vejo o quadro e digo "Talvez seja simulada".

5*. É, quando menos, representável que, em um país, a lei confiasse no depoimento de um homem em relação a suas possibilidades, se a testemunha o conhecesse durante um certo tempo. Assim, pergunta-se também hoje, digamos, a um psiquiatra se esta ou aquela pessoa é capaz de suicídio. Então é pressuposto que, em geral, a *experiência* não contraria um tal depoimento.

6*. Tento descrever as leis ou regras de evidência para proposições sobre vivências: caracteriza-se assim o que realmente é visado com o anímico?

7*. {?/} O característico do anímico parece ser que, em outrem, precisa-se adivinhá-lo pelo exterior e só de si mesmo o *conhece*.

Mas, se através de uma reflexão mais cuidadosa esta opinião / desmorona // se evola //, / então não se tornou mesmo o interior em exterior, embora para nós não haja mais evidência direta interna do anímico ou indireta externa. // então não se evidencia com isso que o interior seja algo externo. // // então, com isso, não se torna o interior o exterior, mas "exterior" e "interior" não valem mais como / atributos // propriedades // da evidência. "Evidência interna" nada significa, e por isso também "evidência externa".

8*. {?/} Há, porém, 'evidência para o interior' e 'evidência para o exterior'.

9*. "Eu percebo certamente apenas e sempre / o *exterior* // seu *exterior*// ." Se isto tem sentido, então precisa determinar um conceito. Mas por que não devo dizer que percebo sua dúvida? (*Ele* não a pode perceber.)

10*. Eu posso porém amiúde descrever seu interior como o percebo, embora não seu exterior.

11*. A ligação entre dentro e fora pertence a esses conceitos. Nós não fazemos essa ligação para / eliminar // fazer desaparecer // o interior.

Há *conceitos* internos e *conceitos* externos.

12*. O que quero dizer é decerto que o interior se distingue do exterior por sua *lógica*. E que, certamente, a lógica / esclarece a imagem do dentro e fora // esclarece a expressão "o interior", // torna-a compreensível.

13*. Não precisamos do conceito "anímico" (etc.) para justificar que algumas de nossas conclusões são indeterminadas, etc. Mas tal indeterminação, etc., esclarece-nos o emprego da palavra "anímico".

14*. "É claro que só vejo propriamente o exterior."

Mas, não falo realmente apenas do exterior? Eu digo, por exemplo, sob quais circunstâncias os homens dizem isso ou aquilo. E penso decerto sempre em circunstâncias *exteriores*. É portanto como se eu quisesse esclarecer (de certo modo, definir) o interior pelo exterior. E, porém, não é assim.

15*. Reside isso em ser o jogo de linguagem algo exterior?

16*. *Nenhuma* evidência nos ensina a exteriorização psicológica.[172]

---

[172] Apesar de um tanto forçada nossa solução, foi preciso marcar a ocorrência de 'Äußerung' com a pouco natural 'exteriorização', mesmo temendo que ela talvez comporte algo do preconceito que as reflexões de Wittgenstein denunciam. Seria difícil recorrermos a 'expressão', conquanto eventualmente mais natural traduzir "die Äußerung machen" por algo como "servir-se da expressão". A palavra 'expressão', porém, já está sobrecarregada, traduzindo, além de 'Ausdruck', 'Miene' e por vezes 'Gesicht'. Nestes casos, aliás, embora o contexto deixe claro o sentido de tratar-se de manifestação no rosto, acrescentamos a palavra 'facial'.

17*. "Anímico" não é para mim um / adjetivo // epíteto // metafísico, mas sim um lógico.

18*. | Não acredito que se possa juntar Shakespeare a outros poetas. Não foi ele talvez mais um *criador de linguagem* que um poeta? |

19*. | Eu só poderia admirar Shakespeare; nunca fazer algo com ele. |

20*. | Eu tenho uma *profunda* desconfiança contra os admiradores máximos de Shakespeare. Eu creio ser o azar que ele, ao menos na cultura ocidental, figura sozinho, e então, para alinhá-lo, só se pode alinhá-lo erroneamente. |

21*. | *Não* é como se Shakespeare retratasse bem tipos humanos e fosse nessa medida *verdadeiro*. Ele *não* é fiel à natureza. Mas ele tem uma mão tão ágil, um *traço* de tal modo pessoal, que cada uma de suas figuras parece *significativa*, notável. |

22*. | "O grande coração de Beethoven" — ninguém poderia dizer "o grande coração de Shakespeare". 'A mão ágil que criou novas formas naturais da linguagem' parece-me mais correto. |

23*. | O poeta não pode, propriamente, dizer de si "Eu canto como canta o pássaro" — Shakespeare, todavia, talvez pudesse dizê-lo. |

24*. "Eu vejo o exterior e, com isso, represento-me um interior."

25*. {/} Se expressão facial, gestos e circunstâncias são unívocos, então o interior parece ser o exterior; só quando não conseguimos ler o exterior parece haver um interior escondido atrás dele.

26*. Há conceitos internos e externos, modos internos e externos de consideração do homem. E certamente há também fatos internos e externos — tanto como há, por exemplo, fatos físicos e fatos matemáticos. Mas eles não ficam lado a lado como plantas de diversa natureza. Pois o que disse

soa como se se dissesse: Na natureza, todos esses fatos ocorrem. E, então, o que seria falso nisso?

27*. {/} O interno não se liga ao externo apenas empiricamente, senão também de modo lógico.

28*. {/} O interno está ligado ao externo logicamente, não apenas de modo empírico.

29*. "Se investigo as leis da evidência para o anímico, então investigo a *essência* do anímico." É isto verdadeiro?

30*. Sem dúvida. A *essência* não é algo que possa ser apontado, ela só pode ser descrita em seus traços.

31*. Mas não depõe contra isto um preconceito? Nós certamente podemos progressivamente enumerar as *propriedades* do tinteiro, mas sua *essência* não precisa manter-se de uma vez por todas, não nos é mesmo dada com este / objeto que temos diante de nós // objeto sob nossos olhos // ? O que aí temos diante de nós não é decerto o 'emprego de uma palavra'! Certamente não; mas o conceito 'tinteiro', aqui necessário, não se dispõe apreensível diante de nós, nem isso que se nos antepõe comporta em si o conceito. E, para apresentá-lo, não basta entregar um tinteiro a alguém. E isto não porque o homem seja pouco inteligente para extrair do objeto o conceito.

32*. Eu posso mostrar a alguém um objeto, porque sua *cor* é saliente, e quero mostrá-*la* a outrem; mas isto já pressupõe um certo jogo entre nós.

33*. Sim, ele pode / ficar perplexo de admiração // admirar-se // ao olhar o objeto; mas que ele 'se admire da cor', que a cor seja o *fundamento* da admiração, e não quiçá apenas a *causa* de sua vivência, para isso ele precisa do conceito de cor, / não apenas dos olhos // não apenas do ver //.

34*. Alguém empenha sua palavra ao dizer que outrem tenha acreditado nisso e naquilo. — Então pode-se perguntar-lhe: "De onde você sabe isso?",

e ele pode responder: "Ele me garantiu isso na mais elevada seriedade, e eu o conheço bem".

35*. Se eu digo "Eu não estou familiarizado com ele", então isto tem pouca semelhança com o caso: "Eu não estou familiarizado com este mecanismo". Creio que isso significa *aproximadamente*: Não posso / prever // predizer // seu comportamento com a segurança de como o faço para pessoas 'com as quais estou familiarizado'.

36*. A questão da evidência para o vivenciado precisa estar ligada à segurança ou insegurança de uma previsão acerca do comportamento de outrem. Mas não é de todo assim, pois tão-só raramente se prediz a reação de outrem.

Eu acho que a imprevisibilidade deve ser *uma* propriedade essencial do anímico. Tanto quanto a infinita variedade da expressão.

37*. {/} O que, por exemplo, denota e o que nega que o cachorro tenha uma vida anímica?

Não é decerto sua figura, sua cor ou sua anatomia. Portanto, é seu comportamento.

38*. Os que dizem que o cachorro não tem alma apoiam-se no que ele pode e no que não pode fazer. Pois, se alguém afirmou que um cachorro não pode ter esperança, — de onde deduziu isso? E quem diz que o cachorro *tenha* uma alma, só pode apoiá-lo sobre o comportamento que observou no cachorro.

"Veja só a cara e os movimentos / de um // do // cachorro, e você verá que ele tem uma alma." Mas, o que pode estar na cara? Não é apenas a semelhança com o jogo facial do humano? É, ao menos entre outras coisas, a falta de rigidez?

39*. {/} Os *importantes* e sutis matizes do comportamento não são predizíveis.

40*. Mas, isto significa que, se fossem predizíveis, então, com o homem, não falaríamos na oposição de um interior a um exterior? — Mas, nós nos

representamos claramente uma tal previsibilidade? Ela implica, por exemplo, que não solicitaríamos dele uma decisão?

41*. {/} Imagine que encontremos um homem sem alma. Por que não deve algo assim poder aparecer como uma aberração? Seria, pois, um corpo humano chegado ao mundo com certas funções vitais, mas sem uma alma. Então, como apareceria isso?

42*. {/} A *única coisa* que consigo imaginar nesse caso é que tal corpo humano agiria como um autômato e não como os corpos humanos comuns.

43*. {/} Se isso significa "O homem consiste em um corpo e em uma alma", então não seria contrariado por uma tal aparição. Pois isso não seria mesmo um homem (genuíno), mas sim algo diferente, e decerto bastante raro. Como porém se pode saber que isso *nunca* acontece? Apenas: como apareceria propriamente este fenômeno?

44*. Ou não deveria isso ser fenômeno algum? Não seria reconhecível a capacidade anímica?

45*. Pode haver crueldade sem que tenha qualquer expressão? Corresponderia ao que chamamos de "crueldade"?

46*. Poder-se-ia também dizer assim: como precisaria agir um corpo humano de modo a que não se esteja inclinado a falar de estados humanos internos e externos?

Nesse caso, sempre torno a pensar: "maquinalmente".

47*. O mais finamente articulado comportamento humano é talvez a linguagem dos jogos com tons de voz e expressões faciais.

48*. Poderia o sem alma manifestar um sinal de dor? Caso ele apenas grite e se volte, então poder-se-ia ainda considerar isso como uma reação automática; se ele, porém, faz caretas de dor e parece sofrer, nós já então teríamos o sentimento de vermos *dentro dele mesmo*.

Mas, e se ele então fizesse sempre exatamente a mesma careta de dor?

49*. É como se, por uma / expressão facial humana // expressão humana //, ele se tornasse *transparente* para nós.

50*. Quem tem uma alma precisa estar apto para a dor, a alegria, o desgosto, etc., etc. E, se ele deve além disso ser capaz de lembrar-se, de tomar decisões, de propor-se algo, então ele precisa da expressão lingüística.

51*. {/} E não é então como se eu tivesse em mim (evidência) direta para meu anímico, enquanto ele apenas uma indireta. Mas sim que ele tem alguma evidência, (embora) eu não.

52*. Caso, porém, então se diga que esta evidência torna o anímico apenas provável, então isto é ambíguo e pode significar tanto algo verdadeiro como algo falso. / E, em todo caso, não que a evidência se ligue com o anímico tão-só empiricamente (como um sintoma com uma doença). // Se isto é porém verdadeiro, não o é porque a evidência se liga com o anímico tão-só empiricamente (como um sintoma com uma doença). //

53*. Por que não se deve dizer: "A evidência do anímico no outro é / seu exterior // o exterior //"?

/ Mas nós então não (mais) vemos uma segura evidência imediata e interna do anímico e uma evidência insegura, mediata e externa. // Mas não mais há para nós evidência segura e interna do anímico ou insegura e externa. // // Apenas não há evidência do interno que seja externa, mediata e indireta e a que seja interna, imediata e direta. // // Apenas não há evidência externa e evidência interna para o interior. //

54*. E a evidência, na medida em que for insegura, não o será porque apenas evidência externa.

55*. Que o ator possa apresentar o desgosto, mostra a insegurança da evidência; mas, que ele possa apresentar o *desgosto*, também mostra a realidade da evidência.

56*. Não é a relação do interno ao exterior que esclarece / uma // a // insegurança da evidência, / mas sim, ao contrário, tal relação é apenas uma apresentação imagética / da // dessa // insegurança. // mas sim, ao contrário, tal relação apenas será usada / como apresentação imagética dessa insegurança // como imagem para aquela insegurança //. //

57*. Certamente, não só o anímico pode ser apresentado no palco; também pode ser simulada para nós uma ferida, ou uma montanha.

Não é portanto uma característica exclusiva do anímico que / se deixe encenar // nos possa ser simulado //.

58*. Por que dizemos: "Eu não sabia o que se passava por trás dessa face", embora nos possa ser por completo indiferente o que se passa por detrás da face de um homem? Nossa insegurança de modo algum se relaciona com processos internos; e, caso se relacione ao anímico, então o anímico tem sim uma expressão no corpóreo.

Portanto, a uma insegurança relativa ao interno corresponde uma insegurança sobre o externo.

Assim como a uma insegurança quanto ao número resultante de uma conta corresponde uma insegurança sobre o algarismo que figurará ao final da conta.

59*. E isto *não* significa que a insegurança sobre algo / anímico // interno // se expresse em geral como insegurança sobre o externo.

Assim como o desgosto não deixa essencialmente de ter uma expressão na fisionomia, embora eu possa não estar em condição de descrever uma fisionomia de modo outro que através da palavra 'desgostosa'.

60*. Poderia alguém declarar perante o tribunal: "Eu sei que ele outrora pensou em ...."? Ora, um tal depoimento poderia ser admitido, ou também não. Talvez fosse julgado que alguém que conheça há tantos anos o

acusado possa inferir de sua expressão facial, etc., o que ele pensou em uma determinada situação. Mas talvez um tal depoimento jamais fosse aceito, e a opinião seria a de que também nenhuma *exteriorização* do acusado deva ser reproduzida, caso isso só ocorresse para a descrição de seus processos anímicos.

61*. "Não estou familiarizado com essas pessoas." E para que eu quereria estar familiarizado com elas? — Não são suas reações aquilo com que não estou familiarizado? Que eu por exemplo não lhes possa prever, que sempre tornem a surpreender-me?

"Ele / age // reage // aparentemente de modo ilógico." E isto significa: inconseqüente.

62*. Que alguém não esteja familiarizado com muitos, / então está, portanto, familiarizado com outros, // então isto significa que se está familiarizado com outros. // E isto é por vezes expresso assim: alguém 'pode representar-se' o que se passa em outrem. Isso soa como se saber o que se passa em outrem fosse um *representar* desse processo. Se, por exemplo, sei que alguém me odeia, então sinto uma espécie de afiguração desse ódio. / Esta opinião depende de um monte de idéias falsas. // Aqui tudo é falso. // Usam-se, na verdade, as palavras "representar-se o ódio (etc.) de outrem"; imagens de representação podem decerto com isso entrar no jogo, ou talvez se faça com isso uma careta semelhante, cheia de ódio.

63*. O jogo de linguagem é, do início em diante, construído de modo a que uma comparação com outros jogos de linguagem possa conduzir alguém à imagem da oposição 'fora-dentro'. Mas com isso volta a insegurança efetiva que se cola / ao reconhecimento // à adivinhação // dos processos anímicos de outrem. Pois — como já dito — seria bem possível que tal reconhecer fosse muito mais seguro do que é. E mesmo que a simulação ocorra / mais // principalmente // por um *esconder* da expressão facial (por exemplo). Isto é: a simulação também seria então possível, mesmo se não se pudesse simular a expressão facial.

64*. *Não* é, porém, verdadeiro que a insegurança quanto ao reconhecimento (por exemplo) de seu dissabor seja simplesmente a

insegurança sobre seu comportamento futuro. Reside, pelo contrário, no conceito uma insegurança dos critérios... Às vezes ele é, pois, como que transparente; às vezes, não. E é enganador, se se imagina o próprio dissabor, por assim dizer, como uma expressão no rosto de um rosto *interno*, de modo que esta expressão no rosto esteja clara e completamente definida, e tão-só não esteja seguro, conforme ao exterior, se a alma realmente tem tal expressão.

65*. Pois também se ele mesmo afirma, sem mentir, que tenha estado algo aborrecido, isto não significa que ele então se tenha visto com o rosto por nós chamado de 'aborrecido'. Nós temos mais uma vez apenas uma sua reação verbal, e não é ainda nada claro o quanto ela *significa*. A IMAGEM é clara, mas não seu emprego.

66*. Pois também, se eu mesmo digo "Eu me aborreci um tanto com ele", — como sei o emprego dessas palavras tão exatamente? É ele assim tão claro? Então, elas são mesmo uma exteriorização.

67*. Mas não sei quase exatamente o que quero dizer com aquela exteriorização? "Eu sei decerto exatamente que estado em mim nomeio desse modo." Isto não significa nada. Eu sei como a palavra é empregada e, às vezes, faço tal exteriorização sem hesitar, mas, outras vezes, hesitante, dizendo mais ou menos: eu não teria me "aborrecido *francamente*", ou coisa semelhante. Mas não é *desta* indeterminação que eu falo. Também no caso em que falo sem hesitação que teria me aborrecido não é por isso certo quão seguras seriam as conseqüências desse sinal.

68*. Quando disse haver uma indeterminação no emprego, não penso que não saiba corretamente quando deva servir-me da exteriorização (como se daria, mais ou menos, se não entendesse bem alemão).

69*. Mas não se deve mesmo esquecer *que* ligações são feitas, quando apendemos a usar expressões como "Eu me aborreço".

70*. E não pense em um *adivinhar* do significado correto pela criança, pois, se ela o pôde adivinhar *corretamente*, isso ainda precisa mostrar-se em seu emprego das palavras.

---

131. [/] Um jogo de linguagem: relatar sobre a maior clareza ou escuridão de corpos. — Mas então / há // haveria // um *aparentado* a este: declarar sobre a proporção de clareza entre *cores* determinadas. (Comparar: proporção dos comprimentos / de dois determinados // de dois // bastões — proporção entre / dois determinados // dois // números.)

A forma das proposições é em ambos a mesma ("x é mais claro que y"). / Mas no primeiro jogo de linguagem elas devem ser temporais; no segundo, não. // Mas no primeiro jogo de linguagem são temporais as proposições; no segundo, não. // // Mas no primeiro jogo de linguagem elas são temporais; no segundo, atemporais. //[173]

132. [/] Em um determinado significado de "branco", o branco é a mais clara / de todas // das // cores.

Em uma pintura, na qual um pedaço de papel branco recebe sua claridade do céu azul, este é mais claro que / o branco // o papel branco //. E, todavia, em um outro sentido, o azul é a cor mais escura, o branco a mais clara (Goethe). Sobre um branco e um azul na paleta, este seria mais claro do que aquele? / Na paleta, o branco é a mais clara das cores. // O branco na paleta é mais claro que qualquer outra cor sobre ela. //[174]

133. {/} [/] Eu posso fixar de tal modo na memória um determinado verde-cinza que, mesmo sem uma amostra, sempre o reconheça corretamente. Quanto ao puro vermelho (azul, etc.), porém, eu sempre posso, por assim dizer, reconstruí-lo para mim. É precisamente um vermelho que não se inclina, seja para um lado seja para outro, e eu o / reconheço // registro // sem uma amostra, com a mesma facilidade com que diferencio um ângulo reto de qualquer um agudo ou obtuso.

---

[173] Cf. *BF I*, § 1.
[174] Cf. *BF I*, § 2.

134. [/] Neste sentido, há então 4 cores puras (ou 6, com o branco e o preto).

135.[/] / Uma *história natural* das cores, ela só pode relatar sobre o temporal, não sobre a *essência* da cor. // Uma *história natural* das cores precisaria relatar sobre sua ocorrência na natureza, não sobre sua *essência*. Suas proposições precisariam ser proposições temporais. //

136. [/] Por analogia com as outras cores, um desenho preto sobre um fundo branco, visto através de um vidro *branco* transparente, precisaria aparecer sem alterações como um desenho preto sobre um fundo branco. Pois o preto deve permanecer preto e o branco, porque é também a cor do corpo transparente, / não se modificará // permanecerá inalterado //.

137. [/] Poder-se-ia imaginar um vidro através do qual o preto fosse visto como preto, o branco como branco, e todas as outras cores como tons de cinza; / de modo que, visto através dele, tudo parecesse como / em uma fotografia // fotografado //. // de modo que por ele se visse como parece uma fotografia. //

Mas, por que eu deveria chamá-lo de "vidro branco"?

138. [/] A pergunta é: É a construção 'um corpo branco transparente' como a construção 'biângulo regular'?

139. Eu posso observar um corpo e *ver* talvez uma superfície branca fosca, isto é, ter a *impressão* de uma tal superfície, ou a *impressão* da transparência (esteja ela dada ou não). Esta impressão pode ser produzida pela distribuição das cores, e nela não participam o branco e as outras cores do *mesmo* modo.

(Eu tomei uma cúpula metálica pintada de verde por um vidro verde transparente, sem saber, naquele instante, que condição especial da distribuição cromática / produziu // produz // tal aparência.)

140. [/] E na / impressão visual // imagem visual // de um / corpo transparente // transparente // pode bem ocorrer o branco, por exemplo,

como reflexo, como efeito de luz. Isto é: Se a impressão for sentida como transparente, o branco que vemos não será, todavia, *interpretado* como branco do corpo.

141. [/] Eu vejo através de um vidro transparente: segue-se daí que eu não veja o branco? Não, mas eu não vejo o vidro como branco. Mas, como isto é possível? Pode ocorrer de diversas maneiras. Eu posso, com os *dois* olhos, ver o branco como situado atrás do vidro. Mas posso simplesmente também ver o branco, por sua *posição*, como um brilho (ainda que talvez não haja qualquer brilho). E certamente trata-se aqui de um ver, e não apenas de um tomar-por. E nem sequer é também necessária uma visão binocular para ver algo como estando *atrás* do vidro.

142. {/} As / diversas 'cores' // 'cores' // não possuem todas a mesma ligação com o ver *espacial*.

143. E é indiferente se se esclarece isto pela experiência por nós / reunida // feita // / na infância // a seu tempo //, ou não.

144. [/] Tal ligação é decerto aquela entre espacialidade e luz e sombras.

145. [/] Não se pode também dizer que o branco seja, essencialmente, a propriedade de uma superfície (visual). Pois seria imaginável que ele só ocorresse como efeito de luz ou como cor de uma chama.

146. [/] E mesmo, um corpo na realidade transparente pode também aparecer-nos branco; embora nunca nos apareça como branco e transparente.

147. [/] Mas isso não se deveria expressar assim: O branco não é uma cor transparente.

148. [/] 'Transparente' deixa-se comparar com 'espelhante'.

149. [/] Um elemento do espaço visual pode ser branco ou vermelho, mas nunca transparente ou não-transparente.

150. [/] Transparência e espelhamento só existem / na dimensão de profundidade de uma imagem visual. // na dimensão de profundidade. //[175]

151. [/] Por que, no campo visual, não pode ser ambarina (âmbar) uma superfície visual monocromática? Esta palavra para cor relaciona-se a um meio transparente; se, por conseguinte, um pintor pinta uma taça com vinho de coloração ambarina, poder-se-ia chamar de "cor de âmbar" algo como a superfície do quadro que a apresenta, mas não um elemento monocromático dessa superfície.

152. [/] Um preto brilhante e um preto fosco não poderiam ter também distintos / nomes de cor // nomes // ?

153. [/] / Daquilo // De algo // que parece transparente não dizemos que pareça branco.

154. [/] "Não se pode imaginar que homens tenham uma geometria cromática diferente da nossa?" — Isto significa então: Pode-se imaginar homens com conceitos de cor outros que não os nossos? E significa ainda: Não se pode representar que homens *não* tenham nossos conceitos de cor, mas que *tenham* conceitos de tal modo aparentados a nossos conceitos de cor que nós também / quereríamos // iríamos // chamá-los de "conceitos de cor"?[176]

155. Se os homens estivessem acostumados a ver quadrados sempre verdes e círculos sempre vermelhos, então eles poderiam olhar um círculo verde com desconfiança, como se fora um ser anômalo, e por exemplo até dizer que seja *propriamente* um círculo vermelho, embora tenha algo de um...[177]
[/] Se os homens só tivessem conceitos de cor-forma, então eles teriam portanto uma palavra própria para um quadrado vermelho, e uma própria para um círculo vermelho, uma outra para um círculo verde, etc. Caso

---

[175] Cf. *BF I*, § 19.
[176] Cf. *BF I*, § 66.
[177] A observação está anulada até este ponto por traços em 'x'.

vejam, porém, uma nova figura *verde*, não lhes ocorreria aí qualquer semelhança com o círculo verde, etc.? E não lhes ocorre mesmo nenhuma semelhança entre um círculo verde e um vermelho? Mas, como quero que / se mostre // deva mostrar-se //que lhes ocorre tal semelhança?

Eles poderiam, *por exemplo*, ter um conceito de 'combinar bem'; e todavia não ter a idéia de usar palavras para cor.

Há certamente tribos que só contam até 5, / e elas não notam que lhes falta algo. // e elas provavelmente nunca sentiram a necessidade de descrever o que não é assim passível de descrição. //[178]

156. [/] Runge: "o preto suja". Isto significa que retira da cor / o *colorido* // a *coloração* //; mas, o que significa isto? O preto retira da cor a força luminosa. Mas isto é algo lógico ou algo psicológico? Há um vermelho luminoso, um azul luminoso, etc., mas nenhum preto luminoso. O preto é a mais escura das cores. Diz-se "preto profundo", mas não "branco profundo".

'Um vermelho luminoso' não é porém um vermelho *claro*. Também um vemelho escuro pode luzir. Mas uma cor brilha por seu *contexto*, em seu contexto.

O cinza, contudo, não é luminoso.

Parece então que o preto turva uma cor, embora a escuridão não o faça. Um rubi, portanto, poderia segundo isso tornar-se sempre mais escuro sem todavia tornar-se turvo; caso se torne porém vermelho enegrecido, então se tornaria turvo. Ora, o preto é uma cor de superfície. Já o escuro não é chamado de cor. Na pintura, o escuro *pode* também ser representado pelo preto.

A diferença entre o preto e, digamos, um violeta escuro é semelhante à de timbre entre o bumbo e o tímpano. Do primeiro se diz que seja um ruído, não um tom. É fosco e completamente preto.[179]

157. {/} [/] Veja seu quarto ao cair da noite, quando as cores quase se não distinguem; acenda então a luz e pinte / o que viu à meia-luz // o que antes viu na penumbra //. Há imagens de regiões ou espaços na

---

[178] Há grifo lateral ondulado relativo a esta variante.
[179] Cf. *BF I*, § 55.

penumbra: Mas como se comparam as cores em um tal quadro com as vistas na penumbra? Quão diferente é esta comparação daquela entre duas amostras de cor que tenho ao mesmo tempo em minha frente e disponho, em confronto, lado a lado![180]

158. {/} [/] O que permite afirmar que o verde seja uma cor primária e não uma cor mista de azul e amarelo? Esta resposta seria aqui correta: / "Pode-se reconhecê-lo apenas mediante (a) observação das cores" // Pode-se reconhecê-lo apenas / imediatamente // diretamente //, ao se observar as cores // ? Mas como eu sei que com as palavras "cor primária" quero dizer o mesmo que outrem também inclinado a chamar o verde uma cor primária? Não, aqui há jogos de linguagem que decidem esta questão.[181]

Há verdes mais ou menos azulados (ou amarelados) e há a tarefa de misturar a um dado verde amarelado (ou verde-azul) um menos amarelado (ou azulado), ou de escolhê-lo entre várias amostras de cor. Um verde menos amarelado não é porém um mais azulado (e vice-versa), e há também a tarefa de escolher — ou de misturar — um verde que não seja amarelado nem azulado. E eu digo "ou de misturar", porque um verde, por ser talvez produzido através de uma mistura de amarelo e azul, não se torna por isso, ao mesmo tempo, amarelado e azulado.[182]

159. {/} [/] Pense que, em uma lisa superfície branca, podem se *espelhar* coisas, cujas imagens refletidas parecem, pois, situadas atrás da superfície, sendo vistas, em *certo* sentido, através dela.

160. {/} [/] Se eu digo de um papel que ele seja branco puro, e fosse disposta neve junto ao papel, parecendo este então cinza, iria nomeá-lo branco em sua ambiência normal e para os fins / normais // usuais //, e não cinza claro. Pode ser que eu, talvez em laboratório, empregue um outro conceito de branco, refinado em *certo* sentido. (Como lá às vezes também emprego um conceito refinado da 'exata' determinação do tempo.)[183]

---

[180] Cf. *BF I*, § 67.
[181] Cf. *BF I*, § 6.
[182] Cf. *BF I*, § 7.
[183] Cf. *BF I*, § 5.

161. As cores puras saturadas têm uma clareza a elas / essencial e relativa // específica //. O amarelo, por exemplo, é mais claro do que o vermelho. E o vermelho é mais claro do que o azul? Eu não sei.

162. [/] / Se alguém se tornou familiar ao conceito de cor intermediária // Quem / adquiriu // possui // // domina // o conceito de cor intermediária //, quem / portanto pode encontrar, ou misturar, para um dado matiz um mais esbranquiçado, ou mais amarelado, ou mais azulado, e assim por diante, // portanto pode, por exemplo, encontrar para um dado vermelho um mais amarelado, mais esbranquiçado, mais azulado, e assim por diante, // a ele solicita-se que escolha ou misture um verde avermelhado.[184]

163. [/] Quem conheça um verde avermelhado deveria estar em condições de produzir uma seqüência colorida que comece com o vermelho, termine com o verde e, também para nós, forme algo como uma transição contínua entre eles. Mostrar-se-ia então que lá, onde vemos a cada vez o mesmo tom de marrom, ele vê ora marrom, ora verde avermelhado. Que ele, por exemplo, pode diferençar pela cor dois compostos químicos que têm para nós a mesma cor e nomeia um deles "marrom" e o outro "verde avermelhado".[185]

164. [/] Para descrever o fenômeno da cegueira para o verde-vermelho, preciso apenas dizer o que o cego para o verde-vermelho *não* consegue reconhecer; mas, para descrever o 'fenômeno da visão normal', precisaria enumerar o que nós *podemos* fazer.

165. [/] Quem descreve os 'fenômenos da cegueira para cores' descreve certamente apenas os *desvios* do cego para cores em relação aos normais e não também seu ver total restante.

---

[184] Cf. *BF I*, § 10.
[185] Cf. *BF I*, § 11.

Mas não poderia ela[186] também descrever os desvios da visão normal em relação à cegueira completa? Poder-se-ia perguntar: Para a instrução de quem? Pode alguém ensinar-me que eu vejo uma árvore?

E o que é uma 'árvore', e o que é 'ver'?[187]

166. [/] Pode-se dizer, por exemplo: *Assim* age um homem com uma venda nos olhos, e *assim*, sem venda, um homem que vê. Com uma venda, ele reage desse e daquele modo; sem a venda, ele anda rápido pela rua, cumprimenta seus conhecidos, saúda este e aquele, evita facilmente carros e bicicletas ao atravessar a rua, etc., etc. Já o recém-nascido é reconhecido como capaz de ver por seguir movimentos com os olhos. Etc. etc. A questão é: Por quem deve tal descrição ser compreendida? / Apenas por // Por // quem vê, ou também por cegos?

Tem pleno sentido dizer, por exemplo, "Quem vê distingue pelo olhar uma maçã não-madura de uma madura". Mas *não*: "Quem vê distingue uma maçã verde de uma vermelha". Afinal, o que são 'vermelho' e 'verde'?

"Quem vê distingue uma maçã que lhe parece verde de uma que lhe parece vermelha."[188]

Mas, não posso dizer "*Eu* distingo uma *tal maçã* dessa *tal outra*" (ao tempo em que aponto para uma vermelha e para uma verde)? Como, então, se alguém apontasse para duas maçãs completamente iguais para mim e dissesse isto?! Por outro lado, ele poderia dizer-me: "Para você, estas duas parecem de todo idênticas; por isso, você as poderia confundir; eu, porém, vejo uma diferença, e posso a qualquer tempo reconhecer cada uma delas". Isto pode ser atestado por um experimento.

167. [/] Que experiência me ensina que eu distingo o vermelho do verde?

---

[186] Ao que parece, ao correr da pena, uma concordância por silepse, estando 'ela' talvez (como o sugere, em nota à sua tradução, Gérard Granel) por 'psicologia' — a quem caberia a descrição do ver desviante.

[187] Cf. *BF I*, § 16.

[188] Cf. nota a esta proposição no texto restabelecido.

168. [/] A psicologia descreve os fenômenos do ver. / Para quem ela faz a descrição? // Para quem ela os descreve? // Que ignorância esta descrição pode / remediar // afastar // ?[189]

169. [/] Se alguém que vê jamais tivesse ouvido falar de um cego, — não se poderia descrever-lhe o comportamento do cego?

170. [/] Eu posso dizer: "O cego para cores não pode distinguir uma maçã verde de uma vermelha", e isto pode ser mostrado. Posso, contudo, dizer "Eu posso distinguir uma maçã verde de uma vermelha"? Ora, quiçá pelo gosto. — Entretanto, por exemplo: "Eu posso distinguir uma maça que / vocês chamam // você chama // de 'verde' de uma outra que / vocês chamam // você chama // de 'vermelha'"; portanto, "Eu não sou cego para cores".

171. [/] Este papel é, em lugares distintos, diversamente claro; parece-me contudo cinza / nos lugares mais escuros // onde é mais escuro // ? A sombra projetada por minha mão é, em parte, cinza. Onde o papel se afasta da luz, embora seja mais escuro, eu o vejo branco, mesmo se eu, para pintá-lo, precise misturar algo de cinza. Não é semelhante ao caso em que se vê um objeto afastado apenas como afastado e não como menor? Que, portanto, não se pode dizer "Eu noto que ele parece menor e disso deduzo que esteja afastado", mas sim que noto que está afastado, sem poder dizer *como* eu o noto.

172. [/] A impressão / do meio transparente (colorido) // da transparência // é a de que algo se encontra por detrás do meio. Logo, um pleno monocromatismo da imagem visual não pode ser transparente.[190]

173. [/] Algo branco atrás de um meio transparente colorido aparece na cor do meio, algo preto aparece preto.[191] Conforme a esta regra, atrás de um

---

[189] Cf. *BF I*, § 79.

[190] Cf. *BF I*, § 19.

[191] Uma seta liga este ponto ao início de "Esta não é aqui uma proposição da física...", a parágrafo que, portanto, comenta a regra aqui enunciada.

meio branco transparente, um desenho preto sobre um papel branco precisa aparecer tal como atrás de um meio incolor.[192]

Esta não é aqui uma proposição da física, / mas sim uma regra da interpretação espacial de nossa experiência visual. // mas sim / interpretamos // descrevemos // desse modo nossa experiência visual. // Poder-se-ia também dizer que seja uma regra para o pintor: "Se você quer representar algo branco atrás de um vermelho transparente, então precisa pintá-lo vermelho". Caso o pinte de branco, então ele não parecerá situado atrás do vermelho.

174. {/} [/] Lá, onde o papel branco só está um tanto debilmente iluminado, de modo algum ele parece cinza, mas sim sempre branco.

175. A questão é: / Como precisa algo aparecer de modo que o chamemos de um corpo transparente colorido? // De que maneira deve estar constituída nossa imagem visual, caso deva exibir-nos um meio transparente colorido? // // Como precisa aparecer nossa imagem visual para que possamos dizer que vemos através de um meio cristalino colorido? // Como precisa por exemplo impor-se a cor do meio? Se falamos à maneira da física — embora não se trate aqui imediatamente de leis da física —, então, através de um puro vidro verde, tudo precisaria aparecer mais ou menos verde escuro. O tom mais claro seria o do meio. O que se vê por ele tem então semelhança com uma fotografia. Transpõe-se isto para um vidro branco, então tudo de novo deveria aparecer como fotografado, mas em / tons entre branco e preto. // branco, cinza e preto. // E por que não se deve querer chamar de *branco* a um tal vidro — caso houvesse um? Algo se opõe, / quebra-se em algum lugar a analogia com vidros coloridos de outro modo // a analogia com vidros coloridos de outro modo desanda em algum lugar // ?[193]

176. [/] Um cubo de vidro verde, se colocado diante de nós, parece verde. A impressão de conjunto é verde; então a do cubo branco deveria pois ser branca.

---

[192] Cf. *BF I*, § 20.
[193] Cf. *BF I*, § 25.

177. [/] Onde o cubo precisa parecer branco, a fim de que possamos chamá-lo de branco e transparente?

178. [/] Não há *por isso* um análogo com branco a um vidro verde transparente, porque os parentescos e as oposições entre o branco e as cores restantes são diferentes daqueles entre o verde e elas?

179. [/] Perpassa a luz um vidro vermelho, então ele lança um clarão vermelho; como parece, então, um clarão branco? Deve o amarelo tornar-se esbranquiçado sob um clarão branco ou apenas claro? E torna-se cinza o preto ou deve permanecer preto?

180. [/] Não cuidamos aqui de fatos da física, salvo na medida em que determinam as / leis // regras // da aparência.

181. [/] Não é sem mais claro de qual vidro transparente se deva dizer que tenha a 'mesma cor' de um pedaço de papel verde.[194]

182. [/] Se o papel é, por exemplo, rosa, lilás, azul celeste, então imaginar-se-á o vidro como que *turvo*, mas se poderia também pensar em um vidro cristalino só / levemente // um tanto // avermelhado, etc. Por isso, às vezes se chama algo incolor de branco.

183. [/] A cor de um vidro transparente, poder-se-ia dizer, seria aquela com a qual apareceria uma fonte de luz branca / vista por ela // vista através do vidro //.

Ela aparece todavia, através de um vidro *incolor*, branca não-túrbida.

184. [/] No cinema é amiúde / possível // fácil // ver os acontecimentos do filme como se estivessem atrás da tela e fosse esta transparente como uma lâmina de vidro. Mas, ao mesmo tempo, ela tomaria dos acontecimentos as suas cores, deixando passar apenas o branco, o cinza e o

[194] Cf. *BF I*, § 24.

preto. Todavia, não se está tentado a chamá-la de uma lâmina de vidro *branca* transparente.[195]

Como seriam vistas as coisas através de uma lâmina de vidro verde? *Uma* diferença estaria decerto em que esta diminuiria a diferença entre claro e escuro, enquanto aquela outra não tocaria nessa diferença. Uma lâmina 'cinza transparente' iria então diminuí-la de algum modo.

185. [/] De uma lâmina de vidro verde dir-se-ia, mais ou menos, que empresta às coisas sua cor. Faz, porém, minha lâmina 'branca' o mesmo? — Se o meio verde dá às coisas sua cor, então sobretudo às *coisas brancas*.[196]

186. Uma fina camada de um meio colorido colore tão-só levemente as coisas: como deve colori-las um fino vidro 'branco'? Deveria não subtrair-lhes ainda todas as cores?

187. [/] "Água branca que seja pura é inimaginável...." Isto significa: não se pode descrever como pareceria algo branco cristalino; e isto significa: não se sabe que descrição é exigida de alguém mediante tais palavras.[197]

188. [/] Não queremos encontrar uma teoria da cor (quer uma fisiológica, quer uma psicológica), mas sim a lógica dos conceitos de cor. Esta porém cumpre o que amúde se espera, sem razão, de uma teoria.[198]

189. Que palavras para cor sejam esclarecidas a alguém mediante a ostensão a pedaços de papel coloridos, com isso ainda não se / tocou // esclareceu // o conceito da *transparência*. É este conceito que mantém relações / desiguais // diversas // com os diversos conceitos de cor.

190. A quem queira pois dizer que, quanto às cores, não se nota o quão diferentes / seriam // são // seus conceitos, a ele é preciso responder que / dirigiu // dirige // sua atenção justamente ao análogo (à igualdade)

---

[195] Cf. *BF I*, § 25.
[196] Cf. *BF I*, § 26.
[197] Cf. *BF I*, § 23.
[198] Cf. *BF I*, § 22.

nesses conceitos, quando todavia as diversidades residem nas ligações com outros conceitos. [Uma melhor observação a este respeito.][199]

191. [/] Se a lâmina de vidro verde empresta às coisas atrás dela sua cor verde, então ela torna verde o branco, preto o vermelho, amarelo-verde o amarelo, azul esverdeado o azul. A lâmina branca deveria, por conseguinte, tornar tudo esbranquiçado; portanto, tudo *pálido*; e por que então não tornaria o preto cinza? — Mesmo um vidro amarelo escurece, deve também um vidro branco escurecer?

192. [/] Todo meio colorido / absorve luz //, ao absorver luz //, escurece o que é visto através dele: Deve então meu vidro branco também escurecer? E quanto mais grosso, tanto mais? Mas ele deve decerto deixar o branco branco: Destarte, o 'vidro branco' seria sim, propriamente, um vidro escuro.[200]

193. [/] Se, através dele, o verde se torna esbranquiçado, por que não se torna mais branco o cinza? E por que não se torna cinza o preto?

194. O vidro colorido não deve, entretanto, aclarar as coisas atrás dele: / como deve, por conseguinte, ser vista, através dele, alguma coisa verde? Verde esbranquiçado? // O que deve, pois, ocorrer, por exemplo, com alguma coisa verde? Devo vê-la como um verde-cinza? //

195. Fossem esbranquiçadas todas as coisas e a imagem perderia mais e mais em profundidade.

196. O cinza não é um branco mal iluminado, nem o verde escuro um mal iluminado verde claro.

É verdade que se diz "À noite todos os gatos são cinzentos [pardos]", mas isto significa propriamente: não podemos distinguir suas cores e eles *poderiam* inclusive ser cinzentos.

---

[199] Colchetes de Wittgenstein.
[200] Cf. *BF I*, § 30.

197. Em que consiste aqui a diferença decisiva entre o branco e as outras cores? Ela reside / na assimetria / de seus // dos // parentescos // na natureza desigual dos parentescos // // nos parentescos desiguais // nos parentescos diferentes // ? E significa isto, propriamente, uma posição / desigual // especial // no octaedro das cores? / Ou, pelo contrário, uma sua relação de diversa natureza com o claro e o escuro? // Ou é, pelo contrário, a posição desigual das cores em relação ao escuro e ao claro? //

198. O que deve pintar o pintor que deseja produzir o efeito de um vidro branco transparente?

Deve esbranquiçar vermelho e verde (etc.)?

199. [/] Não consiste a diferença simplesmente em que cada vidro colorido deve colorir o branco, enquanto o meu ou o deixa inalterado, ou simplesmente precisa escurecê-lo?

200. [/] Através de um vidro colorido, o branco aparece na cor do vidro. Isto é uma regra / para o aparecer da transparência // para a coloração //. Assim, o branco aparece branco através do vidro branco; portanto, como através de um não-colorido.

201. [/] Lichtenberg fala de um 'branco puro' e quer dizer com isso a *mais clara* das cores. Ninguém poderia falar assim do amarelo puro.

202. [/] É estranho dizer que o branco seja corpóreo, pois certamente o amarelo e o vermelho podem também ser as cores de superfícies e, enquanto tais, não se distinguem categoricamente do branco.

203. {/} [/] Através de um vidro amarelo, observa-se um cubo branco com superfícies iluminadas diversamente claras; ele aparece então amarelo, e suas superfícies seguem iluminadas com diversa força. Como deve ele aparecer através de um vidro branco? E como apareceria um cubo amarelo através de um vidro branco?

204. [/] Seria acaso como se alguém tivesse misturado branco, ou talvez cinza, a suas cores?

205. [/] Não poderia um vidro deixar inalterados branco, preto e cinza e esbranquiçar as cores restantes? E não chegaria um vidro assim o mais próximo de um branco e transparente? O efeito seria então como o de uma fotografia que conservasse ainda vestígios das cores naturais. O grau de escuridão de cada cor precisaria / então // porém // estar registrado e, com certeza, não *diminuído*.

206. [/] Ao que posso compreender, uma teoria física (como a de Newton) não pode resolver os problemas que moviam Goethe, conquanto ele mesmo não os tenha resolvido.

207. [/] Se eu vejo um vermelho puro através de um vidro e ele parece cinza, o teor de cinza da cor veio aqui realmente pelo vidro? Isto é: apenas *parece* também assim?

208. [/] Por que sinto que um vidro branco, se há de colorir uma coisa qualquer, precisaria colorir o preto, embora admita que / o amarelo é engolido pelo preto // um amarelo não atinge o preto // ? Não é porque o colorido cristalino / precisaria // precisa // colorir antes sobretudo o branco, e não o faz e é branco; logo, é turvo?

209. Se alguém olha uma região, semicerrando fortemente os olhos, então as cores se tornam pouco distintas e tudo assume o caráter do preto e branco; mas, parece-me porventura estar olhando aí como através de um tal ou qual vidro colorido?

210. [/] Fala-se amiúde do branco como não-colorido. Por quê? (Faz-se isso mesmo sem se pensar na transparência.)

211. [/] E é admirável que o branco apareça, às vezes, na mesma categoria de outras cores puras (bandeiras), e outras vezes não.[201]

Por que se chama, por exemplo, um verde ou vermelho esbranquiçado de "não *saturado*"? Por que o / esbranquiçado // branco //,

[201] Este parágrafo está separado do seguinte por uma linha.

mas não o / amarelado // amarelo //, *debilita* essas cores? Reside isto na psicologia (no efeito) da cor ou em sua lógica? Ora, que se empregue certas palavras como "saturado", "sujo", etc. depende do psicológico; que se faça, porém, principalmente, / uma distinção rigorosa // uma diferença rigorosa //, isso remonta ao conceitual.

212. [/] Isto se liga ao fato de que o branco, paulatinamente, suprime *todos* os contrastes, enquanto o vermelho não o faz?

213. [/] Um e o mesmo tema tem, em tom menor, um outro caráter que em tom maior, mas falar em geral do caráter do tom menor é completamente falso. (Maior e menor em Schubert. Em Schubert, o maior soa com freqüência mais triste que o menor.) E, destarte, acredito que seja ocioso e sem utilidade para a compreensão da pintura falar dos caracteres das cores singulares. Pensa-se propriamente com isso em empregos especiais. Que o verde produza tal efeito como cor de uma toalha de mesa e o vermelho aquele outro, nada deixa inferir sobre seu efeito em uma pintura.

214. [/] O branco dele todas as cores, — o vermelho faz o mesmo?

215. [/] Por que não há luz marrom nem cinzenta? Tampouco há branca? Um corpo luminoso pode parecer branco; mas não marrom, nem cinza.

216. [/] Por que não se pode representar um cinza ardente?

Por que não se pode imaginá-lo como um grau menor do branco ardente?[202]

217. [/] Que algo que parece brilhar não pode aparecer também como cinza, deve remontar a que sempre se chama de "branco" o incolor luminoso; e portanto ensina-nos algo sobre / nosso // o // conceito do branco.

218. [/] Uma luz branca tênue não é uma luz cinza.

---

[202] Cf. *BF I*, § 34.

219. [/] Mas o céu, que ilumina tudo que vemos, pode todavia ser cinza! E como sei, por sua simples aparência, que ele não brilha por si?

220. [/] Isto é, aproximadamente: algo só é 'cinza' ou 'branco' em um determinado contexto.

221. [/] Eu não digo aqui o que dizem os psicólogos da Gestalt: a saber, que a *impressão do branco* se produz desse ou daquele modo. Mas sim a questão, precisamente, é o que seria a impressão do branco. Qual o significado dessa expressão, o que é a lógica do conceito 'branco'?[203]

222. [/] Pois não é da alçada da psicologia da cor que não se possa imaginar algo 'cinza ardente'.[204]

223. [/] Imagine que nos seja dito que uma substância queima com uma chama cinza. Você certamente não conhece a cor das chamas do conjunto das matérias: por que não deveria, pois, ser isto possível? E, no entanto, isto nada quer dizer. Se eu ouvisse algo assim, pensaria apenas que a chama seja *pouco luminosa*.[205]

224. [/] O que *parece* luminoso não parece cinza. Todo cinza *parece* iluminado.[206]

Que todavia algo possa 'parecer luminoso', isto resulta da divisão da clareza no / visto // no campo visual //, mas há também um 'ver algo *como* luminoso'; pode-se, sob certas circunstâncias, tomar a luz refletida pela luz de um corpo luminoso.

225. {/} [/] Eu poderia, portanto, ver algo *agora* como pouco luminoso *agora* como cinza.[207]

---

[203] Cf. *BF I*, § 39.
[204] Cf. *BF I*, § 40.
[205] Cf. *BF I*, § 41.
[206] Cf. *BF I*, § 36.
[207] Cf. *BF I*, § 38.

226. [/] O que se vê como luminoso não se vê como cinza. Mas decerto pode-se vê-lo como branco.[208]

227. [/] Fala-se de um 'brilho vermelho escuro', mas não de um 'vermelho negro'.[209]

228. Há uma *impressão* do luzir.

229. [/] Não é o mesmo dizer / : a impressão do branco ou do cinza é produzida (causalmente) sob / estas // tais // // tais e tais // / condições // circunstâncias // // que esta impressão seja produzida (causalmente) sob / estas // tais // // tais e tais // / condições // circunstâncias // //, e que ela seja / a // uma // impressão de um determinado contexto (definição). (O primeiro é psicologia da Gestalt; o segundo, lógica).[210]

230. 'Fenômeno original' é, por exemplo, o que Freud acreditou ter / reconhecido // visto // nos simples sonhos de desejo. O fenômeno original é uma idéia preconcebida que se apossa de nós.

231. [/] Aparece-me à noite um fantasma. Ele poderia então brilhar com um débil clarão branco; vejo-o porém cinza, então a luz precisaria provir de um outro lugar qualquer.

232. [/] A psicologia, caso fale do parecer, une parecer / a // e // ser. Nós, porém, podemos falar unicamente do parecer (ou nós unimos parecer e parecer).

233. [/] Poder-se-ia dizer que a cor do fantasma seja aquela que eu preciso misturar na paleta para pintá-lo exatamente.

Mas como se determina qual seja a imagem exata?

---

[208] Cf. *BF I*, § 37.
[209] Cf. *BF I*, § 42.
[210] Cf. *BF I*, § 51.

234. [/] A psicologia liga o vivido a algo físico, enquanto nós ligamos o vivido ao vivido.

235. Poder-se-ia pintar a penumbra na penumbra. E a 'iluminação correta' de uma pintura poderia ser a penumbra. (Pintura de cenários.)

236. [/] Uma superfície branca lisa pode refletir [espelhar]: Como, então, se nos enganamos e o que nela aparece refletido realmente estivesse atrás dela e sendo visto através dela? Seria ela então branca transparente? Também então não corresponderia o que vemos ao transparente colorido.[211]

237. [/] Fala-se em um 'espelho negro'. Entretanto, se ele reflete, *escurece* na verdade, mas não parece preto e seu preto não 'suja'.[212]

238. Por que o verde se afoga no preto, mas não o branco?

239. [/] Há conceitos de cor que só se relacionam com a aparência visual de uma superfície, e poderia haver alguns que tão-só se relacionassem / à aparência de meios transparentes // a meios transparentes // ou, mais precisamente, à sua impressão visual. Poder-se-ia também não querer chamar de "branco" um efeito de luz branco, digamos, na prata, e distingui-lo da cor branca de uma superfície. Por isso, segundo creio, esse falar sobre luz "transparente".

240. Caso se ensinasse conceitos de cor a uma criança, apontando para chamas coloridas ou para corpos transparentes coloridos, a singularidade do branco, do cinza e do preto revelar-se-ia mais claramente.

241. [/] Que os conceitos de cor não sejam de mesma natureza lógica, vê-se facilmente. Vê-se facilmente a diferença entre os conceitos 'cor do ouro' ou 'cor da prata' e 'amarelo' ou 'cinza'.

---

[211] Cf. *BF I*, § 43.
[212] Cf. *BF I*, § 44.

Que, porém, subsista uma razoavelmente aparentada diferença entre 'branco' e 'vermelho', é difícil de ver.[213]

242. [/] A não-transparência do leite não se deve a ser ele branco, — como se fosse o branco algo não-transparente.

Se o 'branco' é bem um conceito que se relaciona apenas a uma superfície visual, por que não há então um conceito de cor aparentado ao branco que se relacione ao transparente?

243. Não quereremos chamar de colorido branco um meio através do qual uma amostra preta e branca (um tabuleiro de xadrez) apareça inalterada, mesmo se ele tornasse esbranquiçadas as cores restantes.[214]

244. Cinza e branco pouco iluminado ou pouco luminoso podem ser, em *um* sentido, a mesma cor, pois, se *pinto* este, talvez precise misturar daquele na paleta.

245. Se vejo algo como cinza ou como branco, isso pode depender de como vejo iluminadas as coisas ao meu redor. Em um contexto, a cor é para mim um branco em má iluminação; em outro, é um cinza em boa iluminação.[215]

246. O balde que vejo diante de mim é esmaltado branco brilhante; seria impossível chamá-lo de "cinza" ou dizer "Eu vejo na verdade cinza". Mas ele tem um efeito luminoso bem mais claro que o restante de sua superfície e, como ele é redondo, passa gradualmente da luz para a sombra, sem contudo parecer diferentemente colorido.[216]

247. Qual é a cor do balde *neste* lugar? Como devo decidir isto?

248. [/] Embora não haja fenomenologia, há decerto problemas fenomenológicos.[217]

---

[213] Cf. *BF I*, § 54.
[214] Cf. *BF I*, § 47.
[215] Cf. *BF I*, § 49.
[216] Cf. *BF I*, § 50.
[217] Cf. *BF I*, § 53.

249. [/] Poder-se-ia dizer: A mistura ao vermelho não atenua as cores; a mistura ao branco, sim.

Por outro lado, nem sempre se sente o rosa, ou um azul esbranquiçado, como diluído.

250. [/] Pode-se dizer: "Cinza luminoso é branco"?

251. [/] As dificuldades que / encontramos ao refletir sobre a essência das cores // se sente ao refletir sobre a essência das cores // (às quais Goethe quis fazer frente com sua doutrina das cores), / encerram-se já em não termos / apenas um // um // conceito de identidade de cor, mas sim vários deles, uns aos outros aparentados. // residem já na multiplicidade de aspectos de nosso conceito de identidade cromática. // // encerram-se já na / multiplicidade // multiformidade // dos conceitos aparentados da identidade de cor. // // encerram-se já na / multiplicidade // multiformidade // / do // de nosso // conceito de identidade de cor. //[218]

252. [/] A questão é: Como precisa estar constituída a imagem visual de sorte que nos ocorra que a vemos branca? // De que gênero precisa ser nossa imagem visual, se nós a devemos chamar de imagem de um meio transparente colorido? // / Ou ainda // Poder-se-ia também perguntar assim //: Como algo precisa parecer de modo a aparecer-nos como colorido e transparente? Esta não é uma questão da física, embora ligada a questões físicas.

253. [/] Como está constituída nossa imagem visual que chamamos de imagem de um meio transparente colorido?

71*. | Não creio que Shakespeare pudesse refletir sobre o 'destino do poeta'. |

---

[218] Cf. *BF I*, § 56.

72*. | Tampouco ele pôde considerar-se a si próprio como profeta ou mestre da humanidade.

Os homens admiram-no quase como um espetáculo da natureza. Eles não sentem que, com ele, entram em contato com um grande *homem*. Mas sim com um fenômeno. |

73*. | Eu acredito que, para fruir um poeta, é preciso também *gostar* da cultura a que ele pertence. É ela indiferente ou antipática a alguém, / então só é possível uma admiração fria. // então esfria a admiração. // |

254. {S} [/] Há, aparentemente, o que se pode chamar de "cores de matéria" e o que de "cores de superfícies".

255. Nossos conceitos de cor relacionam-se ora a substâncias (a neve é branca), ora a superfícies (esta mesa é marrom), ora à iluminação (no crepúsculo avermelhado), ora a corpos transparentes. E não há também um emprego relativo a um lugar no campo visual, logicamente independente / de um // do // contexto espacial?

Não posso dizer: "Eu vejo branco ali" (e quiçá pintá-lo), mesmo se de modo algum interpreto espacialmente a imagem visual? (/ Cor de mancha // Cor de lugares //) (Eu penso em uma maneira de pintar pontilhista.)

256. [/] Em geral, poder nomear uma cor ainda não significa poder copiá-la exatamente.

Talvez eu possa dizer "Lá eu vejo um lugar avermelhado" e, contudo, não poder produzir por mistura uma cor que lhe reconheça como idêntica.

257. Pinte, digamos, o que você vê, quando fecha os olhos! E, entretanto, você consegue descrevê-lo *aproximadamente*.

258. Pense nas cores da prata polida, do níquel, do cromo, etc., ou na cor de um arranhão nesses metais.

259. [/] Eu atribuo a uma cor um nome "C" e digo que seja a cor que vejo *ali*. Ou talvez eu pinte meu campo visual e então diga simplesmente "Eu

vejo *isto*". Ora, que cor está *neste* lugar de minha imagem? Como determino isto? Eu introduzo, digamos, a palavra "azul cobalto": Como fixo o que é 'A'? Eu poderia tomar como paradigma desta cor um papel, ou a matéria de cor em um pote. Mas, como eu determino que uma superfície (por exemplo) tenha esta cor? Tudo depende do método de comparação.

260. O que se pode chamar de "impressão de conjunto colorida" de uma superfície não é como que uma espécie de média aritmética de todas as cores da superfície.

261. | "Eu vejo (ouço, sinto, etc.) X"
"Eu observo X"

X não está no lugar do mesmo conceito, / da primeira e da segunda vez // nisto tudo //, mesmo se ambas as vezes a mesma expressão figure por ele, por exemplo, "uma dor". Pois, à primeira proposição, / poderia // pode // seguir-se a pergunta "Que tipo de dor?", à qual se poderia responder espetando o argüidor com uma agulha. Segue-se porém a pergunta "Que tipo de dor?" à segunda proposição, então a resposta precisa ser de outra espécie, por exemplo, "A dor em minha mão". |[219]

262. [/] Quisera dizer "*Neste* lugar do meu campo visual está *esta* cor (abstraindo-se de todo qualquer interpretação)". Mas, para que uso esta proposição? "*Esta*" cor precisa (decerto) ser uma que eu possa reproduzir. E é preciso que se determine sob quais circunstâncias eu digo de algo que tenha esta cor.

263. [/] Imagine: alguém aponta para um lugar na íris de um rosto pintado à maneira de Rembrandt e diz: "A parede do meu quarto deve ser pintada desta cor".[220]

264. [/] Que possamos dizer "Este lugar em meu campo visual é verde-cinza", isto não significa / que saibamos como seria nomeável uma cópia

---

[219] *Cf. BF I*, § 57.
[220] *Cf. BF I*, § 58.

exata / deste // do // matiz. // que possamos determinar o tom exato da cor. //[221]

265. [/] Eu pinto a vista de minha janela; um certo lugar, determinado por sua posição na arquitetura de uma casa, eu pinto com ocre. Eu digo "Vejo este lugar desta cor".

Isto não significa que eu veja neste lugar a cor ocre, pois / a // esta // matéria de cor, assim contextuada, costuma aparecer-me muito mais clara ou mais escura, ou mais avermelhada (etc.) do que o ocre.

Eu posso quiçá dizer "Eu vejo este lugar assim como o pintei aqui (com ocre); / a saber, como um amarelo fortemente avermelhado". // ele me parece, todavia, fortemente avermelhado". //

Como porém se alguém me pede para indicar o *exato* matiz que aqui me aparece? Como devo indicá-lo e como devo determiná-lo? / Poder-se-ia, por exemplo, exigir de mim que produzisse uma amostra de cor, um pedaço quadrado de papel dessa cor. E // Eu poderia colorir assim um pedaço de papel e // eu não digo que uma tal comparação / seja // fosse // desprovida de interesse, mas ela indica que não é, em princípio, claro como devam ser comparados matizes, e portanto não é claro o que significa aqui "identidade de cor".[222]

266. [/] Imaginemos uma pintura recortada em pequenos pedaços de coloração aproximadamente uniforme e tais pedaços então empregados como peças de um quebra-cabeça. Mesmo onde uma tal peça não for monocromática, ela não deve / sugerir // deixar reconhecer // uma forma espacial qualquer, mas sim aparecer como uma mancha colorida plana. Tão-só na sua ligação com outras ela se torna um pedaço do céu, uma sombra, um brilho, uma superfície côncava ou convexa etc.[223]

267. [/] Poder-se-ia pois dizer que tal quebra-cabeça mostra as cores próprias dos lugares da imagem.[224]

---

[221] Cf. *BF I*, § 62.
[222] Cf. *BF I*, § 59.
[223] Cf. *BF I*, § 60.
[224] Cf. *BF I*, § 60.

268. [/] Poder-se-ia estar inclinado a crer que / uma // a // análise / de nossos // dos // conceitos de cor conduziria enfim às cores de lugares de nosso campo visual, que seriam independentes de qualquer interpretação espacial ou física, pois não haveria aqui iluminação, nem sombras, nem brilho, nem transparência ou não-transparência, etc.[225]

269. {/} [/] O que, sobre um fundo escuro, nos aparece como um traço claro, monocromático e sem espessura pode parecer branco, mas não cinza. (?) Um planeta não poderia parecer cinza claro.

270. Entretanto, sob certas circunstâncias, não se *interpretaria* como cinza o ponto ou o traço? (Pense em uma fotografia.)

271. [/] Vejo realmente loiros os cabelos do jovem na fotografia?! — Vejo-os cinza?

Infiro apenas que precisa ser na realidade loiro o que aparece *assim* na imagem?

Em *um* sentido, eu os *vejo* loiros; em outro, cinza mais claro e mais escuro.[226]

272. 'Vermelho escuro' e 'vermelho negro' não são conceitos de mesma natureza. Um rubi pode aparecer vermelho escuro à visão, mas não vermelho negro, se for cristalino. O pintor pode apresentá-lo / mediante // como // uma mancha vermelho-negra, mas, na imagem, esta mancha não produzirá um efeito vermelho-negro. Ela será vista com *profundidade*, assim como o plano aparece tridimensional.

273. [/] No filme, como na fotografia, rosto e cabelos não parecem *cinza*, eles produzem uma impressão completamente natural; pelo contrário, nos filmes, a comida nos pratos costuma parecer cinza e, por isso, nada apetitosa.

---

[225] Cf. *BF I*, § 61.
[226] Cf. *BF I*, § 64.

274. [/] Mas, o que quer dizer que o cabelo pareça loiro na fotografia? Como se mostra que ele *parece* assim e não que se *inferiu* tão-somente sua cor? Qual de nossas reações permite-nos dizê-lo? — Afinal, uma cabeça em mármore ou gesso não parece branca?[227]

275. [/] Se até mesmo a palavra "blond" ("loiro") pode *soar* blond (loira), tanto melhor podem parecer loiros os cabelos fotografados![228]

276. [/] Ora, eu descreveria a fotografia, do modo mais natural, com as palavras: "Em uma máquina estão um homem de cabelo escuro e um jovem com cabelo loiro penteado para trás." Eu descreveria assim a *fotografia*. E, se alguém disser que isso descreve não a fotografia, mas sim os objetos que, provavelmente, foram fotografados, então eu poderia apenas dizer que a imagem parece assim, *como se fossem* dessa cor os cabelos.[229]

277. [/] Caso me fosse solicitado descrever a fotografia, eu o faria com aquelas palavras.[230]

278. [/] O cego para cores compreende a declaração de que ele seja cego para cores. O cego, a de que seja cego. Mas eles não podem fazer todos os empregos dessas proposições feitos pelo normal. Pois, como este domina jogos de linguagem (com palavras de cor, por exemplo) que aqueles não podem aprender, então também jogos de linguagem com as palavras "cego para cores" e "cego".[231]

279. [/] Pode-se descrever ao cego como é quando alguém *vê*? — Certamente; um cego aprende decerto várias coisas sobre a diferença / entre ele e quem vê // do cego em relação a quem vê //. E, todavia, gostar-se-ia de responder "Não" àquela pergunta. — Não se encontra ela, / [porém] // então //, / colocada de modo enganador. Pode-se descrever a

---

[227] Cf. *BF I*, § 64.
[228] Cf. *BF I*, § 65.
[229] Cf. *BF I*, § 64.
[230] Cf. *BF I*, § 64.
[231] Cf. *BF I*, § 77.

quem vê como é quando alguém vê? Ora, certamente, *pode-se* / explicar-lhe // descrever-lhe // o que é cegueira! Isto é, pode-se descrever-lhe o comportamento característico do cego e pode-se vendar-lhe os olhos. Por outro lado, não se pode, em tempo algum, fazer o cego ver; embora se possa descrever-lhe o comportamento de quem vê. // colocada de modo enganador? Pode-se descrever 'como é quando se joga futebol' a quem não o joga, tanto como a quem o joga — a este talvez para que teste a correção da descrição. //[232]

280. [/] Pode-se dizer que a 'cegueira para cores' (ou a 'cegueira') seja um fenômeno, mas 'ver' não?

Isto significaria, aproximadamente: "Eu vejo" é uma exteriorização; "Eu sou cego", não. Mas isto, todavia, não é verdadeiro. Com freqüencia, tomam-me por cego na rua. Eu poderia dizer a quem o faça "Eu vejo", isto é: eu não sou cego.

281. [/] Poder-se-ia dizer: É um fenômeno haver pessoas que não possam aprender isso ou aquilo. Tal fenômeno é a cegueira para cores. — Ela seria pois uma incapacidade; enquanto o ver; / a // uma // capacidade.

282. [/] Eu digo a B (que não sabe jogar xadrez): "A não consegue aprender xadrez". B pode compreender isto. — Mas então eu digo a alguém que, em geral, não tem condição de aprender um jogo qualquer, que tal ou qual pessoa não possa aprender um jogo. O que sabe aquele da essência de um jogo? Não pode, por exemplo, ter um conceito completamente falso do que seja um jogo? Entretanto, ele pode compreender que não os convidamos para uma diversão, porque ele e o outro não conseguem aprender jogo algum.

283. [/] Tudo o que quero dizer aqui reduz-se a que as exteriorizações "Eu vejo um círculo vermelho" e "Eu vejo, não sou cego" são logicamente diversas? Como se testa um homem para descobrir se a primeira declaração é verdadeira? Como, para a segunda? A psicologia ensina a

---

[232] Cf. *BF I*, § 81.

constatar a cegueira para cores, e por isso mesmo também o ver normal. Mas, *quem* pode aprender isso?[233]

284. [/] Não posso ensinar a ninguém um jogo que eu mesmo não possa aprender. Um cego para cores não pode ensinar ao de visão normal o uso normal de palavras para cor. Isto é verdadeiro? Ele não poderia *demonstrar*-lhe o jogo, o uso.

285. [/] Não poderia ocorrer ao membro de um povo de cegos a idéia de homens de natureza estranha (que nós chamaríamos de "homens de visão normal")? Ele não poderia representar um tal homem de visão normal, por exemplo, no teatro? Do mesmo modo que poderia representar alguém com o dom da profecia, sem contudo possuí-lo. Isto, no mínimo, é pensável.

286. [/] Mas, ocorreria jamais a cegos para cores chamar-se a si próprios de "cegos para cores"? — Por que não?

Como, porém, 'as pessoas de visão normal' poderiam aprender o uso 'normal' das palavras de cor, caso fossem exceções em uma população de cegos para cores? — Não é / possível // pensável // que empregassem palavras de cor 'normalmente' mesmo, cometendo talvez, aos olhos dos outros, certos erros, até que finalmente aprendessem a aquilatar suas capacidades incomuns?

287. [/] Eu posso imaginar como me apareceria, caso eu encontrasse / um tal homem // um homem assim //.

288. [/] Eu posso imaginar como agiria um homem para quem é desimportante o que para mim é importante. Posso, entretanto, imaginar seu *estado*? — O que significa isto? — Posso imaginar o estado de alguém para quem importa o que também me importa?

289. Eu poderia (também) imitar exatamente alguém que calcula uma multiplicação, sem poder aprender eu próprio a multiplicar.

---

[233] *Cf. BF I*, § 84.

Eu não poderia então ensinar outrem a multiplicar, embora seja pensável que lhe desse o impulso para aprendê-lo.

290. Um cego para cores pode bem descrever o teste que revelou sua cegueira para cores. E o que ele pode descrever / depois // a seguir //, ele teria podido também inventar.

291. [/] Pode-se descrever a alguém matemática superior, a não ser ao tempo em que ela lhe é transmitida? Ou também: Esta aula *é* uma *descrição* da arte do cálculo? Descrever a alguém o jogo de tênis *não* significa ensinar-lhe a jogar (e vice-versa). Por outro lado: quem não soubesse o que é tênis e ora aprende a jogá-lo, ele o sabe então. ("Knowledge by description and knowledge by acquaintance.")

292. [/] Quem tem ouvido absoluto pode aprender um jogo de linguagem que eu não posso.

293. Poder-se-ia dizer que os conceitos dos homens indicam o que lhes interessa e o que não. Mas não como se isso *esclarecesse* os conceitos particulares que têm. Deve-se apenas excluir a concepção de que nós teríamos os conceitos corretos, enquanto outras pessoas os falsos. (Há um percurso de um erro de cálculo a uma outra maneira de calcular.)

294. [/] Quando cegos falam, como lhes é usitado, do céu azul e de outras aparições visuais específicas, quem vê diz amiúde "Quem sabe o que ele imagina com isso?". Por que ele diz isso, mas não de cada um daqueles outros que vêem? É claro que se trata, em geral, de uma expressão falsa.

295. Aquilo sobre que escrevo tão morosamente pode ser óbvio para outrem com um entendimento são.

296. Nós dizemos: "Imaginemos homens que não conheçam *este* jogo de linguagem." Mas, com isso, nós não temos ainda uma representação clara da vida desses homens, de onde ela se desvia da nossa. Nós ainda não sabemos o que há para imaginar; pois a vida daqueles homens deve no

restante corresponder à nossa, e é preciso primeiro determinar o que, em novas circunstâncias, chamaríamos de uma vida correspondente à nossa.

Não é como se se afirmasse: Há homens que jogam xadrez sem o rei? E logo surgem questões, entre outras, como: Quem ganha então? Quem perde? Você precisa tomar decisões *ulteriores* que não previu naquela primeira determinação. Assim como você tampouco vislumbra toda técnica original, mas se familiariza progressivamente com ela.

297. Pertence à simulação que se considere possível a simulação por outrem.

298. Se homens se comportam de tal modo que supomos que talvez estejam a simular, mas tais homens não mostram entre si qualquer desconfiança, então eles não produzem a imagem de homens que dissimulam.

299. 'Nós precisamos sempre admirar-nos dessas pessoas.'

300. Nós poderíamos representar certas pessoas no palco e fazê-las falar apartes (asides) que naturalmente não pronunciariam na vida real, embora correspondam a seus pensamentos. Entretanto, não poderíamos representar assim pessoas de espécie a nós estranha. Mesmo se pudéssemos prever suas ações, não poderíamos contudo fazê-los proferir apartes convenientes.

E, entretanto, há algo falso também nesse modo de considerar, pois alguém poderia, enquanto atua, dizer realmente algo para si próprio, e isto poderia ser / por exemplo // simplesmente // de todo convencional.

301. Que eu possa ser amigo de um homem, isso depende de que ele disponha das mesmas *possibilidades* ou de semelhantes às minhas.

302. Seria correto dizer que nossa vida se espelha em nossos conceitos?

Eles se situam em meio a ela.

303. / A regularidade de nossa linguagem // Nossa linguagem // perpassa nossa vida.

304. De quem diríamos que não tem nosso conceito de dor? Eu poderia supor que ele não conheça dores, mas eu quero supor que as conheça; ele oferece, pois, por si, exteriorizações de dor e se poderia ensinar-lhe as palavras "Eu tenho dores". Ele também deve ser capaz de se lembrar de suas dores? — Ele deve reconhecer enquanto tais as exteriorizações de dor de outrem? Mas, como se mostra isto? Ele deve mostrar compaixão? - Ele deve reconhecer uma dor fingida *como tal*?

305. "Eu não sei *o quão* irritado ele estava." "Eu não sei se ele estava *realmente* irritado." — Ele próprio o sabe? Então, pergunta-se a ele e ele diz "Sim, eu estava".

306. O que é, então, a *insegurança* quanto a saber se o outro estava irritado? É um estado da alma do inseguro? Por que ele deve ocupar-nos? Ela reside no uso da declaração "Ele está irritado".

307. Alguém está inseguro, enquanto o outro pode estar seguro: ele 'conhece a expressão visual' desse homem quando irritado. Como ele aprende a reconhecer como tal esse indício da irritação? Isto não é fácil dizer.

308. Mas não só: "O que significa estar inseguro acerca do estado de outrem?" — mas também: "O que significa '*saber*, estar seguro, que aquele se irritou'?"

309. Aqui poder-se-ia então perguntar o que quero propriamente, até que ponto quero haver-me com a gramática.

310. {/} Há algo de comum entre a segurança de que ele irá visitar-me e a segurança de que ele se irritou. Também há algo de comum entre o jogo de tênis e o jogo de xadrez, mas ninguém diria aqui: "Simples: eles jogam em ambos os casos, só que algo diferente".[234] Vê-se *neste* caso a dessemelhança

[234] Grifos ondulados, em ambas as margens, a partir deste ponto do parágrafo.

com "Ele come uma vez uma maçã, outra uma pêra", enquanto naquele caso não é tão fácil vê-la.

311. {/} "Eu sei que ele chegou ontem" — "Eu sei que 2×2=4." — "Eu sei que ele teve dores" — "Eu sei que ali há uma mesa."

312.[235] Eu sei a cada vez, embora sempre algo diferente? *Com certeza,* — mas os jogos de linguagem / são bem mais distintos do que chegamos a ter consciência com tais proposições. // são bem mais afastados entre si do que permitem supor tais expressões. // // são bem mais distintos do que as proposições que dizem o que eu sei. //

313. "O mundo dos objetos físicos e o mundo da consciência." O que eu sei acerca *deste*? O que me ensinam meus sentidos? Portanto, como é quando se vê, ouve, sente etc. etc. — Mas, eu aprendo isto realmente? Ou aprendo como é quando *eu agora* vejo, ouço, etc. e *creio* que antes também foi assim?

314. O que é, propriamente, o '*mundo*' da consciência? Aí gostaria de dizer: "O que se sucede em meu espírito, o que agora lhe sucede, o que vejo, ouço,...." Não poderíamos simplificar isto e dizer: "O que vejo agora"? —

315. A questão é, evidentemente: Como 'comparamos' objetos físicos — como, vivências?

316. O que é, propriamente, o 'mundo da consciência'? — O que está em minha consciência: o que agora vejo, ouço, sinto..... — Mas o que, por exemplo, eu vejo agora? A resposta não pode ser: "Ora, *tudo isto*", acompanhada de um gesto abrangente.

317. Se quem acredita em Deus olha à sua volta e pergunta "De onde provém tudo o que eu vejo?", "De onde tudo isto?", ele não exige *nenhum* esclarecimento (causal); e a chave de sua pergunta é ser ela a expressão dessa exigência. Ele expressa, portanto, uma / atitude // tomada de posição // ante todos os esclarecimentos. — Mas, como ela se mostra em

---

[235] Parágrafo não separado do anterior.

sua vida? É a atitude de levar a sério uma certa coisa, mas também, então, em um certo ponto,[236] de não levá-la a sério, e explicar que algo outro seja ainda mais sério.

Assim, alguém pode dizer que seja muito sério que tal ou qual pessoa tenha morrido antes de poder completar uma certa obra; e que, em outro sentido, isto pouco importa. Aqui usam-se as palavras "em um sentido mais profundo".

Eu gostaria propriamente de dizer [que tampouco aqui importam as *palavras* pronunciadas ou o que se pensa com elas, mas sim a diferença que elas fazem em diversos momentos da vida.][237] Como sei que querem dizer o mesmo dois homens quando cada um diz acreditar em Deus? E pode-se dizer a mesmíssima coisa em relação à trindade. A teologia, que insiste no uso de / determinadas // *certas* // palavras e frases e bane o uso de outras, não torna nada mais claro. (Karl Barth.) Ela, por assim dizer, agita palavras, porque quer dizer algo / e não sabe como se pode expressá-lo // e não o sabe expressar //. *A Praxis* dá às palavras seu sentido.

318. Eu observo esta mancha. "Agora ela é *assim*" — ao tempo em que aponto, digamos, para uma imagem. Eu posso *observar* continuamente o mesmo, e o que *vejo* pode nisto permanecer o mesmo ou alterar-se. O que eu observo e o que eu vejo não têm a mesma (espécie de) identidade. Pois as palavras "esta mancha", por exemplo, não permitem reconhecer a (espécie de) identidade a que viso.

319. "A psicologia descreve os fenômenos da cegueira para cores e também os do ver normal." O que são os 'fenômenos da cegueira para cores'? Certamente as reações do cego para cores, pelas quais ele se distingue do normal. Mas não *todas* as reações do cego para cores, por exemplo, não aquelas por que ele se distingue do cego. — Posso ensinar ao cego o que é ver, ou posso ensiná-lo a quem vê? Isto nada significa. O que significa: descrever o *ver*? Mas eu posso ensinar aos homens o significado das palavras "cego" e "vidente", e mesmo as aprendem tanto quem vê quanto o

---

[236] Não é certo se o grifo ondulado no manuscrito refere-se a estas palavras ou às de uma variante riscada.

[237] Indicamos, excepcionalmente, entre colchetes trecho a que se refere um grifo lateral ondulado.

cego. Sabe o cego como é quando se vê? Sabe-o porventura quem vê?! Sabe ele também como é ter consciência?

Mas, não pode o psicólogo observar a diferença entre o comportamento de quem vê e o do cego? (O meteorologista, a diferença entre a chuva e a estiagem?) Poder-se-ia com certeza observar, por exemplo, a diferença de comportamento entre ratos dos quais foram extraídos os bigodes e os não mutilados. E a isto / poder-se-ia // precisar-se-ia // talvez chamar de descrever o papel desse aparelho do tato — A vida do cego é diferente da vida de quem vê.

320. O normal pode, por exemplo, aprender a escrever conforme ao ditado. O que é isto? Ora, um fala e o outro escreve o que o primeiro falou. / Ele fala, por exemplo, o som *a*, // Se ele, por exemplo, diz o som *a*, // então o outro escreve o sinal "a" etc. — Não precisa, então, quem *entende* este esclarecimento ou já conhecer o jogo, apenas talvez com outro nome, ou / aprendê-lo // tê-lo aprendido // mediante a descrição? Ora, Carlos Magno entendeu certamente o princípio da escrita e contudo não pôde aprender a escrever. Assim, também pode entender a descrição de uma técnica aquele que não a pode aprender. Há, porém, dois casos do não-poder-aprender. Em um deles, nós simplesmente não adquirimos uma habilidade; no outro, falta-nos a compreensão. Pode-se *explicar* a alguém um jogo: Ele pode compreender tal explicação, mas não conseguir aprender o jogo, ou é incapaz de compreender uma explicação do jogo. Também é imaginável o contrário.

321. "Você vê a árvore, o cego não a vê." Isto eu precisaria dizer a alguém que vê. E, portanto, a um cego: "Você não vê a árvore, nós a vemos"? Como seria se o cego acreditasse enxergar, ou se eu acreditasse que não possa ver?[238]

322. É um fenômeno que eu veja a árvore? É um fenômeno que eu reconheça isto corretamente como árvore, que eu não seja cego.

---

[238] Cf. *BF I*, § 85.

323. "Eu vejo uma árvore", como exteriorização da impressão visual, seria a descrição de um fenômeno? *De que* fenômeno? Como eu posso explicar isto a alguém?

Mas não seria para outrem um fenômeno que *eu* tenha esta impressão visual? Pois seria algo que ele observa, mas não algo que eu observe.

As palavras "Eu vejo uma árvore" não são a descrição de um fenômeno. (Eu, por exemplo, não poderia dizer "Eu vejo uma árvore! Que fantástico!", mas certamente: "Eu vejo uma árvore, embora não haja nenhuma ali. Que fantástico!")

324. Ou eu devo dizer: "A impressão não é um fenômeno; que L. W. tenha esta impressão, sim"?

325. (Poder-se-ia imaginar que alguém se narrasse a impressão, como se fora um sonho, sem o pronome da primeira pessoa.)

326. Observar não é o mesmo que contemplar ou mirar.

"Contemple esta cor e diga o que ela lhe faz lembrar." Caso mude a cor, então você já não contempla aquela a que visei.

Observa-se para ver o que não se veria, caso não se observasse.

327. Diz-se mais ou menos: "Contemple esta cor por algum tempo." Isto não se faz para se *ver* mais do que se teria visto ao primeiro olhar.

328. [/] Em uma "Psicologia", poderia figurar a proposição: "Há homens que *vêem*"?

Ora, seria isto falso? — Mas, a quem estaria comunicando algo? (E não quero dizer apenas: o que é comunicado seria de há muito conhecido.)[239]

329. [/] É-me conhecido que eu veja?

---

[239] *Cf. BF I*, § 86.

330. Poder-se-ia querer dizer: Se não houvesse tais homens, tampouco haveria o conceito do *ver*. — Mas não poderiam habitantes de marte dizer algo assim? Digamos que, por acaso, eles tiveram contato conosco primeiro com cegos completos.

331. [/] E como pode ser um contra-senso dizer "Há homens que vêem", se não é um contra-senso dizer que haja homens que são cegos?

Mas, em todo caso, o sentido da proposição "Há homens que vêem", isto é, seu emprego possível, não é logo claro.[240]

332. O ver não poderia ser uma *exceção*? Mas não poderiam *descrevê*-lo nem o cego nem quem vê, salvo como capacidade de fazer isto e aquilo. Como, por exemplo, de jogar certos jogos de linguagem;[241] mas aí é preciso ter atenção a como se descrevem esses jogos de linguagem.

333. Caso se diga "Há homens que vêem", segue-se então a pergunta: "E o que *é* 'ver'?" E como se deve respondê-la? Ao tempo em que se ensina a quem perguntou o uso da palavra "ver"?

334. E que dizer desta explicação: "Há homens que se comportam como você e eu, e não como este aí, o cego"?

335. "Você pode, de olhos abertos, atravessar a rua sem ser atropelado, etc."

A lógica da *informação*.

336. Por ter um emprego uma proposição da forma / da // de uma // informação, não foi dito nada ainda sobre a *espécie* / desse // de seu // emprego.

337. O psicólogo pode informar-me o que é ver? O que se *chama de* "informar o que é ver"?

Não é o psicólogo quem me ensina o uso da palavra "ver".

---

[240] Cf. *BF I*, § 87.

[241] Grifo lateral ondulado a partir deste ponto do parágrafo.

338. [/] Se o psicólogo / nos informa // diz // "Há homens que vêem", então poderíamos perguntar-lhe "O que você chama de 'homens que vêem'?" A isto, a resposta seria do tipo "Homens que, sob tais e tais circunstâncias, reagem dessa ou daquela maneira, comportam-se desse ou daquele modo". "Ver" seria um termo técnico do psicólogo, um termo que ele nos explicaria. Ver é então algo que ele observou nos homens.[242]

339.[243] Nós aprendemos a usar as expressões "eu vejo...", "ele vê..." etc., antes de aprendermos a distinguir entre o ver e a cegueira.

340. "Há homens que podem falar.", "Eu posso dizer uma proposição.", "Eu posso pronunciar a palavra 'proposição'.", "Como você vê, eu estou acordado.", "Eu estou aqui."

341. Há também um ensino acerca das circunstâncias nas quais uma certa proposição pode ser uma informação. Como devo chamar a esse ensino?

342. Pode-se dizer: eu *observei* que, de olhos abertos, eu e outro podemos andar sem esbarrar nas coisas, e que nós, de olhos fechados, não o podemos?

343. Se informo a alguém que não sou cego, seria isto uma observação? Em todo caso, eu posso convencê-lo disso por meu comportamento.

344. Um cego poderia facilmente descobrir se eu também sou cego; por exemplo, ao fazer um determinado movimento com a mão e perguntar-me o que ele fez.

345. Não podemos imaginar um povo de cegos? Ele não poderia, sob condições especiais, estar bem adaptado? E não poderia haver, como exceção, pessoas que vêem?

---

[242] Cf. *BF I*, § 88.

[243] Este parágrafo não está separado do anterior.

346. Suponha que um cego me diga: "Você pode andar sem esbarrar em qualquer lugar; eu não o posso." — a primeira parte da proposição seria uma informação?

347. Ora, ele não me diz nada de novo.

348. Parece haver proposições que têm o caráter de proposições de experiência, cuja verdade é todavia para mim incontestável. Isto é, se suponho que sejam falsas, preciso desconfiar de todos os meus juízos.

349. Em todo caso, há erros que tomo por corriqueiros e outros, de diferente caráter, que precisam ser isolados de meus restantes juízos como uma *confusão* temporária. Mas, não há passagens entre ambos os tipos?

350. Caso se introduza o conceito de saber nesta investigação, isto de nada nos serve; pois saber não é um estado psicológico, através de cujas especificidades tudo se esclareceria. Ao contrário, a lógica especial do conceito "saber" não é aquela do estado psicológico.

Anotações sobre as Cores IV: MS 169, vol. 71 da edição da Cornell University, folhas 77 a 80:

(...)

1. Nós pintamos um vidro cristalino transparente amarelo, verde, azul, com diversos fundos, de modo a que nos fique claro em que consiste a aparência da cristalinidade colorida. E, então, por analogia com aqueles casos, queremos pintar o quadro de um vidro cristalino transparente branco.

2. Nós podemos nos expressar aqui ao modo da física, embora a física não nos interesse. Eis uma boa imagem disso que queremos descrever. — Um vidro cristalino amarelo não reflete no olho nenhuma luz amarela; portanto, o amarelo não nos parece localizado no vidro. Visto através do vidro, um preto baço é preto, o branco é amarelo. Portanto, por analogia, o preto deve, através de um branco cristalino, aparecer preto; um branco, branco; logo, de modo idêntico a como aparece através de um vidro incolor. — Deve então o vermelho aparecer esbranquiçado? Logo, rosa? Mas, como aparecerá então um vermelho escuro tendente ao preto? Deve tornar-se um rosa enegrecido; portanto, um vermelho cinzento; mas então o preto não poderia permanecer preto.

3. Com 'branco puro' se quer amiúde indicar a mais clara das cores; com preto, a mais escura; mas não também com o puro amarelo, vermelho, etc.

4. Um branco visto através do amarelo não seria branco amarelado, mas sim *amarelo*. Deve o amarelo, visto através do branco, tornar-se amarelo esbranquiçado ou branco? No primeiro caso, o vidro 'branco' tem o efeito de um incolor; no segundo, de um não-transparente.

5. Eu quero pois afirmar: O 'puro' conceito de cor, que se quer extrair de nossos conceitos ordinários, é uma quimera. Há certamente diversos conceitos de cor e, entre eles, os que podem ser chamados de mais puros e de mais impuros.

6. Em vez de "quimera", poderia ter dito "falsa idealização".

Falsas idealizações são talvez as idéias platônicas.

Se há algo assim, então deve falar absurdos quem idealiza falsamente, — porque ele emprega um modo de falar que vale em *um* jogo de linguagem em outro jogo, no qual esse modo de falar não tem lugar.

7. Se tipos estão guardados em algum lugar, quem diz *quais* tipos? — Todos que podem ser imaginados?!

8. O que é a representação ideal das cores? Não é algo assim como olhar através de um cano e ver (por exemplo) um pequeno círculo vermelho? — E devo então nomear as cores em conformidade com essa experiência? Está bem, mas então eu preciso também empregar essas palavras para cores em casos bastante diversos. E como devo eu compará-las com as cores ao meu redor? E quão útil será uma tal comparação? — Ou seria a maneira ideal de indicar uma cor preencher com ela todo campo visual? Como quando o olhar se dirige contra o céu azul? Mas a velha questão subsiste aqui também. Pois também não esqueça que seu olhar vagueia e não há *a* descrição disso que você vê.

———|———

(...)

Fotocópias de Manuscritos de Wittgenstein

Fotocópia 1: página 1 {3} de MS 172, contendo §§ 1-4 {11-14} de *Bemerkungen über die Farben*, II;

Fotocópia 2: página 2 {4} de MS 172, contendo §§ 5-10 {15-20} de *Bemerkungen über die Farben*, II;

Fotocópia 3: página 3 {1} de MS 172, contendo §§ 11- parte de 15 {1-parte de 5} de *Bemerkungen über die Farben*, II;

Fotocópia 4: página 4 {2} de MS 172, contendo §§ parte de 15-20 {parte de 5-10} de *Bemerkungen über die Farben*, II;

Fotocópia 5: página inicial do MS 176, início de *Bemerkungen über die Farben*, I;

Fotocópia 6: página final de *Bemerkungen über die Farben*, I em MS 176, contendo a data 21.03.51 e § 426 de *Über Gewißheit*;

Fotocópias 7 e 8: verso da folha 34 e frente da folha 35 de MS 175, em que constam o § 300 de *Über Gewißheit* e a data 10/03/51;

Fotocópia 9: verso da folha 74 do MS 175, com o § 417, primeiro de 21/03/51;

Fotocópia 10: página final de MS 175, contendo parte do § 425 de *Über Gewißheit*;

Fotocópia 11: página inicial de MS 173, contendo parágrafos iniciais de *Bemerkungen über die Farben*, III;

Fotocópia 12: folha 2 do MS 174, que apresenta a data 24/04/50.



[illegible]

Wenn bei einem farbigen Gegenstand alles gleichfarbig erscheint, so werden wir nicht sehen, dass beleuchtende Strahlen

Die Phänomene | é [illegible] (wie sie in Goethe wollen) in der Physik über die Physik

Wie aber, wenn es irgendwo wäre: der Lichtstrahl, der [illegible] Farbe, also farbig wäre, ohne [illegible] Licht einer [illegible] Quelle, etc.? (Nun ist eine [illegible] Quelle, die Augen nicht [illegible] Farben [illegible])

Ja, wie wenn die Augen uns dann in einer Farbe [illegible] wenn in unserem Sinne, die Licht [illegible] wäre? Könnte man dann nicht sagen, wir bei schwachem Licht [illegible] die vollen Farben?

Aber man bemerkt eine Voraussetzung

Denke nicht, dass die Farben des [illegible] Licht in mein Auge reflektieren

Man könnte von einer farbigen Fläche reden, womit nicht die Farbe gemeint wäre, sondern die Farbtöne und ihre Verteilung, wenn sich z.B. der Rahmen eine bunte Fläche ergeben will, sondern das Zusammen der Farbtöne, das den Rahmen eine bunte Fläche (z.B.) ~~ergibt~~.

Die Beimischung des Weiß nimmt der Farbe das Farbige; dagegen bringt die Beimischung von Gelb – Rot dieses Farbige zum Vorschein. Es kann also durchaus ein Weiß geben.

Das alles ist noch kein Satz: daß die Beimischung des bunten Elementes der Farbe das Farbige zerstört.

Wir sehen, es kann kein physikalischer Satz sein.

Hier ist die Verwandtschaft der Farbenlehre, einer Hilfswissenschaft, mit Logik, zu bemerken.

Was ist denn das Wesentliche des Trübes? Denn Rotes, Gelbes, Buntes ist es ~~ist~~ nicht trübe, weder ist trübe.

Es ist also das, was die Farben verschleiert,

+ vermöglicht es die Formen, weil es Licht + Schatten verwendet?

Zweifel verschleiert, wo die Dunkelheit anfängt?

Man redet von den schwarzen Flecken aber wer durch roten Glas sieht verliert + Farbe sieht nicht die rot, durch rotes Glas sieht schwarz.

Man bedient sich, um Glas zu sehen manchmal gefärbten Brillengläsern, aber nie Anders.

"Die Beziehung von der Verwirklichung des Unterschieds zwischen Hell + Dunkel, Licht + Schatten": besteht aus die Begriffe Räle?

Ich kenne schon.

Wer das nicht kennt, sieht nicht die entgegengesetzte Erscheinung + erkennt nicht [illegible]

Notebook No 6. 1

Ein Sprachspiel: Denken Sie sich den Fall, ein Verständiger Kaufmann bestellt, oder kauft, also ein andrer sei – Aber nun gibt es ein verwandtes: Über das Verhältnis der Helligkeiten bestimmter Farbtöne enscheiden (Dann ist zu erklären: Das Verhältnis der Längen zweier Stäbe bestimmen – & das Verhältnis zweier Zahlen bestimmen.) — Die Form der Sätze in beiden Sprachspielen ist die gleiche: "x heller als y". Aber im ersten ist es eine interne Relation & der Satz zeitlos, im zweiten ist es eine interne Relation & der Satz zeitlos

Ein Bild, in welchem ein Stück weißes Papier seine Helligkeit vom blauen Himmel borgt, ist dieses heller als das weiße

diesen Satz an Ihre Arbeiten von
Neuem? Muß ich sie, wenn ich
sicher Ihrer bin, bestätigen, daß
ich die Tatsache des Lebens Ihrer,
& daß es gerne Leute gibt, Ihnen,
die sie nicht haben?

Wenn der Psychologe modelt
"Es gibt Menschen, welche, ...
Etwas an ihm fragen: "Und
was nennst Du 'Menschen', welche
sehen '?" Darauf müßte die Antwort
sein: "Menschen, die unter
dem & dem Umständen, sich so &
benehmen 21.3.6L

Will aber ich es Ihnen da zeigen, daß
sie nicht nur Verbrechen, sondern
daß sie auch solche Leben-
dinge wären? Denn es ist doch

Damit ist der Dichter dem Dichter nicht entmündigt
die seit jeden ihre Publikationen mit gewissen
unveröffentlichten Briefen schmücken.
Durch die Korrespondenz + Empfehlung
verbunden ist. —

— We are satisfied that
the earth is round. —

Wenn Goethe, ein Dichter sagte:
„Wenn diesen Charakter
in meiner Tragödie fromm
& gut leben würde, so
würde es ihm gut gehen,
würden sie
aber verständig sein, so
würde es misslingen."

10. 3. 51.

— Damit ist der Dichter
in meinen einfachen Worten von
den vielen anderen Dichtern
gegenüber unterschieden
Goethe an solchen
Von sich keineswegs die entmündigte, die
Einstellen die Schriften

Einfälle kommen durch
Reden, Denken, wenn (ich) auch,
das was sie darstellen
[illegible] Form, [illegible] selbst,
das halten die selbst
es doch für wertvoll, +
es ist auch [illegible]
denken, als was sie
selbst [illegible] Form

Nicht alle Konzepte
unserer Antworten sind
schon auf dem [illegible]
Stand.

Angenommen, es sei nicht
wahr, daß die Idee
schon [illegible] eine Form

z.B., daß ich in diesem Zimmer wochenlang gelebt habe, daß ich diesen Gedächtnis darüber Aussage?
– "certain beyond all reasonable doubt" –

21.3

"Ich weiß, daß ich mir letzten Monat täglich gebadet habe." Woher weiß ich das? An jeden Tag & das Bad an jedem Morgen? Nein. Ich weiß, daß ich jeden Tag gebadet habe & ich verbinde das mit vielen anderen zu mittelbaren Daten. Ähn.

als etwas anderes ent-
puppen? Kann es mich
nicht verblüffen?

Und dennoch war
es wichtig, unter den
Umständen, die diesen
Satz – im wörtlichen Sinne
sagen: "Ich weiß (ich
vermute nicht nur), daß
es ein Baum ist." Zu
sagen, ich beurteile, daß
da ich es nur, wenn falsch,
so doch sinnvoll <u>irrtümlich</u>
<u>sein</u> könnte sagen: ich glau-
be – ich halte L.d.W. – Und
es ist auch richtig: ich
kann mich darin nicht
<u>irren</u>. Aber das heißt nicht
ich sei darin unfehlbar.

Notebook Nº 5.

? In einem Bild muß das Weiß die hellste Farbe sein.

/ In der Tricolore darf z. B. das Weiß nicht dunkler sein als das Blau (oder Rot).

- Hier gibt es eine Art Farbmathematik!

26.3

/ Aber auch das Gelb ist heller als das reine, satte Rot, oder Blau.

Erfahrungen die das Tun jeden
Tages Visionen, oder ganz
Sinneserfahrungen, die uns die
Existenz dieses Seienden
sondern z.B. Leiden deutlich
Art. Und die gesamte Tat
nicht wie ein Phänomen
einen Gegenstand noch dessen
sich das gesamten Erfahrung
Gedanken - das Leben Bewusstsein
diesen Begriff umgrenzen.

Es ist dann etwas absolut
dem Begriff Gegenstand

24.4.5

Das nur die Existenz des Erlebens
Anderen kann bewusstseinlich Gegenstand
uns nicht weit, wollen aber das diese schwer
beschreibbare Qualität [illegible] Erfahrung
eine wichtige Evidenz ist.

Der diese Schwierigkeit ist die

apêndice II

considerações sobre o texto das *Bemerkungen über die Farben*[*]

[*] Este artigo forma um todo com nossa apresentação do texto restabelecido e traduzido das *Bemerkungen über die Farben*, recobrindo-a até em alguns pontos. O desdobramento deveu-se primeiro a nosso ensejo por apresentar à Prof.ª Anscombe as conclusões relativas em específico à datação e a aspectos materiais do texto — aspectos aqui tratados em detalhe. Pareceu-nos ademais ser de alguma valia divulgar em separado a "descoberta" da outra ordenação de *Bemerkungen über die Farben* II e as dúvidas quanto à datação do texto, que conduzem à inclusão de uma quarta parte. Tal descoberta deve, afinal, ser bastante útil também a outros pesquisadores. Por isso, o conteúdo deste texto, complementar ao da "Apresentação" e também voltado à análise da edição das *Bemerkungen über die Farben*, serviu de base a uma exposição no IV Encontro de Filosofia Analítica, realizado entre 6 e 9 de outubro de 1997, na Universidade Federal de Santa Catarina.

1.

O filósofo costuma ir ao detalhe. Não raro, distinções mínimas afiguram-se relevantes, cabendo, muita vez, ao intérprete deter-se em filigranas. Assim, bem o sabemos, talvez em nenhum outro campo da produção acadêmica a edição descuidada de um texto clássico possa causar maior dano. No que se refere, então, à obra de Wittgenstein, cujos escritos poucas vezes chegaram sequer à "etapa da datilografia", a revisão das edições disponíveis é mais que urgente.

A necessidade de uma revisão minuciosa do material já publicado do espólio de Wittgenstein foi reconhecida inclusive por um de seus curadores.[244] E, sem dúvida, é bastante urgente e profunda no que se refere ao conjunto dos textos produzidos nos seus dois últimos anos de vida. Por exemplo, sendo de grande monta a intervenção editorial que separou as notas sobre as cores e as notas sobre a certeza, podemos manifestar nossa estranheza, não pela simples e justificável separação, mas pela omissão dos detalhes, das razões, de tudo quanto possa afastar a impressão de mero arbítrio. Afinal de contas, se ela no caso foi justa ou pelo menos não foi danosa, não deixam de depender sua justeza e a ausência de danos dos dados que relacionem e historiem as condições da produção coetânea de textos sobre as cores e sobre a certeza.

Em especial, tem sido bastante prejudicada a leitura do conjunto de observações de Wittgenstein sobre as cores, escritas a partir de janeiro de 1950, e reunidas, apresentadas e editadas por G. E. M. Anscombe em três partes, sob o título *Bemerkungen über die Farben*. Conquanto laboriosa essa edição de 1977, acreditamos ser evidente (inclusive para quantos desejem vindicar a importância do tema e sua centralidade) a necessidade de contarmos com um texto mais bem cuidado e bem estabelecido do que o

[244] Cf. von Wright, Georg Henrik, *Wittgenstein*, p. 74.

disponível e com um maior número de dados do que os oferecidos pelo prefácio de sua editora — e dados de preferência corretos acerca das relações entre suas partes e as condições de sua redação. Não é pois de estranhar que, mesmo por comentadores argutos como Nelson Goodman,[245] a investigação sobre a lógica dos conceitos de cor seja chamada ou a competir com a física e com a psicologia, ou a restringir-se ainda uma vez a tarefas antes próprias do projeto de construção de uma lógica, mais ou menos formalizada, de descrição da experiência, do projeto portanto de análise da "estrutura lógica da cor".

Como procuraremos mostrar nas considerações seguintes, resultantes em sua maioria do cotejo entre a edição de Anscombe e as fotocópias dos manuscritos de Wittgenstein, tal como se encontram editados pela Cornell University, há equívocos quanto à datação e à ordenação do texto, que ademais são agravados pela omissão de parágrafos e variantes. Acreditamos ter descoberto a ordenação original dos parágrafos da segunda parte (contrária à editada por Anscombe), sendo nosso dever justificá-la ao máximo. Procuraremos também localizar o conjunto dessas observações sobre cores na obra, ou melhor, estabelecer uma cronologia, que levanta dúvidas quanto à afirmada pela Prof.ª Anscombe. Como, em filosofia, datar uma obra não cumpre função exterior à determinação de sua importância, interessa-nos acompanhar a continuidade de uma investigação desenvolvida nesses momentos, chegando a um resultado bem mais inteiro do que o atingido nas contíguas e alternadas reflexões sobre a certeza. E mais: nossa cronologia (ao lado da atenção a certos sinais de revisão utilizados por Wittgenstein) tem uma conseqüência bastante relevante, pois nos permite aproximar das três partes atuais uma quarta parte, com o ganho exato de oito parágrafos do MS 169, redigidos provavelmente no mesmo período de *BF III*.

---

[245] Cf. Goodman, Nelson, "Ludwig Wittgenstein: *Remarks on Colour*", pp. 503-504. Pensador arguto, Goodman consegue a proeza de acumular em quatro comportados e pequenos parágrafos de uma resenha diminuta um número significativo de erros de diversa ordem e magnitude. Mas podemos logo perceber que parte dos erros cometidos por Goodman em sua resenha — como a própria sugestão de que os parágrafos da primeira parte (*BF I*) estão a delir os da segunda e terceira (*BF II* e *BF III*) — parece dever-se ao fato de ter ele lido mais atentamente o prefácio de Anscombe que o próprio texto de Wittgenstein.

2.

Em 25 de novembro de 1949, Wittgenstein teve confirmada a suspeita de estar com câncer. E a doença o consumiu a pouco e pouco até sua morte. Mas o estado do indivíduo não se confunde, também em seu caso, com o estado da obra. O indivíduo doente, a obra madura. O homem dispondo de poucas forças, a obra de todos os recursos. Que Wittgenstein duvide então de sua capacidade, de sua concentração, que porventura lastime o que escreve ou deplore seus resultados, não há grande novidade, salvo em que ele jamais tivera motivos tantos, como nesse período, para suas queixas e dúvidas. Em todo caso, não podemos, com independência da obra produzida, julgar justificado todo ou qualquer lamento; afinal de contas, os textos então escritos mostram inteiro fôlego intelectual, sendo seus temas quase exclusivos a certeza e as cores.

Quanto à questão das cores, retorna a um tema que muito conhece e tanto o ocupou em vários momentos de sua vida intelectual, embora o enfrente então com surpreendente vigor. Nas *Bemerkungen über die Farben*, é outro o ar que respiramos. O tema das cores parece açoitado pelos resultados, pelo exercício de um novo estilo. Assim, o texto se nos afigura, dada também a história do tema, dadas as posições e projetos anteriores (e.g., o de uma *phänomenologische Farbenlehre*), como o palco de uma bem consumada terapia, como um exercício sofisticado, exemplar, conduzido em paralelo e mesmo prioritariamente às reflexões sobre a certeza. Acreditamos assim não haver incompatibilidade entre a tese do relativo fechamento dos textos das *Bemerkungen über die Farben* (os 88 primeiros parágrafos do MS 176, que conformam a parte I das *Bemerkungen über die Farben*, quatro das 24 páginas do MS 172, que perfazem *BF II*, o caderno de notas do MS 173, que deve compor *BF III*, e oito parágrafos do MS 169, sua quarta parte[246]) e a tese de que seu contexto teórico imediato e sua herança temática e metodológica nunca devem ser omitidos.

---

[246] Vários parágrafos sobre a oposição "Innen-Außen" e sobre Shakespeare foram separados pela editora por haver consentânea indicação de Wittgenstein, por exemplo, barras verticais no início e no fim do parágrafo — sinais portanto semelhantes em função aos postos no § 57 da primeira parte, que todavia não foi excluído.

Wittgenstein sabia bem perseguir a trama de investigações relativamente autônomas. Em todo caso, vale lembrar: (1) O contexto teórico imediato é o da reflexão sobre a natureza das proposições gramaticais, em que se aliam conceitualmente a investigação sobre a lógica dos conceitos de cor e as considerações sobre o estatuto dos truísmos elencados por Moore; ou seja, cor e certeza são investigações ligadas por um projeto comum, mas não o mesmo, tal como se configura em MS 172 pela distinção entre *BF II* e *Über Gewißheit*, §§ 1-65. Em qualquer ordem por que se distribuam os manuscritos, observações sobre cores e sobre a certeza decerto se alternam, se realizam em um mesmo período e contexto, desfrutam do mesmo amadurecimento teórico e compartilham íntimas conseqüências, argumentos, expressões; não obstante, sempre podem ser identificados certos cuidados de Wittgenstein (tênues mas constantes) na separação dos temas. (2) O texto pressupõe, leva em conta os resultados e compartilha o método da mais completa, mais corrigida e mais bem acabada de suas obras maduras, a saber, o texto das *Investigações Filosóficas*. Em especial, dada a proximidade no tempo e do tema, o texto conta com o grande esforço das investigações sobre a filosofia da psicologia. Mais do que isso, a investigação sobre as cores dá continuidade ao conjunto imenso de observações, os manuscritos 130 a 138, que deveriam servir para modificar o terço final da primeira parte das *Investigações Filosóficas* e que, parcialmente, se dispõem em várias seleções de fragmentos, como as *Bemerkungen über die Philosophie der Psychologie*, I e II; *Letzte Schriften über die Philosophie der Psychologie* e as *Philosophische Untersuchungen*, II (em especial, as seções xi, xii e xiv). Com esses escritos, o texto das *Bemerkungen über die Farben* compartilha uma temática comum e um semelhante vocabulário, isto é, com eles compartilha o que em filosofia costuma ser essencial,[247] prosseguindo em particular com o intento de bem discernir as tarefas da filosofia daquelas próprias de uma psicologia. O texto continua pois um diálogo com a psicologia experimental, não sendo apenas um

[247] Em filosofia, uma preferência vocabular costuma encerrar mais do que um simples sintoma. As *Bemerkungen über die Farben* mantêm laços íntimos e recíprocos com os textos sobre a filosofia da psicologia, seja porque podemos encontrar nestes muitos parágrafos sobre cores, seja porque verificamos no texto sobre cores uma continuação do debate de Wittgenstein com a psicologia e também um uso nada gratuito de resultados da investigação sobre a gramática do 'ver' e do 'ver como'.

exercício de férias de um enfermo, que se deixou estimular, sem excitação, pela leitura da *Farbenlehre*. Além disso (3), o texto enriquece este diálogo com um direto confronto com Goethe, pois, através desse caso exemplar de "análise fenomenológica", Wittgenstein pode questionar seus próprios anteriores projetos de constituição de uma fenomenologia, estando aí parte do sentido da mais célebre proposição do texto: "Embora não haja fenomenologia, há decerto problemas fenomenológicos".[248] Finalmente, (4) cumpre esclarecer que, dado o modo habitual de redação de Wittgenstein e considerando ainda os acidentes da produção em seus últimos meses de vida, as observações selecionadas em *BF I* não delem pura e simplesmente as que ocorrem em *BF II* ou em *BF III*. Não opera Wittgenstein aqui por simples eliminação, e *BF I* é em muito esclarecida pelas partes cronologicamente anteriores, sendo provável mesmo que desejasse prosseguir retrabalhando as observações de *BF III*, não fossem as circunstâncias do seu concentrado ataque ao tema da certeza e de sua morte.

3.

É preciso decerto ter em conta esse complexo contexto e tais relações intertextuais, mas nossa atenção volta-se aqui a aspectos materiais da redação. Por exemplo, quando exatamente foram escritas as três partes das *Bemerkungen über die Farben*? Os curadores do espólio são os primeiros a lançar informações conflitantes a respeito. No prefácio às *Bemerkungen über die Farben*, Anscombe declara ser incerto (não ser claro) se *BF II* teria sido escrita antes ou depois de *BF III*; entretanto, acerca de outra parte do MS 172 (a que serviu aos primeiros 65 parágrafos sobre a certeza), Anscombe afirma no prefácio a *Über Gewißheit* ter a impressão, que não sabe fundamentar, de ter sido escrito o texto no período em que estivera Wittgenstein em Viena, do natal de 49 a março de 50. Parecem hoje todos conceder (e Monk por exemplo afirma-o sem hesitação)[249] que o MS 172 teria sido provavelmente escrito em janeiro de 1950. O melhor argumento

---

[248] Cf. Moreno, Arley, "Wittgenstein: Fenomenologia e Problemas Fenomenológicos".
[249] Cf. Monk, Ray, *Wittgenstein: O Dever do Gênio*, p. 492.

para tal anterioridade é decerto o estado da pesquisa em *BF II*, em que temas se esboçam em linhas gerais, enquanto temas novos e bem detalhados surgem em *BF III*. Notamos também que *BF II* parece pressuposta lógo na densa reflexão contida nos três primeiros parágrafos de *BF III*, em que Wittgenstein contrapõe a situação em um quadro, em que se pode duvidar que seja necessariamente o branco a cor mais clara, com a que verificamos em uma bandeira, a tricolor azul, vermelha e branca, em cujo emprego da palavra 'branco' temos uma espécie de "matemática da cor", sendo-nos impossível vê-lo aí como mais escuro. Tal pensamento, podemos ver, decorre essencialmente da ordenação do problema das cores proposta em *BF II*, isto é, da ordenação que o pode tornar solúvel.

Desse modo, em Viena, motivado por seus recentes debates com Norman Malcolm nos Estados Unidos, Wittgenstein continua a refletir sobre as posições de Moore, mas deixa-se também estimular mais uma vez pela *Farbenlehre* de Goethe, acerca da qual, em 19/01/50, escreve a von Wright: "É em parte enfadonha e em parte repulsiva, mas em alguns aspectos é também bastante instrutiva e filosoficamente interessante".[250] Essa conjunção estaria pois na origem do MS 172, com suas 4 páginas sobre as cores e suas 20 outras sobre a certeza, temas que fervilham juntos sem que todavia se confundam. O mínimo, portanto, que podemos dizer de MS 172 (*BF II* + *Über Gewißheit* §§ 1-65) é que se trata de um manuscrito importantíssimo, pois forneceu a Wittgenstein um programa de trabalho, sistematicamente cumprido, até o final de seus dias. *BF II*, *BF III*, *BF I*: esta a ordem dos textos, pois tampouco pode haver dúvida de que *BF I* é o último destes três textos sobre as cores, tendo sido portanto escrito, no mínimo, após abril de 1950.

Antes porém de prosseguirmos a apresentação das partes cronológica e conceitualmente decorrentes do texto de Viena, antes de discutirmos com maior precisão quando teria sido escrita a primeira parte, cabe analisar melhor o texto das *BF II*, merecedor de bem mais atenção do que lhe tem

---

[250] Citado por Monk, Ray, *Wittgenstein: O Dever do Gênio*, p. 492. Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Philosophical Occasions: 1912-1951*, p. 475.

sido dispensada, pois seus méritos são bastante superiores ao simples fato de ser o texto primeiro, embora pareça conter parágrafos ininteligíveis, salvo à luz dos textos futuros. Afinal, o § {1} de *BF II* apresenta uma situação fictícia, ou pelo menos diferente, daquela por que atribuímos nomes de cores a determinadas impressões visuais. Mas, se fictícia ou extraordinária, contrapõe-se a quê? Na ordem dada por Anscombe, não podemos decidir ao certo a que se refere, a que uso conceitual faz um contraponto. Foi a incapacidade de situá-lo bem, de explicá-lo melhor, em texto que porém julgávamos antecipar todo o curso seguinte da investigação sobre a lógica dos conceitos de cor, que nos predispôs a uma suspeita a pouco e pouco confirmada.

Tentávamos comentar *BF II*, ao tempo em que a traduzíamos. Para isto, procuramos seus agrupamentos, tentando ver além do esgarçamento de seus parágrafos. O primeiro parágrafo, porém, repetimos, não parecia ligar-se a coisa alguma. Fitava-nos ele solto, independente, desafiador, como um oráculo a ser decifrado. Sabíamos do que tratava, mas, como podia servir sua referência a propriedades complexas, a *Gestaltqualitäten*, para a discussão das cores? Uma tal situação, excitante a quantos julgam profundo o filósofo incompreensível, parecia-nos um despropósito. Acreditamos enfim ver uma relação entre a crítica à fenomenologia de Goethe e a postulação de um outro conceito de identidade de cor aludido no texto. Isto nos bastava, é claro, para entender o texto, e a tese se reforça plenamente nos textos posteriores. Esta relação, porém, no período em que foi escrita *BF II*, já estava clara a Wittgenstein? Se nossa leitura do parágrafo o reveste de tanta importância, não é curioso que surja do nada, como um raio em céu azul?

Do jeito porém como se dispunham os parágrafos de *BF II*, tudo parecia justificar o descaso que alguns lhe dirigem. Ao texto, mesmo quando antecipa desdobramentos futuros, parece faltar força e inteireza, como se sua anatomia estivesse por demais informe para ser explicada pela trama sólida, vertebrada, dos textos posteriores. Entretanto, um olhar às fotocópias do manuscrito forneceu-nos a chave, a possibilidade de resolver

o desafio.[251] O texto de *BF II* tem sido talvez pouco aproveitado, pouco estudado, pouco louvado. Um bom e simples motivo para tal estado de coisas deve estar no fato de que dificilmente pode ser bem compreendido, porque seus parágrafos estão na ordem errada. Eis porque colocamos entre chaves a numeração de Anscombe, que passamos a considerar apenas uma proposta, de resto falsa.

Vejamos os manuscritos. As páginas se dividem assim, segundo nossa ordenação, estando a correspondente paginação e numeração de Anscombe entre parênteses: página 1 {3} de MS 172, contendo §§ 1-4 {11-14} de *Bemerkungen über die Farben*, II; página 2 {4} de MS 172, contendo §§ 5-10 {15-20} de *Bemerkungen über die Farben*, II; página 3 {1} de MS 172, contendo §§ 11- parte de 15 {1-parte de 5} de *Bemerkungen über die Farben*, II; página 4 {2} de MS 172, contendo §§ parte de 15 - 20 {parte de 5 - 10} de *Bemerkungen über die Farben*, II. Em se tratando de folhas soltas, não datadas nem numeradas, sua ordem deve em primeiro lugar ser considerada incerta. Mostra-se então de todo possível (não colidindo em nada nossa proposta com a visão dos manuscritos) que a ordem de BF II seja: {11-20} antes de {1-10}, que passamos a numerar de 1 a 20, sem chaves.

Qual o resultado teórico de tal alteração? Todo o texto fica mais claro. Os parágrafos iniciais passam a ser aqueles que, bem ao modo de uma introdução, propõem um modo filosófico de correta abordagem do tema das cores. O parágrafo 11 {1} deixa de estar isolado, ganha pleno sentido como exemplo extraordinário colocado após uma série de exemplos outros, fictícios, que testam, todos eles, a análise fenomenológica de Goethe. Vantagens teóricas e nenhum prejuízo, pois nenhum agrupamento é desfeito, enquanto outros são criados; parágrafos adquirem um contexto, e o projeto futuro de *BF I* já pode ser reconhecido, inscrito com um extraordinário grau de reflexão e acabamento nestes 20 parágrafos de Viena.

---

[251] Cf. vol. 79 da edição da Cornell University.

A nossa ordenação é, por conseguinte, possível e desejável. Mais ainda, a ordem que propomos é inclusive beneficiada pelo espaço em branco que sobra apenas após o § 20 {10}, índice empírico não só de que esta foi a última página — e de que, sendo esta a última página, também aqui Wittgenstein separou as páginas sobre cores das páginas sobre a certeza. A mudança na ordem favorece inclusive a idéia de uma separação entre estes temas, apesar da comunhão em um mesmo contexto; logo, tendo Wittgenstein em janeiro de 1950 elaborado duas "linhas de pesquisa", conduziu em separado a investigação das cores e mesmo a priorizou. Estávamos já convencidos de que a reordenação deveria ser realizada, quando assaltou-nos a dúvida: Como pôde Anscombe ter mudado a ordem das páginas? Será que algo, na matéria das páginas, impede nossa proposta? Enfim, acreditamos ter conseguido explicar o provável incidente que pode ter favorecido a desordenação do texto.

É claro que não tomamos estas explicações, embora conformem uma bem fundada hipótese, como prova cabal de que ocorreu assim. Sendo uma hipótese, por bem fundada que esteja, não exlui a possibilidade da diferença, mas sua solidez é tamanha que nos serve como proteção suficiente a quantos digam que não poderia ter ocorrido como propomos. Não temos em mãos o manuscrito, apenas uma fotocópia. Trata-se o MS 172 de um conjunto de 24 folhas soltas, pautadas, em formato ofício? Von Wright descreve-o apenas como um "manuscript on loose sheets", com 24 páginas. São pois 24 folhas, com 24 páginas escritas e seus versos em branco? Estariam as páginas sobre cores em 4 folhas soltas independentes? Parece improvável. Olhando os seus manuscritos, notamos que não é típico de Wittgenstein deixar folhas em branco. Em geral, quando volta a utilizar um caderno antigo, retoma-o de onde parou, às vezes quase no final da página, ou mesmo no verso de páginas que porventura foram sistematicamente deixadas em branco.[252] Em todo caso, estivessem assim dispostas as folhas, seria bastante fácil trocar a ordem das páginas. Outra possibilidade: 12 folhas soltas apenas, frente e verso escritos, as páginas sobre cores em apenas 2 folhas. Também aqui o erro na ordenação seria

[252] Cf., por exemplo, o verso da folha 14 do MS 174, contendo abaixo o início do § 66 de *Über Gewißheit*.

bem fácil. Mas algo depõe assim contra esta possibilidade como contra a anterior. Não estando em folhas numeradas, o erro seria flagrante e a editora tenderia a colocar a página em que sobra algum espaço como página final.[253]

Há porém outra possibilidade: o manuscrito está em apenas 6 folhas soltas de papel almaço, ou seja, papel que dobrado tem o tamanho de papel ofício, com 4 páginas. Parece bem ser este o corpo do manuscrito, pois no prefácio às *Bemerkungen über die Farben,* Anscombe se refere a "undated loose sheets of foolscap" ("foolscap": papel almaço — embora também simplesmente papel ofício); entretanto, no prefácio a *Über Gewißheit,* escrito por Anscombe e Von Wright, eles se referem, quanto à parte correspondente à certeza, ao número de 20 folhas soltas. Não abraçamos de todo a hipótese das seis folhas de papel almaço por conta desta incongruência. Mas, caso estejam as 4 páginas em uma única folha de papel almaço, como pode ter havido um erro de ordenação? Nada mais fácil e nada explica melhor o que pode ter ocorrido, sem que o erro da editora seja por isso justificado.

Realizemos pois juntos uma experiência.[254] Primeiro, observemos atentamente a ordem que propomos. A página que afirmamos ser a primeira, a página da frente do manuscrito, Anscombe ordenou como terceira. Seu verso, página interna e nossa segunda página, Anscombe ordenou como quarta. A outra página interna e nossa terceira, esta foi a considerada primeira por Anscombe. Enfim, a nossa quarta página, apesar do espaço em branco, é a segunda de Anscombe. Apanhemos agora uma folha de papel almaço e a numeremos em nossa seqüência, colocando ao lado a numeração de Anscombe entre chaves. Assim, a página externa da frente será 1 {3}; as páginas internas, 2 {4} e 3 {1}; e a página externa de trás 4 {2}. O que acontece porém se as páginas internas são viradas (digamos, por Wittgenstein, durante a revisão em que riscou parágrafos do

---

[253] Não estamos cometendo o erro de pressupor uma solução quando ela ainda está em debate. Apenas indicamos que assim, estando as possibilidades todas em equilíbrio, preocupar-se-ia a editora em optar por uma ordem entre outras, quando o bom senso faria pesar o fato da p. 4 {2} ter um espaço final em branco.

[254] Cf. Fotocópias 1 a 4.

manuscrito) e tornam-se súbito partes externas? Muito simples, a ordem de Anscombe aparece em um passe de mágica, e a nossa passa a ser a ordem "errada": 3 {1}; 4 {2}; 1 {3} e 2 {4}. O que prova esta experiência? Nada, absolutamente nada; apenas mostra, sem tocar o texto, sem tê-lo em mãos, que nossa hipótese não parece poder ser facilmente contraditada, além de, segundo julgamos, lançar luz nova sobre passagens enfim não tão obscuras ou desinteressantes.

4.

A data de *BF III* é a única bem estabelecida, pois se inicia o manuscrito[255] com uma data precisa 24/03/50 (que só não vemos na fotocópia porque foi coberta por uma tarja, com a qual os curadores censuram o trecho inicial do MS 173) e deve ter sido concluído antes de 24/04/50. Curiosamente, porém, a primeira informação do prefácio de Anscombe sobre *BF III* parece incorreta: *BF III* não foi escrita em Oxford e talvez nem mesmo tenha sido concluída lá. Wittgenstein saíra de Viena em 23/03/50 e fora para a casa de Rush Rhees, em Londres, onde ficou até 04/04/50.[256] Os §§ 1 a 3 de *BF III* aparentam ser quase o simples registro, rápido, de uma reflexão de viagem. No dia 26/03/50, começou Wittgenstein de fato a compor *BF III*, escrevendo em casa de Rhees mais de 120 parágrafos. No dia 11/04/50 (em casa de von Wright, em Cambridge, onde permanecerá até 25/04/50), anota no caderno o § 125. No dia seguinte, está datado o § 127, e não há mais nenhuma data no manuscrito. De fato, Wittgenstein não seguia à risca o hábito, copiado na juventude da leitura dos diários de Gottfried Keller, de datar suas anotações; entretanto, parece ter concluído *BF III* ainda em Cambridge, pois, no interior das 14 primeiras folhas do MS 174 (surpreendentemente não editadas em *Über Gewißheit*), após as quais está o material que compõe os §§ 66-192 de *Über Gewißheit*, já encontramos a data

---

[255] Cf. página inicial de MS 173, contendo parágrafos iniciais de *Bemerkungen über die Farben*, III, in vol. 75 da edição da Cornell University (Fotocópia 11).

[256] Para a referência às viagens e estadas, cf. Monk, Ray, *Wittgenstein: O Dever do Gênio*, cap. 26. Cf. também observações de von Wright em seus comentários às "Letters from Ludwig Wittgenstein to Georg Henrik von Wright", in Wittgenstein, Ludwig, *Philosophical Occasions: 1912-1951*, em especial à p. 476.

24/04/50, véspera de quando se mudou para Oxford.[257] Como não seguia à risca o registro de datas e uma sua ocorrência parece indicar mudança em lugar ou tema de produção, não parece haver um bom fundamento para o afirmado no prefácio de Anscombe.

Nenhuma das partes das anotações sobre as cores pode ser considerada um texto *alla prima*, tantas as preparações, tal a reiteração de motivos — o que tampouco retira dos escritos o sabor, se não do improviso, de autêntica novidade. Em todo caso, quanto à terceira parte das *Bemerkungen über die Farben*, importa afastar a enganadora idéia de tratar-se de um material eliminado por uma seleção. Mesmo que a seleção tivesse dado conta de todo o material, e isto está longe de ter ocorrido, *BF III* tem para nós, para quantos desejem interpretar com correção e em detalhe todo o livro, ou apenas a parte selecionada, um extraordinário valor. Em 17 de abril de 1950, durante a redação do texto, Wittgenstein escreve a Malcolm: "Tenho trabalhado um pouco, mas fico empatado em coisas banais e quase tudo que escrevo é bastante insosso".[258] É verdade. Para o "padrão Wittgenstein" de escrita, o texto é prolixo, depara com detalhes por demais pequenos, explora-os à exaustão. Ora, é esse seu maior mérito, ao nos mostrar o autor antes da síntese, em meio a um trabalho ainda "sujo", mas também cheio de sugestões. O texto fornece em sua repetição e, por vezes, em seu didatismo, os achados de um Wittgenstein que se deixa surpreender pela lógica dos conceitos de cor, descobrindo pequenas novidades, coisas quase banais — além das muitas hesitações plenas de significado que desparecem na edição de Anscombe pela simples supressão de centenas de variantes.

Como depois esse conjunto de detalhes serve ao texto forte da primeira parte, isto é já outra história. Sem dúvida, todos concordamos, *BF I* suplanta os textos anteriores, resulta de retomada, reescritura e síntese de *BF III*. Entretanto, tendo este sido riscado, não foi *ipso facto* eliminado. Afinal, quantas as interpretações possíveis, na obra de Wittgenstein, para um traço vertical sobre uma anotação? Pode significar: "Como isto está mal

---

[257] Cf. folha 2 do MS 174, que apresenta a data 24/04/50, in vol. 76b da edição da Cornell University (Fotocópia 12).
[258] Citado por Monk, Ray, *Wittgenstein: O Dever do Gênio*, p. 496.

escrito!" ou "Já reescrevi isto"; e ainda: "Não concordo mais", "Isto é falso", "Isto é bobagem" etc., etc. Nossa recusa de algum parágrafo não pode ser senão conceitual, relacionando a frase isolada ou conjunto de frases ao exercício de seu método e aos desafios de sua interrogação, pois inclusive, como em tantos diálogos consigo mesmo ou com um interlocutor, a peça discordante pode ser necessária à engrenagem, não sendo legítimo descartar suas sugestões antes de exauri-las por completo.

BF I é, obviamente, o mais bem acabado texto do período, ou seja, quando quer que tenha sido escrito, comportou a seleção e a passagem em revista de um significativo número de parágrafos. De fato, supera em muito o "insosso" de *BF III* e o oracular de *BF II*. Mesmo a única observação algo exógena que aí encontramos (o § 57) foi convenientemente separada pelo próprio Wittgenstein, posta entre barras verticais. Apenas não chegou à etapa ou às etapas da datilografia.[259] Quando porém foi escrito? Anscombe informa-nos sumariamente ter sido o texto escrito em Cambridge, em casa do Dr. Bevan, em março de 1951. Curiosamente, Ray Monk, tão cuidadoso em datar os textos de Wittgenstein, silencia a respeito.

Reconstituamos em linhas gerais as condições de Wittgenstein neste período. Em janeiro de 1951, Wittgenstein padecia uma radioterapia e uma terapia hormonal, que praticamente o impediam de produzir. Segundo Monk, estava resignado com o fato de não mais poder vir a trabalhar, desde que morresse logo. Muda-se em fevereiro para a casa do Dr. Bevan e, por um bom tempo, não consegue produzir. Enfim, no final do fevereiro é poupado de um tal "tratamento" e, mesmo sabendo contar com pouquíssimo tempo de vida, alegra-se muito com a notícia. Para a esposa do Dr. Bevan, em cuja casa reside até a morte em 29/04/51, declara: "Vou trabalhar agora como nunca trabalhei antes".[260] Ou seja, vai aproveitar o

---

[259] Ter chegado à etapa da datilografia não é suficiente para tornar um texto definitivo. Por exemplo, o primeiro volume das *Bemerkungen über die Philosophie der Psychologie*, que mandara datilografar, seria para Wittgenstein apenas uma "forma mais jeitosa", ponto de partida para novo começo, "pois talvez dê origem a idéias melhores quanto eu o ler" (Citado por Monk, Ray, *Wittgenstein: O Dever do Gênio*, pp. 456- 457). A resistência a uma forma final é uma constante, mesmo nas etapas que decorrem de uma seleção, e impede que alguma rotina de escrita possa ser considerada paradigmática.

[260] Cf. Monk, Ray, *Wittgenstein: O Dever do Gênio*, cap. 27.

melhor possível o tempo que resta. Todavia, antes de qualquer outra atividade, o que faz Wittgenstein, se confiarmos na afirmação de Anscombe? Ele faz uma revisão de material já escrito e pensado sobre as cores. Ora, nada poderia testemunhar melhor em favor da importância do tema das cores. Torcemos, portanto, *ab imo pectore*, para que alguma prova disso nos seja apresentada. Teríamos assim o mais eloqüente testemunho do próprio Wittgenstein de quão central ele considerava o tema das cores. Tudo estaria muito bem. A idéia é de fato encantadora, mas devemos convir que nada tem de sensata. Um pensador com os dias contados e tanto de novo a escrever, ocupa-se primeiro (ou quiçá de modo concomitante?) com a revisão de um material antigo. Não conseguimos acreditar nesta tese por mais que favoreça nosso propósito de vindicar a centralidade do tema das cores, sobretudo por ser possível vindicá-la de outros vários e sempre preferíveis modos, porque conceituais.

A questão porém não é desprovida de interesse. Admitindo-se então que tenha optado por tal exótica atitude, o que precisaria ter feito para cumprir com o propósito de primeiro cuidar do tema das cores? Ele deveria, em uns poucos dez dias: (1) recuperar-se dos efeitos da radioterapia; (2) compulsar o extenso MS 173, quiçá separando então os parágrafos que não se referiam às cores; (3) redigir os 88 bem lapidados parágrafos de *BF I*, deixando variantes para uma escolha futura; (4) revisar (pois há sinais, riscos verticais,[261] que indicam tê-lo passado em revista) o texto de *BF II*, que entretanto deixara em Oxford; e ainda (5) deixar espaço em branco ao fim do texto revisado e passar para outro caderno, para no futuro quem sabe continuar a revisão. E dissemos passar para outro caderno e tudo fazer em uns poucos 10 dias, porque o § 426 de *Über Gewißheit*, anotado em 21/03/51, segue-se por mero acaso ao § 88 de *BF I*, não foi escrito ao término deste. Enunciemos aqui um truísmo: o § 426 segue-se sim ao § 425. Mais ainda, foram escritos no mesmo dia e hora, resultam do mesmo fluxo de raciocínio, embora estejam em cadernos distintos.

Eis o que parece ter acontecido. Findo o "tratamento", sente-se Wittgenstein com forças para retomar a escrita de suas reflexões sobre a

---

[261] Cf. o MS 172, in vol. 79 da edição da Cornell University (Fotocópias 1 a 4).

certeza. Serve-se então de um caderno já usado (MS 175) onde estão §§ 193-299 e nele registra a data do novo começo: 10/03/51, então escrevendo do § 300 em diante.[262] O registro antes raro das datas torna-se então quase diário, como se cada dia merecesse ênfase.[263] Escreve pois em 10 de março, e há registro em 12, 13, 15, 16, 17, 18, 19, 20. Dia 21 também escreve neste mesmo caderno[264] os §§ 417 a 425. O caderno acaba.[265] Wittgenstein tem algo mais a escrever. Toma então um caderno de 80 folhas, das quais apenas 22 foram usadas, em Oxford, na seleção de anotações sobre as cores, repete abaixo do § 88 de *BF I* o registro da data, como a frisar a continuidade, e aí escreve o § 426 de *Über Gewißheit*.[266] Nos dias seguintes, continua neste caderno, sempre anotando-lhes a data, os §§ 427-637. Wittgenstein portanto só passou a escrever após o § 88 *pela filosófica razão de que o outro caderno acabou* e exatamente porque também não mais devia pensar neste momento em retornar de algum modo ao texto de *BF I*.

De 10/03/51 até 27/04/51 (véspera de quando perdeu a consciência), Wittgenstein escreveu quase 400 parágrafos, que exibem extraordinário vigor intelectual. Tinha muito a produzir, portanto, assunto bastante para concentrar-se. Caso tenha escrito *BF I* neste período, só poderia fazê-lo bem antes de 21/03/51, pois esteve bastante ocupado desde o dia 10. Vale insistir ainda que, se não se serviu literalmente de *BF II* em uma seleção, passou pelo menos o texto em revista, e não deve tê-lo feito para a composição de *BF III*, pois este manuscrito tão-só coleciona mais reflexões para serem trabalhadas em outro lugar, ou seja, em *BF I*. Quando pôde se dar uma tal revisão conjunta? Apenas em casa de Anscombe e provavelmente após as 14 folhas primeiras do MS 174, separadas por

---

[262] Cf. verso da folha 34 e frente da folha 35 de MS 175, em que constam o § 300 de *Über Gewißheit* e a data 10/03/51, in vol. 77 da edição da Cornell University (Fotocópias7 e 8).

[263] Não parece igualmente estranho que *BF I*, caso escrito em março, quando cada dia de trabalho é celebrado, não tenha qualquer data?

[264] Cf. verso da folha 74 do MS 175, com o § 417, primeiro de 21/03/51, in vol. 77 da edição da Cornell University (Fotocópia 9).

[265] Cf. página final de MS 175, contendo parte do § 425 de *Über Gewißheit*, in vol. 77 da edição da Cornell University (Fotocópia 10).

[266] Cf. página final de *Bemerkungen über die Farben*, I em MS 176, contendo a data 21.03.51 e § 426 de *Über Gewißheit*, in vol. 78 da edição da Cornell University (Fotocópia 6).

traços[267] das que, escritas a partir do final do verão de 1950, irão compor os §§ 66-192 de *Über Gewißheit*.

Wittgenstein parece ademais ter reservado por um bom tempo um caderno para as *BF I*, não escrevendo nele imediatamente após ter concluído o § 88 — o que parece denunciar sua expectativa de aproveitar ainda mais o volume de reflexões já contidas em *BF III* ou de prosseguir com o tema das cores. Por isso, pode ter levado ambos os cadernos para a casa do Dr. Bevan, tendo deixado *BF II* em casa de Anscombe. Quando pôde ter escrito *BF I*? Parece-nos haver dois momentos mais prováveis, ambos é claro *em Oxford*, em casa de Anscombe. Um primeiro momento, quiçá o mais provável, logo em seguida às reflexões contínuas de *BF II* e *BF III*, digamos em maio ou junho de 1950, até porque talvez tenha sido ele o texto em que Wittgenstein estava a trabalhar, quando Anscombe pensou tratar-se de *BF III* — enquanto esta parte, como vimos, já estava composta antes de Wittgenstein ter chegado a sua casa. Um segundo possível momento, entre novembro de 1950 e fevereiro de 1951. Tendo concluído a reflexão sobre a certeza até o § 299, Wittgenstein viajou em outubro com Ben Richards para a Noruega, retornando em novembro para a casa de Anscombe. Pode ter feito então sua revisão. Depõem contra esta última possibilidade a ausência de referências a respeito e o fato de estar ora mobilizado por planos de nova viagem para a Noruega ora a requerer cuidados médicos constantes.

5.

A atenção a tais datas nada tem de banal. Em primeiro lugar, depõe sobre a continuidade, concomitância ou prioridade dos trabalhos relativos à certeza, mas, sobretudo, em segundo lugar, ao localizarmos todo o trabalho de redação das *Bemerkungen über die Farben* no ano de 1950, podemos anexar às três partes uma quarta, o conjunto de oito parágrafos do MS 169. Para isso, além de haver uma verossímil coincidência temporal,

[267] Cf. verso da folha 14 do MS 174, contendo embaixo o início do § 66 de *Über Gewißheit*, in vol. 76b da edição da Cornell University.

uma vez que o manuscrito apenas em parte teria sido composto em 1949, compartilhando com *BF III* o tema do branco transparente, o bloco está separado por Wittgenstein para inclusão em outra parte com o característico sinal "——|——". O benefício dessa inclusão justifica em muito o esforço empreendido por retirar de certos índices elementos que favoreçam a leitura de um pensador criterial. É contudo claro que tais variações de data ou da ordem dos parágrafos e mesmo de seu número não seriam assim significativas, nem deporiam sozinhas a contigüidade e a alternância pela natureza da ligação filosófica entre os textos, se laços conceituais não resultassem de uma melhor edição do texto.

O que interessa à filosofia não pode ser isolado na superfície de uma escrita, está sempre além de relações por vezes anedóticas; logo, só pode ser decidido conceitualmente. E tão-só conceitualmente podemos descartar uma ou outra hipótese, ou torná-la irrelevante. Sem dúvida, interessa ao intérprete mostrar a ligação íntima, interna, entre tais textos. E tal ligação é *zeitlos*. Esta "irrelevância" do empírico não isenta todavia os editores de suas falhas, pois muito facilita atestar ou negar laços conceituais um texto bem editado, ordenado, fiel. Multiplicamos destarte as possibilidades para mostrar a imprecisão atual. Para algumas informações, contamos apenas com a palavra dos editores, sem que deixe de haver alguma incongruência nem que, ademais, afirmações tácitas pareçam, uma vez sopesadas, em conflito com o que podemos inferir dos manuscritos. Um tal estado pode bem contribuir para que os comentadores continuem a preferir, de modo quase exclusivo, as observações sobre a certeza, merecendo o interesse de Wittgenstein pelas cores atenção bem pouco superior à de seu interesse por revistas policiais. Tudo muita vez ocorre como se os comentadores pudessem compensar mais facilmente o esgarçamento da obra no refúgio dos temas "clássicos" da filosofia, nos quais a cada observação solta pareçam reservados uma lacuna e um mérito, situando-se toda anotação dispersa em um tecido prévio. Se filosofar é contudo estar preparado para aprender sempre algo *completamente* novo[268], o texto das *Bemerkungen über die Farben* é um sedutor guia para aventura filosófica a mais extrema, por exemplo, em sua detalhada exibição de como o ver cores se reporta a

[268] Cf. Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, I, § 15.

comportamentos específicos, envolvendo contudo um aspecto conceitual que jamais pode ser reduzido ao âmbito de uma psicologia.

"Ao que posso compreender", afirma Wittgenstein, "uma teoria física (como a de Newton) não pode resolver os problemas que moviam Goethe, conquanto ele mesmo não os tenha resolvido".[269] Qual o mérito então da investigação própria de uma *Farbenlehre*? Simples, ela está no nível que nos interessa, abre caminho para a investigação filosófica, ou melhor, gramatical, quando cabe sobretudo ir às raízes da normalidade. O texto de Wittgenstein, cindido, composto para si e para outrem, parece disputar entre o interesse distante do historiador da filosofia que porventura deseje registrar uma aventura do pensamento e o interesse de quantos procuram sua própria aventura. Cabe-nos então aproveitar, aprender a ver, por exemplo, em meio a tantos dos mistérios da lógica dos conceitos de cor, a ligação essencial entre não haver uma fenomenologia e não ter Goethe escrito para pintores.

[269] Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkungen über die Farben*, III, § 206.

apêndice III

a confissão de Hume*

* Este texto foi em parte apresentado no *Seminário Wittgenstein*, promovido pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia e Metodologia das Ciências da Universidade Federal de São Carlos, em 12 e 13 de março de 1997, quando, aliás, o Prof. Bento Prado Júnior sugeriu o título atual. Apesar do interesse do exemplo de Hume e das curiosas tentativas de resposta que suscitou, não estamos insinuando nem supondo, ao incluir este texto como apêndice a nossa tese, que uma discussão humeana possa sem mais ser anexada como uma conquista ao território de Wittgenstein. Tampouco devem iludir-nos as semelhanças no vocabulário, por surpreendentes que sejam algumas delas. Não obstante, a remissão é aqui importante, pois, para quem pesquisa o tema das cores na obra de Wittgenstein, há uma razão primordial e legítima para o interesse pelo problema humeano acerca de um tom ausente do azul: refletir sobre a subsistência de sistemas e sua plenitude coloca-nos questões e dificuldades que também são, a seu modo, wittgensteinianas. Por este ângulo, a situação da análise das cores referente ao tom ausente do azul, conquanto limitada ao contexto e ao vocabulário humeano, afigura-se análoga à das questões ditas fenomenológicas por Wittgenstein, configura-se em um mesmo campo; afinal, as proposições que podem tentar-nos a julgar necessária uma fenomenologia são essas que, sobre cores ou não, têm estatuto ora lógico ora empírico, ou melhor, são proposições descritivas cuja verdade é todavia independente da experiência. Em todo caso, insistimos, temos bem claro que, em filosofia, no mais das vezes, ao mesmo signo correspondem diferentes símbolos. Nesse sentido, embora não nos furtemos a algumas pinceladas acerca de considerações filosóficas sobre a cor, está fora de nosso propósito realizar um levantamento exaustivo, doxológico ou histórico, das inúmeras referências dos filósofos às cores, pois um exame atento mostra que raramente estão se referindo à mesma coisa. E, apenas desse mesmo modo, sem pretendermos decifrar qualquer enigma científico, também podem ser bastante úteis muitas observações sobre a "história natural da cor", das experiências científicas, das técnicas de pintura, etc.

"Jeder Denker malt seine Welt und jedes Ding mit weniger Farben, *als es giebt*, und ist gegen einzelne Farben blind."

Nietzsche, *Morgenröthe*, § 426.

1.

As cores costumam embaraçar o filósofo; afinal, conquanto triviais, resistem a um enquadramento teórico, parecendo ainda, no cerne mesmo do empírico, abrigar necessidade e exigir sistemas. Um exemplo autenticamente filosófico desse embaraço, por introduzir-nos em uma dificuldade característica da temática, insolúvel por meras considerações físicas, e também por ilustrar uma maneira drástica de resolvê-la, é-nos fornecido por David Hume. Decidimos expor extensamente esse caso de "bizarria", pois com ele poderemos explicitar em que medida a constituição de um espaço das cores comporta pressupostos e ainda situar a temática das cores em território de suma importância filosófica.

Não se deve esperar clareza (facilidade) em questões metafísicas, nas quais os maiores fracassaram ou simplesmente divergiram. Com o objetivo então de fundar os saberes na ciência que todos pressupõem, a ciência do homem, caberia, segundo Hume, atacar diretamente e com método experimental a natureza humana ela própria. Enfim, confia Hume, com um sistema completo das ciências (construído sobre fundação nova e a única sólida: a experiência e a observação), com um emprego rigoroso do método experimental, a infantaria substituirá a banda de música no combate a questões filosóficas — embora o princípio empirista, que reza sempre surgir uma idéia simples de uma impressão prévia, ultrapasse qualquer experiência e dele tenhamos um uso em que nada temos a dizer

"beside our experience of their reality".[270] Em todo caso, o princípio empirista é um critério programático de clareza. Mais do que simples modo de exposição, é modo de resolução de questões metafísicas.

"The simple impressions always take the precedence of their correspondent ideas, but never appear in the contrary order."[271] Esta máxima (logo a seguir contrariada) é também conclusão de argumento cujas premissas são a conjunção constante entre percepções semelhantes, a prioridade regularmente observada da impressão e a constatação de que a ausência de estímulo no órgão ou a ausência do órgão a ser estimulado suprimem a possibilidade das idéias cujo acesso à mente deles depende. Importa insistir em um ponto essencial: o princípio empirista afirma a precedência de uma impressão *simples* a cada idéia *simples*; destarte, verdadeiro o princípio, uma idéia simples jamais poderia estar presente sem uma impressão prévia, porquanto não pode sua novidade à mente resultar de uma mera combinação de percepções outras (como no caso da imaginável, mesmo se incrível, idéia complexa da montanha de ouro e diamantes).

Porém, após afirmar tal "universalidade" do princípio empirista (com o agravante de, logo em seguida, ter dirigido um repto a qualquer opositor, desafiando-o a apresentar um exemplo, único que seja, de infração da máxima), Hume concede, muito sem cerimônia: "Há, no entanto, um fenômeno contraditório que pode provar que não é absolutamente impossível que as idéias nasçam independentes de suas impressões correspondentes. Acredito que se concordaria facilmente que as várias idéias de cores diferentes que penetram pelos olhos,[272] ou aquelas de som conduzidas pelo ouvido, são realmente diferentes umas das outras, embora, ao mesmo tempo, parecidas.[273] Ora, se isto é verdadeiro a respeito das diferentes cores, deve sê-lo igualmente para os diversos matizes da

---

[270] Hume, David, *A Treatise of Human Nature*, p. 45.

[271] Hume, David, *A Treatise of Human Nature*, p. 52.

[272] As cores vêm pelos olhos, embora isto torne estranho restringir a infração da máxima a um exemplo apenas. Não pode ser este exemplo substituído por outros quaisquer que envolvam gradação? Isto é, não se aplica semelhante raciocínio a gradações as mais diversas? Podemos descrever sabores?

[273] Eis o binômio bizarro: ser simples e semelhante.

mesma cor; e cada matiz produz uma idéia diversa, independente das outras. Pois, se negasse isto, seria possível, por contínua gradação dos matizes, passar insensivelmente de uma cor a outra completamente distante da série; se vós não admitis a distinção entre os intermediários, não podeis, sem absurdo, negar a identidade dos extremos. Suponde, então, uma pessoa que gozou do uso da visão durante trinta anos e se tornou perfeitamente familiarizada com cores de todos os gêneros, exceto com um matiz particular do azul, por exemplo, que nunca teve a sorte de ver. Colocai todos os diferentes matizes daquela cor, exceto aquele único, defronte daquela pessoa, decrescendo gradualmente do mais escuro ao mais claro.[274] Certamente, ela perceberá um vazio onde falta este matiz, terá o sentimento de que há uma grande distância naquele lugar, entre as cores contíguas, mais do que em qualquer outro. Ora, pergunto se lhe seria possível, através de sua imaginação, preencher este vazio e dar nascimento à idéia deste matiz particular que, todavia, seus sentidos nunca lhe forneceram? Poucos leitores, creio eu, serão de opinião que ele não pode; e isto pode servir de prova de que as idéias simples nem sempre derivam das impressões correspondentes, mas esse caso tão singular é apenas digno de observação e não merece que, unicamente por ele, modifiquemos nossa máxima geral."[275]

Considerando porém o uso metodológico do princípio empirista como critério programático de clareza, é notável que Hume ele próprio ofereça-nos um contra-exemplo, uma exceção, mesmo se logo afirma não dever nem poder tal exemplo extraordinário desviar a atenção do filósofo. Por sua raridade, alerta-nos, pouco vale que o notemos! Em todo caso, a exceção é eloqüente: Podemos imaginar um tom ausente e nunca visto, digamos, de azul, preenchendo assim uma lacuna numa escala cromática. Sentimos faltar algo, nossa imaginação procura a inteireza do sistema e o completa.

---

[274] Note-se aqui que o grau mais ou menos forte da percepção, único que por princípio lhe é inseparável, indistinguível, não deve ser confundido com o mais ou menos forte do tom, pois bem podemos ter uma idéia (percepção fraca) de um azul escuro e uma viva impressão de um tom mais "fraco".

[275] Hume, David, *Investigação acerca do Entendimento Humano*, p. 71. Servimo-nos aqui desta tradução de Anoar Aiex da *Investigação*, pois o original em que ela se apóia quase em nada se distingue da primeira versão do *Treatise*, sendo-lhe bastante fiel neste trecho.

O que pode significar isso, que um fenômeno contradiga a máxima empirista? Talvez seja melhor até perguntar qual o seu papel na armação retórica e lógica da filosofia de Hume, porquanto não cuida de desmontar tal oposição, conservando com quase as mesmas palavras, por edições sucessivas da *Investigação acerca do Entendimento Humano*, o exemplo ominoso primeiro apresentado no *Treatise*. Deve, afinal, suscitar grande suspeita que uma teoria conviva por tanto tempo com um "fenômeno contraditório", sem discuti-lo a fundo nem questionar-lhe a legitimidade. Por isso mesmo, é bastante forte nossa tendência a considerá-lo, não como uma negação da teoria, mas como um aviso, uma advertência, um fragmento que cumpre um certo papel na trama argumentativa, qual seja, o de impedir que o princípio empirista esteja ele próprio imune a uma fundamentação empírica. Não obstante a plausibilidade e provável correção dessa hipótese, sugeriremos também uma outra, a de que ele não foi notado porque, simplesmente, para além de sua função argumentativa, não poderia ser notado.

2.

O exemplo é apresentado com grande cautela indutiva. Aparentemente, Hume não poupa condições para o tornar verossímil. Quem pode imaginar o tom ausente e qual tom desconhecido pode ser imaginado? Pessoa de 30 anos, "acquainted with colours of all kinds", exceto um tom particular.[276] Ela perceberá uma lacuna, se forem as cores dispostas convenientemente, ou seja, segundo uma gradação. Ora, perceber a falta de algo não é idêntico a ter dele a idéia, ao menos no sentido humeano de uma percepção mais fraca. Saber que falta não pode ser, no caso do simples, saber o que falta. Isto é claro. Hume pergunta, porém, "whether 'tis possible for him, from his own imagination, to supply this deficiency, and

---

[276] Trata-se pois de um indivíduo já familiarizado com um sistema, que comporta gradações de *hue*, segundo o critério de intensidade luminosa e de contigüidade regular. Trata-se, é óbvio, de um modelo newtoniano. Vale atentar para o fato de que a semelhança já está pressuposta na constituição de uma espécie, estando dados na formulação do problema os elementos que o tornam paradoxal.

raise up to himself the idea of that particular shade, tho' it had never been conveyed to him by his senses".[277] Entretanto, ainda que o acreditemos possível (e poucos, segundo Hume, deixarão de acreditá-lo), seria exemplo particular demais e insuficiente para alterar a máxima geral, o princípio da prioridade das impressões.

Em recurso que lhe não é raro (como no caso do Adão: nascido adulto, racional mas sem experiência prévia e, por isso, incapaz de antever o mais banal curso sucessivo de eventos), Hume convida-nos a examinar um exemplo fictício, mas apenas após estarem dadas as leis de um sistema, a saber, (1) a necessária distinção de elementos simples, (2) sua semelhança de modo a permitir gradação e (3), dada tal gradação, a afirmação de extremos, de campos, etc. Parece providenciar índices causais; entretanto, pode realmente ser providenciado um arranjo reconhecível como idêntico ao exemplo de ficção? Aqui, temos um problema artificial, não parecendo possível compor com segurança o quadro requerido, pois nunca podemos garantir sem o depoimento do experimentado qual tom desconhece, nem fazer desfilar "gradual e ordenadamente" os tons, sem já ter estabelecido como autônomo um sistema, cuja suposição já é todavia suficiente para uma resposta afirmativa. Exemplo fictício, este talvez nem sequer seja verossímil. Além disso — o que, por sinal, revela a natureza conceitual do problema —, o exemplo não é passível de comprovação nem de refutação: nunca poderíamos saber qual candidato satisfaria as condições do problema pois já deveríamos saber qual o tom ausente a ser testado.

---

[277] Hume, David, *A Treatise of Human Nature*, p. 54. Importa observar que o exemplo não parece de todo inédito, já tendo enunciado Descartes um bastante semelhante na regra XIV de suas *Règles pour la direction de l'Esprit*: "Si quelqu'un est aveugle de naissance, il ne faut pas espérer que nous puissions jamais faire, par aucun argument, qu'il ait sur les couleurs des idées vraies comme celles que nous avons reçues des sens. Au contraire, si quelqu'un a déjà vu les couleurs fondamentales, mais ne connaît pas les couleurs intermédiaires et mixtes, il est possible qu'il se représente par une sorte de déduction les images de celles-là même qu'il n'a pas vues, d'après leur ressemblance avec les autres" (p. 96). Duas questões porém se apresentam: (1) Não é de se esperar que o deslocamento do exemplo do ambiente do cartesianismo seja suficiente para torná-lo novo? Ou, pelo contrário, tratando-se do mesmo exemplo, (2) não é de se esperar que um exemplo cartesiano cause dano à economia do empirismo? Parece-nos porém que não é o exemplo cartesiano que causa dano, mas sim a modificação de suas premissas. Em Descartes, trata-se de produzir por dedução, a partir das primárias (ditas principais), a imagem de cores compostas. O grave em Hume é dever ser simples cada matiz, não se tratando pois do mesmo exemplo. Segundo nos parece, estritamente falando, contra toda aparência, nada têm em comum.

Há vários índices empíricos, mas o problema parece lograr algum sentido na suposição de condições elas próprias independentes da experiência. É então pressuposta uma relação específica entre cor e extensão: a distância entre os tons equivaleria na escala cromática a uma reta contínua, o que faz confundir necessidade matemática com continuidade física ou perceptiva. Cada matiz produz uma idéia diferente e independente de toda outra. Caso negássemos a distinção precisa dos intermediários, seríamos obrigados a aceitar a identidade dos extremos; entretanto, tal discernibilidade dos intermediários, passo essencial do seu argumento, não é uma verdade da percepção e sim uma verdade da possibilidade da percepção, porquanto podemos bem conceber um cego para cores incapaz de perceber certas variações que a razão supõe necessárias. É uma verdade independente da percepção e afirmada com necessidade. Deve ser assim! Um sistema se impõe, estando na condição de ser cor o fundamento inanalisável da semelhança, pois todas as distintas idéias de cores (e, por extensão, cada matiz) "are really different from each other, tho' at the same time resembling".[278] Nessa regra da possibilidade da percepção, cor e continuidade são afirmadas. E, para que gradações imperceptíveis não venham a delir a diferença entre extremos, o simples e distinto (que pode contudo ser disposto segundo gradações, que conforma campos) é condição de um sistema cromático, assim como necessidades geométricas o seriam da correta descrição de nossa percepção espacial.

O pressuposto não-empírico gera um conflito com a máxima empirista; afinal, o simples pode ser semelhante? Hume afirma em certo momento que o azul se parece mais com o verde do que com o escarlate. Não está aí supondo relações internas que independem de qualquer experiência, uma vez que não há impressão que sustente tal relação, assim como nada nos garante a conexão entre fogo e calor?[279] Assim, Hume está a conceder

---

[278] Hume, David, *A Treatise of Human Nature*, p. 53.

[279] Quine responde a isso com um senso inato de similaridade. "Um padrão de similaridade é, num certo sentido, inato. Isso não vai contra o empirismo; trata-se de um lugar-comum da psicologia comportamental. Uma resposta a um círculo vermelho, se recompensada, será mais prontamente eliciada de novo por uma elipse cor-de-rosa do que por um triângulo azul. Sem algo como esse espaçamento prévio de qualidades, nunca poderíamos

talvez em demasia para um empirista, a saber, que as cores conformam um sistema e que o sistema não depende da ostensão exaustiva de todos os tons que somos capazes de discernir.[280] Com isso, não deixa de prefixar o tom novo às coordenadas já estabelecidas. Parece dizer-nos: sabemos desprovido de critérios, no interior do empirismo, afirmar que produziremos mentalmente a amostra adequada, sendo provável embora que a consigamos reconhecer. E retoma, em inusitado ambiente, o velho problema de como podemos reconhecer o que desconhecíamos.

Poder-se-ia argumentar que o exemplo deva ser descartado, não por sua particularidade, mas porque tal cor ausente poderia ser definida contextualmente. Mas não é essa própria definição contextual que apresenta problema? Além disso, mesmo se possível a definição contextual, não continuaria em jogo a produção de uma imagem sem prévia impressão? O exemplo das cores, se notado, obrigaria sim uma filosofia cuja força reside na afirmação da exterioridade das relações a aceitar todo um sistema de relações internas, uma vez que o simples (como de resto a existência) não é idéia ela própria separável do que se percebe (caso em que paradoxalmente o simples seria complexo). No sistema, se cada cor é distinta, todas em maior ou menor grau se assemelham, ou sua justaposição em nada nos faria, por exemplo, notar lacunas. Se a exceção apontada por Hume é um autêntico contra-exemplo, é por mostrar a vigência de relações internas no campo perceptivo, para as quais não há todavia impressão correspondente, porquanto, se houvesse, além do que é próprio do simples, uma característica comum, o simples seria complexo.

---

adquirir um hábito; todos os estímulos seriam igualmente parecidos e igualmente diferentes." (Quine, Willard Van Orman, "Espécies Naturais", p.190.)

[280] O sistema não é um conjunto amorfo, uma vez que a própria noção de gradação já compromete o contato entre amostras discretas. "We are not to think of our simple ideas of colors as an unorganized set of wholly distinct entities. The various hues are internally related to one another in degrees of resemblance. Hume also takes it for granted that these internal relations form the linear ordering of a spectrum: each hue occupies a determinate location within a color space composed of distinct (and presumably finitely many) hues. One such hue can be noticeably absent. Given these surroundings, the imagination is not faced with the insuperable task of producing a brute content *ex nihilo*. To speak metaphorically, it is asked to produce a specific peg to fit a determinate hole provided for it. To speak somewhat less metaphorically, it would only have to give substance to a formally determinate apprehension." (Fogelin, Robert, "Hume and the missing shade of blue", p. 267.)

Desse modo, repetindo uma disjunção que bem conhecemos em outro contexto, ou as cores não podem ser simples, ou o princípio empirista deve ser relativizado.

3.

Um sistema cromático sempre é fechado. Mesmo para um radical empirista, não há lugar para *flicts*.[281] Ter uma palavra para o negro, outra para o branco, outra para o vermelho, etc., não é ainda ter um critério para a identidade cromática, caso nomes novos possam somar-se ao conjunto sem modificar-lhe as referências, isto é, caso um sistema não se tenha conformado, não esteja completo. Não há espaço das cores sem completeza e tampouco sem simplicidade, embora sejam criteriais essas coordenadas e não empíricas. Formar um sistema é, por conseguinte, saber parar nas duas direções.

Uma digressão sobre a ausência do azul fixará melhor o compromisso criterial envolvido na assunção de um sistema cromático. A questão do tom ausente de azul reporta-nos naturalmente a outro problema, historicamente situado, cuja interpretação suscita, contudo, questões de natureza conceitual. De certo modo, os termos para cores são escassos na produção de Homero, mesmo em se tratando de um rapsodo cego; curioso é, porém, o emprego do azul para descrever os cabelos de Heitor ou do verde predicando o sangue e as lágrimas,[282] de sorte que os nomes que corresponderiam ao verde e ao azul (kyanos e chloros) seriam empregados de modo "inconsistente".[283] Destarte, Goethe já anotava, em seu *Materiais*

---

[281] *Flicts* é, no famoso conto infantil homônimo de Ziraldo Alves Pinto, o nome de cor desconhecida, diferente de todas as outras, da qual não temos um exemplar sequer em nosso mundo. E uma cor assim, uma cor exterior a nosso sistema cromático, não seria primária, nem branca ou preta, nem descritível por adjetivos derivados das primárias; logo, não seria azulada, amarelada, avermelhada ou esverdeada.

[282] O sangue chamado de verde não é, por sinal, um bom exemplo de verde avermelhado?

[283] "Wie anders sahen die Griechen in ihre Natur, wenn ihnen, wie man sich eingestehen muss, das Auge für Blau und Grün blind war, und sie statt des ersteren ein tieferes Braun, statt des zweiten ein Gelb sahen (wenn sie also mit gleichem Worte zum Beispiel die Farbe des dunkelen Haares, die der Kornblume und die des südländischen Meeres bezeichneten, und wiederum mit gleichem Worte die Farbe der grünsten Gewächse und der menschlichen

para a História da Doutrina das Cores, a ausência do azul em tempos pré-socráticos, sobretudo nas teorias cromáticas então formuladas. E, finalmente, em 1858, nos escritos sobre Homero de William Gladstone, antes primeiro-ministro da Grã-Bretanha, encontramos a fórmula extrema: "o órgão da cor e de suas impressões era apenas parcialmente desenvolvido entre os gregos da idade heróica".[284] Uma conclusão assim radical sofreu ao longo dos tempos contestações as mais contundentes, embora muitos de seus opositores compartilhem talvez os mesmos preconceitos acerca da relação entre o fisiológico, o cultural e o lingüístico.[285] Uma hipótese fisiológica afirmaria então uma progressiva apreensão, na ordem espectral, a partir das ondas as mais amplas, a saber, as correspondentes ao vermelho.[286]

Nós nos aproximamos desse problema de antropologia lingüística porque coloca interessante questão acerca da inteireza de uma gramática bem diferente daquela do problema de Hume. Agora não mais se trata da lacuna de um tom, mas sim de um croma. Nesse caso, a apresentação de um autêntico simples implicaria na transformação da gramática inteira; por outro lado, podemos argumentar, não há gramática por si incompleta, sistema de descrição que seja negado pela apresentação de uma amostra colorida, e cor alguma pode faltar aos gregos de tempos homéricos, assim como nada nos falta por não podermos ver *flicts*. Podemos até dizer de uma cultura que ela não tem um sistema cromático e que os nomes de cores são aparentes, não são aplicados para destacar o que costumamos chamar de cor. Isto soa absurdo, mas, em qualquer caso, se admitimos que tenha um sistema cromático, por distinto que seja do nosso, ele será completo. Assim, um sistema pode fazer sentir a falta de um tom de azul, mas nunca ressentirá da falta do azul.

Haut, des Honigs und der gelben Harze: sodass ihre grössten Maler bezeugtermaassen ihre Welt nur mit Schwarz, Weiss, Roth und Gelb wiedergegeben haben)." (Nietzsche, Friedrich, *Morgenröthe*, § 426, pp. 265-266.)

[284] Cit. in Kuehni, Rolf, "Notes on Color Terminology in the *Iliad* and the *Epic of Gilgamesh*", p. 233.

[285] Uma interessante recensão desse debate, opondo evolucionistas e culturalistas, encontra-se na introdução de Serge Tornay a Tornay, Serge (org.), *Voir et Nommer les Couleurs*.

[286] Cf. Berlin, Brent & Kay, Paul, *Basic Color Terms: Their Universality and Evolution*.

Nietzsche, por sua feita, no parágrafo que tomamos por epígrafe, apresenta-nos a idéia de que uma harmonia cromática nunca coincide exatamente com o empírico, sem por isso significar tal desnível algo negativo. Antes, é ineludível, não é uma falta (ein Mangel) que uma boa ciência possa ou deva corrigir. Apesar de não questionar o suposto fato fisiológico, Nietzsche aproxima-se bastante do significado que pode ter a nomeação.[287] Ele percebe que a nomeação associa-se a separações relevantes e comemora (ao contrário de nossas tendências hodiernas) a comunhão com a natureza que a ausência das palavras específicas possibilita. Que não haja palavra para o verde e o azul é então sinal de uma ainda não realizada desumanização da natureza: "Wie anders und viel näher an den Menschen gerückt musste ihnen die Natur erscheinen, weil in ihrem Auge die Farben des Menschen auch in der Natur überwogen und diese gleichsam in den Farbenäther der Menschheit schwamm! (Blau und Grün entmenschlichen die Natur mehr, als alles Andere.)"[288]

Dizer dos gregos que viam o azul, com independência do uso das palavras para cores em sua cultura, é quiçá equivalente a dizer que também viram, sem jamais ter descrito, a relação definidora da força ou do movimento. Viam os gregos o azul? Ora, não há por que fornecer uma resposta fisiológica, negativa ou afirmativa, a um problema conceitual.[289] Os gregos não viam o azul, não tem sentido dizer que o viam como nós o vemos, não temos por que salvar nossa identidade com os gregos tornando relevante um aspecto que não notavam, tornando pois essencial uma técnica que não

---

[287] Quanto aos dados sobre a acuidade visual de povos "primitivos", que tampouco disporiam de vocabulário suficientemente rico, é interessante notar que uma criança pode dar respostas "corretas", de um ponto de vista fisiológico. A questão que nos interessa não pode ser o que uma cor é ou se realmente é vista, mas qual processo é relevante para sua nomeação.

[288] Nietzsche, Friedrich, *Morgenröthe*, § 426, p. 266.

[289] Neste sentido, investigadores atuais compartilham com Gladstone um preconceito essencial, quando advogam a hipótese diametralmente oposta, pois esta supõe ainda uma falta, uma lacuna: "Pre-Homeric Greeks could probably distinguish perceptually as many colors as we can, but they may not have yet had the logical, verbal consciousness to abstract and name them" (Kuehni, Rolf, "Notes on Color Terminology in the *Iliad* and the *Epic of Gilgamesh*", p. 235).

possuíam. Se suas cores se opunham sobretudo segundo um eixo central (o da claridade), não tem sequer sentido dizer que o viam aquém das palavras, na ausência de nomeação. Os gregos não viam o azul, e estavam muito bem com isso. Por outro lado, se nos sentimos ainda tão gregos (ou talvez pouco gregos), tudo dependerá da extensão com que coincidem nossos outros jogos de linguagem, não sendo decisiva a seleção do azul, nem párias em nossa sociedade os acianoblépticos.

4.

Retornemos a Hume. Caracteriza sua ciência da natureza humana a semelhança entre idéia e impressão, percepções ambas, que só se diferenciariam, por conseguinte, segundo o grau de força e vivacidade.[290] Podemos, aliás, julgar que um mérito da análise humeana reside em ter dissolvido o difícil problema da representação entre elementos de natureza distinta, idéia e sensação, inserindo-os todos no campo exclusivo da percepção e estabelecendo entre todos eles distinção de grau apenas. Como porém pode operar um princípio associativo? Como não supor já constituído o que deveria resultar de seu trabalho, a saber, campos de semelhança, ordenações? Em específico, como podem ser semelhantes uma impressão e uma idéia simples, uma vez que "simple perceptions or impressions and ideas are such as admit of no distinction nor separation"?[291] Ora, se tampouco o grau de força pode ele próprio ser distinguível, como não seriam simplesmente idênticas ou completamente distintas a idéia do vermelho e a impressão que lhe é anterior e correspondente? A própria inversão da força pode ser paradoxal. Se toda percepção é dúplice, impressão e idéia, caso ocorra uma idéia simples sem impressão anterior, não se constituiria esta a partir daquela, sendo a impressão paradoxalmente menos viva que as coordenadas que a suscitaram, mais fraca, enfim, do que a idéia que a possibilitou?

---

[290] Cf. Hume, David, *A Treatise of Human Nature*, p. 49.

[291] Hume, David, *A Treatise of Human Nature*, p. 50.

A dificuldade é íntima à posição de Hume. Como pode haver semelhança entre qualidades simples, se a semelhança supõe alguma complexidade? O que pode portanto ser uma relação simples de semelhança?[292] Se são simples as qualidades, não temos um critério de semelhança para o que têm de idêntico, e o que porventura tenham em comum, a par de suas diferenças, já negaria sua simplicidade. Devem pois ser semelhantes sem nada em comum e também sem tudo em comum (caso em que seriam idênticas). Logo, a semelhança não estaria nas qualidades, pois, se presente nas qualidades, só poderiam estas ser complexas. Seriam então as relações de semelhança elas próprias similares. Porém, em sendo assim, nenhuma descontinuidade seria rompida, a relação entre A e B seria semelhante à entre A e C, sendo todos os termos cores; não obstante, nada pode ordená-las como sendo, por exemplo, matizes de mesma cor as primeiras e cores complementares as segundas. As relações esvaziar-se-iam de conteúdo e o fundamento da semelhança, que urde sistemas, permaneceria inexplicado, ou seja, a relação só seria suficiente para definir séries e semelhanças entre entidades complexas, ou não poderíamos sequer separar o som simples da cor simples, porquanto não se conformariam em sistemas distintos.[293]

No interior do seu empirismo, não estaria Hume entre aqueles poucos que julgam incapaz o indivíduo de preencher a lacuna ou, pelo contrário, estaria quiçá insinuando, para além de qualquer simples empirismo, a vigência de um princípio geral do entendimento, ou da natureza humana, que se aplicaria mesmo quando a razão não pode exibir seus fundamentos? Que a imaginação seja invocada, plena de poderes, é porém insustentável. Hume não dá exemplos de uso da imaginação senão relacionados a complexos, sendo sua posição exatamente esta: a imaginação não pode produzir o simples e cada cor é, por exigência da discernibilidade, simples. A imaginação só pode fazer ressurgir na mente a impressão por seu substituto, a idéia, e essa nem sequer com a vivacidade de que a memória é capaz. Não poderia, por conseguinte, fazer aparecer

---

[292] Cf. Robles, José A, "Cualidades (simples) y semejanza".

[293] Por compartilharem um mesmo sistema, nós o sabemos, Wittgenstein afirmou complexas as cores (*Tractatus*, 6.3751). E, também porque complexas as cores, passíveis de manter entre si relações internas: "Diese blaue Farbe und jene stehen in der internen Relation von heller und dunkler eo ipso" (Wittgenstein, Ludwig, *Logisch-philosophische Abhandlung: Tractatus logico-philosophicus*, 4.123).

uma idéia simples inédita; ou melhor, a imaginação não pode atuar no simples, pois, caso fizesse brotar de si idéias novas, essas teriam a força de uma impressão, quando o característico na imaginação são percepções "faint and languid, and cannot without difficult be preserv'd by the mind steddy and uniform for any considerable time".[294] Além disso, comparada à memória, a imaginação parece não ser prisioneira da ordem nem da forma, tem o poder de variar as impressões originais, mesclando-as, sendo um sinal de força o que para a memória seria indício de falta, de deficiência — e tanto maiores força ou fraqueza quão mais distantes ou próximas estiverem do arranjo originário. Com relação às idéias simples, porém, memória e imaginação se não podem distinguir, o que nos obriga, por definição, a excluir a possibilidade de uma ou outra gerar uma idéia simples nova, sendo igualmente limitado seu estoque comum: "When we search for the characteristic, which distinguishes the *memory* from the imagination, we must immediately perceive, that it cannot lie in the simple ideas it present to us".[295]

Agindo sobre idéias, tudo pode a imaginação, na medida em que duas impressões quaisquer são sempre separáveis, em princípio, a seu bel-prazer, embora nenhuma combinação possa gerar uma idéia simples inédita. Ademais, não é errática a atividade da imaginação, porquanto guiada por princípios associativos universais que a tornam uniforme. Há laços entre idéias simples (e aqui retorna o problema da semelhança), sem os quais não se reuniriam regularmente em idéias complexas, nem um tom de azul evocaria jamais preferencialmente um outro azul, etc. O atomismo imperaria. O mundo da percepção permaneceria esmigalhado sem tal atividade deveras regular da imaginação. Afinal, que a imaginação seja livre, é afirmado por Hume com todas as letras, mas também com certa ironia. Por livre que seja, não pode agir sobre quaisquer idéias, sem o suporte de impressões prévias — material essencial a qualquer uma sua comparação. Além disso, já no campo de suas possibilidades, não se defronta com um material neutro, sem história. Sua escolha mais natural e

[294] Hume, David, *A Treatise of Human Nature*, p. 56.
[295] Hume, David, *A Treatise of Human Nature*, p. 132.

mais forte é menos um índice de livre arbítrio e sobretudo o resultado de um constrangimento suave.

5.

Uma raiz do paradoxo está, sem dúvida, em não se deixar formular a contento nos marcos de um empirismo estrito: a personagem de Hume desconhece certo matiz de azul, que afirmamos ser simples e, não obstante, situamos em um sistema, admitindo-o localizável segundo certas coordenadas, a saber, intensidade luminosa, ser azul, etc. Mas, se ser azul é uma qualidade compartilhável, nada pode ser azul e simples, ou todo azul seria idêntico a todo azul. Que surja um fenômeno contraditório é admirável, mas não parece tratar-se de experiência efetiva. É experiência ideal, uma vez que nunca poderíamos controlar as condições propostas ao falseamento da máxima geral. Além disso, vale observar que o fenômeno contraditório apenas se volta contra a prioridade da impressão e não, mais fundamente, contra a própria semelhança, que parece permanecer incólume aquém de qualquer fundamento, constituída antes de qualquer experiência que, no entanto, a exige e denuncia.

A raiz do problema é talvez mais profunda. Não se trata de um exemplo que possa refutar a teoria (e isto não por sua excepcionalidade), pois trata-se ou de um problema que não pode ser formulado nem compreendido nos termos da teoria, como já o dissemos, ou de uma expressão cristalina de um seu traço essencial, íntimo, constitutivo, também manifesto na semelhança entre impressão e idéia, a saber, o problema expressa um papel para a imaginação, enquanto condição da unidade do universo, incompatível com um empirismo estrito.

Em sendo assim, não apontaria tal enigma para uma faculdade ainda anterior à imaginação? A anterioridade e estrita relação de substituição é exatamente afirmada como máxima geral em relação ao simples. Nesse ponto, porém, a imaginação não pode fornecer qualquer socorro, pois, que vermelho pode ser esse de Hume, cuja idéia formada no escuro, no interior, na alma (espécie de quarto mal iluminado), distingue-se dele

apenas quanto à força e não quanto à natureza? É essa mesma natureza que os faz semelhantes? Qual pode ser o critério de tal semelhança, exigência universal da teoria? Como comparar o simples ao simples, cuja correspondência deve ser exata,[296] se a simplicidade supõe uma cisão nesse ponto por que se quebra talvez o mérito mesmo do empirismo de ter disposto todas as percepções em um único plano, travado todo ele por relações de força?

O enigma da cor ausente talvez dependa de um outro, ainda mais profundo, que torna semelhantes idéias e impressões simples. Se uma idéia simples pode ser semelhante a uma impressão simples, sendo elas todavia de espécies distintas, tanto mais natural deve parecer a semelhança entre impressões simples (ou entre idéias simples), que tanto permite afirmar a maior semelhança do azul com o verde do que com o vermelho como cria as condições para que coordenadas se estabeleçam para o azul ausente. A semelhança é a condição mínima (necessária, mesmo quando não suficiente) para qualquer comparação, uma vez que o totalmente dessemelhante não pode ser comparado e a semelhança mais geral não estimula a imaginação. Dada a gradação de uma mesma qualidade: "Two colours, that are of the same kind, may yet be of different shades, and in that respect admit of comparaison",[297] o problema localizar-se-á sempre na formação mesma da espécie. Para Hume, porém, a associação é algo que dispensa prova. Considerando o óbvio e constante deslocamento da imaginação, a semelhança por si é liame suficiente e necessário.

Temos um fato; e a associação faz supor a existência dos princípios associativos, ou melhor, das bem discriminadas qualidades que governam o imaginar, apenas em aparência livre. Trata-se de uma espécie de atração, cujos efeitos são evidentes, mas sobre cujas causas, remontando a qualidades originais da natureza humana, não caberia exposição. Afinal, dirá Hume, julgar necessária a exposição de causas não empíricas é pura

---

[296] Cf. Hume, David, *A Treatise of Human Nature*, p. 51.
[297] Hume, David, *A Treatise of Human Nature*, p. 62.

metafísica.[298] Cabe, pois, ao verdadeiro filósofo, não notar o problema, pois ele o obrigaria a situar a análise em terreno obscuro a seus instrumentos, no campo de uma distinção essencial entre o empírico e as condições de sua representação, quando, ao contrário, o vigor de sua solução depende de um tratamento homogêneo. Não fazer hipóteses além dessa fronteira. Não notar, pois ir além seria servir-se de instrumentos não autorizados, de mapas inexistentes.

6.

Hume sempre espalhou ardis. Por um lado, suspeitamos inclusive que ele esteja entre os poucos que não serão de opinião que tal lacuna seja preenchida pela imaginação. Entre outros motivos, porque o característico de uma prova (no sentido humeano de experiência repetida sem qualquer exceção) jamais seria satisfeito pelo contra-exemplo, não tendo então se empenhado em demoli-lo (o que conseguiria talvez com facilidade) por tê-lo deixado com a função de não transformar o princípio empirista em uma verdade necessária. Para tanto, bastava-lhe diminuir a força do caso esdrúxulo, continuando ainda a impedir a transformação do princípio empirista (oriundo também ele de uma extensíssima experiência) em princípio analítico, bem como a negar qualquer necessidade lógica entre impressão e idéia, quando entre elas só pode viger, humeanamente, uma necessidade semelhante à das conexões causais, a saber, necessidade alguma de natureza lógica, porém forte, pregnante...[299] Assim, não é de estranhar, por exemplo, que comunidades as mais afastadas tenham padrões aproximados de seleção de aspectos cromáticos; entretanto, o fato de vivermos em um mesmo mundo nunca será suficiente para transformar uma relação empírica em uma proposição necessária, não tendo sentido, por isso, explicar causalmente os sistemas cromáticos.

---

[298] "Nothing is more requisite for a true philosopher, than to restrain the intemperate desire of searching into causes, and having establish'd any doctrine upon a sufficient number of experiments, rest contented with that, when he sees a farther examination would lead him into obscure and uncertain speculations." (Hume, David, *A Treatise of Human Nature*, p. 60.)

[299] Cf. Smith, Plínio, "Teoria da Idéias: a Base do Ceticismo", in *O Ceticismo de Hume*.

Por outro lado, sabemos bem que a Hume tampouco faltava sensatez. E podemos julgar que tenha evitado enfronhar-se em tal exemplo oriundo do cartesianismo por sentir-se aí em atmosfera bastante rarefeita, seu empirismo não podendo dar respostas ao que sequer pode formular adequadamente. Afinal de contas, o tratamento de Hume elenca sintomas para dar conta de um problema criterial.[300] As cores disponíveis, entretanto, não são cores isoladas, são critérios; afora isso, a imaginação da cor ausente é puro delírio. Hume formula como capacidade de dominar, de conceber uma idéia sem prévia impressão, quando sobretudo se trata de dominar um jogo, em que saber escolher ou saber produzir a amostra é antes um critério de que a regra está bem dominada.

Uma cor fora do espaço das cores não pode ser pensada, é absurda, mas proposições sobre cores não descrevem a experiência, no sentido de dar conta de dados empíricos; antes apresentam critérios de identidade para os conceitos que empregamos. Se não fosse criterial nossa manipulação, qualquer fragmento da experiência poderia preencher a lacuna. Não é assim, porque não há lacunas. Simplesmente! Nesse caso, a nova amostra não é um índice isolado, pois não tem sentido como índice isolado, embora Hume acreditasse ou temesse que o fosse. Hume, portanto, o mais sensato dos filósofos, adota diante do problema a posição única conforme a sua filosofia: mal vale que o notemos!

---

[300] Vale atentar para o § 340 e seguintes das *Investigações Filosóficas*, tendo em vista uma "crítica criterial à indução", que pode esclarecer a dificuldade de Hume e de outros filósofos ao darem um tratamento indutivo a questões infensas à indução, a saber, as questões da filosofia. Formulado segundo os termos de Hume, seríamos obrigados a discrepar dos que pensam possível a imaginação do simples e seríamos tão incapazes de pensar o matiz inédito quanto uma cor fora do sistema, um *flicts*. Formulado em termos talvez wittgensteinianos, podemos perceber enfim como o problema do tom ausente é de natureza diferente daquela apresentada pela ausência do próprio azul. Ter o critério não é ter a impressão, mas sim provavelmente acertar em reconhecê-la. Quem porventura não acerta não pode ser acusado de falta, apenas não é capaz de notar o aspecto, não aprendeu bem a jogar com cores. Ao classificar, caso o classificado dependa da própria classificação, caso seja dado por ela, temos então paradigmas, que valem por sua identidade reflexa de um a outro e não pela inatingível (e exterior à classificação) identidade da coisa a si própria. Logo, uma pessoa e outra podem ver como idêntica tal amostra a tal padrão mesmo que possam estar tendo sensações visuais distintas, porque é inclusive absurdo afirmar que tenham aí sensações visuais distintas — afinal, como o comprovaríamos? Para que olhos? Com que padrão? etc. O regresso seria infinito.

Talvez possamos concluir que, paradoxalmente, de todas as correntes filosóficas, a empirista é a menos apta a compreender os fenômenos cromáticos, pois estes supõem a superação de um paradigma indiciário e a rejeição de que a regra de ouro do conhecimento se resuma sempre a alguma espécie de *acquaintance*, pois o conceito de cor não apenas descreve a experiência, antes diz o que ela pode ser.[301] Hume não pode resolver o que nem sequer pode formular adequadamente: sistemas diante dos quais a experiência é em algum sentido irrelevante. De um ponto de vista conceitual, não pode encontrar respostas para o que não sabe perguntar e, sensato, não as procura, embora o que então coloca entre parênteses transpire posteridade.

Em Hume, todo e cada evento, caso não se resolva no reino da quantidade e do número, mantém com qualquer outro evento relações de completa exterioridade. Sendo distinguível, um evento é racionalmente separável, nenhuma ligação entre eles podendo ser afirmada com necessidade lógica. Entre tais eventos estariam, é claro, os cromáticos. Logo, assim como da impressão do pão não podemos concluir que alimenta, um tom particular de azul não comporta tons ausentes e nunca vistos. Simples a idéia de cor, eis a dificuldade: não deveríamos poder completar a escala, talvez até pela razão quase banal de nenhuma escala empírica ser necessária.

Com mais gravidade, poder-se-ia afirmar: não deve haver escala alguma, sistema qualquer a um só tempo empírico e, contudo, de algum modo misterioso, independente de nossas impressões. Havendo porém sistema, as conseqüências são extraordinárias e, absurdo dos absurdos, poderíamos (quando menos parcialmente) dispensar a ostensão no ensino das cores, ter a idéia do azul sem a experiência do azul, como se uma palavra

---

[301] Também por isso, em *Bemerkungen über die Farben*, Wittgenstein não mais tratará de investigar a estrutura lógica da cor (como nos sugere no *Tractatus* e pretende fazer em "Some Remarks on Logical Form"), mas sim a lógica dos conceitos de cor — lógica cujos fundamentos são de natureza pragmática. A extensão do caminho, o significado do percurso seguido por Wittgenstein torna-se também mais claro à luz da crítica criterial (não sintomática) da indução. O *Tractatus* esboça problemas que Wittgenstein não podia ainda resolver — não sem a introdução de noções novas, em alguma medida também suscitadas por suas reflexões sobre cores, como a de critério, de paradigma, de gramática, de jogos de linguagem e (como as mercadorias não vão sozinhas ao mercado) de formas de vida.

estritamente relativa a impressões adquirisse sentido sem impressão alguma. E tal absurdo talvez possa estender-se a todo território do empírico que envolva gradação, pois não vemos aqui como não seríamos capazes de imaginar uma fruta ainda mais doce ou um cheiro ainda mais forte do que os já conhecidos. O resultado é curioso, é enigmático, inclusive por espalhar derivações necessárias no mundo atomizado do empirismo humeano. Fronteiras outrora nítidas entre as questões de fato e as relações de idéias esmaecem e dificilmente sabemos de que lado da fronteira estamos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Anscombe, G. E. M., "Editor's Preface", in Wittgenstein, Ludwig, *Remarks on Colour*, p. 1.

Anscombe, G. E. M. & Von Wright, G. H., "Vorwort", in Wittgenstein, Ludwig, *Über Gewißheit*, pp. 115-116.

Berlin, Brent & Kay, Paul, *Basic Color Terms: Their Universality and Evolution*, Berkeley-Calif., University of California Press, 1991.

Chevreul, M. E., *The Principles of Harmony and Contrast of Colors and their Applications to the Arts*, West Chester, Schiffer, 1987.

Copi, Irving & Beard, Robert, *Essays on Wittgenstein's* Tractatus, New York, Hafner Press, 1973.

Descartes, René, *Règles pour la direction de l'Esprit*, in Descartes, René, *Œuvres et Lettres*, Paris, Gallimard, 1978.

Fogelin, Robert, "Hume and the missing shade of blue", in *Philosophy and Phenomenological Research*, vol. XLV, N ° 2, 1984, pp. 263-271.

Goethe, Johann W., *Zur Farbenlehre*, in *Goethes Werke*, vol. XIII, Hamburg, Christian Wegner Verlag, 1955.

_____, *Materialen zur Geschichte der Farbenlehre*, in *Goethes Werke*, vol. XIV, Hamburg, Christian Wegner Verlag, 1955.

_____, *Schriften zur Farbenlehre*, Artemis-Gedenkausgabe, vol. 16, Zürich, Artemis, 1977.

Goodman, Nelson, "Ludwig Wittgenstein: *Remarks on Colour*", in *The Journal of Philosophy*, vol. LXXV, N° 9, sept. 1978, pp. 503-504.

Hume, David, *A Treatise of Human Nature*, Middlesex, Penguin Books, 1969.

_____, *Investigação acerca do Entendimento Humano*, São Paulo, Nova Cultural, Col. *Os Pensadores*, 1992.

Kuehni, Rolf, "Notes on Color Terminology in the *Iliad* and the *Epic of Gilgamesh*", in *Color Research and Application*, vol. 6, N ° 4, 1981, pp. 233-236.

Monk, Ray, *Wittgenstein: O Dever do Gênio*, São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

Moreno, Arley R., "Wittgenstein: Fenomenologia e Problemas Fenomenológicos", in *Manuscrito*, V. XVIII, N °. 2, Campinas, UNICAMP, 1995, pp. 199-225.

Nietzsche, Friedrich, *Morgenröthe*, Berlin, Walter de Gruyter, 1971.

Quine, Willard Van Orman, "Espécies Naturais", in *Relatividade Ontológica e outros ensaios*, São Paulo, Abril Cultural (Col. *Os Pensadores*), 1980, pp. 185-199.

Robles, José A, "Cualidades (simples) y semejanza", in *Crítica*, vol. IX, N° 26, México, UNAM, 1977, pp. 91-111.

Rónai, Paulo, *Escola de Tradutores*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1987.

Schulte, Joachim, *Erlebnis und Ausdruck: Wittgensteins Philosophie der Psychologie*, München-Wien, Philosophia, 1987.

Smith, Plínio, *O Ceticismo de Hume*, São Paulo, Loyola, 1995.

Tornay, Serge (Org.), Voir et Nommer les Couleurs, Nanterre, Labethno, 1978.

Von Wright, Georg Henrik, *Wittgenstein*, Mauvezin, T.E.R., 1986.

Wittgenstein, Ludwig, *The Wittgenstein Papers*, vols. 71, 74, 75, 76b, 77, 78, 79, Ithaca, Cornell University Libraires, s.d.

_____, *Remarks on Colour*, Londres, Basil Blackwell, 1977.

_____, *Werkausgabe*, 8 volumes, Frankfurt, Suhrkamp, 1984.

_____, *Bemerkungen über die Farben*, in Wittgenstein, Ludwig, *Werkausgabe*, vol. 8.

_____, *Philosophische Untersuchungen*, in Wittgenstein, Ludwig, *Werkausgabe*, vol. 1.

_____, *Über Gewißheit*, in Wittgenstein, Ludwig, *Werkausgabe*, vol. 8.

_____, *Bemerkungen über die Philosophie der Psychologie*, in Wittgenstein, Ludwig, *Werkausgabe*, vol. 7.

_____, *Vermischte Bemerkungen*, in Wittgenstein, Ludwig, *Werkausgabe*, vol. 8.

_____, *Letzte Schriften über die Philosophie der Psychologie*, in Wittgenstein, Ludwig, *Werkausgabe*, vol. 7.

_____, *Remarques sur les Couleurs*, Mauvezin, T.E.R., 1984.

_____, *Anotações sobre as Cores*, Lisboa, Ed. 70, 1987.

_____, *Logisch-philosophische Abhandlung: Tractatus logico-philosophicus*, (edição crítica), Frankfurt am Main, Suhrkamp, 1989.

——, *Letzte Schriften über die Philosophie der Psychologie (1949-1951): Das Innere und das Äußere*, Frankfurt am Main, Suhrkamp, 1993.

——, *Philosophical Occasions: 1912-1951*, Indianapolis, Hackett Publishing Company, 1993.

——, *Observaciones sobre los Colores*, Barcelona, Paidós, 1994.

——, "Some Remarks on Logical Form", in Copi, Irving & Beard, Robert, *Essays on Wittgenstein's* Tractatus, New York, Hafner Press, 1973.

Tornay, Serge (Org.), Voir et Nommer les Couleurs, Nanterre, Labethno, 1978.

Von Wright, Georg Henrik, *Wittgenstein*, Mauvezin, T.E.R., 1986.

Wittgenstein, Ludwig, *The Wittgenstein Papers*, vols. 71, 74, 75, 76b, 77, 78, 79, Ithaca, Cornell University Libraires, s.d.

_____, *Remarks on Colour*, Londres, Basil Blackwell, 1977.

_____, *Werkausgabe*, 8 volumes, Frankfurt, Suhrkamp, 1984.

_____, *Bemerkungen über die Farben*, in Wittgenstein, Ludwig, *Werkausgabe*, vol. 8.

_____, *Philosophische Untersuchungen*, in Wittgenstein, Ludwig, *Werkausgabe*, vol. 1.

_____, *Über Gewißheit*, in Wittgenstein, Ludwig, *Werkausgabe*, vol. 8.

_____, *Bemerkungen über die Philosophie der Psychologie*, in Wittgenstein, Ludwig, *Werkausgabe*, vol. 7.

_____, *Vermischte Bemerkungen*, in Wittgenstein, Ludwig, *Werkausgabe*, vol. 8.

_____, *Letzte Schriften über die Philosophie der Psychologie*, in Wittgenstein, Ludwig, *Werkausgabe*, vol. 7.

_____, *Remarques sur les Couleurs*, Mauvezin, T.E.R., 1984.

_____, *Anotações sobre as Cores*, Lisboa, Ed. 70, 1987.

_____, *Logisch-philosophische Abhandlung: Tractatus logico-philosophicus*, (edição crítica), Frankfurt am Main, Suhrkamp, 1989.